A PROVINCIA

DE

S. THOMÉ E PRINCIPE

E

SUAS DEPENDENCIAS

OU

A SALUBRIDADE E INSALUBRIDADE RELATIVA DAS PROVINCIAS DO BRAZIL,
DAS COLONIAS DE PORTUGAL E DE OUTRAS NAÇÕES DA EUROPA

A PROVINCIA

DE

S. THOMÉ E PRINCIPE

E

SUAS DEPENDENCIAS

OU

A SALUBRIDADE E INSALUBRIDADE RELATIVA DAS PROVINCIAS DO BRAZIL, DAS COLONIAS DE PORTUGAL E DE OUTRAS NAÇÕES DA EUROPA

POR

MANUEL FERREIRA RIBEIRO

Medico cirurgião pela escola do Porto,
facultativo de 1.ª classe do quadro de saude da provincia de S. Thomé e Principe,
socio correspondente da sociedade das sciencias medicas de Lisboa,
socio effectivo da sociedade de geographia de Lisboa,
medico da expedição
do caminho de ferro de Ambaca, etc., etc.,

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1877

Aos

Illustrissimos e Excellentissimos Senhores

ANTONIO MARIA DE FONTES PEREIRA DE MELLO

Conselheiro d'Estado, Presidente do Conselho de Ministros, Ministro
e Secretario d'Estado dos Negocios da Guerra

ANTONIO RODRIGUES SAMPAIO

Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Reino

JOÃO DE ANDRADE CORVO

Conselheiro d'Estado, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios Estrangeiros
e interino dos Negocios da Marinha e Ultramar

Consigna d'este modo o seu profundo agradecimento

M. F. Ribeiro

A sua esposa

MARIA CARLOTA SIEUVE DE SEGUIER E RIBEIRO

Como prova de muita dedicação e sincera amisade

Offerece

O auctor

A sua cunhada

D. MATHILDE SIEUVE DE SEGUIER

Como testemunho de gratidão e alta estima

Offerece

O auctor

INDICE DAS PRINCIPAES MATERIAS

CONTIDAS N'ESTE VOLUME

GEOGRAPHIA

CAPITULO I

Descripção dos rios e logares principaes da costa do mar de Guiné

CAPITULO II

Descripção das ilhas do mar de Guiné, enumeração das terras que se acham sob o equador, e distincção entre clima equatorial e tropical

CAPITULO III

Principaes paizes colonisadores do seculo XIX, e emigração portugueza

CAPITULO IV

Topographia da ilha de S. Thomé

CAPITULO V

Roças e fazendas agricolas

CONSIDERAÇÕES PHYSICAS E MORAES DOS HABITANTES DA ILHA DE S. THOMÉ

CAPITULO VI

Meio social em que se vive e população ambulante

CAPITULO VII

Navegação, credito e capitaes

HYGIENE PUBLICA

CAPITULO VIII

A cidade de S. Thomé em 1872

CAPITULO IX

Melhoramentos

CAPITULO X

Insalubridade relativa

CAPITULO XI

População geral e especifica da ilha de S. Thomé, e providencias hygienicas

FLORA PATHOLOGICA

CAPITULO XII

HISTORIA NATURAL

CAPITULO XIII

Reino mineral

CAPITULO XIV

Reino vegetal

CAPITULO XV

Reino animal

Pag.

CAPITULO XVI

Reino hominal

METEOROLOGIA E CLIMATOLOGIA

CAPITULO XVII

Meteorologia

CAPITULO XVIII

Climatologia

CAPITULO XIX

Clima da cidade da ilha de S. Thomé

Relação das estampas, indicando as paginas a que se referem

Provincia de Angola

Provincia de Moçambique

Inhambane

Provincia de S. Thomé

ERRATAS

Pag.	Lin.	Erros	Emendas
32	41	confluentes	correntes
239	38	Augusto	Angelo
563	2	A importancia pratica da historia natural, pois que	A importancia pratica da historia natural é manifesta, pois que
564	32	Macambrá	Macambrará
565	14 e 15	os vegetaes e os animaes.	os vegetaes, os animaes e os homens.
567	24	mossadá	mossandá
569	31	sapi	safi
569	32	muandum	moandim
570	23	Therabintheeas	Therebinthaceas
571	18	Mimosca gigantesca	Mimosa gigantesca
572	32	boabah	boabab
573	36 a 38	2.ª *A montanhosa,* comprehendendo *tilices, orchideas, elacis.* (Levantando em 700 metros seguindo por uns 250 kilometros a contar da primeira Guenensis, florestas passageiras de piantas herbaceas, etc.)	2.ª *A montanhosa,* comprehendendo *felicis, orchideas, elacis, guenensis, florestas passageiras de plantas herbaceas,* etc. (Levanta-se em 700 metros seguidos por uns 250 kilometros a contar da primeira.)
575	1 e 2	cuja descripção enthusiastica fez o capitão	e que justifica a enthusiastica descripção que d'ella fez o capitão
577	15	queime	quime
577	33	Jara	Java
577	37	alligiana	artigiana
577	38	omericus	quercus
579	6	occobis	occolis
579	11	Queime	Quime

Omittimos outras emendas por serem de facil percepção, lastimando que uma commissão de serviço nos obrigasse a partir rapidamente para a provincia de Angola, sem revermos este trabalho com o devido escrupulo. A pessoa encarregada da continuação da obra, desejando, como era natural, corresponder á nossa confiança, teve graves embaraços, sendo o principal a irregularidade das copias remettidas para a imprensa, que não podémos corrigir a tempo opportuno. Dadas estas explicações, esperâmos ser relevado de qualquer falta que appareça.

PREFACIO

Não nos propomos fallar das vantagens que este livro póde offerecer em relação ás nossas provincias ultramarinas, nem do fim para que o publicâmos, pois que a melhor explicação está no proprio livro. Algumas circumstancias ha, todavia, que julgâmos dever apresentar perante os que assignaram ou leram o prospecto elaborado ao principiar a publicação d'esta obra.

Por motivos que não vem a proposito narrar, mas de que nos occuparemos largamente em occasião opportuna, resolvemos estudar *as ilhas de S. Thomé e Principe,* apenas ali desembarcámos. O nosso primeiro trabalho serviu de base ao relatorio da junta de saude publica da respectiva provincia, e foi impresso em 1871. Não passou de um ligeiro ensaio; mas ali ficou desde então lançado o delineamento geral d'este livro, cuja publicação desejavamos realisar antes de concluir o tempo de serviço que, como aspirante a facultativo do ultramar, nos obrigámos a prestar na provincia em cujo quadro de saude fomos admittido.

Durante a nossa residencia nas ilhas de S. Thomé e Principe, estudámos a topographia das suas diversas localidades e olhámos sempre com interesse para as culturas das roças ou fazendas que ali se encontram. Não nos passava despercebido alem d'isso tanto

o que dizia respeito aos habitantes, como o que se referia ao commercio, á saude publica, ás doenças e ao clima. Era vasto o campo da nossa observação e, para maior facilidade do estudo, adoptámos desde o principio as seguintes divisões geraes: *geographia, condições physicas e moraes dos habitantes, hygiene publica, hospitaes e pharmacias, flora pathologica, estatistica e, finalmente, apontamentos para a historia geral da provincia.*

Todos estes assumptos nos pareciam dignos de se divulgarem, o que poderia fazer-se em folhetos, em varios opusculos ou n'um unico livro: adoptámos, porém, como mais conveniente, este ultimo meio de publicação, e por isso mesmo dissemos no respectivo prospecto:

O livro que vae dar-se á estampa comprehende informações tão exactas quanto minuciosas sobre o commercio, agricultura e salubridade da provincia de S. Thomé e Principe. Servirá de guia segura e indispensavel a todos aquelles que desejarem conhecer tão util possessão de alem-mar, ou a ella se acham ligados por algum interesse ou relações de qualquer ordem. Reuniram-se n'este livro assumptos que encheriam duzentas paginas cada um. Muito de industria se procedeu assim. Tratava-se de uma região equatorial, e onde, a par de grande fertilidade, está um clima quente sob o qual se requerem cuidados que não se têem muitas vezes, com grave prejuizo de saude, por se desconhecerem.

Um trabalho d'esta ordem não podia deixar de ser muito complexo, e para se tornar mais proficuo era forçoso que comprehendesse algumas noticias das ilhas mais proximas ás nossas e dos rios e logares principaes da costa do continente da Africa que lhes defronta. Representam todas estas terras uma diminutissima fracção da zona equinoccial africana, contendo de certo os logares mais insalubres do mundo, como os do delta do rio Niger, as margens do rio Benim, etc,

As regiões equatoriaes da America e da Oceania, justo é dizer-se, tambem são geralmente desconhecidas entre nós. Havia portanto grande vantagem em poderem comparar-se os principaes paizes que demoram sob a linha equinoccial e estão nas mesmas condições de latitude em que se encontra a nossa provincia guineana, região equatorial a que mais particularmente dedicavamos a nossa attenção.

Mas se por este lado era preciso colligir os elementos mais adequados para provar que a provincia de S. Thomé, pela fertilidade do seu terreno, tem mais importancia do que se julga, attenta a sua área tão limitada, por outro convinha mostrar que as terras portuguezas do ultramar não têem menor valia do que as possessões das outras nações da Europa, se bem que as nossas estão dentro dos tropicos ou são todas equatoriaes, como observa C. Vogel, achando n'isso motivo de inferioridade para ellas.

É grave similhante questão, e não deve discutir-se sem factos, demonstrações rigorosas e provas bem documentadas. É este o objecto do capitulo III, o qual de per si só encerra mais de duzentos paginas e em alguns pontos ainda assim não satisfaz ao nosso desejo. Ficam todavia lançadas as bases para um trabalho mais completo e que poderá saír a lume em livro separado.

Tendo em vista este assumpto, entendemos que o titulo com que primitivamente foi annunciada a obra: *A provincia de S. Thomé e Principe e suas dependencias* devia ser ampliado com o seguinte: *A salubridade e insalubridade relativa das provincias do Brazil, das colonias de Portugal e de outras nações da Europa,* porque d'este modo se manifesta melhor o nosso pensamento a respeito de certas circumstancias da provincia de que tratâmos.

Do que levâmos dito se conclue que *ab initio* não dispozeramos as cousas para dividir este livro em differentes volumes, e julgavamos até, como no prospecto se declarou, que não excede-

ria seiscentas paginas de impressão. Não era seguro este calculo, e mais tarde vimo-nos embaraçados para não exceder os limites que tinhamos projectado.

Não obstante todas as difficuldades, a impressão proseguia e, sómente quando estava quasi em meio, é que podémos convencer-nos de que não era possivel reunir-se n'um só volume, sem o tornar muito incommodo, todo o trabalho que tencionavamos dar á luz da publicidade.

Acrescia alem d'isto igualmente grande excesso de despeza com a edição, o que nunca é para desattender.

Urgia, portanto, saír de similhante embaraço, pois que, qualquer adiamento, seria muito prejudicial, não só porque nos cumpria acompanhar a expedição do caminho de ferro de Ambaca, junto á qual haviamos sido nomeado medico, como tambem porque deviamos evitar a difficil posição em que estavamos para com as pessoas que nos haviam coadjuvado n'esta publicação. Tratámos, pois, de resumir o trabalho, tendo sempre em mira conservar o plano fundamental da obra e não sacrificar as materias de cada uma das principaes divisões.

A tarefa tornou-se muito espinhosa e, se não fosse o expediente a que nos soccorremos, não chegariamos com facilidade a bom resultado.

Coadjuvado por um zeloso empregado da imprensa nacional, calculou-se, á vista do manuscripto, o numero de paginas que este produziria, e sobre tal base escolhemos o que nos pareceu harmonisar-se mais com o delineamento geral que se adoptára.

Supprimiram-se em algumas secções geraes os capitulos que se reputavam secundarios, e n'outros refundiu-se de novo o assumpto. Mas ainda assim não era possivel realisar o nosso intento, porque havia capitulos extensos que mal podiam ser modificados.

Eliminou-se parte da carta medico-geographica da ilha de S. Thomé, e, como n'ella se inscreviam differentes fazendas agricolas, ficaram estas tambem excluidas. Alguns mappas estatisticos não tiveram cabimento, assim como a descripção da nossa provincia do Minho, que deveria ser apresentada como termo de comparação. Vimo-nos igualmente forçados a reduzir algumas questões medico-hygienicas e muito especialmente as que diziam respeito a ***hospitaes, pharmacias e tratamento das doenças endemicas da ilha de S. Thomé.*** Não ficou de certo prejudicada a parte do livro refrente á ***salubridade,*** e a obra conserva, a nosso ver, tão boa ordem como se não houvesse taes suppressões.

Attendeu-se, como no prospecto se promettêra, ao que se referia ao ***commercio, agricultura e salubridade,*** não só da provincia de S. Thomé e Principe, como tambem de todas as nossas provincias de alem-mar, comparando-as com as das outras nações colonisadoras do seculo XIX.

Dispostos definitivamente os assumptos que deviam entrar n'este trabalho, restava tomar em consideração os panoramas, paizagens e habitações que deviam animar um escripto cuja leitura é quasi sempre muito árida. Não era facil a escolha, porque, a par das bellezas naturaes de cada uma das nossas provincias do ultramar, ha a grande variedade de plantações de differentes generos.

Entre as gravuras conservaram-se as que nos pareceram mais adequadas, e retiraram-se, ***apesar de já estarem impressas,*** as que podiam ser reunidas n'outro volume, completamente independente d'este, tendo por objecto principal a descripção das roças ou fazendas da ilha, e de tudo o que possa comprovar a importancia d'esta possessão portugueza no ultramar.

Illustram esta obra vinte e quatro gravuras, e um mappa, sendo algumas das gravuras relativas ás provincias de Angola e Mo-

çambique, e pena é não ser possivel accrescentar aquellas em que brilham os panoramas da nossa pittoresca provincia do Minho.

Poderia comparar-se d'este modo as paizagens, e assim se mostraria que sob o sol abrazador do equador, na chamada *zona torrida*, ha vegetação virente, alegres habitações campestres, logares agradaveis e quadros tão animadores como os da mais risonha e amena provincia que possuimos no continente europeu.

Esperâmos todavia satisfazer este intento, se dermos á estampa a parte do trabalho que não poude ser impressa n'este volume. A publicação não se demorará, se estes estudos forem favoravelmente acolhidos por todos aquelles que se interessam pelas nossas provincias ultramarinas.

Não ajuntâmos, como era natural, uma nota bibliographica das obras que mais especialmente foram consultadas para a coordenação d'este trabalho; mencionâmos, porém, os nomes dos auctores dos livros a que nos soccorremos, e apontâmos varios esclarecimentos publicados sobre o assumpto de que nos occupâmos.

Cumpre-nos tambem dizer que, seguindo esta publicação com a possivel brevidade, não poude concluir-se no praso *de tempo* que se havia calculado. Foi causa d'isso não só a demora das gravuras, como muitas outras difficuldades alheias á nossa vontade.

No meio de todas estas contrariedades não nos poupámos a sacrificios para que as pessoas que nos distinguiram com a sua assignatura ficassem com uma obra em harmonia com o respectivo prospecto, que antecedentemente publicámos. Não foi, portanto, illudida a sua confiança nem desmerecida a sua protecção.

Se n'este novo *Ensaio Medico-Estatistico* sobre as nossas provincias do ultramar, conseguimos, ou não, ser util aos que desejam conhecer tão importantes regiões, não nos é possivel dizel-o; os leitores são os juizes competentes, e do seu *veridictum* tiraremos fecundo ensinamento.

Seja-nos permittido esperar que continuaremos a encontrar apoio e protecção efficaz para proseguirmos nas observações e apresentar provas e argumentos irrecusaveis, demonstrando que as nossas provincias ultramarinas não são apenas *factourieres ou comptoirs de commerce, stations maritimes plutôt que colonies dans le sens propre du mot.*

Repetem-se estas palavras nas publicações francezas, e os mappas geographicos são geralmente a reproducção de taes affirmativas.

Protestaremos sempre contra tão flagrante injustiça, e diremos bem alto que as nossas provincias do ultramar valem tanto como as das outras nações colonisadores do seculo actual. É verdade que não havemos divulgado a natureza dos climas equatoriaes sob que temos vivido, nem publicâmos a sua flora pathologica, mas ha elementos bastantes para o fazer, e não é mister felizmente grande esforço para isso se conseguir.

Ao fazermos estas considerações cumpre-nos relembrar o que já dissemos no relatorio da junta de saude em 1871. É necessario que se augmente uma cadeira de pathologia e hygiene tropical nos cursos das escolas medico-cirurgicas. E alem d'isso os facultativos do ultramar devem escrever memorias sobre os seus trabalhos clinicos, a respeito da climatologia e hygiene, havendo premios e louvores para aquelles que mais se distinguirem. Estes e outros meios servirão de estimulo, e não faltarão escriptos especiaes em que se descrevam minuciosamente todas as nossas terras do ultramar.

Desenganemo-nos; é preciso repetir muitas vezes, que sem estudos medicos, bem dirigidos, não é facil estabelecer colonias agricolas, nem promover a emigração para as nossas vastissimas possessões na Africa tropico-equatorial.

Não esqueçamos que para esta parte do globo se estão diri-

gindo frequentes expedições scientificas e commerciaes, e que ellas percorrem os territorios que nós descobrimos e frequentámos ha muitos annos. Sejamos por isso os primeiros a descrever todos estes paizes em relação *á sua agricultura, commercio e salubridade,* e mostremos que não somos para a colonisação menos competentes do que o fomos nos seculos XV e XVI para os descobrimentos e conquistas de tão extensas e longiquas regiões.

Empreguemos finalmente a propaganda, servindo-nos de todos os meios, que a imprensa nos offerece, e divulguemos todos os elementos necessarios para que escriptores taes como Leroy-Beaulieu e mr. Charles Calvo, modifiquem as suas idéas ácerca das nossas provincias ultramarinas, e não faltem nunca documentos para que os sabios dos outros paizes colonisadores fallem com mais rigor e exactidão sobre o que nos diz respeito como obreiros do progresso e da civilisação das nossas terras de Africa.

Villa de Mossamedes, 8 de janeiro de 1878.

Manuel Ferreira Ribeiro.

INTRODUCÇÃO

Na parte oriental do vastissimo mar de Guiné, o qual se estende desde o cabo das Palmas até ao cabo de Lopo Gonçalves, fica a productiva provincia portugueza composta da ilha de S. Thomé, da ilha do Principe, do territorio de S. João Baptista de Ajudá, na margem occidental do golfo de Benim, e da ilha das Rolas. A séde do governo geral d'esta provincia é actualmente na ilha de S. Thomé, onde estão tambem as repartições publicas superiores.

As ilhas que servem de assumpto principal a este trabalho pertencem aos paizes equinocciaes propriamente ditos, e formam uma das mais antigas colonias portuguezas. Não seria completa a descripção do clima d'aquellas ilhas, se faltassem os elementos de comparação entre elle e os das terras que se acham sob a linha equinoccial, quer estejam na Africa, America ou Oceania, quer sejam colonias de Portugal ou de outras nações da Europa, quer provincias do Brazil. O estudo comparado das regiões equatoriaes lança muita luz sobre o clima da provincia de S. Thomé, a qual tem grande importancia não só por se achar situada entre

as provincias de Cabo Verde e Angola, mas tambem porque os seus portos abertos ao commercio não estão a grande distancia da costa continental.

A ilha das Rolas, extremo meridional da provincia, está sob o equador a 0° de latitude, e separada da ilha de S. Thomé por um canal de cerca de $3^k,7$ de largura e mais de $13^m,2$ de profundidade, dando passagem a navios que ali podem fundear, em frente da costa do N. da mesma ilha.

A ilha de S. Thomé estende-se de $5^k,5$ a $55^k,5$ ao N. da ilha das Rolas, levantando-se quasi em frente da foz do rio do Gabão, a $292^k,6$.

A ilha do Principe, collocada a NNE. da de S. Thomé, a $135^k,1$, prolonga-se desde $169^k,4$ até $187^k,9$, distando $244^k,4$ do rio de S. Bento, na margem oriental do mar de Guiné.

Da costa do Gabão para qualquer das ilhas póde fazer-se a viagem em canoas do paiz.

O territorio de Ajudá, onde foi edificado ha cento noventa e seis annos o forte de S. João Baptista, a $88^k,9$ de Badagry, parte do qual M. de Avezac reputa «districto portuguez», está ao S. do reino de Dahomé, $700^k,6$ do equador ou $833^k,4$ da capital da provincia, de onde dista tambem $627^k,8$ a foz do rio de Benim, $451^k,8$ a do Niger e 522 kilometros a do Velho Calabar.

A posição geographica da provincia de S. Thomé mostra, pois, a necessidade de se examinarem as terras banhadas pelos principaes rios que desaguam no mar de Guiné, estando, em primeiro logar, os terrenos regados pelos vinte braços do rio Niger, e que constituem enorme centro miasmatico, ao qual a ilha de S. Thomé offerece a face de NO. A maxima parte da costa insular tambem está exposta aos ventos que varrem as vastas regiões de Africa, e ali chegam pelo SE., E. e N. até a ONO., isto é, aos

ventos que passam nas planicies do continente africano, desde o cabo de Lopo Gonçalves, rios Gabão e Calabar até ao delta do Niger, e que vem mais ou menos impregnados de elementos deleterios prejudiciaes á saude.

De ESE., SSO. e O. chegam á ilha de S. Thomé os ventos do alto mar.

Alem das ilhas das Rolas, S. Thomé e Principe, ha outras no mar de Guiné que não devem ser esquecidas. São as ilhas de Anno Bom, Lopo Gonçalves, Corisco, Elobey, Fernão do Pó, Mondoleh, no golfo dos Mafras, e a do Curamo, que mais parece fazer parte da costa do golfo de Benim, do que uma ilha propriamente dita.

Não deve passar sem reparo a circumstancia que se dá de estarem lançadas ao mesmo rumo SO4S.–NE4N. as ilhas de Anno Bom, S. Thomé, Principe e Fernão do Pó, e o altissimo pico Mongo-Ma-Lobah. As outras ilhas são pequenas, e algumas d'ellas mui chegadas á terra firme, como a de Curamo, já nomeada, e a de Lopo Gonçalves, no extremo meridional do golfo dos Mafras.

A costa do continente banhada pelo mar de Guiné, na extensão de cerca de 2:481 kilometros, subdivide-se em differentes partes distinctas, quasi sempre, por meio de cabos mais ou menos notaveis. As divisões estabelecidas pelo illustrado geographo Alexandre de Castilho serão adoptadas de preferencia a todas as que têem sido apresentadas até hoje.

Eis-aqui, seguindo a ordem de continuidade de N. para o S., as denominações parciaes que devem acceitar-se: *costa do Marfim e dos Quaquas, da Mina, de Benim, do Calabar e do Gabão.* É portanto indispensavel determinar a superficie em que estão as ilhas do mar de Guiné e os logares mais importantes da

costa, que possam ter alguma influencia no clima da provincia de S. Thomé.

A zona comprehendida entre o equador e um parallelo tirado por 11° 45′, isto é, por um ponto equidistante do tropico de cancer e do equador, terá a denominação de zona equatorial do N. A secção d'esta zona, resultante de dois meridianos, passando um por 10° de longitude E Geenwich e outro por 1° de longitude O., a contar do mesmo meridiano, é a parte equinoccial de Africa de que mais especialmente nos occuparemos; forma ella um rectangulo, cuja base coincide com o equador terrestre, representando os meridianos a latitude ou altura do rectangulo. A área d'esta zona é 3 vezes maior que a de França e 17,8 que a de Portugal.

Não seria preciso de certo tomar em consideração tão grande superficie se n'ella não estivesse comprehendida a maior parte do mar de Guiné, ou se a provincia de S. Thomé não fosse, como se disse, formada de differentes districtos, sendo os territorios em que ella se devide mui distantes entre si e bastante approximados de logares cujas condições geologicas ou climatericas podem influir na salubridade ou insalubridade dos climas insulares que pretendemos descrever.

O reino de Dahomé, ao N. do territorio de Ajudá, merece, alem d'isso, attenção particular.

Muitos estrangeiros têem feito viagens á região equatorial dahomeana, publicando descripções mais ou menos interessantes, mas de portuguezes poucas possuimos. A nossa incuria, n'este ponto, tem sido tão grande, temos cuidado tão pouco em promover o progresso colonial e em proteger as feitorias e estabelecimentos commerciaes, que alguns escriptores francezes, fallando a respeito de Dahomé, dizem: *Os portuguezes nunca possuiram*

cousa alguma ao S. do reino de Dahomé, e, apesar do rei de Dahomé lhes dar terrenos para elles construirem uma fortaleza, não a haviam começado pelos annos de 1730; e foi o capitão de um navio francez o primeiro europeu que ali desembarcou, exclamando os indigenas ao verem um branco pela primeira vez: «Zagoué», isto é «Elle chegou».

Taes asseverações, aliás erroneas, e outras, não devem passar sem reparo. Insinuam que não foram os portuguezes os primeiros descobridores da costa de Benim, e que fôra um francez o europeu que primeiro chegou áquella região!

É contra similhantes asserções que nunca deixaremos de protestar, e faltariamos a um dever se, fallando do afamado reino dahomeano, não pugnassemos em prol da verdade, e não nos esforçassemos por divulgar o que se acha demonstrado em memorias e obras portuguezas de grande valia.

O erudito visconde de Santarem, em 1842, defendeu a prioridade dos descobrimentos portuguezes na costa de Africa; mas, em 1867, procurou Pierre Magry renovar uma questão sobre que felizmente vae apparecendo a luz e a verdade sustentada por escriptores nacionaes e estrangeiros. É, porém, para lamentar que, em publicações francezas de recente data, tratando-se do reino de Dahomé, não haja referencia aos nossos escriptores que se têem occupado de tal assumpto, e se diga que o territorio de Ajudá pertence aos inglezes e não aos portuguezes, que são senhores d'aquella região como os francezes da do Gabão, sendo aliás a posse dos portuguezes em Ajudá muito mais antiga. Mas não é sómente por este lado que convem conhecer o districto de Ajudá e o reino de Dahomé. É grande a importancia politica d'este ponto da Africa equatorial, e não o é menos o seu movimento commercial, podendo augmentar muito com as boas re-

lações dos povos de Dahomé e terras adjacentes, se os portuguezes seguirem n'aquelle paiz o mesmo systema que os francezes adoptaram no Gabão, onde entraram ha trinta e quatro annos apenas e já dispõem de bastante influencia. É, portanto, de grande interesse que se achem archivados em livro apropriado os factos, acontecimentos ou informações dos viajantes nacionaes e estrangeiros, para que possam servir de guia aos que desejem ir á costa de Benim, á costa de Ajudá ou ás ilhas de S. Thomé e Principe, e demorar-se ali por algum tempo.

O medico, porém, que não deve ignorar todas estas circumstancias, tem que examinar outra ordem de factos não menos importantes. Cumpre-lhe estudar a natureza das doenças endemicas e os meios mais adequados para as debellar. É esta a sua missão. O campo é vasto e o assumpto difficil, mas o medico colonial tem por norma trabalhar para a conservação da vida e da saude dos colonos, não se poupando para isso a sacrificios, por maiores que elles sejam.

A provincia de Cabo Verde, com as suas variadas ilhas, e o vasto territorio de Guiné que mais devia ser provincia independente, como a de S. Thomé, do que subordinada ao governo geral de Cabo Verde; a larga região de Angola e Moçambique, de entre as quaes se deve fazer desapparecer as trevas em que estão envolvidos os povos que as habitam, o que é um dever da nação portugueza e um emprehendimento altamente civilisador, reclamado pelo progresso e interesse da humanidade, todas estas regiões, dizemos, offerecem diversos climas e condições de vida muito especiaes; e é sem duvida grande temeridade chamar para ali a emigração sem que se indiquem as localidades mais favoraveis á saude. Não se vive impunemente n'um clima como o de Benguella, na Africa tropical, nem deixa de ser grande o tributo

que se paga ao das provincias do Brazil. Mas o progresso, no seu variado movimento, sairá triumphante da luta estabelecida para a colonisação dos paizes intertropicaes.

O districto de Lourenço Marques de um lado, e o de Mossamedes do outro, são as portas por onde devemos entrar na região tropical da Africa portugueza. O estabelecimento de S. João Baptista de Ajudá serviria de passagem para a Africa equatorial se tivessemos paciencia para captar a amisade dos denominados reis de Dahomé, ou quizessemos sustentar o nosso direito aos terrenos que ficam ao S. do reino dahomeano, cuja concessão é attestada por auctoridades insuspeitas e por documentos incontrastaveis.

O que importa, porém, aos colonos, é conhecer as vantagens que as differentes localidades lhes offerecem, seja qual for a região intertropical em que elles se achem, avaliando com verdadeiro conhecimento de causa a importancia do paiz para onde desejam transportar-se. Devem portanto saber distinguir a natureza dos climas parciaes da Africa portugueza e das provincias do Brazil, visto que n'um continente e n'outro ha facilidade em obter terrenos, cultival-os e tirar d'elles grande proveito.

Não engrandecemos as terras de Africa deprimindo as do imperio de Brazil; expomos a verdade tal qual se nos afigura. Escrevemos para utilidade de todos os portuguezes, especialmente dos que pretendam ir para aquellas regiões.

Não é, pois, um livro de sciencia especulativa que apresentâmos ao publico, é um trabalho pratico, onde se mostra a grandeza e importancia das nossa colonias, onde se patenteia a salubridade ou insalubridade de muitos paizes intertropicaes, e onde, finalmente, se trata da colonisação de uma importante provincia do ultramar, da qual fazemos minuciosa descripção.

Encerra-se, porém, todo o nosso estudo n'estas poucas palavras: *emigração, aclimação e colonisação.*

A respeito da emigração escreveu mr. Jules Duval:

«É a emigração na ordem *economica* uma exportação de trabalho, capital e intelligencia, que desenvolve uma nova força de producção e de consumo, por meio da qual trocam as zonas, os climas, as terras e os mares os seus productos.

«É na ordem *politica* uma diffusão pacifica do sangue, da lingua, dos sentimentos, dos costumes, das idéas, das instituições, que augmenta o prestigio e poder das metropoles, e as desembaraça, alem d'isso, de elementos que as enfraqueceriam, e de fermentos de desordem que poderiam perturbal-as.

«É na ordem *ethnographica* a geração dos povos; a incapacidade de emigração é um signal de impotencia, precursor de prompta declinação.

«É na ordem *humanitaria* a exploração do globo, progressivamente purificada dos flagellos dos reinos animal e vegetal. O clima e a hygiene melhoram quando a mão intrepida do colono faz seccar os pantanos, entrar os rios nos seus leitos, e fructificar o deserto; trabalhos heroicos, immortalisados nos mythos de Hercules e de Theseu, e que, approximando as raças, fundem as suas differenças e antipathias em allianças de sangue e de interesse.

«É na ordem *cosmogonica,* finalmente, uma expansão da força intelligente, que é o homem, e que, como todas as forças, tende ao equilibrio. Circulação do sangue, dilatação dos fluidos, marés do oceano e da atmosphera, vibrações do ether, curso dos astros, são applicações variadas d'esta lei da natureza, que estabelece o *cosmos* sôbre a harmonia dos movimentos, regulando-se e ponderando-se por *attracções reciprocas.*»

Ácerca da *aclimação* disse o illustre visconde de Paiva Manso:

«É grave a questão da aclimação, que só por si constitue um dos ramos mais importantes da sciencia medica.

«Sem pretender entrar n'uma questão que tão vasto campo offerece á discussão, ou seja com relação á hygiene ou por estar ligada a questões economicas da mais alta gravidade, é certo, como diz Jules Rochard, que é muito complexa, que deve ser estudada em relação ao individuo e em relação á raça.»

Para Leroy Beaulieu a *colonisação,* finalmente, é um acto reflectido, sujeito a regras que sómente as nações civilisadas poderão indicar; é um dos phenomenos mais complexos e mais delicados da physiologia social; é, emfim, uma arte que se forma na escola da experiencia, e uma sciencia que formula as leis que regulam as colonias nascentes.

A colonisação da Africa portugueza é, na verdade, um dos maiores commettimentos da patria de D. Henrique, Alvares Cabral, Pedro de Escobar, Diogo Cão, João de Santarem, Bartholomeu Dias, Vasco da Gama, Affonso de Albuquerque e de tantos outros arrojados nautas e destemidos cavalleiros.

Sulcaram os nossos antepassados mares desconhecidos, descobriram ilhas, cabos, rios e largas regiões, assignalando com suas maravilhosas viagens os ultimos annos do seculo XV e principio do XVI; no ultimo quartel do seculo XIX cumpre-nos fecundar, não com a espada, mas com o arado as terras incultas e abandonadas, abrindo estradas e tirando das entranhas do solo as immensas riquezas que ali jazem sepultadas.

A Africa portugueza ao S. do equador é actualmente o campo de acção e o logar do trabalho para onde deve voltar-se a attenção de todos os portuguezes.

O caminho de ferro no extremo S. de Moçambique, e o da

parte oriental da provincia de Angola, são o principio d'esta gloriosa campanha.

A par das communicações rapidas, levantar-se-hão colonias agricolas, estabelecimentos commerciaes e plantações dos generos da zona tropico-equatorial mais procurados nas praças da Europa, e n'estes primeiros delineamentos da colonisação dos vastissimos terrenos que possuimos na Africa meridional, desde o tropico ao equador, serão derrubadas as florestas, agricultadas as planicies e semeados os campos. Trocar-se-hão depois os productos naturaes e industriaes, estabelecendo-se accelerada navegação entre os portos de Portugal e os da Nova Africa, e formando-se assim uma corrente de riqueza que levará esta nação ao seu tempo dourado, ao seculo da sua maior gloria.

O livro que intentâmos publicar tem por objecto principal uma fracção diminutissima da Africa, uma superficie de 1:000 *kilometros quadrados;* e, estando hoje apenas cultivada a decima parte d'essa área, os seus rendimentos publicos sobem a mais de 100:000$000 réis; nas terras da Africa portugueza, com uma superficie de 1.800:000 kilometros quadrados, desenvolvida convenientemente a colonisação, a receita publica será *será oito vezes maior que a de Portugal.*

A importancia da colonisação da região africana que hoje possuimos, demonstra-se por factos incontrastaveis. Não é, porém, necessario discutir um assumpto de que ninguem duvidará.

Aos poderes publicos cumpre promover, pela sua parte, a abertura de estradas e caminhos de ferro, e premiar a iniciativa particular, não se envolvendo directamente em contratos para o estabelecimento de colonias. Não se levantam cidades onde falta a agricultura e o commercio, e onde não póde realisar-se a aclimação.

Como exemplo de colonia agricola não o podiamos achar melhor do que a ilha de S. Thomé. Descrevel-a sob este ponto de vista é tambem dever nosso, concorrendo ao mesmo tempo quanto em nós couber para que se avalie o clima das colonias portuguezas, a riqueza e a abundancia de seus productos naturaes.

Para esse fim grupámos os variados materiaes d'este livro em differentes secções, dispostas da seguinte fórma:

Geographia.

Condições physicas e moraes dos habitantes de S. Thomé.

Hygiene publica.

Flora pathologica.

Historia natural.

Meteorologia e climatologia.

Diversos quadros estatisticos.

São assumptos concernentes á provincia de S. Thomé, mas de entre elles destacam-se questões de alto interesse colonial, tanto com respeito ao commercio como em relação á agricultura e á aclimação, base do progresso da Africa portugueza do occidente ao nascente, de Angola até Moçambique.

Enumeram-se na primeira secção os paizes equinocciaes que estão na mesma latitude da provincia de S. Thomé; calcula-se a superficie de Portugal, como paiz colonial, e compara-se a sua área com a de todas as nações da Europa.

Patenteia-se a immensa vastidão da Africa portugueza, e formulam-se os meios de chamar para ali a emigração.

Distinguem-se os climas equatoriaes dos que se acham sob os tropicos, e mostra-se quanto é erronea a crença popular de que o calor da zona torrida é prejudicial á saude e improprio para os trabalhos agricolas.

Indicam-se as principaes fazendas da ilha de S. Thomé, assumpto sobre que nada ha escripto, mostrando-se a fertilidade dos terrenos e as diversas culturas do paiz, tão differentes das que ha na provincia do Minho, cuja producção comparâmos em presença de mappas estatisticos.

Ajuntam-se, alem d'isso, algumas gravuras reproduzindo com a maior exactidão as bellezas da vegetação que aformoseia as margens dos rios, matiza os valles e faz realçar as culturas d'aquelle privilegiado paiz, procurando por este meio animar os quadros que delineámos. A penna descreve em largos traços o que a gravura approxima e reproduz com toda a naturalidade.

Conhecida a posição e extensão das colonias portuguezas em geral e as fazendas da provincia de S. Thomé, é natural fallar das condições physicas e moraes dos habitantes de tal região.

É assás complexa esta parte do nosso trabalho, e uma das mais uteis para aquelles que desejam viver em tão longiquas paragens.

Refere-se, pois, o que diz respeito aos funccionarios publicos, negociantes, agricultores e trabalhadores, e estuda-se o movimento commercial e agricola não só da ilha de S. Thomé, mas tambem de todas as nossas provincias do ultramar.

O credito, a navegação e os capitaes são examinados em presença de estatisticas organisadas com todo o cuidado, entre as quaes figuram mappas de exportação das casas commerciaes de Lisboa para os negociantes de Africa, e da importação dos productos coloniaes para Lisboa. D'este modo póde avaliar-se a importancia do movimento commercial entre a praça de Lisboa e a Africa portugueza.

Os paizes intertropicaes como o Brazil. Angola e Moçambique

têem sido theatro de valiosas explorações sob o ponto de vista das sciencias naturaes. Os trabalhos de Livinsgtone para a geographia, os de F. Welwitsch para a botanica e os de Anchieta para a zoologia, são muito uteis, aproveitando com elles o commercio, a agricultura e o progresso colonial portuguez; mas não são menos importantes os trabalhos dos medicos, examinando os climas e as diversas causas que produzem as doenças, combatendo aqui as anemias, mais alem o paludismo, n'uma parte a febre amarella, em outra a cholera, e ensinando constantemente as regras e preceitos da hygiene publica e individual.

O medico colonial occupa realmente um dos primeiros logares entre os obreiros do progresso e da civilisação das terras de Africa. Cumpre-lhe destruir os erros e preconceitos, e dizer quaes são as colonias menos insalubres e as condições em que ellas se acham.

N'este trabalho faz-se, pois, sob a denominação—hygiene publica—a descripção da cidade de S. Thomé e dos melhoramentos de que ella mais carece.

A planta da cidade torna mais visivel a sua posição e orientação, e as gravuras que acompanham este trabalho completam a descripção que d'ella fazemos.

É esta a secção do livro mais apropriada para se tratar da insalubridade relativa das ilhas do golfo dos Mafras e das colonias portuguezas, comparando estas entre si e com as de outras nações da Europa e provincias do Brazil.

Forma por assim dizer este assumpto a cupula do edificio litterario que planeámos. É d'ali que se observam as condições da vida dos paizes intertropicaes e as difficuldades com que se luta para resistir á influencia do clima.

A provincia de S. Thomé, cuja superficie é oitenta e sete ve-

zes menor do que a da metropole, tem actualmente cerca de 25:000 almas, podendo este numero dobrar ou triplicar sem haver excesso de população.

Tratâmos em especial da flora pathologica da ilha de S. Thomé, referida no anno de 1872. É um assumpto que muito importa conhecer.

A natureza de qualquer clima depende, alem de outras causas, da qualidade dos terrenos, da natureza da vegetação e dos ventos, que para muitos auctores representam o principal papel na salubridade ou na insalubridade de um paiz. É este estudo o assumpto das grandes secções denominadas—historia natural, meteorologia e climatologia.

No reino vegetal descrevemos as arvores proprias para construcções e marceneria, as arvores fructiferas e as que são mais uteis á agricultura.

Não collocâmos o homem no reino animal, nem acceitâmos a doutrina do sabio naturalista Darwin a similhante respeito. Para nós o homem forma um reino á parte, e tem origem propria e unica.

Não nos propomos dizer a ultima palavra de sciencia, mas tratâmos de pôr em relevo os factos que nos levam a admittir distincção entre o reino animal e hominal.

Tendo este trabalho uma feição inteiramente pratica, reunimos em grupos separados os mappas estatisticos que não poderem entrar no corpo do livro.

As estatisticas têem para nós grande influencia na indagação da verdade scientifica. É difficil organisal-as, mas da difficuldade para a inutilidade vae grande differença.

Tal é o plano da obra que apresentâmos, e onde expomos, a par das observações feitas como medico colonial durante cinco

annos que servimos em S. Thomé, as conclusões a que chegámos, compulsando os livros dos mestres de sciencia que mais se têem distinguido, e examinando cuidadosamente todos os documentos de que tivemos conhecimento.

Em secção apropriada patentearemos as fontes a que recorremos e os meios de que nos servimos para apurar a verdade, que sempre tivemos por norma; e por bem pagos nos daremos se, no meio das difficuldades com que lutâmos, fizermos obra digna da attenção publica, e que possa ser util a todos aquelles que desejam conhecer a provincia de S. Thomé e Principe e o clima da Africa portugueza.

Lithographia da Imprensa Nacional.

A PROVINCIA

DE

S. THOMÉ E PRINCIPE

E

SUAS DEPENDENCIAS

OU

A SALUBRIDADE E INSALUBRIDADE RELATIVA DAS PROVINCIAS DO BRAZIL, DAS COLONIAS DE PORTUGAL E DE OUTRAS NAÇÕES DA EUROPA

GEOGRAPHIA

L'œil de l'homme n'embrasse à la fois qu'un étroit horizon; il lui faut une longue série d'études persévérants pour reconnaître de proche en proche toutes les parties d'un district, d'un pays, d'une région, et arriver ainsi jusqu'à la notion générale des grandes divisions terrestres.

(*L'Univers*, esquisse générale d'Afrique, par mr. d'Avezac, pag. 3, 1844.)

CAPITULO I

Descripção dos rios e logares principaes da costa do mar de Guiné

Cabo de Lopo Gonçalves.—Bahia de Lopo Gonçalves.—Rio do Gabão.—Bahia do Corisco.—Cabo de S. João.—Rio de S. Bento.—As ilhas portuguezas e a costa do Gabão.—Rio do Campo.—Enseada do Pão da Nau ou Panavia.—Rio da Borôa.—Rio dos Camarões.—Pico Mongo-Ma-Lobah, no qual existe o clima quente ou torrido, o temperado e o frio ou glacial.—Bahia de Ambozes ou de Zambús (Ambas ou Amboise).—Rio de El-Rei.—Velho Calabar (Calbary, Dongo ou Oióne).—Rio Done (Andoney ou Antonio).—Bahia de Boni ou de Obáne.—Rio do Sombreiro.—Rio de S. Bartholomeu, dos Mafras ou dos Tres Irmãos.—Rio de Santa Barbara.—Rio de S. Nicolau.—Rio de S. Bento (St. John or Brass).—Cabo Formoso.—Rio Niger ou Quorra e o celebre delta que elle forma.—Affluentes do rio Niger e seus braços principaes.—Rio Tchadd.—Dhiouliba ou Niger.—O delta do Niger e as ilhas de S. Thomé e Principe.—Grande mar interior ou lago de Tchadd.—Rio Formoso ou de Benim.—Rio da Lagoa ou Lagos.—Badagry.—S. João Baptista de Ajudá e o districto ou territorio correspondente.—Condições especiaes para o desembarque no porto de Ajudá.—Magestoso espectaculo que offerece o mar na costa de Ajudá.—Reino de Dahomé.—Caminho de Ajudá até á capital de Dahomé.—Estações intermediarias entre o territorio de Ajudá e a capital de Dahomé.—Limites do golfo de Benim.—Limites do golfo dos Mafras.—Mar de Guiné, zona equatorial que lhe corresponde e correntes que ali se observam.

Cabo de Lopo Gonçalves.— Dá-se este nome ao extremo N. de uma ilha de $37^k,9$ de comprido por $7^k,4$ de largura, descoberta pelos annos de 1469 ou 1470 por Lopo Gonçalves, que lhe deu o nome, estando se-

parada da terra firme pelas aguas de um rio de mediana largura. E muito conhecida dos portuguezes a bahia a que elle serve de limite.

Demora este cabo em 66^{k},9 ao S. do equador e a 17° 51′ 6″ de longitude E. Avista-se de 25 a 27 kilometros ao largo, e está ao SE. da ilha de S. Thomé; d'este rumo sopram os ventos mais de cento e doze vezes no anno, segundo as observações de 1872, e chegam á velocidade de 8 kilometros por hora. Nas suas proximidades não ha terrenos de alluvião e vastos pantanos, como se notam em outras partes da costa do mar de Guiné, mas independentemente da má constituição geologica do solo mais proximo d'aquelle logar e da qualidade dos ventos, importa aos agricultores de S. Thomé conhecer os logares fronteiros á ilha até onde chegam as canoas do paiz.

Ha quem affirme, diz o nosso illustrado hydrographo Alexandre Magno de Castilho, existir uma lagoa de agua doce ao S. da aldeia Fetish, e a 5^{k},5 para o sertão, boa agua potavel, abrindo cacimbas nas praias. Abunda o peixe na bahia de Lopo Gonçalves, onde vão muitas vezes em canoas do paiz alguns maritimos de S. Thomé.

Bahia de Lopo Gonçalves. — É esta, na verdade, uma das bahias da costa mais visitadas pelos habitantes da ilha de S. Thomé. A O. fica-lhe o cabo de Lopo Gonçalves e a E. a ponta denominada dos Feitiços (Fetish ou Feetish). A sua área anda por 581 kilometros quadrados e n'ella desaguam o rio Gobbi e o de Lopo Gonçalves, sendo o primeiro um ramo do rio Ogôoué, explorado em 1874, e defronte de cuja foz está uma ilha baixa e silvestre, que se denomina dos Mortos, e foi por nós abandonada não obstante haver ali abundancia de coqueiros, facil desembarque e boa pescaria.

Rio do Gabão. — O cabo da Barca e o de Santa Clara ou de Joinville marcam a foz d'este grande e importante rio, cujo estudo muito interessa não só sob o ponto de vista da hygiene publica, mas tambem por ter sido habitado pelos portuguezes que, em 1723, no intuito de procurarem nas terras vizinhas minas de oiro, edificaram uma fortaleza na ilha do Rei ou Kornikey, segundo A. Tardieu; mas vendo frustradas as investigações, tiveram de a abandonar, apparecendo ainda vestigios da sua estada ali. Os francezes, porém, escolheram em 1842 aquella posição, e, sem que alguem os incommodasse, começaram por fazer ali o deposito do seu cruzeiro de Africa austral, e acabaram por obter terrenos, estreitar relações com os naturaes e assenhorear-se d'esta região equatorial, não se esquecendo de dar nomes francezes aos pontos mais importantes d'ella.

O rio é muito extenso, e alguns escriptores dão-lhe 111^k,1 de comprimento, affirmando que se conserva perpendicular á costa, o que mostra que elle corre em toda a sua extensão sob a linha equinoccial.

As duas bacias que se formam acima da foz do rio, cerca de 45^k,5, ficam uma exterior á outra e são separadas por duas ilhas arborisadas, tendo a do N. boa agua.

Não são mui distantes as margens do rio do Gabão, mas o que é digno de notar-se é ser reputada salubre a direita, e infamada de insalubridade a esquerda.

Os francezes que, em 1839, examinaram este lado do rio, pouco tempo ali se demoraram, attenta a mortalidade dos marinheiros que tinham que fazer serviço em terra.

O rio e seus affluentes são orlados de mangues, formando grandes bosques em alguns logares a muitos kilometros da foz, misturando-se as aguas doces com as salgadas, alimentando assim o arvoredo que lhe é proprio.

O cabo de Santa Clara ou de Joinville está em 0° 30′ 2″ de latitude N. e 18° 28′ 24″ de longitude E., ficando portanto na altura da Ponta Figo da ilha de S. Thomé; e a contar d'aquelle logar até ao N. de um outeiro denominado Duna Plana ou até 0° 4′ de latitude N., ha a mesma distancia que tem a ilha desde o N. ao S., salvo os accidentes de terreno que ha n'ella, os quaes lhe dobram a extensão do N. ao S. e de E. a O.

Entre a costa insular a E. e a margem esquerda do Gabão e Dunas Grandes, ha a distancia de 200 kilometros que, em poucas horas, póde ser percorrida por qualquer vento forte. Sopram raras vezes para esta ilha os ventos do E. e do NE., registando-se, em 1872, aquelle cincoenta e oito, e o outro dezeseis, e os de todo o quadrante oriental setenta e nove.

A cidade de S. Thomé está, pois, exposta aos ventos que passam sobre as terras do Gabão, podendo atravessar em pouco tempo a porção de mar que separa as duas localidades. Seriam de grande vantagem as observações meteorologicas d'estes dois pontos, comparadas entre si, e aferidas pelos mesmos padrões.

O rio Como, grande affluente do Gabão, é navegavel cerca de 83^k,3.

Os logares que recebem as brisas do largo em toda a pureza, são n'estas latitudes os menos insalubres, e na ilha de S. Thomé estão n'este caso as terras do Iógo-Iógo ou da Boa Esperança ao S. da ilha.

Bahia do Corisco.— Tem approximadamente 1:234^k,8 quadrados. Os seus limites são a ponta dos Mosquitos ao N. e o cabo das Esteiras ao S., estando este a 59^k,2 para S4SO. d'aquella.

Faz grande reconcavo esta bahia, e são numerosos os ilhéus, ilhotes e baixos que n'ella se encontram, tirando-lhe toda a importancia commercial. É necessario não esquecer que desaguam na bahia dois rios, um ao N. e outro ao S. Chama-se o primeiro rio de Angra, Danger ou Mooney, que, em lingua da terra, quer dizer *escuta, cuidado;* e o segundo denomina-se Moondah. Em ambos podem entrar navios, tomando-se pratico entre os indigenas da ilha do Corisco ou do rio do Gabão.

A foz do rio de Angra está em 1° 1′ de latitude N. e 18° 44′ de longitude E. Notam-se na sua parte septentrional as collinas de Angra em numero sufficiente para formarem uma cordilheira.

O rio de Moondah estreita-se muito para o interior das terras, as quaes são alagadiças e cobertas de mangues, arvores caracteristicas dos paizes intertropicaes, e, segundo affirmam alguns escriptores, dos climas palustres.

Este rio passa por ter communicação com o Gabão, fazendo do cabo das Esteiras uma peninsula que se denomina de Louis Philippe, nome dado por M. de Langle, quando estudou aquella região.

Alem dos grandes seios do rio Gabão, orlados de mangues, notam-se as bahias de Lopo Gonçalves e Corisco, defronte das quaes ficam as ilhas de S. Thomé e Principe, onde vem amiudadas vezes navios procedentes d'aquelles pontos. São logares de clima identico, podendo reputar-se o solo do Gabão igual ao da ilha do Principe, opinião sustentada por A. Tardieu.

Cabo de S. João.—Demora este cabo em 1° 10′ de latitude N. e 18° 30′ 16″ de longitude E. Está coberto de arvoredo e é talhado a prumo. Dista cerca de $25^k,9$ da ilha do Corisco e $5^k,5$ do ilhéu Booenja, que lhe fica ao N., fazendo o mar por ali muita arrebentação.

Para o N. d'este cabo levantam-se altos serros, e d'ahi para o septentrião apparecem montanhas e cordilheiras que se estendem por muitos kilometros, devendo notar-se o monte Shart, a ENE. do rio de S. Bento e o dos Micos ou Mitre, $44^k,4$ da beira-mar, ao $SE^1/_4S.$ do mesmo rio.

Rio de S. Bento.—O rio de S. Bento está fronteiro á ilha do Principe, ficando ao N. da bahia do Corisco. Tem entrada estreita mas profunda, segundo informa A. Tardieu, e a $7^k,4$ da foz divide-se em dois ramos, dirigindo-se um para ENE. e outro para ESE.

A ponta do N. da foz offerece boa conhecença, por causa do monte Haybern que repousa em 1° 36′ de latitude N. e 18° 46′ 39″ de longitude E., dando-se muitas vezes este nome ao proprio rio.

As ilhas portuguezas e a costa do Gabão.—A costa fronteira ás ilhas de S. Thomé e Principe, isto é, a fracção da costa do Gabão, desde o cabo de Lopo Gonçalves até ao rio de S. Bento, merece detido exame.

Não estão ainda cultivadas as terras adjacentes á costa, nem actualmente ha communicações regulares entre as bahias que por ali se abrem e as ilhas de que nos occupâmos.

Levantam-se, todavia, alguns povoados nas margens dos rios e em alguns pontos da costa, mas de nenhum d'elles se exportam productos agricolas e fabris, o que mostra o atrazo dos habitantes d'aquella região.

Entre o rio de S. Bento, fronteiro á ilha do Principe, e o cabo de Lopo Gonçalves, ha cerca de 113 kilometros de extensão, havendo differentes bahias e rios que, apesar de serem pouco procurados, não deixam de ter importancia.

Os portuguezes, segundo a informação do Paul Duchaillu, ainda em 1856 tinham algumas feitorias na bahia de Sengatão e suas proximidades. Foram, porém, abandonadas, como todas as que havia na costa do Gabão.

São baixas as terras proximas ás margens da bahia de Lopo Gonçalves, e nota-se sobre o extremo da margem oriental a aldeia denominada dos Feitiços. É pobre e está quasi abandonada. Não é facil o desembarque n'aquelle local.

Passada a ponta dos Feitiços, apparecem os rios Ogôoué e da Nazareth que desaguam n'uma angra obstruida com areia, cascalho e coral, formando alguns bancos que se estendem até 111 kilometros da costa.

O rio Ogôoué, em cujas margens se levantam alguns povoados e feitorias, passa sob o equador, e dá muita importancia á angra da Nazareth ou de Ogôoué, como os francezes lhe chamam.

É pequena a bahia de Sengatão, podendo calcular-se a sua superficie em $15^k,4$ quadrados. Na margem direita ha um povoado e na praia dois barracões. Levanta-se a uns $11^k,1$ a montanha de Sengatão, junto á qual ha uma aldeia. Apesar d'esta não subir a grande altura, é comtudo boa marca para se reconhecer a bahia de Lopo Gonçalves.

A $46^k,3$ do equador está o monte de Sengatão.

Das terras baixas que rodeiam as margens da bahia de Lopo Gonçalves para o N. começam os terrenos a elevar-se, notando-se a cordilheira das Dunas Grandes, a que tambem se dá o nome de Fanaes. Estão lançadas parallelamente á costa na extensão de $27^k,7$, e ao meio das quaes passa o equador, não sendo difficil reconhecer o logar em que a latitude é nulla, poisque a $7^k,4$ da linha sobresáe uma das Dunas Grandes, a qual se distingue a um terço da cordilheira, contando do N., e $5^k,5$ ao S. do

equador levanta-se a chamada Duna Plana, que se acha a $12^k,9$ da maior das referidas collinas. Está demonstrado que a linha equinoccial passa na costa do Gabão ao meio das Dunas Grandes, entre a maior d'ellas, $7^k,4$ ao N., e a chamada Duna Plana, $5^k,5$ ao S.

Ao N. das Dunas Grandes ou Fanaes, descem de novo as terras até á margem esquerda do rio do Gabão, de que já fallámos, assim como da bahia do Corisco, separada da foz d'aquelle rio por uma especie de peninsula, ao O. da qual fica o cabo de S. João, e uns $53^k,7$ mais adiante tem a foz o rio de S. Bento. Ha differentes aldeias nas proximidades d'esta costa e tres ribeiros que desaguam no mar.

São muitas as terras altas que se estendem para o interior, subindo alguns montes a mais de 1 kilometro acima do nivel do mar. É esta uma condição importante para a salubridade das povoações que se formarem em taes latitudes.

Rio do Campo.— A foz d'este rio tem cerca de 1:852 metros de largo, e as bordas arborisadas. Ha na sua margem esquerda uma aldeia pouco importante.

Enseada do Pão da Nau ou Panavia.— Tem esta enseada $72^k,2$ de comprimento, segundo Alexandre de Castilho. Aos limites que a formam chamam ponta da Borôa e cabo do ilhéu ou ponta do Carajao (Garajam), ficando aquella ao N. e esta ao SSE.

Ha no fundo da enseada dois ribeiros, sendo mais meridional o rio de Panno ou Panmo.

No sitio mais recuado despeja outro regato de boa agua, o que deve ter-se em attenção quando se fundeia n'aquella enseada.

Á serra que se levanta para o sertão da bahia, e que é boa marca, apesar de estar amiudadas vezes encoberta pelos nevoeiros, pozeram os nossos antigos o nome de *Pão da Nau.* Em tres banquetas se estiram aquelles montes, a primeira a $5^k,5$ da costa, a segunda a 11 kilometros, e a terceira, a mais alta de todas, a uns $27^k,7$. São todos contrafortes da cordilheira que se ergue mais para o S.

Rio da Borôa. — A ponta do N. d'este rio está em 3° 35′ de latitude e 18° 47′ 50″ de longitude E., segundo Alexandre de Castilho. Fica proximo da ilha Branca e tem 1:926 metros de largura na foz.

A costa que se estende desde o cabo de Lopo Gonçalves até ao rio dos Camarões é a face ou margem oriental do golfo dos Mafras. Levantam-se, quasi parallelamente á costa, montes de fórmas conicas, similhan-

tes a um pão de assucar; são solitarios ou compõem cordilheiras mais ou menos extensas. Têem mais nomeada os Micos, pela altura do cabo de S. João, os montes Banoko, Nisus, as Mamas, as montanhas da Alouette, de Sadle ou Sella, da Table ou Mesa, o monte de Laval, em frente da bahia do Corisco e a montanha de Sangatão, boa balisa para se entrar na bahia de Lopo Gonçalves.

Os ventos que varrem estas terras chegam á ilha de S. Thomé pelo quadrante do SE. rodando pelo E. para o NE., onde apparecem umas vinte vezes segundo as observações feitas em 1872. Estes ventos podem saturar-se dos vapores ou miasmas palustres que um ou outro valle pantanoso lhes transmitta, mas não é sómente por este lado que são prejudiciaes aos climas, visto que elles transportam tanto o calor como o frio, segundo a região sobre que passam.

É por esta rasão que alguns escriptores os tomam como causa principal da insalubridade ou salubridade de muitos paizes. Nós, não a tendo por mais importante, reputamol-a comtudo digna de attenta observação.

Rio dos Camarões.— Este rio é o limite entre a margem oriental e a occidental do golfo dos Mafras. Não ha erro em assim o considerar, e por este modo facilita-se a comparação dos logares que mencionâmos.

A abertura entre o cabo dos Camarões e o do Gallo (ponta Suellaba, na carta geographica de Wilson) mede 12 kilometros. Forma-se depois uma vasta bacia, onde se juntam as aguas de muitos rios. Mas a barra do rio dos Camarões está realmente acima d'esta bacia, devendo este considerar-se tambem um affluente como outros que ali lançam suas aguas.

Entre o cabo dos Camarões e o do Gallo fica, pois, a abertura de uma bacia e não a embocadura de um rio. Subdivide-se aquelle grande seio em differentes bacias interiores, e a sua margem esquerda tem cerca de $18^k,5$ de extensão, abrindo-se n'ella a foz dos rios Malimba e Dongo. Na riba direita desaguam os rios Mardocai e Matunal, alem de outros de menor volume de agua.

Do ENE. chega á bacia de que fallámos o rio dos Camarões, depois de um curso de 124 kilometros approximadamente. Despenha-se a sua nascente de uma altura de 15 metros, desce para SE., encurvando-se pelos 4° 30′ de latitude, sendo separadas as aguas em dois leitos pela ilha denominada Wouri, com $7^k,2$ de comprido sobre $6^k,4$ de largo. Unem-se em seguida as aguas do rio até encontrarem a extensa ilha denominada Jibareh, que, como a primeira, é muito povoada. Corre de novo o rio n'um só leito, confundindo-se finalmente com as aguas da bacia entre a

ponta Malimba e a Green Patch, extremo da margem esquerda do rio Matanal.

Desapparecem os mangues cerca de $3^k,7$ acima da ilha Jibareh, o que faz mudar o aspecto das margens do rio e estabelece uma linha de demarcação, em que o medico hygienista não póde deixar de attentar. É tambem por esta altura que não se fazem sentir as marés.

As terras banhadas pelas aguas do rio dos Camarões, os alto-planos e montanhas que ficam ao occidente d'este rio e as planicies do rio Niger, a $277^k,8$ ou $305^k,5$ de distancia, têem climas tão diversos dentro de uma zona tão limitada que a carencia da sua descripção seria grande lacuna no estudo da salubridade ou insalubridade das regiões equatoriaes de que nos occupâmos.

O capitão Allen, em 1843, no vapor *Wilberforce*, subiu o rio dos Camarões uns 74 kilometros, e deixou uma minuciosa e importante descripção d'esta localidade.

Nos terrenos marginaes de tão notavel rio e em algumas das suas ilhas, existem differentes povoados ou muitas aldeias.

Não sabemos se a acclimação dos europeus é possivel n'aquellas paragens. Alexandre de Castilho diz que são lindas ali as noites em março, abril e maio, e que os dias, principalmente em março, são muito quentes, declarando que o thermometro á sombra tem marcado 38° e 40° centigrados. Oscilla então o barometro entre 758 e 762 millimetros e sobe quando terminam os tornados.

Na cidade da ilha de S. Thomé não se observou em 1872 similhante temperatura, havendo apenas dois dias, em maio, em que ella chegou a 35°,2 e 35°,6 centigrados. Reputâmol-a extraordinaria, e existindo accidentalmente, talvez, sob a influencia de phenomenos atmosphericos que se não observaram n'aquella occasião.

A necessidade do estudo da geographia medica comparada é attestada por muitos factos, não sendo de pequena importancia o de se ver o pico Mongo-Ma-Lobah, erguendo-se nas proximidades do rio dos Camarões, muitas vezes coroado por uma camada de neve.

Sob a zona torrida, a poucos kilometros do equador, encontra-se o clima ardente, bem como o quente, doce, temperado e frio. É importante esta observação, e fornece valiosos elementos para a questão de acclimação, e por conseguinte para as da emigração e colonisação, assumptos momentosos que chamam a attenção dos poderes publicos e dos homens de sciencia.

O cabo dos Camarões está situado em 3° 54′ 48″ de latitude N. e 18° 38′ longitude E., e o pico Mongo-Ma-Lobah levanta-se em 4° 12′ 49″ de latitude N. e 18° 29′ de longitude E., o que mostra a proximidade dos sitios a que

nos referimos. A foz dos Camarões dista da ilha de S. Thomé cerca de 500 kilometros.

Pico Mongo-Ma-Lobah.— É muito alto este pico e merece descripção especial. Transcrevemos, pois, sobre a topographia d'elle, o que disse Alexandre de Castilho, por satisfazer plenamente ao nosso fim.

«Na ponta S. do golfo de El-Rei começa a levantar-se a serra do Motão (Maton) ou dos Camarões, cujo pico mais elevado, por nome Mongo-Ma-Lobah, tem seus 4:200 metros de alto, e avista-se a mais de 111 kilometros de distancia.

«Corre essa cordilheira ao N.–S. para N. d'aquelle monte, e ao NNE.–SSO. para S. d'elle, e termina da banda do S. na montanha Mongo-Ma-Etindeh, a qual tem 1:775 metros de alto, e fica a uns 16^{k},6 d'aquelle. Ergue-se o Mongo-Ma-Lobah em 4° 12′ 40″ N. e 18° 20′ E., quasi a igual distancia dos cabos Formoso e de S. João, extremos do golfo dos Mafras, a uns 632^{k},9 do primeiro e a 337 do segundo, e quasi no parallelo do Formoso e do meridiano do cabo de S. João.

«Cobre-se quasi toda a serrania de frondosas matas, e só na costa oriental se vê uma faxa nua e escura que se afigura leito de lava; por isso, por affirmarem os naturaes que já em tempo saíra fogo do cume das montanhas, e por ser vulcanica a natureza d'essas rochas, se suppõe, com bom fundamento, ser a serra do Motão um vulcão extincto. Quasi sempre se envolve em nevoas o pico Mongo-Ma-Lobah; quando, porém, se descobre, mais parece um outeiro que se levanta sobre alta planicie, do que montanha que sobreleva outras. Cobre-se muita vez de neve aquelle pico.

«Fertilissimos valles, povoados de gente das tribus dos bambokos, bakwileh e batongos, se prolongam por entre essas montanhas e entre as serras do Motão e do Rumby, a qual deve ser tambem muito alta, pois se avista a mais de 111 kilometros de distancia. Um rio, que é braço do rio dos Camarões, banha a aba oriental da serra, bem como o valle que jaz entre os montes Bumby, do Motão e outros menos alentados, sitos para NE., e que separam o valle de Bimbia do valle dos Camarões.»

O Pico Mongo-Ma-Lobah é muito mais alto que o tão nomeado pico de Teneriffe, e excede tambem os Pyrinéos, e tem povoações a maior altura do que o celebre monte Quito, que dá assento a uma grande cidade.

A posição d'aquelle monte na região de que nos occupâmos é importante, e presta-nos valiosos dados para chegarmos á resolução de muitas questões de colonisação, de hygiene equatorial e especialmente de acclimação, a cujo estudo nos entregâmos desde 1869.

O capitão Allen traduziu Mongo-Ma-Lobah por «Montanha de Deus»,

e nós chamar-lhe-hemos «Montanha da sciencia», porque nos offerece a explicação de muitos factos sobre que hoje não póde haver contestação. O solo d'esta montanha é fertil, e, como se desdobra em collinas, alto-planos e valles, é susceptivel de ser habitada a differentes alturas. São alentadas as arvores que formam a floresta até cerca de 2:800 metros; d'este ponto para cima apparecem a relva e vegetaes herbaceos, e toda esta magestosa verdura vae desapparecendo á maneira que o viandante se approxima dos 3:400 metros e d'ali para diante.

A julgar pelo fumo, diz A. Tardieu, que se eleva de muitos pontos até grande altura da montanha, os povos que a habitam são numerosos. E o que é singular é passar por muito salubre a bahia dos Ambozes ou Zambús, que não fica muito distante de localidades mortiferas.

Bahia de Ambozes ou de Zambus (Ambas ou Amboise).—Torna-se notavel esta bahia por causa das suas ilhas. Gosa alem d'isso da fama de salubre, o que se attribue á sua posição especial.

Na margem oriental levantam-se quatro collinas altas, e fica de um lado a ilha de Fernão do Pó e do outro erguem-se as soberbas montanhas dos Camarões.

Rio de El-Rei.—Abre este rio a sua foz a 518^{k},5 distante da ilha de S. Thomé. Tem 9^{k},2 de largura entre a ponta Backassey e a da Pescaria. Cerca de 11 kilometros a E. está outro rio que, no dizer de Alexandre de Castilho, se julga ser braço do rio de El-Rei, e acrescenta que este sitio é o mais recuado do golfo dos Mafras, e tem o nome de golfo de El-Rei. Fica portanto n'este logar o vertice do angulo inscripto ao golfo, e cujos lados se abrem, um para a costa do Gabão, terminando no cabo de Lopo Gonçalves, e outro para a do Calabar, acabando no cabo Formoso.

Ao golfo de El-Rei chegam as aguas de muitos riachos carregados de detritos animaes e vegetaes e de terras de alluvião, e tambem n'elle se reunem as aguas do rio de Rumby, que tem a sua foz em 4° 31′ de latitude N. e 18° 2′ de longitude E.

Velho Calabar (Calbary, Dongo ou Oióne).—É o primeiro ou o ultimo braço do Niger, segundo se começam a contar da margem oriental ou occidental do delta. Tem na sua foz 17^{k},5 entre as pontas elevadas e cobertas de mato cerrado, sendo a do O. denominada Tom Shot e a do E. East Head.

O Velho Calabar, segundo diz Alexandre de Castilho, communica com o rio Niger ou Quorra por meio de tres ramos, o primeiro vae ter

á aldeia de Kirree e o outro á de Damuggo ou Adakuru. No curso do rio ha duas ilhas, a dos Papagaios e a James, sendo aquella a primeira a contar da foz do rio. Ha muitos affluentes, sendo os mais notaveis Backassey, Grão Qua e Cross.

Encontram-se ali differentes aldeias, cujos habitantes têem a côr amarella-clara, estatura pequena e as fórmas do corpo dignas de attento exame, o que faremos n'outro logar d'este trabalho.

A ponta do O. do rio está em 4° 36′ de latitude N. e 17° 26′ 30″ de longitude E.

O arvoredo nas margens do rio e nas duas ilhas é abundante, não permittindo os mangues o desembarque.

O thermometro á sombra e ao ar livre tem chegado a 32° centigrados, e quando a brisa da manhã falta, o calor do meio dia á uma hora da tarde é muito intenso. O barometro varia entre 0,758 e 0,762.

Os tornados em março são violentos.

Rio Done (Andoney ou Antonio).—Está este rio cerca de 27^{k},7 ao oriente da bahia de Boni e ainda mais 29^{k},6 no mesmo sentido ficam dois ribeiros, que não foram ainda denominados nem estudados, segundo a informação de Alexandre de Castilho.

Sendo o nosso fim enumerar os rios que recortam as terras do delta do Niger, não podemos deixar de nomear os que ficam, a contar do oriente para o occidente, na margem direita do golfo dos Mafras ou esquerda do delta do Niger.

Bahia de Boni ou de Obáne.—Têem ido á ilha de S. Thomé navios procedentes d'esta bahia, onde desaguam os rios Real ou Novo Calabar e Boni, ficando este antes d'aquelle, segundo a ordem da nossa enumeração.

O Novo Calabar é pouco procurado pelas embarcações, em consequencia da difficuldade para se cursar quando se deseja saír do rio, e por isso preferem o Boni para o commercio do azeite de palma, que é o artigo principal de exportação.

A povoação chamada Boni ou Obáne tem 7:000 almas e, segundo escreve Alexandre de Castilho, sobe a mais de 40:000 o numero dos habitantes de todas as aldeias que lhe ficam vizinhas. Por ser mau o clima do rio, devem poupar-se os europeus á faina de escaleres e da primeira purificação do azeite que se faz em terra, na qual se poderão empregar os trabalhadores da costa de Grãos.

Tanto o rio Boni como o Novo Calabar são ramos do Niger. Os naturaes navegam até mais 73^{k},3 em grandes canoas, percorrendo os differentes braços d'aquelle rio, a fim de obterem azeite de palma. Adoram

os lagartos e crocodilos que consideram divindades, e em que não se póde tocar sem attrahir as iras d'aquella gente.

Da ilha de S. Thomé ao rio Boni vão em linha recta cerca de 461^{k},1.

O vento forte póde vir ao rumo NO., passar nas margens do rio Boni, percorrer toda a extensão de mar que separa as ilhas do Principe e S. Thomé, e chegar ali impregnado de miasmas de que se tenha saturado.

Em geral os ventos, como é sabido, sustentam duas correntes, uma proxima á terra e outra superior ou das nuvens, e por isso não é raro apparecer o pollen, areia finissima e differentes animalculos, a 500 kilometros da costa, elementos estes que podem conservar-se dois dias suspensos no ar, sendo impellidos n'uma direcção determinada durante todo esse tempo.

O extremo occidental da bahia de Boni está 4° 23′ 35″ de latitude N. e 16° 9′ 20″ de longitude E.

Rio do Sombreiro.—Ao rio Real ou Novo Calabar segue-se o rio Sombreiro.

A beira oriental do delta torna-se mais baixa, passado este rio que tem a sua ponta esquerda coberta de arvores muito unidas e copadas, projectando-se para fóra, e dando-lhe antes a figura de uma semi-abobada do que a de um sombreiro ou chapéu de sol. Seja, porém, como for, tomou este nome da fórma que apresentava o arvoredo que lhe cobre a ponta da margem direita.

O rio do Sombreiro, não tendo a importancia do do Gabão ou do dos Camarões, não deixa por isso de chamar a attenção dos que desejam conhecer a natureza do clima da zona que estudâmos.

Ha, porém, uma rasão que per si só mostra a necessidade de se enumerar tal rio — é ser o quinto braço do delta do celebre rio Niger ou Quorra.

Rio de S. Barthomeu, dos Mafras ou dos Tres Irmãos.— É o sexto braço do delta do Niger, na margem occidental da golfo dos Mafras, o qual tomou o nome d'este rio. Tem de largura na entrada cerca de 1:852 metros, sendo baixa a margem direita e mais alta a esquerda. A alguns kilometros da foz, as terras regadas pelas aguas do rio são baixas e recortadas, parecendo formar ilhas.

Não tem sido bem examinado o curso d'este rio, mas, segundo Alexandre de Castilho, contam-se differentes ramos, indo um para o Niger e os outros para o Velho Calabar. Encontram-se tambem n'elle os mangues, como symbolo da insalubridade d'estas localidades.

Rio de Santa Barbara.— Communica este rio, como o antecedente, com o Niger. É o terceiro contando do cabo Formoso, ou o setimo começando do Velho Calabar. As suas margens são caracteristicas, estando a direita quasi a prumo e a esquerda destacando-se em fórma de escada, o que lhe dá um aspecto singular. O que é este rio, emquanto á salubridade, avalia-se pela posição em que se acha; está quasi no centro das margens do delta do Niger.

Rio de S. Nicolau.— É este o segundo rio desde o cabo Formoso, ficando a sua foz cerca de $433^{k}3$ distante da ilha de S. Thomé, o que deve ter-se em consideração, attenta a localidade em que está situada.

Rio de S. Bento (St. John or Brass). — É o primeiro que se apresenta, dobrado o cabo Formoso para se entrar no golfo dos Mafras. A sua ponta occidental está a 4° 16′ de latitude N. e 15° 22′ 6″ de longitude E.

O extremo da margem direita do golfo dos Mafras é o cabo Formoso, o qual fica entre o rio de S. Bento ao oriente e a foz do Niger ao occidente.

A entrada do rio de S. João ou de S. Bento tem 10 kilometros, e communica por varios esteiros ou braços com o Quorra ou Niger de um lado e do outro com quasi todos os rios que lhe ficam perto e para E. Alarga-se adiante da foz uns 370 metros, e tem de fundo 20, e as margens, para não haver excepção, são tambem orladas de mangues.

Cabo Formoso. —Para se fazer idéa clara do que é este cabo, reproduzimos o seguinte trecho do livro de Alexandre de Castilho.

«Descreve quasi um arco circular de grande raio a beira-mar do vasto delta do Quorra, o qual sáe uns $129^{k},6$ para S. da linha tirada do sitio mais recuado do golfo de Benim (da aldeia de Jacknah) ao mais recuado do golfo dos Mafras (o rio de El-Rei); se bem não haja por ali ponta alguma, chamaram os portuguezes cabo Formoso á extremidade oriental do golfo de Benim, onde a terra se encurva para E. Julgâmos que o mais acertado será dar esse nome á ponta das Palmas, por ser em toda essa costa o sitio que mais resáe.»

Rio Niger ou Quorra e o celebre delta que elle forma.—O rio Niger ou a *Cruz dos Geographos,* como lhe chama Malte-Brun, tem sido o objecto de grandes discussões entre os sabios da Europa. Mas não appareceu a luz sem o sacrificio de numerosas victimas. Era indispensavel observar o curso dos rios, os usos e costumes dos povos, a fertilidade e riqueza d'aquella região desconhecida. Não faltaram ousados exploradores. A morte de um

não fazia desanimar os outros. Merecem todos homenagem, e citaremos Mungo Park, Denham, Peddie, Oudney, Ritchie, Clapperton, Caillé, Gray, Olefield, os irmãos Landers, como benemeritos da humanidade, não esquecendo Allen, Beecroft, Trotter, Richardson, Overweg, dr. Barth e T. Hutchinson, porque, assim como os primeiros, se empenharam na solução de uma questão tão debatida entre os geographos e a qual dependia sómente das observações feitas nos logares de que se tratava.

Das viagens dos differentes exploradores têem-se obtido minuciosas informações.

Divide-se o Niger em tres regiões, alta, media e inferior, sendo esta ultima a que forma a região central do delta.

A direcção que tem este celebre rio, as planicies que atravessa, os seus affluentes e os lagos com que communica, estão summariamente descriptos pelo nosso habil e minucioso hydrographo, Alexandre de Castilho.

A importancia do assumpto justifica plenamente a seguinte transcripção:

«Nasce o *Dhiouliba* na encosta de E. do monte Loma, um dos que formam a serrania do Kong, a qual, estendendo-se E.-O., atravessa toda a Africa Central. Na costa oriental d'essa cordilheira fica a nascente do Dhiouliba, pela mesma latitude em que está a do rio da Serra Leôa, sita na vertente O. do mesmo monte.

«Banha o Dhiouliba toda aquella cadeia, á qual dá volta, seguindo para E.; atravessa depois o lago Debo, e, subindo para N., vae passar quasi ao pé de Tombuctu, que fica a uns 9 kilometros do rio, e por 18° N. e entre 5° e 6° E. Exagerou-se muito, em outros tempos, a grandeza e opulencia d'essa cidade africana, hoje pertencente a fullanes e a tuaregs; não passa, porém, de $4^{k},5$ a sua circumferencia, nem de 13:000 almas a sua população fixa, a que haverá a ajuntar umas 6:000, de novembro a janeiro, tempo em que ali chegam as caravanas.

«Corre depois o Dhiouliba para SE., banha Gao, Say, Boussa, Rabba, Egga, troca o nome pelo de Quorra, no sitio onde despeja o Tchadd, e desce para S., regando as planicies de Guiné, onde se divide em muitos braços que retalham $166^{k},6$ de costa.

«Os seus principaes affluentes conhecidos são: o Sirba, o Tchadd, que atravessa as provincias de Kororofa e Doma, e se chrisma depois em Renué; passa em seguida por Baber e Adanova, e, ao dizer dos antigos e tambem de alguns modernos, communica-se com esse grande Caspio africano, *o lago de Tchadd,* que tem uns *67:912 kilometros quadrados* de superficie, e onde despejam os rios Chary ou Asu, do qual foge para o lago Tumbury um ramo que banha Logoum, Komadougea e Yeou. A essa ra-

mificação vae ter outra, por nome Cambarou, a qual nasce perto de Kano, cidade de 30:000 vizinhos, e capital da provincia do Kano, onde se contam 150:000! Tambem nas margens d'aquelle lago assenta a cidade de N'gornou ou da Benção, muito limpa, mas pobre, e cuja maior parte foi destruida pelas inundações de 1854 e 1855. Pouco para N. d'esta se levanta a cidade de Kouka, formada de dois bairros distinctos, cercados ambos de muralha, e unidos por estrada com seus 800 metros de comprido: n'um d'esses bairros, e em grandes casas bem arruadas, reside a parte mais rica da população; no outro, porém, onde mora a gente pobre, são estreitas as ruas e formadas de cabanas miseraveis.

«São tambem affluentes do Quorra: o Condoma, que atravessa as provincias do Nufi e Igbira, e nasce pouco para cima de Egga, e o Rima ou Fadama, que atravessa Dendina, Zaberma, Zanfara e Gouber, e deita dois ramos, um dos quaes banha Sokoto, residencia de um sultão e o outro passa por Katchena, cidade que nos seculos XVII e XVIII foi cabeça d'aquella parte do Soudan, occupa uma área de 20 ou 22 kilometros quadrados, e conta hoje só 8:000 almas.

«Reparte-se depois o Quorra nos seguintes rios:

«Para O. da foz: rio da Lagoa (1.º), Formoso ou de Benim, dos Escravos, dos Forcados ou de Oére, dos Ramos, Dodo, Pennington, Middleton, Blind, Winstansley e Sengana, total onze braços.

«Para E.: rio de S. Bento, de S. Nicolau, de Santa Barbara, de S. Bartholomeu (ou dos Mafras), do Sombreiro, Real ou de Calabar (New Calebar), de Boni, de Done (Andoney), e Calbary ou Velho Calabar (Old Calebar ou Dongo), total nove braços.»

A descripção que acaba de ler-se a respeito do tristemente celebre rio Niger, dá idéa approximada do seu curso e dos numerosos braços por que elle desagua no mar. Para o nosso fim seria sufficiente o conhecimento do Niger propriamente dito e do seu famoso delta, se, a par das condições de salubridade ou insalubridade de cada local, não quizessemos coordenar tudo o que possa concorrer para a resolução das principaes questões de colonisação da Africa portugueza, onde não ha regiões tão infamadas de insalubres como aquella, e cuja geographia comparada é muito util conhecer-se.

Continuaremos, pois, a pôr em relevo os pontos principaes de que é preciso ter conhecimento, para fazer idéa de qualquer paiz da Africa equatorial.

O vertice do angulo superior, cujos lados formam o delta do Niger, está situado na aldeia denominada Nidoni, muito para o S. do logar da juncção das aguas do Tchadd, vindo do E., com as do Dhiouliba, correndo de O. para NO. e SE. Aquelles dois rios, confundidos n'um só, o Niger,

descem depois para o S. lançando-se no mar nos pontos designados pelo illustrado geographo Alexandre de Castilho:

«A 11^k,1 do rio Sengana, a 203^k,3 da embocadura do de Benim, para E$4^1/_2$SE. do cabo de S. Paulo, e finalmente em 4° 16′ 20″ de latitude N. e 15° 12′ de longitude E., se abre a foz do rio Quorra, tambem chamado Niger, Kouara, Dhiouliba, Mayo, Eghiriéou, Isa e Baki-n'roua, que tudo equivale a dizer *O Rio* nas linguas da terra.»

É de 1:852 metros a largura da entrada do Quorra e de 2:315 a distancia entre as pontas, por saír a extremidade oriental do rio 1:389 metros mais para S. do que a occidental. Ambas são arenosas e cobertas de arvoredo.

Os tres pontos ou vertices principaes do delta do Niger são, finalmente, ao oriente, a foz do Velho Calabar, ao occidente, a do rio da Lagoa, e, da parte do N., como dissemos, uma aldeia ao S. da reunião dos grandes rios Dhiouliba e Tchadd, denominada Nidoni.

Poderia tambem marcar-se o vertice do angulo superior do delta nas aldeias de Damaggo ou Kirri, de junto das quaes sáem os braços que põem o Niger em communicação com o Velho Calabar; mas da aldeia de Nidoni para baixo está o maior numero de confluentes, e fica por ali a parte central do delta.

É muito extensa a superficie miasmatica formada pelos braços do Niger, havendo logares em que as febres perniciosas acommettem os forasteiros nos primeiros dias da sua chegada. Nenhum navio ali deve commerciar sem que leve os soccorros que a sciencia indica.

Antes de fallarmos ácerca dos rios principaes que formam o Niger, apresentâmos um mappa dos braços de que se compõe o seu famoso delta, e a respeito de cuja fórma e posição apparecem divergencias que não devem existir.

«Na Africa, diz o diccionario de Larousse, o Kouara forma, approximando-se do golfo de Guiné, um vasto triangulo equilateral, envolvido pelo Velho e Novo Calabar e rio de Noun.»

O delta do Niger, pelo contrario, tem por lado externo, direito, os rios da Lagoa e de Benim, e por lado externo, esquerdo, um dos affluentes ou ramos do Velho Calabar. Alem d'isso chama-se *rio de Noun* ao proprio Niger, e o *Novo Calabar* fica entre os braços da margem esquerda do delta, e não póde portanto envolvel-o.

As numerosas bôcas do Niger mostram a fraqueza da corrente das suas aguas e o pouco declive dos terrenos em que elle corre. Já assim não acontece ao rio Amazonas, na America do Sul, poisque a corrente segue com tal força que penetra no Oceano até muitos kilometros da foz, e não deixa atrás de si a serie de confluentes que ha nas margens do Niger.

AFFLUENTES DO RIO NIGER E SEUS BRAÇOS PRINCIPAES

Rio *Dhiouliba,* vindo do NO. e o rio *Tchadd,* vindo do E.

reunem-se em {7° 45′ de latitude N. / 6° 49′ de longitude E. (Greenwich).

369^k,3 do *Cabo Formoso,* que sáe uns 55^k,5 para fóra da linha tirada entre os pontos mais recuados dos golfos de Benim e dos Mafras, ambos aquelles rios formam

O rio Niger ou Quorra

que desce para o S. e desagua no mar por 20 bôcas, 11 para a direita e 9 para a esquerda da foz, dando assim origem ao

Celebre delta do Niger

Margem occidental, comprehendendo 398^k,1 da costa oriental do golfo de Benim.

Margem oriental, comprehendendo 266^k,6 da costa occidental do golfo dos Mafras.

		Distancia em linha recta entre cada uma das embocaduras dos braços do delta		
Lado exterior, direito, do delta.	Rio da Lagôa ou Lagos, dista..............	382^k,2	do rio Velho Calabar	Lado exterior, esquerdo, do delta.
	Rio Formoso ou de Benim, dista.........	305^k,5	do rio Done, Andoney ou Antonio.	
	Rio dos Escravos, dista	250^k,0	do rio de Boni ou de Obâne.	
	Rio dos Forcados, dista	214^k,8	do rio Real ou Novo Calabar.	
	Rio dos Ramos, dista ..	188^k,9	do rio do Sombreiro.	
	Rio Dodo, dista.......	175^k,5	do rio de S. Bartholomeu ou dos Mafras.	
	Rio Pennington, dista..	122^k,2	do rio de Santa Barbara.	
	Rio Midleton, dista....	83^k,3	do rio de S. Nicolau.	
	Rio Blind, dista.......	57^k,4	do rio de S. Bento, S^t. John or Brass.	
	Rio Winstansley, dista..	18^k,5	da foz do rio Niger.	
	Rio Sengana, dista.....	11^k,1	da foz do rio Niger.	

Foz do Niger ou Quorra

{4° 16′ 20″ de latitude N. / 15° 12′ de longitude E. (Lisboa).

Distando esta, finalmente,

da foz do rio Velho Calabar.......	255^k,5	vertices do delta.
da foz do rio da Lagôa...........	392^k,6	vertices do delta.
da aldeia de Nidoni..............	138^k,9	vertices do delta.
da ilha de S. Thomé.............	444^k,6	
da ilha do Principe..............	333^k,3	

O centro do delta do Niger dista

da costa do NO. da ilha de S. Thomé 511^k,1; da costa do NO. da ilha do Principe 348^k,9

Os rios que formam o Niger vem um do nascente e outro do poente, regando largas planicies. Nas proximidades d'elles ha cidades, villas e algumas aldeias ou povoações de que nos occuparemos resumidamente.

Rio Tchadd.—Este grande rio, affluente do Niger, atravessa paizes muito ferteis, ficando em 9° a 11° de latitude N. É navegavel para grandes embarcações até ao interior de Adamova.

Adjacente á margem esquerda fica o Kororafa com a capital Wukari; Iola, capital de Adamova, que é cortado pelo rio Faro, affluente do Tchadd, já chrismado em Benué ou *mãe das aguas*. Na margem direita está Doma e Baber.

O rio Kebbt, por 9° de latitude N., põe o Benué em communicação com o lago Tumbori, e d'este sáe o rio Serbenet para o Grande Caspio ou lago Tchadd.

Ao dr. Barth devem-se minuciosas informações dos paizes banhados por este notavel rio, e dos que se acham na margem occidental do lago Tchadd, especialmente de Kouka, capital de Bornou.

Segundo as dimensões por nós dadas á zona equatorial, podem nomear-se como povoações de transição entre a zona equatorial e a tropical n'esta parte da Africa, os paizes denominados Baghirmi, Bornou, Houssa, etc.

Nos arredores de Mabani, observa o dr. Barth, encontram-se campos ferteis, arvoredos formosos, muito capim ou herva de Guiné, indigo, gados, bastantes trabalhadores, aldeias em todas as direcções e, a par de tudo isto, as herdades arrendadas, por onde póde aferir-se a vida descuidada dos proprietarios.

Os mamoeiros erguem-se por entre as searas, ostentando seus deliciosos fructos, e os edificios são construidos de modo que denotam não haver por ali as chuvas fortes de outros paizes.

A viagem, em terras onde faltam todas as commodidades, não póde ser agradavel. Os caminhos são perigosos, vadeiam-se rios, percorrem-se charcos e planicies sem estradas, estando a vida em constante perigo.

Os exploradores da Africa, os obreiros do progresso, que seguem na frente da humanidade, são os martyres da sciencia. A sua linguagem é simples e sincera, os seus actos arrojados e valorosos. Para melhor reforçarmos a nossa opinião, transcrevemos um trecho da viagem do dr. Barth, quando pela primeira vez se viu em frente do rio Tchadd:

«Poucas vezes o viajante deixa de ser enganado na sua esperança, quando se vê em presença dos logares que havia imaginado; mas a realidade excedia a expectativa, e foi este um dos momentos mais felizes de minha vida.

«Nascido proximo ao Elba, tive sempre predilecção pelas margens dos rios, e, apesar do estudo exclusivo da antiguidade, que me occupou por muito tempo, nunca perdi as impressões da infancia. Logoque me foi possivel associar o estudo ás viagens, sentia verdadeiro prazer quando seguia o curso dos rios, vendo-os nascer, formar riachos, crescer, tornarem-se em ribeiros e depois em rios, muitas vezes caudalosos, cuja foz me comprazia em observar.

«Se percorria qualquer paiz desconhecido, o meu ardente desejo era descrever as correntes de agua que o banhavam, e desde ha muito tempo pensava em conhecer o rio Benué ou Tchadd. Era, porém, grande a alegria que sentia ao contemplar aquelle rio, e ao ver confirmadas as minhas idéas a respeito d'elle.

«Tinha agora a certeza de que por este grande canal se poderia chegar ao centro da Nigricia, ao interior da Africa Central. O caminho estava descoberto, e era grande a minha satisfação ao lembrar-me de que a influencia e o commercio da Europa fariam desapparecer d'ali as guerras de religião e a escravatura, isto é, a caça feita ao homem, concorrendo para o desespero de muitos povos pacificos e laboriosos.»

O dr. Barth não desanimou em presença de todas as difficuldades que se lhe apresentaram, nem os perigos que o rodeiavam o faziam desistir do seu intento. Ora ameaçado pela morte, ora perdido e exhausto de meios, nunca aquelle espirito superior desfallecia.

Saíu de Mabani, dirigindo-se para o rio Tchadd, a fim de visitar Adamova. Deparavam-se-lhe, nas proximidades do monte Mendif, planicies em que pastavam rebanhos de carneiros e de cavallos, e os habitantes empregados nos trabalhos agricolas. Mais alem, em Kofa, viam-se prados esmaltados de flores, vastos campos de sorgho, vigorosas arvores e toda a exuberancia da vida vegetativa das regiões intertropicaes.

No meio das suas fadigas, o dr. Barth, muitas vezes cansado e doente, subia aos logares mais elevados para observar os terrenos que o rodeavam, alargando por muito longe o seu horisonte visual. Sentia-se animado, observando as montanhas que se erguiam ao longe e os campos da Africa adusta que se lhe apresentavam cobertos de arvoredos e pastagens.

No meio dos bosques e florestas descansava, mitigava a sêde, humedecendo os labios com o succo de alguma fructa, e respirava o ar embalsamado com o perfume das flores. Achava-se então com mais forças para continuar a sua viagem na provincia de Marghis e Adamova.

A povoação de Marghis fica a 11° de latitude N., emquanto que Yola está proximo de 8°.

Adamova é uma das mais formosas provincias da Nigricia. Numero-

sos rios fecundam os valles, as montanhas são pouco elevadas, ha bons pastos e a vegetação é luxuriante; a coleira, a palmeira odorifera, o imbundeiro, o algodoeiro, a palmeira de azeite e as bananeiras justificam a fertilidade dos terrenos, onde se apascenta grande variedade de animaes.

Dhiouliba ou Niger.— Percorre este rio varias planicies e passa por differentes villas e cidades, situadas muito alem dos 11° 15′ de latitude N., limite entre as terras equatoriaes propriamente ditas e as que se acham sob o tropico boreal.

O curso d'este rio toma diversas direcções. Desce da face oriental do monte Loma por 9° 20′ de latitude N. e 16° 10′ de longitude O. de París, dirige-se do SO. para NE., passando ao S. da Tombuctu por 17° 30′ de latitude N., tendo, como diz o dr. Barth, o seu Havre em Kabara, formando ali uma bacia perfeita. Segue depois para E. e começa a inclinar-se para O. do meridiano de París, correndo em seguida para SE., tendo alguns affluentes antes de se reunir ao rio Tchadd.

Os paizes banhados pelos grandes rios Dhiouliba e Tchadd, e aquelles que ficam ao O., S. e E. do lago Tchadd, fazem contraste singular com as regiões d'essa immensa superficie chamada Saharà e com as terras rasgadas pelos braços do rio Niger. Aqui as doenças com todo o seu desolador cortejo, alem o sol abrasador e nuvens de areia, esterilisando tudo e tornando a vida impossivel; entre estes dois extremos, valles fertilissimos, aldeias alegres e povoações agricolas importantes.

Que falsa idéa se faz na Europa d'estes paizes! exclama o dr. Barth, ao atravessar as terras da bacia do Tchadd. Em logar da cordilheira dos montes da Lua, alguns montes isolados; em vez de planuras estereis, extensas planicies verdejantes recortadas por numerosas correntes de agua.

Não deve portanto condemnar-se um paiz por se achar na zona torrida, poisque, como já dissemos, nos alto-planos dos Camarões, cerca de 4° de latitude N., encontram-se o clima temperado, terrenos ferteis e povoações productoras; e no Saharà, região sub-tropical, faltam todas as condições de vida. É certo que o delta do Niger é muito insalubre, e que algumas cidades, taes como Kano, são prejudiciaes à saude dos europeus; mas as terras interiores de Dahomé e os paizes que lhes estão ao N. são bastante salubres e a sua fertilidade é admiravel. O mesmo póde dizer-se da região de Haoussa, que se estende à esquerda do rio Dhiouliba, das planicies que ficam ao S. de Mabani, dos alto-planos das ilhas de S. Thomé e Principe, onde já se apresentam fazendas abertas a mais de 900 metros de altitude.

Importa, pois, conhecer as terras favoraveis á aclimação e as que não a permittem, distinguindo as regiões agricolas d'aquellas em que apenas póde haver estabelecimentos commerciaes.

Seria loucura abrir uma fazenda nas margens do rio Formoso ou nas do rio Boni, mas nas melhores estações podem ir ali navios, demorando-se tres a quatro mezes sem perigo para a tripulação.

Aos colonos, quando abandonam os logares em que nasceram, o clima a que o seu organismo se havia accommodado, e os usos e costumes em que foram educados, convem saber em primeiro logar os meios hygienicos de que podem usar para não serem logo acommettidos das doenças; e em seguida conhecer se a terra é agricola, quaes os paizes mais proximos, e, finalmente, as praças da Europa que melhor recebem os productos cultivados nas regiões para onde vão transportar-se.

O delta do Niger e as ilhas de S. Thomé e Principe.— Os terrenos retalhados pelos vinte braços do Niger ou Quorra são de natureza essencialmente miasmaticos.

Os ventos que ali predominam chegam á ilha de S. Thomé pela costa em que está a villa de Nossa Senhora das Neves e a fazenda Diogo Vaz. Os dos rumos O. e NO. foram em 1872 registados apenas vinte e seis vezes. A distancia que elles têem de percorrer está desempedida de montes ou cordilheiras desde a parte mais afastada do delta, o que não acontece em grande parte da costa do Gabão, onde se levantam montanhas dispostas quasi parallelamente.

A cidade de S. Thomé e as fazendas abertas ao NE., E. e SE. estão abrigadas dos ventos que passam pelo delta do Niger, por meio de uma cordilheira bastante alta, o que deve ser tomado em consideração.

Tanto das margens do Niger propriamente dito, como das do rio Boni e Formoso ou de Benim, sopram os ventos com força. Os tornados e as correntes superiores podem trazer elementos ou miasmas nocivos á saude dos povos da contra-costa da ilha de S. Thomé, e por isso as praias, as encostas e os alto-planos d'aquella parte da ilha não devem ser escolhidos para colonias penaes, casas de saude e edificios publicos.

A exposição ao ONO. e NO. póde causar graves prejuizos e será sempre má condição para qualquer villa ou freguezia que, com o desenvolvimento e progresso agricola da ilha, se deseje estabelecer ou formar n'este local; e não se comprehende que motivos levariam Alvaro de Caminha a mudar a cidade de S. Thomé da costa do NO. para a bahia em que hoje se acha.

No Gabão, foram os francezes obrigados a sair da margem esquerda, onde a vida dos trabalhadores e empregados corria bastante perigo,

para a margem direita que é considerada menos insalubre. É necessario, porém, não esquecer que os 455 kilometros que separam a ilha de S. Thomé do delta do Niger ou os 333 kilometros que medeiam entre elle e a ilha do Principe são facilmente atravessados pelos ventos saturados dos effluvios pantanosos que se levantam de tão vasto delta. Os tornados seguem sempre a mesma direcção. Observações meteorologicas attestam este facto, podendo citar-se até bastantes casos bem determinados. Um tornado passou em 29 de novembro de 1836, em Londres, ás dez horas e meia, atravessando uma larga superficie de mar; em Hamburgo, sempre na direcção NO., ás seis horas da tarde do mesmo dia, isto é, approximadamente 612 kilometros, distancia muito maior do que ha entre o delta do Niger e as ilhas de S. Thomé e Principe.

Os ventos superiores, diz mr. Daguin, transportam para longe as cinzas dos vulcões. Em 1853 as cinzas do vulcão de Cassiguina, no estado de Guatemala, caíram na Jamaica, sita a E., em tal abundancia que a cidade ficou obscurecida por muitos dias. Na primavera e no outomno viu-se caír em Lyon, em Malta e em Genova um pó muito fino, trazido pelos ventos de longiquas paragens, e sendo convenientemente examinado se reconheceu que provinha de pantanos deixados a descoberto e expostos ao sol. Aquelle pó conservou-se no ar trinta a quarenta dias.

A influencia dos ventos sobre a natureza dos climas é, pois, um facto incontestavel e que merece ser attentamente observado, quando se trata de estudar a salubridade de qualquer paiz.

Grande mar interior ou lago de Tchadd.—Este grande lago, cuja superficie é quasi o dobro da da Belgica ou setenta e tres vezes maior que a da ilha de S. Thomé, fica por 14° de latitude N., isto é, na zona tropico-equatorial, no chamado imperio de Bornou. Eleva-se 252 metros acima do nivel do Oceano.

A margem S. d'este lago, o qual é maior do que toda a Suissa, está approximadamente a 1:315 kilometros da foz do Niger, 1:110 do rio dos Camarões e 1:666 da ilha de S. Thomé. Toda a região que o rodeia é povoada e tem sido observada em differentes epochas por exploradores inglezes, aos quaes se devem minuciosas informações a respeito dos habitantes circumvizinhos,

Collocado ao S. do grande Sahará, o lago Tchadd, modifica o clima dos paizes limitrophes, cuja fertilidade é attestada por todos os viajantes.

As terras da bacia do lago Tchadd, escreve Malte-Brun, recebem as aguas que banham Haoussa ao O. e têem ao N. o Sahará, ao E. o Darfour e ao S. a planicie ethiopica da Africa Central. O dr. Barth, tendo visitado este lago, escreveu a respeito d'elle o seguinte;

«Quando cheguei ás margens do lago o sol era abrasador, mas a brisa fresca da manhã veiu enrugar a superficie das aguas, tornando o calor supportavel. Poderia ter acalmado a sêde, por pouco que me abaixasse, pois a agua chegava-me quasi aos joelhos. Estava, porém, quente e conspurcada de detritos vegetaes, tornando-se impropria para beber. Era todavia potavel, e deve ter-se por erronea a opinião d'aquelles que suppõem ter o lago Tchadd qualquer saída ou communicação com o mar. A sua agua não é salgada como o mostra a falta de sal n'aquelle paiz e a má qualidade das pastagens, á qual, por carencia de tal elemento, se attribue o mau leite das cabras que ali se alimentam.»

Muitos rios despejam n'aquelle lago, que, segundo o dr. Barth, tem a apparencia de uma immensa lagoa, cujas margens mudam mensalmente, sendo quasi impossivel levantar-lhe o plano com exactidão.

Rio Formoso ou de Benim.— Fazemos especial menção d'este rio por ser um dos mais notaveis braços da margem direita do delta do Niger. Foi descoberto em 1484 por João Affonso de Aveiro. Atravessa um dos reinos mais importantes de Africa equatorial e com elle communica o celebre esteiro d'Ouêre, junto ao qual tivemos uma feitoria e uma igreja. O clima de Benim é reputado pelo naturalista Palisot Beauvais como o mais insalubre do mundo.

O rio Formoso ou Benim está cheio de recordações francezas, segundo diz A. Tardieu. O capitão Landolphe habitou e frequentou durante quatro annos consecutivos todas as paragens do Benim e do Ouêre sem suspeitar que o rio d'Oére tambem era um dos braços do Niger. É preciso procurar sitio apropriado para fundear, e onde possam chegar as brisas do largo, para de algum modo attenuar a insalubridade do clima.

Rio da Lagoa ou Lagos.—Este rio fica em 6° 26′ 29″ de latitude N. e 12° 34′ 29″ de longitude E. A aldeia de Lagos está situada na ilha da Lagoa tão proximo á costa continental como a de Coramo.

A costa de Lagos até ao sitio denominado costa dos Pospós tem differentes territorios portuguezes, entre elles o de Badagry e o de Ardra.

Com a indicação do rio da Lagoa, terminâmos a enumeração dos braços do Niger, sendo este o primeiro da margem occidental, contando do occidente para o oriente, e chegâmos á costa portugueza, onde temos tambem, segundo a declaração de M. A. Lefèvre, as colonias de Quita e Grão-Popó, comprehendidas no territorio portuguez de Ajudá, cuja posição na costa de Benim é muito importante; e por fazer parte da provincia de S. Thomé o estabelecimento ou forte que ali temos, julgâmos util reunir algumas informações, a fim de se poder formar uma idéa approximada d'aquelle territorio quasi abandonado.

Badagry.— Conhece-se por este nome uma cidade e um reino que principia na margem occidental do golfo de Benim, e é hoje tributario de Iarriba. A. Tardieu reputa parte de Badagry districto portuguez, e por isso o mencionâmos antes de fallar do estabelecimento de S. João Baptista de Ajudá.

Badagry está a uns $33^k,3$ para $E^1/_2NE.$ do Porto Novo, em 6° 24′ 12″ de latitude N. e 12° 2′ de longitude E., isto é, na margem septentrional da lagoa, a 1:234 metros do desembarcadouro.

A lagoa tem cerca de 617 metros de largo sobre 7 de profundidade, e a lingua de areia que a separa do Oceano é calculada em largura quasi igual.

S. João Baptista de Ajudá e o districto ou territorio correspondente.— Ajudá (Whydah) fica approximadamente a 2:778 metros do mar, tendo ao S. a lagoa, cuja largura orça por 463 metros e a profundidade por $1^m,2$.

A aldeia de Gregué (Griwhee) está junta d'este estabelecimento.

Desembarca-se no porto de Ardra ou de Aladá, passando-se o celebre banco de que todos fallam com respeito e que poucos transpõem sem temor.

Muitas viagens têem sido feitas a Ajudá e ao reino de Dahomé, tornando-se curiosas pela descripção dos usos e costumes dos povos d'aquella região e das bellezas naturaes que ella encerra. A essa unica fonte recorremos para descrever o estabelecimento de Ajudá e o districto que lhe pertence.

É pequeno o numero de brancos que residem em Ajudá, segundo a informação do dr. Repin. Alem dos empregados da feitoria franceza ha tres ou quatro familias de origem portugueza. Os mulatos occupam uma parte distincta da cidade, são assás numerosos e fallam uma especie de *patois* portuguez.

Em Ajudá ha *perto de 4:500 subditos portuguezes,* segundo informou o commandante do forte portuguez em 1874. Não ha, porém, systema administrativo, e não se tem cuidado de estabelecer relações com os chamados reis de Dahomé, procurando por todos os meios possiveis celebrar contratos commerciaes e obter a concessão de terras, como os francezes têem conseguido no Gabão.

O territorio de S. João Baptista de Ajudá recebe não só os ventos do alto mar pelo S., tendo as brisas d'este lado, como tambem os que passam sobre as aguas da lagoa que lhe fica immediata. Os ventos de E. vem de sobre outra lagoa alimentada de muitos rios e communicando com Lagos.

Os ventos do O. correm do lado da lagoa de Avon.

São geraes estas indicações, e não dão idéa do clima de Ajudá, nem póde tambem ajuizar-se da influencia que os ventos têem na salubridade d'aquella região.

É realmente singular a disposição da costa occidental do golfo de Benim. Desde o rio Volta até o de Benim ha uma lingua de terra entre o mar e uma extensa lagoa. Apparecem aqui pantanos, alem aguas estagnadas, e, mais adiante, lagos communicando entre si e com o mar; mas bastam 30 a 50 metros de altitude, para apparecerem logares favoraveis á agricultura e á saude dos trabalhadores.

Do estabelecimento portuguez havia em 1847 a linda capella e uma grande casa circumdada por um jardim, mas tudo em abandono.

Para se entrar no forte é necessario atravessar o sarame portuguez, (especie de bairro ou aldeia) que o circumda n'um raio de 500 metros.

A pequena igreja do forte portuguez é uma singela casa com as paredes caiadas, e desde 1865 despidas de quadros, nua de paramentos e desprovida de alfaias.

O estabelecimento de Ajudá não occupa grande extensão de terreno, mas ainda assim contém capella, cemiterio, horta regular, duas casas grandes e differentes casas pequenas, praça de armas, etc., estando tudo cercado do competente fosso, ao qual se segue o terrapleno adjacente e a muralha. A porta da entrada é ampla e dentro do estabelecimento ha dois poços que fornecem agua potavel, que passa por boa.

Ignorâmos a média da temperatura da localidade. Não sabemos se a lagoa é de natureza miasmatica, nem conhecemos a constituição dos terrenos, a humidade do ar, etc.; e, n'este caso, faltam-nos os principaes elementos para determinar com exactidão a qualidade do clima e as causas que produzem as endemias predominantes. É certo, porém, que não só muitos brazileiros têem vivido por largos annos sob a acção do clima de Ajudá, como tambem differentes portuguezes.

O districto de Ajudá fica em posição vantajosa para o commercio, e com o progresso agricola do paiz melhorará a sua insalubridade. Corresponde-lhe, como já dissemos, o porto de Ardra ou Aladá, e estão na sua dependencia os habitantes do sarame ou bairro portuguez e catholico. O districto de Badagry, sobre cuja existencia se não poderá hesitar, e que, em presença do respeitavel testemunho de A. Tardieu, nunca deveria ter sido abandonado.

Para terminarmos, finalmente, as nossas considerações ácerca da posição dos portuguezes junto ao paiz dahomeano, transcrevemos o seguinte trecho de livro muito auctorisado.

«Com a edificação do forte, em 1680, e como consequencia d'elle o estabelecimento permanente de muitos portuguezes, resultou para Por-

tugal uma especie de supremacia e de poderio de que não é permittido duvidar.

«As provas abundam no grande numero de mulatos descendentes de portuguezes (milhares) que lá existem, e na immensidade de palavras da nossa lingua que, sem mudança ou com ella quasi nulla, passaram insensivelmente a formar parte do vocabulario do paiz. A lingua portugueza é ali muito conhecida e fallada, mas mesmo na linguagem propriamente dahomeana se encontram a cada phrase termos portuguezes ou de origem portugueza.»

Não póde admittir-se que os portuguezes construissem o forte de Ajudá, artilhando-o com peças de differentes calibres, dando-lhe um capitão director geral e governador, sem possuir terrenos e haver necessidade de os defender á mão armada.

Não é este um assumpto que possa desenvolver-se n'um trabalho d'esta ordem, mas não podemos deixar de consignar aqui a nossa opinião ácerca de um territorio que devemos conservar como parte integrante da monarchia.

Condições especiaes para o desembarque no porto de Ajudá.— Na costa occidental do golfo de Benim não ha portos abrigados, nem os escaleres dos navios servem para estabelecer communicação de terra para bordo. Ha no paiz canoas adequadas a este fim, tripuladas pelos praticos d'aquelle mar. O banco, segundo alguns escriptores, está a 220 metros da praia e é necessario evitar o tempo das ventanias, porque n'essa epocha nem as canoas da localidade ali podem parar.

A respeito do banco e do desembarque no porto de Ajudá, não podemos dar melhores informações do que as de um illustrado official de marinha que ali desembarcou.

«As communicações com a terra são muito difficeis, se não de todo impossiveis, quando não sejam effectuadas por meio de embarcações proprias da costa; grandes mas leves canoas de duas proas, e algumas d'ellas feitas de um só pau. São tripuladas por doze a vinte pretos minas (de S. Jorge, da Mina e arredores), que vão remando e *pagaiando* com pás (pagaias) curtas, ao som de monotonos cantos, emquanto um a que chamam *piloto*, vae em pé á prôa espreitando *a sota* em que póde no collo da vaga montar o banco, para então fazer signal ao patrão que governa atrevido sobre a praia, mandando remar com toda a força. Estes pretos minas fazem ali todo o serviço das embarcações miudas, cargas e descargas de navios; e todas as feitorias na costa têem engajados ao seu serviço *companhas* d'elles, que mandam buscar á Mina ou a S. Jorge. São pretos fortes e conhecedores do banco, aindaque, segundo dizem, menos atrevi-

dos que os Krowmen's (homens de Krow, costa de Krow entre a Liberia e cabo de Palmas), que fazem o serviço nos navios de guerra inglezes. Póde dizer-se que são os cabindas do golfo de Guiné, poisque, como estes em Angola, encontram-se por toda a parte no serviço das embarcações.

«Estavam ancorados tambem em Ajudá, alem do vapor inglez, quatro ou cinco navios mercantes de varias nações, mas nenhum portuguez. Emquanto ali nos demorámos, largaram uns e chegaram outros, não havendo nunca numero inferior ao apontado. Largáramos ancora em $16^m,5$ de fundo, e este de areia e lodo duro, que segurava bem o ferro; marcavam-se os barracões proximamente ao N. da agulha, e distava-se da praia talvez 2:778 metros.

«No dia 8 de março de 1865 vieram a bordo duas boas embarcações pertencentes a uma feitoria brazileira, e de que o feitor ou agente, João Branco, portuguez, natural da Figueira, graciosamente as offerecêra para este acto, bem como continuou a prestal-as para o serviço da escuna, sendo por isso só necessario pagar ás companhas, o que é baratissimo, pois se ajustam por viagens, e por cada uma se lhes pagam duas garrafas de aguardente, e em moeda da terra (busio) o equivalente a 333 réis de Portugal. Diga-se aqui que foi este Branco que muito se esmerou sempre em nos coadjuvar em tudo, revelando bem o seu patriotismo na alegria que mostrava ao apparecimento de portuguezes em missão de serviço. Portuguez, vindo do Brazil por conta de uma casa commercial d'aquella nação, estava ainda animado dos patrioticos sentimentos que tão distinctos fazem os nossos irmãos que ali vão buscar fortuna.

«Largámos de bordo, e após talvez vinte minutos de navegação estavamos perto da orla do banco, que me pareceu distar cousa de 80 ou 100 metros da praia, e sobre o qual se viam desenrolar as vagas que, não sendo n'este dia muito altas, comtudo encobriam a praia, os barracões e os homens. N'esta occasião as embarcações pararam, e emquanto os remadores debruçados sobre as suas pás esperavam o signal para empregarem toda a sua força e ligeireza, em fazerem vencer a passagem difficil, os pilotos em pé, na prôa, esperavam o momento propicio para o darem, e no emtanto pretendendo encarecer o seu merecimento, faziam mil momices e tregeitos, como se o terror os possuisse e considerassem o seu papel superior ás forças humanas; invocavam as potestades maritimas, pedindo-lhes que não fizessem mal aos brancos, e os deixassem desembarcar a salvamento, e depois de aspergirem as ondas com algumas gotas (poucas) de aguardente, que sempre pedem para esse effeito, deram por fim o signal, e aproou-se á praia com toda a velocidade que podiam imprimir á canoa duas duzias de vigorosos braços.

«Na praia estavam, como disse, centenares de negros que, quaes destemidos tritões, se achavam já em posição de se lançarem ao mar quando fosse preciso dar soccorro, e por isso é bem de suppor que, se n'esta occasião alguma embarcação se virasse, não houvesse a lamentar caso fatal; comtudo bom foi que não se fizesse a experiencia.»

O banco da costa de Ajudá não impede portanto que o porto seja procurado por navios de todas as nações, que ali vão commerciar.

Tivemos a felicidade, diz o commandante da escuna *Napier*, auctor da obra a que nos referimos, de effectuar sempre os embarques e desembarques sem novidade, apesar de encontrarmos algumas vezes o *banco* bravo.

Magestoso espectaculo que offerece o mar na costa de Ajudá.— São alterosas as ondas que se levantam sobre o banco da margem occidental do golfo de Benim. Todos os que ali desembarcam fallam d'elle com respeito. Não queremos supprir com palavras nossas o que escreveram aquelles que observaram tão magestoso espectaculo.

Vejamos, pois, a narração feita por testemunha ocular.

«Ficámos vestidos apenas com uma calça e uma camisa fina, a fim de estarmos preparados para qualquer acontecimento, e, feitas as despedidas, entrámos muito alegres nas canoas, mas não tardou que as nossas palavras fossem rareando e enfraquecendo a ponto de se ouvir apenas o canto monotono e cadenciado dos remadores, ao qual o bramir das vagas fazia estrondoso acompanhamento. Estavamos em frente de um dos mais magestosos e dos mais terriveis phenomenos do mar, *a barra da costa de Guiné.*»

«A ces moments solennels, continúa o dr. Repin, où l'homme va jouer contre les éléments une partie dont son existence est l'enjeu, il se recueille en lui-même, et le plus aguerri paye comme les autres ce tribut à l'instinct de la conservation.»

Diz um dos ex-governadores de Ajudá:

«É immenso, é arriscadissimo o banco de areia que corre ao longo da costa a distancia de 150 metros da praia, e sobre o qual ha sempre uma ressaca mais ou menos consideravel.

«Tão terrivel quão magestoso phenomeno do mar torna-se mais respeitavel e temido durante os mezes de abril a agosto, e opina o dr. Repin que sua causa póde attribuir-se aos ventos de SO. que reinam no golfão de Guiné durante essa epocha. E diz mais que, segundo parece, attrahido o furioso elemento pela rarefacção do ar devida á influencia dos raios solares repercutidos pelas areias ardentes do vasto continente africano, sob a sua acção incessante, cava o Oceano em longas ondulações que vem que-

brar-se sobre a praia, cujo declive para o mar é quasi insensivel. Estas vagas, na verdade gigantescas, algumas das quaes se elevam a 14 ou 15 metros, são repentinamente detidas na sua base, emquanto que a parte superior, obedecendo ao impulso recebido e continuando, sem obstaculo seu curso medonho, rola em enormes volutas, que vem despedaçar-se em terra com horrendo estrepido.

«Formam assim n'este resaltear tres linhas de ressacas, quasi igualmente espaçadas, a primeira das quaes fica a 300 metros pouco mais ou menos da praia.

«Para atravessar o banco é, pois, indispensavel haver grandes canoas de construcção propria, a fim de resistir aos elementos embravecidos. Têem ellas geralmente sido fabricadas em França ou Inglaterra ao preço de 315$000 réis. Medem 12 a 13 metros de comprimento e 2 de largura, de maneira que podem accommodar doze a quatorze tripulantes, alguma carga e tres ou quatro passageiros.

«Terminam igualmente em ponta nas duas extremidades, ou propriamente fallando, não têem pôpa nem prôa, e podem indistinctamente avançar ou retroceder sem virar de bordo.

«São tripuladas por destros marinheiros que, por determinado tempo e por bom preço, em Accará, Castello da Mina e Cabo das Palmas, são exclusivamente contratados para aquelle serviço.

«Estes homens, completamente nús, munidos de remos mui curtos, ligeiros, elegantemente cortados, e na extremidade em fórma de pá, á similhança da folha do golfão, guiam a canoa com a maior destreza, e sem apoiar o remo na embarcação, chegam a communicar-lhe admiravel velocidade.

«O piloto conta primeiro tres rolos de mar, que, passando successivos, vão quebrar-se na corôa da restinga; depois aproveita o intervallo dos dois mares e sua calma, e segue, remando com toda a presteza, até estar fóra do perigo.»

Todos os viajantes commemoram o magestoso espectaculo que offerece o mar na costa de Ajudá, mas nem todos são concordes a respeito da altura a que se levantam as vagas. Tambem uns chamam «barra» ao que outros denominam «banco», denominação esta que nos parece mais apropriada.

O dr. Repin diz que as ondas chegam a 16 metros, opinião que tem sido repetida por outros viajantes que passaram o banco. Os officiaes da *Venus,* porém, nunca mediram rolos de mar que excedessem 7 metros; mas aquelles que impugnam a opinião do medico francez confessam que «as ondas do mar embravecidas *sobem em magestosos e altissimos rolos,* quando encontram, como na costa de Ajudá, os fundos esparcellados e sem inclinação notavel».

Reino de Dahomé.— Está o territorio de Ajudá em taes relações com os povos dahomeanos, que seria grande falta não reunirmos aqui algumas informações ácerca d'este paiz, e sem as quaes não póde formar-se idéa exacta da importancia do territorio de S. João Baptista de Ajudá, do seu estado actual e da natureza do clima, fim principal que procurâmos attingir a respeito de cada localidade em particular.

O reino dahomeano é vasto, tem ao N. os montes do Kong, a O. o paiz dos Achantis e o rio Volta, a E. Yarriba e Lagos, e, finalmente, ao S. o territorio portuguez de Ajudá e muitas aldeias da costa occidental do golfo de Benim.

A capital de Dahomé está, segundo a maior parte dos viajantes, a 222 kilometros da costa, mas uns avaliam aquella distancia em 277 kilometros, e outros dão-lhe menor numero.

Junto do forte portuguez está a povoação denominada Whidah pelos inglezes, e Juida ou Judá por muitos francezes. É a cidade de Dahomé que confina com o districto portuguez.

O terreno é elevado, apresentando ao observador panoramas agradaveis, entre elles a lagoa orlada de mangues, o que é realmente uma vista animada e muito pittoresca.

Ha na povoação amplos jardins e alamedas de vistosas arvores, como refere o dr. Repin. Abundam as fructas, sendo dignas de mencionar-se as bananas, de cuja cultura tomam ali particular cuidado. Os mamoeiros dão fructo maior que os da ilha de S. Thomé, e são tambem mais estimados. As laranjeiras, os cajueiros e as mangueiras, não são raros no paiz.

Os terrenos de Dahomé produzem milho, mandioca, inhame, algodão, azeite de palma, etc.

Os viajantes não fallam do cultivo do café nem da do cacau.

Vastas florestas, em que dominam as palmeiras, cobrem aquellas terras. As principaes aldeias são rodeadas de boas culturas, e as cercanias de Abomé e de Caná muito ferteis. Introduziram-se ali diversas arvores que se aclimaram bem, o que demonstra com evidencia a boa qualidade dos terrenos, o que já era indicado pela grande quantidade de palmeiras.

A capital do reino é reputada salubre em relação aos povoados proximos á costa. É, porém, de esperar que, com a civilisação e progresso introduzido entre aquelles povos, desappareçam na maior parte os brejos, pantanos e charcos que ha no paiz, completamente abandonado das obras de arte e da agricultura, a qual sendo feita segundo o estado dos terrenos e processos agronomicos modernos, é um dos mais poderosos meios para sanear as terras de qualquer localidade insalubre.

Caminho de Ajudá até á capital de Dahomé.— Quando se attenta no mise-

ravel estado em que se acha um paiz tão fertil como o de Dahomé, não podemos deixar de lamentar aquelles povos. Mas não são sómente os dahomeanos que habitam uma região tão abandonada, a maxima parte dos povos de Africa estão nas mesmas circumstancias. Se olharmos para as regiões da Africa equatorial, podemos dizer que ainda não raiou para ellas a luz de civilisação, nem têem os beneficios do progresso moral e material de que gosam todos os paizes da Europa e quasi todos os das duas Americas.

Os povos de Africa contentam-se com os fructos espontaneos que a terra lhes offerece em abundancia, e occupam-se em se destruirem uns aos outros. Quando lhes falta o pretexto da religião, aproveitam causas futeis e rasões frivolas para talar campos, queimar cidades e escravisar populações inteiras. É o direito do mais forte que impera; não se respeitam as leis nem a fidelidade dos contratos.

Não póde durar por muito tempo similhante estado. A Europa, a cabeça e o coração da humanidade, levará ao seio d'esses povos os principios da justiça, da rectidão e da liberdade. O christianismo enlaçará os individuos, as familias, as provincias, as nações, finalmente, que se levantarem n'aquella zona privilegiada; celebrar-se-hão contratos politicos e commerciaes que serão respeitados. A familia não será um mytho, nem as nações um fóco de immoralidade. Apparecerão, emfim, escolas nos logares onde hoje se fazem os horriveis sacrificios de victimas humanas.

Em Abomé estão os jazigos dos reis defuntos, e ali se fazem as inaugurações dos novos reis que lhe succedem. A pratica usada em taes occasiões é a seguinte:

«No centro d'aquelle palacio ha um grande carneiro subterraneo de 22 metros em quadro, para receber os cadaveres dos reis. Logoque um morre, colloca-se no meio d'esta catacumba uma especie de eça feita de grades de ferro, sobre a qual se põe um ataude de barro, AMAÇADO COM SANGUE DE CEM CAPTIVOS FEITOS NAS ULTIMAS GUERRAS, os quaes n'este acto são degolados para irem servir no outro mundo o fallecido rei, cujo cadaver se deposita n'este caixão sanguineo, tendo por cabeceira a caveira de algum rei vizinho por elle vencido em guerra; e as ossadas e caveiras de todos os outros reis, que elle similhantemente tiver feito morrer, se collocam como trophéus debaixo da eça: depois d'isto assim disposto, obrigam a descer ao subterraneo oitenta mulheres dansadeiras do rei, chamadas abaiás, e cincoenta soldados da sua guarda, que o devem acompanhar na viagem, e para todos se provê de mantimentos. E, o que é de pasmar, não faltam pessoas de ambos os sexos que voluntariamente se offereçam a tão horrorosa emigração, e para as quaes se conserva por tres dias aberta a estreita entrada da catacumba; findo este praso, se lhe

impõe a pedra fatal, que a cerra, e deixa sepultados vivos todos aquelles miseraveis!»

Similhantes monstruosidades parecerão fabulas, quando raiar a luz da instrucção para os povos de Africa. Urge apressar essa hora.

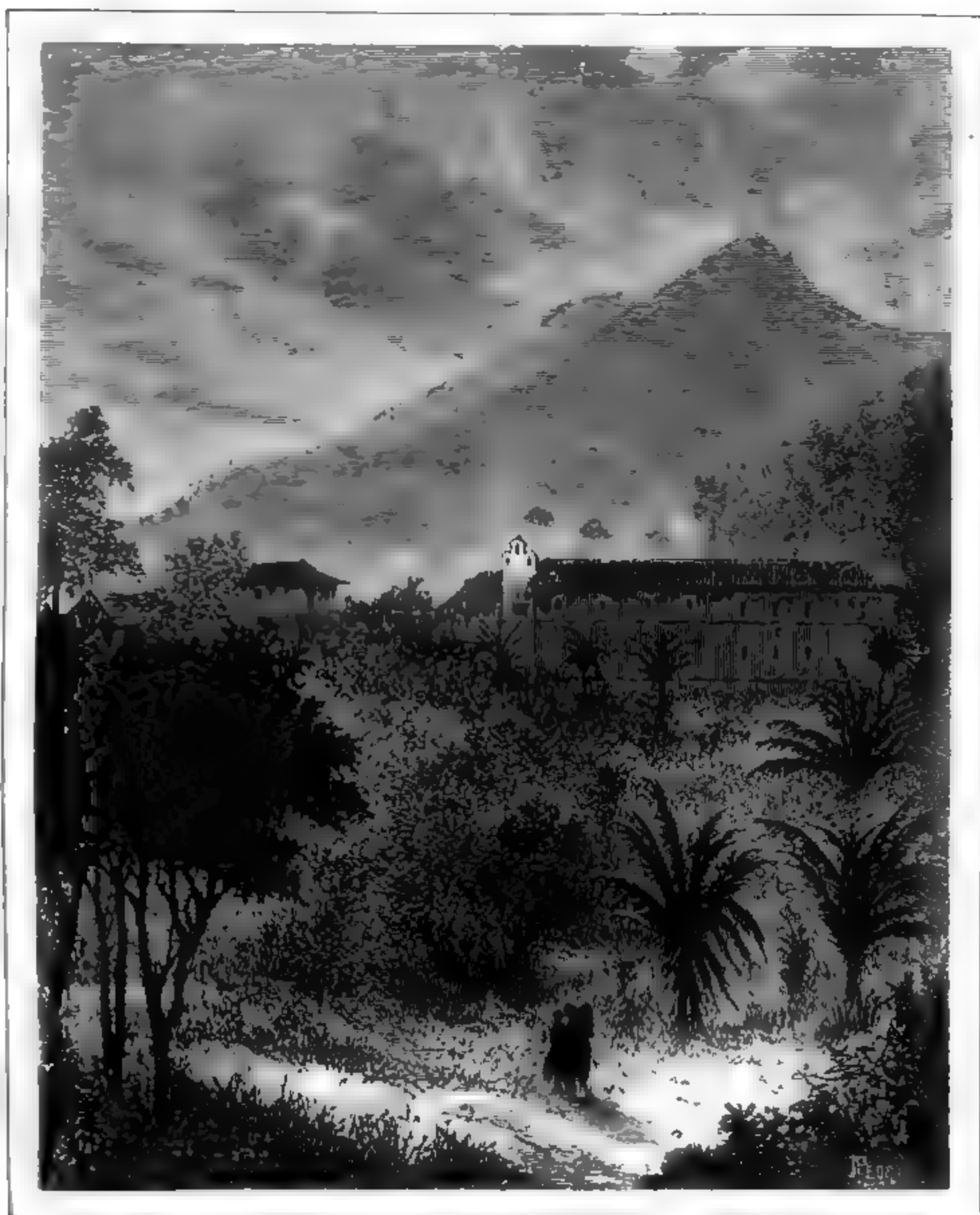
A Africa de hoje não será a de ámanhã. Onde actualmente ha caminhos intransitaveis, serão construidas vias ferreas ou boas estradas. Mas emquanto não chegar essa epocha, os viajantes, se tiverem coragem de seguir ávante, não deixarão de estar mettidos na agua até aos joelhos, como o dr. Barth, quando se approximou do lago Tchadd, ou andarão nas prosaicas maxillas ou tipoias sujeitos a caírem, batendo com o dorso no chão ou tomando um banho forçado ao atravessar qualquer rio ou aguas encharcadas.

Vem estas considerações ao attentarmos nas prodigiosas riquezas naturaes do reino de Dahomé, e na falta de vias de communicação entre a capital e a costa maritima.

O caminho que se segue para ir de Ajudá a Abomé foi descripto pelo dr. Repin, quando ha dez annos ali foi, como medico do navio encarregado de levar commissarios para dar presentes ao rei de Dahomé, e pedir-lhe que permittisse fossem educados em França um ou dois dos seus filhos...

«Saíndo da cidade de Ajudá, observa o dr. Repin, atravessa-se uma vasta planicie em que ha diversas culturas, vendo-se magnificas palmeiras de azeite.

«Passada a primeira povoação, encontra-se um regato orlado de plantas aquaticas, pouco distante do qual está outra povoação. Deparam-se depois campos de mandioca e uma formosa mata, uma d'essas maravilhas que não se encontram nos paizes da Europa.

«As palmeiras e os coqueiros, cuja alta estipe se assimilha a graciosas columnas sustentando cupulas de verdura, os enodendros de tronco colossal, as magnolias cobertas de largas flores brancas, embalsamam o ar matinal; variadas mimosas de elegante folhagem e os sombrios mangues crescem livremente n'estas florestas, onde não penetrou ainda o machado destruidor. Protegidas pela sua sombra impenetravel, enlaçadas em seus robustos ramos, destacam-se differentes trepadeiras cujas hastes flexiveis e caneladas pendem em fórma de festões cheios de flores. É deslumbrante esta vista, quando se procura descobrir o céu azulado que se levanta por cima de todo aquelle arvoredo, mas não são menos surprehendentes as arvores mais humildes, mas mais uteis aos homens. As bananeiras e as laranjeiras estão como que a offerecer seus deliciosos fructos ao viajante, e os ananazes patenteando a brilhante corôa, erguem-se a poucos palmos acima do chão, destacando-se de entre suas robustas folhas.»

Colonia S. João. Vista da habitação do lado oriental

Não se percorre este soberbo bosque em menos de cinco horas. Apparecem depois mais planicies cultivadas e outro grande bosque, podendo descansar-se algum tempo n'uma das clareiras em que ha uma povoação, ou seguir, se for possivel, até á cidade chamada Aladá. Passada esta e uma planura bem cultivada, entra-se em terceiro bosque, no qual estão as denominadas *casas reaes,* pelas quaes aquelles povos têem grande veneração. É n'essas casas que os reis de Dahomé descansam quando andam de viagem pelo seu paiz.

O caminho por meio d'esta floresta é muito accidentado, e não se vence em menos de seis a oito horas. Póde haver algum descanso em Toffôa ou Agrymé, segundo se quizer atravessar o brejo ou passar na sua extremidade direita.

De Toffôa por diante o caminho é mau na maior parte. Apparecem ainda assim boas plantações, tornando-se cada vez mais vigorosa a vegetação. A custo se rompe por entre palmeiras anãs e differentes plantas desconhecidas, que formam bom reducto natural ou barreira contra qualquer assalto imprevisto. Para passar o lamaçal é necessario augmentar o numero de carregadores. Prolonga-se este caminho ainda por grande distancia.

Antes de se chegar a Caná, depara-se uma extensa superficie de capim e palmares, e vadeia-se em fim um rio a pouco espaço d'aquella cidade.

Adiante da cidade de Caná está o *bosque sagrado,* onde se levanta o templo dos maus feitiços. É indispensavel passar a pé defronte de similhante barraca, representando tão formal aberração de senso commum. As duas ultimas horas de jornada gastam-se n'uma estrada de 40 metros de largo.

Em tres dias e meio chega-se á capital de Dahomé, sujeitando-se o viajante aos incommodos causados pela tipoia, levada por oito a doze homens.

Não ha ali cavallos nem camellos, os quaes tão bons serviços prestam em outras regiões de Africa.

Estações intermediarias entre o territorio de Ajudá e a capital de Dahomé.— Entre o nosso districto de Ajudá e Abomé ha as seguintes povoações, segundo a informação do dr. Repin: Havi, Tauli, Hazoué, Aladá, Toffôa, Apué, Ackisaban e Caná. São aldeias, villas ou cidades em que ás vezes é necessario pernoitar.

O primeiro itinerario de Ajudá a Abomé, diz M. d'Avezac, foi publicado no livro de Archibaldo Dalzel em 1793, ao qual o auctor ajuntou a viagem de Robert Norris, dada á luz da publicidade em 1789.

Em 1797 chegou a Dahomé Vicente Ferreira Pires, para onde foi como enviado de sua alteza o Principe Regente de Portugal, em companhia de D. João Carlos de Bragança, *embaixador ethiope do rei de Dahomé*.

Não tratâmos, porém, de examinar quem foram os primeiros viajantes que descreveram as terras de Dahomé, o que desejâmos é enumerar as estações que ha entre o nosso forte e a capital do reino vizinho.

Uma das viagens que não podemos deixar de notar é a de M. Brué em 1843, feita na companhia de Francisco Felix de Sousa. Foram em redes, levados por doze homens que se revezavam de duas em duas horas. No primeiro dia de jornada chegaram á aldeia de Torry, que M. Brué reputa a 29^k,6 de Ajudá. D'esta passagem á cidade de Aladá andaram cerca de tres horas e meia. De Aladá passaram ao sitio denominado Ouabó, e depois á aldeia chamada Appé, logarejo mal situado e proximo aos lamaçaes, conhecidos n'aquelle paiz sob a denominação geral de *Lamas*. Agrimé fica adiante d'esta superficie pantanosa, e em duas horas chega-se a Calamina, cidade notavel ao N. de Agrimé. O resto do caminho é magnifico, segundo declara M. Brué, que teve a ventura de se abeirar do palacio do rei de Dahomé, dentro de uma *goëlette de quinze pieds de longueur environ, construite dans de justes proportions et fort bien gréée*.

M. Brué e Francisco Felix de Sousa saíram de Ajudá a 3 de maio e chegaram a Abomé no dia 5 d'esse mez.

De Ajudá a Xavi, segundo o dr. Repin, a jornada é de duas horas e vae-se d'ali a Tauli, 37 kilometros ao N. de Ajudá, em uma hora. Não parando em Hagoué, bastam cinco horas para se chegar á cidade de Aladá, a 79^k,6 do nosso forte. São precisas cerca de sete horas para se entrar em Toffôa, ficando ao NE. de Aladá e a 129^k,9 de Ajudá. D'aquella estação até á aldeia de Ackisaban passam-se sete horas, tendo-se atravessado uma extensa superficie pantanosa a que se dá o nome de *Lama*.

A cidade de Caná está a duas horas de caminho de Abomé, fazendo-se uma viagem de tres dias e meio para lá chegar.

A viagem do dr. Repin realisou-se no anno de 1866; mas do fim do seculo passado data a *Viagem da Africa ao reino de Dahomé*, escripta por um portuguez, a qual serviu de base ao que Lopes de Lima escreveu a respeito d'aquelle paiz em 1844.

O padre Vicente Ferreira Pires reputava a cidade de Calamina (Caná) a dois dias de jornada do nosso forte, no que não são concordes os modernos viajantes. Nenhum d'estes escriptores, porém, tratou da aclimação dos europeus, nem da colonisação d'aquella região. Taes viagens

miravam apenas aos usos e costumes dos povos e á importancia commercial do paiz. Calamina, segundo a informação do viajante portuguez, era a capital do reino, e, alem d'esta cidade, havia outras, como Aladá, Abomé, Zobodó, Meiogui, Hiagó, Adogui e Agonam, fazendo-se em cada uma d'estas sete povoações uma feira semanal.

Emquanto descurâmos os nossos direitos e interesses n'aquella região, os francezes desde ha muito que procuram estreitar relações de amisade com os reis de Dahomé, não deixando de pedir-lhes para consentirem que os principes dahomeanos fossem educados em França sob a protecção do governo.

«Le but de notre mission, observa o dr. Repin, était de visiter le roi de Dahomey, de régler avec lui quelques intérêts de commerce et de lui remettre, au nom du gouvernement français, de riches présents. Nous devions enfin remener, s'il y consentait, un ou deux de ses enfants pour les faire élever en France dans un de nos lycées.»

Não se limitam sómente a estas as provas da importancia dos povos de Dahomé. Um historiador, referindo-se a elles, diz: «De todos os povos da Guiné, nenhum merece mais attenção do que os dahomeanos». Eis-aqui, pois, o modo por que se falla do povo de Dahomé. Não deve por isso admirar que nós, ao procurar os elementos indispensaveis para reconhecer a natureza do clima d'aquelle paiz, façamos algumas considerações attinentes a pôr em relevo as nossas relações politicas e commerciaes com os vizinhos do nosso territorio de Ajudá.

Nos ultimos dez annos têem apparecido diversas memorias nacionaes e estrangeiras ácerca de Ajudá, e dos usos e costumes dos povos dahomeanos. Mas, para o caso de que nos occupâmos, apenas temos que mencionar as povoações situadas entre o territorio portuguez e a capital de Dahomé, segundo as informações dos respectivos escriptores e viajantes. As cidades nomeadas pelo padre Vicente Ferreira Pires em 1800 foram repetidas por José Joaquim Lopes de Lima em 1844.

Differentes trechos d'aquelle ecclesiastico têem sido transcriptos em jornaes illustrados e em trabalhos de alguns escriptores.

O distincto geographo Alexandre de Castilho, attenta a importancia do assumpto, julgou conveniente referir-se, no seu *Roteiro da costa occidental de Africa*, ás estações que ficam entre o nosso forte e a capital do reino de Dahomé. A tal respeito disse elle o seguinte: «Está a cidade de Abomey, capital do reino de Dahomé, em que fica Ajudá, uns 167 kilometros para N4NO. do nosso forte; entre esses dois sitios se erguem varios povoados, cujos mais importantes são: Sahy, Tory, Havy, Wipó, Apoy, Calmina e Dowey».

Referindo-nos ainda á viagem do dr. Repin, notâmos que, alem das

oito povoações designadas pelo geographo portuguez, ha mais quatorze, ficando umas entre as que Alexandre de Castilho nomeou, e algumas para o lado esquerdo de quem se dirige á capital no tempo em que as chuvas permittem seguir aquelle caminho. A viagem de Ajudá a Abomé póde fazer-se mais ou menos rapidamente, segundo as estações em que se quizer descansar.

Diz um viajante que, sendo chamado pelo rei de Dahomé, não pôde recusar-se a obedecer-lhe, e viu-se obrigado a ir a Abomé.

«A 26 de junho de 1861 saí de Ajudá n'uma rede sustentada por seis homens. No mesmo dia cheguei a Aladá, onde descansei. Em 27 atravessei os pantanos denominados Lamas, os quaes felizmente tinham pouca agua n'esta epocha. Demorei-me pouco tempo na cidade de Caná, e no dia 28 á tarde estava ás portas da capital do reino de Dahomé.»

Foi de tres dias incompletos a viagem, e póde calcular-se que é esta a sua duração media. Os geographos Alexandre de Castilho, M. d'Avezac e o auctor do *Manual da navegação da costa occidental de Africa* avaliam a distancia entre o nosso forte e Abomé em 166^{k},6 approximadamente. O dr. Repin reputou-a em 277^{k},8, não faltando tambem quem lhe dê apenas uns 127^{k},7.

É esta, como muitas outras, uma questão pratica, e que não se resolverá sem as respectivas medições topographicas. Não são de certo as auctoridades de Dahomé que hão de mandar fazer estes e outros trabalhos, para os quaes sómente os europeus podem concorrer, tornando efficaz a prohibição da escravatura, comprando os productos agricolas e fabris d'aquellas terras, animando assim a agricultura e o commercio. Cuidar-se-ha então das estradas publicas, escolas, vias ferreas, canaes, de todos os melhoramentos, emfim, a que se deu principio já em muitos paizes africanos.

Para não darmos demasiada extensão ás nossas considerações a respeito do territorio de Ajudá, não obstante o desejo que tinhamos de as tornar mais amplas, limitâmo-nos ao pouco que temos dito. É, porém, necessario dizer, antes de concluir este assumpto, que é um grave erro abandonar aquelle territorio «derradeiro vestigio do nosso antigo poder, observa com toda a razão Lopes de Lima, na dilatada e rica plaga que se estende desde cabo das Tres Pontas até cabo de Lopo Gonçalves, costa descoberta pelos portuguezes e por elles explorada no seculo xv.

«Lá ostentam ainda suas muralhas, construidas por mãos portuguezas e com pedras de Portugal, *S. Jorge da Mina, Cabo Corso* e *Axem;* mas estranhos pendões n'ellas tremulam e guarnições estrangeiras as guarnecem, e em seus armazens accumulam o marfim e o oiro em pó, com que se enriquece a Hollanda e a Inglaterra. *Deixou já, porém, de existir a fei-*

toria e igreja do rio Oére, as do rio de El-rei, da ilha do Corisco, do rio Gabão e cabo de Lopo Gonçalves, assim como as ilhas de Fernão do Pó e Anno Bom, que foram cedidas á Hespanha em 1778.»

O territorio em que está o forte de S. João Baptista de Ajudá faz parte da monarchia portugueza: é uma dependencia do governo geral da provincia de S. Thomé e Principe, e tem sido reconhecido como portuguez pelos povos d'aquella região, pelas nações da Europa que ali têem interesses politicos e commerciaes, e pelos viajantes estrangeiros. Não póde prever-se hoje o que será ámanhã o territorio de Ajudá logoque a civilisação e o progresso forem uma realidade nas terras da Africa equatorial.

Limites do golfo de Benim. — O ponto mais recuado do golfo de Benim, segundo Alexandre de Castilho, fica pouco mais ou menos em 6° 26′ 40″ de latitude N. e em 12° 59′ 10″ de longitude E. Tem duas margens, occidental e oriental, que são muito baixas. N'uma está o districto portuguez de Ajudá, de que já fallámos, e n'outra o celebre rio Formoso ou de Benim, que deu o nome a um dos golfos do mar de Guiné, e banha o paiz oriental dos povos d'aquella região, onde o nome portuguez será sempre lembrado.

A linha tirada do cabo Formoso para o de S. Paulo representa a abertura da entrada do golfo, para dentro do qual não ha ilhas altas e bem distinctas.

Descrevem os hydrographos, entre outras, a ilha de Curamo e a da Lagoa, mas estão separadas da terra continental por canaes tão estreitos e pouco profundos que não merecem o nome de ilhas propriamente ditas, se bem estejam rodeadas de agua por todos os lados.

As distancias entre os limites do golfo de Benim são, segundo Alexandre de Castilho, 590^{k},7 em linha recta entre os dois cabos; e tal é, como dissemos, a abertura do golfo. A costa tem 103^{k},7 e do centro da abertura ao sitio mais recuado medem-se 125^{k},9.

O golfo de Benim é notavel, tanto pelos povos vizinhos das suas margens, como tambem porque n'elle desaguam os rios da margem direita do delta do Niger, os quaes levam muitas substancias vegetaes, que tingem até muito fóra as aguas do Oceano Atlantico, cobrindo-as de escuma pardacenta, suja, fetida e nauseabunda.

Limites do golfo dos Mafras. — O golfo dos Mafras está a E. do mar de Guiné. O seu logar mais afastado é o golfo de El-Rei, que está pouco mais ou menos em 4° 31′ de latitude N. e 18° 2′ de longitude E., na foz do rio Rumby.

Os limites d'este golfo são o cabo de Lopo Gonçalves e o cabo Formoso, servindo-lhe de margem oriental a costa do Gabão e de

occidental a do Calabar, a qual ao mesmo tempo é a margem esquerda do delta do Niger. A linha tirada entre os limites do golfo dos Mafras mede 611 kilometros, e a costa 888^{k},9. Do centro da abertura do golfo, que é na ilha do Principe, com um raio de 305^{k},5, descreve-se o arco de circulo, que fecha o angulo, cujo vertice está sobre a ilha do Principe e os lados passam nos respectivos cabos.

No golfo dos Mafras levanta-se o archipelago de Guiné, em que estão as duas ilhas portuguezas de que especialmente nos occupâmos. Ficam lançadas ao mesmo rumo em que se acham as de Anno Bom e Fernão do Pó e os montes dos Camarões, o que é necessario relembrar, porque os montes das diversas ilhas e os dos Camarões têem identica composição, não devendo por isso ser uns reputados salubres e outros insalubres. É verdade que as ilhas de S. Thomé e do Principe estão infamadas de insalubridade, mas é grande erro condemnar as ilhas por causa das cidades que, estando edificadas no littoral e rodeadas de pantanos, não ficam livres das emanações palustres que lhes chegam de todos os lados.

Mar de Guiné, zona equatorial que lhe corresponde e correntes que ali se observam. — Na região sub-equinoccial que examinâmos, comprehende-se uma grande parte do mar de Guiné, cujas relações com o Oceano Atlantico e continente africano merecem ser mencionadas.

Os mares que rodeiam o continente da Africa, nota o erudito geographo M. de Avezac, não abrem profundas bahias, nem penetram no interiór das terras, cavando-as profundamente para dar origem a qualquer mar interior ou mediterraneo.

Para acharmos, porém, as relações do mar de Guiné com o Oceano Atlantico e as terras de Africa, é indispensavel elevarmo-nos até um ponto d'onde elle seja visto na sua totalidade conjunctamente com toda a região equatorial que se lhe avizinha. É d'ahi que o observador attento reconhece que o Oceano Atlantico se alarga entre o cabo das Palmas e o de Lopo Gonçalves, e occupa uma consideravel concavidade que não está em relação com a extensa abertura entre os cabos que servem de limites a tão larga superficie, não devendo ter, por essa rasão, o nome de golfo, como muitos geographos lhe chamam.

Não é esta a unica observação que assalta logo a mente. Outras podem fazer-se e que é vantajoso referir.

Os climas situados entre o cabo das Palmas e o das Tres Pontas apresentam condições differentes das que se observam na região do rio Niger. Não é necessario procurar a explicação nos phenomenos meteorologicos, basta attentar no aspecto das terras por onde passam os vinte

braços d'aquelle rio, as quaes mais parecem ilhas baixas e alagadiças do que terra firme de um continente.

Vê-se tambem, examinando a planta hydrographica d'este continente, que elle é maior que o da Europa, e mais pequeno que o da Asia. Tem extensos areaes e grande superficie inexplorada.

O mar de Guiné olha para a costa oriental da America do Sul, e ao reconcavo que elle occupa corresponde no littoral opposto a enorme bojança do cabo Guardafui, o que igualmente se nota em muitos outros pontos do continente africano.

A bahia de Lourenço Marques está de um lado em relação com a saliencia dos Namaquas, a das Baleias com o cabo das Correntes e a de Sofala com o cabo Negro.

Á depressão do littoral de Benguella oppõe-se, na contra-costa, a saliencia de Moçambique, e á saliencia do cabo de Lopo Gonçalves a costa de Melinde.

Parece, observa M. d'Avezac, que as ondulações de um eixo commum determinaram simultaneamente estas symetricas configurações.

O mar de Guiné está todo comprehendido na zona equatorial ao N. da linha equinoccial, mas não deixa por isso de receber a influencia das aguas dos mares glaciaes.

É indispensavel, pois, examinar as correntes maritimas que se observam no mar de Guiné, indicar as differenças de temperatura e assignar-lhes tambem a origem e direcção principal. Os ventos que ali reinam merecem alem d'isso descripção especial.

Se o conhecimento dos ventos e das correntes maritimas é necessario para o nauta seguir uma derrota favoravel e chegar a porto de salvamento, o medico hygienista não póde dispensar o exame de taes phenomenos quando se propõe avaliar a natureza de qualquer clima.

A respeito dos ventos e correntes do mar de Guiné temos um importante trabalho do distincto official de marinha J. C. Brito Capello. Ali estão designados os principaes elementos que são necessarios aos pilotos que frequentam a região Guineana, e soccorremo-nos tambem a esse substancioso escripto para fallar de taes phenomenos.

«Ao N. do equador, diz o sr. Brito Capello, reina o vento geral NE., a que se dá tambem o nome de brizas.

«No mez de dezembro o vento é muito bonançoso em todo o mar de Guiné, principalmente nas proximidades da costa, sendo acompanhado de trovoadas, geralmente do quadrante NE. Em janeiro, n'esta região, o vento já é mais fraco, e ainda mais em fevereiro; as trovoadas são frequentes principalmente n'este ultimo mez.

«Entre o equador e a costa de Guiné o vento sopra geralmente entre

S. e SO., e é mais fresco n'esta epocha do que nos mezes de janeiro e fevereiro. Ainda se notam no mar de Guiné trovoadas e calmas que os acompanham, principalmente em março, estendendo-se até muito ao S. do equador.

«Nos mezes de agosto e setembro, tanto o vento geral SE. como a monção SO., e os ventos SSO. do mar de Guiné são geralmente frescos.

«No estio o aquecimento extraordinario das planuras centraes da Africa determina uma corrente ascendente do ar que sobre ellas assenta, a qual não só impede a passagem ao geral NE., mas chama a si o ar de regiões que lhes ficam bastante remotas.»

São sufficientes estas informações para se formar idéa das correntes aereas da região Guineana e da sua intensidade. A força com que ellas passam sobre as ilhas de que nos occupâmos, e as brizas que se estabelecem junto a ellas serão examinadas no logar competente.

O nosso fim é patentear apenas o que passa por mais averiguado e é geralmente admittido por auctoridades competentes.

«A corrente equatorial, observa o sr. Capello, compõe-se de todas as aguas que ao S. do mar de Guiné correm mais ou menos para O. e atravessam o Oceano Atlantico, proximamente pela zona equatorial.

«Da especie de golfo que fica entre o cabo Negro e o cabo Lopo Gonçalves dirigem-se as aguas a NO. e ONO.; uma porção d'ellas, a mais proxima da costa, toma as direcções de N. e NNO. e entra no golfo dos Mafras por entre o cabo de Lopo Gonçalves e as ilhas de Anno Bom e S. Thomé, perdendo-se no fundo do golfo com a corrente de Guiné; a outra, a mais consideravel, continua para O., engrossando cada vez mais, e constitue a corrente equatorial propriamente dita.

«A corrente de Guiné, continua o mesmo escriptor, compõe-se de todas as aguas que correm mais ou menos para E. pelo lado do N. da corrente equatorial. Esta corrente, segundo as estações, encontra-se mais ou menos a O., assim como abrange diversa superficie e adquire differentes graus de velocidade. Penetra no mar de Guiné entre o cabo de Palmas e a corrente equatorial, sitio onde apresenta menor largura e a maxima velocidade; corre por todo o mar de Guiné, contornando a sua costa e indo perder-se no golfo dos Mafras de encontro ás aguas que vem da costa de Angola e do Congo, d'onde parece saír por uma corrente submarina, para se encorporar na corrente equatorial.»

Um escriptor hespanhol, para demonstrar a salubridade relativa das ilhas do golfo dos Mafras, referiu-se á sua posição em relação aos ventos e ás correntes maritimas, e José Joaquim Lopes de Lima não admittiu os argumentos baseados n'estas observações; para se conhecer de que lado está a verdade não podemos deixar de expor o que se tem escripto com

respeito a tão importante assumpto. É por isso que transcrevemos alguns trechos dos livros de Alexandre de Castilho e de Kerhallet.

«As correntes maritimas, diz Alexandre de Castilho, denominam-se, em geral, polares, tropicaes e equatoriaes.

«As correntes polares sáem dos polos e dirigem-se para o equador, seguindo as margens occidentaes dos continentes; as tropicaes vão do equador para os polos e percorrem as margens orientaes dos continentes; as equinocciaes correm sob o equador, do nascente para o poente.»

A corrente maritima denominada equatorial dirige-se do mar de Guiné para a costa oriental da America do Sul. N'ella entram um ramo da corrente polar do N. e outro da corrente polar do S., e formam sob o equador uma corrente geral, a qual, ao avizinhar-se da costa oriental da America do Sul, divide-se em corrente da Guyana e corrente do Brazil.

A corrente polar do N., approximando-se da costa septentrional da Africa pela altura de Serra Leoa, separa-se em dois ramos, um dos quaes se acerca da costa em frente do cabo das Palmas, atravessa o golfo de Benim e vae perder-se do golfo dos Mafras, envolvendo a ilha de Fernão do Pó, e a corrente polar do S. dirige-se para NO. ao longo da costa até á altura do cabo de Lopo Gonçalves, onde, observa Kerhallet, uma parte das aguas se confunde na corrente equatorial, e a outra, dirigindo-se para N. e NNE., vae engrossar a corrente Guineana propriamente dita.

A corrente polar da Africa septentrional passa nas alturas da Suecia, Escocia, Irlanda, França e, Portugal, e, chegando ás vizinhanças do cabo de S. Vicente, separa-se em dois ramos, um dos quaes, o que mais nos importa conhecer, segue para o S., abeirando-se da costa occidental da Africa, e, seguindo sempre até entrar no golfo dos Mafras, rodeia a ilha do Principe, envolvendo-se depois na corrente equatorial.

A corrente polar do S. é um dos ramos da impetuosa corrente que se approxima de Moçambique e do Porto Natal e dobra o cabo de Boa Esperança, dirigindo-se depois para o equador. Não é tão importante como a corrente polar do N. pelo que diz respeito ao clima dos paizes banhados pelas aguas do mar de Guiné, por isso indicâmos sómente sua existencia e a circumstancia de se reunir como esta á corrente equatorial, envolvendo toda a ilha de Anno Bom.

Alem das tres correntes geraes de que fallâmos, ha outras especiaes do mar de Guiné e que tomam os nomes das terras que lhe ficam mais proximas.

Entre as ilhas do Principe e de S. Thomé, diz mr. Kerhallet, a corrente mais geral dirige-se para NNE. e N. Para O. da ilha do Principe e no seu parallelo encontra-se ella sempre pelo ENE.; mas a E., entre a ilha do Principe e a costa do Gabão, a direcção ordinariamente é NNE.

As correntes maritimas, cuja influencia nos climas insulares é unanimemente admittida, não estão em relação com a direcção dos ventos que reinam no mar de Guiné. Notam-se em geral os ventos de SO. que predominam a maior parte do anno, os de SSO. e SSE. na parte meridional, apparecendo os do S. na altura e proximidade do cabo Lopo Gonçalves. O hermatan sopra de dezembro a fevereiro na zona septentrional do mar de Guiné, sendo tão certeiro como o de SSO., que é frequente entre o archipelago e a costa do Gabão.

Não damos maior desenvolvimento a este assumpto, porque temos de o analysar em outras secções do nosso trabalho. Deixâmos, porém, consignados alguns factos mais importantes que se referem ás correntes polares e á extensão do mar de Guiné, o qual, como se vê do mappa medico-geographico que vae junto, não é formado sómente, como geralmente se diz, pelos golfos de Benim e dos Mafras, mas é muito mais largo e extenso do que a superficie d'estes golfos; e são tambem numerosas as povoações que se levantam nas proximidades da costa banhada pelas aguas d'aquelle mar, a qual, segundo Alexandre de Castilho, tem 2:481 a 2:537 kilometros. Não é portanto nosso intento examinar os climas de regiões tão diversas, e por isso nos limitâmos á zona equatorial africana, de que mais especialmente nos occupâmos.

CAPITULO II

Descripção das ilhas do mar de Guiné, enumeração das terras que se acham sob o equador, e distincção entre clima equatorial e tropical

I. Ilhas do mar de Guiné. — 1.º Ilhas altas: Ilha de Anno Bom. — Ilha de S. Thomé. — Ilha do Principe. — Ilha de Fernão do Pó. — 2.º Ilhas baixas: Ilha de Lopo Gonçalves. — Ilha do Corisco. — Elobey, Corisco pequeno ou dos Mosquitos. — Ilha Branca. — Ilha de Mondoleh. — Ilha de Curamo. — 3.º Quadros estatistico-geographicos; ilhas altas; classificação das ilhas altas; ilhas baixas. — **II. Enumeração das terras que se acham sob o equador.** — 1.º Africa equatorial: Ilha das Rolas; margem esquerda do rio do Gabão; vasta região inexplorada desde o paiz de Okanda até ás terras altas ao occidente do sultanado de Zanzibar; communicação entre Moçambique e Angola. — 2.º America equatorial: Albemarle e as ilhas Galapagos. — Republica do Equador. — Republica de Nova Granada. — Terrenos banhados por differentes affluentes da margem esquerda do rio Amazonas; ilhas da foz do Amazonas. — 3.º Oceania equatorial: Ilha Batoe, Mintáo, Battou ou Mentáo e as ilhas ao O. de Sumatra. — Ilha de Sumatra. — Ilha de Sumatra descripta por João de Barros. — Versos de Luiz de Camões a respeito d'esta ilha. — Ilha Linga e o archipelago Rieuw-Lingga. — Ilha Linga, segundo o diccionario de Larousse. — Ilha de Borneo. — Ilha de Borneo, segundo João de Barros e Luiz de Camões. — Ilha Celebes. — Tidore e o archipelago das Molucas. — Versos de Camões a respeito de Tidore e Ternate. — Ilha Ternate. — Volcão de Ternate, descripto por João de Barros. — Ilha Geilolo (Dgilolo ou Halmaheira). — Amboino. — Ilhas de Banda por João de Barros; ilhas Molucas, por João de Barros e Diogo do Couto; ilha Waigiou e a Nova Guiné. — **III. Distincção entre clima equatorial e tropical.** — Mappas comparativos; systema das linhas isothermicas; classificação dos climas, segundo M. Levy. — Melhor classificação para a ethnographia das emigrações, segundo o visconde de Paiva Manso; distribuição astronomica dos climas; classificação mais simplificada, segundo os graus de latitude.

I

Ilhas do mar de Guiné

As ilhas dos golfos de Benim e dos Mafras podem classificar-se em ilhas altas e ilhas baixas ou rasas. No primeiro caso estão as do golfo dos Mafras, e no segundo as que ficam proximas á costa, parecendo algumas d'ellas fazer parte da terra firme, mostrando-se umas e outras dentro das bahias da costa do mar de Guiné, no interior de alguns rios. Não intentámos, porém, descrever senão as ilhas que são banhadas pelas aguas d'este mar, occupando-nos d'aquellas que se alinham ao mesmo rumo com o monte dos Camarões e das que estão nas proximidades da costa do

mar de Guiné desde o cabo de Lopo Gonçalves até á costa do territorio de S. João Baptista de Ajudá, não nos referindo ás que ficam dentro das bacias dos rios.

As ilhas do golfo dos Mafras e a costa do mar de Guiné foram descobertas nos annos de 1470 a 1486, estando hoje plenamente demonstrada a prioridade d'estes descobrimentos pelos portuguezes. Não é indifferente, para o fim a que nos propomos chegar, o conhecimento das epochas em que cada região foi habitada pela primeira vez, e tudo o que diz respeito aos povos que de preferencia as habitaram. A respeito das ilhas do golfo dos Mafras e da costa de Guiné transcrevemos, para elucidar este assumpto, um trecho do livro do incansavel e erudito H. Major, a quem Portugal deve o mais relevante serviço pela publicação do trabalho a que nos referimos e de que nos occuparemos em logar competente. Cingimo-nos á traducção portugueza d'aquelle escripto, que nos foi obsequiosamente mostrada para obtermos as informações que desejavamos.

Eis-aqui o que o sabio inglez escreveu a respeito do descobrimento da região Guineana, que faz objecto d'este livro:

«Ha no globo de Behaim uma legenda de muita importancia para esta parte da nossa narrativa. Por baixo das ilhas do Principe e S. Thomé vem lá inscripta a declaração seguinte: «Estas ilhas foram descobertas pelos navios de El-Rei de Portugal em 1484. Achámos todas desertas, não havia senão bosques e aves. O rei de Portugal manda para lá todos os annos os condemnados á morte, tanto homens como mulheres, para cultivar a terra e sustentarem-se do que ella produz, a fim de poderem aquellas ilhas ser habitadas por portuguezes. É primavera lá quando é inverno na Europa; as aves e os animaes são todos differentes dos nossos. Ha lá grande abundancia de ambar, chamado em Portugal *algalia.*» Ora Barros e outros dão estas ilhas como descobertas no tempo de D. Affonso (antes de 1481), Galvão diz 1471 ou 1472, mas em geral não acho que elle mereça muita confiança quanto a datas. Barros exprime-se nos seguintes termos: «Tambem se descobriu a ilha de S. Thomé, Anno Bom, e a do Principe por mandado de El-Rei D. Affonso, e outras, das quaes não tratâmos em particular por não sabermos quando e por que capitães foram descobertas; porém sabemos pela voz commum serem mais descobertas no tempo d'este rei do que temos posto por escripto.

«É por conseguinte impossivel dizer, attentas taes circumstancias, se na viagem de Behaim em 1484 estas ilhas foram descobertas pela primeira ou pela segunda vez. Comtudo crê-se geralmente, e com muita probabilidade, que João de Santarem e Pedro de Escobar, ambos cavalleiros da casa de El-Rei, foram explorar a costa alem do cabo das Palmas em 1470 por conta de Fernão Gomes, levando por pilotos Martim Fernandes, de

Lisboa, e Alvaro Esteves, de Lagos, e que, apesar das calmarias, ventos do sul, e correntes do norte, frequentes n'aquelle golfo, correram toda a costa do reino de Benim, e a 21 de dezembro, dia de S. Thomé, avistaram uma ilha alta coberta de arvoredo, a que pozeram o nome d'aquelle apostolo. No primeiro de janeiro de 1471, suppõe-se que foram ter a uma ilha mais pequena, a que deram o nome de Anno Bom, em memoria do feliz presagio por ser descoberta n'aquelle dia. E bom anno foi, na verdade, porque n'esse mesmo mez de janeiro fizeram o primeiro resgate de oiro na costa do Oiro, na aldeia de Sama, entre o cabo das Tres Pontas e a Mina, para onde as correntes e brisas do sul os levaram, depois de terem avistado a terra firme do cabo de Lopo Gonçalves. N'esta mesma viagem descobriram a ilha do Principe, mas não se sabe em que dia. Foi provavelmente na passagem do cabo de Lopo Gonçalves para a costa do Oiro em 1471; e como deram originariamente á ilha o nome do Santo Antão ou Santo Antonio, podemos inferir que foi descoberta a 17 de janeiro, que é o dia da commemoração d'aquelle santo. Depois foi-lhe dado o nome de ilha do Principe, porque o filho mais velho de El-Rei tinha consignado para seu proprio apanagio o imposto dos assucares produzidos na ilha. Não temos provas, que demonstrem se a ilha Formosa, descoberta por Fernando Pó, fidalgo da casa de El-Rei, e cujo nome ella depois recebeu, o foi n'esta viagem, ou, como alguns suppozeram, em 1486, quando, como logo veremos, João Affonso de Aveiro foi mandado por El-Rei D. João II em missão especial ao rei de Benim e de cuja viagem veiu a Portugal a primeira pimenta africana. Como quer que seja, parece, comtudo, que foi só por occasião da viagem de Diogo Cam que o governo teve, pela primeira vez, noticia das ilhas e se lhes deu alguma importancia. Ha, porém, outro ponto a respeito das mesmas ilhas, que requer attenção. Já se ha de ter notado que nas viagens passadas o descobrimento de ilhas a distancia do continente era devido aos temporaes que arrojavam os navios para ellas.

«Assim foi o descobrimento da ilha de Porto Santo por Zarco e o das ilhas de Cabo Verde por Antonio de Nolli e Diogo Gomes; mas no caso presente temos ilhas, como a de S. Thomé, a mais de cincoenta leguas distante do continente, e a de Anno Bom, a mais de oitenta, descobertas sem intervenção de temporal algum de que tenhamos noticia.»

1.º — Ilhas altas

Ilha de Anno Bom.—Jaz esta ilha em 1° 26′ 30″ de latitude S. e 5° 37′ de longitude E. de Greenwich, 203^k,7 da ilha de S. Thomé ao rumo SO. Tem um lago de agua doce no centro da região do N., cerca de 500 metros de

altura, cuja profundidade é de 3 metros e a circumferencia anda por 1:389. É montanhosa, e quasi toda arborisada, elevando-se o principal monte approximadamente a 1 kilometro acima do nivel do mar.

Esta ilha é a mais meridional do archipelago de Guiné e tambem a mais afastada da costa occidental da Africa.

É justo nomearem-se as tres rochas que ficam ao S. da ilha, ás quaes, como diz M. d'Avezac, por uma feliz lembrança, pozeram os nomes dos descobridores das ilhas do golfo dos Mafras, perpetuando-se assim a memoria de Pero de Escobar, João de Santarem e Fernão do Pó.

Ácerca do dia em que foi descoberta esta ilha divergem os escriptores, dizendo-se no diccionario de Larousse que foi no anno de 1473.

O que passa por mais averiguado é que a ilha de Anno Bom fôra descoberta no primeiro dia do anno de 1471; e d'aqui nasceu a denominação que lhe deram os navegadores portuguezes, e que os inglezes, sem rasão plausivel, transformaram em «Anna bona», e alguns escriptores não duvidaram até dizer Anna boa!

Segundo M. d'Avezac, a ilha de Anno Bom tem 7k,4 de NNO. a SSE. e de largura não excede 2k,8. A superficie quadrada é de 20 kilometros approximadamente. A povoação principal fica ao N., occupando uma área de cerca de 594 metros de comprimento e 198 de largura. A pouca distancia d'ella desagua no mar um rio, onde póde fazer-se aguada, empregando-se para isso barris de quinto, os quaes se conduzem a reboque, porque a foz do rio não permitte a entrada de escaleres. Ao S. despeja o rio denominado *Agua Grande*, e, segundo diz Cunha Mattos, ha na ilha uma ribeira chamada Bôbô, de cuja agua só bebem os ecclesiasticos e de nenhum modo os seculares. Alem d'estes rios ha differentes riachos, mas são poucas as correntes de agua em relação ás da ilha do Principe ou de S. Thomé.

A ilha tem madeiras de construcção, e é muito arborisada. Dão-se ali bem as laranjeiras, tamarindeiros, limoeiros, coqueiros, goyabeiras, etc.

Avista-se em tempo claro á distancia de 83 kilometros do mar, e está a 300 do cabo de Lopo Gonçalves.

A corrente maritima equatorial approxima-se da ilha de Anno Bom e parece que a envolve. Os ventos, segundo a informação de M. Kerhallet, são os de S. e SE.

N'uma das principaes publicações portuguezas da actualidade diz-se a respeito da ilha de Anno Bom o seguinte:

«*Anno Bom*.—Ilha no golfo de Biaffra (Africa occidental) a 1° 24' de latitude S. e 14° 46' de longitude E. Tem 7 kilometros de comprimento e «35 de largura». Eleva-se a uma altura de 900 metros acima do Oceano. «Cli-

ma saudavel». A população é quasi unicamente composta de negros «em numero de 3:000», que se entregam á cultura da mandioca, canna de assucar e algodão, sendo importante a creação de porcos, carneiros e cabras.»

Não sabemos a que anno se referem estas informações, mas não nos consta que se procedesse a qualquer recenseamento, nem que se estudassem as condições de salubridade de modo que possa affirmar-se que o clima é saudavel. O que é certo é que já em 1848 M. d'Avezac avaliava em 3:000 os habitantes da ilha de Anno Bom. No diccionario de Larousse, volume publicado em 1866, diz-se tambem que são 3:000, e agora em 1876, em publicação corrente, admitte-se o mesmo numero! Estas informações passam de uns escriptores para outros, mas não servem para se calcular o movimento de população, nem o estado da agricultura da ilha de Anno Bom é conhecido.

Ilha de S. Thomé.—Está lançada ao rumo SSO.-NNE. no golfo dos Mafras e estende-se de 5^k,5 a 55^k,5 ao N. do equador, tendo n'esta direcção 50 kilometros approximadamente em linha recta, e alarga-se de 6° 27′ a 6° 45′ ao oriente do meridiano de Greenwich, contando-se 33^k,3 n'este sentido.

Do lado do N. termina n'uma costa de cerca de 14 kilometros de extensão e no do S. tem apenas 1^k,6. Forma, pois, a ilha de S. Thomé uma superficie de 926 kilometros quadrados, segundo Lopes de Lima, na qual se encontram montes altos, climas differentes, florestas notaveis, rios caudalosos e uma fertilidade verdadeiramente extraordinaria.

A ilha de S. Thomé abunda na verdade em alto-planos de 600 e 1:200 metros de altitude, tem muitas varzeas, bastantes montes, uma grande serra e picos de fórmas phantasticas, como o de Anna de Chaves, Cão Grande, Cão Pequeno, etc. Os terrenos estão, pois, na sua maxima parte, acima de 400 metros de altitude. As fazendas que actualmente se acham abertas nos logares mais elevados são muitas, e ficam cerca de 800 a 1:000 metros de elevação, e ha tambem uma grande área, na altura de 1:200 a 1:500 metros, susceptivel de ser cultivada.

Tomando para altura media geral 1:200 metros, o que não é demasiado, as distancias a percorrer na ilha de N. a S. e de E. a O. augmentam alguns kilometros, podendo calcular-se, n'este caso, em mais um quinto, do que se a considerassemos uma superficie plana.

S. Thomé, diz o auctor de um artigo publicado n'uma das obras francezas mais importantes, é uma ilha portugueza no golfo de Guiné, a 200 kilometros NO. do cabo Lopes, ficando por 0° 27′ de latitude N. e 4° 24′ de longitude E. *Tem 2:000 kilometros quadrados*. A capital tem 2:000

habitantes, e ahi reside um bispo. Foi descoberta em 1471 por Vasconcellos.

Alem d'estas informações lêem-se outras na obra a que nos referimos, e que julgâmos conveniente reproduzir, a fim de que se avalie como os estrangeiros descrevem as nossas colonias.

«S. Thomé é uma ilha do mar de Guiné, 135 kilometros a SO. da ilha do Principe e a 194^k,4 a NE. da de Anno Bom, entre 0° 2′ e 0° 30′ de latitude N., 4° 22′ e 4° 31′ de longitude. Tem 51^k,8 no seu maior comprimento, medido desde a ponta Figo, Morro Carregado e Morro-Peixe, collocados todos tres sobre a mesma linha ao N. até á ponta Balea ao S., e 35^k,1 na sua maior largura. A superficie é de 929 a 941 kilometros quadrados. A extensão da costa é de 138^k,9 a 148^k,1. Nas proximidades ha differentes ilhéus.»

«A ilha, diz M. d'Avezac, é geralmente montanhosa. Para o lado da costa occidental levanta-se um pico muito alto cheio de arvoredo até ao cume, sendo tão copado e unido, que não dá facil passagem. A encosta é escarpada e tortuosa, e por isso a subida a tal monte é muito arriscada. *O cume está coberto de neve que resiste á acção do sol equatorial,* e de todos os lados do monte descem para o mar rios consideraveis.»

A ilha de S. Thomé não tem 2:000 kilometros quadrados, nem nos seus montes mais elevados ha neve. Não acceitâmos tambem a opinião d'aquelles que calculam a sua superficie em cerca de 900 kilometros quadrados, dando-lhe 50 de comprimento e 30 de largura.

A ilha póde dizer-se sem exagero que tem mais de 900 kilometros quadrados de superficie susceptivel de cultura. Imagine-se a superficie de uma pyramide truncada, cuja área da base é de 926 kilometros quadrados e a altura de 1:200 metros. Para fazer idéa da extensão de N. a S. ou de E. a O., basta calcular as hypothenusas dos triangulos formados por uma perpendicular de 1:200 metros ao meio de uma recta de 50 kilometros tirada de N. a S. e ao centro de outra recta de 30 kilometros, traçada de E. a O. Mas são apesar de tudo calculos approximados, e a superficie da ilha de S. Thomé é augmentada ou diminuida, segundo a vontade dos escriptores. Temos presente um escripto, que citâmos por sabermos que anda nas mãos dos estudantes de geographia, onde se lê:

«*Ilha de S. Thomé.* Tem 44 kilometros de comprido, 5,16 e 32 de largo, e *166 de superficie quadrada.* Calcula-se a sua população *em 8:000 habitantes,* 48 por kilometro quadrado. Tem alguns edificios bons, como são: *Sé, igreja da Misericordia, da Madre de Deus, casas do governo, alfandega e camara municipal.* Não é desagradavel o aspecto do paiz. Seus montes são basalticos, altos e conicos; um d'elles avista-se a 166^k,6 de distancia por ter *1:980 metros de altura.* Vai sendo mais sadio o seu

clima. *Era d'antes muito quente* e desde setembro a março (estação das chuvas) muito doentio.»

Eis-aqui o que se escreveu em 1872, a respeito da ilha de S. Thomé, e admirâmo-nos de que a emigração não se dirija para este e para outros paizes da Africa portugueza!!

A posição relativa da ilha de S. Thomé, na costa occidental de Africa, é excellente. É por assim dizer um ameno e delicioso oasis no meio da vastidão do mar de Guiné; os rios levam em grande parte aguas limpidas e potaveis, são mimosos e agradaveis os fructos naturaes ou aclimados, e no interior ha logares pittorescos e de suave temperatura.

Dista a ilha de S. Thomé da sua irmã mais pequena 166^{k},6, de porto a porto, da de S. Thiago 4:129^{k},9, da da Madeira, sua rival no Oceano Atlantico, 6:352^{k},3, e, finalmente, da nobre e antiga cidade de Lisboa 7:315^{k},4.

A ilha da Madeira, tão africana como a de S. Thomé, só lhe tem a vantagem de estar no extremo N. da Africa, perto dos grandes centros civilisados, mas não é mais fertil, nem mais pittoresca, nem mais abundante em variados productos agricolas ou commerciaes, em boas aguas ou fructas.

Um vapor que navegue 22^{k},2 por hora póde fazer a viagem entre Lisboa e a ilha de S. Thomé em treze dias pouco mais ou menos, e para chegar em dezeseis seria sufficiente que navegasse apenas 18^{k},5 em cada hora.

O mar que separa a ilha de S. Thomé do Gabão mede 194^{k},4; para O. e SO. não se encontram ilhas nem terra firme. Ao S. da ilha fica o Ambriz a 1:009^{k},3, Loanda, capital do reino de Angola, a 1:111^{k},2, Benguella a 1:529^{k},7, e, finalmente, a amena, salubre e joven villa de Mossamedes a 1:885^{k},3.

Do archipelago de Cabo Verde para a ilha de S. Thomé conta-se a maior extensão de mar, se não se quizer tocar em alguns pontos da costa, como Serra Leoa, cabo das Palmas, etc. Pela mesma distancia fica o Senegal e a Guiné portugueza de Cabo Verde. Do estabelecimento de Ajudá, na costa occidental do golfo de Benim, contam-se apenas cêrca de 787^{k},1.

A posição geographica da ilha de S. Thomé, absoluta e relativa, dá-lhe grandes vantagens. Para o demonstrar basta dizer que esta ilha tem progredido, não obstante as muitas difficuldades por que tem passado. Abandonaram-na os habitantes, e por espaço de um seculo a ilha do Principe foi a capital da provincia; mas era sempre mais ou menos explorada e procurada pelos navegantes, que faziam ali boa aguada e recebiam mantimentos e refrescos. É todavia certo que a emigração d'aquelles povos e a

transferencia da capital concorreu para o atrazo da ilha, que teve uma cultura insignificante.

Apezar do que temos dito em relação a esta ilha, quer seja relativo ao seu commercio e melhoramentos, quer á salubridade, não tem faltado quem deseje ir governal-a e já era bem considerada por Camões, como se vê do trecho seguinte:

O mar nas praias notas, que ali temos,
Ficou, co'a ilha illustre que tomou
O nome d'hum, que o lado a Deus tocou.
(*Camões*, canto v, estancia xii.)

A ilha de S. Thomé será para as regiões da Africa equatorial o que é a ilha da Madeira para os paizes da Europa, Mossamedes para as terras tropicaes do occidente, e Lourenço Marques para as do oriente.

A ilha de S. Thomé perderá a fama de insalubre logo que a agricultura se desenvolva por toda a parte e se levantem povoações nos alto-planos, ficando no litoral apenas as casas commerciaes e a alfandega. Não o temos feito até hoje, porque a colonisação da Africa portugueza tem sido morosa e dirigida sob vistas muito limitadas.

Ilha do Principe.—Demora em 1° 37′ de latitude N. e 16° 5′ de longitude E. ou a 130 kilometros da ilha de S. Thomé e a 185 da de Fernão do Pó. Pela fertilidade dos terrenos e sua posição póde saír do abatimento em que se encontra, mas é necessario acudir-lhe quanto antes com providencias promptas e bem pensadas.

Ha escriptores francezes que lhe deram uma população de 10:000 almas, quando no anno em que se fazia tal publicação (1874) apenas na ilha do Principe havia 2:251 habitantes!

Mas não admira que um escriptor estrangeiro apresente taes estatisticas, quando n'um livro que serve para estudo nas aulas de instrucção primarias se nos depara o seguinte: «*A ilha do Principe fica de 111 kilometros (20 legoas maritimas) ao NE. de S. Thomé. Tem 33 kilometros de comprido, 22 de maior largura e 134 de superficie quadrada. Calcula-se a sua população em 7:831 habitantes (anno de 1872), 58 por kilometro quadrado. Sua capital é a linda cidade de Santo Antonio. O paiz é alto na parte meridional, baixo no resto. Tem muito arvoredo, muita verdura e abundancia de agua doce (300 ribeiras!). O seu solo, em parte vulcanico, é muito fertil, e produz as fructas intertropicaes. O seu clima é mais sadio que o de S. Thomé*».

Desde N. a S. ha cerca de 17 kilometros da ponta das Burras até á ponta Negra, variando a largura entre 9 a 14 kilometros.

A superficie da ilha, segundo se lê em varios escriptos, é de 72 milhas quadradas, isto é, 246^k,9 quadrados. M. d'Avezac dá-lhe 17^k,5 de comprimento de N. a S. e 9^k,2 de largura media de E. a O., e Lopes de Lima reputa-lhe de 14^k,8 a parte mais larga.

Ha quem avalie a superficie em 125 kilometros quadrados, o que não corresponde ao resultado apresentado pelos outros escriptores. Não falta tambem quem affirme que a maior largura da ilha é de 13 kilometros e a superficie 184 kilometros quadrados, sendo a sua distancia á cidade de S. Thomé de 144.

Não póde verificar-se um calculo d'esta ordem sem trabalhos topographicos, e na carencia d'elles limitámo-nos a expor o que é mais corrente.

Da ilha do Principe disse Lopes de Lima nos seus *Ensaios* o seguinte:

«Menos abastada em productos naturaes que a uberrima S. Thomé, avantaja-se comtudo a ilha do Principe pelo movimento superior do seu commercio externo: ha nesta mais numerosos, e ricos negociantes, e capitalistas; são melhores os seus portos, e mais vizinhos ao continente africano; e por isso mais procurados: portanto desde o seculo XVII tem ella sido sempre o principal entreposto do commercio da Europa e America com os portos de —Lopo Gonçalves, rio dos Camarões, Gabão, Calabar, Oére, Benim e Ajudá—e mesmo com a ilha de S. Thomé: esta affluencia de trato diminuiu muitissimo depois do tratado de 1810, e ainda mais depois da separação do Brazil: era mistér aprender a dar novo rumo aos capitaes; e esta transição forçada produziu, como era de esperar, um paroxismo mercantil: mas em fim os capitaes começaram a acordar do lethargo e a conhecer que essas adustas plagas não contêm só homens negros, que se vendem uns aos outros;—tambem lá têm—barrilinhos de oiro em pó,—dentes de marfim,—couros e pelles,—azeite e cera,—gommas e madeiras, etc., cujo trato é mais humano, mais commodo, e mais seguro: *em breve espero, pois, que a ilha do Principe seja o deposito destas preciosas mercancias, como o era no seculo passado de carregações semoventes.*

«Commercio interior não o ha nesta ilha, porque nem tem, como S. Thomé, villas no sertão, nem caminhos praticaveis para alem da serra do Papagaio e das montanhas dos Picos; sendo ainda bem más as trilhas, que dão caminho para as roças — todas proximas á cidade, que apenas abastecem.»

São passados trinta e dois annos depois que o auctor dos *Ensaios estatisticos* escreveu estas palavras a respeito da ilha do Principe, mas não se realisaram infelizmente as suas previsões. A ilha está reduzida á miseria, tendo diminuido a população de um modo assombroso. Não é este, porém, o logar para entrar em considerações a tal respeito.

Ilha de Fernão do Pó.—É a maior de todas as do mar de Guiné. Tem 185^k,2 de circumferencia, 64^k,8 de comprimento e 37 de largura, e portanto o dobro da superficie da ilha de S. Thomé.

Segundo M. de Avezac, o maior comprimento de NNE. a SSE. é de 70^k,3 e a largura de 24 a 40^k,7. Tem 1:930 kilometros quadrados de superficie (560 milhas quadradas).

Dista do continente 37 kilometros, havendo entre a terra firme e a costa da ilha um canal de 71 metros de profundidade.

A capital fica na bahia Maisdstone e denomina-se Clarence, nome dado no anno de 1827 pelos inglezes, os quaes depois de edificarem a cidade de Clarence, passaram a outros logares da ilha; não excedendo a dezeseis annos a sua demora, e não havendo deixado melhoramentos que mereçam mencionar-se.

A ilha de Fernão do Pó é muito accidentada, levantando-se por uma e outra parte outeiros de 300 metros, apparecendo montes de 900 e destacando para N. um pico que sobe a 3:240, segundo M. de Avezac. Entre os montes abrem-se varzeas, formam-se planuras e estendem-se superficies por onde correm abundantes rios, despenhando-se alguns de grande altura.

Avista-se esta ilha em tempo claro a 185 kilometros ao largo.

Os portuguezes, que a descobriram em 1486, nunca fizeram caso d'ella, nem lhe conheciam o valor. Em 1778 cederam-na aos hespanhoes, enviando elles uma expedição composta de cento e cincoenta homens, militares, operarios e colonos, para lançar as bases da colonisação; mas morrendo em cada anno quarenta e dois, no fim de tres só restavam vinte e quatro, que ficariam tambem por aquellas paragens se não se retirassem.

Em 1781 ficou outra vez abandonada!

Collocada por assim dizer em frente da foz dos rios Velho Calabar, Boni, de El-Rei, Camarões e Rumby, não póde deixar de participar da influencia do clima das margens de taes rios. Passa por insalubre, e sómente nos logares altos poderá ser habitada com vantagem.

A respeito d'esta ilha lêem-se no diccionario de Larousse algumas informações que julgâmos indispensavel reproduzir, para se poder avaliar a falta de uniformidade que ha nas descripções dos auctores que se occupam d'estas regiões.

«Fernão do Pó, ilha da Africa, no mar de Guiné, golfo de Biafra, em frente de tres grandes rios, que ali desaguam, 3° 48′ a 3° 13′ de latitude N., e 6° 4′ e 6° 37′ de longitude E., tem um perimetro de cerca de 100 kilometros. O solo é muito fertil, e ha ali um pico de 1:500 metros de altitude.

«Esta ilha, descoberta no fim do seculo XV por um cavalleiro portu-

guez, chamado Fernão do Pó, foi cedida á Hespanha a que hoje pertence em virtude do tratado de 24 de março de 1774.»

Nota-se n'esta citação que, alem de não ser exacto o anno em que a ilha foi cedida aos hespanhoes, é extraordinaria a differença de altitude dos respectivos montes, segundo as informações referidas ao anno de 1867, que temos presentes.

2.º — Ilhas baixas

Ilha de Lopo Gonçalves.—Esta ilha prolonga-se $37^k,9$ a NNO.-SSE. e $7^k,4$ a E.-O., e n'ella se encontra o cabo de Lopo Gonçalves. A sua face ou margem oriental está cerca de 24 kilometros para NO$4^1/_2$N. até ao cabo propriamente dito. É baixa, encharcada e recortada de angras e pontas. A costa está separada do continente por um canal ou rio não muito estreito. O terreno não parece productivo, nem sabemos se actualmente é habitada.

Na bahia de Lopo Gonçalves ha muita pescaria, e pelas terras adjacentes encontram-se elephantes, tigres, leões e outros animaes; tem um soffrivel ancoradouro a 1:852 metros para E$4^3/_4$SE. do extremo N. da ilha ou do cabo.

Ilha do Corisco.—É pequena, mas ainda ha outras de menor extensão na mesma bahia, a que chamam Corisco Pequeno, ou de Elobey. Pertence aos hespanhoes, como as de Fernão do Pó e de Anno Bom.

A ponta do N. fica em 0° 56′ 12″ de latitude N. e 10° 28′ 30″ de longitude E.

Vista da banda de O. do cabo de S. João affigura-se haver ali um só renque de arvores, saídas do mar, e symetricamente dispostas; mais de perto parece que a cingem barreiras cinzentas; á distancia de $7^k,4$ distingue-se a terra baixa e toda vestida de matagal.

A parte de SE. da ilha dista cerca de $29^k,6$ do cabo de S. João ou do das Esteiras. Tem 5 kilometros de comprido no sentido N.-S. e $3^k,1$ de largura E.-O.

N'uma angra de SO. está edificada a aldeia do Corisco, de cujos usos e costumes nada sabemos. Na área de 16 kilometros quadrados podem habitar mais de 400 individuos.

Elobey, Corisco Pequeno ou dos Mosquitos.—Duas são as ilhas a que os nossos antigos pozeram o nome de Corisco Pequeno e que modernamente se appellidam *Elobey ou dos Mosquitos.*

Estende-se a maior, que é baixa, arborisada e a mais occidental, por

$2^k,4$ de N. a S. e cerca de $1^k,3$ de E. á O., não chegando por isso a sua superficie a $3^k,5$ quadrados; a segunda é ainda mais pequena, silvestre, rasa e muito estreita. São numerosos os bancos, parceis, ilhéus e baixos, por entre os quaes é preciso navegar dentro da bahia do Corisco, o que a torna perigosissima.

Ilha Branca.—Fica esta ilha quasi em frente da foz do rio de Borôa, é silvestre e nada tem de notavel. Está proxima á terra.

Ilha de Mondoleh.—É de uma riqueza admiravel o solo d'esta ilha da bahia de Ambozes. É a principal do pequeno grupo da bahia, que é limpa e muito mais segura que a do Corisco. Ha no archipelago de Ambozes tres ilhas, cuja extensão e fertilidade estão, segundo A. Tardieu, na rasão inversa da sua população. Têem agua todo o anno em fontes que alimentam riachos. Uma d'ellas tem 300 individuos que vivem da pesca e trocam o peixe por bananas, inhames e outros fructos. Ha ali pouca agua e os habitantes a procuram no continente ou apanham-a da chuva. A maior denomina-se Mondoleh, a immediata Ameh ou Domeh e a mais pequena Bobya. Todas são povoadas.

Os habitantes d'estas ilhas, acrescenta A. Tardieu, são habeis pescadores, e quando o tempo está bom vêem-se muitas canoas em que elles se entregam á pesca.

Em Mondoleh são os viveres mais baratos do que em Fernão do Pó ha madeiras e variados vegetaes. N'estas ilhas não ha pantanos nem mangues; a brisa que lhe chega do mar é pura e fresca, e os ventos que sopram do continente encontram as altas montanhas dos Camarões e não são quentes nem miasmaticos.

A bahia de Ambozes, acrescenta A. Tardieu, é talvez a localidade mais salubre da costa occidental da Africa. Na estação das chuvas, raras vezes apparece mais de um tornado ou de uma tempestade em vinte e quatro horas; no resto do dia o tempo é agradavel e passam-se muitos dias successivos sem chover.

Ilha de Curamo.—Por entre o lago Cradoo e o mar fica uma ilha plana e coberta de arvoredo, á qual os naturaes chamam Ikbeku e os nossos antigos Curamo. O terreno é pantanoso e estende-se desde a bôca do rio da Lagoa até á do celebre rio Formoso ou de Benim. É cortada por varios ribeiros e tem algumas aldeias. É preciso comtudo observar que esta ilha está tão proxima da terra firme, que vem descripta nos roteiros da costa d'Africa e não falla d'ella M. de Azevac no seu importante trabalho *Ilhas da Africa*.

Quadros estatistico-geographicos

Ilhas altas

	Posição	Disposição dos terrenos	Superficie [1]	População
Anno Bom, afastada 203 k,7 da de S. Thomé	1° 30′ lat. S. 3° 10′ long. E. (Paris). *M. d'Avezac.*	1:000 metros d'altura. Avista-se de 74 a 83 kilometros do mar.	20 kilometros ou 6 milhas quadradas; segundo outros, 17 kilometros quadrados.	3:000 individuos. (1848).
S. Thomé, afastada 135 k,1 da do Principe	0° 2′ a 0° 30′ de lat. N. 4° 22′ a 4° 31′ de long. E. (Paris). *M. d'Avezac.*	2:135, Boteler e Kerhalet; 3:200 segundo outros. Avista-se a 111 kilometros do mar.	926 kilometros ou 270 milhas quadradas, ou, segundo outros, 166, 900, 1:657 e 2:000 kilometros quadrados!	25:491 habitantes, incluindo 793 europeus. (1874).
Principe, afastada 185k,2 da de Fernão do Pó	0° 31′ 30″ a 0° 41′ 30″ lat. N. 5° 4′ 15″ a 5° 12′ 37″ long. E. (Paris). *M. d'Avezac.*	800. Avista-se a 111 kilometros do mar.	247 kilometros ou 72 milhas quadradas, e segundo outros 125 kilometros quadrados!	2:251 habitantes, incluindo 35 europeus. (1874).
Fernão do Pó, afastada 37 kilometros da costa continental.	3° 10′ a 3° 44′ lat. N. 6° 2′ a 6° 34′ long. E. (Paris). *M. d'Avezac.*	3:108, Kerhalet, ou 3:240 M. d'Avezac. Avista-se a 185 kilometros do mar.	1:930 kilometros ou 560 milhas quadradas (193:000 hectares).	15:000 individuos (1848). 20:000 almas, segundo Larousse.

Classificação das ilhas

Segundo a altura dos montes.........	1.ª Fernão do Pó. 2.ª S. Thomé. 3.ª Anno Bom. 4.ª Principe.
Segundo a superficie................	1.ª Fernão do Pó. 2.ª S. Thomé. 3.ª Principe. 4.ª Anno Bom.
Segundo a população (1874).........	1.ª S. Thomé. 2.ª Fernão do Pó. 3.ª Anno Bom. 4.ª Principe.

[1] O primeiro numero é o que nos parece mais exacto; ajuntámos todavia a superficie das ilhas segundo os auctores mais conhecidos.

Ilhas baixas

	Posição	Disposição dos terrenos	Superficie	População [1]
Ilha de Lopo Gonçalves.	0° 36′ 10″ lat. S. 17° 51′ 6″ long. E. (Lisboa). *A. M. de Castilho.*	É rasa, tem mangues e é recortada por alguns riachos. Avista-se a uns 27k,7.	37k,9 de comprimento por 7k,4 de largura.	Tem sido habitada, e os portuguezes tiveram ali um forte.
Corisco........	0° 56′ 12″ lat. N. 18° 28′ 36″ long. E. (Lisboa). *A. M. de Castilho.*	Terra baixa e muito arborisada, tem uma matta espessa para o N.	5 kilometros de comprimento por 3k,1 de largura. Mede proximamente 14 kilometros quad.	Tem habitantes, e ao SO. fica uma aldeia.
Elobey, ilha do Corisco Pequeno ou dos Mosquitos.	1° lat. N. 7′ 2′ long. E. (Paris).	1.° É arborisada e baixa.	1.° 2k,4 de comprimento por 1k,4 de largura. 2 kilometros quadrados.	Alguns soldados hespanhoes (1875).
	Muito proximo da outra ilha, para o N.	2.° Tem arvoredo, é rasa e muito estreita.	2.° 2k,7 de comprimento por quasi igual largura.	Ignora-se.
Branca........	3° 35′ lat. N. 18° 47′ 50″ long. E. (Lisboa).	É rasa, silvestre e fica perto da ponta do N. do rio de Borôa.	E pequena a sua área.	Ignora-se.
Archipelago dos Ambozes ou Zambús, composto de Mondoleh, Ameh e Bobya.	3° 77′ lat. N. 8° 41′ long. E. (Greenwich). Mondoleh.	1.° É bastante alta, arborisada e productiva; tem agua corrente.	1.° 926 metros de comprimento por 617m,3 de largura.	1.° Tem muitas familias.
	Ameh.	2.° Rochedo quasi nu e sem agua de verão; tem alguma vegetação.	2.° 740m,8 de comprimento por 264m,6 de largura.	2.° Viviam ali, em 1840, 400 familias.
	Bobya.	3.° Ilhéu basaltico e quasi esteril.	3.° É muito pequena a sua área.	3.° Não ha muitos annos tinha numerosos moradores.
Ilha de Curamo, no golfo de Benim.	*Aldeia de Jacknah.* 6° 26′ 40″ lat. N. 12° 51′ 10″ long. E. (Lisboa). *Aldeia de Jabum.* 6° 23′ 50″ lat. N. 13° 17′ 24″ long. E. (Lisboa). *Aldeia de Odé.* 6° 20′ 30″ lat. N. 13° 49′ 5″ long. E. (Lisboa).	É rasa, tem palmeiras e outro arvoredo; é atravessada por alguns esteiros.	É immensa, tendo a costa do S. cerca de 212k,2 de comprimento e a sua maior largura é de 31k,9.	Contam-se, segundo A. M. de Castilho, sete aldeias.

[1] Referimo-nos, no que diz respeito á população das ilhas, ao roteiro de Alexandre Magno de Castilho e ao trabalho de A. Tardieu ácerca da Guiné. Foram ambos publicados ha mais de dez annos.

Enumerámos as ilhas do mar de Guiné com a minuciosidade indispensavel para fazermos a comparação entre todas, e reconhecermos que a formosa ilha de S. Thomé póde rivalisar com as outras, não cedendo á propria ilha de Fernão do Pó.

No golfo de Benim apenas se nota a ilha de Curamo, cuja situação baixa e condições climatericas não favorecem a agricultura; só as de Fernão do Pó, Principe, S. Thomé e Anno Bom podem ter colonisação regular e capaz de compensar quaesquer despezas ou sacrificios.

II

Enumeração das terras que se acham sob o equador

São numerosos os paizes que ficam sob a linha equinoccial. Não estão sómente em Africa, estendem-se pela America e Oceania. Não se encontram, é verdade, na Europa nem na Asia, mas não se segue por isso que só n'estas duas partes do mundo haja climas temperados; apparecem tambem na parte mais central da zona torrida.

Estivemos por duas vezes na ilha das Rolas em que a latitude é nulla, segundo se acha demonstrado e admittido sem contestação em todos os mappas geographicos de que temos conhecimento.

Percorremol-a de N. a E., marcando os thermometros á sombra, em quanto ali estivemos, 27° centigrados, e pernoitámos n'uma casa proxima á costa do N., onde a temperatura durante a noite foi 25° e 26° centigrados.

Desejavamos descrever as ilhas de S. Thomé e Principe, collocadas alguns kilometros ao N. do equador, e para realisar o nosso intento aproveitavamos todas as occasiões que se nos offereciam para ir ao interior da ilha de S. Thomé visitar os logares menos conhecidos, mas não a podemos atravessar de E. a O. ou de N. a S. Foi, porém, com grande prazer que desembarcámos na ilha das Rolas, e ali passámos algumas horas, admirando o panorama que se desenrola diante do observador que olha para S. Thomé. Por entre uma massa enorme de verdura, de aspecto sombrio, levantam-se montes, picos, planuras extensas, cobertas de copado arvoredo. Era grande a surpreza ao observarmos, sob a linha equinoccial, vegetação tão viçosa, tão util e abundante.

Perguntavamos muitas vezes a nós mesmos se os differentes climas da região equatorial seriam todos palustres, se n'elles poderia haver completa aclimação, e se os europeus poderiam entregar-se aos trabalhos agricolas.

Para satisfazer a tão natural curiosidade, resolvemos desde logo comparar o clima do paiz, onde nos achavamos em serviço, como medico co-

lonial, com o das principaes terras em iguaes condições de latitude, isto é, com os paizes em que haja algum logar habitado e frequentado por europeus e em zero de latitude.

É este trabalho o resultado das nossas primeiras investigações.

A zona equatorial da Africa Central está, força é dizel-o, em más condições de exploração. O solo virgem, uma extraordinaria força vegetativa e caminhos cobertos de detritos vegetaes são elementos poderosos para tornar insalubre a atmosphera nas suas camadas inferiores. Os exploradores correm de certo imminente risco de vida, se andarem desprovidos dos meios necessarios para annullar os effeitos da intoxicação tellurica e miasmatica.

Quando as aguas do Oceano Atlantico cobrirem as areias do Saharà, o clima da região equatorial da Africa será muito modificado, e poder-se-ha então fundar colonias agricolas, onde hoje apenas póde haver estabelecimentos ou feitorias commerciaes.

A formação de um grande mar interior não é o unico meio para animar o commercio e agricultura da Africa Central; os rios Nilo ao N., o Zambeze a E., o Cunene, o Zaire e o Ogôoué, a O., são outros tantos canaes para se penetrar no interior da Africa, não esquecendo o rio Niger, cuja importancia é geralmente reconhecida. N'um dos maiores monumentos litterarios do seculo XIX, disse um illustrado escriptor a proposito da descoberta do rio Tchadd:

«A influencia da civilisação europêa, os productos dos mercados das nações colonisadoras podem penetrar pelos rios navegaveis como o Niger, até ao interior do continente africano, 100.000:000 de homens estarão em contacto directo com a nossa civilisação, e novos centros commerciaes apresentarão valiosos productos de que a industria se aproveitará em beneficio da grande familia humana; e essa immensa região inexplorada, coberta pelas trevas da ignorancia, offerecerá novas correntes ás investigações das artes e do progresso agricola e commercial, apparecerão em fim os thesouros de tão mysteriosa quanto inexgotavel região, e as nações africanas, saindo de um lethargo immemorial, tornar-se-hão membros activos e uteis da humanidade, collocando-se tambem na grande estrada da civilisação e do commercio.»

Eis-aqui em geral os paizes equatoriaes propriamente ditos.

Africa equatorial. — Pequena ilha das Rolas, 3k,7 ao S. da ilha de S. Thomé, no golfo dos Mafras, costa occidental de Africa; margem esquerda do rio do Gabão fronteiro á ilha de S. Thomé, na terra firme; paiz de Okanda ao oriente do Gabão; vasta superficie inexplorada tendo por limite o N., a região do largo Tchadd, Ouaday e Darfour, a O. as terras banhadas pelo

rio Ogôoué, a E. differentes lagos ficando sob o equador o chamado Mroutan e o Nyanza, ao occidente do sultanado do Zanzibar na costa oriental de Africa; ao S. a parte septentrional de Angola; e, finalmente, o pequeno estado denominado Juba ao N. de Melinde, na costa de Zanzibar.

America equatorial.— Albermarle no archipelago de Galapagos ou das Tartarugas ao O. da republica do Equador e a 100 kilometros do Perú; Pechincha na republica do Equador, costa occidental da America do Sul; parte meridional da Nova Granada; ilhas Caviana e Mexiana e a villa de Macapé na margem esquerda da foz do rio Amazonas, na costa oriental da America do Sul; terras banhadas pelos differentes affluentes da margem esquerda do rio Amazonas, desde a sua foz até ao rio Negro, que banha a região equatorial propriamente dita, e recebe diversos affluentes, entre os quaes estão os rios Uaupes e Branco; e muito especialmente devemos notar o affluente que põe o rio Orenoque em communicação com os rios Negro e Amazonas.

Oceania equatorial.—Extremo N. de Batoe ou Mintau a O. da ilha de Sumatra, *residencias* de Padang e Indragire, na costa occidental e oriental de Sumatra, levantando-se sob o equador o monte Ophir, que attinge 4:568 metros de altura; terras altas de Padang e parte central de Sumatra; ilha Linga no archipelago de Riouw-Lingga, situado a E. da ilha de Sumatra; *residencia* de Pontianak e districto Sintang, na parte occidental de Borneo, ficando algumas cidades em 0° de latitude; parte media da ilha de Borneo e principado de Koti ou Kotei na parte oriental; ilha Celebes; a ilha chamada Tidore no archipelago das Molucas; Geilolo; a parte septentrional da ilha Waigiou e differentes ilhas pertencentes a variados archipelagos da Oceania equinoccial, como as do archipelago Gilber, etc.

Todos os paizes que enumerámos ficam sob o equador, e trata-se de conhecer se os europeus podem aclimar-se em taes regiões e entregar-se aos trabalhos agricolas.

É indispensavel, pois, examinar a posição e orientação das principaes localidades, estudar as povoações, productos agricolas e fabris, o movimento da população e a natureza pathologica do clima. Obtêem-se d'este modo os elementos necessarios para a classificação das regiões equatoriaes que se acham nas condições da provincia de S. Thomé e Principe.

1.° Africa equatorial

Ilha das Rolas. — É pequena esta ilha, como já dissemos, abunda em coqueiros, cuja exploração é feita por conta de um fazendeiro da ilha

de S. Thomé. Tem um edificio regular na costa, o qual está no rumo de 9° NO. da ponta da ilha de S. Thomé, onde se levanta a pedra que tem a denominação de *Homem da Capa*, 67° NE. da ponta da ilha denominada Baleia e a 42° 5′ para a ponta esquerda da bahia do Iogo-Iogo ou Boa Esperança.

Em 1872, quando estivemos na ilha das Rolas, havia ali um feitor com dez trabalhadores africanos e logravam todos boa saude.

Margem esquerda do rio do Gabão.— É insalubre esta localidade, devendo evitar-se a estada ali sempre que for possivel. Pertence, como dissemos, á França, que a occupa apenas com armazens de carvão. Na margem direita estão algumas casas de negociantes francezes, o palacio do governador, hospital e outros estabelecimentos, formando uma aldeia que se denomina Librezille. O que se póde afiançar, porém, é que é um protectorado e não uma colonia ou possessão propriamente dita. Não passa de uma feitoria commercial e faltam-lhe muitas condições para poder ser colonia agricola.

A região do Gabão pertencente aos francezes não está calculada, ignorando-se a superficie e limite. A zona maritima é carecterisada pelos mangues que, segundo a opinião de alguns medicos, se por um lado favorececem a formação de pantanos, difficultando a evaporação das aguas pluviaes, por outro protegem as habitações francezas, abrigando-as contra os ventos terraes e emanações dos charcos.

Os rios Como e Bamboé foram explorados por M. Touchard, cirurgião naval de 1.ª classe.

Os padres da missão catholica ali estabelecidos fizeram um vasto e mimoso jardim, onde, a par dos fructos tropicaes, crescem hortaliças e legumes. É importante esta missão, e representa o principio fecundo da civilisação d'aquella larga região equatorial.

Vasta região inexplorada desde o paiz de Okanda até ás terras altas ao occidente do sultanado de Zanzibar.—Esta zona equatorial chama actualmente a attenção da Europa sabia, que se empenha muito para a sua exploração.

Os inglezes e allemães protegem os viajantes que se offerecem para percorrer a Africa Central; é tambem indispensavel que não desamparemos um emprehendimento de tanta vantagem para a sciencia e para a humanidade, cujos laços se estreitam cada vez mais, não tardando talvez o dia em que todos os homens formem uma só familia.

Pequeno estado denominado Juba. — Não ha informações d'este paiz que mereçam divulgar-se.

Communicação entre Moçambique e Angola.—A Africa equatorial não está ainda aberta ao commercio, e desconhecem-se as suas riquezas naturaes; mas não acontece o mesmo ás terras da Africa tropico-equatorial no interior de Angola e Moçambique, que vão sendo exploradas, ainda que vagarosamente.

Urge, pois, que acordemos do lethargo em que ás vezes caímos por annos successivos, esquecendo-nos de que somos uma das primeiras nações coloniaes da Europa; cumpre-nos proseguir quanto antes as viagens entre a provincia de Angola e Moçambique, tirando d'ellas todas as vantagens que podem obter-se, já em relação ao commercio, já em relação á aclimação, agricultura e emigração dos portuguezes.

Em dezembro de 1854 lamentava o sr. Vasco Guedes de Carvalho e Menezes, governador de Moçambique, que alguns mouros que ali chegaram fizessem a viagem de Benguella á contra-costa sem irem acompanhados de pessoa instruida, que descrevesse as differentes localidades por onde passavam.

Os negociantes a que se referia o governador foram portadores de um officio do governador de Angola e gastaram na jornada quinze mezes e tres dias.

É realmente para lamentar que estas e outras viagens não se realisassem em boas condições, mas é tempo ainda de se attentar em tão importante assumpto.

É necessario, não cessaremos de repetir, que se abram communicações amiudadas entre os povos de Angola e os de Moçambique e que nos mostremos tão bons colonisadores no seculo XIX como ousados navegadores fomos no fim do seculo XV e no XVI.

É indispensavel confessar, todavia, que desde ha muito que se pensa em estabelecer communicações por terra entre Angola e Moçambique, e vem a proposito dar por copia as seguintes informações que em 1867 foram transcriptas nos annaes do conselho ultramarino:

«A primeira tentativa para abrir esta communicação entre as duas costas, de que tenho achado memorias, foi no tempo do governador de Angola, D. Manuel Pereira Forjaz, cujo governo começou em 1606.

«Balthazar Pereira de Aragão, militar resoluto, foi o encarregado d'esta expedição; porém, estando já em caminho, teve de retroceder para acudir á fortaleza de Cambambe, que se achava sitiada pelos negros revoltados.

«D. Francisco Innocencio de Sousa Coutinho renovou a tentativa, mas tambem a não pôde levar a effeito. Seu neto D. Rodrigo de Sousa Coutinho (conde de Linhares), homem de vastas concepções e bastantemente illustrado, apenas entrou no ministerio dos negocios da marinha e dominios ultramarinos, proseguiu na mesma empreza; e para a sua execução

designou a Francisco José de Lacerda e Almeida, doutor em mathematica, nomeando-o com estas vistas governador dos Rios de Senna, d'onde devia sair a expedição.

«Lacerda partiu de Lisboa munido dos instrumentos necessarios, e chegando ás terras do seu governo, procurou as informações e noticias, de que apresento as peças que pude obter, e poz-se a caminho para o interior da Africa com grande ardor. Chegou até ás terras do rei-*Cazembe*, que parece serem no ponto mais central entre as duas costas, sem encontrar obstaculos; e ahi falleceu, succumbindo ás inclemencias do clima. Deixou um roteiro da sua viagem, que eu não pude alcançar, nem sei que exista; e tal era o seu empenho pela conclusão da empreza, que escreveu uma especie de testamento, em que recommendou aos seus companheiros, que proseguissem na sua derrota até chegarem ao seu destino: recommendação a que elles não annuiram. É esta a mallograda expedição, de que se lembra M. Salt na sua *Viagem á Abyssinia.*

«Os acontecimentos politicos e militares da Europa, e a complicação que d'elles resultou ao conde de Linhares, desviaram o ministerio de dar attenção aos negocios do interior da Africa. O conde de Porto Santo, tomando conta do governo de Angola em 1806, fez reviver o projecto, servindo-se para este fim das diligencias do tenente coronel de milicias, Francisco Honorato da Costa, homem que tinha algumas luzes e muito pratico no paiz e que vivia retirado no presidio de Pungo Andongo. Foi nomeado este homem director da feira de Cassange nas terras do Jaga d'este nome, ultimo dos regulos avassallados a Portugal n'aquella direcção; e por este meio se adquiriu conhecimento da nação dos Molluas e se entrou em communicação com o potentado *Muata Yambo.*

«As terras de Cassange ficam ao NE. de Angola: passadas estas encontra-se um grande rio, que se suppõe ser o Zaire; e alem d'este rio ficam os Molluas, e reinava o *Muata Yambo.*

«Este potentado mandou uma embaixada ao governador de Angola, que recebeu os embaixadores com grande ceremonia, como se fossem de uma nação europea; e por meio d'elles, e dos pumbeiros de Francisco Honorato, que os vieram acompanhando, se adquiriram algumas noções sobre as terras do interior. Soube-se alem d'isso que estas terras se communicavam com a costa oriental, por se conhecer que d'ella eram procedentes alguns dos objectos que os embaixadores traziam de presente. Pela mesma via se conseguiram noticias do rei *Cazembe*, que se dizia ser tributario ao *Muata Yambo*, e que lhe pagava um tributo de sal marinho vindo da mesma costa oriental.

«Preparado o conde de Porto Santo com estes conhecimentos, despachou em fim os seus emissarios, mas em quanto estes caminhavam para o

oriente com ordem de não pararem em quanto não chegassem ás terras da capitania geral de Moçambique, acabou o conde o seu governo, e retirou-se, sem ter mais noticia d'elles.

«Succedeu-lhe José de Oliveira Barbosa; e foi este o que recolheu o fructo de tantas diligencias, porque foi o que conseguiu que um negro, official da companhia chamada dos Henriques, atravessasse aquelles dilatados sertões, e lhe trouxesse as cartas do governador de Moçambique. Ficou porém inutil este descobrimento pela qualidade do emissario, que nada podia adiantar relativamente ás sciencias, á politica e ao commercio: ficou sómente demonstrada a possibilidade da communicação por terra entre as duas costas.

«Impedimentos physicos não os ha, senão os que resultam da situação d'estes paizes e são communs a todos os outros paizes da Africa collocados na zona torrida; impedimentos moraes ha aquelles, que póde oppor a inhospitalidade dos povos que os habitam.

«Ha poucas terras no mundo habitado, cuja geographia seja mais incerta do que aquellas, que atravessa a linha de communicação entre Angola e as nossas possessões de Africa oriental. N'esta direcção, segundo as descripções dos geographos, discorrem e devastam o interior do paiz algumas tribus nomades e barbaras dos Jagas, que não cultivam a terra, nem possuem gados, senão aquelles de que se apoderam na guerra.»

A costa equatorial de Africa, quer ao oriente quer ao occidente, foi descoberta pelos portuguezes. Fomos nós quem primeiro entrámos no rio do Gabão; foi Portugal a primeira nação da Europa, cujos navios, dobrando o cabo da Boa Esperança, aportaram a Melinde que está para a costa oriental da Africa como o Gabão para a occidental.

A passagem sob o equador no Oceano Atlantico e mar das Indias pelos navegadores portuguezes não podia ser indifferente ao nosso afamado epico. Consagrou-lhe elle uma estancia da sua epopéa, que aqui reproduzimos, porque nos dá idéa da estação equatorial.

Assi passando aquellas regiões,
Por onde duas vezes passa Apollo,
Dous invernos fazendo, e dous verões,
Emquanto corre d'hum ao outro polo:
Por calmas, por tormentas e oppressões,
Que sempre faz no mar o irado Eolo,
Vimos as ursas, apesar de Juno,
Banharem-se nas aguas de Neptuno.

(*Camões*, canto v, estancia xv.)

Esteve João de Barros, o Tito Livio portuguez, na costa da Mina, foi Luiz de Camões á India, viveu Diogo do Couto por muitos annos em Goa, e tantos generaes e homens illustrados se afamaram nas terras de Africa,

da Asia e Oceania que bastaria nomeal-os para nos empenharmos no engrandecimento, progresso e civilisação das terras em que elles viveram, e que representam ainda hoje uma superficie de mais de 1.921:915 kilometros quadrados, a qual excede muito a de toda a França e nos colloca no quarto logar, como estado independente e colonial da actualidade. Mas falta-nos explorar o interior da provincia de Angola e Moçambique. É para ali que deve encaminhar-se a emigração portugueza, sendo aquelle immenso territorio objecto da nossa attenção, como a India o foi nos ultimos annos do seculo XV.

Preparou-se então a primeira armada, que, sulcando mares desconhecidos, passou sob o equador, em frente das ilhas de S. Thomé e Principe, fundeou na bahia de Santa Helena e, n'uma quarta feira, no memoravel dia 22 de novembro de 1497, dobrou o cabo das Tormentas.

Vasco da Gama, observa o illustre H. Major, passou com vento á pôpa o temeroso cabo, a que el-rei D. João II deu o immortal nome de Boa Esperança, antecipando o feito que já estava proximo de realisar-se.

Entrou a armada na bahia de S. Braz a 25 de novembro e ancorou a 14 de março em frente da ilha de Moçambique. Surgiu depois, passadas as ilhas Querimbas, em Mombaça e mais tarde em Melinde, a pouca distancia do equador, sob o qual repassavam de novo os corajosos nautas, que ensinavam o caminho das terras equatoriaes que, no seculo XVI, foram habitadas por portuguezes.

Quinta feira 17 de maio de 1498, diz H. Major, avistou Vasco da Gama, pela primeira vez, uma terra alta, a distancia de oito leguas; era a India, objecto de tantas anciedades e de tantos annos de esforços perseverantes.

Não podemos deixar de nos recordar d'esta arrojada empreza que nos approximou de Goa, Malaca, Timor e das ilhas das Especiarias, nem duvidâmos comparal-a, no grande pensamento que a iniciou, na sua importancia politica e commercial, com a que hoje nos esforçâmos em realisar, mandando explorar o interior da Africa portugueza, d'onde poderemos tirar o café, o algodão e o assucar, e muitos productos que por ali jazem enterrados.

Cumpre-nos, pois, explorar as terras que ficam entre Angola e Moçambique, fronteiras uma á outra, e já percorridas, como acima dissemos, por differentes sertanejos e negociantes. Não está todavia examinada a hydrographia, nem os melhores meios de communicação, desconhecendo-se tambem os logares mais ferteis e salubres, assim como as condições especiaes que elles offerecem para uma colonisação regular. A nação que hoje melhor sabe colonisar, é de certo a que promette um futuro mais prospero, uma vida mais prolongada.

Rua de mangueiras e jambeiros na fazenda S. João em Angola

Não se trata, portanto, de um simples itinerario, nem do reconhecimento isolado das posições astronomicas. O fim é mais largo, o problema mais difficil; mas não é este o logar proprio para discutir tão alto e momentoso assumpto. Fallaremos d'elle mais adiante, aqui só queremos mostrar a importancia que lhe attribuimos, e registâmos com prazer os esforços que se empregam para se levar a cabo, com feliz resultado, o maior emprehendimento dos portuguezes do seculo XIX. Fazemos votos para que da sua realisação nos resulte um imperio africano, como no seculo XVI tivemos o imperio do oriente.

2.° — America equatorial

A America equatorial compõe-se do archipelago de Galapagos, das republicas do Equador e da Nova Granada, da provincia do Amazonas, no imperio do Brazil, e das ilhas da foz do rio Amazonas. Esta região equinoccial, segundo a classificação que adoptámos, estende-se ao S. e N. do equador por uma zona de 23° de largura. Nós, porém, attendemos apenas aos paizes que, ficando sob a linha, não se afastam muito d'ella, e nomearemos sempre todos os estados que actualmente conservam sua independencia.

Não estamos, pois, de accordo com os escriptores que, fallando dos actuaes limites do imperio do Brazil com outras nações, deixam de se referir á republica do Equador. Forma ella um estado independente e como tal deve ser considerada, quando se trata da moderna geographia physica da America equatorial. Daremos portanto uma breve noticia das terras da America do Sul que se acham sob a linha equinoccial, desde o archipelago de Galapagos, ao occidente, até ao da foz do rio Amazonas, ao oriente da America meridional.

Albemarle e as ilhas Galapagos.—A ilha Albemarle, a mais septentrional do archipelago Galapagos ou das Tartarugas, tem 127^k,7 kilometros de comprimento por 88^k,9 de largura. Todas estas ilhas pertenceram antes de 1854 á republica do Equador, e estão hoje sujeitas aos Estados Unidos da America do Norte, que as obtiveram, segundo diz Larousse, por 2.700:000$000 réis.

A ilha de Albemarle é atravessada pelo equador e tem, segundo dizem, cinco vulcões.

O aspecto d'estas ilhas é selvagem e imponente. Abundam em tartarugas, que são as maiores que se conhecem, pesando algumas 200 e 300 kilogrammas, e servem para alimentação. Encontram-se tambem algumas plantas que ainda não foram descobertas n'outra parte do globo.

A descripção feita por Larousse com respeito a estas ilhas, mostra que

não têem sido procuradas para colonias agricolas, e que para ali eram mandados pelo governo da republica do Equador os malfeitores. Têem bons portos e fundeadouros que ficam a 1:111 kilometros a O. da costa continental. Algumas d'ellas têem agua corrente, e em todas se póde aproveitar a agua da chuva. Tornaram-se notaveis desde que foram visitadas pelo celebre naturalista Carlos Darwin. Este eminente sabio diz que o archipelago Galapagos é per si só um pequeno mundo ou antes um satellite da America do Sul, d'onde recebeu alguns colonos nomadas e deu seu cunho geral ás producções indigenas. Quando se attenta na pequenez d'estas ilhas, observa o celebre viajante, admirâmo-nos de encontrar ali tantas creações novas, circumscriptas em tão limitado espaço. Mas, exclama em seguida o mesmo naturalista:

«Comment tant de force créatrice a-t-elle été dépensée pour peupler ces rocs nus et stériles? Comment cette force a-t-elle agi d'une façon diverse, et pourtant analogue, sur des points aussi rapprochés? Les espèces nouvelles ont-elles été créés isolément? ou sont-ce des variétés de quelques types originaux, créés primitivement ou importés, et que des conditions autres ont modifié?»

Carlos Darwin tratou d'estas importantes questões no seu livro *Origem das especies,* assumpto de que nos occuparemos na secção VII d'este trabalho, abstendo-nos por emquanto de entrar em largas considerações a tal respeito.

Republica do Equador. — Importa muito conhecer este paiz equatorial: considerâmol-o como uma das principaes regiões que se acham sob o equador, e como uma das maravilhas do universo. Tem ao N. a republica da Nova Granada, a E. a provincia do Amazonas no imperio do Brazil, ao S. o Perú e a O. o Oceano Pacifico. A sua superficie está calculada em cerca de 650:000 kilometros quadrados. Mede de E. a O. 1:225 e de N. ao S. 840.

Estende-se desde 6° de latitude S. até 2° de latitude N., isto é, prolonga-se de 222^{k},2 para o N. do Equador e o dobro para a parte inferior ou S.

Muitos pontos equinocciaes, aquelles em que a latitude é nulla, correspondem á largura do paiz, sob os quaes passa o rio Iça ou Putumayo, que o atravessa de NO. a SE., e que é um dos affluentes da margem esquerda do Amazonas.

Os rios da republica do Equador dividem-se em duas classes; uns descem das grandes montanhas que cortam o paiz e desaguam no Oceano Pacifico, e outros correm para o levante e vão despejar no Amazonas ou em algum dos seus affluentes.

Para fazer-se idéa da elevada posição da cidade de Quito, capital da republica do Equador, basta notar-se que está collocada em uma planura accidentada, n'uma altura acima do nivel do mar, que é superior á da serra do Marão, addicionada com a do Gerez, e d'onde se avistam montanhas mais altas que a da serra da Estrella!

Os cumes das dezoito principaes montanhas do Equador estão entre 4:218 e 6:530 metros de altitude. O vulcão de Pechincha e o Cayambé ficam sob a linha equinoccial, tendo um 5:954 metros acima do nivel do mar e o outro 4:855. O mais alto de todos é o Chimborazo cuja altura attinge 6:530 metros.

Os montes mais elevados das cordilheiras formam como uma dupla crista; os cumes principaes estão cobertos de gelos, e foram escolhidos pelos academicos francezes quando trataram de medir o grau equatorial.

Não cabe, porém, nos limites d'esta obra a descripção das bellezas de tão notaveis panoramas, nem a da vegetação que borda os rios ou forma as immensas florestas que causam assombro a quem viaja n'aquelle extraordinario paiz. O nosso estudo não permitte que nos afastemos dos pontos que se acham sob a linha equinoccial, podendo reputar-se sem importancia a extensão de 500 a 600 kilometros ao N. ou ao S. do equador, de modo que a villa dos Angolares na ilha de S. Thomé, em cerca de 7′ 12″ de latitude N., póde considerar-se em condições iguaes ás da ilha das Rolas, que fica sob aquella linha, assim como algumas povoações das republicas do Equador e da Nova Granada são consideradas como sob-equatoriaes, visto estarem a poucos kilometros ao N. ou ao S. da linha equinoccial.

A capital da republica está em 13′ ao S. do equador proximo do vulcão da provincia denominada Pechincha, 3:200 metros acima do nivel do oceano. É sujeita a tremores de terra, e se não tivesse esta má condição seria um paiz incomparavel. É, porém, certo que todos os viajantes, entre os quaes se conta Humbold, fallam com enthusiasmo d'este paiz. As palavras d'este sabio têem sido repetidas muitas vezes e não vem fóra de proposito reproduzil-as aqui:

«Quem vive por alguns mezes sobre as altas planuras da republica do Equador experimenta irresistivelmente uma illusão extraordinaria; esquece-se a pouco e pouco de que essas cidades industriosas que o cercam, esses pastos em que se apascentam rebanhos de carneiros e de *lamas*, esses prados orlados de variadas e productivas arvores, esses campos, em fim, cultivados com todo o cuidado e promettendo abundantes colheitas, estão suspensos nas altas regiões da atmosphera, e não póde imaginar-se que o solo em que se acha esteja mais elevado acima do Oceano Pacifico

do que o pico Canigou nos montes Pyrenéos sobe acima do Mediterraneo.»

Não são sómente causa de admiração os panoramas que se desenrolam diante do observador que percorre as provincias septentrionaes d'aquella republica, pois não é menos digno de notar-se, para o caso de que nos occupâmos, o movimento da população.

Trata-se de um paiz equatorial. A sua capital, afastada apenas 24 kilometros do Equador, tem quatro vezes mais habitantes do que a cidade de Braga, capital da pittoresca provincia do Minho em Portugal. E não vem fóra de proposito observar que metade da população é composta de europeus, cujos descendentes se calculam em cerca de 36:000 almas, o que prova evidentemente que é possivel a aclimação dos europeus sob o equador; por isso não duvidâmos comparar aquelle paiz com as zonas tropico-equatoriaes da Africa portugueza que tem tão boas condições de fertilidade e benignidade de clima como os melhores paizes do mundo. Estes assumptos hão de ser tratados em outras secções d'este trabalho e mostraremos então que, assim como n'estas regiões privilegiadas, tambem entre as nossas provincias de Africa se nos deparam terras em condições similhantes ás da ilha da Madeira ou ás da região em que se levantam as cidades de Braga, Guimarães, Vianna do Castello e outras povoações de Portugal.

Republica da Nova Granada.—A parte meridional d'este paiz tem alguns logares em 0° de latitude, e por isso designaremos os limites d'elle e daremos a noticia geral da sua posição e extensão. Este paiz offerece condições especiaes dignas de attenção, muito vantajosas para a questão de aclimação e colonisação das zonas que se acham sob a linha equinoccial.

A immensa cordilheira que se prolonga do S. ao N. na republica do Equador, penetra nas terras da republica da Nova Granada e divide-se em tres ramos denominados oriental, central e occidental. Estendem-se na direcção do N. e vão gradualmente diminuindo de altura até se reunirem em cerca de 6° a 7° de latitude N., e chegam a confundir-se com a costa banhada pelo Oceano Pacifico ou pelo mar das Antilhas, d'onde se avista a chamada serra nevada de Santa Martha, que se levanta no extremo N. do paiz. A costa por este lado é formada de montes altos e áridos, sendo uns cortados a pique e tendo outros ladeiras mais ou menos inclinadas.

No ramo oriental a altura media é de 4:000 metros; no central ha picos coroados de neve, cuja altitude se calcula em 4:900 a 5:500; no occidental os alto-planos e os montes são menos elevados e chegam apenas a 1:500 metros acima do nivel do Oceano.

Ha grande differença entre as cordilheiras da republica do Equador e as da Nova Granada. Esta differença, diz Malte-Brun, consiste na disposição em que se acham os montes de uma e de outra região.

Na republica do Equador são diversos os alto-planos que separam as montanhas que lhes ficam sobranceiras. Ha planuras que se abrem a 2:750 metros de altitude, ficando mais altas do que as nossas serras de Montejunto, Estrella ou Suajo. Na republica da Nova Granada os montes e as cordilheiras são separadas por immensos valles e bacias de grandes rios, cujos leitos não se erguem a muitos kilometros de altura.

A provincia da republica da Nova Granada que se avizinha mais da linha equinoccial chama-se Los Pastos, sendo ao S. que as cordilheiras dos Andes se dividem, distinguindo-se, como dissemos, as que ficam sob a linha equinoccial d'aquellas que atravessam o territorio da republica.

Se as montanhas da Nova Granada são dignas de attenção, os rios a que ellas dão origem, as catadupas enormes que formam, as cascatas, os saltos ou immensas quédas de agua que frequentemente se observam constituem phenomenos extraordinarios n'aquelle paiz, que tem sido cuidadosamente estudado pelos mais afamados naturalistas do mundo.

O solo da republica da Nova Granada é banhado por diversos rios, sendo o maior de todos o Magdalena, o qual, depois de receber as aguas do Cauca, a 200 kilometros da foz, vae desaguar no mar das Antilhas. Ambos estes rios percorrem a região septentrional do paiz, nos valles profundos dos Andes. O rio Magdalena é mais extenso, sendo navegavel até cerca de 556 kilometros da sua foz; alem d'este e do seu affluente principal deve nomear-se o Atrato, que desagua no golfo Darien.

Para se apreciarem as correntes que banham as terras d'esta republica, reproduziremos as palavras do illustrado geographo Malte-Brun:

«A Nova Granada está n'uma das mais felizes situações hydrographicas; communica por um lado com o Oceano Pacifico, para onde correm os rios de menor volume de agua, por outro com o mar das Antilhas, sendo notaveis as cidades de Carthagena e Santa Martha, e finalmente, com o Oceano Atlantico por meio dos rios Orenoque, que lhe banha a fronteira, e dos affluentes do rio Amazonas.»

A republica da Nova Granada divide-se em differentes provincias cujas capitaes de maior nomeada são Santa Martha, Carthagena, Soccorro, Bogotá, Medellin, Popayan, etc.

A cidade de Popayan foi outr'ora florescente, mas hoje está muito decaída, tendo servido de estação commercial entre as cidades de Carthagena e Quito. A respeito da provincia Antioquia, de que é capital Medellin, e da planicie em que ella está assente, diz o doutor Saffray:

«Limitada de um lado pela cordilheira occidental dos Andes, ao pé da qual corre o rio Cauca, a provincia de Antioquia é atravessada por numerosos ramos da cordilheira central, que formam, a uma altitude media de 2:500 metros, planuras accidentadas em que reina por todo o anno o clima da França, na primavera.»

Entre todas as povoações, a que merece especial menção é a cidade principal, que se chama Santa Fé de Bogotá, e é a capital da republica. Tem, segundo Malte-Brun, cinco soberbas pontes e approximadamente 40:000 habitantes. Está situada, diz aquelle sabio geographo, na margem esquerda do rio de Bogotá, n'um dos mais pittorescos e mais ferteis valles da America do Sul, proximo a um dos ramos da cordilheira dos Andes, a mais de 2:600 metros de elevação acima do nivel do mar.

Os terrenos são ferteis, mas os principaes productos de exportação são o indigo e as pelles. Possue minas de carvão, oiro e prata; têem apparecido esmeraldas, diamantes, etc. Produz milho, café, cacau, assucar, tabaco e outros generos.

Terrenos banhados por differentes affluentes da margem esquerda do rio Amazonas.—A região equatorial do Brazil comprehende grande extensão de terras desde a foz do Amazonas, na costa oriental da America do Sul, até ao extremo oriental da republica do Equador, sendo a distancia entre os dois pontos extremos 1:725 kilometros.

O rio Uaupes, poucos kilometros antes da foz do affluente Tiquie, corre quasi sob o equador até se reunir ao rio Negro na margem esquerda, um pouco acima da villa de S. Joaquim. N'este ponto, o rio Negro, descendo do N., recurva-se e dirige-se para o nascente, tomando uma direcção quasi parallela á linha equinoccial até aos affluentes Xibaru, na margem direita e Padavixi na esquerda. Começa então a descer para SE. até encontrar o rio Branco, reunindo-se n'um só leito e desaguando no Amazonas, junto á cidade de Manáos, capital da provincia. A região equatorial compõe-se da provincia do rio Negro ao S. da republica da Nova Granada, das terras banhadas pela região inferior do rio Branco e pela Guyana brazileira, ao S. das Guyanas franceza, hollandeza e ingleza. É necessario dizer-se que, em 1876, a provincia do imperio do Brazil, denominada Amazonas, confina com as Guyanas, Estados Unidos da Venezuela, republicas do Equador, Nova Granada e Perú, e com as provincias brazileiras do Matto Grosso e Pará. O diccionario de Larousse não descreve a provincia do Amazonas, e em algumas publicações portuguezas publicadas modernamente, como já dissemos, não se falla da republica do Equador quando se trata dos limites do imperio do Brazil.

Descemos a estas minuciosidades, porque o medico hygienista, para

avaliar o clima pathologico de qualquer paiz, precisa conhecer a sua posição e extensão, as relações em que está com as regiões mais proximas e a fórma que ellas apresentam, as relações em que se acham as montanhas que o atravessam, os rios que o banham, etc. Assim como não póde haver bom medico operador sem conhecer a topographia anatomica, do mesmo modo não se póde ser bom hygienista, quando se desconheça a topographia geologica das localidades, e suas relações com as terras que lhes ficam mais proximas.

A linha equinoccial, depois de dividir os rios Negro, Branco, Jamandá, Trombetas, Pará, etc., passa na parte meridional da villa e forte de Macapá, edificado na margem esquerda da foz do Amazonas que em frente d'esta villa tem 33 kilometros de largura; mas a abertura da foz mede-se entre o cabo Razo ou do Norte e a ponta Maguary, na ilha de Marajo, avaliando-se esta distancia em 250 kilometros.

A provincia do Amazonas tem uma superficie de 1.951:407 kilometros quadrados e apenas 57:610 habitantes, emquanto que a provincia da Bahia, com uma superficie 3,7 vezes menor, tem uma população 22,4 vezes maior do que aquella. Não se dá apenas este caso entre as provincias do Brazil, e, para tornar bem saliente a pouca população da provincia equatorial d'este imperio, notaremos que a provincia e Minas Geraes é 3,1 vezes menor que a do Amazonas, emquanto que a população d'aquella é 34 vezes maior do que esta.

Ao centro da região equatorial da America vae ter o rio Orenoque, entre o qual e o rio Negro ha o canal Cassiquari ou os rios que sáem das republicas do Perú, do Equador e Nova Granada, e vão reunir-se ao Amazonas.

Todos esses rios têem sido percorridos por differentes exploradores, subindo tambem alguns d'elles desde a foz do Amazonas até ao rio Napo, que banha a republica do Equador em toda a sua extensão de NO. a SE. É de esperar que em breve tempo se ligue o Amazonas com o rio de la Plata, cujos affluentes principaes nascem a pequena distancia uns dos outros. É portanto muito facil activar a colonisação da região equatorial da America, se attendermos á possibilidade de se utilisarem tão importantes vias fluviaes. Não descansam pela sua parte os poderes publicos do imperio do Brazil, convencidos de que é irrealisavel a colonisação sem se abrirem communicações entre os centros mais ferteis, e por isso protegem as companhias de vapores que no rio Amazonas e seus affluentes estabelecem relações n'uma entensão de 9:900 kilometros.

Ilhas da foz do Amazonas.— O equador passa em algumas das ilhas que se acham na foz do rio Amazonas, contando-se n'este numero a Caviana,

Mexiana e Jarupary, segundo se vê de alguns mappas geographicos. Ha, porém, outras ilhas que estão mais para o interior do rio; uma d'ellas é immensa, não fica sob o equador, mas divide o Amazonas em dois ramos, dirigindo-se um para NE. e outro para S., formando o rio Maranhão ou do Pará.

O Amazonas, desde a foz do Xingu, affluente da margem direita, até á ilha Gurupá, dirige-se para o N., e, alargando-se em seguida, dá origem a um grande seio triangular, onde se acham differentes ilhas. É limitado ao N. pela margem esquerda do Amazonas, ao S. pela direita e a E. pela costa occidental da ilha Marajo, que se torna notavel por separar o curso do Amazonas, formando o braço meridional que recebe differentes rios, banha a cidade do Pará e desagua no mar entre a ponta Muguary na ilha Marajo e a Tijoca no continente, ficando ali a barra do rio do Pará.

A ilha Marajo ou Joannes, como outros lhe chamam, não tem menos de 135 kilometros de N. a S. e 185 de E. a O. É productiva, alimenta muito gado, que ali se reproduz com extrema facilidade, tem muita agua corrente e não são altos seus terrenos. Do archipelago do Amazonas não temos minuciosas informações, nem se falla dos seus productos nos trabalhos de que temos conhecimento. Parece-nos ainda assim muito importante, não devendo esquecer-se as duas maiores ilhas que se acham sob a linha equinoccial, as de Mexiana e Caviana.

3.º — Oceania equatorial

A divisão geographica da Oceania mais geralmente seguida é a seguinte: *Micronesia* (pequenas ilhas) ao NO., composta das ilhas de Magalhães ou Cenin, Sima, Mariannas, Carolinas, Palaos, Marshall e Gilbert; *Melanesia* (ilhas negras) a SO., comprehendendo a Australia ou Nova Hollanda, Tasmania ou Terra de Diemen, Papouasia ou Nova Guiné, Novas Hebrides, Nova Caledonia, ilhas de Salomão, do Almirantado, da Luziada e Viti ou Tidgi, etc.; *Malasia* (archipelago asiatico) a O., que abrange as Filippinas, Molucas, Celebes, Borneo, Sumatra, Java, Timor, Sumbava, etc.; *Polynesia* a E., onde se encontram as ilhas Sandwich ou Hawaü, Marquezas, da Sociedade, dos Navegadores, Tonga ou dos Amigos, Pomotou ou Tormetoa, Fidgi, Nova Zelandia, etc. Mas nós occupâmo-nos especialmente d'aquellas em que ha localidades collocadas sob o equadar em 0º de latitude, como por muitas vezes temos declarado.

Se ha região que devamos memorar, a Oceania equatorial é uma d'ellas. O que ali fizemos por largos annos, os feitos tão celebrados por tantos escriptores, não podem de certo repetir-se n'este logar, mas é-nos im-

possivel fallar de Sumatra, da Celebes, de Ternate e de outros territorios da Malasia sem nos recordarmos de que por tantos annos habitámos aquellas regiões. Foram os portuguezes os primeiros europeus que as povoaram, confiados apenas no amor de Deus e da patria. Devemos commemorar o anno de 1511, em que descobrimos as ilhas das Especiarias, chegando ali em 1518 D. Tristão de Menezes para fazer commercio com os reis d'aquellas ilhas. É portanto evidente que as Molucas foram descobertas pelos portuguezes e não pelos hespanhoes, como se diz no diccionario de Larousse.

Cumpre-nos, finalmente, relembrar o tempo em que Antonio Galvão viveu nas ilhas Molucas.

Foi este illustre governador homem de excellentes virtudes, e para lhe prestarmos honrosa homenagem reproduzimos, em 1876, um trecho da chronica que d'elle nos legou o nosso João de Barros em 1556.

«*Antonio Galvão era bemquisto dos Portuguezes, e a todos obrigou com muitos beneficios, que lhes fez; porque devendo-lhes os Mouros muitas dividas de seus contratos, e distratos, que faziam entre si, que os Capitães passados nunca foram poderosos para lhas fazer cobrar, elle fez com que de boa vontade, e sem contenda lhes pagassem; e devendo ElRey de Portugal muitos soldos, e mantimentos aos Portuguezes, que estavam em Ternate, não tendo seus Feitores dinheiro, elle o emprestava com grande perda sua: da mesma maneira gastava do seu com os doentes, que curava á sua custa, e em obras pias que fazia aos que cahiam em necessidade; e como hum dos frutos da paz he o ornamento, e concerto das cousas públicas, naquelle tempo em que se vio quieto reedificou a fortaleza de edificios, e officinas necessarias de pedra e cal, que antes ao costume da terra eram de cannas, e materiaes fracos, e tudo cercou de muro. Aos Portuguezes fez edificar suas casas de pedra, e cal, e com chaminés ao nosso modo, com que aquella povoação ficava parecendo de Portugal; e por a entrada do porto ser difficultosa, por hum penedo que estava no meio da barra, mandou quebrar este penedo, e levantar tanto o arrecife que ficou feito hum molle, com que o porto ficou facil, e seguro. E porque o que áquella fortaleza mais cumpria era ter gente arreigada, que por qualquer leve cousa se lhes não fosse, como muitas vezes se fazia, ficando a fortaleza só sem ter quem a defendesse, formou huma nova colonia, fazendô com ElRey Cachil Aeiro que désse terras aos Portuguezes que lavrassem e plantassem, com que fizeram quintãs, em que traziam muito genero de gado e ave; e para ornamento da Cidade trouxe agua de tres leguas por canos de que a gente e os gados bebiam e se regavam as hortas e os pomares, e assim incitou com seu exemplo aos Mouros, que occupados em lavrar e*

semear as terras e crear gado, se esqueciam das guerras, em que de continuo andavam e de soldados se tornavam lavradores. ElRey de Ternate vendo o ornato da Cidade, cobiçou fazer outro tanto á sua; e com ordem de Antonio Galvão a ennobreceo de edificios e outras cousas; muitas outras fez Antonio Galvão perque com razão lhe pudéram os Ternatos chamar Pai da Patria.»

Ilha Batoe, Mintáo, Battou ou Mentáo, e as ilhas ao O. de Sumatra.—A ilha Batoe acha-se sob a linha equinoccial na mesma latitude do elevadissimo monte Ophir, e é dependencia da residencia ou provincia irlandeza Padang, na costa occidental de Sumatra.

As ilhas que se estendem ao longo d'esta costa, a 55^{k},5 de distancia, termo medio, estão sob a dependencia dos governos das respectivas residencias ou provincias e alguma d'ellas são notaveis. Começando da parte do S. depara-se-nos a ilha denominada Engano, tendo 55^{k},5 de circumferencia; apparece em seguida Si-Pora ou Boa Fortuna, Si-Birou ou Mantawaï, e logo a ilha Batoe, atravessada pelo equador, havendo ao N. da linha equinoccial a celebre ilha Nias. Esta apresenta 133^{k},3 de comprimento por 55^{k},5 de largura.

Os habitantes da ilha de Nias, observa Malte-Brun, são geralmente bem feitos e robustos, têem a côr clara como os povos da Asia oriental, e nas feições alguma cousa do typo grego. As mulheres passam pelas mais formosas de toda a Malasia. Calcula-se a população d'esta ilha em 200:000 habitantes.

O que disse Malte-Brun é corroborado pelo dr. Van Leent nas seguintes palavras:

«Na costa occidental da ilha de Sumatra, encontram-se mulheres de uma rara belleza, não sómente quanto ás fórmas, mas tambem quanto ás feições. São na maior parte descendentes de europeu com escrava da ilha de Nias, que antes da abolição da escravatura foram levadas do seu paiz natal para a ilha de Sumatra. Eram procuradas por causa da sua formusura, que se manifesta nas creanças, principalmente nas meninas, sendo mais bellas que as proprias mulheres da ilha Nias.»

Estes e outros factos serão apreciados na secção VII d'este trabalho, e d'elles tiraremos as conclusões que a rasão e a sciencia auctorisam.

Ilha de Sumatra.—Esta immensa ilha é quasi dividida ao meio pela linha equinoccial, poisque se estende 529^{k},6 para o N. do equador e 644^{k},8 para a parte inferior ou S. Foi conhecida dos antigos e encontra-se em alguns mappas sob a denominação *Benac Fortunatae Insulae*, mas não é de certo a Java Minor dos antigos viajantes europeus, como dizem o

dr. Van Leent e Malte-Brun, se attendermos ao que a tal respeito escreveu Diogo do Couto:

«E considerando em Marco Polo, observa aquelle escriptor, o que falla de Java maior e menor, nos parece que esta de que tratâmos é a menor e que a ilha de Sumatra é a maior.»

A ilha de Sumatra, segunda em grandeza do archipelago da Sonda ou da Malasia, é 2,7 vezes maior que o reino de Portugal, tendo, segundo alguns escriptores, 1:262 kilometros de comprimento e 279 de largura. Ha, porém, outros que, como Larousse, avaliam a extensão de Sumatra, de NO. a SE. em 1:500 kilometros, e de E. a O. em 320, calculando a superficie em 70:000 kilometros quadrados. É importante similhante differença, e nós não hesitâmos adoptar os calculos de Larousse, poisque estão em relação com os que se acham exarados no *Annuario estatistico de Gotha*.

Esta ilha pertence hoje em grande parte aos hollandezes, mas foi descoberta pelos annos de 1508 a 1509 por Diogo Lopes Sequeira, que explorou a costa do Malabar, descobriu a peninsula de Malaca e foi a Pedir e a Pacem, paizes de Sumatra, onde levantou padrões, como diz Major, na sua importante obra *A vida do infante D. Henrique, o Navegador*.

A região septentrional de Sumatra conservou-se sempre independente e d'ella fallam João de Barros e Diogo do Couto, descrevendo a guerra que constantemente andou ateada entre os atchins e portuguezes, a qual, como muito bem recorda o dr. Van Leent a proposito da ultima guerra da Hollanda (1874) com os atchins, fôra muito encarniçada em 1527. Estes povos não se satisfaziam com roubar os nossos navios, matando os tripulantes, para o que se serviam sempre da astucia e da traição, mas ora propunham pazes, ora procuravam allianças contra os portuguezes. Por muitas vezes foram castigados e sempre derrotados nas suas investidas contra Malaca. Referimo-nos a estes assumptos, porque das guerras que sustentámos no estreito de Malaca e nas ilhas Molucas, tiraremos valiosos dados para apreciar a influencia do clima equatorial da Oceania nos europeus que frequentaram aquellas paragens no seculo XVI. Assim, não só nas guerras cuja descripção nos deixaram João de Barros e Diogo de Couto, mas tambem nas viagens que os portuguezes fizeram na Africa austral, apparecem importantes elementos que o medico hygienista deve aproveitar, quando trata de mostrar a influencia do clima de paizes que se desejam colonisar.

Os portuguezes que no seculo XVI trabalhavam na construcção da fortaleza da Mina, na costa do mar de Guiné, na da ilha de Ternate, quasi sob a linha equinoccial, e em outras muitas que não precisâmos enumerar, estavam em circumstancias diversas d'aquellas em que hoje pretendemos

explorar as terras da Africa portugueza, assignaladas por muitas viagens e corajosos feitos de que iremos dando conta no seguimento d'esta obra.

Os escriptores do seculo XVI contavam com enthusiasmo a laboriosa vida dos soldados destemidos, nautas valorosos e intrepidos viajantes. Os do seculo XIX archivam os feitos dos colonos corajosos e funccionarios que, luctando denodadamente contra a influencia de um clima novo, conseguem no meio de grandes difficuldades semear terras incultas e lançar os primeiros delineamentos de futuras povoações, como as de Cazengo e Mossamedes, na provincia de Angola. E nós, descrevendo a ilha de S. Thomé sob o ponto de vista da sua agricultura, e fazendo a comparação do seu clima com o das regiões que se acham em identicas circumstancias, não devemos esquecer aquelles portuguezes que, nos tempos passados, ao percorrerem esses logares desconhecidos, prestaram valiosos serviços á patria, á religião e á humanidade.

Os portuguezes foram sempre homens de acção, occupando-se em geral mais em trabalhar do que em escrever. Mas não faltou jamais entre elles homens como João de Barros, Luiz de Camões, Diogo do Couto, Azurara, Castanheda, Freire de Andrade e tantos outros que se encarregaram de mostrar ao mundo o que podia e valia a nação portugueza. Os beneficios que esses obreiros do progresso têem feito a Portugal, estão bem patentes nos famosos e modernos trabalhos do visconde de Santarem, H. Major e visconde de Paiva Manso.

Mas voltemos á ilha de Sumatra, que, segundo o diccionario de Larousse, só começou a ser conhecida depois da publicação das *Memorias de Muller*, em 1778, apparecendo as de *Marden* em 1793.

Sem negar a importancia dos escriptores que a descreveram, tendo sempre em conta o tempo em que o fizeram, não achâmos todavia justo o silencio de Larousse com respeito a João de Barros, que duzentos e quinze annos antes deu importantes informações da ilha, como adiante veremos. E para demonstrar o erro, em que estão os que julgam que esta ilha só foi conhecida na Europa nos ultimos annos do seculo XVII, reproduziremos tambem as formosas estancias que o nosso primeiro epico lhe consagrou duzentos e seis annos antes das obras dos escriptores de que falla Larousse; e note-se que os *Lusiadas de Camões* têem sido traduzidos nas principaes linguas da Europa.

Antes, porém, de darmos as descripções dos escriptores portuguezes, reuniremos algumas informações dos viajantes modernos.

A ilha de Sumatra está entre 5° 40′ de latitude N. e 5° 59′ de latitude S. e alarga-se desde 95° 16′ de latitude E. até 106° 3′ longitude O. É banhada pelo mar das Indias e fica fronteira de um lado á peninsula de Malaca, a celebre Chersoneso dos antigos, no continente asiatico, e do

outro á ilha de Java, de tão grande nomeada no mundo commercial. É rodeada por differentes ilhas, algumas das quaes demoram sob a linha equinoccial, e que nos cumpre nomear, não deixando comtudo de recordar qualquer logar ou ilha que como a denominada de Engano, conserva o nome portuguez. São lembranças de um passado glorioso, e homenagem a tantos portuguezes que illustraram a patria e serviram a humanidade, caminhando na frente de obreiros do progresso.

A ilha de Sumatra não pertence toda aos hollandezes, que são os unicos europeus que ali dominam desde 1824, em que os inglezes lhes cederam os direitos que tinham á parte occidental. Divide-se em possessões neerlandezas e territorio independente.

A parte pertencente aos hollandezes compõe-se de uma grande superficie de terrenos de alluvião, calculada em cerca de 71 kilometros de extensão, levantando-se depois os terrenos até ás montanhas do interior; a oriental alonga-se por 532 kilometros de terrenos baixos.

Ha n'esta ilha muitos vulcões, estando alguns em actividade; e é ali tambem que se encontra o vulcão mais alto do archipelago indiano, ao qual se attribue uma altura de 3:795 metros. O Merepiporem, de 3:300 metros, e o Kaboé são aquelles em que tem havido erupções mais notaveis. Nomeâmos tambem o monte Ophir por se achar quasi sob o equador, elevando-se a 4:568 metros acima do nivel do mar, como a famosa montanha dos Camarões.

Possue vastas planuras, valles apraziveis e terrenos altos susceptiveis de cultura, bem como differentes lagos, ficando alguns a 3:300 metros de altitude. São numerosos os rios que banham os terrenos, formando parte d'elles grandes deltas.

Tem a ilha oiro, prata, estanho, cobre, ferro, chumbo e outros metaes uteis ao commercio e á industria. É realmente extraordinaria a sua riqueza.

A flora offerece particularidades importantes e que não devem passar despercebidas.

Nas montanhas de Padang cultivam-se os legumes da Europa, e na de 2:770 metros de altitude depara-se a temperatura de 7°, termo medio, o que as torna comparaveis ao clima da Madeira e de Lisboa; os coqueiros não dão fructo nos logares de mais de 1:200 metros, e segundo o dr. Van Leent, aquella ilha é a patria do benjoim, da borracha e da camphora.

A cultura do café tem tomado incremento nos ultimos annos e é feita sob boas regras agronomicas. É tratada com todo o cuidado, o que lhe dá vantagem especial. O arroz, milho e legumes tambem ali são cultivados com utilidade, assim como varias especies de fructos, entre os quaes figuram os mais saborosos que se dão nos tropicos.

O mel, o almiscar e o marfim figuram entre os productos animaes, assim como a gomma-lacca.

São abundantes e variadas em geral as producções da ilha de Sumatra, tanto para consumo dos habitantes como para exportação.

A natureza grandiosa da ilha, diz o dr. Van Leent, selvagem talvez, mas ao mesmo tempo cheia de encantos, não cede em cousa alguma á das outras ilhas do mar de Sonda.

Não foi ainda polido pela mão dos homens tão notavel diamante. Espera apenas o trabalho do agricultor ou o alvião do mineiro para dar a riqueza áquelles que desejam explorar a fertilidade maravilhosa dos terrenos ou arrancar do seio da terra os valores que ali estão enterrados. Tudo emfim faz esperar que esta ilha será dotada de todos os melhoramentos materiaes e moraes que se têem realisado n'outras provincias hollandezas, e passará a ser a primeira do archipelago malanesiano.

Concluidos os caminhos de ferro não só na costa occidental e na oriental, mas tambem para o interior do paiz, o commercio alargará a sua acção e a agricultura augmentará a prosperidade geral e beneficiará o clima das planicies, onde a malaria é sustentada pelos terrenos de alluvião.

A ilha de Sumatra é essencialmente equatorial, e cumpre-nos, attento o plano do nosso trabalho, procurar todas as informações que mostrem se os europeus podem ali aclimar-se. Não ha factos directamente observados a tal respeito, mas de muitos portuguezes sabemos nós que percorreram parte da costa da ilha sem serem atacados pelas molestias do paiz. É digno de notar-se que de setecentos homens que desembarcaram na costa occidental, em consequencia do naufragio da nau *S. Paulo*, nenhum fallecesse de doenças endemicas, demorando-se ali quarenta dias trabalhando na construcção de novas embarcações, a fim de se dirigirem a Malaca. D'este extraordinario caso nos dá descripção Diogo do Couto, contando o que n'ella houve de mais importante. O que, porém, é certo, é que os naufragos só perderam sessenta pessoas n'uma refrega com os naturaes que, captivados da formosura de uma mulher europea, a roubaram e levaram ao seu chefe. «Depois d'esta desaventura, observa Diogo do Couto, se partiram os nossos de longe da costa, porque aquelle desastre os espertou a não se fiarem mais da gente da terra, e assim embocáram o boqueirão da Sunda, aonde acharam quatro náos Portuguezas, de que era capitão mór Pero Barreto Rolim e recebeu toda esta gente muito bem, e a repartiu pelas náos e proveo a todos bastantemento».

A ilha de Sumatra é extensa e divide-se em muitos reinos, mas é indispensavel dizer mais uma vez que não trataremos d'aquelles que se acham nos extremos septentrional ou meridional, por estarem distantes

da linha equinoccial, pois o nosso proposito é referirmo-nos sómente aos logares que ficam a O. e E. e d'onde os habitantes avistam á mesma altura o polo boreal e o austral.

A população da ilha, observa o dr. Van Leent, tem sido avaliada approximadamente. Algumas partes d'este grande solo não são bem determinadas, e o numero de habitantes é desconhecido. O que póde dizer-se é que a população não está em relação com a superficie da ilha, e que são immensas as florestas virgens que ainda existem.

Muitas são as causas que têem concorrido para o estacionamento dos habitantes indigenas, mas a influencia da raça branca vae a pouco e pouco ganhando terreno, e os usos e costumes barbaros vão-se modificando de modo que, nos ultimos annos, se nota ali grande augmento de população.

Comparando os dois modernos recenseamentos, continúa Van Leent, vê-se que em poucos annos a população, que era de 217:420 almas, passou a 600:000, augmento na verdade muito importante para um periodo de quatro annos. No diccionario de Larousse calcula-se o numero de habitantes em 6.000:000, estando sujeitos aos hollandezes 2:190:000.

Ilha de Sumatra descripta por João de Barros. — «O lançamento da compridão da ilha de Çamatra jaz pela nossa navegação per o rumo, a que os mareantes chamam Noroeste, Sueste, e tomada quarta do Sul e terá duzentas e vinte leguas de comprido, e de largo sessenta, ou setenta na maior sua largura. A qual fica tão vizinha á terra de Malaca, que no lugar mais estreito do canal que ha entre ellas não será mais que té doze leguas quasi na fronteria da Cidade Malaca; e dalli assi pera a parte do Levante, como do Ponente, vai esta terra da Ilha affastando-se da firme de maneira, que faz estas duas entradas daquelle estreito mais largo que no meio. E porém per todo elle tudo são baixos, restingas, ilhetas com canaes, os quaes errados se perdem as náos que por alli navegam: e daqui procedeo naquelle antigo tempo de Ptolomeu, e dos outros geographos, não ser aquelle transito navegavel, como ora he, porque a cubiça dos homens todolos atalhos busca, ainda que perigosos, pera conseguir seu intento.

«Fica esta ilha com a linha Equinocial que a córta pelo meio em figura de huma aspa, donde a ponta mais Oriental está em seis gráos da parte do Sul e com ella vai vizinhar na terra de Jaüa, fazendo ambas um estreito per que antigamente se navegava pera aquellas partes Orientaes; e por esta parte ao presente fica ella menos povoada e em torno mui cheia de ilhas e baixos. E pela parte do Ponente, que está em quatro gráos e tres quartos da banda do Norte, he mais limpa, principalmente da banda

de fóra, mas muito mais povoada, por nella haver grande concurso de navegantes e a terra em si ter muitas sortes de mercadoria. Geralmente per toda a fralda do mar he terra alagadiça, e de grandes rios e pelo ser, tão montuosa, onde está hum lago, de que alguns delles procedem.

«Alem da muita quantidade de ouro que nella ha, tambem se acha muita cópia de estanho, ferro e algum cobre, salitre, enxofre, tintas de minas e huma fonte de que mana oleo, a que chamam napta em o reino de Pacem, e no meio tem um monte como o chamado Ethna em a ilha Sicilia, per que lança fogo a que os da terra chamam Baaluan.

«Entre o grande, e diverso numero de arvores, e plantas que cria, muitas dellas de fruitos de que a gente commum se mantem, e outras que a natureza deo pera seu ornamento, tem as do sandalo branco, aguila, beijoim, e as que dam a canfora como a da ilha Burneo, posto que alguns digam que a daqui é mais fina e de outro genero da que vemos que vem da China, que he composição, e estoutra he cousa natural de outra especie.

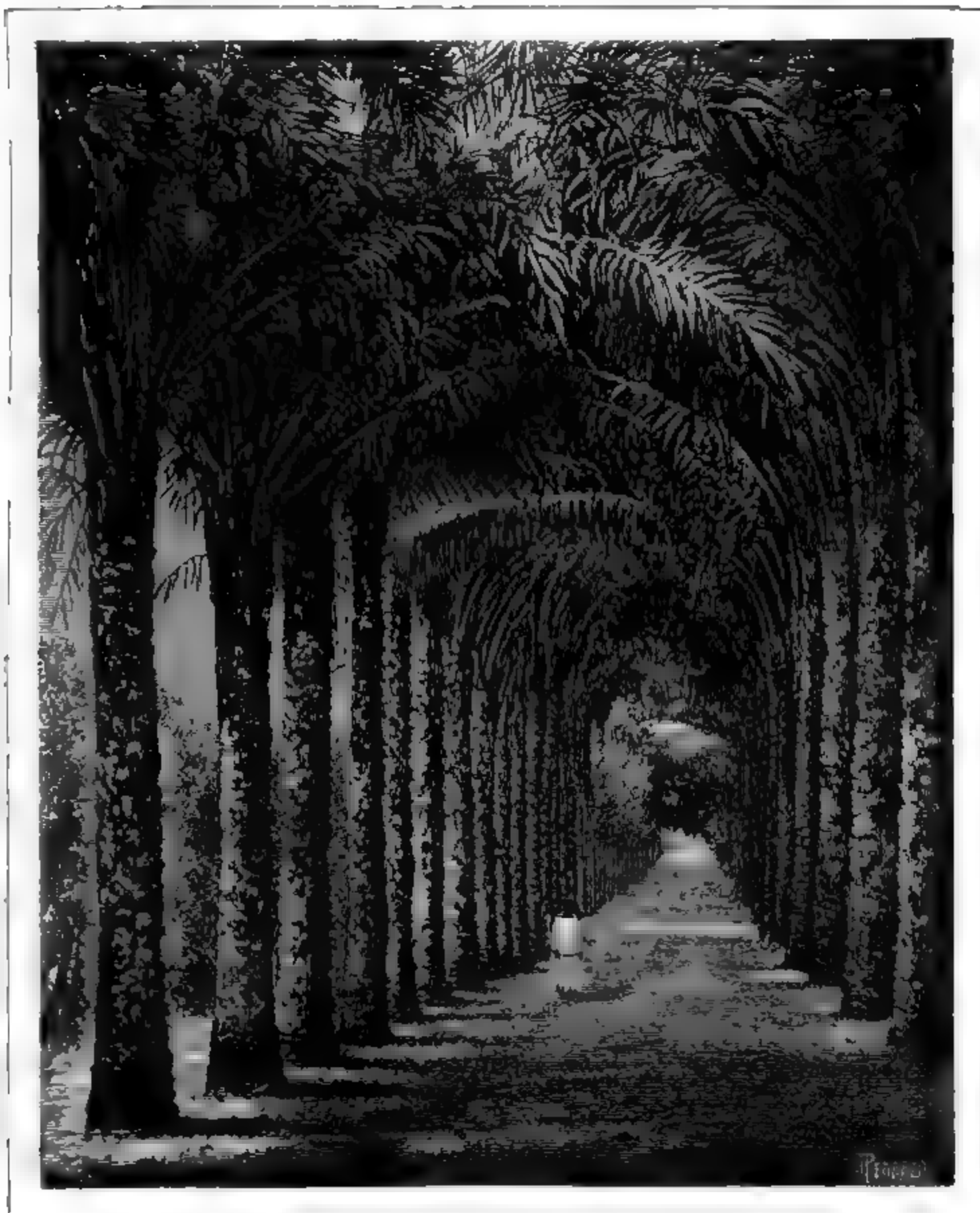
«Das especiarias tem pimenta commum, pimenta longa, gengivre, canella; e cria seda em tanta quantidade que ha ahi grande carregação para muitas partes da India.

«O geral mantimento da gente he milho, e arroz e muitas sementes, e fruitas agrestes do mato, porque pera razão do clima não póde crear outras sementes que venham com fruito maduro, como aquellas de que nós usamos.»

A importancia da ilha de Sumatra foi, pois, demonstrada por João de Barros; e Luiz de Camões deu-lhe um logar de honra no seu poema:

Dizem, que desta terra, co'as possantes
Ondas o mar entrando, dividio
A nobre ilha de Samatra que já d'antes
Juntas ambas a gente antigua vio.
Chersoneso foi dita, e das prestantes
Veias d'ouro, que a terra produzio,
Aurea por epithéto lhe ajuntaram:
Alguns que fosse Ophír imaginaram.

Vê naquella, que o tempo tornou ilha,
Que tambem flammas tremulas vapora,
A fonte, que oleo mana, e a maravilha
Do cheiroso licor, que o tronco chora;
Cheiroso mais que quanto estilla a filha
De Cyniras na Arabia, onde ella mora,
E vê que tendo quanto as outras tem,
Branda seda e fino ouro dá tambem.

(*Lusiadas*, canto x, estancias cxxiv e cxxxv.)

Rua das Palmeiras na fazenda Prototypo

Póde dizer-se finalmente que a ilha de Sumatra é conhecida na Europa desde os ultimos tempos do seculo XVI, sendo os portuguezes os primeiros que ali chegaram, dando a respeito da ilha minuciosas e importantes informações.

No logar competente fallaremos no que diz respeito ao clima, á acclimação dos europeus e á respectiva colonisação, assumptos que se prendem com o objecto principal d'este livro, mas que reservâmos para outra secção.

Ilha Linga e o archipelago Riouw-Lingga.—A ilha que João de Barros denomina Linga, e a que outros chamam Lingga ou Lengea, está collocada sob a linha equinocial e faz parte das ilhas que actualmente constituem o archipelago Riouw-Lingga, ao qual tambem pertence a celebre ilha Bintão dos nossos escriptores, ou Bintang dos viajantes estrangeiros.

O dr. Van Leent, descrevendo a ilha Linga e as que formam o archipelago de que nos occupâmos, não se refere á estada dos portuguezes, que praticaram ali arrojados feitos, o que nós não podemos deixar de mencionar como homenagem ao valor e actos de heroismo, dignos de serem repetidos e ensinados nas nossas escolas.

Um dos reis de Bintão procurava por todos os meios impedir a passagem dos navios no estreito de Malaca, e causava graves prejuizos aos negociantes da praça. Para o castigar saiu d'aquella capital Pero de Mascarenhas com dezenove embarcações, conduzindo mil cento e cincoenta homens, entre os quaes se achavam quinhentos e cincoenta portuguezes. O que estes fizeram no memoravel cerco d'esta ilha dil-o Diogo do Couto em poucas palavras, referindo-se aos trabalhos dos nossos soldados e ao valor dos capitães.

«Fernão Serrão, observa aquelle escriptor, acompanhado de cincoenta homens, chegando á estacada lhe lançáram aos páos grossos viradores, e guarnecendo-os aos cabrestantes, pondo todos nelles suas forças, foram arrancando huma, e huma com tanto trabalho, que lhes rebentou o sangue pelas bocas das forças que nos peitos punham. Nisto gastou oito dias por serem as estacadas muitas, e se deterem em cada huma grande espaço, e chegou a caravela a surgir defronte da Cidade.»

São dignos de louvor taes actos de dedicação, e ao menos podemos dizer que a colonisação da Africa portugueza não exige similhantes sacrificios, não reclamando as culturas de que os terrenos são susceptiveis mais do que boa vontade, constancia e economia para pagarem com vantagem o trabalho ou sacrificio que por elles se fizerem.

Parece-nos, pois, que durante o cerco da ilha de Bintão fôra satisfactoria a saude dos combatentes, porque Diogo do Couto não deixaria de

o notar, se as febres endemicas dizimassem tão esforçados soldados. Apesar d'isso a localidade em que assenta a cidade é má, como indica o mesmo escriptor, quando diz:

«A parte da ilha em que está a povoação he toda muito apaúlada e alagadiça: e esta he a razão por que todas suas casas são edificadas sobre grandes esteios de páo, levantadas no ar, e a serventia he por pontes, só as casas d'ElRey são fundadas sobre um tezo.»

O rei da ilha de Linga, que era muito amigo dos portuguezes, foi em seu soccorro, mas chegou depois de tomada a cidade de Bintão. A sua gente, porém, acompanhada de alguns portuguezes, percorreu a ilha para prender o senhor d'ella, mas não o poderam realisar, por ter fugido.

Não é nosso intento demorarmo-nos muito com a descripção d'esta ilha, não obstante ella estar proxima de Malaca e offerecer condições especiaes de salubridade de que devemos tomar conhecimento. Cumpre-nos advertir tambem que a ilha de Bintão não fica sob o equador, como disse Diogo do Couto, mas está, segundo Malte-Brun, cerca de $205^{k},5$ ao N. do equador. Tem 28 kilometros de comprimento por 12 de largura; a sua população era calculada no anno de 1867 em 23:861 habitantes.

A ilha Linga tem um monte de 1:188 metros de altitude, e fabrica-se ali boa louça para serviço de chá. Não possue lagos nem rios importantes, notando-se proximo do porto principal duas fontes de agua quente.

As ilhas do archipelago Riouw-Lingga não são sujeitas a tremores de terra nem a erupções vulcanicas, pelo que fazem um contraste singular com as terras da ilha de Sumatra, onde, no dizer de muitos viajantes e exploradores modernos, se contam mais de dezeseis vulcões, alguns dos quaes estão em actividade.

Ilha Linga, segundo o diccionario de Larousse. — «Linga ou Lingga é uma ilha da Oceania (Malasia), pertencente ao archipelago de Sonda, ao NE. da ilha de Sumatra, de que ella está separada por um canal de 60 kilometros de largura, e fica ao S. do estreito de Malaca, sob a linha equinoccial por 101° 21′ de longitude E.

«Tem esta ilha 125 kilometros de comprimento por 28 de largura. Calculam-se em 15:000 os seus habitantes. A capital denomina-se Koualo Daï.

«A ilha Linga está rodeada de ilhas, ilhotas e recifes, e é atravessada, na parte media, de O. para E., por uma corda de montanhas, onde se notam dois picos de fórma pyramidal, que se descobrem de muito longe, quando se navega o mar da Sonda, em que elles se acham.

«A costa do S. é baixa e geralmente pantanosa, subindo o mar, na maré alta, a grande distancia da praia. É tão cerrada a vegetação, que difficilmente se penetra nos logares arborisados.

«Linga é dotada dos mais ricos dons da natureza, mas os habitantes não se aproveitam de tal fertilidade, nem tratam de desenvolver as culturas mais apropriadas e feitas segundo as regras da boa rasão.

«A ilha abunda em fructos e sagu; colhe-se ali muita gomma e pimenta. O interior é muito arborisado, tem madeiras proprias para construcções navaes, tinturaria, etc.

«Na costa ha bom peixe, sendo os indigenas pescadores muito activos.

«Exploraram-se em outro tempo algumas minas de estanho, que havia na parte meridional da ilha: apparece oiro em pequena quantidade, mas não se faz caso d'elle.»

Ilha de Borneo.—É esta a maior ilha da Malasia ou da Asia austral, como lhe chamou João de Barros. Está classificada por muitos escriptores entre as do archipelago de Sonda, havendo quem a descreva á parte, mas sem justificada rasão, como um *archipelago*.

É atravessada pelo equador, como a de Sumatra, tem uma zona equinoccial propriamente dita e possue differentes povoações em 0° de latitude, sendo as principaes Pontianak, capital da residencia ou districto occidental; Sintang, mais para o interior; e o districto de Koti ou Kotei, na costa oriental.

Se esta ilha não offerece bastantes elementos para a solução do tão debatido problema da aclimação dos europeus nos paizes intertropicaes, pois que são poucos os que ali residem, apresenta todavia condições especiaes quanto ao clima e á pathologia equatorial, que muito importa conhecer.

A parte septentrional da ilha de Borneo foi descoberta por D. Jorge de Menezes em 1526, tendo já sido procurada em 1523 por Antonio de Abreu. Em 1530 foi visitada por Gonçalo Pereira.

O diccionario de Larousse traz a data de 1518, e acrescenta: «Os portuguezes só poderam estabelecer-se em Borneo no anno de 1690, occupando a parte denominada Bangermassing, d'onde foram logo repellidos por meio do assassinato e traição». Malte-Brun diz: «Os portuguezes chegaram á ilha de Borneo em 1513; mas esta grande ilha não se tornou tão conhecida como as outras. Em 1530 deram-lhe o nome de Borneo. Magalhães chamou-lhe Bunné [1]».

[1] V. A. Malte-Brun fils — Géographie complète et universelle. Nouvelle edition. 1851. Tomo I, pagina 372. Na mesma obra, tomo V, lê-se o seguinte: «Ao N. de Java e ao SO. das ilhas Philippinas estende-se o vasto territorio *a que os hollandezes deram em 1530 o nome de Borneo*». Ha visivelmente um erro n'esta indicação, que se acha em completo desaccordo com o que o auctor affirma na pagina 372 do tomo I, acima referido.

Quasi toda a ilha pertence hoje aos hollandezes, os quaes têem sustentado os seus direitos por meio das armas, de modo que apenas ha poucos annos poderam começar a explorar o interior do paiz.

Esta ilha, segundo Larousse, tem de NE. a SO. ou de comprimento 1:200 kilometros, e de E. a O. ou de largura 500. A superficie excede muito a da França, Belgica, Suissa e Paizes Baixos, o que mostra a sua grande extensão. Segundo o dr. Van Leent, tem 873:305 habitantes, e Larousse diz que ha em toda ella 4.000:000 por uma superficie de 675:000 kilometros quadrados. São de 1867 estas informações, e parece-nos mais verosimil a estatistica do dr. Van Leent, director do serviço de saude.

A linha equinoccial divide a ilha de Borneo em duas partes desiguaes, estendendo-se a septentrional até 7:778 kilometros e a meridional 463. Na região do N. fica o monte mais alto, que se eleva a 3:960 metros. A parte media é montanhosa, começando ali as cinco cordilheiras mais notaveis que se approximam da costa; mas o interior era ainda pouco conhecido em 1867, em que se publicava o volume v do diccionario de Larousse.

A orographia sob o equador merece especial attenção, porque a ella se ligam as melhores condições de salubridade, considerando-se na verdade uma das partes mais importantes da geographia medica, assim como não é menos a hydrographia.

A ilha de Borneo, sob este ponto de vista, offerece um estudo curioso, porque os rios são caudaes e formam immensos deltas. O rio que fica na *residencia* de Pontianak, pouco ao S. do equador, tem grande influencia sobre a flora pathologica local; o Barito, ao S. de Borneo, é notavel, estando a cidade de Benjermasing na margem esquerda, a poucos kilometros da foz; e o Koti despeja na costa oriental, formando um grande delta, não mui distante da linha equinoccial.

As localidades d'esta ilha que se acham sob o equador são a *residencia* de Pontianak, o districto de Sintang no interior e o sultanado ou principado de Kotei na costa oriental.

A *residencia* de Pontianak estende-se pela costa occidental de Borneo, desde o cabo de Sambar até ao rio Doeri ao N., e ao S. chega até ao cabo Ajer Mata. A O. ficam-lhe o mar e a E. o imperio de Kotaringin e duas provincias de Sintang, cuja capital está sob o equador.

A capital de Pontianak está em 0° 1′ de latitude S., 166^{k},6 distante do mar, nas margens do rio Kapoeas, e tem 6:000 habitantes, entre os quaes ha alguns europeus, e as casas são construidas sobre estacarias.

O principado de Kotei prolonga-se desde 1° 30′ de latitude S. até 1°

de latitude N. É por conseguinte um districto perfeitamente equatorial. Está nas mesmas condições de latitude em que se acham as ilhas de S. Thomé e Principe, tendo o mar a E., emquanto que a SO., O. e N. confina com as montanhas do interior da ilha. A população é avaliada por uns em 60:000 almas e por outros em 100:000.

N'esta região equinoccial ha variadas producções, como o arroz, inhame, bambu, camphora, cera, gutta-percha, oiro, ferro, cobre, chumbo, diamantes, antimonio, iman e carvão. Foi, segundo Larousse, no territorio occupado pelos chins, em Landak, que se encontrou o maior diamante conhecido. Pertence ao rajah de Matan.

O mar fornece abundante quantidade de peixe, que tambem apparece nos numerosos lagos da ilha, os quaes, como os de Sumatra e de Celebes, apresentam panoramas deslumbrantes, a cujo respeito disse o dr. Van Leent:

«Plusieurs îles, surtout Sumatra, Java et Célèbes, possèdent des lacs d'une certaine étendue. Ces lacs contribuent largement à produire ces sites d'un aspect enchanteur, que maintes fois nous avons admirés avec une émotion véritable.»

A ilha de Borneo, como já dissemos, foi descoberta pelos portuguezes, e d'ella fallaram João de Barros e Diogo do Couto. N'aquelle tempo não se tratava de colonisar, o que se queria era estabelecer relações politicas e commerciaes, castigar os que faltavam á fé dos contratos, e saber quaes eram as praias que offereciam melhores ancoradouros.

O fim do seculo XV foi para as descobertas e viagens maritimas, como o fim do seculo XIX será para a colonisação. Então brilhavam de enthusiasmo os que em uma caravela se entregavam confiadamente aos mares ignotos; hoje levantam-se os animos e pensam em estreitar cada vez mais a área das terras incultas ou abandonadas da Africa, America e Oceania: e não findará este seculo sem que se abram as portas de tão valioso thesouro, cortando a cabeça do terrivel dragão que a defende e tem dizimado milhares de victimas. Mas vejamos o que os escriptores portuguezes disseram ácerca da ilha de Borneo, mostrando tambem a importancia em que a tinha o sublime cantor das glorias de Portugal.

«He terra mui abastada de carnes, diz João de Barros, arroz e outros muitos mantimentos, e de mercadorias da terra de muito preço. Nascem nella pelas praias do mar junto da cidade de Tanjapura diamantes mais finos e de maior valor que os da India, e per toda ella nasce a verdadeira canfora em arvores, como na Europa nasce a resina, e esta he a que na India tem grande preço, que a que lá vai da Persia he falsificada.

«A cidade de Borneo he grande, cercada de muro de ladrilho, de nobres edificios, onde os Reys residem, e tem huns paços sumptuosos.

«Habitam em Borneo, Lavè, Tanjapurá, Modúró e Ceravá, portos principaes d'esta ilha, muitos e mui ricos mercadores que tratam em Malaca, Samatra, Sião na China, e outras partes, a que levam diamantes, canfora, páo de aguila e mantimentos, e hum vinho que chamam Tampor, que he o melhor que ha entre os artificiaes.»

Fecharemos esta breve noticia da ilha de Borneo com os versos que lhe consagrou Luiz de Camões, reunindo-a na mesma estancia com as ilhas da Banda, descobertas por Francisco Serrão e Antonio de Abreu.

> Olha de Banda as ilhas, que se esmaltam
> Da varia côr, que pinta o roxo fruto;
> As aves variadas, que ali saltam,
> Da verde noz tomando seu tributo:
> Olha tambem Bornéo, onde não faltam
> Lagrimas, no licor coalhado e enxuto
> Das arvores, que camphora he chamado,
> Com que da ilha o nome he celebrado.
>
> (*Lusiadas*, canto x, estancia cxxxiii.)

Ilha Celebes.—Estende-se esta ilha 196k,3 para N. do equador e 633k,3 para o S., por onde se vê que a parte meridional é 3,2 vezes mais extensa que a septentrional, e fica entre 118° 45′ e 125° 15′ de longitude E. de París.

Tornou-se conhecida, diz Larousse no seu diccionario, desde que os portuguezes em 1525 aportaram a Macassar, que está a O. na região meridional por 5° 4′ de latitude S. Levantaram ali um forte, mas, diz o mesmo escriptor, os hollandezes, para monopolisar o commercio das especiarias, apoderaram-se da ilha em 1660, e obrigaram os portuguezes a abandonal-a.

Malte-Brun relata que Garcia Henrique quizera explorar a ilha em 1525 por lhe constar que n'ella havia oiro, e que os habitantes não lhe permittiram o desembarque. Mas passado pouco tempo ahi construiram uma fortaleza e fundaram alguns estabelecimentos.

Os inglezes estabeleceram-se ali no principio d'este seculo, porém, em 1814, cederam todos os seus direitos, sendo os hollandezes os unicos europeus que actualmente têem ali influencia.

A superficie da ilha é 1,3 vezes maior do que a de Portugal. Está a E. da de Borneo, de que se acha separada apenas pelo estreito de Macassar, e é por tal modo subdividida, que parece formada de quatro peninsulas ou linguas da terra que se reunem n'um centro commum assás elevado sobre o nivel do mar. São numerosos os golfos e bahias da costa e alguns muito extensos.

A disposição dos terrenos tem levado muitos escriptores a erro, reputando-a um grupo de ilhas quando ella é uma só.

«O archipelago de Celebes, diz-se n'um livro popular, compõe-se da ilha d'este nome, que é a principal; Macassar, ao Sul, pertence aos hollandezes, que dominão sobre os diversos soberanos da ilha.»

E acrescenta outro escriptor:

«São notaveis, na Notasia, as ilhas Molucas ou das Especiarias, entre as quaes é notavel Celebes, a maior d'ellas, que produz a bohonupas, arbusto de que sáe um succo venenoso de terrivel actividade, em que os Macassares, habitantes da ilha, molham as pontas de seus punhaes e flechas.»

Eis-aqui o que em algumas das nossas escolas se ensina a respeito de uma ilha que serve de modelo a todas as colonias do mundo!

A ilha de Celebes não é, porém, *um archipelago*, nem é notavel sómente por causa do veneno com que os indigenas temperam suas settas ou punhaes, assim como não pertence ao archipelago das Molucas, entre as quaes não é contada pelos geographos, embora a administração de alguns pontos esteja dependente do governo das Molucas. Merece ser conhecida pelas suas producções, pela sua salubridade e natureza do clima. É preciso tambem notar que ella pertence á Oceania e não á Asia, sendo para admirar que haja um livro, em que se supprima a divisão geralmente seguida da geographia physica do globo[1]. Não ha motivo que justifique tal suppressão.

A ilha Celebes é montanhosa, elevando-se o monte mais alto que está na região S. da ilha a 3:230 metros. Não tem rios notaveis, a vegetação é abundante e os montes estão até ao cume cobertos do copadissimo arvoredo.

Compõe-se a ilha de alguns districtos administrativos, sendo aliás importante o de Menado, que tem sob a sua dependencia o de Gorantalo, mais proximo do equador. Na parte oriental ha os governos de Bangaai, Tomboekœ e Tomori e na região do S. o de Macassar, sendo, como já dissemos, os portuguezes, os primeiros europeus que ali chegaram e levantaram edificios.

O aspecto da vegetação em geral, dizem alguns escriptores, é menos grandioso e menos imponente que o das ilhas de Sonda. As florestas, cujas arvores são menos agigantadas que nas ilhas de Java e de Sumatra, alternam com extensas campinas.

[1] Compendio de geographia contendo cartas geraes da Europa, Africa, Asia e Australia e doze cartas especiaes da Europa, pelo padre José de Sousa Amado, approvado pela junta geral de instrucção publica. 1869. Preço 1$000 réis!

A fauna é largamente representada, e são abundantes os animaes domesticos. Não se encontram o elephante, o tigre e o rhinoceronte, assim como não ha o leopardo nem o tapir.

Tem ferro, cobre e estanho em differentes logares e abundancia de oiro na região do N.

A cultura do café foi ali introduzida em 1822 e a do cacau em 1826.

A cidade de Menado, observa um viajante, é uma das mais lindas das Indias orientaes. Assimilha-se a um vasto jardim abundante de povoações, onde as edificios são separados por largas ruas cortando-se perpendicularmente umas ás outras. Boas estradas se ramificam em todos os sentidos, orladas de lindas casas, caiadas e muito limpas, e notam-se plantações florescentes e entremeiadas de formoso arvoredo.

O districto de Menado, quasi na mesma latitude da ilha do Principe, mostra o poder da civilisação christã, e muito principalmente põe em relevo os beneficios do christianismo, comparados com os de outra religião. Serve certamente de lição aos padres que forem encarregados das nossas missões da Africa e muito especialmente ao clero da ilha do Principe, onde a descrença é geral e a desanimação profunda.

Vale, pois, a pena fazer a comparação entre estas duas ilhas, a fim de se formar uma idéa não só dos beneficios da civilisação, mas tambem dos males que a ignorancia e o fanatismo podem acarretar sobre um paiz.

Começaremos por citar o parecer de auctoridades competentes. É um meio seguro de se apurar a verdade.

A respeito da população do districto de Menado diz o dr. Van Leent:

«A influencia salutar do culto christão e do ensino que acompanha a propagação do christianismo é attestada pela moralidade e felicidade dos habitantes de Menado.

«As aldeias têem agradavel posição, as casas são largas e arejadas e reunem um certo numero de commodidades, que se reconhecem á primeira vista.

«As ruas estão limpas e são amplas, ha jardins e pomares em que o trabalhador encontra, com muita vantagem, o preço do seu trabalho; os campos cultivados ostentam fructos e offerecem sob climas tão privilegiados cento por um dos grãos semeados.»

É realmente agradavel observar signaes tão evidentes da felicidade de um povo que outr'ora gemia sob o jugo do paganismo, que ainda opprime os povos de outros districtos. É justo que se preste homenagem aos eminentes e relevantes serviços dos missionarios de Menado. O christianismo tem o poder de modificar o caracter de um povo, tornando-o simples, trabalhador, activo e justo.

Vejamos, porém, o que acontece na ilha do Principe, mais formosa

do que a Celebes, a mais pittoresca e agradavel ilha do tão decantado mar tenebroso dos antigos.

Eis aqui o que em 1865 disse o dr. José Correia Nunes:

«As artes estão muito atrazadas; encontram-se apenas alguns maus carpinteiros, pedreiros e ferreiros. A principal industria é a lavoura, que ainda assim está em grande atrazo, porque, alem de não empregarem os processos agronomicos convenientes para melhorarem e augmentarem as colheitas dos vegetaes que plantam, limitam-se á cultura do cacau, de algum café, mandioca e tabaco, abandonando outras muitas culturas, taes como o algodão, o anil, o açafrão, a batata, a canella, etc., e a industria de serrar madeiras de construcção, que ali tanto abundam.»

Comparámos o estado da povoação de um dos districtos da ilha Celebes com o da ilha do Principe, mas é necessario dizer tambem que na primeira ha districtos em que impera o fanatismo, poisque ainda ali não entrou a luz suave da civilisação christã, cuja doutrina deve ser ensinada por homens de boa fé e de honestidade inconcussa. Os bons exemplos fructificam sempre, e sem elles póde perder-se a melhor causa, a crença mais salutar.

Sobre a influencia do christianismo em Menado, é o casamento, a união da familia, a moralidade, a prosperidade publica, em fim, o fructo do sacerdote honrado e sincero; em Gorontalo, pelo contrario, a dissolução dos costumes, a indifferença dos paes pela prostituição das filhas, a familia desprezada, a desconfiança, a pobreza e a miseria são o resultado fatal de não se acceitarem as verdades christãs. O paganismo, finalmente, não póde arrancar a população de tão mesquinha sociedade.

A ilha do Principe está quasi despovoada, as roças abandonadas, os edificios invadidos pela vegetação, o povo desmoralisado e a população diminuindo de dia para dia. Fazem-se amiudadas festas de igreja, ha frequentes procissões, e muitas novenas quasi todos os mezes. As rezas nocturnas ás portas dos templos e as ladainhas no quarto dos doentes são acontecimentos que se repetem. Gasta-se n'esta vida quasi todo o tempo!

Foi o que ali observámos em 1873, quando fomos em serviço áquella ilha; era o que tinhamos notado quando lá estivemos em 1868, e de tudo colligimos documentos que servem de base a estas considerações.

Apartemos, porém, a vista do quadro que apenas esboçámos e passemos a fallar da ilha Celebes, que muito importa conhecer sob o ponto de vista de colonisação.

O districto de Menado está em 1° 27′ de latitude N. e 124° 38′ de longitude E. Tem 99:000 almas, população quasi igual á da cidade do Porto. Ha apenas 621 europeus, e esse nucleo fecundante e civilisador espalha a felicidade entre aquelles povos.

O districto de Gorontalo fica entre o equador e o districto de Menado. Tem cerca de 28:000 habitantes, entre os quaes, acrescenta o dr. Van Leent, ha 200 padres ignorantes, fanaticos e preguiçosos.

O districto de Macassar está ao S. da ilha em 5° 7' 45" de latitude, no meio de uma planicie fertil onde se cultiva o arroz, a qual se estende até ás montanhas do interior.

A brisa do mar, diz o dr. Van Leent, é fresca e embalsamada. É muito regular na boa estação e não falta muitas vezes no tempo das chuvas.

Macassar é uma estação desejada pela marinha, observa o mesmo escriptor. Offerece variadas distracções, e os generos de primeira necessidade não são caros. A caça é um divertimento aprazivel, assim como os passeios a cavallo são agradaveis; tudo respira alegria n'aquelle privilegiado paiz.

Quando não houvesse colonisação nas regiões da America equatorial, como, por exemplo, na republica do Equador, os principaes districtos da ilha Celebes de per si sómente mostrariam que nos paizes equinocciaes é possivel a colonisação, podendo os europeus viver como em qualquer paiz da Europa.

Se temos actualmente noticias mais circumstanciadas da ilha Celebes, não são de certo para esquecer as que nos legaram os nossos escriptores do seculo XVI. Julgâmos indispensavel transcrever alguns trechos da historia portugueza da India, e determinar as epochas em que os nossos navegadores e capitães frequentaram aquella região, por isso que não são exactas as informações que se lêem nos trabalhos de alguns escriptores estrangeiros. E alem d'isso não póde resolver-se o problema da aclimação em qualquer paiz sem se conhecer o movimento da população desde a sua origem ou entrada ali.

Vejamos, pois, em que epocha os portuguezes chegaram á ilha Celebes e como se estabeleceram as relações entre elles e os seus habitantes.

No anno de 1539, em que era governador das Molucas o distincto governador Antonio Galvão, cujo governo deveria ser sempre imitado, foram á ilha de Ternate embaixadores das ilhas dos Macaçás, que estão, segundo Diogo do Couto, sessenta leguas ao poente das de Moluco. O governador de Ternate recebeu-os muito bem, e conseguiu que fossem baptisados e abraçassem a religião christã.

«As ilhas dos Macaçás, diz Diogo de Couto, são muitas, e juntas, e andam nas cartas de marear lançadas em huma só muito grande pelo rumo a que os mareantes chamam Norte e Sul, perto de cem leguas de comprido. Quer esta Ilha imitar a fórma de hum gafanhoto grosso, cuja cabeça (que lança pera o Sul sinco gráos e meio) são os Cellebes, que tem Rey sobre si.

«Pela coda, que he a parte mais chegada a Maluco, atravessa a Equinoccial, e ainda lança quasi hum gráo para a banda do Norte.

«São estas Ilhas senhoreadas de muitos Reys, differentes nas linguas, desviados nos ritos e costumes. Começando da parte da codá, tem o reino de Bogis, por sima de quem córta a Equinoccial.

«A principal cidade chama-se Savito, que he grande, de casas sobradadas e formosas, mas todas de madeira.

«Aqui queimam os mortos, e suas cinzas se recolhem em vasos, que se enterram nos campos em lugares separados, onde fazem suas capellas abertas por todas as partes.

«Não tem templos, fazem suas orações, olhando para os Ceos com as mãos alevantadas, por onde se vê que tem conhecimento do verdadeiro Deos. Os naturaes não tem mais de huma mulher e os Reys tres e quatro.

«Tem logo o Reyno de Macaçá; sua Cidade principal se chama Goá; aqui enterram os defuntos.

«Na ilha Cellebes, diz mais Diogo de Couto, ha algodão, cobre, ferro, chumbo e muito ouro, de que as mulheres fazem manilhas pera os braços. Tem pedraria vermelha de que fazem joias, sandalo, sapão; fazem-se nellas muitos e bons pannos de seda de muitas feições. São estas ilhas muito abastadas de arroz, legumes, frutas, sal; tem cavallos, alifantes, muitas gallinhas, carneiros, bufaras, veados, porcos, perdizes e toda a mais caça de mato, mas não tem vaccas. Tem navios de muitas feições, huns a que chamam Pelan, que são muito ligeiros de remo, com que fazem guerra. Ha outros chamados Lopi, que são da carga, e outros maiores a que chamam Jojoga.»

Tidore e o archipelago das Molucas.—A ilha de Tidore constitue um paiz equatorial propriamente dito, está situada na Malasia e pertence ao archipelago das Molucas, 12 kilometros de Geilolo, ao S. da ilha Ternate, de que está separada por um canal navegavel que offerece bom ancoradouro por 0° 45′ de latitude N. e 125° 5′ de longitude E. Tem 12 kilometros de comprimento por igual largura. Calcula-se a sua população em 12:000 habitantes.

Taes são as principaes informações que a respeito d'esta ilha se encontram no diccionario de Larousse. Mostram a sua posição astronomica, sendo a sua superficie igual á da nossa ilha do Principe.

A ilha de Tidore, collocada exactamente sob a linha equinoccial, tem uma população seis vezes maior que a da ilha do Principe, é tão fertil como esta, e está afastada do equador mais de 150 kilometros para o N.

Convem portanto examinar com attenção as circumstancias em que

se acham estas ilhas, a fim de podermos indicar os meios necessarios para fazer saír do abatimento em que caiu a nossa ilha do Principe.

A ilha de Tidore fica perto da de Ternate, como a ilha de S. Thomé o está da do Principe.

Viveram os portuguezes muitos annos nas ilhas Molucas, e ainda hoje lá existem recordações de muitos dos seus governadores. Mas alguns escriptores modernos, de certo por falta de informações, ora trocam as datas dos descobrimentos, ora dão incompletos os nomes dos portuguezes illustres que ali serviram a patria. Não é sómente isto, infelizmente. Dizem não só que os habitantes das ilhas Molucas estavam sob a oppressão dos portuguezes, mas que estes as haviam usurpado!

Não podemos deixar sem reparo taes asseverações. Seria faltar ao nosso dever, seria esquecer os serviços dos portuguezes nas lutas que por tantas vezes se levantaram e em que valorosos soldados derramaram o seu precioso sangue para sustentar a honra e gloria nacional, seria, em fim, fazer a maior das injustiças a muitos illustres capitães e governadores, se não lhes tributassemos a devida homenagem. Os nomes de Francisco Serrão, Antonio de Brito, Antonio Galvão, e muitos outros estão protestando contra asserções que não assentam em factos bem observados.

O grande Affonso de Albuquerque castigava os traidores e aquelles que tomavam armas contra os portuguezes. Se muitas vezes não fosse energico, perderia o prestigio e não seria respeitado. Mas o seu principal empenho era adquirir a amisade d'aquelles povos. Nunca os perseguia, pelo contrario mandava «per aquellas partes orientaes notificar que todos viessem a Malaca sem receio algum: cá lhes seria guardada sua justiça e feito todo o favor em seus negocios». Depois de tomada a cidade partiram officiaes em differentes direcções, sendo mandado para as ilhas Molucas Antonio de Abreu, «indo diante delle um mouro natural de Malaca per nome Nehodá Ismael com hum junco de mercadoria de alguns mouros Jáos e Malayos, que tratavam nestas partes pera que quando Antonio de Abreu chegasse áquelles portos que fosse bem recebido».

É preciso, porém, observar que Antonio de Abreu tomou primeiro a cidade de Agacim, na ilha de Java; foi ter depois á ilha de Amboino, onde poz um padrão, como era costume em todos os descobrimentos, e em seguida passou á ilha de Banda e de ali «por lhe o tempo servir pera Malaca houve por mais serviço de ElRey tornar-se com nova do que tinha descoberto».

Francisco Serrão, desde que se apartou de Antonio de Abreu, foi ter a umas ilhas que os da terra chamam Luco Pino, isto é, ilha das Tartarugas, onde foi acommettido por alguns naturaes; mas, havendo-se com

boa fortuna, tomou-lhes a embarcação em que íam e foi em seguida á ilha de Amboino, e decorrido algum tempo passou ás ilhas de Ternate e Tidore, a pedido dos governadores indigenas.

No anno de 1513 foi mandado ás ilhas Molucas Antonio de Miranda de Azevedo, o qual foi muito bem recebido em ambas as ilhas, levantando-se questões entre seus reis, porque cada um d'elles se empenhava para que os portuguezes edificassem uma fortaleza na ilha em que habitavam. Houve-se com prudencia Antonio de Miranda, e voltou tão carregado de cravo como do requerimento dos reis d'aquellas ilhas, pedindo para se construir ali uma fortaleza. Começaram então os pedidos e solicitações para se fazer tal obra, resolvendo por fim El-Rei D. Manuel que fosse levantada, para o que mandou D. Tristão de Menezes, que, apezar de se demorar em Ternate, não pôde dar principio á construcção, porque não queria que se suscitassem questões de preferencia entre os governadores de Ternate e Tidore. Retirou-se, pois, da ilha de Ternate, mas, por causa de um temporal que sobreveio, foi aportar no principio de abril do anno de 1520 á ilha de Banda, tempo em que os hespanhoes ainda ali não tinham chegado.

Circumscrevemos estas noticias sómente ás datas, porque não só Malte-Brun, mas tambem H. Major attribuem a descoberta das ilhas Molucas a Antonio de Abreu, quando o primeiro europeu que ali chegou foi Francisco Serrão. Por esta exposição se vê tambem que os portuguezes não conservaram sob um jugo os habitantes das ilhas Molucas, como dizem alguns escriptores modernos. O que, porém, é certo é que os mouros se julgavam senhores do commercio d'aquellas ilhas, e promoviam-nos tal opposição que deram causa a encarniçadas guerras, algumas das quaes illustraram o nosso nome em todo o Oriente, tornando-se tão admirado quanto temido e considerado. E o que fizemos no seculo XVI está desde já demonstrando o que agora poderemos praticar em prol da civilisação e do commercio dos nossos dominios do ultramar.

Permitta-se-nos, pois, que nos demoremos mais a respeito d'estas ilhas. E não nos afastâmos ainda assim do nosso proposito, poisque ao examinar os trabalhos dos portuguezes em taes climas, ao relembrar as lutas que os mouros lhes promoveram, e que os indigenas muitas vezes provocaram, não deixaremos de reunir, como por mais vezes temos feito, os elementos que possam auxiliar-nos no estudo dos momentosos problemas da colonisação dos paizes intertropicaes africanos para onde está voltada a attenção da Europa scientifica.

Começaremos por designar os actuaes limites do archipelago das Molucas, a que pertencem as ilhas de Tidore e Ternate, assim como a de Geilolo, que nos cumpre nomear por ser atravessada pelo equador.

Sob a denominação de ilhas Molucas, archipelago das Molucas ou Grande Oriente, diz o dr. Van Leent, comprehendem-se todas as ilhas situadas entre a Celebes, a O., as Papouas e Guiné, a E., Timor, ao S., e, finalmente, fica-lhes ao N. o Grande Oceano. Este archipelago está comprehendido entre 2° 43′ de latitude N. e 8° 23′ de latitude S., e entre 124° 22′ a 134° 5′ de longitude E.

No archipelago de que tratâmos incluem-se portanto, continua o mesmo illustre medico, as ilhas Ternatezas (ilhas Molucas propriamente ditas) de que Halmaheira (Djilolo) é a maior; mais ao S. e a SO. os grupos de Badjan, de Obi e de Soela; as ilhas Amboino, entre as quaes Ceram e Boeroe, são as maiores, ficam ao S. de Geilolo ou Halmareira; ao S. de Ceram, as ilhas de Banda, sendo Lontor (Lonthoir ou Gran Banda) a principal; as ilhas do Sudeste e do Sudoeste e os grupos das ilhas Aroe, Kei e de Tenimber situados ao SE. e S. de Ceram.

Estas importantes colonias neerladezas, segundo o referido medico, têem a seguinte superficie:

Ilhas Ternatezas	11:125,1	kilom.	quad.
Grupo de Badjan, de Obi e Soela	4:858,7	»	»
Ilhas de Amboino	16:780,3	»	»
Ilhas de Banda	27,7	»	»
Ilas de Sudeste e Sudoeste	3:253,4	»	»
Ilhas de Aroe, de Kei e de Tenimber	7:717,2	»	»
Total	43:762,4	»	»

As ilhas Molucas e suas dependencias, onde dominâmos de 1511 até 1598, não nos pertencem hoje, mas não devemos esquecer a historia d'aquelles oitenta e sete annos. É util a lição que ella nos offerece, e são nobilissimos os exemplos que ali deram alguns governadores. E quando não tivessemos a historia brilhante de Antonio Galvão, deveriamos commemorar o anno de 1511, em que os portuguezes chegaram ao coração das Indias orientaes, e muitos outros nos quaes ou se obtiveram algumas victorias illustres, ou se alargaram os limites do Novissimo Mundo, justamente denominado Oceania por Malte-Brun.

Faremos, pois, uma breve descripção topographica e historica das ilhas em que os portuguezes se conservaram por mais tempo, entre as quaes figuram as que estão proximas ás de Tidore e Geilolo, unicas de que deveriamos fallar, segundo o plano do nosso trabalho, por serem as que se acham sob a linha equinoccial.

A ilha de Tidore, vinte vezes menor do que a de Geilolo, é geral-

mente montanhosa e possue muitos rios. O seu verdadeiro nome, segundo João de Barros e Diogo do Couto, é Duco, e foi descoberta em 1511 por Francisco Serrão, que preferiu ficar na ilha de Ternate, sendo muito estimado do rei.

As ilhas de Tidore e de Ternate estão tão vizinhas que concorrem ambas para o bom porto da ilha de Ternate. E o que é mais notavel é estar confundida a historia d'estas ilhas como a de S. Thomé e do Principe, não podendo fazer-se a descripção de uma sem se fallar da outra, como fez o dr. Van Leent no seu minucioso e util trabalho. Luiz de Camões reuniu-as no mesmo verso, e consagrou-lhes uma estancia completa, mostrando assim a grande importancia que se lhes dava no seculo XVI, sobresaíndo ellas, sendo tão pequenas e passando quasi despercebidas, á de Geilolo, a maior das celebres e procuradas *Ilhas das Especiarias*.

Refere-se Camões ás aves do paraizo, que os nossos denominaram *passaros do sol*, e que emigram para Ternate, Tidore e Banda, reputando-se ainda hoje verdadeira a tradição que havia a respeito d'aquellas aves no tempo do grande poeta [1].

Eis-aqui os versos do cantor de Vasco da Gama:

> Olha cá pelos mares do Oriente
> As infinitas ilhas espalhadas:
> Vê Tidore e Ternate, co'o fervente
> Cume, que lança as flammas ondeadas:
> As arvores verás do cravo ardente,
> Co'o sangue portuguez inda compradas;
> Aqui ha as aureas aves, que não decem
> Nunca á terra, e só mortas apparecem.
>
> *Lusiadas*, canto X, estancia CXXXII.

Ilha de Ternate.—Pertence, como a de Tidore, ao archipelago das Molucas, fronteira á costa O. de Geilolo e ao N. de Tidore por 0° 18′ de latitude N. e 124° 51′ 45″ de longitude E. Tem 18 kilometros de comprimento e 9 de largura. A sua superficie calcula-se em 31 kilometros quadradros.

A capital denomina-se Ternate e tem 9:000 habitantes. O solo é fertil, cultivando-se nas planicies do N. e NE. arroz, milho e cocos, nas do S. e

[1] Os portuguezes chamavam *passaros do sol* ás aves que os hollandezes baptisaram com o nome de *Aves do paraizo*. O sabio naturalista que lhes deu este nome acrescenta: Ninguem póde contemplar estas maravilhosas creaturas durante a vida, porque ellas habitam os ares, voltando-se sempre para o sol e pousando na terra apenas para morrerem. (L'archipel Malasien, por A. R. Wallace.)

E. estão abandonadas as culturas, ao SE. encontram-se alguns pantanos onde ha os decantados mangues.

Larousse dá-lhe 100:000 almas, mas o dr. Van Leent calcula o numero de habitantes em 10:000, o que nos leva a suppor que ha erro na estatistica do diccionario.

Ternate foi a capital do governo portuguez no archipelago das ilhas Molucas, occupando nós aquella ilha poucos annos depois da sua descoberta; e é por isso menos exacto o que diz o dr. Van Leent, dando a entender que os portuguezes só se estabeleceram ali pelo meado do seculo XVI. Mas em presença do que a este respeito escreveu João de Barros não fica a menor duvida ácerca do anno em que na ilha foi construida a nossa fortaleza:

«Elegido este lugar (o do porto da ilha de Ternate) por não haver outro melhor, e mais estar pegado na cidade Ternate, começou Antonio de Brito entender na obra; e a primeira enxadada que se deo no seu alicerce, e pedra que se nelle lançou, foi per mão de Antonio de Brito a vinte e quatro dias de junho do anno de mil e quinhentos e vinte e dous, estando elle, e todolos nossos com capellas na cabeça e grande festa por a solemnidade do dia, que era de S. João Baptista; e todolos outros fidalgos, cavalleiros, e gente de armas fizeram outro tanto, e por memoria deste santo houve a fortaleza nome *S. João.*»

Não é portanto exacta a asseveração do sabio medico hollandez a que nos referimos.

A ilha de Ternate é essencialmente formada por um vulcão que se denomina Gama-Lama, o qual tem cerca de 1:749 metros de altitude e está em actividade, sendo memoraveis as erupções de 1686, 1840 e 1855.

Foi muito prejudicial a esta ilha o tremor de terra causado pela erupção de 14 de fevereiro de 1840, e a prosperidade publica tem sensivelmente diminuido desde essa epocha.

Diz o dr. Van Leent, ao qual nos referimos n'esta breve noticia a respeito da ilha de Ternate, que o naturalista francez Hombron subíra ao volcão e lhe tomára a altura por meio de observações barometricas. Não podemos deixar de dizer tambem que, no anno de 1538, o governador da ilha, Antonio Galvão, fez a ascensão ao monte, e d'esse facto nos falla João de Barros.

«Algumas destas ilhas lançam fogo no cume de sua maior altura, assi como a Batochina do Moro, e a Batochina de Muar e outras a estas vizinhas. E o mais notavel aos nossos he o da ilha Ternate, de que sómente daremos noticia pola que houvemos de Antonio Galvão; o qual sendo capitão destas ilhas o anno de quinhentos e trinta e oito (1538), residindo nesta ilha Ternate em a fortaleza S. João que hi temos, quiz ir ver

aquelle mysterio da natureza, porque daquella fortaleza viam no cume da ilha vaporar fogo, ao modo que vemos hum forno de cal quando começa cozer, sem luz alguma de dia; e de noite era cousa espantosa ver as cores e faiscas do fogo e rescaldo que lançava em torno, cubrindo muita parte do arvoredo, da maneira que se elle cobre quando nestas nossas regiões neva. Peró isto não he em todo o anno, sómente nos mezes de setembro e abril, quando o sol se muda de huma parte a outra, que passa a linha equinocial, que córta meio gráo desta ilha: cá então ventam huns ventos, que accendem aquelle natural fogo na materia que lhe dá nutrimento por tantas centenas de annos. Subido Antonio Galvão áquella altura, onde viam este fogo, achou toda a coroa d'aquelle monte escaldada e a terra d'elle fofa, não feita em cinza, mas ligada huma á outra e leve. E per toda aquella coroa havia huns redemoinhos á maneira que vemos fazer a agua, quando estando estanque lhe lançam huma pedra, que vai fazendo aquelles circos; e porém os que estavam feitos nesta terra eram profundos em modo de algar, a que podiam descer por aquelles degráos circulados que a terra fazia. Contou mais Antonio Galvão que do meio do monte pera baixo tudo eram grandes arvoredos, e a terra assi fragosa e cuberta delle, que em muitos passos elle e os de sua companhia subiam per cordas; e de entre esta fraga corriam ribeiros que vinham regar o chão della, como que o fogo que andava no centro daquelle monte fazia estillar e suar aquellas aguas. E se Plinio, quando quiz ver o outro tal fogo do monte Vesuvio, em Italia, buscára outra tal conjuncção, como Antonio Galvão buscou, não ficára elle lá pera sempre, como ficou, segundo dizem.»

A cultura do cravo, outr'ora tão florescente na ilha de Ternate, está em decadencia e com difficuldade satisfaz ás necessidades locaes; a producção do café, cacau, canna de assucar, e de outros generos é tambem diminuta. Ainda sob este ponto de vista as ilhas de Ternate e Tidore nos fazem lembrar as de S. Thomé e Principe, onde a producção de assucar no seculo xvi era abundantissima e está em ambas hoje de todo abandonada, cultivando-se apenas na do Principe pequena quantidade de café e pouco cacau!

Para o nosso caso, porém, cumpre-nos observar que a ilha de Ternate, tendo unicamente cerca de 31 kilometros quadrados, sustenta uma população de 10:000 habitantes, emquanto que a de S. Thomé, trinta vezes maior do que aquella, não é proporcionalmente mais povoada.

O monte ou volcão de Ternate está 1:749 metros acima do nivel do mar, e os de Tidore ficam-lhe a SE., e os de Geilolo são mais altos que o da sua vizinha. No canal que separa as ilhas de Ternate e Tidore levanta-se uma ilha ou antes montanha que tem proximo de 1:000 metros de altitude, e é muitas vezes occupada, aindaque temporariamente, pelos

habitantes da ilha de Ternate, de cujo clima nos occuparemos n'outro logar.

Ilha Geilolo (Dgilolo ou Halmaheira).—Está na Malasia e é a maior das Molucas. Levanta-se a E. da ilha Celebes, estendendo-se desde 0° 50′ de latitude S. até 2° 20′ de latitude N. e 124° 50′ a 126° 50′ de longitude E. (Paris). Tem de N. ao S. 380 kilometros e de E. a O. 70. A superficie é inferior a 22:600 kilometros quadrados. A sua fórma é muito irregular, podendo considerar-se dividida em quatro peninsulas ou quasi ilhas distinctas por differentes golfos. Deveria chamar-se-lhe a pequena Celebes, tal é a similhança que ambas estas ilhas apresentam. O solo é fertil e produz sagu, que é o principal alimento dos habitantes, arroz, fructa, pão, côcos e outros fructos intertropicaes.

Os hollandezes são os unicos que ali têem estabelecimentos, mas os portuguezes foram os primeiros europeus que a frequentaram, sustentando guerra com os habitantes, entre os quaes havia mouros que faziam propaganda contra nós, ao verem que a maioria dos povos d'aquella região procuravam baptisar-se, abraçando a religião christã.

A população da ilha, segundo Larousse, é de 260:000 habitantes.

Amboino.—Foi descoberta em 1511 a 1512 por Antonio de Abreu e Francisco Serrão, construindo-se ali em 1569 uma fortaleza. O dr. Van Leent apresentou uma descripção medico-geographica d'esta ilha, com informações historicas, que nós completâmos modificando algumas noticias menos exactas, que aquelle illustre medico archivou por não ter talvez á vista os trabalhos dos escriptores portuguezes.

É verdade que o celebre Affonso de Albuquerque expediu em 1511 alguns navios para a descoberta das Molucas, e que ellas ficaram sujeitas desde então ao dominio de Portugal. A expedição hespanhola enviada por Carlos V, em 1521, não foi bem succedida.

Os portuguezes, deixando em toda a parte vestigios da sua passagem por meio de uteis plantações, fortalezas ou padrões e introducção de animaes, mostraram tambem que não se esqueceram de Amboino, e para ella passaram a arvore do cravo, que se aclimou e desenvolveu com rapidez.

«Sans cesse tracassés par des tribus ennemis, observa o dr. Van Leent, les portugais furent contraints de se retirer de l'autre côté de la baie, à Leytimor, où ils bâtirent le fort Victoria. C'était à cette époque qu'un prêtre, Galvaan, commença à propager le culte catholique parmi une partie de la population.»

Antonio Galvão não era padre, nem se occupou de propagar o culto

catholico na ilha de Amboino, porque residia na de Ternate, capital das nossas colonias n'aquella região, e ali completou o tempo do seu governo, dando exemplo de abnegação e honradez, que o tornou digno de ser imitado e admirado.

Esteve á frente da governação publica d'aquellas ilhas desde 1537 até 1539, tendo os habitantes de Amboino, como os da Celebes, de Geilolo, Tidore, de Java, etc., em muito apreço a amisade e serviços d'aquelle governador. Não se consideravam dominados por um governo despotico, usurpador, e sujeitos a um jugo que elles quizessem quebrar por meio das armas, pelo contrario deixavam as guerras para cuidar das culturas e corriam de todos os pontos para receber o baptismo e abraçar a religião christã, unica que póde tornar feliz uma nação.

Desejâmos para as nossas possessões de hoje governadores como Antonio Galvão, e veremos augmentar a agricultura, alargar o commercio, espalhar-se a civilisação e apparecer a prosperidade por toda a Africa portugueza, que poderá ser procurada como qualquer provincia de Portugal, dando cem por um dos beneficios que se lhes fizerem. Mas voltemos a nossa attenção para a ilha de Amboino, de que nos occupâmos n'este logar, e mais adiante fallaremos do clima e salubridade da Africa portugueza.

Os hollandezes exigiram em 1605 a entrega do forte Victoria e a posse da ilha. Os portuguezes cederam diante da força, e a ilha foi entregue, ficando ali todas as familias portuguezas, que prestaram juramento de fidelidade ao governador hollandez.

A ilha de Amboino tem a superficie de 410,5 kilometros quadrados, que não chega a ser a metade da ilha de S. Thomé, e comtudo a sua população é de 32:196 habitantes, entre os quaes se contam 700 europeus. Entre uma e outra ha grande differença no numero de habitantes, e adiante apreciaremos as causas que lhe dão origem.

A bahia de Amboino é de primeira ordem, dando-se ainda hoje á parte meridional o nome de *Bahia dos portuguezes*. Os montes sobem apenas a 300 metros de altitude e os rios são numerosos, mas de pouco volume de agua.

A ilha de Amboino, diz o dr. Van Leent, cobre-se de espesso arvoredo desde as praias até ao cume mais alto dos montes. É esplendida a floração das arvores do cravo e da noz moschada, e vêem-se ali representados os melhores exemplares da flora intertropical. Mas, apesar de tão pittoresco arvoredo, a ilha não merece o titulo de fertil. O solo é magro e coberto por uma delgada camada de humus, e não produz os generos vegetaes proprios para alimentação dos habitantes, que os importam da ilha Ceram, a qual fica proxima.

A ilha de Amboino está a 3° 28′ de latitude S. e 127° 54′ de longitude E.; devendo notar-se, relativamente á de S. Thomé, que tendo aquella o solo menos fertil, os montes menos elevados e os rios menos abundantes de agua, tem prosperado mais e está methodicamente cultivada.

Deveriamos terminar aqui a enumeração das ilhas Molucas ou das Especiarias, mas estamos certos de que não será destituido de interesse relembrar o que de taes ilhas nos disse João de Barros na sua linguagem singela e agradavel.

Ilhas de Banda, por João de Barros. — «Nestas cinco ilhas nasce toda a noz e massa, que se leva per todalas partes do mundo, como em Maluco o cravo. E a chamada Banda he a mais fresca e graciosa cousa, que póde ser em deleitação da vista: cá parece hum jardim, em que a natureza com aquelle particular fruito que lhe deo se quiz deleitar na sua pintura. Porque tem uma fralda chã, cheia de arvoredo que dá aquellas nozes, as quaes arvores no parecer querem imitar huma pereira. E quando estam em frol, que é no tempo que a tem muitas plantas e hervas, que nascem per entre ellas, faz-se da mistura de tanta frol huma composição de cheiro, que não póde semelhar a nenhum dos que cá temos entre nós. Passado o tempo das flores, em que as nozes já estam coalhadas e de côr verde, (principio de todo vegetal) vai-se pouco e pouco tingindo aquelle pomo da maneira que vemos neste reyno de Portugal huns pecegos, a que chamam calvos, que parecem o arco do ceo chamado Iris, variado de quatro côres elementaes, não em circulos, mas em manchas desordenadas, a qual desordem natural o faz mais formozo.

«E porque neste tempo que começam amadurecer, acodem da serra, como a novo pasto, muitos papagaios e passaros diversos, he outra pintura ver a variedade da feição, canto e côres de que a natureza os dotou. Passada esta fralda tão graciosa, levanta-se no meio da ilha huma serra pequena, hum pouco ingreme, donde correm algumas ribeiras, que regam o chão de baixo; e como se sobe com trabalho o aspero d'aquella subida, fica huma terra chã, assi cuberta, e pintada como a de baixo. A figura desta ilha he á maneira de huma ferradura, e haverá de ponta a ponta, que jazem Norte e Sul, quasi tres leguas, e de largura huma; e na angra, que ella faz com sua feição está a povoação de seus moradores, e as arvores da noz. Na ilha chamada Gunuápe não ha arvores de noz, mas outras pera madeira e lenha de que se os moradores das que tem este fruito se servem em seu uso; na qual tambem ha outra garganta de fogo como a de Ternate em as ilhas de Maluco, e por esta razão lhe deram o nome que tem, porque Guno quer dizer aquelle fogo e Ape é o proprio nome da ilha. O qual Guno por ser pouca cousa, os nossos vam a elle, e da sua boca

apanham enxofre, de que se aproveitam por o acharem bom; e toda a noz que ha nas outras tres ilhetas, a trazem a esta Banda como a sua cabeça por a ella acudirem os mercadores. A gente dellas é robusta, e a de peior acatadura d'aquellas partes, de côr baça e cabello corredio: segue a seita de Mahamed, e mui dada ao negocio do commercio, e as mulheres ao serviço das cousas da agricultura. Não tem rey ou senhor, e todo o seu governo depende do conselho dos mais velhos; e muitas vezes porque os pareceres são diversos, contendem huns com os outros. E a gente que os mais enfrea he aquella que povoa os portos de mar, per onde lhe entra o necessario pera seus usos, e tem sahida suas novidades, que he massa e noz, porque a terra não tem outra que saia pera fóra. O arvoredo do qual pomo he tanto, que a terra he cheia delle, sem ser plantado per alguem, porque a terra o produzio sem beneficio de agricultura. Querem imitar estas arvores o parecer das nossas pereiras, e porém a sua folha tem semelhança de nogueira, e o pomo deste tamanho he, e a noz em verde o mesmo parecer tem. Estas matas não são proprias de alguem, como herança particular, são de todo o povo; e quando vem junho té setembro, em que este pomo está de vez pera ser colhido, estam já estas matas repartidas per os lugares e povoações, e cada hum acode a apanhar; e quem mais apanha mais proveito faz. Como ácerca de nós são as matas do conselho assi da bolota, como as serras do carrasco da grã, que no tempo de apanhar geralmente se descouta aos da villa daquelle termo.»

Não fallâmos de outras ilhas, como Java, Timor, á maior parte da qual ainda hoje nos pertence, Lantor, etc., porque, como temos dito, não estão comprehendidas nos limites d'esta secção do nosso trabalho, e as que nomeâmos servem para mostrar o que são as terras equatoriaes da Oceania, havendo assim elementos para comparar os paizes que se acham sob o equador, seja qual for a parte da terra em que se achem.

As colonias portuguezas da quinta parte do mundo, como João de Barros chamou ás terras descobertas pelos portuguezes para alem de Malaca, estão enumeradas, é verdade, na importante obra de V. A. Malte-Brun fils *Géographie complète et universelle*, e a ellas se refere tambem H. Major no seu monumento geographico, erigido em honra de Portugal; como porém o que tão auctorisados auctores escreveram não satisfaz ao nosso intento, ajuntâmos á breve noticia de cada paiz equatorial da Oceania o que a seu respeito disseram os escriptores portuguezes, e procurâmos designar com a maior exactidão possivel as datas dos descobrimentos e das explorações das terras que enumerâmos, e os nomes d'aquelles que realisaram um ou outro emprehendimento. Ficarão assim rectificadas muitas epochas designadas no diccionario de Larousse, que se referem a estes mesmos paizes, e as noções historicas que o erudito medico

Van Leent juntou aos seus importantes trabalhos ácerca das colonias neerlandezas, os quaes nos servem de modelo em grande parte d'este livro.

Ilhas Molucas descriptas por João de Barros e Diogo do Couto.— «O seu sitio he debaixo da linha equinocial. Per o qual parallelo distam contra o oriente da nossa cidade Malaca pola navegação dos nossos, espaço de trezentas leguas pouco mais ou menos. Estas cinco ilhas jazem huma ante outra pelo rumo de Norte Sul ao longo de outra ilha grande: o comprimento da qual per este mesmo rumo será té sessenta leguas, e isto pela costa desta grande ilha que está da parte do ponente, a qual elles chamam Batochina do Moro. E de quão direita ella corre com esta face do ponente, tão curva e escachada he do levante, lançando tres braços, hum na cabeça, que tem contra o Norte o qual corre ao Nordeste e dous no meio que correm direito a oriente e isto segundo a pintam nas cartas de navegar, com a qual figura, quer parecer hum troço de páo liso per huma face e tres esgalhos pela outra.

«As outras cinco ilhas chamadas Maluco, que jazem ao longo desta, todas estam huma á vista da outra per distancia de vinte e cinco leguas. E não dizemos serem cinco porque naquelle contorno de Batochina e entre ellas não ha já hi outras, nem menos lhe chamamos Maluco, per não terem outro nome; mas dizemos serem cinco porque naturalmente nesta ha o cravo e em tres ha rey proprio de cada huma.

«E o de cada huma destas, começando da parte do Norte vindo pera o Sul, o da primeira he Ternate, que se aparta meio gráo da linha equinocial e a segunda se chama Tidore, e as seguintes Moutel, Maquiem e Bacham. As quaes antigamente per nome do Gentio natural da terra se chamavam Gape, Duco, Moutil, Mara e Seque. Todas são mui pequenas porque a maior não passa de seis leguas em roda.

«A terra destas ilhas em si é mal assombrada, e pouco graciosa; porque como o sol sempre anda mui vizinho, ora passe ao solsticio boreal ora ao austral, com a humidade da terra cobre-a de tanto arvoredo, plantas e hervas que isto faz aquella terra carregada no ar, e vista della com as exhalações dos vapores terrestes, que sempre andam per cima dellas, que faz nunca as arvores estarem sem folha. Porque ainda que mudem huma, já per outra parte está com outra nova, e outro tanto he nas hervas; e com tudo cada cousa vem com sua novidade a hum certo tempo cada anno. Sómente as arvores que dam o cravo respondem com novidade de dous em dous annos, porque no apanhar quebram-lhe o novo, onde ella lança os cachos delle á maneira da madre silva, como vemos que a oliveira, se he muito açoutada da vara, dahi a dous annos não responde com

novidade porque ha mister aquelle tempo pera crear rama nova, em que dê azeitona.

«Geralmente per a fralda destas ilhas a terra he sadia e isto a que é alta; a que tem este maritimo alagadiço, como a ilha Bacham, é doentia. A terra de todas pela maior parte he preta, grossa e tão sequiosa e porosa em si, que por muito que choiva, logo he bebida toda aquella agua; e se algum rio tem que venha do alto das serranias, primeiro que chegue ao mar, a terra o bebe todo. E assi dispoz a natureza suas sementes, que sendo a Batochina maior que estas cinco juntas e todas dentro em hum pequeno espaço de mar, nesta grande não ha cravo e tudo o que tem é mantimentos e nas cinco cravo sem elles. Finalmente veio a natureza a particularizar tanto a disposição de sua especifica virtude que té barro para louça deo sómente em huma que jaz entre Tidore e Moutel, chamada Pullo Caballe, que quer dizer ilha das Panellas. E não sómente nas cousas naturaes, mais ainda nas artificiaes assi estam repartidas na inclinação e uso dos homens pera huns pola necessidade dellas se communicarem com os outros, que na ilha Batochina, em hum lugar chamado Geilolo, se fazem os saccos em que se enfardella todo o cravo que dam todas as cinco pera se carregar pera fóra, quando o não queiram trazer a granel em suas peitacas, como elles costumam.»

Segundo Diogo do Couto, as ilhas do mar de Levante tão conhecidas e frequentadas pelos portuguezes no seculo XVI, formavam cinco archipelagos.

«A primeira parte, diz aquelle escriptor, he o archipelago de Maluco, a que os naturaes não sabem dar quantidade; mas o mais certo he que começa passando Mindanáo, e tudo pera lá, chama-se Maluco, em cujo meio ficam as sinco ilhas do cravo, Ternate, Tidore, Maquiem, Bachão e Moutel. E posto que Bachão he dividida em muitas ilhas cortadas por muitos braços de mar, que se navegam com embarcações ligeiras, todavia, por ser de hum só senhor, as nomeamos por huma só. Por cima della córta a equinoccial e ao Norte della corre a ilha de Ternate, que se aparta hum gráo para o Norte ficando entre huma e a outra as ilhas de Moutel e Maquiem, todas á vista huma das outras por espaço de vinte e cinco leguas, e todas se correm Norte e Sul.

«A segunda parte ou o archipelago he o do Moro, que fica perto de sessenta leguas de Maluco ao Norte e começa nas ilhas Doe, duas leguas á ré da ponta de Bicoa e não adiante, como anda nas cartas de marear de Batochina.

«A ilha de Batochina terá em circuito duzentas e cincoenta leguas e nella ha dous reys, o de Geilolo e o de Lyoloda, algumas vinte e cinco leguas do outro, junto de huns ilheos, onde acaba este archipelago da banda

do Norte. Os habitadores desta ilha da banda do Norte são selvagens, sem ley e sem rey, e não tem povoações senão pelos matos. Mas da banda de Leste he povoada de longo do mar e tem grandes e bons lugares, que cada hum tem lingua sobre si, posto que todos se entendam. A esta costa chamam Morotia, que quer dizer o Moro da terra; e as ilhas de defronte chamam Morotai, que é moro do mar, e a todas as ilhas juntamente chamam o Moro.

«O terceiro archipelago he o dos Papuas, que está a leste de Maluco, que he pouco frequentado pelas ilhas serem muitas e cheias de baixos e restingas. Os naturaes destas são pobrissimos. (Foi descoberta por D. Jorge de Menezes em 1527).

«O quarto archipelago he o dos Celebes, que está a loeste de Maluco: ha n'elle muitas ilhas famosas de que as principaes são Mindanáo e a propria dos Celebes, em que ha muitos reys. Tem mais as ilhas Bisaya, que tem muito ferro, e Mascaga, Masbate, que ambas tem muito ouro, que tambem se acha em Mindanáo, e a ilha de Sologo, que tem muitas perolas, que não sabem os naturaes tirar. Tem todas estas ilhas e outras que não nomeamos muitos mantimentos, sandalo, aguila, canela, canfora, tartaruga gengivre e pimenta longa.

«O quinto archipelago he o de Amboino, que está ao Sul de Maluco, e tem muitas ilhas.»

Os primeiros povoadores das ilhas do Cravo, segundo Diogo do Couto, foram os chins que as frequentaram por muitos seculos, e d'ali exportavam bastantes especiarias, cuja procedencia se ignorou na Europa emquanto os portuguezes não descobriram as terras em que ellas se produziam.

Ilha Waigiou e a Nova Guiné.—Fica a ilha Waigiou na Malasia, ao NO. da Papouasia ou Nova Guiné, da qual está separada pelo estreito Gammen, segundo Larousse, ou Dampier, segundo outros. Está em 0° 1′ de latitude S. e 128° de longitude E. de París.

Os terrenos d'esta ilha são elevados e cobrem-se de arvoredo desde as praias até aos logares mais elevados.

Foi descoberta com o grupo a que pertence por D. Jorge de Menezes, o qual saíu de Malaca com destino ás ilhas Molucas, seguindo a viagem por via da ilha de Borneo, como lhe fôra ordenado. Passou a pouca distancia da ilha de Moro, ao N. de Geilolo, onde não encontrou bom fundeadouro por ser a costa alcantilada.

Afastando-se, porém, das ilhas Molucas e navegando para o Oriente, descobriu D. Jorge de Menezes, no fim de alguns dias, uma ilha com bom porto, e cujos naturaes, tanto homens como mulheres, eram

tão alvos e louros como allemães, os quaes eram conhecidos pelo nome de Papuas [1].

Sob a denominação de Papouasia estão reunidas muitas ilhas, sendo a maior a Nova Guiné. Esta ilha estende-se de NO. para SE. e tem, segundo A. R. Wallace, 2:245 kilometros de comprimento e 640 de largura. A superficie excede a da ilha de Borneo, devendo considerar-se, reputando a Australia como um continente, uma das primeiras ilhas do mundo.

É digna de estudo a Nova Guiné, mas não apresenta localidade alguma em 0° de latitude, não tendo por conseguinte a condição essencial para ser descripta com minuciosidade n'este livro. Nomeâmol-a apenas por ella estar muito proxima da ilha Waigiou, que lhe fica a NO.

Os hollandezes procuram estabelecer-se no interior d'estas ilhas, e os seus navios percorrem os differentes portos, especialmente os da costa occidental. Frequentam a bahia de Dorey na costa da região mais septentrional, e a de Humboldt que está mais para o oriente. É a Nova Guiné por emquanto pouco frequentada, mas os seus habitantes offerecem dados importantes para o estudo da ethnographia. A. R. Wallace esteve por algum tempo na povoação de Dorey, onde se viu atormentado por grande quantidade de formigas que o incommodavam constantemente e infestavam as collecções zoologicas que elle preparava. Ha ali poucos recursos e o paiz está inculto.

Alem das ilhas da Oceania equatorial já nomeadas, encontram-se outras, como as de Gilbert, etc.; mas só fallaremos da salubridade ou insalubridade dos paizes de que deixâmos tão rapida descripção.

III

Distincção entre clima equatorial e tropical

Não é este o logar adequado para o estudo da climatologia; julgâmos, porém, indispensaveis algumas explicações para justificar a classificação dos climas por nós adoptada, e as rasões que nos levaram a fazer distincção entre clima equatorial e tropical, visto estarem ambos comprehendidos na chamada *zona torrida*, onde aliás apparecem numerosas regiões temperadas, localidades frias e não faltam tambem zonas glaciaes.

[1] A. M. de Castilho attribue a descoberta da Papouasia ou Nova Guiné a Antonio de Abreu e Francisco Serrão; mas ha n'isto evidente lapso.

São na verdade variadas as classificações que se têem feito dos climas, e nós poderiamos acceitar qualquer d'ellas, porque todos os escriptores são unanimes em considerar equatoriaes as zonas que ficam sob o equador; mas o que se não póde, sem graves inconvenientes, é dizer indifferentemente: *Este clima é tropical ou equatorial.* Ha na verdade grande differença entre os climas d'estas duas zonas, e as palavras — paizes tropicaes — não devem nunca comprehender os que ficam mais proximos ao equador do que aos tropicos. Admitte-se em geral uma divisão, mas não ha todavia accordo ácerca do limite extremo d'esses paizes, dizendo uns que elles se estendem até 15° de latitude e outros até 10°. Começa ahi a divergencia, e poucos geographos ha que não apresentem alguma modificação na classificação climatologica que adoptam.

O fallecido visconde de Paiva Manso admittia cinco especies de zozas isothermicas; a saber: glaciaes, frias, temperadas, quentes e torridas.

Não nos satisfaz esta classificação, e, se reconhecemos a existencia de climas equatoriaes, devemos em primeiro logar assignar-lhes um limite que possa até certo ponto servir para se distinguirem dos que ficam sob os tropicos, e para isso escolhemos dois parallelos tirados por 11° 45′ ao N. e ao S. da linha equinoccial.

D'este modo o espaço intertropical fica dividido em quatro zonas distinctas, devendo admittir-se mais tres, que, posto não sejam bem limitadas, têem comtudo significação clara. Referimo-nos ás zonas de transição que se observam tanto entre os climas tropicaes, como entre os equatoriaes, que se contam ao N. e ao S. do equador.

Chama-se, n'este caso, zona equatorial propriamente dita, ou sub-equatorial, á região que fica sob a linha equinoccial, estando alguns dos seus logares a 0° ou quasi a 0° latitude; e zona equatorial do Norte ou do Sul é a parte que se estende d'aquellas localidades até á linha divisoria equidistante do equador e do tropico boreal ou austral.

Clima tropico-equatorial é aquelle que está sob o parallelo equidistante do equador e dos tropicos, e daremos o nome de climas tropicaes ás terras ou paizes que se acham mais proximos dos tropicos que do equador. É necessario tambem advertir que ficam substituidas as palavras *zona torrida* por outras mais apropriadas, como as que acima ficam indicadas.

Não são indifferentes estas observações, porque se trata de explicar a natureza dos climas intertropicaes, dizendo a verdade a todos os colonos que desejem ir para o Brazil ou para a Africa portugueza.

Parece-nos realmente grande erro chamar insalubre a um paiz quando elle tem apenas uma ou outra localidade palustre, assim como não é

racional reputar ardentes aquellas regiões em que a maior parte da superficie está sujeita a uma temperatura moderada, como acontece na região alto-plana da ilha de S. Thomé.

Nas terras equatoriaes (zona torrida ou ardente de muitos escriptores) ha, é verdade, logares em que a temperatura é insupportavel; mas a poucos kilometros encontram-se climas variados, sendo até necessario muitas vezes os habitantes andarem tão enroupados como em Lisboa na estação invernosa. Julgâmos, pois, que as palavras *zona torrida* ou *ardente* não satisfazem ao estudo da aclimação e da colonisação, e deixam no espirito dos colonos idéas que não são verdadeiras na sua comprehensão e extensão.

A temperatura é de certo base acceitavel para o estudo dos climas meteorologicos, mas o *clima pathologico* não ficaria bem definido, se se adoptasse isoladamente tal principio. As divisões physicas do globo tambem não servem para distinguir qualquer clima, e é realmente vago dizer: *clima oceanico, clima europeu, clima asiatico,* etc., como dizem alguns escriptores sem justificada rasão.

A sciencia climatologica, é preciso dizer-se, tem adiantado pouco, e é por isso que vemos reputar insalubres alguns paizes que a tradição assim tem apresentado e não porque haja provas da sua insalubridade, e considerar como torrida uma zona que tem muitos tractos de terreno sob a acção de uma temperatura amena ou de um clima temperado!

Se ha sob o equador localidades em que a aclimação é muito difficil e a vida muito arriscada, vemos nós tambem viverem os europeus em logares que se acham em 0° de latitude, no meio da zona torrida, cujo nome tem contra si os gelos das montanhas, o frio dos alto-planos e a amenidade de muitas planuras.

O dr. J. Rochard diz que a zona torrida, classificada segundo o equador thermal, comprehende ao N. e S. do equador os seguintes paizes:

Na Asia:

Arabia, India, peninsula de Malacca, Sião, Birmania, Cochinchina, Laos, Cambodge e Annan.

Na Africa:

Sahará, Fezzan e o Soudan, na região central; a Senegambia, Guiné e o Congo a O.; a E. a Abyssinia, costa do mar Vermelho, Zanzibar, Moçambique, Madagascar, ilhas Comores, ilha Reunião e Mauricia.

Na America:

Mexico, Guyanas, Antilhas, Guatemala, S. Salvador, Nicaraguá, Costa Rica, Nova Granada, Equador, Venezuela e o norte do Brazil.

Na Oceania:

As ilhas da Malasia, Taïti, Pomotou, Gambier e as ilhas Marquezas.

Esta divisão dos climas *torridos* ou *ardentes*, aliás arbitraria, baseia-se no exame das linhas isothermicas, formando-se o equador thermal dos pontos indicados pelas medias mais elevadas da temperatura observada em differentes localidades. A zona torrida abrange, n'este caso, todos os paizes *em que a temperatura se conserva acima de 25° centigrados*, e os limites das outras zonas obtêem-se diminuindo successivamente 10° até 25° abaixo de zero, o que póde representar-se pela formula — 25°. *O clima glacial* será representado por linhas isothermicas referidas ás temperaturas — 5° e — 15°; *o clima frio* por — 5° e + 5°; o *temperado* por + 5° e + 15°; o *quente* + 15° e + 25°; o *torrido*, finalmente, por + 25° e + 35°.

Não tratâmos de discutir as vantagens ou desvantagens d'esta classificação; observâmos apenas que a não adoptâmos, porque está desligada da latitude, o que nos parece inacceitavel, por isso que as chamadas linhas isothermicas não dão idéa da posição das localidades e servem apenas para pontos geraes de comparação.

Os paizes equatoriaes propriamente ditos têem logares em que a latitude é nulla, e que ficam a igual distancia dos dois polos. Os astros parecem descrever diariamente circulos perpendiculares ao plano do horisonte e são todos visiveis. Os dias são, durante o anno, iguaes ás noites, isto é, ha constante equinoccio para os habitantes que ali vivem, assim como apenas se contam duas estações.

Os paizes equatoriaes têem, pois, caracteres physico-mathematicos que os distinguem de todos os outros e devem ser estudados separadamente.

Mappas comparativos de algumas classificações a respeito dos climas

1.° — Systema das linhas isothermicas

Designação dos climas	Temperaturas medias	Observações
Clima ardente	27° a 25°	O clima ardente pertence á zona torrida, e, segundo observa M. Lévy, cada uma das zonas isothermicas póde dividir-se em climas constantes, variaveis e excessivos.
Clima quente........	25° a 20°	
Clima doce..........	20° a 15°	
Clima temperado.....	15° a 10°	
Clima frio...........	10° a 5°	
Clima muito frio.....	5° a 0°	
Clima glacial	Abaixo de 0°	

Não julgámos indifferente o ter sido esta classificação apresentada por M. Lévy no seu *Tratado de hygiene publica e privada*, porque este esclarecido medico não adoptou a divisão dos climas segundo as linhas isothermicas, e admittiu a antiga distincção de climas quentes, temperados e frios, a qual para elle *é um facto de observação*. O que, porém, se torna digno de attenção é que tem conservado a mesma divisão dos climas *em todas as edições* do seu importante livro, o que mostra que não se convenceu ainda das vantagens que dizem ter a classificação dos climas segundo as linhas isothermicas. J. Rochard ataca vivamente as idéas de M. Lévy, e esforça-se por o convencer de que é melhor escolher as linhas isothermicas para ponto de partida do que os graus de latitude, porque d'este modo, diz elle, reunem-se dentro da mesma zona climas essencialmente differentes.

Não é este o logar conveniente para entrarmos no debate em que figuram dois medicos francezes tão distinctos. Aqui inscrevemos apenas os mappas comparativos dos climas, cujo estudo especial faz objecto da VII secção d'este livro. Não podemos todavia deixar de dizer que as medias thermometricas de que se serve M. Lévy não são iguaes áquellas que emprega J, Rochard. O equador thermal e as linhas que se traçam, unindo os pontos que apresentam o mesmo grau de temperatura, exigem numerosas, variadas e ininterrompidas observações meteorologicas, a fim de que as medias da temperatura de cada localidade sejam o mais approximadas que for possivel.

2.º—Classificação dos climas, segundo M. Lévy

Designação	Graus de latitude	Observações
Climas quentes.......	0° a 30° N. 0° a 35° S.	Devem tomar-se em consideração as singularidades topographicas e todas as modificações intermediarias de cada uma das respectivas zonas climatericas.
Climas temperados....	30° a 55° N. 35° a 55° S.	
Climas frios.........	55° ao polo boreal. 55° ao polo austral.	

M. Lévy, depois de mostrar os inconvenientes e defeitos da classificação dos climas segundo as linhas isothermicas, diz o seguinte:

«A questão dos climas depende do exame das localidades, assim como o problema da constituição individual se decompõe n'uma serie de estudos que têem por objecto o temperamento, a idiosyncrasia, a hereditariedade, etc. É esta a rasão por que julgâmos, ao contrario de Guerard, que a exploração das localidades deve preceder o estudo dos climas.»

Estamos plenamente de accordo com o sabio hygienista francez, mas, como já dissemos, não é este o logar competente para examinar detidamente qualquer classificação. Mencionâmos as que são mais geralmente admittidas, a fim de que se reconheça desde já a necessidade de se adoptar a que seja mais apropriada, e se avalie a vantagem da que apresentâmos n'este livro. Não nos propomos fazer uma classificação nova; escolhemos a que nos parece mais simples e mais racional.

3.º—Melhor classificação para a ethnographia das emigrações, admittida pelo visconde de Paiva Manso

Designações	Grau de latitude	Observações
Zonas torridas.......	0° a 23° N. 0° a 23° S.	O visconde de Paiva Manso no seu livro *Memoria sobre Lourenço Marques*, pag. LII, não diz quaes são os escriptores que seguem a classificação que elle não acceita.
Zonas quentes.......	23° a 40° N. 23° a 40° S.	
Zonas temperadas....	40° a 50° N. 40° a 50° S.	
Zonas frias..........	50° a 60° N. 50° a 60° S.	
Zonas glaciaes.......	60° a 90° N. 60° a 90° S.	

Esta classificação, a que já nos referimos, foi preferida pelo fallecido visconde de Paiva Manso, em substituição d'aquella em que se admittem *zonas glaciaes, temperadas e torridas*. Teremos occasião de a examinar, e aqui apenas observâmos que, em geral, cada escriptor introduz uma ou outra modificação, sendo muitas vezes uma simples questão de fórma.

4.º—Systema das linhas isothermicas, segundo Jules Rochard

Designações	Graus de temperatura — (Media geral)	Observações
Zona torrida......	.... até +25° centigrados	A classificação de Jules Rochard tem sido adoptada por alguns collegas, especialmente por mr. Rey, no seu excellente escripto *Geographia medica*, inserta em o *Novo diccionario de medicina e cirurgia praticas*, tom. XVI.
Zona quente......	+25° a +15° centigrados	
Zona temperada...	+15° a + 5° centigrados	
Zona fria.........	+ 5° a — 5° centigrados	
Zona polar.......	— 5° a —15° centigrados	

Este distincto medico da marinha franceza entende que a unica classificação rigorosa é a que tem por base as linhas isothermicas, e nós, como adiante veremos, considerâmos esta classificação como uma das mais defeituosas, como systema independente. É um methodo puramente numerico, e, para as conclusões serem verdadeiras, é preciso evitar as variadissimas causas de erro que influem em taes trabalhos.

5.º—Divisão astronomica dos climas

As divisões astronomicas do globo, isto é, as cintas que ficam entre os tropicos e os circulos polares, formam zonas geraes, cujas denominações, como temos dito, são muito vagas.

Contam-se tambem sessenta climas que geographicamente se definem: «Uma porção de terra, cujos habitantes têem os dias maiores ou menores que os dos seus vizinhos». Marcam-se vinte e quatro do equador ao tropico de cancer e igual numero até ao tropico austral, aos quaes se reunem os climas de entre os polos e circulos polares, seis ao N. e seis ao S. Esta classificação tem por base a latitude, que estabelece a distincção de cada um dos climas, o que facilmente se observa no seguinte quadro:

0°	de latitude,	clima de	12 horas
16° 44′	»	»	13 »
30° 48′	»	»	14 »
41° 24′	»	»	15 »
49° 2′	»	»	16 »
54° 31′	»	»	17 »
58° 27′	»	»	18 »
61° 19′	»	»	19 »
63° 23′	»	»	20 »
64° 50′	»	»	21 »
66° 21′	»	»	23 »
66° 32′	»	»	24 »
67° 23′	»	»	1 mez
69° 31′	»	»	2 mezes
73° 46′	»	»	3 »
78° 11′	»	»	4 »
84° 5′	»	»	5 »
No pólo	»	»	6 »

Esta disposição dos climas satisfaz a geographia, mas não serve para o estudo de colonisação, que exige o conhecimento de outras condições

independentes da duração do tempo, e não achâmos palavras mais regulares do que as que adoptámos, dividindo cada um dos hemispherios terrestres em nove zonas, sendo as da parte septentrional: *equatorial, equatorial-norte, tropico-equatorial, tropical-quente, tropical, tropical-temperada, temperada, fria e glacial.*

Distinguem-se estas zonas unicamente para facilidade do estudo, por meio de parallelos tirados por 11° 45′, 23° 30′, 35° 15′, 47°, 58° 45′, 70° 30′, 82° 15′ de latitude, limite alem do qual difficilmente se póde viver.

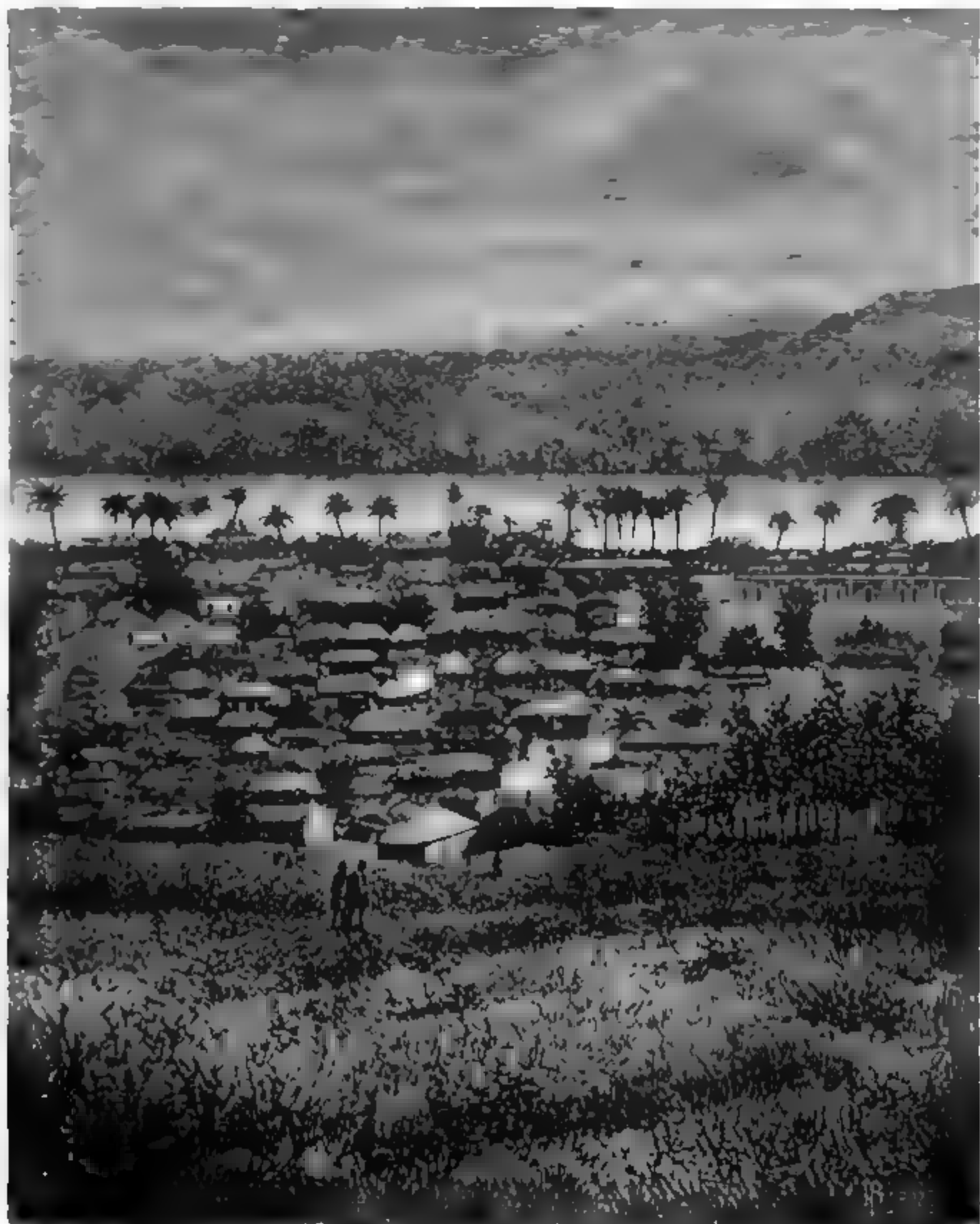
6.°—Systema mais simplificado segundo os graus de latitude

Hemispherio boreal — Nomes da zona	Latitude — Graus ao N. e ao S. do equador	Hemispherio austral — Nomes das zonas
Equatorial[1]	0°	Equatorial.
Equatorial N.	0° a 11° 45′	Equatorial S.
Tropico-equatorial N.[2]	11° 45′	Tropico-equatorial S.
Tropical quente N.	11° 45′ a 23° 30′	Tropical quente S.
Tropical N.[3]	23° 30′	Tropical S.
Tropical temperada N.	23° 30′ a 35° 15′	Tropical temperada S.
Temperada N.	35° 15′ a 47°	Temperada S.
Fria N.	47° a 58° 45′	Fria S.
Glacial N.	58° 45′ até aos polos	Glacial S.

Ajuntâmos estes seis mappas para se apreciarem as principaes differenças de cada uma das classificações mais geralmente seguidas. Alem d'estas ha outras, mas não são tambem isentas de defeitos. O que todavia desejâmos accentuar bem é que se torna impossivel fazer uma classificação rigorosa, devendo por isso escolher-se a mais simples e que envolva menos causas de erro. É o que nos parece se realisa, dividindo o globo em zonas de 11° 45′, e substituindo a palavra — zona torrida — por zona equatorial, etc. Quando não tenha outras vantagens, basta-lhe a de fazer com que haja mais clareza e facil mnemonica. Esta classificação corresponde ao desenvolvimento dos vegetaes, e tem uma base natural e invariavel.

[1] Considera-se uma zona de transição, á qual póde dar-se mais ou menos espaço. Não deve exceder comtudo 1°, ficando 30′ para o N. e 30′ para o S. do equador.

[2] Comprehende uma extensão de 60′, contando-se 30′ para o S. e 30′ para o N. do parallelo tirado por 11° 45′.

[3] É uma zona que abrange 30′ de um lado dos tropicos e 30′ do outro.

Vista da villa do Dondo, na margem direita do rio Quanza

CAPITULO III

Principaes paizes colonisadores do seculo XIX e emigração portugueza

Portugal e suas colonias. — Colonias da Hespanha, clima geral, superficie, população e principaes producções. — Colonias da França, clima geral, superficie, população e principaes producções. — Colonias da Hollanda, clima geral, superficie, população e principaes producções. — Colonias da Inglaterra, clima geral, superficie, população e principaes producções. — Colonias de Portugal, clima geral, superficie, população e principaes producções. — Provincia de Cabo Verde. — Provincia de S. Thomé e Principe. — Provincia de Angola. — Provincia de Moçambique. — Estados da India. — Provincia de Macau e Timor. — Portugal, undecimo paiz da Europa, occupa o quarto logar como paiz colonial. — Emigração para o Brazil. — Provincias do imperio do Brazil, clima geral, superficie, população e principaes producções. — Indifferença pelas nossas terras de alem-mar. — Africa portugueza como terra de degredados. — Receios infundados ácerca do clima da nossa região africana, dezoito vezes maior que a metropole. — Mappa comparativo dos climas equatoriaes e tropicaes referidos ás provincias do Brazil e Africa portugueza.

Portugal e suas colonias

Parece, á primeira vista, que em vez de colonias, deveriamos escrever *Provincias do ultramar*, porque são designadas por este nome, e não por aquelle, as terras que actualmente possuimos em Africa, Asia e Oceania. Muito de proposito, porém, procedemos assim. Se são officialmente reconhecidas sob a denominação geral de *provincias*[1] as nossas possessões de alem-mar, n'algumas d'ellas ha todavia *colonias* propriamente ditas, e são numerosas as plantações de café, algodão e canna saccharina, as quaes rivalisam com as colonias das outras nações. Alguns escriptores estrangeiros comtudo ignoram o estado das nossas provincias d'alem-mar, e deixam de nos mencionar *como nação colonisadora do seculo* XIX, e ou-

[1] José Maria de Sousa Monteiro entendia que as nossas possessões deveriam chamar-se *municipios* em vez de provincias ou colonias. Tambem se diz *estados da India;* mas o titulo que adoptámos comprehende todos os territorios, na maior parte dos quaes existem ou podem existir *colonias propriamente ditas.*

tros não duvidam tambem dizer que *o povo portuguez é hoje quasi imperceptivel na Europa!*

É realmente grave a injustiça que nos fazem, e talvez seja devida á falta de tempo para se compulsarem os documentos officiaes que habilitem aquelles escriptores a conhecer qual a importancia da nação portugueza quanto ao commercio, industria e agricultura, quer no reino, quer nas colonias.

Não somos de certo uma nação de primeira ordem, mas nos grandes torneios artisticos do seculo XIX, onde se reconhece a força productiva de cada nação, temos representado um papel distincto, collocando-nos a par dos paizes mais adiantados. É pequena a extensão do territorio que occupâmos na Europa, mas as nossas possessões do ultramar elevam-nos ao quarto logar, como paiz colonial d'este seculo.

Não olhemos sómente para a grandeza territorial. No seculo XV e XVI não era maior a extensão do nosso territorio, e comtudo occupámos um dos primeiros logares entre as nações do mundo.

Os portuguezes, diz Leroy Beaulieu, referindo-se ás colonias portuguezas, *antes do seculo* XIX, tiveram *depositos* (des entrepôts) em Malacca para o commercio das Indias orientaes, em Aden para o da Arabia e Egypto e em Ormuz para o da Persia e continente da Asia. Estabeleceram relações entre *as feitorias* da Africa (comptoirs) que lhes forneciam oiro em pó, e a India, onde encontravam abundantes mercadorias. Traziam para a Europa especiarias, estofos de algodão e seda, perolas e outros generos de pequeno volume. Fundaram *estabelecimentos* commerciaes em Ceylão no anno de 1518 (descoberta em 1505); crearam tambem um estabelecimento em Cambaia, *e depois* irradiaram por todo o archipelago da Sonda, Java, Celebes e Borneo. Levaram ainda mais longe a esphera da sua acção. Por meio de missionarios, enviados como embaixadores (avant-coureurs) ao Japão e á China, os portuguezes obtiveram relações vantajosas com estes abastados paizes. Conservaram-se em Ningpó e em Macau, e organisaram entre a India, China e Japão um commercio muito regular.

É na verdade deficiente este esboço do nosso imperio do Oriente. Não se falla de Goa, conquistada em 1503 por Affonso de Albuquerque, «*onde,* diz H. Major, *construiu uma fortaleza, e organisou um governo municipal, adoptando acertadas medidas de administração, com que preparou o caminho para esta cidade vir a ser a capital do imperio portuguez no oriente*».

Ficou tambem na sombra a colonia da ilha de Ternate, capital das Molucas, em cujo governo tanto se distinguiu Antonio Galvão, dando evidentes provas de que sabia colonisar.

Ha silencio absoluto a respeito da ilha de S. Thomé, tão afamada pela

sua producção de assucar no seculo XVI, assim como não ha referencia ás explorações que se mandavam fazer em muitos territorios que descobriamos.

Não é de certo animado o quadro que aquelle escriptor faz do imperio portuguez do Oriente, deixando quasi perceber que apenas cuidavamos em crear *depositos de mercadorias* e construir uma ou outra fortaleza para os proteger. Foi, porém, altamente politica a idéa de os monarchas portuguezes dilatarem seus dominios na Africa, Asia, America e Oceania; e se, apesar de nos termos collocado, no seculo XVI, a par das primeiras nações do mundo, e de sermos ainda hoje o quarto paiz colonial da Europa, Pierre Larouse nos reputa um povo quasi imperceptivel no meio das nações, o que seriamos nós para estes modernos escriptores, se não tivessemos alargado a esphera do nosso dominio por uma área muito maior que a de toda a França?

Mas ainda bem que Portugal não se tornou invisivel na Europa, e possue *«colonias de plantações»*, que não são muito inferiores ás de qualquer outra nação.

Desejâmos dar uma breve noticia das nossas provincias do ultramar, começando pela colonia da ilha de S. Thomé, de que especialmente nos occupâmos n'este trabalho, e damos uma idéa geral das plantações de muitos pontos da provincia de Angola, reservando-nos para d'ellas nos occuparmos mais detidamente em livro que nos propomos dar á luz da publicidade.

É facil avaliar o que foi o imperio portuguez no Oriente no seculo XVI, porque temos minuciosas descripções de escriptores nacionaes e estrangeiros; mas é impossivel dizer o que elle seria depois da immensa catastrophe que, com a morte do cardeal rei, feriu todo o reino de Portugal. Não seremos nós quem n'esta occasião ha de avaliar seus desgraçados effeitos. Indicâmos o testemunho de um escriptor estrangeiro, o qual se expressa n'estes termos: *L'union de l'Espagne et du Portugal eut les plus fâcheuses conséquences pour les colonies de ce dernier pays.*

São formaes as palavras do illustrado escriptor francez, formuladas ao completarem-se quasi quatro seculos depois d'essa desgraçada epocha. Muitos outros trechos poderiamos citar, mas são desnecessarios. Todos os portuguezes pensarão com horror no fatal anno de 1580. Apartemos a idéa d'esse tempo calamitoso, e lembremo-nos de que ainda hoje possuimos extensas colonias, tendo direito a ser contados entre as nações colonisadoras do seculo XIX, como exuberantemente provaremos.

É de certo limitado o nosso territorio, mas não temos diante de nós barreiras invenciveis que nos circumscrevam o espaço, e nos cortem as ambições. Fica-nos aos pés o oceano, e, lá ao longe, a vasta região de

Africa, tão portugueza como o Algarve e Extremadura, satisfaz os nossos desejos e mostra á Europa culta que sabemos dar impulso á colonisação da Africa no seculo XIX, como soubemos trabalhar sempre em prol da civilisação e do progresso scientifico.

Não precisâmos de recordar as viagens do dr. Livingstone na Africa portugueza, nem o memoravel exame que d'ellas fez o erudito escriptor D. José de Lacerda, para patentear o interesse que tomâmos pelas cousas da Africa. As explorações phyto-geographicas do dr. Frederico Welwitsch na provincia de Angola, e as dos naturalistas Anchieta e dr. Barth seriam documentos sufficientes para revelar o nosso empenho pelo desenvolvimento das colonias, se o anno de 1876 não viesse fornecer provas evidentissimas de que desejâmos activar o progresso material e moral das provincias de alem-mar.

A expedição que vae encarregar-se das obras publicas da provincia de Moçambique e a que igualmente se prepara com destino á provincia de Angola são acontecimentos que merecem detido exame e mostram que occuparemos sempre o logar que nos compete entre as nações do seculo XIX.

Não nos limitâmos sómente a promover o incremento das obras publicas em cada uma das colonias, crearam-se em Lisboa sociedades scientifico-geographicas; trata-se de organisar uma expedição ao interior da Africa portugueza com o fim de estudar a hydrographia, e a disposição dos terrenos. São trabalhos indispensaveis para se conhecerem os logares mais ferteis e mais salubres, onde possam fundar-se colonias agricolas, como a de Mossamedes na provincia de Angola, a de Cazengo, etc.

As altas questões de aclimação na Africa tropico-equatorial não nos são desconhecidas, e desde ha muito que nos empenhâmos no seu estudo e resolução. A emigração e colonisação da Africa equatorial são assumptos momentosos que prendem a attenção dos poderes publicos nas principaes nações da Europa culta; e sobre os quaes temos opinião auctorisada, não só por occuparmos os logares mais importantes da Africa central, mas tambem por termos sido os primeiros europeus que descobrimos e frequentámos a maior parte do littoral d'aquelle continente.

Mas alem do que levâmos dito, temos motivos ponderosos para consagrar algumas paginas d'este livro ao estudo comparativo de paizes extra-europeus, onde dominam as nações colonisadoras d'este seculo.

Muitos escriptores estrangeiros, fallando da colonisação da Africa, America e Oceania, deixam-nos n'um logar inferior áquelle a que realmente temos direito.

M. Paul Leroy Beaulieu, com especialidade, tratando das nações colonisadoras do seculo XIX, não se occupa das nossas colonias actuaes e consi-

dera as possessões portuguezas da Africa e Asia como *simplices estabelecimentos commerciaes* (des comptoirs). Não se refere tambem á nossa provincia do mar de Guiné, mas *falla das colonias hollandezas do golfo do Mexico,* as quaes não são mais ferteis nem mais extensas do que as que temos no golfo dos Mafras.

Das nossas colonias disse Carlos Vogel, em 1860, o seguinte:

«Debaixo de qualquer ponto de vista, em que se encarem as colonias portuguezas, o seu estado apresenta-se mais desanimador do que o da metropole. É immenso o atrazo das colonias, podendo dizer-se que a sua vida economica não tem melhoramento algum. A antiga grandeza da India deixou por testemunhas apenas suas ruinas.

«A exploração colonial, sempre fraca e imperfeita, não se tornou sómente estacionaria, retrogradou muito, principalmente na provincia de Moçambique, e vae enfraquecendo cada vez mais por falta de trabalhadores, de industria e de capitaes.

«A administração publica está mal organisada e acha-se tambem muito abandonada.

«É preciso sobre tudo não esquecer que as colonias portuguezas, em parte muito afastadas entre si, ficando umas no Atlantico e outras nas longiquas e sinuosas paragens do mar da India e da China, têem apenas de commum o pertencerem todas *á zona torrida.*»

Citámos as palavras d'este escriptor para que se faça idéa do modo por que ha dezesete annos se fallava das nossas colonias. Teremos, porém, occasião de examinar mais largamente as informações que então se faziam, em grande parte aliás bem fundadas, e aqui só observâmos que as nossas colonias, pelo facto de pertencerem á zona intertropical, não devem ser consideradas em má posição geographica. Sob o equador, e cortada pelo equador thermal, está a ilha de Sumatra, e ali prospera tambem a ilha Celebes e ostentam seu enorme progresso Java, Cuba e Porto Rico.

Não ha por conseguinte grande perigo em pertencer qualquer paiz á chamada zona torrida.

Entre as publicações que se têem feito nos ultimos annos avulta inquestionavelmente a do grande diccionario de Larousse, e, se nos impressionou desagradavelmente o vermo-nos excluidos dos livros em que se falla das nações colonisadoras do seculo actual, não menos são para sentir as limitadas informações que ali se dão das nossas possessões, a cujo respeito se faz a seguinte enumeração:

«As actuaes colonias de Portugal são o archipelago dos Açores, no Atlantico; em Africa as ilhas da Madeira e Porto Santo, o archipelago de Cabo Verde, os estabelecimentos da Senegambia, de Angola e do Congo, as ilhas de S. Thomé e Principe, e a provincia de Moçambique; na Asia,

Goa, Diu e Macau; na Oceania, finalmente, Dilly, na ilha de Timor e Cambing, ao N. d'esta ilha.»

Por esta exposição se vê a confusão que ha a respeito das nossas colonias, e não admira que as descripções parciaes sejam deficientes.

As ilhas dos Açores formam com as da Madeira e Porto Santo quatro dos nossos districtos administrativos, têem governadores civis, e não podem por fórma alguma ser classificadas entre as colonias ou possessões ultramarinas[1].

O archipelago de Cabo Verde está, é verdade, considerado como possessão do ultramar, mas offerece todas as condições para receber uma reforma administrativa, como a das ilhas dos Açores. Não é indifferente esta circumstancia, porque é uma prova de que as nossas colonias progridem e vão-se preparando para gosar todas as regalias dos povos liberaes.

Cumpre-nos finalmente mostrar o que são e o que valem as nossas colonias, mas antes de tratarmos d'este assumpto apresentaremos differentes mappas estatistico-geographicos de cada uma das nações colonisadoras do seculo XIX, indicando em resumo a sua extensão, clima, população e productos. Indicaremos depois qual é o nosso logar como paiz independente, mostrando a superficie e população de cada paiz em particular.

São variadas estas estatisticas que servem de base ao nosso trabalho, cujo objecto principal, como temos dito, é a descripção especial da provincia de S. Thomé, comparando-a com outras possessões do ultramar, e estas com as provincias do Brazil e colonias das nações a que acima nos referimos sob o ponto de vista da sua salubridade absoluta e relativa. Mas procuraremos ser tão concisos quanto nos for possivel, condensando o que nos parecer mais util para o nosso fim.

Começaremos pelas colonias de Hespanha, e passaremos em seguida ás de França, Hollanda e Inglaterra. Fallaremos das colonias de Portugal antes de mencionarmos as provincias do Brazil, porque desejâmos confrontal-as tambem com as terras da Africa portugueza e patentear as condições em que se acham em relação á colonisação, assumpto este tão vasto quanto variado, e que não ficaria completo sem o estudo da emigração, cuja importancia é reconhecida por todos os povos do mundo.

[1] O reino de Portugal compõe-se de 21 districtos administrativos, sendo 17 no continente e 4 nas ilhas adjacentes, e de 6 provincias ultramarinas, sendo 3 na Africa Occidental, 1 na Oriental, 1 na Asia Occidental, e, finalmente, 1 na Asia Oriental e Oceania, tendo esta ultima provincia uma superficie superior a 17:000 kilometros quadrados. Não é de certo desnecessaria esta explicação á vista do que se acha escripto no diccionario de Larousse, assim como não podemos deixar de notar que sómente por falta de cuidado em procurar informações a respeito das nossas colonias póde dizer-se promiscuamente: *Os estabelecimentos da Senegambia, de Angola e do Congo.* Adiante trataremos d'este assumpto.

Colonias da Hespanha, clima geral, superficie, população e principaes producções

Designações	Clima geral	Superficie — Kil. quad.	População	Productos principaes
I Africa [1]				
Ilha de Fernão do Pó	Equatorial (N.).......	2:071	35:000	Azeite de palma, cacau, madeiras, fructas, etc.
Ilha do Corisco.....	Equatorial (N.).......	14		
Ilha Elobey........	Equatorial (N.).......	2		
Ilha de Anno Bom..	Equatorial (S.).......	17		
II America				
Ilha de Cuba	Tropical quente (N.)...	115:688	1.400:000	Assucar, tabaco, café e algodão.
Ilha de Pinos......	Tropical quente (N.)...	3:145		
Ilhas de Porto Rico	Tropical quente (N.)...	9:064	625:000	Assucar, café, tabaco, algodão e pelles.
Ilhas de Vicques, Culebra e Mona	Tropical quente (N.)...	250		
III Oceania				
Ilhas Filippinas....	Tropico-equatorial (N.)	170:600	6.000:000	Arroz, assucar, café, tabaco, algodão e trigo.
Ilhas Carolinas	Equatorial (N.).......	1:384	18:800	Fructas e variados utensilios feitos pelos naturaes.
Ilhas Paláos.......	Equatorial (N.).......	897	10:000	Diversas fructas e casca de tartaruga.
Ilhas Marianas.....	Tropical quente (N.)...	1:079	5:610	Fructas; já foi introduzida a cultura do algodão, indigo, cacau, milho e canna saccharina.
		304:211	8.094:410	

[1] No annuario estatistico de Gotha vem indicado, no golfo de Guiné, o *territorio de S. Jean*, cuja superficie se calcula em 100 kilometros quadrados. É de certo um lapso. Os hespanhoes não possuem tal territorio banhado pelas aguas do mar de Guiné.

A Hespanha possue actualmente importantes colonias, cuja superficie está avaliada em 304:211 kilometros quadrados, com uma população de 8.094:410 almas, como se vê do presente quadro, isto é, 26 habitantes por kilometro quadrado. No continente esta relação é de 32 para 1. Taes proporções mostram não haver excesso de população no reino vizinho e não estarem as suas colonias bem povoadas. São geraes estes pontos de comparação, porque o numero de individuos que habitam as colonias hespanholas da Africa, America e Oceania não nos parece exacto; e, como desejámos apresentar estatisticas verdadeiras, purificando-as, tanto quanto for possivel, das differentes causas de erro que possam modificar-lhes o

valor, daremos uma resumida noticia de cada uma das regiões coloniaes que a Hespanha ainda hoje conserva.

— A colonisação hespanhola das ilhas do golfo dos Mafras tem tido moroso e difficil movimento. Fallâmos em presença das informações que podémos obter, e que temos por fidedignas, mas que não são de escriptores hespanhoes.

Segundo os dados acima referidos, nas colonias hespanholas do golfo dos Mafras, no mar de Guiné, ha apenas 16 habitantes por cada kilometro quadrado.

Esta media não é ainda rigorosa, porque não nos merece inteira confiança a estatistica dos habitantes d'aquellas ilhas, e os calculos planimetricos não têem sido repetidos para se avaliar com a exactidão a respectiva superficie. Aproveitámos, porém, os dados que passam por mais provaveis, e que se acham inscriptos no annuario estatistico de Gotha que nos serve de base, por não termos á mão outros documentos. Devemos todavia observar que n'um importante trabalho, que está em via de publicação, *Le Monde terrestre de Charles Vogel,* são transcriptos todos os mappas estatisticos do referido annuario, o que prova a grande importancia em que é tido aquelle curioso e notavel trabalho.

No primeiro capitulo d'este livro fizemos uma breve descripção das ilhas que a Hespanha possue no golfo dos Mafras, e n'este logar referimonos sómente á sua colonisação. São assumptos geraes e preliminares, em que se baseia o estado da salubridade relativa d'este paiz, emquanto que a natureza do clima será examinada mais tarde em presença dos dados meteorologicos e pathologicos de que tivermos conhecimento.

É innegavel que o estudo da salubridade de qualquer paiz é complexo e dependente do conhecimento de muitas questões que antecipadamente se devem examinar.

O clima é, na verdade, o producto de muitos factores, compostos tambem de elementos variados e que é preciso estudar em separado. Queremos com isto dizer que é muito difficil determinar a natureza do clima de qualquer região por mais limitada que ella seja. A salubridade e insalubridade, é indispensavel não esquecer, pódem variar muito de uns para outros annos, sendo tanto mais rapida quanto sensivel é a mudança nos paizes palustres.

Voltando, porém, ás ilhas hespanholas do golfo dos Mafras, cuja topographia geral já é conhecida, notaremos que se têem feito differentes tentativas para se dirigir para ali a emigração, mas até hoje sem resultado favoravel.

Attribue-se este facto a varias causas, mas não nos associâmos á opinião que M. Jules Duval apresenta para o explicar.

«Para derivar, observa este sabio escriptor, em proveito das colonias a corrente da emigração, a Hespanha enviou ultimamente (antes de 1862) para as ilhas de Anno Bom, Fernão do Pó e Corisco, no golfo de Guiné, algumas familias de colonos, sob a direcção de missionarios jesuitas e a protecção de uma pequena força militar. Estas ilhas, porém, *perdidas entre as ondas do Oceano e collocadas sob o fogo de um sol vertical,* attrahiram sempre insignificante emigração.»

As colonias hespanholas do golfo dos Mafras, no mar de Guiné, estão expostas aos raios quasi perpendiculares do sol equatorial, mas muito mais exposta está a ilha de S. Thomé, perdida como a outra entre as ondas do mar; e, incomparavelmente mais pequena é a ilha de Ternate ou a de Tidore, collocadas muito mais proximas da linha equinoccial, e comtudo a agricultura tem tido incremento regular em todas estas ilhas, aliás tão ferteis como a de Fernão do Pó.

No annuario estatistico de Gotha calcula-se a população das ilhas hespanholas guineenses em 35:000 almas, mas não se declara qual é o numero de habitantes de cada uma das ilhas, nem se indica a quantidade de europeus que habitam cada uma d'ellas, o que é uma falta irremediavel para se poder apreciar com exactidão a possibilidade da aclimação n'aquellas ilhas. Dá-se todavia um facto extraordinario que merece attenção, e tanto mais quanto é certo serem hoje geralmente reconhecidos como salubres a maior parte dos logares elevados das regiões intertropicaes.

O governo hespanhol mandou construir um hospital militar na encosta de um monte a 650 metros de altitude, o qual foi considerado como casa de saude, ou *sanitarium,* e para ali foram tomar ares os convalescentes e as pessoas que soffriam de anemia; mas longe de obterem melhoras, eram novamente accommettidas de febres, e o medico encarregado do serviço de saude viu-se obrigado a não deixar ir para a referida casa mais convalescentes, preferindo que elles ficassem na cidade, onde havia maior probabilidade de obterem melhoras radicaes!

Este facto isolado não póde ir de encontro ao que se tem observado na ilha de Guadelupe, no Campo Jacob, nem ao que os escriptores asseveram com respeito ás povoações collocadas a certa altura acima do nivel do mar.

Ainda que não é este o logar adequado para se discutir o assumpto, devemos todavia lembrar o que succedeu com as conclusões de um medico francez a respeito da aclimação dos francezes na Algeria. Tratava-se de uma estatistica, aliás verdadeira, mas cujas conclusões a pratica não sanccionou. Citâmos este caso, a que adiante nos havemos de referir, porque serve para mostrar a difficuldade de se organisarem estatisticas,

e o cuidado com que devem formular-se conclusões que não sejam contraprovadas por muitos e variados factos. É verdade que na ilha de Fernão do Pó se escolheu uma planura a 650 metros acima do nivel do mar, e que esta localidade se reputou mais insalubre que a propria cidade, collocada proxima do littoral. Não deve todavia estranhar-se o facto.

O que aconteceu em Fernão do Pó, succederá em qualquer outra região, quando o logar escolhido não estiver nas condições exigidas pela hygiene. Essas condições dependem da natureza do terreno, do estado da vegetação, da proximidade de superficies palustres e de outras circumstancias particulares, a que muitas vezes é preciso attender. É necessario alem d'isso observar que as pessoas affectadas de anemia palustre ou que viveram por algum tempo sob a acção dos climas onde grassam as febres paludosas, são muitas vezes accommettidas de accessos febris nos logares para que se mudam, embora estes sejam de reconhecida salubridade. Lembrâmos a proposito d'este caso o que acontece á maior parte dos individuos que sáem da ilha de S. Thomé com destino á metropole. Poucos são os que não têem alguns accessos de febres paludosas nos primeiros mezes da sua estada na capital. Mas quando não tivessemos conhecimento exacto do que tem acontecido a differentes pessoas, e entre ellas algumas das nossas relações, citavamos o que nos tem succedido, poisque, logrando saude na ilha de S. Thomé, por duas vezes que ali estivemos, fomos accommettidos de accessos febris depois que chegámos a Lisboa!

Não devemos portanto condemnar a ilha de Fernão do Pó, a qual, comprovada a insalubridade d'aquella planura, seria um paiz inhabitavel, opinião que não poderá sustentar-se em presença de um facto isolado, e que póde explicar-se por causas accidentaes e de facil remoção.

—A Hespanha possue actualmente tres notaveis colonias, reconhecendo-se a sua importancia á vista da admiravel posição em que se acham. São as ilhas de Cuba e Porto Rico no mar das Antilhas e a ilha de Luçan nas Filippinas.

A população da ilha de Cuba é de 11 habitantes por kilometro quadrado, a de Porto Rico 67 e a das ilhas Filippinas 35. Estando todos estes paizes entre os tropicos, é preciso notar que aquellas ilhas ficam mais proximas do equador que as de Cuba e Porto Rico, são relativamente mais povoadas e estão mais afastadas da linha equinoccial. Importa não esquecer esta circumstancia para se ver que um paiz não é menos habitado por se achar mais vizinho do equador, e que não é de certo que, por tal motivo, a colonisação da ilha de Fernão do Pó não tem podido ser convenientemente desenvolvida.

As ilhas de Cuba e Porto Rico, reputadas como colonias que produzem

mais assucar, passaram por muito tempo despercebidas, e nada fazia esperar a prodigiosa riqueza que adquiriram.

O que caracterisou a situação da ilha de Cuba, observa Leroy Beaulieu, nos dois ultimos seculos, foi uma prosperidade mediocre e obscura, abundancia geral, civilisação suave, bom tratamento da população servil, poucos recursos e necessidade de subsidios da metropole. Mas um conjuncto de circumstancias excepcionalmente favoraveis fez mais tarde mudar as condições da ilha e collocou-a acima de todas as colonias das Antilhas.

A causa principal do progresso d'esta ilha foi a creação de portos livres no anno de 1809.

Desde esse anno, a capital de Cuba tornou-se um dos portos mais animados do mundo, desenvolvendo o commercio e agricultura de um modo admiravel.

É este realmente um estudo importante, mas levar-nos-íam muito longe estas considerações, que poderiamos augmentar com o mais util ensinamento que nos offerece a historia d'aquella ilha. Não podemos, porém, demorar-nos n'este assumpto, em que só fallámos por incidente e para mostrar que muitas vezes se despreza um paiz que mais tarde adquire extraordinaria riqueza.

A respeito da aclimação dos europeus sob a acção de um clima tropical quente, como o da ilha de Cuba, não servem sómente as estatisticas geraes; na falta de outras mais desenvolvidas, apresentâmos a da população com referencia a duas epochas, entre as quaes ha um intervallo de 14 annos, mostrando-nos que houve um augmento medio de 8:428 individuos por anno.

População geral da ilha de Cuba:

1850

Brancos	605:160
Homens livres, de côr	201:470
Escravos	477:600
	1.284:230

1874 a 1876

Homens de côr	300:000
Homens de côr, escravos	300:000
Koolies	60:000
Estrangeiros	30:000
Habitantes em geral	710:000
	1.400:000

N'esta população entram os creoulos ou pessoas nascidas nas ilhas, os hespanhoes, que para ali se dirigiram, e os estrangeiros, entre os quaes se contam americanos, inglezes, francezes e allemães. Mas como não estão indicados os habitantes de cada classe, abstemo-nos de fazer outras considerações.

— A ilha de Porto Rico tem o clima tropical quente como a de Cuba, isto é, está muito mais proxima do tropico boreal que do equador. A sua população, como já dissemos, é representada pela relação 67 individuos para cada kilometro quadrado. É uma colonia digna de ser examinada, porque n'ella se tem verificado a aclimação.

Em 1834 a população das cidades e das aldeias compunha-se approximadamente de 40:000 pessoas, contando-se nos campos mais de 360:000 habitantes espalhados por 44:295 habitações, isto é, 8 individuos por habitação. Leroy Beaulieu, a quem recorremos para obter estes dados, diz que havia então 45:000 escravos, empregando-se nos campos apenas 30:000, que se repartiam por 300 engenhos de assucar e 148 plantações de café. Alem d'estes havia cerca de 1:277 fazendas de assucar cultivadas por gente livre.

Na America possue a Hespanha as ilhas Filippinas, mas são apenas colonias promettedoras, e, attenta a pequena população europea que ali ha, não têem importancia sob o ponto de vista em que estudâmos os paizes equatoriaes.

A respeito das actuaes possessões da Hespanha, diz Leroy Beaulieu o seguinte:

«São magnificas as colonias que a Hespanha ainda possue, mas precisam de grandes reformas. Nas Filippinas principalmente é necessario introduzir entre os indigenas o espirito de iniciativa, o amor ao trabalho, a previdencia e a perseverança, qualidades indispensaveis para que a civilisação e o progresso sejam uma realidade. Acabar emfim com os bens de mão morta, pôr termo com prudencia, mas com brevidade, á escravidão, e estreitar as relações politicas entre as colonias e a metropole, são os pontos que é mister resolver quanto antes, assim como a Hespanha não deve esquecer que as ilhas de Cuba e Porto Rico sómente progrediram depois dos melhoramentos commerciaes ali executados em 1809 e 1815. O que é certo, porém, é que sem se fazerem taes reformas não póde prever-se qual seja o futuro das colonias que a Hespanha actualmente possue nas differentes partes do mundo.»

Colonias de França, clima geral, superficie, população e principaes producções

Designações	Clima geral	Superficie — Kil. quad.	População	Productos
I Asia				
India franceza: Mahé, Karikal, Pondichéry, Yanaon, Chandernagor.	Tropical equatorial (N.) Tropical quente (N).... Tropical temperado (N.)	508,60	266:308	Viveres para abastecimento dos navios.
Cochinchina franceza ao oriente de Siam........	Tropical equatorial (N.)	56:244,00	1.335:842	Arroz e algodão, madeiras, fructas, pelles, etc.
II Africa				
Algeria.................	Tropical temperado (N.)	669:015,00	2.146:225	Productos agricolas.
Senegal.................	Tropical quente (N.) ...	—	210:339	Gingnba, fructas, etc.
Gabão..................	Equatorial...........	—	3:000	Marfim, borracha, etc.
Ilha da Reunião ou antiga Bourbon.............	Tropical quente (S.)....	2:511,60	193:362	Assucar.
Mayotte................	Tropical quente (S.)....	356,30	12:000	Assucar, arroz, aguardente e café.
Nossi-Bé e dependencias..	Tropical quente (S.)....	164,60	9:908	Assucar, café, indigo, mandioca, etc.
Santa Maria, a E. da ilha de Madagascar	Tropical quente (S.)....	174,00	6:680	Madeiras e fructas.
III America				
Guyana.................	Equatorial (N.)........	121:413,00	24:171	Café, assucar e cacau.
Ilha da Martinica........	Tropical quente (S.)....	987,82	156:799	Assucar, café, cacau e fructas.
Guadalupe e dependencias	Tropical quente (S.) ...	1:845,08	163:600	
S. Pedro, Grande e Pequena Miquelon, ao S. da Terra Nova............	Temperado (N.)........	210,23	4:984	Bacalhau.
IV Oceania				
Ilha da Nova Caledonia... Ilhas Loyalty............	Tropical quente (S.).... Tropical quente (S.)....	19:720,00	60:000	Carvão, madeiras, variadas fructas e tabaco.
Ilhas Marquezas[1]........	Equatorial (S.)........	1:239,60	4:200	Madeiras. (Dão-se ali bem os productos tropicaes).
Ilha de Cliperton, ao SO. da America do Norte...	Equatorial (N.)........	5,50	—	
		874:395,33	4.597:418	

[1] Leroy Beaulieu, diz que a *ilha de Taïti* é a principal das ilhas *Marquezas*, cujo clima é equatorial (S.); mas não se comprehende n'este grupo tal ilha: pertence ao archipelago chamado da Sociedade.

A França tem importantes possessões no ultramar, que merecem ser por nós conhecidas. Julgâmos por isso vantajoso dedicar algumas paginas

ás colonias d'aquelle paiz, podendo dizer desde já que, sendo mais pequenas que a nossa provincia de Moçambique, têem comtudo sensivel progresso, e em muitas estão bem patentes os beneficios da civilisação.

Não nos afastâmos certamente do fim principal a que nos propozemos chegar, demorando-nos n'este assumpto, poisque não perderemos de vista tudo o que podér trazer mais luz ás debatidas questões de que nos occupâmos, e que dizem respeito especialmente ás colonias de Portugal; para estas devem dirigir-se, sob a acção indirecta dos poderes publicos, os emigrantes portuguezes que se derem mal nas provincias do Brazil, ou que por qualquer circumstancia desejem estabelecer-se nas terras de Africa, cujo clima, como demonstraremos, póde competir com o do Brazil, e onde a fertilidade dos terrenos não é inferior.

Mas voltemos ao estudo das colonias de França, cuja importancia se avalia á vista do mappa estatistico que apresentâmos. D'este modo mais facilmente podem comparar-se as colonias francezas entre si, e estas com as das outras nações da Europa.

As possessões francezas, em geral, têem 5 habitantes por kilometro quadrado, emquanto que no continente esta relação é de 68 para 1, differença que é bastante notavel.

Para simplificar a exposição que estamos fazendo, seguiremos o mesmo methodo que adoptámos para as colonias de Hespanha. Inscrevemos alem d'isso o mappa com os diversos protectorados da França, aindaque não trataremos d'elles em especial. É todavia indispensavel indicar a extensão de cada uma das nações da Europa, segundo a grandeza do seu territorio, embora parte d'elle seja considerado como um protectorado.

A França exerce o direito de protecção em alguns paizes da Asia e da Oceania. Devemos, porém, observar, que o reino de Cambodge está nas mesmas condições da Cochinchina franceza, e as ilhas da Oceania não são por emquanto cultivadas.

A proposito d'estes protectorados, e das colonias da Oceania em geral, diz um escriptor francez: «Chegámos muito tarde a estas paragens e ao meio d'estes numerosos archipelagos, onde os inglezes, hollandezes e hespanhoes nos precederam por muito tempo».

Os primeiros europeus que chegaram aos vastos archipelagos da Oceania foram os portuguezes, e foram elles tambem os primeiros que dominaram em muitas d'aquellas ilhas. Appareceram ali mais tarde os hespanhoes, e depois os hollandezes e inglezes. O papel que n'aquellas regiões representavam os differentes povos da Europa não póde ser apreciado n'uma obra que trata mais de conhecer a influencia do clima nos individuos, do que as relações politicas ou sociaes das nações colonisadoras.

Não deixaremos todavia de pôr em relevo a verdade, quando se trate

de acontecimentos que possam esclarecer qualquer das questões de que mais especialmente nos occupâmos.

Protectorados de França [1], clima geral, superficie, população e productos principaes

Designações	Clima geral	Superficie — Kil. quad.	População	Productos principaes
Asia				
Reino de Cambodge	Tropico-equatorial (N.)	83:861,00	1.000:000	Arroz.
Oceania [1]				
Taïti [2], Moorea, Tetouaroa e Maïtea (1864)............	Tropical quente (S.)...	1:195,97	13:847	Assucar, café, baunilha, oleo de côco, etc.
Toubouaï, Vavitou e Rapa...	Tropical temperado (S.)	144,53	675	
Touamotou	Tropical quente.......	6:662,60	8:000	
Gambier	Tropical (S.)	29,73	936	
		91:893,83	1.023:458	

[1] Referimo-nos ao annuario estatistico de Gotha (1876); mas no diccionario de Larousse (1875) diz-se que as ilhas de Tubuaï não estão sob o protectorado da França.

[2] A respeito da agricultura da ilha de Taïti lê-se no diccionario de Larousse o seguinte: «Comme presque partout les indigènes se laissent endetter avant de produire, ils sont forcés d'accepter d'être payés en merchandises».

Os protectorados francezes têem pouca importancia em relação á colonisação, como se deprehende das seguintes palavras de Jules Duval:

«Les émigrants européens ne sont pas autorisés à devenir propriétaires de terres à Haïti, exclusion qui les éloignera toujours d'un pays dont leurs ancêtres furent les maîtres souverains.»

A França possue na segunda parte do mundo os territorios designados pelos nomes de India franceza e Cochinchina franceza.

—A India franceza compõe-se de cinco estabelecimentos ou feitorias *(des comptoirs);* a saber: *Mahé,* na costa de Malabar, ao N. de Calicut; *Karikal* ou *Corricall,* na costa de Coromandel, assim como *Pondichéry* e *Yanaon. Chandernagor* fica ao N. de Calcuttá, na parte occidental do delta do Ganges, e margem direita de um dos seus braços.

A India franceza está comprehendida na zona tropical quente N. É digna de ser estudada, não só por ter 524 habitantes por kilometro quadrado, mas porque algumas das suas localidades são menos insalubres que a Cochinchina, collocada dentro da mesma zona astronomica.

[1] A respeito dos protectorados francezes, lê-se no diccionario de Larousse o seguinte: «Il s'y prenait comme suit: un officier de marine descendait à terre et annonçait aux chefs ou rois que le roi des Français daignait les prendre sous sa protection. *Cela fait, on imposait «ce protectorat» par la force, comme le fit l'amiral Dupetit-Thouars».*

Os differentes paizes que pertencem a esta parte da França acham-se afastados uns dos outros, estando Pondichéry quasi na mesma latitude que Saïgon, capital da Cochinchina franceza, e Chandernagor fica quasi sob o tropico boreal, devendo considerar-se um paiz tropical propriamente dito.

Em 1865, diz Leroy Beaulieu, a população da India franceza era de 227:063 habitantes, entre os quaes havia apenas 1:846 europeus e 1:666 mestiços. Não se encontram ali, porém, possessões proprias para colonisação, nem actualmente offerecem util subsidio para a resolução do problema de aclimação dos europeus nos paizes intertropicaes.

—A Cochinchina franceza fica entre 10° 5′ a 11° 30′ de latitude N., e 103° a 105° 11′ de longitude E., ao S. da Asia.

É diminuto o numero de europeus que habitam a Cochinchina. Em 1864, segundo o dr. Dutroulau, havia ali 591, sendo a maior parte francezes. O effectivo da tropa era, em 1862, de 8:000 homens.

Não póde avaliar-se com taes dados se é possivel a aclimação dos europeus, aindaque o paiz é susceptivel de progresso, e tem condições para admittir importante immigração. Mas independentemente de uma colonisação regular, a Cochinchina é um bóm ponto commercial, podendo offerecer em troca dos generos francezes, que concorram áquelle paiz, arroz, marfim, pelles, peixe salgado, etc., que são abundantes no seu mercado.

A população indigena d'esta colonia era, em 1868, de 900:000 individuos, a respeito dos quaes disse um erudito medico francez:

«O seu typo pertence á raça mongolica; mas não é bem pronunciado nos povos quasi selvagens que habitam as montanhas do N. Á simples vista se reconhece a differença entre estes e os outros indigenas, não se duvidando, ao vel-os, que houve cruzamento.

«Os annanistas têem uma constituição fraca, o que não os impede de se entregarem a trabalhos pesados e difficeis. Acha-se a explicação no clima e na hygiene a que estão subordinados. Aquelles que vivem com os europeus adquirem facilmente constituição robusta.»

Se os francezes se orgulham em nomear os exploradores que se têem entregado ao estudo da Cochinchina, é justo tambem lembrar-se o naturalista portuguez que ali se entregou ao estudo da historia natural, e tem sido apreciado por muitos escriptores estrangeiros. Foi um dos primeiros que se occupou da exploração d'aquelle territorio; e prestando aqui homenagem ao nosso compatriota A. Loureiro, não deixâmos de admirar os arrojados exploradores que, por caminhos nunca visitados, chegaram até ao interior da China. Pagaram alguns d'elles com a vida a sua dedicação pela sciencia, o que serve para realçar a coragem dos que se entregam a estudos e trabalhos tão arriscados.

Os perigos que os homens da sciencia têem arrostado para explorar os differentes pontos do globo mostram que é geral o consenso dos sabios em se sacrificarem em prol do progresso e civilisação de todos os povos do mundo.

—A possessão mais extensa que a França tem na Africa é a Algeria, onde se acha estabelecida, *ha cerca de quarenta e dois annos*, uma colonisação regular. Os outros paizes africanos ao oriente e ao occidente estão em condições especiaes, e não podem competir com esta importante possessão.

Mas, para vermos como os escriptores francezes fazem a propaganda, aqui reproduzimos, muito de industria, o seguinte trecho, que revela o interesse que os francezes têem pelas terras da Africa septentrional.

Diz assim Leroy Beaulieu: «Nous sommes de ceux qui croient que l'avenir de la France est en grand partie sur la terre d'Afrique et que, par l'Algérie jointe au Sénégal, *nous arriverons un jour à dominer et à civiliser tout le nord-ouest de l'Afrique*, c'est-à-dire, toute la partie que s'étend de Tripoli à l'Atlantique et de la Méditerranée au nord à la Gambie au sud. Nous pourrons avoir là sous notre influence un territoire *presque aussi grand que l'Europe* et dont il est aujourd'hui démontré qu'une très-vaste partie est susceptible de culture».

Refere-se este auctor á colonia da Algeria e aos estabelecimentos commerciaes do Senegal. Suscita aqui duas ordens de idéas, e nós, para o acompanharmos, fallaremos da Algeria e do Senegal, apreciando, como é de justiça, o que elle escreveu a proposito da França reunir o territorio do Senegal com a colonia da Algeria. É assumpto que em grande parte nos diz respeito, não podendo por isso deixar de expor o que sobre elle pensâmos.

Em 1835 havia apenas na Algeria, segundo Leroy Beaulieu, 11:221 europeus. D'aquella epocha até 1845 a população subiu a 95:531 individuos, mas a emigração não se dirigia para ali com o fim de colonisar. Acercava-se do exercito, com o qual sustentava um commercio proprio, principal motivo que a chamava ás terras de Africa. *O governo francez, porém, tratou de construir algumas aldeias, e mostrou aos agricultores e operarios da Europa as vantagens que a Algeria lhes offerecia.*

A emigração, comtudo, não era continuada. O governo francez a permittia ou prohibia, segundo as circumstancias. Levantaram-se, para este fim, grandes difficuldades durante muitos annos; mas apesar d'isso houve um movimento importante de emigrantes, especialmente depois de 1854.

O numero de europeus augmentou annualmente 13:493 desde 1840 a 1845. Este acrescimo foi apenas de 5:929 nos annos de 1850 a 1855.

Mas em 1861 a população da Algeria subiu a 192:746 individuos; no fim de 1863 era avaliada em 213:061, e no anno de 1864 em 235:570.

É na verdade muito notavel este movimento das correntes da emigração e immigração estabelecida entre uma área assás larga da Europa e um ponto de Africa; mas é indispensavel advertir que a passagem se faz entre os habitantes de uma região temperada e os de uma zona tropical temperada.

Realisada finalmente a immigração, vem logo o estudo da aclimação, assumpto vasto e difficil, e que exige grande pratica, bom senso e aturado estudo para ser tratada com acerto e vantagem. É este de certo um dos pontos culminantes do nosso trabalho, e que mais adiante será examinado com outras questões que se levantam a respeito de alguns paizes africanos.

Considerando-se o anno de 1835 como ponto de partida, temos um espaço de quarenta e um annos, pouco mais da media da vida de cada individuo que tem emigrado para a Algeria.

O que succedeu n'esse limitado cyclo é descripto com toda a proficiencia por Leroy Beaulieu, a quem nos referimos especialmente n'este assumpto.

Examinou este illustrado escriptor as causas que modificavam ou promoviam a emigração, discutindo e condemnando sempre o que lhe parecia exagerado.

Fixemos em fim o anno de 1861, poisque n'essa epocha, segundo o mesmo escriptor, havia na Algeria os seguintes individuos:

Francezes	112:229
Hespanhoes	50:021
Italianos	11:256
Maltezes	8:260
Allemães e suissos	8:332
Não classificados	2:648
Total	192:746

Em presença d'estes dados vê-se que o numero dos francezes algerianos é muito maior que o dos hespanhoes; mas a estatistica dos nascimentos e obitos é mais favoravel a estes do que áquelles, pelo menos em relação ao anno de 1856. O facto é na verdade digno de registar-se, mas d'elle não deve inferir-se qualquer regra geral ácerca da aclimação nem contra a colonisação.

Mappa geral dos obitos e nascimentos (1856)

Nacionalidades	Nascimentos	Obitos
Francezes	41	43
Hespanhoes	46	30
Maltezes	44	30
Italianos	39	28
Allemães	31	56

Esta estatistica levou um medico francez, a quem se refere Leroy Beaulieu, a dizer que *os colonos francezes tinham incapacidade de constituição para se aclimarem em Africa.*

Tal proposição foi calorosamente rebatida por Leroy Beaulieu, e os factos posteriores contrariam o prognostico do medico hygienista.

O assumpto é grave, e não vem fóra de proposito trazer aqui o que a este respeito escreveu o auctor da colonisação entre os povos modernos.

Não deve dizer-se, observa Leroy Beaulieu, como o medico a quem nos referimos nas estatisticas citadas, que *o hespanhol é antes de tudo o colono nascido para viver na Algeria.* O verdadeiro colono é o francez, porque é mais emprehendedor, porque tem mais recursos e constancia, porque sabe tirar melhor partido da terra e dos homens.

Os italianos, hespanhoes e maltezes são uteis auxiliares, que se fundiram a pouco e pouco no elemento francez, mas não póde dizer-se, sem desconhecer as condições actuaes do trabalho e de producção algeriana, que o primeiro papel lhes pertence.

Tem-se levantado grande celeuma a proposito dos obstaculos physicos que se oppõem á aclimação dos europeus; insiste-se na temperatura sempre elevada, falla-se do siroco ou vento do deserto, e das emanações telluricas e paludosas. Mas a influencia d'estes agentes physicos tende a desapparecer, como se demonstra por differentes rasões.

Em primeiro logar muitos dos casos apontados desapparecem com o progresso da colonisaçao. As emanações palustres tornam-se raras e menos perigosas, postos em pratica os desseccamentos, realisada a boa cultura das terras e executada a conveniente repartição das aguas. O proprio siroco póde ser modificado por meio de um bom regimen florestal.

Os temperamentos, pela sua parte, retemperam-se ou modificam-se com a permanencia no meio novo que os rodeiam. A geração creoula offerece mais resistencia que a geração precedente.

Por ultimo, a hygiene faz tambem rapidos progressos, e os soffrimentos dos colonos mais antigos são lição viva e efficaz para os modernos.

Todos os pretendidos obstaculos physicos não são, pois, invenciveis, e os factos provam com evidencia que as difficuldades referidas são de pouca importancia.

Aclimaram-se os francezes, prosperaram e augmentaram rapidamente na ilha de Reunião, em Guadalupe e na Martinica[1]. Os inglezes, nação mais septentrional, povoaram a ilha Carolina, a Georgia e estados vizinhos, assim como a Barbada e a Australia.

A Algeria offerece tambem á população européa um campo de actividade em que ella póde prosperar e augmentar.

O movimento da população nos ultimos annos é assás favoravel, e não póde duvidar-se de que o elemento europeu, se o regimen administrativo, politico e economico não lhe for contrario, se accommodará ao clima da Algeria, e os agentes physicos jamais se opporão ao desenvolvimento da nova colonia.

Leroy Beaulieu recorre aos dados estatisticos do medico francez, os quaes acceita, reproduz e reputa exactos. E na verdade a affirmativa do medico algeriano é verdadeira quanto ao rigor da conclusão, e em presença das estatisticas não podia deduzir-se outra. Mas os factos posteriores vieram mostrar que a mortalidade diminuia de dia para dia entre os francezes, tornando-se o numero dos obitos inferior ao dos nascimentos, segundo diz Leroy Beaulieu, o que se demonstrou em relação ao anno de 1874.

Não nos podemos alargar mais em considerações a respeito da aclimação dos europeus na Algeria, porque desejâmos fallar das colonias das outras nações da Europa, e não cabe nos limites d'este livro tratar com desenvolvimento de todos os assumptos especiaes de cada uma das regiões coloniaes.

A Algeria, a dar-se credito a Leroy Beaulieu, tem sensivel progresso, mas Pierre Larousse, em 1874, julga-a estacionaria e sem condições de vitalidade. Não curâmos de saber de que parte está a rasão. Citâmos os factos e consignâmos a opinião de cada escriptor.

Os francezes, alem da Algeria, possuem na Africa differentes estabelecimentos commerciaes e estações militares, tanto na costa occidental como na oriental. Mas o territorio a que ligam mais importancia é o do Senegal, a respeito do qual diz Leroy Beaulieu:

[1] A ilha de Reunião está em 20° 51' de latitude S., como estão os districtos de Inhambane, na provincia de Moçambique; as de Guadalupe e Martinica correspondem a differentes districtos de Angola e Moçambique.

«O Senegal é antes uma colonia de commercio e *de influencia*, se podemos fallar d'este modo, do que uma colonia de agricultura e emigração. Alguns europeus, em muito pequeno numero, estão estabelecidos na ilha de S. Luiz, em Gorée, em Dakar e em diversos estabelecimentos do interior, estendendo suas relações por mais de 1:112 kilometros. O territorio sujeito ao nosso dominio, singularmente engrandecido por uma politica habil e vigorosa, contava em 1860, segundo Jules Duval, mais de 115:000 habitantes, entre os quaes existiam apenas 300 europeus!»

A colonia franceza do Senegal não tem, pois, comparação com a da Algeria, mas Leroy Beaulieu procura mostrar as vantagens que a França d'ella póde tirar.

Os escriptores francezes não perdem occasião de fazer propaganda, e muitas vezes são exagerados nas descripções de uma colonia qualquer; o proprio Leroy Beaulieu reconhece isto: e para sustentarmos esta affirmativa, basta lembrar um trabalho que anda nas mãos dos estudantes francezes, o atlas de geographia de *Grosselin Delamarche*, onde se acha, sob os n.os 74, 47, 75 e 76, um mappa das colonias francezas, entre as quaes se designam territorios que pertencem a outras nações. É por isso que julgâmos necessario declarar desde já, que o nosso dominio na Senegambia começa por 13° 10' de latitude N., 3k,7 ao N. do rio S. Pedro. D'este ponto para o interior estende-se o nosso territorio até ao presidio de Geba, 334 kilometros da costa, que está calculada em cerca de 445 kilometros de extensão, sendo o rio Casamansa o que fica mais ao N. da região que nos pertence.

Foi portanto grande a nossa surpreza quando notámos que sob as denominações de Senegal incluiu o auctor do mappa a que nos referimos parte do territorio que nos pertence, assim como no mar de Guiné não vem designado o nosso territorio de Ajudá. Independentemente d'este reparo, poderiamos notar que a ilha de Madagascar é apresentada no mesmo mappa em que se enumeram as colonias francezas, como as ilhas de *Bourbon* e de *França*. Não achâmos regular este modo vago de designar os territorios de um paiz, e nós, descendo a estas minuciosidades, só queremos significar que os portuguezes devem sustentar por todos os meios ao seu alcance os direitos que têem aos territorios do ultramar que ainda possuem. Mas o que é necessario é empregar a propaganda justa, constante e efficaz, para que se conheça, tanto em Portugal como no estrangeiro, que ainda hoje somos o quarto paiz colonial da Europa.

Os escriptores francezes aproveitam todas as occasiões que se lhes offerecem para engrandecer a patria e para mostrar a confiança que têem nas colonias, embora as suas repetidas tentativas de colonisação tenham dado sempre resultado negativo.

Vale a pena ver o que a respeito do Senegal escreveu Leroy Beaulieu.

«De todas as nossas colonias não ha nenhuma, a que, segundo pensâmos, esteja reservado melhor futuro do que á do Senegal. Está situada a 2:225 kilometros de Tombouctou e é relativamente vizinha da nossa grande colonia de Algeria; e, sendo governada por mãos habeis, será um importante centro de commercio e de civilisação.

«Pela nossa posição em Alger e em S. Luiz, em presença dos nossos postos militares e dos nossos colonos de Exaghouat, de um lado, e, do outro, dos de Bakel; pela extensão da nossa influencia nas tribus do Sahará de uma parte, e, da outra, nas nações do Alto-Senegal, dominâmos todo o noroeste da Africa, e podemos ser, em tão vasto paiz, os unicos senhores do commercio e da cultura, sem podermos marcar um limite ás nossas relações e influencias.»

A parte de Africa que limita, ao N., com a Senegambia portugueza, é, como a nossa, uma colonia esperançosa, e a França já por duas vezes viu perdidos seus esforços para ali introduzir a colonisação. É verdade que o Senegal é um caminho para o interior da Africa, mas esse caminho não tem menos valor pela nossa possessão.

Mas como no Senegal não tem havido emigração que mereça mencionar-se, abstemo-nos por emquanto de outras considerações, lembrando apenas que é uma colonia tropical quente, sendo a população, segundo o dr. Doutroulau, de 116:000 habitantes, entre os quaes ha apenas 292 europeus civis, 204 em S. Luiz e 88 na Gorée, e 2:265 militares divididos pelos differentes estabelecimentos de feitorias.

—A França possue no mar da India a ilha da Reunião, nome que tomou em 1848.

Denominava-se até então Bourbon ou Bonaparte. Fica a 20° 51′ de latitude S., 400 kilometros da ilha de Madagascar. É uma das mais importantes ilhas da Africa. Tem 71 kilometros de comprimento por 50 de largura, sendo calculada a superficie em 2:511 kilometros quadrados, isto é, o dobro da da ilha de S. Thomé, ou pouco mais. A população especifica é de 55 habitantes por kilometro quadrado.

Em 1860 havia na ilha, segundo o dr. Dutroulau, 166:558 individuos, sendo 103:292 homens e 63:268 mulheres.

Poucos paizes, diz o sabio medico francez, offerecem uma galeria anthropologica tão completa como a ilha da Reunião.

Os trabalhadores de toda a procedencia, que a escravatura ali introduziu, a emigração voluntaria que hoje (1868) se faz, deu occasião a que se reunissem muitos individuos apresentando muita diversidade de typos assás notaveis. Podem ali estudar-se com vantagem as raças na sua pureza primitiva e no producto do cruzamento.

O clima é tropical quente, ou tropical propriamente dito, tão pequena é a distancia da ilha ao tropico boreal. Actualmente a sua producção principal para exportação é o assucar.

— A Guyana franceza é um paiz equatorial N. Está collocado entre 2° e 6° de latitude, entre a Guyana brazileira e a hollandeza, no extremo septentrional da America do Sul. É muito pouco povoada, havendo presentemente 1 habitante por 10 kilometros quadrados! O dr. Dutroulau referindo-se ao anno de 1860 dá o seguinte resultado:

Homens brancos e de côr	18:507
Indios, aborigines e tribus negras	1:780
Emigrantes de differentes procedencias	2:085
Europeus, militares e funccionarios	1:520
Degredados	6:635
Total	30:527

Este numero de habitantes differe muito do que se encontra no annuario estatistico de Gotha, e a não haver deficiencia de informações, a colonia franceza da Guyana não tem melhorado de clima, e a vida ali torna-se impossivel.

A questão de insalubridade ou salubridade não é para este logar, nem as estatisticas referidas a dois ou tres annos podem servir para se estabelecerem principios de aclimação. O que desde já se antevê todavia é que a população da Guyana franceza tende a diminuir, o que é essencialmente desfavoravel para a colonisação.

— As colonias mais importantes que a França possue, além das que deixâmos referidas, são, segundo A. F. Dutroulau, as ilhas Guadelupe e Martinica, nas pequenas Antilhas, a ilha Mayotte entre as Comoros, ao N. do canal de Moçambique, Taïti[1], e, finalmente, a Nova Caledonia na Malanésia, a E. da Australia.

A ilha Martinica tem 64 kilometros de comprimento e 28 de largura. Apresenta diversa configuração, segundo se olha para a região meridional ou para a do norte, mas as montanhas mais elevadas são muito mais

[1] Taïti é a capital dos estabelecimentos francezes da Oceania, conhecidos sob o nome de protectorados. Veja-se a pagina 143 d'este trabalho, onde vêem designadas as ilhas comprehendidas sob tal denominação.

A ilha Taïti se não tem importancia como colonia agricola, é comtudo um paiz tropical digno de estudo em relação á salubridade que apresenta. D'elle se occupou Dutroulau, fallando da pathologia, e nós teremos occasião de o examinar em outro logar, sob este ponto de vista.

pequenas que as da ilha de S. Thomé. Calcula-se a sua altura em 1:300 metros approximadamente.

A ilha Guadalupe, maior que a Martinica, tem uma disposição especial, poisque se acha, por assim dizer, partida em duas por um rio que a atravessa de um a outro lado, sendo uma composta de terrenos baixos e offerecendo a outra alguns montes que se elevam a 1:880 metros.

A região montanhosa das duas ilhas não é habitada, mas a zona media comprehendida entre 300 a 800 metros de altitude compõe-se de terras cultivadas.

A ilha Mayotte tem 28 kilometros de comprimento sobre 14 de largo, e a sua superficie é mais pequena que a da ilha de S. Thomé. Os montes elevam-se apenas a 660 metros e as correntes de agua são de pequeno volume.

A Nova Caledonia tem 280 kilometros de comprimento e 55 de largura, calculando-se a sua superficie em mais de 19:000 kilometros quadrados. É pouco conhecida a região interior e não tem montanhas muito elevadas.

De todas estas ilhas nos deixou A. F. Dutroulau, cuja morte a sciencia deplora com sentida magoa[1], uma descripção medico-geographica que merece consultar-se. É realmente um livro classico, uma obra que deve occupar um dos primeiros logares na livraria dos medicos que se empregam no estudo dos paizes tropico-equatoriaes. E não podemos deixar de notar, aindaque de passagem, a falta de trabalhos identicos ácerca das nossas colonias. Não é este de certo o unico livro indispensavel, ha outros cuja falta nos é muito grave, e que vem aqui de molde lembrarmos que os devemos mandar aos grandes certamens internacionaes. E se precisâmos de exemplo, recordâmos o que se fez no Brazil por occasião da exposição de Vienna de Austria e ultimamente da de Philadelphia[2]. Assim como se fazem conhecer os nossos productos agricolas e coloniaes, do mesmo modo devemos mostrar a extensão do territorio, seus limites, terrenos cultivados e incultos, diversidade de climas, população especifica, etc.

[1] O dr. Augusto Frederico Dutroulau falleceu em 28 de fevereiro de 1872. Era chefe do serviço de saude de marinha e official da Legião de Honra. O seu trabalho principal é o *Tratado das doenças dos europeus nos paizes quentes*, livro que, como disse M. Rochard ao despedir-se do seu collega junto á campa, fôra duas vezes coroado, e tem auctoridade scientifica.

[2] Temos diante de nós um livro com o seguinte titulo: *O imperio do Brazil na exposição universal de 1873 em Vienna de Austria.* Igual trabalho se preparou para a exposição da Philadelphia, sendo impresso, segundo ouvimos dizer, em quatro linguas — portuguez, francez, allemão e inglez. É esta a mais efficaz e racional propaganda que um paiz póde fazer em seu favor.

Colonias da Hollanda, clima geral, superficie, população e principaes producções

Designações	Clima geral	Superficie — Kil. quad.	População	Productos principaes
Indias occidentaes				
America:				
Ilha Coraçáo	Tropical quente (N.)	550,00	22:713	Nopal e cochonilha.
Ilha Aruba	Tropical quente (N.)	105,00	5:383	
Ilha Bonaire	—	335,00	4:370	
Ilha St. Martin	Tropico-equat. (N.)	46,80	2:959	
Ilha Saba	Tropico-equat. (N.)	12,83	1:975	
Ilha St. Eustache	Tropico-equat. (N.)	20,70	1:750	
Surinam (Demerara ou Guyana hollandeza)	Equatorial (N.)	119:321,00	69:834	Assucar, café, algodão e cacau.
		120:391,33	108:984	
Indias orientaes				
Oceania:				
Java com a ilha de Madura	Equatorial (S.)	134:607,00	17.786:118	Assucar, café, indigo, arroz, cacau, baunilha, tabaco, etc.
Ilha de Sumatra — Costa occidental	Equatorial (N.)	121:172,00	1.620:979	
Ilha de Sumatra — Costa oriental com as ilhas de Rioow	Equatorial (S.)	45:427,00	69:386	Arroz, tabaco, café, pimenta, essencias e oiro.
Ilha de Sumatra — Benkoulen	Equatorial (S.)	25:087,00	140:116	
Ilha de Sumatra — Lampongs	Equatorial (S.)	26:155,00	112:784	
Ilha de Sumatra — Palembang	—	160:343,00	577:085	
Ilha Banca	Equatorial (S.)	13:050,00	63:922	
Ilha Billiton	Equatorial (S.)	6:552,00	26:639	
Ilha Celebes — Territorio geral	Equatorial (S.)	118:380,00	355:942	Arroz, milho, fructa e mineraes.
Ilha Celebes — Menado	Equatorial (N.)	69:776,00	495:396	
Ilha Borneo — Costa occidental	Equatorial	154:506,00	365:798	
Ilha Borneo — Costa meridional	Equatorial (S.)	361:653,00	889:629	Metaes preciosos e essencias.
Ilha Borneo — Costa oriental	Equatorial			
Ilhas Molucas — Ternate e dependencias	Equatorial	62:204,00	97:913	
Ilhas Molucas — Amboino e dependencias	Equatorial (S.)	26:370,00	94:745	Especiarias.
Ilhas Molucas — Banda e dependencias	Equatorial (S.)	22:647,00	155:453	
Ilha de Timor (parte occidental, SO.)	Equatorial (S.)	10:600,00	—	Algodão, café, tabaco e assucar.
Ilha Bali	Equatorial (S.)	10:462,00	79:574	
Ilha Nova-Guiné	Equatorial (S.)	176:752,00	—	
		1.545:743,00	22.931:479	
	Total geral	1.666:134,33	23.040:463	

A Hollanda, occupando um territorio assás limitado na Europa, tem comtudo vastos dominios no ultramar, distribuidos por duas regiões muito distinctas. Fica uma sob a linha equinoccial na Oceania, e outra na America do Sul e golfo do Mexico, estando a Guyana mais proxima do equador e a ilha de Coraçáo mais afastada. As colonias hollandezas são, pois,

inteiramente equatoriaes, e mostram a possibilidade de os habitantes das regiões septentrionaes da Europa viverem nos logares reputados mais quentes do mundo, como muitos que se encontram nas ilhas de Sumatra, Borneo, etc.

Taes possessões, porém, não offerecem ainda vantajosos elementos para a resolução do problema da aclimação dos europeus nos paizes intertropicaes; mas embora não haja nas colonias hollandezas verdadeira colonisação, as nações da Europa têem muito que aprender no modo por que taes colonias têem sido administradas.

As lições da historia nunca devem esquecer. Explicam a concatenação dos factos, deixam no espirito idéas bem definidas, e animam os que desejam conhecer a verdade e applicar a justiça com rectidão.

Os povos, como os individuos, praticam acções de vida intima que não devem discutir-se, mas as suas relações para com os outros e o modo por que affirmaram a sua independencia servem muitas vezes de lição aos vindouros; e sem o auxilio da historia faltaria a verdadeira pedra de toque para as aferir. Devemos, pois, examinar não só a nossa propria historia colonial, mas tambem a dos povos que nos seguiram pelas differentes partes do mundo que descobrimos. Não é alheia ao nosso fim esta analyse historico-colonial, porque, tratando de conhecer se os europeus podem aclimar-se nas terras equatorias, precisâmos avaliar a vitalidade de cada nação europea de onde partem os colonos que vão povoar as terras de alem-mar. Assim como é indispensavel para a apreciação da constituição individual examinar a historia pregressa de cada homem, do mesmo modo os paizes extra-europeus do seculo XIX, ou sejam subordinados ainda ás nações que os crearam, ou estejam independentes, merecem detido exame a respeito da origem, formação e desenvolvimento da sua nacionalidade. Para o caso de que nos occupâmos trataremos de dar em resumo as noções principaes que se referem ao imperio colonial da Hollanda.

Os hollandezes são um povo dotado de energia e têem affirmado a sua independencia nos diversos campos da actividade humana, dando exemplos de valor a todas as outras nações colonisadoras da Europa. Tiveram Hespanha e Portugal por mestres, emquanto a colonisação, mas não imitam estas nações no modo por que administram as colonias que estabeleceram. É esta na verdade uma prova evidente da sua intelligencia e bom senso. Não seguiram o melhor systema, mas reconheceram os defeitos que havia no que praticavam os povos que lhe íam na vanguarda.

Os portuguezes, collocados ao occidente da Europa, conquistaram o reino palmo a palmo. São orgulhosos pela sua independencia, e, aspirando sempre á liberdade, têem dado inconcussas provas de amor á patria. A sua historia é uma das primeiras entre a de todos os povos do mundo,

por ella teve especial attenção o imperador da França, que a mandou ensinar nos lyceus. É porque na historia portugueza, diz um escriptor francez, ha uma excellente escola de enthusiasmo e de heroismo.

Recordâmo-nos com prazer dos heroes de 1640, assim como nos referiremos ao nosso captiveiro, pondo bem em relevo a verdade.

Prende-se por tal modo a nossa historia colonial do seculo XV e XVI com a da Hespanha e Hollanda, que não podemos memorar os acontecimentos de uma nação sem fallar das outras. Seremos todavia imparciaes, como nos cumpre.

A Hollanda não soffreu o dominio hespanhol e reagiu contra o despotismo de Filippe II de Hespanha, havendo-se com tanta fortuna que principiou d'esse tempo a sua grandeza e prosperidade.

Prohibiu-lhe a Hespanha, que a tinha sob a mais cruel oppressão, o commercio com a cidade de Lisboa. Julgou que feria os hollandezes, quando sobre nós é que se descarregavam os golpes!

Não os humilhou a prohibição que lhes fez a orgulhosa Hespanha. Aproveitaram-se, pelo contrario, do ensejo para realisarem um grande emprehendimento. As injustiças e as perseguições engrandecem muitas vezes os opprimidos. Quando não tivessemos outras provas, bastava o que se passou entre os hollandezes quando viram o seu commercio interrompido com os portuguezes. A sua resolução não se fez esperar; dirigiram-se directamente á India, e informaram-se dos usos e costumes dos povos d'aquellas regiões. Foi esta a primeira consequencia de tão arbitraria quanto abusiva determinação.

Armaram alguns navios, que demandaram as terras do oriente. Não íam armados de grandes petrechos de guerra; dedicavam-se especialmente ao commercio. Não se propunham atacar de frente os destemidos galeões de Portugal; o seu principal cuidado era evital-os. Tinham por fim ver as terras do oriente, avaliar o nosso poder e os meios de o inutilisar. Serviu-lhes o commercio de pretexto. E poucas viagens bastaram para saber como lhes convinha proceder. Fizeram-se durante alguns annos expedições particulares, e depois creou-se a companhia das Indias, que sob a mira do commercio promovia a indisposição dos indigenas das ilhas, onde aportavam, contra nós, e acabavam por nos declarar guerra! As nossas terras do oriente foram as primeiras colonias dos hollandezes. Estabeleceram-se depois no Cabo da Boa Esperança, de que nunca fizemos caso, e espalharam-se por alguns pontos da America.

O centro do movimento commercial era na pequena ilha Coração, que foi para a região septentrional da America do Sul o que deveria ser a nossa ilha de S. Thomé para a região equatorial da Africa, se por acaso quizessemos occupar o logar que nos competia na sua exploração.

As colonias hollandezas, é mister relembrar, levantaram-se sobre as ruinas das nossas possessões do oriente! Foi para nós uma perda immensa. A Hespanha parecia comprazer-se em ver ameaçada a integridade do nosso territorio do ultramar, julgando talvez que assim nos enfraquecia, mas não logrou o seu intento.

Estivemos por sessenta annos sob um jugo violentissimo; mas soou a hora da liberdade, e por todos os angulos de Portugal se ouviu o mesmo grito—*patria, liberdade, independencia.*

Não podémos todavia acudir a todas as colonias de que os hollandezes se haviam já apoderado.

Cumpria-nos sustentar a integridade do territorio; era esse o nosso principal dever, e fomos obrigados a concentrar na metropole todas as forças para defender a mãe patria; e os hollandezes, que avaliavam a nossa posição, aproveitaram o tempo para atacar as provincias mais afastadas da monarchia portugueza, discutindo muitas vezes a posse de territorios onde chegaram depois de nós.

Havia-se fundado, como dissemos, a companhia das Indias, que parecia destinada mais á exploração commercial do que á colonisação, mas eram outros seus intuitos. Foi ella que promoveu a occupação de muitas ilhas, e procurou apoderar-se de bastantes territorios de alem-mar. Foi ella que occupou as ilhas de Java, Amboino, Banda e Molucas, na Oceania, Ceylão, Malaca, Macassar, e o Cabo da Boa Esperança, para todas as quaes havia nomeado governadores. O systema empregado pelos hollandezes para com os indigenas foi bem calculado; mas não daria hoje bom resultado, poisque a prosperidade das colonias não se sustenta senão pela agricultura.

Como sómente por incidente tocâmos n'estes assumptos que a historia nos ensina, não nos demorâmos por mais tempo n'estas considerações, e passâmos a fallar da população das colonias hollandezas, o que tem relação directa com o objecto d'este trabalho.

Em 1869 a população das ilhas de Java e Madura era composta dos seguintes individuos:

Indigenas	15.791:845
Chinezes	172:281
Arabes	7:234
Europeus	29:139
Differentes nacionalidades	9:616
Total	16.010:115

A população especifica, n'este anno, era, pois, de 100 individuos por

kilometro quadrado. Segundo os dados do annuario estatistico de Gotha, em 1874, a população subia a 17.786:118 habitantes.

As ilhas de Java e Madura devem o progresso e desenvolvimento agricola que n'ellas se observam á intelligente administração de alguns governadores que nos primeiros annos d'este seculo lhes deram todo o incremento. Durante a administração d'estes benemeritos cidadãos, a agricultura e o commercio augmentaram de tal modo, que poucas colonias se podem igualar a estas ilhas. É realmente innegavel que a felicidade de qualquer paiz depende quasi sempre dos homens que estão á frente dos seus negocios publicos. Deu-nos o grande Affonso de Albuquerque o imperio do oriente, e ao infante D. Henrique se deve a maior das nossas glorias. Muitos monarchas portuguezes corresponderam á sua alta missão, e tivemos ministros como o marquez de Pombal.

Affirmámos a nossa nacionalidade perante todas as nações da Europa, e hoje, como sempre, defenderemos a todo o transe a nossa independencia. Mostra-nos a historia que somos a primeira entre as nações de segunda ordem, e que somos uma das primeiras nações colonisadoras do seculo XIX. Se alguns escriptores estrangeiros não se referem ás nossas plantações coloniaes, não deixam elles tambem de condemnar o systema colonial dos hollandezes.

«Os hollandezes, observa Leroy Beaulieu, não se occupam em civilisar a população indigena; olham apenas com attenção para as culturas e commercio e não para a instrucção dos habitantes. É, como se vê, uma colonisação desprovida do espirito elevado e pensamento nobre com que todo o povo deve colonisar. A colonisação hollandeza é, para dizer tudo, uma simples exploração.»

A população europêa é extremamente rara nas colonias hollandezas. Em 1857 havia na ilha de Java apenas 14:000 individuos. O governo tentou augmental-a, mas os emigrantes preferem os Estados Unidos ás ilhas da Sonda, na Oceania.

Os portuguezes, pela sua parte, preferem as terras do Brazil ás da Africa, o que não tomará incremento se os negocios coloniaes forem attendidos, como se tem notado no corrente anno de 1876.

O que é certo é que a provincia de Angola, seis vezes maior que as ilhas de Java e Madura, está em condições de progredir muito e de poder competir com as colonias da Africa, de Cuba e de Java e até com a Algeria franceza.

Alem das ilhas oceanicas, a Hollanda possue, como dissemos, a Guyana, territorio asaás vasto, mas pouco povoado relativamente ás outras colonias.

Em 1859 tinha 53:000 habitantes, sendo 15:959 livres e 36:963 es-

cravos. Em 1874 e 1875 elevava-se o numero dos habitantes a 69:834, o que é realmente insignificante para um paiz com uma superficie dupla da de Portugal.

Uma das causas que têem concorrido para o estacionamento da Guyana hollandeza é certamente o absentheismo, cancro que affecta tambem as nossas colonias.

O *absentheismo* tem sido fatal para a colonia americana da Hollanda, poisque emquanto os proprietarios vivem luxuosamente em Amsterdam, as plantações estão entregues a gerentes cuja incapacidade é notoria, assim como a sua negligencia e immoralidade. Os trabalhadores são mal tratados e a mortalidade entre elles é espantosa.

São variadas as causas que têem concorrido para o limitado desenvolvimento da celebre Demarara ou Surinam hollandeza, para onde, apesar de tudo, ha uma corrente de emigração assás regular, postoque fraca em apparencia.

Referimo-nos, nas considerações que acabâmos de expor, a Leroy Beaulieu, e por ellas póde fazer-se idéa do estado em que se acha actualmente um dos paizes que passa por um dos mais insalubres do mundo. É ali, sob o sol do equador, em um terreno pouco elevado, que alguns camponezes da Hollanda se entregam á cultura do terreno que adquirem. Se os hollandezes em taes circumstancias podem entregar-se á cultura, não desesperemos nós de o fazer tambem em muitos pontos das provincias de Angola e Moçambique, onde ha largos tractos de terreno em muito melhores condições de salubridade do que em Demerara e n'outras colonias de Hollanda.

Para terminar tão succintas observações ácerca d'esta colonia da Hollanda, notaremos que no seculo XVIII havia n'aquelle paiz 600 fazendas, nas quaes trabalhavam cerca de 30:000 escravos. Em 1845 contavam-se apenas 259, cujo numero se conservou estacionario até 1860.

Vê-se, pois, que a agricultura tem declinado na Guyana hollandeza depois da sua maior prosperidade.

Falla-se com admiração do imperio colonial da Hollanda, cuja parte principal se acha sob a linha equinoccial, e indica-se muitas vezes como má condição a posição tropical das nossas possessões! Diz-se tambem no diccionario Larousse que pertence á Neerlandia o estabelecimento denominado Elmina, sobre-costa do Ouro, no mar de Guiné. Não sabemos se é verdadeira esta asserção, poisque ali se reputa colonia hollandeza o archipelago de Timor, quando a maior parte da ilha principal com a pequena ilha Pulo Cambing fazem parte integrante da nossa provincia da Asia Oriental e Oceania! Trataremos d'estes e de outros assumptos analogos no decurso d'este trabalho, abstendo-nos por isso de mais largas considerações.

Colonias inglezas, clima geral, superficie, população e productos principaes

Designações	Clima geral	Superficie — Kil. quad.	População	Productos principaes
Asia				
Kamaran (Estação)	Tropical quente (N.)	165,0	500	
Aden	Tropical quente (N.)	30,8	19:289	
Ilhas de Kouriâ — Mouria (Estação)	Tropical quente (N.)	55,0	—	
India ingleza (Indostão e costa oriental do golfo de Bengala)	—	2.341:391,0	190.563:048	Algodão, opio, essencias, sedas, etc.
Laccadivas (Estação)	Tropico-equat. (N.)	1:927,0	6:800	
Ceylão	Tropico-equat. (N.)	63:333,0	2.405:287	
Andamanes (Estação)	Tropical quente (N.)	6:608,0	13:500	
Nicobares (Estação)	Tropical quente (N.)	1:878,0	5:000	
Estabelecimentos e feitorias (Singapura, Malaca, etc.)	—	3:123,0	308:097	
Hong-Kong	Tropical quente (N.)	83,0	124:198	
		2.418:593,8	193.445:719	
Africa				
Estabelecimentos e feitorias da costa occidental de Africa	Equatorial (N.)	44:326,0	633.400	
Ilha da Ascensão	Equatorial (S.)	88,0	27	
Ilha de Santa Helena	Tropical quente (S.)	121,0	6:241	
Ilha de Tristão da Cunha (Estação)	Temperado	116,0	83	
Colonia do Cabo	Tropical temp. (S.)	581:089,0	718:059	Milho, trigo, café, legumes, lã e canna saccharina.
Porto Natal	Tropical temp. (S.)	46:104,0	289:773	
Ilha Mauricia e dependencias	Tropical quente (S.)	2:820,0	330:400	
Nova Amsterdam (Estação)	Temperado	66,4	—	
S. Paulo (Estação)	Temperado	7,2	—	
Perim	Tropical quente (N.)	11,8	—	
Mosha (Estação)	Tropical quente (N.)	1,1	—	
		674:750,2	1 978:013	
America				
Dominio de Canadá	Frio (N.)	9.099:141,0	3.718:745	
Terra Nova (1874)	Frio (N.)	104:144,0	161.386	Arroz e diversos productos agricolas e florestaes.
Bermudas	Tropical temp. (N.)	106,0	15:309	
Honduras	Tropical quente (N.)	34.964,0	24.710	
Ilhas de Bahama ou Lucayas	Tropical temp. (N.)	15:005,0	39:162	
Ilhas de Turc	Tropical quente (N.)	25,0	1:878	
Ilhas de Caicos	Tropical quente (N.)	550,0	2:945	
Jamaica	Tropical quente (N.)	10:859,0	506:154	
Ilhas de Cayman, grande e pequena Brac (Estação)	Tropical quente (N.)	584,0	2:400	
Leeward Islands (8 das pequenas Antilhas)	Tropical quente (N.)	4:900,0	120:134	
Windward Islands (6 das pequenas Antilhas)	Tropico-equat. (N.)	2:132,0	284:078	
Trindade (Sul das pequenas Antilhas)	Equatorial	4:544,0	109:638	
Guyana Ingleza (America do Sul)	—	221 243,0	215:200	
Ilhas Falkland	—	12:279,0	803	
		9.507.466,0	5.201:539	
Oceania				
Australia (1874)	Trop. quente e temp.	7.627 827,0	1:838:328	Lã e metaes preciosos.
Tasmania (Van-Diemen)	Temperado (S.)	67 894,0	105:000	
Nova Zelandia	Temperado (S.)	275:200,0	345:000	Carvão, cobre e metaes preciosos.
Ilha Chatham	Temperado (S.)	4.348,0	129	
Ilha d'Auckland	Frio (S.)	509,0	—	
Ilha Lord Howe	Tropical temp. (S.)	8,3	37	
Ilha Norfolk	Tropical temp. (S.)	43,5	481	
Ilhas Fidji	Tropical quente (S.)	20:806,6	148:040	
Ilha Fanning	Equatorial (N.)	55,0	150	
Ilha Malden	Equatorial (S.)	—	Inhabitaveis	
Ilha Starbouck	Equatorial (S.)	—	Inhabitaveis	
Ilha Carolina	Equatorial (S.)	66,0	Inhabitaveis	
Ilhas de Keeling (Estação)	Tropico-equat. (S.)	22,0	400	
Labouan	—	116,0	4:898	
		7 994:895,4	2.442:463	
	Total geral	20.594.705,4	203.062:734	

São immensos os paizes que a Inglaterra possue na Asia, Africa, America e Oceania. Independentemente, porém, de tão extraordinaria extensão colonial, os inglezes merecem com justificada rasão o nome de *povo colonisador por excellencia.* Não têem direito a tão honroso titulo em presença das suas colonias do seculo XIX, merecem-no pelo que fizeram no seculo XVI, quando Portugal e a Hespanha alargavam a esphera do seu poder em todas as partes do mundo.

Um concurso feliz de muitas circumstancias, observa Leroy Beaulieu, fez com que os tres primeiros povos colonisadores, Portugal, Hespanha e Inglaterra, obtivessem os paizes extra-europeus que mais se accommodavam á aptidão de cada uma d'estas nações.

Os arrojados e habeis marinheiros portuguezes tiveram por dominio as Indias Orientaes, onde podiam enriquecer-se por meio de um commercio facil e inesgotavel.

Os emprehendedores mas pesados aventureiros hespanhoes obtiveram as minas da America central e meridional, que elles podiam explorar sem esforço.

Aos judiciosos e pacientes colonos da Inglaterra tocou por sorte essa immensa região inculta e quasi despovoada, que deveria tornar-se a mais brilhante colonia do mundo.

Nenhuma terra correspondia melhor, acrescenta aquelle escriptor, aos projectos d'Hackluyt, ás theorias de Bacon, aos desejos de Walter Raleigh e de Humphrey Gilbert.

O governo inglez, que não toma jamais parte alguma directa na fundação das colonias, ensina comtudo aos colonos o que mais lhes convem fazer para obterem feliz resultado. O que o governo punha em pratica era tambem divulgado pelos escriptores. Todos elles aconselhavam a occupação de terras virgens, mas de fertilidade reconhecida, onde podessem, por meio de trabalho, crear a industria agricola e commercial.

A Inglaterra é inquestionavelmente o primeiro paiz colonial do mundo, e Leroy Beaulieu dá minuciosas informações a respeito do espirito colonisador d'aquelle povo, mas, quando se refere á escravatura, attribue-lhe a honra da iniciativa para a sua extincção. Não recusâmos á Inglaterra a parte que ella tomou em tão nobre emprehendimento, mas desejâmos que se nos faça tambem justiça, mostrando que se acceitámos, como todas as nações modernas, o principio da escravidão, fomos os primeiros que a modificámos de um modo muito honroso para nós. Para evitar delongas, reproduzimos os trechos de dois livros que temos á mão. Fallam bem alto, e se um, por ser de escriptor portuguez, podesse ser tido por suspeito, o outro que é obra de um sabio inglez, não deixará de merecer inteiro credito.

Fazenda Bom Jesus na margem do rio Quanza

«*Muitas foram as providencias beneficas,* diz José Joaquim Lopes de Lima, *que o Senhor Rei D. Manuel derramou sobre aquelle povo (o da ilha de S. Thomé); mas entre todas—por parecer obra de seculos mais illustrados—a carta regia de 9 de janeiro de 1515, na qual, depois de declarar que fôra expressamente ordenado no regimento que se fez para a povoação, que se désse a cada colono uma escrava para della haver filhos, determina que taes escravas fiquem livres com toda a sua descendencia, e nunca possam ser demandadas—ellas, nem seus filhos e filhas—como captivos de el-rei, nem de pessoa alguma;—e a outra carta regia de 24 de janeiro de 1517, a qual estende o mesmo beneficio aos escravos machos, que similhantemente foram dados para serviço dos primeiros povoadores e os declara fôrros a elles e seus descendentes.*»

Isto prova, acrescenta o mesmo escriptor, que os reis de Portugal seguiam desinteressadamente os dictames de uma util e sensata philanthropia em seus dominios, tres seculos antes que uma politica interesseira ensinasse essa virtude a nações que, n'aquella epocha, traziam sob o jugo de um duro feudalismo os escravos brancos seus conterraneos, e que porventura ainda hoje traficam em homens e mulheres da sua propria côr.

H. Major, procurando indagar o que diz respeito á origem do trafico de escravos, á primeira deportação que d'elles se fez da Africa e quem deu origem ao que hoje (1869) se chama o trafico da escravatura, deu uma demonstração cabal de que não são os portuguezes os que merecem censura.

Em um dos livros mais sympathicos que ultimamente se publicou *O trabalho rural africano e a administração colonial,* pelo marquez de Sá da Bandeira, dá-se minucioso desenvolvimento a tão grave assumpto, tomando-se por base o trabalho de H. Major.

Todos, sem excepção, hespanhoes, portuguezes, inglezes, francezes e hollandezes, diz o honrado marquez, consideram o trabalho dos indigenas como propriedade sua. E obrigando-os, pelo modo o mais cruel, a fazer serviços acima das suas forças, d'isso resultou, em muitas regiões, a despovoação e mesmo a exterminação de raças inteiras.

Em 1562 o capitão de navios John Hawkuis, nota o referido marquez de Sá, referindo-se a um escriptor inglez, que depois fôra thesoureiro da rainha Izabel, partira de Inglaterra para a Serra Leôa com tres navios, em que embarcou trezentos negros, alguns dos quaes foram capturados por força, e levados ás ilhas hespanholas, onde os trocou por assucar.

É, porém, certo que á Inglaterra cabe a gloria de saír de entre seus filhos o primeiro grito de liberdade para toda a humanidade ser completamente livre.

Foi em 1773, diz Leroy Beaulieu, que pela primeira vez uma alma

São immensos os paizes que a Inglaterra possue na Asia, Africa, America e Oceania. Independentemente, porém, de tão extraordinaria extensão colonial, os inglezes merecem com justificada rasão o nome de *povo colonisador por excellencia*. Não têem direito a tão honroso titulo em presença das suas colonias do seculo XIX, merecem-no pelo que fizeram no seculo XVI, quando Portugal e a Hespanha alargavam a esphera do seu poder em todas as partes do mundo.

Um concurso feliz de muitas circumstancias, observa Leroy Beaulieu, fez com que os tres primeiros povos colonisadores, Portugal, Hespanha e Inglaterra, obtivessem os paizes extra-europeus que mais se accommodavam á aptidão de cada uma d'estas nações.

Os arrojados e habeis marinheiros portuguezes tiveram por dominio as Indias Orientaes, onde podiam enriquecer-se por meio de um commercio facil e inesgotavel.

Os emprehendedores mas pesados aventureiros hespanhoes obtiveram as minas da America central e meridional, que elles podiam explorar sem esforço.

Aos judiciosos e pacientes colonos da Inglaterra tocou por sorte essa immensa região inculta e quasi despovoada, que deveria tornar-se a mais brilhante colonia do mundo.

Nenhuma terra correspondia melhor, acrescenta aquelle escriptor, aos projectos d'Hackluyt, ás theorias de Bacon, aos desejos de Walter Raleigh e de Humphrey Gilbert.

O governo inglez, que não toma jamais parte alguma directa na fundação das colonias, ensina comtudo aos colonos o que mais lhes convem fazer para obterem feliz resultado. O que o governo punha em pratica era tambem divulgado pelos escriptores. Todos elles aconselhavam a occupação de terras virgens, mas de fertilidade reconhecida, onde podessem, por meio de trabalho, crear a industria agricola e commercial.

A Inglaterra é inquestionavelmente o primeiro paiz colonial do mundo, e Leroy Beaulieu dá minuciosas informações a respeito do espirito colonisador d'aquelle povo, mas, quando se refere á escravatura, attribue-lhe a honra da iniciativa para a sua extincção. Não recusâmos á Inglaterra a parte que ella tomou em tão nobre emprehendimento, mas desejâmos que se nos faça tambem justiça, mostrando que se acceitámos, como todas as nações modernas, o principio da escravidão, fomos os primeiros que a modificámos de um modo muito honroso para nós. Para evitar delongas, reproduzimos os trechos de dois livros que temos á mão. Fallam bem alto, e se um, por ser de escriptor portuguez, podesse ser tido por suspeito, o outro que é obra de um sabio inglez, não deixará de merecer inteiro credito.

Fazenda Bom Jesus na margem do rio Quanza

«Muitas foram as providencias beneficas, diz José Joaquim Lopes de Lima, *que o Senhor Rei D. Manuel derramou sobre aquelle povo (o da ilha de S. Thomé); mas entre todas—por parecer obra de seculos mais illustrados—a carta regia de 9 de janeiro de 1515, na qual, depois de declarar que fôra expressamente ordenado no regimento que se fez para a povoação, que se désse a cada colono uma escrava para della haver filhos, determina que taes escravas fiquem livres com toda a sua descendencia, e nunca possam ser demandadas—ellas, nem seus filhos e filhas—como captivos de el-rei, nem de pessoa alguma;—e a outra carta regia de 24 de janeiro de 1517, a qual estende o mesmo beneficio aos escravos machos, que similhantemente foram dados para serviço dos primeiros povoadores e os declara fôrros a elles e seus descendentes.»*

Isto prova, acrescenta o mesmo escriptor, que os reis de Portugal seguiam desinteressadamente os dictames de uma util e sensata philanthropia em seus dominios, tres seculos antes que uma politica interesseira ensinasse essa virtude a nações que, n'aquella epocha, traziam sob o jugo de um duro feudalismo os escravos brancos seus conterraneos, e que porventura ainda hoje traficam em homens e mulheres da sua propria côr.

H. Major, procurando indagar o que diz respeito á origem do trafico de escravos, á primeira deportação que d'elles se fez da Africa e quem deu origem ao que hoje (1869) se chama o trafico da escravatura, deu uma demonstração cabal de que não são os portuguezes os que merecem censura.

Em um dos livros mais sympathicos que ultimamente se publicou *O trabalho rural africano e a administração colonial,* pelo marquez de Sá da Bandeira, dá-se minucioso desenvolvimento a tão grave assumpto, tomando-se por base o trabalho de H. Major.

Todos, sem excepção, hespanhoes, portuguezes, inglezes, francezes e hollandezes, diz o honrado marquez, consideram o trabalho dos indigenas como propriedade sua. E obrigando-os, pelo modo o mais cruel, a fazer serviços acima das suas forças, d'isso resultou, em muitas regiões, a despovoação e mesmo a exterminação de raças inteiras.

Em 1562 o capitão de navios John Hawkuis, nota o referido marquez de Sá, referindo-se a um escriptor inglez, que depois fôra thesoureiro da rainha Izabel, partira de Inglaterra para a Serra Leôa com tres navios, em que embarcou trezentos negros, alguns dos quaes foram capturados por força, e levados ás ilhas hespanholas, onde os trocou por assucar.

É, porém, certo que á Inglaterra cabe a gloria de saír de entre seus filhos o primeiro grito de liberdade para toda a humanidade ser completamente livre.

Foi em 1773, diz Leroy Beaulieu, que pela primeira vez uma alma

generosa e profundamente christã, William Wilberforce, então simples estudante na escola de Poktington, escreveu um folheto contra a escravatura. Em 1780 outro espirito elevado, Thomás Charkson, propoz no parlamento a abolição de tão miseravel trafico. Wilberforce renovou a proposta em 1787, e apresentava-a todos os annos, acabando finalmente por triumphar.

No anno de 1812 foi abolido na Inglaterra este commercio odioso que, desde tres seculos, deshonrava a civilisação europea.

Tres annos mais tarde, no congresso de Vienna, as nações ali reunidas obrigaram-se a empregar todos os esforços para acabar com o trafico da escravatura, «altamente reprovado pelas leis, pela religião e pela natureza».

O que se tem passado a este respeito desde 1812 até ao presente não é assumpto que possa desenvolver-se nos estreitos limites d'este trabalho, nem o livro de Leroy Beaulieu, a que nos referimos, elucida similhantes questões, sendo completamente omisso a respeito de Portugal.

Cumpre-nos, pois, observar que, tendo acompanhado as outras nações quando se trata da liberdade dos trabalhadores africanos, podemos afoutamente dizer que temos feito em favor da civilisação das nossas terras de Africa[1] tanto ou mais do que fizemos em prol da do Brazil, a cujo respeito diz um esclarecido escriptor francez:

[1] Se um ou outro escriptor estrangeiro nos faz justiça, a maior parte d'elles não se dão ao trabalho de indagar a verdade, e são sempre inexactos no tocante a cousas portuguezas. Referem-se depois aos outros, repetem ou commentam as inexactidões divulgadas, e julgam-nos mal sem ter conhecimento da verdade!

Não citâmos nomes, nem lembrâmos factos, porque isto está na memoria de todos.

O movimento colonial que se iniciou entre nós tem crescido e alargado, e por este modo provâmos a inexactidão do que se tem escripto a nosso respeito, e mostrâmos o que somos e o que valemos.

O silencio é ás vezes signal precursor do aniquilamento moral; a propaganda é uma das bases do desenvolvimento nacional, um dos meios do progresso das nações e da humanidade.

E, como elemento de propaganda, as sessões da camara dos deputados nos dias 15, 16 e 17 de fevereiro do corrente anno (1877), attingiram o seu fim, fazendo repercutir em toda a Europa culta a justiça que nos assiste, no modo por que temos resolvido a questão mais sympathica em que se empenharam as nações do seculo XIX, e affirmando mais uma vez a nossa existencia como nação livre e independente.

Na impossibilidade de nos alargar em considerações e á vista da importancia do assumpto, extractâmos um dos trechos do brilhante discurso do ministro da marinha e ultramar, referindo-se á parte que tomámos na extincção do trafico da escravatura e no aniquilamento da escravidão.

Eis-aqui as palavras do sr. João de Andrade Corvo:

«Terei que lembrar agora quanto temos feito em favor da liberdade dos negros?

«Será necessario recordar que quando em 1771 se concedia a liberdade a todo

«Le Brésil, c'est le chef-d'œuvre de la colonisation portugaise; et, bien qu'il ne lui appartienne plus, c'est néanmoins une gloire pour le Portugal que de l'avoir conduit où il est actuellement, d'avoir protégé son enfance sans l'opprimer, et d'avoir su se séparer de lui sans haine ni rancune.»

o escravo que vinha a Portugal, quando em 1773 um alvará declarava livres todos os filhos de escravos nascidos em Portugal, e os considerava habeis para todos os officios, honras e dignidades, sem a nota distinctiva de libertos, que a superstição dos romanos estabeleceu nos seus costumes, e que a união christã e a sociedade civil fazem intoleravel; ainda Granville-Sharp, em conclusão de um longo relatorio, dizia dever-se preferir á opinião contraria a opinião de que o negro, pelo simples facto de vir á Inglaterra, ficava livre?

«Quando essa opinião se considerava como preferivel em Inglaterra, em Portugal era já lei.

«Ninguem se deve admirar, em vista dos interesses mais ou menos licitos que se lhe oppõem, que a abolição da escravatura encontrasse grandes difficuldades nas colonias portuguezas.

«Pois não nos lembram, os que trabalhâmos pela extincção do trafico, que em 1794 se apresentou á camara dos communs o *bill* da abolição do trafico, e só em 1807 foi elle convertido em lei?

«Pois não sabem todos que, depois de abolido o trafico, a abolição da escravidão teve logar nos dominios britannicos passados vinte e seis annos?

«Não se recordam todos das enormes resistencias que encontrou a applicação d'essa lei benefica?

«Ha muito que nós trabalhâmos para pôr termo a esse crime que envergonha a humanidade.

«Já antes do tratado de 1842, que muita gente suppõe ter vindo acabar com o trafico no territorio portuguez, o marquez de Sá da Bandeira, de veneranda memoria, tinha, n'um decreto de dictadura, abolido o trafico da escravatura em toda a monarchia portugueza.

«O tratado de 1842 não fez senão confirmar n'um pacto internacional o que era lei em Portugal.

«Desde este periodo, o trafico clandestino tem ido successivamente acabando nas possessões portuguezas. Abolida a escravatura, têem hoje desapparecido os ultimos vestigios d'ella.

«Podemos dizer com ufania, que em terra portugueza não ha senão homens livres.

«E não homens livres constituindo uma casta desconsiderada, como em outras partes succede, mas homens livres que são cidadãos como nós.

«E é velha esta maneira de pensar entre nós. Basta lembrar as palavras do alvará de 1773, que ha pouco citei.

«O que dizia então o marquez de Pombal, é a nossa doutrina de hoje. Perante a lei os cidadãos portuguezes são iguaes, qualquer que seja a sua origem, quer sejam filhos de antigos escravos, quer sejam filhos de homens livres.

«Todos são cidadãos, todos têem iguaes direitos perante a lei fundamental do estado.

Podem os escriptores inglezes recordar os serviços por elles prestados á causa da liberdade, maravilhoso astro que illumina toda a familia humana; mas na propria Inglaterra, onde se levantou uma voz animada por um coração magnanimo, condemnando a caça do homem pelo homem, appareceu um philosopho naturalista, que não duvidou marcar-nos uma vida como a dos animaes, asseverando que *as especies vegetaes e animaes descendem todas por via de transformações successivas de tres ou quatro typos primitivos ou talvez de um unico typo.*

D'este modo nivelam-se os differentes seres creados, apaga-se toda a idéa da religião e destroe-se todo o sentimento moral! E se por este lado é condemnavel similhante doutrina, não o é menos por dividir a familia humana, dando-se aos pretos uma origem diversa da dos brancos, admittindo-se a creação espontanea e collocando-se os homens a par dos animaes.

As idéas de Wilberforce, em presença dos principios de Darwin, seriam egoistas, poisque se todos somos animaes, não devemos querer para nós o que negâmos aos outros. Se a origem é a mesma para todos os entes do universo, se os homens da actualidade tiveram por antepassados alguns macacos, ou se são formados como a agua, originados como stalactites, ou creados como as arvores, d'onde vem a idéa do bello, a idéa do infinito e o desejo de explorar a terra, examinar o ar e adquirir nome glorioso!?...

As forças physicas não dão uns productos mais nobres do que os outros, e se á creação dos seres do universo presidiu a mesma força inconsciente, como se explica a consciencia que domina a humanidade?!... O que significa então o amor da patria e o desejo de engrandecimento moral?... E com que direito se proclama a superioridade de uns seres, obrigando-se outros á escravidão ou matando-os para nos servirem de alimento?...

Perante os principios de Darwin, os pretos, os brancos, os cobreados merecem a liberdade tanto como os bois, os elephantes, os cavallos e outros animaes que nós obrigâmos ao trabalho forçado.

O que desde já devemos affirmar é que estas idéas não podem ser admittidas; em theoria expõe-se muitas vezes o que na pratica se rejeita.

«Póde, porventura, ser justamente accusada de praticar, ou mesmo de proteger a escravatura, uma nação que pensa, sente e legisla por esta fórma?

«Satisfazendo aos desejos da nação, está o governo resolvido a reprimir energicamente todos os actos que possam de perto ou de longe offender a lei que deu inteira e absoluta liberdade a todos os subditos portuguezes no territorio de Africa; a não consentir que nenhum homem possa ser sujeito a servidão dentro dos limites do nosso territorio.

«Por actos successivos, foram o governo e o parlamento apressando o momento de acabar de vez com a servidão nas nossas colonias, não lhe importando interesses offendidos, nem mal cabidas queixas.»

Este assumpto momentoso será discutido, como temos dito, mais adiante. Recordâmol-o aqui por incidente, porque nos causa assombro o que se passa na famosa Inglaterra com os seus colonos e com os seus sabios e philosophos.

É uma nação excepcional e que não se comprehende á primeira vista. Merece certamente ser estudada sob differentes pontos, mas não o podemos fazer n'este livro, onde apenas pretendemos mostrar a importancia das nossas colonias em relação ás das outras nações, sendo este o objecto principal do presente capitulo.

Limitâmos, pois, as nossas considerações ao que se acha exposto, e passâmos a dar uma breve noticia das possessões inglezas, a fim de as podermos comparar com as de outros paizes europeus.

As colonias inglezas nas cinco partes do mundo têem 20.595:079 kilometros quadrados de superficie assim dividida:

America	9.507:466
Oceania	7.993:757
Asia	2.418:744
Africa	674:737
Europa	375

Não é facil, de certo, fazer a descripção de tão variadas quanto extensas possessões, mas tomaremos um ou outro ponto para servir de termo de comparação, e mostrarmos a importancia de cada região colonial.

Deveriamos começar pelo territorio que a Inglaterra possue na Africa, por ser aquelle que mais nos importa conhecer; mas seguiremos a ordem por que as deixâmos inscriptas, dando comtudo mais algum desenvolvimento ás colonias africanas.

As possessões inglezas da America têem uma disposição especial que é indispensavel tomar em consideração, quando se trata de as descrever.

Estendem-se do parallelo tirado 3° 40′ até alem do 52°. Por tão larga zona encontram-se muitas ilhas, largos territorios continentaes e climas variadissimos.

Os maiores territorios são os do Canadá, Guyana, Terra Nova, Honduras, das ilhas de Bahama e Jamaica, sendo a Guyana o unico paiz equatorial propriamente dito.

A possessão do Canadá é completamente extratropical, e nenhuma das nossas colonias se acha n'estas condições. Não é portanto um paiz que mais nos importa conhecer. E preciso dizer tambem que esta immensa região, maior que todo o imperio do Brazil, está collocada mais ao N. do que Portugal, ficando quasi dentro da mesma zona da França.

Têm por limites ao N. o oceano glacial arctico, ao S. os Estados Unidos, a E. fica-lhe o oceano Atlantico, e a O. o mar Pacifico.

O dominio ou possessão do Canadá tem 9.099:141 kilometros quadrados, sendo a sua população assim classificada:

Inglezes	2.102:729
Francezes	1.082:940
Allemães	202:991
Neerlandezes	29:662
Gaulezes	7:773
Suissos	2:962
Scandinavos	1:623
Italianos	1:035
Negros	21:496
Indios	23:035
Diversas nacionalidades	1:954
De origem desconhecida	7:561
Somma	3.485:761

Estas estatisticas servem para dar uma idêa approximada da população de tal paiz. Referem-se apenas ao movimento geral dos habitantes, e não têem o desenvolvimento que apresentam as da ilha de S. Thomé, pois n'estas não só tratâmos do movimento geral, mas tambem dos nascimentos, obitos, população ambulante, etc.

Pelo que diz respeito aos habitantes da possessão do Canadá, cumpre-nos notar que os negros entram na proporção de 1 por 162 habitantes, facto que importa registar, attenta a latitude em que está esta região.

A seguinte estatistica mostra a relação em que se acham os habitantes, segundo as respectivas nacionalidades.

Relação da população geral	para os italianos	3:367 : 1
	para os scandinavos	2:147 : 1
	para diversas nacionalidades	1:783 : 1
	para os suissos	1:176 : 1
	para os de origem desconhecida	461 : 1
	para os gaulezes	448 : 1
	para os negros	162 : 1
	para os indios	151 : 1
	para os neerlandezes	117 : 1
	para os allemães	17 : 1
	para os francezes	3,2 : 1
	para os inglezes	1,6 : 1

É preciso, porém, attender a que, quando a Inglaterra se apossou do Canadá, já ali havia um nucleo de população, representado por 60:000 habitantes, que se entregavam a diversas culturas.

A França, em 1608, entrou n'este vasto territorio, e deu-lhe o nome de Nova França; lançou então os fundamentos de Quebec, capital da colonia, que conservou por espaço de cento e cincoenta annos. Depois da prolongada guerra de 1763, passou para a Inglaterra, em poder da qual existe.

Não nos deve portanto admirar o prodigioso augmento da população do Canadá. As guerras que ali houve por tantos annos promoveram grande immigração. Os soldados, alem d'isso, habituaram-se ao clima, e depois da guerra pediam terrenos e não se retiravam da colonia.

O territorio do Canadá, finalmente, está para a Inglaterra como o territorio da Russia asiatica para o imperio da Russia. São regiões de climas quasi identicos aos das metropoles, e devem comparar-se entre si e não com as zonas tropico-equatoriaes a que principalmente nos referimos.

O dominio da Inglaterra na Asia occupa uma larga extensão e é mais limitado que o da America; abrange localidades dentro da zona equatorial propriamente dita, ficando as mais importantes na região tropical.

É notavel esta distribuição das colonias collocadas na mesma parte do globo, poisque os navios inglezes se podem demorar sob uma zona equatorial ou tropical á vontade. É immenso o movimento commercial e são muitas as cidades maritimas e não menos as continentaes, achando-se todas muito povoadas e ostentando riquezas deslumbrantes.

O Indo e o Ganges correm em territorio inglez, e da ilha de Ceylão ás nascentes de um e de Singapura ás do outro, ha climas variados, cidades notaveis e vastos territorios, formando tudo um grandissimo imperio, notavel pela sua riqueza material e sob o ponto de vista ethnographico. Estão em presença um do outro dois ramos da familia humana, a raça anglo-saxonia e a raça asiatica, junto ás quaes se apresentam outras não menos notaveis.

Em 1871–1872 havia na India a seguinte estupenda população:

Hindús	149.130:185
Mahometanos	40.227:552
Diversos asiaticos	540:989
Origem mixta	108:402
Inglezes	75:734
Diversos europeus	8:000
Europeus não classificados	30:453
Americanos, africanos, etc.	6:961
De origem desconhecida	434:772
Total	190.563:048

A relação d'estes habitantes entre si é a seguinte:

Hindús	1,2 : 1
Mahometanos	4 : 1
Diversos asiaticos	352 : 1
Origem mixta......................	1:757 : 1
Inglezes...........................	2:516 : 1
Diversos europeus	23:820 : 1
Europeus não classificados...........	6:257 : 1
Americanos, africanos, etc.............	27:375 : 1
De origem desconhecida.............	438 : 1

Não tentâmos apreciar as ondulações d'esta immensa população, cuja evolução rapida tem sido vertiginosa.

Eis-aqui os resultados mais geralmente admittidos:

Annos	Habitantes	Augmento
1850.................................	123.931:369	–
1861.................................	143.271:210	19.339:841
1870.................................	151.146:516	7.875:306

O recenseamento de 1871-1872 eleva o numero de habitantes, como vimos, a 190.563:048, o que mostra a difficuldade de se proceder a minuciosas investigações para se apurar a verdade sobre a origem de tão consideravel população, e conhecer o seu movimento em tão extenso paiz.

O que se vê, todavia, é que a população da India augmenta de um modo assombroso.

As cidades mais importantes são Calcuttá, Bombaim, Madrasta, Lucknow, Benares, Patna, Delhi, Agra, Allahadah, Bangalore, etc.

Não podemos, todavia, fallar d'este novo imperio britannico, sem relembrar que d'elle nos pertenceu uma grande parte. Malaca, Ceylão, Bombaim e outros logares, onde domina hoje a soberba Albion, fizeram parte das nossas possessões da India.

Se a Hollanda formou o seu imperio do Oriente sobre possessões que foram portuguezas, a Inglaterra entrou na India pelas terras que tambem eram nossas.

Para se avaliar a enorme perda que soffremos, basta dizer que a superficie dos territorios que deixámos em poder da Inglaterra, é 4,3 vezes maior que Portugal!

Na Oceania possue a Inglaterra a maior ilha do mundo. Pretendem alguns geographos que se lhe dê o nome de continente, mas não ha rasão que justifique tal denominação.

É, porém, certo que, se for exacta a superficie que lhe attribuem alguns escriptores[1], esta ilha approxima-se, em grandeza, muito mais dos continentes que das ilhas de primeira ordem. É mister, todavia, referir outra circumstancia que nos leva a classificar a Australia entre as ilhas e não entre os continentes.

Como é sabido, a Europa está unida á Asia, que actualmente se acha separada da Africa por um simples canal.

A America do Norte alem de ser um grande territorio une-se á America do Sul pelo estreito de Panamá, e nunca deixaria de ser contada como um continente. O que é certo é que aindaque se admitta como verdadeira a superficie maior que se tem attribuido á Australia, é ella comtudo inferior á do mais pequeno continente, como é facil observar:

	Kilom. quad.
Asia	45.685:920
America	38.000:000
Africa	29.700:000
Europa	9.600:000
Australia	7.627:827

A superficie da Europa excede, pois, a de Australia em 1.972:173 kilometros quadrados.

A comparação com as differentes ilhas de primeira ordem póde avaliar-se tambem do modo seguinte:

Designação	Superficie — Kilometros	População
Australia	7.627:827	1.838:328
Madagascar	735:000	3.500:000
Borneo	675:000	400:000
Sumatra	470:000	600:000
Nova Zelandia	275:200	345:000
Celebes	190:000	3.000:000
Nova Guiné	176:752	-
Java e Madura	118:220	13.380:268

[1] No diccionario de Larousse calcula-se a superficie em 4.827:000 kilometros quadrados. Referimos o calculo admittido no annuario estatistico de Gotha.

A superficie da Australia excede, pois, a ilha que lhe é immediatamente inferior em 6.892:287 kilometros quadrados.

Considere-se, porém, como um continente ou como uma ilha, será sempre um territorio digno de se estudar. Pertence actualmente á Inglaterra, e a sua colonisação é uma das maiores maravilhas do seculo XIX.

A Australia é um paiz puramente tropical, isto é, fica debaixo do tropico austral, de modo que n'esta tão extensa região ha o clima tropical quente, o tropical propriamente dito e o clima tropical temperado. Alem d'estes climas geraes, ha outros segundo as diversas altitudes, a maior ou menor proximidade da costa, etc.

Divide-se esta immensa ilha em differentes districtos; a saber: Nova Galles do Sul, Victoria, Australia meridional, Queensland, Australia occidental e territorio do norte.

A população acha-se classificada do modo seguinte:

Designação	Sexo masculino	Sexo feminino	Total
Nova Galles do Sul..................	275:551	228:430	503:981
Victoria............................	400:252	329:402	729:654
Australia do Sul....................	95:408	90:218	185:626
Australia occidental................	15:476	9:610	25:086
Queensland..........................	69:629	45:938	115:567
	856:316	703:598	1.559:914

O augmento de população póde calcular-se, termo medio, em 100:000 pessoas por anno. Não se encontra de certo outro exemplo no mundo, o que torna bem evidente a possibilidade da aclimação sob os tropicos; e de passagem devemos observar que a nossa provincia de Moçambique fica pela mesma latitude da Australia, estando entre uma e outra região o mar da India.

A colonisação da Australia, finalmente, divide-se em tres periodos tanto mais limitados quanto mais importantes.

O primeiro estende-se desde 1788 até 1830; abrange por conseguinte quarenta e dois annos.

N'este periodo foi diminuta a população livre. Fazia-se para a Australia a deportação, podendo ella ser considerada como uma colonia penitenciaria ou terra de degredados.

O segundo periodo vae desde 1830 até 1851, e torna-se notavel pela venda das terras e pela emigração subsidiada.

O terceiro começa em 1851 e chega até ao presente. Distingue-se pela descoberta das minas de oiro e pela emigração espontanea.

Poucas nações poderão attingir o grau de grandeza colonial a que chegou a portentosa Albion.

O dominio na immensa região do Canadá na America do Norte, no Indostão e na maior ilha conhecida, parece que não satisfaz a ambição do maior colosso colonial. Não se contenta com os vastos territorios do novo e novissimo mundo, e quer ajuntar mais alguma cousa ao que já possue em Africa.

As colonias inglezas, cuja superficie é duas vezes maior que a da Europa, augmentam-se ainda com uma possessão africana, isto é, com o territorio do Cabo de Boa Esperança.

Contam-se maravilhas da sua colonisação, dizendo-se que as terras da Africa austral não cedem em posição e bondade do clima ás melhores da Europa. Diz-se que a colonia ingleza do Cabo é uma das terras mais favoraveis do globo.

O territorio do Cabo de Boa Esperança passou dos portuguezes para os hollandezes em 1600, que a seu turno o perderam.

Os portuguezes distrahidos com as descobertas da India e America esqueceram-se d'aquella importante região. Mostraram-na ao mundo, percorreram-na, mas não lhe deram a devida importancia.

Os hollandezes dominaram ali por duzentos e quatorze annos, e haviam promovido uma larga emigração, de modo que os inglezes, ao tomar conta da colonia, encontraram já crescido numero de habitantes.

Á colonia do Cabo prende-se, pois, a historia do movimento sempre expansivo dos colonos hollandezes, conhecidos pelo nome de Boers, devendo considerar-se como os primeiros colonos do seculo XIX. Estes povos, diz um escriptor francez, que conservam em toda a sua força a originalidade nacional, não só fundaram alguns estados independentes, mas têem sustentado uma corrente permanente de emigração da Hollanda para a região que occupam.

Os inglezes, pela sua parte, trataram tambem de promover para o territorio conquistado a affluencia de emigração, que a principio não foi coroada de bom resultado.

Não devemos terminar estas breves considerações sem dizer mais algumas palavras, não só a respeito da colonia ingleza do Cabo, á qual pertence o territorio do Porto Natal, mas tambem ácerca do estado livre de Orange e da republica dos Boers ou do Transvaal, nome por que é conhecida. Deveriamos talvez occupar-nos d'este ultimo estado ao indicar os limites meridionaes da nossa provincia de Moçambique; mas dá-se uma circumstancia importante que é preciso não esquecer. Os habitantes

da republica do Transvaal saíram da colonia do Cabo de Boa Esperança e approximaram-se de uma região tropical, havendo passado da Europa para o extremo da Africa, onde se estabeleceram, entregando-se a differentes culturas e á creação de gado lanigero. Estas condições especiaes de vida e de clima facilitaram-lhes nova mudança de territorio, e justificam o bom resultado que elles têem alcançado.

A colonisação do territorio do Cabo, como dissemos, foi tentada por muitas vezes com resultado desfavoravel.

Não servia de estimulo o transporte gratuito, não só de militares mas das suas mulheres e filhos. Ía mais longe a liberalidade. Davam-se-lhes alimentos á custa do estado ou o equivalente para o consumo de um anno. Admittiam-se como passageiras do estado as mulheres que eram pedidas em casamento. Se eram vantajosas estas condições, acresciam outras não menos importantes, referentes aos terrenos para a construcção de casa e para jardim, isenção dos impostos por sete annos, etc.

Houve todavia completa deserção no fim de algum tempo; mas não foi isso motivo bastante para se desistir do emprehendimento que se desejava realisar.

Os Boers ou agricultores primitivos julgaram-se tambem lesados e afastaram-se do territorio inglez, estabelecendo-se na região denominada Porto Natal, e lançando em seguida os fundamentos de outras nações importantes, de que daremos tambem uma breve noticia.

Porto Natal. — A colonia denominada Natal fica na costa oriental da Africa, mas para o S. de Lourenço Marques.

Conserva ainda o nome que lhe deram no dia em que foi descoberta pelos nossos incansaveis nautas.

Pertence hoje á Inglaterra, tendo na frente o oceano indico, do N. e S. a Cafraria e para o interior limita com a republica de Orange, de que se acha separada pela serra Drakensberg.

Calcula-se a população especifica d'esta colonia em 6,2 habitantes por kilometro quadrado. É um paiz tropical temperado. Contam-se ali cerca de 17:000 europeus e mais de 180:000 africanos.

O territorio do Porto Natal foi colonisado pelos Boers hollandezes, que para ali foram quando abandonaram a colonia do Cabo, pouco depois dos inglezes se apossarem d'ella. Levaram suas riquezas, que consistiam principalmente em gados, e escolheram alguns valles áquem d'aquelle territorio.

Em 1838 varios dos chefes, acompanhados de umas poucas de dezenas de cultivadores, passaram a serra que lhe fica a O. a fim de se approximarem do Porto Natal. Acolhidos pelos indigenas com benevolencia,

foram pouco tempo depois muitos d'elles mortos á traição. Por fim o ataque era geral e contavam-se numerosas victimas. Mas aquella raça apurada nos trabalhos do campo não desanimou, e sustentou a lucta com tenacidade, ficando, em 1839, senhora do terreno.

Não durou, porém, a sua satisfação por muitos mezes. Os inglezes não reconheceram o novo estado. Os Boers viram-se, pois, obrigados a sustentar nova lucta, e tiveram de ceder ao numero.

Em 1845 foi declarada ingleza a colonia do Porto Natal, e os cultivadores hollandezes deixaram aquelle territorio, e lançaram os fundamentos da republica de Orange e do Transvaal.

Estado livre ou republica do rio Orange. — É um estado de data muito recente, creado pelos esforços dos colonos mais arrojados e emprehendedores do seculo actual.

Como vimos, depois que a Inglaterra se apoderou do territorio do Porto Natal, os Boers abandonaram aquella região e foram estabelecer-se junto ao rio Orange, que deu o nome á povoação. Fica-lhe a O. uma povoação indigena denominada de Bassutos, e ao N. a republica do Transvaal, correndo n'este sitio o rio Vaal que deu tambem o nome á segunda povoação.

Para o NE. fica o territorio do Porto Natal, separado pela serra denominada Drakensberg[1], a que já nos temos referido.

O estado livre de Orange tornou-se independente a 23 de fevereiro de 1854, julgando-se a Inglaterra, até essa epocha, com direito á soberania da maior parte do territorio occupado pelos Boers.

A superficie d'este novo paiz é avaliada por uns em 110:000 kilometros quadrados e por outros em 14:260. A differença é realmente enorme, mas esta desharmonia encontra-se muitas vezes a respeito de taes calculos.

A população tambem tem sido calculada de differente modo, e, a dar-se credito a algumas estatisticas, a raça branca é representada por 45:000 almas e a indigena por 200:000. Ha, porém, outros escriptores que calculam a população em 15:000 brancos e 10:000 homens de côr, não elevando o numero de habitantes, incluindo os indigenas, a mais de 50:000.

N'esta incerteza de dados estatisticos não formulâmos as conclusões que deveriamos fazer ácerca da aclimação e população especifica.

[1] Pertence á cordilheira que se levanta proximo á costa oriental da Africa, dobrado o Cabo de Boa Esperança, e segue quasi parallela á costa, tomando differentes nomes segundo os paizes que atravessa.

Entre a colonia do Porto Natal e a republica de Orange denomina-se, segundo alguns escriptores, Drakensbergs, e entre o districto de Lourenço Marques e a republica de Transvaal, recebe o nome de Libombo.

Para se tratar d'estes assumptos com vantagem é indispensavel haver estatisticas minuciosas e feitas com todo o escrupulo.

O commercio d'este paiz consiste principalmente em lã, e exportam-se tambem pennas de abestruz e couros. E como não tem porto de mar, todos os seus productos são levados, não só ás colonias do Cabo e do Porto Natal, mas tambem ao Transvaal ou republica do S. da Africa.

Republica do Transvaal. — Esta republica estende-se de 22° 30′ até 28′ de latitude S., entre 24° e 29° 30′ de longitude do meridiano de París. Os seus limites são, do lado oriental, os districtos de Lourenço Marques e Inhambane e differentes tribus dos cafres chamados Zulus, ficando de permeio a elevada serra de Lobombo[1].

Ao S. está o rio denominado Vaal-River, que estabelece a divisão entre esta republica e a de Orange.

O que, porém, é notavel é não se referirem no diccionario de Larousse, publicado em 1876, os limites da republica do Transvaal e os do nosso districto de Lourenço Marques[2]. Não fariamos este reparo se alem d'isso não estivessem ali escriptas as seguintes palavras:

«*Le Limpasso*[3], *avec ses diverses affluents, forme les limites du N. et de l'O. et établit une ligne de démarcation avec les tribus puissantes des chefs Mosilikatze-Sechommo, Sicheli et Mahura. Au surplus, dans les directions du N. et de l'O., le gouvernement du Transvaal ne reconnait pas de limites proprement dites.*»

Admira-nos que se não procurassem informações para restabelecer os verdadeiros limites da republica do Transvaal com o nosso districto de Lourenço Marques, que, como diz o visconde de Paiva Manso, é limitado ao S. e O. por uma linha que, tirada de 26° 30′ de latitude S., vae em recta para O. para as montanhas do Libombo, segue pelo cume d'estas até ao passo do rio Comati[4], d'ali para o NNE. ao monte Pokioenieskop ao N. do rio Oliphant, e d'elle para NNO. até junto á serra do Chicundo, onde conflue o rio Matjatsies com o Umbovo, e d'ahi em recta até á juncção dos rios Paforis e Limpopo.

Vê-se, pois, que o nosso districto de Lourenço Marques confina do

[1] Os limites que se designam no diccionario de Larousse não são verdadeiros. A colonia do Natal não fica ao oriente da republica de Transvaal, como ali se diz.

[2] Procurâmos respeitar tanto quanto é possivel a orthographia dos nomes geographicos, mas os francezes, sem rasão plausivel, escrevem Lorenzo Marquez em vez de Lourenço Marques, Mozambique em logar de Moçambique!

[3] É certamente o rio Limpopo, havendo talvez um lapso typographico no modo de escrever tal palavra.

[4] Os indiginas chamam Incomati ao rio de que se trata.

lado occidental com a republica dos Boers, a qual, ao contrario do que se assevera no diccionario de Larousse, não tem uma superficie illimitada da parte do N. A este rumo, da margem boreal do rio Limpopo para cima, fica uma grande povoação indigena, cujo chefe tem o nome de Mesiricasse[1]. Forma uma republica, que delimita com o nosso territorio, mas cujas fronteiras não estão ainda definidas, devendo comtudo marcar-se por uma linha recta, que, partindo da confluencia do rio Paforis com o Limpopo, vá terminar no Zumbo, em que temos antigo dominio e posse.

Não desceriamos a estas minuciosidades se não reconhecessemos que se acha dado um grande impulso á colonisação de Africa, e que é indispensavel fazermos reconhecer os direitos que temos aos territorios que desde muito tempo occupâmos, e mostrar que lhes podemos levar o progresso material e moral, como qualquer das outras nações da Europa.

As nossas relações com os Boers têem-se estreitado nos ultimos tempos de um modo muito vantajoso para a civilisação e progresso da Africa austral.

Cumpre-nos lembrar o tratado de commercio entre Portugal e a republica da Africa meridional. Indicam-se ali as bases para se fazer um caminho de ferro, que parta do porto de Lourenço Marques, ou de um ponto da margem direita do rio do mesmo nome, onde chegue a navegação permanente, até á fronteira da republica da Africa meridional, e estabelecem-se as relações commerciaes entre os dois povos.

Não desejâmos prolongar estas considerações, que de certo se tornariam demasiado extensas, se quizessemos referir n'este logar os acontecimentos que patenteiam o interesse que temos pelo progresso material e moral das nossas terras de Africa. Ha, porém, um documento que merece ser divulgado, e que, posto se refira á possessão portugueza de Lourenço Marques, podendo publicar-se quando nos occupassemos d'esta região, vem comtudo elucidar um ponto importante[2], e mostrar o modo

[1] Não sabemos se é esta a verdadeira orthographia de tal palavra.

[2] Quando não houvesse outro motivo para justificar a reproducção de tão notavel documento, bastava a necessidade de termos sempre bem presentes os considerandos que dizem respeito ao contrato que o capitão Owen celebrou com alguns indigenas. Ha ali um exemplo que póde repetir-se e uma lição que devemos aproveitar.

Mas não é sómente por este lado que nos interessa o exame da sentença arbitral do presidente da republica franceza. As memorias que lhe serviram de base são um monumento para a historia da nossa provincia de Moçambique e uma gloria para a patria. Devemos relembral-as, e recordar com deferencia o nome do seu auctor, o fallecido dr. Levy Maria Jordão, visconde de Paiva Manso.

por que no seculo xix se resolvem certas duvidas sobre a posse de alguns territorios.

«Nós Marie-Edme Patricio Mauricio de Mac-Mahon, duque de Magenta, marechal de França, presidente da republica franceza.

«Estatuindo, em virtude dos poderes que foram conferidos ao presidente da republica franceza, nos termos do protocollo assignado em Lisboa a 15 de setembro de 1872, pelo qual o governo de sua magestade a rainha de Gran-Bretanha e Irlanda e o de sua magestade o rei de Portugal concordaram em submetter ao presidente da republica franceza, a fim de ser por elle decidido definitivamente e sem appellação, o litigio que trazem pendente entre si desde o anno de 1823, a respeito da posse dos territorios de Tembe (Catembe) e de Maputo, e das ilhas de Inyack (Unhaca) e dos Elephantes, situadas na bahia de Delagoa, ou Lourenço Marques, na costa oriental da Africa;

«Vistas as memorias entregues ao arbitro pelos representantes das duas partes a 15 de setembro de 1873, e as contra-memorias igualmente por elles entregues em 14 e 15 de setembro de 1874;

«Vistas as notas de s. ex.ª o sr. embaixador de Inglaterra e do sr. ministro de Portugal em Paris com data de 8 de fevereiro de 1875;

«Havendo-nos a commissão, creada a 10 de março de 1873 com o fim de estudar os titulos e documentos respectivamente apresentados, dado parte do resultado do seu exame;

«Attendendo que o litigio, tal como foi determinado pelas memorias apresentadas ao arbitro, e em ultimo logar, pelas notas citadas dos representantes das duas partes em Paris, versa sobre o direito aos seguintes territorios; a saber:

«1.º O territorio de Tembe (Catembe), limitado ao N. pelo rio do Espirito Santo, ou English River, e pelo rio de Lourenço Marques, ou Dundas, a O. pelos montes Lebombo, ao S. e a E. pelo rio Maputo, e desde a foz d'este rio até á do rio Espirito Santo pela praia da bahia de Delagoa ou Lourenço Marques;

«2.º O territorio de Maputo, em que se acham comprehendidas a peninsula e a ilha de Inyack (Unhaca), assim como a ilha dos Elephantes, e que é limitado ao N. pelas margens da bahia, a O. pelo rio Maputo, desde a sua foz até ao parallelo de 26° 30′ de latitude austral, ao S. por este mesmo parallelo e a E. pelo mar;

«Attendendo a que a bahia de Delagoa, ou de Lourenço Marques, foi descoberta no seculo xvi pelos navegadores portuguezes, e que no xvii e xviii seculos Portugal occupou diversos pontos na costa do N. d'esta bahia, e a ilha de Inyack (Unhaca), da qual a pequena ilha dos Elephantes é uma dependencia;

«Attendendo a que, desde a descoberta, Portugal tem sempre reivindicado os direitos de soberania sobre a totalidade da bahia e dos territorios marginaes, assim como o direito exclusivo de ali commerciar; attendendo alem d'isso a que apoiou á mão armada essa reivindicação contra os hollandezes, pelo anno de 1732, e contra os austriacos em 1781;

«Attendendo a que os actos com que Portugal apoiou as suas pretensões não provocaram nenhuma reclamação por parte do governo das Provincias Unidas; que em 1782 essas pretensões foram tacitamente acceites pela Austria, depois de explicações diplomaticas trocadas entre esta potencia e Portugal;

«Attendendo a que em 1817 a propria Inglaterra não contestou o direito de Portugal, quando celebrou com o governo de sua magestade fidelissima a convenção de 28 de julho para a repressão do trafico da escravatura; e a que de facto o artigo 2.º da mesma convenção deve ser interpretado no sentido que designa como fazendo parte das possessões da corôa de Portugal a totalidade da bahia, á qual se applica indifferentemente uma ou outra das denominações de Delagoa ou de Lourenço Marques;

«Attendendo a que em 1822 o governo de sua magestade britannica quando encarregou o capitão Owen de fazer um reconhecimento hydrographico da bahia de Delagoa e dos rios que ali vão desembocar, o recommendou aos bons officios do governo portuguez;

«Attendendo a que, se o enfraquecimento accidental da auctoridade portugueza n'estas paragens, póde, em 1823, induzir em erro o capitão Owen, e fazel-o considerar, em boa fé, como realmente independentes da corôa de Portugal os chefes indigenas dos territorios que hoje são contestados, nem por isso são menos contrarios aos direitos de Portugal os actos por elle celebrados com esses chefes;

«Attendendo a que, quasi immediatamente depois da partida dos navios inglezes, os chefes indigenas do Tembe (Catembe) e de Maputo reconheceram de novo a sua dependencia a respeito das auctoridades portuguezas, attestando elles mesmos por esta fórma que não tinham a capacidade de contratar;

«Attendendo a que as convenções assignadas pelo capitão Owen e os chefes indigenas de Tembe (Catembe) e de Maputo, ainda quando tivessem tido logar entre partes aptas para contratar, ficariam hoje sem effeito: estipulando o acto relativo a Tembe (Catembe) condições essenciaes que não tiveram execução, e os actos que dizem respeito a Maputo referindo-se a periodos determinados de tempo, que não foram renovados depois da expiração de taes periodos; por estes motivos,

«Julgámos e decidimos que as pretensões do governo de sua magestade

fidelissima aos territorios de Tembe (Catembe) e de Maputo, á peninsula de Inyack (Unhaca), e ás ilhas de Unhaca e dos Elephantes se acham provadas e estabelecidas.

«Versailles, 24 de julho de 1875.=*Marechal de Mac-Mahon, duque de Magenta*[1].»

É este realmente um documento que merece tornar-se bem conhecido. A sua publicação dispensa-nos de fazer quaesquer commentarios; mas faltariamos, apesar d'isso, ao nosso dever, como medico e como portuguez, se não expozessemos com desassombro o que pensâmos a respeito das nossas possessões de Angola e de Moçambique e das suas relações com os povos limitrophes. Não é assumpto que se trate em poucas palavras, justo é confessal-o, mas nós encarâmol-o apenas sob o ponto de vista da colonisação, de que mais especialmente nos occupâmos n'este trabalho.

Começâmos, todavia, por observar que, estudar um mappa geographico da Africa austral, examinar a configuração e os limites de cada paiz ou estado em que elle se subdivide, e attentar com todo o cuidado na evolução historica de cada um dos povos que se acham reunidos em estados mais ou menos independentes, não é com certeza o mesmo que percorrer as terras, observar as nascentes e o curso dos rios, estudar a disposição orographica dos terrenos, e finalmente apreciar os usos e costumes dos habitantes.

N'um e n'outro caso, porém, occorrem grandes difficuldades que não podem ser resolvidas á primeira vista, necessitando-se realmente de muitas locubrações para se darem noticias tão uteis quanto valiosas. Ha, todavia, factos que sobresáem a todos, e importa muito tel-os em vista para se ajuizar com toda a clareza da altura da questão que se procura elucidar.

A carta geographica da Africa austral, ha cerca de cincoenta annos, não dava grande trabalho por causa dos limites dos estados que ali existiam. Bastou, porém, o apparecimento de um nucleo de europeus n'aquellas paragens para ser necessario reformar o respectivo mappa geographico e começar algumas paginas no grande livro da historia das nações. Estes e outros exemplos são prova evidente de que o homem é essencialmente cosmopolita, podendo occupar zonas mui diversas em um limitado praso de tempo.

Implantou-se finalmente o germen europeu nas terras que se nos deparam na região extrema da Africa meridional, junto ao Cabo da Boa Esperança, padrão da nossa gloria e testemunha do nosso esquecimento.

[1] *Diario do governo* n.º 181 de 13 de agosto de 1875.

Era propicio o paiz que participava mais de uma temperatura quente do que temperada. A aclimação dos europeus ali tem sido attestada pelo seu numero rapidamente augmentado. Deram-se, com effeito, circumstancias extraordinarias que fizeram nascer uma corrente colonisadora ascendente, que vae abrindo caminho do S. para o N., approximando-se mais e mais da zona tropical propriamente dita.

A ninguem escapará de certo que essa onda europea lançada sobre as terras da Africa austral póde crescer, subir e abeirar-se das possessões portuguezas. Não aventâmos uma hypothese casual. Dizemos o que pensâmos, tendo diante de nós uma carta geographica e estudando com a maxima attenção o que se passa nas regiões da Africa austral. Leva-nos a este exame a nossa posição de medico do ultramar. Cumpre-nos, pois, dizer o que observâmos, e olhar tanto para o futuro como para o presente das nossas provincias de Africa. Não devemos attentar com indifferença nos povos limitrophes das nossas possessões da Africa austral. Podemos ser um dia surprehendidos por qualquer acontecimento extraordinario que nos traga tantos desgostos como ruina. Não nos afastâmos do nosso proposito apresentando estas considerações; pelo contrario, ao procurar elementos para o estudo de salubridade e insalubridade relativas dos districtos de Lourenço Marques e Mossamedes, não podemos occultar o que se passa em volta d'elles.

Poderemos nós crear outra corrente colonisadora capaz de contrabalançar a corrente que nos é contraria?...

Temos bases sufficientes para realisar este emprehendimento, e está dado já o primeiro passo que consiste na expedição das obras publicas a Moçambique, a qual é largo incitamento para se avançar no grande trajecto a percorrer, devendo ser completado com as explorações geographicas e commerciaes, as missões entre os indigenas, os estudos orographicos e hydrographicos, e muito especialmente com o reconhecimento das terras mais salubres e das localidades mais ferteis.

Se a corrente colonisadora ascendente a que nos temos referido póde engrossar dia a dia e trasbordar para o interior da Africa, não deve ignorar-se tambem que de um momento para outro apparecem capitães como Owen que, sendo encarregados de trabalhos scientificos, procuram tambem fazer contratos para a cedencia de territorios ou desviar o commercio de uns para outros pontos, fomentando-se inimisades, apparecendo a anarchia, e dando-se origem a desastres cujo alcance não se calcula, mas são bem faceis de prever.

Não nos extasiemos diante da grandeza das nossas colonias nem das boas relações que temos com os paizes de algumas d'ellas. É preciso trabalhar. Estude-se, pois, o meio de chamar para as terras de Africa

não só larga immigração procedente das nossas ilhas adjacentes e do continente, como tambem do Brazil e de outros paizes. Nomeiem-se commissões para marcarem os limites das nossas provincias africanas, e, necessario é dizel-o, imitemos o Brazil que tem empregado todos os meios ao seu alcance para construir uma carta physico-geographica do paiz, fixando com todo o cuidado as fronteiras de tão extenso imperio. Tratemos tambem de fazer o mesmo na Africa portugueza, começando quanto antes por definir as fronteiras entre as diversas povoações indigenas e os districtos meridionaes de Moçambique e Angola. Prestemos mais attenção para este lado do que para a região opposta.

Quaes são os limites meridionaes das nossas terras da Africa com os diversos territorios que lhe ficam ao S.?

Aonde deve parar essa corrente colonisadora que partiu do Cabo da Boa Esperança, occupou os valles que rodeiam a colonia do Porto Natal, passou alem do rio Vaal e já conta por limite superior o rio Limpopo? Onde nasce este rio?... Que distancia haverá entre as nascentes do rio Cunene e as dos principaes affluentes do Zambeze?

Até onde será navegavel o rio Cunene?...

Diz-se que esse rio em um percurso superior a 400 kilometros admitte embarcações de maior lote, e de ahi para E., na altura oriental do districto de Mossamedes, apenas recebe embarcações pequenas. A sete dias de viagem mais para o interior encontra-se o rio Cobango, de que fallam alguns viajantes portuguezes, sendo de parecer que este rio segue para a nossa costa oriental. Consideram-no elles como algum affluente do Zambeze, e não falta tambem quem diga ser aquelle rio o proprio Limpopo, ou algum que despeje em qualquer dos grandes lagos que por ali se deparam.

Descemos a estas minuciosidades, porque não desconhecemos o que se está passando nas regiões meridionaes da Africa, tanto sob o ponto de vista da sua colonisação como da immigração. É verdade que nos pertence o extremo meridional da Africa tropico-equatorial, mas é preciso dizer-se que veremos essa região avassallada se não acompanharmos o movimento colonisador que se acha iniciado, e que nas terras do S. da Africa tem deixado rasto fecundo, como o attestam as estradas já abertas, os caminhos de ferro em exploração e tantos centenares de familias em movimento.

Cumpre-nos, pois, patentear a necessidade de olhar para o que se passa ao S. das nossas possessões africanas, e por bem pagos nos daremos d'este trabalho se despertarmos alguma attenção entre os que se interessam pela causa da Africa. O que, porém, é certo, é que não deixaremos de dizer a verdade alto e tão alto que possamos ser ouvidos em todos os angulos de Portugal. Como medico, tratâmos de estudar a salubridade e

insalubridade relativas das nossas possessões, mostrando as condições em que ellas se acham e as vantagens que podem auferir-se da sua colonisação realisada de raiz e a preceito; mas seria incompleto este trabalho se não referissemos todas as circumstancias que podem perturbar a nossa colonisação ou tolher a emigração que tentâmos promover para a nossa região tropico-equatorial ao S. do equador. Não possuimos ali sómente as zonas maritimas ao oriente e occidente. Pertence-nos de facto e de direito todo o territorio central.

Percorremol-o já por muitas vezes, abeirámo-nos dos lagos que por ali se deparam, vadiámos os rios, transpozemos os montes, e por toda a parte deixámos vestigios da nossa passagem.

Se devemos memorar a viagem dos homens que foram encarregados de levar ao governador da provincia de Moçambique um officio do governador de Angola, cumpre-nos muito especialmente notar que esses viajantes não levaram dezenas de carregadores, para transportar animadoras mercadorias.

Era natural este facto, poisque estavamos em territorio portuguez e em terra de amigos ou de alliados o que não acontece aos exploradores inglezes. Tratam por isso de organisar boas facturas commerciaes e cuidam em obter os melhores meios de transporte[1]. «E não são ellas (as missões inglezas) antes politicas e commerciaes do que religiosas? Sem

[1] O dr. Livingstone não só tratava os pretos como escravos, mas não se descuidava da venda das mercadorias, prejudicando as que os nossos negociantes ali tinham. Houve reclamação a tal respeito, mas não é d'este ponto que nos occupâmos. Esperâmos, todavia, mostrar em outra publicação, como os factos se passaram. Mas para se avaliar, todavia, a sinceridade do arrojado explorador inglez, transcrevemos o que elle disse a respeito das nossas possessões de Africa oriental:

«Delagoa Bay tem um pequeno forte chamado Lourenço Marques, porém que não é senão muralhas.

«Em Inhambane possuem uma tira de terra por consentimento dos nativos.

«Sofala está em ruinas.

«De Quelimane para o norte, por espaço de 690 milhas, possuem sómente uma pequena estacada, protegida por uma lancha armada na bôca do rio Angoxe, para evitar que os navios estrangeiros vão ali commerciar.

«Em Moçambique é sua a pequena ilha, onde está o forte, e uma nesga de quasi 3 milhas ao longo da terra firme, e ali tem algumas hortas e terras agricultadas, que são protegidas contra as hostilidades, pagando os moradores um tributo annual, ao que chamam «ter os pretos ao seu soldo».

«O estabelecimento tem ido em decadencia no commercio e na importancia. Está guarnecido por alguns centos de soldados doentes, que estão encerrados na fortaleza; e comquanto lhe esteja ao pé uma pequena ilha de coral, não se póde reputar segura.

«Na ilha de Oibo ou Iboe (Ibo) acham-se reunidos muitos escravos, mas o commercio, seja de que natureza for, é pouco.

duvida, e a tal ponto que a mesma parte religiosa, n'ella admittida como bandeira de protecção e refugio, está de todo o ponto subordinada á intenção politica.»

Temos, pois, optimo exemplo nos exploradores inglezes, e bom é que elle aproveite e faça com que mudemos de systema, tratando de colonisar as terras, protegendo o commercio, para o que é preciso paciencia e especial cuidado[1], e animando a agricultura por meio da abertura de estradas, melhoramentos sanitarios das povoações, ensino fabril, industrial e religioso.

A emigração que se dirige para o Brazil mudará emfim, e irá fertilisar as planicies africanas, para onde apenas se póde entrar pelos valles do rio Cunene, pelos alto-planos ao N. da republica dos Boers, pelas terras de Lourenço Marques e Quelimane, e, finalmente, pelas vizinhanças do lago Niassa, territorios que nos pertencem.

Diremos, por ultimo, antes de concluir, que para cima dos rios Cunene, Cobango e Limpopo não devem passar outros povos colonisadores. E para não se realisar tal acontecimento urge seguir o movimento colonisador principiado entre as nações da Europa, e mostrar que, assim como fomos os primeiros povos que descobrimos e explorámos largos territorios da Asia e Oceania, do mesmo modo devemos ir na vanguarda dos povos colonisadores, não só por sermos mais conhecedores das terras da Africa central, mas tambem por nos acharmos mais relacionados com os indigenas e possuirmos mais vastos territorios desde o oriente ao occidente do continente africano.

«Em Pomba-Bay foi construido um pequeno forte; comtudo é muito duvidoso se ainda existe, e falhou inteiramente a tentativa de formar ali um estabelecimento.

«Pagam tributo aos zulus (landins) pelas terras que cultivam na margem direita do Zambeze.»

Eis-aqui ao que se reduz, segundo o dr. Livingstone, a nossa provincia de Moçambique! Encarregou-se de lhe responder D. José de Lacerda, e mostrou o que era o districto de *Lourenço Marques, Inhambane, Sofalla, Quelimane, Sena, Tete, Zumbo, Manica, Moçambique, Cabo Delgado, Colonia da Pemba, Arimba, Quissanga e Montepes*, e depois acrescenta: «E atreve-se o missionario inglez a erguer alto brado contra o dominio portuguez, como se fôra só desprezado ou meramente nominal. Ao direito do mais forte, para que appella o dr. Livingstone, temos nós a oppôr a força do nosso direito indisputavel, direito que o governo inglez, como é proprio de um governo esclarecido, que sabe a si nos outros considerar-se, não cessou nunca em nenhum tempo de nos reconhecer e respeitar».

[1] Não temos muitas vezes a paciencia precisa para negociar, e d'isso já se queixava João de Barros, como se vê da seguinte passagem:

«E como os Gentios, e Mouros d'aquelle Oriente em comprar, e vender são os mais delgados, e sotis homens do mundo, e sobre isso tão pacientes, e frios em descobrir seus appetites, e necessidades, que ninguem lhas sente; sempre n'este acto do commercio nos levam debaixo, como nós em os da guerra os sopeamos.»

Colonias de Portugal, clima geral, superficie, população e principaes producções

Designação	Clima geral	Superficie — Kil. quad.	População	Principaes producções
Asia				
Diu (1853)	Tropical quente (N.)	30	10:858	
Damão (1853)	Tropical quente (N.)	80	33:950	
Goa e dependencias	Tropical quente (N.)	5:400	363:788	Arroz, gergelim, variadas madeiras, cairo, café, côcos, pimenta, etc.
Macau	Tropical	4	71:834	
		5:514	480:430	
Africa				
Ilhas de Cabo Verde:				
Grupo de barlavento:				
Santo Antão	Tropical quente (N.)	546	17:005	Purgueira, assucar e aguardente.
S. Vicente	Tropical quente (N.)	91	1:864	
Santa Luzia	Tropical quente (N.)	40	—	Assucar.
S. Nicolau	Tropical quente (N.)	483	7:210	
Sal	Tropical quente (N.)	203	802	
Boa Vista	Tropical quente (N.)	468	2:534	Coral, purgueira e algodão.
Grupo de sotavento:				
Ilha Brava	Tropical quente (N.)	54	6:483	
Fogo	Tropical quente (N.)	218	10:300	
S. Thiago	Tropical quente (N.)	718	35:534	Café, assucar e purgueira.
Maio	Tropical quente (N.)	108	1:432	
		2:929	82:864	
Senegambia:				
Bissau	Tropico-equatorial		542	
Cacheu	Tropico-equatorial	8:400	1:881	Gomma elastica, ginguba, cera, coconote, etc.
Bolama	Tropico-equatorial		3:731	
		8:400	6:154	
Ilhas de S. Thomé e Principe:				
(Fazendas agricolas)	Equatorial (N.)	1:025	27:754	Café, cacau, tartaruga, côcos, etc.
Territorio de S. João Baptista de Ajudá	Equatorial (N.)	35	4:500	
		1:060	32:254	
Costa occidental de Africa ao S. do equador:				
Districto de Loanda (colonias agricolas)	Tropical quente (S.)		323:064	Café, urzella, aguardente, cera, borracha, marfim, algodão, etc.
Districtos de Benguella (fazendas agricolas)	Tropical quente (S.)	600:000	87:980	Algodão, café, ginguba, mandioca, borracha, cera, coconote, azeite de palma, etc.
Districto de Mossamedes (colonias agricolas)	Tropical quente (S.)		22:353	Algodão, cera, borracha, azeite de peixe, etc.
		600:000	433:397	
Costa oriental de Africa (quasi em frente de Angola):				
Districto de Cabo Delgado	Equatorial (S.)		6:590	Mantimentos.
Districto de Moçambique	Tropical quente (S.)		30:000	Borracha, cera, café e amendoin.
Districto de Angoche	Tropical quente (S.)		—	
Districto de Quelimane	Tropical quente (S.)		10:000	Gergelim, cera, etc.
Districto do Sena	Tropical quente (S.)	1.284:000	3:200	
Districto de Tete e Zumbo	Tropical quente (S.)		6:000	
Districto de Sofalla	Tropical quente (S.)		2:600	
Districto de Inhambane	Tropical (S.)		106:000	
Districto de Lourenço Marques	Tropical temp. (S.)		2:670	Arroz, cera, milho, etc.
		1.284:000	167:060	
Total da Africa	—	1.896:389	721:729	
Oceania				
Região septentrional (NE.) da ilha de Timor	Equatorial (S.)	17:000	180:000	
Total das colonias	—	1.918:903	1.382:459	

As nossas colonias rivalisam com as da Hespanha, França e Hollanda. Se estas nações possuem *colonias de plantações,* tambem nós as temos ha muitos annos. Não é mais antiga a Algeria do que Mossamedes. Custa-nos realmente a achar a rasão por que alguns escriptores estrangeiros não nos consideram como nação colonisadora do seculo actual, mas é indispensavel dizer-se que não procuraram de certo informações a respeito do que se tem feito na provincia de Angola.

Se a Hollanda possue as ilhas de Sonda, onde se levanta a famosa ilha de Java; se a Hespanha se ufana das ilhas de Cuba e Porto Rico, e se, finalmente, a França se orgulha com Algeria, nós contentâmo-nos com as possessões que nos pertencem sem invejar a grandeza colonial d'aquellas nações.

Da Inglaterra não fallâmos, porque são immensos os terrenos que possue em todas as partes do mundo, e confessâmos por isso a nossa surpreza ao vermos o *demasiado interesse* com que esta poderosa nação olha para os povos que se avizinham do nosso districto de Lourenço Marques. Não é menos para admirar a sympathia que ella mostra pelas margens do lago Niassa, assim como o cuidado com que attenta no nosso territorio do Zaire. O estabelecimento de S. João Baptista de Ajudá tambem não lhe é indifferente.

Resta-nos todavia a esperança de que a nação ingleza nos deixará inteira liberdade para occuparmos os territorios que nos pertencem, e fazermos a colonisação como melhor entendermos.

O que não póde negar-se, sem grave injustiça, é que temos affirmado por todos os meios ao nosso alcance a perseverante vontade de promover o progresso e civilisação da Africa tropico-equatorial. E não duvidâmos dizer que os annos de 1876 e 1877 nos fazem recordar as nossas viagens dos ultimos annos do seculo xv. Procurámos então navegar por mares desconhecidos e descobrir paizes nunca vistos dos povos da Europa. Não nos poupámos a sacrificios e démos exemplo a todas as nações do mundo, abrindo as portas do Oriente. Hoje tratâmos de promover o progresso e civilisação dos povos africanos, desenvolvendo a colonisação, como a de Mossamedes e de Cazengo.

Para abreviarmos considerações expomos a largos traços o movimento colonial que se acha iniciado.

Por decreto de 17 de fevereiro de 1876 foi creada junto ao ministerio dos negocios da marinha e ultramar uma *commissão central permanente de geographia.* Segundo a organisação d'esta esperançosa commissão cumpre-lhe: «Colligir, ordenar e aproveitar, em beneficio da sciencia e da nação, todos os documentos que possam esclarecer a geographia, a historia ethnologica, a archeologia, a anthropologia e as sciencias naturaes em

relação ao territorio portuguez e especialmente ás provincias ultramarinas[1]».

Se é elevado o pensamento com que se creou a commissão a que nos referimos, a proposta de lei para se dar impulso ás obras publicas das nossas vastas possessões africanas revela a decidida vontade com que se deseja o engrandecimento colonial, como se verá quando fallarmos em especial de cada uma das provincias da Africa.

Para se fazer idéa do estado de prosperidade em que se acham as colonias damos por copia o seguinte extracto de um importante documento[2]:

«Pouco antes de 1834 os rendimentos publicos nas nossas possessões africanas eram os seguintes, segundo se lê no livro importante do marquez de Sá da Bandeira, intitulado *Trabalho rural africano:*

Cabo Verde	92:522$000
S. Thomé e Principe	8:490$000
Angola	132:879$000
Moçambique	56:154$000
Total	290:045$000

«No rendimento de Cabo Verde comprehende-se 59:580$000 réis do monopolio da urzella, no das outras provincias comprehendia-se o imposto cobrado nas alfandegas sobre a exportação dos escravos.

«Tomando os dados de annos posteriores, que se encontram nos *Ensaios sobre estatistica das possessões portuguezas*, reconhece-se que a abolição do trafico não produziu a crise economica que receiavam os defensores d'aquelle odioso negocio.

«Eis a importancia dos rendimentos publicos nos annos em seguida designados:

Cabo Verde (1842–1843)	90:176$000
S. Thomé e Principe (1843–1844)	9:821$000
Angola (1845–1846)	259:046$000
Moçambique (1857–1858)	88:929$000
Total	447:972$000

[1] Os trabalhos da commissão permanente de geographia são publicados nos seus *Annaes*, cujo primeiro volume traz a data de dezembro de 1876.

[2] *Diario do governo* n.º 49 de 3 de março de 1876. —Relatorio que precede a a proposta de lei para se contrahir um emprestimo de 5.000:000$000 réis com destino ás obras publicas das nossas provincias de Africa.

«É de advertir que na receita de Cabo Verde se incluiam 45:000$000 réis, producto do monopolio da urzella, dos quaes 21:000$000 réis não eram applicados á provincia, mas entravam no thesouro publico. O imposto sobre escravos havia acabado nos annos a que se referem as receitas indicadas.

«Vejamos agora qual é actualmente a importancia das receitas publicas nas mesmas provincias, e teremos uma prova dos progressos realisados, progressos devidos á transformação promovida pela benefica acção de leis liberaes.

«Os rendimentos são actualmente os seguintes:

Cabo Verde	220:377$000
S. Thomé e Principe	109:610$000
Angola	565:974$000
Moçambique	247:713$000
Total	1.143:674$000

«Recorrendo á estatistica do movimento das alfandegas, mais evidente se torna ainda o desenvolvimento progressivo das nossas possessões de Africa.

«Era o movimento commercial nas alfandegas que vão designadas o seguinte:

	Valor das importações	Valor das exportações	Movimento commercial
Cabo Verde (1842-1843)	76:620$000	73:992$000	150:612$000
S. Thomé e Principe (1842)	26:000$000	32:250$000	58:250$000
Angola (1847)	1.141:000$000	608:000$000	1.749:000$000

«De Moçambique não ha informações referidas a esta epocha um pouco remota. É digno de notar-se que em Angola o movimento medio commercial, nos annos de 1830, 1831 e 1832, anteriores á lei que aboliu o trafico da escravatura, foi apenas de 728:000$000 réis, sendo a importação no valor de 622:000$000 réis, e a exportação no de 106:000$000 réis.

«Em relação a um anno temos os seguintes dados:

	Valor da importação	Valor da exportação	Movimento commercial
Cabo Verde (1871-1872)....	326:880$000	349:788$000	676:668$000
Guiné (1871-1872).........	227:501$000	383:099$000	610:600$000
S. Thomé (1872)...........	335:428$000	269:314$000	604:742$000
Angola (1871-1872)........	2.263:801$000	2.026:511$000	4.290:312$000
Moçambique (1870-1871) approximado..............	942:834$000	553:240$000	1.496:074$000

«Nos annos posteriores o augmento do movimento commercial tem continuado. Assim em 1874 os valores das importações e exportações subiram em S. Thomé a 810:176$000 réis. Em Angola foi o movimento commercial em 1873-1874 de 5.084:466$000 réis.»

São realmente muito eloquentes estes dados, mas não nos parecem ainda os mais convenientes para se demonstrar que as nossas terras de Africa se acham com o desenvolvimento agricola e commercial, que lhes é negado por alguns escriptores francezes.

Não são para nós, comtudo, um encargo, nem ali se encontram apenas feitorias, como se diz no diccionario de Larousse a respeito das provincias de Angola e Moçambique.

Mas antes de fazermos outras considerações, ajuntaremos os documentos mais apropriados ao nosso fim.

Trataremos em primeiro logar das obras publicas em geral.

Eis-aqui o que se lê no documento a que acima nos referimos:

«A questão de obras publicas nas nossas possessões de alem-mar não é só uma questão economica, é tambem, e principalmente, uma questão politica. Os vastos dominios de Portugal são uma grande força se levarmos lá promptamente a civilisação pela religião, pela educação, pelo trabalho e pela boa administração; são porém uma fraqueza se não soubermos cumprir o nosso dever com energia e com presteza. Portugal está nas condições de ser uma grande potencia colonial; saiba-o pois ser, e o futuro pagará largamente os nossos esforços.

«Cobram-se nas provincias ultramarinas impostos nas alfandegas com applicação especial para obras publicas.

«O producto d'esses impostos, com excepção da provincia de Cabo Verde, tem tido uma applicação pouco proficua.

«A falta de systema na distribuição do fundo para obras publicas, a

pequena importancia annual d'esse fundo e muitas causas que é inutil recordar agora, têem dado em resultado perder-se muito dinheiro, e estar quasi tudo por fazer. É preciso mudar radicalmente de systema. Sem o emprego de capitaes avultados, sem um plano bem combinado, sem um corpo technico habilitado e immediatamente responsavel pelo estudo e execução das obras, e sem a inspecção immediata do governo de accordo com o que se pratica no reino, não podem emprehender-se convenientemente no ultramar as importantes obras publicas que são ali indispensaveis.

«Os impostos para obras publicas na provincia de Cabo Verde são nos ultimos dois orçamentos mandados da provincia calculados: para 1875–1876 em 29:109$000 réis, sendo 4:109$000 réis do imposto sobre o carvão de pedra em S. Vicente: para 1876–1877 em 40:250$000 réis, sendo 6:250$000 réis de carvão de S. Vicente.

«Em S. Thomé o imposto para as obras publicas rendeu nos tres ultimos annos o seguinte:

1872–1873	14:999$571
1873–1874	16:574$887
1874–1875	18:094$251

«Em Angola o imposto de obras publicas em quatorze annos, isto é, desde que foi creado até 1874–1875, rendeu 817:071$714 réis.

«Nos derradeiros tres annos de que ha noticia o rendimento foi:

1872–1873	82:550$163
1873–1874	79:504$367
1874–1875	72:062$990

«Sendo para advertir que não foram boas as colheitas nos dois ultimos annos.

«Em Moçambique o imposto para obras publicas foi creado em 1867; desde então até 1873–1874 rendeu 221:047$647 réis.

«Nos ultimos tres annos foi o rendimento:

1871–1872	33:027$695
1872–1873	32:388$293
1873–1874	40:166$583

«Póde, pois, calcular-se o fundo para obras publicas em todas as provincias da Africa em 160:000$000 réis.

«Tendem os rendimentos das alfandegas manifestamente a crescer, e com elles cresce o imposto para obras publicas: demais, as provincias ultramarinas podem pagar uma quantia muito maior com destino especial para obras publicas, toda a vez que effectivamente se executem n'um praso curto os melhoramentos de que depende a sua futura prosperidade. O que é necessario é que isto seja uma realidade, e que cada uma das provincias obtenha vantagens em justa proporção dos seus sacrificios, isto é, que o capital empregado em cada uma d'ellas corresponda aos encargos que pagarem.

«Para a execução das obras a fazer, ou directamente pelo estado, ou por emprezas subsidiadas, é preciso um capital avultado, que é impossivel calcular desde já, mas que não póde ser inferior a 5.000:000$000 réis.»

A prosperidade geral das nossas possessões de Africa está exuberantemente provada. Não precisâmos de recorrer a outra demonstração. Parece-nos comtudo de alguma vantagem fallar tambem de outros emprehendimentos que se trata de realisar. Consignaremos, pois, em primeiro logar, um extracto do relatorio que precede a proposta de lei apresentada ás camaras para se realisar a viagem scientifica ao interior da Africa[1].

É do teor seguinte:

«Os estudos geographicos emprehendidos por numerosos viajantes na Africa central, onde caudalosos rios e vastissimos lagos formam um maravilhoso systema hydrographico, tem dado já valiosos fructos. A sciencia inscreve com nobre orgulho nos seus annaes os factos que cada dia alargam mais os seus conhecimentos sobre esse immenso continente em cujas reconditas regiões se encontram todas as riquezas de que a civilisação carece para se expandir e engrandecer. Os segredos da Africa, que nos passados seculos só os portuguezes tinham podido descortinar, não tardarão em ser de todo revelados ao mundo. Empenham-se perseverantemente n'essa nobilissima empreza os governos, as associações scientificas, os incansaveis e gloriosos obreiros que levam a civilisação com o Evangelho ás mais remotas e perigosas paragens, os inimigos convictos do horrivel e devastador trafico da escravatura, e esse espirito tenaz e insaciavel de especulação que impelle os povos modernos a alargar

[1] Demonstrado o augmento da receita publica das nossas provincias de Africa, e depois de se conhecer o seu rendimento applicavel ás obras publicas, apresentámos o modo por que se encaram as explorações scientificas ao interior d'aquellas vastissimas provincias. É preciso saber o que se tem feito e patentear o que se pretende fazer. O methodo que empregámos não será o mais breve, mas é aquelle em que temos mais confiança. É este um dos casos em que a reproducção de documentos tem grande vantagem para se chegar á verdade.

os mercados, a buscar com afinco todas as fontes de producção, a procurar ferteis territorios onde possam derramar as inexhauriveis torrentes da emigração.

«Na zona central, a mais fertil e rica da Africa, ninguem possue territorios tão vastos e tão ricos como Portugal. Na costa occidental e na costa oriental possuimos Angola e Moçambique. Ao norte de uma d'estas provincias corre o Zaire; pelo centro da outra estende-se o Zambeze, os dois mais poderosos rios da Africa central, o primeiro dos quaes desemboca no Atlantico e o segundo no mar das Indias. Quando o curso d'estes dois caudalosos rios, e de seus affluentes, for perfeitamente conhecido; quando se descobrirem as relações do Zaire com o systema dos grandes lagos; quando se houver estudado onde o Zaire e o Zambeze mais se approximam no seu principal curso ou no de seus affluentes de modo a poderem facilitar a communicação de uma com a outra costa, um dos principaes problemas geographicos, que mais immediatamente interessam a influencia dos europeus e especialmente a nossa influencia no centro da Africa, ficará resolvido.

«Chamar toda a attenção para este assumpto, é demonstrar a obrigação que as nossas tradições, a posição geographica das nossas possessões africanas e o nosso interesse imperiosamente nos impõe. Onde na Africa vão tantos exploradores de outras nações, não podem deixar de ir exploradores portuguezes. Falla-se de que nos sertões da Africa andam homens, que se dizem portuguezes, praticando o criminoso e execrando trafico da escravatura. Ponhamos termo aos protestos de que se servem os que injustamente nos accusam. O nosso dever é promover e auxiliar uma expedição portugueza, que possa contribuir para os progressos da sciencia geographica; que busque os caminhos mais faceis, mais rapidos e mais seguros para o commercio licito de Angola para Moçambique; e que tenha tambem por essencial missão estudar o modo mais efficaz de reprimir o trafico e de lançar de nós a iniqua suspeita de consentirmos que em terras portuguezas, ou á sombra da nossa bandeira, se commetta um crime odioso contra a humanidade[1].»

As explorações ao interior da Africa são uma necessidade indeclinavel, mas não ha concordancia definitiva nos pontos de partida. Cumpre-nos nomear os alvitres de que mais se tem fallado apresentando em seguida o nosso modo de ver sobre tão vital assumpto.

Na imprensa e na sociedade geographica de Lisboa, de que adiante fallaremos, tem-se mostrado qual a região que mais convem explorar e qual o modo mais facil de realisar similhante emprehendimento.

[1] *Diario do governo* n.º 47 de 1 de março de 1877.

A commissão permanente de geographia tem-se occupado por differentes vezes da expedição geographica ao interior do nosso territorio da Africa, apresentando-se alguns alvitres quanto ao fim a que deve attingir tão importante expedição. Inscrevemos aqui um dos projectos apresentados, a fim de que se avalie o seu alcance:

«1.º Organisar-se-ha uma expedição de exploração scientifica e commercial á Africa central, a expensas do estado e destinada a:

«I. Investigar as condições do clima, configuração, producção, povoação, communicações e topographia do territorio a percorrer, determinando as respectivas coordenadas geographicas e procurando emfim obter os melhores dados para o conhecimento geographico das regiões ignoradas;

«II. Estabelecer relações de amisade e commercio com os povos ou estados que encontrar;

«III. Rectificar quando for possivel as fronteiras da antiga e actual dominação portugueza para o interior, no sentido E. O.;

«IV. Estudar os meios de alargar a acção civilisadora e commercial de Portugal no sertão;

«V. Emfim colligir todas as informações geographicas que importem á sciencia, ao commercio e á civilisação.

«2.º Escolher-se-hão para este effeito pessoas que ás necessarias condições physicas e moraes reunam as melhores aptidões e conhecimentos scientificos, relativos ao fim que se pretende, e experiencia de observações meteorologicas, astronomicas e geodesicas.

«3.º A expedição será composta de seis exploradores scientificos e do pessoal de segurança e de serviço que for julgado necessario.

«4.º A expedição subirá em transporte do estado o Zaire até o Porto da Lenha, onde estabelecerá a primeira base das suas operações, procedendo ao estudo d'aquelle rio na sua proxima ramificação em barcos convenientemente preparados, fazendo as necessarias excursões pelos tres braços conhecidos pelos nomes Maxwell, Mamballa e do Sonho, e tomando as informações convenientes para os seus trajectos futuros.

«5.º Depois d'este primeiro estudo a expedição dividir-se-ha em dois grupos compostos de tres exploradores scientificos, servindo de chefe o mais velho em cada um.

«6.º Um dos grupos seguirá o Zaire na direcção NE. procurando internar-se com o objectivo no Sankorra ou no Nyangowe, e sem perder de vista que deve esforçar-se por estudar e conhecer o curso fluvial tão longe quanto seja possivel. No caso de attingir o Sankorra procurará estudar este lago, verificar se desagua n'elle o Lualaba e se d'elle nasce o Zaire, seguindo, em vista das informações obtidas, na direcção do lago Taga-

nyika, e procurando conhecer o melhor que possa o curso do Lualaba e seu tributario o Lukuga.

«7.º O segundo grupo dirigir-se-ha na direcção do S. a internar-se, sendo possivel, até encontrar os affluentes superiores ou as cabeceiras do Quanza e do Zambeze.

«8.º Para um e outro grupo subsistirão os mesmos fins da expedição anteriormente enunciados.

«9.º Uma commissão central executiva, formada mediante accordo e approvação do governo, de dois vogaes effectivos da commissão central permanente e de dois membros da sociedade geographica de Lisboa, sob a presidencia do sr. ministro da marinha e ultramar, providenciará durante o tempo que durar a expedição, que não faltem a esta os meios e auxilios necessarios, dirigirá as remessas de objectos que convier fazer, administrará o subsidio que for destinado á expedição, e tratará de receber regularmente as communicações, etc., da mesma.»

Resta-nos fallar ainda da creação da *Sociedade de geographia de Lisboa*, cuja inauguração se verificou no dia 7 de março de 1876. O seu fim, como se declara nos estatutos, é o estudo, a discussão e o ensino, as investigações e explorações scientificas da geographia nos seus diversos ramos, principaes relações, descobertas, progressos e applicações, no que diz respeito especialmente á nação portugueza. Para o realisar, a sociedade de geographia emprega os meios que se reputam mais uteis, como sessões, conferencias, prelecções, cursos livres, concursos e congressos scientificos, subsidios de estudo e de investigação, viagens, assim como publicações, formação de bibliothecas, archivos, museus, etc.

Para facilidade dos trabalhos, a sociedade divide-se em seis grupos do seguinte modo:

Geographia mathematica, astronomia, etc.;

Geographia physica, geologica, botanica e zoologia;

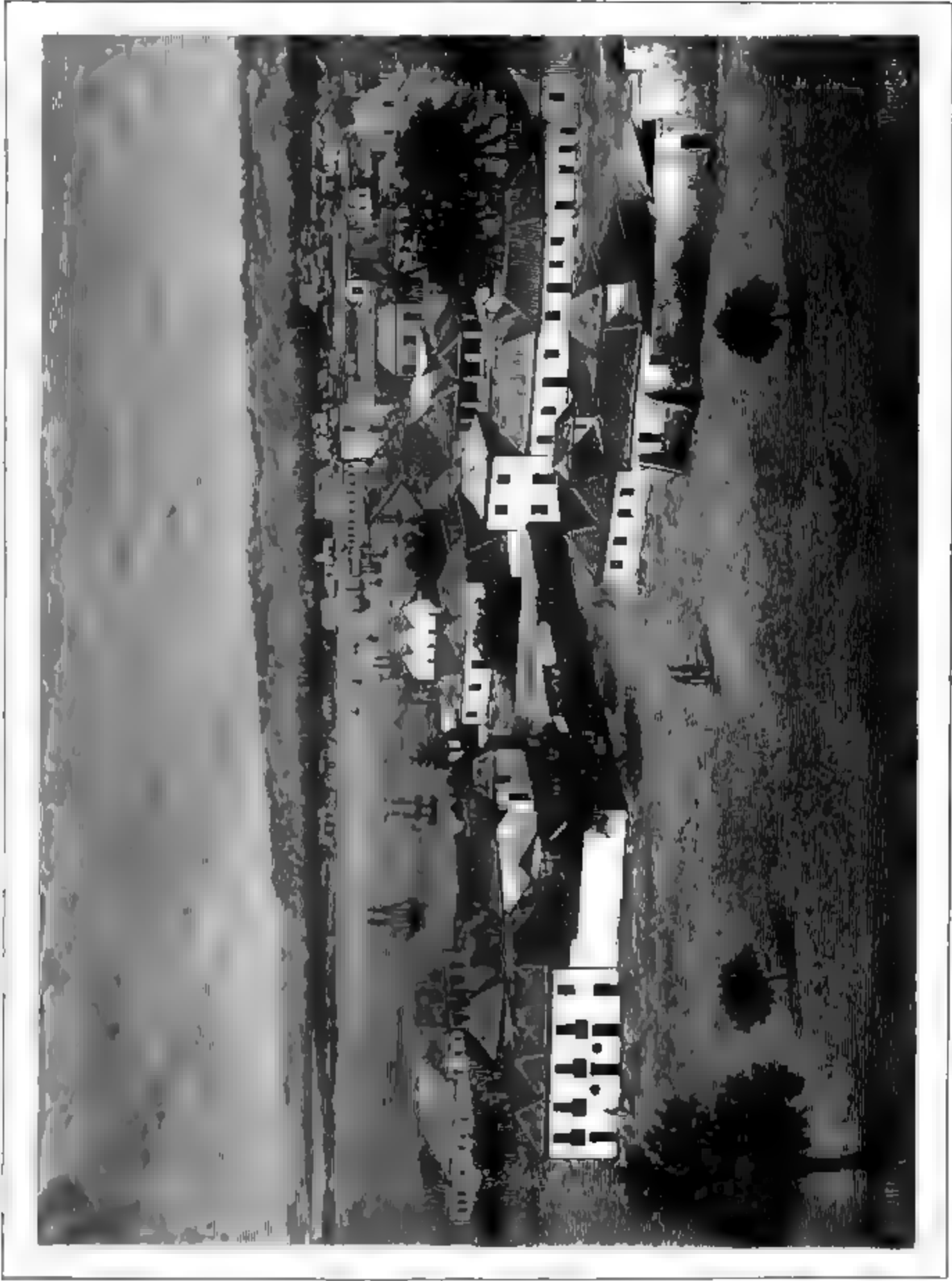
Geographia anthropologica, ethnologica, medica, historica, politica, commercial, etc.;

Instrucção geographica;

Chorographia e historia geographica portugueza;

Cartographia e archeologia.

Cada uma d'estas secções se acha a cargo de differentes commissões nomeadas por deliberação da assembléa geral.

As propostas dos socios referentes a qualquer assumpto de geographia, depois de apresentadas na sociedade, são remettidas ás respectivas commissões que elaboram sobre ellas pareceres, cujas conclusões, precedidas de um relatorio mais ou menos desenvolvido, se discutem em assembléa geral e ali são approvadas, modificadas ou ampliadas.

Vista da cidade de Loanda (parte baixa)

Poderiamos patentear mais documentos para mostrar a importancia que nos merecem as possessões do ultramar e a altura a que tem chegado o movimento geographico e colonial nos annos de 1876 e 1877. Julgâmos, porém, sufficientes os que deixâmos referidos; e para concluir estas nossas considerações, transcrevemos alguns trechos de um parecer discutido em assembléa geral da sociedade de geographia, e que dizem respeito á exploração da região septentrional de Angola.

«A esperança de encontrar no continente africano vastas regiões que por favoraveis condições climatericas facilitem a colonisação europea, e com ella o aproveitamento de consideraveis riquezas naturaes até hoje apenas entrevistas; a possibilidade de vencer com os recursos e auxilio de um admiravel *systema hydrographico,* que das altas regiões centraes e dos lagos ali existentes se dirige para o N., para L. e O., desenhando extensos valles, ramificados nas direcções as mais diversas; esperança e possibilidade que já no *seculo decimo sexto* animava entre outros a *Balthasar de Castro* e *Manuel Pacheco,* promoveram particularmente na segunda metade do seculo actual repetidas explorações, que são a gloria das nações que as emprehendem, e que têem feito inscrever nas paginas da historia dos commettimentos geographicos os nomes de Speke, de Burton, de Livingstone, de Cameron[1], de Schweinfurth e de tantos mais ousados exploradores.

«Bem póde a tal respeito affirmar-se que uma generosa emulação se apoderou a um tempo dos paizes europeus, porfiando não sómente as

[1] Cameron foi um dos ultimos viajantes que atravessou o interior da nossa região africana, vindo de Moçambique para Angola. O dia em que chegou a Benguella e o modo por que foi recebido consta do seguinte documento:

«Serie de 1875 — Secção militar — N.º 130. — Ill.mo sr. — Cumpre-me participar a v. s.ª, para que seja presente a s. ex.ª o governador geral da provincia, que no dia 8 do corrente chegou a esta cidade o capitão tenente da armada de Sua Magestade Britannica, V. Sorett Cameron, commandante da expedição á procura de Livingstone; e no dia immediato quatorze pessoas da sua comitiva, ficando maior numero á retaguarda pela morosidade da marcha, por falta de forças.

«Logoque soube da chegada d'aquelle official, dirigi-me á casa de Cauchoix Frères, para onde foi hospedar-se, e lhe dei noticia que tinha ordens do governo de Sua Magestade o Rei de Portugal para lhe dispensar todos os auxilios de que carecesse, offerecendo-lhe por esta occasião a casa do governo, e tudo mais que entendesse lhe poderia ser util.

«O seu estado de saude era então um pouco grave, por se lhe ter manifestado um ataque de escorbuto; porém já hoje promette em breve restabelecer-se.

«Dei ordem para se lhe fornecer da botica do hospital militar todos os medicamentos que o facultativo lhe receitasse.

«Quanto á comitiva (gente de Zanzibar) acha-se aquartelada no *rez-de-chaussée*

nações coloniaes, mas ainda outras, que apenas indirectamente poderão auferir vantagens do melhor conhecimento das regiões africanas, como a Italia, como a Allemanha por exemplo, em prestar valioso contingente n'esse esforço commum.

«O exito feliz da tentativa do tenente Cameron, tentativa que de modo solemne auctorisou a esperança de conseguir uma importante communicação natural entre as duas costas, a que dariam base as grandes arterias do Zaire e do Zambeze, ainda mais veiu influir nos espiritos e fixar a attenção publica sobre o grande problema africano, particularmente em Inglaterra, onde a par do interesse scientifico, se levantam, como é natural e com toda a vehemencia que lhe póde imprimir a energia nacional da raça anglo-saxonia, o interesse politico e o commercial.

«Portugal, berço dos grandes navegantes dos seculos XV e XVI, patria dos homens que conceberam e levaram a bom termo emprezas das mais ousadas, que registam os annaes dos povos; Portugal, cujas expedições africanas dos fins do seculo passado e principios do actual, estão ainda hoje sendo objecto de estudo para a propria Inglaterra, onde a real sociedade geographica fez, não ha muito, traduzir e publicar os roteiros *do dr Lacerda, dos pombeiros P. J. Baptista e Amaro José, do major Gamitto;* Portugal, que ha bem poucos annos apontava com orgulho para o successivo apparecimento dos trabalhos cosmographicos do visconde de Santarem, para o contingente valioso fornecido pelo illustre marquez de Sá, para a melhor descripção cartographica das nossas extensas colonias africanas; Portugal, finalmente, que nas duas costas, oriental e occidental do grande continente vê reconhecida a sua soberania em uma extensão superior a 20:000 metros quadrados, cujo commercio mais do que o de nenhum paiz tem penetrado para o interior; Portugal, embora não podesse talvez de prompto apontar um nome que hombreasse com os de alguns dos conferentes de Bruxellas, bem devia comtudo achar-se representado entre elles, até mesmo pela circumstancia do concurso efficacissimo com que poderá vir em auxilio d'essa tentativa, que consiste em congregar os esforços isolados, sujeitando-os a uma direcção commum, e fortificando-os com a certeza da existencia de uma base segura de operações, de um auxilio efficaz e permanente.

da casa do antigo palacio do governo, e tem sido soccorrida dos generos alimenticios e dinheiro que o dito official me tem requisitado.

«Deus guarde a v. s.ª Governo de Benguella, 9 de novembro de 1875.—Ill.mo sr. secretario geral do governo.=*Francisco José de Brito,* governador.

«Está conforme. Secretaria do governo geral em Loanda, 20 de novembro de 1875.=O secretario geral, *Antonio do Nascimento Pereira de Sampaio.*»

«E o convencimento de similhante verdade por tal fórma se impunha aos animos, que a propria conferencia de Bruxellas, que pareceu esquecer-nos na sua composição, e até mesmo os dois grupos em que ella naturalmente se dividira, tomaram todos para ponto de partida o aproveitamento dos recursos que offerece a nossa importante colonia angolense.

«Se nos recordarmos que entre um e outro d'esses limites se encontram, alem dos portos de Molembo e Cabinda, a foz d'esse grande rio Zaire ou Congo, cuja forte corrente e enorme volume de aguas se torna sensivel a 550 kilometros da costa, facto este mencionado já pelo padre Balthazar Telles, rio que tem em si as proporções todas para se tornar uma das grandes arterias do commercio do mundo, aprecia-se bem a rasão das duvidas, um tanto tardias, que se levantaram no animo muito inglez d'aquelle famoso ministro d'estado. É esta questão, porém, das que menos têem sido descuradas pelo governo e pela sciencia portugueza, bastando citar com relação á ultima a *Demonstração dos direitos que a corôa de Portugal tem aos territorios de Molembo, de Cabinda e Ambriz*, pelo visconde de Santarem, e ainda os *Factos e considerações relativas aos direitos de Portugal sobre os territorios de Molembo, de Cabinda e Ambriz*, pelo visconde de Sá da Bandeira; e com relação ao governo as diligencias e esforços, entre outros, d'este ultimo estadista e geographo distincto. Mas para nada serve reclamar um direito quando nenhum uso se faz ou pretende fazer d'elle, e n'esse sentido o que mais importa é affirmar por factos essa soberania, salvo o fazer valer os argumentos que provam o nosso direito quando a legitimidade d'esses factos seja effectivamente contestada.

«Não occupámos nós o Ambriz em 1855 apesar das reclamações e duvidas apresentadas? Direitos reservados é que se não comprehendem facilmente no seculo XIX, quando a força de expansão da população, do commercio e da industria assume proporções que a historia ainda não registára. Tudo quanto n'aquellas regiões tenda portanto a provar a nossa vitalidade, não só politica e militar, mas ainda muito particularmente scientifica, tem pois no momento actual um valor e uma significação que é inutil encarecer.

«Explica essa convicção, que se tornou geral entre nós, a maneira por que foi prompta e felizmente reconhecida por todos em Portugal a necessidade da expedição africana, para o que tambem muito concorreram os esforços das duas corporações geographicas recentemente constituidas, e ainda, grato é confessal-o, a intelligente solicitude do sr. ministro da marinha, sendo de esperar tambem que um pensamento tão patriotico encontre junto aos membros dos corpos legislativos o acolhimento que a opinião publica lhe dispensou desde logo.

«Parece tambem ir-se accentuando a convicção de que a determinação do curso superior do Zaire, e das suas relações com o Lukuga, o lago Tanganika, o Lualaba, e finalmente o Zambeze, terá de ser uma parte e muito importante da missão que deve incumbir á expedição portugueza. É esse o problema que chama hoje a attenção do mundo scientifico; cumpre-nos a nós, que desejâmos manter os nossos direitos sobre a foz do Zaire, ajudar pelo menos a resolvel-o. A falta de um esforço sequer n'esse sentido traria consequencias fataes para o dominio portuguez n'aquellas regiões.

«Posta a questão n'estes termos, e sendo certo, como felizmente já se acha provado por factos, vistoque distinctos officiaes de marinha se disputam a honra de ter uma parte em tão consideravel commettimento, que existem em Portugal todos os elementos para organisar a expedição com o pessoal scientifico necessario para nos assegurar o que sobretudo importa, isto é, com a exacta e rigorosa determinação das coordenadas geographicas, e das altitudes dos pontos percorridos, um traçado rigoroso da região percorrida e explorada, parece mais natural esperar pelos resultados alcançados n'esse commettimento, antes de emprehender novos, embora de utilidade incontestavel, para o bom exito dos quaes se carece aliás de recursos, que não podemos ainda dissiminar sem fundado receio de os ver ou destruidos, ou pelo menos mal aproveitados.

«Não póde contestar-se que a exploração do Cunene, que delimita ao sul a provincia de Angola, e nos recorda a nós portuguezes o nome benemerito de Fernando da Costa Leal, ao qual a geographia é devedora em grande parte do pouco que ainda hoje se conhece a respeito d'esse rio, e até da situação da sua foz, offerece por muitas causas diversas o maior interesse. Feracidade e felizes condições climatericas da região que atravessa; proximidade provavel, na origem, dos affluentes do Zambeze, particularmente do Chobe, e com ella a descoberta de outra communicação fluvial possivel entre as duas costas; determinação das relações existentes entre o Cubango, o Chobe, o Embára, o Cuanamare, são outros tantos motivos, que fazem desejar que possa fazer-se a exploração d'esta nossa zona africana, e n'esse sentido devem mais tarde convergir os esforços da sociedade; por emquanto parece-nos aconselhavel satisfazer ao que mais urge, e a urgencia vemol-a nós toda em recordar na Africa e fóra d'ella que a região do Zaire é mais naturalmente investigada por portuguezes, do que por nacionaes de qualquer outro dos paizes europeus.»

Não é possivel adiar-se por mais tempo a exploração geographico-commercial da provincia de Angola. Entre-se pelo territorio do N. ou do S., sigam-se as margens do rio Zaire ou do rio Cunene, mas aproveite-se a occasião em que de todos os angulos de Portugal se ouve o mesmo

brado: Façamos progredir as colonias, mostremos o que por ellas temos feito, e não nos esqueçamos de que somos o mais antigo paiz colonial da Europa e uma das maiores nações da actualidade, poisque sómente a Russia, Turquia e Inglaterra nos são superiores em territorios.

O impulso está dado, e as expedições para Africa seguirão umas após outras, como nos ultimos annos do seculo XI, em que nos tornámos uma das maiores, senão a maior nação do mundo, poisque a nós se deveu o conhecimento de metade do globo.

«E, acrescenta o erudito sabio Henrique Major, no seu monumento levantado á gloria de Portugal, afoitamente digo, *metade do globo*, pois tal é o fundamento com que intitulo esta obra, *Vida do infante D. Henrique, o navegador e seus resultados.*

«A gloria do infante consiste na concepção e persistente proseguimento de uma grande idéa e suas consequencias.

«Tende, pois, este livro, mais a rememorar os illustres feitos do infante, do que á simples descripção da sua vida.

«Não é uma gloria de phantasia e vaidade, mas realidade esplendida, que se projecta na historia, acompanhada de successos transcendentes, e a que ao menos a raça anglo-saxonia não tem desculpa de ser indifferente.

«*As costas de Africa percorridas; o Cabo da Boa Esperança dobrado; o novo mundo patenteado; o caminho para a India, para as Molucas e para a China franqueado; o globo circumnavegado e a Australia descoberta dentro de um seculo de explorações travadas.*

«Taes foram, como no meu ultimo capitulo refiro, os estupendos resultados de um grande pensamento e incansavel perseverança, não obstante doze annos de vicissitudes, gastos infructiferos, motejos e desanimadoras murmurações.»

Recordâmos os nossos brilhantes feitos do seculo XV e XVI, para nos servirem de exemplo. Não será menor a gloria que nos espera, se não desanimarmos, se tornarmos as palavras em obras, se cuidarmos emfim de colonisar de raiz e a preceito a provincia de Angola, e a zona tropico-equatorial que se estende d'ali até á outra costa, a Africa portugueza, onde podemos crear um imperio maior do que o do Oriente.

Provincia de Cabo Verde e suas dependencias. — Compõe-se esta provincia das ilhas de Cabo Verde e da Guiné ou Senegambia, no continente da Africa. Abstemo-nos de fazer uma descripção minuciosa d'esta importante provincia, e daremos unicamente as informações que nos parecem indispensaveis, para se poderem comparar os territorios que comprehendem com os das outras nações. É este o nosso principal empenho.

Fallaremos primeiro da região insular.

As ilhas de Cabo Verde, segundo Larousse, têem 4:400 kilometros quadrados. Não sabemos se esta informação é exacta, nem podemos apurar a verdade sob este ponto de vista.

No annuario estatistico de Gotha calcula-se a superficie das ilhas em 4:271 kilometros quadrados. A differença para menos é sensivel, mas não o é menos a que se encontra n'outros escriptores, se tomarmos em consideração a superficie indicada por Carlos Vogel, que a calcula em 3:920!

Se deixarmos, porém, os escriptores estrangeiros para nos referirmos aos nacionaes, não somos mais felizes.

Lopes de Lima diz que a superficie das ilhas é de 4:194 kilometros quadrados, área differente da calculada pelos escriptores referidos, mas a nossa surpreza augmenta quando vemos calcular o territorio umas vezes em 2:929 kilometros quadrados e outras em 3:330! E quando se dão d'estas irregularidades a respeito das ilhas de Cabo Verde[1], o que se póde esperar ácerca das provincias de Angola e Moçambique?

É de urgente necessidade que se proceda sem demora aos estudos convenientes para se determinar com exactidão não só a superficie de cada uma das provincias ultramarinas, mas tambem a sua população. De outro modo não é possivel avaliar a população especifica nem fallar com fundamento a respeito da aclimação, base de toda a colonisação e progresso colonial.

É realmente innegavel que este assumpto é muito complexo e depende de variados trabalhos complementares, cuja execução pertence, não só ás repartições de saude, mas tambem ás dos concelhos administrativos e ás secretarias dos governos. Mas, seja qual for a repartição a que pertençam, é indispensavel, para se obter bom resultado, que haja um systema bem definido e um methodo de trabalhos preparatorios tão simples quanto bem calculado.

As ilhas de Cabo Verde têem uma posição importante, e acham-se dispostas de tal modo que permittem a sua classificação em grupos como as do archipelago dos Açores, e como estas deviam ser consideradas ilhas adjacentes. Merecem esta distincção não só pela distancia a que estão da metropole, mas tambem por outras circumstancias que escusâmos enumerar.

A urzela apparece espontaneamente em muitas ilhas e veiu ao mercado de Lisboa muito antes da que se exporta da provincia de Angola.

O milho, apesar de ser semeado em covas á flor da terra, produz duzentos por um. Ninguem ignora o trabalho que esta cultura exige na provincia do Minho.

[1] Temos diante de nós um livro onde se diz que o archipelago de Cabo Verde se compõe de mais de noventa ilhas e *ilhéus*. Este livro serve para o ensino de geographia e tem numerosas edições!

O feijão dá-se bem, e o café nasce, por assim dizer, espontaneamente, e é muito considerado no mercado de Lisboa onde obtem preço bastante elevado.

Os terrenos em algumas ilhas d'este archipelago são favoraveis.

O tabaco[1] é excellente.

A cultura da jague-jague ou palma-christi[2], algodão, anil e cochonilla offerece grande vantagem ao cultivador.

As ilhas de Cabo Verde acham-se mais ou menos afastadas umas das outras, e por isso mesmo o solo é variado e accommodado a diversas culturas, havendo algumas largamente desenvolvidas.

A capital da provincia é a cidade da Praia na ilha de S. Thiago, onde reside o governador geral e onde estão as repartições superiores. Publica-se um boletim official, cujo primeiro numero[3] appareceu em janeiro de 1842, e n'elle se acham impressos importantes trabalhos estatisticos.

Deveriamos ajuntar algumas informações a respeito de tão importante archipelago, mas seria sempre resumida a descripção. O seguinte mappa estatistico-geographico põe em relevo as vantagens do archipelago de Cabo Verde e mostra os pontos de relação que ha entre este e o dos Açores.

[1] «A respeito do tabaco disseram officialmente ao governo, em 1835, os contratadores, em resultado do exame a que procederam em umas amostras d'ali remettidas «que era igual ao Kentuky e Virginia, que era mui bem cultivado, bem secco e bem preparado, e que não duvidariam comprar annualmente 14:000 arrobas (205:000 kilogrammas) pelo preço por que pagavam aquelle a que o comparavam.» *(Jornal das colonias.)*

[2] As mulheres do paiz, depois do parto, banham-se em um cozimento feito de folhas do jague-jague. Lavam tambem os peitos com esta agua, a fim de terem muito leite.

[3] Não podémos ver o primeiro numero d'esta util e interessante publicação, mas pessoa auctorisada julga que o primeiro numero do *Boletim* apparecêra no anno a que nos referimos no texto.

Archipelago dos Açores

Latitude 36° 57′ N. a 39° 41′ N. — Longitude 15° 50′ a 22° 10′ O. de Lisboa

Grupos		Ilhas	Latitude	Longitude de Lisboa	Superficie — Kilom. quadr.	População	Districtos administrativos	Concelhos	Freguezias
Grupos	Oriental	S. Miguel	37° 44′ N.	16° 37′ O.	747	124:463	Ponta Delgada	7	120
		S.ta Maria	36° 58′ N.	16° 3′ O.	117				
	Central	Terceira	38° 40′ N.	18° 7′ O.	500	72:830	Angra	5	
		Graciosa	39° 6′ N.	18° 56′ O.	98				
		S. Jorge	38° 40′ N.	19° 7′ O.	220				
		Pico	38° 23′ N.	19° 11′ O.	496	62:779	Horta	6	
		Faial	38° 33′ N.	19° 31′,5 O.	178				
	Occidental	Flores	39° 28′ N.	22° 3′ O.	160				
		Corvo	39° 42′ N.	21° 54′ O.	13				
					2:529	260:072		18	

Distancias em milhas entre as differentes ilhas

Ilhas	Santa Maria	S. Miguel	Pico	Faial	S. Jorge	Terceira	Graciosa	Flores	Corvo
Santa Maria	–	50	120	131	109	95	124	229	235
S. Miguel	50	–	79	100	74	55	85	[illegible]	196
Pico	120	79	–	4	7	23	25	98	102
Faial	131	100	4	–	11	41	28	85	92
S. Jorge	109	74	7	11	–	15	13	100	102
Terceira	95	55	23	41	15	–	22	131	132
Graciosa	124	55	25	28	13	22	–	104	105
Flores	228	194	98	85	100	131	104	–	5
Corvo	235	196	102	92	102	132	105	5	–

População especifica em geral 102,8 habitantes por kilometro quadrado.

Producções. — Grande quantidade de excellente laranja, fructas, limões, ananazes, aguardente, trigo, milho, legumes, batata, inhame, linho, vinhatico, faia, castanhas, pinho e gado para consumo.

Archipelago de Cabo Verde

Latitude 14° 45' a 17° 41' N. — Longitude 16° 32' a 19° 12' O. de Lisboa

Grupos			Ilhas	Latitude	Longitude de Lisboa	Superficie — Kilom. quadr.	População	Districto	Concelhos	Freguezias
Grupos	De barlavento	Boreal...	Santo Antão	17° 11' N.	15° 39' O.	546	17:005	Lisboa	11	29
			S. Vicente..	16° 54' N	15° 56',5 O.	91	1.864			
			Santa Luzia	16° 46' N	15° 48', O.	40	Ignora-se			
			S. Nicolau..	16° 36' N	14° 49' O.	483	7:210			
		Oriental.	Sal	16° 53' N.	13° 46',8 O.	203	802			
			Boa Vista..	16° 7' N.	13° 31',7 O.	468	2:534			
	De sotavento	Meridional....	Brava.....	14° 46' N.	15° 35' O.	54	6:483			
			Fogo......	14°56'3N.	15° 11',7 O.	218	10:300			
			S. Thiago..	14° 54' N.	14° 27',6 O.	718	35:534			
			Maio......	15° 6' N.	14° 9' O.	108	1:132			
						2:929	82:864			

Distancias em milhas entre as differentes ilhas

Ilhas	S. Thiago	Maio	Fogo	Boa Vista	Sal	S. Nicolau	Santo Antão	Brava	S. Vicente
S. Thiago.......	–	43	31	60	90	80	130	[illegible]	110
Maio............	43	–	62	[illegible]	80	92	150	87	135
Fogo............	31	62	–	100	124	90	125	10	112
Boa Vista.......	60	42	100	–	10	68	132	121	120
Sal.............	90	80	124	10	–	60	116	140	110
S. Nicolau......	[illegible]	92	90	[illegible]	60	–	58	102	30
Santo Antão.....	130	15	125	132	116	58	–	129	9
Brava...........	53	87	10	121	140	102	129	–	120
S. Vicente......	110	135	112	120	110	[illegible]	9	120	–

População especifica em geral 28,2 habitantes por kilometro quadrado.

Producções.— Superior café, cacau, urzela, grande quantidade de purgueira, coral, aguardente de canna, milho, muito sal, algodão, anil, boa laranja, limas, limões e diversas fructas, muito tabaco, legumes, papaias, ananazes, cocos, hortaliças, mandioca, vinho, optimas melancias e melões, canna de assucar, bananas, cidras, gado vaccum e de muitas outras especies.

Considera-se como dependencia da provincia de Cabo Verde a Guiné ou Senegambia portugueza[1]. É uma importante possessão, cujos limites se acham determinados do seguinte modo:

Começa em 13° 10', 3k,7 ao N. do rio de S. Pedro, e acaba no cabo da Verga, em 10° 20' de latitude, comprehendendo as ilhas de Bolama, Gallinhas e Orango, no archipelago de Bijagoz.

O presidio de Geba fica a mais de 111 kilometros da costa.

A superficie d'este territorio é, segundo G. Pery[2], sete vezes maior que a da provincia de S. Thomé, havendo por este lado motivo sufficiente para fazer d'elle um governo como o d'esta provincia.

Eis-aqui o que a este respeito escreveu o venerando marquez de Sá da Bandeira, a quem as colonias portuguezas devem a mais acrysolada dedicação:

«Parece-me tambem conveniente que seja dissolvido o governo geral de Cabo Verde, sendo dividido em duas partes, das quaes uma, composta de todas as ilhas do archipelago, seria organisada como os districtos administrativos, devendo ficar subordinada ao ministerio do reino.

«Assim, esta nova circumscripção territorial, o districto da Praia de Cabo Verde, constituiria o 22.° districto e o 5.° das ilhas adjacentes. Formaria uma sub-divisão militar, e continuaria a ter duas comarcas, a da Praia e a do Mindello, para onde deveria transferir-se a séde da que está na ilha de S. Nicolau, poisque a ilha de S. Vicente é aquella em que as communicações são mais frequentes com as mais ilhas que formam a comarca, e com Lisboa.

[1] A Guiné portugueza ou Senegambia, achava-se outr'ora dividida em dois governos subalternos, isto é, capitania mór de Cacheu e dependencias, e sargenteria mór de Bissau e dependencias. Posteriormente, em consequencia dos navios se dirigirem em maior escala para o porto de Bissau, considerou-se o governo de Cacheu e dependencias como subalterno do de Bissau e dependencias, dando-se o titulo de governo da Guiné portugueza ao ultimo, e ficando o antecedente com o titulo que tinha.

Estes governos eram civis e militares.

Na actualidade, isto é, desde 1869, o territorio da Guiné forma um só governo civil e militar. Tem a séde em Bissau e é dependencia do governo geral de Cabo Verde.

[2] Carlos Vogel no seu importante trabalho *Le monde terrestre,* em via de publicação, guiando-se pelo annuario estatistico de Gotha, calcula a superficie do nosso territorio da Guiné em 69 kilometros quadrados! É preciso porém dizer-se que isto não é exacto.

O sr. João Carlos Cordeiro, que de boa vontade nos deu minuciosas informações a respeito do territorio da Guiné, calcula em muito mais de 20:000 kilometros quadrados a superficie que ali temos, comprehendendo o dos diversos estados ou tribus gentilicas feudatarias a Portugal.

«O districto da Praia de Cabo Verde teria uma importancia similhante á que tem o districto da Horta. N'este a distancia maior entre as ilhas que o compõem, a saber, entre a do Pico e a das Flores, excede a que ha entre S. Thiago e Santo Antão.

«A população do districto da Horta é de 60:000 a 70:000 habitantes; o archipelago de Cabo Verde tem tambem 60:000 a 70:000 almas. A distancia d'este a Lisboa percorre-se actualmente em seis ou sete dias, e o mesmo succede entre Lisboa e o Faial.

«A outra parte da provincia, a Guiné portugueza, deveria formar um governo particular, da categoria do de S. Thomé e Principe.

«O seu territorio, que é atravessado pelo 12° parallelo de latitude N., tem 40 a 50 leguas (222 a 278 kilometros) da costa maritima, na qual desembocam os importantes rios Casamansa, o de Cacheu ou S. Domingos, o de Geba, e o vasto estuario chamado Rio Grande de Guinala ou de Bigubá, alguns dos quaes communicam entre si por esteiros ou canaes naturaes; alem d'estes rios ha outros menos importantes.

«A mancarra, ou ginguba, ou mendoby *(Arachis hypogæa)* é a principal planta cultivada e dá grande interesse; o arroz é grangeiado pelos indigenas e produz abundantemente. Mas o solo é proprio para as outras plantações tropicaes.

«A canna de assucar seguramente havia de dar grande proveito. E conviria que o governo promovesse ali esta industria em grande escala, o que lhe seria facil fazer, procurando que se formasse para esse fim uma empreza na ilha da Madeira, onde ha pessoas praticas e habituadas a dirigir bem um engenho e as respectivas plantações. Uma fabricação de aguardente de canna deveria dar muito lucro.

«Ha na ilha da Madeira muita gente que tem vivido na Guiana ingleza, para onde a emigração tem sido grande desde alguns annos a esta parte, e onde existem milhares de madeirenses. Esta colonia, cuja situação é mais meridional do que a da Guiné portugueza, tem um clima que não é melhor do que a d'esta parte da Africa, e aqui ha logares afastados das margens dos rios que são relativamente saudaveis.

«A uma tal empreza deveriam conceder-se alguns favores temporarios, bem como áquelles que se occupassem da cultura do algodão e de algumas outras producções, e a todas se deveria dar segurança contra qualquer ataque por parte dos indigenas.

«Por meio de barcos de vapor apropriados aos rios se facilitariam as communicações, e para estes, bem como para as machinas de vapor, que nos engenhos se empregassem, ha ali o combustivel de lenha em abundancia.

«Tambem deve attender-se a que está proximo o tempo em que as

colonias europeas de Senegambia hão de communicar com a Europa por cabos submarinos.

«Outra industria que ali deveria ser muito proveitosa seria a da preparação de madeiras para exportação.

«O discreto emprego de capitaes em Guiné, a ida para lá de individuos habilitados a dirigir o trabalho dos negros manjacos, que para isso se assalariariam, impostos aduaneiros mui baixos e em poucos generos, bem como algumas outras medidas que se tomassem, poderiam concorrer para tornar esta colonia florescente, dentro de poucos annos.

«Parece-nos, pois, que está demonstrado, não só a necessidade de se modificar a administração da provincia de Cabo Verde, mas tambem a urgencia de se crear uma provincia independente no vasto territorio da Senegambia, onde temos bastantes presidios e algumas feitorias de que passâmos a dar uma breve noticia.

«A capital do governo de Guiné deveria estabelecer-se na ilha de Bolama, situada a meio caminho entre o Rio Grande e o rio de Geba; e para esse fim deveria fundar-se n'esta ilha uma villa regular.»

As povoações principaes do nosso territorio da Guiné são[1]:

Bissau e Cacheu, praças de guerra;

Bolama e Gallinhas[2], ilhas;

[1] A descripção da Guiné portugueza teve por base as informações dadas pelo sr. João Carlos Cordeiro. Foi publicada sob sua inspecção e por elle revista a parte que diz respeito a tão importante territorio.

O sr. Cordeiro chegou á provincia de Cabo Verde em 1862. Era segundo tenente de artilheria da mesma provincia.

Exerceu ali, alem de diversas commissões militares, os cargos de administra dor do concelho, presidente da camara municipal e commandante militar da ilha Brava.

Foi governador civil e militar da praça de Cacheu e dependencias, districto que então comprehendia metade do territorio da Guiné.

Foi commandante militar da ilha de Santo Antão.

Esteve tambem encarregado da direcção das obras publicas da ilha de S. Vicente, onde foi commandante militar.

Em 1871 passou a servir na provincia de S. Thomé, onde tivemos a honra de o conhecer.

Em 1874 regressou ao reino com licença, e foi de novo transferido para a provincia de Cabo Verde; mas o longo tempo de serviço na Guiné e na provincia de S. Thomé e Principe dava-lhe direito á reforma que pediu e obteve no posto de major.

O sr. Cordeiro conhece a provincia de Cabo Verde, e as informações que elle dá são dignas de inteiro credito.

[2] Esta ilha foi dada por um rei gentio, em 1830, ao negociante Joaquim Antonio de Matos, que indo para a Guiné ou Senegambia portugueza, como tripulante de um navio mercante, ali, depois de ser caixeiro, adquiriu alguma fortuna. Constituiu-se negociante, e foi nomeado pelo governo intruso de D. Miguel coronel de

Colonia, na foz e margem direita do Rio Grande de Guinala ou Bolola:

Geba, na margem direita do rio Geba;

Ganjarra e *Fá,* na margem esquerda do mesmo rio Geba;

Farim, na margem direita do rio de S. Domingos ou de Cacheu, que, impropriamente, alguns geographos collocam na margem esquerda;

Bolor, na margem direita e foz do mesmo rio, e do esteiro que conduz ao rio Casamansa;

Jufunco ou *Jafunco*[1], situado no esteiro que da foz do rio de Cacheu conduz ao rio Casamansa, estendendo-se até é costa de Varella.

milicias (sem soldados, por não existir ali corpo algum de milicias), bem como foi feito pelo mesmo governo governador interino de Bissau. Este negociante offereceu ao então governo de Portugal esta ilha. Em 1869 existiam em Guiné, em más circumstancias, os netos do referido Joaquim Antonio de Matos.

[1] D'esta povoação e reino tomou posse, para a corôa, em 1869, o governador de Cacheu e dependencias, João Carlos Cordeiro, como se vê do seguinte documento:

«Copia. — Tratado de cessão de territorio feito á nação portugueza pelos Felupos de Jafunco. — Aos 13 dias do mez de agosto de 1869, n'este territorio de Jafunco, achando-se presentes os ill.mos srs. João Carlos Cordeiro, governador da praça de Cacheu e dependencias; Francisco José de Sousa, administrador nomeado para o mesmo concelho; Manuel da Luz Ferreira, proprietario; Manuel Nicolau de Pina Araujo, vigario e juiz foraneo n'este districto; Marcellino Marques de Barros, vigario da freguezia de S. Francisco Xavier de Bolor; Cesar Augusto da Silva, commandante do palhabote de guerra *Bissau;* Lourenço Justiniano Padrel, segundo tenente de artilheria; Manuel José Mendes, fiscal no districto de Bolor; José Gomes Pereira, negociante; Joaquim José Vieira, agricultor; José Manuel Barbosa, caixeiro de commercio; Marcos Gomes Rebello, caixeiro de commercio; commigo Benjamim Fortes Ferreira, secretario do governo, de uma parte; e da outra, Ampá-cá-bú, regulo de Jafunco; Abáge, regulo da circumscripção da mesma povoação e reino; Jaalam; Éserut; Jicójóbó; Jigenimjébé; Salamumein; Caminguel; Siculubriré; Sami; Émogue e Quelor; grandes, fidalgos e ministros do mesmo territorio: — Pelos ultimos foi dito, que cedem de hoje para sempre, todo o territorio de Jafunco, á nação portugueza, a quem desde muito reconhecem como legitima senhoria d'este territorio, podendo todos os cidadãos portuguezes, com exclusão de estrangeiros, estabelecerem feitorias no mesmo territorio; sendo aqui arvorada a bandeira nacional, para mostrar aos estrangeiros, que este territorio é legitima pertença da nação portugueza: obrigando-se elles, regulos e grandes, a não deixarem estabelecer n'este territorio estrangeiro algum, sem previo consentimento das auctoridades portuguezas. E de como assim o disseram solemnemente, e foi acceite pelo respectivo governador da praça de Cacheu, em nome da nação portugueza, que representa, e por auctorisação superior, se lavrou o presente tratado, que todos assignam. Eu Benjamim Fortes Ferreira, secretario que o subscrevi e assigno. = (Assignados), João Carlos Cordeiro, governador de Cacheu e dependencias = F. J. de Sousa = Manuel L. Ferreira = Manuel Nicolau de Araujo = Marcellino M. de Barros = Cesar Augusto da Silva = Lourenço Justiniano Padrel = Manuel José Mendes = Como interprete, José

Zeguichor, situado na margem esquerda do rio Casamansa.

Todos estes pontos são presidios, isto é, logares mais ou menos fortificados, governados por chefes administrativos militares.

Cabe aqui dizer que tambem temos o titulo de soberania na ilha de Orango, uma das mais ferteis e maiores das de Bijagoz, habitada por um rei e subditos muito amigos da nação portugueza.

Os pontos mais afastados da costa são Farim, Geba, Ganjarra e Fá.

De Farim a Geba faz-se a jornada em tres dias, e de Geba a Ganjarra ou Fá, vae-se em meio dia.

O territorio confinante com a Guiné ou Senegambia portugueza, tanto pelo N. como pelo S., pertence á nação ingleza. Pelo N. está Santa Maria de Bathurst de Gambia, e pelo S. o governo da Serra Leôa, cuja capital é Freetown.

O nosso territorio da Guiné, isto é, o Cabo Roxo e os ilhéus de Caió, pontos que os navegadores procuram, ficam cerca de 555 kilometros das ilhas de Cabo Verde (cidade da Praia de S. Thiago); a ilha de Gorêe, a contar da barra do rio Casamansa, dista 240 kilometros; S. Luiz do Senegal está a 15 kilometros ao N. d'esta ilha.

Os portuguezes occupam a área das praças e presidios, e terrenos em volta, cuja superficie se estende até onde alcançam as balas de artilheria, e em virtude de contratos solemnes, feitos com as diversas tribus gentias, pertence-nos de direito o dominio pleno de todo o territorio da Guiné ou Senegambia portugueza, desde a foz do rio de Casamansa (margem direita) até ao Cabo da Verga, e todo o territorio que se estende para o interior, isto é, desde o Cabo Roxo até ao meridiano de Ganjarra no sertão[1].

Para o interior, alem do meridiano, que passa por Ganjarra, são paizes pouco conhecidos, constando, porém, serem habitados por gentios, que pouco tratam da agricultura, mas que se empregam, em geral, na ex-

G. Pereira = Joaquim José Vieira = José M. Barbosa = Marcos Gomes Rebello = Do regulo Ampá-cá-bú + = Do regulo (rei) Abágc + = Do fidalgo Jaalam + = Do fidalgo Éserut + = Do fidalgo Jicójóbó + = Do fidalgo Jigenimjébé + = Do fidalgo Salamumein + = Do fidalgo Caminguel + = Do fidalgo Siculubriré + = Do fidalgo Sami + = Do fidalgo Émogue + = Do fidalgo Quelor + =. Eu, *Benjamim Fortes Ferreira,* secretario».

[1] Os francezes, contra os nossos incontestaveis direitos, estabeleceram-se no ilhéu dos Mosquitos, na barra do rio Casamansa, levantando ali uma povoação com fabricas de tecidos, á qual deram o nome de Carabane, occupando outro ponto interior do mesmo rio, na margem direita, onde construiram uma feitoria, a que deram o nome de Sedhio ou Seliu, onde ha grande movimento commercial, especialmente de resinas e gommas.

ploração do oiro, que permutam com os mandingas. Muito mais para o interior, nada com certeza se sabe. Na área occupada pelas diversas tribus gentias, que por contratos nos prestaram vassallagem, e que poucas ha que tal não tenham feito, podem aforar-se muito economicamente grandes porções de terreno para agricultar, mediante um pequeno fôro, censo ou pensão.

O terreno de 277 hectares, pouco mais ou menos, póde ser comprado pelo fôro annual de dois garrafões de aguardente, dez libras de polvora e igual porção de tabaco.

O terreno em geral é muitissimo fertil: as chuvas são copiosissimas, especialmente desde o mez de julho[1] até ao fim de outubro.

A vegetação é de um desenvolvimento tal, que a de S. Thomé, em relação a esta, póde dizer-se mesquinha.

O baobá ou embondeiro, que é uma malvacia, attinge dimensões enormes[2].

A Senegambia é um terreno altamente rico e susceptivel de ser cultivado, porque ha ali todos os vegetaes uteis dos paizes intertropicaes, e é muito apropriado para a colonisação.

Póde ser habitado por europeus, poisque, embora em más condições, vivem ali portuguezes, francezes e inglezes, gosando regular saude, soffrendo alguns, a menor parte, febres periodicas, que ordinariamente não são mortiferas.

Os melhoramentos que se devem realisar quanto antes são: melhorar as fortificações das praças de Bissau e Cacheu, e fortificar completamente os demais presidios, que muito bem o podem ser com pequeno dispendio, construindo-se blokaus no circuito dos mesmos. Pontos ha que muito carecem de igual systema de fortificação, como são Bolor, Matta de Putama e Colonia.

A guarnição militar deve promiscuamente desempenhar as funcções de fiscalisação aduaneira e militar propriamente dita; este systema é grandemente economico; mas para que surta bom resultado, é tambem pre-

[1] Segundo João Carlos Cordeiro, que ali foi governador, a gente da terra considera o dia de Santo Antonio como o primeiro dia de chuva; e elle effectivamente nos annos em que ali esteve presenceou pequenos chuveiros em tal dia.

[2] Para abraçar o tronco de algumas d'estas arvores são precisos muitos homens. Algumas d'ellas, envelhecendo e destruindo-se-lhes a medula, formam uma especie de casa, em que habitam familias gentias, collocando em outras as suas balôbas ou chinas, isto é, os seus templos.

Outras vezes, estas arvores, tendo destruida a medula pela parte superior, enchem-se de agua na estação pluvial, formando bons depositos aquaticos, que os gentios perfuram na base, fazendo uma especie de bica a que adaptam uma rolha, para tirar agua quando lhes é necessaria.

ciso que a recompensa pecuniaria seja condigna, e o castigo esteja proximo do delicto.

Em Guiné ha grandes matas e florestas de arvores gigantescas, que dão ricas e formosas madeiras proprias para marceneria e construcções, as quaes são propriedade de alguns gentios. Quando se pretende fazer um córte, offerece-se ao senhor da mata ou floresta uma *dacha*, como compensação do córte a fazer, para carregar uma embarcação, seja de grande ou pequena lotação, a qual *dacha* é sempre acceite e consiste no valor nominal de 50$000 réis, valor que é realmente inferior a metade d'esta cifra, porque é pago em tabaco, polvora e aguardente: é assim que se effectuam as carregações de madeira.

Como n'esta região vem aos mercados grande quantidade de azeite de palma, chabéo ou coconote (semente para fazer azeite), mancarra ou ginguba (especie de amendobi ou amendoim), couros, cera, mel, arroz, borracha, etc., é preciso crear companhias para chamar os productos ao porto de Lisboa[1], evitando por esta fórma o monopolio feito pelos estrangeiros[2].

Os portuguezes que ali commerceiam, permutam unicamente com o gentio os generos que, a credito, recebem das casas francezas e inglezas, e com as especies obtidas satisfazem seus debitos ás mesmas casas.

Os gentios, em geral, não gostam dos inglezes nem dos francezes; não commerceiam com elles. São amigos e affeiçoados aos portuguezes por differentes rasões, tratando-os pela expressão de «camaradas».

Adoptado o systema atrás desenhado, a Guiné ou Senegambia portugueza será conhecida em Portugal, o que até hoje não tem acontecido, porque todas as suas producções vão abastecer os mercados de Marselha e Liverpool.

Depois, e mais tarde, quando as diversas tribus gentias estiverem mais civilisadas, para o que, como é visivel, caminham a passos agigantados, devem crear-se companhias agricolas, para que d'aquelle fertil solo se possam tirar os grandes valores que encerra.

Cuidando-se da colonisação da Guiné, Portugal terá ali um outro Brazil, de que poderá obter os maiores recursos.

Os regulos da Guiné fizeram contratos solemnes, em que esponta-

[1] É da maior conveniencia que nos portos de Bissau e Bolama toque mensalmente um paquete: tal medida animará bastante o commercio.

[2] Os gentios não entram nas casas dos estrangeiros nem com elles permutam cousa alguma, porque se consideram portuguezes, pelo fundamento de que os que ali foram primeiro, ha muitos seculos, eram tambem portuguezes, e porque, dizem tambem elles, tudo que é portuguez é bom, bem como tudo que passa pela mão dos portuguezes fica melhorado.

neamente se submetteram á auctoridade portugueza, sem reserva de direitos de natureza alguma.

As fazendas agricolas existentes são poucas; tem entretanto alguns ricos pomares de laranja de excellente qualidade. Ha tambem pequenas plantações de canna saccharina, que attinge muita grossura e serve apenas para sobremesa.

As grandes culturas são unicamente as do arroz, feitas especialmente no territorio Flupo ou Felupe e Mandinga, e as de mancarra ou ginguba, que se cultiva em grande escala nas margens do Rio Grande de Guinala, ou Bolola ou Biguba, e nas ilhas de Bolama e Gallinhas.

A ilha de Bolama é rica, não só pelas suas producções, mas tambem pela situação proxima ao Rio Grande de Guinala, ou Bolola ou Biguba, e pelo excellente porto que tem.

A ilha das Gallinhas, muito mais pequena do que a antecedente, abunda em producções; mas será sempre pobrissima e sem importancia, como muitas outras do archipelago de Bijagoz, porque não tem porto que dê accesso aos navios, e só póde ser demandada por canoas, o que encarece muito os generos, pela accumulação dos fretes.

O *ilhéu do Rei,* em frente de Bissau e na bôca do rio Geba, é grande e saudavel, tem alguma agua, e póde ter mais, construindo-se cisternas, como em Gorée se pratica. Este ponto é o mais apropriado para se edificarem casas, e encontram-se ali poucos habitantes.

Póde mudar-se para aquelle logar a povoação principal, poisque esta localidade offerece vantagens que não se encontram facilmente n'outros sitios.

A ilha de Bussis é nossa. Vivem ali alguns negociantes portuguezes.

O paiz é abundante em pequenas gallinhas, grandes e formosos patos, gado vaccum e suino; e no interior ha elephantes[1], muito gado cabrum, lanigero e cavallar, sendo este de raça arabe.

O mar abunda em peixe e mariscos, havendo grande quantidade de curvina.

Nos parceis da Guiné existe a concha peroleira.

Cabe aqui dizer que no litoral dão-se mal os cavallos. Os que tem

[1] Fazemos aqui menção de uma circumstancia ignorada pela maior parte dos europeus que não têem percorrido esta parte da Africa. Os elephantes criam-se em grandes manadas no interior da Guiné ou Senegambia portugueza, bem como em outras partes da Africa; em certas epochas do anno vem ao litoral (em manadas) e passam o canal, nadando entre a Colonia e a ilha de Bolama, indo estacionar por algum tempo nos logares de pasto d'esta ilha, recolhendo ao continente em outras epochas. São inoffensivos, tanto para os habitantes da Colonia como para os da ilha de Bolama.

vindo de Geba e Farim para Bissau e Cacheu apenas duram cerca de um anno. Será devido aos pastos?

A Guiné, pela sua extensão e riqueza, é muito superior á provincia de S. Thomé, e mesmo ao archipelago de Cabo Verde; é mais doentia do que estas ilhas; alguns porém a julgam menos do que as ilhas de S. Thomé e Principe, que recebem as emanações palustres do rio Niger e as do proprio solo pantanoso lhe causam grande damno.

As terras do interior são, em relação ás nossas, extensissimos sertões, em que tambem ha, aqui e ali, alguns habitantes exploradores de oiro. A Guiné ou Senegambia portugueza é pouco acidentada; não tem montes dignos de mencionar-se.

Os habitantes d'este territorio são, começando do N., baiotes, flupos ou felupes, banhumes ou benhuns, cassangas, papeis ou buramos, balantas, bijagós e nallús. No interior, porém, a 300 kilometros da costa, existem os mandingas, fulas e futa-fulas, povos muito mais civilisados do que os que se avizinham ao litoral.

Os mandingas entregam-se á industria fabril e commercial.

Os fulas occupam-se da creação de gados e da cultura da terra.

Os fula-fulas dizem ser os senhores dominicaes do terreno occupado pelas tribus precedentes; são todos de profissão militar, e vivem dos tributos que lhe pagam pelo usufructo dos terrenos os mandingas e os fulas. Estanciam por alguns annos nas diversas tabancas ou trabancas das tribus referidas.

Cabe aqui elucidar, que tabanca ou trabanca significa povoação cercada de paliçada, geralmente construida com grossos madeiros de pau-carvão, de pontas aguçadas, e a que addicionam grande quantidade de abrolhos.

Os futa-fulas formam grandes corpos militares de cavallaria e infanteria, sendo aquella muito numerosa: dizem ser indigenas das serras do imperio de Marrocos, d'onde vem á mencionada região, de annos a annos, cobrar os tributos dominicaes: tanto futa-fulas como mandingas e fulas são em geral mahometanos; dizemos em geral, porque existem algumas pequenas povoações, como é amostra uma, junto a Sancorlá, em que os seus habitantes se entregam ao uso de bebidas espirituosas e da carne de porco, e a tudo que o Al-Koran prohibe: estes são chamados senenquens. As ultimas tres tribus de que acabâmos de tratar são muito mais civilisadas do que as que se avizinham ao litoral.

No territorio comprehendido entre o rio de Geba e o Rio Grande de Guinala, ou Bolola ou Biguba, estanciam os biafras, biaffares ou biafadas, tribu menos civilisada do que as tres antecedentes, mas, ainda assim, muito mais civilisada do que as tribus que se avizinham ao litoral. Os biafras,

biafares ou biafadas e os mandingas, futa-fulas e fulas, trajam uma especie de capas dalmaticas, usando-as os ricos de seda, que tambem, em geral, calçam sandalias, ou botas de polimento de cano de marroquim encarnado, que importam de Gambia e de outros pontos.

As tribus vizinhas ao litoral usam apenas tangas: as dos papeis ou buramos são de pelle de cabra sem cortume, e as dos flupos ou felupes de estamenha, os baiotes de palha, etc.

Em geral as tribus vizinhas ao litoral são selvagens, dotadas de inaudita barbaridade: os papeis ou buramos são os mais indomaveis.

Todas estas tribus se nutrem dos productos que a natureza apresenta espontaneamente: apenas cultivam pequenas porções de arroz, sendo excepção d'esta regra os flupos ou felupes, que cultivam em ponto grande este genero. Tambem se occupam da pesca, que constitue em grande parte o sustento d'estas tribus.

A necessidade, que têem estes selvagens, de aguardente, tabaco, polvora, armas de fogo, espadas, etc., faz com que crestem as muitas colmeias que espontaneamente se desenvolvem no mato, para virem permutal-as ás praças e presidios, bem como permutam o azeite de palma, que fabricam; semente de chabéo ou coconote, borracha, etc., que exploram.

Os mandingas e futa-fulas são os que fornecem em grande quantidade couros e cera, oiro e escravos (forneciam escravos).

Em geral ha segurança individual entre as differentes tribus da Guiné: ha factos que o comprovam. E devemos tambem recordar o preceito dos gentios emquanto á segurança dos portuguezes que os visitam, estão de passagem nos territorios ou ali vão commerciar. É-lhes garantida a vida[1], porque ha entre aquelles gentios alguns preceitos juridicos que assim o determinam. Sempre que algum portuguez ou gentio, estando em qualquer ponto, d'elle recolhe á sua residencia, é considerado como hospede, e em tal caso se lhe acontece alguma fatalidade no transito, as auctoridades do logar da permanente residencia vão exigir satisfação ás

[1] Estando a praça de Cacheu em guerra com onze tribus gentilicas, achava-se no reino do Churo (Papeis) um negociante. Era esta uma das tribus belligerantes.

O negociante manifestou desejo de se recolher á praça. O rei e seu conselho declararam-lhe que, sendo, como era, hospede, lhe seria sempre garantida a maior segurança, como era preceito geral. O negociante insistiu para se retirar, e liquidando os seus negocios, dirigiu-se para Cacheu. Trouxe os generos que tinha comprado e poz-se a caminho, vindo acompanhado por alguns gentios até á mata em frente da praça sitiada. Ahi beberam aguardente, como é uso nas despedidas, mostrando-lhe as gentios a maior affeição, e fizeram-lhe ver, no emtanto, que quando estivesse dentro da praça, seria o primeiro que elles matariam se podessem. Em seguida abraçaram-se e despediram-se, e o negociante entrou na praça sem ter soffrido o mais leve incommodo.

do logar ou paiz de onde o mesmo recolhia, pelo principio de que devem garantia e segurança no caminho a percorrer, por ser hospede [1].

Os habitantes, tanto do continente como das ilhas, incluindo os bijagoz, têem por crença, que em morrendo, nascerão de novo [2]; isto ainda que seja fóra da patria, e em tal caso irão nascer de novo na patria, resultando d'esta crença serem muito valentes.

Provincia de S. Thomé e Principe e suas dependencias. —Esta provincia, que faz objecto especial do presente livro, não é tão limitada como á primeira vista se póde imaginar, e por isso fazemos n'esta secção algumas considerações para o demonstrar [3].

Dizem uns que a ilha de S. Thomé não tem importancia, e outros reputam-na muito pequena, e portanto incapaz de grande desenvolvimento agricola [4].

O melhor modo de explicar este ponto, é chamar a attenção para as seguintes estatisticas, que julgâmos não deixarão a menor duvida com respeito á sua superficie e população:

[1] O equivalente pela morte de um homem são seis vaccas ou a cabeça do matador, que, se tem meios para pagar as seis vaccas, fica passeiando e livre, mesmo entre os parentes do morto!

Igual penalidade está estabelecida se qualquer commette adulterio com as mulheres do rei.

[2] Um banhume, de nome Senebá, observa o sr. Cordeiro, apresentou-me um filho, e disse-me, que no corpo d'aquelle seu filho estava o espirito de um seu tio (de Senebá), e que por isso se parecia em tudo com elle, até nas menores acções.

É principio geral de direito entre todas as tribus gentilicas, que o sobrinho herde do tio, quando filho de irmã, expressando este principio assim: Os filhos de minha irmã, meus sobrinhos são; os de meu irmão ou o serão ou não.

[3] No capitulo 4.° e seguintes é que descrevemos com o maximo desenvolvimento esta importante provincia.

[4] «Causa espanto, disse um deputado na sessão de 17 de março do corrente anno, a ingenuidade com que nos jornaes inglezes se pergunta se é possivel que a pequena ilha de S. Thomé precise de tão grande numero de trabalhadores da Liberia, e em seguida se assevera que não póde precisar.»

Folgâmos ter occasião de, no capitulo seguinte, dar uma minuciosa descripção da ilha de S. Thomé, fazendo ver não só o numero de fazendas agricolas que se acham abertas, mas tambem o numero de trabalhadores de que necessita para ser convenientemente cultivada.

Ilhas	Kilometros quadrados	Habitantes
Ilha de S. Thomé	926	29:488
Madeira	500	118:609
S. Thiago de Cabo Verde	718	35:534
S. Miguel	747	100:000
Terceira	500	42:000
Faial	178	24:000
Mayotte	366,3	12:000
Coração	550	22:713
Dominique (Antilhas)	754	23:173
Santa Luzia	642	31:610
Singapura	580	97:131
Provincias, districtos e archipelagos		
Provincia de S. Thomé	1:211	32:200
Districto de Ponta Delgada	864	124:000
Madeira e dependencias	550	218:609
Districto de Angra	818	72:000
Paláos	897	10:000
Saint Pierre e Miquelon	210	4:894
Bermudas	106	15:309
Seychelles	264	11:082
Indias hollandezas, occidentaes	1:130	39:150

A provincia de S. Thomé póde evidentemente collocar-se a par de alguns districtos que passam por muito importantes, e a fertilidade dos seus terrenos é uma segura garantia da sua prosperidade.

Na capital da provincia publica-se o *Boletim official,* cujo primeiro numero saiu á luz a 3 de outubro de 1857. Tem quasi vinte annos de existencia, e representa um valioso manancial de documentos para se apreciar o movimento commercial e administrativo da provincia.

Provincia de Angola.—Não corresponde esta denominação á grandeza do territorio, cuja superficie é quasi o dobro do Reino Unido ou Inglaterra, e excede muito a de Hespanha, mas como está officialmente adoptada, por isso a tomâmos para titulo d'esta breve descripção.

A provincia de Angola compõe-se actualmente de tres districtos, contando do S. para o N., Mossamedes, Benguella e Loanda.

São muitos os presidios que ha no interior, e o numero de concelhos eleva-se a mais de trinta.

O dominio portuguez estende-se a differentes logares, havendo bastantes regulos indigenas nossos alliados.

A capital da provincia tem grande movimento commercial e n'ella está o tribunal da relação, á qual são subordinadas tres comarcas[1], incluindo a da provincia de S. Thomé.

Se a respeito de muitas possessões estrangeiras ha divergencias quanto á superficie, não se nos deparam menos ácerca d'esta provincia. Como temos dito, não é possivel conhecer a população especifica, nem a acclimação em geral, sem se ter noções exactas da grandeza do paiz.

Cumpre-nos, attenta a falta de dados positivos, acceitar os mais approximados e combater os que nos parecerem inacreditaveis.

José Joaquim Lopes de Lima, nos *Ensaios sobre a estatistica das possessões portuguezas,* publicados ha trinta e tres annos, calcula a superficie da provincia de Angola em 524:777 kilometros quadrados.

É um livro conhecido de todos, e se não é isento de erros, como acontece quasi sempre em trabalhos d'esta ordem, merece comtudo ser lido, ou para o corrigir ou para corroborar o que ali se acha escripto. E a rasão é o terem-se servido d'elle muitos escriptores estrangeiros, e ser preciso divulgar ou rectificar muitas das informações já por vezes repetidas.

Não nos admira, porém, ver transviados os estrangeiros, quando alguns dos nossos escriptores se afastam do que passa por mais averiguado.

Citemos ao menos Carlos Vogel, que, no seu importante livro *Le Portugal et ses colonies* reproduziu a superficie da provincias de Angola, que Lopes de Lima indicára.

Larousse absteve-se de referir a superficie d'esta notavel provincia, e nas quarenta e tres linhas que lhe consagra, não duvidou escrever:

«*Ce territoire* (refere-se á provincia de Angola) *n'est pas sous la domination du Portugal, qui ne possède en somme que quelques forts et les comptoirs* (ou feiras), *situées à de grands distances les uns des autres.*»

Apesar de se mostrar completa ignorancia a respeito d'esta provincia, diz-se comtudo que ella tem 560 kilometros de E. a O. e 100 de N. a S., estendendo-se o nosso dominio até 450 kilometros para o interior.

Em 1875 publicou o sr. Gerardo Pery a *Estatistica geral de Portugal e colonias,* na qual calcula a superficie em 617:380 kilometros quadrados.

[1] Foi recentemente creada a nova comarca de Ambaca.

No *Annuario estatistico de Gotha* (1876) eleva-se a superficie de Angola a 809:400, e estamos convencidos de que este numero é ainda inferior á verdade.

Imagine-se, pois, o nosso assombro ao ver que no *Diccionario de geographia universal*, publicação da actualidade, se admittiu como superficie da provincia de Angola ametade da área apresentada por G. Pery, e que no *Diccionario popular* foi apresentado, sem reparo, o mesmo numero!

No meio de tal divergencia, e attenta a confiança que nos merece o trabalho do sr. Gerardo Pery, acceitâmos o seu calculo por se approximar mais da realidade, e estamos convencidos que não decorrerão muitos annos sem se proceder aos estudos planimetricos, a fim de se conhecerem os verdadeiros limites da provincia de Angola, assim como a sua superficie, hydrographia e chorographia.

Não receiâmos ser taxados de prolixos, porque seria faltar ao nosso dever não mostrar a urgente necessidade de se attender á resolução da questão fundamental — determinar com exactidão os limites da provincia de Angola, bem como a respectiva superficie, a fim de que possam avaliar-se com a maior exactidão possivel os principios da aclimação, sem a qual não ha colonisação duravel.

Angola[1], situada na costa occidental da Africa entre o 5° e 18° de latitude O., comprehende para E., no interior, os seguintes districtos e concelhos, occupados pelo governo portuguez, e ainda outros que, regidos por regulamentos de indigenas, prestam vassallagem ao mesmo governo:

Ao S., no districto de Mossamedes, os concelhos do Bumbo, comprehendendo as colonias de Capangombe e Biballa, o da Huilla, Gambos, Humbe e Camba na margem direita do rio Cunene. Ao S. de Mossamedes a colonia do rio Kroque e ao N. a do rio S. Nicolau.

No districto de Benguella o concelho da Catumbella, a E., Quilengues e Caconda, os pontos de feitorias commerciaes de Bihé, Bailundo e Hambo, e mais ao N., na costa, o Egito e Hanha.

No districto de Loanda, capital da provincia, os concelhos de Novo Redondo e Quicombo, nas margens do Quanza, Calumbo, Muxima, Massangano e Cambambe; nas margens do Bengo o concelho da Barra, Icollo

[1] «De muito boa vontade accedo ao seu pedido, enviando-lhe para o seu livro uma rapida descripção da provincia de Angola tal qual o pouco tempo de que para este trabalho dispuz, os poucos meios auxiliares que possuia alem da minha experiencia e a exiguidade dos proprios cabedaes.

«É portanto debil o trabalho, por ser todo de uma pobre lavra, mas esse dou-o de muito boa vontade para tão util fim como seja o de espalhar noticias sobre as nossas colonias, por cuja prosperidade eu sou sincero enthusiasta. = *Alberto da Fonseca.*»

e Bengo e Zenza do Golungo; ao N. Libongo e Ambriz e a E. Golungo-Alto, Cazengo, Ambaca, Pungo-Andongo, Malange, Duque de Bragança, Cassange, Encoge, Bembe e S. Salvador do Congo; comprehendendo todos estes pontos uma area não inferior a 600:000 kilometros quadrados[1].

Desaguam na costa portugueza os seguintes rios: Cunene, Kroque, Bero, Giraul, S. Nicolau, Carunjamba, Copororo ou de S. Francisco, Catumbella, Hanha, Egito, Tapado, Quicombo, Guenga, Cuvo, Longa, Quanza, Bengo, Dande, Lifune, Honzo, Lage, Ambriche, Zilundo e Zaire.

Os mais notaveis no interior são o Lucala, Quango e Cubango.

Não cabendo na estreiteza d'este capitulo alongar muito a descripção de todos estes pontos, dão-se unicamente alguns rapidos apontamentos da sua geographia physica e politica consoante os conhecimentos praticos que temos da localidade.

A parte occidental da Africa que constitue a provincia de Angola é atravessada em toda a sua extensão de N. a S. por uma prolongada cordilheira, a qual corre mais ou menos parallela á costa atlantica, parecendo até afastar-se mais para E., exactamente no ponto em que a costa tambem recolhe um pouco n'este sentido entre Benguella e o rio Longa. É tambem n'este ponto em que a cordilheira mais se afasta para E. que o terreno parece attingir maior altura, sendo o paiz dos Ganguellas e suas vizinhas serranias que dão origem aos principaes rios conhecidos, como o Cunene, o Cubango, o Cuvo e o proprio Zaire, cujas aguas parecem ter origem no elevado paiz dos Ganguellas e no lado oriental da serra de Mozamba, assim tambem as do Quango e do Kassai ou Kassabi, restando ainda saber qual dos dois é affluente ou o originario do Zaire. Todos os outros rios que desaguam em corrente parallela á costa têem origem em varios pontos da cordilheira.

E toda esta disposição de terreno, e outras considerações de geographia physica levam naturalmente a dividir todo o territorio em tres grandes zonas, que são a zona baixa ou da costa, a zona média ou montanhosa e a zona alta ou plan'alta.

A *zona baixa,* comprehendida entre a montanhosa e o mar, é na maior parte formada de terrenos aluminosos e mui permeaveis ás aguas, não offerecendo grande aspecto de vegetação fóra das bacias dos rios que a atravessam, alguns dos quaes, grossos no interior, diminuem de tal fórma de volume, que chegam a deixar de correr sobre o solo, conser-

[1] A superficie da provincia de Angola, não cessaremos de o repetir, não está determinada, e cada escriptor adopta um ou outro calculo, chegando a apresentar differenças enormes. Não é conveniente que continue similhante confusão.

vando apenas uma corrente subterranea mais ou menos funda, que só apparece sobre o leito em tempo de chuvas.

O terreno geral n'esta zona é pouco accidentado, e as chuvas são irregulares; ainda assim dão-se n'elle soffrivelmente as plantas tuberosas e todas aquellas que não exigem grande quantidade de humidade para o seu desenvolvimento. Em muitas d'estas terras produz-se e cultiva-se o algodão, a mandioca e alguns cereaes. Dão-se varias especies de palmeiras, coqueiros, amendoeiras, espinheiros, etc., e é onde se produz a urzella em determinadas arvores caracteristicas, a qual se não dá em outra zona.

Este paiz, desde Benguella para o S., começa a ser esteril, e ainda ao S. de Mossamedes, menos cortado de rios e tendo a serra mais proxima, forma um extenso e plano areial sem especie nenhuma de vegetação, ficando-lhe aquella a uns 100 kilometros a E., cortada quasi a prumo e alterosa como um gigante, dominando o vasto oceano de areia.

Nas margens dos rios, formadas de fundas camadas de terra argillosa e fertilisadas pelas inundações, muda completamente o aspecto dos terrenos. Ali a vegetação equinoccial se ostenta magestosa com todo o vigor e viço das matas soberbas d'aquelle clima creador; e nas terras cultivadas das margens dos rios, regulada convenientemente a estação e a humidade, dá-se tudo com espantosa fertilidade.

Florentes palmeiras, laranjeiras, limoeiros, cidreiras e diversas arvores de fructos indigenas da America, vegetam ali quasi espontaneamente.

Nos terrenos menos assombrados de arvoredo cultiva-se com grande vantagem a canna de assucar, milho, feijão, ervilha, abobora, batata doce, inhames, gandos, ananazes, tabaco e toda a hortaliça, sendo a mandioca sobretudo a planta que mais occupa a assiduidade dos cultivadores.

Nas largas margens dos rios mais volumosos vegetam magestosos e densos palmares, porque esta utilissima arvore da zona torrida é aquella que mais resiste ás grandes inundações.

O Zaire, o Quanza, o Lucala, o Bengo e o Dande são tambem fertilissimos em pescado, quer nos proprios rios, quer nas grandes lagoas que communicam com o seu leito e são por elles alimentados nas enchentes.

Este pescado, que não póde ser todo consumido em fresco, fornece depois de secco uma grande parte da alimentação de muitos povos do interior, assim como a pesca nas costas do mar, que recentemente tem tomado grande desenvolvimento.

A zona media, ou a montanhosa, formada pela continuada cordilheira e suas ramificações, acha-se n'uma distancia approximada entre 100 e 150 kilometros da costa, e é incontestavelmente o paiz mais productivo do grande reino de Angola.

A sua moderna exploração em differentes pontos, depois que se comprehendeu que a agricultura nas colonias era o meio mais seguro de as desenvolver, veio descobrir uma parte dos immensos recursos que aquelle paiz é susceptivel de prestar.

Eleva-se a cordilheira em alguns pontos a muito mais de 1:000 metros acima do nivel do mar, e numerosissimas nascentes de excellente agua brotam de toda ella, formando os rios que, de menor volume, desaguam na costa.

Na parte mais baixa dá-se perfeitamente o algodão, o anil, o tabaco, a canna de assucar, todos os cereaes e legumes, e ainda as grandes matas de palmares até o 13° de latitude S.

Dá-se em toda ella o café, riquissima planta que deve de futuro vir a constituir a sua principal riqueza.

Os montes e valles estão, ainda na maior parte, cobertos de magnificas florestas, de arvores de fructo e essencias mui variadas. Diversas matas produzem a borracha e algumas gommas e resinas conhecidas, e muitos productos de outras são ainda desconhecidos.

A bananeira, com suas variadas especies, é um riquissimo alimento da população d'aquelles sitios.

As chuvas são ali regulares, começando em agosto para o S. e em setembro e outubro para o N. Os terrenos, compostos de terra muito argillosa, conservam constante humidade durante os outros mezes, tempo chamado do cacimbo, e em que um denso e humido nevoeiro pousa ordinariamente todas as manhãs sobre o arvoredo das montanhas.

As chuvas no tempo proprio são torrenciaes, e os permanentes despojos do arvoredo fertilisam bastante o terreno adjacente. Com estes combinados elementos de humidade, calor e humus, entretem-se sempre uma vegetação geral e poderosa, que faz d'aquelle paiz o mais productivo de todos.

Nas abundantes nascentes e ribeiros encontra tambem a agricultura excellentes forças para motores hydraulicos, infelizmente ainda pouco aproveitados, e tambem se encontram em varios pontos climas apropriados ás diversas especies de cultura, conforme a altura e a latitude da posição escolhida.

Ao S. de Mossamedes e a L. dos Cubaes eleva-se a serra a grande altura, dando origem aos rios Bero e Kroque, e mais ao S. é atravessada pelo Cunene, que desagua ao S. da bahia dos Tigres.

A L. de Mossamedes é muito conhecida a famosa Chella, onde ha numerosos estabelecimentos agricolas nas colonias de Bumbo, Capamgombe e Bivalla; correndo para o N. denomina-se, no concelho de Quilengues, Munda do Hambo, e d'ali parece afastar-se muito para L., dando

origem a differentes rios, e entre elles o Cuvo, se não é por elle atravessado.

O extenso paiz percorrido por este rio é pouco conhecido, mas sabe-se que é bastante fertil.

O paiz de Celles, que entesta com o concelho de Novo Redondo, é fertilissimo, e existe ali o café indigena.

Mais para o N. segue a cordilheira pelo alto Libolo, paiz tambem fertilissimo e coberto de espessas matas, até ser cortada pelo Quanza, e d'ali continua por Cazengo, Golungo Alto, Dembos e Encoge até o Zaire.

Sabe-se por experiencia que no paiz montanhoso da zona media, principalmente para o lado do N., se não dão bem os bois, os cavallos, os burros e mesmo os cães e os carneiros que não são indigenas, emquanto que se dão perfeitamente os porcos, as gallinhas, os patos, os perús, as cabras, os carneiros e os cães indigenas.

Os bois, burros e cavallos soltos no campo, principalmente no tempo das chuvas, raras vezes duram um anno. Começam por entristecer e perder a comida, emagrecem e morrem ordinariamente no fim de um mez de doença, encontrando-se-lhes o pulmão affectado e cheio de bolhas, que indicàm a alteração d'aquelle orgão.

Aos cães da Europa, excepto os de casta pequena, que nunca sáem de casa, acontece quasi o mesmo, com a differença de que a maior parte começam por cegar e pouco tempo duram depois.

Attribue a gente da terra a doença dos bois á hypothese de comerem junto com as pastagens plantas venenosas, e é citada entre ellas uma especie de ortiga brava, ali denominada caçáuçáu. Os dois seguintes factos parecem apoiar esta supposição:

1.° Os bois domesticados chamados bois-cavallos, os cavallos e os burros que vivem á mangedoura sem irem pascer livremente no campo, resistem á molestia, sobretudo conservando-os no tempo da chuva em estabulos escuros, onde não entre a mosca, que em grande quantidade os persegue n'aquella estação. Consta mais que no paiz montanhoso do Brazil, onde o gado tambem se não dá bem, os lavradores, para conseguirem conserval-o, limpam e cercam uma determinada extensão de terreno, semeiando só gramma, a qual mata toda a outra herva, e é dentro d'aquelle cerrado onde sómente deitam os animaes a pastar.

2.° Alguns d'estes animaes creados á solta chegaram a ter a molestia e ficaram quasi mortos, mas resistiram a ella por grande excepção, e viveram depois muito tempo, continuando a andar soltos, unicamente com a prevenção natural de fugirem durante os dias claros, e quando a mosca mais os persegue, para um logar escuro, e saíndo sómente de motu proprio a pascer durante a manhã ou nas tardes mais encobertas.

Temos em contrario a considerar uma outra hypothese sobre a causa da mortalidade do gado no paiz montanhoso, a qual se refere á celebre mosca chamada tsé-tsé, muito conhecida na Africa oriental, e descripta por Livingstone, e que, segundo as observações d'este viajante, mata os bois e os machos que permanecem por quinze dias dentro dos districtos por ellas habitados, poupando-lhes as crias que ainda se alimentarem a leite. Ora esta mosca, por nós conhecida, grossa, parda, de grandes azas e muito veloz, existe mais ou menos no paiz montanhoso e ainda na baixa do Lucalla, onde o mesmo Livingstone tambem a encontrou.

Á vista dos unicos dados que temos, será a tsé-tsé ou outra a causa da morte do gado, ou será o caçauçau ou outra planta venenosa que aquelles animaes (excepto o cão!) comem junto com o capim das pastagens?

Admira que os indigenas, não tendo ali podido aclimar o gado bovino, que se dá bem nas planuras de Ambaca, já fóra da cordilheira, não tenham conhecido até hoje a venenosa mosca e attribuam a mortandade do gado a uma erva venenosa. Alem d'isso é certo que a mosca não envenena com a picada, porque os homens e ainda outros muitos animaes tambem mordidos não têem outro incommodo a não ser a pequena dor que produz a sua ferroada similhante á do mosquito. Mas quem sabe se ella ataca os bois e cavallos, pela fórma por que alguns animaes da sua especie tambem os atacam em outras partes, introduzindo-se-lhes para os intestinos por alguns dos canaes conductores, com o fim natural de ir depositar, quando gravidas, os seus pequenos ovos no estomago do animal onde a natureza lhe é favoravel para a sua procreação?!

Os cães que não comem herva e o facto de se darem bem os animaes nos estabulos escuros, onde não entra a mosca, fazem um pouco inclinar para esta opinião.

A terceira zona ou a zona alta diversifica ainda muito das outras duas. N'ella o paiz deixa de ser geralmente montanhoso, prolongando-se para L. em grandes planuras, quasi todas com mais ou menos pendor para o S. ou para SOE., consoante a direcção dos maiores rios que nascem alem da cordilheira. Sendo este terreno todo elevado, predomina n'elle muito mais a influencia da temperatura, conforme as latitudes em que se acha situado.

Na Huila, por exemplo, colonia agricola, formada em meiados de 1857, dá-se o trigo e a maior parte das plantas da Europa, e ha annos em que a agua gela nos mezes de junho e julho.

Os terrenos n'esta localidade têem todos pendor para o S. e para L., com vertentes para o Cunene, que se dirige todo para SOE.

As matas em terrenos de serra acima são menos numerosas e menos

fechadas que as da cordilheira, e encontram-se a espaços extensas planuras de 30 e 40 kilometros, limpas de arvoredo, mas cobertas de excellentes pastagens, naturalmente destinadas á creação de enormes rebanhos de gado bovino, que n'aquelles campos se dá perfeitamente, riqueza esta que julgâmos de grande alcance para o futuro de Angola.

Não é raro avistar ao longe, n'aquellas immensas campinas, grandes manadas de zebras e outros animaes, que de pescoço levantado observam o viajante a uma respeitosa distancia, tal que se julgam seguros da sua aggressão e da do leão, do qual são caça favorita, mas que ali não encontra matas para as atacar de surpreza.

O elephante e o rhinoceronte são frequentissimos para o S., onde os indigenas lhe dão caça para lhes aproveitar a carne, a gordura e as pontas.

O abestruz africano vive na margem esquerda do Cunene. Nas aguas d'este rio e em suas lagoas abunda o hypopotamo e uma casta de jacarés muito maiores do que todos os que vimos nos outros rios, assim como bastante pescado e variedade de aves aquaticas, algumas de grande porte.

O viajante que por ali divagar armado de espingarda e um anzol, não tem receio de lhe faltar caça e pesca em abundancia.

As extensissimas margens do Cunene, cobertas ora de matas ora de verdes campinas, alimentam numerosos rebanhos de gado vaccum, riqueza principal de todos os povos do S. d'esta região. Tambem cultivam com vantagem o sorgho ou massamballa-massango, e milho, que reduzem a farinha para lhes servir de pão, ou os fermentam em bebidas, algumas das quaes se assimilham á cerveja; e, alem de algum tabaco, a pouco mais se reduzem as suas culturas.

Para o N. o clima mais quente favorece as culturas das zonas equinocciaes.

Dá-se bem e produz ali o arroz, ginguba, batata, inhame, algodão, canna de assucar, tabaco, gingibre, gergelim, bananeira e grande quantidade de fructas silvestres e algumas cultivadas.

É sobre tudo fertilissima no reino animal em consequencia das bellas campinas cobertas de excellentes pastagens, e por isso os animaes silvestres e os domesticos abundam ou se criam n'aquellas paragens com a mais pronunciada vantagem.

Tendo dado uma idéa approximada de cada uma das tres zonas em que se julga dividido o paiz comprehendido na provincia de Angola, póde esta resumir-se da seguinte fórma:

A zona baixa ou do litoral, a mais pobre em animaes e vegetação, sómente se pronuncia fertil nas margens dos rios que a atravessam.

A zona media ou montanhosa, a mais fertil de todas, distingue-se pela

luxuriante vegetação das matas, fresquidão e abundancia de aguas, e pela riqueza de todos os productos vegetaes.

A zona alta ou plan'alta, sem deixar de ser fertil e abundante de aguas e productora de uteis e variados fructos, distingue-se no emtanto pela extrema riqueza no reino animal, que a natureza prodiga em grau elevado lhe concedeu.

Com relação á exploração agricola classificam-se ainda as tres zonas da seguinte fórma:

A primeira é destinada nas margens dos rios á cultura de cereaes, plantas tuberculosas, fructos e palmares, etc.

A segunda para todas as variadas plantas dos climas intertropicaes, riqueza de matas ainda não aproveitadas, mas sobre tudo riquissima para a cultura do café.

A terceira, com climas variados para todas as culturas e a mais rica para a creação de gados de toda a especie.

Habitantes.—Os povos que habitam a provincia de Angola, sujeitos ao dominio de Portugal, vivem governados por leis portuguezas, e possuem mesmo costumes nacionaes ligados ao seu viver pela religião catholica, que desde remotas eras foi espalhada pelos frades até muito ao interior da provincia.

O povo de Ambaca ou Pongo-Andongo, por exemplo, que é inclinado ao commercio, o qual exerce em differentes pontos muito afastados da sua terra, aprende a ler, escrever e doutrina christã, e transmitte a seus filhos o mesmo ensino, de sorte que não é raro ver um ambaquista longe da sua terra citar com exactidão um dia santificado, ou pegar na penna e no tinteiro, que sempre traz comsigo, e fazer um requerimento a qualquer auctoridade para allegar de sua justiça quando se julga offendido nos seus direitos. Muitos conhecem, aindaque imperfeitamente, algumas artes e officios, como as de sangrador, curandeiro, ferreiro, carpinteiro, pedreiro, alfaiate, sapateiro, cortidor e oleiro; tecem algodões e outras fibras, fundem o ferro nativo para fazer obra, e finalmente todos trabalham mais ou menos na agricultura, já para a propria alimentação, já para trocarem os productos por outros artigos da Europa de que fazem uso e que não sabem fabricar. Á medida, porém, que se approximam dos povos independentes, mais predominam os costumes gentilicos, que mais ou menos sobresáem em todos os actos da sua vida, mas o germen de civilisação portugueza tende a espalhar-se pelos povos mais afastados.

Respeitando a legislação portugueza, não exercem a lei da escravidão, e não só se não escravisam entre si, mas ainda todos aquelles que mais proximos vivem do seu contacto. Admittem, porém, os escravos vindos dos povos gentilicos do interior da Africa, onde a escravidão é uma lei

ligada intimamente aos costumes, mas recebem-nos e tratam-nos como familia, com a qual mesmo os ligam em casamento, considerando sempre como riqueza o augmento da familia.

Volvendo a vista um pouco atrás para considerar èstes povos mais na sua origem ou antes da dominação portugueza, e dando alguma importancia aos dialectos que hoje fallam, e aos habitos de cada povo, podem estes dividir-se da seguinte fórma:

Raça congões.—A raça congões domina a bacia do rio Zaire provavelmente até o Loge ou Ambriche; consta que das bandas de alem norte d'este rio veiu em antigos tempos uma colonia de pretos subditos do Congo, os quaes se situaram nos Dembos, sendo provavel que estes pequenos regulos, independentes do rei da Ginga, tenham origem n'essa antiga emigração.

Cultivam e exportam amendoim ou ginguba, com cujo oleo misturado com tacula untam o corpo muitas vezes; tecem tambem uma palha muito fina, com a qual fazem os pannos chamados mabellas.

Admittem a escravidão, e no tempo d'este odioso trafico exportavam muitos escravos. Têem todos o habito de limarem os dois dentes incisivos da frente de fórma a tornal-os ponteagudos. É este costume entre elles um signal de distincção, que não é permittido aos escravos.

Suicidam-se muitas vezes em presença de uma grande contrariedade, e são geralmente estupidos, traiçoeiros e maus.

Raça Angola.—Pertence esta raça ao poderoso rei da Ginga ou rainha Ginga. Ha similhança de lingua e costumes em todo o territorio das bacias do Quanza, Bengo e Dando. Tiveram dominio até Loanda, onde a celebre rainha Ginga se baptisou e tratou umas pazes que mais tarde não cumpriu, sendo depois vencida; abrange a parte mais civilisada de toda a provincia, da qual se compõe o maior numero dos concelhos occupados. Dedicam-se á agricultura e á creação de animaes, que possuem com muita fartura e barateza, e exercem varias industrias, para as quaes mostram elevada aptidão por imitarem tudo quanto vêem, faltando-lhes por emquanto o ensino profissional; entregam-se tambem muito ao commercio, que os leva a transitar por varias terras; são entretanto de um caracter mais traiçoeiro e falso do que o dos povos do S.; a agricultura e a creação de animaes é o seu emprego mais trivial.

Raça Benguella.—Desconhecemos a origem d'esta raça, a qual póde ter relação com o principio de um grande povo em tempos mais remotos, por ter o dialecto que ali se falla muita similhança com o de todos os povos que habitam a vasta bacia do rio Cubo até tocar a do Quanza para o N., e estendendo-se para S. até Quilengues, abrangendo portanto todos os povos do Nano, Bailundo, Bihé e Hambo. Governados por pe-

quenos regulos, vivem mais ou menos ligados entre si. Dedicam-se especialmente ao negocio, com o qual percorrem centos de kilometros, e têem creações de gado; são os mais guerreiros de todos, e fazem por vezes vida da guerra. Ordinariamente de dois ou de tres em tres annos, e no tempo proprio, que é aquelle em que ha mantimentos na terra, levantam uma guerra, ou por outra uma grande quadrilha de 20:000 e 30:000 homens, bem armados de espingardas, e assaltam assim os povos mais fracos e desprevenidos, seja porque para isso são convidados por outros povos que têem conveniencia em guerrear os seus inimigos, seja mesmo com o fim de rapina, que sempre exercem sobre os atacados. O destino d'estas guerras é sempre ignorado até dos proprios chefes, que depois do primeiro dia de marcha se dirigem a um ou outro ponto, conforme as circumstancias, que influem até ao fim no destino que deva ter a execução.

Dirigem a guerra para o N. ou para o S., mas para o S. é que frequentemente se encaminham, guiados pela cobiça dos numerosos rebanhos; é de advertir que não são ferozes e raras vezes matam. Os povos atacados, desprevenidos como estão, raras vezes resistem e apenas fogem, os que podem, com seus gados para sitios desconhecidos dos inimigos.

Raça munheca e muhumbe. — Estes povos, habitando a bacia do Cunene e seus affluentes até Quilengues, estão agrupados em tribus importantes de 50:000 almas e mais.

Possuem numerosos rebanhos de gado vaccum e cultivam o sorgho ou massamballa, o massango e o milho para alimento ordinario, mas o leite de vacca é o seu mais usual alimento; têem caça e pesca em abundancia, mas fazem d'ella pouco uso. São generosos, doceis e aceiados, tres qualidades rarissimas em outras tribus. Parecem ter origem em Quilengues, porque ainda hoje ha ali uma familia chamada de Hambas (nobreza ou principes de sangue) que é quem fornece regulos para qualquer povo do S., quando a este falte a dynastia reinante. As suas leis de successão, quasi geraes entre todos os povos, são pelo sobrinho materno e nunca pelo filho.

Raça mondombe. — Esta raça de pretos, chamados geralmente mondombes, mocuandos, mocuissos e mokroques, nomes que parecem designar as torrentes ou pequenos rios de beiramar, junto dos quaes elles vivem, habitam todos na zona baixa situada ao S. de Benguella até ao rio Kroque, e a O. da cordilheira de Quilengues e sua continuação com o nome de Chella até os Cubaes. Habita esta miseravel gente o paiz mais esteril de toda a provincia. Differem muito de todos os outros povos do interior na lingua e nos costumes, apesar de estarem separados d'elles sómente pela serra.

quenos regulos, vivem mais ou menos ligados entre si. Dedicam-se especialmente ao negocio, com o qual percorrem centos de kilometros, e têem creações de gado; são os mais guerreiros de todos, e fazem por vezes vida da guerra. Ordinariamente de dois ou de tres em tres annos, e no tempo proprio, que é aquelle em que ha mantimentos na terra, levantam uma guerra, ou por outra uma grande quadrilha de 20:000 e 30:000 homens, bem armados de espingardas, e assaltam assim os povos mais fracos e desprevenidos, seja porque para isso são convidados por outros povos que têem conveniencia em guerrear os seus inimigos, seja mesmo com o fim de rapina, que sempre exercem sobre os atacados. O destino d'estas guerras é sempre ignorado até dos proprios chefes, que depois do primeiro dia de marcha se dirigem a um ou outro ponto, conforme as circumstancias, que influem até ao fim no destino que deva ter a execução.

Dirigem a guerra para o N. ou para o S., mas para o S. é que frequentemente se encaminham, guiados pela cobiça dos numerosos rebanhos; é de advertir que não são ferozes e raras vezes matam. Os povos atacados, desprevenidos como estão, raras vezes resistem e apenas fogem, os que podem, com seus gados para sitios desconhecidos dos inimigos.

Raça munheca e muhumbe. — Estes povos, habitando a bacia do Cunene e seus affluentes até Quilengues, estão agrupados em tribus importantes de 50:000 almas e mais.

Possuem numerosos rebanhos de gado vaccum e cultivam o sorgho ou massamballa, o massango e o milho para alimento ordinario, mas o leite de vacca é o seu mais usual alimento; têem caça e pesca em abundancia, mas fazem d'ella pouco uso. São generosos, doceis e aceiados, tres qualidades rarissimas em outras tribus. Parecem ter origem em Quilengues, porque ainda hoje ha ali uma familia chamada de Hambas (nobreza ou principes de sangue) que é quem fornece regulos para qualquer povo do S., quando a este falte a dynastia reinante. As suas leis de successão, quasi geraes entre todos os povos, são pelo sobrinho materno e nunca pelo filho.

Raça mondombe. — Esta raça de pretos, chamados geralmente mondombes, mocuandos, mocuissos e mokroques, nomes que parecem designar as torrentes ou pequenos rios de beiramar, junto dos quaes elles vivem, habitam todos na zona baixa situada ao S. de Benguella até ao rio Kroque, e a O. da cordilheira de Quilengues e sua continuação com o nome de Chella até os Cubaes. Habita esta miseravel gente o paiz mais esteril de toda a provincia. Differem muito de todos os outros povos do interior na lingua e nos costumes, apesar de estarem separados d'elles sómente pela serra.

Vista de uma parte da cidade, do lado do porto, entre a praia da Alfandega até a praia de S. João

São geralmente mandriões e porcos, e mais ou menos nomadas. Vivem do leite dos poucos gados que possuem, ou pescam nas praias o indispensavel para comer e não morrer. As mulheres nunca se lavam e untam-se a miudo com manteiga e taculla, ou aromatisam-se com uma raiz bem pouco cheirosa. Vestem alguns couros cortidos por elles, ficando, tanto os homens como as mulheres, mais nús do que vestidos.

Consideram deshonra o trabalho, e cultivam apenas algum tabaco para fumar e pouco mais, cousa que não dê fadiga nem cuidado. Habitam em miseraveis choças, e têem as suas ridiculas povoações em logares proximos de algum rio ou torrente, onde haja agua e possam crear bois ou carneiros.

Estas mesmas povoações são poucas e afastadas umas das outras por 50 e mais kilometros, e raras são as que excedem a cem ou duzentas familias.

Nomadas dentro do seu territorio, raras vezes sáem e não se ligam com algum outro povo.

São fracos e pouco propensos a guerras com os demais povos. É quasi desconhecida a sua origem em relação aos outros habitantes da Africa.

Agricultura.—O desenvolvimento da agricultura que possue a provincia de Angola data approximadamente de 1837 para cá. Até essa epocha limitava-se unicamente aos chamados arimos, que ainda hoje se conservam quasi no mesmo estado em que até então existiam, especialmente nas margens do Bengo, que é o rio mais proximo da capital, e nas do Dande, Quanza e Capararo, ou no Dombe Grande.

Esta agricultura limitava-se aos productos farinaceos e leguminosos para consumo da população, avultando entre elles a farinha de mandioca, que tambem affluia ás grandes povoações, proveniente da zona alto-plana, onde esta planta se dá perfeitamente. Alguma hortaliça e fructa completavam as demais producções dos arimos.

Acontecia o mesmo nos concelhos do interior, onde a agricultura fornecia em mais ou menos abundancia os generos consumiveis na mesma localidade.

Angola era então farta, mas não exportava senão os productos naturaes de marfim ou cera, que os pretos traziam ao mercado para trocar por fazendas e outros artefactos que mais apreciavam.

Em 1837 aportou a Angola, vindo do Brazil, um homem, a quem a agricultura do N. da provincia deve o seu primeiro desenvolvimento.

Era João Guilherme Pereira Barbosa, que tendo vivido alguns annos n'aquelle imperio, veio para Angola, com o proposito de se dedicar a alguns dos ramos agricolas, que ali tinha visto prosperar, e sobretudo o café.

Passado pouco tempo foi estabelecer-se em Massangano, que era a

villa mais importante do interior, e de lá seguiu para uma das suas divisões, occupando-se na compra de productos espontaneos, e examinando os terrenos e a sua immensa fertilidade.

Na divisão em que estava de Cazengo, que pertencia a Massangano, e hoje Cazengo, encontrou algum café indigena, que mandou para Loanda em pequenas quantidades, pagando e incitando os pretos a apanhar-lh'o.

Logoque verificou a existencia e qualidade do café n'aquellas matas, auxiliado sempre pelo nunca esquecido, então governador geral de Angola, Pedro Alexandrino da Cunha, requereu ao governo de Sua Magestade a Rainha D. Maria II a concessão, por sesmaria, de 50 kilometros quadrados de terreno.

Prevendo tambem o desenvolvimento d'aquella cultura no paiz montanhoso que se acha afastado de Massangano e em condições diversas do paiz da zona baixa, pediu e obteve do governo central a formação de um novo concelho, o de Cazengo, o qual se compoz da divisão que já pertencia a Massangano, de uma parte do Golungo Alto e de outra de Ambaca.

Incansavel no desenvolvimento da cultura do café n'um paiz quasi virgem para a agricultura, fez João Guilherme abrir algumas estradas, tanto na sua propriedade como em outros pontos do concelho, do qual foi o fundador, e nomeado pelo governo seu primeiro chefe, conseguindo sempre manter as melhores relações com os indigenas, de quem foi constantemente estimado e respeitado.

Em 17 de outubro de 1845, dava este prestavel cidadão ao governador geral da provincia uma extensa noticia do estado da agricultura do café da sua propriedade, e mencionava a esperança que tinha de colher n'aquelle anno mais de 10:000 kilogrammas; por cujos serviços e perseverança, empregada n'aquelle novo ramo de agricultura; foi, por decreto de 11 de agosto do mesmo anno, agraciado com o habito de Nossa Senhora da Conceição.

Falleceu poucos mezes depois este incansavel agricultor, mas os seus esforços e trabalhos não foram inuteis, porque o exemplo serviu de estimulo a outros que n'essa epocha começaram a emprehender a cultura do café, e entre elles João Antonio Gomes Pereira, que lhe seguiu as pizadas.

Não tomou logo a cultura d'esta rica planta o desenvolvimento que era para desejar, por ser quasi desconhecida e estar ainda pouco ou nada desenvolvido o espirito pela exploração agricola em Africa, e portanto não affluiram para ella os capitaes necessarios, tendo de correr por muito tempo com os proprios recursos, que são sempre morosos n'aquella variedade de agricultura, e por levarem as plantações muitos annos a desenvolver-se.

Por estas rasões, dez annos depois, ou em 1856, a colonia de Cazen-

go, que então já contava bastantes cultivadores, produzia approximadamente 300:000 kilogrammas de café, para mais tarde ser elevada á producção de 2.700:000.

Em 1849 aportou a Mossamedes a primeira colonia vinda do Brazil, com destino á agricultura, e da qual foi chefe promotor Bernardino Freire de Figueiredo Abreu e Castro. Esta colonia, reforçada por outra que chegou no anno seguinte, compunha-se de perto de duzentas familias, que o governo subsidiou e auxiliou no que pôde, devendo muito ao benemerito marquez de Sá.

A colonia no emtanto foi infeliz nos primeiros tres annos, porque durante este tempo teve de luctar com secca e com todos os inconvenientes da inexperiencia d'esses nadas que tudo valem na agricultura, como são o conhecimento do clima, dos terrenos, das estações e da qualidade e especialidade das culturas, e sobretudo a nenhuma experiencia dos colonos, que poucos eram os que tinham luzes theoricas ou praticas da vida a que se dedicavam.

Por isso aquella gente estava no fim de tres annos tão dizimada, que mais de dois terços tinham retirado de Mossamedes, ou se empregavam em misteres differentes dos que os que ali os levára.

Passado este periodo veiu a inundação do Bero a Mossamedes, e deixou os terrenos aptos para produzir.

Os primeiros colonos que os cultivaram tiraram bom fructo dos seus trabalhos.

A hortaliça e a batata dava-se ali excellentemente, e o paiz tinha muita carne de vacca e abundancia de peixe, tudo barato. A industria da pesca era já de valia, e a cultura da batata muito rendosa e bem vendida, o que suppria em grande parte as necessidades dos cultivadores. Começava então a desenvolver-se n'essa epocha, 1852, a apanha da urzela no paiz do litoral, ao S. de Benguella.

A descrença na proficuidade da nova agricultura era ainda geral, tanto que os habitantes de Benguella e Loanda apostrophavam os de Mossamedes de batateiros, descrendo em tudo da agricultura, a qual, debil como era, se limitava a Mossamedes e Cazengo, e ao principio de uma fazenda de canna de assucar no Icollo e Bengo, mandada fundar por D. Anna Joaquina dos Santos Silva.

Grande parte das auctoridades da provincia eram as primeiras a não acreditar no novo desenvolvimento da agricultura, apesar de ser esta muito recommendada pelo governo da metropole, em que teve grande parte o illustre marquez de Sá, enthusiasta, como sempre foi, por este desenvolvimento.

Os terrenos das margens do rio Bero e Giraul, limitando a uma pe-

quena área a agricultura da colonia, e não sendo de primeira qualidade, por precisarem de regas, cujo emprego não estava praticamente estudado, não davam horisonte a largo desenvolvimento.

Começaram, portanto, a voltar-se as attenções para as terras do interior e abas da serra da Chella, e montou-se no Bumbo a primeira fazenda de canna de assucar; o clima, porém, doentio como todos os d'estes pontos, afastava a colonisação.

Propugnador activo do desenvolvimento agricola em Mossamedes, apparece n'esta epocha um homem, que não resistimos ao desejo de nomear, Angelo de Sousa Prado, de quem aliás os valiosos esforços tiveram de ceder á desanimação e descrença geral que então ainda avassallava o espirito publico colonial.

Assim foi caminhando desanimada e lentamente a agricultura em Angola até ás proximidades de 1858, epocha em que começou a fallar-se na cultura do algodão, em virtude dos projectos de uma companhia estrangeira que quiz ali estabelecer aquella cultura, o que foi incentivo para alguns colonos se dedicarem tambem a ella.

Manuel José Correia, de Benguella, foi dos primeiros que cultivou o algodão no Carunjamba e em S. Nicolau, pontos intermedios entre Benguella e Mossamedes, então muito explorados pelas feitorias de apanha de urzela.

O negocio da escravatura, como contrabando sempre mal visto na metropole, começava tambem a sêl-o na colonia, e era alem d'isso arriscado para os que n'elle se mettiam.

As vistas até então attentas para alem-mar, começavam a volver para a terra e para a agricultura, e esta a ser vista com melhores olhos.

Prosperavam as fazendas de S. Thomé e Principe. Cazengo lá se ia augmentando, e Mossamedes, alem das batatas que vendia aos baleeiros americanos, e da sua prospera industria da pesca, já produzia igualmente aguardente e assucar.

A apanha da urzela tinha deixado tambem alguns contos de réis na provincia, para compensar as perdas do extincto negocio da escravatura.

Apparecia n'aquelle anno a navegação a vapor para a Africa, e do meio d'esta primeira animação fundaram-se novas fazendas agricolas em Mossamedes, S. Nicolau, Carunjamba, Equimina, Luacho, Novo Redondo, Quicombo, Benguella Velha, Valle do Bengo, Ambriz, Bembe e a nova colonia de Capangombe.

A cultura do algodão animou-se então bastante com o bom preço d'aquelle producto.

Iniciou-se em Mossamedes o systema da irrigação dos campos, o que

deu grande vida a toda a especie de cultura, desenvolvendo muito a da canna do assucar.

A cultura do café foi do mesmo modo mostrando os seus lentos, mas solidos resultados.

Alguns negociantes de Benguella e Loanda, que poucos annos antes chamavam aos agricultores batateiros, eram já os proprios que se dedicavam á agricultura, e muitos d'estes têem hoje n'ella o seu principal emprego.

Do concurso geral de todos estes meios de producção, animados pela navegação a vapor entre Portugal e a colonia, nasceu a nova epocha agricola de Angola; mais tarde, com a creação do banco nacional ultramarino, e depois a navegação a vapor no Quanza, prosperaram muito mais, pela regularidade que o banco deu ao credito que tão indispensavel era na provincia, e pela facilidade que as carreiras de vapor deram aos transportes do interior a L. de Loanda, creando um novo e prospero centro de commercio na villa do Dondo.

A cultura do café, da canna saccharina e do algodão são hoje as mais desenvolvidas como meios de exploração agricola; a dos cereaes, legumes, fructas e hortaliças, de que em geral ha fartura, faz-se em toda a parte e permuta-se para uso da população.

As duas colonias primeiramente fundadas, a de Cazengo e a de Mossamedes, são hoje tambem as mais desenvolvidas e as que mais productos exportam, caminhando as de mais recente data igualmente em via de prosperidade.

Golungo Alto, vizinho e em tudo similhante de Cazengo, tem-lhe seguido o exemplo, e póde dizer-se que constituem ambos uma só colonia com as mesmas producções, vantagens e necessidades[1].

Se a agricultura n'esta colonia, como em muitos outros pontos, se não desenvolve mais rapidamente é porque vive quasi dos proprios recursos, resentindo-se da falta de capitaes. A recente crise, filha da alteração no estado dos trabalhadores, activada pelas ultimas seccas, tendo retrahido o credito, que d'antes já não era largo, affectou bastante, ha dois annos para cá, a sua crescente prosperidade. É, porém, de suppor que essas causas accidentaes terminem brevemente.

Ha bastantes propriedades que, vivendo assim dos proprios recursos, muito se têem desenvolvido n'estes ultimos annos, e apresentam hoje con-

[1] Esta colonia conta hoje meia duzia de propriedades importantes, que devem já produzir annualmente entre 1.500:000 e 3.000:000 kilogrammas de café, e algumas duzias de outras mais pequenas, nas quaes o desenvolvimento é já conhecido pelas suas largas plantações.

dições de melhoramentos que lhe dão á solidez da prosperidade futura. Em muitas d'ellas ha já magnificas ruas bem arborisadas, pomares de variados fructos indigenas e da America, onde tambem se aclimam bastantes fructas e flores da Europa, assim como obras hydraulicas e machinas diversas applicadas á exploração agricola, edificios importantes para habitação, armazens e officinas para todo o trafego agricola.

A propriedade denominada «Colonia S. João», instituida por João Guilherme, que foi tambem o fundador d'aquella agricultura, tem um vasto edificio, na maior parte já construido, o qual assenta sobre um monte que se eleva no meio do valle que a constitue; é feito de pedra e cal e coberto de telha; tem de extensão a frente que olha para o N. 43^{m},54, a qual está ainda por concluir; mede pelo lado do nascente, que é o que representa a gravura[1], 50^{m},25, tendo sobre o portão d'esta fachada um campanario com dois sinos, um dos quaes faz parte do relogio, que ali se avista; no lado do S. tem uns 30 metros, e no do poente, ainda em construcção, uma área igual á do lado opposto, o que tudo perfaz uma extensão de 174^{m},4.

A maior parte d'esta vasta vivenda compõe-se de um primeiro andar de quatro faces, com espaçosas lojas que servem de armazens e officinas para o lado de fóra. Em frente dos armazens ha uma serie de terreiros ou eiras destinados para a secca do café e aformoseamento do edificio; e no meio das edificações, no plano do primeiro andar, existe um magnifico terreiro arborisado com que communicam as diversas casas de habitação, e no qual, apesar do seu plano elevado, ha agua encanada, vinda da montanha proxima e que se eleva com uma carga de 25 metros e n'uma extensão de mais de 500.

A propriedade geral tem mais cinco povoações alem da que descrevemos e que é a principal, e mede 10 kilometros quadrados de terreno, todo montanhoso, fertil e cheio de nascentes de bella agua, as quaes convergem á ribeira Hubeje, que forma o valle da propriedade[2].

Em 1872 produziu esta fazenda approximadamente 160:000 kilogrammas de café.

Uma das principaes propriedades da colonia é a fazenda denominada Prototypo. Possue extensas plantações de café, e tem ainda, como quasi todas as outras, muitos matos para rotear, proprios para aquella cultura. Uma pequena machina de vapor faz ali o descasque e limpeza do café co-

[1] Copia de uma photographia tirada em 1873. Veja-se a gravura que tem a seguinte designação: *Colonia S. João. Vista da habitação do lado oriental.*

[2] A 500 metros da habitação principal ha um bonito lago formado por duas poderosas nascentes, e do qual segue uma agradavel rua até a habitação principal, como se póde fazer idéa, observando a gravura, que tem a seguinte designação: *Rua de mangueiras e jamboeiros na fazenda S. João, em Angola.*

lhido. Tem bellos pomares, um lago artificial para creação de peixes, e uma rua de palmeiras de cuja regularidade e symetria se póde fazer idéa á vista da gravura que ajuntâmos[1]. É a copia de uma photographia tirada em 1876.

A fazenda Palmira, tambem uma das melhores da colonia, apresenta bastantes melhoramentos.

Possue um excellente predio de habitação com todas as officinas e armazens bem construidos para grande trafego agricola, tendo igualmente agua encanada nos seus vastos terreiros. Ha ali magnificas ruas arborisadas, e é talvez a que tem melhores pomares de laranja, limão, cidra, soberbas mangueiras, jamboeiros, coleiras, tamarindeiros, fructas do conde, de pinha, cajueiros e outras muitas arvores indigenas, todas alinhadas e cultivadas.

A fazenda Monte Alegre, no Golungo Alto, está hoje muito desenvolvida e possue grandes elementos de prosperidade.

Ha ainda mais outras em condições analogas pertencentes a europeus, avultando tambem muito a pequena cultura do povo indigena.

A producção de café n'esta colonia, em 1871, devia orçar por 200:000 kilogrammas, apesar de se não poder bem precisar por falta de dados estatisticos.

Uma grande parte d'esta producção acode á povoação chamada Casulo, onde é objecto de um commercio consideravel.

É n'aquella povoação, composta de uns cincoenta europeus e muitos indigenas, que reside a auctoridade administrativa do concelho de Cazengo. Possue alguns predios soffriveis e uma pequena igreja da invocação de S. João Baptista de Cazengo, a qual serve de freguezia do concelho.

A colonia em geral espera sómente a abertura de uma rapida via de communicação, como é a via ferrea projectada, para poder elevar-se e constituir toda a sua importancia natural com um rendimento superior áquelle que hoje possue toda a provincia. Para isso basta considerar que do nada se elevou ella ao que hoje é, no espaço de trinta annos, com diminutissimo capital e sem auxilio nenhum estranho; acrescendo ainda, que os seus valiosos productos fazem de despeza quasi um quarto do seu valor para se poderem collocar no primeiro porto de mar, e que a reducção d'essa despeza, junta á regularidade do transporte, seria toda convertida em lucro e animação desenvolvente para o cultivador.

Ambaca, a E. da colonia de Cazengo, cultiva muita ginguba, batata e arroz.

[1] Veja-se a gravura que tem a designação: *Rua das Palmeiras na fazenda Prototypo.*

Os concelhos de Duque de Bragança, Malange e Pungo Andongo exportam gados, e tambem têem excellentes terras para agricultura, mas pouco exportam, porque grande parte dos productos que ali se cultivam servem sómente para o consumo interno, havendo alguns que muito conviria agricultar; morrem porém todas as tentativas em presença das difficuldades e dos enormes gastos de transporte, que matam todo o commercio d'aquellas paragens que não tenha um valor muito elevado em relação ao seu peso. Assim os productos que d'ali acodem ao mercado são gado, cera, marfim e borracha.

Á villa de Dondo, ponto extremo da navegação do Quanza, é onde vão todos estes productos, tanto da colonia de Cazengo como do interior.

Esta villa, já muito importante, é objecto de um consideravel commercio de transito. A gravura que ajuntâmos mostra uma parte da povoação que fica na margem esquerda do rio mais pittoresco de Loanda[1].

A navegação a vapor no rio Quanza é o unico meio que ainda auxilia um pouco a vida productora dos concelhos de E.; porém estando os mais productivos afastados do rio por uma distancia de 75 a 100 kilometros, dão-se innumeraveis difficuldades no transporte até á via fluvial, alem d'aquellas que apresenta a mesma via, pelas suas interrupções annuaes no tempo das seccas, passagem da barra e outros obstaculos, o que tudo faz com que ainda affluam á cidade muitos productos pela via terrestre, com enormes difficuldades e grande dispendio.

Apesar de todas essas contrariedades, a via fluvial do Quanza apresenta um movimento de alguma importancia, porque no anno de 1871, que não foi ainda dos melhores, já se exportaram por esta via valiosos productos.

Mappa dos productos que foram transportados pela navegação do rio Quanza para Loanda (Abril de 1871 a 31 de março de 1872)

Generos	Unidades	Quantidades[2]	Preço	Importancias
Café	Arrobas	63:573	3$800	241:577$400
Ginguba	»	381:746	$700	267:222$200
Coconote	»	61:257	$500	30:628$500
				539:428$100

[1] Veja-se a gravura: *Vista da villa do Dondo, na margem direita do rio Quanza.*

[2] As quantidades referidas n'este mappa não estão reduzidas á medida legal em consequencia da difficuldade de approximar o preço relativo a esta com o da unidade adoptada na provincia de Angola.

Generos	Unidades	Quantidades	Preço	Importancias
Transporte......	-	-	-	539:428$100
Mamona..................	Arrobas	674	$500	337$000
Gomma	»	2:080	5$000	10:400$000
Borracha................	»	7:502 ½	10$500	78:776$250
Algodão.................	»	13:673	4$000	54:692$000
Arroz...................	»	68 ½	1$100	75$350
Batatas.................	»	96 ½	$600	57$900
Farinha de mandioca......	»	11:469	1$000	11:469$000
Feijão..................	»	1:229	$800	983$200
Milho...................	»	1:242	$500	621$000
Urzela..................	»	68	1$500	102$000
Liconde.................	»	513	$350	179$550
Marfim..................	»	869	60$000	52:140$000
Cera....................	»	19:431 ½	8$100	157:395$150
Couros..................	»	153	$300	45$900
Tabaco..................	»	12 ½	1$800	22$500
Fio de algodão	Maçarocas	2:606	$060	156$360
Aguardente..............	Pipa	1	80$000	80$000
Tábuas..................	Volumes	117	$600	70$200
Toros...................	»	19	$800	15$200
Oleo de palma...........	Toneis	388	80$000	31:040$000
	Pipas	3:418	55$000	187:990$000
	Barris	3	20$000	60$000
				1.126:136$660

Já se vê que não entram aqui os productos da pequena navegação do Quanza, nem os do movimento das vias terrestres, que se não mencionam por falta da respectiva estatistica, avultando entre elles toda a qualidade de animaes em que as regiões de L. são fertilissimas; e tambem se não mencionam os generos consumidos nos diversos concelhos e mais pontos afastados do interior, entre os quaes merece especial menção a aguardente.

As margens do Luinha, as do Lucala, uma parte das do Quanza, e as do Bengo e Dande são excellentes para a cultura da canna de assucar, e em todas ellas ha plantações e algumas fazendas bem montadas.

Em Malange tambem se cultiva a canna saccharina.

As margens do Lucala, excellentes para esta cultura, n'uma extensão

de 35 kilometros desde Oeiras até Massangano, são de uma belleza deslumbrante; fertilisadas annualmente pelas inundações do rio e cobertas na maior parte de frondosissimo arvoredo deixam ver, misturado com essa soberba vegetação, milhares de arvores de variados fructos, e entre ellas soberbas laranjeiras, que dão a mais saborosa laranja da provincia. Estes terrenos são geralmente propriedade dos naturaes de Massangano, e ha apenas ali uma fazenda de canna e fabrico de aguardente onde está montada uma machina a vapor.

O Quanza possue tambem margens extensissimas e ferteis n'uma extensão de 200 kilometros, desde a villa do Dondo até á foz, mas a agricultura não tem ali tomado o incremento que se manifesta em outras partes pelas difficuldades que lhe oppõe o regimen especial das volumosas aguas. Os pretos cultivam alguns cereaes e legumes, porque as terras são fertilissimas sempre que podem conservar um meio termo entre as seccas e os alagos. A maior parte, porém, das melhores terras são invadidas annualmente pelas grandes inundações, á falta de defezas proprias, que aliás seriam muito dispendiosas, e a outra está quasi sempre submergida pelas aguas, formando amplas lagoas.

Ás maiores inundações periodicas poucas plantas resistem a não ser a palmeira, da qual se vêem extensos bosques que formam a riqueza importante dos povos da localidade.

O sr. Feliciano da Silva Oliveira montou ha poucos annos uma grande propriedade de canna e fabrico de aguardente, no sitio denominado Bom Jesus, para a qual teve de fazer um dique ou defeza contra o rio, conseguindo extinguir a lagoa, e plantando canna nas terras descobertas pela agua, que são assim de uma fertilidade espantosa.

Esta defeza, similhante a outras a que na provincia se chamam bongues, é feita de terra, elevando-se parallela ao rio e com altura sufficiente para defender a invasão das aguas, mas custou ao proprietario algumas dezenas de contos de réis; assim mesmo já uma vez foi arrombada pelo rio e de novo reedificada.

Esta propriedade possue hoje largas plantações, tem todos os laboratorios bem montados e uma machina de vapor para os trabalhos da moagem. Calculam-se as colheitas annuaes em mais de 210:000 litros de aguardente.

As casas de habitação são edificadas junto á margem direita do rio Quanza, como se mostra na gravura que ajuntâmos[1].

Nas margens do Bengo, Dande e Ambriz tambem ha importantes

[1] Veja-se a gravura que tem a seguinte designação: *Fazenda Bom Jesus, na margem do rio Quanza.*

propriedades de cultura de canna e fabrico de aguardente, e algumas d'ellas possuem bons motores de vapor.

A cidade de Loanda[1], capital da provincia, é o centro do maior movimento de todas estas producções.

Partindo para o S. da provincia ha em varios pontos muitas fazendas de canna e algodão, podendo citar-se Quicombo, Catumbella e Lucula no rio de S. Francisco, Carunjamba e S. Nicolau. Algumas d'ellas estão montadas em ponto grande e com boas machinas motoras para os differentes misteres da lavoura.

Finalmente o districto de Mossamedes, composto da bella colonia agricola que em 1849 e 1850 ali se estabeleceu, é de todos os pontos aquelle onde a raça branca mais prospera e mais vive conforme os habitos da Europa.

A cultura da canna, o fabrico da aguardente e mesmo de algum assucar, são a principal producção d'esta colonia.

Todos os terrenos aproveitaveis das margens do Bero e Giraul estão bem agricultados por grande numero de colonos que ali vivem com suas familias, e a propriedade tem um valor bastante subido. Á falta de aguas pluviaes estabeleceram o systema de irrigação, tirando a agua de poços ou cacimbas, empregando para isso machinas a vapor apropriadas.

Toda a cultura está ali largamente desenvolvida e a terra muito bem aproveitada.

As colonias do Bumbo, Capangombe e Bivalla, originarias da de Mossamedes, e situadas nas vertentes da serra da Chella, possuem n'essa zona melhores meios de prosperidade na largueza e fertilidade dos terrenos que occupam, mas resentem-se muito de dois obstaculos, que são communs a quasi toda a agricultura colonial — a falta do capital desenvolvente e os meios economicos de communicação e transporte para a conducção dos seus productos. Assim mesmo o conjuncto geral da agricultura da colonia é bastante importante, attendendo a que sustenta muitos centos de familias que ali vivem, exportando ainda aguardente, algodão, batatas, peixe fresco e bois. É preciso observar que não entra em linha de conta a maior parte da aguardente, a qual é consumida no districto e no sertão contiguo[2].

Se a colonia de Angola, sem caminhos e com difficeis meios de conducção, sem capitaes desenvolventes e até sem segurança, creou, no

[1] Vista da cidade de Loanda (parte baixa).

[2] Foi-nos ultimamente afiançado que a colonia de Mossamedes attingia já uma producção de aguardente entre 2.520:000 a 3.360:000 litros.

espaço de quarenta annos, pelo desenvolvimento de determinadas culturas que n'esse tempo não existiam, valores tão importantes como aquelles de que temos fallado, qual será a prosperidade que poderá attingir em igual espaço de tempo se lhe não faltarem esses meios necessarios ao seu rapido desenvolvimento?...

O futuro das colonias de Angola poderá considerar-se bem seguro, se se admittir como certa a construcção do primeiro caminho de ferro de Loanda a Ambaca, emprehendimento este que não póde deixar de ser o motor de todos os melhoramentos de que carece a agricultura e o commercio em geral da provincia.

O credito tão necessario será o primeiro a constituir-se e a facilitar se com vantagens immediatas para o desenvolvimento da agricultura.

A navegação e os outros meios de communicação, serão tambem uma consequencia de tão vital melhoramento.

A segurança publica, sobretudo, considerar-se-ha bem mantida, e d'este conjuncto de circumstancias poderá nascer um novo estado de prosperidades para a provincia, superior á que actualmente gosa.

Não é certamente tão desenvolvida quanto desejavamos a descripção que deixâmos exposta, mas é muito sufficiente para se reconhecer que na provincia de Angola ha mais alguma cousa do que *feiras afastadas umas das outras e alguns fortes dispersos.*

Queriamos dar uma idéa das bellezas naturaes do paiz, completando o esboço que apresentâmos com gravuras referentes a plantações, paizagens e edificios dos principaes logares da provincia, mas não nos foi possivel[1]. As gravuras que ajuntâmos mostram, comtudo, o modo pouco acertado por que alguns escriptores estrangeiros têem fallado a respeito das nossas colonias em geral.

É indispensavel dizer as cousas como ellas são, e a ninguem, como ao medico hygienista, cumpre examinar as condições em que se acham as povoações, cuja salubridade procura conhecer.

Não vêem, pois, fóra de proposito estas considerações, poisque estamos plenamente convencidos da urgente e imperiosa necessidade de se responder á propaganda dos escriptores estrangeiros, oppondo a verdade

[1] Não conseguimos obter photographias das plantações da colonia de Mossamedes, assim como nos faltam as dos pontos mais notaveis de Benguella e Ambriz; mas dentro em breve tempo daremos um trabalho especial ácerca da provincia de Angola, e reuniremos todas as vistas que forem dignas de se observarem.

Cumpre-nos, todavia, patentear aqui o nosso sincero agradecimento ao sr. Alberto da Fonseca, que nos forneceu as photographias que serviram para as gravuras que damos respeito de Angola.

ao erro, os documentos ás vagas asseverações, os factos ás hypotheses insustentaveis.

Não nos apreciou com justiça A. Réclus, mas as suas affirmações foram já rectificadas [1].

Livingstone, como já dissemos, teve denodado athleta, que lhe destruiu, uma a uma, as inexactidões. Não menos brilhante foi a resposta dada por H. Major a Pierre Magry.

O que, porém, coroou todos os nossos esforços para se restabelecer a verdade a respeito das cousas de Africa foram as sessões da camara dos senhores deputados; mostrou-se ali á evidencia que os exploradores Cameron e Young não alcançaram mais do que Livingstone e Pierre Magry. Deram, pelo contrario, occasião a que a verdade apparecesse radiante de luz, e se levantasse a questão colonial na sua verdadeira altura.

Guiou-se de certo este esclarecido escriptor por informações espalhadas pelos abolicionistas inglezes, que, tendo sido bem recebidos nas nossas possessões, não duvidaram desdizer-se muitas vezes e serem completamente injustos para comnosco!

Tem sido tal a cegueira dos propagandistas inglezes, que nem ao menos relêem o que escrevem, nem se arreceiam de se darem como descobridores do que já havia sido visitado.

Não deixam porém de ter merecimento tão arriscadas viagens, mas seria com certeza muito maior, se os exploradores fossem justos e verdadeiros nas suas descripções.

Não nos causou menos assombro o que de nós escreveu [2] o dr. James Cornwel no seu livro de geographia da India.

Não foi nunca desconhecido entre nós o que dizem os abolicionistas inglezes, mas temo-nos contentado em receber as provas de consideração

[1] É a todos os respeitos interessante a resposta do sr. marquez de Sousa Holstein, a proposito da apreciação que de nós faz A. Réclus na sua *Geographia*. Acha-se publicada nos *Annaes da commissão permanente de geographia,* referida ao mez de dezembro de 1876. É o primeiro numero da publicação official d'este instituto scientifico.

[2] Fallou d'este facto o sympathico escriptor e illustre poeta Thomás Ribeiro. É certamente um dos que nos parece muito grave pela circumstancia de que se acha revestido: ensina-se nas escolas da India a dizer ás creanças que não merecemos o nome de nação civilisada! E para isso empregam uma linguagem indigna e insinuações repugnantes! Cumpre-nos protestar contra similhante systema de propaganda e levar a toda a parte a descripção dos nossos usos e costumes, e do nosso paiz, como nação livre e independente e como potencia colonial. As repetidas edições da geographia para as escolas, do dr. James Cornwel, e quaesquer escriptos d'esta ordem não terão echo.

que nos dispensavam eminentes escriptores inglezes e francezes, entre os quaes contâmos H. Major, Burton e Carlos Vogel.

Temos confiado tambem na justiça que nos assiste, mas aquelles abolicionistas não mostram ter examinado o que a nosso respeito escrevem seus conterraneos, nem procuram conhecer as rectificações feitas já na imprensa, já em diversas memorias e valiosos livros. Embarcam para as terras de Africa sem estudarem os nossos usos e costumes, sem verem os livros que se acham publicados ácerca d'aquellas possessões e sem se informarem do que havemos feito em prol do progresso e da civilisação colonial.

O que é certo é que entre as muitas publicações que se tem feito com relação á provincia de Angola, avulta a do *Boletim official* da provincia[1]. Fornece este jornal valiosos documentos para se avaliar com perfeito conhecimento o movimento commercial e agricola da provincia. A publica administração póde ali ser estudada.

Não deveremos terminar as nossas considerações ácerca da provincia de Angola, sem fallarmos da organisação das obras publicas feita em 1876, e sem dizer algumas palavras a respeito do projectado caminho de ferro de Loanda até Ambaca.

Em 1860 dizia Carlos Vogel, no livro a que já nos temos referido:

«La construction, jugée assez facile, d'un chemin de fer à l'américaine depuis Loanda jusqu'à la vallée de Cassange, par Massangano, serait, ainsi que la navigation à vapeur sur la Coança jusqu'à la ville, un immense bienfait pour tout le pays.»

A necessidade e urgencia da construcção do caminho de ferro no valle da margem direita do Quanza é, pois, reconhecida desde ha muito tempo, e hoje trata-se de realisar tão importante melhoramento, organisando-se alem d'isso, sob mais largas vistas, o serviço das obras publicas provinciaes.

O alcance de taes reformas avalia-se em presença da distribuição dos trabalhos, que se acham classificados do modo seguinte:

Geographia: levantamento de cartas e plantas;

Geologia: pesquiza e lavra de minas;

Estudos: construcção e conservação de estradas, pontes e telegraphos;

Obras de rios, canaes, portos de mar, pharoes, desseccamento de pantanos e irrigações;

Construcção, reparação e conservação de edificios publicos e fortificações;

[1] O primeiro numero do *Boletim official de Angola*, foi publicado no dia 13 de setembro de 1845.

Estudos e construcção do caminho de ferro de Loanda a Ambaca[1].

Em seguida a estas considerações apresentâmos uma ácerca da directriz do caminho de ferro projectado, bem como a descripção topographica da região que elle atravessa. Os valles do Quanza e Lucalla são de certo o coração da provincia de Angola.

Directriz do caminho de ferro de Loanda ou Ambaca[2]. — O ponto de partida, origem da linha ferrea, é o extremo NE. da baixa de Loanda, no espaço de terreno contiguo ao largo da Senhora da Nazareth e adjacente á ponta da Izabel, o qual reune as maiores vantagens, pelas quaes não póde deixar de ser aproveitado para ali ser installada a estação principal, testa do caminho de ferro, que adiante será especialisada.

A planicie marginal, onde assenta a parte baixa da cidade, occupa o flanco esquerdo da reintrancia da costa, comprehendida entre os morros de S. Miguel e das Lagostas, e estende-se ainda para NE. até ás barreiras da Conceição, formando uma faxa de terreno baixo de 200 a 300 metros de largura média, circumdada pela encosta, mais ou menos cortada de barrocas, que constitue a escarpada planura elevada, que se prolonga para o interior e separa os valles do Bengo e do Quanza.

Assim, pois, a directriz da linha ferrea, partindo da indicada origem proxima ao porto de Loanda, não póde deixar de subir a essa planura que se lhe interpõe, com uma elevação de 60 a 75 metros antes das vertentes do valle do Bengo; portanto, depois dos limites da estação, segue ella pela planicie marginal até á base da encosta, nas immediações do Penedo, e, contornando-a quanto possivel, trata assim de ganhar nivel, a fim de transpor em altura conveniente o contraforte que avança pela esquerda da ravina que finda proximo ás ruinas do forte da Conceição.

Aquella encosta, muito embora seja cortada de barrocas, devidos á sua constituição arenosa e á falta de vegetação que a sujeita á acção das aguas pluviaes, não apresenta difficuldades para a abertura do caminho, havendo desde o Penedo até ás barreiras da Conceição distancia sufficiente para se desenvolver em acceitaveis condições o traçado da directriz, a fim de passar já superior ao referido contraforte e alcançar a planura proximo da Boa Vista.

Com relação a este primeiro lanço, póde affirmar-se sem receio de

[1] *Diario do governo n.º 50*, de 5 de março de 1877.

[2] Primeiros estudos do caminho de ferro em Angola. Reconhecimento do terreno para o traçado do caminho de ferro entre Loanda e Ambaca. Memoria descriptiva (manuscripta), pag. 22. Lisboa, 21 de setembro de 1876. = *Augusto Serra de Sousa Prado.*

contestação que, a partir do local convenientemente fixado para a estação principal em Loanda, nenhuma outra saída se encontra em melhores condições e tão conforme com a direcção geral da linha, alliando ao mesmo tempo o effeito agradavel de seguir em mais de 5 kilometros por uma encosta d'onde se disfructam a bonita perspectiva de uma parte da cidade e o porto de Loanda, que por sua parte terá tambem esse embellezamento, o de um lanço da linha ferrea quasi marginal.

Da Boa Vista segue a directriz pela planura elevada até ás immediações do morro do Cacoaco, de onde desce para o littoral, desenvolvendo-se, sem difficuldades, pelas encostas suaves que lhe são adjacentes, não só para se approximar da povoação de Cacoaco, cuja industria piscatoria lhe dá já actualmente alguma importancia, mas tambem para se dirigir pelo terreno marginal, que se encontra bastante plano e entestando com o valle do Bengo, pelo qual a directriz continúa seguindo a margem esquerda, e passando em Quifandongo, séde do concelho da Barra do Bengo, onde finda a primeira secção, com a extensão de 26 kilometros desde a origem.

A directriz continúa ainda nas melhores condições pela favoravel planicie do valle, terminando a segunda secção no kilometro 54, n'uma pequena elevação antes da lagoa de Quibunda, onde convirá ser a estação do Icolo e Bengo, por se achar proxima de Canganriangombe, sua actual séde. Esta secção mede 28 kilometros.

Marginando, pelo lado do S., a lagoa de Quibunda, passando proximo a Cabiri e voltando um pouco á direita pela encosta do rio de Cabaia que se acha junto com a lagoa Lalama, chega a directriz proximo a Tuco-tuco, nos fundos d'esta lagoa, onde desemboca o valle d'aquelle rio, que mais para cima toma o nome de Calucalla. Junto de Lalame, em Tuco-tuco, kilometro 85, finda pois a terceira secção com 31 kilometros de extensão.

N'estas tres secções não póde ser mais favoravel o terreno para a installação do caminho de ferro, principalmente desde a baixa do Cacoaco. Alem d'isso o valle do baixo Bengo, que já é percorrido pela estrada que segue para o Zenza do Golungo, tendo as margens do rio bastante povoadas e em parte cultivadas, em virtude da sua notavel fertilidade, justifica sufficientemente a directriz escolhida, que não deveria deixar de seguir, quando mesmo pelo terreno elevado podesse haver superiores vantagens technicas para o seu traçado.

É a montante de Lalama, entre Tandabonde e Camotamba, onde o Bengo sáe de entre as collinas que apertam e accidentam mais o seu fertil valle, que se poderá considerar o principio do alto Bengo; por essa circumstancia e pela conveniencia que no delineamento geral se reconhe-

ceu haver, na passagem para a bacia hydrographica do Quanza, a directriz deixa o valle principal para o affluente de Cabaia ou Calucalla, como se denomina a montante, por cuja encosta esquerda attinge a divisoria nas alturas do sobado de Caculo Casongo, no kilometro 120, onde esta quarta secção perfaz 35 kilometros. D'este ponto, não podendo facilmente passar a seguir logo o valle do Quanza na sua margem direita, por causa das lagoas que lhe estão adjacentes, e para não tornar tão sensivel o desvio que soffre a direcção da linha, a directriz segue por isso no sentido que mais a póde encurtar, até attingir a margem do rio no sitio da Barraca.

N'este percurso, em terreno mais ou menos elevado, a directriz passa nos fundos ou vertentes da lagoa Tôa, kilometro 145, ponto o mais proximo de Calumguembo (Zenza do Golungo), onde limita a quinta secção com 25 kilometros; restando igual numero de kilometros até á Barraca, kilometro 170, e fim da sexta secção, onde chega a directriz descendo da planura elevada pela encosta algum tanto levantada do contraforte, em cuja base está estabelecida aquella feitoria, e na qual finda a primeira parte da linha ferrea.

O desvio da direcção geral, a que se obriga a linha, a fim de tocar na margem do Quanza, se não se tornava necessario para a directriz entrar no valle do Lucalla, depois de ter passado para a bacia d'aquelle rio em Caculo Casongo, justifica-se plenamente, como adiante se verá, pelas vantagens que resultam de se fazer communicar a linha com a via fluvial de navegação a vapor; alem de que em pouco será augmentado o desenvolvimento total, por isso que a directriz segue terreno menos ondulado.

Na segunda parte da linha, a directriz, ao saír da estação da Barraca, tem de ganhar novamente o terreno elevado, podendo desenvolver em rampa acceitavel pela encosta, a fim de passar sobre o contraforte que a jusante da grande lagoa NGolome se prolonga para S. sobranceiro á margem do rio, e produzindo com as colinas tambem avançadas da margem opposta uma verdadeira estrangulação no valle do Quanza, e segue depois, rodeando as vertentes d'aquella lagoa até ao kilometro 196 (de Loanda), na altura de Mabaia, que é no contraforte pouco elevado, que se estende até á confluencia do Lucalla, e constitue a divisoria das lagoas da margem do Quanza adjacentes e agrupadas com a NGolome, para as da margem direita do Lucalla, tendo esta setima secção da linha geral 26 kilometros de extensão.

De Mabaia, descendo sem maior difficuldade a Cavunge, percorre a grande planicie que se prolonga por Caçoalalla até á margem direita do Lucalla a montante da lagoa NZungo, e flanqueando as elevações de Cassanze e NGola-Camana, segue por aquella margem até em frente do si-

tio denominado Oeiras na confluencia do rio Luinha, cuja margem direita segue junto da encosta até ao local das ruinas da antiga fabrica de ferro, que ali fôra estabelecida nos fins do seculo passado, completando esta oitava secção 30 kilometros de desenvólvimento no kilometro 226.

O valle do Lucalla, logo a montante da confluencia do Luinha, apresenta as encostas alterosas e juntas ao rio, estando mais acima cerca de 3 kilometros as Cachoeiras, que limitam o trato navegavel desde a sua foz. Não era facil, pois, a directriz continuar a seguil-o pela margem do rio, convindo por isso dirigil-a pelo valle do Luinha, que se encontra n'este ponto favoravel e permittindo subir suavemente até á fabrica de ferro.

A directriz, partindo d'este ponto, onde já é mais sensivel a região montanhosa, segue ainda pelo mesmo lado do valle até cerca de 3 kilometros mais acima, onde transpõe o rio, a fim de seguir pelo valle do Sumbi, que n'esse sitio afflue á sua margem esquerda.

A rasão por que convem deixar o valle do Luinha, para depois ser novamente seguido, é porque no trato que vae até ao extremo O. da cordilheira de Quiloange, onde são as suas cachoeiras, o valle é fundo e de margens muito arrebatadas; emquanto que pelo valle do Sumbi, passados os primeiros 3 kilometros desde a sua foz, as encostas são baixas e a directriz encontra uma planura elevada, que atravessa, encostando-se á vertente S. da cordilheira de Quiloange, para ganhar nivel, e, transpondo a ribeira Quitandula, vae alcançar o sitio de Quisanga de NGola-Cafuxe, kilometro 253, onde finda a nona secção que mede 27 kilometros.

No sitio da Quisanga a cordilheira de Cazengo apresenta um collo, ou mais propriamente uma interrupção entre as montanhas de Quiloange e Cusongolo, por onde a directriz póde seguir de novo para o Luinha, porém mais accidentada, porque as difficuldades de toda a linha póde dizer-se que estão comprehendidas apenas entre este ponto e o kilometro 310 na origem do rio Luce. Portanto a directriz da decima secção, partindo da pequena planura do Quisanga, atravessa a cordilheira, descendo pela vertente de Catabua e Cacuso, que afflue ao Luxinde; transpõe este rio proximo da sua confluencia com o Luinha, cujo valle segue pela margem esquerda até á confluencia do Luce, proximo a Aguas-Doces, tendo de atravessar os cursos de agua da vertente N. da cordilheira de Cazengo e termina no kilometro 280, onde é a passagem no rio Luce da estrada de Caculo para a villa do Golungo-Alto, proximo ao sitio do Canhoca, tendo desenvolvido 27 kilometros.

Deixando o valle do Luinha, a directriz segue pelo do Luce, seu confluente, que se apresenta favoravel e mais aberto, attingindo, comtudo algumas das montanhas dos seus flancos altitudes de mais de 300 metros acima do talweg. Os cursos de agua mais importantes que atra-

vessa são os rios Lua e Nzondo, mas póde desenvolver-se sem excessivas rampas pela vertente esquerda do valle até á sua origem, attingindo ahi o plan'alto de Ambaca pelo flanco N. da serra do Gama, no collo, onde tem igualmente origem a ribeira denominada Quisanga, que afflue ao Moembeje. Este rio é tambem transposto, bem como o Caringa, em cuja proximidade no sitio de Cazongolo, kilometro 317, é o limite da decima primeira secção, medindo 37 kilometros de desenvolvimento.

Finalmente na decima segunda secção, que mede 36 kilometros, atravessando uma região pouco accidentada, embora abundante em cursos de agua, a directriz encaminha-se sem maior difficuldade para a margem direita do rio Lucalla, passando ao S. da povoação de Pamba (séde do concelho de Ambaca) para ir findar 10 kilometros mais adiante, no sitio de NDundo-Amuturo junto d'aquella margem, e a juzante da confluencia do rio Cariombua, completando por esta fórma a linha desde Loanda 353 kilometros.

Este ponto foi fixado para o *terminus* da linha de Ambaca, não só porque está proximamente no centro do concelho, mas sobretudo por ser um limite natural, e haver terreno onde póde ser perfeitamente situada a povoação, que de certo ali se ha de formar muito rapidamente, em virtude do *terminus* do caminho de ferro. Alem de ter a vantagem da proximidade do rio e apoiar-se n'um outeiro isolado e dominante, que póde e convem ser fortificado, nada se perde em abandonar a Pamba, que nenhuma importancia tem, não só pelo local, mas porque as poucas e arruinadas casas que ali ha, são de adobe e cobertas de capim.

Com relação ás ultimas tres secções da linha, parecerá, observando-se a planta, que a directriz teria talvez vantagem em não atravessar na Quisanga para o N. da cordilheira de Cazengo, seguindo, antes de subir áquelle ponto, pelas planuras que se encontram desde o Sumbi pelo Hanga até para L. do rio Mosulo, a fim de passar em Caculo, que é a séde do concelho de Cazengo, e d'ahi seguir para Ambaca sem passar para o N. da cordilheira. Esta solução porém não é preferivel, porque, se a directriz até Caculo seria em terreno mais facil, d'esse ponto para Ambaca augmentavam consideravelmente as difficuldades, poisque o valle do Moembeje, sendo o mais favoravel a seguir, ainda assim é muito irregularmente arrebatado e em partes bastante estreito, não se prestando por isso como o do Luce para ganhar o nivel de Ambaca; alem d'isso, o que é mais importante é que, sendo a região agricola constituida pelos dois concelhos de Golungo e Cazengo, entre os quaes a extrema é formada pelo Luinha e Luce, a directriz a S. da cordilheira indo a Caculo, não só seguia quasi o extremo da região productora, confinando pelo Lucalla com uma região que é relativamente esteril, mas deixava de servir um concelho impor-

tante, como é o do Golungo Alto. A directriz pelos valles de Luinha e Luce tem evidentemente, alem de mais facilidade, a vantagem notavel de seguir pelo centro da região mais productora, servindo ao mesmo tempo os dois referidos concelhos que a constituem.

Descripção succinta do territorio reconhecido. — O concelho de Ambaca, alem de possuir um solo fertil e ser dos mais povoados da provincia de Angola, e onde os habitantes indigenas manifestam a mais notavel tendencia para a civilisação, encontra-se no interior a E. de Loanda, n'uma vantajosa situação relativamente ás regiões de reconhecida riqueza de producção que lhe são limitrophes.

D'essa situação resulta pois mais uma das rasões que justificam a escolha que d'elle se fez para ponto objectivo da primeira linha ferrea a estabelecer n'aquella possessão, como arteria principal de communicações entre o porto de Loanda na costa occidental de Africa, a 8° 46′ 30″ de latitude S., e as mais afastadas regiões do vastissimo sertão que lhe fica a E.

O territorio comprehendido entre Loanda e Ambaca, limitado pelos valles dos rios Bengo e Quanza, alem dos quaes não foi preciso levar os estudos, abrange duas regiões perfeitamente distinctas e dispostas em zonas parallelas á costa atlantica. A primeira d'estas zonas, cuja largura na parte reconhecida regula por cerca de 150 kilometros, pertence á região littoral, que no geral é mui pouco accidentada e cujas elevações não attingem a muito mais de 100 a 150 metros sobre o nivel do mar.

Caracterisa-se esta região pelo seu aspecto arido, devendo á escassez de aguas nascentes a pobreza de vegetação, que unicamente se apresenta luxuriante nas margens dos rios e das largas depressões do terreno onde as aguas pluviaes se represam formando dilatadas lagoas. A direcção geral E.–O., normal á costa, é a dos valles principaes, que na maior parte d'esta região são largos, tem pendentes pouco sensiveis e encostas quasi isentas de affluentes perennes.

A segunda região, que comprehende já os limites dos concelhos de Zenza do Golungo com o Golungo Alto, e Massangano com Cazengo, apresenta-se bastante montanhosa e cortada, estendendo-se até cerca de 240 kilometros da costa.

Abunda em aguas correntes, e densas matas virgens revestem a maior parte dos seus valles e collinas, que são de uma fertilidade notavel. Os valles secundarios mais importantes, como são os do Lucalla e Luinha, embora já se encontrem com pendor mais rapido e encostas approximadas, apresentam comtudo uma favoravel direcção geral concordante com a dos valles principaes. Attingem altitudes superiores a 1:000 metros so-

bre o mar os pontos culminantes das cordilheiras mais alterosas d'esta região, as quaes se dirigem tambem no sentido de E.–O., ramificando-se mais ou menos irregularmente desde o plan'alto que se prolonga para o sertão, e em cuja origem assenta Ambaca, podendo por isso ser comparadas a longos e accidentados contrafortes que, assentes na região littoral, formam por assim dizer os acclives para o plan'alto a que a região que constituem serve de transição.

Acha-se, pois, o concelho de Ambaca em cerca de 240 a 300 kilometros do littoral, e se está ainda longe do limite E. do territorio portuguez, confina todavia com os ultimos concelhos actualmente avassallados, com os quaes constitue a parte mais importante do interior da provincia de Angola.

Pelo lado de O. confina com os concelhos de Cazengo e Golungo Alto, a N. com os Dembos, a NE. com o concelho do Duque de Bragança, a E. com o de Malange e a SE. e S. com o de Pungo Andongo. Faz parte da bacia hydrographica do rio Lucalla, que o atravessa em direcção SO. até á confluencia no Lotete, formando d'ahi para juzante o limite entre Pungo Andongo.

Regado por numerosos tributarios d'aquelle rio, correndo em valles abertos e pouco fundos, que nascem da vertente S. das cordilheiras do Quio, de Camana e Caçassa, apresenta já a feição amena da região alto-plana, com uma vegetação viçosa e variada, porém menos basta e frondosa do que na região precedente. A sua altitude media é pouco superior a 750 metros sobre o nivel do oceano; porém as cordilheiras que lhe são limite N. levantam-se até 1:200 metros, attingindo o alto do Quio 1:330 metros acima d'aquelle nivel.

Com relação á população e agricultura ha tambem alguma differença nas duas regiões.

Pelos dados estatisticos que existem, conhece-se que a relação da população para a superficie d'esta parte do territorio de Angola pouco excede de 5,7 habitantes por kilometro quadrado; a desigualdade, porém, com que está distribuida, dá para a região mais fertil uma relação mais favoravel, achando-se, por exemplo, que a população especifica dos concelhos de Cazengo e Golungo, deduzida dos mesmos dados, é approximadamente 23 habitantes por kilometro quadrado.

Na região littoral é onde se acha menos densa a população, a qual habita geralmente ao longo das margens dos rios, onde aproveita indolentemente a grande fertilidade natural do solo.

Encontram-se, todavia, n'estas regiões, estabelecidas pela iniciativa de europeus, algumas fazendas agricolas importantes, que têem tido um desenvolvimento e prosperidade apreciaveis.

A cultura principal é a da canna saccharina para a fabricação de aguardente, não deixando de ser tambem importantes as colheitas de legumes, fructas, mandioca, hortaliças, milho, batatas e outros generos.

As condições da região montanhosa são ainda mais lisonjeiras. A população é mais abundante e um pouco mais activa, e no meio d'aquella riqueza florestal, ainda virgem de exploração, manifesta-se já em desenvolvimento propicio a cultura do café, principalmente nos concelhos de Cazengo e Golungo, onde, pelos constantes e louvaveis esforços de alguns agricultores europeus, se acham fundadas importantissimas propriedades agricolas, que muito têem concorrido para animar o commercio da provincia.

N'esta região e na alto plana, que abunda em gado vaccum, alem de todas as producções da precedente, ha preciosas madeiras de todos os portes, e cultiva-se o algodão, o arroz e o tabaco, e em maior escala a ginguba, etc.

Emfim, relativamente á variedade de vegetação e importancia dos seus productos e essencias, podem encontrar-se especiaes esclarecimentos no bem elaborado mappa phyto-geographico, sobre a Flora angolense, do dr. Welwitsch.

Afóra a industria agricola, nenhuma outra se encontra ali em escala notavel, apesar de não faltarem os elementos, principalmente para as extractivas, que não têem passado de pequenos ensaios sem criterio.

Finalmente, a constituição geologica, na parte das duas regiões reconhecidas, é verdadeiramente complexa: na montanhosa, alem dos terrenos de transição, predominam os micaschistos, mais ou menos argillosos, sobrelevados irregularmente pelas rochas igneas que n'um ou n'outro ponto affloram, e apparecem depositos metalliferos, ferro micaceo e humatite, bancos de calcareo saccharoide; e nas vertentes menos elevadas do Quanza, escarpados de rochas aggregadas, alternando a calcareos grosseiros e tufos.

A formação de terreno terciario, cretaceo, turfas e alluviões modernas, apresentando alternativas, e em muitos pontos caracteres estratigraphicos bem definidos, isolando-se das arenatas e marnes argillosos, é a constituição notavel da região littoral, embora, como aquella, apreciada tambem superficialmente e sem um estudo especial.

Provincia de Moçambique. — É immenso o territorio conhecido sob este nome, e por isso mesmo se torna assás difficil a sua descripção, por mais resumida que ella seja.

Começaremos por fallar dos seus limites, o que em objecto de salubridade e aclimação representa a parte principal, poisque a menor inexa-

ctidão influe directamente em todas as conclusões que tenhamos de formular. E se já attendemos a esta circumstancia, quando tratámos das outras provincias, não seremos menos attentos a respeito da de Moçambique, porque não expomos o resultado de apontamentos de viagem propria; coordenâmos o que nos parece mais rasoavel á vista dos documentos e informações que podémos obter.

Os limites da parte oriental da provincia estão bem designados; tocam ao S. em 26° 30′ na costa do districto de Lourenço Marques, proximo á colonia de Porto Natal, e ao N. marcam-se no Cabo Delgado em 10° 41′ de latitude N.[1].

A extensão da costa de Moçambique é calculada em mais de 20:000 kilometros e para o interior é superior a 800.

O logar mais recuado que occupâmos é o Zumbo[2] ponto muito importante em virtude da sua posição central.

As fronteiras de Moçambique, no interior, estão mal determinadas, e

[1] Referimo-nos aos *Ensaios sobre a estatistica das possessões portuguezas*, de Francisco M. Bordalo, e á *Memoria sobre Lourenço Marques*, do visconde de Paiva Manso. São as latitudes que nos parecem mais exactas. Devemos lembrar comtudo que no diccionario de Larousse se toma a latitude N. de 10° 26′.

Quando estavamos a rever as provas d'este capitulo, veiu-nos ás mãos um jornal, onde se lê o segunite:

«Pelo tratado com a Inglaterra foi reconhecido o nosso direito aos territorios comprehendidos entre o Cabo Delgado e a bahia de Lourenço Marques. Pelo tratado celebrado em 1828 entre o governador de Moçambique, Sebastião Xavier Botelho, e o Iman de Mascate, marcaram-se os mesmos limites. Não ha estabelecimento algum portuguez em Tungue; existe apenas ali uma povoação de arabes e pretos sujeitos a uma auctoridade local, quasi independente.

«Em 1852 permittiu-se ao Iman de Mascate que estabelecesse ali uma alfandega, mas a concessão foi annullada em consequencia de reclamações portuguezas.

«Sendo governador do Ibo o tenente Jeronymo Romero, foi mandada a Tungue a escuna de guerra *Quatro de Abril*, para capturar o palhabote francez *Delphina*, que ali se achava fazendo contrabando, sem que houvesse reclamação alguma a similhante respeito, o que prova como era considerada a nossa jurisdicção n'aquelle ponto.

«A bahia de Tungue é formada ao N. pelo Cabo Delgado e ao S. pela ponta de Sanga; a embocadura é dividida em duas pela ilha de Ticoma. A entrada do N. é accessivel a toda a hora e com qualquer tempo para navios de todas as lotações. A bahia é abrigada e segura, tendo de fundo cerca de 33 metros até 8,8 de areia. Desemboca n'ella o rio Meninquene que tem boa agua doce.»

[2] Carlos Vogel, no seu livro *Le Portugal et ses colonies*, diz que lhe parece que não ha distancia superior a 500 kilometros da costa para o interior, se se attender á distancia de Tete a Quelimane.

É indispensavel rectificar estas e outras affirmativas, para não se dar curso a taes informações, que não assentam em factos nem em calculos positivos.

nós indicâmos as que se acham designadas no diccionario de Larousse, não só com o fim de as tornarmos conhecidas, mas tambem porque desejâmos mostrar a injustiça que nos fazem, escrevendo em 1874 informações dadas em 1860, como se na provincia de Moçambique não houvesse progresso, por mais moroso que fosse.

Segundo Larousse, os limites d'esta provincia são os seguintes:

N. Zanzibar, em Cabo Delgado; E. canal de Moçambique; S. Cafraria, em Lourenço Marques; O. não estão bem definidos.

A provincia de Moçambique tem realmente a E. o canal de Moçambique no mar das Indias, que banha a costa, onde não ha porto algum que não nos pertença. É verdade que os limites centraes não estão bem definidos, sendo hypothetico tudo o que se disser n'este sentido. Dizer-se tambem[1] que as fronteiras no interior correspondem a uma cordilheira, que, correndo do N. ao S., começa no paiz dos cafres e acaba nas montanhas da Lua, é deixar o problema insoluvel, se não mais complicado.

Não são inuteis estas indagações, se bem que não possa apurar-se a verdade, mas servem para mostrar a urgencia que temos de se nomear uma commissão que se encarregue de estudar esta importante questão. Não é sómente por este lado que insistiremos no assumpto, tendo que evitar a extensão das nossas considerações, que podem tornar-se fastidiosas, mas não desnecessarias. É preciso pois observar que se estas ponderações são indifferentes para muitos, não o são nem o podem ser para aquelles que têem que dizer a verdade em presença das observações feitas directamente, ou compulsando documentos e procurando informações fidedignas, a fim de auxiliar os que desejam promover a emigração e colonisação das possessões portuguezas.

O que é sobretudo indispensavel é procurar por todos os modos possiveis a propagação de noticias exactas sobre os melhoramentos que se vão realisando, evitando por esta fórma a repetição continua do que disse um escriptor em epochas mais remotas, verdadeiro aliás na occasião em que elle o escreveu, mas que se não deve citar senão como formula de comparação.

Referindo-se ás informações de Carlos Vogel[2], embora se não cite o auctor, diz-se no diccionario de Larousse que a provincia de Moçambique não é senão um encargo ruinoso para Portugal, e que ali não possuimos mais do que vastos territorios a sustentar, indigenas bellico-

[1] Diccionario Larousse. São realmente resumidas as informações que ali se dão a respeito da provincia.

[2] *Le Portugal et ses colonies*, par Charles Vogel, 1860, pag. 365.

sos a combater, uma extensa costa a vigiar, e, com todas estas desvantagens, uma diminutissima população industriosa e civilisada; e para colonisar similhante territorio, diz-se mais, é preciso dar protecção ao commercio por meio das armas.

São realmente injustas estas apreciações, mas não menos injustas foram as informações dadas pelo dr. Livingstone com respeito a esta possessão; e comtudo, apesar da triumphante resposta que em 1867 lhe deu D. José de Lacerda, não vemos a verdade restabelecida nem a justiça respeitada.

O que se torna tambem digno de reparo é o modo cavalheiroso com que se falla d'este explorador aliás eminentissimo, mas quasi sempre injusto para comnosco[1].

A provincia de Moçambique compõe-se de oito districtos, contando do S. para o N.; a saber: Lourenço Marques, Inhambane, Sofalla, Quelimane, Tete, Angoche, Moçambique e Cabo Delgado. A estes districtos estão subordinados differentes commandos, feiras e presidios, pertencendo ao districto de Tete, no interior, o presidio do Zumbo e a feira de Manica, pontos estes mais afastados da costa.

Não marcâmos os limites de cada um d'estes districtos, porque só se poderia fazer em trabalho especial. Tratâmos unicamente dos assumptos sob um ponto de vista geral, elevando-nos por assim dizer a um logar mais alto de onde se avista toda a provincia. É o meio mais simples de observar as suas relações com os estados que lhe ficam proximos, e de pôr em relevo o que n'ella ha de mais notavel.

Ninguem ignora que urge tratar da colonisação d'esta provincia, a cujo respeito disse o sr. visconde de Arriaga[2]:

«A parte mais rica das possessões de Portugal é o Zambeze.

«Ali existiram dois conventos de frades; ali houve grandes feiras só para oiro em pó e marfim, Manica e Zumbo; ali existem ricas minas de carvão de pedra; ali ha uma riqueza immensa a explorar. Quem conhece a geographia de Africa, quem conhece o porto de Aden, que serve de interposto á India e á Europa, quem sabe que aquelle porto está sempre cheio de navios, quem sabe o numero de vapores que ali tocam para se abastecer de carvão, quem conhece que temos ali as minas de carvão de

[1] Nas sessões da camara dos senhores deputados de 15, 16 e 17 de fevereiro de 1877, tratando de combater as informações de Cameron e Young, referiu-se o sr. visconde da Arriaga com a maior deferencia á memoria de Livingstone. Fez-lhe justiça, é verdade, como intrepido explorador, mas como escriptor é que entendemos ser justa e fundamentada a nossa queixa.

[2] Diario da camara dos senhores deputados, sessão de 15 de fevereiro de 1877, pag. 314.

pedra da melhor qualidade[1], é levado a julgar que só isto é motivo mais que sufficiente para que o caminho de ferro se faça.

«E para que se não diga que eu estou fallando superficialmente n'este negocio, vou citar um facto passado com o governador, o general Marinho, e com o seu secretario, que era o meu irmão Antonio Julio. Elles mandaram ir uns poucos de caixões de carvão de pedra ao governador de Bombaim para que elle visse a qualidade de carvão das minas que havia na provincia de Moçambique, e elle disse-lhes: «O carvão é excellente; comprâmos o carvão de pedra, mandâmos os vapores que forem necessarios para o seu transporte até um bom porto de embarque, e vós pagaes esses vapores com o preço do mesmo carvão de pedra.»

A exploração e colonisação de Moçambique demandam certamente muito cuidado.

Em 1860 dizia Carlos Vogel o seguinte:

«A necessidade de se tomarem medidas radicaes para impedir a ruina total da provincia, é perfeitamente reconhecida pelo governo portuguez; mas a situação financeira paralysa-a na applicação dispendiosa dos meios que devem ser empregados para tirar a provincia do abatimento em que se acha e reanimar o desenvolvimento de seus recursos naturaes.

«Em taes circumstancias parece que uma companhia bem organisada, revestida de largos poderes e dispondo de largos recursos, seria a unica capaz de emprehender a exploração de Moçambique. Ha alguns annos, alguns capitalistas e homens de influencia apresentaram ao governo propostas n'este sentido. Pediram a concessão de vastos terrenos, o monopolio da exploração de minas e de rios auriferos, com o direito de cortar madeiras, e pediram tambem direitos politicos por noventa e nove annos, similhantes aos da antiga companhia ingleza das Indias.»

Não teve andamento este projecto, observa Carlos Vogel, o que nos parece facil de prever. Não augurâmos bem de taes companhias, nem lhes são propicios os tempos.

Actualmente fez-se a concessão de terrenos para a plantação da papoula, e tem-se tentado formar uma ou outra colonia, mas não tem havido methodo nem estudos preliminares devidamente feitos.

Procurámos obter informações fidedignas de algumas pessoas que têem estado em Moçambique ou ali foram em serviço, e a maior parte d'ellas opta por que se organisem companhias de exploração. N'este sentido offereceram-nos o seguinte esboço que publicâmos não só por deferen-

[1] Com respeito ao carvão de pedra fizeram-se experiencias, cujo resultado não foi tão satisfactorio como se esperava. Segundo pessoa que nos merece inteiro credito, a exploração d'este minerio demanda muitas despezas.

cia á pessoa que o fez, mas por ser um alvitre que póde esclarecer a opinião d'aquelles que desejam se organisem companhias de exploração.

Eis o parecer a que nos referimos:

«De todas as provincias ultramarinas a que me parece mais propria para se ensaiar a colonisação européa, applicada a uma grande empreza agricola, é a de Moçambique, por ser aquella que offerece maiores recursos, pela variedade e excellencia dos seus productos, pela proximidade em que as terras mais ferteis se acham dos portos do mar, pela facilidade de obter operarios e gente para o trabalho rural, e pela diversidade de mercados de consumo que lhe ficam não muito distantes.

«As culturas mais ricas dos tropicos, taes como as do café, tabaco e canna de assucar, podem com vantagem ser exploradas em todo o littoral da provincia e nas margens do Zambeze. Julgo, porém, que as primeiras tentativas devem ser feitas no continente fronteiro á capital em que estão as duas freguezias do Mossuril e da Cabaceira. Como rasões de preferencia indico as seguintes:

«1.º O porto de Moçambique, depois do de Lourenço Marques, é o de mais facil accesso em toda a costa;

«2.º No continente ha muitas fazendas organisadas, que produzem já varios generos de valor, que têem algumas boas casas de habitação e officinas de lavoura, e são cortadas por excellentes caminhos;

«3.º As duas freguezias estão debaixo das vistas immediatas das primeiras auctoridades da provincia e quasi na séde de uma das comarcas do districto judicial;

«4.º A peninsula, pela sua disposição, presta-se a ser facilmente defendida de qualquer aggressão dos naturaes, ou do lado dos cafres da mourama, ou dos arabes, dos checados confinantes de Sancul e Quitangonha;

«5.º A 30 kilometros de distancia, atravessando riquissimas florestas, encontra-se a montanha da Meza, cuja fertilidade, abundancia de agua e bons ares a tornam, se não me engano, de grande importancia para base, n'um futuro mais ou menos proximo, de larga colonisação européa;

6.º Estando as duas freguezias tão proximas da capital, mais facil será ao governo dar as providencias necessarias para se obter a segurança da propriedade, auxilios medicos e o estabelecimento de escolas.

«N'estes termos não creio que seja impossivel organisar uma sociedade com fundos bastantes para fazer acquisição de terras, que em Moçambique estão por preço infimo, e adiantar aos colonos idos de Portugal, da Madeira ou dos Açores, capitaes para a exploração agricola, a qual seria feita de parceria entre a empreza e os colonos.

«De Goa tambem podem ir operarios, e gente muito propria para guardas das fazendas, agricultores, etc.

«O governo não duvidaria por ventura contrahir as seguintes obrigações:

«1.º Conservar nas freguezias do Mussuril e da Cabaceira:

«I. Dois parochos de reconhecida capacidade, naturaes da Europa, para leccionar gratuitamente as disciplinas de instrucção primaria[1];

«II. Um facultativo de algumas das escolas do reino, para prestar n'uma enfermaria propria os auxilios medicos gratuitos de que os colonos ou trabalhadores e operarios da empreza carecerem;

«III. Um pharmaceutico devidamente habilitado para manipular os medicamentos da pharmacia adjunta á enfermaria;

«IV. Quatro enfermeiros e praticantes de pharmacia para auxiliarem o facultativo e o pharmaceutico;

«V. Um veterinario de Lisboa, do Brazil ou de Goa para tratamento dos gados.

«2.º Transportar, por conta da fazenda, para Moçambique colonos com suas familias, trabalhadores ruraes e homens de officios e sipaes da India para guardas;

«3.º Transportar tambem, por conta da fazenda publica de Moçambique, as machinas, utensilios, ferramentas e bagagens pertencentes á empreza, aos colonos e suas familias;

«4.º Isentar de impostos directos, durante quinze annos, os productos da exploração feita pela empreza.

«A empreza adiantaria ao governo, mediante um juro modico, com hypotheca no rendimento da alfandega, os capitaes necessarios para a construcção de um quartel, escolas, enfermaria, botica e para provimento dos moveis e utensilios dos mesmos estabelecimentos e fornecimento da enfermaria e pharmacia.

«As obrigações da empreza para com os colonos seriam as seguintes:

«1.º Cada colono e cada pessoa de sua familia, receberia gratuitamente um leito completo, um cobertor de lã, um capote de panno ou chale de lã, segundo o sexo, e a roupa e calçado que parecesse indispensavel;

«2.º Alimentação gratuita durante um anno, tanto para os colonos como para suas familias;

«3.º Facultar-lhes-ia os meios para construirem as suas habitações,

[1] Ha uma disposição determinando que os parochos ensinem instrucção primaria e não sabemos se algumas outras disciplinas, pelo que devem perceber uma gratificação. A questão é que a lei se cumpra.

e fornecer-lhes-ía os animaes domesticos, instrumentos agricolas, utensilios de cozinha, sementes e armamento;

«4.º Tambem lhes facilitaria a acquisição de braços mediante o salario que se ajustasse;

«5.º Emprestaria aos colonos o dinheiro indispensavel para o grangeio das suas terras, mediante um juro rasoavel e ajuste particular.

«As obrigações dos colonos para com a empreza seriam:

«1.º Agricultar por sua propria conta, e assiduamente, durante dez annos, as terras que lhes fossem distribuidas, pagando á empreza por occasião das colheitas, a contar do segundo anno em diante, uma parte do producto, fructo das suas terras;

«2.º Pagar por meio de prestações annuaes, por occasião da colheita, em dinheiro ou em generos, até final amortisação, a importancia dos materiaes empregados na construcção das casas, na compra dos animaes domesticos, instrumentos de lavoura, utensilios e armamento;

«3.º Ter o armamento sempre em bom estado, concorrendo para a policia e segurança das terras da empreza quando seja necessario;

«4.º Mandar os filhos á escola e facilitar a educação dos trabalhadores indigenas;

«5.º Preferir sempre a empreza, em igualdade de preços, para a venda dos productos das suas lavouras;

«6.º Conservar limpos os caminhos que passarem pelas suas terras;

«7.º Não derrubar arvore alguma sem permissão da empreza.

«Por esta fórma a associação funccionaria como banco agricola, adiantando os capitaes necessarios para serem explorados os terrenos de reconhecida fertilidade.

«Como empreza industrial, transformando a materia prima fornecida pelos colonos em valiosos generos de commercio, como oleos, fibras, café, tabaco, assucar, etc.

«Como negociante, levando os productos de sua exploração aos mercados consumidores e ministrando aos colonos, empregados e trabalhadores, as mercadorias da Europa, para a venda das quaes não ha estabelecimento algum commercial no continente fronteiro á cidade.»

A costa oriental da Africa portugueza é realmente muito extensa. Os seus portos abertos á navegação e ao commercio com occupação portugueza e fiscalisação aduaneira, são Lourenço Marques, Inhambane, ilha pequena do Bazaruto, ilha de Chiloane, Sofala, Quilimane, Angoche, Moçambique e ilha do Ibo. Outros ha ainda em que poderiam entrar sem difficuldade navios de qualquer tonelagem, e onde o commercio e a agricultura se desenvolveriam de uma maneira prodigiosa pela facilidade da entrada e segurança de ancoradouro, e pela fertilidade do uberrimo

solo que lhe fica adjacente, o qual reune á boa disposição dos seus immensos terrenos, cercados de pequenos rios, todas as boas condições topographicas e até climatericas[1] necessarias para colonisação em grande escala. No entretanto nunca foram nem estão actualmente occupados por auctoridades portuguezas nem têem fiscalisação aduaneira, permittindo-se comtudo nas alfandegas proximas, despacho a pequenas embarcações de cabotagem que ali vão fazer permutações de generos com os habitantes pretos do paiz.

Taes portos são, seguindo a ordem da nomenclatura dos já descriptos, do S. para o N., os de Inhamissengo, Barra Catharina (Bôcas do Zambeze), Macuzi, Quizungo, ao S. e ao N. de Quelimane, e proximo d'elle a bella e grandiosa bahia do Mocambo, e a bahia da Conducia, a primeira ao S. e a segunda ao N. de Moçambique, as quaes estão tão proximas que se avistam; e ainda os de Fernão Velloso, Porto Velhaco, a formosa bahia de Pemba, e outros nas differentes ilhas habitadas de Cabo Delgado de que é capital o Ibo. Alguns d'estes portos não são accessiveis a navios que demandem mais de 4 metros de agua; comtudo era de toda a conveniencia a sua occupação, não só porque com ella se desenvolveria a civilisação tão necessaria a povos que estão no estado primitivo, como porque asseguraria melhor o direito portuguez áquellas tão invejadas paragens, facilitaria as transacções commerciaes muito custosas de fazer-se hoje pelos meios deficientes por que se effectuam, evitaria os riscos de um transito longo e cheio de perigos que encarece e difficulta a marcha benefica da civilisação, pelo primeiro elemento por que ella se começa a propagar — o commercio — que impõe a necessidade de consumir, obrigando a procurar o centro civilisador, em contacto com o qual adquirem os povos necessidades que os obriga a procurar o modo de as satisfazer com o seu trabalho por meio da industria e agricultura que completamente desconhecem, e, emfim, teriamos outros tantos centros onde a actividade humana procuraria desenvolver os seus recursos intellectuaes, alargando a área dos seus conhecimentos em beneficio de uma causa santa, como é a propagação da civilisação em povos que vivem no maior estado de rudeza.

Ilha de Moçambique[2].— A ilha de Moçambique, que a historia diz ter sido visitada em 1487 pelos intrepidos viajantes João Peres da Covilhã e

[1] Digo assim, e affirmo, observa o sr. Francisco dos Santos a quem devemos estas informações, porque os factos o comprovam. No entretanto não é isto acreditado por muita gente, que sobre a salubridade do paiz tem idéas contrarias a estas.

[2] A descripção da ilha e districto de Moçambique foi-nos offerecida da melhor vontade pelo sr. José Zeferino Xavier Alves, que não duvidou tambem rever o seu trabalho, prestando-lhe nós toda a nossa coadjuvação.

Affonso de Paiva, quando atravessaram o Egypto e a Abyssinia, e depois por Vasco da Gama em 1498, e por Pedro Alvares Cabral em 1500, foi definitivamente occupada pelos portuguezes em 1506. É terra baixa, e tem 2k,5 de comprimento, 1k,2 de largura e 5 kilometros de circumferencia. Está situada em 15° 1′ de latitude S. e 49° 45′ de longitude E. de Lisboa.

Não tivemos ainda occasião de visitar as nossas terras da Africa oriental, e, visto termos de indicar as molestias endemicas observadas nas principaes localidades d'aquella provincia, cumpre-nos tambem dar algumas informações a respeito d'essas localidades e do estado em que ellas se encontram actualmente.

O medico hygienista, como temos dito, tem obrigação de cuidar primeiro que tudo de estudar a natureza do solo cuja salubridade se propõe conhecer. Deve ser este na verdade o seu principal empenho.

Estuda-se a estructura do corpo e as funcções organicas para melhor se avaliarem as doenças e applicar o remedio: examinam-se os terrenos e as suas producções para com mais segurança se descobrir a intensidade das endemias. A localidade e a doença endemica, diz o sabio Dutroulau, são idéas congeneres.

Fizemos, pois, quanto em nós coube para dar uma breve noticia a respeito das nossas colonias em geral, procurando informações entre as pessoas que nos merecem toda a confiança, sendo uma d'ellas o sr. José Zeferino Xavier Alves, que conhece não só a provincia de Moçambique, mas tambem quasi todas as nossas possessões do ultramar.

Esteve na estação de Macau, sendo official de fazenda da armada, cerca de dezeseis mezes, na de Moçambique cinco annos, e em Goa treze mezes. Visitou Cantão, Hong Kong, Rio de Janeiro, Table Bay no Cabo de Boa Esperança, Bombaim Baçano, Chaul e outras colonias estrangeiras, Faial, e por duas vezes Cabo Verde, Loanda, Benguella e Mossamedes.

N'estas circumstancias não faltam ao sr. Alves os elementos necessarios para avaliar as nossas colonias em geral e muito especialmente a provincia de Moçambique, porque, alem do tempo em que ali residiu durante a estação a que tinha de satisfazer como official de fazenda da armada, ali permaneceu mais vinte e um annos, exercendo importantes cargos.

Foi official maior da secretaria do governo, escrivão deputado da junta da fazenda, director da alfandega, membro do conselho do governo da provincia, que por duas vezes assumiu a governação publica na ausencia do governador geral, e presidente da camara municipal.

Os serviços que o sr. Alves prestou á provincia de Moçambique nas differentes commissões de que foi encarregado foram tomados em consideração pelo governo de Sua Magestade, que o agraciou com o habito da Conceição e commenda de Christo.

Alem d'isso o sr. Alves obteve menções honrosas nas exposições de Paris e Porto, onde mandou alguns productos de uma sua propriedade. Em taes circumstancias não lhe falta de certo a competencia, e a descripção da ilha e do districto de Moçambique são prova evidente do que avançâmos. É com prazer que vemos publicados os meios a que é preciso recorrer para se colonisar esta provincia. Estamos de accordo com o sr. Alves, e o seu trabalho, que examinámos com todo o cuidado, representa mais um serviço prestado á provincia, onde casou e passou o melhor tempo da sua vida.

É separada do continente por um canal que na sua maior largura, entre a ilha e Mossuril, tem cerca de 30 kilometros.

Na ponta da ilha, á entrada da barra, está a fortaleza de S. Sebastião, começada em 1545 pelo vice-rei da India D. João de Castro.

A que fundou Affonso de Albuquerque foi abandonada por não estar em logar tão importante. Alguns annos depois foi esta concedida aos jesuitas para ahi edificarem o seu collegio, que é actualmente o palacio do governo.

Em seguida á fortaleza está o campo de S. Gabriel, ou esplanada da mesma fortaleza com tres compridas ruas, cobertas de frondoso arvoredo, desde a porta da fortaleza até á entrada da pequena mas bonita cidade de S. Sebastião[1], a qual apresenta hoje ao viajante, que demanda o porto, alegre perspectiva, devida aos muitos melhoramentos que n'estes ultimos tempos lhe tem sido feitos[2].

É a cidade dividida em dois bairros, o de S. Domingos e do Concelho, comprehendendo estes vinte e quatro ruas, vinte e uma travessas, sete largos, duas estradas e um campo; e o pequeno bairro da Morangonha, é habitado quasi exclusivamente por libertos[3].

As principaes ruas são as do Thesouro, do Concelho, do Arsenal, de S. Domingos, da Fidelidade, do Celleiro, do Hospital, Formosa e do Conselheiro Leal[4], que a gravura representa, a qual foi inaugurada aos 28 de janeiro de 1870 pela camara municipal, á memoria do governador geral Fernando da Costa Leal, fallecido aos 29 de dezembro de 1869.

[1] Não nos sendo possivel apresentar a vista geral da cidade, damos a de uma pequena parte do lado do porto.

O campanario e o tecto do templo que se vê é da sé matriz.

A ultima casa grande que se nota pertenceu ao deputado Theodorico José de Abranches, e serviu em 1870 de hospital provisorio de colericos.

Chamam-se pangaios aos barcos grandes que estão encalhados, sem mastros, os quaes nas monções navegam entre a India e Moçambique.

Veja a gravura que diz *Vista de uma parte da cidade do lado do porto entre a praia da alfandega até á praia de S. João.*

[2] Grande parte dos melhoramentos realisados são devidos á commissão municipal que funccionou no biennio de 1873 a 1874, a qual era composta dos srs. A. J. Machado, facultativo; F. M. Gomes Ferreira, negociante; F. P. Carvalho, professor; J. V. B. Mascarenhas, proprietario; e José Zeferino Xavier Alves, que foi o presidente d'esta commissão.

[3] A cidade tem cinco edificios religiosos, um hospital, dez edificios civis, um mercado e um club, denominado Recreativo Regeneração.

[4] Homenagem sincera e insuspeita de respeitosa gratidão dos habitantes da capital áquelle governador.

A rua, até então, chamava-se travessa do O; a entrada pelo lado de O. era tão estreita que mal podia passar um carro, em consequencia de existir ali uma an-

Das ruas mais estreitas mencionaremos a chamada dos Banianes, na qual ainda assim póde passar um carro sem offender quem transita pelos lados[1].

Das travessas citaremos como principaes as da Cadeia, do Hospital, da Saude e dos Fornos; as duas ultimas, que eram intransitaveis, são hoje as mais bellas, devido á commissão municipal de 1874.

Os largos mais notaveis são o da União[2] e o de S. Paulo[3], representados nas gravuras; este, que está em frente do palacio do governo, é um bello passeio adornado de assentos de madeira com um elegante coreto no centro, onde a musica do batalhão de caçadores n.º 1 toca ás quintas feiras e aos domingos, attrahindo áquelle local numerosa concorrencia.

tiquissima loja edificada até meio da rua. Os moradores da travessa por vezes tentaram exproprial-a, mas não o poderam conseguir; até que o governador Leal, com a sua proverbial energia, no principio do seu governo, ordenou a expropriação, resolvendo todos os embaraços para ella se effectuar, e facilitou á camara a conclusão do trabalho de reforma e alinhamento. O rebaixamento e arborisação foi depois a expensas do sr. Alves, proprietario da casa grande que se vê a L.

A janella que se devisa ao fundo da rua ao O. é da alfandega.

Veja-se a gravura *Rua Nova do Conselheiro Leal,* em 1875.

[1] Data do estabelecimento dos banianes, subditos portuguezes, naturaes de Diu, em 1687, os quaes logo que chegaram se constituiram em companhia, monopolisando o commercio. Ultimamente os estrangeiros batiás, naturaes de Caxe, obtiveram igual permissão, e, como agentes de boas casas de Bombaim e de Caxe, monopolisaram o commercio d'aquelles, auferindo grandes lucros com a ruina dos outros, até que finalmente, com a abertura dos portos e estabelecimento das casas commerciaes francezas, tambem para elles acabou o monopolio, e actualmente só commerceiam com as fazendas que a estes compram e com as que lhes vem da India, vendendo-as por grosso e a retalho.

É valioso o negocio que diariamente se faz n'esta rua em fazendas proprias do sertão, e em producções do paiz para exportação; são notaveis as importantes partidas de pontas de marfim, cavallo marinho e abada, que nos mezes de maio e setembro (denominados da monção para a India) se vêem estendidas ao longo da rua para classificar, escolher e marcar para, depois da entrada na alfandega e pagamento de direitos, seguirem para os portos da India. Para se avaliar o commercio d'esta gente, bastará dizer que ha lojas que annualmente têem pago de direitos á alfandega cerca de 20:000$000 réis, mais da quarta parte do rendimento. Alguns batiás estão naturalisados cidadãos portuguezes. Em outro tempo houve bastantes parses estabelecidos, subditos portuguezes; hoje ha muito poucos.

[2] Veja-se a gravura designada *Largo da União,* vulgo do Pelourinho.

O grande edificio que se divisa ao longe é o hospital militar e civil, que foi convento de S. João de Deus, demolido ha pouco. Vê-se tambem a capella de Nossa Senhora da Saude, e o cemiterio.

[3] Veja-se a gravura designada *Largo de S. Paulo*, em 1875.

O edificio a SO. é a alfandega.

O largo e a ponte são illuminados com elegantes candieiros de petroleo, melhoramento este devido ao fallecido governador geral José Rodrigues Coelho do Amaral.

O campo de S. Gabriel é uma linda alameda que se prolonga com as ruas de S. Domingos e S. Paulo e finda na fortaleza. Foi n'este campo que a 23 de junho de 1869 teve logar a benção e juramento da bandeira do batalhão expedicionario da Zambezia[1].

A cidade tem bons edificios; algumas ruas e travessas são bastante largas e regulares, e em quasi todas ha passeios lateraes de argamassa.

Os largos, a Praia Grande e da Boa Vista, e as ruas da Missanga até ao mercado do peixe e d'este até ao caminho da ponta da ilha são orlados de arvoredo.

Fortificações.—Em outro tempo era a ilha defendida pela fortaleza de S. Sebastião que a domina[2]; pelo forte de S. Lourenço[3], construido em um ilhéu afastado d'ella uns 33 metros do lado do S., e pelo fortim de Santo Antonio, edificado no angulo que forma a ilha do lado de E. Tem tres magnificas cisternas. É o quartel do batalhão de caçadores n.º 1[4].

Os fortes de S. Lourenço e Santo Antonio estão desartilhados: o primeiro, que está bem conservado, foi em 1868 convenientemente arranjado no interior para arrecadação da polvora dos particulares, a cargo da alfandega; e o segundo é o quartel de veteranos.

Porto ou fundeadouro.—É o melhor e o mais seguro de toda a costa, e illuminado como está, com um pharol na ilha de S. Jorge

[1] Na manhã do dia designado para a benção da bandeira havia-se armado a meio comprimento da alameda o altar campal da expedição, correspondendo justamente ás ruinas de uma antiga igreja que em outro tempo ali houve.

Depois da revista que o governador Fernando da Costa Leal passou ao batalhão, começou a missa, sendo celebrante o capellão do mesmo corpo. Logoque esta ceremonia findou, o governador, empunhando a bandeira pela haste, approximou-se do altar, e ali a benzeu o capellão. Era bordada com delicadeza e perfeição e feita de finissimos estofos.

Em seguida houve pequena pratica do capellão, dando a toda a expedição a benção apostolica que lhe havia mandado o santissimo padre Pio IX. A força formou depois em quadrado singelo com a frente para o interior, para onde entrou o governador com a bandeira, que entregou, dirigindo aos expedicionarios uma elegante allocução no acto do seu juramento.

[2] Teve 100 bôcas de fogo de bronze; hoje as que ha são de ferro.

[3] Começou a construcção em 1695. No ilhéu ha casa para a guarda e uma cisterna.

[4] É mau o quartel, quente, humido e pouco ventilado. As paredes posteriores das casernas são formadas pelas muralhas da fortaleza por onde se infiltra a agua das chuvas durante a invernada. Eis uma das causas nocivas á saude dos soldados.

(Goa)[1], os pharolins na Cabaceira e na fortaleza de S. Sebastião, e com as balizas que tem, póde-se ali entrar de noite sem risco.

As boias-balizas estão collocadas na entrada do porto do seguinte modo:

Canal do norte. — Uma boia cylindrica vermelha na ponta NE. da ilha de S. Jorge (Goa);

Uma boia cylindrica vermelha na ponta do baixo de S. Sebastião, junta á fortaleza;

Duas boias cylindricas postas nas duas pontas mais salientes do baixo da Cabaceira.

Canal do sul. — Uma boia cylindrica vermelha na ponta NE. da ilha de S. Thiago (Sena);

Uma boia cylindrica negra ao SO. da ilha de S. Jorge (Goa).

As boias estão fundeadas approximadamente em 7 metros de fundo na baixamar das maiores marés, e são pintadas de vermelho as que ficam a BB., e pretas a EB. quando se entra no porto.

Palacio do governo. — Este edificio, residencia do governador geral, pertenceu ao collegio de S. Francisco Xavier, dos padres jesuitas, fundado nos principios do seculo XVII, depois da extincção da companhia de Jesus. Foi reconstruido, aformoseado e adaptado para palacio do governo pelo capitão general D. Diogo de Sousa; e depois quasi todos os governadores lhe têem feito alguns melhoramentos, sendo o mais importante o que lhe fez o fallecido Amaral, que transferiu para o pavimento inferior, depois de convenientemente arranjado, a secretaria, a repartição militar e o archivo, e embellezou os aposentos superiores, a fim de o tornar proprio da primeira auctoridade da provincia, e poder receber sem desdouro os estrangeiros de distincção que muitas vezes visitam aquelle porto. O edificio tem treze janellas de frente, dois mirantes, boas cisternas e magnifica horta com boa uva ferral.

Alfandega. — A construcção d'esta repartição foi ordenada em 1720. Desde 1593 até áquella epocha os direitos eram cobrados a bordo dos proprios navios na rasão de 6 por cento de entrada, e igual quantia de saída, sendo livre a qualquer o resgate de oiro e prata de Sofalla, pagando para a fazenda publica um quinto da sua importancia.

No reinado da Senhora D. Maria I, sendo governador e capitão general Antonio Manuel de Mello e Castro, foi a actual alfandega reedificada no logar da antiga, como se deprehende da inscripção que se vê por cima da porta do lado do largo de S. Paulo, que é a da entrada.

O edificio é sufficientemente forte e tem bons armazens; a sala da

[1] Começou a funccionar em 15 de maio de 1876. Junto ao pharol fez-se uma cisterna.

abertura e verificação é vasta e lageada, e os armazens são argamaçados. O movimento commercial tem sido tal desde 1853, em que se abriram os portos ao commercio e se estabeleceram algumas casas commerciaes estrangeiras, como se vê das estatisticas, que não obstante os importantes melhoramentos feitos no edificio em 1863, que quasi lhe duplicaram o espaço, com um sobrado de serventia interior para o qual são elevados os volumes por dois guinchos convenientemente collocados em fórma de guindaste, ainda assim não satisfaz e carece de ser augmentado.

Outras bemfeitorias e aformoseamentos de não menor valia se lhe fizeram n'essa occasião, como se vê do relatorio[1] do director J. Z. X. Alves, sob cuja direcção a obra foi feita, o qual mandou vir de Lisboa, com auctorisação do governador Tavares de Almeida, um guindaste, seis carrinhos para o serviço interno, quatro rodas de aba para a zorra conduzir as mercadorias para os armazens pelo rail que devia ser collocado no centro da ponte, e dois guinchos.

O governador geral Fernando da Costa Leal, logoque tomou posse do governo e visitou a alfandega, conheceu a necessidade de a ampliar ou mandar construir outra em melhores condições, e para isso tratou da expropriação de uma porção de casebres que havia á entrada da rua de S. Paulo, formando o largo do palacio, e que eram propriedade quasi exclusiva de mahometanos, quando a sua principal residencia era na Cabaceira Pequena. A maior parte d'estes casebres tinha chegado a tal estado de ruina pelo lado do mar, que causavam impressão desagradavel ao viajante que demandava o porto, porque se lhe afigurava á primeira vista ser effeito de um terremoto. Effectuada a expropriação e levantada a planta da nova alfandega, começaram as demolições, fallecendo o governador pouco depois sem ter a satisfação de lançar a primeira pedra nos alicerces da obra que ordenou.

Os governos interinos que lhe succederam continuaram a demolição, sendo lançados os alicerces da nova alfandega pelo governador geral José Rodrigues Coelho do Amaral, depois de algumas alterações por elle feitas na primitiva planta, chegando as paredes interiores e exteriores a mais de um 1 metro de altura; porém, com o seu fallecimento a obra parou, e a final foi mandada demolir pelo actual governador, arborisando-se e ajardinando-se o terreno onde se havia começado a edificação. Continúa a velha alfandega a servir de deposito e no mesmo estado, com a falta das commodidades que o commercio exige, e com os terraços de alguns armazens especados e em perspectiva de desabamento.

Ponte de alfandega.—Em frente do palacio do governo está a ma-

[1] *Boletim do governo* n.º 46 de 1863.

gestosa ponte, denominada da alfandega, assente sobre um arco e onze pegões de alvenaria, sobre os quaes se firma o taboleiro de magnifica madeira de mocorusse, tendo no extremo e de cada lado uma escada de madeira, e ao centro um guindaste de ferro que foi assente em 1863.

O comprimento desde o guindaste até á porta da alfandega é de 180 metros, e ainda são precisos mais uns tres ou quatro pegões para que o serviço se faça bem durante a baixamar de aguas vivas[1].

As duas columnas que tinha na extremidade em que se viam as armas de Portugal foram ultimamente demolidas e substituidas por dois candieiros de petroleo.

Arsenal. — Está esta repartição situada junto da sé matriz, em um logar acanhado e improprio; porém com um aterro que ultimamente se lhe fez para o mar, fechado com uma muralha, augmentou mais o pequeno espaço de que dispunha.

Conservou-se este estabelecimento em bastante decadencia por muito tempo, mas, com os melhoramentos ultimamente introduzidos, póde dizer-se que está á altura de poder satisfazer ao fim para que foi instituido, podendo prestar importantes serviços á navegação, poisque se acha habilitado a fazer quaesquer concertos em navios, por ter já montada a officina a vapor que o transporte *India* levou em 1871, uma ventoinha a vapor na ferraria e um forno de fundição, que em breve fundirá os reparos de ferro para a artilheria da fortaleza de S. Sebastião. Tem pois esta repartição já montadas tres machinas motrizes de officina e ferraria e todas as machinas da mesma, que são um torno automatico, um outro mais pequeno, um saca-bocados, um engenho vertical de furar, um de cortar chapas, duas mesas de serrar e um rebolo tambem movido a vapor, e em breve terá mais uma machina de vapor para serrar madeira com serras verticaes, porque as duas mesas da actual officina têem serras circulares que não servem para tabuado.

É a primeira officina d'este genero que tem a provincia de Moçambique, a qual foi assente sob a direcção do machinista da armada, Carlos Maria Raposo, e os pavilhões das officinas construidos sob a direcção do conductor de trabalhos Joaquim José Lapa, tendo-se começado o pavilhão da ferraria e a muralha em 1874, por ordem do conselho governativo, bem como a construcção do pharol da ilha de Goa, a que deu começo o mesmo conductor.

São importantes, sem duvida, os melhoramentos que o porto de Moçambique tem tido n'estes ultimos tempos; falta-lhe porém ainda addi-

[1] Veja-se a gravura designada por *Ponte da Alfandega*, em 1875.
É a melhor obra n'este genero que ha no ultramar.

cionar uma doka, o que não estará longe de possuir, seja por iniciativa particular ou official; em a tendo e os navegadores houverem a certeza de encontrar ali meios seguros de concertar os seus barcos, o porto será um dos mais concorridos de alem do cabo.

Edificio da junta de fazenda. — Era uma propriedade particular, que foi comprada em hasta publica, em 1838, a Gabriel José Ferreira, para n'ella se estabelecer a repartição de fazenda. É boa casa, com duas cisternas e espaçosos armazens. Alojam-se no pavimento superior a junta de fazenda, a contadoria geral, thesouraria e archivo, e no inferior o correio geral, repartição do almoxarifado e a casa da guarda. Tem um vasto quintal ou pateo, que actualmente serve de deposito de carvão mineral para os barcos a vapor do estado.

Imprensa nacional e escola principal. — É um vasto edificio junto ao palacio do governo, que outr'ora foi residencia dos ouvidores. Estava bastante arruinado, porém o governador Leal mandou-o restaurar em 1869, ficando então com uma bonita fachada. Está ali estabelecida a imprensa, a escola principal para os sexos masculino e feminino, e é morada da professora.

Hospital militar e civil. — Este estabelecimento, que foi o convento de S. João de Deus, fundado em 1681 e augmentado e melhorado em 1703, era um vasto edificio com accommodações para muitos doentes, alem de quartos para officiaes, empregados civis e individuos de classe mais elevada. A pharmacia achava-se collocada na igreja do antigo convento.

O estado de ruina a que chegou, e a falta de condições hygienicas fez com que fosse demolido, lançando-se a pedra fundamental do novo hospital em 10 de agosto de 1876.

Serve actualmente de hospital a casa que a camara municipal comprou em 1873 ao dr. Balduino Severo de Mendonça, por 4:500$000 réis, sita no largo da Sé, para n'ella se estabelecer o tribunal de justiça e a conservatoria, para o que já a camara em 1874 lhe tinha mandado fazer as convenientes reparações.

A botica passou para uma casa do estado que lhe fica proxima, e que servia de residencia ao juiz de direito da comarca.

Paço da camara municipal. — Foi este edificio propriedade particular, é o melhor paço municipal das nossas possessões ultramarinas, exceptuando o de Macau.

Estão ali acommodados a administração do concelho, a cadeia civil e o quartel da policia, e ultimamente fez-se-lhe uma abegoaria[1]; tem casa

[1] Alguns serviços de transportes que d'antes eram feitos á cabeça de negros, são hoje executados por carros puchados a bois.

para os carreiros e para arrecadação de materiaes e ferramentas, cisterna e, do lado da rua do Thesouro, um theatro em uma casa que a camara comprou em 1839 a Deuchande Ari e juntou ao paço. Em cima do terraço, no centro do edificio á face da fachada, foi collocado um relogio.

É n'este edificio que se reune a junta de justiça e tem logar a audiencia do juiz.

Casa chamada do Bispo. — É a residencia prelaticia, e habita n'ella o reverendo prelado José Caetano Gonçalves; foi comprada pelo bispo de S. Thomé, D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, sendo prelado de Moçambique pelos annos de 1821, para residencia dos seus successores; é bom edificio, mas não foi acabado; está situado na Praia Grande; tem boa cisterna e grande quintal.

N'esta casa ha uma escola de instrucção primaria creada e dirigida pelo actual prelado.

Repartição de obras publicas. — Está no convento de S. Domingos, do qual a igreja que era dedicada a Nossa Senhora do Rosario e maior que a sé matriz, já não existe. Estão ali estabelecidos o museu colonial e a repartição de obras publicas soffrivelmente montada com officinas proprias para o seu fim[1].

Não consta o anno da fundação do edificio, mas sabe-se que foi no reinado de El-Rei D. João III.

Está situado no mais sadio logar da cidade, alegre, arejado e com bella vista para o mar; tem uma magnifica cisterna.

Estabelecimentos religiosos. — Tem actualmente a cidade uma parochia, a matriz ou sé, dedicada a Nossa Senhora da Purificação e do Livramento, que é um templo de uma só nave, bem construido, coberto de terraço, e a capella mór, que por fóra mostra figura oval, é elegante, toda fechada de abobada de pedra. Tem tres altares, alem da capella do Santissimo Sacramento.

Pelo estado de ruina a que chegou aquelle magnifico templo, passou a parochia para a igreja da misericordia.

N'estes ultimos tempos têem tido a cidade e os edificios publicos muitos melhoramentos, mas aquelle templo, que com pouca despeza se poderia reparar, está cada vez peior, servindo de deposito de materiaes para as obras publicas.

Igreja da Misericordia. — Este templo, fundado nos principios do seculo XVII, é de mediana grandeza. Está em bom estado de conservação, devido aos esforços e desvelos que algumas commissões administrativas têem tido na gerencia d'aquelle pio estabelecimento, e especialmente da

[1] Tem seis carros com bois para o serviço.

que serviu de 1851 a 1856, poisque os seus primeiros cuidados foram a reparação do edificio, que estava bastante arruinado.

Capellas. — Possue a cidade quatro capellas: a de Nossa Senhora do Baluarte, dentro da fortaleza de S. Sebastião, e edificada no baluarte que olha para a barra, o qual tem a artilheria quasi ao lume de agua, e é fechado sobre si. A capella é toda de abobada e bem construida, e só se abre quando algum devoto quer mandar dizer missa. É ali que os governadores geraes tomam posse do governo, depois de lhe serem apresentadas as chaves á entrada da praça pelo respectivo commandante interino, dirigindo-se em seguida á dita capella, onde recebe das mãos do governador rendido o bastão que está collocado sobre o altar.

A de S. Paulo, que foi a igreja de S. Francisco Xavier, dos padres jesuitas, junto do palacio do governo. Está em bom estado e tem tres altares; é onde o batalhão assiste á missa. Encerra esta capella as cinzas de dois governadores illustres: D. Estevão de Athaide e o marquez de Aracaty. Ao primeiro se deveu por duas vezes a conservação da cidade e ilha, defendendo-as de dois cercos dos hollandezes, sendo castellão da praça e general das conquistas das minas da prata; falleceu em 1633. O segundo tomou posse do governo em 5 de outubro de 1837 e falleceu em 30 de março do anno seguinte.

A de Santo Antonio, que foi edificada, não se sabe em que anno, dentro do fortim do mesmo nome, restando-lhe apenas a capella mór por ser de abobada, que é onde está depositada a imagem.

Os gentios banianes e alguns mahometanos têem muita veneração por este santo, e por isso vão frequentes vezes em devota romaria visital-o, levando vélas que accendem diante da imagem, fazendo-lhe supplicas a seu modo, e subscrevem sempre da melhor vontade para as despezas da festa.

A de Nossa Senhora da Saude, que foi igreja do hospicio dos religiosos capuchos, junto ao cemiterio, está a cargo da camara municipal, que no anno de 1874 a reedificou e embellezou. É onde se encommendam os corpos que se dão á sepultura.

Mercados publicos (bazares). — O unico que a cidade possue e a que póde dar-se esse nome, é o mercado do peixe; depois da sua reedificação ordenada pela camara municipal de 1874, em que a cobertura que tinha de olas de palmeira foi substituida por telha chata franceza, e se lhe collocaram mesas de pedra ao centro para se expor o peixe á venda, e assentos em roda, ficou um mercado regular. Foi estabelecido em 1828.

Outro mercado está em construcção, maior e mais elegante, para a venda de objectos de consumo diario, no terreno adquirido na Missanga,

onde foi o horroroso fogo de 1870, que tantas palhotas consumiu. O que desde o governo do marquez Aracaty se não pôde levar a effeito para regularisar o fabrico das habitações n'aquelle sitio, que era a principal origem das molestias da ilha pela accumulação de immundicies na povoação, foi conseguido pelo fogo em poucas horas! Entretanto é tolerada a venda dos ditos objectos no alto da Marangonha, e no campo de S. Gabriel, no chão e descobertos.

Cemiterios.—Ha na ilha tres cemiterios: um junto á capella de Nossa Senhora da Saude, outro em construcção, com capella, no fim da ilha, na ponta do S., mandado fazer por deliberação da commissão municipal de 1874, muito maior e em logar mais apropriado para a saude publica, o qual mede 95 metros de comprimento e 48 de largura; e o terceiro para os mahometanos, no campo de Santo Antonio. Ha ainda outro no extremo da ilha, onde os gentios batiás e banianes são queimados e em seguida lançadas as cinzas ao mar.

Districto de Moçambique.— A capital do districto de toda a provincia é a cidade de S. Sebastião, cuja descripção já apresentámos. É séde do governador geral que reune attribuições civis e militares.

Junto ao governo geral ha o seguinte pessoal:

Um prelado com jurisdicção ecclesiastica em toda a provincia; conselho do governo; conselho governativo, que só exerce o governo por fallecimento do governador; conselho da provincia ou tribunal administrativo; conselho inspector de instrucção publica; junta de justiça; junta de fazenda, que administra os rendimentos publicos; e juiz de direito da comarca, que comprehende os districtos de Cabo Delgado e de Angoche.

A repartição de justiça é subordinada á relação de Goa, e o prelado ao arcebispado primaz do Oriente.

Divide-se a provincia em oito districtos militares, que são Moçambique, Cabo Delgado, Angoche, Quelimane, Tete (Zambezia), Sofala, Inhambane e Lourenço Marques[1].

Os districtos são divididos em concelhos.

Os governadores d'estes districtos são em tudo sujeitos á auctoridade do governador geral, exercem funcções civis e militares e são os commandantes militares de todo o districto.

Força armada.— Compõe-se de um batalhão de caçadores (n.º 1), que, quando completo, tem 436 praças. Os soldados são, pela maior parte, mandados do reino e da India. Fazem a guarnição da cidade, do

[1] Alem dos districtos que nomeámos temos o presidio de Bazaruto, commando militar estabelecido em 1855, e o commando de Sena, sujeito a Quelimane.

Ibo e de Angoche, entram no serviço do corpo de policia e no de guardas supranumerarios da alfandega.

Arrabaldes da cidade. — A terra firme, fronteira á ilha de Moçambique, districto da capital, é territorio da configuração quasi de um semicirculo, com 25 a 30 kilometros de comprimento na parte banhada pelo mar, e com 10 a 15 no interior. Divide-se em differentes povoações.

Cabaceira pequena. — Na extremidade NE. está situada a povoação de Cabaceira Pequena, defronte da fortaleza de S. Sebastião, e na extremidade do S., em frente do forte de S. Lourenço, estão as de Sancule e Chaça. Todas estas povoações são habitadas por mahometanos. Tem bastantes casas de pedra e boas mesquitas.

Entre as ruinas dos edificios antigos da Cabaceira Pequena encontram-se as da igreja de S. João, do tempo em que foi habitada por christãos portuguezes. Esta localidade está quasi despida de arvoredo e destituida de cultura.

Sancule e Chaça são pontos bonitos, tendo esta bons e bem tratados palmares. Os habitantes empregam-se no fabrico de loiça de barro e na agricultura, e fornecem a cidade de legumes, fructas, caça e outras cousas.

Os habitantes da Cabaceira Pequena empregam-se, uns no córte de madeiras nos sertões do districto, para fazer vigas, barrotes, tábuas e cavernas para barcos, que vendem no mercado; outros, porém, applicam-se ao commercio em varios pontos da costa e no serviço de marinheiros. As mulheres pretas trabalham na fabricação do cairo e de loiça de barro, e as brancas em fazer canudos para fumar e barretes de algodão branco bordados (coifios) que os mouros usam, e em outras pequenas industrias.

Cabaceira Grande. — A Cabaceira Grande é uma aldeia proxima á Cabaceira Pequena e dividida d'esta por um braço de mar, que, na occasião da vasante, se atravessa a pé enxuto. É menos povoada, e seus moradores são todos christãos.

Ha ali boas casas, e a igreja parochial é consagrada a Nossa Senhora dos Remedios. Não se sabe com certeza quem foi o fundador do templo, mas suppõe-se ser obra dos jesuitas, por ter sido a igreja parochiada por elles até á extincção da companhia de Jesus.

Esta igreja tem um só altar e uma confraria, intitulada de Nossa Senhora dos Remedios da Cabaceira Grande, a qual foi instituida em 1775. Contigua ao templo havia uma espaçosa casa para residencia do parocho, a qual se acha hoje em completa ruina.

O districto d'esta freguezia é todo cultivado, apresentando um aspecto agradavel e civilisado. Os palmares e laranjaes são proximos da praia e nos altos estão as maxambas.

As laranjas são excellentes, e frequentemente exportadas para Bombaim, onde têem facil venda.

A maior parte dos palmares não apresentam boa vegetação, devido á má qualidade do terreno[1].

Ha n'este districto numerosos rebanhos de gado vaccum e lanigero.

Não tem agua nativa, mas ha poços d'onde se tira boa agua.

Para se fazer idéa dos palmares dá-se uma vista[2] do que pertence aos herdeiros do fallecido brigadeiro Candido da Costa Soares, a quem aquelle districto deve uma boa parte do seu aformoseamento[3].

Dá-se outra vista de um caminho onde ha uma palmeira brava[4] e uma arvore denominada mulambeira, que abunda na provincia.

Entre a Cabaceira e a Mapeta encontra-se um bom logar para embarque, mesmo na baixamar das grandes marés. A vista que se apresenta é a de um palmar existente no ponto denominado Ponta de Morangul[5].

Mapeta.—É uma pequena aldeia habitada por pouca gente livre e por alguns libertos que se occupam na cultura das propriedades dos seus patrões.

A maior parte do terreno está deserto, havendo mato baldio e arvores silvestres.

Mossuril.—É uma grande aldeia onde ha gente livre de todas as raças.

O districto é muito arborisado, com extensos palmares e bons pomares, em que a maior parte dos proprietarios de Moçambique têem casas de campo.

Antigamente havia n'esta aldeia um batalhão de caçadores de segunda linha, formado dos moradores.

Tem um mercado diario ou bazar, onde se encontram quasi todos os objectos de consumo ordinario, e quasi todos os dias a elle concorrem muitos pretos do sertão (macuas) com differentes generos, aves e enxadas para vender.

Alem do bazar, ha lojas onde se vendem fazendas, diversas bebidas, etc. É d'esta aldeia e do districto de Ampapa que se abastecem de viveres e generos necessarios á vida a cidade e os navios que demandam o porto.

A igreja parochial d'esta grande povoação é dedicada a Nossa Senho-

[1] Todos os da provincia são inferiores aos bellos palmares de Goa.

[2] Não nos foi possivel apresentar a vista geral do sitios tão pittorescos.

[3] Veja-se a gravura designada por *Habitação dos herdeiros do brigadeiro Candido da Costa Soares, na Cabaceira Grande.*

[4] Veja-se a gravura *Palmeira brava e uma mulambeira na Cabaceira Grande.*

[5] Veja-se a gravura *Palmar na ponta do Morangul.*

ra da Conceição. Está edificada em sitio sobranceiro ao mar. Ignora-se a era da fundação e o nome do fundador, e só se sabe que o capitão general Balthazar Manuel Pereira do Lago, que governou a provincia desde 1765 a 1779, em que morreu, a reedificou por estar muito arruinada. Tem ligada, da parte do mar, uma casa de campo, destinada para os governadores geraes, com uma cisterna e um bom pomar de laranjas.

O templo tem só o altar da capella mór, com um bello retabulo guarnecido de rica e bem lavrada obra de talha dourada.

Postoque a agricultura se tenha desenvolvido bastante n'estes ultimos tempos em todo o territorio pertencente ao districto da capital, comtudo as cercanias de Mossuril levam vantagam a todas as outras aldeias. A sua cultura parece ser mais dilatada e mais variada, em rasão do abastecimento para a cidade, porque d'ali se obtem arroz, feijão branco, encarnado e frade, fava, chicote, jugo, ervilha, milho de duas qualidades denominadas grosso[1] e fino, gergelim, amendoim, maraca, muxiri, mafurra, côco, manga, ata, cajú, annanaz, laranja, limão, toranja, cidra, banana, goiaba, amora, jagoma, jambo, jambellão, melão, papaia, romã, maçã silvestre, carrapato, purgueira, couve, repolho, alface, nabo, cenoura, rabanete, rabano, tomate, alho, cebola, agrião, salsa, coentro, hortelã, mostarda, pimenta de diversas qualidades, gonçalinho, abobora carneira e menina, bendas ou quiabos, pepino, gengivre, açafrão, beringella, bretalha, café, canna de assucar (branca e vermelha), batata doce de duas qualidades, mandioca, inhame, inchiquilhe de que se faz polvilho, algodão de differentes qualidades, sumaúma e seda vegetal.

Ha ali muita creação de gado de todas as especies, assim como aves domesticas: gallinhas, perús, patos marrecos e manilhos, gallinhas do mato ou da India, pombos e outras aves.

No ponto mais elevado de Mossuril, onde ha o mercado, está construido o forte de S. José, pequeno reducto que domina a *langua*[2].

É de antiga data a fundação d'este forte. Foi reconstruido em 1758 por ordem do capitão general Pedro de Saldanha Albuquerque[3]. Tem um excellente quartel ha pouco construido, que o fecha.

[1] Ao milho grosso dão o singular nome de «burro».

[2] É este o nome que no paiz se dá aos terrenos baixos e planos, onde entra o mar nas grandes marés.

[3] Por ordem do governador geral João Tavares de Almeida, foram-lhe feitas algumas obras. A artilheria e os reparos das peças estão inuteis; algumas caronadas que tem foram do brigue *Tejo;* não podem fazer fogo por estarem montadas em reparos de marinha.

O terreno comprehendido entre a Cabaceira Pequena e Mossuril, fronteiro á ilha, forma com a bahia de Conducia uma peninsula.

Industria.—A industria d'este districto e a das ilhas de Cabo Delgado e Angoche limitam-se pouco mais ou menos ao fabrico de oleo de gergelim, amendoim e côco para o consumo, por um processo antigo e prejudicial ao industrial pelo desperdicio que lhe causa; fabrica-se tambem louça de barro para consumo e exportação, quiçapos, alcofas, esteiras grandes e compridas, ditas pequenas, finas e grossas, barretes e chapéus de palha, charuteiras, cairo para cabos das embarcações e para outros misteres, e de que se exporta algum [1], aguardente de cajú, de canna e de sura, vinagre de sura e de canna, farinha de mandioca e de tapioca, manteiga fresca, queijo fresco, jagra de canna, cal de pedra e de conchas.

Pesca.—Só para consumo. Podia fazer-se em grande escala nas bahias de Fernão Velloso, Conducia e Mocambo.

O peixe que n'ellas abunda, depois de convenientemente preparado, secco ou salgado, levado aos mercados da Reunião ou Mauricias, não daria prejuizo.

Macaxoxo [2].—Bicho do mar, de que as praias de Moçambique são cobertas, e ninguem faz caso, sabendo-se que os chins o consomem e pagam por bom preço; tambem tem prompta venda nas Mauricias, para a colonia china que ali ha.

Cauril.—Buzio pequeno que nas praias apparece em grande quantidade, especialmente na baixamar de aguas vivas; o fino regulava ultimamente por 600 réis a panja (24^{l},15). Depois de escolhido e preparado, é exportado pelas casas francezas para a Costa da Mina, onde corre como moeda, e serve tambem para enfeites dos indigenas.

O refugo vale a quarta ou quinta parte menos; exporta-se para Bombaim e de lá para outras partes, para outros misteres.

[1] A fabricação do cairo é imperfeita e penosa. A casca do côco emquanto está verde, a que no paiz se dá o nome de macume, enterra-se na praia pelo espaço de dois a tres mezes, e em sitio onde a maré a cubra; passado este tempo é lavada e collocada sobre um cepo e batida com um pau para se despegar a fibra, a que dão o nome de sumba, e exposta ao sol; depois de secca separam-se, á mão as fibras grossas das finas e formam pavios meio torcidos sobre as pernas nuas; obtida uma porção d'estes pavios, torcem-se entre as mãos levantadas, e assim vae saindo o fio torcido. Por este processo fazem as mulheres, que são quem se empregam mais n'este serviço, 150 a 160 metros por dia, desde que batem o macume.

[2] O preparo, segundo o processo que usam em Madagascar, consiste em abrir o peixe, tirar-lhe o abdomen, laval-o, e dar-lhe uma pequena fervura, e secca-se depois ao sol. Algumas porções d'elle, preparado por esta fórma, foram, por experiencia, ha tempo mandadas á China, e chegaram a Hong-Kong em bom estado.

Madeiras.—O pau preto (ebano e pau ferro), mocorusse, imbilla, etc., abundam em todo o sertão; e a pana, arvore que cresce direita e a uma altura extraordinaria, de que na India se fazem mastros para navios, tem sido ultimamente semeada e produz bem. A madeira é vermelha. A semente é como as bolotas.

Café.—Nasce mesmo sem cultura, e ainda assim é o melhor e o mais aromatico das nossas colonias, e pouco differe em sabor do de Moka.

Muitos dos cafezeiros que aformoseiam e formam as ruas de alguns palmares em Mossuril e Cabaceira crescem á sombra das mangueiras e de outras arvores frondosas.

É notavel encontrar-se o café n'estes logares, e presume-se que seja levado para ali pelos passaros, que o deixam caír ao tirar a pellicula madura que o envolve, e que vão buscar aos cafezeiros ao approximar-se a colheita.

N'estas circumstancias a sementeira é segura e a planta desenvolve-se rapidamente, emquanto que, cultivando-se com cuidado e trabalho, custa mais a vingar.

Tambem ha muitos cafezeiros bellos e frondosos, reproduzidos por estacas que são cortadas nas arvores silvestres, e depois de limpas dos ramos enterradas no chão no começo da estação chuvosa. É preciso porém no tempo secco deitar-lhes algumas gotas de agua, isto nos primeiros annos, e produzem depois magnifico café.

Não obstante a facilidade da cultura d'este producto, como se vê, e do valor que tem, apenas apparece no mercado o preciso para consumo pelo preço de 6$000 a 7$000 réis por 15 kilogrammas.

Algodão.—É espontaneo, e são differentes as qualidades que ali se dão, e entre as sementes de fóra são as do Egypto que produzem melhor[1].

Tabaco.—É de boa qualidade e é-lhe favoravel o terreno. O que apparece no mercado vem do interior, e é comprado para consumo e exportação para a India[2].

Anil.—A ponta da ilha ao S. e o continente estão quasi sempre cobertos d'elle, mas é completamente desprezado. Pelas experiencias diversas vezes feitas conheceu-se ser de superior qualidade.

Canna de assucar.—Produz bem e de todas as qualidades nos ter-

[1] Na exposição de Paris, em 1857, mereceu menção honrosa o algodão d'esta qualidade, produzido na propriedade de Namiole de J. Z. X. Alves, e no quintal da casa da cidade na rua do Conselheiro Leal.

[2] Vende-se no mercado a rasão de 4 e 6 réis a roda, do peso de 1k,377 a 1k,836.

O preparo consiste em ser posto ao sol para seccar, e depois reduzil-o a tranças e estas a rodas, e assim é vendido no mercado.

renos frescos, e melhor nas margens dos ribeiros. Não obstante, não ha grande cultura d'este producto tão valioso.

Em Migorine, districto de Mossuril, na casa, cuja gravura se apresenta[1], fez-se ha annos assucar e aguardente, e ainda lá existem em ponto pequeno os utensilios para o fabrico e distillação, trazidos de Baçaim. Tambem ha alguns instrumentos agrarios modernos[2].

Trigo.—Produz bem, sendo boa a semente; é semeado nas lagoas depois de colhido o arroz; mas o melhor de toda a provincia e superior ao do Gates (India) é o do districto da Zambezia.

Arroz.—Produz bem no districto da capital, porém apenas se semeia o preciso para consumo. O melhor da provincia é de Sofala e Inhambane.

O districto da Zambezia exporta bastante, especialmente para Bourbon e outros portos.

Gergelim e amendoim.—Como estes productos têem prompta venda, são semeados em grande escala em toda a provincia. O processo de sementeira é rude e imperfeito[3].

Mandioca.—A plantação d'este producto é sempre grande, por ser o principal sustento dos pretos. Cortada e secca ao sol, chama-se *macaca.*

Abundam as abelhas no districto da capital, mas como os indigenas não sabem tirar partido d'ellas, queimam muitas vezes os enxames!

[1] Veja-se a gravura designada *Casa de campo de Rita Alves em Migorine.*

[2] Esta casa foi edificada em 1864 por J. Z. X. Alves, em um palmar á borda da grande langoa, chamada de Mossuril; tem agradavel vista. Da margem opposta da langoa, está o palmar, com boa casa, dos herdeiros de Urbano da Costa Mattoso; as maxambas de varios proprietarios, e a estrada real para o sertão são sempre muito transitadas pelos indigenas; tambem se vê o monte do Pão. A casa tem na frente um pequeno jardim com flores, boa horta, um pequeno pomar, e cinco pés de oliveira idos do reino dispostas ha quinze annos, mas que não dão fructo. Outras arvores de fructas do reino foram por differentes vezes ali plantadas, cresceram, mas não vingaram. Os bacelos da uva de arinto e moscatel de Setubal, produziram pouco e seccaram em breve. A uva ferral produz bem. A laranja é excellente, e embarcada a granel tem chegado a Bombaim, com perto de trinta dias de viagem, apenas com o prejuizo de 5 por cento! Algumas vezes ali se téem vendido a 4$500 réis e mais o cento. A canella de Ceylão, a papoula de Bombaim (opio), a pimenta de Goa, o cravo de Zanzibar, e algumas fructas de Bourbon e da Maiotta ali se cultivaram, mas não vingaram. A baunilha produz perfeitamente, assim como a arvore chamada puna, e a areca.

É a ultima casa de Mossuril.

[3] Consiste primeiro em roçar os campos, empregando para isso o fogo; depois fazem-se covas a pequenas distancias umas das outras, com enxadas em fórma de pás, deita-se-lhes a semente aos punhados, e cobrem-se de terra. Quando a semente rebenta e a planta attinge a altura approximadamente de 22 centimetros, são tirados alguns pés das covas e plantados em outro logar. O mesmo succede com o arroz, trigo, milho fino e grosso, etc.

Borracha.—A arvore da borracha encontra-se em muitas partes, e a exportação d'este producto tem augmentado consideravelmente n'estes ultimos tempos.

Baunilha.—Produz perfeitamente, e podia ser um bom ramo de commercio, mas não a sabem preparar para produzir a flor. Em Bourbon ha grande cultura d'esta planta, que sempre se vende por bom preço.

Areca.—Constitue um ramo importante de commercio em todo o Indostão e Malabar. Em Moçambique produz bem nos terrenos frescos, mas não a cultivam; a que consomem os banianes e os mouros é importada das ilhas de Comoro e da India.

População.—Os pretos (macuas) são em geral estupidos e maus; mas os livres e libertos que ha nas povoações, são, pela maior parte, indolentes, crapulosos e insignes ladrões.

Os *macuas* têem completa negação para aprender officios ou receber qualquer grau de instrucção. Os *mujaus,* ao contrario, aprendem tudo com facilidade incrivel: os melhores carpinteiros, pedreiros, calafates, cozinheiros e alfaiates, que existem na capital e no Ibo, são na maior parte escravos que os senhores mandaram ensinar.

Os *muizas,* mais intelligentes e socegados, são os verdadeiros negociantes do sertão[1]. A sua maneira de tratar differe da dos outros pretos; não usam de armas de fogo, mas trazem arco e flexa.

As enxadas de que os indigenas usam para a cultura e amanho das terras são fabricadas pelos pretos do interior (macuas) que residem ao pé de Mossuril, a quatro dias de caminho, e que as vem vender ao bazar de Mossuril e outros pontos do districto por 50 a 70 réis cada uma. São em fórma de pá com um bico para encabar. O ferro é de tão boa qualidade, que no arsenal, puchando-o á fieira, fazem d'elle magnifico arame. Dizem estes pretos que nas suas terras ha muito ferro e carvão de pedra[2].

Os costumes dos pretos do interior divergem pouco uns dos outros: adoram idolos e são em geral supersticiosos. Os que habitam as praias seguem o christianismo ou o islamismo, isto é, os escravos ou libertos seguem geralmente a religião dos senhores ou patrões. Ao maior numero agrada o islamismo, naturalmente pelo que vêem praticar aos musulma-

[1] Ainda não ha muito tempo que os pretos vinham periodicamente estabelecer feira em Mossuril, com marfim, oiro em pó, malaquite, cobre, etc.; porém depois que alguns regulos os bateram e roubaram na retirada não mais voltaram: têem ido para Zanzibar.

[2] Macala maluco.

nos. Estes cathechisam, emquanto que da nossa parte pouco ou nada se faz.

Cumpre-nos finalmente indicar os meios que se reputam mais apropriados para desenvolver o commercio e a agricultura na provincia de Moçambique.

A capital, que devia ser o melhor dos seus districtos, é o que está em peiores condições! Uma das causas principaes que impede ali o desenvolvimento da agricultura e a formação de importantes emprezas, é a falta de segurança individual; se a houvesse já ha muito se teriam constituido emprezas para a plantação em grande escala da canna e fabricação do assucar, assim como do algodão e outros generos agricolas a que o solo se presta.

Por vezes se tentou a formação de uma associação agricola, mas a falta de segurança arrefecia logo os animos; e emquanto o governo não podér attender a esta importante e principal questão, pouco mais se póde esperar da agricultura, porque nem os particulares nem as emprezas arriscarão capitaes sem a devida protecção.

Sem a segurança individual, que importa que o café nasça sem cultura, que o tabaco e o algodão cresçam espontaneos, que a cochonilha prospere e o anil forme um tapete constante de verdura?

Que importa que haja minas de oiro, ferro e carvão?

Que valem tantas riquezas encerradas n'esta vasta colonia, se se não podem explorar por falta de segurança publica?

É este o principal ponto a que temos de attender para se promover a colonisação.

Á vista do que se acha exposto não nos é possivel fundamentar as nossas considerações com respeito á colonisação e aclimação da provincia de Moçambique, poisque podemos ser levados em erro, attentas as condições actuaes que ali se notam. Onde falta a colonisação, a salubridade e insalubridade mal podem ser estudadas.

Apesar de taes difficuldades procurámos obter informações sobre este assumpto. Pessoa competente e a quem devemos a descripção do districto de Moçambique julga que para se promover o progresso e a agricultura é indispensavel attender, entre outras muitas cousas, aos seguintes meios:

1.º Acabar com os checados de Sancule e da Quitangonha, ao N. e ao S. da capital e districtos d'ella. Esta medida reputâmol-a de instante necessidade, porque aquelles checados se oppõem ao desenvolvimento da provincia.

2.º Estabelecer n'estes pontos colonias agricolas, especialmente na Quitangonha em que os terrenos são magnificos. Onde está a montanha da

Mesa[1] ha todos os elementos para a formação de povoação e defeza, principalmente na Chicoma á beiramar.

3.° Outra colonia composta de degredados que forem chegando á provincia, deverá estabelecer-se nas proximidades do rio Monapo[2] ou em Nouvera a tres horas de caminho de Mossuril, onde ha boa agua e terrenos appropriados para todo o genero de cultura.

4.° N'estas localidades serão antecipadamente formadas casas de madeira cobertas de telha, a qual já lá se fabrica, para receber os colonos que forem chegando, tendo cada colonia uma enfermaria, facultativo e ambulancia, a fim de não succumbir á nascença, como succedeu á de Pemba, que sem piedade foi lançada em um terreno pantanoso e com cobatas cobertas de palha, como as dos negros, para abrigo d'aquella pobre gente, que no tempo da chuva chegou a ter a agua pelo joelho[3], e que por isso tão depressa se aniquilou.

5.° Aos colonos deverão entregar-se alguns cavallos e eguas, não só para o seu serviço e da colonia, mas tambem para defeza d'ella, porque um homem a cavallo, por pequeno que este seja, infunde mais respeito nos sertões de Moçambique do que se for bem armado[4]. Os cavallos em Bombaim são muito baratos, e os individuos a quem fossem entregues deviam, passado algum tempo, indemnisar o governo da importancia por que os comprassem.

6.° A cada colonia deverão ser entregues os precisos instrumentos agrarios modernamente adoptados, e casaes de carneiros da colonia do Cabo, para ensaiar a propagação da casta, os quaes têem magnifica lã, que tão importantes lucros ali dá.

7.° Os animaes empregados na lavoura devem ser bufalos, não só pela sua grande força, como porque resistem melhor ao clima. Na India ingleza e mesmo na portugueza é este o gado que mais se emprega.

8.° As colonias devem ser compostas de gente de todas as raças que n'ellas se quizerem estabelecer, sujeitas a um chefe.

9.° Para mais facil augmento da população e para que a emigração se encaminhe para Moçambique, deverá o governo ou empreza mandar duas vezes no anno, e em tempo proprio, um transporte com escala pela Madeira, Cabo Verde, Loanda, Benguella e Mossamedes, onde previa-

[1] Em 1875 foi rectificada a posição d'esta montanha proximo da capital pelo tenente da marinha britannica encarregado dos estudos hydrographicos Francisco J. Gray, e reconheceu-se estar em 14° 42′ 45″ de latitude L. e 40° 39′ 30″ de longitude a L. de Greenwich: a sua altura é de 461^{m},35.

[2] O rio de Monapo desagua na bahia de Mocambo.

[3] Assim o contaram os colonos.

[4] Cavallo é animal que come ferro, dizem os indigenas.

mente se annunciará a epocha da sua chegada e o fim a que lá vae, que é o de transportar gratuitamente a Moçambique os colonos e suas familias, de qualquer raça ou casta, que quizerem estabelecer-se na provincia.

10.° Depois da chegada a Moçambique partirá o transporte para Goa, Diu, Damão e Bombaim, com o mesmo fim, e onde se farão tambem identicos annuncios. Na volta de Goa e Bombaim podem ser transportados o gado cavallar e os bufalos para o fim já dito[1].

11.° No imperio do Brazil ha bastantes portuguezes que desejam retirar-se, e a quem faltam os meios para saír d'ali; e muitos d'elles, pelos conhecimentos que têem da cultura das plantas tropicaes e da fabricação do assucar, seriam de grande utilidade para Moçambique. Auxiliar, pois, a immigração d'aquella gente é negocio muito importante.

A colonia de Mossamedes formou-se com portuguezes saídos de Pernambuco em navios de guerra.

12.° A gente do Minho e das ilhas dos Açores, que tanta tendencia tem para a emigração, era conveniente que fosse encaminhada para a Africa, facilitando-se-lhe a passagem depois dos convenientes annuncios feitos nas localidades.

13.° Pela mesma fórma deveria a emigração ser encaminhada para a Zambezia e para outros pontos.

Feito isto regularmente, hão de as colonias vingar em poucos annos, porque gente não ha de faltar.

14.° Os chins não deverão ser mandados á provincia nem para colonos nem para o serviço militar, porque já lá são conhecidos como jogadores, indolentes e ladrões. Nas Mauricias não se tem tirado bom resultado d'esta gente.

15.° A força armada deverá ser composta de 500 praças do exercito do reino, destacadas por certo tempo, que partirão opportunamente com o governador geral. O que porém é necessario é que os soldados cheguem na melhor epocha do anno, e sejam rendidos sem adiamento. Os seus quarteis permanentes serão, uma parte na capital em Mossuril, e outra em Lourenço Marques, em bons locaes. Não farão serviço de guarnição nem de policia, e só serão empregados em caso de guerra, no ponto

[1] A pessoa que nos indicou estes meios esteve em 1857 em Bombaim, e comprou ali um bonito cavallo, quasi de marca, por 75 rupias (33$750 réis), que servia para cavallaria e trabalhava em carrinho; e uma egua com cria, garrana, por 2 libras, e conduziu estes animaes para Moçambique na fragata *D. Fernando*. Tambem n'aquella occasião lhe vendiam um casal de bufalos por 1 libra.

É portanto o custo d'estes animaes insignificante em relação ao importante serviço que prestam nas colonias.

em que forem precisos. Isto não é novo: é o que se pratica nas colonias proximas, como Natal, Mayotta, Aden e Bourbon[1].

16.° A guarnição da capital e suas dependencias, a policia e a guarnição da Zambezia serão compostas de praças indigenas, asiaticas, angolenses e caboverdianos. Os indigenas serão recrutados nos districtos do S. da provincia, para servirem nos do N., e os d'este da mesma fórma irão servir nos do S. N'esta troca ha conveniencia para as localidades e para o estado. Na capital, no Ibo e na Zambezia os indigenas têem negação absoluta para o serviço militar; em se lhes assentando praça, quasi todos desertam para o sertão, e a fazenda perde o armamento; e, havendo a troca, não será tão facil a deserção, por não saberem os caminhos para o interior nem a lingoa, que em todos os districtos differe muito.

As praças asiaticas, e as africanas de áquem do Cabo, serão engajadas para servirem por tempo de tres annos contados desde a chegada á provincia.

17.° Com a força da infanteria, que deve ter o seu quartel permanente em Mossuril, deverá haver mais 20 ou 30 praças de cavallaria, asiaticos, para com o seu auxilio se poder soccorrer qualquer das colonias quando seja preciso, e para haver entre estas, por terra, a necessaria correspondencia.

A cavallaria é muito conveniente no continente pelo respeito que os indigenas têem aos cavallos.

18.° A fortaleza de S. Sebastião deve ter uma companhia de artilheria de posição.

19.° A fiscalisação costeira desde Cabo Delgado ao N. da capital, até ao rio Licungo[2] ao S., feita por alguns lanchões a vapor que visitem constantemente as bahias, enseadas e rias entre estes dois pontos, que actualmente são focos de contrabando dos arabes, é de absoluta necessidade. O mesmo deve haver de Quelimane para o S., por barcos maiores, por

[1] Ainda em novembro de 1875 era conduzido para Bombaim um regimento com 1:000 praças.

[2] Ao N. do Licungo, em terras pertencentes ao districto de Quelimane, ha ferro superior em qualidade a todos os conhecidos: é mais escuro e oxyda-se menos, póde-se fazer d'elle um fuzil, porque tem boa tempera e não carece de ser calçado de aço. Ha porém quem affirme que é de igual qualidade todo o demais ferro do paiz. O ponto ao N. do Licungo, mais abundante de ferro, é a serra a que os pretos chamam Podo, que fica a cinco dias de marcha do Licungo; ali mesmo na serra os pretos estabelecem forjas de fundição, e sem empregarem nenhum trabalho de mineração, derretem a seu modo os pedregulhos que apparecem á superficie do solo, servindo-lhes de folles a pelle de um cabrito arranjada em fórma de sacco; e assim fabricam enxadas, azagaias, manilhas e arame, que a tudo se amolda o ferro facilmente, porque é muito maleavel; as ferramentas de que se servem são

haver aqui tambem muito contrabando. Sem isto, a provincia não póde prosperar com a rapidez que necessita.

20.º A navegação, a vapor, nacional, que ponha directamente em relações a provincia com a metropole, Cabo Verde, Angola e India portugueza, é de absoluta necessidade para a sua colonisação e desenvolvimento agricola e mineiro e misera industria; estabelecida que seja regularmente a navegação, será de grande vantagem futura para a Europa e para as ditas colonias, e, sobretudo, para a mãe patria. A colonisação só de gente do reino não é a mais conveniente, nem dará bons resultados: precisa ser mixta.

21.º Feito o que fica dito, e ligada a ilha de Moçambique com o continente pelo lado do S., aterrando-se primeiro as margens de um e outro lado, tendo ao centro arcos de pedra como tem a ponte chamada de Ribamar em Goa, feita pelo systema moderno, será de uma importancia incalculavel para o engrandecimento da capital e para o continente fronteiro, pela força e influencia que este centro de população lhe dará. Os indigenas do sertão depressa se civilisariam pelo trato que facilmente teriam com os brancos da cidade, o que actualmente não succede, vistoque ainda estão como no principio da conquista, com pequena differença. Entram em Mossuril desconfiados e afastando-se sempre dos brancos, e se alguns vêem á cidade, trazidos por alguem, ficam pasmados ao verem tanta grandeza — a fortaleza, casas de pedra, etc. Este estado desapparecerá ligando-se a ilha, o que é o mais natural, vistoque para uma nova cidade não ha logar proprio a não ser mais no interior.

A questão da juncção da ilha ao continente já foi pedida pelos moradores ao governador Lacerda, em 1868[1].

O commercio de Moçambique é directo com Lisboa, Inglaterra, America, Marselha, Hollanda, Bombaim, Goa, Damão, Diu, Mauricias, Reunião, Zanzibar, Madagascar, Mayotta, ilhas de Comoro e Cabo da Boa Esperança.

Importação. — Algodão cru, branco, tinto, em fio e em peça, estam-

duas pedras, uma como bigorna e outra como martello, e um pau verde fendido n'uma das pontas, como tenaz, o qual renovam logoque se queima. As enxadas são compradas em Quelimane nunca a mais de 1/4 de peso (215 réis), e muitas vezes menos. O fallecido João Bonifacio Alves da Silva (conquistador de Angoche) remetteu em 1861 ao governador de Quelimane uma porção de ferro d'aquella localidade, para se avaliar a qualidade, e dizia que havia abundancia d'elle, bem como de ouro, optimo algodão, canna saccharina, e varias sementes das quaes se extrahe oleo; que não eram necessarias experiencias, bastaria só aproveitar estas riquezas, mandando para ali pessoas competentes que as extráhiam da terra segundo a arte.

[1] *Boletim do governo*, n.º 9, de 1868.

pado de todas as qualidades, loupas e zuartes da India; da Europa, missangas de todas as especies, polvora, armas, chumbo, ferro, enxadas; e do reino, manilhas de cobre e de latão, arame do dito, aguardente, vinhos, e todos os mais generos necessarios á vida, calçado, roupas, etc.

Exportação.—Dentes de elephante, de cavallo marinho, pelles de animaes, cêra, urzella, tartaruga, borracha, gomma copal, maná, côcos, cauril, arroz, legumes, esteiras, laranjas, cairo, gergelim, amendoim, purgueira, malaquita, oiro em pó, etc.

Valor circulante.—Tem a capital em circulação seis differentes especies de moeda denominada provincial; a saber: de oiro, de prata, de cobre, de chumbo, e duas edições de papel, que são notas da junta da fazenda. Tem mais as moedas do reino e as estrangeiras, toleradas por decreto de 29 de dezembro de 1852.

A moeda de oiro é a barrinha fundida, pesando 2 ½ maticaes[1] que vale 6$600 réis, e a meia barrinha 3$300 réis. Barra de prata (denominada pataca) pesa 1 onça (peso da provincia) e vale 600 réis. As moedas de cobre são cunhadas e representam 20, 40 e 80 réis. Antes do citado decreto, corriam pelo duplo da cifra do seu cunho, e depois por metade do que representam; bazaruco é moeda de chumbo e vale 2 ½ réis[2].

A moeda papel consiste em notas da junta da fazenda, do valor de 5$000 e 2$500 réis, na importancia total de 12:000$000 réis, emittidas pelo mesmo decreto.

Foram emittidos mais 30:000$000 réis em notas de identico valor, no governo do general Amaral, em consequencia dos apuros em que estava a provincia.

Anteriormente á fabricação das barrinhas, effectuavam-se com oiro em pó das minas da Zambezia, e com uma moeda de prata (muito boa), denominada canello, as transacções e o pagamento aos empregados.

Os canellos, tendo alguns a era de 1763, consistiam em moeda fundida, muito mal feita, com o peso de 6 onças (peso da localidade). Dizia-se que o seu metal tinha sido extrahido das minas de Chicova.

As primeiras barrinhas de oiro que se fundiram eram muito boas, e por isso logo desappareceram da circulação, sendo substituidas por outras de quilate mais inferior; havendo, porém, muitas falsas, a junta da fazenda, em 1850, viu-se na necessidade de as mandar recolher, para carimbar as boas ou soffriveis, porque as primeiras já não appareciam no mercado.

[1] Corresponde a 4 oitavas do peso da provincia.

[2] Muito pouca ha actualmente. As moedas de cobre de 1, 2 e 3 réis emittidas pelo decreto de 29 de dezembro de 1852 logo desappareceram do mercado para evitar os conflictos a que davam logar.

O recenseamento então foi de 2:576 barrinhas de oiro, 91 meias ditas e 6:708 patacas de prata no valor de 85:568$950 réis fracos, correspondente a 21:326$700 réis fortes.

O carimbo consistiu em uma estrella no centro da barrinha.

Ibo.—Villa do districto de Cabo Delgado, a 12° 15′ de latitude S. O seu clima é muito sadio; tem numerosa população. Fica ao N. da capital. Tem bastante cultura de productos oleaginosos, cereaes e legumes; produz muita borracha, gomma copal, maná, urzella, etc. O seu commercio tem augmentado consideravelmente com o estabelecimento das feitorias francezas. Exporta productos iguaes aos dos outros portos. Possue um pharolim na barra. A villa é bonita e asseiada, com edificações baixas e regulares, e está muito melhorada.

Angoche.—Ponto ha pouco conquistado que fica ao S. de Moçambique e a pouca distancia da capital. Foi tomado, em 26 de setembro de 1862, pela expedição saída de Quelimane e Licungo em meados de agosto de mesmo anno, commandada pelo cidadão João Bonifacio Alves da Silva, a qual era composta de 18 soldados, 2 peças de campanha e os competentes cypaes, alem de aggregados que foram mais de 1:000[1].

[1] Gastaram vinte e quatro dias do Quisungo a Angoche pelo interior do sertão, atravessando grandes matas quasi intransitaveis, campos alagadiços e alguns rios, que apenas davam vau com agua pelo pescoço dos homens, e em outros foi preciso passar a nado, levando as bagagens e material em jangadas de caniço. Aos dez dias de marcha do Quisungo faltaram-lhes os mantimentos, e estiveram tres dias sem comer, ao quarto porém entraram n'uma povoação onde os havia em abundancia. Tiveram diversas esperas do inimigo, e uma d'ellas no rio Mulale, mas foi sempre batido. No dia 25 de setembro estava a expedição proximo de Angoche. No dia 26, ás oito horas da manhã, marcharam em direcção á praia para darem ataque á ilha; o fogo durou desde as onze horas da manhã até ás quatro da tarde; distribuiram-se mais de 40:000 cartuchos; mas como o fogo não diminuisse do lado de Angoche, e a maré começava a encher, o commandante, para animar os seus, passou para a frente e para o ponto onde só se podia passar a vau com agua pela cintura, fez atravessar a sua gente com as cartucheiras ao pescoço, e avançando resolutamente debaixo de fogo passou á ilha, aonde o inimigo, dispersando-se, abandonou completamente a defeza. A ilha era defendida, pelo lado por onde foi atacada, com um parapeito de saccos feitos de palha cheios de areia, guarnecido de artilheria e por mais de 10:000 pessoas com differentes armas. O sultão Assune (Muguata) fugiu n'um pangaio para Zanzibar. Na praia, junto á povoação, havia outro parapeito de areia que serviu de defeza quando a ilha foi em tempo atacada por forças mandadas de Moçambique. Infelizmente o chefe da expedição não teve o gosto de ver a conclusão da sua obra, nem de saber a maneira por que o governador geral considerou os seus relevantes serviços, nomeando-o coronel de 2.ª linha da provincia,

Actualmente tem commandante militar e alfandega, e uma guarnição de 100 praças do batalhão de Moçambique. Exporta muito milho grosso e fino, esteiras, borracha, gergelim e amendoim, tudo vindo do interior. A população é pequena, composta quasi toda de mouros e alguns baneanes, que ali vão commerciar.

Anteriormente á occupação o seu maior commercio era de escravos. A terra é baixa e pouco sadia, porém o ponto do Parapato, para onde ultimamente se mudou a povoação, é muito saudavel, com boa agua e bella vista. Os limites do districto são ao N. as terras de Sangage, ao S. o rio Quisengo e a O. o sertão. Latitude 16° 37′ e longitude 48° 1′ E. de Lisboa.

Quelimane.—A villa de S. Martinho de Quelimane está situada em 17° 52′ de latitude S. e 45° 56′ de longitude a E. de Lisboa, em terreno paludoso na margem esquerda do rio Zambeze, 20 ou 25 kilometros distante da barra. É terra muito baixa, humida e insalubre; comprehende quatorze ruas, oito travessas, quatro viellas e sete largos, comtudo a povoação é grande. É a chave de todo o commercio do rico e dilatado districto do Zambeze. Tem mesquinha apparencia e os edificios publicos consistem na igreja de Nossa Senhora do Livramento, fundada pelos jesuitas; o cemiterio que tem uma capella dedicada a Nossa Senhora da Saudade; a alfandega com uma ponte de madeira; os paços da camara municipal e uma enfermaria militar.

As casas são baixas, mas com bastantes accommodações e cobertas de telha; as representadas na gravura são dos srs. José Militão Nunes[1] e Manuel Velloso da Rocha[2]. A villa n'estes ultimos tempos tem tido muitos melhoramentos e aformoseamentos; depois da prohibição da cultura do arroz está mais salubre.

A barra tem um pharolim e balizas no banco.

A villa de S. Marçal de Sena.—Fica esta povoação a 300 kilometros de Quelimane, na margem direita do Zambeze; é pouco povoada e muito

poisque em seguida á occupação só póde a custo officiar para dar parte do successo, succumbindo logo a tantos trabalhos e privações que soffreu. Os seus cabos de guerra, reunidos em conselho, decidiram não o sepultar em Angoche, e leval-o para Quelimane d'onde era natural e proprietario; mas como lhes faltassem os meios precisos para o encerrarem e conduzirem, resolveram abril-o e salgal-o; e assim convenientemente embrulhado, fóra da pôpa da embarcação (pangaio) entraram com elle em Quelimane, sendo sepultado aos 31 de outubro; contando trinta e nove annos de idade.

[1] Veja-se a gravura que tem a seguinte designação: *Habitação do cidadão José Militão Nunes.* As arvores que se vêem em frente da casa são punas.

[2] Idem, idem: *Habitação do cidadão Manuel Velloso da Rocha.*

insalubre. De quando em quando é assaltada pelos landins, que já lhe usurparam o territorio adjacente e lhe têem morto muita gente.

A igual distancia, mais acima, em terreno elevado e sadio, fica a villa de S. Thiago Maior de Tete. A população é numerosa; os edificios pequenos e os productos variados. O trigo é excellente.

De toda a Zambezia se exportam cereaes e legumes de todas as qualidades, produzidos nas suas fertilissimas terras, bem como dentes de elephante e de cavallo marinho, cera, oiro em pó, pedra verde, etc. Tete está em uma zona de carvão de pedra e ferro.

Proximo de Sena ha minas de ferro, cobre e oiro.

Zumbo[1].— «Da villa de Tete para cima, na distancia de 100 leguas (500 kilometros) pouco mais ou menos, está a villa de Zumbo, que é só habitada de naturaes de Goa; este caminho não se póde fazer todo pelo rio, por não ser navegavel o espaço de 20 leguas (100 kilometros). Levam as fazendas ás costas de pretos, desde Tete até Chicova, e d'ali as transportam embarcadas em canoas, que do Zumbo vem para esse fim.

«Foi Chicova celebrada nos tempos preteritos, e muito mais pelo descobrimento de uma lage de prata, que n'ella achou um religioso dominico o padre Fr. Serra; ha ainda em Moçambique e Sena quem viu peças de prata das que se fizeram da mesma lage; e nunca mais se descobriu n'aquelle logar este metal. Pessoa que duas vezes esteve n'esta povoação indagou com exacção, porém não alcançou noticia alguma de que houvesse ali prata. Oiro ha, porém não quer o regulo senhor d'aquelle continente ali deixar minerar, pelo receio que lhe assiste de que lhe façam

[1] Esta descripção é extrahida de um curioso livro publicado na ilha de Moçambique em 1858. Foi transcripta de um manuscripto referido ao anno de 1764.

A respeito d'aquelle ponto dizia o dr. Livingstone o seguinte:

«A situação do Zumbo foi muito bem escolhida. Pelo lado posterior existem altas montanhas cobertas de arvores, de onde se destacam os manzanzonés, que se estendem pelo N. até á margem esquerda do Langoa, e pelo S. se vê uma campina extensa revestida de relva, onde se nota ao longe uma pequena montanha redonda que se chama Tafonlo: os moradores do Zumbo gosavam nos seus balcões da magnifica vista da confluencia dos dois rios, entre os quaes se elevava a igreja, e da dos campos de onde elles colhiam trigo, que, sem rega, era duas vezes maior que o de Tete. Do Zumbo podiam penetrar os moradores a NNO. pelo Langoa, a SO. pelo Zambeze e a E. pelo Kafúe. Comtudo, é com o N. que elles tinham mais relação, e o seu commercio consistia principalmente em marfim e escravos. Porém as colonias portuguezas, sendo essencialmente militares, e o soldo dos officiaes muito tenue, são estes obrigados a negociarem para viverem, e empregam todos os meios a seu alcance para concentrarem o negocio nos logares que commandam, d'onde resulta serem no paiz as transacções commerciaes muito limitadas.»

alguma guerra os outros regulos, principalmente o imperador Monomopata, cujos estados com elle confinam.

«Da villa de Zumbo se expedem carregações de roupas e velorio para o reino de Abutua, onde se commuta tudo por oiro, que ha em muita abundancia. O rei e senhor d'estas terras é o Cangamira; este é o terror d'aquelle sertão, não permitte que nos seus dominios penetre algum christão; sabe-se que elle é poderosissimo, e conserva seu respeito na reputação de suas armas, com as quaes se tem feito muito obedecido.

«Um dia de caminho antes de chegar á villa de Zumbo, está uma serra muito grande, á qual no paiz dão o nome de Mexonga: a ella vão minerar os escravos dos moradores do Zumbo, mas o oiro que tiram é pouco e de pequeno quilate. Aqui tambem ha capitão mór e sempre é um morador d'aquella villa.

«Ha outras minas, que distam do Zumbo pouco mais de um dia de viagem, que se chamam de Barda Pambo; n'estas só vão minerar os escravos dos religiosos dominicos, e no anno de 1750 tirou o padre Fr. Pedro da Trindade muito e bom oiro; mas sendo eu capitão mór no anno de 1754 já produzia pouco; mas sempre era da melhor qualidade.

«N'este tempo me lembro da diligencia que fiz por conseguir noticias dos nossos portuguezes da parte de Angola, pois parecia facil, por estar o Zumbo pelo sertão dentro perto de 300 leguas (1:500 kilometros); mas nada aproveitei por falta de meios sufficientes.»

Sofalla. — A capital d'este districto está situada em 20° 13′ de latitude e 34° 45′ de longitude de Greenwich. Corre de NO. a SE., tendo ao presente[1] de comprimento menos de $5^k,5$, e de maior largura $1^k,32$, em cujo espaço se acham construidas trinta e cinco casas, sendo uma de pedra e cal e as outras de madeira, cobertas com palha, á excepção de duas, que são cobertas de telha.

O terreno da villa é dividido pelo mar em duas partes, e as aguas penetram pelos rios Nharuquare, que corre de S. a N. e por E., e Cavone por O., tendo ambos a foz no sitio denominado Tacca, que communica com Nhumquerere, canal por onde entram os navios. Alem d'estes rios, o mar tambem entra nas aguas vivas pela costa no sitio denominado Quissanga que fica a E. e S. da praça; por varios alicerces, que se descobrem em differentes sitios, se conhece que antigamente houve muitas casas de pedra e cal, e que estas eram ricas, porque nos rios Nharuquare e Cavone bem como no Quissanga se apanham, em occasiões de cheias, varias obras de oiro, o que faz crer que em epochas remotas houve grande

[1] Refere-se ao anno de 1864.

invasão de inimigos, que fez com que se espalhassem os cabedaes dos habitantes.

Este estabelecimento portuguez na Africa oriental era antigamente conhecido sob o nome de povoação de Sofalla. No anno de 1764 foi elevado á categoria de villa, e presentemente o local em que ella está edificada reclama mudança, por estar muito arruinada pelas aguas do mar.

Praça de S. Caetano.—Fica na extremidade da villa ao S. Antigamente era conhecida por fortaleza de Sofalla. Teve esta denominação no anno de 1764, e foi fundada em 1505 por Pero Annaya.

Existe dentro da praça um poço de agua salobra, construido de pedra e cal, e parece que antigamente esta agua foi boa, porque proximo do mesmo se descobriram, no anno de 1822, algumas pias de pedra, que parece serviram para dar agua a cavallos.

Igreja parochial.—Na distancia de 57 metros da praça está edificada a igreja parochial, mandada fabricar por João Pereira de Barros, e que por devoção a offereceu para o culto divino; e desde essa epocha tem este edificio a denominação de igreja de Nossa Senhora do Rosario.

Casa da camara municipal.—Na extremidade da villa ao N., em distancia approximadamente de 44 metros, está construida a referida casa, de pedra e cal, e tendo sido de terraço batido, presentemente tem tecto de madeira coberto com palha.

Pelourinho.—A pequena distancia da casa da camara, na rua principal da villa, está o pelourinho; é feito de pedra e cal, com dois degraus, tendo no remate uma esphera do mesmo material.

Povoação de Inhacamba.—Na extremidade da villa ao N. acha-se uma langua com muito mangal, que fica na enchente da maré coberta de agua, e que entra ao S. pelos rios Cavone e Nharuquare e ao N. por um braço do rio Zimboé, que communica com outro denominado Rellangane, que tem a sua foz no sitio Bue.

Da villa a Inhacamba, incluindo o espaço da langua, contam-se pouco mais ou menos 550 metros de distancia, no fim dos quaes se acha a povoação denominada Inhacamba com vinte e oito casas de madeira, sendo sete cobertas com telha e as outras com palha.

Esta povoação foi fundada no anno de 1815, quando os mouros, por causa das ruinas do mar, se mudaram da antiga povoação denominada Buanca Muro, que ficava a E. da villa em pequena distancia d'aquella.

Até ao anno de 1844 era sómente habitada por mouros, e actualmente estão n'ella estabelecidos seis christãos que, por falta de terreno na villa, se mudaram para ali; porém este local não promette muita duração, por estar sujeito ás mesmas ruinas que o da villa, e por este mo-

tivo já os mouros se viram obrigados a mudar a mesquita para outro sitio no anno de 1861.

Porto de Sofalla.—Na distancia de 3:750 metros EO. está uma enseada cheia de baixios, com a largura de 2:500 metros pouco mais ou menos, a qual tem um pequeno canal por onde entram os navios até ao fundeadouro actual denominado Tacca; alem d'este canal ha outro em Mato Grosso, que tem mais agua, porém, em consequencia de ser desabrigado e distante do logar para as descargas dos navios, vão estes ordinariamente fundear na Tacca.

Do Mato Grosso corre a O. o rio Xexiquire, que communica com o Donda, que se estende para o interior até ás terras de Ampara e Mugova; e do Tacca corre um braço chamado Nhaminazi, que liga com o Chiugueni na direcção ONE. e chega até ás terras da Dandira.

N'este porto ha um patrão mór ou pratico da barra, mas a falta de embarcação impede-lhe muitas vezes de cumprir os deveres do seu cargo. Quando algum navio quer entrar no porto, e carece d'aquelle pratico, é necessario que da embarcação lhe mandem um escaler para se poder transportar; e nas saídas muitas vezes se tem visto na necessidade de levar coxe[1] para n'elle poder voltar para terra.

Antes da creação do referido emprego os navios que para aqui vinham traziam de Moçambique praticos da barra.

Religião e parocho.—A falta que por muitos annos houve de um ecclesiastico fez com que se tornasse esquecida n'este paiz a nossa religião; e apesar do actual vigario empregar todos os esforços para a propagação do Evangelho, pouco tem obtido por estar o mal muito inveterado.

Instrucção publica.—Ha um professor de primeiras letras pago pelo estado, o qual é de bons costumes e procura desempenhar-se cabalmente das suas obrigações; comtudo não tem podido levar a cabo o seu desejo, porque a maior parte dos alumnos são maiores de quinze annos, cheios de vicios, que o professor não póde corrigir sem se compromettter com as familias, porque estas (salvas algumas excepções) dão pouco ou nenhum merecimento á instrucção dos seus filhos.

Alem d'este professor ha uma senhora, filha do encarregado da enfermaria militar, que gratuitamente se presta a ensinar em sua casa algumas meninas a ler e escrever.

Ilha de Chiloane.—Jaz esta ilha em 20° 38′ 12″ de latitude S. e 34° 48′ 30″ de longitude E. É raza e tem approximadamente 22 kilometros

[1] Coxe é uma embarcação de um só pau feita pelos cafres, sem quilha nem fórma dos nossos navios.

de comprido N. e 11 de largura[1]. É dividida ao centro por um canal da largura de 92 metros que na maré baixa do lado de E. se passa a vau: a parte do S., onde os habitantes têem o gado, é cheia de mato e salgueiral; na parte do N. está a povoação e a cultura que consiste em cereaes e arvores de fructa.

O terreno é arenoso, fertil e abundante em agua potavel.

É separada do continente por um canal da largura de 2 kilometros proximamente; tem duas barras, a do N. é franca e a do S. na baixamar tem 3 metros de agua. No continente fronteiro ha estabelecimentos dos habitantes da ilha e de alguns negros da terra. A cultura ali é de coqueiros e arvores fructiferas, de legumes e cereaes, e já se fabrica a farinha de mandioca. Na ilha e no continente apanha-se urzella e breu, e o sertão fornece ao commercio marfim, cavallo marinho, cera e mantimento.

As ilhas de Bazaruto.—Em maio de 1855 mandou o governador geral da provincia, Vasco Guedes de Carvalho e Menezes, occupar as ilhas de Bazaruto. O encarregado d'esta commissão foi Duarte Manuel da Fonseca, que era acompanhado pelo alferes João Eduardo Ribeiro, que commandava a força e foi o primeiro commandante militar que ali houve.

Foram mandados para ellas empregados, operarios, colonos e guarnição militar, bem como material de guerra, ferramentas e viveres para um anno. Fazia parte da expedição um enfermeiro, que levava uma ambulancia provida dos medicamentos necessarios para o tratamento dos doentes.

O presidio de Bazaruto constitue um grupo de sete ilhas, sendo a mais importante a ilha Grande Bazaruto, que dá a denominação a todo o grupo e á bahia.

A ilha de Santa Carolina (Marc), assim chamada por ser o nome da esposa do governador Vasco Guedes, foi a escolhida para o estabelecimento, que se ficou denominando «Estabelecimento de Pedro V».

Não obstante esta ilha ser a mais pequena, é a que offerece mais seguro desembarque e a que tem melhor ancoradouro.

Durante algum tempo foi Bazaruto governo independente, com a denominação «Estabelecimento de D. Pedro V». Por portaria do governo geral foi considerado presidio, reduzido a um commando militar e sujeito ao governo de Sofalla.

[1] Em 1860 foi mandado para aquella ilha um destacamento commandado por um official, e composto de doze praças com uma peça de campanha. Este destacamento tem ali quartel. Deram-se providencias para o traçado de uma povoação regular, marcando logares para edificios publicos, largos, ruas, etc.

Desde 1875 que é a séde do governo de Sofalla, tem alfandega e pharolim.

Todas as ilhas são saudaveis e piscosas, sendo Chégine a que tem mais vegetação e pastos; abunda em carneiros de cinco quartos, assim denominados por terem a cauda tão gorda, e chegar a tomar taes proporções, que parece outro quarto.

A ilha Grande tem muitos cavallos marinhos (hypopotamos). Vastos bancos de ostras existem n'aquella bacia, as quaes os pretos apanham para seu alimento, desprezando as optimas perolas que n'ellas se encontram em abundancia.

Tem por ali apparecido em poder dos pretos algum ambar, suppondo-se que o apanham na costa.

A ilha de Santa Catharina é vulcanica e rodeada de arvores que produzem excellente maná.

A agricultura vae-se desenvolvendo, tendo-se já semeado bastantes coqueiros.

Só as ilhas Grande Bazaruto e Chégine são habitadas por uma raça de negros que vivem exclusivamente da pesca, que seccam e vão trocar no continente com os landins e outros povos por fazendas e mantimentos. Os burrongueiros são doceis e obedecem em tudo ao commandante militar de Bazaruto.

Inhambane[1]. — O territorio de Inhambane foi descoberto no anno de 1479.

[1] O districto de Inhambane tem um grande admirador no sr. João Eduardo Ribeiro, que esteve n'aquelle paiz durante muitos annos. Ali casou, e não só pelas relações de familia, como pela longa permanencia n'aquelle districto, onde desempenhou differentes commissões, adquiriu conhecimento especial do paiz, e póde descrevel-o com perfeito conhecimento de causa.

Accedeu de boa vontade o sr. Ribeiro ao nosso pedido, e encarregou-se de nos dar algumas informações ácerca d'aquella importante joia da corôa portugueza, e desempenhou-se d'este encargo pelo modo que se póde apreciar no texto d'este livro.

O sr. João Eduardo Ribeiro foi para Moçambique na fragata *D. Fernando*, em 1854, acompanhando o governador Vasco Guedes de Carvalho e Menezes, que hoje se acha á frente dos negocios publicos da provincia de Cabo Verde.

Permaneceu na provincia de Moçambique vinte annos, onde exerceu diversas commissões, seguindo ali a sua carreira militar, serviu no Ibo e nas ilhas de Bazaruto, que elle foi occupar por ordem do governo, sendo depois mandado em commissão ao antigo potentado de Manicusse que dominava todo o sertão, desde Lourenço Marques até aos rios de Sena, demorando-se tres mezes na viagem de ida e volta.

Houve-se sempre com tanto acerto nas referidas commissões, que foi escolhido para governar o districto de Inhambane em 1863, pelo sr. João Tavares de Almeida, então governador geral da provincia e hoje dos estados da India. A nomeação foi approvada pelo governo de Sua Magestade, por decreto de 16 de dezembro de

Quando o descobrimos e ali aportámos, fomos bem recebidos pelos negros, cedendo-nos elles terrenos e marcando o local para habitação, onde hoje está assente a praça de Nossa Senhora da Conceição, que os nossos descobridores fortificaram, e ali negociavam com os negros. Ainda hoje esta fortificação se denomina *feitoria*, nome por que é designada por todos os portuguezes e cafres do sertão.

Os descendentes do regulo Tembe, senhor das terras que nos foram doadas, ainda hoje conservam as honras de regulos da villa, têem assento á direita de todos os regulos do districto, e contam sempre com orgulho que os seus ascendentes foram os primeiros que nos receberam e agasalharam, dando-nos as suas terras espontaneamente, e transmittem este facto a seus descendentes.

Em 1481 (?) foi transformado em presidio, com guarnição e governador, e n'esta situação permaneceu até 1760, em que por alvará de El-Rei D. José I, referendado pelo marquez de Pombal, foi elevado a villa da mesma denominação (Inhambane), e, por outro alvará de igual data foi-lhe dada como padroeira a Virgem da Conceição, sob cuja invocação se fundou a igreja parochial, que foi ultimamente reconstruida e augmentada.

A entrada do porto é accessivel aos navios que demandem até 4 metros de agua; tem boas marcações para de dia, havendo tambem um pharolim assente ao S. da barra, o qual se avista a mais de 55 kilometros em tempo claro.

A entrada dos navios não é portanto difficil, mas a saída depende de

1863. Sendo reconduzido n'este governo por mais cinco annos, por decreto de 1 de março de 1871, não concluiu a commissão por ter em 1874 recolhido á metropole doente e sido julgado incapaz de continuar a servir em Africa, pelo que se reformou.

O sr. João Eduardo Ribeiro mostrou sempre tanto zêlo e intelligencia nas commissões com que o distinguiram, que esteve á frente dos negocios publicos do districto durante nove annos, o que raras vezes tem acontecido. Alem d'isso foi honrado pelo governo de Sua Magestade com o habito de Aviz e com a commenda de Christo.

As informações que publicâmos a respeito do districto de Inhambane foram-nos, pois, dadas por pessoa competente e foram publicadas sob a sua inspecção.

Nós julgâmos prestar um bom serviço reunindo n'este trabalho todas as informações, e ficâmos assim habilitados a comparar os climas de que nos for possivel obter noticias completas, não só emquanto ás localidades, mas tambem a respeito das observações meteorologicas, população, etc.

Se não podémos dar um trabalho bem completo, deixâmos traçado o plano que nos parece mais adequado para se tornarem bem conhecidas as nossas possessões do ultramar.

ventos terraes e marés proprias que algumas vezes os obriga a demorar-se, perdendo-se muito tempo á espera da occasião favoravel para sair[1].

Um telegrapho estabelecido em terra, com tres pontos semaphoricos intermedios, annuncia a chegada dos navios.

O rio é magnifico, e apesar de ter algumas *restingas* de areia, possue comtudo um excellente canal, por onde os navios, sem grande risco, seguem ao fundeadouro, que é bom e seguro. Na maior largura tem este rio uns 8 a 10 kilometros e na menor 3, tendo de extensão até á barra 55.

Perto de duzentas embarcações miudas constituem a *marinha* do rio, e são empregadas em serviço da população, na carga e descarga dos navios e na pesca dentro da barra.

O districto de Inhambane é sem contestação o melhor e o mais agradavel da provincia. Não se torna notavel sómente pelo seu excellente rio; a belleza das margens e terras altas que se avistam constituem um panorama digno de se admirar.

Distinguem-se as palmeiras de elevada altura, entre os cajueiros, mangueiras, mafureiros, frondosos tamarindeiros e outras arvores. As povoações dos pretos e os sombreiros[2] que se descobrem por entre este immenso arvoredo e no meio das terras cultivadas e cheias de vegetação, surprehendem e encantam o viajante, que pela primeira vez entra n'aquelle porto.

A villa de Inhambane divide-se em quatro bairros: Balane, onde habitam os mouros; Chivatune, bairro commercial; Tembene e Chalambe menos povoados, mas muito pittorescos. As ruas d'estes dois bairros são extensas e regulares, e acham-se guarnecidas de fructiferas e frondosas arvores, que lhes dão sombra e frescura. Habitam ali perto de quatrocentas familias, brancas e de côr, gente civilisada que segue differentes religiões: christãos, mouros, parses, baneanes e gentios.

Tem cerca de duzentas casas, algumas mal construidas; contam-se porém bastantes cobertas de telha, e que se podem considerar regulares. São innumeras as palhotas ou habitações dos pretos libertos e familias pobres.

A villa fica á beiramar do lado esquerdo do rio, em terreno baixo, arenoso e de fórma irregular. É vasta a sua área, em consequencia das casas terem espaçosos quintaes.

Quando se olha do mar para a villa descobre-se uma linda perspectiva, havendo alguns edificios que se distinguem das outras habitações, entre elles a igreja matriz, sobresaíndo a sua torre quadrada com seu terra-

[1] Tudo isto se evitará logoque haja um pequeno vapor de reboque.

[2] Chamam-se assim as casas de campo que pertencem aos habitantes da villa.

Igreja de Nossa Senhora da Conceição, em Inhambane, e parte da praça (Baluarte de S. Rodrigo)

ço, elevada a 18^m,10 acima do solo[1], d'onde se avistam parte do districto, a barra, grande extensão de mar, a praça com excellente largo arborisado[2], a alfandega, a mesquita dos mouros, as casas de commercio nacionaes e estrangeiras, sendo mais saliente a do abastado cidadão José de Sousa Teixeira, a qual fica no principio da villa, com a frente para o rio, em um ponto bastante elevado.

O desembarque é facil, e feito em uma boa ponte[3] de madeira e tres caes[4] de pedra, que dão muita commodidade aos passageiros, facilitando tambem as cargas e descargas dos navios.

Não tem a villa nascentes de boa agua; ha apenas alguns poços de agua salobra que serve só para lavagens. De uma grande e profunda lagoa denominada *Chivanene*, a 1 kilometro da villa, perto de Santarem, é que a povoação se fornece de agua para beber e cozinhar. É boa, mas não deve ser tirada directamente: abrem-se pequenas *cacimbas* nas suas proximidades, e ali apparece agua capaz de se beber.

Os naturaes, tanto christãos como mouros, são muito hospitaleiros e amigos de obsequiar todos os que ali aportam, quer sejam europeus quer asiaticos.

Este povo foi em tempo muito turbulento, o que era devido em parte a alguns excessos das auctoridades; hoje é, porém, sem contestação, o mais socegado da provincia, respeitador das leis, e seus costumes são morigerados.

As familias de distincção do paiz são todas descendentes de europeus ou asiaticos. Alguns empregados publicos e bastantes officiaes europeus têem ali casado, de fórma que é n'aquelle districto onde a raça branca se acha mais desenvolvida e apurada. Póde dizer-se em geral que os europeus se dão bem n'este paiz.

[1] Esta igreja foi reconstruida e augmentada durante o governo do tenente da provincia, J. E. Ribeiro, segundo risco seu e debaixo da sua direcção. Custou réis 6:332$176, sendo 5:557$155 réis de donativos dos moradores (em operarios e materiaes). Levou esta obra a fazer dois annos e quatro mezes, teve principio em 31 de julho de 1864 e terminou em 25 de novembro de 1867. Passa por ser a melhor igreja da provincia (*Boletim official* da provincia n.° 38 de 19 de setembro de 1868). Veja-se a estampa *Igreja de Nossa Senhora da Conceição, em Inhambane, e parte da praça (Baluarte de S. Rodrigo).*

[2] Util melhoramento do governador interino Germano Augusto da Silva, official de marinha, que durante o seu governo tambem cuidou do edificio da alfandega.

[3] Foi principiada em 1871 por iniciativa do referido governador interino Germano, continuada pelo governador J. E. Ribeiro, e concluida em 1875, pelo governador Magalhães Alvão.

[4] Dois d'estes caes foram mandados fazer pelo governador Ribeiro e o terceiro pelos governadores que lhe succederam.

De toda a provincia de Moçambique é Inhambane o districto d'onde n'estes ultimos annos têem vindo mais estudantes para receberem a sua educação litteraria em Lisboa. Alguns cavalheiros e suas familias tambem se têem dirigido para a Europa com o fim de viajar e de visitar a patria dos seus ascendentes.

Os habitantes são dados ao commercio, deixando a agricultura quasi exclusivamente entregue aos pretos.

Existem em Inhambane os melhores officiaes de pedreiro, carpinteiro, calafate e ferreiro; alguns maus alfaiates, ourives e sapateiros exercem ali tambem os seus officios.

Todos os operarios são libertos.

Não tem Inhambane senão uma industria de maior importancia, que é o fabrico de enxadas[1] para o commercio do sertão, chegando a consumir-se em cada anno 150:000 a 200:000 kilogrammas de ferro.

As embarcações existentes na villa, á excepção de meia duzia de canoas, tambem são construidas pelos carpinteiros do paiz e com as madeiras do districto.

Fabrica-se telha, panellas, talhas e outros objectos de barro vermelho, vélas de cera, ferragens grossas para casas e embarcações, havendo alguns pretos bons serralheiros, que fazem toda a qualidade de concertos na fecharia das espingardas.

Os carpinteiros tambem podiam fazer obras finas, e sobretudo moveis das excellentes madeiras que ali têem; porém faltam-lhes mestres e officiaes europeus que risquem e dirijam os trabalhos.

Ao S. da villa, 250 metros, em um ponto elevado, está assente o cemiterio municipal, bem cuidado, com a sua capella e um guarda que trata de tudo: denomina-se cemiterio de S. João.

Ao lado d'este fica o forte de S. João da Boa Vista. No bairro de Balane existe uma capellinha da invocação de Santa Cruz, construida e sustentada pela gente de Goa, *canarins*, que tomam muito interesse pelas festas de igreja. Todos os annos, no dia 3 de maio, se festeja n'esta capella invenção de Santa Cruz.

Os mouros têem o seu cemiterio proximo do bairro de Balane.

[1] Enxadas (especificadas na pauta das alfandegas como cavadeiras landinas), servem para o commercio com o sertão unicamente como moeda. Algumas são desmanchadas pelos pretos para o fabrico das suas armas, e para manilhas e arame com que enfeitam o cabo das machadas de guerra e as zagaias.

A enxada pesa approximadamente 1:400 grammas; tem 30 centimetros de altura e 22 a 25 na sua maior largura, e o seu valor no mercado é de 300 a 450 réis. Cada 15 kilogrammas de ferro produz dez enxadas.

Os baneanes queimam os cadaveres fóra da villa, no sitio de Mocucune, em um pequeno campo, a que chamam o seu cemiterio.

O districto de Inhambane (terceiro districto militar) é governado por um official militar com as attribuições administrativas que a lei marca. Constitue um concelho com uma unica freguezia, e ha pouco foi creada ali uma comarca [1].

O batalhão de caçadores n.º 3 tem o seu quartel em Inhambane, achando-se alojado dentro da praça [2], em pessimas casernas, que de certo não chegariam para o batalhão, se este não tivesse mais de metade da sua força destacada em Lourenço Marques, Chiloane, Sofálla e Bazaruto para onde dá guarnição.

Ao facultativo de 2.ª classe cumpre fazer o serviço de uma enfermaria militar; a ambulancia está a cargo do pharmaceutico.

Uma delegação da junta de fazenda, presidida pelo governador do districto, administra os rendimentos publicos, que são os provenientes dos direitos da alfandega, decima predial, industrial, direitos de transmissão, sêllo de verba, tributos das terras, etc.

Ao governador do districto tem estado entregue a direcção das obras publicas, nas quaes se empregam os direitos de 3 e 1 ½ por cento *ad valorem*.

O districto de Inhambane comprehende as terras situadas entre o cabo de S. Sebastião a 17° de latitude N. e o rio Inhampuri, foz do rio Oiro, ou Limpopo (?), tendo o governador auctoridade sobre quarenta regulos e sessenta cabos (menos poderosos que os regulos), que habitam em differentes pontos.

A população póde calcular-se approximadamente em 130:000 almas.

Por uma estatistica feita em 1863 se vê que as terras de Inhambane eram habitadas por 114:473 almas com 31:736 fogos.

Os regulos, em tempo de guerra, pódem fornecer 20:000 homens armados com differentes armas.

[1] Em Inhambane ha os seguintes empregados subsidiados pelo estado:
Juiz de direito, delegado e dois escrivães; director da alfandega, um escrivão, um porteiro, dois guardas de numero e os precisos supranumerarios, um thesoureiro almoxarife e escrivão da delegação; um parocho e um sacristão; um cirurgião de 2.ª classe; um pharmaceutico; e um professor de instrucção primaria.

[2] Não se lhe póde dar o nome de *praça*. É antes uma fraca fortificação, muito mal artilhada e com pessimos e insalubres quarteis; a artilheria é de ferro e está quasi toda apeada! (Vejam-se os relatorios publicados em differentes *Boletins* da provincia.)

O governo manda de tempos a tempos fazer *banja*[1], a fim de *fumar* (investir no poder) os herdeiros dos regulos que tenham morrido, ouvir

[1] O sr. E. de Faria no seu diccionario diz—*Banja*—aldeia de cafres junto a Inhambane. Não existe aldeia com tal denominação.

Banja, na accepção da palavra, quer dizer festa em que haja grande comesana, e é palavra da lingua bitonga.

A reunião dos regulos e cabos chama-se tambem *banja*. Esta reunião é imponente, e effectua-se com o seguinte ceremonial. Trinta dias (uma lua) antes d'aquelle que o governador do districto marca para a ceremonia da *banja*, são convidados os regulos e cabos sujeitos á corôa, para comparecerem á grande reunião, que sempre tem logar no largo da praça, em um immenso barracão construido para esse fim, e que póde accommodar de duas a tres mil pessoas.

O convite é feito pelos empregados das terras, que entregam ao convidado, da parte do governo, um cartucho de pimenta da India, um ou dois pannos de loupa, segundo a sua categoria, uma tira de panno branco (touca), um quissambe (dois lenços) para a mulher, uma faca, duas garrafas de aguardente e uma caneca de louça.

O governador prepara-se durante este tempo para receber os regulos, e manda fazer o seguinte: oito ou dez pipas de *pombe* (bebida fermentada, feita de cereaes, uma especie de cerveja sem ser depurada), descascar 600 a 700 kilogrammas de arroz e igual porção de milho e mexoeira, armazenar oito ou dez barris de aguardente de canna, e ter á mão tres ou quatro bois, a fim de poder sustentar suas altezas e suas comitivas, nos tres dias que se demoram na grande reunião.

Dois dias antes d'esta se realisar, dão-se na praça dois tiros de peça. O regulo da Villa Tembe toca logo o seu batuque de guerra, toque que é repetido por todos os regulos, de fórma que rapidamente se sabe em todo o territorio que a *banja* vae ter logar. Em tempo de guerra tambem é por este meio que se reunem os pretos para a defeza do paiz. Os regulos são recebidos pelo governador, por todas as auctoridades civis e militares e pela força armada, que lhes faz todas as honras militares, salvando a praça com vinte e um tiros. O local da recepção está sempre bem decorado e esteirado. O retrato do monarcha portuguez, collocado no logar principal, no centro de bandeiras e trophéus, é o que chama mais a attenção dos regulos, que se admiram de nós respeitarmos e fazermos respeitar o Rei, estando este tão distante.

O governador, a camara, officiaes militares, auctoridades e moradores de distincção tomam os logares que lhes estão destinados. Os regulos e cabos tomam assento no chão, em esteiras, menos o regulo Cumbana que se assenta no collo de duas mulheres; os ministros, as mulheres dos regulos e os seus mezinheiros (medicos) ficam pela parte de trás d'estes; o povo que póde ter ingresso na barraca dá-se por muito feliz, e assenta-se no chão. De pé, no largo, conserva-se sempre uma immensidade de povo, que tem acompanhado os regulos.

O governador dá principio á *banja* fazendo uma allocução aos regulos, em que lhes faz saber o fim da reunião, recommendando-lhes que sejam justiceiros e humanos para com os seus povos, não os escravisando, nem permittindo que alguem queira escravisar os seus filhos; que nas guerras não matem os prisioneiros, que devem ser bem tratados e entregues no fim da lucta; que sejam sempre obedientes ao governo, e que não consintam inimigos nas nossas terras *(mafrutes)*; que tratem

as suas queixas contra as auctoridades das terras, decidir-lhes as questões de reinados e limites, e finalmente fazer-lhes de novo prestar preito

bem os estrangeiros que por ali passem; que não roubem os naufragos, antes os recolham e tragam logo á villa; que sejam pontuaes em pagar os tributos ao estado; que em tempo de guerra corram com a sua gente em defeza do districto; que n'esta occasião apresentem todas as suas queixas e *milandos* (questões), para lhes serem decididas e julgadas pela maioria dos regulos; e finalmente que prestem preito e homenagem ao Rei reinante (o que elles fazem).

Em seguida apresentam as offertas que trazem, que consistem em productos das terras, cera, mel, arroz e mantimentos. Os regulos landins offerecem algum pequeno dente de marfim, e outros apresentam cabritos, gallinhas, esteiras, etc., etc., sendo tudo logo receitado á fazenda publica pelo thesoureiro almoxarife da mesma fazenda, que assiste a este acto, em logar distincto, e com os livros de receita publica.

No fim da *banja* todos os presentes são vendidos em leilão, e o seu producto é applicado ás despezas da festa, não chegando geralmente nem para o arroz. O capitão mór ou commandante das terras (que tem a graduação e honras de coronel), é quem serve de interprete entre o governador e os regulos.

São distribuidas aos regulos cabaias, barretes, bastões, cintas, pannos e toalhas, que as vestem logo por cima dos antigos fatos. A cabaia é um fato amplo como uma camisa de mulher, feito de panno vermelho e avivado de amarello ou galão de lã. Os barretes são da mesma fazenda e do feitio de umas mitras de bispo, todos agaloados. Só aos regulos compete cabaia, barrete e bastão. Aos cabos distribuem-se pannos brancos, que elles vestem, cingindo-os aos rins.

N'este primeiro dia de *banja* trata-se da questão de reinados vagos. São chamados os regentes, e estes é que indicam o individuo que deve succeder ao regulo morto. O regente é quasi sempre o filho mais velho do regulo, nomeado pelo governador; o herdeiro da corôa é o sobrinho: entre estes ha sempre contestação, que é decidida pelos regulos, por maioria. O individuo declarado successor do regulo fallecido é logo investido do poder, entregando-lhe o governador a cabaia, cinta, bastão e barrete. No acto da imposição do barrete, é disparado um tiro de peça, e o povo solta os seus gritos em ar de acclamação. O regente retira-se, cedendo o logar ao novo regulo. Assim se pratica com todos os regulatos que na occasião têem regentes. N'este districto existe a lei salica, as mulheres não governam. Em Lourenço Marques dá-se o contrario. Depois de investidos os regulos no poder, serve-se-lhes o jantar, que consiste em grandes pedaços de carne de vacca cozida com arroz, para os regulos, e com milho, para os cabos; havendo só um cabo, que por distincção, e em consequencia de qualquer importante serviço que fez ao governo, come arroz; distincção esta que é muito ambicionada pelos outros cabos, mas que não se lhes dá para não offender suas altezas. A comida, que é muito apimentada e cheia de assafrão, é servida em grandes pratos que vêem da India, e a que chamam *planganas*. Os regulos apenas tocam na comida por delicadeza. Os ministros lançam logo mão d'ella, recolhendo-a em um sacco de pelle de cabrito, tomam tambem a aguardente que lhes é servida em garrafas, e levam tudo para a casa onde o seu regulo está hospedado.

O governador, depois d'este *banquete,* levanta-se e despede os regulos, convidando-os a comparecerem no dia seguinte para o julgamento das causas e ouvir as quei-

e homenagem ao monarcha portuguez, o que elles sempre fazem gostosos, chegando alguns a pedir para pôr as mãos sobre a effigie de El-Rei, que sempre n'estes actos está collocada em logar conveniente.

Os regulos mais poderosos do districto são Mata e Matapissa (bitongas) ao N.; Inguana, Queguerre e Zanguzà (landins) ao NO.; Mucumba (landim) e Mucumbi (mindongue) ao NO.; ao S. o regulo mais importante áquem do Poelella[1], o Cumbane, e alem o Zavala, muito poderoso e ha pouco tempo sujeito definitivamente á corôa.

Dividem-se estes povos em quatro raças distinctas: bitongas, burrongueiros, mindongues e landins. São polygamos, não têem religião, mas reconhecem um ente supremo, a quem na sua lingua chamam Nugungulo, que em portuguez quer dizer, o maior sobre todos.

Usam differentes armas, arco e flecha, espingarda e zagaia.

Pagam tributos ao estado em serviços pessoaes, mantimentos cafreaes, obras de palma, esteiras, alcofas, saccos de palha[2], etc.

Os rios mais importantes do districto são Poelella (?), Inhampura e Cobane ao S., o Manharra e Bembe a O., Murrumbené e Manga a NE.

Alem d'estes rios ha alguns riachos e lagoas mais pequenas. Os povos vassallos da corôa, exceptuando os mindongues, que são muito desconfiados e ladrões, respeitam os brancos. Sujeitam-se quasi todos aos trabalhos agricolas, por pequenos salarios. Prestam-se ao serviço de car-

xas e reclamações que lhe pretendam fazer. Os regulos retiram-se logo, e é n'este momento que os seus ministros lhe querem dar provas de affecto, disputando a primazia de servir de cavallo ao seu regulo, apresentando-lhe o cachaço para sua alteza montar. Este acceita o ministro que lhe fica mais a geito, para não crear emulações e desintelligencias no ministerio.

É realmente curioso ver como os ministros correm com os seus regulos ás costas, pelo meio do povo, que faz uma gritaria infernal, accrescendo a bulha dos tambores, marimbas e *palopatas* (corneta de chifre de bufalo), musica barbara, de que quasi todos os regulos se fazem acompanhar.

Em todos os pontos da villa se sentem os batuques. Os regulos são bem recebidos e muito obsequiados pelos habitantes, com quem estão em mais ou menos relações. A casa do capitão mór é a mais frequentada, por ser ali que existe o deposito das bebidas, que os pretos muito apreciam.

No fim do terceiro dia despedem-se os regulos, que recolhem ás suas terras sempre satisfeitos e cheios de reconhecimento pela fórma como foram por todos recebidos.

A ultima *banja* que teve logar em Inhambane foi no governo do tenente João Eduardo Ribeiro, em 31 de outubro de 1865, sendo governador geral da provincia o conselheiro Antonio do Canto e Castro.

[1] Denomina-se assim uma grande lagoa ou rio, que ainda não foi explorado.

[2] Para mais desenvolvidas informações, veja-se o *Boletim official* de Moçambique, n.º 21 de 1863, mappa do commando das terras.

regadores, acompanhando os negociantes que vão ao sertão para commerciar em marfim, transportando-lhes as mercadorias, por uma certa e determinada paga, ajustada entre si, sendo este por emquanto o unico meio de transporte que ha, por falta de estradas convenientes por onde livremente possam transitar carros.

A cultura do amendoim (ginguba), da borracha, do arroz, da cera e dos mantimentos cafreaes, a caça aos macacos, cimbas, bufalos e outros animaes, para alcançar as suas pelles, assim como a caça ao elephante, é occupação exclusiva dos negros, que são ainda os unicos agricultores e caçadores do districto.

Todas as questões entre os pretos são julgadas segundo os seus usos e costumes, de que se formou um codigo muito curioso.

Os regulos são juizes de primeira instancia, ficando ás partes o direito de appellação para o capitão mór das terras (empregado nomeado pelo governo que superintende nos negocios cafreaes), que julga em segunda instancia, havendo ainda direito de appellação para o *juramento de mavi*[1] ou juizo de Deus.

[1] *Juramento do mavi, fórma e ceremonial.* — Estando as partes litigantes com seus defensores e pessoas de familia, na presença do capitão mór, manda este chamar o *cuchecucheiro* (mezinheiro, adivinho) e o faz recolher a uma palhota, onde permanece incommunicavel por espaço de doze horas, pelo menos, sendo guardado á vista pelos parentes ou pessoas de confiança de uma e outra parte, a fim de que não possa ser subornado.

Entretanto o capitão mór faz convocar os regulos vizinhos e a sua gente, para presenciar o julgamento. Depois de apparecer numero sufficiente de regulos, são chamados os litigantes, que são obrigados a prometter sujeição á decisão, depositando n'este acto uma determinada quantia, como multa, ou antes imposto de licença para a fazenda publica (8$000 a 10$000 réis), a pagar a importancia dos emolumentos dos empregados das terras, a pagar ao cuchecucheiro, e finalmente a depositar a importancia combinada, que deve receber, como indemnisação, o que ficar absolvido.

Satisfeitos estes encargos dá-se principio á ceremonia pela seguinte maneira: Forma-se um grande circulo de povo, collocam-se no centro os litigantes, que têem sempre ao pé de si os *padrinhos* (parentes). Apresenta-se em seguida o cuchecucheiro, sempre guardado á vista, e depois de ter pronunciado uma curta arenga, pede a cada uma das partes uma manilha de metal, que estes costumam trazer no braço como adorno, e as guarda sem ceremonia, entregando em troca, a cada um, uma gallinha, que toma das mãos do capitão mór, que assiste, com o seu estado, a este acto. Em seguida applica ás gallinhas uma certa dóse de veneno, que de antemão se prepara e é feito do succo de plantas só conhecidas dos negros. Para ministrar o veneno lança mão de uma folha de arvore, que dobra em fórma de funil, e que lhe serve para o medir e introduzir no bico.

Os litigantes e os espectadores, no maior silencio e com a maior anciedade, esperam o resultado, que se não faz demorar.

As questões para julgamento que se apresentam com mais frequencia entre estes povos referem-se a direitos de caça, a terras, adulterios, feitiços, ferimentos e poucos casos de morte.

Em geral todos os pretos são apaixonados da bebida, e para satisfazer a este vicio fabricam aguardente de palmeira, de ananaz, de laranja, de cajú, de fructas silvestres, de quasi todos os cereaes, e até de raiz de mandioca; com duas panellas de barro e um cano de espingarda ou um bambú furado, improvisam um alambique, que satisfaz perfeitamente.

Tanto os pretos como as pretas cheiram rapé, fabricado por elles de nicociana, que se dá ali perfeitamente. Muitos fumam o *bangue*, semente do linho canhamo, e quando o usam em excesso embriagam-se.

Fabricam os utensilios de que carecem para seu uso domestico, havendo entre elles alguns muito industriosos, bons ferreiros, ourives e fundidores de cobre, juntando a este o estanho para o fabrico das manilhas.

Os mindongues excedem n'este ponto todas as outras raças, e não se limitam, como o geral dos cafres, a fabricar unicamente para seu uso; fazem grande commercio com os productos da sua industria, que consiste especialmente em gamellas de madeira, colhéres, pilões, quielos ou chirundus, supos de palha, esteiras, fio de piteira para redes, cordas de

No fim de dez ou doze minutos, uma das gallinhas morre, o vencedor eleva então a sua gallinha sobre a cabeça, a fim de que todos a vejam viva e reconheçam a sua innocencia. Como é de prever esta gallinha poucos minutos sobrevive á outra.

Todos os circumstantes soltam grandes gritos, e acompanham o vencedor em triumpho!!

O vencido trata de desapparecer, a fim de não ser insultado, sendo preciso muitas vezes recorrer á protecção do capitão mór, porque tendo sido a questão de feitiço, por exemplo, o desgraçado corre risco de ser morto pelos outros negros! Em 1852 ou 1853 o governador Pinho mandou dar *mavi* a uns negros da povoação de Murrumbeni, accusados pelo regulo de feiticeiros, e permittiu que estes desgraçados tomassem o veneno, de fórma que morreram alguns. D'essa epocha em diante não se permittiu mais tal barbaridade.

Consentiu-se que houvesse o juramento do *mavi*, mas determinou-se que o veneno fosse applicado ás gallinhas. Não era possivel banir de repente este uso. Impoz-se uma multa, para o estado, aos pretos que quizessem praticar este juramento, com o fim unico de o difficultar. Esta medida tem sortido bons effeitos. Os pretos já raras vezes se apresentam a pedir que as suas pendencias sejam julgadas por similhante fórma.

casca de arvores, *inputus*[1], *ingulas*[2], quitundus e muitos outros objectos que os outros pretos e os brancos precisam para seu uso domestico.

Em tempos de lavoura não apparecem os mindongues; feita esta, principiam a entrar na villa em caravanas de cem e duzentos, carregados dos productos da sua industria, trazendo tambem ao mercado muita cera, mel, mendobi, milhares de gallinhas e centos de carneiros e cabritos, de fórma que abastessem a villa. Differentes partidas d'esta gente percorrem as terras da corôa, negociando com os outros negros.

A distancia a que ficam as terras dos mindongues, o genio desconfiado d'esta raça e a sua predilecção pelo roubo, faz com que poucos brancos vão ali negociar; e por isso elles se vêem forçados a vir procurar a venda dos seus productos. São sem duvida as terras dos mindongues as mais fertéis do districto de Inhambane. Os terrenos são magnificos, cortados por varios rios com margens muito ferteis, e que se podem aproveitar para todo o genero de cultura[3].

Proporcionadas boas habitações, boa alimentação, soccorros medicos e boa escolha de local, qualquer colonia se póde estabelecer n'este districto, sem receio que deixe de vingar, de prosperar e desenvolver-se, porque n'este paiz é, sem contestação, onde a agricultura póde ter o maior desenvolvimento, sem perigo de vida dos colonos.

O governo deve auxiliar qualquer colonia que ali se queira estabelecer, ministrando-lhe tudo quanto lhe seja preciso nos primeiros tempos, para sua estabilidade e segurança pessoal e dos seus estabelecimentos que, aindaque montados em territorio sujeito á corôa, não estão isentos de uma aggressão dos negros vizinhos.

A população preta sujeita é pela maior parte agricola, com especialidade os bitongas, burrongas e mindongues. Os landins são guerreiros, sem comtudo deixarem de se empregar na agricultura.

A canna do assucar, o algodão, o café e o anil dão-se perfeitamente,

[1] O *imputo* é extrahido do entre-casco do *imputeiro*. Serve para vestuario dos pretos e para differentes usos; tem geralmente 2 metros do comprimento e 1m,5 de largura, parecendo um panno tecido. Só depois de analysado é que se percebe que é entre-casco de arvore, estendido por um processo usado por elles. Deve este producto servir para o fabrico de papel, assim como a casca de muitas outras arvores, com especialidade a do inbundeiro ou mulambeira.

[2] *Ingula* é um grande cesto de amplo bojo, com a bôca estreita, feito de palha e vime, que serve para guardar os mantimentos, havendo alguns que levam approximadamente 1:400 litros. Tem a configuração de uma pipa.

[3] Só consta haver ali uma mina de cobre nas terras invadidas pelo regulo Maunja, que não é explorada, por elle não o permittir. Fica a tres dias para O. da villa.

sendo a estas culturas que se devia dar maior attenção, para o desenvolvimento e prosperidade da provincia.

O cidadão João Loforte, morador de Inhambane, foi o unico que em 1864 fez uma plantação de canna, com semente vinda de Bourbon, e não podendo fabricar assucar, fez 150 barris (12:600 litros) de aguardente de excellente qualidade, que vendeu a 18$000 réis o barril para consumo do paiz, exportando apenas alguns barris para Lourenço Marques. Depois d'esse epocha sempre mais ou menos se fabrica aguardente de canna.

A cultura do algodão e café é tambem feita em pequena escala.

O algodão é da melhor qualidade; já veiu ao mercado de Lisboa e foi ao de Inglaterra. Em um e outro foi bem classificado e obteve bom preço.

O café é de superior qualidade, mas muito pouco conhecido na Europa, porque todo o que se colhe é para consumo do paiz. No nosso museu colonial se podem admirar algumas amostras d'este producto.

Do anil nunca ninguem curou; nasce e cresce em toda a parte, arrancando-se como planta inutil, para em seu logar semear milho ou mexoeira!

Da purgueira e do carrapateiro ninguem faz caso. A purgueira serve apenas para guarnecer os quintaes, applicando-se como sebes divisorias dos terrenos.

Muitos terrenos são tambem proprios para vinha; algumas parreiras de uva ferral que ali ha, quando tratadas convenientemente, produzem magnificos e saborosos cachos, com a circumstancia de dar a videira fructo duas vezes no anno.

Os legumes e hortaliças dão-se tão bem ou melhor que na Europa, com especialidade nos terrenos do N., denominados Burronga, onde no tempo do frio é este ali tão intenso que algumas vezes se apresenta o solo fendido e com uma crusta gelada, não podendo começar-se os trabalhos agricolas senão depois das nove horas, que é quando o sol principia a derreter o gelo. Para as hortaliças produzirem melhor é preciso importar annualmente as sementes da Europa, porque, em geral, as que ali se colhem não são boas no primeiro anno e no segundo degeneram completamente.

Certa qualidade de couves, e com especialidade o repolho, reproduz-se por estaca e produz assim muito bem[1].

Produz o districto borracha, mendobi (ginguba), arroz (a melhor qualidade da provincia), cera, milho fino e grosso, mexoeira, gergelim,

[1] Chama-se estaca aos rebentões que se dão no pé do repolho, depois de se ter cortado este; em attingindo um certo tamanho separam-se do pé, enterram-se e, em quatro ou cinco dias deitam raizes, fazendo-se em pouco tempo excellentes repolhos

copra, cocos, castanha de Inhambane, mafurra (sebo vegetal), azeite de mafiana, canna de assucar, algodão, café, mel, tamarindo, mandioca, laranja, limão, mangas, cajú e pimenta encarnada; dão-se bem a baunilha do commercio, a planta do anil, que é espontanea, e a batata doce da Europa; tem excellentes madeiras para construcções civis e navaes, legumes de todas as qualidades, e hortaliças, como já se disse. A maior parte d'estes productos exportam-se em grande escala, bem como muito marfim, pelles de macaco e cimba (para os zulus), e bastantes couros de bufalos, ongonha, zebra, algumas pelles de carneiro e cabrito e bastantes couros de boi. Tem-se tambem exportado aguardente de canna, de cajú e de palmeira; a maior parte, porém, d'estes liquidos consome-se no districto.

Inhambane importa os mesmos generos que Quelimane e outros portos, com pequena differença na nomenclatura.

Bahia de Lourenço Marques[1]. — Quem do mar largo demanda a bahia de Lourenço Marques, a que os inglezes chamam Delagoa Bay, achando-se collocado no ponto central que forma a sua bôca ou embocadura, avista do lado do S. a ilha da Unhaca ou Inhaca, e do N. a costa Calanga junto á entrada do rio da Magaia, a que os inglezes denominam King's George River, e nós Manhiça.

A extensão d'esta embocadura é de 50 kilometros. A barra começa no cabo da Inhaca e ilha dos Elephantes, a qual se estende 6 a 8 kilometros em um banco de areia e alguma pedra, banco a que se dá o nome de Cockburn, e que não offerece passagem a navios.

[1] As informações que publicámos ácerca d'este districto foram-nos dadas pelo sr. Francisco dos Santos, muito conhecedor da provincia de Moçambique, onde se demorou por mezes successivos.

O sr. Francisco dos Santos teve occasião de observar bastantes logares da costa, percorrer muitos rios, apreciar a importancia de cada uma das differentes localidades da provincia de Moçambique e estudar os costumes dos seus habitantes, adquirindo ali tão vastos conhecimentos commerciaes que sem receio se póde dizer que é dos homens que mais sabe com respeito á provincia de Moçambique, gosando por isso de uma reputação bem merecida.

Foi pela primeira vez á esta provincia em 1856, como official de marinha mercante, encarregado dos negocios do navio.

Visitou n'esse anno a bahia de Lourenço Marques, Inhambane, Quelimane e Moçambique. Voltou em seguida a Lisboa, mas foi pouco demorada a sua estada aqui.

O districto de Lourenço Marques é o que fica mais ao S. na provincia de Moçambique, e é por ali tambem que nós devemos entrar para chegar ao coração da Africa central, recebendo os europeus que desejem estabelecer-se no nosso territorio.

Para o N. ha os tres bancos principaes chamados Hope, Domett e Culfield Flat, com tortuosos mas bons canaes. Tem uma profundidade nunca inferior a 8^{m},8 na baixamar das marés grandes. Nos dois primeiros bancos varia o fundo de 6 a 10 metros, porém a 926 metros para NO. do Hope, differença-se a agua clara n'uma pequena extensão que não tem mais de 5 metros, tudo na baixamar das referidas marés. O Culfield Flat, que fica mais para o N., é o mais baixo, pois tem unicamente 7 metros n'uma extensão de 5^{k},5 N$^{1}/_{4}$NE e S$^{1}/_{4}$SO., deixando ver um canal superior a 2 kilometros entre a extremidade N. e a terra baixa que se estende da costa; não tem menos de 19^{m},8 de profundidade, e é sem duvida o melhor e talvez o unico livre de perigo para os navios de maior lotação, vistoque ainda não ha boias para marcar os outros canaes. Culfield Flat é geralmente conhecido pela côr da agua.

Não obstante a profundidade mencionada, o mar rebenta em toda esta extensão quando o vento sopra rijo do quadrante SO., mas não impede que os homens praticos deixem de investir a barra sem perigo, porque procuram com marcações exactas o canal de entre Cockburn e Hope, o qual não tem menos de 13 metros, mesmo quando o mar rebenta sobre o navio. Esta é effectivamente a derrota mais seguida pelos navios do commercio e vapores da companhia real ingleza Union, porque lhes encurta o caminho e facilita a entrada.

Actualmente existem pharoes em uma barca, fundeada em 6 metros de agua no extremo N. do banco Cockburn, e seria de grande utilidade que se marcasse este canal por boias, a fim de facilitar a entrada no porto, onde não ha praticos.

Da ilha dos Elephantes á Ponta Vermelha, que é a entrada no rio de Lourenço Marques, a que os inglezes chamam erradamente *English River*, e onde está a villa d'este nome, ha uma extensão de 24 kilometros sobre 38 de largura para a parte do S., formando uma especie de lagoa baixa, sempre coberta de agua em maré cheia, e semeada de canaes profundos. Para o N. fica a ilha Shefina de 6 a 8 kilometros de comprimento, jazendo ENE. e OSO. ao longo da costa da bahia. É bem arborisada e póde obter-se ali agua. A parte mais baixa é toda de areia branca, e a certa distancia é difficultoso distinguir a ilha da terra firme. É cortada de recifes que para a parte de E. se projectam a mais de 7 kilometros com um fundo de 6 a 8 metros a 2^{k},5 de distancia; porém depois d'este fundo encontram-se bancos de areia, de pequena extensão e de pouca profundidade, o que faz que estes recifes sejam perigosos para os navios que preferem entrar pelo N. do canal entre Cockburn e Hope.

Entre esta, pois, e a lagoa mencionada que fica para o lado do S., é optima e franca a entrada até á Ponta Vermelha.

Na parte SO. da bahia fica o rio do Maputo, navegavel a 100 kilometros para o interior, tendo dois canaes salientes, um que vae do porto Melville junto á ilha dos Elephantes, e outro que segue do rio de Lourenço Marques, junto á terra de Catembe, e que se junta com aquelle no sitio em que o rio toma aquella denominação, e em que divide a terra do Maputo[1] da de Catembe.

[1] O Maputo pagou durante muitos annos tributo aos portuguezes, mas deixou de o fazer e de lhes prestar obediencia desde o fim de 1871, em que se empenhou em guerra com outros regulos sujeitos á corôa, guerra que a auctoridade não evitou, podendo-o talvez conseguir, se não se houvesse collocado ao lado d'estes, depois de terem provocado com ameaças stultas o regulo do Maputo, que tem mau caracter e é deshumano.

Com a saída d'aquella auctoridade renovou este regulo as suas relações comnosco, não se prestando comtudo a pagar o tributo devido, e conservando o seu caracter independente e por vezes ameaçador. É, porém, contido em respeito pelo *Teckoai,* regulo dos zulus, nosso amigo, a quem elle paga tributo, e lhe impõe a obrigação de respeitar as determinações dos portuguezes.

A Catembe, que confina pelo S. com aquelle, estende-se para o N. até ao rio de Lourenço Marques. Ali foi collocado em maio de 1875, pelo governador Augusto Castilho, um pequeno regulo, a quem pertencem por direito de successão aquellas terras, que assim se chama o territorio sujeito aos regulos ou á auctoridade portugueza.

Seu pae o regulo Becuti, e senhor d'este dominio, era homem valente, e com a pouca gente de armas de que dispunha, sustentou por muitos annos guerra de gigante em defeza dos seus direitos contra o regulo do Maputo, que lh'as queria roubar, abusando da superioridade e poder quasi sempre maior do que o d'elle. E se muitas vezes pôde com o seu valor e astucia conjurar o perigo e subtrahir-se a tão feroz perseguição com sacrificio de muitas vidas dos seus, que já se viam em muito menor numero, e se enfraqueciam n'estas continuas lutas, não lhe era dado nutrir a esperança de escapar á calamidade que, dia a dia, lhe mostrava o abysmo. E no emtanto não tinha auxilio dos zulus, que por mais de uma vez o salvaram.

N'estas circumstancias adormeceu um bello dia nos seus dominios, e viu nascer o immediato no então presidio de Lourenço Marques ou Cheringuina dos pretos, que procurou para refugiar-se. Tinha sido accommettido de noite, sem o esperar, e não podendo reunir a sua gente, teve de fugir a uma morte certa, porque os negros em guerra não dão quartel nem fazem prisioneiros — matam. Os seus, coitados, foram quasi todos mortos, e alguns mesmo na praia, em frente e proximo de Lourenço Marques, pelo que a artilheria da praça jogou alguns tiros.

Não podendo rehabilitar-se para retomar o que de justiça lhe pertencia, falleceu no exilio, succedendo-lhe nos seus direitos o filho, actual regulo, que por ora não tem sido perseguido.

Os terrenos que pertencem a esta parte do nosso dominio são ferteis, e podiam produzir canna de assucar, café e outros generos, se porventura fossem cultivados. Nas montanhas e planicies ha grande quantidade de gado bravo e caça grossa, que os naturaes procuram muito, aproveitando-lhe a carne para comerem e trazerem

A arborisação é abundante, mui principalmente junto ao rio do Maputo, e, na maior estreiteza d'este, é ella de uma belleza surprehendente, porque arvores colossaes entrelaçam os ramos formando uma especie de abobada tão agradavel que enleva o viajante.

Abunda em hyppopotamos ou cavallos marinhos.

Na parte NE. da bahia e da ilha Shefina fica o rio de Magaia ou King's George River, como lhe chamam os inglezes, que é o melhor e mais importante de todos.

A Ponta Vermelha, 66 metros acima do nivel do mar ao N., e a Ponta do Sul da Catembe, a que os inglezes chamam *Mewhone*, ao S., formam a facil entrada ou barra do rio de Lourenço Marques, antigamente denominada do Espirito Santo, a qual tem 14 metros em baixamar e 17 em preamar de marés grandes. É um excellente porto e o melhor desde o cabo da Boa Esperança até Moçambique.

Na Ponta Vermelha existe um pharolim que se avista, em tempo claro, a 30 kilometros. O rio tem boias nos pontos que offerecem perigo aos navegantes menos experientes, as quaes são necessarias pelo facto de não haver alí homens praticos. O ancoradouro tem 15 a 17 metros de bom fundo, a 1 kilometro para dentro da Ponta Vermelha, em frente da villa de Lourenço Marques, que é situada ao NE. d'este. Do lado SO. fica a parte N. da Catembe, a cujo extremo N. os inglezes chamam *Leckmere*, que, conjunctamente com aquella, formam este rio que recebe differentes denominações, como Matola, Dundas e Tembe, á proporção que se vae internando e conforme a direcção que toma e as terras que banha.

O rio da Matola, em seguimento ao de Lourenço Marques, toma o nome dos tributarios mais a NO. d'este districto.

Tem a foz cerca de 292 metros de largo sobre 22 de profundidade; mas, 14 kilometros acima, a sua largura diminue para 27 metros com 17 de profundidade. Até pouco mais acima d'este local ainda podem internar-se pequenas embarcações.

Alimenta-se este rio com as marés, e por isso a sua profundidade é maior ou menor conforme o fluxo ou refluxo d'ellas.

Não longe está o insignificante rio Infulene, que deixando entrar a maré n'uma grande extensão de terra baixa que com elle confina, deixa no vasante uma grande langua que concorre bastante para a insalubridade d'este sitio.

a pelle ao mercado. Habitam tambem aqui, principalmente no monte Empanhel, os maiores e mais ferozes leões de toda a Africa, dos quaes no passeio da Estrella, em Lisboa, ha um exemplar alí apanhado.

Mais adiante corre o rio Incumate ou dos Crocodilos, que é de pouca importancia, mas de difficil trajecto, não só por abundar muito em crocodilos, mas porque os terrenos adjacentes são ledosos e sem consistencia. Tem uma ponte de madeira[1] por onde passam as carretas dos boers com grandes cargas. Fica na estrada que conduz ao Transwaal.

O rio Dundas corre ao longo do Catembe por um canal estreito mas profundo e póde offerecer passagem a navios. Communica por elle com o de Lourenço Marques e com o da Matola, alem do qual fica. Está entre o de Matola e Tembe, havendo na juncção d'elles bom ancoradouro. Até 1872 pouca importancia se lhe dava, mas depois encetaram-se transacções commerciaes com o regulo Massuate que ali domina, e cujas terras são banhadas pelo mesmo rio, aindaque sómente na extensão approximente de 17 kilometros, confluindo com outros pequenos rios navegaveis em botes só em maré cheia.

Conheceu-se então a necessidade de o explorar por meio de lanchas, que chegam só até Bombai, uma das povoações d'aquelle regulo, com bom exito, facilidade e economia para o commercio; e hoje, depois de reconhecida a sua importancia e ser frequentado, é conhecido pelo nome de Bombai.

A curta distancia da sua foz tem elle 52 metros de largo e 22 de profundidade, e uma embarcação á véla, com bom vento e maré, percorre aquella derrota em seis horas.

Como fica dito, entre este rio e o Tembe ha um bom ancoradouro para navios, junto a uma pequena ilha de nome Refugio[2].

Contornando a Catembe segue o rio Tembe, mais largo e mais fundo do que o de Matola.

É navegavel para navios, que não demandem mais de 4 metres de agua até 35 kilometros da sua foz, e para embarcações pequenas, até 125 kilometros, ponto este em que se divide em dois pequenos braços, dos quaes um dirige-se para S. e outro para O.

O do S. tem proximamente 27 metros de largo na sua embocadura, e a pequena distancia é impedida a navegação, porque ha n'elle uma especie de barreira de arvores caídas, que obstruem a passagem. O do N. é pedregoso, e tambem, como aquelle, não tem sido explorado.

Suppõe-se que o do S. vae encontrar-se com o rio Maputo, cercando

[1] Foi mandada construir pelo governo portuguez, por intermedio do então governador Narciso José Mendes Falcato, e contratada com o americano Mills. Está construida com pouca segurança e não offerece duração.

[2] Assim chamado porque é o abrigo dos habitantes de Matola, mulheres e creanças, que não podem pegar em armas em caso de guerra.

toda a Catembe, fazendo d'ella uma ilha em vez de terra firme, como até agora era conhecida.

O de O., se, devidamente explorado, se estendesse para o interior, até a algumas kilometros, seria de grande auxilio para as nossas relações com a parte S. da republica dos boers, que lhe fica superior.

Esta simples mas exacta descripção mostra quanto urge proceder a estudos n'estas quasi desconhecidas regiões, cuja exploração traria muita luz a questões de grandes interesses sociaes e scientificos.

Este rio é alimentado por agua salgada, e por consequencia sujeito ao seu fluxo e refluxo. As margens são baixas e abundantes de salgueiros. O interior é revestido em muitos pontos de arvores seculares e grandes campinas de herva. A O. fica a serra de Mossuate.

Todo o districto de Lourenço Marques abunda em urzella, conhecida nos mercados como de melhor qualidade, mas no rio Tembe e Maputo a quantidade d'este producto é prodigiosa; no entretanto é desprezada pelo pouco valor que tem.

Lourenço Marques[1].—A cerca de 1^k,783 da Ponta Vermelha assenta a villa de Lourenço Marques em uma pequena lingua de terra baixa, are-

[1] A respeito das obras publicas em Lourenço Marques, dão-se n'um jornal de Lisboa, sempre solicito em fallar a respeito das nossas colonias, as seguintes informações:

«Noticias ultimamente recebidas de Lourenço Marques, em data de 16 de março proximo findo, dizem-nos que chegára á bahia d'aquelle nome, no dia 3, o transporte de guerra *Africa*, conduzindo o pessoal para as obras publicas da provincia de Moçambique, fundeando, no dia 5, a 209 metros da villa. A descarga do navio começou no dia 7, e só concluiu no dia 16, por se haver interrompido por vezes em consequencia do mau tempo. N'esse mesmo dia 16 ficou installada a respectiva secção de obras publicas. Todo o pessoal da secção trabalhava já activamente. O director das obras publicas, major de engenheiros, Joaquim José Machado, deixou as convenientes instrucções ao tenente de engenheiros, chefe d'aquella secção, João Antonio Ferreira Maia. Procedia-se á armação das barracas, idas d'aqui, e á abertura de uma rua em boas condições, até á povoação, destinada a continuar-se depois por uma estrada até ao pharol da Ponta Vermelha. Construir-se-ha um barracão para officinas e armazens, e se for vantajoso, um pavimento superior para n'elle se estabelecer a repartição das obras publicas. Foi determinado, com a maxima urgencia, o projecto de um paiol, que possa acommodar a polvora do estado e dos particulares, no peso approximado de 125:000 kilogrammas, devendo ser construido fóra da villa, para substituir um antigo armazem que existia em perigosas circumstancias. Mandou-se proceder á pesquiza de pedreiras, ao fabrico de cal, tijolo e telha. Trata-se de um projecto para casas economicas, destinadas a operarios, e de outras para um hospital, com capacidade para cem doentes, e para uma igreja. A muitos outros estudos de obras importantes e indispensaveis se ía ali proceder igualmente, taes como de uma casa para escola, de um quartel para 500 homens,

nosa, quasi peninsula, poisque se acha torneada de agua salgada em marés de aguas vivas. A sua extensão não excede $1^k,783$ sobre 660 metros de largo na maior largura.

Contém tres ruas principaes, afóra a da Praia, as quaes correm ao longo da povoação [1], havendo outras mais estreitas que as cortam. São sufficientemente espaçosas, mas as transversaes muito estreitas e immundas.

Tem tambem um largo que está em relação com a pequenez da villa, mas nem este nem as ruas são macadamisadas, o que faz com que, na maior força do sol, a passagem sobre a areia se torne incommoda e penosa. As casas são de pedra e cal, mas baixas. As de recente construcção têem boa apparencia e bastantes commodidades; as antigas são de tectos baixos, pouco ventiladas e de más divisões interiores.

A fortaleza, que tem um dos seus angulos para o mar, está hoje bem reparada. É pequena, e possue apenas dois baluartes para o lado da terra, entre os quaes ha uma caserna regular com a competente tarimba para uma companhia de cem praças. Do lado de E. tem quartos, arrecadações, calabouços e cozinhas, olhando para o mar; fica d'este lado tambem a bateria e armazens, e da parte do S., que é a entrada, estão os armazens, a botica, que está em más condições, e a enfermaria, que é tão má como a casa da guarda e as prisões. Os armazens têem servido para depositos de generos da alfandega, por ella os não ter em quantidade sufficiente para as necessidades do commercio.

A artilheria é muito antiga, está em mau estado e vae ser substituida. Ha sómente doze peças de campanha que são regulares.

A alfandega antiga compõe-se de dois armazens sem divisões. Está contratada a construcção de uma alfandega nova, de dimensões e com accommodações que devem satisfazer. É edificada em local mais apropriado para tal fim, proximo da praia e do rio, com o qual deve communicar por meio de uma ponte.

de um pharol para o porto de Inhaca, de uma fortificação com accommodações para 30 praças, de um edificio em convenientes condições para habitação do governador do districto, de outro para a camara municipal e repartições publicas, etc. Ordenaram-se tambem urgentemente os estudos para o desseccamento de um pantano na villa, e os da bahia, devendo levantar-se uma carta detalhada com as precisas sondagens. Sabe-se que havia produzido na cidade do Cabo excellente effeito o apparecimento da expedição, que estava cheia do maior enthusiasmo pelos melhoramentos que iam emprehender em uma das nossas mais ricas colonias.»

[1] A povoação é cercada por uma linha de defeza feita em poucos mezes por iniciativa do governador Frederico Augusto Gourgelt; tem quatro baluartes denominados: *31 de Julho, S. Pedro, Santo Antonio* e *S. João.*

A edificação da villa no logar em que se acha, só poderia ter desculpa em attenção á defeza e em presença das vantagens militares que offerece. É cercada de um paul bastante extenso na parte N., que é considerado miasmatico e muito prejudicial á saude dos habitantes, e admira até que se deixasse abandonado por tantos annos, e que a agua para beber seja tirada de poços mal feitos e de nascentes que atravessam logares immundos e cheios de detritos vegetaes. No paul nasce certa qualidade de herva de junco e de bananeiras que formam espesso mato, que ali apodrecem e augmentam a insalubridade da villa.

Para alem do paul, ou langua, como ali lhe chamam, o terreno é arenoso, e eleva-se suavemente em fórma de amphitheatro até terminar em um cerro não mui distante da villa. No centro foi marcado o local para se levantar a nova povoação que póde ter grande extensão, e será mais salubre do que a actual.

Aponta-se no entretanto como melhor o terreno contiguo á Ponta Vermelha, porque está fóra da acção dos pantanos, e haveria local proprio para o giro commercial.

No sopé d'este pequeno monte escôa em toda a extensão grande abundancia de agua que alimenta o pantano do paul de que fallámos, a qual rebenta de fortes veios que ali se encontram, ou vem de algum manancial superior, cujas ramificações se estendem até abaixo. Em todo o caso é necessario attento estudo para se conhecer a sua origem e poder aproveitar-se convenientemente; mas o que sobre tudo importa é estudar o meio de evitar que a agua forme o pantano que urge extinguir, o que só se conseguirá quando se aniquilar o principal elemento[1].

N'este sitio apenas se cultiva o milho e mexoeira. Alguns moradores têem *machambas* onde ha alguma hortaliça.

No amphitheatro chamado Cafumo está o regulo filho do velho e fiel Machaquene com o seu tambem velho e fiel secretario Mandissa, governando toda a cafraria d'este paiz que se estende a E. até Pamana, cujo regulo, Quiguisseca, tambem lhe obedece como o da Mahota, que fica ainda a NE. d'esta; e do N. e a O. fica o da Matola, por nome Metahomo, que por lei nossa tambem é obrigado a obedecer-lhe. Á NE. fica a grande Mangaia com o seu regulo Mapunga que sómente obedece á auctoridade portugueza.

Antigamente tambem estava sujeita ao nosso dominio a bella terra da Mohamba e a Cherinda, as quaes estão hoje independentes.

[1] Custa na verdade a acreditar que se não tenha attendido a similhante melhoramento, e será com certeza um dos que ha de merecer a attenção dos engenheiros que hoje se acham encarregados das obras publicas da provincia de Moçambique.

Comprehende este districto[1] á porção de terrenos que vae em linha recta da latitude 26° 30′ S. para O. até á republica dos boers, com os quaes communicâmos pelas nossas terras da Matola e da Mohamba. Entre estas terras e aquelles terrenos se interpõem as montanhas do Lebombo, seguindo depois a divisão que, por contrato entre estes e o nosso plenipotenciario Alfredo Duprat, foi determinada.

A montanha Lebombo e seu seguimento para o N. até ao mar pertence-nos, mas não temos dominio effectivo senão até á Magaia, que fica para E. d'esta divisão e se estende ao principio da costa Calango, na embocadura da bahia, sendo cortada pelo rio do mesmo nome ou King's George River, como os inglezes lhe chamam. Estes terrenos não estão ainda demarcados por latitudes e longitudes certas, e nem os rios devidamente explorados por homens competentes. Apenas alguns commerciantes os conhecem e frequentam.

É necessario não esquecer que o districto de Lourenço Marques é o que mais tem soffrido com as guerras[2].

Os homens são valentes, de boa estructura e dados á caça de elephantes, bufalos e outros animaes, á guerra ou a trabalhos braçaes e ao serviço de carregadores, que julgam mais digno de si do que a agricultura, que desprezam e entregam unicamente ás mulheres, como objecto proprio de naturezas fracas. Por isso a agricultura é menor do que relativamente o é em outros districtos, comquanto aqui dê tão bom resultado como nos demais terrenos da provincia.

Sáem milhares de homens para as colonias inglezas, o que tambem faz encarecer o serviço, e entorpece o desenvolvimento da agricultura. Apesar d'estas difficuldades exportam-se para Porto Natal muitos centos de kilogrammas de milho e bastante arroz, afóra as pelles e productos das caçadas.

O tributo que os regulos pagam á corôa portugueza é em mantimento cafreal; milho fino e grosso, e mexoeira.

A madeira abunda, tanto junto aos rios como no interior, onde existem matas virgens e arvores seculares. Ha enorme quantidade de arvores de borracha, mas não a extrahem. Descobrem-se, principalmente

[1] O terreno que legalmente pertence a este districto está bem descripto no livro do sr. visconde de Paiva Manso; porém, nós só descrevemos aquelle até onde temos dominio effectivo, embora tenhamos, ás vezes, de nos referir a outros; alem d'isso faremos unicamente narrações praticas do que conhecemos.

[2] Não ha um só regulo dos que hoje nos são sujeitos, que não tenha pegado em armas para nos aggredir, algumas vezes contra sua vontade, outras de mandado d'estes contra vontade de alguns de seus subditos. Na circumvizinhança d'este districto todas as hordas cafres são guerreiras.

na Magaia, grandes campinas cobertas de pasto, e em toda a parte o terreno é apropriado para diversas culturas.

A estrada de Lourenço Marques para os boers foi mandada fazer pelo governo. No começo é empedrada e segue na encosta do amphitheatro em direcção ao N. e E.; passa no rio Infulene onde ha uma ponte de alvenaria com estrado de madeira e ferro, entra nas terras da Matola, em cujo rio passa, e nas da Mohamba, no rio Incomate, cuja ponte já descrevemos, até entestar com a montanha Lebombo na direcção de Lidemburg; n'este ponto ha um ramal em direcção a New Scotland ou Gold Fields, nova colonia explorada já depois do contrato da divisão dos limites entre nós e os boers, exploração emprehendida mais pela natureza aurea do terreno do que pelas suas qualidades agricolas e sanitarias, que são más. O ramal de que fallâmos tornou-se necessario por causa das relações commerciaes que se desenvolveram entre aquella colonia e o nosso porto, e teriam attingido um grande desenvolvimento se não houvesse n'este trajecto a região da mosca tsé tsé, que mata todo o gado [1]. N'este caso não podem estabelecer-se carreiras de omnibus para passageiros, nem carretas puxadas a bois ou cavallos para conducção de mercadorias, á imitação do que fizeram os habitantes do Porto Natal, que,

[1] A mosca tsé tsé, já muitas vezes descripta, tem a configuração mais da mosca das cavalgaduras, do que da ordinaria que habita entre nós. É comprida e pequena. Habita principalmente a serra do Mossuate, na parte E., e segue para o N. pelas nossas terras da Matola, Mohamba, sempre para o N. até á Sinquine, na altura do Bazaruto, onde ha noticia que ella tambem ali chega; mas não transpõe alem d'esta linha, nem para O., a montanha Lebombo e outros terrenos, nem para E. Assim é que, havendo grande quantidade de gado nas terras de O., alem da sobredita linha onde se cria muito bem, se se transportar para E. passando pela zona da mosca e for mordido, não resiste e morre em poucos dias; e vice-versa, se elle passa de E. para O. No entretanto, fóra d'essa zona, ha numerosas manadas. Se porventura a mosca morde alguma pessoa, o que raras vezes acontece, produz apenas uma pequena inflammação local, sem consequencias futuras. Está, porém, demonstrado que ella se ausenta dos sitios habitados e das campinas para o mato ou logares arborisados, em companhia do gado bravo.

Um inglez, Ablet, mandou vir de Zanzibar tres camellos, que conservou e aclimou por algum tempo em Lourenço Marques, com o fim especulativo de que a mosca não lhes faria damno, vistoque ella, cousa notavel, não prejudica o gado bravo com que anda. Na primeira viagem, em que os mandou ao rio Incomate com a competente carga, foram mordidos e morreram em poucos dias, uns após outros.

Um meio lembrado para afugentar a mosca tsé tsé consiste na abertura de grandes clareiras de um e outro lado da estrada. Urge pôl-o em pratica, porque é de instante necessidade que se estabeleçam as relações commerciaes entre a nossa colonia e a republica do Transwaal.

não tendo no seu caminho para aquella nova colonia a mortifera mosca, arranjaram estes meios de conducção, com sacrificio pecuniario, poisque são muitos os dias de viagem e os lucros insignificantes. Mas os inglezes sabem tratar dos seus interesses, e não olham a sacrificios quando querem prejudicar os seus competidores.

A colonia New Scotland pertence aos boers, mas os habitantes e exploradores auriferos e commerciaes são quasi todos inglezes, idos para ali em procura de oiro. Começou a exploração em 1872, e em 1874 já tinham uma agencia de um banco do Porto Natal, e se publicava por conta da empreza do jornal *Natal Mercury,* da mesma localidade, um jornal dependente d'aquelle. A colonia continua a desenvolver-se, apesar de não se ter colhido oiro em tanta quantidade como se esperava.

Mas deixemos as colonias que os inglezes levantam junto ás nossas, e passemos a fallar de Lourenço Marques e das condições em que se acha este districto.

É já sabido que pensâmos na construcção de um caminho de ferro, mas se não se realisar este emprehendimento, devemos prover de remedio e não desamparar por fórma alguma os melhoramentos da viação publica.

Os boers, para se transportarem em carretas desde os pontos mais proximos até Porto Natal, precisam de trinta dias, e de sessenta desde os mais afastados, emquanto que de Lydenburg a Lourenço Marques só gastam oito ou nove dias. É realmente notavel esta differença.

Os hollandezes occupam o territorio que, como temos dito, delimita sobre parte da nossa provincia de Moçambique, mas o ponto que lhe fica mais proximo e que mais facilmente póde communicar com as principaes cidades e com o maior centro do seu desenvolvimento, é incontestavelmente Lourenço Marques. D'esta grande vantagem e da supremacia do nosso porto, póde agourar-se um brilhante futuro á nossa colonia, se nos quizermos aproveitar de tão favoraveis condições.

População. — Não temos estatisticas por onde se possa determinar com exactidão o numero de habitantes, mas não ha na villa mais de 1:000 almas entre pretos e brancos. Differentes escriptores elevam este numero, porque contam com a população ambulante dos pretos, que de dia estão na villa para o trabalho braçal ou officios, e de noite se retiram para as súas palhotas que ficam fóra. O numero de europeus nacionaes e estrangeiros não excede a 40. Os indianos canarins e baneanes attingem a cifra de 100. Os mais são pretos ou mulatos. Infelizmente os europeus nacionaes são em menor numero do que os estrangeiros, que tambem administram as maiores casas de commercio que ali ha.

Commercio. — É feito com o interior por meio de agentes ou viajeiros

europeus, indianos ou mesmo pretos, que vão ali permutar fazendas de diversas naturezas por marfim, hoje em pequena quantidade, pelles, de que ha grande abundancia, pouca cera, milho, arroz, madeira, etc. Occupam-se n'este giro cerca de 80 lanchas, que percorrem os rios da circumvizinhança, como o de Maputo, Bombay e Natal, estes em pequena escala, e o rio da Magaia por onde se faz o maior commercio, e que abastece a villa não só do sustento necessario para a sua população, mas de madeiras para edificações, combustivel, etc.

Rio da Magaia ou King's George River. — Quando descrevemos a bahia de Lourenço Marques, dissemos que este rio ficava por trás da ilha Shefina, entre esta e a terra firme do Mahota.

Com effeito, seguindo derrota do porto de Lourenço Marques para este rio, procura-se tomar a ponta NO. da dita ilha o mais proximo possivel, vistoque da terra firme até ali ha grande espraiado e só um canal com sufficiente fundo para lanchas, em baixamar, em que é mais conveniente fazer esta viagem para aproveitar o principio da enchente na embocadura do rio, por onde os inglezes o investiram, dando-lhe então a denominação de King's George River.

Seguindo pelo dito canal ao longo da ilha, e se a baixamar for de marés grandes, teremos de fundear sempre proximo d'ella na ponta N. no sitio da passagem, porque o espraiamento é quasi completo, e só depois de uma hora de enchente poderemos continuar a navegação.

Então suspende-se e navega-se com a prôa em direcção á ponta do Macaneta, no continente, a qual é bem saliente, não só porque não ha ali nenhuma outra, como porque começa então um mato muito fechado, que se estende ao longo da praia, e do qual os moradores de Lourenço Marques se fornecem mais principalmente de madeiras, que são optimas para construcções.

Chegados ali navega-se então a meio rio, que corre entre esta terra que nos fica á direita, da qual toma o nome o rio de Macaneta e a Shefina Grande á esquerda, em continuação da outra de que temos fallado, e a que os pretos chamam Shefina Pequena.

Effectivamente estas duas ilhas, que nas marés vasias parecem uma só, porque um braço de areia as une, apparecem inteiramente separadas quando a maré enche e cobre o dito baixo.

A Shefina Grande, por este lado, torna o rio tortuoso e em partes baixo, formando uma curva até encontrar-se com o que vae para o interior e com o que vem directamente da bahia, as aguas dos quaes a banham pelo lado de E.

Pelo lado S. forma a costa da bahia em continuação á costa Calungo junto á enseada de Monte George, que os navios baleeiros procuram

para ancorar e prover-se de refrescos, e fica ao N. do recife da outra ilha Shefina.

Entre, pois, a costa Calungo e a dita ilha, ha uma embocadura que forma a entrada do rio que se está descrevendo. Esta é pouco funda e perigosa pela sua alta arrebentação, principalmente com os ventos do quadrante do S., na baixamar das marés grandes. Chega mesmo a ficar enxuta e por consequencia a paralysar por momentos a communicação das aguas do rio com as da bahia. No entretanto já ali têem entrado pequenos navios[1].

Fica portanto sabido que, com bom tempo, aquella entrada é accessivel a navios pequenos, sómente na preamar de marés grandes, mas, com mau tempo, nem mesmo em lanchas ou botes se deve demandar, porque se corre risco. Temos outra entrada que melhor se presta para embarcações miudas e tambem para pequenos vapores, que com a maré cheia ou meia maré navegam ali francamente com bom pratico.

Para a parte de dentro d'este banco e já no rio, ha fundo de 11 até 17 metros, e podem navegar navios grandes até 222 kilometros da sua embocadura, segundo a opinião dos praticos que o conhecem e o têem sondado em differentes pontos[2].

No Marraquene é elle bastante fundo de um a outro lado. Da sua embocadura, pois, até encontrar-se com o rio da Macaneta, haverá 2:778 metros de extensão sobre 926 de largura, com a qual continua pouco mais ou menos até ao Marraquene, que então alarga muito mais. Pouco depois do encontro d'estes dois rios, apparece-nos á esquerda a ilha da Benguelene, cercada por um pequeno rio que vem tambem desaguar n'aquelle, como d'elle recebe as aguas que o enchem.

Aqui começa o dominio do regulo de Magaia, estendendo-se até á ilha Sherinda.

D'este porto até ao Marraquene, cerca de 49 kilometros, o que ha notavel é o magestoso arvoredo do mesmo rio, que orla constantemente as suas margens, deixando-nos ver algumas campinas de ricas pastagens que

[1] Por ali entrou, não ha muitos annos, o cuter inglez *Herald*. Não tendo ido legalisar os seus papeis á respectiva alfandega, foi muito bem aprisionado pelas auctoridades de Lourenço Marques, poisque se achava fazendo contrabando.

Mais tarde, foi entregue com uma indemnisação, quatro vezes superior ao valor do navio e carga, a exigencias do governo inglez.

Era então governador de Lourenço Marques, Francisco de Salles Machado. Recorda-nos esta questão a de *Charles et George*.

[2] Já houve quem o sondasse, aindaque imperfeitamente, até á ilha dos Limões, mais no interior, e com a certeza de que tem um canal profundo e bom para navios.

se podiam aproveitar para cultura de toda a ordem sem grande dispendio e muita facilidade de communicações.

As margens, que não serão insalubres quando cuidadosamente cultivadas, poderiam offerecer productos que, por si só, fariam a riqueza e a grandeza de uma colonia de primeira ordem; no entretanto estão no seu estado primitivo por falta de colonisação, a qual não é possivel estabelecer sem que haja segurança individual[1].

Ha ali uma povoação de palhotas e uma casa de zinco (ferro zincado) pertencentes aos moradores de Lourenço Marques, e que lhes servem para vendas, depositos de generos e outros misteres do seu commercio.

Como já se disse, o rio aqui é largo e magestoso e poderia ter fundeada com commodidade uma grande esquadra, se ella porventura podesse entrar pela sua embocadora.

Á dita povoação segue-se uma enorme campina de optimos terrenos, sendo alguns alagados.

Como a costa faz uma grande enseada para o N. e o rio até ali segue muito para E., ouve-se distinctamente n'aquelle local a arrebentação quando ha vento forte do S.

Um pouco acima d'esta povoação começa o rio a ser muito mais estreito e tortuoso, difficultando a navegação de véla, para a qual sendo de feição o vento n'um sitio, já n'outro não aproveita.

Aqui bifurca-se um braço de rio que dista para NNE. emquanto que o proprio rio toma uma direcção SE. para depois seguir para o N. e para E. até á ilha dos Limões, assim chamada porque não tem senão mato de limoeiros, que produzem uma quantidade enorme de fructo que é de quem o colhe.

Á proporção que o rio se vae internando, diminue de fundo, difficultando a navegação com tortuosidades e exigindo cautela nas proximidades das margens, pelo perigo de ir de encontro ás arvores caídas de longe em longe.

Muda a sua denominação, conforme os sitios que vae percorrendo, em Mautriça, Manicussa, Cossine, etc.

Não ha estudos feitos, mas calcula-se que a distancia entre Lourenço

[1] Diocleciano Fernandes das Neves, actualmente residente na Figueira da Foz, mandou construir uma casa de pedra e cal no Marraquene, e fez plantações de canna de assucar, algodão e amendobim.

Um regulo, que se diz subdito portuguez, levantou uma guerra, e passando por ali obrigou-o a fugir, arrasou-lhe a casa e destruiu-lhe as plantações.

Não se tomaram providencias, e o agricultor viu os seus bens perdidos. Justificou, todavia, os prejuizos que soffreu e requereu indemnisações, que lhe não foram dadas nem attendidas, e nem sequer reivindicou os terrenos.

Marques e o ponto até onde chegam presentemente as lanchas, com alguma difficuldade, um pouco acima da Cossine, não é inferior a *660 kilometros*, sendo possivel, com pequenos melhoramentos, seguir até *900 kilometros*, onde já não temos regulos sujeitos, podendo aliás têl-os.

Seria conveniente proceder-se ao estudo e exploração d'este rio, cuja importancia se está reconhecendo n'estas breves informações.

Muito para o interior encontra-se elle com o Limpopo, rio do Oiro ou Inhampura, que por todos estes nomes é conhecido, e de que passâmos a dar resumida noticia.

Rio Inhampura, rio do Orio, ou rio Limpopo. — Este rio, que na sua embocadura na costa Calango, não longe da embocadura da bahia de Lourenço Marques, tem a denominação Inhampura, está a 25° 11′ 36″ de latitude S. e 33° 11′ 39″ de longitude E. do meridiano de Greenwich.

Não temos noticias completas a seu respeito, no emtanto conhecemos as viagens de exploração que ali fizeram os inglezes Elton, actual consul inglez em Moçambique, e Erskine, filho do secretario da colonia ingleza de Porto Natal, que não confiam nas suas supposições nem explicam muito a foz do mesmo rio. Dizem elles, que, collocados em terra, não viram embocadura que lhe désse communicação com o mar; ao contrario parecia que entre o rio e a costa se antepunha um montão de areias, mas que, não obstante, acreditavam que devia haver essa communicação, vistoque n'elle se percebia enchente e vasante.

Nem um nem outro d'esses investigadores procederam a mais indagações por lhes faltarem os meios precisos para tal fim — uma embarcação apropriada — vistoque aquella que possuiam era de borracha e só servia para passagens de rios sem ondulações. Nem pela praia tentaram as pesquizas por não agradarem aos cafres d'ali, que são maus e desconfiados.

É certo, porém, que no prolongamento d'esta costa se vêem destroços de navios, de cuja perda, no entretanto, não ha noticias.

Isto, a má fama dos negros d'aquella costa, e a sua opposição a certas investigações, fazem persuadir mysterios em materia de naufragios [1].

[1] O sr. Francisco dos Santos a quem se devem estas noticias diz:

« Tendo eu saído de Lourenço Marques para Inhambame no hiate americano *Wamright*, com vento de feição, segui ao longo d'aquella costa, da qual me approximei a perto de 6 kilometros no sitio de Inhampura, de proposito para indagar a sua foz, tanto quanto me fosse possivel, e só pude conhecer o seguinte: que navegando-se do N. para S. ou vice-versa do longo da costa, não se descobre cousa que pareça embocadura, ao contrario uma constante continuação de costa, mas chegando-se á sua latitude e na sua proximidade, para o N. e para o S., avista-se en-

Importancia de Lourenço Marques.—O districto de Lourenço Marques, em consequencia da sua vantajosa posição, póde tornar-se grandioso se se realisarem os melhoramentos de que carece e para o que a natureza o predestinou.

É um porto proximo do Cabo da Boa Esperança, que, em occasiões de temporaes é muito apropriado para receber toda a qualidade de embarcações, e que poderia tornar-se porto de arribada de primeira ordem, de que resultariam o florescimento da sua industria e outras vantagens.

Cercado de rios em diversas direcções, são facilitadas por este meio as suas relações com o commercio, com a industria e com a agricultura, que por ventura se possam desenvolver, e de certo se desenvolveriam em poucos annos, se a attenção se voltasse para aquella rica possessão capaz, só ella, de engrandecer Portugal.

Caminho directo e facil para a republica do Transwaal, que é cheia de vida e de energia, laboriosa, industrial e populosa, ganharia a grandissima vantagem, que mais ninguem tem, de possuir de momento e sem

tão uma separação que forma uma embocadura distincta, depois uma pequena ilha com mato, e ao S. d'esta uma outra embocadura mais pequena do que aquella.

«A ondulação em toda aquella costa é constante, e o rôlo do mar na praia é muito volumoso; por isso levanta uma certa vaporisação que, com os raios do sol, difficulta os raios visuaes dos oculos.

«Vi por isso de cima do mastro do hiate a arrebentação continuada da costa, e para dentro o mar manso do rio.

«Entre aquella e este foi-me impossivel divisar qualquer communicação ou cousa que se antepozesse entre elles e os separasse, sendo comtudo possivel que algum canal dê passagem a qualquer embarcação. Que a sua entrada não seja boa adquiri eu essa convicção, mas que seja impossivel tambem não me parece. Não será como a do rio King's George, que na baixamar das marés grandes fica inteiramente descoberta para na preamár dar accesso a embarcações pequenas? E a embocadura mais pequena que se avista a S. não será melhor? pelo menos a arrebentação ali não é tão viva. São tudo conjecturas, mas é de grande interesse esta exploração, porque o rio passa pelas regiões mais ferteis d'estes sertões.

«Para dentro d'esta embocadura é manso o rio e tem fundo variado de 9 a 20 metros, havendo sitios em que expraia inteiramente até ao canal.

«A sua largura, ali, calcula-se approximadamente em 4 kilometros, mas internando-se estreita a 463 metros, é menos largo mas muito similhante ao rio da Magaia ou King's George River, e tambem como este póde ser navegavel até muito ao interior, e talvez mesmo até á sua communicação, poisque, como já disso, elles se encontram por meio de um braço que este deita para O. até áquelle e segue sempre até ao Transwaal, tomando então o nome de Rio dos Elephantes.

«Este rio do Oiro presume-se que segue para o N. e para O. até á republica do Transwaal que vae torneando pelo seu lado de L., primeiro e depois pelo O., pelas serras dos Maloios, Chicundo, Zoutpousberg com a denominação de Limpopo.»

dispendio, uma grande colonisação, que consumiria grande quantidade de generos, entretendo só com isso todo o nosso rachitico commercio e fazendo sair por este bello porto os seus avultados productos.

Estado da India — Dá-se este nome á parte que ainda nos resta do nosso imperio do oriente. É uma possessão mais pequena que a nossa Senegambia[1], e é cinco vezes maior que a provincia de S. Thomé e Principe. Representa todavia um nome grandioso, uma das venerandas reliquias das nossas possessões do seculo XVI. A sua perda seria para nós uma desventura, não tanto pela grandeza material como pela gloria que de todo se perdia com o desmembramento da colonia mais heroica da nação portugueza.

Não duvidâmos conservar o nome por que officialmente se reconheceu o territorio que ainda possuimos na costa occidental do Industão; mas, no decurso das nossas considerações, usaremos indifferentemente das palavras *India portugueza* ou provincia de Goa[2].

Estas explicações não são indifferentes, porque o primeiro dever do medico hygienista é empregar termos bem definidos, e assignar-lhes com a maxima clareza a sua comprehensão, a fim de que fiquem desde logo determinadas as bases e as differentes operações cujos resultados seriam inexactos ou confusos sem estas declarações preliminares.

Enlacemos porém as indagações medico-geographicas attinentes a dar idéa de um paiz cuja salubridade se deseja conhecer, com um esboço geral feito por mão de mestre. É uma especie de jardim junto ás sementeiras das estatisticas que têem tanto de uteis quanto de fastidiosas.

A superficie da India portugueza tem sido avaliada por differentes fórmas. Na estatistica de Portugal e suas colonias a pagina XVI e 375 calcula-se a superficie geral em 5:400 kilometros quadrados, mas na pagina 381 apresenta-se um mappa em que se avalia em 3:612. No annuario estatistico de Gotta admitte-se a de 3:748.

Carlos Vogel e Francisco Bordalo apresentam tambem dados diversos, emquanto á superficie, o que nos colloca na impossibilidade de apurar a verdade.

Os limites d'esta nossa possessão do ultramar são a O. o mar, ao N. o rio Arondem, a E. a cordilheira dos Gattes e ao S. fica-lhe o Canará. Divide-se do seguinte modo:

[1] Tomamos os dados que se acham na estatistica geral de Portugal e suas colonias, pag. XVI.

[2] Da India portugueza poucas palavras se escreveram no diccionario Larousse.

Ilhas de Goa.—Compõe-se da ilha de Goa propriamente dita e das ilhas da Piedade, Chorão e Santo Estevão.

Bardez.

Salsete.

Pernem, Bicholim, Sattary, Pondá, Embarbacem, Chandrovaddy, Astargar, Bally e Canaconá.

Mappa demonstrativo da superficie e população do estado da India

Provincias e districtos		Superficie — Kilometros quadrados	População	Raças — Europea e descendentes — Masculino	Raças — Europea e descendentes — Feminino	Raças — Asiatica — Masculino	Raças — Asiatica — Feminino	Raças — Africana — Masculino	Raças — Africana — Feminino	População especifica
Velhas Conquistas...	Ilhas de Goa.....	163	45:577	568	450	21 777	22.477	145	100	279
	Bardez............	245	99:875	116	95	47:466	52:022	84	93	408
	Salsete...........	347	102:394	134	153	49.106	52:840	64	97	295
	Ilha de Angediva....	3	371	2	—	162	206	—	1	124
		758	248:947	820	698	118:540	127.545	293	351	1.106
Novas Conquistas...	1.ª Divisão:									
	Pernem...........	248	22:263	4	4	11:680	10:573	2	—	90
	Tiracol...........	3	285	1	1	148	136	—	—	95
	2.ª Divisão:									
	Bicholim........	228	11.343	131	77	6:030	5:304	1	—	51
	Sattary.......	490	9:946	2	—	5:262	4.031	13	48	20
	3.ª Divisão:									
	Pondá........	269	28:563	59	44	[illegible]	13.883	9	8	106
	Embarbacem ...	632	6:415	—	—	3 438	2 977	—	—	10
	4.ª Divisão.									
	Astargar..........	263	[illegible]	—	—	2:760	2 493	—	—	20
	Bally............	194	4:699	—	—	2:649	2:050	—	—	24
	Chandrovaddy....	126	7.628	3	6	3.947	3:672	—	—	60
	Cacorá........	17	2·102	—	—	1:035	1:066	—	—	123
	Canacona..........	354	15 181	1	—	8.006	7:174	—	—	43
	Cabo de Rama......	31	1:692	—	—	875	817	—	—	54
		2:854	115:571	201	132	60:391	54.796	25	26	696
Districtos do norte....	Damão	—	33:950	15	13	17:028	16:696	73	125	—
	Dio	—	10:958	20	8	5:232	5·336	169	193	—
Total da provincia..		3·612	408:896	1:056	854	201.161	204:273	560	695	1·802

As nossas leis exceptuam das possessões ultramarinas a India chamando-lhe *estado*, emquanto ás outras chamam provincias. É uma divisa com

que se galardoam as memorias sempre gloriosas dos Gamas, Almeidas, Albuquerques, Sampaios, Braganças, Castros, Alornas, Egas, Redondos, Ericeiras, Mellos, e tantos outros que ali derramaram o seu sangue, e com o qual se pôde escrever a maior epopéa do mundo. Resta-nos bem pouco d'aquelle grande morgadio; resta um predio de recreio, formosissimo predio que a natureza aformoseia e que as ruinas condecoram. De um lado servem-lhe de muro os Gattes, do outro proporciona-lhe accesso o grande mar por dois portos e innumeras enseadas. No centro ha canaes, rios, arrozaes, palmares, florestas insondaveis, cafesaes, gados, feras e flores por toda a parte, uma população sempre crescente, muitas aptidões para as letras e sciencias, muita indolencia, castas inapproximaveis, apesar de já hoje esclarecidas, religiões diversas, sendo predominantes a christã, a mahometana e a gentilica ou bramanica; agricultura e industria a primitiva; commercio quasi nenhum com a Europa, nenhum com o interior, pouquissimo com a China e com a Africa oriental; algum com Bombaim. Nada mais. A Inglaterra conseguiu isolar-nos, e monopolisar todo o commercio do levante, e comtudo o padroado ainda se estende por todo o Oriente.

O estado da India portugueza, observa Francisco Bordalo, afóra as praças de Diu e Damão, póde considerar-se como formando um só corpo sem solução de continuidade; apenas pequenos rios ou estreitos braços de mar separam as ilhas do continente e dividem este em provincias ou outras menores divisões.

É preciso ter bem em vista similhante disposição dos terrenos, e como ali evidentemente se nos deparam uns logares mais insalubres do que outros, devemos attender tambem á divisão que geralmente se faz de tal territorio.

A India acompanhará de certo o movimento de colonisação de Moçambique, se este for convenientemente desenvolvido, e servirá então de interposto ás nossas possessões do Oriente, representadas por Timor, Macau, Goa e Africa oriental, banhadas pelo mar das Indias, estendendo-se ao S. e ao N. do equador.

Provincia de Macau e Timor. — São estas as duas possessões que se acham mais afastadas da metropole, e podem sustentar vantajosas relações commerciaes não só com a nossa provincia de Goa, mas tambem com as colonias hollandezas e com a provincia de Moçambique.

Calcula-se a distancia entre Macau e Timor em 3:666 kilometros, isto é, em pouco mais do que a distancia entre Lisboa e a ilha de S. Thiago de Cabo Verde. Goa e Macau ficam quasi tão afastados entre si, como Lisboa e as ilhas de S. Thomé e Principe.

É assás limitada a superficie de Macau, mas torna-se notavel, não só porque é um ponto intermediario entre os tres imperios do Oriente, China, Japão e Sião, como por ser um sanitarium importante. «Macáo, observa Carlos Vogel, est devenu pour les européens de toutes les nations, qui se pressent aux portes de la Chine, comme une espèce d'hôtellerie, qu'ils viennent habiter de préférence. La légation française a établi sa chancellerie dans cette ville, et les négociants anglais de Hong-Kong ont également fait construire, près de ses murs, beaucoup de maisons de campagne ou *bungalos* où ils viennent respirer le bon air, et se récréer des ennuies du séjour de leur triste rocher».

A posição geographica de Macau é determinada por 22° 10′ 30″ de latitude N. e 111° 15′ 30″ de longitude E. Fica portanto quasi sobre o tropico boreal, devendo o clima classificar-se entre os climas tropicaes propriamente ditos. N'este caso estão o districto de Inhambane, na provincia de Moçambique, collocado ao S. do equador, e as ilhas de Cabo Verde.

É extraordinaria a população especifica d'este pequeno territorio, figurando á frente de todas as colonias europeas; calcula-se em 18:000 habitantes por cada kilometro quadrado[1].

O futuro de Macau depende principalmente do progresso da provincia de Moçambique, da animação do estado da India e da prosperidade de Timor.

É preciso tambem não esquecer que esta possessão é a sentinella avançada que mais se avizinha da que conservâmos na Oceania, que, com o desenvolvimento da sua colonisação, será de certo tão rica como as provincias de S. Thomé e Cabo Verde. Urge, pois, animar a navegação entre a cidade de Macau e a ilha de Timor. E, se nos lembrarmos do que aconteceu com as possessões da Africa occidental, não devemos adiar por muito tempo a realisação de tal emprehendimento.

Alem da navegação, é preciso cuidar em proteger o commercio e a agricultura, e muito especialmente em fazer um tratado com a China, para regular a emigração que deixou de se fazer por Macau, mas augmentou em Hong-Kong, porto inglez e a poucas horas de viagem da nossa possessão.

Não devemos terminar este resumo de noticias a respeito de Macau, sem mencionar uma reliquia veneranda, a gruta onde Camões, se-

[1] Segundo a estatistica de G. Pery, a superficie de Macau calcula-se em 4 kilometros quadrados (pag. XVI), ou em 385 hectares (pag. 375). No annuario estatistico de Gotha avalia-se a mesma superficie em $3^{k2},4$. Como Vogel, diz que ella *tem uma legua quadrada*, a população especifica portanto, não póde calcular-se com rigor.

gundo a crença geralmente seguida, compoz os ultimos cantos do seu poema.

A ilha de Timor, de que possuimos a maior parte, levanta-se entre 8° 20′ e 10° 22′ de latitude S., e deve portanto classificar-se como um clima equatorial S. É de grande fertilidade, mas a agricultura está desprezada. Cultiva-se ali milho, arroz, batatas, trigo, etc. Dá-se bem o tabaco e o café, que é muito estimado dos hollandezes na ilha de Java, e que se produz em menor quantidade do que em qualquer fazenda da ilha de S. Thomé. Esta possessão é dezeseis vezes maior que a ilha a que nos referimos, e, em igualdade de colonisação, deveria render, pelo menos, dez vezes mais, o que equivaleria a 1.000:000$000 réis.

Quem diria que no segundo quarto d'este seculo a ilha de S. Thomé, tão pobre e tão esquecida, chegaria a dar um rendimento de réis 100:000$000?

A ilha de Timor não é menos fertil que a de S. Thomé, e o seu territorio é immensamente mais extenso; é portanto uma esperançosa colonia, e o seu commercio augmentará se tratarmos da colonisação das possessões, seguindo o systema adoptado pela Inglaterra ou Hollanda.

A ilha de Timor, segundo G. Pery, tem 17:000 kilometros quadrados[1], mas não se sabe o numero de habitantes que se acham no territorio portuguez. N'estas circumstancias poucas considerações temos que fazer, porque apenas nos resta pedir com instancia que se olhe com attenção para um paiz tão fertil, que representa a quinta parte da superficie de Portugal, e que está quasi abandonado e esquecido.

Portugal, undecimo paiz da Europa, occupa o quarto logar como nação colonial

Para se poder comparar com facilidade o territorio do reino de Portugal com o da Hespanha, França e Hollanda, apreciando tambem o das principaes nações da Europa, é preciso reunir os dados indispensaveis.

Os limites das nações não se devem procurar nos mares que lhes cercam o solo, nem nas montanhas que lhes difficultam as communicações. Marcam-se de modo mui diverso.

As nações nascem, vivem e desenvolvem-se segundo as affinidades moraes que caracterisam os differentes ramos da familia humana, e não estão em relação com os tractos de terreno em que se dividem e subdividem as terras susceptiveis de serem habitadas.

[1] Carlos Vogel calcula em sete oitavos da area total da ilha a superficie do nosso territorio.

A familia humana é cosmopolita; o homem individualmente não o póde ser senão dentro de certos limites. E assim deve ser.

O homem é uma organisação circumscripta, que não póde partir-se, conservando a vida; a humanidade é illimitada, póde soffrer córtes profundos ou grandes abalos, mas conserva sempre a sua integridade, compondo-se de uma cadeia indeterminada e prendendo-se por um lado á terra e por outro a Deus, origem primitiva de todas as cousas. Mas quaes foram os primeiros homens que se estabeleceram no territorio que hoje se chama Portugal?

A porção de terra mais occidental da Europa tem uma fórma especial a que os geographos deram o nome de peninsula. Calcula-se a superficie em 584:571 kilometros quadrados. É mais pequena que a da ilha de Sumatra, puramente equatorial, e cuja população é mais abundante.

É portanto ponto indiscutivel que os paizes equatoriaes, por estarem debaixo da linha equinoccial ou por serem cortados pelo equador thermal, não deixam de ser habitaveis e susceptiveis de se colonisarem. Os homens espalham-se por toda a terra, do N. ao S. e do oriente ao occidente, permanecendo mais nos logares favoraveis á sua conservação.

A peninsula a que nos referimos é limitada ao oriente e ao meio dia pelo Mediterraneo, ao occidente fica-lhe o Occeano Atlantico e ao septentrião o mesmo Oceano e uma parte do S. da França.

Os Pyrenéos, collocados a NE. separam esta grande extensão de terra do resto da Europa. A peninsula transpyreneana é conhecida geralmente pelo nome dos povos que a habitam ou já habitaram. Diz-se pois indifferentemente peninsula hispano-portugueza ou iberica; mas é preciso dizer que entre os portuguezes e os hespanhoes houve sempre completa separação.

É sobre este ponto que desejâmos fixar a nossa attenção e, para commemorar e não para ajuntar novos esclarecimentos, transcrevemos aqui estas explicações, que não são de certo alheias ao fim a que nos propomos chegar.

Não é nosso intuito tambem, nem cabe nos limites d'este trabalho, fazer a descripção ethnographica dos habitantes da peninsula, mas não deixaremos de relembrar que os lusitanos[1] oppozeram tenaz resistencia ao dominio da soberba Roma.

Este facto não é indifferente; serve para demonstrar que os habitantes do occidente da Europa não se confundirão nunca em um só povo, e não formarão jamais uma unica nacionalidade. Os habitantes das margens

[1] Nos Annaes da commissão permanente de geographia declara o sr. marquez de Sousa Holstein que os actuaes portuguezes não são lusitanos.

Largo da União, vulgo do Pelourinho

do Tejo e Douro terão em todos os tempos caracteres proprios, vida independente e costumes peculiares que se explicam pelas condições climatericas da região que occupam.

É, porém, necessario dizer que o territorio da peninsula hispano-portugueza se acha desigualmente dividido entre os dois povos. A Hespanha occupa uma parte 5,52 vezes maior que Portugal, mas não tem dado por isso prova de mais adiantamento, nem tem trabalhado com mais vantagem em favor da civilisação e do progresso da humanidade.

Levar-nos-ía muitó longe a enumeração dos factos que têem distinguido a familia portugueza entre os habitantes da peninsula occidental da Europa. O que desejâmos demonstrar, o fim com que organisámos este trabalho, temol-o declarado por muitas vezes; e em obra tão complexa não deve ser tomada em conta de prolixidade ou repetição inutil.

Deve, pois, entender-se que pretendemos accentuar bem e patentear por todos os modos que não somos uma nação quasi invisivel na Europa, poisque se, entre as nações d'esta parte do mundo, somos o undecimo paiz, não deixâmos comtudo de ter sido uma das primeiras, e occupâmos ainda hoje o quarto logar como nação colonial. Para não sermos demasiado extensos, recorremos ás estatisticas, que organisámos com todo o cuidado. Referem-se á situação de Portugal a respeito das outras nações da Europa, segundo a superficie e população. Fallam ellas bem alto e dispensam mais largos commentarios.

Estatistica comparativa da superficie e população de Portugal com relação ás principaes nações da Europa, independentemente e comprehendendo as colonias, protectorados e territorios adjacentes

Designações	Independentemente das colonias, protectorados e territorios adjacentes		Comprehendendo as colonias, protectorados e territorios adjacentes	
	Superficie — Kil. quadrados	População	Superficie — Kil. quadrados	População
Russia..........	4.909:193,70	65.704:559	21.665:726,40	85.685:945
Aústro-Hungria..	624:044,89	35.904:435	624:044,89	35.904:435
Allemanha......	540:628,50	41.060:846	540:628,50	41.060:846
França.........	528:576,75	36.102:921	1.706:936,25	46.321:339
Hespanha.......	494:946,00	16.262:422	811:347,00	24.929:916
Suecia..........	444:814,00	4.341:559	444:814,00	4.341:559
Turquia........	364:037,00	8.500:000	5.717:750,00	47.627:000
Noruega........	316:694,00	1.796:000	316:694,00	1.796:000
Inglaterra.......	314:951,00	33.098:400	20.917:275,00	236.222:800
Italia...........	296:305,41	26.801:154	296:305,41	26.801:154
Portugal........	89:371,00	4.011:908	1.917:735,00	7.648:729
Grecia..........	50:123,00	1.457:894	50:123,00	1.457:894
Suissa..........	41:418,32	2.669:147	41:418,32	2.669:147
Dinamarca......	38:236,78	1.874:000	230:445,18	2.003:200
Paizes Baixos....	32:839,97	3.767:263	1.752:839,97	28.877:263
Belgica.........	29:455,16	5.253:821	29:455,16	5.253:821

Organisámos este mappa em presença dos dados que encontrámos no annuario estatistico de Gotha, publicado no anno de 1876. Não é esta com certeza a superficie mais exacta, mas acceitâmos os calculos que ali se acham publicados para mostrar a nossa imparcialidade; assim como não julgâmos verdadeira a área calculada no importante trabalho de G. Pery. É preciso dizer-se, pois, que a superficie da Africa portugueza é muito maior do que se pensa, e torna-se da maior necessidade não só tratar de fixar os limites com os povos que nos ficam ao S., mas tambem levantar uma carta topographica de Moçambique e Angola, que comprehenda todos os territorios que nos pertencem do oriente ao occidente.

A Russia e a Turquia não são paizes colonisadores como a Hespanha, França, Portugal e Inglaterra; e, n'este caso fica Portugal, como potencia

colonial, collocado logo immediatamente a esta ultima nação. Considerando, porém, em absoluto, a extensão de cada paiz, seja na Africa ou na Asia, na America ou na Oceania, vê-se que nos pertence o quarto logar em relação á grandeza de territorio, e que somos a segunda nação da Europa como paiz colonial.

Procedemos a esta comparação, mesmo não sendo de inteira confiança os algarismos que lhe serviram de base, não só para tornar bem patente ainda mais uma vez a vastidão do nosso territorio, e mostrar a classificação a que temos jus entre as nações da Europa, mas tambem porque muito nos orgulhâmos com os descobrimentos e conquistas que tão respeitados nos tornaram nos seculos XIV e XV. Não foi sem intenção que o fizemos, visto que alguns escriptores estrangeiros, fallando das terras do dominio de Portugal, manifestam claramente o desejo de nos depreciar, pondo em duvida, e contestando até, a prioridade da sua posse.

Dadas estas explicações, que são um protesto pacifico contra apreciações menos justas, passâmos a tratar da emigração para o Brazil, que tanto tem preoccupado nos ultimos tempos a attenção publica.

Emigração para o Brazil

Sob este titulo, que equivale o mesmo que se escrevessemos emigração portugueza, e que adoptámos para designação geral d'este assumpto, desejâmos significar que, se por um lado a corrente da nossa emigração tem apenas uma direcção — as terras de Santa Cruz —, por outro representa um dos mais importantes e momentosos assumptos de que nos occupâmos; fazendo d'elle um estudo minucioso, mostrâmos que o temos na devida consideração. Antes porém de tratarmos da emigração para o Brazil devemos dizer algumas palavras para mostrar o sentido em que deve considerar-se a palavra *emigração.*

Emigração é uma propriedade caracteristica e exclusiva do reino hominal, e portanto uma funcção exclusiva da humanidade, assim como a linguagem fallada, liberdade.

É preciso não confundir o que se chama por analogia emigração dos animaes com a emigração do homem.

Não é facil todavia substituir esta palavra por outra mais apropriada, que evite tal confusão, mas a deficiencia da linguagem não servirá para confundir o verdadeiro sentido que se lhe deve dar.

Emigrar é colonisar, e assim o entendem alguns escriptores. Recordaremos n'esta occasião o fallecido visconde de Paiva Manso, que, fazendo a traducção de um trecho do livro de Jules Duval, que se refere á emi-

gração, verteu a palavra franceza *émigration* por colonisação[1]. Evitou assim o embaraço em que se via para dar o verdadeiro sentido á palavra cuja significação não é explicita.

Um esclarecido escriptor francez mostrou a distincção entre a emigração dos animaes e dos homens nos seguintes termos:

«Les animaux émigrent, l'homme seul voyage. Seul, de tous les êtres, l'homme a le pouvoir de se transporter, dans un but dont il à conscience, sur tous les points du globe qu'il habite; des regions brulantes de l'équateur, il passe aux zones glacées des pôles; des profondeurs souterraines ou du fond de la mer, il gagne la cime des montagnes ou les couches élevés de l'atmosphère[2].»

A emigração é, pois, uma funcção da humanidade, e em caso nenhum deve confundir-se tão importante qualidade exclusiva do reino hominal com o facto instinctivo dos animaes.

Formulada esta differença radical, passâmos a examinar a emigração portugueza para o Brazil.

Fallam alguns escriptores com louvor do modo por que colonisâmos o Brazil. Notam ainda assim, que começámos tarde a desenvolver a colonisação d'aquelle paiz, que reputam um padrão da nossa gloria. O que é certo é que temos dado exuberantes provas de que sabemos colonisar, embora tenha havido intermittencias mais ou menos prolongadas.

A historia da emigração brazileira dá occasião a largas considerações, a que não podemos dar o desenvolvimento que desejavamos, mas procurâmos referir o que ha de mais importante com relação aos portuguezes.

Jules Duval observa que os portuguezes e os francezes procuram o Brazil, mais com destino ao commercio que á agricultura. Mas, seja como for, é innegavel que a emigração portugueza excede a de todos os outros paizes da Europa. Em 1855, diz aquelle escriptor, entre 12:290 emigrantes que se espalharam pelo Brazil, 9:000 eram portuguezes. É realmente significativo este facto, e serve ao menos de attenuar o esquecimento em que temos deixado as nossas colonias.

Devemos notar alem d'isto, aproveitando os dados colligidos em um trabalho importante, que os portuguezes se acham espalhados por quasi todas as provincias brazileiras, existindo o maior numero d'elles na do Rio de Janeiro. Entre os emigrantes d'esta provincia é mais avultado o numero de portuguezes, dando as provincias do norte de Portugal o maior

[1] *Memoria sobre Lourenço Marques* pelo visconde de Paiva Manso, 1870, trecho traduzido do francez de *L'histoire de l'émigration* par J. Duval, 1862.

[2] A. Roi de Le Méricourt, *Archives de médecine navale*, tome 2e, pag. 5.

contingente, e é exactamente n'esses pontos que se falla com menos enthusiasmo a respeito das nossas colonias.

Não nos propomos indagar as causas da differença que se nota nas nossas provincias do norte, porque nos referimos a este assumpto n'outro logar; apenas desejámos dar idéa do facto, da importancia da emigração portugueza na actualidade, e por isso apresentámos os dados estatisticos que o patenteiam.

Mappa das entradas de emigrantes no porto do Rio de Janeiro nos annos de 1864 a 1873

	1864	1865	1866	1867	1868	1869	1870	1871	1872	1873	Total
Portuguezes	5:097	3.784	4:724	4.822	4.425	6.347	6:110	8.124	12.918	9:907	66:258
Allemães	276	304	244	412	563	376	306	296	342	316	3.435
Norte americanos	106	216	346	1.575	405	286	171	191	219	176	3:691
Francezes	350	534	504	755	596	538	549	777	1:048	852	6.714
Italianos	872	500	600	1.022	844	1:032	986	1:626	1.808	1.344	10:651
Inglezes	209	276	416	867	1.026	375	427	515	1.051	1:203	6.454
Hespanhoes	174	170	455	290	218	332	364	510	726	878	4.107
Diversos	217	168	192	279	279	222	210	292	329	256	2.444
	7:600	5.952	7.481	10:042	8.355	9. 28	9:123	12:331	18.441	14:031	103.754

Resumo do movimento de entradas e saidas nos annos de 1864 a 1873

	Entraram	Sairam	Ficaram
Portuguezes	66.258	32:132	34:126
Allemães	3.435	2:273	1:162
Norte americanos	3:691	2:309	1:382
Francezes	6:714	5:032	1:682
Italianos	10:651	5:602	5:049
Inglezes	6:454	4:188	2:266
Hespanhoes	4:107	2:603	1:504
Diversos	2:444	2:101	343
	103:754	56:240	47:514

Mappa dos emigrantes, por provincias, desde 1870 a 1874

Provincias	Totalidade dos emigrantes	Media annual	Relações
Douro	21:630	4:326,0	2,1 : 1
Minho	8:997	1:799,4	5,2 : 1
Açores	7:283	1:456,6	6,0 : 1
Beira Alta	3:180	636,0	14,7 : 1
Traz os Montes	3:068	613,6	1,5 : 1
Extremadura	2:385	477,0	19,6 : 1
Beira Baixa	189	37,8	24,7 : 1
Madeira	53	10,6	88,3 : 1
Algarve	13	2,6	360,0 : 1
Alemtejo	10	2,0	4:680,8 : 1
	46:808	9:361,6	

Mappa dos emigrantes segundo as differentes localidades desde 1870 a 1874

Procedencias	Totalidade dos emigrantes	Media annual	Relações
Porto	14:036	2:807,2	3,3 : 1
Aveiro	5:931	1:186,2	7,8 : 1
Braga	5:814	1:162,8	8,0 : 1
Angra	3:847	769,4	12,1 : 1
Vianna	3:183	636,6	14,7 : 1
Vizeu	3:180	636,0	14,7 : 1
Villa Real	2:937	587,4	15,9 : 1
Lisboa	2:295	459,0	20,4 : 1
Ponta Delgada	1:995	399,0	23,4 : 1
Coimbra	1:663	336,6	27,8 : 1
Horta	1:441	288,2	32,4 : 1
Guarda	166	33,2	282,0 : 1
Bragança	131	26,2	357,4 : 1
Leiria	75	15,0	624,3 : 1
Funchal	53	10,6	883,5 : 1
Castello Branco	23	4,6	2:036,0 : 1
Santarem	15	3,0	3:121,8 : 1
Faro	13	2,6	3:602,1 : 1
Beja	10	2,0	4:682,8 : 1
	46:808	9:361,6	

O imperio do Brazil offerece regiões e climas tão favoraveis, como os de muitas outras partes do mundo. Ha n'aquelle paiz localidades fertilissimas, onde as culturas compensam com largueza os sacrificios que por ellas se fazem.

Em Africa acontece o mesmo, encontram-se zonas insalubres, e não faltam localidades susceptiveis de serem habitadas. Servem de exemplo os terrenos occupadas pelos boers, assim como Mossamedes e Lourenço Marques.

Provincias do imperio do Brazil, clima geral, superficie, população e productos principaes

Designações	Clima geral	Superficie — Kil. quad.	População	Productos principaes
Amazonas........	Equatorial........	1.951:407	57:610	Gomma elastica, café, cacau, cera, etc.
Gran-Pará	Equatorial (S.)....	1.068:237	259:821	Gomma elastica, cacau e castanha da terra.
Maranhão........	Equatorial (S.)....	366:862	359:040	Algodão, assucar, tabaco, milho, arroz, etc.
Piauhy	Equatorial (S.)....	211:800	202:222	Algodão, aguardente, gados, etc.
Ceará	Equatorial (S.)....	130:174	721:686	Assucar, algodão, tabaco, café, gomma elastica, gado, queijo, etc.
Rio Grande do Norte	Equatorial (S.)....	52:134	233:979	Assucar e algodão.
Parahyba	Equatorial (S.)....	52:695	362:557	Algodão, assucar, pau Brazil, etc.
Pernambuco......	Tropico-equat. (S.)	119:800	841:539	Assucar, algodão e cereaes.
Alagoas..........	Tropico-equat. (S.)	30:152	348:009	Assucar, algodão, tabaco, lãs, couros, etc.
Sergipe..........	Tropico-equat. (S.)	31:177	161:307	Assucar, algodão, aguardente, couros, côcos, etc.
Bahia	Tropico-equat. (S.)	530:416	1.283:141	Assucar, aguardente, tabaco, algodão, café, cacau, cravo, cereaes, etc.
Espirito Santo....	Tropical quente ...	44:105	82:137	Café, assucar, aguardente, algodão, mandioca, cereaes e madeiras.
Rio de Janeiro....	Tropical.........	47:888	727:576	Café, assucar, algodão, chá, cereaes, hortaliças, legumes, fructas, etc.
Municipio Neutro .	Tropical.........		274:972	Assucar, aguardente, cereaes e mandioca.
S. Paulo.........	Tropical.........	231:491	837:354	Café, assucar, tabaco, algodão, chá, vinho, trigo, cereaes, etc.
Paraná	Tropical temperado	281:151	126:722	Diversos productos.
Santa Catharina ..	—	49:012	159:802	Assucar, aguardente, café, algodão, linho, mandioca, cereaes, etc., em quantidade limitada.
S. Pedro do Rio Grande do Sul ..	Tropical temperado	285:146	430:878	Gados, carvão de pedra, aguardente, fructos, etc.
Minas Geraes.....	Tropical quente ...	615:053	2.009:023	Gados, metaes, differentes tecidos de algodão, etc.
Goyaz	Tropico-equatorial .	682:108	160:395	Gados, oiro, etc.
Mato Grosso......	Tropical quente....	1.731:740	60:417	Assucar, laranjas, anil, oiro, diamantes, gado, couros, etc.
		8.515:848	9.700:187	

Não é facil fazer em poucas palavras a descripção topographica das provincias do Brazil. É immensa a superficie de cada uma d'ellas, e são

variadissimas as suas producções, mas, a exemplo do que fizemos a respeito das colonias de Hespanha, França, Hollanda e Inglaterra, condensâmos o que nos parece mais adequado, não só para justificar as considerações que apresentâmos a respeito da colonisação e emigração portugueza, mas tambem para mostrar que fallâmos da salubridade e insalubridade do Brazil, depois de proceder a um estudo tão attento quanto demorado de cada uma das provincias.

O imperio do Brazil está dividido em provincias e estas em comarcas, municipios e parochias[1].

Provincia do Amazonas. — Esta provincia é a mais septentrional do imperio.

Estende-se desde 5° 10′ de latitude N. até 10° 20′ de latitude S. Deve portanto ser classificada como paiz equatorial propriamente dito, havendo-nos por essa rasão referido já a este territorio, quando fizemos a enumeração dos paizes equatoriaes.

Não tem porto de mar, e comprehende as comarcas de Manáos, Parintins e Solimões. Encontram-se ali as povoações de Manáos, Teffe, Tabatinga, Barcellos, Serpa e outras villas.

A provincia do Amazonas ainda não tem emigração, mas a fertilidade dos terrenos offerece grande vantagem para a cultura.

A extracção da borracha representa uma industria importante, e applicam-se a este ramo de trabalho muitos individuos. Considera-se um paiz promettedor, e tem logares de uma riqueza espantosa.

Trata-se da construcção de algumas estradas, e o governo brazileiro protege para ali a emigração dos europeus. São elles de certo os unicos que pela sua actividade intellectual podem concorrer para que se desenvolva rapidamente o progresso moral e material, e logoque a população se aclime em tão fertil territorio, a provincia do Amazonas será uma nova California.

Não ha nas nossas possessões do ultramar territorio algum correspondente á parte central do Amazonas, mas a parte da zona do S. está quasi no parallelo dos districtos de Cabinda, S. Salvador e D. Pedro V, pertencentes á provincia de Angola, onde não temos ainda colonisação.

Provincia do Gran-Pará. — Estende-se do 4° 10′ de latitude N. até 8° 10′ latitude S. Tem ao N. o Oceano Atlantico, esse mesmo mar que banha as

[1] Para simplicidade da exposição não fallâmos das circumscripções administrativa nem ecclesiastica. Referimo-nos apenas á divisão judiciaria, e por isso indicâmos tão sómente as comarcas.

costas da provincia de Angola, da ilha de S. Thomé e de Portugal. Limita tambem pelo N. com as Guyanas, e a O. fica-lhe a provincia do Amazonas.

A provincia do Pará é o interposto commercial entre os portos de mar e as provincias do interior Goyaz e Mato Grosso.

Tem variados climas, sendo uma grande parte da provincia atravessada pelo equador terrestre no sentido da sua maior largura.

Contam-se n'ella os affluentes mais importantes do rio Amazonas, como o Tocantins, Xingu, Tapajós, etc.

Entre as diversas producções notam-se o arroz, mandioca, legumes, assucar, café, algodão e varios fructos proprios d'aquella região.

A sua zona austral corresponde ao nosso districto de S. José de Engoge, na provincia de Angola.

Provincia do Maranhão.—Fica entre 1° 5′ e 10° 40′ de latitude S. É por conseguinte um paiz equatorial S. e tem ao N. o Oceano Atlantico e pelo O., S. e E. correm as provincias do Gran-Pará, Goyaz e Piauhy.

Divide-se em quatorze comarcas e grande numero de municipios e parochias.

A capital denomina-se S. Luiz, e fica na ilha do Maranhão.

Ha n'isto alguma parecença com a nossa provincia de Moçambique, cuja capital se acha tambem edificada sobre uma ilha fronteira ao continente.

O algodão é o producto agricola mais importante, mas é hoje muito menor do que foi ha cincoenta e seis annos. A cultura do arroz tambem diminue bastante, emquanto que o assucar se fabrica em muito maior quantidade.

Corresponde ao Ambriz, Dande, Bengo e Encoge, na provincia de Angola.

Provincia do Piauhy.—Está comprehendida entre 2° 45′ e 11° 40′ de latitude S. É, como a antecedente, equatorial S., e tem por limites ao N. o Oceano Atlantico, e pelo O., S. e E. estendem-se como em gigantesco amplexo as provincias do Maranhão, Bahia, Goyaz, Ceará e Pernambuco.

Divide-se em doze comarcas e differentes municipios e parochias.

A capital denomina-se Therezina, e alem d'esta cidade, fundada em 1852, tem a Parnahyba e Oeiras.

São baixos em geral os terrenos, e sómente ao S. e E. se deparam alguns outeiros.

Cultiva-se o algodão, tabaco, milho, assucar e aguardente.

São numerosos os rebanhos, os quaes constituem uma das industrias mais importantes do paiz.

Provincia do Ceará.—Está lançada esta provincia do 2° 45′ até 7° 11′ de latitude S. O clima em geral é equatorial. Tem ao N. o Atlantico e de O. pelo S. até E. formam-lhe um grande circuito as provincias de Piauhy. Parahyba, Pernambuco e Rio Grande do Sul.

Abrange dezeseis comarcas, e tem por capital a cidade denominada Fortaleza. Alem d'esta ha as cidades Aracaty, Icó, Crato e outras não menos importantes.

O solo é coberto de arvoredo nos valles dos rios e arido nos outros logares. As correntes de agua são numerosas, mas pouco abundantes.

Provincia do Rio Grande do Norte.—Começa em 4° 54′ e acaba em 6° 28′ de latitude S. É equatorial S. e tem por limites ao N. e E. o Oceano Atlantico. No rumo opposto ficam-lhe as provincias de Parahyba e do Ceará.

Comprehende oito comarcas, differentes municipios e parochias.

A capital é a cidade do Natal.

É fertil este territorio, e a cultura do algodão cresce ali de dia para dia. Proximo aos rios ha palmares, alguns dos quaes são afastados da costa e compostos de palmeiras especiaes.

Provincia de Parahyba.—Fica entre 6° 15′ e 7° 50′ de latitude S., sendo portanto uma região equatorial S. Seus limites são a E. o Oceano Atlantico, a O. o Ceará, ao S. Pernambuco e ao N. a provincia do Rio Grande, de que já fallámos.

Divide-se em onze comarcas. A capital tem o mesmo nome da provincia, e alem d'esta ha a cidade de Sousa.

O territorio é pouco elevado na zona maritima e no interior, e apresenta, como a provincia de Angola, uma importante região-alto-plana. Produz algodão, assucar e madeiras de tingir.

Provincia de Pernambuco.—Estende-se do 7° até 10° 40′ de latitude S., reputando-se o clima como equatorial S. A E. fica-lhe o Oceano, ao N. as provincias de Parahyba e Ceará, ao S. Alagoas e Bahia e a O. está Piauhyba.

Divide-se em dezenove comarcas e tem por capital a cidade do Recife. É esta certamente uma das provincias mais ricas do Brazil. As plantações da canna saccharina são numerosas e é abundante a cultura do algodão e cereaes.

A provincia do Maranhão corresponde pela sua parte boreal ao nosso

districto de S. José de Encoge, na provincia de Angola, á bacia do Dande, na parte media, e ao Ambriz e Bengo. Umas e outras regiões pertencem á zona equatorial S.

Provincia de Alagoas.—Começa em 8° 4′ e acaba em 10° 32′ de latitude S. É um paiz tropico-equatorial cujos limites são ao N. e O. a provincia de Pernambuco, ao S. a do Sergipe e Bahia, e a E. confina com o Oceano Atlantico. Produz como as outras provincias assucar, algodão e tabaco. É importante a creação de gados, e exportam-se pelles cortidas, couros salgados, etc.

Divide-se esta provincia em nove comarcas e differentes municipios. Chama-se Maceió a capital, que se acha em estado florescente. O commercio é animado.

Corresponde a zona septentrional d'esta provincia ao nosso districto de Ambaca, assim como a bacia do Bengo e o districto do duque de Bragança. Deve ser portanto indifferente o procurar uma ou outra região quando se tratar de lançar os primeiros fundamentos de qualquer colonia.

Provincia de Sergipe.—Fica esta provincia entre 9° 5′ e 11 e 28′ de latitude S., devendo classificar-se como paiz equatorial S. Está nas mesmas condições em que se acha Novo Redondo, Cambambe, Massangano e outros concelhos da provincia de Angola. Tem por limite ao N. a provincia de Alagoas, ao S. fica-lhe a da Bahia e a E. tem o Oceano Atlantico, confinando tambem pelo O. com a provincia da Bahia.

Produz assucar, algodão e aguardente. Os terrenos são geralmente ferteis, dando em abundancia os generos tropicaes.

Divide-se em oito comarcas e differentes municipios e parochias. A sua capital, fundada ha poucos annos, chama-se Aracajú. Alem da capital ha outras cidades e algumas villas. Tem abundancia de rebanhos.

Provincia da Bahia.—É comprehendida entre 9° 55′ e 13° 15′ de latitude S., sendo um paiz tropico-equatorial bem definido. Tem por limite ao N. as provincias de Sergipe, Alagoas e Pernambuco, ao S. as do Espirito Santo e Minas Geraes, a E. o mar e a provincia de Sergipe e a O. as provincias de Piauhy, Goyaz e Minas Geraes.

Divide-se em vinte e cinco comarcas, que comprehendem numerosos municipios e parochias.

É abundante em assucar, aguardente, café e cacau. Não escaceiam os cereaes, e o cravo constitue um importante genero de exportação.

O districto de Benguella corresponde a esta provincia; tanto n'ella

como n'aquelle districto da provincia de Angola é grande a fertilidade do terreno.

Provincia do Espirito Santo.—Demora esta provincia entre 18° 5′ e 21° 28′ de latitude S. O clima é tropical quente, e tem ao N. a provincia da Bahia, ao S. a do Rio de Janeiro, a O. Minas Geraes e a E. fica o Oceano Atlantico. Apesar da grande fertilidade do territorio d'esta provincia o commercio e a agricultura estão pouco desenvolvidos. Corresponde ao nosso territorio austral de Moçambique, onde, como na provincia braziloira, se podem fundar colonias agricolas. As vantagens serão as mesmas.

Provincia do Rio de Janeiro.—Fica esta provincia entre 20° 50′ e 23° 19′ de latitude S. O seu clima é tropical quente, mas tão pouco afastado do tropico-capricornio que a sua região meridional forma até certo ponto um paiz puramente tropical.

O districto do Rio de Janeiro tem ao N. as provincias do Espirito Santo e Minas Geraes, ao S. fica-lhe o Oceano Atlantico e a O. a provincia de S. Paulo.

As producções são bem conhecidas, mas não podemos deixar de as nomear para que se não julgue que ali ha generos mais importantes do que nos nossos districtos de Mossamedes ou de Inhambane. A fama do Rio de Janeiro é justificada a todos os respeitos, e é este um dos pontos do imperio do Brazil mais procurado pelos emigrantes portuguezes. Procurem embora este paiz, mas saibam que temos terrenos em condições de igual fertilidade.

O café, algodão e canna de assucar produzem-se na provincia de Angola e de Moçambique com a mesma facilidade. É certo, porém, que o Brazil tem condições especiaes que ali chamam a emigração, e nós, para desviar esta corrente, precisâmos apenas de cuidar da viação publica e fluvial e da segurança individual; com estes dois elementos, podemos afiançar que não seriam sómente os portuguezes que procurariam a nossa região tropical, seriam tambem os inglezes e os brazileiros, que ali iriam estabelecer-se.

Municipio da Côrte.—Dá-se este nome á capital do imperio do Brazil, que muitas vezes se designa pelo nome de Municipio Neutro. Como se vê, não se trata de uma provincia, mas de uma cidade importante.

O Municipio da Côrte fica entre 22° 43′ e 23° 6′ de latitude S. É um paiz tropical, a que corresponde o nosso districto de Inhambane e as ilhas de Bazaruto; todavia é preciso dizer-se que o Rio de Janeiro é não só a

primeira cidade da America do Sul, mas que rivalisa com as primeiras do mundo. Tem cerca de 230:000 habitantes.

Provincia de S. Paulo.—Estende-se desde 19° 54′ até 25° 15′ de latitude S. Fica por conseguinte sob o tropico austral e forma um paiz tropical propriamente dito.

É esta a provincia que póde comparar-se com os districtos de Lourenço Marques e Inhambane.

Provincia do Paraná.—Fica esta provincia entre 22° 4′ e 26° 29′ de latitude S. Os seus limites são ao N. a provincia de S. Paulo, ao S. a de Santa Catharina e Confederação Argentina, a E. o Oceano Atlantico e a provincia de Santa Catharina e a O. tem por limites a republica do Paraguay e a provincia de Mato Grosso.

É uma provincia promettedora, e fica pela mesma distancia do tropico austral em que se acha o districto de Lourenço Marques.

Provincia de Santa Catharina.—Começa esta provincia no mesmo parallelo em que termina o nosso districto de Lourenço Marques, e estende-se até 29° 18′. O seu clima é tropical temperado.

É um paiz promettedor como muitos districtos das nossas possessões.

Provincia do Rio Grande do Sul.—Estende-se esta provincia de 27° 5′ a 32° 45′ de latitude S. O clima é pois tropical temperado, e tem por limites ao N. a provincia de Santa Catharina, ao S. a republica oriental do Paraguay e pelo E. confina com o mar.

Tem extensas campinas, notando-se apenas a 155 kilometros da costa uma serra bastante comprida, que se dirige para o S. e para o interior da republica do Uruguay. A serra jaz no interior da provincia.

Divide-se em dez comarcas, diversos municipios e parochias. A capital chama-se Porto Alegre.

N'esta provincia ficam as cidades denominadas Rio Grande, Pelotas, Jogurão, Bagé, Alegrete e outras.

Possue differentes colonias, e têem ali affluido muitos allemães, aos quaes se deve a fundação da cidade de S. Leopoldo.

É abundante de arroz, trigo, cevada, milho e mandioca. Tambem ali se dá a vinha a par do algodão e assucar. O linho produz com abundancia, e são bons os fructos. Ha minas de oiro, prata, enxofre e carvão. A agricultura é notavel e os pastos sustentam numerosos rebanhos.

É esta uma das provincias em que se tem fundado maior numero de colonias.

Provincia das Minas Geraes.—Estende-se de 13° 55′ até quasi sob o tropico de capricornio. Gosa de um clima geral tropical quente, o qual se acha bem definido.

Fica no interior do imperio, e tem por limites ao N. a provincia da Bahia e ao S. a do Rio de Janeiro e S. Paulo. Da parte oriental confina com as provincias da Bahia, Espirito Santo e Rio de Janeiro, e da occidental confronta com as provincias de S. Paulo, Goyaz e Mato Grosso.

Esta vasta provincia comprehende vinte e quatro comarcas e numerosós municipios e parochias.

Os nomes que se têem dado á capital recordam sem duvida a riqueza aurifera da cidade: denomina-se Oiro Preto e outr'ora chamava-se Villa Rica. Alem d'esta cidade encontram-se outras com bastante importancia.

O solo d'esta provincia, segundo Larousse, está cheio de arvoredos e apresenta altas montanhas. São abundantes as minas de oiro, cobre, estanho, mercurio e de outros mineraes. É o paiz da ipecacuanha, baunilha e indigo, e entre os productos naturaes occupam o primeiro logar o milho, arroz, algodão, tabaco e assucar.

Provincia de Goyaz.—É comprehendida entre 5° 10′ e 19° 20′ de latitude S. O clima geral é tropico-equatorial.

Esta provincia tem pelo lado do N. as provincias do Gran-Pará e do Maranhão, ao S. ficam-lhe as de Mato Grosso e Minas Geraes, a do Maranhão, Piauhy, Bahia e parte da de Minas Geraes.

Divide-se em onze comarcas e tem por capital Goyaz, antigamente Villa Boa, e é atravessada pelo rio Vermelho.

A provincia de Goyaz está pouco povoada, mas o solo é fertil. Ali se encontram minas de oiro, ferro, crystal e diversos mineraes. A industria do paiz, porém, reduz-se á creação de gado vaccum para o qual ha bons pastos.

Provincia do Mato Grosso.—Fica esta provincia entre 7° 50′ e 24° 10′, comprehendendo por conseguinte grande extensão de terrenos que podem distribuir-se em cinco climas diversos, a saber: equatorial S., tropico-equatorial, tropical quente, tropical e tropical temperado. Da parte superior estão as provincias do Amazonas, a do Gran-Pará e a do Goyaz. Ao S. tem a republica do Paraguay e a E. limita com as provincias de Goyaz e Minas Geraes.

Divide-se em tres comarcas, e tem por capital a cidade denominada Cuyaba. É completamente inculto o seu territorio, e são immensas as flo-

restas, onde apparece variada caça. Diz-se que ali ha minas de oiro e numerosos veios de pedras preciosas.

Dá-se bem o café, assucar, algodão, tabaco, etc.

Terminâmos esta succinta noticia a respeito do imperio do Brazil, mas desejâmos pôr bem em relevo a sua riqueza em geral, e não receiâmos fazer a comparação com a riqueza das nossas colonias, estabelecida a natural proporção.

«Café. — Este genero só por si representa approximadamente metade do valor total da exportação. A sua cultura estende-se do Amazonas á provincia de S. Paulo, isto é, de 3° EN. a 23° ES. e do litoral ao extremo occidental do imperio, excedendo 463:400 kilometros quadrados a superficie que lhe é conveniente.

«Sendo-lhe tão apropriados o clima e o solo, rapidamente se desenvolveu a cultura, embora no começo, como era natural, não houvesse grande cuidado em preparar o fructo, provindo d'ahi o descredito em que caíu nos mercados europeus.

«Nos ultimos quinze annos, porém, a qualidade do café melhorou tão consideravelmente com a introducção de machinas e processos aperfeiçoados, que, ha muito tempo, se consome na Europa mais de metade do café brazileiro sob a denominação de Java, Ceylão, Martinica, S. Domingos e até de Moka.

«D'esta verdade deu solemne testemunho o jury internacional da exposição universal de 1867, conferindo medalha de oiro ao café brazileiro, e não concedendo igual recompensa ao de outras procedencias.

«A producção augmenta no Brazil, ao passo que se conserva estacionaria ou progride em pequena escala na India, America central, S. Domingos e outros paizes.

«O seguinte quadro, organisado com documentos officiaes, mostra o augmento da sua producção:

Exercicios	Quantidades		Valores
	Arrobas	Kilogrammas	
1840-1841	5.057:501	74.294:689	20.000:000$000
1871-1872	16.581:644	243.584:360	71.645:659$000
Augmento	11.524:143	169.289:671	51.645:659$000

«Em trinta e um annos a quantidade do café exportado subiu na rasão de 228 por cento e o valor na de 258 por cento ou 7,35 por cento e 8,3 por cento ao anno, prova evidente do progresso da cultura e melhoramento na qualidade do producto. A producção do café é calculada actualmente no Brazil em perto de 17.699:115 arrobas (260.000:000 kilogrammas), das quaes são consumidas no paiz cerca de 2.000:000 arrobas (29.380:000 kilogrammas). Calcula-se existirem no imperio 530.000:000 cafeseiros, occupando approximadamente a superficie de 574:992 hectares ou 132 leguas quadradas.

«**Algodão.** — Este genero foi sempre cultivado no Brazil, principalmente nas provincias do N., mas em pequena escala até certo tempo, porque o baixo preço que obtinha no mercado importador não remunerava satisfactoriamente as despezas de producção e transporte. A alta occasionada pela guerra dos Estados Unidos, e pela construcção de algumas estradas de ferro, animou os plantadores, e a cultura desenvolveu-se com rapidez até nas provincias do S.

«O quadro seguinte mostra o progresso de sua exportação nos ultimos onze annos:

Exercicios	Quantidades		Valores
	Arrobas	Kilogrammas	
1860-1861	670:860	9.854:933	4.682:141$559
1871-1872	3.648:048	53.589:838	35.630:914$000
Augmento	2.977:188	43.734:905	30.948:772$441

«A exportação portanto augmentou n'este periodo na rasão de 443,8 por cento, ou 40,3 por cento annualmente, prova do extraordinario progresso da cultura do algodão, cujo valor, no mesmo periodo, se elevou na rasão de 661 por cento, ou 60 por cento ao anno.

«Importa observar que este grande desenvolvimento na cultura não prejudica o café, a canna e outros generos do paiz, o que sómente se explica pela melhor applicação das forças economicas.

«**Assucar.** — A canna de assucar cultivada no Brazil desde os tempos mais remotos, constituiu a sua principal industria até á introducção do cafeseiro, que lhe absorveu grande parte das forças.

Largo de S. Paulo, em 1875

«Ultimamente a producção d'este genero tomou rapido incremento, como demonstra o seguinte quadro, acompanhando assim o progresso do algodão e do café:

Exercicios	Quantidades		Valores
	Arrobas	Kilogrammas	
1860-1861..................	4.451:188	65.387:951	10.900:545$062
1871-1872..................	9.666:078	141.994:693	26.277:614$000
Augmento..................	5.214:890	76.606:742	15.377:068$938

«Nos ultimos onze annos, o augmento da exportação do assucar foi na rasão de 117 por cento, ou annualmente 10,6 por cento, e o do valor na de 141 por cento, que corresponde annualmente a 12,8 por cento, ou mais do que o café.

«O assucar fabricado actualmente no Brazil, não comprehendendo o melado e a rapadura em grande quantidade, orça por 20.000:000 de arrobas (293.800:000 kilogrammas). Quasi metade d'esta producção é consumida no paiz.

«**Couros seccos e salgados.** — Comquanto em todo o Brazil se possa promover em ponto grande a creação do gado, esta industria tem-se desenvolvido especialmente nas provincias de Piauhy, Ceará, Rio Grande do Norte, Parahiba, S. Paulo, Paraná, S. Pedro do Rio Grande do Sul, Minas Geraes, Mato Grosso e Goyaz.

«Calcula-se existirem actualmente no imperio cerca de 15.000:000 cabeças de gado vaccum, que representam o capital de 150.000:000$000 réis.

«Nos exercicios alludidos a exportação de couros foi a seguinte:

Exercicios	Quantidades		Valores
	Arrobas	Kilogrammas	
1860-1861..................	1.285:447	18.883:216	7.824:309$748
1871-1872..................	1.480:525	21.748:920	11.765:714$000
Augmento..................	195:078	2.865:704	3.941:404$252

«Nos ultimos onze annos a quantidade augmentou, como se vê, na rasão de 15 por cento e o preço na de 50,4 por cento, ou 1,4 por cento e 4,6 por cento annualmente.

«Gomma elastica.—Este genero, cujas applicações industriaes se multiplicam constantemente, vem, pela maior parte, do valle das provincias do Pará e do Amazonas, onde a *siphonia elastica* de que se extrahe, nasce espontanea e profusamente desde o litoral até á distancia de 500 leguas (25:000 kilometros). Logoque esta planta for cultivada regularmente, é natural que diminua o preço da gomma elastica. Ainda assim, porém, dará rendimento certo e superior ao do café, por quanto a do Brazil é a melhor que se conhece.

«A seguinte tabella mostra a quantidade e o valor de sua exportação nos exercicios que hão servido ao estudo comparativo:

Exercicios	Quantidades		Valores
	Arrobas	Kilogrammas	
1860-1861..................	164:235	2.412:612	2.863:946$576
1871-1872..................	326:679	4.798:921	7.509:491$000
Augmento..................	162:444	2.386:309	4.645:544$424

«O augmento foi, com relação á quantidade de 99 por cento, e relativamente ao preço, de 162,2 por cento, ou 9 por cento e 14,7 por cento ao anno.

«Tabaco.—O solo brazileiro presta-se perfeitamente á cultura do tabaco. cuja producção tem augmentado, principalmente nas provincias da Bahia. Minas Geraes, S. Paulo, Pará e alguns logares do Rio de Janeiro.

«Nos referidos exercicios a exportação foi a seguinte:

Exercicios	Quantidades		Valores
	Arrobas	Kilogrammas	
1860-1861..................	313:750	4.608:987	2.376:435$739
1871-1872..................	873:732	12.835:126	6.748:038$000
Augmento..................	559:982	8.226:139	4.371:602$261

«A elevação total da quantidade foi de 178,5 por cento, e a do valor 184 por cento. A annual regulou por 16,7 por cento, quanto á quantidade, e 16,8 por cento, com referencia ao valor.

«Herva mate. — Este genero, como objecto de exportação, é exclusivo das provincias do S., Rio Grande, Santa Catharina e Paraná.

«Aproveita-se ainda a producção silvestre; tem-se, porém, feito tentativas para a sua cultura. Do seu acerto deverá resultar augmento da producção, e, portanto, grande lucro ao paiz, attenta a utilidade therapeutica e alimenticia do mate.

«A exportação foi a seguinte:

Exercicios	Quantidades		Valores
	Arrobas	Kilogrammas	
1860-1861	463:108	6.803:056	1.429:753$412
1871-1872	647:180	9.507:086	2.275:816$000
Augmento	184:072	2.704:030	846:062$558

«Houve augmento em relação á quantidade de 39,7 por cento, e quanto ao valor 59,1 por cento. A proporção annual dá para a quantidade 3,6 por cento, e para o valor 5,4 por cento.

«Cacau. — É tambem do valle do Amazonas e do Tocantins que provém a maior parte do cacau exportado do Brazil. A sua cultura vae tomando grande incremento nas provincias da Bahia e do Ceará.

«Depois da gomma elastica, é este o genero que maior lucro dá ao productor.

«Vegeta abundante e espontaneamente nas florestas do Amazonas, sendo principalmente cultivado na provincia do Pará; mas póde produzir bem no terreno que se estende ao S. até ao Rio de Janeiro.

«A exportação foi a seguinte:

Exercicios	Quantidades		Valores
	Arrobas	Kilogrammas	
1860-1861	236:986	3.481:324	1.476:920$113
1871-1872	216:574	3.181:471	1.509:294$000
Differença	20:412	299:853	32:373$887

«Houve diminuição na quantidade de 8,6 por cento, e augmento de 2,2 por cento no valor, ou 0,8 por cento e 0,2 por cento annual.

«**Aguardente.**—Depois do exercicio de 1860–1861, no qual attingiu o valor official de 597:444$489 réis, e a quantidade de 2.349:695 canadas (3.599:636 litros) a exportação d'este genero, que póde tomar grande desenvolvimento, muito augmentou, elevando-se no exercicio de 1871–1872 o valor a 1.243:363$000 réis, e a quantidade a 2.119:957 canadas (litros 5.652:908), como se vê no seguinte quadro:

Exercicios	Quantidades		Valores
	Canadas	Litros	
1860–1861..................	1.349:695	3.599:636	597:444$489
1871–1872..................	2.119:957	5.652:908	1.243:363$000
Augmento..................	770:262	2.053:272	645:918$511

«O augmento foi de 57 por cento na quantidade e de 108,1 por cento no valor, sendo a relação annual do primeiro 5,2 por cento, e do segundo 9,8 por cento.

«**Farinha de mandioca.**—Logoque forem melhor conhecidas e apreciadas as grandes vantagens d'este producto, a sua exportação deve augmentar.

«No exercicio de 1860–1861 exportaram-se 89:933 alqueires (litros 3.269:963) de farinha de mandioca, avaliados officialmente na quantia de 102:833$760 réis. De então para cá tem crescido progressivamente o consumo externo d'este producto da lavoura nacional.

«A seguinte tabella comparativa d'aquelle exercicio com o de 1871–1872 mostra qual foi o augmento:

Exercicios	Quantidades		Valores
	Alqueires	Litros	
1860–1861..................	89:933	3.269:963	102:833$760
1871–1872..................	194:929	7.087:620	358:130$000
Augmento..................	104:996	3.817:657	255:296$240

«Este augmento corresponde á percentagem total de 116,7 por cento, e de 10,6 por cento ao anno, quanto á quantidade; ou á de 248,3 por cento, e 22,6 por cento ao anno, quanto ao valor.

«**Jacarandá.** — No ultimo exercicio foi de 1.051:091$000 réis o seu valor official.

«Existem as matas mais ricas d'esta madeira nas provincias do Rio Grande do Norte, Pernambuco, Alagoas, Espirito Santo, Rio de Janeiro e Minas Geraes, que a exporta pelo rio Mucury e portos da Bahia.

«**Cabellos de animaes** *(crina e lã).* — Na exportação de 1860-1861 estes artigos figuram na estatistica official com a quantidade de 25:188 arrobas (370:012 kilogrammas), e o valor de 257:946$000 réis; no exercicio de 1871-1872, porém, a quantidade exportada foi de 36:990 arrobas (543:387 kilogrammas), no valor de 428:934$000 réis, como se vê no seguinte quadro:

Exercicios	Quantidades		Valores
	Arrobas	Kilogrammas	
1860-1861..................	25:188	370:012	257:946$000
1871-1872..................	36:990	543:387	428:934$000
Augmento.................	11:802	173:375	170:988$000

«Houve o augmento de 46,8 por cento na quantidade e 66,2 por cento no valor, ou annualmente 4,3 por cento para aquella e 6 por cento para este.

«**Oiro e diamantes.** — Houve decrescimento na sua exportação, cujo valor no exercicio de 1860-1861 foi de 5.401:590$000 réis. No exercicio de 1871-1872 baixou a 3.010:547$000 réis. A diminuição explica-se pelo descobrimento de minas mais abundantes de diamantes em outros paizes.

«**Generos não classificados.** — A exportação de generos não classificados importou em 3.893:540$000 réis.

«A producção do algodão foi a que mais produziu no decennio de 1862 a 1872, confrontada com a do tabaco, aguardente, assucar, gomma

elastica, couros, café e mate. O cacau diminuiu em quantidade, porém augmentou em valor. A exportação d'este genero está sujeita a grandes oscillações por causa das enchentes do Amazonas, que muitas vezes prejudicam a colheita[1].»

Reduzem-se finalmente os generos de exportação do Rio de Janeiro áquelles que offerecem as nossas possessões, cujo desenvolvimento é lisonjeiro.

Mappa das colonias estabelecidas no Brazil desde 1818 até 1873

Provincias	Numero de colonias	Numero de colonos	Estado das colonias												Importação	Exportação
			Florescentes	Confundidas com a população nacional	Emancipadas	Em principio de prosperando	Já não existem	Ignora-se	Annexadas a outras	Muito prosperas	Transferidas ao governo imperial	Não teve realidade	Prospera	Estacionaria		
S. Pedro do Rio Grande do Sul	23	[1] 41:076	8	2	1	5	3	4	—	—	—	—	—	—	3.274:000$000	492:000$000
Santa Catharina	14	[2] 23:890	3	1	2	—	3	—	4	1	—	—	—	—	706:000$000	465:000$000
Paraná	8	[3] 3:407	1	1	—	4	—	—	—	—	1	1	—	—	30:000$000	60:000$000
S. Paulo	58	[4] 6 132	1	1	—	14	24	17	—	—	—		1	—	—$—	—$—
Rio de Janeiro	10	[5] 12:607	—	—	3	2	5	—	—	—	—	—	—	—	—$—	—$—
Minas Geraes	3	2.234	2	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	205:000$000	83:000$000
Espirito Santo	5	[6] 7.339	2	—	1	—	1	1	—	—	—	—	—	—	290:000$000	28:000$000
Bahia	9	[7] 4.036	—	—	1	2	4	—	—	—	—	—	—	2	—$—	—$—
Pernambuco	2	900	—	—	—	2	—	—	—	—	—	—	—	—	—$—	—$—
Piauhy	3	—	—	—	—	1	2	—	—	—	—	—	—	—	—$—	—$—
Maranhão	6	974	—	—	—	—	5	1	—	—	—	—	—	—	—$—	—$—
Pará	5	[8] 144	1	—	—	1	3	—	—	—	—	—	—	—	—$—	—$—
Amazonas	2	[9] 90	—	—	—	1	—	1	—	—	—	—	—	—	—$—	—$—

[1] Ignora-se o numero de colonos de sete colonias.
[2] Idem de quatro
[3] Idem de cinco.
[4] Idem de cinco.
[5] Ignora-se o numero de colonos de uma colonia.
[6] Idem de uma.
[7] Idem de quatro.
[8] Idem de tres.
[9] Idem de uma

[1] Extrahido de *O Imperio do Brazil na exposição Universal de 1873 em Vienna d'Austria.*

Indifferença pelas nossas terras de alem mar

A nossa indifferença pelas terras de alem mar tem sido causada pela fama de insalubridade que ellas adquiriram e pela continuada emigração que tem havido para as provincias do imperio do Brazil. São estas certamente as duas causas principaes que se devem tomar em consideração, mas outras ha tambem que é preciso não esquecer, e uma d'ellas é mandarem-se para ali os degredados. Parece-nos ser este um dos grandes obstaculos que se offerece ao desenvolvimento da colonisação das provincias ultramarinas. É assumpto grave e de que adiante trataremos.

Poucas pessoas se occupam das colonias; quando se lembram d'ellas é para contar alguma desgraça ou para referir as difficuldades que se apresentam a quem as deseja ir habitar, como se não acontecesse o mesmo com todas as colonias dos outros paizes, antes de chegarem ao grau de desenvolvimento a que as nossas podem tambem chegar. A respeito do Brazil, pelo contrario, falla-se com interesse e muitas vezes com enthusiasmo. Pouca gente ha que não tenha nas terras de Santa Cruz um parente, um amigo ou um vizinho de quem receba noticias. É isto o que acontece em quasi todas as aldeias das nossas provincias do N., e não falta portanto quem se encarregue de engrandecer a Bahia, o Maranhão, Pernambuco ou o Rio Grande do Sul, julgando-se sempre infeliz aquelle que vae para as nossas possessões ultramarinas. Mas a propaganda que tem chamado centenares de portuguezes ao Brazil, tem lançado profundas raizes e alargado a sua acção por tal modo, que será muito difficil fazer com que os nossos conterraneos troquem aquellas terras pelas da nossa Africa.

Se não oppozermos argumentações iguaes, se por todos os meios possiveis não tratarmos de patentear as vantagens que o solo africano é susceptivel de dar a quem o quizer explorar, e se não cuidarmos nos meios de tornar bem conhecido o clima e as producções tão abundantes, quanto faceis de obter, nada se conseguirá, porque os agentes da emigração para o Brazil não contam historias, citam factos; não fazem discursos mais ou menos exagerados, apontam para as lindas e agradaveis vivendas pertencentes ás familias d'aquelles que enriqueceram no Brazil. Argumentos d'esta ordem dão coragem aos timidos, animam os ambiciosos, e fazem com que os navios da praça do Porto se encham constantemente de emigrantes, sem excepção de sexo nem de idade!

Sabe-se com evidencia a grande mortalidade que n'estes ultimos annos tem devastado os emigrantes portuguezes n'aquelle imperio, porque todos os mezes se publicam as relações dos individuos ali fallecidos, e que são muitos os que se acham em más circumstancias, mas apesar d'isso

será difficil mudar a corrente da emigração emquanto campearem no meio dos campos e no centro de villas e cidades os ostentosos palacios dos brazileiros[1] e dos individuos que d'ali regressam com fortuna. E o que se diz das nossas provincias de Angola e Moçambique?... Nada!... Á historia da Zambezia e á guerra dos Dembos, junta-se a leitura das listas dos sentenceados que nos paquetes são mandados para a Africa. É um mal, bem o sabemos, mas que os governos hão de remediar quando pelo progresso das nossas possessões se possam crear colonias para os degredados, como já existem em outros paizes.

A falta de propaganda efficaz e apropriada, não só para mostrar as condições em que se acham as colonias, mas tambem para patentear os melhores meios de aclimação, prejudica certamente a emigração voluntaria, que igualmente tem contra si as difficuldades dos transportes, a exigencia, a nosso ver, inutil dos passaportes e outros obstaculos analogos. Os colonos ou trabalhadores não podem, portanto, procurar as terras da Africa com a mesma facilidade com que vão para o Brazil. Alem d'isso são poucas as relações que ali têem, onde as mais das vezes não encontram parentes nem amigos. É esta tambem uma das causas graves que se oppõem á emigração, e que justificará a intervenção dos poderes publicos para chamar os emigrantes ás colonias pelos meios indirectos até se estabelecer uma corrente de emigração nas condições em que se acha hoje a do Brazil.

É no meio das incertezas que ainda hoje se apresentam que um pae se animará a mandar um filho para S. Thomé, para Moçambique ou mesmo para Angola?... Ha de certamente hesitar, mas confiâmos que com a attenção que os governos estão tomando pelas nossas possessões em breve se desvanecerão similhantes obstaculos.

A nossa Africa occidental é apenas conhecida em Lisboa, e em quasi todas as provincias do N. se olha para ali com azedume ou com desprezo. Na propria cidade do Porto mal se conhece o café de S. Thomé ou de Cazengo, e a navegação d'aquella praça limita-se aos portos do Brazil, sendo quasi desconhecidos os da Africa[2].

[1] No periodo de oito annos falleceram muitos milhares de portuguezes, mas só seiscentos sessenta e oito deixaram espolios liquidados, que produziram réis 3.611:000$000.

[2] Não perdemos occasião de ler o que a respeito das nossas colonias dizem os escriptores estrangeiros, e, n'esta occasião, temos diante de nós um livro intitulado: *Nouvelles répétitions écrites d'histoire et de géographie, par C. Raffy, deuxième edition, 1872*. N'este livro a pag. 192 se lê o seguinte: «Os portuguezes possuem hoje apenas um limitado numero de colonias; a saber: Cacheu (Senegambia), ilhas de Cabo Verde, S. Thomé, ilha do Principe, Loanda, Benguella (Guiné inferior); Mo-

A indifferença pelas nossas terras do ultramar tem, pois, causas proximas e remotas que facilmente podem ser removidas. Entre as indicações que se têem apresentado para tal fim não podemos deixar de recordar as que nos deixou o fallecido marquez de Sá de Bandeira. Transcrevemol-as aqui, como prova da alta deferencia que temos para com o homem que tanto se empenhou em promover o progresso e civilisação das terras da Africa.

«Se pois a provincia de Angola tivesse agentes em Portugal e nas ilhas, para lhe mandarem colonos, e a estes agentes pagasse bem, e tivesse um fundo destinado especialmente para esse fim; e se o governo désse a esses agentes a conveniente protecção e transporte aos emigrantes, é provavel que esses agentes desempenhariam satisfactoriamente a incumbencia que lhes fosse commettida.

«No primeiro inquerito parlamentar sobre a emigração portugueza, apresentado á camara dos deputados em 19 de fevereiro ultimo, acha-se este assumpto tratado extensamente, e por um modo muito judicioso; e n'elle vem indicadas varias medidas legislativas que a tal respeito cumpre adoptar.

«Alem da emigração portugueza, outras ha que seria util attrahir ás nossas colonias, como, por exemplo, a dos povos laboriosos da Galliza, das Asturias, das provincias Vascongadas, da Suissa e da Belgica.

«Em varias colonias britannicas, taes como o Canadá, a Australia e a Nova Zelandia, acham-se estabelecidos officiaes reformados do exercito e da marinha, e bem assim outros pensionistas do estado, os quaes, havendo adquirido gratuitamente, ou com pouca despeza, boas terras para cultivar, se têem tornado lavradores, e n'ellas residem com suas familias. Por este meio têem elles obtido fortuna e posição social superior áquella que teriam se vivessem na mãe patria.

«Se alguns dos nossos compatriotas, em circumstancias similhantes ás

çambique, em Africa; Goa, Diu, Macau, na Asia; parte de Timor, na Oceania». Não admira, porém, que os estrangeiros digam que possuimos apenas um limitado numero de colonias, quando até hoje temos descurado de lhes assignalar os limites e de mostrar que occupâmos o quarto logar como nação colonial, tomando para base os vastos territorios da Russia, da Inglaterra e da Turquia, unicas que excedem actualmente o nosso territorio.

Urge, pois, não abandonar tão vital assumpto, e desde já notâmos que, devido á propaganda ultimamente desenvolvida, se deve certamente a differença que se nota no *Atlas de geographia*, de Gosselin-Delamarche, a respeito do modo por que ali se acham designadas as nossas provincias de Angola e Moçambique. Nas edições anteriores a 1876 apenas se marca uma estreita faxa de terra, como possessão portugueza. Na ultima já se nos começa a fazer justiça.

d'aquelles reformados, os imitassem, estabelecendo-se em Angola ou em alguma outra das nossas colonias, poderiam, provavelmente, melhorar a sua sorte, tornando-se fazendeiros, e habilitando-se pelo seu trabalho e industria a deixarem, quando fallecessem, as suas familias com recursos abundantes.

«A cultura do café, a do algodão, a do tabaco e a fabricação da aguardente, que n'esta provincia tem creado boas fortunas, dentro de breves annos poderia ser igualmente proveitosa para esta classe de colonos, se ás mesmas industrias se dedicassem.

«O extracto seguinte, de uma carta de Mossamedes, ultimamente publicada, mostra como em Angola se podem obter importantes resultados do trabalho e industria.

«Diz a carta: «que no anno de 1865 duas pessoas se associaram n'aquella villa com o fim de cultivarem terras no sitio de Campangombe, concelho de Bumbo, entrando cada uma d'ellas com o capital de réis 10:000$000, moeda fraca, ou perto de 6:250$000 réis, dinheiro de Portugal; e que no anno de 1873, a sociedade fôra dissolvida amigavelmente, retirando-se um dos socios com 40:000$000 réis fortes, e ficando outro com igual quantia». E acrescenta: «que as duas propriedades que a sociedade cultivava produziam annualmente 3:000 arrobas (44:064 kilogrammas) de algodão e perto de 80 pipas (33:600 litros) de aguardente, e que o valor d'esta dava para o custeio.

«Um outro exemplo de como, com um modico capital, se podem adquirir na mesma colonia, e em poucos annos, resultados vantajosos, foi-me communicado por um proprietario do referido concelho do Bumbo, o qual, passando por Lisboa, me visitou; e contou, que havendo residido em Pernambuco, onde se occupava na cultura da canna de assucar, passára d'ali para Mossamedes; e que fôra o primeiro que n'aquelle districto introduzira a dita cultura no sitio do Bumbo, nas abas da serra de Chella, onde estabelecêra uma fabrica de aguardente; e que no fim de onze annos, vindo á Europa, deixára arrendada a sua propriedade por alguns contos de réis. E mostrou-me a escriptura do arrendamento [1].»

[1] Extrahido do *Trabalho rural africano e a administração colonial*, pelo marquez de Sá da Bandeira.

Africa portugueza como terra de degredados

É este um dos mais graves assumptos em que somos obrigados a entrar no decurso d'este trabalho. Não é possivel pol-o de parte, pois merece que a seu respeito façamos n'este logar algumas considerações.

Cumpre-nos, pois, apreciar os factos, pesar-lhe as consequencias e mostrar a necessidade que ha de se prover de remedio a tão grave estado de cousas.

Quem poderá ir voluntariamente para as terras para onde mandam de castigo os criminosos?!

Diga-se toda a verdade em tão melindroso assumpto; mas antes de proseguirmos traremos em nosso auxilio uma voz auctorisada, uma opinião respeitavel.

«*O degredo*, diz o sr. conde de Casal Ribeiro, *não é pena para o cynico, que não tem familia nem patria. O degredo só é pena para as colonias, porque é para ellas o elemento de corrupção moral; o degredo é a destruição de toda a idéa de penalidade, é a negação do horror do crime e de regeneração do criminoso*[1].»

Não é só nos tribunaes que alguns criminosos, prevendo que serão condemnados, pedem para serem julgados depressa, para irem, como elles dizem, dar um passeio até ás terras de Africa: outros observam que algumas facadas ou um roubo são o melhor passaporte que se póde tirar para irem até Africa!

Mas não é sómente isto, ha outros casos que fallam bem alto. Citaremos um que nos parece assás significativo.

Tratava-se de uma das mais importantes expedições para as terras de Africa. Apresentou-se um operario attrahido pelas vantagens que se lhe offereciam e pela certeza de que assim podia ajudar sua velha mãe, e com prazer e enthusiasmo ouviu ler as condições com que se ajustava.

Chegou a noticia ao conhecimento da mãe que vivia nas proximidades de Lisboa. Não se alegrou, pelo contrario, encheu-se de tristeza e de resolução, e sem grande demora veiu procurar o filho.

A scena que se passou foi, em parte, presenciada por nós. De um lado, os rogos de uma mãe afflicta, e do outro as rasões de um bom filho, e a animação de um amigo que servia de medianeiro.

—Meu filho, não vás para a Africa. É uma terra tão má, que só para lá vão os degredados. Tu não és criminoso.

—Eu vou trabalhar, minha mãe, não se afflija. Hei de ser feliz, verá.

[1] Diario da camara dos dignos pares, n.º 9 de 27 de janeiro de 1877.

—Seu filho não se esquecerá de si, acrescentava o amigo. Vae por pouco tempo, e a terra é boa. Dão-lhe vantagens, e elle póde fazer economias e ajuntar algum capital.

—Prefiro que meu filho me não dê nada. Eu ainda posso trabalhar.

—A terra é muito boa, observaram os dois amigos, a ver se convenciam aquella boa alma.

—Mas, se é tão boa essa terra, para que mandam para lá os degredados?

A isto não havia que responder.

Os dois amigos entreolhavam-se como quem diz: Ella tem rasão.

Não podémos assistir ao resto da scena, mas qual foi a nossa surpreza, quando vimos a chorosa velha apresentar-se cheia de coragem, e dizer ao director da expedição:

—Fará favor de riscar o nome de meu filho. Elle não póde ir.

O director fez-lhe differentes observações, mas de nada serviram. Foi preciso asseverar-lhe que ali só era admittido quem quizesse ir voluntariamente, e por isso não havia rasão para tal pedido.

Se este caso indica o terror que a Africa inspira, como terra de degredados, ha outros que revelam a quasi impossibilidade de se ir para qualquer das nossas colonias.

O que póde fazer uma familia que deseje estabelecer-se nas ilhas do Principe e S. Thomé, em Angola ou Moçambique ou em Timor?

É facil de prever.

Em primeiro logar, precisa possuir um capital de algumas centenas de mil réis, a fim de pagar a passagem que não é nada moderada. Se for infeliz, ou se se não dér bem na terra que escolheu, quem lhe proporcionará os meios para regressar á metropole?

Não pretendemos que os poderes publicos dêem protecção directa ao colonos, mas lembrâmos que não é possivel haver emigração sem segurança, e sem se promover o progresso material e moral dos paizes coloniaes.

Quem vae para o Brazil, espera encontrar ali algum amigo, parente ou protector, e quem tem a coragem de ir para a Africa vê-se obrigado a viver nas cidades que são muito insalubres, e tem de lutar com difficuldades extraordinarias, e não encontra a maior parte das vezes auxilio algum.

Se tem a ventura de voltar ao reino, serve apenas para espalhar o descredito a respeito das terras onde esteve, e é mais um obstaculo para a emigração se dirigir livre e espontaneamente para a Africa portugueza.

É necessario, pois, acabar com o stygma que se tem lançado sobre as

nossas possessões, e tratar de as pôr nas condições de receberem vantajosamente os colonos ou trabalhadores que para ali desejem ir. A questão reduz-se a promover por todos os meios possiveis as relações entre as colonias e a metropole, auxiliando todos os que pretendam estabelecer-se na Africa, quer tenham estado no Brazil e ali se dessem mal, quer saiam directamente da metropole ou fazendo parte das expedições, como as que ultimamente foram para Angola e Moçambique, ou mesmo para acompanharem os contingentes militares que se enviam ás colonias.

As expedições militares do Canadá, da Algeria e do Cabo de Boa Esperança chamaram áquelles logares differentes individuos que se occupavam de negocio a retalho. Dava-se-lhes passagem gratuita, e construiam-se-lhes habitações appropriadas nas proximidades dos acampamentos. Acabada a campanha, offereceram-se terrenos aos soldados que ali quizessem ficar, e d'este modo se conservaram nas colonias muitos individuos que se estabeleciam definitivamente no paiz.

Os inglezes mandaram degredados para a Australia emquanto ali não se desenvolveu a colonisação. Achâmos justo este alvitre, e é de absoluta necessidade proceder do mesmo modo para com as nossas colonias principaes, não mandando para ali os condemnados a degredo[1].

Para que as nossas possessões da Africa possam ser regularmente colonisadas, é necessario que não sejam consideradas como terra de degredados.

Receios infundados ácerca do clima da nossa região africana, dezoito vezes maior que a metropole

Se nas terras da Africa ha localidades insalubres, não faltam ali tambem largos tratos de terreno, em que a par de grande fertilidade, se encontra um clima favoravel á colonisação. Ninguem ignora que em Portugal, collocado na zona temperada, ha logares palustres e infamados de insalubridade, e não se dirá por isso que é um paiz insalubre. É preciso, pois, distinguir os logares insalubres dos que o não são, e fazer com que primeiramente sejam cultivados os que se acham em condições mais appropriadas á aclimação. São já vantajosamente conhecidos o districto de Mossamedes, e os concelhos de Cazengo e de Pungo-Andongo, na provin-

[1] Ignorâmos se em todas as colonias é uso alistarem nos corpos das guarnições os degredados. Na ilha de S. Thomé sabemos que lhes dão esse destino, empregando-os em todos os serviços a que são chamadas as outras praças; e muitos d'elles têem ali pequenos estabelecimentos onde vendem aguardente, tabaco e differentes generos, já por sua conta, já por conta de algumas casas commerciaes.

cia de Angola. Em Moçambique aponta-se o districto de Inhambane e alguns logares do interior. Os altos-planos das ilhas de S. Thomé e Principe passam por salubres, assim como algumas ilhas de Cabo Verde.

É portanto indispensavel tomar em consideração as condições em que se acham as terras da nossa Africa tropico-equatorial, onde a vegetação se desenvolve com rapidez; mas se lhe faltar a agricultura, acontece que um logar reputado salubre se torna em pouco tempo doentio. É o que succedeu á ilha do Principe, que se acha quasi abandonada, e onde os habitantes estão hoje cercados de perigos.

A ilha de S. Thomé tem melhorado de clima, o que foi previsto ha muito tempo pelo dr. Lucio Augusto da Silva, o qual, apontando as causas da sua insalubridade, reputava muito importante a que provinha da immensa vegetação que ali havia. Observava, porém, aquelle distincto medico que logoque a agricultura alargasse a sua benefica acção, substituindo-se o espesso arvoredo por culturas uteis e bem cuidadas, o clima da ilha de S. Thomé seria favoravelmente modificado. É o que de facto se tem observado, e estamos convencidos que ha de acontecer o mesmo em muitas localidades, que actualmente se acham infamadas de insalubridade. E é justo dizer-se que n'uma area dezoito vezes maior que a da metropole não faltarão vastos campos tão salubres como os melhores que possuimos no continente da Europa.

Vem a proposito citar aqui um exemplo que, com quanto não tenha relação immediata com este assumpto, porque estamos tratando da provincia de S. Thomé, apresenta comtudo alguma analogia, e leva á evidencia que, procurando-se colonisar convenientemente qualquer terreno, as condições de salubridade melhoram consideravelmente.

É sabido que na superficie total das provincias de Portugal ha uma grande extensão de terrenos incultos, sendo d'estas as mais notaveis a do Alemtejo e a da Beira: pois na primeira d'estas provincias ha um homem dotado de força de vontade e genio inexcediveis, que dispondo de recursos pecuniarios, tem procurado cultivar uma extensa área d'estes terrenos, formando ali uma especie de colonia que bem póde chamar-se a base de uma importante povoação agricola. Para melhor conseguir o seu elevado pensamento, não só tem tratado da plantação de arvoredo proprio e mais aconselhado para beneficiar a salubridade publica, como de bastantes pomares e olivedos. Adquirindo os mais aperfeiçoados instrumentos agrarios, e empregando os melhores adubos, ha conseguido extrahir do solo que se julgava improductivo as riquezas de que é susceptivel.

O homem que tudo isto tem feito, e que é querido dos seus empregados e rendeiros, é o sr. José Maria dos Santos, actual deputado pelo districto de Evora. Comprehendeu que o melhor meio de auxiliar os la-

vradores, e promover que outros o possam ser, sem comprometter a sua fortuna, era aforar-lhes tratos de terreno e casas proprias que tem mandado edificar em condições confortaveis, e com as acommodações precisas para o fim a que são destinadas, fornecendo-lhes tambem sementes e trem de lavoura, prestando-se os foreiros a determinados encargos, entre elles o da plantação de um certo numero de arvores das especies indicadas no contrato, tudo no espaço de dez annos. E note-se que estes contratos só começaram a vigorar, emquanto aos encargos, um anno depois de escriptura, sendo o pagamento do fôro pago annualmente e augmentado á proporção que as culturas se desenvolvessem.

Este systema tem dado optimos resultados, pois não só proporciona abundancia de trabalho a muitos braços, como tem concorrido efficazmente para o augmento da riqueza do paiz, melhorando as condições de salubridade, auxiliando principalmente o decrescimento das febres intermittentes que tanto flagellavam aquelles povos.

Findos os dez annos do contrato o foreiro póde renovar o arrendamento do terreno que cultivou, ou adquirir outro nas mesmas condições.

Quando um homem, dotado de boa vontade, e dispondo só dos seus recursos, consegue vantagens tão palpitantes, para si, para o paiz, e para os que se aproveitam do seu systema de colonisação, transformando em poucos annos extensas charnecas em uma povoação agricola, muito melhor o poderiam fazer alguns abastados capitalistas reunidos.

Estas reflexões que nos occorreram a proposito de assumpto tão momentoso, aliás bem conhecido, porque são factos passados a poucos kilometros da capital, não nos parecem inconvenientes, não só para prestar o devido preito ao seu iniciador, como porque póde empregar-se o mesmo systema nas nossas possessões.

Tratemos, pois, de occupar os principaes terrenos que ficam entre as provincias de Angola e a de Moçambique; preparemo-nos para receber os povos colonisadores que tentam ali chegar, caminhando do S. para o N., como os boers, ou do N. para o S., como os inglezes, e teremos dado o primeiro passo para a vantajosa colonisação das nossas possessões. É portanto para o districto de Lourenço Marques e Inhambane, na costa oriental da Africa, e para o de Mossamedes, em Angola, que se deve voltar a nossa attenção, desenganando-nos de uma vez para sempre que são infundados os receios que tem havido a respeito do clima da nossa região africana.

Para melhor se avaliarem os climas equatoriaes e tropicaes da Africa portugueza comparados com os das provincias do imperio do Brazil, publicâmos o seguinte mappa, colligido em presença das apreciações exaradas nos importantes trabalhos de Macedo e Larousse.

Mappa comparativo dos climas equatoriaes e tropicaes

Clima geral	Brazil	
	Provincias	Clima segundo Macedo
Equatorial (S.)	Rio Grande do Norte e Ceará.	Rio Grande do Norte: quente e sadio. — Ceará: quente, humido, secco, salubre.
Equatorial (S.)	Parahyba.	Quente, secco, salubre.
Equatorial (S.)	Região austral do Grão-Pará, Amazonas, Maranhão, etc.	Muito quente, humido, intermittentes proximo dos rios.
Equatorial (S.)	Região boreal de Pernambuco.	Quente, humido, secco, geralmente sadio.
Equatorial (S.)	Região central de Pernambuco e Alagoas.	Quente, humido, secco, saudavel.
Equatorial (S.)	Região boreal de Sergipe.	Quente, humido. secco; nas margens de alguns rios intermittentes.
Equatorial (S.)	Região boreal de Sergipe.	Quente, humido. secco; nas margens de alguns rios intermittentes.
Equatorial (S.)	Região austral de Piauhy e Sergipe.	Quente, humido, secco, intermittentes endemicas nas margens de alguns rios; o restante salubre.
Equatorial (S.)	Região austral de Piauhy e Sergipe, e região central da Bahia.	Piauhy: quente e humido, intermittentes endemicas proximo de alguns rios; o restante salubre. — Sergipe: descripto acima. — Bahia: quente, humido, secco, fresco e suave; intermittentes nas margens do S. Francisco; o restante sadio.
Tropico-equatorial.	Região austral da Bahia e central de Goyaz.	Bahia: quente, humido, secco, fresco em muitos pontos do sertão, intermittentes nas margens de alguns rios; o restante sadio. — Goyaz: em geral secco e sadio; intermittentes nas margens de alguns rios.
Tropical quente.	Região boreal de Minas Geraes, e central de Goyaz e Mato Grosso.	Minas Geraes: Ameno, saudavel, calor forte e intermittentes nas margens de alguns rios. — Goyaz: descripto acima. — Mato Grosso: Em geral favoravel, saudavel; intermittentes proximo de rios.
Tropical quente.	Idem.	Idem.
Tropical quente.	Região central de Goyaz, e austral de Mato Grosso e Minas Geraes.	Goyaz: descripto acima. — Mato Grosso: idem. — Minas Geraes: idem.
Tropical quente.	Região austral de Minas Geraes, Goyaz, Mato Grosso e boreal do Espirito Santo.	Minas Geraes: — descripto acima. — Goyaz: idem. — Mato Grosso: idem. — Espirito Santo: quente e humido no litoral, brando no interior, geralmente salubre.
Tropical quente.	Região austral de Mato Grosso, Espirito Santo e Minas Geraes.	Descripto acima.
Tropical quente.	Região boreal do Rio de Janeiro e austral de Mato Grosso.	Rio de Janeiro: quente, humido, intermittentes periodicas nas terras pantanosas; na parte septentrional temperado e saluberrimo. — Mato Grosso: descripto acima.
Tropical.	Região boreal do Paraná e austral de S. Paulo.	Paraná: quente e humido; á beiramar temperado e muito sadio. — S. Paulo: variavel, saudavel no interior, calor no litoral, no sul salubre, doce, temperado.
Tropical temperado.	Região austral do Paraná.	Descripto acima.

[1] Limite septentrional de Moçambique: Cabo Delgado e bahia de Tungue.
[2] É o extremo N. de Angola, á direita e esquerda do Zaire. Limite septentrional de Angola: rio Cacongo entre Loango e 18° 20′ de latitude S.
[3] Ha algumas colonias já estabelecidas.
[4] Acham-se bem desenvolvidas algumas colonias.

dos ás provincias do Brazil e Africa Portugueza

Africa portugueza central			
Moçambique[1]	Clima segundo Larousse	Angola[2]	Clima segundo Larousse
—	—	Districto de Cabinda e S. Salvador.	Nada diz.
—	—	Districto do Sonho e do D. Pedro V.	Idem.
—	—	Ambriz e territorios adjacentes.	Idem.
—	—	Districto do Encoge.	Idem.
—	—	Districto do Dande e Duque de Bragança.	Idem.
—	—	Loanda, terras do Icolo e Bengo, do Zenza, Golungo Alto, Ambaca, Cazengo[3].	Ilha de Loanda: salubre; do mais nada diz.
—	—	Pungo Andongo e Songo Pequeno. (Malange, Cassange, terras de Talla Mugongo, etc.)	Nada diz.
—	—	Benguella Velha e terras adjacentes.	Idem.
icto de Cabo Delgado, Maluba, rgens oriental e occidental do o Nyassa (região N.) no sertão, managa.	Nada diz.	Districto de Novo Redondo, Malembas, sertão do Andulo e Songo Grande.	Idem.
lo Ibo, bahia de Pemba, marıs oriental e occidental do assa (região media) para o ser-ı Cundas.	Idem.	Benguella, Bailundo, Canguellas e Bihé.	Benguella: insalubre nas costas.
e districto de Moçambique, rgens oriental e occidental do o Chirna (região media), Ma-es, para o sertão Mogoas e Ba-gas.	Moçambique: cidade insalubre.	Terras de Mossamedes, Huila e sertão do interior[4].	Nada diz.
s de Angoxe, alto Zambeze, Zumbo, S. Buila.	Nada diz.	Terras banhadas pelo rio Cunene.	Idem.
icto de Quelimane, Sena e ter-rios adjacentes.	Sena: humido e insalubre.	—	—
torio de Manica.	Nada diz.	—	—
icto de Sofalla.	Insalubre.	—	—
de Bazaruto, margem N. do apopo ou Bembe.	Nada diz.	—	—
icto de Inhambane.	Idem.	—	—
꞉nço Marques.	Sadio.	—	—

o, e o rio Zaire do districto de Cabinda para cima. O limite meridional fica entre Cabo Frio e Angra Fria, por

CAPITULO IV

Topographia da ilha de S. Thomé

Aspecto geral da ilha. — Costa septentrional. — Costa occidental. — Costa meridional. — Pequena ilha das Rolas e costa fronteira da ilha de S. Thomé. — Costa oriental. — Montes e cordilheiras. — Rios da ilha de S. Thomé. — Estatistica geral das correntes de agua de maior nomeada. — Descripção de alguns rios e roças que lhe ficam proximas. — Cidade da ilha de S. Thomé. — Limites da cidade de S. Thomé. — Ruas e travessas da cidade. — Estatistica geral dos predios urbanos da ilha de S. Thomé, referida aos livros da conservatoria da mesma ilha. — Fortaleza de S. Sebastião e seus calabouços. — Estação militar no reducto de S. José — Quarteis e deposito de addidos. — Barracão-quartel e praças adjacentes. — Cadeia civil. — Calabouço da policia. — Villas ou principaes logares da ilha de S. Thomé.

Aspecto geral da ilha. — O panorama da ilha de S. Thomé, observado do mar a poucos kilometros, quer se esteja ao N., quer ao S., da parte de E. ou de O., é surprehendente, descobrindo-se sempre altas montanhas, agudos picos e notaveis alto-planos.

Os montes elevam-se a muitos centos de metros, e occupam por assim dizer o centro da superficie da ilha. O espectador não vê senão uma das suas faces, segundo a costa onde for a bahia em que estiver fundeada a embarcação.

A cidade de S. Thomé fica no extremo das planicies que se estendem desde os alto-planos adjacentes á cordilheira da ilha, na face oriental. A sua ampla bahia está mais inclinada ao N. e pouco fundo tem. É officialmente conhecida por bahia de Anna de Chaves, quando deveria ser de Alvaro de Caminha.

Os vapores fundeiam muito ao mar, e é d'ali que os viajantes que, pela primeira vez, se approximam da ilha têem occasião de attentar na massa informe de verdura que se lhes apresenta á vista.

Olhando para a praia banhada pelas aguas da bahia de Anna de Chaves ou de Alvaro de Caminha, vê-se destacarem-se algumas casas brancas dispostas em semi-circulo, voltado para o N. É desagradavel a impressão que causa o panorama da cidade, collocada n'uma baixa, parecendo querer fugir do amplexo do immenso arvoredo que a cerca por todos os lados.

As pontas da bahia correm muito fóra, ficando n'uma a fortaleza de S. Sebastião e n'outra o reducto de S. José. Quem olha do fundeadouro da bahia de Anna de Chaves ou de Alvaro de Caminha para esta face da ilha, descobre uma immensa bacia, posta inclinadamente e mettendo o seu bordo inferior nas aguas do mar; o fundo assenta no logar denominado Santa Luzia, ao pé do qual estão tres notaveis montes com disposição caracteristica.

O horisonte do observador, á direita, é limitado por uma corda de morros distinctos collocados quasi em linha[1]. Mais adiante apparece o principio da serra, por detrás da qual fica o celebre pico de S. Thomé, mostrando apenas o cume, que nem sempre se avista por estar coberto de nuvens. A mais de 600 metros de altitude, na face da serra que se tem em frente, levantam-se algumas habitações e descobre-se a casa da conhecida roça do Monte Café, a 800 metros acima do plano do observador. Correndo com a vista mais para a esquerda, em relação sempre ao horisonte physico, nota-se que a serra acaba, havendo por ali um morro revestido de poucas arvores e muita verdura, e no fundo e acima um monte que só se reconhece segundo o logar em que se está, o qual tem o cume grosso e muito chegado á serra.

Ao centro da enorme bacia, e na parte central d'ella, eleva-se o monte Formoso, atrás e aos lados do qual se divisam dois outros montes de cumes agudos, sendo o da esquerda mais alto que o da direita. Ao primeiro chamaremos Maria Fernandes e ao segundo Maria Carlota. É caracteristica e singular a disposição d'estes tres montes que não se poderão confundir com outros quando se olha do porto para aquelle lado da ilha.

Admiram-se sempre as elevadissimas arvores colossaes, entre as quaes se distingue a denominada *pau capitão*, que se ergue alterosa sobre as planicies, morros, varzeas e picos.

Continuando a olhar para o lado esquerdo, reconhece-se que os montes referidos vão desapparecendo, mas notam-se quatro mais pequenos em relação aos primeiros, a pouca distancia uns dos outros, e um d'elles mais proximo do monte Formoso, ao qual parece seguir-se. Mais ao mar descobre-se a ponta denominada Praião, com os seus coqueiros ao extremo, o que simula um navio á véla quando se olha para aquelle lado, e estando na fortaleza de S. Sebastião. Ficam por ali praias outr'ora mui afamadas.

A largos traços referimos os limites superiores ou marcámos o extremo do horisonte visual, o qual póde ser determinado por morros, ser-

[1] Veja-se a gravura que tem a seguinte designação: *Uma vista da cidade de S. Thomé tirada da torre da Sé.*

ras, montes e picos dispostos em linha semi-circular. O aspecto é realmente pittoresco, e tanto mais curioso quanto mais se attenta nos variados panoramas de verdura que se desenrolam diante do visitante.

A bahia abre-se a NE., e a praia, verdadeiramente circular, foi a escolhida para junto d'ella se levantar a capital da ilha.

A ponta S. Sebastião sáe mais para fóra e no seu extremo começam os edificios da cidade. Por toda a parte o terreno é baixo e raso até á igreja de S. João, perto da qual se construiu o cemiterio publico, no logar denominado da Boa Vista, o que causa bem triste impressão, pois é um dos primeiros espectaculos que se apresentam ao observador. Não é, porém, este o unico nome paradoxal, pois não causa menos surpreza o chamar-se cemiterio dos Prazeres a um logar de lagrimas e saudade[1].

Fica o sitio da Boa Vista em terreno a NO., ou antes a ONO. da cidade, que se eleva uns 20 metros acima do nivel do mar e a 1:600 de distancia da praia. Na mesma altura corre a ponta de S. José, que já nomeámos, desenvolvendo-se em uma vasta planicie coberta de muito capim ou herva de Guiné, de algumas palmeiras de leque e poucos tamarindeiros.

O ilhéu das Cabras, quasi dividido ao meio, parece querer fugir para o mar, e atrás d'elle, espraiando-se muito, corre a restinga ou ponta do S. da bahia Diogo Nunes. O mar quebra-se com força nas pedras d'esta restinga, e é bastante perigosa por ali a passagem das canoas.

Á ponta S. Sebastião segue-se um terreno baixo, cheio de pedras ennegrecidas e de repugnante aspecto; o mar, que se estende a grande distancia, começa n'esta lagoa de margens infectas, á qual se póde chamar um extenso paúl, que se prolonga até á igreja de Santo Antonio, e que muitas vezes se cobre de agua[2].

Mal se descobrem as villas, que se acham quasi abafadas pelas florestas que as envolvem.

Do lado oriental da ilha descobrem-se as villas de Guadalupe e de Santo Amaro, á direita; a da Trindade fica-lhe em frente, um pouco para baixo na immensa bacia.

Differentes estradas sáem da cidade para o interior da ilha, cujo aspecto é sempre o mesmo, quer se olhe para ella de cima da ponta de S. José

[1] Referimo-nos ao cemiterio dos Prazeres, em Lisboa.

[2] O pantano a que nos referimos é bastante espaçoso, e até 1870 nunca se tratou do seu dessecamento; n'este anno porém foram aterrados mais de 20:000 metros quadrados. A planta da cidade não foi por nós verificada, postoque já a consultámos em 1871, quando publicámos uma breve memoria ácerca dos negocios publicos da ilha de S. Thomé.

ou da fortaleza de S. Sebastião, de qualquer edificio da cidade ou dos navios fundeados no porto.

Algumas estradas são marginaes, outras interiores, mas o observador não póde distinguir estradas nem casas por se acharem cobertas de matos tão bastos, tão altos e tão continuados.

O aspecto geral da ilha pelo N., NE. e E. não é tão pittoresco como pelo SE. e pelo S., e especialmente pelo O. e NO.

Ao S. fica a pequena ilha das Rolas, que se apresenta á direita sendo observada da peninsula denominada Iogo-Iogo.

É verdadeiramente vistoso o rio de agua salgada ou braço de mar que divide a parte meridional da ilha, o qual é navegavel por pequenas embarcações, ao S. da peninsula a que nos referimos.

Da ilha das Rolas descobre-se a zona meridional da ilha de S. Thomé, cujos terrenos se elevam cada vez mais até ao lendario pico que tem o nome de ilha.

Desde a costa do S. até ao extremo visivel do horisonte do observador destacam-se picos agudissimos, montes escarpados, pontas altas e saídas ao mar que dão á ilha um aspecto singular, poetico e grandioso.

N'aquelles sitios não ha casas nem terras cultivadas!

A SO. e O. a costa é alta. Fica por ali a agradavel e fresca enseada de S. Miguel, onde vem despejar suas aguas uma boa ribeira, e a ampla bahia de Santa Catharina.

A ilha divide-se em differentes zonas, não só porque a disposição dos montes, montanhas e cordilheiras lhe dá muitas faces e aspectos pittorescos, mas porque as bahias e as praias têem exposição muito distincta.

As cartas hydrographicas de Lopes de Lima e de Wilson estão muito erradas, e a de Boteler, especialmente, tem erros notaveis.

É de grande vantagem o conhecimento da costa, das praias e das planicies adjacentes, assim como dos alto-planos, montes e varzeas.

Passâmos a fazer uma breve descripção de cada uma d'estas partes.

Costa septentrional. — Começa esta costa na enseada ou bahia de Anna de Chaves ou de Alvaro de Caminha. Fica a NE., e nós tomal-a-hemos sempre para ponto de partida, e por isso a nossa descripção hydrographica tem principio na ponta N. d'esta ampla enseada. Esta ponta ou bahia denomina-se, como já dissemos, ponta S. José; é redonda e saliente, subindo em suave declive até uns 20 metros, e separa o porto da cidade da bahia denominada *Praia Lagarto*.

Quem olha da cidade para aquelle lado da costa não póde ver a bahia, porque a restinga Diogo Nunes, espraiando muito ao mar, é a unica que

fica descoberta. A bahia Praia Lagarto é um grande seio de agua, em cuja praia desagua o rio Mello.

Navegando-se na abertura d'esta enseada, em uma boa canoa de seis remos, procura-se vencer a grande restinga, a qual sáe quasi em linha recta da parte mais recuada da Praia Lagarto, coberta de pedras e baixos saidos ao mar, onde as ondas se levantam muito e fazem arrebentação.

O extremo da restinga é baixo e muito estendido tambem para dentro do mar, sendo preciso um bom pratico para guiar e dirigir os remadores até se chegar em frente d'ella e passar um pouco alem. Vencida a restinga vê-se o ilhéu das Cabras e a formosa e grande enseada Diogo Nunes, cuja praia póde subdividir-se em differentes praias pequenas e que recebem nomes particulares.

Tem um rio que toma o nome da enseada.

A canoa demora-se cerca de trinta e cinco minutos para vencer a abertura da enseada Diogo Nunes, navega-se perto da ponta S. do ilhéu das Cabras, a qual se acha lançada em frente da foz d'aquelle rio.

É deslumbrante o aspecto que se nos offerece, olhando da canoa para a face do N. da ilha.

Aos outeiros vestidos de copado arvoredo seguem-se florestas continuadas. Avistam-se a fazenda Monte Café, as roças S. Nicolau, Macambrará, e lá em cima, na encosta de uma cordilheira, sobranceiros a todas essas habitações, levantam-se outros montes cobertos de arvores seculares, por detrás das quaes apparece o pico Anna de Chaves e o elevado cume do pico de S. Thomé.

A canoa vae seguindo entre a foz do rio Diogo Nunes e o ilhéu das Cabras, e depressa parece *deixar o mar* para entrar n'um *lago* em que se deslisa, costa a costa, a começar em frente da abandonada capella de S. Francisco, situada sobre um morro ou elevado outeiro. Dirige-se depois em frente da praia Fernão Dias. É de um bello effeito esta praia com o seu coqueiral, dando passagem ás limpidas aguas do rio de Oiro, tão cheias de lendas populares quanto magestosas e agradaveis as margens do leito em que ellas correm. Aqui atravessam furnas, saltam alem cascatas[1], formam adiante cachoeiras, e perdendo-se muitas vezes por entre alcantilados despenhadeiros vem sair mansamente na formosa praia Fernão Dias.

O morro Peixe está sobranceiro ao mar e é assim denominado por haver abundancia de peixe nas praias que lhe ficam proximas, a praia Guegue e a agradavel praia das Conchas. Quem se approxima d'elle, ao anoi-

[1] Temos photographias de algumas lindas cascatas d'este rio, mas não as mandámos gravar, porque adiariam a publicação d'este trabalho, o que não é conveniente. Serão publicadas logo que se conclua a impressão d'este livro.

tecer, admira-se por ver coberta de extenso manto alvissimo a sua face voltada ao mar: são centenares de garças que á noite ali vão repousar.

A praia das Conchas tem a ponta do N. grossa e alta, seguindo-se-lhe uma extensa planicie. No seu extremo está a habitação de uma fazenda importante, e por ali pastoreia a melhor manada de bois da ilha.

O morro Carregado não tem aspecto notavel, é baixo e muito saído; atrás d'elle fica uma superficie baixa e sem arvoredo.

O mar faz grande arrebentação ao pé d'este morro, e é preciso attentar bem no tempo em que se deseja dobrar para não se correr perigo, o qual sempre augmenta em consequencia de uma ponta rasa e muito mettida ao mar.

O aspecto da costa que se tinha notado desde a restinga Diogo Nunes, muda muito depois de se passar o morro Carregado. As praias que até ali são de areia, passam a ser de pedregulho, cascalho e calhau, e raras vezes offerecem desembarque. As pontas são altas, e deixam entre si logares baixos em que ha basto arvoredo. É desagradavel uma vista assim.

O observador nota uma praia a que chamam Praia Grande, onde não póde desembarcar, porque encontra logo morros altos, escarpados, assentando em rochas negras soltas, e de aspecto triste. O morro *Barro Bóbó* fica sobre o mar, talhado a pique e sobe a mais de 25 metros. Da parte mais alta têem caído grandes pedras e algumas parecem estar quasi a desabar.

A ribeira Funda fica entre montes altos, cobertos de arvoredo e talhados quasi perpendicularmente; a praia offerece desembarque, se bem que é de calhaus negros e miudos. Tem uma fazenda de aspecto agradavel, mas por tal modo cercada de montes que se assimilha a uma larga e ampla cova, pela qual sáe uma corrente de limpida e fresca agua. Produz canna saccharina e optimas laranjas que se colhem nos fins de abril; o café dá-se ali bem.

Do morro Carregado avista-se a ponta Figo e a ponta Diogo Nunes; do morro Peixe avista-se a costa por grande extensão. Entre aquelles dois morros estão a pequena praia Guegue e a linda praia das Conchas. É portanto este o logar mais saído ao mar na costa do N. da ilha.

A planicie da ponta Figo é bastante extensa, e antes de ali se chegar encontra-se a foz do rio Rozema, que ás vezes se torna muito caudaloso. A costa do N. deve começar a ser contada da restinga Diogo Nunes e acabar na ponta Figo. Naturalmente subdivide-se em differentes partes sendo o seu limite o morro Carregado collocado em 0° 29′ 40″ de latitude N. do Equador e em 15° 50′ longitude E. de Lisboa.

As praias e rios de fazendas correspondentes, que nós considerâmos na costa do N. da ilha, são as seguintes:

1.ª *Enseada de Diogo Nunes.*—Tem um rio com a mesma denominação.

2.ª *Uba Flór.*—Não tem rio e fica entre a enseada Diogo Nunes e a praia Fernão Dias. Ha ali uma pequena roça.

3.ª *Praia Fernão Dias.*—Tem um rio com o nome de rio de Oiro. Ha ali uma boa fazenda.

4.ª *Pequena praia Guegue.*—Não tem rio e segue-se immediatamente ao morro Peixe. No tempo das chuvas ha ali uma corrente de agua.

5.ª *Praia das Conchas.*—Tem um rio e fica entre o morro Peixe e o morro Carregado. Uma das grandes fazendas da ilha tem o mesmo nome e pertence-lhe aquella praia.

6.ª *Praia impropriamente denominada Praia Grande.*—N'ella não póde fundear-se nem desembarcar-se.

7.ª *Ribeira Funda.*—Tem um rio denominado como a praia, com agua limpida e fresca. Existe ali uma pequena granja.

8.ª *Anna Ambó ou antes Agua-Ambó.*—Tem ao N. o rio Rozema, e está proximo da ponta Figo. Fica ali á villa de Nossa Senhora das Neves.

Costa occidental.—A circumnavegação da ilha não será feita em poucos dias, se houver necessidade de se tomarem os apontamentos indispensaveis para descrever as praias, os rios, as pontas e os terrenos adjacentes. E se, alem d'estes apontamentos medico-chorographicos, se tiverem de escolher e acondicionar cuidadosamente vegetaes, mineraes e animaes, é preciso que a demora por aquelles sitios se prolongue durante o tempo sufficiente, para se poder ser util á sciencia e não se sacrificar a vida. O que, porém, é certo, é que pouco se sabe da contra-costa da ilha, especialmente da região do SO.

Temos algumas informações da enseada de Santa Catharina e da vistosa angra de S. Miguel, mas são realmente muito incertas.

Na costa de O. ha pontas altas e de parte d'ellas despenham-se correntes de agua bastante volumosas.

Da praia da costa do N. da ilha das Rolas, demora por 10° NO. magneticos a ponta denominada o Homem da Capa. D'ali até á praia Agua-Ambó não ha terrenos cultivados a não ser os da fazenda denominada Diogo Vaz.

É notavel n'esta costa a ponta Furada, o ilhéu Joanna de Sousa, e muito especialmente a enseada de S. Miguel, onde desaguam dois rios, sendo um d'elles de ampla foz. É muito abrigado este fundeadouro, e o arvoredo muito basto chega até proximo da praia. O mar por aquelles sitios

tão manso como desde a praia da pequena fazenda Uba Flôr, ao NE. da ilha, até ao extremo da praia das Conchas. Póde navegar-se por ali sem haver receio das arrebentações do mar, de bancos, de bàlsas ou rastingas.

No livro de Lopes de Lima lê-se o seguinte:

«Entre a ponta de Diogo Vaz e a ponta Allemã fica a bella enseada de Santa Catharina, assombrada pelo pico de S. Thomé, que parece estar-lhe imminente.

«Fundeia-se á vontade ao longo da praia que é toda de burgalhão grosso em 4 até 20 braças (8,8 até 44 metros) de areia preta fina. Ficam por este lado os montes mais altos da ilha.»

Segundo o corographo Cunha Matos, deve haver por toda esta costa as seguintes praias, pontas e ilhéus, desde a ponta denominada Homem da Capa ou do Capote até á ponta Figo, na extensão de cerca de 50 kilometros:

1.ª *Praia grande de Calaboyo.* — Não temos informações especiaes d'esta praia.

2.ª *Ponta alta.* — O mar faz aqui grande arrebentação.

3.ª *Ilhéu Macaco.* — A costa é alta por este sitio.

4.ª *Enseada em que ha um banco na entrada.*

5.ª *Praia Pipa.* — Fica defronte da costa, e por esta altura, o agudo pico da praia Lança.

6.ª *Enseada praia Lança.* — Fica antes da ponta Azeitona, cerca de 9 kilometros do ilhéu Macaco. Os angolares fabricam sal na praia d'esta enseada.

7.ª *Praia Lança.* — Tem uma grande ribeira.

8.ª *Ponta Gabado.* — A um tiro de espingarda ao mar d'esta costa jaz o ilhéu Gabado, a mais de 5 kilometros da ponta Azeitona.

9.ª *Ilhéu de S. Miguel e ilhéu Formoso.* — É pittoresca e de aspecto risonho a enseada abrigada pelos tres ilhéus, dispostos do S. para o N., apresentando-se a quem vae n'esta direcção em primeiro logar o Gabado, depois o de S. Miguel, e mais para cima o Formoso. As canoas ou lanchas passam com facilidade entre a terra e o ilhéu Gabado, e desde que se entra na enseada deve fundear-se proximo á costa do N., onde desagua um rio e póde entrar uma boa lancha. A ponta N. da enseada é alta, e o arvoredo que a cobre é bastante copado. É fresco aquelle sitio, onde estivemos algumas horas em janeiro de 1873.

10.ª *Ilhéu Joanna de Sousa.* — Fica a mais de 8 kilometros do ilhéu de S. Miguel. É furado na parte media e o mar bate com força dentro da caverna que elle apresenta. A costa é alta entre estes ilheus.

11.ª *Ilhéu Coco.* — Fica a 3 kilometros do ilhéu Joanna de Sousa.

12.ª *Ponta Furada.*—A abertura d'esta ponta é grande e bastante ampla.

13.ª *Praia sem denominação conhecida.*—Á ponta Furada segue-se uma praia em que desagua uma boa ribeira; é extensa, mas não é facil tomar ali agua.

14.ª *Ponta Allemã.*—Da ponta Furada á ponta Allemã ha cerca de 1:400 metros. O mar é chão, o que torna facil a communicação entre os differentes sitios d'esta costa.

15.ª *Ponta Diogo Vaz.*—Entre esta ponta e a antecedente ha mais de 5 kilometros, o que representa a abertura da enseada de Santa Catharina.

16.ª *Prainha.*—É uma ponta rasa coberta de coqueiros. Adjacente a esta ponta ha uma fazenda cultivada. Tem boa agua.

17.ª *Ponta Cadão.*—Entre esta ponta e a antecedente ha cerca de 1:400 metros. Segundo Lopes de Lima a ponta Cadão fica em 28′ de latitude N. e 15° 45′ de longitude E. do meridiano de Lisboa, e a ponta do Homem da Capa está em 3′ de latitude N. e 15° 43′ de longitude E.

A ponta Allemã jaz em 19′ de latitude N. e 15° 41′ 30″ de longitude E., e a Diogo Vaz em 22′ de latitude N. e 15° 42′ 30″ longitude E. Bom seria verificar-se a exactidão geographica d'estas posições, mas nem a costa tem sido explorada, nem se tem tratado de levantar o plano da ilha, de modo que a maior parte das vezes se repetem estatisticas, que passam de uns para outros escriptores sem as necessarias rectificações. É por isso que as descripções das ilhas ficam incompletas e se dá curso a erros, havendo mappas geographicos e descripções hydrographicas que parecem puras invenções[1].

Costa meridional.—A costa do S. da ilha estende-se desde a ponta Baleia até á do Homem da Capa.

A ponta Baleia é alta, grossa e larga. Ficam-lhe na base muitas pedras, onde o mar quebra com força. É preciso procurar o tempo mais proprio para se dobrar, dando resguardo á restinga.

Na costa do S. jaz a vasta enseada que denominaremos Boa Esperança. Ha ali dois fundeadouros, um á esquerda e o outro á direita. Chamam ao primeiro Iogo-Iogó, e ao segundo dão a denominação de

[1] É de toda a vantagem proceder-se ao exame das praias e ao levantamento do plano da ilha de S. Thomé. O que se lê nos escriptores francezes e inglezes é realmente cheio de erros. Da costa continental possuimos um trabalho importante feito por A. M. de Castilho. Urge que se faça o mesmo a respeito das ilhas de S. Thomé e Principe.

Villa[1], talvez por ser d'aquelle lado que se acham, proximo á praia, algumas miseraveis cubatas de angolares.

São de aspecto magestoso as arvores que por ali se levantam, não só nas terras altas da ponta Baleia, mas tambem nas dos terrenos da peninsula Iogo-Iogó, que se deveria chamar Jacinto de Almeida.

É para lamentar a falta de uma boa estrada que da povoação principal da ilha ou da praia officialmente reconhecida *como logar unico* de embarque vá ter á costa de SE. da ilha, na angra de S. João dos Angolares ou a qualquer outro logar do S., como a enseada de S. Miguel onde estão completamente abandonados os terrenos.

O mar na costa meridional proximo das pontas, que é necessario dobrar, anda quasi sempre encapellado por causa dos ventos de travessia. Torna-se por isso necessaria a abertura de estradas interiores, centraes e marginaes, as quaes ponham aquellas florestas em facil communicação com os centros populosos. É o unico meio de promover a cultura dos terrenos que não se acham ainda explorados.

Não foi possivel verificar-se ainda a existencia da decantada caverna que atravessa a ilha desde a costa de SE. junto da alta ponta denominada Ió Grande, dirigindo-se para a cosfa de O., proximo á ponta Diogo Vaz. A este respeito dissemos no relatorio de 1869, pagina 41:

«Parece-nos digno de exame o phenomeno, e não deve continuar a existir rodeado de mysterios como está presentemente. Não é infelizmente só n'este caso que isto acontece. Ninguem dirá que esta ilha só tem 950 kilometros quadrados de superficie[2], e uma costa de cerca de 300 kilometros.»

A costa meridional da ilha tem uma fórma particular, notando-se n'ella, a contar do Homem da Capa, a praia Inhame, a ponta O. da grande enseada Boa Esperança ou Iogo-Iogó, e a praia que fica no reconcavo da bahia na sua parte central, ao meio da qual sáe o rio de Agua Salgada. Estende-se depois para E., saindo uma ponta alta, redonda e arborisada, tendo um pouco antes da sua foz um regato de agua doce. Apparece em seguida uma pequena praia e logo a ponta Baleia.

[1] Lopes de Lima suppoz que a villa era alguma aldeia, e por isso imaginou um logar povoado junto á costa na peninsula Iogo-Iogó, que fica quasi em frente da ilha das Rolas.

[2] A superficie da ilha de S. Thomé, como já por vezes temos dito, não está calculada com exactidão. Expozemos no capitulo II as differenças que encontrámos, e no mappa medico-geographico da região guineana admittimos o calculo que nos pareceu mais rasoavel. Em 1869, porém, regulámo-nos apenas pelo trabalho de Lopes de Lima, assim como o acceitâmos ainda hoje como um calculo mais approximado.

Pequena ilha das Rolas e costa fronteira da ilha de S. Thomé. — A ilha das Rolas está ao S. de S. Thomé, ficando mais para O., de modo que tem a ponta do Homem da Capa pelo N.

As habitações estão defronte do fundeadouro na costa septentrional marcando-se 9° a 10° NO. magneticos com o Homem da Capa. É, pois, evidente que a ilha das Rolas jaz ao S. d'esta ponta.

O fundeadouro está a um terço O. pouco mais ou menos da costa do N.

De uma das pontas da costa de O. vê-se a costa occidental da ilha de de S. Thomé até Diogo Vaz, o que corrobora a nossa asserção.

O panorama da ilha de S. Thomé, observado d'aquelle logar, é bello e imponente. Avista-se a costa meridional, começando os terrenos a levantar-se a pouco e pouco, formando aqui outeiros, mais alem planuras; e no meio de montes de variadissimos aspectos é difficil distinguil-os uns dos outros sem os ter observado por muitas vezes. Descobre-se o pico denominado Cão Pequeno, que pela sua altura, grossura e posição senão póde confundir com nenhum outro, poisque tem a similhança de uma garrafa gigantesca e de feitio regular. Este exotico pico póde servir para designar o S. da ilha, poisque só n'esta direcção se descobre distinctamente.

Do sitio das habitações da ilha das Rolas avistam-se os seguintes logares, a contar da ponta Homem da Capa para o nascente:

1.° Uma porção de costa, ficando na parte mais elevada, proximo ao arvoredo, a pedra que simula o Homem da Capa [1].

2.° Uma praia de areia que denominam Inhame.

3.° O rio de agua doce da enseada Boa Esperança, á direita do fundeadouro chamado Vilta. A agulha marca 42 ½° NE. da casa [illegible] da ribeira.

4.° A ponta da margem direita (em relação a quem entra) [illegible] ou bahia Boa Esperança, é grossa e alta.

5.° A ponta Baleia fica por 67° NE. A costa meridional [illegible] de-se, pois, entre 9° NO. magneticos, e 67° NE. suppondo [illegible] gulo nas habitações da ilha das Rolas.

Olhando-se de mesmo logar para a costa do SE. [illegible] ponta alta denominada Io-Grande, logo adiante, vindo [illegible] de S. João. Alem d'estas ha mais duas distinctas, que [illegible]

[1] *O Homem da Capa* é uma pedra que parece um [illegible] pote aos hombros, caindo livremente. Tem as mãos [illegible] cima de grandes pedras, muito chegado ás arvores [illegible] quando se olha para aquelle logar, é realmente grande [illegible] em similhante pedra mais se nos afigurava ver um [illegible] tivemos occasião de ali subir como desejavamos.

Não é grande a ilha das Rolas. Na costa de E. ha muitas pedras altas, em que o mar bate com força, e passando-lhes por debaixo por grandes cavidades, faz saír areia fina ou vapor da agua pelos orificios do terreno da ilha que communicam com o mar[1]. O vapor da agua sáe com força e arrasta qualquer objecto leve que se lançar na abertura.

A ilha tem o terreno um pouco accidentado para O.

Na praia do N. ha uma lapide com a seguinte inscripção, que fielmente copiámos quando ali fomos em 1873:

Commemorando o hauto de posse que tomou José Maria de Freitas com as formalidades da ley, dos terrenos da villa d'Angra de S. João dos Angulares, terra de Ió Grande até á pedra forada e d'este ilheu das Rolas[2] *em 24 e 25 de Fevereiro de 1864.*

Costa oriental.—Entre a ponta Balêa ao S. da ilha de S. Thomé e a ponta de Diogo Nunes, na terceira bahia para o N. da de Anna Chaves, a costa oriental póde dividir-se em differentes partes, tomando-se para limite a ponta Praião, o ilhéu de Sant'Anna e Angra de S. João. Esta divisão, porém, é arbitraria, e serve apenas para facilitar a descripção hydrographica da costa oriental da ilha de S. Thomé.

A margem oriental apresenta aspectos diversos e fórmas variadas. A ponta Praião é aquella que sáe mais ao mar. Vê-se distinctamente da fortaleza de S. Sebastião.

É bello o horisonte que se descobre, estando-se na fortaleza, quer se olhe para a amplidão dos mares, quer se attente nos conhecidos morros Moquinqui, Sacli, Macalú, Macaco e Mongo, que se acham dispostos quasi em linha recta, e parecendo saír do mar para irem engrossar a serra principal da ilha. A sua disposição é caracteristica[3].

[1] Cunha Matos diz a este respeito o seguinte: «Em um valle tem dois atoleiros, ou, para melhor dizer, sorvedouros, que communicam com o mar, cuja agitação ali se percebe muito bem».

Estivemos ao pé das cavernas, por algumas horas. Ha effectivamente communicação com o mar. O terreno é secco e a costa alta. Ha enormes pedras por entre as quaes penetram as ondas, e quando ellas se quebram com força, momentos depois sáe areia ou vapor de agua pelos orificios, que se acham na ilha a poucos metros do mar.

[2] Escreve-se *ilhéu das Rolas* em vez de *ilha das Rolas,* por ser assim que usam no paiz. Diz-se, por exemplo, na *ilha* de S. Thomé, de um individuo que embarcou com destino á ilha do Principe, ou que é natural d'ali: Foi á *ilha.* A ilha das Rolas, muito mais pequena que as ilhas do Principe e Anno Bom, é conhecida por *ilhéu das Rolas.*

[3] Veja-se a gravura, *Vista da cidade de S. Thomé, tirada de cima da torre da igreja da Sé.* Ao longe descobrem-se os morros Maquinqui, Sacli, Macalú, Macaco e Mongo.

O Mongo fica nas faldas da serra; seguem-se os outros morros quasi a iguaes distancias até ao Moquinqui mais proximo do mar. É alta e extensa a serra. que tem variadas ondulações, mostrando-se á vista as fazendas do Monte Café, Macambará, S. Nicolau, etc. Por detrás d'esta serra, como já dissemos, sáem as pontas de alguns montes, como o do pico de S. Thomé, e no fim descobre-se o pico Maria Carlota, quasi similhante ao de Anna de Chaves, em cujo meio se apresenta o monte Formoso. Um pouco para baixo e para a esquerda levanta-se um outro monte que parece querer fugir de ao pé dos outros. e apresenta-se isolado e a distancia.

Os terrenos no extremo do horisonte vão diminuindo até chegarem á costa, estendendo-se para o interior do mar em pontas baixas e compridas, como a ponta Praião. Ao longe, para SO., mostram-se os cumes de alguns montes entre os quaes figura o do pico Maria Fernandes.

Da cidade para o S. contam-se as seguintes praias, começando da fortaleza de S. Sebastião:

Praia pequena, S. Marçal, Pantufa, Praia Melão de baixo e Praia Melão de cima, Grande Ponta Praião, Praia Pomba ou das Pombas, Almoxarife, Picão, Sant'Anna, Mecia [1], *Alves, Praia Giga, Amador, Praia Rei, Traz Budo ou Meme, Ponta Agulha ou Cruz dos Ventos, Praia Morrão dos Castellos, Praia Ribeira, Pedra Furada, Praia Micondó, Angra Taldo, Engobó, Angra de S. João, Praia do Ió Grande, Azeitona, Pesqueira, Martins Mendes, Ribeira Peixe, Zambá, D. Affonso, Zavianna, Barro Bobó, Praia Grande, e a Ponta Baleia.*

Poucas são as praias em que não desagua algum rio, e em muitas d'ellas terminam importantes fazendas agricolas.

Na costa da fazenda Agua-Izé ha uma larga restinga, a qual se estende a mais de 200 metros para o mar. As pedras que a formam estão á flor da agua e as ondas quebrando-se sobre ellas formam rolos que se revolvem com grande fragor até proximo de terra. O povo chama a esta restinga *Valsa do rio Agua Abbade.*

Este rio tem uma pittoresca bacia e corre por detrás da praia em terreno baixo. No extremo da bacia ha ilhotas formadas pela terra, que a corrente arrasta.

O rio bifurca-se e recebe ali uma pequena porção de agua que sómente no tempo das chuvas se torna volumosa.

Defronte da foz está uma pedra isolada ou pequeno recife, que póde servir de balisa para se chegar á foz do rio.

[1] Nos documentos publicos escreve-se Messia e não Mecia.

É um dos mais celebres rios da ilha de S. Thomé. Serve de limite entre as terras de Agua-Izé e differentes fazendas, que nomearemos quando tratarmos d'este rio.

Para melhor se apreciar o recife que fica na foz d'este rio apresentâmos uma gravura, copia fiel de uma photographia que nos facultaram [1]. Em nenhuma das cartas geographicas até hoje publicadas se acha determinada a sua foz. Lopes de Lima não se referiu a elle, por não ter de certo pessoa que o informasse, e Cunha Matos parece que o confundiu com o rio Praia Rei.

A praia Agua Abbade é de areia preta, assim como a que lhe fica immediata, que se denomina Praia Amador ou Praia Preta do Campo do Bôca Queimada, nome dado a um morro que se levanta no extremo da Praia Amador. Não tem arvores e fica sobranceiro ao mar, tendo cerca de 60 metros de altitude. Subimos ali em 1872, e ficámos surprehendidos com o deslumbrante panorama que se desenvolveu diante de nós. Ao longe e ao mar estão as Sete Pedras ou Sete Irmãs, o pico Micondó e o pico Maria Fernandes. Mais para o interior levanta-se o pico Mizambô e muitos outros de phantasticas fórmas cobrindo a ilha pela face do nascente, e tornando-a de um aspecto singular e ao mesmo tempo triste e pittoresco.

O morro ou a ponta Lebre tem algumas arvores e é bem conhecido. Levanta-se em altas pedras que ficam perpendiculares ao mar. A sua corôa de coqueiros dá-lhe aspecto alegre, e é certamente das mais altas que por ali se encontram.

Entre a ponta Lebre e o morro do Campo ou Amador está a pequena praia Gigá.

O mar por estas praias é bravo, as pontas são altas, negras, feias e escarpadas, e desde a bahia Mecia Alves até á da Praia Rei não se encontra bom desembarque. As canôas, quando o mar o permitte, procuram a praia Preta do Campo Amador ou a pequena praia Gigá entre este morro e a ponta Lebre.

A praia Mecia Alves não tem rio, mas na bahia da praia Rei desagua a Ribeira Funda. A praia Rei começa na restinga da Agulha Abbade e corre em innumeras pedras onde as ondas se estendem com fragor medonho, assim como na praia Almoxarife.

No extremo SO. da praia o mar mette-se por entre duas pontas. Junto ao rio ha um grande coqueiral e duas boas pontes estabelecem a communicação da estrada que vae da praia Rei para a fazenda Castello do Sul, que lhe está immediata. A bahia da praia Rei póde abrigar balandras ou

[1] Veja-se a gravura *Foz do rio Agua Abbade.*

Vista da praia chamada Ribeira, onde desagúa o rio que serve de limite entre a freguezia de Sant'Anna e a dos Angolares, e onde terminam as terras da fazenda Alto Douro, pelo lado do mar

palhabotes, emquanto que os brigues ou outras embarcações de maior lotação fundeiam fóra da ponta. Quem saír n'uma canôa ou lancha da bahia da praia Rei tem na frente e um pouco á esquerda a nascente; á esquerda apresenta-se a balsa de Agua Abbade, a ponta Lebre e o ilhéu de Sant'Anna, e á direita a Cruz dos Ventos no extremo da ponta do S. da bahia, a ponta Agulha e as Sete Pedras muito ao longe. O aspecto que a ilha offerece, vista do mar, a E., tem differenças notaveis, segundo se olha para o lado do S. ou do N. São numerosos e de fórmas variadissimas os picos que por ali se encontram, bem como varzeas, planuras, outeiros e ferteis morros entre 150 a 400 metros de altitude, como nós verificámos.

A praia Ribeira fica immediata á praia Morrão dos Castellos. Sobe-se a ponta do Alto Douro que fica sobranceira ao mar uns 50 metros. Passada esta desce-se para aquella praia, onde está o rio que separa a freguezia dos Angolares da de Sant'Anna; a fórma da bahia e a foz do rio está representada na respectiva gravura[1].

Estivemos junto á margem esquerda quando fomos á fazenda Alto Douro em 1872.

No fundo da bahia ha uma pedra que sustenta um pequeno coqueiro, a que chamam *coqueiro orphão*. Serve de limite á costa na fazenda Alto Douro.

A angra de S. João, que se aponta como muito ampla e boa, não tem sido descripta com exactidão. A importancia que lhe damos auctorisa a extensão com que escrevemos a respeito d'ella. No livro de Lopes de Lima, que é geralmente a fonte onde se recorre em assumptos d'esta ordem, lê-se a seguinte descripção a respeito de Angra dos Angolares:

«O porto, aberto ao Sueste e o melhor de todos os da ilha, é a *Angra de S. João* entre a *Ponta Agua* ao Nordeste e o *Pico do Macurú* ao Sudoeste (que assim se correm; tem meia legua de bôca e quasi uma milha de reconcavo, com capacidade para recolher 15 a 18 navios de qualquer lote ao abrigo de todos os ventos, menos o Sueste, que é travessia; na entrada acham-se 20 braças (44 metros) de fundo de areia fina e dentro na abra 5 e 6 braças (11 e $13^{m},2$) do mesmo fundo, e das 5 braças (11 metros) para a terra é tudo salão duro; desembarca-se no fundo da bahia em um areal muito raso, coberto de coqueiros, e onde vem despejar-se duas grandes ribeiras de boa agua; os dois lados do porto são despenhadeiros inaccessiveis, por cujos alcantis se despenham copiosas tor-

[1] Veja a gravura, *Vista da praia chamada Ribeira, onde desagua o rio que serve de limite entre a freguezia de Sant'Anna e dos Angolares, e onde terminam as terras da fazenda Alto Douro, pelo lado do mar.*

rentes, as quaes com facilidade se encaminham por meio de calhas, ou mangueiras, a encher as aguas dentro mesmo das lanchas, que podem bem encostar á rocha; ao Nordeste d'esta bahia moram os *Angolares* sobre as montanhas que correm até á *Angra de Mecia Alves.*»

São inexactas algumas das informações que ali se lêem, e que não devem passar sem ratificação.

A povoação fica sobre um outeiro de 30 metros de altitude, correndo ao rumo geral magnetico SO-NE. ou SO $^1/_4$-E $^1/_4$ NE. Reduzem-se a isto as tres montanhas a NE. da angra de S. João.

As terras dos Angolares não se estendem até ao sitio da costa denominada Mecia Alves. Estes povos occupam uma parte da ilha muito circumscripta. Chegam do lado do N. até á Praia Ribeira, limitando com as fazendas de Agua-Izé e para O. e S. encontram tambem do mesmo modo as terras pertencentes á referida fazenda [1].

Ao fundo da Angra de S. João dos Angolares desembocam dois rios, e na margem de NE. corre uma pequena porção de agua por entre pedras e só poderá engrossar em occasião de chuvas. Faltam pois as copiosas correntes e os despenhadeiros inaccessiveis.

A ponta do S. é arborisada, e terá de 80 a 100 metros de altitude, mas não nos consta que d'ella desça corrente alguma de agua.

Tem de se passar em canôa o rio que desagua no mar do lado da villa dos Angolares. Não é caudaloso, mas a agua dá pelos joelhos dos carregadores que o atravessam a vau. A ladeira, que da praia conduz á villa, é ingreme e começa junto a uma grande pedra que está proxima á margem esquerda do rio. O fundo da Angra de S. João é limpo e muito regular.

Dentro d'ella poucos navios cabem, e se outras embarcações a demandarem têem de fundear fóra da ponta, esperando que as outras saiam, como succede no porto de Anna de Chaves ou antes de Alvaro de Caminha. A bahia é regular e disposta em semi-circulo ou antes em fórma de saco.

Montes e cordilheiras. — Os montes da ilha de S. Thomé estão quasi todos por determinar. Conhecem-se alguns dos mais altos, mas a denominação de um grande numero é arbitraria.

Um observador collocado no extremo da ponta de S. José ao N. da bahia, ou no extremo da ponta de S. Sebastião ao S. da mesma, ou ainda

[1] No mappa medico-geographico da ilha de S. Thomé apresentâmos a area exacta de muitas fazendas, assim como patenteâmos a superficie occupada pelos Angolares. A gravura d'este trabalho não se fará esperar por muito tempo.

em qualquer navío fundeado no porto, olhando para a ilha vê o seu horisonte visual fechado por montes, picos e serras, podendo julgar-se no centro de um circulo, cuja circumferencia regularmente traçada coincide com os cumes d'aquelles altos montes.

O arvoredo começa a differençar-se proximo ao vistoso morro denominado Mongo, e um pouco para a esquerda, para cima e para O., descobre-se, em dias claros, o cume do pico de S. Thomé. Fica por ali á serra encurvando-se um pouco, para se levantar outra vez[1].

Nos pontos onde esta diminue apparecem os tres symetricos montes dispostos em fórma triangular estando um dos vertices voltado para o observador, e é representado pelo monte Formoso; o lado opposto do triangulo é formado pelo monte Maria Carlota á direita e Maria Fernandes á esquerda.

O altaneiro e agudo pico Maria Fernandes é boa conhecença d'aquellas paragens.

Ao monte Formoso segue-se para a esquerda e para baixo um monte bastante alto, e mais para a esquerda ainda e para o S. fica o pico que dizem denominar-se Misambó. Alem d'estes montes vêem-se do fundeadouro o pico Maria Fernandes a ESE., o morro da costa de E. ou do Praião, e dentro d'esta circumferencia alguns outeiros e vistosos morros.

É realmente agradabilissimo o panorama da ilha, vista d'este lado, que é o mais povoado e conhecido. A E., ao S. e a SSE. levantam-se differentes montes, mas não se sabe a sua posição relativa nem absoluta.

Chama-se a um o pico *Cão Grande*, que só se descobre bem indo-se em viagem para o S. da ilha, mas as suas proximidades não têem sido exploradas. O mesmo succede a respeito do pico *Cão Pequeno*, e tanto um como outro, pela sua fórma singularissima, podem comparar-se a um enormissimo gazometro, posto ali por qualquer capricho da natureza.

Se ha vantagem em conhecer os numerosos montes, picos e montanhas existentes em toda a ilha, não é menos importante o estudo das planuras e outeiros susceptiveis de cultura, tornando-se muito uteis as explorações geologicas e mineralogicas a que é preciso proceder, a fim de se saber se é possivel habitar algumas cumeadas, varzeas ou aberturas largas e accessiveis.

São numerosos os morros em que já se têem feito plantações[2].

[1] A maneira por que descrevemos á ilha de S. Thomé obrigou-nos a fazer algumas repetições, procurando comtudo evital-as tanto quanto nos foi possivel.

[2] Entre os morros cultivados contam-se o monte Macaco e os morros da roça Cachoeira, nas terras de Agua-Izé, e todos os terrenos altos d'esta vasta fazenda,

Rios da ilha de S. Thomé.—Os rios da ilha de S. Thomé não têem sido explorados, e faltam tambem os estudos hydrographicos propriamente ditos. Não é possivel portanto calcular-se a superficie das bacias dos rios que fecundam os terrenos, nem se conhece com exactidão a origem e curso da maior parte d'elles. A ilha é todavia recortada por numerosas correntes de agua. Descem umas dos montes altos e desaguam no mar, e outras atravessam varzeas e fertilisam planicies, indo depois engrossar as principaes correntes de agua. A ilha, porém, não se torna notavel pela rede geral dos canaes abertos pela natureza: o que ali é mais digno de attenção são as variadas fontes ou nascentes que ora apparecem entre o arvoredo, onde se perdem, ora sáem em crystallinos fios de agua, serpenteando por entre mimosa vegetação.

O povo, no seu sincero pensar, distingue a maior parte das aguas pelos sitios em que ellas passam ou por alguma circumstancia caracteristica que os affecta. Estão n'este caso as chamadas Agua Mafra, Chóchó, Budo, Agua Areia, Gallo Cantá, Agua Secca, Agua Juntá, Clogá e outras. Mas independentemente d'estes nomes singulares, têem muitos cheios de lendas poeticas, taes como o rio da Ponte que Deus fez, Agua Casada e o rio de Oiro de que adiante fallaremos.

Agua Bôbô é o nome geral por que se nomeiam todas as nascentes limpidas, brotando solitarias por entre copado arvoredo. Ha portanto muitas d'este nome.

Não ha certamente paiz tão abundante de agua como a ilha de S. Thomé. Os rios não são navegaveis, mas grande numero d'elles conserva um volume de agua regular em todo o anno e tem foz constantemente aberta.

O povo tem ainda denominações especiaes para estas correntes. Agua Grande é o nome geral de muitos rios, assim como o de ribeira tem sido applicado a outros. Alguns tomam tambem o nome dos logares em que passam, e aos quaes se attribuem tambem lendas mais ou menos extraordinarias.

Não nos é possivel fazer a descripção hydrographica da ilha, apresentando os contornos, superficies, direcção e affluentes dos differentes rios, mas nomearemos as fazendas que elles banham e as praias em que desaguam, indicando o que se nos depara de mais curioso e interessante.

Cumpre-nos tambem declarar que não tivemos occasião de seguir o curso dos rios desde a foz até ás nascentes, mas que fizemos quanto em

cuja descripção especial reservâmos para publicação adequada, onde apresentaremos não só um mappa medico-geographico da ilha, mas differentes vistas de plantações, etc.

nós coube para obter com a maior exactidão todas as informações que nos podessem auxiliar n'esta descripção.

Fazem-se diversas supposições ácerca da origem de alguns rios, não faltando quem acredite na existencia de um lago na região montanhosa da ilha, assim como se falla de importantes cavernas, soberbas cataractas e de immensas cavidades, uma das quaes atravessa a ilha de uma a outra costa. Nada se sabe, porém, com certeza, porque a ilha ainda não foi explorada na sua parte mais alta.

Estatistica geral das correntes de agua de maior nomeada. —*Agua Mongo.* — Toma o nome do morro onde tem a nascente, corre nas freguezias da Santissima Trindade e Magdalena e passa nos fundos da roça denominada Bemfica e a SO. da fazenda Santa Margarida. Dizem ser este o rio que corre por detrás da villa da Magdalena e ahi recebe o nome de Agua da Villa.

Agua da Villa.—Não é volumosa n'este logar e um pouco abaixo fórma uma quéda de agua. Tivemos occasião de ver esta cataracta, indo em serviço á villa da Magdalena para escolher o terreno apropriado para o cemiterio.

Agua Pete-pete.—É conhecida por esta denominação uma agua que passa nos fundos da roça Pete-pete, que lhe dá o nome. Fica na freguezia da Graça, no sitio da Monta, servindo de limite a algumas fazendas.

Agua Simão.—Denomina-se assim uma corrente que serve de limite á roça Mesquita, passando-lhe ao fundo.

Agua Tio.—É o nome de uma corrente que, na freguezia da Graça, limita umas terras de 1:646 metros de extensão, situadas no logar da Monta.

Agua Ignez.—Fica na roça Cangá, freguezia da Trindade.

Agua Garcia ou *Agua Vargem.* —É uma corrente de pequeno volume de agua, á qual dão diversos nomes como os logares em que passa. Os habitantes chamam-lhe Agua Porca n'um sitio, e n'outros toma o nome de levada, o que prova ter ella mais de um leito; atravessa a freguezia da Conceição e marca o fundo da roça Boa Esperança; divide em parte a roça Mesquita da roça Campo; corre na cidade sob a ponte Lucumi; serve de limite pelos fundos á roça Garcia, que lhe dá o nome, e com o de *Levada de agua Garcia* limita pelo N. a roça denominada Agua Porca, do lado direito, e pelo S. as roças Boa Morte, que pertenceram á irmandade do Rosario, das quaes tomou posse a fazenda, bem como limita a que esta já possuia sob igual nome e é composta de tres pequenas fazendas distinctas entre si, tendo a primeira a mesma levada de agua Garcia

pelo O., a segunda pelo S. e a terceira pelo O. Corre na freguezia da Conceição, passa a O. das terras denominadas Reboque e vem juntar-se ás aguas que sáem da roça Arrayal (hoje horta militar), formando um regueirão que o povo com justificada rasão chama Agua Féde.

Agua Féde. — A foz d'este regueirão está quasi sempre entupida pela areia que ali se accumula nas marés cheias.

Agua Bôbô. — Pertence á freguezia da Magdalena e corre á frente de umas terras da roça Cró-Cró. Chamam algumas pessoas agua Bôbô ás nascentes de agua limpida perdendo-se a pouca distancia do sitio em que apparecem. Ha muitas nascentes com este nome, devendo designar-se a que fica nas proxidades da cidade de S. Thomé. É d'esta fonte que se abastecem muitos habitantes. Guarda-se em vasos separados, e para se dar a certeza de que um copo de agua é perfeito diz-se: *É agua Bôbô.*

Agua Piedade. — Tem o seu curso na freguezia da Magdalena e passa ao fundo de uma roça no sitio de Batepá.

Agua Chóchó. — Corre nas freguezias da Magdalena e Santo Amaro, passando a O. da roça Boa Entrada. Na roça Santa Cruz ha differentes nascentes de agua ferrea, ficando entre esta roça e a agua Chóchó.

Agua Palito. — Nasce, segundo se diz, na roça Agua Palito e corre na freguezia da Magdalena, pelo lado inferior das terras denominadas Allemanha e Obô do Meio. Fica debaixo do aqueducto que leva a agua do rio Mongo ou de Mello para o hospital militar. É atravessado pelo caminho ou estrada da Magdalena, sobre o qual existe uma ponte insignificante.

Agua Anca. — Pertence á freguezia da Magdalena e passa ao S. da roça Otôtô e na roça praia Melão.

Agua Tanque. — Pertence á freguezia da Trindade, corre ao fundo da Boca-Boca e junta-se ao rio Agua Grande. A freguezia da Magdalena chega até este regato.

Agua Pardal. — Tem o seu curso na freguezia da Trindade e passa ao fundo da roça Cassumá.

Agua Caranguejo. — Corre nas freguezias da Trindade e Magdalena e passa ao fundo da roça Cassumá.

Agua Prálá. — Pertence á freguezia da Magdalena e costeia os fundos da roça Bô-Izaquente.

Agua Casada. — Tem o seu curso na freguezia de Santo Amaro, e separa esta freguezia da de Nossa Senhora de Guadelupe. É lendaria esta corrente[1]. Atravessámol-a quando fomos em serviço á villa da Magdalena.

[1] A respeito d'esta agua escreveu o sr. Alfredo Troni um folhetim que não reproduzimos aqui para não dar maior extensão a este trabalho.

Agua Machado.—Tem o seu curso nas freguezias da Trindade, Santa Anna e Magdalena, banhando pela frente a roça Gullu e o extremo N. da roça Pedroma.

Agua Panada.—Pertence á freguezia da Trindade e corre ao N. da fazenda Plató Café e a E. da roça Santa Luzia. É affluente da margem direita do rio Manuel Jorge. No ponto de reunião das aguas chama-se Agua Juntá. Observámos esta corrente quando estivemos na fazenda Sacavem, cuja localidade se reconhece por se achar na direcção dos tres montes que symetricamente se levantam no extremo da serra.

Agua Côco.—Pertence á freguezia da Graça e corre ao fundo de uma terra que faz parte da roça Margarida Malé; tambem passa na roça Uba Budo, desembocando na praia Almoxarife, um pouco adiante do rio Clara Dias.

Agua Magra.—Pertence á freguezia de Sant'Anna e corre no limite E. da fazenda Nova Olinda.

Agua Secca.—Pertence á fazenda da Trindade, levando agua apenas no tempo das chuvas. O leito de qualquer riacho n'estas circumstancias recebe o nome de Agua Secca.

Agua Quinfindá.—Tem o seu curso nas freguezias da Graça e Trindade e passa ao fundo da roça Lemos.

Agua Cavallo.—Pertence á freguezia da Trindade, corre em frente da roça Cabeia e ao N. da roça Cangá. Passa tambem na roça Santa Fé.

Agua Mussungù.—Tem o seu curso nas freguezias de Santo Amaro e Magdalena e passa ao fundo da roça Santa Cruz.

Agua Vaz.—Pertence á freguezia da Trindade e corre a O. da roça Piedade.

Agua Filippe.—Pertence á freguezia de Santo Amaro e corre ao fundo de umas terras no logar de Obô-Machado.

Agua Cléclé.—Pertence á freguezia da Magdalena e corre em frente de umas terras no logar de Potô.

Agua Prevás.—Pertence á freguezia de Nossa Senhora das Neves e corre a E. de um pequeno terreno.

Agua Colma.—Pertence á freguezia da Graça, corre ao S. da roça Bonança e em frente da roça Cima Colla. Atravessámos esta agua, que tem pouca importancia.

Agua Falcão.—Pertence á freguezia da Trindade e corre ao fundo de uma fracção da roça Folha Féde.

Agua Serra.—Pertence á freguezia da Graça e corre ao fundo de umas terras no sitio Bom-Bom.

Agua Areia.—Pertence á freguezia da Trindade e corre ao fundo da roça Uba Cocundia. Forma o fundo da roça Agua Grande.

Agua Thomé.—Tem o seu curso nas freguezias da Graça e Trindade, corre ao fundo da roça Mão Tres e de umas terras no sitio da Monta. Sobre o curso e posição d'este rio tem havido contestações.

Agua Funda.—Pertence á freguezia da Trindade e corre ao fundo da roça Rocinha Colla.

Agua Pequena.—É a denominação geral de muitas correntes. Entre ellas conta-se a que passa proximo á villa da Trindade e vae juntar-se ao rio Agua Grande. Ovewo atravessa a villa, dirigindo-se para o sitio do Cangá e fazenda proxima e tem á direita este pequeno riacho; passa em frente da roça Cangá. Ha outras aguas com este nome, correndo uma em frente da roça Agua Palito. A Agua Pequena fica a O. d'esta roça que tem um pantano ou sumidouro.

Agua Chió.—Pertence á freguezia da Graça e passa ao fundo de um pequeno terreno no sitio de Palha.

Agua Escorregá.— Pertence á freguezia da Graça, passa a O. de uma terra no sitio da Praia Melão e corre na roça do mesmo nome.

Rio de Mello ou *Braz Francisco.*—Pertence á freguezia de Santo Amaro, passa ao N. da roça Bella Vista e desagua na praia Lagarto.

Rio Minga-Agua-Izé.— Pertence á freguezia de Sant'Anna, passa a O. da fazenda Cachoeira e forma uma cataracta bastante alta, um pouco antes de se reunir ao rio Agua Abbade. Descobriu-se proximo a esta agua uma nascente de petroleo. Dá-se-lhe tambem o nome de Agua Thomé, e torna-se notavel por servir de limite á fazenda denominada Cachoeira, de que adiante fallaremos. A falta de rigor nas denominações dos rios tem dado origem a differentes protestos sobre o curso d'este riacho, que fica dentro da fazenda Agua-Izé. Tivemos occasião de observar a cataracta d'este ribeiro e vadiámol-o por differentes vezes.

Rio Ugunú.—Pertence á freguezia da Trindade e passa ao S. da roça Molembú.

Agua Santarem.—Tem este riacho o seu curso nas freguezias de Santo Amaro e Magdalena, entre as quaes serve de limite, segundo as respectivas determinações officiaes[1]. Passa a O. da roça Mesquita e do lado de baixo de terras denominadas Santarem. A freguezia da Conceição tambem se estende até esta agua.

Agua Gallo Cantá.—Tem o seu curso nas freguezias de Santo Amaro e Magdalena e passa ao lado de cima das terras denominadas Santarem, Allemanha e Obô do Meio.

[1] Vejam-se as portarias do governo provincial, de 13 de outubro de 1864 e 18 de janeiro de 1865, publicadas nas respectivas collecções dos boletim official da provincia.

Ribeira Potó.—Pertence á freguezia da Magdalena e passa ao fundo da roça Potó.

Agua Prata.—Tem o seu curso nas freguezias da Trindade e Graça, e corre a O. da roça Melhorada.

Agua Azeitona.—Pertence á freguezia de Santo Amaro e corre ao fundo da roça Maianço.

Agua Budo.—Pertence á freguezia da Graça e passa ao fundo de um pequeno terreno no sitio da Palha.

Agua Thomé Piedade.—Pertence á freguezia da Trindade e passa ao fundo da roça Mão Tres.

Agua Uba.—Pertence á freguezia da Magdalena e passa ao fundo da roça Poto-Rei.

Agua Pedroma.—Pertence á freguezia da Trindade e passa ao lado de cima da roça Guegu Brazil e na roça Pedroma.

Agua Lama.—Pertence á freguezia da Graça e passa á frente de uma pequena terra denominada Melhorada.

Agua Agumi.—Pertence á freguezia da Trindade e passa a E. da roça Molembú.

Agua Francisco Palha.—Pertence á freguezia de Santo Amaro.

Agua d'Agó.—Pertence á freguezia da Trindade e passa em frente de uma terra denominada Cabeça de Agua.

Agua Abbade.—Corre nas freguezias de Sant'Anna e Trindade e passa junto de algumas roças valiosas, a muitas das quaes serve de limite. É um rio importante, a respeito do qual daremos algumas informações.

Agua Grande.—Nasce, segundo dizem, entre os limites das fazendas Monte Café e Saudade, passa nas freguezias da Magdalena, Trindade, Conceição e Graça, banhando algumas roças importantes. Separa a freguezia da Conceição da da Graça. Alem da vista da cataracta denominada Blublú, damos uma descripção do curso d'este rio, segundo as informações que podémos obter.

Rio Manuel Jorge.—Nasce muito para cima da freguezia da Saudade, corre nas da Trindade, Sant'Anna e Graça e desagua na praia Melão de Cima. Damos uma breve noticia do seu curso e nomeâmos algumas das roças a que serve de limite. A freguezia da Graça chega até á margem esquerda, servindo de limite desde a altura do Cruzeiro denominado Petpet até ao mar.

Rio Clara Dias.—Nasce na roça Pinheiro e Uba Buddo e desagua na praia Almoxarife, depois de atravessar as freguezias da Trindade e Sant'Anna. D'elle faremos uma descripção especial, por passar junto a algumas roças importantes.

Ribeira da Enseada Engoba.—Pertence á freguezia dos Angolares,

tomando o nome da enseada em que desagua, a SO. da qual fica, segundo Cunha Matos, a grande furna dos Morcegos ou Enguibús[1].

Ribeiras da Angra dos Angolares. — Desaguam na praia de S. João dos Angolares.

Rio da Praia Io-Grande.—Pertence á freguezia dos Angolares. A sua foz, segundo Cunha Matos, torna-se inaccesssivel por causa da ressaca.

Regato da Praia Pesqueira. — Pertence á freguezia dos Angolares, onde se póde chegar com bom pratico.

Ribeira Martins Mendes. — Pertence á freguezia dos Angolares. A foz é uma cataracta, proxima á qual esteve em perigo Cunha Matos, quando em 1800 quiz observar de perto a quéda da agua.

Rio da Ribeira Peixe. — Segundo dizem, é um dos maiores da ilha. Ha na praia onde desagua uma aldeia dos Angolares, e affirmam ser sitio agradavel e muito frequentado. Este rio está officialmente indicado para separar a freguezia dos angolares da de Nossa Senhora das Neves. Não nos parece, porém, que este limite seja exacto.

Ribeira da Praia D. Affonso. — Este rio vem designado na chorographia de Cunha Matos, e é por isso que o inscrevemos aqui. Nunca ouvimos fallar d'elle.

Ribeira da Praia Palma. — Fica na costa de O. da ilha dos Angolares.

Rio de S. Miguel, na costa O. da ilha. — É notavel por desembocar na bahia abrigada por tres ilhéus, dando bom fundo proximo á costa. Estivemos ali em 1873, e observámos o viçoso e variado arvoredo que se levanta junto á praia. Não podémos desembarcar.

Ribeira da Praia do NE. da Ponta Furada. — Pertence á freguezia de Nossa Senhora das Neves.

Ribeira ao S. da Ponta Allemã. — Desce como a de Martins Mendes, em fórma de cascata, mas com menor volume de agua.

Ribeira da Fazenda Esprainha. — Ignora-se a sua origem e curso.

Ribeira da Fazenda Agua Funda. — Pertence á freguezia de Guadelupe e passa ao N. da ilha. É limpida a agua, e as margens do rio não são orladas de mangues.

Ribeira da Praia das Conchas.— Pertence á freguezia de Guadalupe e desagua na praia do mesmo nome.

Rio da Praia Preta ou *Praia Rei*, ou *Agua Funda da Praia Rei.* — Pertence á freguezia de Sant'Anna e passa ao N. da Fazenda Castello; na parte do S. tem todo o seu curso nas terras da fazenda Agua-Izé.

Agua Telha. — Tem o seu curso nas freguezias de Santo Amaro e Magdalena e corre ao fundo das roças Desejada, Maianço e Matheus Pi-

[1] É este o nome por que na ilha de S. Thomé se conhecem os morcegos.

na. Não sabemos onde nasce nem onde desagua, mas a sua importancia deprehende-se das roças que banha ou a que serve de limite debaixo de tal denominação. Ha dezeseis fazendas que têem os fundos no ribeiro Agua Telha, ficando umas na freguezia de Santo Amaro e outras na da Magdalena.

Rio de Oiro. — Tem o seu curso nas freguezias de Guadelupe, Magdalena e Trindade. É um dos mais pittorescos rios da cidade e desagua na praia Fernão Dias. Serve de limite entre a freguezia da Magdalena e Guadelupe[1].

Ribeira Diogo Nunes. — Pretence á freguezia de Santo Amaro.

Ribeira da Praia Lagarto. — Pertence á freguezia de Santo Amaro e serve de limite entre ella a da Conceição, da parte do mar.

Rio da Praia Ribeira. — Serve de limite entre as freguezias dos Angolares e de Sant'Anna. Damos uma vista da praia, onde se vê a foz do rio.

Regato da margem esquerda da bahia denominada Iogo-Iogo. — Não tem sido explorado e é ali que se vae buscar agua potavel, quando se fundeia na bahia.

Rio de Agua Salgada da bahia Iogo-Iogo. — Entrámos n'este rio, onde navegámos na companhia do infeliz governador João Climaco de Carvalho. É navegavel por escaleres[2].

Agua Dois. — Fundo da roça Obô Laranjeira.

Agua Picão. — Passa na roça Uba Budo.

Rio de Santa Catharina. — Não tem sido explorado nem temos d'elle informações algumas.

Agua Lemos. — Limita pelo SE. a gleba n.º 20 da roça Antonio Vaz.

Agua Amoreira. — É um dos affluentes do rio Agua Grande e serve de limite á roça Antonio Vaz.

Agua Angolár. — É um pequeno regato que rega a fazenda Conde dos Frades.

Agua Lemos. — É conhecida por este nome uma corrente que serve de limite a differentes roças, havendo mais de dez que n'ella têem seus fundos. Corre nas freguezias da Trindade e da Graça.

Descripção de alguns rios e roças que lhe ficam proximas. — *Rio Agua Grande.* — Diz-se que este rio tem a nascente na roça denominada Saudade, collocada por 800 metros de altitude. É conhecido o seu curso, porque passa entre diversas fazendas plantadas de café e atravessa a região mais

[1] Vide pag. 383, onde tratâmos d'este rio.

[2] O braço de mar a que nos referimos forma uma especie de peninsula ao S. da ilha. É um logar agradavel e onde ha boas madeiras.

povoada da ilha. Toma differentes nomes, alguns dos quaes merecem mencionar-se. Na frente da roça *Matheus Angolar de baixo*, é conhecido pelo nome vulgar de *Lava-o-pé*, e designado tambem por *Agua Creoula*, *Agua Ponte*. Desagua na bahia de Anna de Chaves, atravessando a cidade quasi ao centro. A corrente ali é morosa, e as margens são cobertas de cannas. Podiam-se fazer agradaveis passeios e largos desafogados de uma e de outra parte d'este rio, mas prefere-se deixar o terreno nú e esboracado pelos caranguejos, que lidam constantemente no seu destruidor trabalho.

Este rio tem differentes pontes de madeira, sendo quatro na área da cidade, e uma que liga a estrada que vae da cidade para a villa da Trindade, no sitio denominado Agua Grande, 4 kilometros distante da praça do governador Mello.

A sua foz fica ao lado esquerdo do largo de D. Luiz I, a qual muitas vezes se obstrue de areia. No preamar, todavia, as canoas sobem rio acima e vão descarregar peixe, tábuas e varios generos que trazem das villas de Sant'Anna e dos Angolares para a cidade.

Tem uma pittoresca quéda de agua, a que o povo dá o nome de Blublu.

O rio, passada a ponte que liga a estrada publica da cidade á villa da Trindade, corre em terreno horisontal até á proximidade da quéda de agua. As margens são baixas e os terrenos estão cultivados. O volume de agua é grande no tempo secco ou das ventanias, e n'esta occasião é agradavel e vistoso aquelle manancial. Modificado por algumas pedras, sobre as quaes se alarga, salta com suave murmurio de pedra em pedra, até se despenhar com impetuosidade sem encontrar obstaculo algum.

Para se fazer idéa do volume e fórma do lençol de agua do rio Agua Grande, ajuntámos a esta breve noticia uma gravura [1], representando a margem esquerda do rio, na encosta do Outeiro, não se descobrindo por isso o arvoredo que se ergue aos lados de tão pittoresco logar.

O curso d'este rio offerece tres divisões notaveis, segundo as informações que podémos obter. Estende-se a primeira desde a foz até á quéda de agua, passando entre as roças denominadas Santo Agostinho e Cima Colla, estando esta na margem esquerda e aquella na direita, prolongando-se até defronte da roça Madre de Deus. Todas estas roças eram do estado, e acham-se hoje vendidas a particulares, que lhe pozeram nomes distinctivos, sendo algumas assim registadas na conservatoria. Ha vestigios evidentes dos edificios onde havia em outro tempo engenhos de as-

[1] Veja-se a gravura *Catarata Blublú do rio Agua Grande, 4 kilometros distante da cidade.*

sucar, e poucos logares se conhecem mais apropriados para grandes passeios, do que as margens do rio na roça Santo Agostinho.

A segunda parte do rio marca-se entre a quéda de agua e o sitio em que elle tem o nome de Agua Creoula. A roça denominada Uba Flor é cortada pelo rio, havendo ali um moinho para moer milho e descascar café. Está na margem esquerda. Fica n'esta parte a ponte da estrada da villa de Trindade e a da Boca-Boca, sendo esta uma simples trave lançada entre as duas margens.

Observa-se aqui um phenomeno curioso ao passar o rio pela estrada Boca-Boca. O caminhante acha-se no centro de uma curva, parecendo-lhe dois rios saíndo d'entre o arvoredo, um do lado esquerdo e outro do lado direito, reunindo-se a seus pés. O curso do rio apresenta ali a fórma de um S, o que dá origem a tal illusão.

A outra parte é comprehendida entre a Agua Creoula e a chamada Cabeça d'Agua na roça Saudade, onde se suppõe ser a nascente.

As roças que se acham em relação com o rio Agua Grande são 32, divididas do seguinte modo: na freguezia da Santissima Trindade 22, na da Magdalena 5, na de Nossa Senhora da Conceição 2, na da Graça 2 e na de Santo Amaro 1 [1].

Rio Manuel Jorge.—Dá-se este nome á maior corrente que se encontra indo da cidade para a villa de Sant'Anna. Não é navegavel e em muitos logares tem as margens alcantiladas e cobertas de espesso arvoredo, formando-lhe aqui e ali uma especie de docel, sob o qual se tornam quasi invisiveis as aguas. Para a margem direita ha fazendas importantes, para as quaes se tem de vadiar o rio ou passar sobre um pau que se lança de uma a outra margem.

Este rio parece nascer proximo ao pico de S. Thomé ou nas suas proximidades, porque passa na frente da roça Macambrará, que é hoje a que fica a maior altura. Banha depois fazendas importantes e desagua na praia Melão de Cima, tendo a foz 15 metros de largura.

Não possuimos photographias de nenhum dos pontos d'este pittoresco rio, nem tivemos occasião de observar o tunnel em que passa, havendo sobre elle uma immensa ponte natural, coberta de arvoredo. Passeia-se por ali, admiram-se as arvores que se erguem altaneiras, e a poucos metros de profundidade corre um rio notavel da ilha o qual se esconde á vista do observador.

Este e outros phenomenos geologicos ainda não foram examinados

[1] Esta e as seguintes estatisticas das roças referem-se ao anno de 1872, e foram organisadas á vista do registo da conservatoria da ilha de S. Thomé. Tivemos de as reunir para não tornar o volume de dimensões incommodas.

povoada da ilha. Toma differentes nomes, alguns dos quaes merecem mencionar-se. Na frente da roça *Matheus Angolar de baixo*, é conhecido pelo nome vulgar de *Lava-o-pé*, e designado tambem por *Agua Creoula, Agua Ponte*. Desagua na bahia de Anna de Chaves, atravessando a cidade quasi ao centro. A corrente ali é morosa, e as margens são cobertas de cannas. Podiam-se fazer agradaveis passeios e largos desafogados de uma e de outra parte d'este rio, mas prefere-se deixar o terreno nú e esboracado pelos caranguejos, que lidam constantemente no seu destruidor trabalho.

Este rio tem differentes pontes de madeira, sendo quatro na área da cidade, e uma que liga a estrada que vae da cidade para a villa da Trindade, no sitio denominado Agua Grande, 4 kilometros distante da praça do governador Mello.

A sua foz fica ao lado esquerdo do largo de D. Luiz I, a qual muitas vezes se obstrue de areia. No preamar, todavia, as canoas sobem rio acima e vão descarregar peixe, tábuas e varios generos que trazem das villas de Sant'Anna e dos Angolares para a cidade.

Tem uma pittoresca quéda de agua, a que o povo dá o nome de Blublu.

O rio, passada a ponte que liga a estrada publica da cidade á villa da Trindade, corre em terreno horisontal até á proximidade da quéda de agua. As margens são baixas e os terrenos estão cultivados. O volume de agua é grande no tempo secco ou das ventanias, e n'esta occasião é agradavel e vistoso aquelle manancial. Modificado por algumas pedras, sobre as quaes se alarga, salta com suave murmurio de pedra em pedra, até se despenhar com impetuosidade sem encontrar obstaculo algum.

Para se fazer idéa do volume e fórma do lençol de agua do rio Agua Grande, ajuntámos a esta breve noticia uma gravura [1], representando a margem esquerda do rio, na encosta do Outeiro, não se descobrindo por isso o arvoredo que se ergue aos lados de tão pittoresco logar.

O curso d'este rio offerece tres divisões notaveis, segundo as informações que podémos obter. Estende-se a primeira desde a foz até á quéda de agua, passando entre as roças denominadas Santo Agostinho e Cima Colla, estando esta na margem esquerda e aquella na direita, prolongando-se até defronte da roça Madre de Deus. Todas estas roças eram do estado, e acham-se hoje vendidas a particulares, que lhe pozeram nomes distinctivos, sendo algumas assim registadas na conservatoria. Ha vestigios evidentes dos edificios onde havia em outro tempo engenhos de as-

[1] Veja-se a gravura *Catarata Blublú do rio Agua Grande, 4 kilometros distante da cidade.*

por pessoas competentes, e apenas têem servido para assumptos de folhetim e para objecto de curiosidade. Merece, porém, ser estudado o curso d'este rio, que é um dos mais extensos da ilha e atravessa fazendas importantes, não sendo pequeno o numero d'aquellas a que elle serve de limite, e passa na frente das roças de Santa Luzia, Uba-Metade, Gullu, cuja frente olha para o N., Mão Tres e Agua-Juntá, todas situadas na freguezia da Trindade. Alem d'estas fazendas ha outras que se estendem até á margem onde marcam os fundos.

As roças de que temos conhecimento são Cró-Cró, na freguezia da Trindade, assim como Cassumá, Guingue, Bemfica, Moka ou Barro Branco, Guegue Brazil, Cabeça de Agua, Cangá e Cabeia.

Corre este rio a E. da roça denominada S. Nicolau, collocada a 900 metros de altitude, e serve de limite, pelo N., á fazenda Sacavem, aberta n'um dos sitios mais bellos e amenos da ilha de S. Thomé. Passámos ali alguns dias e podémos medir a altitude de alguns outeiros, onde se faz a cultura do café; e subindo o morro mais alto, que fica em frente da casa de habitação, disfructámos um dos mais lindos panoramas que se póde offerecer n'aquella privilegiada ilha.

Estão em relação com o rio Manuel Jorge 54 roças, divididas do seguinte modo: na freguezia da Santissima Trindade 44, na de Sant'Anna 4 e na da Graça 6.

Rio Clara Dias.—Desagua este rio na praia Almoxarife, tendo pequeno volume de agua; corre entre os rios Manuel Jorge e Agua Abbade, atravessa differentes terrenos collocados nas freguezias da Trindade e de Sant'Anna e passa a O. das roças Agua-Izé e Uba-Budo, e ao S. ou fundos das roças Gullú, Uba Metade, Pedroma, Guegue Brazil e Pinheira.

As roças que estão em relação com o rio Clara Dias são 12, divididas pela maneira seguinte: na freguezia da Santissima Trindade 4 e na de Sant'Anna 8.

Rio Agua Abbade.—Desagua este rio a pouca distancia da casa de habitação da fazenda denominada Agua-Izé, o qual fica dentro d'estas vastas terras, onde tem todo o seu curso. Damos uma gravura com a vista da foz, assim como da pittoresca bacia onde a agua se espraia correndo com suave murmurio por entre as pedras que cobrem o seu leito. As lavandeiras vêem ali lavar as roupas, mas não tendo para isso lavadouros regulares, aproveitam as toscas pedras do rio que lhes ficam mais proximas. As que se representam na gravura são as da fazenda Agua-Izé, que fica a pouca distancia[1].

[1] Veja-se a gravura *Vista do rio Agua Abbade, a pouca distancia da foz, na ilha de S. Thomé. Lavandeiras da fazenda Agua-Izé.*

E viçoso e alentado o arvoredo da margem esquerda, que se rodeia para chegar á morada dos senhores de Agua-Izé.

A foz do rio é pequena como é geralmente a dos rios mais conhecidos de S. Thomé. O recife que se levanta em frente torna-se visivel na gravura que apresentâmos. D'elle fallou o chorographo Cunha Matos. A ponta esquerda é baixa e de areia; a direita pouco elevada e arborisada. Fica por ali uma plantação da arvore chamada fructa-pão. *(Artocarpus inciza.)*

Passa este rio a O. das roças Agua-Izé e S. Nicolau, e á sua margem esquerda chegam os fundos das roças Plató-Café, Santa Luzia, Macambrará e Sacavem. É um dos rios cuja origem importa conhecer, parecendo, porém, que elle nasce em algumas planuras ou aberturas proximas ao pico de S. Thomé.

Ajuntámos duas gravuras d'este rio, porque a elle se prendem recordações importantes, porque é dos mais extensos e atravessa a maior das fazendas da ilha [1].

Estão em relação com o rio Agua Abbade 13 roças, divididas pela seguinte forma: na freguezia de Sant'Anna 2 e na da Santissima Trindade 11.

Agua Funda da Praia Rei.—Damos uma gravura da foz d'este rio que passa no interior das terras de Agua-Izé, o qual desagua na praia Rei e tem o nome de rio de Praia Preta, de Praia Rei ou Agua Funda de Praia Rei [2]. Divide a fazenda Agua-Izé propriamente dita da fazenda denominada Castello do Sul.

As cartas geographicas de Lopes de Lima e de Boteler não determinam a posição d'este rio, nem do rio Agua Abbade. Regulam-se todos pelas informações do chorographo Cunha Matos, que descreveu a costa da ilha de S. Thomé com muita minuciosidade, sendo porém inexacto em alguns pontos. Não pôde Lopes de Lima rectificar a posição das praias e rios, de modo que os trabalhos d'estes dois escriptores são hoje muito deficientes.

Rio de Oiro.—Nasce este rio, segundo dizem, no Monte Café, sobre o qual se acha a conhecida fazenda d'este nome, cuja altitude varia entre 700 a 800 metros acima do nivel do mar.

Encontra-se a foz do rio a cerca de 12 kilometros da cidade de

[1] O rio Agua Abbade serve de limite entre as terras da fazenda Agua-Izé e as fazendas situadas na face do NE. da ilha.

[2] Veja-se a gravura *Rio, bahia da praia Rei e habitação da fazenda Agua-Izé, 12 kilometros distante da cidade.*

S. Thomé, um pouco adiante da praia Fernão Dias, que é uma das mais agradaveis da costa septentrional da ilha. Passa entre coqueiros, e atravessa a roça de Joaquim José do Prado.

É um dos rios mais pittorescos e a respeito do qual vogam lendas mui curiosas.

Merecem ser visitadas as furnas que têem fama na ilha, assim como as cascatas, cuja vista é digna de ser apreciada.

As roças que estão em relação com o rio de Oiro são 17, as quaes se dividem do modo seguinte: na freguezia de Nossa Senhora de Guadalupe 4, na de Santo Amaro 1, na da Magdalena 10 e na da Santissima Trindade 2.

Cidade de S. Thomé. — Para se fazer idéa approximada da cidade da ilha de S. Thomé julgâmos mais conveniente que o leitor nos acompanhe a um passeio por toda ella. Saíremos da agradavel e salubre fortaleza de S. Sebastião pelas quatro horas da tarde e, no espaço de duas horas, poder-se-ha examinar a cidade como a vimos em 1872.

Perto da fortaleza encontra-se um largo no extremo da ponta meridional da bahia de Anna de Chaves.

Á esquerda, olhando para a cidade, está um muro marginal, a partir do angulo oriental da fortaleza até ao principio da lingua de terra que se estende entre o pantano e o mar; á direita existe uma pequena calheta, adiante da qual se vê uma ordinaria e mal feita estacaria para impedir que as aguas do mar transbordem para aquella parte do largo da fortaleza.

D'este largo passa-se por uma ampla rua entre o barracão que serve de quartel e um retiro ajardinado, feito modernamente, em frente d'aquelle mal collocado barracão. No fim d'esta rua fica outro largo espaçoso.

De um lado existem pedras negras e repugnantes, que bem poderiam ser substituidas por um ameno jardim, do outro a cozinha do batalhão de caçadores n.º 2, conjunctamente com a arribana de um boi e a casa da guarda, tudo muito proximo ao mar.

Apparecem emfim as primeiras casas e entra-se na rua do Espalmador, que é regular, tendo de um e de outro lado edificios feitos de madeira; no meio d'esta rua depara-se ao observador uma das pontas da cidade. Demoremo-nos ali por algum tempo, e observemos o que nos cerca em volta.

A agua do mar passa sob esta ponta, e alimenta uma extensa e longa lagoa que na vasante fica descoberta e nas peiores condições em que se podem observar taes logares.

Ponte da alfandega, em 1875

Vem á mente perguntar a rasão por que, durante quatro seculos, não houve quem se empenhasse em impedir que a agua do mar fosse crear, junto da cidade, pantanos, charcos e logares infectos. Ninguem de certo responderá, mas o pantano ali está e continuará a prejudicar por muitos annos a cidade.

A ponta do Espalmador serve de communicação áquella rua, e vê-se á esquerda a acanhadissima casa onde se recolhem os addidos e se denomina *Deposito penal!* N'esta parte da rua só ha casas d'aquelle lado. Entre ellas existem dois edificios grandes e regulares. A vista é desafogada, mas nota-se o grande inconveniente das numerosas canoas e redes que por ali estão obstruindo a praia. Á comprida rua do Espalmador segue-se a rua da Praia, que vae passar ao pé da porta da pharmacia e da alfandega, terminando no largo do Palacio do Governo, e a rua do Tronco, que tem casas de ambos os lados. Passâmos por esta rua, que é pequena e termina n'um largo de onde partem as ruas da Misericordia, de Domingos Antonio e de S. Miguel.

É preciso escolher uma d'estas para continuarmos o passeio. Optâmos pela da Misericordia que tem a denominação do edificio, o qual é muito antigo, mas sem cousa alguma notavel.

No extremo d'esta rua fica a cadeia civil e em frente d'ella a igreja da Misericordia, para o largo do Palacio, hoje de D. Luiz I.

A santa casa da misericordia tem o edificio arrendado ao governo para serviço da alfandega, e em alguns de seus velhos armazens esteve por muitos annos estabelecida a pharmacia.

Esta rua não é muito extensa.

Atravessemos rapidamente o largo do Palacio para chegarmos á primeira ponte do rio Agua Grande.

O muro marginal que circumda o largo é uma das uteis obras que se tem feito. A foz do rio Agua Grande muda muitas vezes por causa da areia que a entupe.

Póde seguir-se pela margem esquerda do rio, ou pela rua do General Calheiros, ou então pela da Praia. Seguiremos por esta ultima, a fim de observar a limpeza da praia. A rua por este lado é muito comprida. É triste o passeio. Falta ali o arvoredo!

A limpeza não é regular[1]. Differentes travessas convergem para esta rua, mas não entraremos em nenhuma e seguiremos sempre até á travessa proxima ao cano do esgoto, que conduz as aguas do coqueiral e

[1] Referimo-nos ao que sempre observámos emquanto estivemos na ilha de S. Thomé

da roça Arrayal, onde hoje está a horta militar[1], para crear o pantano a que o povo dá o nome de *Agua Fede*. Sobre este cano infecto está lançada uma ponte de madeira. Paremos aqui um pouco.

De um dos lados da cidade fica a rua Alegria, que é ampla e desafogada, e do opposto existe a rua da Conceição. O cano de esgoto dirige-se para o N. vindo de SO., e a rua da Conceição tem o rumo de NO. Sigamos por esta e passemos sobre a ponte do ribeiro, que dizem chamar-se Agua Garcia. Fazem lavadouro ao pé da ponte, o que é improprio, assim como é inconvenientissima a vegetação cerrada que por ali avulta. N'esta ponte, extremo da rua da Conceição, começa a rua de S. João, que só tem casas do lado direito e do esquerdo é tudo mato, e vae terminar no templo da mesma denominação. É ali o extremo N. da cidade de S. Thomé, de onde se vê a estrada ou antes a ladeira que conduz ao cemiterio, e se encontra uma superficie que se estende a par da estrada publica, a qual seria uma agradavel e pittoresca alameda se, em logar do baixo e rasteiro mato de purgueiras e de goyabeiras que a cobrem, estivesse convenientemente tratada.

É preciso voltar pelo mesmo caminho até chegarmos á ponte lançada no cano de esgoto da roça Arrayal, a fim de passarmos não longe da igreja da Conceição, que não parece templo de uma cidade, porque está cercado de mato. Tudo por ali revela pobreza e descuido.

Um pequeno carreiro, limite da cidade pelo SO., conduz, não para uma rua em boas condições, mas para um caminho acanhado, mal feito e mal conservado. Fica entre um abandonado e mal disposto palmar e os quintaes das ruas Alegria e Goi, na extensão approximada de 570 metros.

É de toda a conveniencia melhorar as condições d'aquelle mal tratado terreno, transformando-o em um bom palmar, jardins publicos e aprazi- veis passeios.

A rua do Rosario, principio da estrada da Madre de Deus ou da Agua Grande, conduz ao caminho de que fallámos, o qual mais parece ser de uma fazenda abandonada que de uma cidade capital de provincia. Approximemo-nos da tortuosa corrente do rio Agua Grande. Vamos até á quarta ponte d'este rio, ou ponte Tavares, limite da cidade da parte de SO. As margens estão cercadas de arvores. Os zig-zags que o rio faz dão-lhe feio aspecto e explicam bem o pantano que forma junto da terceira ponte denominada Locumi.

Por que rasão se não fazem descer as aguas em linha recta até á foz?

[1] Referimo-nos ao anno de 1877, e é justo dizer que o sr. Henrique Augusto Dias de Carvalho se empenhou em fazer do pantano da roça Arrayal um logar util e agradavel.

Por que rasão se não hão de construir paredes marginaes, embora sejam de estacas, a fim de impedir que as aguas, nas marés vivas, transbordem a ponto de não ser possivel a passagem no principio da rua das Rosas? É esta uma das obras de primeira necessidade, e que devia fazer-se com brevidade.

É triste e desconsolador descer pela abandonada rua de Santo Antonio, e ainda mais desconsolador é o abandono em que está o largo que fica entre a margem direita do rio, desde a ponte da rua da Feira ou de Santo Antonio até á de Locumi por uma parte, e por outra o lado esquerdo da rua de Santo Antonio e o da pequena rua que põe o largo da Sé em communicação com a ponte de Locumi.

Não é um largo, é um mato baixo, espesso, inutil e improductivo.

É necessario fazer ali uma vasta praça, segundo todas as condições da arte e da boa hygiene[1].

O templo da Sé é de apparencia agradavel e merece pela sua natureza e importancia ser visitado.

Desde 1867 que está em obras, e se não se acham ainda concluidas muito pouco lhes deve faltar, se não acontecer o que frequentemente succede com as casas que os naturaes mandam construir, e que muitas vezes não acabam para não se lhes applicar o singular agouro: «Casa acabada morte chegada».

O grau da moralidade, da civilisação e do progresso de uma cidade avalia-se pelos templos, pela cadeia, pelas casas das escolas e pelo hospital. Na cidade de S. Thomé os templos raras vezes são caiados e alguns estão sem solho, como o da Conceição; a cadeia tem prisões improprias, como os medicos têem demonstrado e os factos patenteado; as casas das escolas são inclassificaveis; no hospital não se podem fazer as obras necessarias para commodo dos doentes, porque o predio não pertence ao estado.

Os pantanos, os paúes, os terrenos encharcados e as margens do rio Agua Grande merecem muita attenção dos poderes publicos, a fim de que se attenuem ou destruam as causas principaes da insalubridade da cidade de S. Thomé.

Limites da cidade de S. Thomé[2]. — Os limites d'esta cidade são, segundo um documento official que possuimos, os seguintes: «do *Pau da Marca* a um coqueiro, pertencente ao casal do fallecido Antonio José Pimentel;

[1] Causa pena ver o desleixo em que permanece este logar. Existe ali um paul infecto onde podia fazer-se um agradavel jardim!

[2] Achavamo-nos encarregados de um trabalho official para a junta de saude publica, e precisando por isso saber os limites da cidade de S. Thomé, requere-

d'este coqueiro á igreja de S. Miguel, pelo nascente. Da igreja de S. Miguel até um *carreiro* que existe no *campo*, o qual segue para a igreja de Santo Antonio. Da igreja de Santo Antonio á ponte Tavares. Da ponte Tavares á igreja do Rosario. Da igreja do Rosario para baixo até *uma palmeira, em que se poz um marco*. D'esta palmeira *por uma linha de coqueiros* até á roça Arrayal. Da roça Arrayal *pelo caminho* denominado *Juco* até á igreja da Conceição. Da igreja da Conceição por uma linha de coqueiros até á ponte Locumi. Da ponte Locumi por *uma linha de coqueiros* até á igreja de S. João.»

Ahi ficam designados os limites officiaes da cidade da ilha de S. Thomé! Não é muito facil adivinhar onde jaz *aquelle pau de marca*, e ainda menos *aquelle coqueiro*, que se torna recommendavel por ser pertencente a certo individuo!

Do tal coqueiro á igreja de S. Miguel a linha de separação não será facilmente calculada, por não se saber se é representada por uma linha recta, curva ou quebrada, se está mais proxima aos quintaes ou mais perto da margem esquerda do paul, campo ou descampado de S. Miguel, o qual, como dissemos, tem por ali grande extensão.

N'este campo, ao lado esquerdo de quem desce para o mar, ha um carreiro que foi escolhido para limite até á igreja de Santo Antonio. Mas onde nos conduzirá esse atalho? em que sitio do largo de Santo Antonio termina elle? O terreno do antigo cemiterio não pertencerá á cidade? Nas proximidades da igreja de Santo Antonio ha outro carreiro, mais ou menos mudavel, mas que sempre é mais distincto em direcção á ponte Tavares, e fica logo adiante a igreja do Rosario e ao pé da estrada denominada Madre de Deus ou do Rosario[1].

mos ao governo da provincia que nos mandasse passar a respectiva certidão. Custou-nos 3$085 réis, mas ao menos conservâmos um documento original sem o qual difficilmente se acreditaria o que se lê no texto. Não sabemos se os registos estão assim feitos, ou se o documento foi passado por algum amanuense menos pratico d'estes serviços; o que é certo é que a certidão está authenticada devidamente, e que a responsabilidade do seu conteúdo cabe toda á auctoridade superior da secretaria, ainda mesmo, o que não é de suppor, a assignasse sem ler ou commettesse este serviço a pessoa de sua confiança. Em papeis d'esta ordem deve haver todo o cuidado, porque d'elles depende muitas vezes opinião mais ou menos favoravel da localidade que se descreve.

[1] A cidade de S. Thomé parece condemnada a permanecer eternamente junto á praia, o que nós sempre reprovámos desde que ali chegámos. Mas já que a fatalidade a persegue, cuide-se ao menos de a dotar com os melhoramentos de que tanto carece e que tão facilmente podem ser realisados; e aindaque se não effectuem todos immediatamente, ao menos que se prefiram os de mais instante necessidade, e conforme as forças do thesouro o permittirem.

denominação. Começa na ponte Sum Migué, segunda do rio, onde muitas vezes se não póde passar, por causa da agua que a invade a distancia de uns 10 metros. Ao lado esquerdo, subindo, ha quintaes immundos.

Rua Baixo da Sé, rua Cima da Sé, rua Atrás da Sé.—Não se deve dar o nome de ruas ao que mais propriamente se deveria denominar adro ou largo da Sé.

Rua da Ponte Sum Migué. —É a que limita o charco, pantano ou terreno alagadiço que fica na margem direita do rio Agua Grande, e foi em tempo leito do tortuoso rio da cidade. N'esta rua inclue-se a de Trás da Sé, havendo ao principio (do lado da Sé) uma pessima descida, que felizmente é pequena.

Rua da Feira Velha.—Conduz para o largo de Santo Antonio, passando sobre a terceira ponte do rio da cidade. Não está calçada, nem satisfaz ás mais simples regras exigidas em construcções d'esta ordem.

Rua de Santo Antonio.—Não deve dar-se o nome de rua a similhante carreiro, de pessimo pizo e obstruido por hervas. Por ali ficam matos espessos de bananeiras, goiabeiras, etc. Em 1865 foi abandonada por causa da epidemia de variola, e difficilmente se construiam ali predios. D'este abandono resultou ser uma das mais obstruidas e perigosas da cidade.

Travessa de Santo Antonio e rua do Amaral.—Correm para o lado do campo, paul ou descampado, e por estarem mais afastadas, são totalmente esquecidas; todos os quintaes que lhe ficam proximos estão em pessimas condições.

Rua de Catharina Jorge.—Vae do largo da Sé para o de S. Miguel. Não é calçada nem regular. Poucas vezes está completamente limpa.

Travessa da Rua de Catharina Jorge.—É uma viella inclassificavel, estreita e de mau pizo.

Rua de Domingos Antonio.—Principia no largo da Sé e encontra-se com a rua de S. Miguel; não é limpa, e ao lado esquerdo fica-lhe o alto muro do quintal da casa da residencia dos governadores. Ha ali um casebre ou cubata que a camara municipal não tem mandado retirar. O seu pizo é pessimo.

Rua da Misericordia.—É a continuação da rua do Tronco; é pouco extensa, não é calçada e acaba no largo do Palacio.

Travessa da Misericordia.—Passa entre a velha pharmacia do estado e vae sair á praia; tem mau pizo e recebe as aguas que escoam das ruas da Misericordia, de S. Miguel e outras, as quaes formam um regueiro que a tornam de mau pizo.

Rua da Praia da Misericordia.—Passa entre a ponte e a frente da

alfandega, e segue até se encontrar com a rua do Tronco. Podia ser uma formosa rua se se lhe fizessem alguns melhoramentos.

Rua de S. Miguel, travessa de S. Miguel e beco de S. Miguel.—Formam o bairro de S. Miguel que está muito abandonado, e onde as hervas, que obstruem esta parte da cidade e que por ali apodrecem, são prejudiciaes, por serem em grande quantidade e levadas pelas aguas pluviaes para outras ruas.

Rua do Tronco.—Ao extremo da rua do Espalmador seguem-se as ruas da Praia e do Tronco, abrindo-se em angulo agudo, o qual é fechado pela rua e travessa da Misericordia, formando assim um quadrilatero, cujo lado maior é a rua da Praia.

Rua do Espalmador.—É uma das maiores ruas da cidade, porque comprehende a praia (futuro boulevard) e a ponte da Alagoa, que põe esta parte em communicação com o seu seguimento, o qual devia ter differente nome; vae saír ao largo da fortaleza de S. Sebastião.

As ruas, quer orientaes quer occidentaes, são irregulares.

Coqueiros, bananeiras, arvores inuteis, trepadeiras, arbustos, sub-arbustos, etc., tornam a cidade humida e espantosamente assaltada por mosquitos, melgas, caranguejos, ratos e por outros animaes incommodos e muito damninhos.

Não será facil o melhoramento da cidade, sem se tirar primeiro a respectiva planta [1], não só para se dirigirem os trabalhos com methodo em relação ás ruas largas e quintaes existentes, mas tambem aos parques, jardins, praças, passeios, ruas ou bairros que se formarem.

Não nos demoraremos a fallar ácerca do melhor modo de empedrar ou calçar as ruas, nem da necessidade de haver limites bem determinados em volta da cidade. São assumptos que se patenteiam, conhecendo-se a direcção, exposição, inclinação e qualidade dos terrenos.

Parece-nos tambem que seria inutil estabelecer hypotheses sobre um objecto tão positivo, pois é certo que as obras são variaveis e de execução mui diversa, segundo as circumstancias; as ruas devem ser bem calçadas, bem arborisadas e construidas de maneira que recebam o vento do N., NE., NNE., etc.

Não haverá n'ellas canos de despejo, e deve-se attender mais que tudo á sua inclinação para que as aguas não as encharquem. São estas as regras geraes, mas como ali falta tudo, não falte ao menos a lembrança!

A freguezia da Conceição tem, como a da Graça, algumas ruas com-

[1] Escreviamos em 1873 estas observações, e em 1876 realisava-se o nosso desejo. Não foi preciso senão que chegasse á ilha de S. Thomé um trabalhador e intelligente director de obras publicas.

muns, a saber: a do General Calheiros, Soares, das Rosas e da Praia, as quaes já nomeámos.

Existe n'esta freguezia a praça do Governador Mello, á qual vem saír as ruas do Pelourinho, das Flores, da Praia Tabaco, do Morgado, do General Calheiros, duas travessas da rua da Praia e a rua Açougue. São as mais limpas, com excepção da rua da Praia Tabaco.

A rua Goy segue parallela ao celebre caminho Juco, assim como a rua Alegria.

A rua Agua Fede corresponde ao nome, assim como o bairro que é intoleravel.

Quem poderá classificar o notavel Mato Quitibá?

São repugnantes os logares designados pelos nomes Juco, Agua Fede, Quitibá. Se a parte oriental da cidade carece de melhoramentos, a parte occidental reclama-os com mais urgencia e necessidade.

Os trabalhos de saneamento da cidade de S. Thomé serão mais dispendiosos do que a mudança da cidade? Será possivel abandonar esta?

São assumptos mais para o architecto e engenheiro resolverem, do que para o medico tratar; é porém indispensavel e urgentissimo fazer-se alguma cousa, n'um ou n'outro sentido.

A actual cidade de S. Thomé não está á altura d'esta denominação, e podemos acrescentar que nem nos parece aldeia, nem campo, nem bosque, nem villa, nem logar, nem logarejo... é uma superficie de areia, com casas pessimamente collocadas.

Para terminarmos as nossas informações a este respeito, copiámos do relatorio de 1869 um trecho, por onde se vê que o empenho dos medicos tem sido o mesmo em todos os tempos, como está demonstrado nos relatorios medicos de que temos conhecimento desde 1860 até 1862, ou antes até ao principio do anno de 1873, em que escrevemos o do anno anterior. Quando os governos não querem e os directores de obras publicas não executam os conselhos dos medicos, que devem estes fazer? Ao medico sómente cumpre aconselhar; é esta a nossa missão, e nada mais.

O que se disse em 1865 e 1869 deve ser bem apreciado, e todos os pareceres dos medicos têem sido coherentes. Aprecie-se finalmente o seguinte extracto do relatorio de 1869:

«A cidade de S. Thomé assenta em um terreno arenoso e baixo, lavado pelas aguas do oceano, em uma praia que corre desde o N. até ESE., ficando-lhe n'esta extremidade um terreno pantanoso, por onde entra o mar nas grandes marés, depositando ahi grande quantidade de sal, que os indigenas extrahem e purificam por meio de evaporação ao fogo, para os seus usos culinarios.

«Ao S. da cidade jaz outro pantano, em um vasto campo coberto de relva e capim, proximo ao muro do antigo cemiterio, na cerca do extincto hospicio de Santo Antonio, até á vizinhança da igreja de S. Miguel, constituindo uma verdadeira fonte de exhalações nocivas á saude publica.

«Para remover os males causados por este foco de infecção e outros similhantes que existem na povoação, a junta de saude publica da provincia (de que eu fazia parte) dirigiu em 1862 ao governador de S. Thomé um relatorio, no qual se apresentaram as considerações que um assumpto de tanta magnitude suggere, e se propozeram os meios de remover taes males; mas os governos até hoje (fins de 1865) têem descurado completamente de taes ramos de serviço publico, aliás de tão alta transcendencia, tendo-se unicamente conseguido a mudança do cemiterio para outro ponto mais conveniente, com exposição ao N.

«Como querem, pois, que melhorem as condições de salubridade em um paiz onde se desconhecem os preceitos de hygiene publica, e onde as auctoridades administrativas, em geral, pouco curam do melhoramento material e intellectual de seus habitantes?

«Queixam-se da grande mortalidade que ha no paiz, pedem medicos, mas não applicam os meios que estes aconselham.

«Que serviço esperam, pois, que os medicos prestem?

«A posição da cidade é má e a sua exposição pessima.

«A primeira providencia seria fazer a mudança, para outro sitio conveniente, das repartições publicas. Com o andar dos tempos deixariam de existir casas nos logares onde hoje se vão construindo.

«Como é sabido, não foi o local em que hoje assenta a cidade o primeiro escolhido; passou da praia Anna Ambó, a umas 4 leguas (20 kilometros) da cidade actual, na costa do N., para o logar que occupa presentemente; para o melhorar é preciso ao menos tentar alguma cousa. A cidade de Loanda tem parte alta e parte baixa: n'esta trata-se do commercio durante algumas horas do dia; n'aquella vive-se, passa-se a noite. Para S. Thomé aconselhâmos a mesma cousa.

«As principaes repartições publicas devem estar em posição vantajosa. Pelo menos o palacio do governo, o hospital, o observatorio meteorologico, a cadeia civil, etc., devem ser feitos em boas condições.»

Os medicos não podem levar mais longe os seus trabalhos, nem as suas considerações: cumpre-lhes mostrar as condições em que se acham as localidades. Aos poderes publicos incumbe a execução dos melhoramentos que forem indispensaveis.

Estatistica dos predios urbanos existentes na ilha de S. Thomé

Freguezias	Numero de predios
Nossa Senhora da Conceição (cidade)............................	44
Nossa Senhora da Graça (cidade)................................	16
Sant'Anna..	3
Santo Amaro..	4
Santissima Trindade..	13
	80

A estatistica dos predios urbanos que apresentâmos não comprehende as differentes casas edificadas nas fazendas agricolas nem as que se fizeram depois do anno de 1872. Daremos, porém, uma breve noticia das construcções em geral, e do estado em que ellas se acham em 1876, segundo a informação do director de obras publicas, Henrique Augusto Dias de Carvalho; e para complemento ajuntâmos uma vista[1], tirada da torre da igreja da Sé, na qual se distingue a cidade e a região septentrional da ilha, o monte Macaco e o principio da serra que se ergue ao rumo O. da cidade e se estende por um arco de circulo de 20° magnetico.

«Se retrogradarmos trinta annos, diz o habil director de obras publicas, vemos a cidade de S. Thomé composta, na maior parte, de casebres ou choupanas e de muito poucas habitações com as commodidades precisas e construidas segundo as indicações da arte.

«Ainda hoje (1876) se vêem pequenas casas de madeira, terreas e feitas com pouca solidez, a ponto de se encontrarem mais ou menos inclinadas, sendo preciso escoral-as ou deital-as abaixo para evitar sinistros.

«Sem alicerces, enterrados apenas os esteios $0^m,6$ a $0^m,8$ no solo, eram perfiladas as habitações. Pregavam-se pelo lado exterior tábuas delgadas e de pequena espessura, e assim ficavam completas as paredes. N'estas deixavam-se aqui e acolá rasgamentos ou aberturas, que eram as janellas e portas. O todo era coberto de madeira, e, mais tarde, algumas recebiam ainda uma outra cobertura de telha, vinda então da ilha do Principe. No tempo das chuvas ou ventanias os rasgamentos que serviam de janellas eram tapados com pannos ou com tábuas.

[1] Veja-se a gravura a que já nos referimos: *Uma vista da cidade de S. Thomé, tirada de cima da torre da Sé.*

«As melhores habitações em dois andares eram feitas quasi do mesmo modo, mas com melhores madeiras, apparelhadas apenas a machado. Tinham portas, aindaque grosseiras, nas janellas; e quasi todas á frente possuiam varandas sustentadas sobre prumos. Encontram-se sitios, em que as paredes do andar terreo, a frente e lados, eram construidas de pedra e barro, que ultimamente hão sido rebocadas a cal e caiadas.

«As casas, por mais pequenas que fossem, ao lado e fundo, todas tinham quintaes ou pateos cercados por tábuas ordinarias, terminando superiormente em angulos mais ou menos agudos ou por pequenas arvores unidas umas ás outras e de pouco crescimento, conhecidas pelo nome de *Quimes*.

«Começando a exportação do café em maior escala, os proprietarios das melhores fazendas, tendo bastantes braços aproveitaveis para o officio de carpinteiro, animaram-se a mandar vir alguns artistas que foram educando aquelles. As arvores derrubadas foram então serradas e apparelhadas com as devidas ferramentas, e principiaram nas fazendas a construir habitações mais regulares, armazens, hospitaes e outros estabelecimentos.

«Estes novos operarios, com a pratica que íam adquirindo, e podendo os agricultores dispor de braços para o transporte de madeiras apparelhadas, começaram a construir habitações muito regulares, obrigadas a riscos ou planos, segundo o gosto e vontade dos proprietarios, e feitas com mais segurança e solidez do que no meado d'este seculo.

«As melhores casas da cidade de S. Thomé são a da agencia do banco ultramarino, as dos negociantes José Velloso de Carvalho, João da Costa Guimarães, Manuel Joaquim de Sousa, Salvador Levy, Joaquim Antonio Gomes Roberto, João d'Alva e Antonio Paiva Soares Diniz, e as dos agricultores D. Adelaide Garção Stockler, Manuel da Gloria Costa Alexandre, Ruy Mattoso da Camara, Luiz Joaquim da Cunha Lisboa, dr. Gabriel de Bustamante, José Antonio Saavedra Martins, José Antonio Freire Sobral, Theodosio ds Silva Varella, Thomás da Costa e Joaquim Antonio Bahia.

«Póde dizer-se que todas estas construcções hão sido feitas nos ultimos dez annos, não sendo pequeno o numero das que se construiram desde 1873 até hoje (1876).

«A par d'estas construcções apenas possuia o governo n'esta cidade *quatro edificios*, dos quaes tres, casas particulares muito antigas e arruinadas, sem as precisas commodidades de vida, luz e pouco salubres; serve uma no Espalmador de quartel aos degredados; outra, mui pequena e acanhada, junta ao palacio do governo, serve de cadeia civil; a terceira, offerta de Anna Chaves, por muitos annos tem sido residencia dos governadores; a quarta finalmente não é outra cousa mais que um barracão di-

vidido interiormente e construido impropriamente para quartel, onde está alojado o batalhão de caçadores n.º 2.

«As outras repartições publicas acham-se em casas arrendadas, distantes umas das outras, sem accommodações, velhas, não tendo a devida segurança, chovendo em algumas e estando arruinadas.

«Assim estão: o tribunal judicial, conservatoria e escola para o sexo masculino n'uma casa da viuva Freitas, ao Espalmador; a alfandega em uns casebres da santa casa da misericordia, annexos á igreja da mesma, á esquina da praça de D. Luiz I; o hospital n'uma casa antiquissima, na rua da Alegria, que hoje (1876) é mais um foco de doenças que um estabelecimento de saude, devido á accumulação de doentes e falta de condições hygienicas que deve haver em taes estabelecimentos; a escola do sexo feminino, em uma pequena casa na rua do Tronco; a policia aquartelada em um pequeno barracão na rua Goy, que não tem a capacidade precisa, nem a conveniente luz e ventilação; a administração do concelho com a camara municipal em uma casa abarracada, que não tem os alojamentos indispensaveis para uma só d'estas repartições; emfim, a repartição das obras publicas acha-se hoje na mesma casa em que estão a secretaria do governo, a curadoria, a contadoria da fazenda e a sala das sessões do conselho do governo da provincia, etc., tendo por baixo armazens de peixe salgado e de outros generos, d'onde exhalam emanações putridas, que passando através das fendas dos sobrados, enauseiam e incommodam os empregados, principalmente no tempo quente, o que os obriga muitas vezes a saír das repartições para respirarem melhor.

«Todas estas propriedades não passam de casebres muito arruinados sem condições proprias para um clima quente como este, e não merecem confiança pela pouca resistencia que offerecem, podendo ser arrombadas ou assaltadas a qualquer hora da noite, em que mal intencionados podem desviar quaesquer documentos ou papeis importantes.

«Pelo que respeita a templos, exceptuando o da Sé, que não está concluido, a capella de S. Sebastião, que foi o anno passado (1875) mandada reparar pelo governo, e o de Nossa Senhora da Conceição, que está sendo reparado por esmolas, as mais igrejas estão mais ou menos arruinadas e algumas em completo abandono!

«As construcções de todas são bastante rusticas, simples e sem elegancia alguma. As paredes, feitas de pedra e barro, foram calafetadas e caiados interiormente, e só no frontispicio exteriormente. O madeiramento, coberto de telha vã, fórma os seus tectos, e o terreno, apenas batido, o seu pizo.

«Os altares feitos de madeira, muito toscos, conservam-se ainda com figuras pintadas mais ou menos grutescas.»

Mappa estatistico dos predios urbanos da ilha de S. Thomé referido aos livros da conservatoria da mesma ilha

Designações	Freguezias	Posição	Valor estimativo	Possuidores
Casa de madeira coberta de telha, com 1.º andar, lojas, armazens, paioes, etc.	Conceição	Frente.—Rua do General Calheiros. Fundo—Praia.	8:400$000	José Velloso de Carvalho.
Uma propriedade de casas de habitação, lojas, armazens e quintal.	Conceição	E. frente—Largo do Governador Mello. S.—Rua do Pelourinho.	7:000$000	Nicolau José da Costa.
Uma propriedade de casas de habitação, lojas, armazens e quintal.	Graça	O. frente—Rua do Tronco.	4:383$340	D. Anna Luiza da Rocha Freitas.
Casa de madeira coberta de telha, com 1.º andar e lojas.	Conceição	N. frente—Rua do Pelourinho. E.—Rua das Flores.	3:500$000	João da Costa Guimarães.
Casa nobre com terrenos e quintaes.	Conceição	Frente—Rua da Alegria ou Conceição. N.—Rua da Praia Açougue. O.—Travessa da Alegria para a Praia Açougue.	3:000$000	Pedro Zeferino Barbosa Paiva.
Uma morada de casas altas, com seus baixos, feita de madeira e coberta de telha, com quintal e cozinha feita de madeira no mesmo quintal.	Conceição	N. frente—Rua da Praia Açougue.	3:000$000	Manuel Martins Xavier de Paiva.
Uma morada de casas altas com duas meias paredes de alvenaria, sobrado, e é coberta de telha.	Conceição	O. frente—Rua Goy. O. fundo—Caminho para a roça do estado Areal.	3:000$000	Antonio Soares Neto de Lima.
Casa com meia parede de pedra e cal, o resto de madeira, coberta de telha.	Conceição	N. frente—Largo do governador Mello. O.—Rua das Flores.	2:500$000	Joaquim Rodrigues.
Metade de uma casa de madeira, coberta de telha, com 1.º andar e quintal.	Conceição	S. frente—Rua da Praia Açougue. N. fundo—Praia.	2:500$000	Mauricio José Soares. (•)
Casa de madeira, coberta de telha, com loja, andar superior e armazens.	Conceição	Frente—Rua do Goy. S.—Rua do Contador.	2:300$000	João Antonio da Silva Valla. (•)
Casa de madeira coberta de telha.	Conceição	E. frente—Rua da Feira Velha. N.—Rua do Contador.	2:200$000	João d'Alva.
Um predio de casas.	Graça	S. frente—Rua da Misericordia. N. fundo—Praia.	2:000$000	João Caetano da Conceição Moniz. (•)
Casa de madeira coberta de telha, e meias paredes de pedra e cal.	Graça	Frente—Rua da Misericordia. Fundo—Rua de Domingos Antonio.	2:000$000	Francisco José de França e Almeida. (•)
Casa de madeira coberta de telha.	Conceição	E.—Rua das Flores.	2:000$000	Joaquim Vieira Rebello. (•)

Designações	Freguezias	Posição	Valor estimativo	Possuidores
Uma morada de casas com sobrado, meias paredes de pedra e cal, coberta de telha, dois quintaes, cozinha, casa de creado e estrebaria.	Graça	S. frente – Rua do General Calheiros. N. frente – Rua da Praia. E. – Rio.	2:000$000	Uma sociedade cujo representante é Francisco de Assis Bellard.
Uma propriedade de casas coberta de telha, com meias paredes de pedra e cal.	Conceição	Frente – Rua da Alegria. S. – Travessa para a rua da Praia Açougue.	1:500$000	Pedro Zeferino Barbosa Paiva.
Uma propriedade de madeira coberta de telha, com 1.º andar, lojas, armazens e quintal; tem meias paredes de pedra e cal.	Graça	Frente – Rua do General Calheiros. E. – Travessa do General Calheiros.	1:500$000	D. Maria do Nascimento da Costa Ventura. (•)
Casa com meias paredes de pedra e cal, coberta de telha.	Conceição	S. frente – Rua da Praia Açougue. N. fundo – Praia. E. Um beco.	1:500$000	Theodoro da Silva Bastos Varella.
Casa coberta de telha, de um só pavimento.	Graça	S. frente—Rua da Praia Amador. N. e O. – Praia.	1:500$000	Casal do fallecido Joaquim Manuel de Almeida.
Casa de madeira coberta de telha, com 1.º andar e lojas.	Conceição	E. frente – Rua das Flores.	1:500$000	João da Costa Guimarães.
Metade de um predio de casas com meias paredes de alvenaria (o andar de cima tem paredes de madeira), coberto de telha.	Graça	N. frente – Rua do General Calheiros. O. – Travessa do mesmo nome.	1:500$000	D. Protazia Vaz da Assumpção.
Uma casa.	Conceição	E. frente – Rua Soares. S. – Rua das Rosas.	1:050$000	Luiz Joaquim da Cunha Lisboa.
Metade de uma casa de pedra e cal.	Graça	Frente – Rua dos Espalmados.	1:000$000	Catharina João Pimentel.
Metade de uma casa de pedra e cal coberta de telha.	Graça	Frente – Rua do Tronco. O. – Travessa para o campo.	1:000$000	Thereza de Jesus Pimentel.
Casa de madeira coberta de telha.	Graça	N. frente – Rua das Rosas. S. frente – Rio Agua Grande. O. – Rio Agua Grande.	1:000$000	José Antonio de Oliveira. (•)
Casa de madeira coberta de telha, com meias paredes de pedra e cal até ao 1.º andar.	Conceição	E. frente – Rua Goy. S. – Travessa da rua de Goy para a rua das Flores.	1:000$000	Padre Pedro Soares dos Ramos.
Casa coberta de telha.	Conceição	Frente – Rua das Flores.	900$000	Eduardo Antonio dos Reis.
Uma morada de casas de madeira coberta de telha, com 1.º andar, lojas, armazem e quintal.	Conceição	E. – Rua do General Calheiros. O. frente – Rua do Morgado.	900$000	Joaquim Antonio Gomes Roberto.
Casa de madeira coberta de telha, janellas de vidraça, 1.º andar e lojas.	Sant'Anna	N. frente – Rua publica.	900$000	Paschoal Barreto de Sousa e Almeida.

Designações	Freguezias	Posição	Valor estimativo	Possuidores
Casa de madeira coberta de telha.	Conceição	O. frente—Rua das Flores.	800$000	Ignacio dos Santos.
Casa de habitação.	Conceição	N. frente—Beco da rua da Praia do Tabaco. O.—Rua das Flores.	800$000	Manuel Pinto Pereira Leite. (•)
Casa de madeira coberta de telha, loja e um só andar.	Conceição	N. frente—Largo do Governador Mello.	800$000	Manuel Simas. (•)
Uma morada de casas altas.	Conceição	S. frente—Rua das Rosas. E.—Beco da rua da Praia do Tabaco.	800$000	D. Anna Joaquina Martins.
Casa de madeira coberta de telha, armazem e quintal.	Graça	Frente—Rua Soares. Fundo—Rio. Lado direito—Travessa da rua Soares.	750$000	Francisco da Fonseca Aragão.
Uma propriedade de casas de madeira.	Conceição	—	675$000	Henrique da Cunha Matos e sua mulher.
Casa de madeira.	Trindade	Frente—Rua de Santo Antonio. Fundo—Agua Lemos.	600$000	Manuel da Assumpção Luiz Nazareth.
Casa de madeira coberta de telha.	Graça	E. frente—Rua do Tronco. O.—Praia.	600$000	Rodrigo José Dias de Almeida.
Casa de madeira coberta de telha.	Conceição	O. frente—Rua das Flores. E. fundo—Rua da Praia do Tabaco.	600$000	Joaquim Pinto da Cunha. (•)
Metade de uma casa de madeira coberta de telha.	Conceição	Frente—Rua da Praia Açougue. Fundo—Praia.	600$000	Marcolino da Costa Nogueira.
Casa de madeira coberta de telha.	Trindade	Frente—Villa da Trindade. Fundo E.—Agua Lemos.	600$000	Manuel da Assumpção Luiz da Nazareth.
Casa de madeira coberta de telha.	Sant'Anna	S.—Estrada para a cidade. O. frente—Largo da Villa de Santo Amaro.	500$000	Ignora-se.
Casa de madeira coberta de telha.	Conceição	E. frente—Rua das Flores. N.—Beco da rua das Flores para a rua Goy.	500$000	João Innocencio de Macedo e João Baptista de Macedo.
Casa de madeira coberta de telha.	Trindade	O.—Frente para o lado da estrada da Trindade. Esta casa é dentro de uma roça.	500$000	Andreza Vaz da Conceição.
Uma propriedade de casas.	Conceição	Frente—Rua da Praia Açougue	450$000	Antonio José Fernandes de Oliveira Junior
Casa coberta de madeira e seu quintal.	Trindade	Frente—Rua de Santo Antonio. Fundo—Agua Pequena.	450$000	Manuel da Assumpção Luiz da Nazareth
Casa de madeira coberta de telha.	Trindade	O.—Estrada de Oque casado.	450$000	Francisco da Silva.
Casa de madeira coberta de telha.	Trindade	Frente—Rua direita da Villa da Trindade.	400$000	Manuel da Assumpção Luiz Nazareth.

Designações	Freguezias	Posição	Valor estimativo	Possuidores
Casa de madeira coberta de telha.	Graça	Lado de cima—Rua Caída.	400$000	Maria da Graça Ramos de Andrade.
Casa de madeira coberta de telha.	Trindade	O. frente—Rua Grande.	400$000	Antonio Luiz da Nazareth.
Casa de madeira coberta de telha.	Conceição	—	400$000	José Velloso de Carvalho.
Um terço de um predio de casas de madeira coberto de telha.	Trindade	Frente—Rua direita da Trindade. Fundo—Agua Pequena.	400$000	D. Maria do Espirito Santo Lendolph.
Casa de madeira coberta de telha.	Sant'Anna	Frente—Rua direita da Villa de Sant'Anna.	400$000	José Velloso de Carvalho.
Casa de madeira coberta de telha.	Trindade	Frente—Cruzeiro da Trindade. S.—Estrada do Obô Longo. O.—Estrada do mesmo cruzeiro.	400$000	José Velloso de Carvalho.
Metade de uma casa com meias paredes de pedra e cal, coberta de telha.	Graça	E. frente—Rua do Tronco. O. fundo—Praia.	400$000	Izabel Vaz Pimentel.
Casa de madeira coberta de telha.	Conceição	O. frente—Rua da Feira Velha.	400$000	Cypriano dos Santos e sua mulher.
Casa de madeira coberta de telha.	Conceição	N.—Rua do Morgado.	400$000	Antonio Azancot.
Casa de madeira coberta de telha.	Conceição	Frente—Rua das Rosas.	300$000	Joaquim Izidoro Pires.
Casa feita e coberta de madeira.	Trindade	Frente—Estrada para a Trindade. Fundo—Agua Uci.	300$000	João Sezinando de Abreu.
Casa de madeira.	Conceição	Frente—Rua do Rosario. S.—Beco da rua do Rosario para o largo da Conceição.	300$000	José Joaquim Jeronymo.
Casa coberta de telha e quintal.	Conceição	N. frente—Rua Publica. S.—Rio Agua Grande.	300$000	Antonio Simas.
Uma morada de casas de madeira, coberta de telha e quintal.	Conceição	L. frente—Rua Soares. N.—Travessa da Praia do Tabaco.	300$000	Uma sociedade cujo representante é Francisco de Assis Bellard.
Casa de madeira.	Conceição	N. frente—Largo do Governader Mello.	250$000	Antonio Simas.
Casas feitas e cobertas de madeira.	Trindade	Frente—Estrada da Trindade. Lado de cima—Estrada d'Agua Creoula.	225$000	Antonio de Paiva Soares Diniz.
Casa de madeira coberta de telha.	Graça	Frente—Rua de S. Miguel.	225$000	Athanasio Lopes Bandeira Gago.
Casa de madeira coberta de telha e quintal.	Conceição	Frente—Rua do Pelourinho.	225$000	Manuel Francisco da Silva.

Designações	Freguezias	Posição	Valor estimativo	Possuidores
Uma propriedade de madeira, coberta de telha, com 1.º andar, lojas, armazens, tendo meias paredes de pedra e cal.	Graça	Frente—Rua do Tronco. Fundo e um lado—Travessa de S. Miguel.	200$000	D.ª Maria do Espirito Santo Lendolph. •
Armazem de madeira coberto de telha.	Conceição	N. frente—Travessa da rua das Flores. S. fundo—Pateo de Manuel Martins.	200$000	Antonio Simas.
Metade de uma casa de madeira coberta de telha, com 1.º andar e quintal.	Conceição	S. frente—Rua da Praia Açougue. N. fundo—Praia.	200$000	José Maria da Costa Nogueira.
Casa de madeira coberta de telha, de quatro portas e um só andar.	Conceição	N. frente—Praça da Quitanda, hoje largo do Governador Mello.	200$000	Manuel da Cunha Simas.
Casa de madeira coberta de telha.	S. Amaro	Frente—Caminho da roça Santarem.	180$000	Antonio Maria Teixeira.
Casa de madeira coberta de telha.	Conceição	E. frente—Rua do Rosario. O. fundo—Agua Grande.	150$000	José Antonio de Oliveira.
Casa de madeira coberta de telha.	Trindade	N.—Rio Agua Angola. S.—Estrada publica para a Trindade.	150$000	Luiz Barbosa dos Santos.
Casa de madeira coberta de telha.	Conceição	O. frente—Estrada de Boa Morte.	100$000	José Antonio de Oliveira.
Casa de madeira.	Conceição	O. frente—Rua Goy.	97$500	Silvestre Soares dos Santos.
Casa feita e coberta de madeira.	S. Amaro	Frente—Estrada para a roça Santarem.	80$000	Antonio Maria Teixeira.
Casa de madeira coberta de telha.	S. Amaro	Frente—Estrada para a roça Santarem.	50$000	Antonio Maria Teixeira.
Casa coberta de madeira..	Conceição	S. frente—Rua do Pelourinho.	50$000	José da Costa Cravide.
Casa de madeira coberta de telha.	Trindade	O. frente—Estrada de Folha Fede. S.—Estrada para Cangá.	50$000	José Vieira Rebello.
Casa feita e coberta de madeira.	S. Amaro	Frente—Estrada da fazenda Rio do Oiro. Um lado—Estrada para a Cruz Grande.	40$000	Antonio Maria Teixeira.
Casa de madeira coberta de telha.	Conceição	L. frente—Rua das Flores.	40$000	Joaquim Rodrigues.

N. B. Esta estatistica serve para termo de comparação quando por ventura se deseje avaliar o progresso material da ilha de S. Thomé. Comprehende o periodo de sete annos, e não se inscreveu predio algum construido depois do anno de 1872. Os valores referem-se ao tempo do registo.

O signal (•) indica que os individuos que fizeram o registo das propriedades na conservatoria já falleceram.

Fortaleza de S. Sebastião e seus calabouços.—Fica esta fortaleza no extremo da ponta NE. da bahia Anna Chaves. Não obstante ser construida ha muitos annos tem comtudo uma apparencia agradavel. Quasi todos os governadores lhe têem mandado fazer obras, e é hoje um edificio regular.

Em desempenho das ordens recebidas do chefe do serviço de saude, os dois vogaes da junta de saude publica deram em 1872 o seguinte parecer ácerca do estado dos calabouços que existem dentro das muralhas da fortaleza.

«Ill.^mo^ e ex.^mo^ sr.—Para dar cumprimento ás ordens de v. ex.ª, expedidas em 24 de abril do corrente anno, passámos a examinar os calabouços da fortaleza de S. Sebastião, a fim de podermos fazer a descripção topographica d'estas prisões, com a maior exactidão possivel. A fortaleza de S. Sebastião fica em boa posição relativamente a qualquer ponto da cidade, porque emquanto esta recebe os ventos de SE. que varrem os pantanos existentes entre a fortaleza e a igreja de S. Miguel, aquella está livre d'elles, as vagas vem quebrar-se nas muralhas d'aquelle agradavel edificio, e as brizas ali são sempre puras e frescas.

«É finalmente a fortaleza de S. Sebastião o edificio publico mais amplo que esta provincia possue actualmente, e é tambem o unico que está regularmente acabado. É um bom retiro para convalescentes, e se bem que não seja este o logar proprio para se demonstrar a necessidade de haver ali as commodidades precisas para alguns doentes se estabelecerem, ou a de se construir n'aquelle sitio uma casa do estado, para este justo e humano fim, comtudo não podemos deixar de recordar a salubridade d'aquelle edificio, entre tantos doentios e insalubres que existem na cidade. A porta que dá entrada na fortaleza de S. Sebastião é pequena e a ella segue uma especie de galeria que passa por debaixo da bateria que olha para o S. da ilha. N'esta galeria ha quatro degraus, um patamar e uma especie de quarto, do qual se passa por outra porta interior para um largo central. A ventilação por esta communicação é nulla, mas tambem não é ella precisa d'este lado, nem para os calabouços, que para as salas ou para as baterias é regular. Para ellas abrem-se oito portas e partem d'ali duas boas escadas de pedra que fazem as communicações superiores.

«O ar penetra completamente n'este largo, onde se renova facilmente. Fronteira á porta da entrada fica a porta de uma linda capellinha, e das sete restantes portas que se abrem para este largo apenas nos foram indicadas duas por onde se entrava para os calabouços que tinhamos a examinar.

«O calabouço á esquerda de quem entra, e mais proximo á capellinha,

tem 10 metros de comprimento, 4^{m},50 de largo e 3^{m},30 de alto, segundo a medição feita por um carpinteiro das obras publicas. A sua capacidade é portanto de 148 metros cubicos. A ventilação falta n'este calabouço, assim como a luz é pouca, e a limpeza material não é muita.

«O ar renova-se com extrema difficuldade, sendo por isso necessario evitar todas as causas que o possam conspurcar.

«Apesar d'estes defeitos, julgâmos bastante 12 metros cubicos de ar para cada preso, demorando-se elles ali só de noite. O numero de individuos é portanto, mais ou menos elevado, segundo se podêr pôr em pratica a desaccumulação e outros meios hygienicos, de que se tiram boas vantagens; o numero menor de presos que póde estar n'este calabouço é portanto quatorze. O calabouço que fica do mesmo lado d'este tem 114 metros cubicos de capacidade, e póde conter dez presos, sendo este numero o limite inferior.

«Os calculos que fizemos em presença das condições materiaes dos calabouços baseiam-se apenas na concessão de 12 metros cubicos de ar para cada preso, mas a humanidade, a boa rasão e a hygiene exigem que em caso nenhum se façam reunir presos com menos de 6 metros cubicos para respirarem. E se em algum caso for tolerado este numero, é incontestavel que em outros deve ser inteiramente reprovado, como acontece nas prisões da cadeia publica.

«Terminâmos as nossas considerações a respeito dos calabouços da fortaleza de S. Sebastião, formulando, para complemento, as seguintes considerações:

«1.ª Na prisão que offerece 148 metros cubicos de capacidade, actualmente, podem estar reunidas doze pessoas;

«2.ª Sendo o ar na fortaleza mais fresco e mais puro que o da cidade, e dando-se a este calabouço todas as condições possiveis de limpeza, póde elevar-se o numero de presos a vinte e oito, o maximo;

«3.ª No calabouço de 114 metros cubicos de capacidade devem estar retidas dez pessoas, e, attentas as rasões acima exaradas, póde elevar-se este numero a vinte pessoas, o maximo;

«4.ª Os calabouços da fortaleza são mais salubres que as prisões da cadeia publica, sendo certo que n'aquellas falta tambem a ventilação regular, a boa luz e a limpeza;

«5.ª A desaccumulação durante o dia, empregando os presos em differentes obras de utilidade publica, é um meio hygienico, moral e civilisador que se deve pôr constantemente em pratica.

«Cidade de S. Thomé, aos 10 dias de maio de 1872.—Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. dr. José Correia Nunes, chefe de serviço de saude. Dos facultativos, ***Manuel Ferreira Ribeiro = Aleixo Mariano Fernandes.***»

Estação militar no reducto de S. José.—O reducto de S. José fica na ponta N. da bahia da cidade, e foi posto a descoberto, e em circumstancias de se ver, pelo intelligente governador Pedro Carlos de Aguiar Craveiro Lopes. Aquella ponta prolonga-se por cerca de 2:500 metros desde a igreja de S. João, e nos ultimos 1:000 metros o terreno é elevado, descobrindo-se para o N. e O. uma larga planicie. Não ha erro sensivel em lhe attribuir 20 a 25 metros de altitude, estando o reducto na face da ponta que olha para a fortaleza de S. Sebastião, proximo ao mar. Fica-lhe do lado de cima uma casinha branca e de alegre vista.

Existe ali um destacamento de alguns soldados e um cabo.

O aspecto da ilha observada d'aquella logar é agradavel.

O passeio ou caminho que ali conduz é amplo, mas está quasi abandonado. É talvez esta a rasão por que aquelle logar não é frequentado, sendo aliás as brizas frescas e puras.

Ha grande vantagem em se fazer uma estrada larga, bem disposta e arborisada, desde a igreja de S. João até ao reducto de S. José.

Quarteis e deposito dos addidos.—A casa onde se recolhem os addidos está situada na margem esquerda, especie de rio, que as aguas do mar alimentam entrando e saindo por debaixo da ponte do Espalmador, e formando a grande lagoa a E. da cidade. É acanhada e não comporta o numero de addidos que n'ella seriam obrigados a viver, se não fossem as licenças concedidas áquelles que dão fiador idoneo e desejam empregar-se no commercio ou nos trabalhos agricolas. Está em má posição e é de pessima construcção. É preciso realmente cuidar d'ella constantemente, para não se tornar inhabitavel.

A rua que lhe passa em frente foi nivelada; na margem esquerda da lagoa, para o lado do edificio e para a retaguarda, foi construido um retiro ajardinado, onde se vê a maracujá, a pimpinella, dando fresca sombra, e se produz hortaliça, boa melancia, pimentas, hervas aromaticas, etc.

O deposito dos addidos não deve pois continuar n'aquella casa. É preciso cuidar-se quanto antes da construcção da colonia penal, segundo as regras da moderna colonisação, recursos da ilha e leis da boa hygiene colonial. É o que nos cumpre pedir em favor da classe que mais soffre.

Barracão-quartel e praças adjacentes.—A respeito do quartel dos soldados escrevemos em 1869 o seguinte:

«O quartel da cidade de S. Thomé, onde se recolhem os soldados e addidos, é mau e mal collocado. É um barracão construido sem se attender ás mais ordinarias regras de hygiene militar, ficando-lhe o mar ao

poente, e a poucos metros de distancia, muito proximo d'elle, ao S., um largo e extenso pantano que começou a ser aterrado em 1868!

«Consta este barracão de um só pavimento, ficando o soalho a poucos palmos do chão. Tem dormitorios largos e espaçosos, sem tarimbas, o soalho completamente despido, sobre o qual dormem em esteiras os soldados addidos. Similhante quartel é improprio de uma capital, repugna á humanidade e á hygiene militar, que o condemna totalmente.»

Em 1872 fez-se a separação dos soldados e dos addidos, melhoramento altamente moral e civilisador, e preparou-se um retiro ajardinado, de 5:081 metros, onde se ostenta uma agradavel vegetação, e que fica entre o barracão e as negras aguas enxarcadas do pantano de S. Sebastião. Os dois largos que ha entre a fortaleza de S. Sebastião e o denominado quartel, e entre estes e as primeiras casas, onde se levanta a linda casinha do activo official, Antonio Victor Ferreira de Carvalho, estão nivelados, mas completamente desarborisados, o que é realmente para lamentar.

A importancia e urgencia das obras por aquelle lado da cidade, reconhece-se á vista do que acabâmos de expor. Aos poderes publicos e á camara municipal pertence dar-lhes execução prompta e rapida, como requer a salubridade publica, a saude dos habitantes e a extrema producção e abundancia da ilha.

Cadeia civil.—A respeito d'este edificio copiâmos o seguinte trecho do relatorio de 1869:

«A cadeia civil tem sido frequentes vezes condemnada officialmente e ainda se acha no mesmo estado. O pavimento terreo onde ha algumas prisões, é pessimo; contém espeluncas que mal alojariam tres individuos e onde frequentemente se encontram dezeseis ou vinte.»

Pediram-se providencias, até que a final se conseguiu que no andar superior houvesse casas de detenção, e algumas salas limpas e arejadas.

A camara municipal fazia ali as suas sessões, mas o digno juiz Antonio Ferreira de Lacerda não consentiu que continuassem funccionando n'aquelle pavimento, o qual pertence hoje á cadeia.

Em 1872, o andar superior servia para escola principal, e os calabouços estão como em 1862, e como em 1869! É dolorosa a impressão que causa a cadeia civil, mas são notaveis os officios e documentos que se têem trocado entre os medicos e os governadores, entre estes e a camara municipal.

Não queremos perder o proposito em que estamos de não saír fóra dos limites que traçámos para as nossas informações, se não teriamos a fazer larguissimas considerações a respeito d'este assumpto.

A cadeia é um dos edificios publicos civis que póde attestar o estado da civilisação e do progresso de uma cidade, mas n'esta ilha não se tem cuidado d'ella. O seguinte documento tem muitos annos de existencia e merece ser aqui transcripto [1].

«N.º 813. — Ill.^{mo} sr. presidente e mais vereadores da camara municipal.—Não é sem bastante pezar que hoje dirijo á ill.^{ma} camara algumas expressões que talvez a possam resentir, mas se eu ficasse silencioso depois de que sou relator, faltaria aos deveres que a minha posição me incumbe e aos deveres da humanidade, de que nunca me afastarei. Hontem de tarde fui visitar a cadeia publica, e com a franqueza que me é propria, direi que fiquei surprehendido e horrorisado de ver quatro mui pequenas prisões sem ventilação, com as paredes tão denegridas, que se não differençavam os escravos que occupavam uma d'ellas, e onde se respira um ar infecto, de que podem resultar graves inconvenientes.

«A condição de preso é sempre má, supposto que seja uma necessidade. As auctoridades na capital do reino se esmeram a melhorar a sorte d'aquelles cujas acções os fizeram entregar á justiça, será para nós vergonha, que pelo facto de existirmos na Africa, abandonemos ao horror da immundicie e insalubridade, os que já soffrem o pesado jugo da falta de liberdade. Confiando, pois, em que a ill.^{ma} camara porá todos os meios ao seu alcance, para a reforma completa da cadeia, cumpre-me asseverar-lhe que porei á disposição da mesma camara todo o auxilio de que carecer e esteja ao alcance do governo, logo que seja pedido e justificada a sua necessidade. Deus guarde a v. s.ª—Secretaria geral do governo de S. Thomé, 27 de dezembro de 1860.—Ill.^{mo} sr. presidente e mais vereadores da camara municipal. = *João Manuel de Mello*, governador interino.»

Compare-se o que se acaba de ler, referido a 1860, com o que escrevem os membros da junta de saude em 1872, pelos facultativos abaixo assignados.

«Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr.—Para dar cumprimento ás ordens de v. ex.ª, recebidas em 24 de abril do corrente anno, dirigimo-nos á cadeia civil d'esta cidade, a fim de observar com exactidão o seu estado actual, e poder fundamentar o nosso parecer a respeito d'este edificio publico.

«A cadeia civil tem sido condemnada por todos os facultativos que têem sido encarregados de darem informações ácerca do seu estado; aquelle edificio publico foi com toda a verdade reputado escola permanente de vicios e corrupção, pelo digno juiz Antonio Ferreira de Lacerda. A sua

1 Apesar do que se lê no documento exarado no texto, a cadeia publica de S. Thomé tem-se conservado no mesmo edificio.

posição e exposição é pessima, e as prisões parciaes muito más. O edificio é bastante alto, mas as prisões são terreas, e sem a menor distincção para receberem os criminosos, segundo a gravidade e natureza dos crimes, provados ou não provados. Reunem-se bons e maus no mesmo cubiculo sem ar, sem luz e sem limpeza!

«São estes os primeiros defeitos que notámos e que reputámos muito graves.

«O predio está edificado em logar baixo e mettido a um canto do largo do palacio. Ao N. corre-lhe a rua da Misericordia, ou antes um pequeno largo, pelo qual esta rua communica com o largo do palacio; ao S. tem um quintal, ao poente fica-lhe o dito largo do palacio, e ao nascente uma velha casa de madeira, apenas separada da cadeia por um pequenissimo espaço. As prisões são formadas nos quartos terreos d'esta casa, e por tanto estão sempre abrigadas de todos os ventos, o que é realmente gravissimo defeito, e muito concorre tambem para a sua insalubridade absoluta.

«Para se entrar na cadeia sobe-se por um socalco de pedras negras, cavadas e desunidas pelo bater da chuva. Este montão de pedras estende-se á direita e á esquerda da porta principal da cadeia.

«Percebe-se bem pelo abandono exterior d'este edificio o seu completo desarranjo interno!

«A porta principal abre-se immediatamente para um acanhadissimo quarto, ou o quer que seja, o qual para se tornar ainda mais pequeno está dividido a um terço da sua capacidade por algumas tábuas, por detrás das quaes fica um cubiculo, onde na occasião da nossa visita se estava cozinhando! Para este unico semi-quarto central da cadeia, abrem-se as portas das quatro prisões terreas, ficando duas á direita e duas á esquerda de quem ali entra. A primeira prisão á direita tem $5^{m},83$ de comprimento, $4^{m},29$ de largura e $5^{m},39$ de altura, segundo a medição feita por um dos carpinteiros das obras publicas. A capacidade d'esta prisão é pois de $134^{m3},857$.

«Em todos os tempos e em todos os systemas penitenciarios tem sido objecto de discussão a quantidade de ar que deve ser concedido a cada preso. Não querendo seguir a opinião d'aquelles que exigem 30 metros cubicos, nem a dos que se contentam com 10 metros, appellámos por um numero que seja accommodado á natureza d'este clima, e aconselhâmos 16 metros cubicos, para as actuaes prisões, como um dos meios necessarios á conservação da saude dos encarcerados.

«Com os dados acima exarados póde demonstrar-se que na prisão a que nos referimos deveriam estar oito homens, e comtudo outras importantes considerações ha que obrigam a reduzir muito aquelle numero.

O quarto de que tratâmos tem tres janellas, mas por tal modo dispostas que difficilmente se póde renovar o ar na prisão por meio d'ellas! A communicação d'este quarto com o que lhe fica proximo, a falta de cozinha, de quarto para o carcereiro, etc., são defeitos graves e permanentes, que tornam sempre pessima similhante cadeia. Aos defeitos de construcção permanente, reunem-se accidentaes que são prejudicialissimos. A falta de limpeza nas prisões, que não estão caiadas nem são varridas, as pessimas luzes que se adoptam durante a noite, a pouca limpeza dos pavimentos, a falta de leitos ou de tarimbas, accommodadas a cada prisão, etc., são outras tantas causas de insalubridade, n'estes cubiculos ordinarios e pestilentos.

«As considerações que acabâmos de fazer são sufficientes para provar á saciedade a seguinte conclusão que estabelecemos.

«O primeiro quarto, á direita de quem entra na cadeia publica d'esta cidade, só póde conter actualmente quatro presos. A prisão parallela e contigua á antecedente tem as mesmas dimensões, e portanto a mesma capacidade, está muito mais suja que a outra, e tem o mesmo systema de janellas. É impossivel renovar-se ali completamente o ar! E como se verificam n'ella todos os defeitos da primeira, e muitos outros faceis de reconhecer á primeira vista, é claro que chegâmos á mesma conclusão acima estabelecida.

«Na occasião da visita estavam n'este quarto onze pessoas, e segundo a informação do carcereiro, quasi sempre ali têem estado vinte a vinte e cinco pessoas presas!

«As prisões que ficam á esquerda de quem entra na cadeia, têem a menos 10 metros cubicos de ar cada uma, e ambas têem igual capacidade.

«Avaliada esta em 124^{m},60, não se devem ter presas mais de sete pessoas em cada uma das prisões, concedendo 16 metros cubicos de ar a cada um preso, que não é muito n'uma cidade tão mal collocada como esta, e de mais a mais completamente rodeada de pantanos! As regras mais communs de hygiene condemnam absoluta e relativamente estas prisões, e portanto a construcção de um edificio para a cadeia publica em logar alto, secco, desafogado e bem batido aos ventos, está altamente indicada; é realmente necessaria uma cadeia que corresponda ao fim para que é destinada, poisque na cadeia actual não ha uma só condição material, moral ou hygienica, essencial a edificios d'esta ordem.

«Não é este parecer adequado para conter a nossa opinião, sobre se são mais uteis as prisões collectivas ou individuaes, mas seja-nos sómente permittido o dizer, que as prisões para os criminosos europeus devem estar em condições mui diversas d'aquellas em que se encarcerarem os africanos, devendo estas, pelo menos, ser no pavimento inferior, e aquel-

las no superior; os quartos para detenção devem ser separados uns dos outros.

«A falta d'estes requisitos na actual cadeia publica prova com evidencia que é ella um fóco de vicios e de corrupção. Limitámos as nossas considerações ao exame do estado actual da cadeia civil, aonde fomos no dia 7 de maio do corrente anno, por nos ter sido impossivel ir com mais brevidade, depois de recebermos as ordens de v. ex.ª

«Sem nos alargarmos em mais considerações, apresentâmos finalmente as seguintes conclusões, como resumo e resultado do nosso trabalho:

«1.ª Nos quartos que formam a actual cadeia publica, em boas condições de limpeza, podem estar o maximo trinta pessoas;

«2.ª Os quartos actualmente estão immundos, parecendo não terem sido caiados ha muito tempo, são terreos, mal ventilados e mettidos todos n'um pequeno espaço, etc., e por isso é necessario presentemente reduzir o numero de trinta, antecedentemente estabelecido, a metade, ou a dezeseis presos;

«3.ª A construcção de uma cadeia em condições materiaes, moraes e hygienicas, accommodada ao clima e ao fim a que se destina, é urgentissima e de absoluta necessidade;

«4.ª É necessario que se obrigue o carcereiro a não cozinhar no immundo cubiculo que fica em frente da porta principal, que se mande caiar cada quarto pelo menos de tres em tres mezes, sendo prohibido accender fogo dentro d'elles como agora fazem; que se façam lavar e limpar constantemente os pavimentos e as paredes; finalmente que se executem em cada quarto as obras mais necessarias para haver ventilação, luz e moralidade.

«Deus guarde a v. ex.ª Cidade de S. Thomé, aos 10 dias do mez de maio de 1872.—Ill.mo e ex.mo sr. dr. José Correia Nunes, chefe de serviço de saude.—Dos facultativos=*Manuel Ferreira Ribeiro*=*Aleixo Mariano Fernandes.*»

Por ser completamente impossivel não transcrevemos todas as portarias e officios expedidos a respeito da cadeia civil, e apesar de tudo as cousas estavam em 1872 como em 1860, como em 1862 e como em 1865!

Calabouço da policia.—N'um dos angulos da praia José Pedro de Mello, fica o denominado calabouço da policia. Não é facil descrevel-o, e ainda menos indicar as suas divisões internas e as respectivas paredes. Faremos comtudo todos os esforços para nos approximarmos da verdade, definindo-o n'estas poucas palavras, que caracterisam bem o estado em que se acha.

—É uma casa terrea, sem luz, sem ar e sem espaço sufficiente, onde pozeram umas grades grossas e toscamente preparadas, ficando assim constituido o calabouço da policia!

Não somos mais extensos a respeito d'este assumpto porque o que ahi fica exarado é o bastante para se tratar com urgencia da construcção de prisões adequadas para detenções, para correcção ou para castigo.

É este um melhoramento altamente reclamado e de primeira necessidade na capital, onde estão todas as auctoridades superiores.

Villas ou principaes logares da ilha de S. Thomé[1]. —*Villa de Sant'Anna.*— A casa da policia, a casinha da escola e a igreja, merecem em primeiro logar a attenção do observador. Mas que poderemos dizer d'estes edificios?

A casa da policia é ordinarissima e a da escola é da mesma natureza. A igreja fica na base da collina e está em completo abandono.

A villa de Sant'Anna estende-se por um outeiro, cuja parte mais alta tem 40 metros de altitude, no fundo d'elle corre um ribeiro de onde os habitantes se abastecem de agua. Antes de se chegar á villa encontra-se uma corrente de agua que se tem de rodeiar para se evitar o risco de uma quéda, se se tenta passar sobre o tronco de uma arvore, que se acha lançado entre as margens. Chamam-lhe uns Agua Covo, outros Agua Lavagem.

Ha casas de madeira que os naturaes ali têem edificado, revelando todas grande pobreza, no meio de terrenos ferteis e abundantes!

O cume da collina estende-se para a ponte em fórma de planura alta, com terrenos cultivados de café, que por ali produz bem.

Do alto da planura em que assenta a villa, avista-se o ilhéu de Santa Anna, coberto de coqueiros.

A enseada de Sant'Anna olha para E. e tem ao S. um morro que fica a 50 metros de altitude. Não existem casas por aquelle lado, mas ao pé da praia estão construidas algumas, e segue-se uma rua, rodeando a collina, onde existem as melhores lojas da villa.

A falta de uma estrada publica entre a villa de Sant'Anna e a cidade concorre muito para o atrazo d'aquella localidade, digna a todos os respeitos de muita attenção. A via maritima é sujeita a incommodos e não poucas vezes a perigos. É necessario dobrar a ponta Praião, sendo as

[1] Denominam-se villas os logares em que se acham as igrejas parochiaes, proximo ás quaes ha algumas casas. Nenhuma d'essas localidades merece actualmente o nome de *villa*, mas podem de futuro adquirir muita importancia, principalmente a villa da Trindade e a de Sant'Anna.

canoas obrigadas a saír muito ao mar. É comtudo este o meio de mais facil communicação da villa para a cidade e vice-versa.

O cemiterio publico está ao N. e em sitio elevado, sobre uma ponta sobranceira ao mar e afastado da povoação.

Villa da Santissima Trindade.—Esta villa eleva-se 260 metros sobre o nivel do mar, e a igreja fica em sitio um pouco mais alto. É mau o estado d'este templo, tanto interior como exteriormente.

A casa da escola é ordinaria e a cadeia é, como aquella, impossivel de classificar! O cemiterio está entre mato a NE. da villa. Tem um *cercado* de tábuas, e nenhuma lapide, nem inscripção ali se encontram! Por toda a parte o esquecimento e o abandono!

A villa occupa um logar central, em relação a algumas boas fazendas. Falta-lhe, porém, uma estrada, bem feita e larga, e convenientemente arborisada.

Pelo O. e N. da povoação corre uma agua que a abastece, e ha tambem uma nascente ou agua Bobô, que se aproveita para beber, por ser mais limpa e fresca.

Existem na localidade algumas lojas para negocio, mas quasi todo o commercio se faz na cidade.

Villa da Magdalena.—É doloroso fallar d'esta villa, porque é desolador o aspecto das poucas casas que ali ha. Está edificada a 260 metros sobre o nivel do mar, e fica 9 kilometros distante da cidade. Quando ali fomos em 1870 para escolher o terreno para o cemiterio, tivemos occasião de observar o seu estado de pobreza e abandono. O exterior da igreja revela o mais completo desamparo, e parece não ter sido caiada ha dezenas de annos! Tem do lado direito um velho cercado onde em 1872 vimos um montão de ossos humanos, o que nos causou a mais desconsoladora tristeza.

A estrada que liga a cidade com a villa da Magdalena é a mesma da villa da Santissima Trindade até proximo do morro Agua Grande. É supportavel, mas a arte pouco tem contribuido para o seu embellezamento.

Proximo da igreja de Nossa Senhora do Rosario começa uma subida suave até cerca de 20 metros; corre d'ali um lanço direito e extenso, mas elevando-se sempre de modo que, quando se volta para a direita e se deixa a estrada da Trindade e do Monte Café, as ladeiras succedem-se até á casa denominada do Campo, a 100 metros de altitude.

Villa de Guadalupe.— Dá-se este nome a um logarejo situado a $13^k,5$ da cidade e a $7^k,5$ da praia das Conchas. Estivemos ali por differentes vezes em serviço, e não podemos deixar de nos referir á visita que fizemos quando se tratou em 1870 da escolha de local para um cemiterio.

O terreno foi examinado e benzido, derrubou-se o arvoredo, e de nada serviu este trabalho. Não ha ainda cemiterio [1].

É uma villa pobrissima e abandonada, onde não ha casa de escola, onde a casa da policia é um telheiro sem fórma, sem ordem e sem classificação possivel, e onde, finalmente, o templo não revela a cuidadosa attenção dos fieis, que não se empenham em o conservar bem limpo, caiado e singelamente adornado.

A situação da villa não é boa, porque está ao pé de um morro saliente, de fórma oval e muito regular denominado *Monquinqui*. Tem uma porção de arvoredo lançado de N. a S., o que lhe dá um aspecto caracteristico, porque o resto da superficie não tem uma unica arvore.

A povoação está cercada de copadissimo arvoredo, tendo por um lado o morro a que nos referimos, e pelo outro o principio da falda da serra oriental da ilha. D'esta povoação disse, em 1844, Lopes de Lima:

«Legua e meia ao NO. da cidade (7,5 kilometros) se estende em uma planura rodeada de outeiros de altura mediana e aspecto risonho, a villa de Nossa Senhora de Guadalupe.»

É uma villa apenas no nome, escrevemos nós èm 1869. As casas da villa de Guadalupe, afogadas, mettidas no meio de espesso arvoredo, não se avistam de longe. A estrada da cidade para aquella villa é a da villa de Santo Amaro. Não está em peior estado do que a da Magdalena.

Na occasião em que visitámos a villa de Guadalupe, observámos que ficava a 120 metros acima do nivel do mar. Ha no meio de um largo um grande tamarindeiro, sob o qual descansámos por algumas horas. Ficava-nos ao N. o caminho da praia das Conchas, a O. via-se espesso mato e a E¼SE–NO¼O. levantava-se o morro Monquinqui.

Villa de Santo Amaro. — Parece que o logar denominado Santo Amaro devia prosperar alguma cousa nos ultimos annos. Tem a vantagem de ficar na estrada que põe a cidade em communicação com a outra villa e importantes fazendas, mas de nada lhe tem servido, porque, de 1869 para cá, sómente temos a dizer que tudo está do mesmo modo em que a encontramos pela primeira vez.

Villa de Nossa Senhora das Neves.—Está collocada no principio da contra costa, ou, como se diz em geral, atrás da ilha. Não tem estradas, caminhos ou atalhos por onde se possa vir á cidade. Permanece no mesmo estado em que estava ha muitos annos e não tem importancia alguma [2].

[1] Não nos consta que se tenham construido os cemiterios das villas cujos terrenos foram escolhidos para esse fim.

[2] Pernoitámos ali em janeiro de 1873. Dormimos em cima de umas toscas tabuas, e não foi possivel obter alimentos. Nunca vimos nada mais desgraçado.

Villa de Santa Cruz dos Angolares. — A respeito d'esta villa diremos quasi o mesmo que a respeito da villa de Nossa Senhora das Neves. Tudo respira pobreza, miseria e ignorancia! Está por assim dizer abandonada. As cubatas ou as casas mostram, na maxima parte, completa ruina, e o templo é pobrissimo. Arvores, hervas e arbustos approximam-se da cidade a passos agigantados, e parece apromptarem-se para asphyxiar a villa n'um amplexo estreitamente dado.

Aquelles infelizes povos vivem da pesca e do vinho de palma. Arranjam algumas tábuas, fios para redes, especialmente feitos de ortigas silvestres, preparam gamellas, e conduzem estes generos para a cidade nas suas canoas! Têem por capital a residencia do commandante, e por cidade de primeira ordem a praia denominada Ribeira Peixe, mais populosa, mais frequentada e mais querida.

Desejam cultivar o cacau e o café, mas ignoram o que devem fazer, assim como não conhecem a utilidade de muitas arvores. As tábuas obtêem diminuto preço nos mercados; servem apenas para cercados ou ubas, para cubatas e para outras obras ordinarias.

Vivem quasi abandonados, soffrem grandes privações nas suas doenças, e medicam-se com tisanas feitas de vegetaes que alguns d'elles conhecem. Quasi todos têem ulceras nas pernas, rebeldes ao tratamento, e muitos são victimas d'esta enfermidade.

Ali não ha regedor, ha apenas o parocho e um commandante indigena, que tem um immediato e differentes alferes nomeados pelo governo da provincia!

O terreno foi examinado e benzido, derrubou-se o arvoredo, e de nada serviu este trabalho. Não ha ainda cemiterio [1].

É uma villa pobrissima e abandonada, onde não ha casa de escola, onde a casa da policia é um telheiro sem fórma, sem ordem e sem classificação possivel, e onde, finalmente, o templo não revela a cuidadosa attenção dos fieis, que não se empenham em o conservar bem limpo, caiado e singelamente adornado.

A situação da villa não é boa, porque está ao pé de um morro saliente, de fórma oval e muito regular denominado *Monquinqui*. Tem uma porção de arvoredo lançado de N. a S., o que lhe dá um aspecto caracteristico, porque o resto da superficie não tem uma unica arvore.

A povoação está cercada de copadissimo arvoredo, tendo por um lado o morro a que nos referimos, e pelo outro o principio da falda da serra oriental da ilha. D'esta povoação disse, em 1844, Lopes de Lima:

«Legua e meia ao NO. da cidade (7,5 kilometros) se estende em uma planura rodeada de outeiros de altura mediana e aspecto risonho, a villa de Nossa Senhora de Guadalupe.»

É uma villa apenas no nome, escrevemos nós ém 1869. As casas da villa de Guadalupe, afogadas, mettidas no meio de espesso arvoredo, não se avistam de longe. A estrada da cidade para aquella villa é a da villa de Santo Amaro. Não está em peior estado do que a da Magdalena.

Na occasião em que visitámos a villa de Guadalupe, observámos que ficava a 120 metros acima do nivel do mar. Ha no meio de um largo um grande tamarindeiro, sob o qual descansámos por algumas horas. Ficava-nos ao N. o caminho da praia das Conchas, a O. via-se espesso mato e a E$^1/_4$SE–NO$^1/_4$O. levantava-se o morro Monquinqui.

Villa de Santo Amaro. — Parece que o logar denominado Santo Amaro devia prosperar alguma cousa nos ultimos annos. Tem a vantagem de ficar na estrada que põe a cidade em communicação com a outra villa e importantes fazendas, mas de nada lhe tem servido, porque, de 1869 para cá, sómente temos a dizer que tudo está do mesmo modo em que a encontramos pela primeira vez.

Villa de Nossa Senhora das Neves.—Está collocada no principio da contra costa, ou, como se diz em geral, atrás da ilha. Não tem estradas, caminhos ou atalhos por onde se possa vir á cidade. Permanece no mesmo estado em que estava ha muitos annos e não tem importancia alguma [2].

[1] Não nos consta que se tenham construido os cemiterios das villas cujos terrenos foram escolhidos para esse fim.

[2] Pernoitámos ali em janeiro de 1873. Dormimos em cima de umas toscas tabuas, e não foi possivel obter alimentos. Nunca vimos nada mais desgraçado.

Villa de Santa Cruz dos Angolares. — A respeito d'esta villa diremos quasi o mesmo que a respeito da villa de Nossa Senhora das Neves. Tudo respira pobreza, miseria e ignorancia! Está por assim dizer abandonada. As cubatas ou as casas mostram, na maxima parte, completa ruina, e o templo é pobrissimo. Arvores, hervas e arbustos approximam-se da cidade a passos agigantados, e parece aprompṭarem-se para asphyxiar a villa n'um amplexo estreitamente dado.

Aquelles infelizes povos vivem da pesca e do vinho de palma. Arranjam algumas tábuas, fios para redes, especialmente feitos de ortigas silvestres, preparam gamellas, e conduzem estes generos para a cidade nas suas canoas! Têem por capital a residencia do commandante, e por cidade de primeira ordem a praia denominada Ribeira Peixe, mais populosa, mais frequentada e mais querida.

Desejam cultivar o cacau e o café, mas ignoram o que devem fazer, assim como não conhecem a utilidade de muitas arvores. As tábuas obtêem diminuto preço nos mercados; servem apenas para cercados ou ubas, para cubatas e para outras obras ordinarias.

Vivem quasi abandonados, soffrem grandes privações nas suas doenças, e medicam-se com tisanas feitas de vegetaes que alguns d'elles conhecem. Quasi todos têem ulceras nas pernas, rebeldes ao tratamento, e muitos são victimas d'esta enfermidade.

Ali não ha regedor, ha apenas o parocho e um commandante indigena, que tem um immediato e differentes alferes nomeados pelo governo da provincia!

CAPITULO V

Roças e fazendas agricolas

Resumo das roças ou fazendas existentes na ilha de S. Thomé, classificadas por freguezias, segundo o registo da conservatoria, nos annos de 1867 a 1872, divididas por grupos comprehendidos entre 1:000$000 a 80:000$000 réis, 100$000 a 1:000$000 réis e 10$000 a 100$000 réis. — Designação das roças ou fazendas existentes na ilha de S. Thomé, divididas por grupos comprehendidos entre 1:000$000 a 80:000$000 réis, 100$000 a 1:000$000 réis e 10$000 a 100$000 réis, valor que foi arbitrado por occasião do registo na conservatoria. — Mappa das propriedades registadas e respectivos valores desde a sua fundação até ao anno de 1872. — Estatisticas dos maiores possuidores de roças ou fazendas nos annos de 1869 e 1872. — Quantidades de café e cacau produzidas nas roças abaixo designadas, exportadas pelos portos da ilha de S. Thomé, nos annos de 1869 a 1872. — Exportação de café das colonias abaixo designadas nos annos de 1869 e 1876. — Designação, por freguezias, das roças pertencentes ao estado. — Posição e orientação das roças pertencentes ao estado, com designação das quantias por que estão arrendadas.

Resumo das roças ou fazendas existentes na ilha de S. Thomé, classificadas por freguezias, segundo o registo da conservatoria, nos annos de 1867 a 1872, divididas por grupos comprehendidos entre 1:000$000 a 80:000$000 réis, 100$000 a 1:000$000 réis e 10$000 a 100$000 réis.

Freguezias	Grupos			Total
	De 1:000$000 a 80:000$000 réis	De 100$000 a 1:000$000 réis	De 10$000 a 100$000 réis	
Santissima Trindade	30	55	9	94
Magdalena	14	27	3	44
Nossa Senhora da Graça	5	17	4	26
Santo Amaro	8	11	2	21
Nossa Senhora da Conceição	7	11	2	20
Sant'Anna	8	7	-	15
Nossa Senhora de Guadalupe	6	2	-	8
Santa Cruz dos Angolares	3	1	-	4
Nossa Senhora das Neves	-	-	1	1
	81	131	21	233

Designação das roças ou fazendas existentes na ilha de S. Thomé, divididas por grupos comprehendidos entre 1:000$000 a 80:000$000 réis, 100$000 a 1:000$000 réis e 10$000 a 100$000 réis, valor que foi arbitrado por occasião do registo na conservatoria.

De 1:000$000 a 80:000$000 réis

Designação	Valor	Designação	Valor
Agua-Izé.............	80:000$000	Bemfica	8:000$000
Bella Vista............	50:000$000	Moka outr'ora Barro Branco	8:000$000
Santarem ou Val-Flor....	50:000$000	Allemanha..............	7:500$000
Castello do Sul (dominio de Agua-Izé).........	45:000$000	Potó Rei	7:396$000
		Pedroma	7:000$000
Terras da roça Monte Café	29:634$000	Mesquita	6:000$000
Alto Douro (dominio de Agua-Izé)	26:000$000	Campo..................	5:830$000
		Terras em Mouta.........	5:295$300
André Velho...........	25:900$000	Praia das Conchas	5:260$000
S. Nicolau	24:000$000	Cachoeira (dominio de Agua-Izé).................	5:000$000
Fracções da roça Boa Entrada	19:370$000	Ilheu das Rolas..........	5:000$000
Plató Café.............	18:000$000	Cangá...................	5:000$000
Santa Margarida	18:000$000	Iogo-Iogo (dominio de Agua-Izé).................	4:600$000
Terras da fazenda Rio de Oiro	17:250$000	Mestre Antonio..........	4:500$000
Allemanha e Obó do Meio	16:000$000	Boa Nova...............	4:200$000
Muculu...............	15:000$000	Margarida Manuel........	4:000$000
Santa Luzia............	15:000$000	Quingui	3:750$000
Terras na roça Mesquita..	15:000$000	Cassumá................	3:500$000
Chão Preto	12:600$000	Fracção da Roça Mesquita.	3:375$000
Potó..................	11:000$000	Cabeça	3:164$200
Saudade...............	10:000$000	Cangá...................	3:105$000
Agua Funda	10:000$000	Lemos	3:000$000
Sacavem	10:000$000	Gulla	3:000$000
Estrella	9:000$000	Fernando Dias...........	3:000$000
Boa Vista ou Quinglaio...	8:400$000	Blublu	3:000$000
Fracções da roça Maiança	8:000$000	Bôca-Bôca	3:000$000
Bemfica	8:000$000	Cangá..................	3:000$000
Rodia................	8:000$000	Agua Palito	3:000$000

Habitação dos herdeiros do brigadeiro Candido da Costa Soares, na Cabaceira Grande

Designação	Valor	Designação	Valor
Ilhéu	3:000$000	Terras em Agua Junta	1:200$000
Angra de S. João do Grande	3:000$000	Ilha Flor	1:200$000
Terras na roça Mesquita	2:500$000	Cangá	1:157$200
Macambrará	2:100$000	Mouta	1:148$400
Nova Olinda ou Picão (dominio de Agua-Izé)	2:000$000	Cassumá e Barro Branco	1:050$000
Terras na freguezia da Magdalena	2:000$000	Terras na roça Otóto	1:000$000
Terreno no sitio de Bóca-Bóca	2:000$000	Bonança	1:000$000
Morro Peixe	1:500$000	Terras em Agua Funda	1:000$000
Rio de Oiro	1:500$000	Blublu	1:000$000
Boa Esperança	1:500$000	Poita	1:000$000
Campo	1:500$000	Matto Andim	1:000$000
Terras em Cassumá	1:500$000	Gangá	1:000$000
Terreno em Allemanha	1:237$500	Terras na freguezia da Trindade	1:000$000
		Cabeça de Agua	1:000$000

De 100$000 a 1:000$000 réis

Designação	Valor	Designação	Valor
Mouta	923$400	Juntá	675$000
Praia Grande (dominio de Agua Izé)	900$000	Guibu (no logar de)	640$000
Quinta da Graça (metade)	900$000	Terras em Santa Luzia	600$000
Terras em Macambrará	900$000	Obô Izequente	600$000
Monte Café	870$000	Margarida Manuel	600$000
Terras em Margarida Manuel	800$000	Pete-Pete	600$000
S. João da Vargem do Picão	800$000	Terra na freguezia da Trindade	600$000
Terra na roça Labata	800$000	Terra no logar de Lemos	600$000
Reboque	800$000	Santa Fé	600$000
Boa Vista	800$000	Boa Esperança	600$000
Santo Antonio de El-Rei (dominio de Agua-Izé)	750$000	Fracção da roça Otóto	600$000
Fracção da roça Quibanzá	750$000	Fracção da roça Diogo Vaz	600$000
Terra na roça Obó Vermelho	720$000	Terra em Diogo Vaz e Praia Melão	500$000
		Terra no sitio de Bom Bom	500$000

Designação	Valor	Designação	Valor
Gullu	500$000	Ubba Velha	300$000
Cangá	500$000	Terra no sitio de Fugi Falla	300$000
Terra em Madre de Deus	500$000	Terra no sitio de Antonio Soares	300$000
Terra em Babau	500$000	Terras no sitio do Potó Correia	300$000
Terra no sitio de Vallão	480$000	Ubba Cocundia	300$000
Terra na roça Cró-Cró	450$000	Terras em Allemanha	300$000
Ulba	450$000	Fracção da roça Agua Escorregar	300$000
Bó-Bó	450$000	Fracção da roça Maianço	300$000
Maiançо	450$000	Correia	300$000
Piedade	420$000	Terra em Agua Machado	300$000
Roça na freguezia da Trindade	400$000	Terra em Allemanha Baixa	280$000
Balão	400$000	Terra na freguezia da Trindade	270$000
Terra na freguezia da Magdalena	400$000	Quingue ou Cassumé	270$000
Reboque	400$000	Quingue	270$000
Terra no sitio de Palha	400$000	Terra em Ocá Gentil	255$000
Terra no sitio de Agua Escorregar	400$000	Potó	250$000
Babó	400$000	Mão Tres	245$000
Terras em Santa Coelho	400$000	Agua Porca	240$000
Fracção da roça Obó Vermelho	400$000	Obó Vermelho	230$000
Bó-Izequente	396$000	Roça em Batepá	225$000
Terra no sitio de Agua Juntá	378$000	Laranjeira	225$000
Boa Esperança em Agua Porca	375$000	Terra em Antonio Soares	225$000
Ubba Cocundia	372$000	Terra no sitio da Cruz Grande	225$000
Menlembu	350$000	Terra da roça Oque d'El-Rei	225$000
Melhorada	330$000	Gullu em Manuel Jorge	220$000
Terras no sitio da Melhorada	320$000	Matheus Angolar	216$000
Obó Vermelho	300$000	Piedade	213$500
Terras no sitio da Madre de Deus	300$000	Terra no sitio de Chagra	210$000
Cassumá	300$000	Terras ao fundo e á frente da roça Ubba Metade	200$000
Terra no sitio de Agua Creoula	300$000	Agua Junta	200$000
		Terra no sitio de Palha	200$000
		Mulemba	200$000

Designação	Valor	Designação	Valor
Otóto	200$000	Mão Tres	144$000
Terras no sitio de Oque d'El-		Terra no sitio de Torre	
Rei	200$000	Dias	126$000
Santa Luzia	200$000	Terra no logar de Obó Ma-	
Cerca de Santo Antonio	200$000	chado	126$000
Potó	200$000	Terra no sitio de Maiançо	123$000
Terra no sitio de Caixão		Antonio Soares	120$000
Grande	200$000	Terra no sitio de Monta	120$000
Fracção da roça Folha Fede	200$000	Terra no sitio de Santo	
Fugi-Falla	180$000	Amaro	120$000
Terra no sitio de Desejada	166$500	Terra no sitio de Obó Ma-	
Rocinha Colla	160$000	chado	120$000
Pau Branco	160$000	Bobó	120$000
Terra no logar de Rodia	160$000	Roça no sitio do Cruzeiro	120$000
Vermelha	150$000	Cassumá	112$500
Obó Vermelho	150$000	Terras no sitio de Potó	112$500
Colla Agua	150$000	Ototó	112$500
Terra no sitio de Obó Ver-		Terra no sitio de Potó	112$500
melho	150$000	Terra no logar de Potó	112$500
Terra no sitio de Bobó	150$000	Oque d'Agó	108$000
Terra no sitio de Obó Ver-		Piedade	100$000
melho	150$000	Batepá	100$000
Terra no sitio de Bóca-		Cruzeiro	100$000
Bóca	150$000	Fracção da roça Maiançо	100$000
Terra no sitio de Cangá	150$000	Terra no sitio de Manuel	
Matheus Angolar de Baixo	147$600	Jorge	100$000

De 10$000 a 100$000 réis

Designação	Valor	Designação	Valor
Mão Tres	99$000	Mont'Alvão	81$000
Oque d'Agó	90$000	Terra no sitio da Capella	80$000
Terra no sitio de Agua Porca	90$000	Terra no sitio da Agua	
Terra da roça Margarida		Porca	80$000
Malé	87$500	Terra no sitio do Vermelho	70$000

Mappa das propriedades registadas e respectivos valores desde a sua fundação até ao anno de 1872

Natureza das propriedades	Livres	Hypothecadas	Total	Valores dos predios segundo os registos
Predios rusticos	199	131	330	780:049$403
Predios urbanos	37	46	83	85:574$840
Moveis	-	3	3	5:927$236
Diversas	4	2	6	450$000
	240	182	422	872:001$479

Estatistica dos maiores possuidores de roças ou fazendas nos annos de 1869 e 1872

Designação	1869	1872
Europeus	28	36
Asiaticos	-	1
Africanos	33	96
Brazileiros	3	4
Ignorados	-	16
	64	153

Designação	Valor	Designação	Valor
Terra no sitio de Cassumá e Barro Branco	70$000	Terras proximas á Villa de Santo Amaro..........	40$000
Boa Morte..............	66$000	Terra no sitio da Cachoeira.	40$000
Bóca-Bóca	60$000	Terra no sitio de Prevas...	40$000
Lemos.................	60$000	Terra no sitio da Madre de Deus	35$000
Santa Cruz.............	56$250	Terra no sitio de Obba Cocundia	19$500
Terra no logar de Molemba	53$000	Terras no sitio de Torres Dias	19$000
Rocinha na freguezia de Santo Amaro..........	48$000		

Mappa das propriedades registadas e respectivos valores desde a sua fundação até ao anno de 1872

Natureza das propriedades	Livres	Hypothecadas	Total	Valores dos predios segundo os registos
Predios rusticos	199	131	330	780:049$403
Predios urbanos	37	46	83	85:574$840
Moveis	-	3	3	5:927$236
Diversas	4	2	6	450$000
	240	182	422	872:001$479

Estatistica dos maiores possuidores de roças ou fazendas nos annos de 1869 e 1872

Designação	1869	1872
Europeus	28	36
Asiaticos	-	1
Africanos	33	96
Brazileiros	3	4
Ignorados	-	16
	64	153

Quantidades de café e cacau produzidas nas roças abaixo designadas, exportadas pelos portos da ilha de S. Thomé nos annos de 1869 a 1872

Roças	1869		1870		1871		1872		Total	
	Café — Kilog.	Cacau — Kilog.	Café — Kilog.	Cacau — Kilog.	Café — Kilog.	Cacau — Kilog.	Café — Kilog.	Cacau — Kilog.	Café — Kilog.	Cacau — Kilog.
Agua-Izé	228:449	6:108	172:996	25:479	126:247	57:821	92:497	29:643	620:189	119:051
Monte Café	292:480	-	226:943	-	38:462	45	145:442	459	703:327	504
Rio de Oiro	26:022	-	43:899	-	48:270	-	47:239	-	165:430	-
Bella Vista (a Santo Amaro)	46:727	1:171	35:892	2:313	74:842	5:223	42:776	4:184	200:237	12:891
	593:678	7:279	479:730	27:792	287:821	63:089	327:954	34:286	1.689:183	132:446

Exportação de café das colonias abaixo designadas nos annos de 1869 e 1876

Colonias	1869				1876		
	Kilogrammas	Saccas	Volumes	Caixotes	Kilogrammas	Libras	Volumes
S. Thomé.......	2.081:712,659	167	–	–	1.556:859,618	–	–
Ilha do Principe..	182,000	–	–	–	1:175,000	–	–
Loanda.........	1.483:549,927	24	–	–	1.222:336,367	–	–
Benguella.......	93,000	–	–	–	409,000	–	–
Ambriz.........	194:754,180	–	325	–	647:062,976	–	–
Cabo Verde.....	191:106,907	69	–	–	24:928,000	30:152	885
Nova Goa.......	45,000	–	–	1	57,187	–	–
Moçambique	–	–	–	5	366,062	–	2
	3.651:443,673	260	325	6	3.453:194,210	30:152	887

Designação, por freguezias, das roças pertencentes ao estado

Freguezias	Numero de roças
Santissima Trindade..	8
Nossa Senhora da Graça..	3
Nossa Senhora de Guadelupe	2
Santo Amaro	2
Magdalena..	2
Sant'Anna...	1
Nossa Senhora da Conceição	1
Ignoram-se as freguezias...	2
	21

N. B. Não se menciona uma roça por se ignorarem as circumstancias em que se acha.

Posição e orientação das roças pertencentes ao estado, com designação das quantias por que estão arrendadas

Freguesias	Designação e divisão	Posição e orientação	Arrendamentos annuaes — Numero de glebas	Arrendamentos annuaes — Importancia
			1	27$600
			2	24$885
			3	33$120
			4	32$659
			5	41$400
		Frente. — 1:561m,9 desde o antigo Pau de Sabão (ao extremo)............... NO.—Limites lateraes..... Fundo.—Agua Grande á esquerda da estrada.......	6	48$885
			7	34$020
			8	33$060
			9	32$670
			10	36$000
			11	31$680
			12	35$490
			13	33$930
			14	33$290
			15	48$720
Santissima Trindade..	Antonio Vaz (34 glebas)		16	20$400
				547$809
			17	27$000
			18	36$960
			19	52$125
		Frente. — 1:149m,9 desde o antigo Pau de Sabão (extremo), n.º 17 ao Untoé n.º 28................. SE.—Limites lateraes......	20	50$960
			[illegible]	42$410
			22	36$615
			23	37$530
			24	48$060
			25	41$400
			26	52$970
			27	44$040
				470$090

...guesias	Designação e divisão	Posição e orientação	Arrendamentos annuaes	
			Numero de glebas	Importancia
...tissima ...rindade..	Antonio Vaz (34 glebas)	Frente.—125 metros desde o Untoé n.º 28 até ao Pau de Sabão (extremo)..... Fundo.—Manuel Quaresma.	28	36$150
		NO.—Gleba n.º 25 e seu prolongamento .... SE.—Agua Lemos......... SO.—Gleba n.º 26........ NE.—Gleba n.º 30........	29	30$450
		NO.—Gleba n.º 24 e seu prolongamento .... SE.—Agua Lemos........ SO.—Gleba n.º 29........ NE.—Gleba n.º 31........	30	32$940
		NO.—Gleba n.º 23 e seu prolongamento............. SE.—Agua Lemos........ SO.—Gleba n.º 30........ NE.—Gleba n.º 32........	31	27$450
		NO.—Gleba n.º 22 e seu prolongamento .... SE.—Agua Lemos........ SO.—Gleba n.º 31........ NE.—Gleba n.º 33........	32	30$605
		NO.—Gleba n.º 21 e seu prolongamento............. SE.—Agua Lemos........ SO.—Gleba n.º 32........ NE.—Gleba n.º 34........	33	40$470
		NO.—Gleba n.º 20 e seu prolongamento .... SE.—Agua Lemos........ SO.—Gleba n.º 33........ NE.—Roça de Leandro Frotta	34	45$360
		Rendimento total da roça	-	1:261$324

Posição e orientação das roças pertencentes ao estado, com designação das quantias por que estão arrendadas

Freguezias	Designação e divisão	Posição e orientação	Arrendamentos annuaes	
			Numero de glebas	Importancia
Santissima Trindade. .	Antonio Vaz (34 glebas)	Frente.—1:561m,9 desde o antigo Pau de Sabão (ao extremo)............... NO.—Limites lateraes...... Fundo.—Agua Grande á esquerda da estrada.......	1	27$600
			2	[illegible]
			3	33$120
			4	32$659
			5	41$400
			6	48$885
			7	34$020
			8	33$060
			9	32$670
			10	36$000
			11	31$680
			12	35$490
			13	33$930
			14	33$290
			15	48$720
			16	20$400
				547$809
		Frente.—1:149m,9 desde o antigo Pau de Sabão (extremo), n.º 17 ao Untoé n.º 28................. SE.—Limites lateraes......	17	27$000
			18	36$960
			19	52$125
			20	50$980
			21	42$410
			22	36$615
			23	37$530
			24	48$060
			25	41$400
			26	52$970
			27	[illegible]
				[illegible]

Freguezias	Designação e divisão	Posição e orientação	Arrendamentos annuaes — Numero de glebas	Arrendamentos annuaes — Importancia
Santissima Trindade..	Antonio Vaz (34 glebas)	Frente.—125 metros desde o Untoé n.º 28 até ao Pau de Sabão (extremo)..... Fundo.—Manuel Quaresma.	28	36$150
		NO.—Gleba n.º 25 e seu prolongamento............ SE.—Agua Lemos......... SO.—Gleba n.º 26........ NE.—Gleba n.º 30........	29	30$450
		NO.—Gleba n.º 24 e seu prolongamento............ SE.—Agua Lemos........ SO.—Gleba n.º 29........ NE.—Gleba n.º 31........	30	32$940
		NO.—Gleba n.º 23 e seu prolongamento............ SE.—Agua Lemos........ SO.—Gleba n.º 30........ NE.—Gleba n.º 32........	31	27$450
		NO.—Gleba n.º 22 e seu prolongamento............ SE.—Agua Lemos........ SO.—Gleba n.º 31........ NE.—Gleba n.º 33........	32	30$605
		NO.—Gleba n.º 21 e seu prolongamento............ SE.—Agua Lemos........ SO.—Gleba n.º 32........ NE.—Gleba n.º 34........	33	40$470
		NO.—Gleba n.º 20 e seu prolongamento............ SE.—Agua Lemos........ SO.—Gleba n.º 33........ NE.—Roça de Leandro Frotta	34	45$360
		Rendimento total da roça	-	1:261$324

Freguezias	Designação e divisão	Posição e orientação	Arrendamentos	
			Numero de glebas	Importancia
Santissima Trindade..	Roça Bellem[1] (28 glebas)	Frente. — Estrada que de Agua Creoula vae a Monte Café.................. Ignora-se a area e rumos...	1	2$590
			2	10$070
			3	3$030
			4	2$705
			5	6$060
			6	5$800
			7	5$000
			8	3$825
			9	4$180
			10	3$075
			11	3$075
			12	3$520
			13	7$925
			14	3$600
			15	4$020
			16	6$965
			17	8$310
			18	5$765
			19	4$085
			20	4$565
			21	9$510
			22	19$130
			23	1$515
			24	2$700
			25	3$240
			26	6$045
			27	6$045
			28	16$950
		Rendimento total da roça	-	163$300
	Roça Agua Grande[1] (21 glebas)....	Frente.— Estrada que d'este sitio vae á villa da Trindade.................. Ignoram-se as demarcações, area e rumos...........	1	5$825
			2	5$510
			3	11$400
			4	2$460
			5	7$725
			6	1$530
				34$450

Freguezias	Designação e divisão	Posição e orientação	Arrendamentos	
			Numero de glebas	Importancia
		Transporte....	-	34$450
Santissima Trindade..	Roça Agua Grande[1] (21 glebas)....	Ignoram-se as demarcações, area e rumos...........	7	10$320
			8	6$000
			9	7$740
			10	8$010
			11	20$010
			12	1$870
			13	5$040
			14	27$500
			15	2$820
			16	4$080
			17	9$100
			18	2$445
			19	6$555
			20	6$480
			21	2$560
		Rendimento total da roça	-	154$980
	Matheus Angolar[2] (8 glebas)....	Ignoram-se as demarcações, area e rumos...........	1	142$800
			2	30$800
			3	22$600
			4	7$640
			5	5$100
			6	60$745
			7	76$820
			8	124$520
		Rendimento total da roça	-	471$025
	Roça Capella[2]	Ignoram-se as demarcações, area e rumos...........	-	-$-
	Obudo Coelho[3]......	—	1	5$130
			2	3$000
		Rendimento total da roça	-	8$130
	Bôca-Bôca[1]..	Ignoram-se as demarcações, area e rumos...........	-	81$000
	Matheus Ignez[2]....	Ignoram-se as demarcações, area e rumos...........	-	30$100

Freguezias	Designação e divisão	Posição e orientação	Arrendamentos annuaes	
			Numero de glebas	Importancia
Nossa Senhora da Graça.......	Cruzeiro da Melhorada[1] (7 glebas)..	Ignoram-se as demarcações, area e rumos...........	1	3$850
			2	9$830
			3	11$295
			4	3$825
			5	3$825
			6	3$810
			7	9$930
		Rendimento total da roça	-	46$365
	Alba Quim..	Ignoram-se as demarcações, area e rumos...........	-	30$040
	Melhorada[2]..	Ignoram-se as demarcações, area e rumos...........	-	25$000
Nossa Senhora de Guadelupe....	Roça Cruz Grande[4]...	Ignoram-se as demarcações, area e rumos...........	1	9$000
			2	4$500
			3	-$-
			4	9$400
			5	3$040
			6	2$415
			7	5$000
			8	3$615
			9	30$015
			10	28$065
			11	3$030
			12	4$200
			13	2$400
			14	1$560
			15	1$575
			16	2$670
			17	3$015
			18	3$015
			19	20$000
			20	1$680
			21	3$315
			7 A	3$420
			7 B	3$450
				148$380

Freguezias	Designação e divisão	Posição e orientação	Arrendamentos annuaes	
			Numero de glebas	Importancia
		Transporte....	-	148$380
Nossa Senhora de Guadelupe....	Roça Cruz Grande....	Ignoram-se as demarcações, area e rumos...........	16 A	2$265
			16 B	2$295
			19 A	2$325
			-	2$900
			Direita	8$200
			Esquerda	18$600
			Esquerda	18$420
		Rendimento total da roça	-	203$385
Santo Amaro	Obó Angolar [2].......	Ignoram-se as demarcações, area e rumos...........	-	24$500
	Maianço.....	Ignoram-se as demarcações, area e rumos...........	-	15$800
	Larangeira [2]..	Ignoram-se as demarcações, area e rumos...........	-	67$580
Magdalena ..	Bobô (roça). Frente na estrada da Magdalena [1]	Ignoram-se as demarcações, area e rumos...........	-	4$545
	O que Volta [2]	Ignoram-se as demarcações, area e rumos...........	-	22$515
Sant'Anna ..	Rocinha Sant'Anna [2]...	Ignoram-se as demarcações, area e rumos...........	-	6$200
Nossa Senhora da Conceição....	Quibanga [2]....	Ignoram-se as demarcações, area e rumos...........	-	24$080
	Bom Jesus [2]..	Ignoram-se as demarcações, area e rumos...........	-	18$810
	Coima Brava [1].......	Ignoram-se as demarcações, area e rumos...........	-	14$270

[1] O seu estado de cultura é soffrivel
[2] Ignora-se o seu estado de cultura.
[3] O estado de cultura em grande atraso.
[4] Ignoram-se os valores dos arrendamentos das glebas n.º 3, existem uma sem numero de ordem e tres com a classificação de 1 á direita e 2 á esquerda. Ignora-se tambem o seu estado de cultura.

CONDIÇÕES PHYSICAS E MORAES DOS HABITANTES DA ILHA DE S. THOMÉ

> Habitam os S. Thomenses em paiz fertilissimo e vivem pobres e vivem sem luz! Amam os naturaes a sua *cubata*, que transportam de um para outro logar, e ignoram completamente os beneficios que lhes resultaria de possuirem bons predios. Ha cem annos, ha dois seculos eram assim!
>
> E se o grande augmento de população serve para provar que um paiz é fertil e abundante, poderia dizer-se que a ilha de S. Thomé nem é fertil nem abundante em presença do estacionamento ou da diminuição do numero dos seus habitantes.
>
> (Relatorio de 1869, pag. 50 e 54.)

CAPITULO VI

Meio social em que se vive e população ambulante

Considerações geraes.—Alimentação dos habitantes.—Alimentação popular.—Alimentação dos soldados.—Alimentação dos addidos.—Alimentação dos libertos.—Alimentação dos empregados publicos, dos negociantes e dos europeus em geral.—Vestuario dos habitantes.—Usos e costumes dos habitantes.—Um arraial na ilha de S. Thomé.—Religião dos habitantes de S. Thomé.—Movimento dos empregados nas repartições publicas da ilha de S. Thomé, desde 1869 a 1872.—Movimento dos individuos que entraram na ilha de S. Thomé desde 1868 a 1872.—Governadores de S. Thomé desde 1842 a 1872.

Considerações geraes. — As condições physicas e moraes dos habitantes de qualquer paiz fornecem sempre os melhores elementos para se resolverem muitas das questões ácerca da salubridade e insalubridade relativa. É esta uma verdade de ha muito reconhecida, mas abstemo-nos de dar grande desenvolvimento a estas considerações, porque desejâmos apenas expor algumas observações com o fim de fazer sentir a importancia do assumpto, e para que se façam conhecer aos povos de que tratâmos as vantagens da civilisação e do progresso, e as regras da agricultura e hygiene colonial.

Da pagina 97 do relatorio de 1869 transcrevemos o seguinte trecho, pelo qual se determina o assumpto d'este importante capitulo:

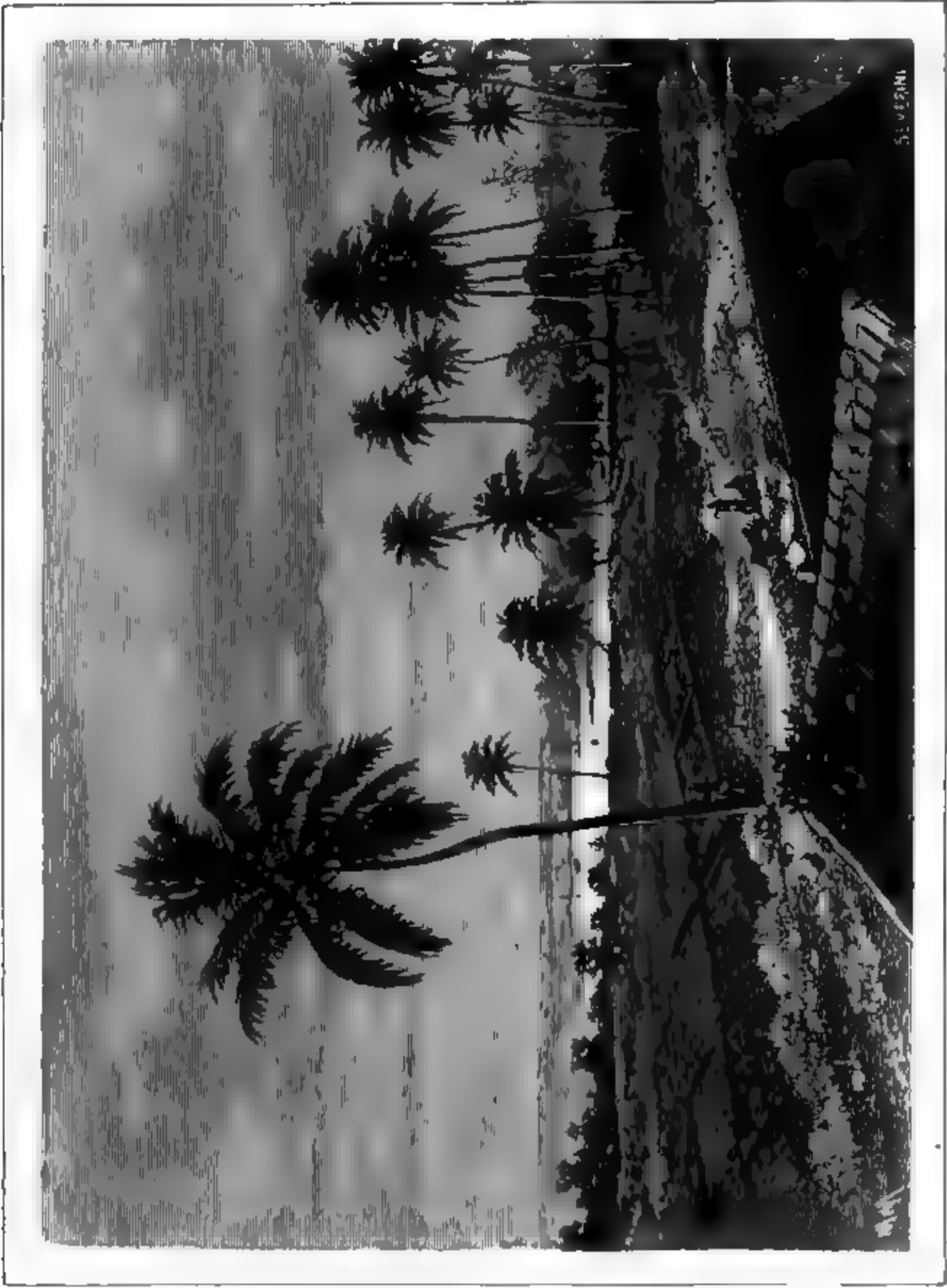
«Nas profissões, modo de vestir, superstições, linguagem, etc., dos habitantes de um paiz, encontram-se algumas particularidades que podem classificar e distinguir os habitantes de certos logares; existem na mesma provincia, ás vezes, modificações nos usos e costumes que não devem esquecer; mudam-se com os tempos as inclinações de um povo, e concorrem muitas vezes para a sua felicidade e tambem para a sua ruina; e por isso julgámos necessario recorrer ao methodo analytico, não esquecendo circumstancia alguma digna de se notar. Do exame de cada uma das suas partes chegaremos á resolução da questão que pretendemos desenvolver; trata-se de avaliar o estado da população da ilha em 1869.»

Alimentação dos habitantes de S. Thomé. — Entre os habitantes d'esta ilha ha differentes categorias ou classes de pessoas, que se alimentam segundo os meios de fortuna de que dispõem. As comidas são preparadas ao gosto de cada um, sem que se possa afiançar existir mais predilecção pela cozinha de um determinado systema. Em muitas casas a alimentação é variada, abundante e delicada. O que, porém, é certo é que para se fazerem algumas considerações sobre este assumpto, é de absoluta necessidade tratar em separado da alimentação popular propriamente dita, pois é essa que mais importa conhecer, da dos soldados, dos addidos e dos libertos; e depois de enumerarmos os generos que o paiz fornece em geral e dos que é preciso importar, diremos em conclusão algumas palavras ácerca da alimentação dos empregados publicos.

Alimentação popular. — Os inermes habitantes da ilha de S. Thomé, luxuosa pela vegetação, contemplando o fructo, que facilmente colhem, têem o coco, que lhes dá agua e a celebre *corda-agua* que lhes mata a sêde, as bananas, que são de facil acquisição, e a *fructa-pão* lhes fornece farinha e amido. Da palmeira extrahem vinho, azeite e manteiga; e alem d'isto ha outros saborosos fructos que a terra produz em abundancia. A ginguba, o inhame, a mandioca, crystallinas aguas, batatas, e finalmente variados vegetaes com que se preparam bons manjares, tudo ali encontram e quasi sem trabalho!

Abundam os peixes, são variados os fructos, e não é rara a carne da tartaruga, de carneiro e de cabrito. As espigas de milho, que assam quando estão verdes, a carne de porco, e as sementes da izaquente obtêem-se com extrema facilidade.

Dissemos em 1869 o seguinte:

«Encontrar-se-ia em qualquer parte e sem trabalhar o que se teria de

Palmar na ponta do Morangul

obter trabalhando, se por acaso os terrenos estivessem tão cultivados como no Minho. A abundancia dá aqui o contrario do que se observa n'outras partes: a população estaciona e foge do trabalho; falta-lhe um inverno, uma estação rigorosa em que ella fosse obrigada a guardar alimentos, acautelando-se da intemperie do tempo e da esterilidade da terra para não morrer de fome. Os fructos são espontaneos, mas parece que a constante fertilidade produz a pobreza e o enfraquecimento!!»

A alimentação popular n'esta ilha é hygienica, variada e de facil acquisição, mas assim como a terra não exige o trabalho do homem, assim este não tem amor á terra. Não se vê um jardim junto da casa do homem do povo, não se encontra uma horta, não se descobre signal algum por onde se conheça que ali se vive com prazer e commodidade!

A riqueza do solo, a esplendida vegetação e os agradaveis panoramas não concorrem em cousa alguma para a felicidade que se poderia disfructar gosando-se tão bons dotes da natureza; não se vê ali uma festa de noivado, nem o viver feliz das familias, nem o cantar alegre da rapariga, nem o amor ao trabalho do afiançado mancebo; não se encontra um vislumbre da vida moral. As familias não se ligam para viver em qualquer logar com permanencia; os filhos, os paes, os irmãos, ou os recemcasados não perpetuam o nome construindo vivenda ao pé de um outeiro, nas margens de um rio, n'um logar mais fertil e mais ameno, formando aqui uma linda aldeia, acolá um distincto logar, mais alem uma elegante povoação, onde os jardins, pomares, as ruas e as casas revelem felicidade, gosto e amor á patria.

É triste e melancolica a vista interior d'esta ilha! Onde a terra produz com abundancia generos de toda a especie, divisa-se um abandono quasi completo; onde o clima favorece culturas variadas e uteis, observa-se o desleixo, a pouca actividade ou o desamparo; onde tudo devia respirar alegria, só a tristeza e isolamento se descobre; onde a associação mais se precisa, é onde ella não existe!

Não é sómente isto, infelizmente, o que acontece. Se se não tratar seriamente de promover para esta desditosa ilha a emigração de individuos de ambos os sexos, vinte annos, unicamente, lhes bastarão para que a população se reduza a um numero insignificantissimo. A força da vegetação e a fertilidade da terra, que n'outra parte seriam causa de progressivo augmento dos habitantes, parecem produzir ali o effeito contrario! Como se poderá explicar o nenhum augmento ou decrescimento da população da ilha de S. Thomé? As estatisticas demonstram claramente que ella voltará aos annos da sua descoberta (1471) e ficará sem uma unica pessoa!

A alimentação terá alguma influencia na producção de similhante phenomeno?

Será a falta do trabalho a causa da grande mortalidade e da pouca fecundação?

A explicação d'este acontecimento não se dará sem que as estatisticas sejam completamente a representação dos factos.

A alimentação popular é de certo curiosa sob muitos pontos de vista. Diz-se que ha uma cozinha á portugueza, outra á franceza e tambem á brazileira; pois deve dizer-se igualmente que ha uma cozinha original em S. Thomé.

Os habitantes contentam-se com os alimentos que menos lhes custam a obter; a sardinha defumada, se a ha; se não bananas assadas ou espigas de milho tambem assadas. Procuram a carne de tartaruga com prazer e usam da pimenta com abundancia. O azeite de palma dá aos seus manjares um aspecto desagradavel, mas isso para elles é o menos. A carne do terrivel tubarão *(guandú* ou *gandú),* a do peixe agulha, a do voador, que pescam em mezes certos, ou a do carapau tem grande procura. O peixe miudo[1] preparado em massa vende-se na praça pelo preço de 20 réis, e o vinho de palma é vendido ás garrafas, sendo conduzido em cabaças ou ocós.

Esta gente tem as suas festas, e por essa occasião dão lautos jantares, em que figuram em profusão leitões, gallinhas, patos, bananas cozidas, etc.

Os manjares mais estimados são os seguintes:

Cazilu ou *Cadulu,* que é feito de um peixe secco, a que dão o nome de placlá, temperado com agua, sal, pimenta, malagueta, oçami, folhas de misquito e flor de micocó. Pisam algumas folhas de ocá tamarindo, simancoiá, libu, pedigotto, manquequê, rosa bilausa (que é uma planta conhecida em Lisboa pelo nome de boas noites) e deitam tudo n'uma panella, juntando-lhe quiabos. Depois de bem cozido leva azeite de palma.

Idgiógó, é preparado com folhas de couve e de agriões, agua, sal, pimenta, malaguetas, oçami e pimenta de ôgô. Cozem uma porção de bananas, que amassam em um almofariz, e é com esta especie de pão, a que chamam ougú, que elles comem o idgiógó.

Sanou, é feito de peixe fresco com agua, sal, pimenta, malagueta, limão, cebola, alhos e azeite de palma.

Izaquente, é feito das sementes de um fructo, que é maior que uma melancia, as quaes são do tamanho de feijões; fervem-se em agua, lançam-se

[1] O peixinho é apanhado na foz dos rios, como temos dito, e repetimos de novo, a fim de que as respectivas auctoridades, informando-se d'este facto, tomem as providencias precisas para evitar similhante pesca, que causa de certo muito prejuizo pela destruição dos peixinhos, que mais tarde povoariam o mar da ilha e seriam um elemento de abundancia publica.

depois n'uma gamella, onde são raladas para lhes tirar a casca; depois deitam-se n'uma panella com a agua necessaria, juntando-se-lhe peixe placlá ou outro qualquer que seja secco, e os mesmos temperos usados no calulú e idgiógó. Tambem se prepara com amendoas de coco, não levando, n'este caso, nem peixe, nem temperos. É uma especie de arroz doce.

Doce cangicár, compõe-se de milho verde pisado até ficar em massa; envolve-se esta em folhas de bananeira verde, que se aquecem, mettendo depois tudo em agua bem quente, aonde se conserva até estar bem cozido. É-lhe depois tirado o involucro e posto ao fumeiro. A esta massa chamam *mácungá*.

Os angolares sustentam-se sómente de banana assada, peixe ou carne de porco assada. Não bebem agua, usam só do vinho de palma. É raro alimentarem-se de comidas cozidas, e no emtanto todos são fortes e musculosos.

Nas villas ou roças matam, em dias festivos, porcos e cabras, conforme a quantidade de convivas. Fazem differentes pratos á europea, não faltando, comtudo, o idgiógó e o calulú.

A izaquente dá-se aos creados.

Alimentação dos soldados. — O que dissemos em 1869 ácerca da alimentação dos soldados referia-se tambem á dos addidos, porque todos se achavam reunidos. Felizmente realisou-se um melhoramento fecundo, nobre e de grandissima necessidade — separaram-se estas classes de individuos.

Devemos memorar o anno e o nome do governador que deu o primeiro passo para se realisar um facto, que á primeira vista parece insignificante, mas que tem alta importancia. Em 1871 foi creado o deposito penal de addidos, primeiro degrau para se chegar á colonia que lhes foi designada em 1869. Ao governador Pedro Carlos de Aguiar Craveiro Lopes se deve esta feliz mudança, intermedio entre o mal e o bem.

Custa a conceber a rasão por que se faziam dormir sob o mesmo tecto os addidos com o soldado, que deve ter constantemente diante de si uma escola de moralidade e não uma cohorte de infelizes condemnados a trabalhos publicos por differentes crimes!

Não podiamos deixar de fazer estas considerações ao dar conta do facto que se realisou — a separação de soldados e de addidos — os quaes estão agora em casas proprias, sob a vigilancia de commandantes, e sujeitos a regulamentos especiaes, aindaque o nosso fim n'este logar é fallar da alimentação dos soldados.

O quadro do batalhão não dá facultativo a este corpo, o que mal se

explica, visto ter uma organisação regular, pelo que se deprehende da lei organica que o creou. No regulamento geral de saude procurou-se de alguma fórma remediar este mal, impondo aos facultativos do quadro de saude a obrigação de desempenhar o serviço medico das praças, corpos militares e destacamentos que não tenham facultativos.

Como se poderão conciliar todos os serviços a que a lei[1] obriga os facultativos do quadro de saude de S. Thomé?

Os soldados devem ter uma ração diaria de café ou de vinho, e na composição do rancho é conveniente a hortaliça, que se póde obter facilmente.

N'esta ilha, onde os suores abundantes e a acção do calor diminuem as forças e produzem a anemia, é necessaria a alimentação tonica-excitante, a qual o paiz fornecerá variada, boa, barata e hygienica, logoque haja desejo de tratar convenientemente d'estas cousas.

A alimentação dos soldados continua a ser deficiente, não variando os generos empregados no rancho, o que n'este paiz é de um effeito pouco salutar; quasi que se sustentam de feijão, ou arroz principalmente. A agua é apanhada no rio um pouco acima da foz e conduzida n'uma pipa para o quartel, sendo necessarias as pedras de filtrar em abundancia, pois a diarrhea e a dysenteria têem nas aguas immundas do rio uma das causas principaes; e tanto isto parece exacto, que as dysenterias estão quasi circumscriptas aos soldados e addidos.

São estas as considerações que nos cumpre fazer, e cremos que se não farão esperar por muito tempo os melhoramentos e reformas necessarias á conservação da vida dos soldados, como a rasão aconselha, a lei exige e a hygiene ensina.

Alimentação dos addidos. — Os addidos são considerados operarios, e como taes distribuidos para diversas obras publicas, e n'este caso são-lhes applicaveis algumas regras de hygiene dos pantanos, que extrahimos do relatorio de 1869, pagina 106, referindo-nos ao livro de Macedo Pinto.

1.ª Os trabalhos dos aterros, charcos, pantanos ou paúes devem começar uma hora depois de nascer o sol, e terminar uma hora antes do occaso;

2.ª Terão vestidos adequados e alimentação nutritiva, bem condimen-

[1] Pelo regulamento incumbe-lhes assistir a todos os corpos de delicto, ás visitas sanitarias do porto e diarias do hospital, ás inspecções militares, ás sessões da junta de saude, e alem d'isso fazerem o serviço do batalhão, o dos addidos, o da camara municipal, e ainda mais escolher, preparar e remetter para Lisboa productos de historia natural, fazer um relatorio annual, etc., etc.

tada com sal e substancias aromaticas, sendo metade das refeições formadas por substancias azotadas;

3.ª Almoçarão antes de saír para o trabalho, tomando em seguida uma ração de café ou de vinho;

4.ª Proximo ao logar do trabalho haverá agua bem limpida e competentemente acidulada, empregando-se para isso o vinagre, o limão, etc.;

5.ª Ser-lhes-ha completamente prohibido o deitarem-se no chão, quer de dia quer de noite;

6.ª Terão cama regular e roupa para se agasalhar;

7.ª Nenhum dos operarios será reputado doente, sem a visita de um facultativo, a qual deverá ser feita pelo medico da respectiva colonia penal.

D'estas regras geraes de hygiene da cidade de S. Thomé indicadas em 1869, para se applicarem aos addidos, nenhuma se poz em pratica, e por isso a mortalidade attingiu o grau que se nota nos respectivos mappas.

É preciso fazer-se a remoção dos addidos para outro logar, e é muito conveniente que a colonia penal se estabeleça em local afastado dos pantanos e que seja proximo do hospital geral; do contrario terá de construir-se uma enfermaria especial com competente pharmacia, medico, pharmaceutico e mais pessoal indispensavel.

Tanto o hospital geral e permanente, como a colonia penal conservarão entre si e a cidade relações regulares, a fim de que o serviço se faça commodamente.

Da colonia penal serão remettidos os vegetaes para o batalhão; e se for organisada em boas condições, os productos das terras darão para as despezas que ella fizer, e tambem para um cofre commum e para os soccorros immediatos, sendo d'este modo uteis a si, aos outros, á ilha e á fazenda publica. As consequencias moraes e materiaes de um melhoramento d'esta ordem são evidentes, e por isso nos abstemos de fazer considerações a este respeito, porque não pertence á junta de saude o occupar-se de tão importante assumpto, mesmo por terem já sido encarregados alguns officiaes de o estudar na ilha e em outros pontos; mas não podemos deixar de levantar um brado de alegria ao lembrarmo-nos que se trata de realisar um melhoramento tão humano, tão civilisador, tão justo, e de facilima e economica execução...

As condições dos addidos são actualmente pessimas, miseraveis e anti-hygienicas; não têem nome nem classificação possivel, dormem, comem e vestem mal!!

Mudem-se as condições de tantos infelizes, e veremos diminuir a sua mortalidade. Os serviços que elles prestam nas obras publicas serão regulares e uteis, e as despezas com dietas serão menores.

A realisação da colonia satisfaz a todas essas indicações, e nós pugnaremos constantemente pelos infelizes addidos e pela colonia penal. «Pede-o a humanidade e a religião christã; exige-o a hygiene e a caridade; e, o que é mais, arrancam-se muitos desgraçados a uma morte certa; haverá mais operarios para as obras publicas, e animam-se pela boa fama da ilha os trabalhadores que porventura convenha para o futuro introduzir aqui».

Alimentação dos libertos. — A classe de liberto é a dos de trabalhadores regulamentares. Na provincia do Minho, em Portugal, ha reuniões populares, em que apparecem uns expondo em praça os seus serviços, e outros examinando aquelles que mais lhes convem, a fim de os contratar por um preço rasoavel. A essas reuniões chamam *feira de creados*, e dizia-se muitas vezes *os creados estão caros*. Ninguem se julga offendido com estas palavras, e as feiras são muito concorridas. Todos entendem que nasceram para trabalhar, e encontram ali os lavradores ou fazendeiros, desde o mais ignorante boieiro, até ao mais habil trabalhador de jardins, de campo, de hortas, pomares, etc.; em S. Thomé vê-se o contrario, julgam que os homens nasceram para viver á sombra de uma palmeira, e que a terra cumpre o seu dever, dando pão, vinho, azeite, fructos, e tudo o que é necessario á vida sem ninguem lhe pedir cousa alguma.

A izaquente, volumoso fructo que abunda na ilha, a fructa-pão, os cocos, o andim, as bananas, a liamba, o algodão, o safu, o cajú e muitos outros generos necessarios encontram-se nas fazendas, nos caminhos, em toda a parte. Os libertos julgam que aquillo é para elles, mas que o trabalho o não é! Os fazendeiros dão-lhes peixe de Mossamedes, bananas grandes, farinha de mandioca, izaquente preparada, e em algumas fazendas têem dinheiro, cachimbos, tabaco e pannos.

A alimentação dos libertos é, pois, como a dos indigenas, e, como estes, amam certos manjares que preparam ao seu gosto e á moda da sua terra.

Alimentação dos empregados publicos, dos negociantes e dos europeus em geral. — A alimentação á portugueza é rara e muito cara. Os empregados publicos soffrem privações, porque á maior parte d'elles é impossivel almoçar, jantar e tomar á noite alguma pequena refeição sem gastarem pelo menos 1$500 réis, que corresponde a um vencimento mensal de 45$000 réis, o que poucos recebem.

Como poderá subsistir um official com 30$000 réis?

Que posição dolorosa, diziamos já em 1869 [1], e continuâmos a repetir.

[1] Relatorio da junta, pag. 108.

Se a alimentação é má e deficiente, gastam na pharmacia[1] os seus vencimentos e sustentam uma lucta ingloria; se quizerem ter uma alimentação regular, não lhes chegam os seus precarios vencimentos!

«A maioria dos empregados, n'esta ilha, ou andam ausentes dos seus logares, ou estão doentes ou em convalescença. Nem têem forças para o serviço, nem gosto para o trabalho.»

Ácerca da alimentação dos habitantes da ilha de S. Thomé mal se póde dar actualmente uma descripção minuciosa e completa. Pelas generalidades enunciadas n'este capitulo póde ajuizar-se até certo ponto da qualidade e abundancia dos alimentos, mas não da sua quantidade nutritiva e da sua influencia no organismo; e é de esperar que chegue occasião opportuna de se fazerem analyses, observações e experiencias tendentes a esclarecer quaesquer duvidas que se apresentem a respeito d'este importante assumpto.

Ha alguns factos notaveis que exigem attento estudo, sendo um d'elles o pequenissimo augmento da população n'uns annos e grande diminuição n'outros. Prende-se esta questão á estatistica da população, a qual deve constar de elementos em que se não tem reparado até ao presente, correndo por isso as estatisticas irregulares, incertas e duvidosas. Sirva de exemplo este facto:

De 1871 para 1872 desappareceram do mappa dos habitantes d'esta ilha 1:364 individuos, sem se explicar o que foi feito d'elles!

É necessario empregar todos os meios para que se não repitam estas e outras irregularidades, e ao mesmo tempo fazer todos os esforços, a fim de que se torne possivel o exame e estudos dos alimentos sob o ponto de vista da sua quantidade nutritiva e verdadeira influencia na procreação e na producção das doenças dos habitantes d'esta formosa e fertil ilha.

Vestuario dos habitantes de S. Thomé. — Um panno e uma camisa decotada fazem o principal e um pouco livre vestuario da mulher do povo.

O panno envolve a cintura, caindo até aos pés, os quaes ficam completamente descobertos. A camisa é de braço curto e com o seu competente bordado. Chama-se a isto andar em liberdade.

Os homens mandam vir roupas e calçado de Lisboa, e trajam vulgar-

[1] Ao intelligente governador Pedro Carlos de Aguiar Craveiro Lopes devem os empregados publicos o valiosissimo beneficio de terem o receituario abonado pela fazenda publica.

É nobre aquelle que deixar acções tão meritorias, e que se esforce para que não falte o pão aos empregados de um paiz, que percebem tenues vencimentos.

mente com asseio e distincção. Ha muitos que apparecem nas suas repartições com a maior decencia.

Em objecto de vestuario é necessario distinguir tambem as differentes classes de habitantes, e seriamos demasiadamente minuciosos se fallassemos dos soldados, dos addidos, dos libertos, dos empregados publicos, dos negociantes e agricultores, das mulheres de distincção e do povo, e até dos padres. São classes differentes, cada uma com as suas inclinações, com os seus exageros e com o seu modo de trajar finalmente.

Escrevemos no relatorio de 1869, a pagina 109:

«O vestuario póde ser caracteristico de um paiz, de uma provincia e até de uma cidade; e até o póde ser de uma ou de outra epocha, quando se trata de usos e costumes.»

Actualmente póde dizer-se que não ha feição particular e diversa da que apontámos n'aquelle anno.

A cidade desmerece do nome ao patentear as suas ruas ordinarias, ao mostrar os seus tristes cercados, os quintaes e as praças! A feira sem ordem, os becos sem limpeza, a tortuosa e morosissima corrente do rio e margens pantanosas e encharcadas fazem-n'a descer muito mais; e se no meio de tudo isto se passeia sobre herva, ou por entre aguas emprazadas nas depressões das ruas, abate-se a cidade de S. Thomé até se não poder comparar com o mais escondido logarejo das provincias de Portugal. E quem poderá exigir um vestuario rigoroso, um toilette elegante, um vestido de primeira ordem?

O trajo dos angolares consiste em duas tiras de panno atado á cintura com uma corda; o resto do corpo fica nú, aindaque esteja a chover. Quando sáem de casa para o mato untam-se com azeite de palma, julgando-se assim, quando chover, ao abrigo de qualquer resfriamento.

Usos e costumes dos habitantes de S. Thomé. — Não se deve fallar dos usos e costumes de um paiz onde as escolas de instrucção primaria são poucas e mal dirigidas. O povo recebe a instrucção que se lhe offerece; e quando esta falta, o que se póde exigir d'elle?

É innegavel que os nativos têem intelligencia, amam o estudo, e ambicionam gloria[1]; mas se lhes faltam as escolas e os bons mestres, ninguem dirá que elles podem aprender.

[1] Conhecemos muitas creanças que lêem e escrevem regularmente, e ha rapazes de quinze a vinte annos com boa calligraphia, que têem amor ao trabalho e desejam ser uteis a si e aos seus. O amanuense que fez a copia do relatorio da junta de saude que foi remettido para a secretaria em 1872 é uma das provas do que avançâmos, e poderiamos tambem nomear os empregados da alfandega e das secretarias

A educação civil e ecclesiastica tem grande poder no futuro dos povos, na sua felicidade, no seu amor ao trabalho e á patria, e aos seus similhantes. Aos poderes publicos cumpre estabelecer uma e outra, empregando os meios ao seu alcance para dar a luz a quem a não tem.

Fazem-se ainda requerimentos aos santos, esperando bom deferimento contra um inimigo ou para que desappareça qualquer doença. As creanças trazem ao pescoço contas, sementes, hervas, paus benzidos, etc., para as livrar do feitiço e maus olhados[1]. As mulheres, aos sete dias do parto, vão ajoelhar ás portas das igrejas, offerecendo-se a Deus. Nas suas cubatas não se póde entrar, porque são pequenas, baixas, sem gosto, sem ordem e sem arranjo. Não ha leitos regulares, uma esteira estendida no chão serve de cama! Gostam de se enfeitar, amam a musica e a dansa; mas nas festas e landús perdem toda a elegancia pelos tregeitos que fazem. Entre ellas, porém, ha muitas que dansam soffrivelmente, e se apresentam com graça e simplicidade.

Um arrayal na ilha de S. Thomé. — Na proximidade da igreja faz-se uma barraca ou cubata muito grande, dentro da qual se põe a mesa. Compõe-se esta barraca de oito estacas de altura regular e sobre ellas collocam-se travessas e uma porção de andala de palmeira, que é amarrada ás travessas com corda feita da mesma andala, a que se dá o nome de *inhé*. Na cabeceira da mesa toma assento o juiz da festa e, para mais distincção, no esteio ou estaca que lhe fica mais proximo, põe-se a imagem de Jesus Christo. Se porém, algum official da mesma festa se assentar n'este logar, paga a multa (a que elles chamam condemnação) de uma garrafa de aguardente ou botija de genebra, e o dinheiro que o juiz e mais officiaes arbitrarem.

do governo. Dêem-lhes escolas regulares e bem dirigidas, que a mocidade n'esta ilha será illustrada.

[1] Quando vimos pela primeira vez o immediato do commandante dos angolares, tinha elle uma saliente corcunda. Lamentámos similhante deformidade, e não o encarámos detidamente n'aquella occasião, reservando-nos para no dia seguinte examinarmos o phenomeno logoque nos fosse possivel, poisque, tendo chegado á capital pelas nove horas da noite, pensavamos mais em descansar do que em indagar das causas de similhante aleijão. Mas qual não foi a nossa surpreza quando, ainda não tinham decorrido vinte e quatro horas, nos approximámos d'aquelle individuo, com o fim de o comprimentar e o vimos sem a corcunda! Soubemos depois a causa.

Á nossa chegada tinha o pobre do homem vestido á pressa um casaco, e o seu saco contra o feitiço ou contra os maus olhados, não havia assentado bem e produzira aquelle grosso volume sobre as costas.

A não ser aquelle incidente, não teriamos conhecido tão bem o genio supersticioso do homem do saco, o immediato do rei dos angolares.

As comidas são compostas, em geral, de uma porção de *filispote*, que é feito de mandioca, de banana assada, calulú e de idgiógó. Em grandes ócós (cabaças) está o vinho de palma, e não falta vinho tinto, genebra e aguardente. O arrayal dura dois ou mais dias e as dansas começam ás seis ou sete horas da tarde. É muito conhecida a musica da irmandade de Santo Izidoro. Os instrumentos limitam-se a um tambor, zabumba e flautas de caniços toscamente feitas!

Enterramentos. — O modo como se fazem os enterramentos tambem tem alguma cousa de singular.

Quando morre alguem que tem irmãos ou mais parentes, estes e os conhecidos se juntam e principiam a chorar; depois lavam o cadaver, vestem-n'o, tiram licença e fallam a um padre para o encommendar; mettem o defunto no caixão, que collocam em cima de uma mesa na sala, tendo previamente coberto a parede com um panno preto e encostado a esta uma outra mesa em fórma de altar, em cima da qual põem a imagem de Christo alumiada por duas vélas, e convidam dois sacristães para cantarem na occasião de conduzirem o cadaver para o cemiterio.

Nos usos e costumes dos habitantes d'esta ilha ha muito que reformar, no que respeita á moralidade, religião e civilisação, para que possa tomar o seu logar na estrada do progresso colonial, que deve ser protegido por todas as auctoridades superiores.

Religião dos habitantes de S. Thomé. — A religião dos povos d'esta ilha é a catholica romana, mas os templos são sómente d'esta terra; não se encontram outros assim em parte alguma.

O templo da Sé servia, em 1872, de deposito das obras publicas! Tem-se gasto ali quantia superior a 12:000$000 réis, e não se vê de igreja mais que as paredes exteriores, porque o interior está todo arruinado.

Na villa da Magdalena o templo parece uma casa velha abandonada, e a igreja da villa da Trindade, collocada n'um agradavel outeiro, pelo estado em que está, faz desanimar o mais fervoroso catholico.

Não fallemos das outras igrejas; não fallemos de cousa alguma mais a similhante respeito, e terminaremos com as seguintes palavras do relatorio de 1869, a pagina 115:

«Dêem-se a este povo bons mestres e bom clero, eduquem-no para o trabalho, que não serão perdidos taes esforços. Muitos e muitos indigenas conhecemos illustrados, cortezes e amigos de trabalhar, e isto acontece nas circumstancias em que tem estado sempre esta ilha.

«O que aqui falta é um bom e util ensino fabril, franco e intelligente

ensino religioso, facil e carinhoso ensino litterario. Se instituirem estes tres elementos do progresso e da civilisação n'esta ilha, ella saírá do abatimento moral a que chegou, para entrar na senda do progresso. Ver-se-ha renascer por toda a parte a esperança. Formar-se-hão associações de beneficencia, desapparecerão os costumes brutaes, e a religião não será um simulacro. Ao movimento moral e intellectual seguir-se-ha a prosperidade publica, para a qual ha verdadeiros elementos, e a ilha de S. Thomé será então a Madeira do Equador!!»

O assumpto é vasto e muito complexo. Se por um lado se tem a examinar as profissões, a alimentação, o vestuario e as habitações dos povos d'este paiz, por outro é necessario attentar no seu temperamento, constituição media, longevidade e maior ou menor duração da vida de cada um.

Cumpre, porém, declarar, que muitos males se poderiam ter remediado se fosse mais demorada nos conselhos da corôa a permanencia de homens reconhecidamente dedicados á causa da civilisação e engrandecimento das nossas colonias, os quaes, havendo estudado e intentado certos melhoramentos para as provincias ultramarinas, não tiveram tempo de fazer realisar a sua execução.

A falta de recursos pecuniarios, e o pouco ou nenhum conhecimento que alguns deputados representantes das nossas possessões têem das suas necessidades urgentes, são tambem causa de se não attenderem as constantes reclamações de muitos governadores. Como póde advogar, com verdadeiro conhecimento, as vantagens ou desvantagens de qualquer medida, um individuo que só conhece uma localidade por ter ouvido fallar n'ella, ou por ter lido o que muitos tambem escrevem sem terem sido testemunhas oculares? Por melhores que sejam as intenções e boa vontade, falta o principal, que é o conhecimento pratico.

Na secretaria do ultramar existem todos os elementos necessarios para se poder decretar ou propor ao parlamento uma reforma ampla e radical; mas qual será o ministro que a possa emprehender de uma vez? Onde se poderiam ir buscar os recursos precisos para se augmentar a nossa esquadra, provel-a de bom material e pessoal necessario, sem elevar consideravelmente a divida publica. Sem navios de guerra e transportes não se póde attender devidamente ao progresso colonial. Esta é a primeira necessidade. Depois seguem-se as expedições compostas de individuos competentemente habilitados para os trabalhos de obras publicas, e o augmento do exercito de terra e do pessoal das repartições, muito mais bem retribuidos do que actualmente estão, para poderem supprir ás mais insignificantes obrigações da vida.

Tem sido esta sempre a nossa opinião, e já tivemos o gosto de ver organisar duas expedições, que muito devem contribuir para o progresso

das possessões que vão explorar. Oxalá que em breve possamos dotar todas as provincias com iguaes elementos.

A attenção da maioria dos portuguezes está fixa n'este assumpto, e parece-nos que não haveria grande repugnancia dos povos em fazerem algum sacrificio para se effectuar a reforma completa das nossas possessões, o que nos poria a par, como paiz colonial, das primeiras nações da Europa, e attenuaria a repugnancia dos que actualmente olham para as provincias de alem-mar com horror, buscando em outras terras os elementos de riqueza que ali poderiam encontrar.

Empregados nas repartições publicas da ilha de S. Thomé desde 1869 a 1872

Designações	Governo	Instrucção publica	Imprensa	Repartição de saude	Repartição judicial	Repartição ecclesiastica	Repartição militar	Repartição de marinha	Repartição do correio	Repartição de obras publicas	Junta da fazenda	Contadoria	Almoxarifado	Alfandega	Administração do concelho	Camara municipal	Total
Governadores	4	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	4
Secretarios	6	–	–	–	–	–	–	–	–	–	2	–	–	–	–	–	8
Officiaes	5	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	5
Amanuenses	8	–	–	–	5	–	–	–	–	–	2	2	–	–	–	–	17
Ajudantes de ordens	5	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	5
Continuo	1	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	1
Porteiros	2	–	–	–	–	–	–	–	–	–	2	2	–	3	–	–	9
Majores	–	–	–	–	–	–	2	–	–	–	–	–	–	–	–	–	2
Capitães	–	–	–	–	–	–	10	–	–	–	–	–	–	–	–	–	10
Tenentes	–	–	–	–	–	–	9	–	–	–	–	–	–	–	–	–	9
Tenentes quarteis mestres	–	–	–	–	–	–	2	–	–	–	–	–	–	–	–	–	2
Alferes	–	–	–	–	–	–	7	–	–	–	–	–	–	–	–	–	7
Alferes ajudante	–	–	–	–	–	–	1	–	–	–	–	–	–	–	–	–	1
Conego	–	–	–	–	–	1	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	1
Vigarios capitulares	–	–	–	–	–	3	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	3
Parochos	–	–	–	–	–	25	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	25
Capellães	–	–	–	–	–	3	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	3
Coadjutores	–	–	–	–	–	3	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	3
Directores	–	–	3	–	–	–	–	–	3	2	–	–	–	3	–	–	11
Chefes	–	–	–	3	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	3
Facultativos	–	–	–	7	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	7
Pharmaceuticos	–	–	–	7	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	7
Ajudantes	–	–	–	1	1	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	2
Juizes	–	–	–	–	4	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	4
Delegados	–	–	–	–	7	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	7
Officiaes de diligencias	–	–	–	–	11	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	11
Ajudante privativo	–	–	–	–	1	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	1
Ajudantes da conservatoria	–	–	–	–	2	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	2
	31	–	3	18	31	35	31	–	3	2	6	4	–	6	–	–	170

Designações	Governo	Instrucção publica	Imprensa	Repartição de saude	Repartição judicial	Repartição ecclesiastica	Repartição militar	Repartição de marinha	Repartição do correio	Repartição de obras publicas	Junta da fazenda	Contadoria	Almoxarifado	Alfandega	Administração do concelho	Camara municipal	Total
Transporte....	31	–	3	18	31	35	31	–	3	2	6	4	–	6	–	–	170
Contador..............	–	–	–	–	1	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	1
Conductor de trabalhos..	–	–	–	–	–	–	–	–	–	1	–	–	–	–	–	–	1
Carcereiro.............	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	1	1
Guarda mór...........	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	1	–	–	1
Guardas de numero.....	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	11	–	–	11
Patrões móres..........	–	–	–	–	–	–	–	2	–	–	–	–	–	–	–	–	2
Patrões de escaleres.....	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	2	–	–	2
Professores............	–	26	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	26
Escrivão deputado......	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	1	–	–	–	–	–	1
Escrivães..............	–	–	–	–	10	–	–	–	1	–	–	–	2	9	6	7	35
Thesoureiros...........	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	2	–	–	–	–	–	2
Escripturarios..........	–	–	–	–	–	–		–	4	–	5	4	–	–	–	–	13
Almoxarifes............	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	3	–	–	–	3
Fieis..	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	2	–	–	–	2
Administradores.......	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	3	–	3
Chefes de policia.......	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	6	–	6
	31	26	3	18	42	35	31	2	8	3	14	8	7	29	15	8	280

Numero de individuos que entraram na ilha de S. Thomé desde 1868 a 1872

Designações	1868	1869	1870	1871	1872	Total
Negociantes	13	2	5	–	1	21
Cauteleiro	1	–	–	–	–	1
Serventes	1	–	–	1	1	3
Trabalhadores	1	–	1	3	–	5
Missionario	1	–	–	–	–	1
Governador	–	1	–	–	–	1
Advogados	–	2	1	–	–	3
Carpinteiros	–	2	2	1	1	6
Capitães de navios	–	–	1	1	1	3
Caixeiros	–	–	1	2	–	3
Marinheiro	–	–	1	–	–	1
Lavradores	–	–	1	3	–	4
Gerente do banco	–	–	1	–	–	1
Peixeiros	–	–	2	–	–	2
Cozinheiro	–	–	1	–	–	1
Musicos	–	–	–	1	1	2
Menores	–	–	–	4	–	4
Administrador de propriedade	–	–	–	1	–	1
Ignora-se	4	2	10	16	14	46
	21	9	27	33	19	109

Governadores de S. Thomé desde 1842 até 1872

Bernardo José de Sousa Soares de Andrêa, official da armada, foi nomeado por decreto de 14 de novembro de 1838.—Ignora-se a data em que tomou posse.

Leandro José da Costa, brigadeiro reformado de milicias.—Tomou posse em 5 de fevereiro de 1843.

José Maria Marques, capitão tenente da armada.—Tomou posse em 11 de março de 1843.

Desde 1 de maio de 1846 até 26 de janeiro de 1847, exerceu a direcção dos negocios da provincia o conselho do governo.

Leandro José da Costa, brigadeiro reformado de milicias.—Tomou posse em 26 de janeiro de 1847.

Carlos Augusto de Moraes e Almeida, capitão tenente da armada.—Tomou posse em 30 de setembro de 1847, e fallecendo em 22 de novembro do mesmo anno, assumiu a direcção dos negocios da provincia até 20 de julho de 1848, o conselho do governo.

José Caetano René Vimont Pessoa, capitão tenente da armada.—Tomou posse em 20 de julho de 1848, e fallecendo em 30 de junho de 1849, assumiu a direcção dos negocios da provincia até 12 de dezembro de 1849, o conselho do governo.

Leandro José da Costa, brigadeiro reformado de milicias.—Tomou posse em 12 de dezembro de 1849.

José Maria Marques, capitão de fragata.—Tomou posse em 9 de março de 1851.

Francisco José de Pina Rollo, capitão tenente da armada.—Tomou posse em 20 de março de 1853.

Adriano Maria Passalaqua, primeiro tenente da armada.—Tomou posse em 28 de julho de 1855, e fallecendo em 21 de março de 1857, assumiu a direcção dos negocios da provincia até 15 de janeiro de 1858 o conselho do governo.

Francisco Antonio Correia, capitão tenente da armada.—Tomou posse em 15 de janeiro de 1858, e fallecendo em 29 de maio do mesmo anno, assumiu a direcção dos negocios da provincia até 7 de fevereiro de 1859, o conselho do governo.

Luiz José Pereira e Horta, capitão do exercito de Portugal.—Tomou posse em 7 de fevereiro de 1859.

Desde 8 de julho até 21 de novembro de 1860, exerceu a direcção dos negocios da provincia o conselho do governo.

Palmeira brava e uma mulambeira na Cabaceira Grande

José Pedro de Mello, major do exercito de Portugal. — Tomou posse em 21 de novembro de 1860.

Desde 8 de julho até 17 de novembro de 1862, exerceu a direcção dos negocios da provincia o conselho do governo.

José Eduardo da Costa Moura, major do exercito de Portugal. — Tomou posse em 17 de novembro de 1862.

João Baptista Brunachy, primeiro tenente de artilheria da provincia. — Tomou posse em 30 de março de 1863.

Estanislau Xavier de Assumpção e Almeida, capitão do exercito de Portugal. — Tomou posse em 8 de janeiro de 1864.

João Baptista Brunachy, capitão de artilheria da provincia. — Tomou posse em 11 de agosto de 1865.

Antonio Joaquim da Fonseca, capitão de artilheria da provincia. — Tomou posse em 30 de julho de 1867.

Estanislau Xavier de Assumpção e Almeida, major do exercito de Portugal. — Tomou posse em 30 de outubro de 1867.

Pedro Carlos de Aguiar Craveiro Lopes, capitão tenente da armada. — Tomou posse em 30 de abril de 1869.

João Climaco de Carvalho, capitão tenente da armada. — Tomou posse em 7 de outubro de 1872, e fallecendo em julho de 1873, assumiu a direcção dos negocios da provincia até 28 de outubro do mesmo anno, o conselho do governo.

Gregorio José Ribeiro, capitão tenente da armada. — Tomou posse em 28 de outubro de 1873.

Por este quadro vê-se, pois, que desde 1842 a 1873, dirigiram a provincia de S. Thomé e Principe vinte e dois governadores e oito conselhos de governo.

CAPITULO VII

Navegação, credito e capitaes

Relação das casas commerciaes existentes na ilha de S. Thomé no anno de 1872. — Café e cacau exportado nos annos de 1869 a 1872 e seu valor no mercado. — Valores dos generos importados e exportados pela alfandega de S. Thomé nos annos de 1869 a 1876. — Direitos de importação e exportação cobrados na alfandega de S. Thomé nos annos de 1869 a 1876. — Transferencia de fundos da alfandega de S. Thomé para o cofre da fazenda nos annos de 1869 a 1876. — Embarcações entradas no porto de S. Thomé nos annos de 1868 a 1876. — Media da duração das viagens de Lisboa a S. Thomé e de Loanda a S. Thomé nos annos de 1870 a 1876. — Embarcações entradas no porto de S. Thomé nos annos de 1868 a 1876, com designação de classes, procedencias e nacionalidades. — Distancias kilometricas entre diversos portos. — Exportação das provincias ultramarinas em 1869. — Exportação das provincias ultramarinas em 1876. — Designação dos productos coloniaes, que vieram para Lisboa em 1876. — Rendimentos publicos.

Relação das casas commerciaes existentes na ilha de S. Thomé no anno de 1872

Freguezias	Nomes dos proprietarios	Localidades	Classificações
Nossa Senhora da Graça (Cidade)	Francisco de Assis Bilard.......	Rua do General Calheiros........	Seccos e molhados.
	Cravid & Santos..............	Idem............	Molhados.
	Manuel Simões da Silva........	Rua da Misericordia	Idem.
	Joaquim Viegas de Abreu......	Idem............	Idem.
	André Fernandes de Barros.....	Rua do Tronco ...	Idem.
	Manuel da Gloria Costa Alegre ..	Rua do General Calheiros	Idem.
	José Fernandes de Barros	Rua de Cima da Sé	Idem.
	Manuel Pimentel Monteverde....	Idem............	Idem.

Freguezias	Nomes dos proprietarios	Localidades	Classificações
Nossa Senhora da Graça (Roças)	João Pires dos Santos..........	Mato Audim	Seccos e molhados.
	Manuel Pimentel Monteverde....	Petepete.........	Idem.
	Lucinda Maria Barbosa e Paiva..	Mouta...........	Idem.
	Nicolau José da Costa	Margarida Malé...	Idem.
	João Innocencio Machado	Ubaquime........	Idem.
	José Pires dos Santos..........	Palha	Idem.
	Francisco José da França e Almeida.....................	Idem............	Idem.
	Feliciano José da Costa	Caixão Grande....	Idem.
	José Narciso da Costa	Bombom.........	Idem.
	Antonio Pereira da Cunha......	Armelim.........	Idem.
	Maria da Piedade França e Almeida de Andrade.............	Thió	Idem.
Nossa Senhora da Graça (Cidade)	João Mendes da Costa e Silva...	Rua do Tronco ...	Molhados.
	André Gonçalves Pinto.........	Rua do General Calheiros	Drogaria.
Nossa Senhora da Conceição .... (Cidade)	José Antonio Soares Dias.......	Rua do Pelourinho	Seccos e molhados.
	João Baptista de Macedo	Rua das Flores ...	Idem.
	Simão Anahory...............	Rua da Praia Açougue..........	Idem.
	José Affonso Bastos	Praça do Governador Mello......	Idem.
	Manuel Joaquim de Sousa......	Idem............	Idem.
	Joaquim Antonio Gomes Roberto	Rua do Morgado..	Idem.
	Rebello & Sobral..............	Rua das Flores ...	Idem.
	Miguel de Sousa	Rua do General Calheiros........	Molhados.
	Amaral & Irmão..............	Rua do Rosario...	Seccos e molhados.
	Lima & Leal.................	Rua de Goes	Idem.
	Lima & Leal.................	Rua de S. João ..	Idem.
	João Antonio Pereira da Cunha..	Rua das Flores ...	Idem.
	Antonio de Paiva Soares Diniz..	Idem............	Idem.
	João da Costa Guimarães.......	Idem............	Idem.
	João d'Alva.................	Rua da Feira Velha	Idem.

Freguezias	Nomes dos proprietarios	Localidades	Classificações
Nossa Senhora da Conceição .... (Cidade)	Francisco de Assis Bilard	Rua de Goes	Seccos e molhados.
	Francisco de Assis Bilard	Rua de Soares....	Idem.
	Manuel da Graça Camplê.......	Rua da Praia Açougue...........	Idem.
	Antonio Pedro Monforte	Rua das Rosas....	Molhados.
	Felix Joaquim de Oliveira......	Praça do Governador Mello......	Seccos e molhados.
	Antonio Eduardo Reis	Rua das Flores ...	Molhados.
	João Antonio da Silva Valla....	Rua de Goes	Seccos e molhados.
	Manuel José Gomes	Rua do Rosario...	Molhados.
	João d'Alba..................	Rua de Goes	Seccos e molhados.
	Sousa Almeida & Thibus.......	Rua do General Calheiros	Idem.
	Sousa Almeida & Thibus.......	Rua da Praia Tabaco	Idem.
	Manuel Duarte da Silveira......	Rua do Morgado..	Idem.
	José Maria Constantino	Rua das Flores ...	Idem.
	Lucrecia Maria Barbosa e Paiva..	Rua do Rosario...	Molhados.
	Nicolau José da Costa	Praça do Governador Mello......	Seccos e molhados.
	Antonio Auzancot & C.ª........	Idem............	Idem.
	José Roballo Gamboa..........	Rua do Morgado..	Idem.
	José Manuel da Costa França....	Rua Soares	Idem.
	José Velloso de Carvalho.......	Rua do General Calheiros	Idem.
	Justino Teixeira Guedes........	Rua da Feira Velha	Idem.
Nossa Senhora da Conceição..... (Roças)	João Innocencio Machado	Rua da Praia Tabaco	Idem.
	João da Costa Guimarães.......	Boa Morte	Idem.
	João d'Alva..................	Agua Grande.....	Idem.
	Joaquim Viegas de Abreu	Boa Morte	Idem.
	Antonio Augusto Barreto da Fonseca	Agua Porca......	Idem.
	Antonio Pereira da Cunha......	Bobô............	Idem.

Freguezias	Nomes dos proprietarios	Localidades	Classificações
Santissima Trindade.. (Villa)	Felix Joaquim de Oliveira......	—	Seccos e molhados.
	Manuel Duarte da Silveira......	—	Idem.
Santissima Trindade.. (Districtos)	Caetano Bernardo Pimentel.....	Lemos..........	Idem.
	Joaquim de Carvalho Pouca Roupa	Cruzeiro.........	Idem.
	Amaral & Irmão.............	Idem...........	Idem.
	Amaral & Irmão.............	Ubaquim........	Idem.
	Nicolau José da Costa.........	Matheus Angolar..	Idem.
	Nicolau José da Costa.........	Batepá..........	Idem.
	João d'Alva.................	Matheus Angolar..	Idem.
	Manuel da Gloria Costa Alegre..	Folha Fede......	Idem.
	João da Costa Guimarães.......	Agua Creoula.....	Idem.
	Sousa Almeida & Thibus.......	Agua Funda.....	Idem.
	Francisco de Assis Bilard......	Cima Cola........	Idem.
	Rebello & Sobral.............	Agua Tanque.....	Idem.
	José Velloso de Carvalho.......	Belem...........	Idem.
	Joaquim Antonio Gomes Roberto	Obô-longo.......	Idem.
	Antonio Azancot & C.ª........	Matheus Angolar..	Idem.
	José da Costa França..........	Agua Doce.......	Idem.
	Rebello & Sobral.............	Cruzeiro.........	Idem.
	Francisco da Silva............	Monte Fidele.....	Idem.
Sant'Anna.. (Villa)	João Antonio da Silva Valla....	—	Idem.
	Simão Anahory..............	—	Idem.
	Francisco de Assis Bilard......	—	Idem.
	Sousa Almeida & Thibus.......	—	Idem.
Santo Amaro (Villa)	Nicolau José da Costa.........	—	Idem.
	João Baptista de Macedo.......	—	Idem.
	Sousa & Irmão..............	—	Idem.
Santo Amaro (Districtos)	Antonio Pereira da Cunha......	Mussungu........	Idem.
	Francisco d'Alva Brandão......	Angra...........	Idem.
	Antonio Azancot & C.ª........	Angra...........	Idem.
	Sousa Almeida & Thibus.......	Angra...........	Idem.
N. S. de Guadelupe....	Nicolau José da Costa..........	Cruz Grande.....	Idem.
	Antonio Azancot & C.ª........	Cruz Grande.....	Idem.
Magdalena..	Francisco A. da Fonseca Aragão	Obô Izaquente....	Idem.
	José Marques................	Palito..........	Idem.
	Joaquim Viegas de Abreu......	Campo..........	Idem.

Mappa demonstrativo da quantidade do café e cacau, exportados da ilha de S. Thomé nos annos de 1869 a 1872, e seu valor no mercado

Annos	Mezes	Café		Cacau	
		Kilogrammas	Valor	Kilogrammas	Valor
1869..	Janeiro........	1:113	165$450	-	-$-
	Fevereiro......	153:203	21:993$267	6:981	960$520
	Março.........	5:786	859$800	531	73$780
	Abril	5:692	843$450	13	1$820
	Maio..........	6:200	889$400	1:040	112$570
	Junho.........	431:325	63:775$610	8:855	1:229$200
	Julho..........	24:600	3:515$340	907	125$720
	Agosto.........	326:888	48:246$890	1:746	272$620
	Setembro	394:614	59:149$510	6:825	947$240
	Outubro	145:506	24:501$680	5:419	751$660
	Novembro......	443:630	65:907$430	9:895	1:288$660
	Dezembro......	82:538	12:373$450	1:903	263$900
		2.021:095	302:221$277	44:115	6:027$690
1870..	Janeiro........	89:859	13:311$440	9:780	1:355$654
	Fevereiro	-	-$-	-	-$-
	Março.........	92:201	13:895$150	16:263	2:255$000
	Abril	35:657	5:314$275	6:461	986$380
	Maio..........	103:413	15:420$300	2:478	354$960
	Junho.........	352:921	52:188$385	3:418	474$740
	Julho..........	404:277	61:203$650	1:035	131$490
	Agosto.........	344:123	49:404$641	5:064	694$270
	Setembro	257:021	37:489$911	19:373	2:612$560
	Outubro	31:810	5:007$860	6:114	728$548
	Novembro......	2:089	231$700	115	10$000
	Dezembro	175:005	6:988$920	22:757	3:092$600
		1.888:376	260:456$232	92:858	12:696$202

Annos	Mezes	Café		Cacau	
		Kilogrammas	Valor	Kilogrammas	Valor
1871..	Janeiro........	9:084	1:427$150	2:556	219$150
	Fevereiro......	7:757	1:096$800	3:090	368$560
	Março.........	5:977	1:383$650	4:265	578$300
	Abril	28:037	4:101$830	9:248	1:103$140
	Maio..........	28:538	8:532$450	2:342	318$500
	Junho.........	335:448	52:952$550	10:342	1:379$640
	Julho..........	254:823	39:428$480	3:200	380$220
	Agosto	679:509	99:003$470	35:232	4:607$520
	Setembro......	208:264	30:327$410	9:112	802$640
	Outubro	299:103	45:761$990	5:080	1:137$626
	Novembro......	39:649	5:643$280	17:954	2:962$580
	Dezembro	66:816	9:198$800	22:202	2:554$120
		1.963:005	298:857$860	124:623	16:411$996
1872..	Janeiro........	113:282	16:543$200	10:408	1:040$600
	Fevereiro......	152:785	22:285$890	10:145	1:391$640
	Março.........	3:230	470$250	272	36$960
	Abril	60:335	8:784$460	26:452	3:613$080
	Maio..........	134:119	19:659$150	21:895	2:976$680
	Junho.........	95:758	13:970$500	1:076	146$660
	Julho	208:059	30:572$580	4:566	620$620
	Agosto........	491:209	72:900$865	8:539	1:128$380
	Setembro	58:949	8:571$100	4:300	584$500
	Outubro.......	180:234	26:420$250	56:335	7:091$080
	Novembro	46:976	8:778$400	16:204	2:008$540
	Dezembro	51:631	10:042$500	52:412	6:828$840
		1.596:567	238:999$145	212:604	27:467$580

Valores dos generos importados e exportados pela alfandega de S. Thomé, nos annos de 1869 a 1876

Annos	Mezes	Navios	Importação	Exportação
1869	Janeiro	Nacionaes ...	7:031$178	237$450
		Estrangeiros..	-$-	-$-
	Fevereiro	Nacionaes ...	7:097$382	23:609$560
		Estrangeiros..	111$800	-$-
	Março	Nacionaes ...	15:513$570	1:253$060
		Estrangeiros..	-$-	-$-
	Abril	Nacionaes ...	5:257$219	1:385$630
		Estrangeiros..	-$-	-$-
	Maio	Nacionaes ...	18:805$484	1:412$710
		Estrangeiros..	-$-	-$-
	Junho	Nacionaes ...	21:256$892	65:852$590
		Estrangeiros..	-$-	-$-
	Julho	Nacionaes ...	10:052$466	3:557$580
		Estrangeiros..	556$845	127$200
	Agosto	Nacionaes ...	10:172$965	50:751$490
		Estrangeiros..	831$853	10$650
	Setembro	Nacionaes ...	10:221$121	60:544$030
		Estrangeiros..	41$400	-$-
	Outubro	Nacionaes ...	4:232$034	24:728$160
		Estrangeiros..	1:655$808	864$320
	Novembro	Nacionaes ...	8:471$643	72:299$560
		Estrangeiros..	750$000	232$500
	Dezembro	Nacionaes ...	10:689$887	13:917$350
		Estrangeiros..	40$000	-$-
	Somma		132:789$547	320:783$860
	Total	....	453:573$407	
	Media mensal	....	37:797$783,9	

Annos	Mezes	Navios	Importação	Exportação
1870	Janeiro	Nacionaes	12:800$231	14:716$448
		Estrangeiros	1:451$714	540$000
	Fevereiro	Nacionaes	15:189$262	25$400
		Estrangeiros	229$777	-$-
	Março	Nacionaes	15:037$450	16:723$798
		Estrangeiros	166$830	-$-
	Abril	Nacionaes	12:511$262	7:509$895
		Estrangeiros	253$478	-$-
	Maio	Nacionaes	19:044$194	15:188$860
		Estrangeiros	369$560	-$-
	Junho	Nacionaes	37:979$693	64:985$955
		Estrangeiros	70$000	-$-
	Julho	Nacionaes	27:704$208	62:332$180
		Estrangeiros	-$-	-$-
	Agosto	Nacionaes	23:699$121	45:742$430
		Estrangeiros	408$510	37$500
	Setembro	Nacionaes	11:094$290	34:098$060
		Estrangeiros	437$728	8:751$300
	Outubro	Nacionaes	5:998$120	6:287$398
		Estrangeiros	100$000	-$-
	Novembro	Nacionaes	7:668$941	469$400
		Estrangeiros	-$-	-$-
	Dezembro	Nacionaes	13:317$970	32:666$060
		Estrangeiros	-$-	• -$-
	Somma		205:532$339	300:074$694
	Total		505:607$033	
	Media mensal		42:133$919,4	
1871	Janeiro	Nacionaes	11:330$463	2:286$680
		Estrangeiros	60$000	-$-
	Fevereiro	Nacionaes	19:391$308	1:465$360
		Estrangeiros	-$-	-$-
	Março	Nacionaes	11:407$748	2:789$150
		Estrangeiros	-$-	-$-
			42:189$519	6:541$190

Annos	Mezes	Navios	Importação	Exportação
	Transporte	–	42:189$519	6:541$190
1871	Abril	Nacionaes ...	22:858$029	5:389$740
		Estrangeiros..	94$698	–$–
	Maio	Nacionaes ...	23:551$335	8:988$950
		Estrangeiros..	40$000	–$–
	Junho	Nacionaes ...	17:505$335	53:708$079
		Estrangeiros..	–$–	–$–
	Julho	Nacionaes ...	11:989$825	47:416$780
		Estrangeiros..	–$–	–$–
	Agosto	Nacionaes ...	14:875$894	104:126$830
		Estrangeiros..	900$000	–$–
	Setembro	Nacionaes ...	22:556$730	30:080$800
		Estrangeiros..	250$000	1:879$200
	Outubro	Nacionaes ...	27:951$286	38:936$796
		Estrangeiros..	–$–	8:526$400
	Novembro	Nacionaes ...	17:081$186	9:079$220
		Estrangeiros..	–$–	–$–
	Dezembro	Nacionaes ...	6:213$124	12:167$800
		Estrangeiros..	–$–	–$–
	Somma	....	208:056$958	326:841$785
	Total	....	534:898$743	
	Media mensal	....	44:574$895,2	
[illegible]	Janeiro	Nacionaes ...	30:832$781	17:982$210
		Estrangeiros..	–$–	–$–
	Fevereiro	Nacionaes ...	17:516$944	24:385$400
		Estrangeiros..	–$–	–$–
	Março	Nacionaes ...	27:812$082	1:015$210
		Estrangeiros..	–$–	–$–
	Abril	Nacionaes ...	49:838$977	12:198$418
		Estrangeiros..	–$–	–$–
	Maio	Nacionaes ...	50:567$404	23:006$420
		Estrangeiros..	–$–	–$–
	Junho	Nacionaes ...	22:638$846	13:133$620
		Estrangeiros..	–$–	–$–
			199:207$034	91:721$278

Annos	Mezes	Navios	Importação	Exportação
	Transporte	–	199:207$034	91:721$278
1872	Julho	Nacionaes	25:212$530	31:507$660
		Estrangeiros	–$–	–$–
	Agosto	Nacionaes	59:519$999	73:404$745
		Estrangeiros	–$–	–$–
	Setembro	Nacionaes	9:441$287	9:330$410
		Estrangeiros	–$–	–$–
	Outubro	Nacionaes	16:896$115	11:279$620
		Estrangeiros	–$–	22:858$910
	Novembro	Nacionaes	17:308$244	11:075$240
		Estrangeiros	213$000	–$–
	Dezembro	Nacionaes	7:630$100	18:136$930
		Estrangeiros	–$–	–$–
	Somma	....	335:428$309	269:314$793
	Total	....	604:743$102	
	Media mensal	....	50:395$258,4	
1873	Janeiro	Nacionaes	16:115$489	24:324$980
		Estrangeiros	–$–	–$–
	Fevereiro	Nacionaes	15:752$399	14:733$060
		Estrangeiros	–$–	–$–
	Março	Nacionaes	24:509$378	7:800$543
		Estrangeiros	–$–	–$–
	Abril	Nacionaes	28:725$427	21:576$400
		Estrangeiros	–$–	–$–
	Maio	Nacionaes	53:064$234	21:447$770
		Estrangeiros	–$–	–$–
	Junho	Nacionaes	28:410$658	44:749$960
		Estrangeiros	–$–	–$–
	Julho	Nacionaes	20:183$747	107:047$170
		Estrangeiros	–$–	–$–
	Agosto	Nacionaes	36:659$019	33:240$680
		Estrangeiros	–$–	–$–
	Setembro	Nacionaes	37:725$524	64:931$715
		Estrangeiros	–$–	–$–
			261:145$875	339:85[illegible]$[illegible]

Annos	Mezes	Navios	Importação	Exportação
	Transporte	–	261:145$875	339:554$258
1873	Outubro	Nacionaes ...	24:526$855	19:425$520
		Estrangeiros..	–$–	–$–
	Novembro	Nacionaes ...	11:608$635	33:744$200
		Estrangeiros..	–$–	–$–
	Dezembro	Nacionaes ...	13:180$886	16:560$730
		Estrangeiros..	–$–	–$–
	Somma	....	310:432$251	409:284$708
	Total	....	719:716$959	
	Media mensal	....	59:976$413,2	
1874	Janeiro	Nacionaes ...	27:758$409	1:208$920
		Estrangeiros..	–$–	–$–
	Fevereiro	Nacionaes ...	19:632$608	21:772$070
		Estrangeiros..	–$–	–$–
	Março	Nacionaes ...	24:813$412	9:048$060
		Estrangeiros..	–$–	–$–
	Abril	Nacionaes ...	71:683$816	1:130$725
		Estrangeiros..	–$–	–$–
	Maio	Nacionaes ...	38:672$698	11:778$070
		Estrangeiros..	–$–	–$–
	Junho	Nacionaes ...	38:099$748	83:456$740
		Estrangeiros..	–$–	–$–
	Julho	Nacionaes ...	29:625$146	42:838$920
		Estrangeiros..	3$000	4:261$059
	Agosto	Nacionaes ...	29:085$269	85:278$535
		Estrangeiros..	–$–	–$–
	Setembro	Nacionaes ...	21:860$956	96:141$390
		Estrangeiros..	–$–	–$–
	Outubro	Nacionaes ...	19:746$398	20:511$200
		Estrangeiros..	486$400	22$500
	Novembro	Nacionaes ...	30:997$802	19:971$448
		Estrangeiros..	–$–	1:477$140
			352:465$662	398:896$777

Annos	Mezes	Navios	Importação	Exportação
	Transporte	-	352:465$662	398:896$777
1874	Dezembro	Nacionaes ...	41:128$601	17:199$420
		Estrangeiros..	486$378	-$-
	Somma..........	....	394:080$641	416:096$197
	Total	....	810:176$838	
	Media mensal	....	67:514$736,5	
1875	Janeiro	Nacionaes ...	20:020$174	52:727$470
		Estrangeiros..	-$-	-$-
	Fevereiro...........	Nacionaes ...	18:197$294	14:592$680
		Estrangeiros..	-$-	-$-
	Março	Nacionaes ...	28:869$854	1:363$200
		Estrangeiros..	-$-	-$-
	Abril...............	Nacionaes ...	53:717$851	4:364$385
		Estrangeiros..	1:243$339	-$-
	Maio	Nacionaes ...	89:921$225	20:175$354
		Estrangeiros..	408$500	-$-
	Junho	Nacionaes ...	51:792$654	43:325$794
		Estrangeiros..	793$375	-$-
	Julho	Nacionaes ...	37:493$233	60:329$122
		Estrangeiros..	-$-	-$-
	Agosto	Nacionaes ...	53:618$048	131:367$383
		Estrangeiros..	644$902	-$-
	Setembro	Nacionaes ...	34:639$542	73:478$100
		Estrangeiros..	141$572	7:659$780
	Outubro.............	Nacionaes ...	19:858$354	50:833$146
		Estrangeiros..	4$275	855$160
	Novembro...........	Nacionaes ...	21:882$606	43:809$148
		Estrangeiros..	-$-	-$-
	Dezembro...........	Nacionaes ...	25:626$644	8:570$390
		Estrangeiros..	-$-	-$-
	Somma..........	....	458:840$439	513:451$112
	Total	....	972:291$551	
	Media mensal.....	....	81:024$295,92	

Annos	Mezes	Navios	Importação	Exportação
1876	Janeiro	Nacionaes	28:219$233	12:496$220
		Estrangeiros	62$309	-$-
	Fevereiro	Nacionaes	31:451$406	238$980
		Estrangeiros	415$484	-$-
	Março	Nacionaes	40:074$068	13:733$048
		Estrangeiros	145$000	-$-
	Abril	Nacionaes	62:550$754	2:866$939
		Estrangeiros	1:475$000	-$-
	Maio	Nacionaes	34:303$757	65:551$630
		Estrangeiros	666$000	393$000
	Junho	Nacionaes	53:455$066	42.621$820
		Estrangeiros	673$000	55$800
	Julho	Nacionaes	48:829$431	23:793$888
		Estrangeiros	349$050	37$500
	Agosto	Nacionaes	62:701$269	52:497$450
		Estrangeiros	1:030$800	-$-
	Setembro	Nacionaes	39:403$507	53:462$720
		Estrangeiros	849$500	60$000
	Outubro	Nacionaes	47:003$988	51:052$240
		Estrangeiros	1:174$720	-$-
	Novembro	Nacionaes	30:709$458	1:254$200
		Estrangeiros	-$-	-$-
	Dezembro	Nacionaes	28:787$136	23:166$200
		Estrangeiros	2:024$598	-$-
	Somma		516:354$534	343:281$635
	Total		859:636$169	
	Media mensal		71:636$347,4	

Direitos de importação e exportação cobrados na alfandega de S. Thomé, nos annos de 1869 a 1876

Annos	Mezes	Navios	Importação	Exportação
1869	Janeiro	Nacionaes	581$608	20$685
		Estrangeiros	-$-	-$-
	Fevereiro	Nacionaes	506$901	2:327$374
		Estrangeiros	24$135	-$-
	Março	Nacionaes	1:374$545	103$726
		Estrangeiros	-$-	-$-
	Abril	Nacionaes	512$757	116$792
		Estrangeiros	-$-	-$-
	Maio	Nacionaes	1:953$800	144$188
		Estrangeiros	-$-	-$-
	Junho	Nacionaes	2:538$316	9:499$446
		Estrangeiros	-$-	-$-
	Julho	Nacionaes	1:089$643	359$787
		Estrangeiros	100$375	12$720
	Agosto	Nacionaes	1:467$305	4:866$964
		Estrangeiros	131$311	1$065
	Setembro	Nacionaes	991$062	6:047$111
		Estrangeiros	8$463	-$-
	Outubro	Nacionaes	358$897	2:156$311
		Estrangeiros	222$525	[illegible]
	Novembro	Nacionaes	1:188$151	6:721$779
		Estrangeiros	202$299	24$424
	Dezembro	Nacionaes	1:199$032	1:359$078
		Estrangeiros	15$387	-$-
	Somma		14:466$512	33:762$306
	Total		48:228$818	
	Media mensal		4:019$068,1	

Annos	Mezes	Navios	Importação	Exportação
1870	Janeiro	Nacionaes	1:157$396	1:810$788
		Estrangeiros	670$713	1$013
	Fevereiro	Nacionaes	1:661$191	3$642
		Estrangeiros	79$523	-$-
	Março	Nacionaes	1:852$230	1:580$910
		Estrangeiros	66$366	-$-
	Abril	Nacionaes	1:695$253	[illegible]
		Estrangeiros	50$206	-$-
	Maio	Nacionaes	2:359$985	1:628$920
		Estrangeiros	153$923	-$-
	Junho	Nacionaes	5:229$114	5:507$205
		Estrangeiros	[illegible]	-$-
	Julho	Nacionaes	3:579$882	6:157$372
		Estrangeiros	3:770$541	5:198$426
	Agosto	Nacionaes	97$168	4$438
		Estrangeiros	-$-	-$-
	Setembro	Nacionaes	1:417$731	3:443$174
		Estrangeiros	98$246	850$713
	Outubro	Nacionaes	809$916	716$301
		Estrangeiros	34$775	-$-
	Novembro	Nacionaes	1:362$002	26$678
		Estrangeiros	-$-	-$-
	Dezembro	Nacionaes	1:344$165	3:636$116
		Estrangeiros	-$-	-$-
	Somma		27:519$986	31:170$504
	Total		58:690$490	
	Media mensal		4:890$874,1	
1871	Janeiro	Nacionaes	1:594$437	218$064
		Estrangeiros	36$100	-$-
	Fevereiro	Nacionaes	2:501$673	179$889
		Estrangeiros	-$-	-$-
	Março	Nacionaes	1:754$651	193$523
		Estrangeiros	-$-	-$-
			5:886$861	591$473

Annos	Mezes	Navios	Importação	Exportação
	Transporte	....	3:886$861	591$473
1871	Abril	Nacionaes ...	3:439$676	1:472$808
		Estrangeiros..	14$530	-$-
	Maio	Nacionaes ...	4:060$790	1:098$282
		Estrangeiros..	16$271	-$-
	Junho	Nacionaes ...	2:918$961	6:277$486
		Estrangeiros..	-$-	-$-
	Julho	Nacionaes ...	2:670$297	4:724$739
		Estrangeiros..	-$-	-$-
	Agosto	Nacionaes ...	2:370$483	12:844$330
		Estrangeiros..	570$365	-
	Setembro	Nacionaes ...	3:256$865	3:704$699
		Estrangeiros..	-$-	[illegible]
	Outubro	Nacionaes ...	2:607$240	4:515$158
		Estrangeiros..	-$-	1:063$804
	Novembro	Nacionaes ...	1:881$294	1:033$677
		Estrangeiros..	-$-	-$-
	Dezembro	Nacionaes ...	[illegible]	1:368$722
		Estrangeiros..	-$-	-$-
	Somma	....	30:500$131	38:930$075
	Total	....	69:430$206	
	Media mensal	....	5:785$850,5	
1872	Janeiro	Nacionaes ...	3:607$411	2:209$836
		Estrangeiros..	-$-	-$-
	Fevereiro	Nacionaes ...	2:077$397	2:948$193
		Estrangeiros..	-$-	-$-
	Março	Nacionaes ...	3:906$326	95$507
		Estrangeiros..	-$-	-$-
	Abril	Nacionaes ...	4:059$425	1:431$943
		Estrangeiros..	-$-	-$-
	Maio	Nacionaes ...	8:344$355	2:739$777
		Estrangeiros..	-$-	-$-
	Junho	Nacionaes ...	3:339$244	1:639$691
		Estrangeiros..	-$-	-$-
			25:334$158	11:064$947

Annos	Mezes	Navios	Importação	Exportação
1872	*Transporte*	....	25:334$158	11:064$917
	Julho	Nacionaes ...	3:079$736	3:878$792
		Estrangeiros..	-$-	-$-
	Agosto	Nacionaes ...	2:645$651	9:094$469
		Estrangeiros..	-$-	-$-
	Setembro	Nacionaes ...	1:332$355	1:140$497
		Estrangeiros..	-$-	-$-
	Outubro	Nacionaes ...	2:197$730	1:309$397
		Estrangeiros..	-$-	2:603$495
	Novembro	Nacionaes ...	2:312$128	1:061$514
		Estrangeiros..	45$180	-$-
	Dezembro	Nacionaes ...	1:234$695	1:606$350
		Estrangeiros..	-$-	-$-
	Somma	....	38:181$633	31:839$128
	Total	....	70:020$761	
	Media mensal	....	5:835$063,4	
1873	Janeiro	Nacionaes ...	1:759$518	2:282$717
		Estrangeiros..	-$-	-$-
	Fevereiro	Nacionaes ...	2:163$779	1:307$998
		Estrangeiros..	-$-	-$-
	Março	Nacionaes ...	3:813$032	682$571
		Estrangeiros..	-$-	-$-
	Abril	Nacionaes ...	4:585$620	1:979$061
		Estrangeiros..	-$-	-$-
	Maio	Nacionaes ...	9:580$794	1:985$385
		Estrangeiros..	-$-	-$-
	Junho	Nacionaes ...	4:455$429	3:911$386
		Estrangeiros..	-$-	-$-
	Julho	Nacionaes ...	3:007$997	9:994$807
		Estrangeiros..	-$-	-$-
	Agosto	Nacionaes ...	3:135$933	3:106$819
		Estrangeiros..	-$-	-$-
	Setembro	Nacionaes ...	2:834$244	6:305$180
		Estrangeiros..	-$-	-$-
			35:316$346	31:595$924

Annos	Mezes	Navios	Importação	Exportação
	Transporte	....	35:316$346	31:595$924
1873	Outubro	Nacionaes ...	2:779$029	1:727$848
		Estrangeiros..	-$-	-$-
	Novembro............	Nacionaes ...	1:389$968	3:142$793
		Estrangeiros..	-$-	-$-
	Dezembro	Nacionaes ...	1:978$934	1:489$546
		Estrangeiros..	-$-	-$-
	Somma..........	....	41:464$277	37:956$ 11
	Total	....	79:420$388	
	Media mensal.....	....	6:618$365,6	
1874	Janeiro	Nacionaes ...	4:008$639	50$374
		Estrangeiros..	-$-	-$-
	Fevereiro	Nacionaes ...	2:345$618	2:007$418
		Estrangeiros..	-$-	-$-
	Março	Nacionaes ...	3:644$165	[illegible]
		Estrangeiros..	-$-	-$-
	Abril............	Nacionaes ...	9:436$511	50$267
		Estrangeiros..	-$-	-$-
	Maio	Nacionaes ...	6:173$268	1:085$052
		Estrangeiros..	-$-	-$-
	Junho	Nacionaes ...	5:530$473	7:744$282
		Estrangeiros..	-$-	-$-
	Julho............	Nacionaes ...	4:214$808	4:061$189
		Estrangeiros..	$375	429$325
	Agosto	Nacionaes ...	2:715$852	7:798$307
		Estrangeiros..	-$-	-$-
	Setembro	Nacionaes ...	3:040$121	9:866$169
		Estrangeiros..	-$-	-$-
	Outubro	Nacionaes ...	3:303$942	1:785$936
		Estrangeiros..	68$424	1$407
	Novembro............	Nacionaes ...	3:977$703	1:767$768
		Estrangeiros..	-$-	67$262
			48:459$899	37:543$480

Annos	Mezes	Navios	Importação	Exportação
	Transporte	....	48:459$899	37:543$480
1874	Dezembro	Nacionaes ...	3:479$275	1:581$849
		Estrangeiros..	208$500	-$-
	Somma.........	....	52:147$674	39:125$329
	Total	....	91:273$003	
	Media mensal.....	....	7:606$083,5	
1875	Janeiro	Nacionaes ...	2:141$271	4:625$488
		Estrangeiros..	-$-	-$-
	Fevereiro	Nacionaes ...	2:187$303	1:328$023
		Estrangeiros..	-$-	-$-
	Março	Nacionaes ...	3:851$469	8$870
		Estrangeiros..	-$-	-$-
	Abril..............	Nacionaes ...	8:819$434	220$876
		Estrangeiros..	239$245	-$-
	Maio	Nacionaes ...	12:503$825	2:125$745
		Estrangeiros..	121$200	-$-
	Junho	Nacionaes ...	8:314$807	3:921$159
		Estrangeiros..	191$825	-$-
	Julho..............	Nacionaes ...	5:240$525	5:249$817
		Estrangeiros..	-$-	-$-
	Agosto	Nacionaes ...	5:205$338	11:931$613
		Estrangeiros..	61$442	-$-
	Setembro	Nacionaes ...	3:899$238	6:644$704
		Estrangeiros..	47$332	496$725
	Outubro	Nacionaes ...	2:752$493	4:140$623
		Estrangeiros..	$400	74$426
	Novembro...........	Nacionaes ...	3:442$948	3:568$644
		Estrangeiros..	-$-	-$-
	Dezembro...........	Nacionaes ...	3:800$970	766$808
		Estrangeiros..	-$-	-$-
	Somma.........	....	62:821$065	45:113$221
	Total	....	107:934$286	
	Media mensal.....	....	8:994$523,8	

Annos	Mezes	Navios	Importação	Exportação
1876	Janeiro	Nacionaes	3:539$179	1:120$917
		Estrangeiros	5$397	-$-
	Fevereiro	Nacionaes	2:957$217	1$495
		Estrangeiros	66$273	-$-
	Março	Nacionaes	6:744$943	1:203$406
		Estrangeiros	57$301	-$-
	Abril	Nacionaes	8:198$925	240$475
		Estrangeiros	389$702	-$-
	Maio	Nacionaes	4:905$330	5:952$492
		Estrangeiros	119$608	36$844
	Junho	Nacionaes	7:520$890	3:997$763
		Estrangeiros	238$221	4$999
	Julho	Nacionaes	6:630$534	2:074$605
		Estrangeiros	104$901	1$988
	Agosto	Nacionaes	5:565$091	3:768$507
		Estrangeiros	221$576	-$-
	Setembro	Nacionaes	5:386$467	4:654$762
		Estrangeiros	248$516	$376
	Outubro	Nacionaes	3:588$701	4:247$566
		Estrangeiros	202$975	-$-
	Novembro	Nacionaes	3:079$136	112$992
		Estrangeiros	-$-	-$-
	Dezembro	Nacionaes	3:793$832	1:928$719
		Estrangeiros	473$620	-$-
	Somma		64:038$325	29:347$606
	Total		93:385$931	
	Media mensal		7:782$160,9	

Transferencia de fundos da alfandega de S. Thomé para o cofre da fazenda da provincia, nos annos de 1869 a 1876

Mezes	Annos							
	1869	1870	1871	1872	1873	1874	1875	1876
Janeiro...........	606$694	3:116$911	1:653$014	5:412$630	3:030$045	3:074$417	5:128$268	3:221$586
Fevereiro.........	2:803$614	1:353$086	2:458$240	4:665$388	2:614$298	3:296$490	2:665$768	2:299$769
Março............	1:492$528	2:904$319	1:751$058	3:689$276	3:409$231	3:415$762	2:933$608	6:076$834
Abril.............	658$425	1:914$151	4:551$779	5:107$206	4:977$817	7:209$361	7:051$466	6:712$176
Maio..............	2:043$479	3:564$964	4:797$214	10:415$631	8:781$329	5:492$653	11:201$671	8:352$714
Junho.............	8:259$755	9:547$614	8:613$610	4:608$640	6:344$701	10:056$099	9:428$870	8:912$679
Julho..............	1:519$723	8:794$581	6:895$655	5:250$820	9:848$766	6:601$134	7:940$404	6:510$406
Agosto............	6:100$743	8:324$285	14:843$848	9:799$363	4:772$902	7:955$994	13:034$844	9:076$696
Setembro..........	6:774$414	5:263$794	6:733$846	1:878$254	6:919$067	9:765$159	8:384$809	7:790$026
Outubro..........	2:725$339	1:365$002	7:626$181	4:697$097	3:415$652	3:906$469	5:276$970	6:084$189
Novembro.........	7:389$968	1:199$604	2:649$240	2:596$065	3:427$251	4:403$024	5:307$127	2:425$486
Dezembro.........	2:175$020	4:607$263	1:966$404	2:146$369	2:615$628	3:994$499	3:461$923	5:937$110
Somma....	42:549$702	51:955$574	64:540$089	60:267$439	60:156$687	69:171$061	81:815$728	73:399$671
Media mensal......	3:545$808,5	4:327$964,5	5:378$340,7	5:022$286,5	5:013$057,2	5:764$255	6:817$977,3	6:116$639,2

Numero de embarcações entradas no porto de S. Thomé nos annos de 1868 a 1876

Annos	Embarcações		Total
	A vapor	De véla	
1868	24	28	52
1869	26	25	51
1870	30	24	54
1871	29	43	72
1872	28	41	69
1873	31	34	65
1874	37	22	59
1875	42	16	58
1876	40	20	60
Somma	287	253	540

N. B. O anno de 1871 foi o de maior numero de embarcações de véla entradas no porto, e o de 1875 foi o de maior numero de vapores.

Media das embarcações entradas mensalmente..... 5

Media das embarcações entradas annualmente..... 60

Media da duração das viagens de Lisboa a S. Thomé e de Loanda a S. Thomé nos annos de 1870 a 1876

		1870		1871		1872		1873		1874		1875		1876	
		Dias	Horas	Dias	Horas	Dias	Horas	Dias	Horas	Dias	Horas	Dias	Horas	Dias	Horas
Vapores…	De Lisboa a S. Thomé	22	1	21	22	21	12	23	13	23	13	22	8	22	15
	De Loanda a S. Thomé	6	4	3	13	3	3	[illegible]	3	4	23	4	1	2	20
Escunas…	De Lisboa a S. Thomé	63	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–
	De Loanda a S. Thomé	–	–	9	6	9	21	12	–	–	–	–	–	–	–
Brigues…	De Lisboa a S. Thomé	45	16	–	–	36	–	44	16	41	3	41	16	46	–
	De Loanda a S. Thomé	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–
Barcas….	De Lisboa a S. Thomé	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	53	12
	De Loanda a S. Thomé	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–
Cahiques..	De Lisboa a S. Thomé	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–
	De Loanda a S. Thomé	19	12	8	17	8	21	9	19	12	4	–	–	–	–
Hiates….	De Lisboa a S. Thomé	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–
	De Loanda a S. Thomé	–	–	7	12	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–
Palhabotes	De Lisboa a S. Thomé	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–
	De Loanda a S. Thomé	–	–	7	19	6	16	9	16	–	–	–	–	–	–

Embarcações entradas no porto de S. Thomé, nos annos de 1868 a 1876, com designação de classes, procedencia e nacionalidades

	Designação	1868	1869	1870	1871	1872	1873	1874	1875	1876	Total
Embarcações	Vapores	24	26	[illegible]	29	28	31	37	42	40	287
	Brigues	5	8	8	5	5	4	5	4	1	[illegible]
	Galeras	1	–	–	–	–	–	–	1	2	4
	Palhabotes	5	1	–	6	7	13	2	2	1	[illegible]
	Cabiques	[illegible]	8	3	8	12	10	7	2	1	63
	Escunas	4	4	6	19	13	3	2	2	6	59
	Chalupa	1	–	–	–	–	–	–	–	–	1
	Hiates	–	–	1	2	–	–	–	–	–	3
	Barcas	–	2	2	1	2	1	1	2	3	[illegible]
	Patachos	–	1	3	1	–	1	1	2	1	10
	Fragata	–	1	–	–	–	–	–	–	–	1
	Cuters	–	–	1	–	1	–	–	–	–	2
	Corveta	–	–	–	1	–	–	–	–	–	1
	Goletas	–	–	–	–	1	–	1	–	–	2
	Catraias	–	–	–	–	–	1	1	–	–	[illegible]
	Brigue-escuna	–	–	–	–	–	1	–	–	–	1
	Transporte de guerra	–	–	–	–	–	–	1	–	–	1
	Lugre	–	–	–	–	–	–	1	–	–	1
	Canhoneira	–	–	–	–	–	–	–	1	1	2
		52	51	54	72	69	65	59	58	60	[illegible]
Procedencia	Loanda	28	19	17	34	33	41	22	13	7	214
	Lisboa	13	17	[illegible]	14	16	14	[illegible]	17	19	147
	Fernando Pó	1	–	1	1	3	–	1	1	–	11
	Gabão	6	2	6	4	–	–	6	3	3	30
	Principe	1	1	4	9	4	1	4	2	3	29
	Rio de Janeiro	1	1	2	2	2	1	–	–	–	9
	Lagos	1	–	–	–	–	–	–	–	–	1
	Ambriz	1	–	–	1	–	–	2	–	1	5
	Mossamedes	–	4	–	–	–	–	–	–	–	4
	Portos do sul	–	1	2	4	5	[illegible]	–	7	8	31
	Cabinda	–	1	–	–	–	–	–	–	–	1
		52	46	50	69	63	61	54	46	41	482

	Designação	1868	1869	1870	1871	1872	1873	1874	1875	1876	Total
	Transporte....	52	46	50	69	63	61	54	46	41	482
Procedencia	Ajudá	-	1	1	1	1	-	1	-	-	5
	Rio dos Camarões	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
	Liverpool	-	-	1	-	-	-	4	7	10	22
	Serra Leoa	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
	Ponta Negra	-	-	-	1	1	-	-	-	-	2
	Banana	-	-	-	-	2	-	-	-	1	3
	Corisco	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	Bonny	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	Tenin	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
	Sete Camas	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
	Cabo Verde	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
	Costa da Mina	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
	Marselha	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
	Portos do Norte	-	-	-	-	-	-	-	2	-	2
	Acrá	-	-	-	-	-	-	-	1	2	3
	Benim	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
	S. Jorge da Mina	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
	Liberia	-	-	-	-	-	-	-	-	2	2
	Cabo de Palmas	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
	New York	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
	Dakar	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
	Ignora-se	-	3	2	-	-	-	-	-	-	5
		52	51	54	72	69	65	59	58	60	540
Nacionalidades	Portuguezes	49	45	47	65	61	62	47	39	40	455
	Inglezes	2	4	2	1	3	1	10	17	20	60
	Francezes	-	1	1	2	1	1	1	2	-	9
	Hespanhoes	-	-	1	1	3	-	1	-	-	6
	Dinamarquezes	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
	Hollandezes	-	-	3	2	1	-	-	-	-	6
	Americanos	1	1	-	1	-	-	-	-	-	3
		52	51	54	72	69	65	59	58	60	540

Distancias em kilometros, de porto a porto, entre as localidades abaixo designadas

	Ilha da Madeira	Ilha de S. Vicente	Ilha de S. Thiago	Ilha do Principe	Ilha de S. Thomé	Loanda	Rio de Janeiro
Lisboa para	981,56	2:898,38	3:185,44	7:050,56	7:222,80	8:422,89	15:073,42
Ilha da Madeira para	-	1:916,82	2:203,88	6:069,00	6:241,24	7:441,33	13:091,78
Ilha de S. Vicente para	1:916,82	-	287,06	4:152,18	4:324,62	5:524,51	12:175,04
Ilha de S. Thiago para	2:203,88	287,06	-	3:865,12	4:037,36	5:237,45	11:887,98
Ilha do Principe para	6:069,00	4:152,18	3:865,12	-	172,23	1:372,33	8:022,86
Ilha de S. Thomé para	6:241,24	4:324,62	4:037,36	172,23	-	1:200,09	7:850,62
Loanda para	7:441,33	5:524,51	5:237,45	1:372,33	1:200,09	-	6:650,53
Rio de Janeiro para	13:091,78	12:175,04	11:887,98	8:022,86	7:850,62	6:650,53	-

Para se achar a distancia entre duas localidades toma-se a linha horisontal de uma, e a vertical de outra; no ponto onde estas linhas se reunirem ahi se encontrará a distancia marcada. Por exemplo: Quer-se saber que distancia ha entre a ilha do Principe e Loanda, corre-se a vista pelas casas que horisontalmente estão em frente do nome da ilha, e pelas que verticalmente estão abaixo do nome Loanda, no ponto onde as duas linhas se encontrarem, ahi achará o leitor a distancia que deseja saber (1:372,33).

Exportação das provincias ultramarinas no anno de 1869

Generos	Unidades	Cabo Verde	S. Thomé e Principe	Angola	Moçambique	India	Somma
Café	Kilogr.	191:106,907	2.081:894,659	1.378:397,107	–	45	3.651:443,673
	Sacas	69	167	349	–	–	585
	Sacas e caixotes	–	–	–	5	–	5
	Caixotes	–	–	–	–	1	1
Urzella	Kilogr.	100:189,405	–	524:157,988	–	–	624:347,393
	Sacas	11	–	2	–	–	13
Aguardente	Kilogr.	1:212	–	–	–	–	1:212
	Litros	1:857,5	–	–	–	–	1:857,5
	Barris	3	2	–	–	–	5
	Caixas	10	–	–	–	–	10
	Garrafões	76	4	5	–	–	85
	Garrafas	19	–	–	–	–	19
	Pipas	–	–	6	–	–	6
Assucar	Kilogr.	239:204,461	–	–	–	78:075	317:279,461
	Barricas	498	–	–	–	–	498
Semente de purgueira	Litros	1.155:336	438:081	–	–	–	1.593:417
	Sacas	150	–	–	–	–	150
Gomma	Kilogr.	9,180	93	224:551,925	258,275	–	224:912,380
Mandioca	Kilogr.	230	39,375	339,508	–	–	608,883
	Sacas	1	1	1	–	–	3
	Latas	–	13	2	–	–	15
	Litros	–	–	65	–	–	65
Tapioca	Kilogr.	–	15	82,620	–	–	97,620
Cacau	Kilogr.	–	222:870,5	–	–	–	222:870,5
Ginguba	Kilogr.	–	78	5.259:148,825	–	–	5.259:226,825
	Sacas	–	–	888	–	–	888
	Panjas	–	–	–	9:692	–	9:692
Cera	Kilogr.	24:247,845	148,257	1.052:301,842	25:522,937	–	1.102:220,881
	Encapados	29	–	–	–	–	29
Gergelim	Kilogr.	–	–	11:565	–	–	11:565
	Panjas	–	–	–	2:538	–	2:538
Arroz	Kilogr.	–	–	–	–	115:185	115:185
Pimenta	Kilogr.	–	–	–	–	23:325	23:325
Trigo	Kilogr.	–	–	–	–	3:750	3:750
Quina	Kilogr.	–	–	293,760	–	–	293,760
Amendobi	Kilogr.	–	36	–	–	–	36
Castanhas	Panjas	–	–	–	1:504	–	1:504
Algodão	Kilogr.	–	7:356	556:066,415	–	–	563:432,415
	Volumes	–	–	17	–	–	17
Mamona	Kilogr.	46:009,2	–	17:340,561	–	–	63:349,761
	Sacas	1	–	–	–	–	1

Artigos	Unidades	Cabo Verde	S. Thomé e Principe	Angola	Moçambique	India	Somma
……………	Kilogr.	—	—	—	962,335	277:118,437	278:080,772
…cha ………	Kilogr.	—	—	1:656,457	472,5	—	2:128,957
…e …………	Kilogr.	—	—	—	—	8:400	8:400
…a …………	Kilogr.	—	—	—	—	29:244,760	29:244,760
…áma………	Kilogr.	—	—	—	—	5:461,400	5:461,400
… canhamo….	Kilogr.	—	—	—	—	2:784,375	2:784,375
…co …………	Kilogr.	—	—	3:736,514	—	—	3:736,514
…ote ………	Kilogr.	—	—	298:160,788	—	—	298:160,787
… de palma…..	Kilogr.	—	5:983	364:514,797	—	—	370:497,797
	Ancoretas	—	4	—	—	—	4
	Barris	—	15	99	—	—	114
	Litros	—	—	1.138:529,017	—	—	1.138:529,017
	Pipas	—	—	92	—	—	92
	Gallões	—	—	11:104	—	—	11:104
… de palma ou de …guba ………	Kilogr.	—	—	2:240,169	—	—	2:240,169
… de côco…..	Litros	—	—	—	—	2:707,250	2:707,250
… de ginguba ..	Kilogr.	—	—	31:045,544	—	—	31:045,544
	Litros	—	—	140:887,139	—	—	140:887,139
	Pipas	—	—	20	—	—	20
	Barris	—	—	24	—	—	24
… de peixe…..	Kilogr.	—	—	14:500,064	—	—	14:500,064
	Litros	—	—	220:338,358	—	—	220:338,358
	Cascos	—	—	2	—	—	2
	Pipas	—	—	28	—	—	28
	Meias pipas	—	—	2	—	—	2
	Quartolas	—	—	2	—	—	2
	Barricas	—	—	4	—	—	4
	Barris	—	—	26	—	—	26
…sos ………	Kilogr.	8:202,570	265:782	88:348,843	19:674,478	—	381:977,891
	Volumes	260	69	576	14	165	1:084
	Numero de objectos	156	5:730	527	11	—	6:424

Exportação das provincias ultramarinas no anno de 1876

Generos	Unidades	Cabo Verde	S. Thomé e Principe	Angola	Moçambique	India e Macau	Somma
Semente de pur-[illegible]	Litros	1.394:379,600	–	–	–	–	1.394:379,[illegible]
Urzella	Kilogr.	28:677,687	–	176:288,506	–	–	206:966,193
	Volumes	1:265	–	–	–	–	1:265
Assucar	Kilogr.	21:914,209	–	–	–	–	21:914,[illegible]
	Volumes	62	–	–	–	261	323
Aguardente	Litros	2:320	–	–	–	–	2:320
	Garrafões	165	–	–	–	–	165
Café	Kilogr.	24:928	1.558:034,618	1.869:808,343	366,062	57,187	3.453:196,[illegible]
	Litros	30:152	–	–	–	–	30:152
	Volumes	885	–	–	2	–	887
Gomma	Kilogr.	–	22	132:973,456	–	–	132:995,456
	Volumes	126	–	–	–	–	126
Cera	Kilogr.	620	–	1.472:643,001	4:558,125	–	1.477:[illegible]
	Volumes	530	–	–	111	–	641
Borracha	Kilogr.	–	–	375:025,661	10:864,2	32,334	385:922,195
	Volumes	10	–	–	333	–	343
Cacau	Kilogr.	–	489:371,312	–	–	–	489:371,312
	Saccas	–	4	–	–	–	4
Mandioca	Kilogr.	–	50	–	–	–	50
	Caixas	–	3	–	–	–	3
Ginguba	Kilogr.	–	1:424	340:812,044	–	–	342:236,044
	Volumes	–	–	–	7:458	–	7:458
Algodão	Kilogr.	–	–	348:696,421	–	–	348:696,421
Oleo de palma	Kilogr.	–	–	108:209,957	–	–	108:209,957
	Litros	–	–	433:277,246	–	–	433:277,246
Extracto de café	Garrafões	–	–	–	31	–	31
Chá	Volumes	–	–	–	–	59	59
Rotim	Kilogr.	–	–	–	–	17:831,250	17:831,250
Cairo	Kilogr.	–	–	–	–	139:503,750	139:503,750
	Volumes	–	–	–	–	3:800	3:800
Arroz	Kilogr.	–	–	–	–	1:142	1:142
Pimenta	Kilogr.	–	–	–	–	38:825,625	38:825,[illegible]
	Volumes	–	–	–	–	551	551
Diversos	Kilogr.	13:959,5	3:358,8	1.060:693,047	–	–	1.078:011,347
	Litros	13:484,8	–	18:916,200	–	–	32:401
	Volumes	14:964	53	2:522	255	1:522	19:316
	Numero de objectos	–	4:020	29	–	–	4:049

Designação dos productos das colonias que vieram para Lisboa no anno de 1876

Cabo Verde

Mancarra.	Mel.	Cobre.
Cocos.	Coral.	Caroço de palma.
Café.	Cera	Lã.
Aguardente.	Semente de purgueira.	Coconote.
Urzella.	Atados de pelle de cabrito.	Madeiras.
Couros de boi.	Tabaco.	Esteiras.
Assucar.	Cidreira.	Gomma.
Mostarda.	Feijão.	

S. Thomé e Principe

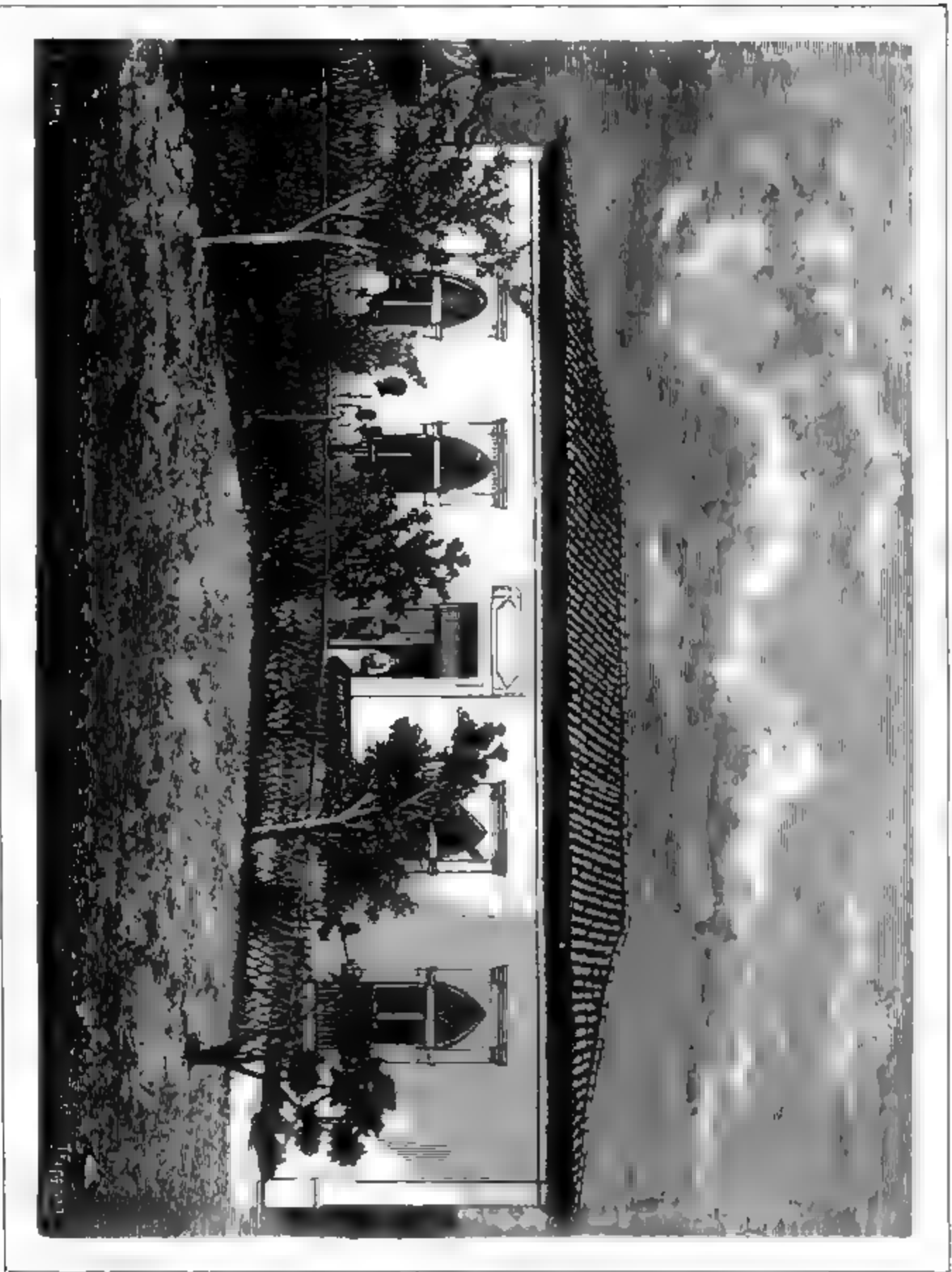
Café.	Mandioca.	Cocos.
Cacau.	Tabaco.	Lã.
Tartaruga.	Farinha de pau.	Cravo do Maranhão.
Gomma.	Gengivre.	

Benguella

Marfim.	Algodão.	Pimenta.
Borracha.	Coconote.	Azeite de peixe.
Urzella.	Azeite de palma.	Semente de algodão.
Cera.	Café	Ginguba.
Gomma.	Mandioca.	

Ambriz

Café.	Ginguba.	Marfim
Urzella.	Cera.	Algodão.
Aguardente.	Borracha.	
Gergelim.	Gomma.	

Mossamedes		
Algodão. Urzella. Cera.	Borracha. Azeite de peixe. Semente de algodão.	Mandioca. Marfim.
Moçambique		
Borracha. Cera.	Café Amendoim.	Espirito de café. Esteiras.
Goa		
Assucar. Pimenta. Arroz. Couro.	Sumaúma. Linho. Bambús. Borracha.	Café. Rotim.

Casa de campo de Rita Alves, em Micorine

Rendimentos publicos. — Para se poder verificár o acrescimo de receita das nossas possessões, e avaliar-se a quanto poderá ascender quando ellas forem verdadeiramente apreciadas, e se desenvolva convenientemente a sua producção, apresentâmos o resumo da receita total dos impostos cobrados no anno economico de 1850–1851 e no de 1875–1876, d'onde se vê que houve um augmento muito consideravel, que nos faz antever um futuro ainda mais prospero, se os governos continuarem a prestar a sua attenção para este ramo de administração como ultimamente têem feito.

1850–1851

Impostos directos	185:992$225
Ditos indirectos	379:213$943
Proprios e rendimentos diversos	148:977$068
	714:183$236

1875–1876

Impostos directos	589:070$777
Ditos indirectos	929:384$333
Proprios e rendimentos diversos	312:921$333
Rendimento com applicação especial	195:777$777
	2.027:154$220

Differença para mais no ultimo anno economico:

Impostos directos	403:078$552
Ditos indirectos	550:170$390
Proprios e rendimentos diversos	163:944$265
Rendimento com applicação especial	195:777$777
	1.312:970$984

Infere-se d'este quadro um acrescimo de receita que se não afasta muito da percentagem de 200 por cento.

Note-se, porém, que as despezas tambem augmentaram relativamente, porque sendo, no anno de 1850–1851, 803:016$648 réis, subiram no de 1875–1876 a 1.130:163$828 réis, devendo observar-se que no primeiro periodo o orçamento apresentava um deficit de 88:833$412 réis, ao passo que n'este ultimo accusa um saldo não inferior a 96:990$392 réis.

Sendo o commercio de Africa aquelle que hoje mais interessa á praça de Lisboa, damos em seguida termos de comparação, identicos aos precedentes, para a receita privativa das quatro provincias africanas.

Cabo Verde

1850-1851	78:444$270
1875-1876	220:377$000
Differença......	141:932$730

S. Thomé

1850-1851	7:465$664
1875-1876	109:610$000
Differença......	102:144$336

Angola

1850-1851	235:121$720
1875-1876	565:074$000
Differença......	330:852$280

Moçambique

1850-1851	78:404$511
1875-1876	247:713$000
Differença.....	169 308$489

Entram n'estes totaes os impostos indirectos nas seguintes proporções:

Cabo Verde

1850-1851	49:026$312
1875-1876	119:000$000
Differença......	69:973$688

S. Thomé

1850-1851	5:783$909
1875-1876	70:600$000
Differença......	64:8 6$091

Angola

1850-1851	177:077$333
1875-1876	419:800$000
Differença......	242:722$667

Moçambique

1850-1851	66:888$658
1875-1876	200:160$000
Differença......	133:271$342

HYGIENE PUBLICA

CAPITULO VIII

A cidade de S. Thomé em 1872

Considerações a respeito do estado actual da cidade de S. Thomé; consultas da junta de saude a tal respeito.

Antes de expormos o estado actual da cidade de S. Thomé, convem mencionar algumas providencias que foram aconselhadas e ordenadas pelas auctoridades competentes, com o fim de melhorar as condições hygienicas da referida capital.

Em 1861 era tão reconhecida a insalubridade d'esta cidade, que se publicou um codigo de posturas, em que se determinaram diversas disposições tendentes, não só ao asseio e policia da capital, como ao seu embellezamento. Estas posturas não chegaram a ter execução, não obstante a approvação do conselho de districto e as instantes recommendações dos governadores da provincia.

Um tão manifesto abandono nas cousas tão reconhecidamente uteis é mais que reprehensivel, está abaixo de toda a classificação. Custa a crer que, sendo o queixume quasi geral nos habitantes, estes se esquivem tambem a auxiliar as auctoridades no empenho dos melhoramentos que, uma vez iniciados, seriam um principio de progresso e a guarda avançada de todos os melhoramentos de que a cidade, em especial, tanto carece, e tão recommendados hão sido, não só pelo governo da metropole, como por muitas das auctoridades administrativas.

O nosso empenho n'esta publicação é patentear com toda a clareza não só o que merece ser censurado, como o que é digno de louvor. N'este simples e despretencioso trabalho não conhecemos pessoas, conhecemos factos, e apontal-os é um dever de quem se propõe escrever obras d'esta natureza, embora tenha a convicção de que não serão adoptados tão cedo os conselhos que se apresentam, como o não têem sido as determinações das auctoridades que, revestidas da força que a lei lhes dá, se vêem obrigadas a repetir tempo depois, embora por differente fórma, as disposições que haviam determinado anteriormente.

O codigo de posturas a que nos referimos foi a primeira base para se cuidar da limpeza e policia da cidade de S. Thomé, tão afamada pela sua insalubridade; e comtudo, a despeito da portaria de 20 de novembro de 1861, referendada pelo governador José Pedro de Mello, ficou ella sendo letra morta, não obstante este funccionario chamar a attenção e responsabilidade do administrador do concelho para que fizesse executar as prescripções das referidas posturas, vistoque o policiamento da cidade apresentava os maiores inconvenientes pelos abusos que appareciam contra os preceitos determinados, e que dependiam da irregularidade de serviço, do pouco zêlo e da falta de actividade da administração do concelho.

Esta portaria é um signal evidente do que levâmos dito; mas para que se não julgue exagerado o que escrevemos, publicâmos o circumstanciado relatorio da junta de saude, datado de 24 de dezembro de 1862, que foi elaborado em execução da portaria de 26 de novembro do mesmo anno, referendada pelo governador José Eduardo da Costa Moura, na qual se determinou que a referida corporação, tendo estudado devidamente as causas d'onde provém a insalubridade da cidade, e depois de reconhecida a utilidade que deverá resultar para a provincia de serem melhoradas as condições hygienicas em harmonia com os meios de que a mesma podér ir dispondo, informasse minuciosamente das causas provaveis que originam e alimentam aquella insalubridade, apontando os meios que julgasse mais adequados para a sua extincção.

«**Repartição de saude da provincia de S. Thomé e Principe.**—A junta de saude da provincia de S. Thomé e Principe, tendo entrado no exame e indagação das causas que determinam ou favorecem o desenvolvimento das molestias mais graves que reinam n'esta ilha e que alimentam a sua insalubridade, em virtude da portaria de v. ex.ª n.º 164 de 26 de novembro ultimo (1862), tem a honra de apresentar a v. ex.ª as seguintes considerações como resultado d'aquelle trabalho.

«Começando pela *collocação da cidade*[1] diremos que, estando esta situada dentro de um amphitheatro de montanhas cobertas da mais luxuriosa vegetação, em terreno baixo, com muito pouca inclinação para o mar, rodeada por quasi todos os lados de rios e regatos que trazem a

[1] «A collocação da cidade ha sido condemnada em todos os relatorios ou informações medicas, mas têem sido olvidadas taes recommendações, e comtudo a mudança é tão facil quanto necessaria e economica para a fazenda publica e camara municipal. Não ha um unico estabelecimento publico regular, têem de ser todos construidos; porque se não procura logar proprio?... *(Nota do relatorio do serviço de saude de 1871.)*»

sua origem dos altos picos, é esta existencia muito favoravel á accumulação ou deposito das aguas das chuvas, produzindo charcos e pantanos, cujas exhalações miasmaticas, provenientes dos detritos vegetaes e animaes que n'elles se acham suspensos, influem poderosamente no desenvolvimento das febres e de outras enfermidades com caracter mais ou menos grave. Mas, apesar d'esta má collocação e da natureza do clima excessivamente quente, a cidade tornar-se-ía menos insalubre se não concorressem outras causas cuja influencia malefica talvez seja de mais intensidade, como vamos desenvolver nos seguintes paragraphos.

«A agua de que em geral se faz uso na cidade é tirada dos rios de que acima fallâmos, e a tão pequena distancia da cidade que não é possivel obtel-a pura e livre de immundicias, não só pela circumstancia de estarem as margens dos rios cobertas de lodo e hervas, onde a fermentação putrida se opera com muita promptidão, mas tambem porque os habitantes, pela maior parte, ali fazem os seus despejos; por conseguinte os miasmas deleterios não só são ingeridos na economia animal pelo ar que se respira, mas tambem nas comidas e na propria agua que se bebe. E note-se tambem que é n'estes mesmos rios onde toda a gente vae lavar a roupa, o que não deixa de ser bastante nocivo á saude publica[1].

«Alem das causas de insalubridade acima enumeradas, não podemos deixar de notar o pessimo systema das construcções das casas, pela maior parte de tábuas até ao chão, sem terem a ventilação necessaria, e recebendo muito pouca luz solar, com quintaes cobertos de plantas diversas sem conveniencia alguma aos usos domesticos, e que por suas exhalações só servem para viciar o ar atmospherico e para occultar a immundicia que effectivamente existe na maior parte dos quintaes ou cercados[2]. Acresce a esta circumstancia a pouca limpeza que se encontra no interior de quasi todas essas casas, assim como nas ruas que estão quasi sempre cobertas de herva, a qual no tempo das chuvas serve de deposito de aguas estagnadas ou charcos, cujas evaporações mephyticas viciam o ar atmos-

[1] Não se tomou até hoje providencia alguma a similhante respeito! «Os miasmas deleterios são ingeridos na economia na propria agua que se bebe», repetem isto todos os medicos desde 1862, mas têem sido completamente desprezadas estas indicações! *(Nota do relatorio referido a 1871 e repetida em 1872.)*

[2] Nas casas segue-se o mesmo systema de construcção com raras excepções; nos quintaes continuam sem alteração alguma, e sem haver quem faça desapparecer aquelles focos de infecção! *(Nota referida ao relatorio de 1871.)*

A rua de Santo Antonio e o largo da margem direita do rio Agua Grande correspondente a esta rua, a rua de S. Miguel e os limites de E., S. e SO. da cidade estão ainda no maximo abandono em que podem estar os mais despreziveis logares publicos.

pherico. Vê-se portanto que todas essas circumstancias alimentam a insalubridade d'esta cidade, e concorrem para o desenvolvimento das molestias endemicas do paiz.

«Depois d'estas ponderações apresenta-se outra não menos importante. A má alimentação em geral dos escravos e do povo miudo, influindo nas forças vitaes, que deterioram, predispondo-lhes o organismo para ser invadido mais violentamente por qualquer enfermidade. É bem sabido que são poucas as casas dos moradores d'esta ilha que dão abundante e sadio alimento aos seus escravos, e como o alimento saudavel e nutritivo é uma condição essencial á vida, segue-se que a privação d'elle deve concorrer para a deterioração da saude, porque, diminuindo as forças vitaes, predispõe o organismo a ser acommettido com maior actividade por qualquer causa morbifica. O povo miudo tambem se alimenta muito mal, e para prova d'isto basta ver-se as substancias de que geralmente fazem uso em suas comidas.

«Ora faltando-lhes na sua alimentação as duas condições essenciaes, abundancia e boa qualidade nutritiva, segue-se que não podem gosar de uma saude vigorosa, e conseguintemente ficam expostos a ser atacados com mais violencia pelo desenvolvimento de qualquer enfermidade.

«Alem das desfavoraveis condições hygienicas provenientes das aguas e da má alimentação, não deixaremos passar em silencio uma outra condição pessima que acompanha este povo em geral. Queremos fallar do modo por que se tratam nas suas enfermidades. É por todos sabido que os indigenas d'este paiz raras vezes consultam os medicos nas suas molestias, e quando chegam a fazel-o é sempre em estado tal de adiantamento de doença e quasi sem esperanças algumas de melhorarem que pouco ou nada lhes aproveitam as indicações medicas[1], porque muitas vezes, até depois de consultarem o medico, ainda assim não executam o que elle prescreve, pela repugnancia que a maior parte tem de tomar remedios da botica.

«A falta de limpeza nas margens dos rios da cidade e nas praias é uma outra causa de insalubridade: a herva ali se encontra crescida a ponto de obstruir os caminhos, e ali se acham grandes depositos de entulho e immundicias, exhalando um fetido incommodativo e pestifero, proveniente tambem muitas vezes da putrefacção de animaes que para ali são arrojados depois de mortos.

[1] Em toda a parte do mundo apparecem curandeiros, mas em nenhuma se tornam tão ousados e damninhos como em S. Thomé. As victimas que elles causam não são inferiores ás que fazem os miasmas. Não se tem procurado remedio para destruir estes, assim como passeiam impunes aquelles! *(Nota referida a 1871.)*

«Em seguida devemos fallar do cemiterio, que pela sua influencia na saude publica já por vezes tem occupado a attenção da auctoridade governativa d'esta provincia. A collocação do actual cemiterio ao S. da cidade, d'onde sopram os ventos mais frequentes sobre a povoação; a má qualidade de seu terreno, que difficulta a consumpção completa dos cadaveres; o vicioso systema dos enterramentos encarregados a pretos boçaes, que nenhuma importancia ligam aos inconvenientes que nascem da falta de execução dos preceitos dos respectivos regulamentos que devem presidir a taes actos, são outras tantas causas de insalubridade. A má construcção do cemiterio no alto de Santo Antonio, e a sua inconveniencia ali, bem como a sua influencia malefica sobre a saude publica, foram já sufficientemente estudadas e demonstradas no relatorio que sobre tal assumpto foi publicado em 1861, pelo dr. Lucio Augusto da Silva, ex-cirurgião de primeira classe ao serviço d'esta provincia. Nada, pois, temos a acrescentar; porquanto alimentâmos as mesmas idéas sobre tal materia, e unicamente diremos que a prompta construcção de outro cemiterio em local diametralmente opposto ao actual (devendo este ser logo abandonado) é a providencia mais urgente que esta povoação reclama[1]. A junta de saude já foi consultada pelo ex-governador da provincia o sr. José Pedro de Mello, sobre este assumpto, e nós então tivemos occasião de indicar o local que nos pareceu mais apropriado, e que apresentava as condições exigidas. Este local é o sitio chamado Picão, terreno da fazenda publica.

«Outra causa de insalubridade são os pantanos[2]. Ha perto da cidade dois mais notaveis, e que seguramente não podem deixar de ser olhados como tendo uma grande influencia no desenvolvimento das molestias graves que têem apparecido. Um d'estes dois pantanos existe no descampado que se acha pouco distante da igreja de S. Miguel, e estende-se até ao antigo forte de S. Jeronymo, por um lado e por outro, ás immediações da for-

[1] Procedeu-se á construcção do novo cemiterio, que se acha em logar alto, ao NO. da cidade, a 300 metros de distancia das ultimas casas. Depois de uma luta de seis annos viram as auctoridades medicas realisados os seus desejos. *(Nota referida a 1871.)*

[2] Os pantanos que circundam a cidade são muitos, e apenas se abriu uma valla para o que se forma no sitio chamado *Agua Fede* (nome popular bem apropriado), e melhorou-se o que segue em direcção ao pantano *Locumi*. Emquanto aos outros nada se fez a não ser o aterro de 30:000 metros quadrados no pantano da fortaleza de S. Sebastião, mas as obras do aterro pararam no anno de 1871, sem haver motivo que justifique similhante abandono. *(Nota referida a 1871.)*

Em 1872 os pantanos eram tão activos como em 1862, porque a superficie aterrada e o regueiro aberto só têem importancia pela intenção de quem mandou fazer as obras, e não pela influencia que possa ter na salubridade publica.

taleza de S. Sebastião, produzindo a maior parte do anno um lodaçal infecto em todo aquelle descampado, abrigado pela relva e capim, que ahi é permanente. O outro é o que existe em uma grande extensão de terreno pertencente á fazenda publica, desde o sitio denominado Agua Fede, junto ao Arraial, tendo os seus extremos d'esse lado até perto da igreja do Rosario, e do outro até proximo da igreja da Conceição, abrigado por uma grande mata e que não só conserva quasi sempre alagado todo aquelle terreno, mas tambem serve de deposito e despejo de toda a qualidade de immundicias que ali lançam todos os moradores d'aquelle contorno.

«D'estes dois pantanos deve notar-se que o primeiro tem communicação com o mar pela ponte da praia Amador, tornando-se por tal circumstancia menos nocivo n'esta sua parte inferior, em que existe uma salina d'onde o povo d'esta cidade extrahe o sal de que faz uso em suas cozinhas. O segundo, porém, não tendo ventilação alguma, por se achar debaixo de uma densa mata, e não tendo escoante para rio algum, nem communicação com o mar, torna-se por isso muito mais prejudicial á saude publica.

«Ha tambem um grande lodaçal no campo de Santo Antonio[1] proximo ao actual cemiterio, causado pelo affluxo das aguas para ali conduzidas por uns canaes ou regos que foram abertos n'aquellas proximidades para fins de lavoura, mas que, não tendo sido posteriormente beneficiados, tornam-se actualmente prejudiciaes á saude publica pela viciação que aquelle lodaçal produz no ar atmospherico. A agua d'este campo afflue tambem ao descampado de S. Miguel, passando por detrás do cemiterio, que igualmente alaga e dá um grande alimento áquelle pantano. Deve, pois, ser destruido e beneficiar-se o referido campo por meio de uma boa capinação, queima e canalisação. Alem d'estes ha outros pantanos menos consideraveis e menos dignos de attenção, não só pela distancia a que se acham da povoação, mas tambem pela sua collocação — taes são uns dois pantanos que se acham para o sitio de S. Marçal e praia Pantufo.

«Tambem notaremos que na direcção da rua de Santo Antonio, lado direito, começando logo por detrás da igreja da Sé, junto á ponte Miguel

[1] Em 1872 foi indicado este pessimo local para a construcção do hospital permanente e geral, mas foi depois condemnado por um distincto e auctorisado medico.

«Fica por ali (escrevia em 1860 um respeitavel medico, dr. Lucio Augusto da Silva) um lombo de terra pouco regular, que elevando-se suavemente do lado da cidade, ao S. da qual vae perder-se do lado opposto em um campo arido e pedregoso a que segue outra elevação de terreno da mesma natureza.»

Alem d'estas más condições nota-se a pouca elevação de terreno e proximidade dos pantanos.

(segunda do rio Agua Grande) no antigo leito do rio que corre por baixo d'esta ponte, ha um lodaçal, não pequeno, entre um denso canavial, que ali se desenvolveu desde um certo tempo em que se pretendeu entulhar aquelle leito, para dar nova direcção ao rio. Esse lodaçal é, pois, bastante nocivo á saude publica.

«Depois de investigadas e reconhecidas as causas mais geraes que alimentam a insalubridade d'esta povoação, apresentaremos os meios que nos parecem mais apropriados para melhorar o estado sanitario d'esta ilha, nos seguintes artigos:

«1.° A construcção de um cemiterio em sitio diametralmente opposto áquelle em que se acha o actual, abandonando-se este[1];

«2.° A limpeza geral das ruas, praças e quintaes, destruindo-se n'estes toda a vegetação desnecessaria e prejudicial[2];

«3.° A limpeza do rio da cidade e suas margens pelo menos até á ponte Tavares, destruindo-se toda a vegetação que favorece o deposito de aguas estagnadas; devendo desde já prohibir-se que para ali se continue a lançar lixo e immundicias[3];

«4.° Beneficiar as praias da cidade, limpando-as de todas as immundicias n'ellas accumuladas, fazendo fogueiras que consumam todos os detritos que ali se contêem[4];

«5.° A destruição completa dos dois pantanos mais notaveis que acima ficam mencionados, abrindo-se canaes proprios para conduzirem ao rio principal ou ao mar as aguas que n'elle podessem depositar-se[5];

«6.° Fazer os convenientes reparos e melhoramentos possiveis no edificio do actual hospital, emquanto se não construir um hospital militar com melhores accommodações e que tenha as condições proprias de uma casa para enfermos, em harmonia com o que esta junta fez ver em seu relatorio de 24 de março do corrente anno, sobre este assumpto;

«7.° Construcção de uma nova cadeia em outro local e com melhores condições hygienicas. A actual cadeia reune pessimas condições[6], e precisa ser melhorada emquanto se não construir outra, como já se fez ver ao presidente da camara municipal, em officios de 10 e 17 do corrente mez;

«8.° Fazer fiscalisar pela auctoridade competente a execução das pos-

[1] Já se realisou este melhoramento.
[2] Não se tem feito nada.
[3] Idem.
[4] Idem.
[5] Estão em 1872 como em 1862.
[6] São peiores em 1872.

turas municipaes sobre hygiene publica. conforme se acha consignado no codigo administrativo, impondo-se penas pecuniarias e de prisão aos infractores. N'estas posturas sobre hygiene publica comprehende-se a limpeza da cidade em geral, e a boa qualidade das substancias alimentares que se vendem nas lojas e mercados publicos;

«9.° Estender a fiscalisação municipal tambem á margem do litoral, para que n'ella se não continue a deitar lixo e mais immundicias;

«10.° Finalmente fazer crear em logares apropriados depositos de entulho ou lixo e todos os mais despejos, que devem ser queimados amiudadas vezes.

«São estas idéas que a junta de saude da provincia submette á consideração de v. ex.ª, a fim de que, empregando v. ex.ª os meios que tiver ao seu alcance, possa realisar uma das medidas mais importantes do seu governo em beneficio d'este paiz.

«Deus guarde a v. ex.ª—Repartição de saude em S. Thomé, 24 de dezembro de 1862.—Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. governador da provincia de S. Thomé e Principe.=*Pedro Antonio Fernandes Pires,* cirurgião mór da provincia=*Dr. José Corrêa Nunes,* cirurgião de 1.ª classe da provincia.»

Por este documento prova-se á evidencia que se não têem cumprido as disposições da lei ácerca dos pareceres da junta de saude, de um modo claro, conciso e positivo.

Têem-se indicado ás camaras municipaes as providencias necessarias para a limpeza das ruas e logares publicos, pateos e quintaes, e para o saneamento dos pantanos, assim como tambem se têem proposto ás auctoridades competentes as providencias adequadas para extinguir ou attenuar as causas locaes ou geraes de insalubridade, isto é, tem-se satisfeito sempre e cabalmente aos n.^{os} 9.° e 10.° do artigo 38.° do decreto de 2 de dezembro de 1869.

Por que rasão se não organisou ainda uma companhia composta de cincoenta indigenas válidos, que trabalhem assiduamente na limpeza publica da cidade, como indicámos no relatorio de 1869, pagina 287?

Porque se não canalisou o rio Agua Grande, até, pelo menos, ao logar mais proximo aos limites da cidade?!

Porque se não fez caso das providencias hygienicas enumeradas nos capitulos 12.° e 3.° do relatorio de 1869?!!

Desde ha dez annos que a junta de saude publica tem indicado as causas geraes e parciaes da insalubridade da ilha e têem sido baldados os seus trabalhos. É amarga e dolorosissima esta verdade, mas os factos e os documentos tornam-n'a muito mais amarga e muitissimo mais dolorosa.

O interior da ilha de S. Thomé é muito mais salubre do que a capital, e a causa d'isto é a sua má posição, como já demonstrámos n'este livro. Ora, se se reconhece isto como uma verdade incontestavel, porque se não trata de, ao menos, melhorar as condições hygienicas da cidade, para de algum modo conjurar os maus effeitos resultantes da sua posição?

É opinião seguida pelos medicos que se dedicam de preferencia ao estudo das molestias que mais predominam nos climas quentes, que os miasmas se geram no solo, dadas certas circumstancias, e a sua maior ou menor actividade depende da natureza dos terrenos. Não offerece contestação esta opinião, e todos mais ou menos estão concordes em que é esta uma das causas que mais concorre para a insalubridade da ilha e especialmente da cidade; e custa a crer que se desprezem taes opiniões e se não trate de evitar que os pantanos se conservem em logares que, convenientemente aterrados e beneficiados, poderiam tornar-se aprazíveis e de recreio.

A fim de corroborar estas nossas opiniões e para se conhecer que já datam de mais tempo as repetidas instancias para o melhoramento da cidade, em virtude das causas que concorrem para a sua insalubridade, publicámos o parecer, ainda mais antigo que o que acabámos de transcrever, elaborado pelo dr. Lucio Augusto da Silva.

«A cidade de S. Thomé está collocada na bahia de Anna de Chaves e estende-se pelos dois terços da concavidade da sua margem, approximàndo-se mais da ponta do S., onde está edificada a fortaleza de S. Sebastião, de modo que ella olha para o N., emquanto que a bahia se abre para NE.

«Com similhante disposição a cidade e o porto ficam expostos a todos os ventos, desde o N. até ao SE., vindo-lhes este ultimo e o ESE. por sobre a terra baixa e raza que corre da referida fortaleza para o S. Todos estes ventos, bem como o NNO., NO. e ONO. chegam á ilha depois de atravessarem as vastas regiões do continente africano. Os ventos de O. a S. são todos do alto mar, e d'estes acha-se a cidade abrigada por uma cinta de montanhas que começam a crescer não longe d'ella. Entre estas montanhas e a cidade, que fica em um local baixo e humido, ha grandes depressões de terreno, para onde, alem da chuva que cae directamente, correm as aguas dos pontos mais elevados, formando paues, cobertos de hervas, arbustos e arvores, cujas folhas ali se putrefazem de mistura com as immundicias e animaes mortos que os habitantes da cidade lá vão depositar.

«A maior parte d'esses paues seccam completamente no tempo das ventanias, excepto o que fica a E., o qual communica com o mar e consti-

Em portaria de 24 de fevereiro do mesmo anno, mandou o mencionado governador que o tenente coronel director das obras publicas, logo que tivesse dado o conveniente andamento ás obras do pantano da fortaleza de S. Sebastião, passasse a fazer os necessarios estudos para o encanamento da agua até á praça de D. Luiz I, seguindo a mesma canalisação para aquella fortaleza, devendo, porém, fazer em separado o orçamento d'esta ultima obra.

É pena que todos estes esforços não produzissem resultado algum, e que em 1873 se visse tudo como em 1863. É realmente incomprehensivel este estado de cousas, e não ha palavras que possam descrever o quadro em que se apresentam os terrenos da circumvalação da cidade, muitas praças, as margens do rio e as praias, por não haverem sido cumpridas as ordens tantas vezes repetidas!

Em 18 de julho de 1863, sendo ministro da marinha o sr. José da Silva Mendes Leal, baixou uma portaria ao governador da provincia, em que se lhe recommendou que empregasse todos os meios ao seu alcance para que a camara municipal fizesse roçar e limpar os matos dos quintaes a barlavento da cidade, estabelecendo para isso as convenientes posturas em que se impunham multas aos contraventores, com applicação exclusiva do seu producto á extincção dos pantanos; e determinou-se ao mesmo governador que fizesse sentir á camara que o bem publico exigia que elle fosse vigilante no cumprimento do que se ordenava, e que empregasse todo o seu zêlo para que a pena fosse infallivelmente applicada aos que não cumprissem um dever tão importante para o bem estar e progressivo augmento de uma cidade a que o commercio dava cada dia mais consideração.

Esta portaria terminante, dimanada do governo da metropole, teve, infelizmente, o mesmo resultado. O fim, talvez, que a dictou, foi reforçar a auctoridade do governador, abatida pela negligencia das auctoridades subalternas, e pelo nenhum conhecimento que a generalidade da população tem das mais insignificantes noções do que lhe é util. É incrivel, e custa a conceber, que não haja ao menos um homem, que com a sua auctorisada voz faça comprehender áquelles cegos de espirito que as medidas tão instantemente recommendadas são todas em seu favor, e que d'ellas dimana o seu futuro e o dos seus filhos.

N'uma terra onde o capim e outras hervem tendem sempre a aniquilar o trabalho do homem, onde quinze dias apenas de descuido são bastantes para que os differentes vegetaes tornem quasi intransitaveis os caminhos, onde as grandes matas e infinitos arbustos interceptam as correntes de ar e promovem a humidade, onde o sol abrasador dardeja perpendicularmente os seus raios, e onde as abundantes chuvas, que na

maior parte do anno correm torrencialmente, predispõem os terrenos para formarem constantes focos de infecção, nada se poderá fazer sem o auxilio mutuo das auctoridades e dos habitantes.

Uma população com quatro seculos de existencia, que recebe constantemente individuos de ambos os sexos, e cultiva apenas uma insignificante porção de terreno relativamente á sua area, patenteia exuberantemente a existencia de poderosas causas que promovem a mortalidade e se oppõem á procreação. Estas causas, que se manifestam de preferencia na população branca, poupando mais os indigenas, e não são tão prejudiciaes ás familias descendentes de pretos e brancos, exigem prompto remedio, se não para as destruir, ao menos para as attenuar.

A má alimentação exerce influencia directa sobre a saude dos habitantes de uma população, mas as pessimas condições hygienicas não são menos nocivas. Juntem-se agora estas duas causas, e pense-se que males não póde acarretar o descuido a que ha tantos annos está votada a ilha de S. Thomé, não obstante o desejo das auctoridades para que se removam as causas que os produzem.

O conselho extraordinario de saude publica do reino, creado por decreto de 29 de setembro de 1857, por occasião da epidemia de febre amarella que assolou a cidade de Lisboa, no importante e consciencioso relatorio que dirigiu ao governo em 6 de julho de 1859, dizia que «Portugal, por seu clima, póde ser considerado um dos paizes mais saudaveis da Europa. Se os seus habitantes fossem mais cuidadosos na agricultura, no encanamento dos rios, na limpeza das povoações e na observancia das regras de boa hygiene, grande numero de molestias desappareceria, ou. pelo menos, diminuiria n'este solo abençoado da providencia».

Dizia isto uma commissão composta de homens que julgâmos auctorisados pelos seus vastos conhecimentos e pratica adquirida no serviço medico, e em outros ramos da publica administração. Mas o que diriam estes mesmos individuos, se lhes fosse commettido igual encargo na provincia de S. Thomé?

Não ha espectaculo mais triste para quem preza o progresso de um paiz do que ver desapparecer dia a dia a população, conhecendo as causas que motivam similhante mal, e sem se porem em pratica os meios de remedial-o.

Percorrem-se todas as obras que tratam d'esta ilha, folheia-se a sua historia, indagam-se os diversos acontecimentos, e vê-se sempre o seu estado de abatimento.

Os governos têem muito que fazer a prol do progresso e da civilisação d'estes povos, mas para isso é necessario que da parte d'elles haja a boa vontade e o incitamento ao trabalho; quando isto se conseguir, po-

deremos então colher os fructos do progresso e não veremos empregar inutilmente dinheiro e tempo, como se arroteassemos um terreno esteril.

Para os pequenos melhoramentos era escusada a iniciativa do governo, bastava só que os habitantes lhe pedissem auxilio, a fim de não serem perdidos os seus esforços. As construcções regulares e em boas condições, a limpeza das casas, dos matos e dos quintaes são attribuições exclusivas dos proprietarios, e concorreriam já para melhorar a hygiene da cidade.

Esta é que é a verdade, embora algumas vezes se divise na nossa linguagem a idéa que possa deitar á conta dos governos todos os males que affligem a provincia de S. Thomé e a maioria das nossas colonias.

Nas provincias do continente de Portugal ha melhoramentos devidos só á iniciativa do governo, bem como á das camaras municipaes, cobrando estas para os executarem impostos com applicação especial a esses melhoramentos; alem d'isto ha tambem alguns proprietarios que têem auxiliado esses trabalhos com offertas de dinheiro e cedencias de terrenos que se deveriam expropriar para abertura de estradas, quando estas dão mais valor ás suas propriedades. E não seria possivel conseguir que assim se praticasse nas nossas colonias? Em S. Thomé ha bastantes proprietarios, senhores de extensas fazendas, que muito lucrariam com este systema, quando iniciado, o qual não nos parece impossivel de conseguir, quando se organisar uma expedição de obras publicas, como as que ha pouco partiram para Moçambique e Angola.

Estabelecida na população a confiança de que os melhoramentos são uma realidade, convencidos os mais illustrados de que muito lucrarão, não só nos seus haveres, mas muito principalmente na saude, com uma bem dirigida e illustrada serie de trabalhos tendentes a transformar o solo de miasmatico em salubre, cremos que os mais incredulos e os mais egoistas concorrerão para que a desditosa ilha de S. Thomé, hoje tão desprezada e temida pela sua má fama, se torne da maior importancia, pois a sua fertilidade, quando bem aproveitada, a ha de tornar invejada.

Temo-nos afastado um pouco da enumeração das providencias da iniciativa das auctoridades, levados pelo enthusiasmo que sentimos quando imaginâmos o que poderá vir a ser a ilha em que primeiro servimos como medico colonial, mas proseguiremos na nossa tarefa, a fim de tornar bem patente o estado a que ella está reduzida, para que, se alguma vez se realisarem os melhoramentos reclamados, mais facilmente se possam comparar e apreciar os beneficios que ali se introduzirem.

A alimentação dos soldados é deficiente, como já dissemos, e por conseguinte uma das principaes causas das repetidas febres que os acom-

mettem, e que não tem sido possivel melhorar pela escassez e excessivo preço dos generos alimenticios.

Com o fim de melhorar este ramo de serviço, determinou ainda o governador José Eduardo da Costa Moura, em portaria de 27 de fevereiro de 1863, que a roça Arraial fosse cedida à bateria de artilheria pelo espaço de dez annos consecutivos, para a cultivar e amanhar, devendo o rendimento dos tres primeiros annos constituir fundo especial para o rancho e para as obras necessarias na bateria e na fortaleza de S. Sebastião, ficando dependente de determinação opportuna do governador a applicação do rendimento dos annos restantes. N'esta cedencia era condição expressa, entre outras de menos importancia, que deveria ficar impreterivelmente extincto, até fim de dezembro do mesmo anno, o pantano formado na mencionada roça, pelo mal que causavam aos habitantes da cidade as constantes exhalações mephiticas que d'ali provinham.

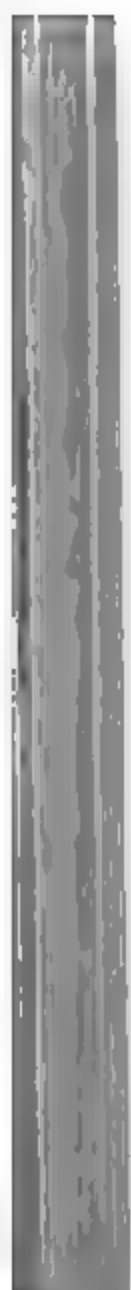
Não podemos deixar de louvar esta medida; assim ella tivesse produzido os effeitos desejados.

Em 24 de março do anno seguinte, pouco mais de dois mezes depois de tomar posse do governo, determinava o novo gevernador, Estanislau Xavier de Assumpção e Almeida, em uma portaria publicada no *Boletim official,* que o presidente da camara municipal fizesse publicar novamente o codigo de posturas municipaes, e que recommendasse toda a vigilancia na sua execução; e tornando responsavel o administrador do concelho pelo cumprimento da lei, sem vexame para os povos, esperando do bom censo dos habitantes que não seria preciso compellil-os com as penas da lei a prestarem a attenção devida às ordens da auctoridade superior, especialmente quando essas ordens eram fundadas no bem geral.

Esta portaria devia ter plena execução dez dias depois da sua publicação, e aos transgressores seriam applicadas inexoravelmente as multas comminadas nas respectivas posturas.

Allegava este governador que, tendo observado, não obstante as repetidas providencias e ordens emittidas por differentes portarias do governo da provincia ácerca da limpeza da cidade, continuavam a apparecer immundicias agglomeradas em differentes pontos e em algumas das ruas principaes da povoação, bem como nas praias, e os quintaes estavam pela maior parte cobertos de vegetaes nocivos; alem de se notarem muitos outros abusos, que se poderiam ter evitado, se se tivesse executado o codigo de posturas, o que, não só revelava o não cumprimento das disposições dos artigos 249.° e 251.° do codigo administrativo, como tambem é uma prova irrefragavel do estado anti-civilisador em que ainda se achava a povoação.

Parece que depois da publicação de um documento tão positivo, al-

Habitação do cidadão José Militão Nunes, na villa de Quelimane

gum resultado se deveria ver, mas não succedeu assim; as posturas, alteradas em alguns dos seus artigos, foram approvadas por accordão do conselho de districto em sessão de 8 de abril do mesmo anno, e a cidade continuou sem o menor beneficio emquanto á limpeza tão recommendada. Só vendo é que se póde avaliar bem o estado dos terrenos nos limites da cidade.

Este governador, que parecia animado a fazer cumprir as ordens tendentes ao melhoramento da provincia, entregou o governo em 11 de agosto de 1865, e por isso não podemos asseverar se elle poderia conseguir ou não o seu louvavel empenho.

Appareceu mais tarde outra portaria, datada de 8 de agosto de 1867, e referendada pelo governador interino, Antonio Joaquim da Fonseca, recommendando á camara municipal e ao administrador do concelho a exacta observancia do codigo de posturas, e mandando limpar immediatamente as praias e largos, multando os moradores que não conservassem os quintaes nas condições exigidas; mas ainda assim tudo foi baldado, não obstante serem escolhidos alguns logares mais apropriados da praia para deposito de lixo e outras immundicias que se podessem queimar, porque um anno depois estes sitios eram outros tantos focos miasmaticos, visto que a maior parte das vezes não se lançava fogo áquelles montes de hervas, paus e outros despojos que ali apodreciam, e a cidade continuou como anteriormente.

Em 1872 ordenou-se que se lançassem ao mar todos os detritos, mas o fluxo e refluxo das aguas depositou nas praias muitos vegetaes que resistiam á acção dissolvente pouco demorada, tornando-se outra vez elementos de insalubridade.

O estado da cidade em 1872 tem sido referido por diversas vezes n'este nosso trabalho, mas parece-nos conveniente apresentar ainda aqui algumas considerações e informações concisas, devendo relevar-se-nos as repetições que somos obrigados a fazer, por ter dividido o relatorio em muitos capitulos, alguns dos quaes certamente não têem rasão de ser senão por motivos especiaes, que declarâmos.

Não é facil fazer a enumeração das hervas, arbustos e sub-arbustos que enchem a rua de S. Miguel e o bairro proximo em todas as direcções onde não é dado caminhar sem espanto! Aquelle espesso e continuado mato prolonga-se em volta da cidade por um modo singular e proprio da vegetação tropical.

Não se atravessa facilmente pelo meio d'estes matos, os quaes correm entre o paúl que se segue á lagoa de S. Sebastião e a rua do Espalmador, e estão tambem ao pé da igreja de S. Miguel nas mesmas condições, e assim se dirigem cercando a cidade por detrás da rua de S. Miguel e das

que n'ella desembocam, da rua de Santo Antonio, etc.; o paúl estende-se do mesmo modo por aquelle lado, vindo os matos a ficar entre o paúl e as ruas extremas de barlavento da cidade. Na altura de Santo Antonio a direcção muda completamente, sendo por assim dizer perpendicular ao rumo indicado. Encontra-se ali a ponte Tavares e arvores altas, espesso mato de arbustos, hervas, trepadeiras, etc.; e na margem direita do vagaroso rio Agua Grande ficam o charco e pantano formado pelo antigo leito d'este rio, entre a ponte denominada José do Paco e a rua da Feira.

Vê-se que esta parte está quasi no centro da cidade, e as aguas muitas vezes, em 1872, não permittiam a passagem na primeira ponte referida (a segunda do rio Agua Grande).

Para se avaliar a humidade que ha nos terrenos da cidade é sufficiente recordar as oito pontes que dão passagem de umas para outras ruas, e que não são de corrente rapida as aguas, nem tão pouco de origem limpa e de leito bom.

Este é o verdadeiro estado em que se acha a cidade de S. Thomé. As causas da insalubridade são conhecidas e é necessario destruil-as ou attenual-as conforme a sciencia e a boa rasão aconselham. Feito isto, não hesitâmos em asseverar que, se as condições hygienicas têem melhorado alguma cousa relativamente ao estado em que estavam em 1776, muito e muito mais se conseguiria em tres ou quatro annos de aturado e bem dirigido trabalho e com uma boa colonisação.

CAPITULO IX

Melhoramentos

Abertura de passeios, largos e ruas; aterros e dessecamento de pantanos; canalisação do rio que atravessa a cidade de S. Thomé.

A cidade de S. Thomé, pela sua posição e fertilidade, é das que mais se presta a uma transformação completa, de modo que, de insalubre e pantanosa como actualmente está, se possa tornar agradavel e salubre, e rivalisar com as principaes cidades das colonias de outros paizes. Para isto se conseguir são necessarias principalmente tres cousas: boa vontade, perseverança e recursos pecuniarios. A primeira está ha muito na mente dos governos, que todos mais ou menos têem manifestado bons desejos de levantarem as nossas colonias do abatimento em que jazem; a segunda, cremos que se não tem realisado pela pouca permanencia dos ministros nos conselhos da corôa, como dissemos no final do capitulo 5.º; e a terceira é um mal muito antigo, que obsta a qualquer emprehendimento de maior valia que se queira fazer, é um cancro constante que destroe todas as idéas de progresso que se imaginem, e que faz com que fiquem sempre para o fatal dia de ámanhã, quando toda a demora se transforma em maior sacrificio futuro.

Cremos que estas causas hão de um dia desapparecer, se não de todo, ao menos em parte, e que as constantes instancias e o verdadeiro conhecimento de que não convem espaçar por mais tempo assumpto tão momentoso, farão com que progridam os ultimos melhoramentos encetados, e que jamais se abandone a idéa de aproveitar os recursos que aquelle solo póde prestar, derramando ao mesmo tempo a civilisação e a instrucção nos povos que d'ella tanto carecem.

Como base d'esses trabalhos não podiamos deixar de dedicar n'este livro um capitulo especial relativo aos melhoramentos de que é susceptivel a cidade de S. Thomé. É apenas uma breve indicação, porque o pequeno espaço de que dispomos não permitte que nos alarguemos tanto como desejavamos; comtudo damos summariamente a idéa das principaes

obras, dividindo a cidade em tres bairros com passeios, largos e ruas, aterrando e dessecando os pantanos tão prejudiciaes á salubridade publica, e canalisando o rio que atravessa a cidade. São estes, a nosso ver, os primeiros trabalhos que cumpre fazer, deixando para mais tarde outros que de futuro se julguem necessarios.

Bairro occidental.—Da margem esquerda do rio Agua Grande, a contar da sua foz até á quebrada da fazênda Boa Vista ou Quingloró, onde corre a Agua Flamenga, poder-se-ha formar em todo o comprimento da praia um passeio de arvoredo escolhido (*boulevard)*, construindo-se para esse fim, do lado do mar, um muro de pedra e cal, e procedendo-se ao conveniente aterro para o nivelamento regular do terreno. As arvores podem ser dispostas com intervallos de 10 ou 20 metros, collocando-se entre cada uma um banco de ferro. Para maior utilidade, e evitar o empoçamento das aguas das chuvas, deverá ser empedrado. Não será permittida n'este passeio edificação de casas baixas, nem de construcções que não tenham jardins lateraes.

O regueiro que vem da roça Arraial, sobre o qual ha duas pontes, sendo a da Conceição no fim da rua Alegria, e o regato Agua Garcia, que passa no fim da rua da Conceição, sob a ponte Lucumi, serão tambem empedrados, assim como o celebrado boqueirão Agua Fede, charco commum onde se reune a agua mar, a Agua Garcia e a agua paludosa que sáe da roça Arraial. O povo na sua linguagem simples e despretenciosa denominou aquelle sitio *Agua Fede.*

É, pois, conveniente que as obras ali sejam regularmente feitas e por tal modo que façam desapparecer de todo qualquer vestigio ou signal da *Agua Fede.*

A Agua *Flamenga,* ao fundo da quebrada da roça Boa Vista ou Quingloró, deverá tambem correr em um canal de pedra e cal, bem construido e com o necessario declive.

Este bello e agradavel passeio terá duas boas pontes—uma no sitio Agua Fede e outra na Agua Flamenga, e pertencerá á parte NO. da cidade, a qual collocada na margem esquerda do rio Agua Grande, será cingida com um muro de alvenaria, construido no meio de uma superficie ampla e bem nivelada. Começará este muro junto á porta da cidade que se deve levantar na estrada real, denominada do Rosario ou da Madre de Deus, e seguirá até á Cruz dos Caminhos, por detrás da igreja da Conceição, onde se levantará outra grande porta. O muro continuará até se encontrar com a denominada Agua Flamenga, seguindo por detrás do cemiterio publico, o qual, collocado n'uma eminencia de cerca de 20 metros, ficará dominando esta vistosa parte da cidade.

Em frente do cemiterio ha uma planicie, muito baixa, plana e regular, com cerca de 600 metros de largura e talvez mais do triplo de comprimento, que será uma poetica e fresca alameda, em boas condições de salubridade.

As ruas d'esta parte da cidada devem ser calçadas ou preparadas de modo que não conservem a menor porção de agua estagnada.

Este rapido esboço, feito na ausencia de planta, descripção ou carta topographica da capital d'esta riquissima e productiva provincia, e apenas com o conhecimento que d'ella temos, serve para se indicarem as obras de primeira ordem mais urgentes e necessarias, e pelas julgarmos importantissimas, nomeâmol-as resumidamente:

1.° Passeio de arvores escolhidas, tendo um parapeito do lado do mar. Este passeio deve ser bem empedrado e nivelado, com bancos de espaço a espaço e com duas pontes, começando na margem esquerda do rio Agua Grande, e terminando na Agua Flamenga;

2.° Alameda, não de alamos, mas de arvores escolhidas entre as abundantes *Mimosissimas*, ou entre as variadas *Malvaceas*, ou então, o que será preferivel, composta sómente de eucalyptos;

3.° Grandioso passeio ou jardim construido no pantano da roça Arraial; as ruas centraes e lateraes serão bem calçadas, e todo o terreno preparado para receber eucalyptos, girasoes, hervas e plantas aromaticas, e flores das especies que possam ali produzir;

4.° Muro de alvenaria, de 2 metros de altura e com a espessura conveniente, começando na porta da estrada real e seguindo até á porta da estrada da Conceição, e d'ahi até á Agua Flamenga, em cuja margem direita descerá a encontrar a alameda referida em o n.° 1.°

Deve organisar-se uma companhia de cem indigenas válidos, que se occuparão constantemente da limpeza publica.

As tres pequenas elevações proximas á cidade de NO., que são uma no sitio em que existiu o denominado Forte Hollandez, outra no local onde está o cemiterio, a outra no ponto em que está edificada a casa conhecida pelo nome de Quingloró ou da Boa Vista, servirão então para se construirem quarteis, agradaveis vivendas, palacios, etc.

Bairro central. — A parte central d'esta cidade, isto é, a cidade commercial propriamente dita, abrangerá a área comprehendida na margem direita do rio Agua Grande, estendendo-se pelo largo da igreja de Santo Antonio, por toda a rua de igual denominação e pela do Amaral, largo da Sé, ruas Catharina Jorge e Domingos Antonio, largo de S. Miguel e ruas proximas, tendo a frente na praia desde a margem direita do indicado rio até ao logar onde desemboca a rua do Tronco.

O templo da Sé, a casa que serve actualmente de residencia aos governadores e a alfandega devem ter as fachadas para a lado da bahia. Infelizmente todos elles carecem de grandes melhoramentos, e com especialidade a alfandega, que tem de ser quasi reconstruida, acrescentando-se-lhe vastos armazens, porque os que possue são acanhadissimos. O que porém devia ser a área de terreno da cidade a que nos referimos vê-se pela seguinte concisa e breve exposição.

Entre a igreja de Santo Antonio, a margem direita do rio Agua Grande, e a rua de Santo Antonio até á rua detrás da Sé, e a sua continuação até á ponte denominada José do Paco ou Sum Miguê, segundo a linguagem da ilha, haverá um largo arborisado, bem calçado e nivelado. Os casebres que ficam entre o largo da Sé, formando a rua de Baixo da Sé, serão demolidos, conservando-se apenas alguma casa de melhor construcção, mas perdendo parte do quintal proximo á margem do rio. Em volta da velha igreja de S. Miguel formar-se-ha um largo. A casa proxima á travessa da Sé e o armazem serão expropriados para armazens da alfandega, amplos e hygienicos que occuparão tambem a mesma travessa. Em logar da actual ponte de madeira far-se-ha uma outra de ferro, estendendo-se até onde houver bom fundo.

A igreja da Conceição, por se achar encravada no edificio da alfandega, será applicada a outro fim, segundo as necessidades da casa fiscal.

O muro que se interrompeu na estrada do Rosario para lhe dar passagem e ao rio Agua Grande começará na mesma altura da margem direita, deixando espaço para a estrada publica do Caixão Grande, etc., seguirá por detrás da igreja de Santo Antonio e voltará pela beira esquerda do extenso paúl até defronte da igreja de S. Miguel, onde haverá uma estrada para a villa de Sant'Anna. O paúl extenso, em cujo centro ha lamaçaes, accommodar-se-ha a jardins, praças, largos e vistosas alamedas de bellas sombras, espongeiras, anomaceas, artopos, incisas, etc., correndo no centro, em um bom canal, as aguas e todas as vertentes que para ali affluem e possam ser dirigidas.

A parte central da cidade seria então de uma deslumbrante vista, observada do fundeadouro do porto, e demonstraria cabalmente o bom gosto, riqueza e importancia da colonia portugueza no Equador.

Uma outra companhia de cem indigenas válidos se occupará, em iguaes condições á do bairro occidental, de conservar sempre em completo e perfeito estado de limpeza as praias, ruas, jardins, alamedas, canaes, etc.

Ignorâmos se na ilha ha pedreiras, e, no caso affirmativo, se se encontrarão ali individuos habilitados para as explorarem; mas, se os não houver, póde transportar-se a pedra já preparada de Lisboa ou do Porto,

como lastro dos navios que venham carregar generos coloniaes. As pedras para as calçadas devem ser parallepipedos regulares, de 1 decimetro por face. A cantaria para as edificações e os parallepipedos de pedra para as calçadas das primeiras ruas devem ser enviados com brevidade para que os trabalhos se possam realisar gradualmente.

São cinco as estradas publicas que sáem da cidade, sendo duas na parte oriental e tres na occidental, e portanto haverá cinco portas.

A canalisação do rio Agua Grande deve realisar-se com todas as indicações da arte. Os lavadouros publicos serão collocados de fórma que a agua esteja em continua corrente, a fim de se conservar o mais limpida possivel. Em ambas as margens do rio haverá passeios de boas arvores, assim como bancos de ferro, de pedra ou de madeira, collocados especialmente proximo ás pontes.

Bairro oriental.—A parte de SE. da cidade será tão salubre quanto notavel e bella. Poderá nomear-se o lado oriental em opposição ao de NO., que se denominará occidental.

Para esse fim construir-se-ha um passeio de arvoredo escolhido (*boulevard* oriental) desde a ultima parte da praia do caes da alfandega até ao largo da fortaleza de S. Sebastião. N'este passeio ha apenas uma ponte, quasi fronteira á ponte occidental, ou do boqueirão Agua Fede, sendo uma e outra amplas, bem feitas e solidas. A oriental será lançada sobre a foz da alagoa. O pantano que rodeia a superficie banhada pelas aguas do mar será bem aterrado e transformado em jardim, e o seu extremo em relação á alagoa constará de um muro de alvenaria de modo que as aguas não transbordem. As aguas do canal central feito pelo meio do paúl correrão para esta parte, assim como toda a das vertentes que houver por aquelle lado.

O muro que haviamos deixado pela altura do largo da igreja de S. Miguel será continuado segundo o plano que se adoptar para se realisarem os melhoramentos da cidade, a qual, sem grande sacrificio, poderia ter os limites mais largos, mais regulares e extensos, e n'este caso o muro a que nos temos referido ou acaba na fortaleza de S. Jeronymo, ou então em qualquer ponto da estrada que segue para a villa de Sant'Anna.

É condição essencial que ao lado do extenso muro se arranje uma superficie de 100 metros de largo em toda a circumferencia. Junto das portas haverá mercado todos os dias e um bi-semanal dentro da cidade. O açougue ou talho de carnes verdes será construido fóra das portas, e da parte de dentro não serão permittidas as *cacimbas*, isto é, covas ou foços para se tirar agua, salvo se o dono as empedrar e mandar limpar de seis em seis dias.

Haverá caminhos de ferro americanos para a colonia penal e para a cidade official, em que estiver o palacio do governo e o hospital geral e permanente.

Tres estradas atravessarão a superficie da ilha de um a outro lado, de modo que se possa ir de trem á freguezia dos Angolares, á de Nossa Senhora das Neves e á villa de Sant'Anna.

A praça do peixe será em logar certo e bem determinado da parte do mar e dos passeios construidos nas praias da bahia.

Terminaremos estas considerações com as seguintes indicações[1]:

1.º Pôr cincoenta indigenas válidos trabalhando diariamente no aterro do pantano de S. Sebastião;

2.º Formar uma companhia de cincoenta homens válidos para cuidar da limpeza publica das ruas, praias, praças e logares proximos aos limites da cidade;

3.º Proteger a agricultura de modo que ella possa trazer aos cofres publicos cerca de 300:000$000 réis annuaes, podendo applicar-se réis 100:000$000 ás despezas dos empregados, 100:000$000 réis ás obras publicas e os outros 100:000$000 réis a pagar as despezas de passagens dos empregados publicos e a indemnisar o cofre da marinha e ultramar das despezas que fizer com qualquer melhoramento que mande realisar, indo de Lisboa as plantas, operarios e mestres de obras, bem como um naturalista consciencioso que se occupe de estudar os reinos mineral, vegetal e animal, indicando os productos de maior utilidade, importancia e valor;

4.º Mandar empedrar de pedra e cal o regueiro que vem da roça Arraial e o celebrado boqueirão Agua Fede.

[1] Fazem parte do relatorio da junta de saude, a respeito do qual baixou em 1873 a seguinte portaria:

«N.º 51.—Sua Magestade El-Rei, tendo tido conhecimento do relatorio elaborado pela junta de saude da provincia de S. Thomé e Principe, relativo ao serviço de saude da mesma provincia no anno de 1872, manda, pela secretaria d'estado dos negocios da marinha e ultramar, que o governador da dita provincia louve a referida junta por haver colligido n'aquelle trabalho minuciosas informações ácerca do serviço no mencionado anno, e outras tambem importantes a respeito da ilha de S. Thomé, em additamento ás que se encontram no seu relatorio do serviço de saude em 1869.

«Paço, aos 25 de julho de 1873.=*João de Andrade Corvo.*»

CAPITULO X

Insalubridade relativa

Opinião de differentes escriptores. — Molestias mais frequentes das colonias portuguezas nos annos de 1870 a 1873. — Differentes estatisticas sobre este assumpto. — Classificação das differentes colonias.

Pertence ao hygienista dar opinião ácerca da natureza do solo, quer para a edificação de alguma villa, quer para a de um estabelecimento importante, quer finalmente para se proceder a uma cultura apropriada, tendo em vista a purificação do ar; e nunca o poderá fazer sem estudos preliminares bem dirigidos. O solo não é salubre sómente por ser montuoso, secco e bem batido pelos ventos, nem tambem é mau por ser baixo, alagadiço, humido e pantanoso. São d'esta opinião Dutroulau e Celle, e ambos concordes em que deve haver analyses geraes e parciaes por tantas vezes repetidas quantas forem precisas para se obterem conhecimentos completos e indestructiveis. Mas emquanto não vem a sciencia pronunciar a sua ultima palavra, vamos nós, pela nossa observação diaria, protestando contra os trabalhos dos europeus em S. Thomé! Não se sacrifiquem mais vidas inutilmente, bastam as já sacrificadas no espaço de quatro seculos, e as que se irão entregando á morte quasi certa emquanto não forem tomadas as providencias que pela sciencia têem sido aconselhadas.

Eram estas com pequena differença as palavras que escrevemos ao finalisar as nossas considerações sobre a salubridade absoluta, no relatorio de 1869 (pag. 131). Hoje pouco podemos adiantar, porque as causas que produzem a insalubridade, não só da cidade como de toda a ilha, são as mesmas. Limitâmo-nos porém a extractar as diversas opiniões de escriptores distinctos ácerca das ilhas de S. Thomé e Principe, opiniões que, juntas ás nossas já emittidas no mencionado relatorio, servirão de texto para o desenvolvimento das estatisticas que fazem parte d'este capitulo.

— Opinião de Lopes de Lima ácerca da salubridade das duas ilhas S. Thomé e Principe, parte 2.ª, pag. 7:

«Os argumentos de propagação e de longevidade comparativa são muito em favor da melhor salubridade da ilha do Principe para os europeus, e parecem-me mais convincentes por serem de facto mais importantes do que a theoria scientifica das duas correntes (a que se refere D. José de Moros y Morellon, por dar por mais salubre a ilha de Anno Bom).»

—Opinião do dr. José Correia Nunes e de Thomás Hutchinson, extrahida da obra *Impressão da costa occidental de Africa,* publicada em Londres no anno de 1858, pag. 207 e 208:

«As febres intermittentes quotidianas e terçãs são as unicas febres da manifestação da infecção palustre na cidade da ilha do Principe. Não apparecem casos de febres remittentes, biliosas, ou typhoides (remittent yellow or typhoid never having occurred in his experience, of th dr. Nunes). As febres intermittentes são em geral benignas. A dysenteria fere mais os indigenas. N'aquella ilha não ha pantano algum (there is not square inch of swampy laud upon its whole sur face). O dr. Nunes reputa a ilha salubre, e a opinião d'este consciencioso e intelligente medico deve ser tida em mais consideração do que a d'aquelles que por ali não têem estado.»

—Opinião de F. Lencastre, publicada no *Archivo pittoresco,* vol. x, pag. 309—1867:

«A ilha do Principe póde dizer-se saudavel relativamente á maior parte dos climas de Africa, exceptuando a cidade e mais alguns pontos, onde as ribeiras, espraiando-se muito, deixam aguas estagnadas, como acontece em Praia Salgada.»

—Parecer da junta de saude publica da provincia de S. Thomé, exarado no relatorio de 1869, pag. 142 e 143:

«Sem o conhecimento exacto da constituição geologica do solo, e de tudo o que nos possa ser revelado pelo estudo geographico e topographico de cada ilha em separado; sem o conhecimento da meteorologia, tomando em consideração os seus principaes problemas, não se póde avaliar a natureza dos climas, e muito menos a das molestias reinantes. A falta d'estes dados inhibe-nos de apresentar a nossa opinião fundamentada; e apesar d'isso fazemos a seguinte classificação das ilhas do golfo dos Mafras, que pertencem aos portuguezes.

«1.° *Logares mais salubres de S. Thomé.*—Monte-Café, Magdalena, Mancambrará, e muitos logares cuja altitude é superior a 300 metros.

«2.° *Logares mais salubres da ilha do Principe.*—Ok-Gaspar, Sundim, Azeitona, Cima-Lô e Ponta da Mina.

«3.° A ilha de S. Thomé é actualmente mais rica, mais povoada e mais fertil que a ilha do Principe.»

Molestias mais frequentes, segundo a ordem descendente, nas colonias portuguezas, nos annos de 1870 a 1873

Cidade da Praia

1870 — Febres intermittentes e remittentes, ulceras, rheumatismo, bronchites, tuberculos pulmonares, diarrhea, dois casos de febre typhoide.

1871 — Febres intermittentes, febres remittentes, ulceras, rheumatismo, bronchites, tuberculos pulmonares, febre biliosa, cachexia palustre e febre paludosa.

1872 — Febres intermittentes, febres remittentes, ulceras, rheumatismo, bronchites, tuberculos pulmonares, diarrhea, cachexias e febre biliosa.

1873 — Febres intermittentes, bronchite, tuberculos pulmonares, ulceras, rheumatismo, pneumonia aguda, cachexia paludosa, anemia.

Ilha de S. Vicente

1870 — Tisicas pulmonares, anemia.

Ilha de Santo Antão

1872 — Bronchites, febres intermittentes, rheumatismo, diarrhea, febre perniciosa, cachexias, tuberculose pulmonar, febre remittente, anemia, anazarca, febres e diarrhea, gastralgia.

1873 — Bronchite, pneumonia, febre intermittente, diarrhea, dysenteria, cachexia, rheumatismo, anazarca, tuberculos pulmonares, embaraço gastrico-intestinal, entero-colite, anemia, febres perniciosas e remittentes, um caso de febre typhoide.

Ilha do Sal

1872 — Bronchites, febre intermittente, rheumatismo, dois casos de tuberculos pulmonares.

Ilha do Maio

1872 — Febres intermittentes, rheumatismo, bronchites, ulceras, dois casos de tuberculos pulmonares.

1873 — Febres intermittentes, bronchite, diarrhea, rheumatismo, ulceras, pleurisia, tres casos de tuberculos pulmonares.

Ilha Brava

1872 — Bronchites, ulceras, febres intermittentes, rheumatismo, diarrhea, gastralgia, dois casos de tuberculos pulmonares.

Ilha de Bolama

1872 — Febres intermittentes, bronchites, febres remittentes, ulceras, diarrhea, tres casos de febre typhoide e um de tuberculos pulmonares.

Ilha do Principe

1870 — Febres intermittentes, bronchites, febres remittentes, febres perniciosas, dysenteria, anasarca, um caso de febre typhoide e cinco de tuberculos pulmonares.

1871 — Febres intermittentes, ulceras, febres remittentes, dysenteria, bronchite, rheumatismo, seis casos de tisica pulmonar.

1872 — Febres intermittentes, febres remittentes, anemias, cachexias, embaraço gastrico, rheumatismo, dysenteria, edema dos pés, dois casos de tuberculos pulmonares.

1873 — Febres intermittentes, cachexias, ulceras, anemias, febres remittentes, bronchites, um caso de tuberculos pulmonares.

S. Thomé

1870 — Febres intermittentes, rheumatismo, ulceras, bronchites, diarrhea, dysenteria, anemia, embaraço gastrico, enterite aguda, febres perniciosas, gastralgia, enteralgia, edema, um caso de febre typhoide e dois de tuberculos pulmonares.

1871 — Febres intermittentes, rheumatismo, ulceras, bronchites, febres remittentes, diarrhea, dysenteria, cachexia, embaraço gastrico, edema, febres perniciosas, anasarca, tres casos de febre typhoide e tres de tisica pulmonar.

1872 — Febres intermittentes, ulceras, bronchites, diarrhea, rheumatismo, febres remittentes, cachexias, embaraço gastrico, dysenteria, anemia, febre perniciosa, anasarca, edema, gastralgia, um caso de tuberculos pulmonares.

1873 — Febres intermittentes, ulceras, bronchites, rheumatismo,

diarrhea, febres remittentes, dysenteria, embaraço gastrico, anemia, cachexia, pneumonia, splenite, hepatite, anasarca, pleurite, tres casos de tuberculos pulmonares.

Mossamedes

1871 — Febres intermittentes, ulceras, bronchites, diarrhea e rheumatismo.

1873 — Febres intermittentes, ulceras, diarrhea, bronchite, dysenteria, rheumatismo, tuberculos pulmonares, anemia, febre perniciosa e pneumonia.

Loanda

1870 — Febres intermittentes, bronchites, rheumatismo, febres remittentes, diarrhea, ulceras, embaraço gastrico, febres perniciosas, tuberculos pulmonares, anemia, febre biliosa, quatro casos de febre typhoide.

1871 — Febres intermittentes, ulceras, bronchite, rheumatismo, embaraço gastrico, diarrhea, febres remittentes, febre perniciosa, anemia, tuberculos pulmonares, dysenteria, febre biliosa, gastro-enterite, ascite, enterite, um caso de febre typhoide.

1872 — Febres remittentes, ulceras, bronchites, diarrheas, rheumatismo, febres remittentes, cachexias, embaraço gastrico, dysenteria, febre perniciosa, anasarca, edema, gastralgia, um caso de tuberculos pulmonares.

1873 — Febres intermittentes, ulceras, bronchites, embaraço gastrico, diarrhea, rheumatismo, febres remittentes, dysenteria, febres perniciosas, tuberculos pulmonares, anemias, pneumonias, febres biliosas, escorbuto, splenite, edema, cachexias, tres casos de febre typhoide.

Benguella

1871 — Febres intermittentes, embaraço gastrico, febres remittentes, pneumonia, rheumatismo, bronchite, ulceras, dois casos de febre typhoide e dois de tisica pulmonar.

1873 — Febres intermittentes, embaraço gastrico, ulceras, pneumonia, diarrhea, bronchite, febre biliosa, rheumatismo, escorbuto, febres perniciosas, tres casos de tuberculos pulmonares e dois de febre typhoide.

gastrico, rheumatismo, dysenterias, diarrhea, splenite, febres remittentes, quatro casos de febre typhoide e tres de tuberculos pulmonares.

1871 — Febres intermittentes, ulceras, bronchite, rheumatismo, dysenteria, diarrhea, febres remittentes, hepatites, anasarca, tuberculos pulmonares e pneumonia.

1872 — Febres intermittentes, rheumatismo, bronchite, ulceras, dysenteria, diarrhea, hepatite, tuberculos pulmonares, febres remittentes, colicas, pneumonias, anasarcas, ictericia, anemia, cinco casos de febre typhoide.

1873 — Febres intermittentes, bronchites, rheumatismo, embaraço gastrico, ulceras, dysenteria, diarrhea, hepatite, colica, tuberculos pulmonares, anemia e splenite, tres casos de febre typhoide.

Macau

1870 — Febres intermittentes, rheumatismo, bronchites, diarrhea, dysenteria, ulceras, gastralgia, enteralgia, tuberculos pulmonares, hepatite.

1871 — Febres intermittentes, rheumatismo, bronchites, diarrhea, ulceras, tuberculos pulmonares, febres remittentes, enteralgia.

1872 — Febres intermittentes, rheumatismo, bronchites, febres remittentes, diarrhea, dysenteria, tuberculos pulmonares, hepatite, embaraço gastrico, gastrite, gastralgia, ulceras e ictericia.

1873 — Febres intermittentes, rheumatismo, bronchite, diarrhea, tuberculos pulmonares, ulceras, dysenteria, pulmonite, febres remittentes, gastralgia e hepatite.

Dilly

1870 — Febres intermittentes, ulceras, bronchites, embaraço gastrico, tuberculos pulmonares, um caso de febre typhoide.

1871 — Febres intermittentes, ulceras, bronchites, rheumatismo, diarrhea e tuberculos pulmonares.

1872 — Febres intermittentes, ulceras, bronchites, embaraço gastrico, rheumatismo, tuberculos pulmonares, tres casos de febre typhoide.

1873 — Febres intermittentes, ulceras, tuberculos pulmonares, bronchite, rheumatismo e embaraço gastrico.

Habitação do cidadão Manuel Velloso da Rocha, na villa de Quelimane

Estatistica dos doentes tratados nos hospitaes das differentes cidades e villas das provincias ultramarinas nos annos de 1872 e 1873

Designação das localidades em que se acham os hospitaes	1872			1873		
	Atacados	Curados	Fallecidos	Atacados	Curados	Fallecidos
Cidade da Praia	1:282	1:224	24	1:123	1:009	27
Ilha de Santo Antão [1]	1:475	-	304	1:308	-	333
Ilha do Sal	195	191	4	-	-	-
Ilha do Maio	182	170	6	210	199	7
Ilha Brava [2]	285	250	11	-	-	-
Ilha Bolama [3]	244	232	10	-	-	-
Ilha de S. Thomé	1:585	1:408	106	1:393	1:169	149
Ilha do Principe	305	263	32	140	116	14
Loanda	3:182	2:833	190	3:607	3:241	251
Ambriz	151	129	16	559	456	72
Benguella [4]	760	712	29	711	655	43
Mossamedes [5]	539	499	23	469	402	52
Golungo	-	-	-	610	545	35
Moçambique	-	-	-	1:123	1:037	62
Nova Goa	2:880	2:775	49	2:423	2:368	21
Damão	252	246	3	359	355	3
Diu	125	121	3	86	83	2
Macau	1:648	1:551	85	1:237	1:122	65
Dilly	523	489	11	745	699	18
	15:613	13:093	906	16:103	13:456	1:154

[1] Do mappa official não consta o numero de curados nos annos de 1872 e 1873.

[2] Dos mappas officiaes referidos ao anno de 1872 só consta o movimento dos mezes de maio a dezembro.

[3] Idem.

[4] Não se publicaram os mappas nosologicos e necrologicos d'este hospital, mas pelos mappas do movimento se conhecem os numeros acima indicados.

[5] Idem.

Classificação das cidades das colonias portuguezas, segundo as infecções palustre e necrohemica, doenças biliosas e cachexia, no anno de 1870

Cidades	Infecção palustre	Doenças diversas	Total	Infecção necrohemica	Doenças diversas	Total	Doenças biliosas	Doenças diversas	Total	Cachexia	Doenças diversas	Total
Macau	143	1:109	1:252	50	1:202	1:252	1	1:251	1:252	1	1:251	1:252
S. Thomé	564	2:238	2:802	27	2:775	2:802	5	2:797	2:802	19	2:783	2:802
Ambriz	238	316	554	5	549	554	3	551	554	1	553	554
Principe	77	194	271	8	263	271	3	268	271	4	267	271
Loanda	1:290	1:747	3:037	27	3:010	3:037	42	2:995	3:037	3	3:034	3:037
Moçambique	538	1:039	1:577	34	1:543	1:577	22	1:555	1:577	7	1:570	1:577
Cidade da Praia	270	666	936	2	629	631	8	623	631	5	931	936
Nova Goa	1:031	1:012	2:043	55	1:988	2:043	–	–	–	1	2:042	2:043
Timor	323	232	555	5	550	555	1	554	555	–	–	–

Classificação das cidades das colonias portuguezas, segundo as infecções palustre e necrohemica, doenças biliosas e cachexia, no anno de 1871

Cidades	Infecção palustre	Doenças diversas	Total	Infecção necrohemica	Doenças diversas	Total	Doenças biliosas	Doenças diversas	Total	Cachexia	Doenças diversas	Total
Macau	83	1:235	1:318	31	1:287	1:318	-	-	-	2	1:316	1:318
S. Thomé	419	958	1:377	37	1:340	1:377	4	1:373	1:377	42	1:335	1:377
Principe	141	213	354	26	328	354	-	-	-	5	349	354
Diu	56	72	128	1	127	128	-	-	-	6	122	128
Loanda	1:078	1:587	2:665	17	2:648	2:665	16	2:649	2:665	-	-	-
Moçambique	297	725	1:022	18	1:004	1:022	1	1:022	1:023	2	1:020	1:022
Cidade da Praia	720	600	1:320	6	1:166	1:172	29	990	1:019	10	1:310	1:220
Dilly	136	218	354	5	349	354	-	-	-	-	-	-
Damão	75	210	285	8	277	285	-	-	-	10	275	285
Benguella	204	459	663	2	661	663	47	616	663	-	-	-
Nova Goa	910	1:545	2:455	9	2:446	2:455	-	-	-	24	2:431	2:455
Mossamedes	331	352	683	7	676	683	2	681	683	-	-	-

Classificação das cidades das colonias portuguezas, segundo as infecções palustre e necrohemica, doenças biliosas e cachexia, no anno de 1872

Cidades	Infecção palustre	Doenças diversas	Total	Infecção necrohemica	Doenças diversas	Total	Doenças biliosas	Doenças diversas	Total	Cachexia	Doenças diversas	Total
Santo Antão de Cabo Verde............	118	1:357	1:475	10	1:465	1:475	1	1:474	1:475	34	1:441	1:475
Macau............................	279	1:410	1:689	41	1:648	1:689	39	1:650	1:689	-	-	-
S. Thomé..........................	614	971	1:585	34	1:551	1:585	-	-	-	-	-	-
Ambriz............................	43	108	151	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Ilha do Maio........................	59	123	182	1	181	182	1	181	182	-	-	-
Principe....	71	234	305	11	294	305	-	-	-	13	292	305
Diu..............................	45	79	124	2	122	124	-	-	-	-	-	-
Loanda............................	1:284	1:898	3:182	62	3:120	3:182	17	3:165	3:182	7	3:175	3:182
Praia.............................	606	676	1:282	2	144	146	10	978	988	13	1:123	1:136
Dilly.............................	256	267	523	3	520	523	4	519	523	1	522	523
Damão............................	97	197	294	10	284	294	-	-	-	-	-	-
Nova Goa..........................	992	1:832	2:824	9	2:815	2:824	-	-	-	3	2:821	2:824
Ilha do Sal.........................	20	175	195	-	-	-	1	194	195	2	193	195

Classificação das cidades das colonias portuguezas, segundo as infecções palustre e necrohemica, doenças biliosas e cachexia, no anno de 1873

Cidades	Infecção palustre	Doenças diversas	Total	Infecção necrohemica	Doenças diversas	Total	Doenças biliosas	Doenças diversas	Total	Cachexia	Doenças diversas	Total
Santo Antão de Cabo Verde	84	1:224	1:308	49	1:259	1:308	-	-	-	41	1:267	1:308
Macau	119	1:118	1:237	26	1:211	1:237	2	1:235	1:237	4	1:233	1:237
S. Thomé	331	1:062	1:393	58	1:335	1:393	11	1:382	1:393	21	1:372	1:393
Golungo Alto	143	467	610	32	578	610	3	607	610	1	609	610
Ambriz	159	400	559	1	558	559	5	554	559	1	558	559
Ilha do Maio	57	153	210	-	-	-	3	207	210	-	-	-
Principe	38	102	140	1	139	140	2	138	140	13	127	140
Diu	26	59	85	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Loanda	1:546	2:061	3:607	54	3:553	3:607	14	3:593	3:607	10	3:597	3:607
Moçambique	379	658	1:037	31	1:006	1:037	11	1:026	1:037	4	1:033	1:037
Praia	471	652	1:123	5	1:120	1:125	9	785	794	13	936	949
Dilly	323	422	745	3	742	745	1	744	745	-	-	-
Damão	129	219	348	19	329	348	-	-	-	1	347	348
Benguella	340	371	711	4	707	711	32	679	711	-	-	-
Nova Goa	855	1:534	2:389	92	2:297	2:389	-	-	-	-	-	-

Classificação das colonias das principaes nações da Europa, segundo a sua população especifica por kilometro quadrado

Nações colonisadoras	Designação das colonias	Clima geral	Proporção
Portugal.	Macau........................	Tropical	17:958 : 1
Inglaterra	Hon-Kong......................	Trop. quente (N.)	1:496 : 1
Hollanda.	Java com a ilha de Maduro	Equatorial (S.)...	942 : 1
Inglaterra	Aden..........................	Trop. quente (N.)	626 : 1
França ..	India (diversos estabelecimentos)....	–	523 : 1
Portugal.	Damão.........................	Trop. quente (N.)	424 : 1
	Diu...............	Trop. quente (N.)	361 : 1
França ..	Ilha da Martinica............	Trop. quente (S.)	158 : 1
Hollanda.	Ilha Saba......................	Tropico-equat. (N.)	153 : 1
Inglaterra	Bermudas......................	Tropical temp. (N.)	144 : 1
	Windward Island (6 das pequenas Antilhas)......................	Tropico-equat. (N.)	132 : 1
Portugal.	Territorio de S. João Baptista de Ajudá	Equatorial (N.)...	128 : 1
	Ilha Brava......................	Trop. quente (N.)	120 : 1
Inglaterra	Ilha Mauricia e dependencias.......	Trop. quente (S.)	117 : 1
	Estabelecimentos e feitorias (Singapura, Malaca, etc.)..............	–	98 : 1
França ..	Guadelupe e dependencias.........	Trop. quente (S.)	88 : 1
Hollanda.	Ilha de S. Eustache	Tropico-equat. (N.)	84 : 1
Inglaterra	India (Indostão e costa oriental do golfo de Bengala)...............	–	81 : 1
França ..	Ilha da Reunião ou antiga Bourbon	Trop. quente (S.)	76 : 1
Inglaterra	Ilhas de Ture..................	Trop. quente (N.)	75 : 1
Portugal.	Goa e dependencias...............	Trop. quente (N.)	67 : 1
Hespanha	Porto Rico......................	Trop. quente (N.)	
	Ilhas de Vieques, Calebra e Mona...	Trop. quente (N.)	
Hollanda.	Ilha S. Martin..................	Tropico-equat. (N.)	63 : 1
Inglaterra	Leewarce Islands (8 das pequenas Antilhas)......	Trop. quente (N.)	
França ..	Nossi-Bé e dependencias	–	60 : 1
Inglaterra	Ilha de Santa Helena..............	Trop. quente (S.)	51 : 1
Hollanda.	Ilha Aruba......................	Trop. quente (N.)	

Nações colonisadoras	Designação das colonias	Clima geral	Proporção
Portugal.	Ilha de S. Thiago	Trop. quente (N.)	49 : 1
	Ilha do Fogo	Trop. quente (N.)	47 : 1
Inglaterra	Jamaica	Trop. quente (N.)	46 : 1
	Labouan	–	42 : 1
Hollanda.	Ilha Coraçáo	Trop. quente (N.)	41 : 1
França ..	Santa Maria a E. da ilha de Madagascar	Trop. quente (S.)	38 : 1
Inglaterra	Ceylão	Tropico equat.	37 : 1
Hespanha	Ilhas Filippinas	Tropico-equat. (N.)	35 : 1
França ..	Mayote	Trop. quente (S.)	33 : 1
Portugal.	Santo Antão	–	31 : 1
	Ilhas de S. Thomé e Principe (fazendas agricolas)	Equatorial (N.)	27 : 1
Inglaterra	Trindade (sul das pequenas Antilhas)	Equatorial	24 : 1
França ..	Cochinchina ao oriente de Siam	Tropico-equat. (N.)	23 : 1
	S. Pedro Grande e pequena Miquelon ao S. da Terra Nova	Temperado (N.)	
Brazil...	Rio de Janeiro	Tropical	20 : 1
	Municipio Neutro	Tropical	
Portugal.	S. Vicente	–	
Inglaterra	Ilhas de Keeling (estação)	Tropico-equat. (S.)	18 : 1
Hespanha	Ilha de Fernando do Pó	Equatorial (N.)	16 : 1
	Ilha de Corisco	Equatorial (N.)	
	Ilha Elobey	Equatorial (N.)	
	Ilha de Anno Bom	Equatorial (S.)	
Portugal.	Ilha de S. Nicolau	Trop. quente (N.)	14 : 1
Inglaterra	Costa occidental de Africa	Equatorial (N.)	
Hespanha	Ilhas Carolinas	Equatorial (N.)	13 : 1
Hollanda.	Ilha Bonaire	–	
Hespanha	Ilha de Cuba	Trop. quente (N.)	11 : 1
	Ilha de Pinos	Trop. quente (N.)	
Brazil...	Alagoas	Tropico-equat. (S.)	
Hespanha	Ilhas Paláos	Equatorial (N.)	
Portugal.	Região septentrional (NE. da ilha de Timor)	Equatorial (S.)	10 : 1
	Ilha do Maio	–	
Hollanda.	Ilha Bali	Equatorial (S.)	7 : 1
Inglaterra	Ilhas Tidji	Trop. quente (S.)	

Nações colonisadoras	Designação das colonias	Clima geral	Proporção
Brazil	Pernambuco	Tropico-equat. (S.)	7 : 1
Hollanda.	Banda e dependencias (Ilhas Molucas)	Equatorial (S.)	
Brazil	Parahyba	Equatorial (S.)	
Hollanda.	Ilha de Sumatra — Costa occidental	Equatorial (S.)	
	Ilha de Sumatra — Costa oriental com as ilhas de Riow	Equatorial (S.)	6 : 1
	Ilha de Sumatra — Benkolen	Equatorial (S.)	
	Ilha de Sumatra — Lampougs	Equatorial (S.)	
	Ilha de Sumatra — Palembaug	–	
Inglaterra	Porto Natal	Tropical temp. (S.)	
Brazil	Ceara	Equatorial (S.)	
Portugal.	Ilha da Boa Vista	–	
Hespanha	Ilhas Marianas	Trop. quente (N.)	5 : 1
Inglaterra	Ilhas de Odicos	Trop. quente (N.)	
Brazil	Sergipe	Tropico-equat. (S.)	
Hollanda.	Ilha Branca	Equatorial (S.)	
	Ilha Celebes — territorial geral	Equatorial (S.)	
	Ilha Celebes — Menado	Equatorial (N.)	
Inglaterra	Ilha Lord How	Tropical temp. (S.)	4 : 1
Brazil	Rio Grande do Norte	Equatorial (S.)	
Inglaterra	Brac (Estação) (Ilhas de Cayaman)	Trop. quente (N.)	
Hollanda.	Ilha Billiton	Equatorial (S.)	
Portugal.	Ilha do Sal	–	
Hollanda.	Amboino e dependencias (Ilhas Molucas)	Equatorial (S.)	
Inglaterra	Laccadivas (Estação)	Tropico-equat. (N.)	
França	Ilhas Marquezas	Equatorial (S.)	
	Algeria	Tropico temp. (N.)	3 : 1
Brazil	Santa Catharina	–	
	Minas Geraes	Trop. quente	
França	Ilha Nova Caledonia	Trop. quente (S.)	
	Ilhas Loyaltys	Trop. quente (S.)	
Inglaterra	Camarau (Estação)	Trop. quente (N.)	
	Ilha Fanning	Equatorial (N.)	
	Nicolares (Estação)	Trop. quente (N.)	
	Ilhas de Bahama de Lucaya	Tropical temp. (N.)	2 : 1
Hollanda.	Ilha de Borneo — costa occidental	Equatorial	

Nações colonisadoras	Designação das colonias	Clima geral	Proporção
Hollanda.	Ilha de Borneo — Costa meridional..	Equatorial (S.)...	2 : 1
	Ilha de Borneo — Costa oriental	Equatorial.......	
Brazil...	Bahia...........................	Trop. quente (S.)	
Inglaterra	Andamanes (Estação)............	Trop. quente (N.)	
Brazil...	Espirito Santo..................	Trop. quente.....	1 : 1
	Rio Grande do Sul...............	Tropical temp....	
Inglaterra	Tasmania (Van-Diemen)..........	Temperado (S.) ..	
	Terra Nova......................	Frio (N.)........	
Hollanda.	Ternate e dependencias (Ilhas Molucas)	Equatorial	
	Nova Zelandia..................	Temperado (S.)...	
Inglaterra	Colonia do Cabo	Tropical temp. (S.)	
	Ilha Norfolk....................	Tropical temp. (S.)	
Brazil...	Guiana (America do Sul)	–	9 : 10
	Piauhy	Equatorial (S.)...	
	Maranhão.......................	Equatorial (S.)...	
Portugal.	Districto de Loanda (colonias agricolas)	Trop. quente (S.)	7 : 10
	Districto de Benguella (fazendas agricolas)	Trop. quente (S.)	
	Districto de Mossamedes (colonias agricolas)	Trop. quente (S.)	
	Bissau..........................	Tropico-equat....	
	Cacheu	Tropico-equat. ...	
	Bolama.........................	Tropico-equat. ...	
Inglaterra	Honduras.......................	Trop. quente (N.)	
Hollanda.	Surianam (Demerara ou Guyana hollandeza).........................	Equatorial (N.)...	5 : 10
Brazil...	Paraná	Tropical temp. ...	4 : 10
Inglaterra	Dominio de Canadá..............	Frio (N.)........	
	Ilha de Tristão da Cunha (Estação)..	Temperado	
	Ilha da Ascensão................	Equatorial (S.)...	3 : 10
	Australia.......................	Trop. q. e temp...	2 : 10
Brazil...	Goyaz..........................	Tropico-equat. ...	
	Pará	Equatorial (S.)...	
França ..	Guyana.........................	Equatorial (N.)...	1 : 10
Portugal.	Districto de Cabo Delgado.........	Equatorial (S.)...	
	Districto de Moçambique	Trop. quente (S.)	
	Districto de Quilimane	Trop. quente (S.)	

Nações colonisadoras	Designação das colonias	Clima geral	Proporção
Portugal.	Districto de Sena..................	Trop. quente (S.)	1 : 10
	Districto de Tete e Zumbo.........	Trop. quente (S.)	
	Districto de Sofala................	Trop. quente (S.)	
	Districto de Inhambane............	Tropical (S.).....	
	Districto de Lourenço Marques.....	Tropical temp. (S.)	
Inglaterra	Ilha Nathan......................	Temperado (S.)...	9 : 100
	Ilhas Falkland....................	–	6 : 100
Brazil...	Mato Grosso......................	Trop. quente.....	3 : 100
	Amasonas........................	Equatorial	2 : 100
França ..	Senegal..........................	Trop. quente (N.)	Ignora-se a superficie.
	Gabão...........................	Equatorial.......	
Portugal.	Districto de Angoche.............	Trop. quente (S.)	
	Santa Luzia......................	–	
Hollanda.	Ilha de Timor (parte occidental)....	Equatorial (S.)...	
	Ilha Nova Guiné..................	Equatorial (S.)...	
Inglaterra	Ilha de Kouriã Mouria (Estação)....	Trop. quente (N.)	Ignora-se a população
	Nova Amsterdam (Estação)........	Temperado	
	S. Paulo (Estação)	Temperado	
	Perin	Trop. quente (N.)	
	Mostra (Estação).................	Trop. quente (N.)	
	Ilha de Anchland.................	Frio (S.)........	
França ..	Ilha de Cliperton a SO. da America do Norte......................	Equatorial (N.)...	
Inglaterra	Ilha Maldin......................	Equatorial (S.)...	Inhabitaveis.
	Ilha Starbouch...................	Equatorial (S.)...	
	Ilha Carolina.....................	Equatorial (S.)...	

Classificação das principaes nações da Europa, segundo a sua população especifica por kilometro quadrado

Comprehendendo as colonias, protectorados e territorios adjacentes		Independentemente de colonias, protectorados e territorios adjacentes	
Designações	Proporção	Designações	Proporção
Belgica	178 : 1	Belgica	178 : 1
Paizes Baixos	114 : 1	Italia	90 : 1
Italia	101 : 1	Allemanha	75 : 1
Ilhas Britannicas	100 : 1	Suissa	64 : 1
Allemanha	75 : 1	Austro-Hungria	57 : 1
França	68 : 1	Hespanha	30 : 1
Suissa	64 : 1	Grecia	29 : 1
Austro-Hungria	57 : 1	França	27 : 1
Dinamarca	49 : 1	Paizes Baixos	16 : 1
Portugal	44 : 1	Inglaterra	11 : 1
Hespanha	32 : 1	Suecia	10 : 1
Grecia	29 : 1	Turquia	8 : 1
Turquia	23 : 1	Noruega	5 : 1
Russia	13 : 1	Portugal	3 : 1
Suecia	9 : 1	Russia	1 : 1
Noruega	5 : 1	Dinamarca	6 : 10

Classificação das provincias do Brazil, segundo a sua população especifica por kilometro quadrado

Designações	Proporção	Designações	Proporção
Rio de Janeiro (Municipio Neutro)	20 : 1	Bahia	2 : 1
Alagoas	11 : 1	Espirito Santo	1 : 1
Pernambuco	7 : 1	Rio Grande do Sul	1 : 1
Parahyba	6 : 1	Maranhão	9 : 10
Ceará	5 : 1	Piauhy	8 : 10
Sergipe	5 : 1	Paraná	4 : 10
Rio Grande do Norte	4 : 1	Pará	2 : 10
S. Paulo	3 : 1	Goyaz	2 : 10
Santa Catharina	3 : 1	Mato Grosso	3 : 100
Minas Geraes	3 : 1	Amazonas	2 : 100
		—	—

CAPITULO XI

População geral e especifica da ilha de S. Thomé e providencias hygienicas

Estatistica dos fogos existentes na ilha. — Obitos por effeito da molestia de bexigas nos mezes de novembro e dezembro de 1864 e janeiro de 1865. — Estatistica dos europeus. — Estatistica dos africanos. — Mappa demonstrativo dos europeus fallecidos nos annos de 1864 a 1876, divididos por mezes e trimestres, e com designação dos estados, sexos, idades, condições e naturalidades. — Mappa demonstrativo dos individuos fallecidos nos annos de 1868 a 1875, com designação das idades, sexos, estados, condições e naturalidades. — Estatistica dos nascimentos nos annos de 1867 a 1875. — Numero de individuos que entraram e saíram do porto da ilha de S. Thomé nos annos de 1874 a 1876. — População da ilha de S. Thomé nos annos de 1874 e 1875. — Providencias hygienicas.

Estatistica dos fogos existentes na ilha de S. Thomé nos annos abaixo designados

Freguezias	1859	1867	1868	1871	1872	1873	1874	1875
Nossa Senhora da Graça ...	382	362	364	350	440	380	382	384
Nossa Senhora da Conceição	435	480	481	550	555	552	556	490
Santissima Trindade	446	897	898	110	120	250	250	320
Nossa Senhora de Guadelupe	99	153	154	250	255	190	140	102
Santo Amaro	76	169	169	175	170	180	178	190
Sant'Anna	309	208	210	372	380	385	385	596
Nossa Senhora das Neves...	38	40	40	72	72	74	74	80
Santa Cruz dos Angulares ..	157	215	215	-	93	99	107	120
Magdalena	54	78	80	215	220	230	230	240
	1:996	2:602	2:611	2:094	2:305	2:340	2:302	2:522

N. B. Não podémos obter o numero de fogos referidos ao anno de 1865, assim como as estatisticas da população e nascimentos. Devemos notar, porém, que houve n'aquelle anno a epidemia de bexigas, que ceifou a vida a um grande numero de individuos. A mortalidade proveniente d'esta enfermidade consta do seguinte mappa, que extrahimos das participações officiaes remettidas á administração do concelho, e de outros documentos que nos facultaram.

Mappa demonstrativo dos obitos nas differentes freguezias da ilha de S. Thomé, por effeito da molestia de bexigas, nos mezes de novembro e dezembro de 1864 e janeiro de 1865

Mezes	Condições	Freguezias: Graça e Conceição	Santissima Trindade	Santa Maria Magdalena	Santo Amaro	Nossa Senhora de Guadelupe	Nossa Senhora das Neves	Santa Cruz dos Angolares	Sant'Anna	Total
Novembro	Europeus	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Indigenas	26	12	1	2	3	-	-	6	50
	Libertos	10	5	1	2	7	-	-	-	25
	Escravos	10	2	-	1	-	-	-	-	13
	Praças da bateria	1	-	-	-	-	-	-	-	1
		47	19	2	5	10	-	-	6	89
Dezembro	Europeus	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Indigenas	9	15	1	-	-	-	-	1	26
	Libertos	-	3	-	9	-	-	-	-	12
	Escravos	3	6	-	4	-	-	-	-	13
	Praças da bateria	-	-	-	-	-	-	-	-	-
		12	24	1	13	-	-	-	1	51
Janeiro	Europeus	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Indigenas	10	3	-	-	2	-	-	-	15
	Libertos	-	2	-	-	-	-	-	-	2
	Escravos	2	-	-	5	-	-	-	-	7
	Praças da bateria	-	-	-	-	-	-	-	-	-
		12	5	-	5	2	-	-	-	24
Idades	Maiores de 15 annos	65	38	2	16	7	-	-	6	134
	Menores de 15 annos	6	10	1	7	5	-	-	1	30
		71	48	3	23	12	-	-	7	164

Estatistica dos europeus existentes na ilha de S. Thomé, nos annos abaixo designados

Annos	Sexos	Freguezias									Total
		Nossa Senhora da Graça	Nossa Senhora da Conceição	Santissima Trindade	Nossa Senhora de Guadelupe	Santo Amaro	Sant'Anna	Nossa Senhora das Neves	Santa Cruz dos Angolares	Magdalena	
1859...	Ambos os sexos......	150	72	26	3	5	10	-	-	6	272
1867...	Masculino...........	205	70	43	7	9	8	1	-	19	362
	Feminino...........	12	10	7	-	1	1	-	-	2	33
		217	80	50	7	10	9	1	-	21	393
1868...	Masculino...........	225	74	47	10	11	13	1	-	16	397
	Feminino...........	15	13	6	1	1	1	-	-	2	39
		240	87	53	11	12	14	1	-	18	436
1871...	Masculino...........	474	103	45	6	7	7	1	-	20	663
	Feminino...........	34	20	7	3	-	2	-	-	-	66
		508	123	52	9	7	9	1	-	20	729
1872...	Masculino...........	322	70	75	6	10	7	1	-	26	517
	Feminino...........	25	14	11	3	2	2	-	-	-	57
		347	84	86	9	12	9	1	-	26	574
1873...	Masculino...........	470	98	78	7	12	6	1	-	20	692
	Feminino...........	36	30	11	3	3	2	-	-	2	87
		506	128	89	10	15	8	1	-	22	779
1874...	Masculino...........	476	103	70	6	14	6	2	-	20	697
	Feminino...........	38	34	10	2	8	2	-	-	2	96
		514	137	80	8	22	8	2	-	22	793
1875...	Masculino...........	470	107	45	10	14	5	2	-	22	675
	Feminino...........	32	21	6	3	1	-	-	-	3	66
		502	128	51	13	15	5	2	-	25	741

N. B. Não consta do boletim a designação por sexos referida ao anno de 1859.

Estatistica dos africanos existentes na ilha de S. Thomé, nos annos abaixo designados

Annos	Sexos	Freguezias									Total
		Nossa Senhora da Graça	Nossa Senhora da Conceição	Santissima Trindade	Nossa Senhora de Guadelupe	Santo Amaro	Sant'Anna	Nossa Senhora das Neves	Santa Cruz dos Angolares	Magdalena	
1859...	Ambos os sexos ..	1:245	2:071	2:827	527	773	1:496	120	1:183	425	10:667
1867...	Masculino	766	2:042	3:505	473	621	1:285	151	601	1:162	10:606
	Feminino	400	1:493	804	432	452	1:115	77	355	394	5:522
		1:166	3:535	4:309	905	1:073	2:400	228	956	1:556	16:128
1868...	Masculino	766	2:021	3:481	476	608	1:305	148	572	1:087	10:464
	Feminino	438	1:497	859	433	439	1:139	86	338	381	5:610
		1:204	3:518	4:340	909	1:047	2:444	234	910	1:468	16:074
1871...	Masculino	1:690	2:821	1:824	625	720	1:005	206	1:500	1:026	11:447
	Feminino	671	1:855	1:147	540	560	834	184	1:800	474	8:065
		2:361	4:676	2:971	1:165	1:280	1:839	390	3:300	1:500	19:482
1872...	Masculino	1:889	2:910	1:773	680	860	940	215	701	944	10:912
	Feminino	850	1:895	1:219	625	600	816	181	621	554	7:361
		2:739	4:805	2:992	1:305	1:460	1:756	396	1:322	1:498	18:273
1873...	Masculino	1:940	3:110	2:010	720	960	1:170	208	778	1:286	12:182
	Feminino	742	1:990	1:740	646	625	1:040	180	727	592	8:182
		2:682	5:100	3:750	1:366	1:585	2:210	388	1:505	1:878	20:464
1874...	Masculino	2:020	3:010	3:200	778	1:172	1:990	208	810	1:588	14:776
	Feminino	774	2:168	2:040	760	950	1:440	178	772	850	9:932
		2:794	5:178	5:240	1:538	2:122	3:430	386	1:582	2:438	24:708
1875...	Masculino	2:500	2:640	3:020	891	820	2:370	382	2:600	2:257	17:480
	Feminino	1:400	1:500	2:547	669	740	1:670	324	1:680	690	11:220
		3:900	4:140	5:567	1:560	1:560	4:040	706	4:280	2:947	28:700

N. B. Não consta do boletim a designação por sexos referida ao anno de 1859.

Mappa demonstrativo dos europeus fallecidos na ilha de S. Thomé, nos annos de 1864 a 1876, divididos por mezes e trimestres e com designação dos estados, sexos, idades, condições e naturalidades

		1864	1865	1866	1867	1868	1869	1870	1871	1872	1873	1874	1875	1876	Total
Mezes	Janeiro	2	4	2	2	–	5	6	10	6	3	8	8	6	62
	Fevereiro	7	8	4	2	[illegible]	3	6	7	9	4	6	[illegible]	11	74
	Março	4	6	1	1	2	1	5	5	6	9	12	13	9	74
	Abril	7	6	3	5	2	1	–	[illegible]	8	5	7	5	5	58
	Maio	11	7	2	1	7	2	5	11	8	1	10	6	10	81
	Junho	6	2	2	3	1	2	5	5	13	6	4	4	12	65
	Julho	6	–	1	4	2	3	–	3	9	11	4	8	7	58
	Agosto	2	1	2	3	–	4	3	3	10	10	4	[illegible]	10	54
	Setembro	1	4	2	3	[illegible]	3	1	5	2	3	–	6	8	39
	Outubro	2	1	2	2	12	2	2	3	3	12	[illegible]	7	7	56
	Novembro	6	–	4	3	1	–	3	4	2	4	2	[illegible]	10	42
	Dezembro	4	7	2	[illegible]	[illegible]	1	8	9	2	2	5	7	7	57
		58	46	27	30	31	27	44	69	78	70	63	75	102	720
Trimestres	1.º Trimestre	13	18	7	5	3	9	17	22	21	16	26	27	26	210
	2.º Trimestre	24	15	7	9	10	5	10	20	29	12	21	15	27	204
	3.º Trimestre	9	5	5	10	3	10	4	11	21	24	8	16	25	151
	4.º Trimestre	12	8	8	6	15	3	13	16	7	18	8	17	24	155
		58	46	27	30	31	27	44	69	78	70	63	75	102	720
Estados	Solteiros	34	35	6	16	29	16	19	24	–	55	45	–	–	279
	Casados	14	5	4	6	2	9	9	12	–	15	12	–	–	88
	Viuvos	6	–	–	1	–	1	3	1	–	–	–	–	–	12
Ignora-se		4	6	17	7	–	1	13	32	78	–	6	75	102	344
		58	[illegible]	27	30	31	27	44	69	78	70	63	75	102	720
Sexos	Masculino	52	41	23	27	31	22	33	63	69	65	–	71	96	593
	Feminino	6	5	4	3	–	5	11	6	9	5	–	4	6	64
Ignora-se		–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	63	–	–	63
		58	46	27	30	31	27	44	69	78	70	63	75	102	720
Idades	Até 5 annos	1	–	–	–	–	1	6	1	–	–	2	–	–	11
	De 6 a 10 annos	2	–	–	–	–	–	[illegible]	1	–	1	–	–	–	5
	De 11 a 15 annos	1	–	–	–	–	1	2	–	–	–	–	–	–	4
		4	–	–	–	–	2	9	2	–	1	2	–	–	20

		1864	1865	1866	1867	1868	1869	1870	1871	1872	1873	1874	1875	1876	Total
	Transporte	4	–	–	–	–	2	9	2	–	1	2	–	–	20
Idades	De 16 a 20 annos	3	–	–	–	–	1	1	5	–	5	4	1	–	20
	De 21 a 30 annos	15	–	–	–	–	8	8	21	–	32	24	16	–	124
	De 31 a 40 annos	8	–	–	–	–	6	7	17	–	23	14	22	–	97
	De 41 a 50 annos	6	–	–	–	–	5	3	7	–	6	9	6	–	42
	De 51 a 60 annos	2	–	–	–	–	2	1	3	–	2	2	1	–	13
	De 61 a 70 annos	4	–	–	–	–	–	–	2	–	1	–	2	–	9
	De 71 a 80 annos	–	–	–	–	–	–	–	1	–	–	–	–	–	1
	De 81 a 90 annos	–	–	–	–	–	–	1	–	–	–	–	–	–	1
Ignora-se		16	46	27	30	31	3	14	11	78	–	8	27	102	393
		58	46	27	30	31	27	44	69	78	70	63	75	102	720
Condições	Empregados civis	1	–	–	–	–	1	–	1	1	–	1	2	–	7
	Militares de differentes graduações	26	24	5	9	16	9	8	13	9	7	–	5	30	161
	Quadro de saude	1	–	–	–	–	–	–	–	1	–	–	–	–	2
	Judiciaes	2	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	2
	Capitães de navios	–	1	–	–	–	1	–	–	–	–	–	–	1	3
	Marinheiros	–	–	1	1	–	–	–	1	1	–	–	–	1	5
	Lavradores	–	–	–	–	–	2	–	1	4	–	2	–	–	9
	Trabalhadores	–	–	–	–	–	–	–	2	1	–	38	–	–	41
	Empregados no commercio	–	3	1	–	–	4	–	6	2	–	–	–	3	19
	Livres	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	17	7	24
	Officios	1	–	–	–	–	1	–	–	1	–	12	–	–	15
	Ex-degredados	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	5	5
	Ex-militares	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	2	2
	Bacharel	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	1	1
	Marinheiros militares	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	2	2
	Creanças	–	–	–	–	–	–	–	–	5	–	–	–	–	5
	Addidos	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	6	6
	Indigentes	–	–	–	–	–	–	–	–	12	10	–	–	–	22
	Degredados	–	1	–	–	–	1	18	35	39	45	–	51	36	226
Ignora-se		27	17	20	20	15	8	18	10	2	8	10	–	8	163
		58	46	27	[illegible]	31	27	44	69	78	70	63	75	102	720
Naturalidades	Do reino	46	34	17	23	24	20	29	56	72	68	56	66	101	612
	Das ilhas adjacentes	4	2	1	2	2	3	7	4	2	–	2	2	1	32
	Estrangeiros	1	–	–	–	–	1	4	3	1	–	1	2	–	13
Ignora-se		7	10	9	5	5	3	4	6	3	2	4	5	–	63
		58	46	27	30	31	27	44	69	78	70	63	75	102	720

Mappa demonstrativo dos individuos fallecidos na ilha de S. Thomé, nos annos de 1868 a 1875, com designação de idades, sexos, estados, condições e naturalidades

		1868	1869	1870	1871	1872	1873	1874	1875	Total
Idades	De horas	1	–	–	–	3	–	–	–	4
	De dias (menos de 1 mez)	9	17	16	24	33	42	25	59	225
	De mezes (menos de 1 anno)	36	56	37	66	111	45	54	43	448
	De 1 a 5 annos	61	67	66	89	243	65	101	40	732
	De 6 a 10 annos	8	8	14	16	27	22	25	41	161
	De 11 a 15 annos	6	10	11	12	22	19	15	16	111
	De 16 a 20 annos	40	35	41	44	45	69	56	28	358
	De 21 a 25 annos	49	51	58	58	78	90	70	40	494
	De 26 a 30 annos	70	91	103	122	155	115	136	99	891
	De 31 a 35 annos	18	35	32	47	58	44	53	49	336
	De 36 a 40 annos	49	59	55	84	84	115	83	73	602
	De 41 a 45 annos	6	18	16	26	25	28	36	41	196
	De 46 a 50 annos	30	38	38	38	31	42	62	52	331
	De 51 a 55 annos	10	9	4	12	6	15	10	13	79
	De 56 a 60 annos	30	28	15	38	30	24	43	47	255
	De 61 a 65 annos	8	5	9	9	5	5	12	7	60
	De 66 a 70 annos	10	13	12	17	15	19	10	33	129
	De 71 a 80 annos	12	8	8	16	15	18	13	37	127
	De 81 a 90 annos	5	2	6	12	7	7	8	19	66
	De 91 a 100 annos	–	–	2	6	1	2	3	1	15
	De 101 a 125 annos	–	1	1	–	–	–	–	1	3
Ignora-se		88	72	57	68	53	45	116	167	666
		546	623	601	804	1:047	831	931	906	6:289
Sexos	Masculino	332	382	234	483	636	509	529	501	3:606
	Feminino	214	241	367	321	407	275	330	297	2:452
Ignora-se		–	–	–	–	4	47	72	108	231
		546	623	601	804	1:047	831	931	906	6:289
Estados	Ecclesiasticos	1	–	–	–	–	–	–	–	1
	Solteiros .. Homens	243	252	227	277	302	460	314	357	2:432
	Solteiros .. Mulheres	160	166	130	164	141	268	194	101	1:324
	Solteiros .. De menoridade	–	–	–	–	414	–	–	–	414
		404	418	357	441	857	728	508	458	4:171

		1868	1869	1870	1871	1872	1873	1874	1875	Total
	Transporte	404	418	357	441	857	728	508	458	4:171
Estados	Casados... Homens	5	11	4	11	8	7	11	20	77
	Casados... Mulheres	2	5	7	6	7	3	2	1	33
	Viuvos... Homens	-	4	5	6	3	4	1	8	31
	Viuvos... Mulheres	2	3	8	9	3	6	6	5	42
Ignora-se		133	182	220	331	169	83	403	414	1:935
		546	623	601	804	1:047	831	931	906	6:289
Condições	Livres	246	270	225	313	332	529	561	354	2:830
	Libertos	134	241	242	290	326	292	321	136	1:982
	Escravos	42	18	-	-	-	-	-	-	60
Ignoradas		124	94	134	201	389	10	49	416	1:417
		546	623	601	804	1:047	831	931	906	6:289
Naturalidades	Differentes provincias de Portugal	14	13	8	41	67	49	43	40	275
	Lisboa	3	8	4	9	10	12	11	22	79
	Porto	-	1	4	1	4	-	3	-	13
	Cabo Verde	6	3	-	6	4	4	5	5	33
	S. Thomé	242	272	262	321	494	341	357	345	2:634
	Loanda	7	3	4	11	33	24	18	119	219
	Benguella	-	-	2	7	7	3	1	1	21
	Ilha do Principe	6	3	6	2	16	3	8	11	55
	Gabão	118	124	109	187	178	174	180	173	1:243
	Costa da Mina	-	1	-	1	-	4	7	10	23
	Hespanha	-	-	3	-	3	-	1	1	8
	Brazil	1	-	1	-	-	2	-	1	5
	França	-	-	1	-	1	-	-	-	2
	Benim	1	-	-	-	-	-	1	1	3
	Açores	1	1	3	4	3	1	1	2	16
	Madeira	1	-	1	-	-	-	-	5	7
	Angola	122	175	157	174	202	196	227	41	1:294
	Diversos pontos	-	-	-	16	14	6	6	34	76
Ignoradas		24	19	36	24	11	12	62	95	283
		546	623	601	804	1:047	831	931	906	6:289

Estatistica dos nascimentos que houve na ilha de S. Thomé nos annos abaixo designados

Annos	Sexos	Freguezias: Nossa Senhora da Graça	Nossa Senhora da Conceição	Santissima Trindade	Nossa Senhora de Guadelupe	Santo Amaro	Sant'Anna	Nossa Senhora das Neves	Santa Cruz dos Angolares	Magdalena	Somma
1867...	Masculino	53	44	45	11	22	32	6	24	12	249
	Feminino	61	39	44	8	20	37	8	24	5	246
		114	83	89	19	42	69	14	48	17	495
1868...	Masculino	63	61	54	5	31	53	1	47	71	386
	Feminino	34	53	57	2	33	48	3	36	23	289
		97	114	111	7	64	101	4	83	94	675
1869...	Masculino	57	54	34	6	33	45	1	33	18	281
	Feminino	49	43	49	9	19	31	5	20	17	242
		106	97	83	15	52	76	6	53	35	523
1870...	Masculino	47	64	39	9	22	32	4	84	28	329
	Feminino	43	41	52	7	16	42	5	77	10	293
		90	105	91	16	38	74	9	161	38	622
1871...	Masculino	38	45	48	8	20	53	7	62	38	319
	Feminino	45	40	51	16	16	31	6	62	9	276
		83	85	99	24	36	84	13	124	47	595
1872...	Masculino	48	43	44	15	30	40	2	73	64	359
	Feminino	55	41	56	13	29	57	2	51	–	304
		103	84	100	28	59	97	4	124	64	663
1873...	Masculino	38	36	48	6	13	31	7	95	13	287
	Feminino	42	38	19	4	18	39	4	96	[illegible]	280
		80	74	67	10	31	70	11	191	33	567
1874...	Masculino	31	30	73	19	22	31	–	56	2	264
	Feminino	37	29	63	21	33	34	1	57	4	279
		68	59	136	40	55	65	1	113	6	543
1875...	Masculino	45	15	22	3	16	36	–	18	10	165
	Feminino	37	22	24	–	17	32	–	22	7	161
		82	37	46	3	33	68	–	40	17	326
	Total....	823	738	822	162	410	704	62	937	351	5:009

Mappa dos individuos que entraram e saíram do porto da ilha de S. Thomé, nos annos de 1874, 1875 e 1876

Annos	Condições dos individuos	Entrados	Saídos	Differença: Para mais	Differença: Para menos
1874	Livres	235	189	46	-
	Libertos	96	3	93	-
	Degredados	74	1	73	-
	Ex-degredados	-	1	-	1
	Addidos	9	2	7	-
	Ex-addidos	1	12	-	11
	Incorrigiveis	10	-	10	-
	Presos	3	9	-	6
	Menores	28	16	12	-
	Condição ignorada	152	-	152	-
		608	233	393	18
1875	Livres	399	256	143	-
	Degredados	116	3	113	-
	Ex-degredados	2	11	-	9
	Addidos	1	29	-	28
	Incorrigiveis	68	4	64	-
	Presos	3	1	2	-
		589	304	322	37
1876	Livres	2:584	416	2:168	-
	Degredados	44	6	38	-
	Ex-degredados	2	29	-	27
	Addidos	1	7	-	6
	Ex-addidos	1	-	1	-
	Incorrigiveis	81	2	79	-
	Presos	-	8	-	8
	Condição ignorada	231	58	173	-
		2:944	526	2:459	41

N. B. Não podendo obter com exactidão alguns algarismos, por isso indicâmos como *condição ignorada* os que extrahimos do movimento maritimo; todos os mais foram colligidos do boletim.

Pelo presente mappa vê-se que a população se elevou nos tres annos referidos, sendo no de 1874 o augmento de 375 individuos, no de 1875 de 285 e no de 1876 de 2:418.

O movimento foi em 1874 de 841 individuos, em 1875 de 893 e em 1876 de 3:470; d'onde se vê que a media mensal referida ao primeiro anno foi de 70, ao segundo 74 e ao terceiro 311. Se descriminarmos esta ainda pelas entradas e saídas do porto, temos que no primeiro anno foi a das entradas 50 e das saidas 19; no segundo, a das entradas 48 e das saídas 25, e no terceiro, a das entradas 425 e a das saídas 43.

Mappa estatistico da população da ilha de S. Thomé, nos annos de 1874-1875

Designações	1874				1875			
Fogos	2:302	-	-	-	2:522	-	-	-
População:								
Europeus	-	793	-	-	-	741	-	-
Africanos	-	24:706	-		-	28:700	-	-
Nascimentos	-	543	-		-	326	-	-
Segundo o registo do porto:								
Entraram	-	-	608		-	-	589	-
Saíram	-	-	233		-	-	304	-
Ficaram	-	-	375		-	-	285	-
Obitos	-	-	-	931	-	-	-	906
	2:302	26:044	-	931	2:522	29:767	-	906
População	25:488				29:446			

Providencias hygienicas.—As medidas hygienicas que nos parecem de mais instante necessidade são as seguintes[1]:

1.ª Estudar a constituição do solo das ilhas de S. Thomé e Principe, com o intuito de se saber quaes são culturas que devem aproveitar-se para beneficiar os logares mais doentios. Reputâmos excellente a cultura do café, a do cacau e a do algodão, de preferencia á da canna de assucar, que é menos saudavel, e considerâmos prejudicial a do arroz.

2.ª Determinar que os terrenos do estado sejam cultivados, e que se formem algumas granjas modelos[2], sendo o seu rendimento destinado aos hospitaes, casas de saude e á santa casa da misericordia.

3.ª Não enviar para aquellas ilhas degredados, empregados e colonos, desde o mez de outubro até ao fim de maio.

4.ª Fazer a canalisação da ribeira até á ponte de Cima Cola, dentro da cidade, tornando as suas margens em passeios[3]; e construir fontes, tanques e lavadouros publicos.

[1] Foram approximadamente as que escrevemos no relatorio de 1869 e repetimos no de 1871 e 1872, mas nada se fez n'este sentido.

[2] Não se formaram ainda as granjas modelos, nem se deu começo ás colonias penaes.

[3] É uma obra de grandissima urgencia, mas ainda não foi principiada.

5.ª Melhorar o hospital da cidade de S. Thomé [1], ou, o que é preferivel, construir outro com todas as condições hygienicas, tendo nos terrenos adjacentes jardim, pomar ou horta. Convem que o hospital permanente esteja fóra da cidade, e que a casa onde actualmente existe este estabelecimento seja destinada a um hospicio. A ilha de S. Thomé precisa de dois hospitaes para a sua população de 16:000 almas.

6.ª Incitar de algum modo os proprietarios d'esta ilha a construirem um hospital commum, onde sejam tratados sómente os libertos, acabando assim com os hospitaes e boticas das roças, e com os curandeiros, que tão prejudiciaes são á saude publica como as carneiradas.

7.ª Determinar que a limpeza publica da cidade esteja a cargo de uma companhia, composta de cincoenta indigenas válidos, que trabalhem assiduamente; publicar regulamentos hygienicos e policiaes a fim de que a limpeza publica seja proficua.

8.ª Mandar preparar, na praia, proximo da fortaleza de S. Sebastião, logares onde não possa entrar o tubarão, a fim de se tomarem ali banhos do mar [2].

9.ª Fazer conduzir a Agua Bobo para a cidade, distribuindo-a no hospital e em tanques nas duas praças principaes.

10.ª Aconselhar a camara municipal a ter um medico de partido para dar consultas gratuitas aos pobres, e examinar a qualidade da carne que se vende ao publico, etc., etc.

11.ª Não consentir que se façam canos de esgoto na cidade, nem geraes, nem parciaes; seriam um foco permanente de infecção miasmatica.

12.ª Determinar que se façam montureiras, e que seja obrigatoria a desinfecção, formando-se para esse fim regulamentos especiaes, e impondo rigorosas multas aos contraventores [3].

13.ª Prohibir que nos trabalhos agricolas, propriamente ditos, se empreguem europeus, a fim de evitar que arrisquem a vida.

14.ª Construir um bairro novo em logar conveniente, tendo casas saudaveis e economicas, onde os empregados, colonos e quaesquer outras pessoas que queiram residir na ilha, possam encontrar meios de resistirem ás constantes e fortissimas trovoadas, chuvas e ventanias, que tanto incommodo e prejuizo causam á saude.

15.ª Não permittir que nos quintaes haja bananeiras e hervas ruins,

[1] O hospital de 1872 é ainda o de 1877. Está porém em via de construcção um hospital-barraca.

[2] Ainda se não fez nada n'este sentido.

[3] Não se determinou ainda cousa alguma a este respeito.

e determinar que as matas proximas da cidade sejam convenientemente devastadas[1].

16.ª Regular o serviço medico-militar de modo que os facultativos tenham tempo para organisar trabalhos estatisticos sobre meteorologia, pathologia e historia natural.

17.ª Melhorar a botica do estado para que o serviço pharmaceutico possa ser feito com promptidão, aceio e economia.

18.ª Permittir que os empregados, principalmente os que tenham dado provas de aptidão e zêlo, possam ir ao reino, no fim de cada tres annos de serviço, para se tratarem, e demorarem-se ahi seis mezes, visto que raros são os europeus que podem viver tres annos consecutivos sob um clima tão deprimente, e em uma atmosphera tão viciada, sem adquirirem molestias, mais ou menos perigosas.

A estas providencias juntâmos as seguintes, que tambem reputâmos de instante necessidade:

1.ª Determinar a arborisação dos largos e ruas principaes da cidade, empregando arvores proprias, como larangeiras, eucalyptus, mucumblis, marimboques e muitas outras balsamicas e de crescimento rapido.

2.ª Determinar que as ruas fiquem planas nas margens e abauladas no centro, de modo que nunca se encharquem com as aguas das chuvas.

3.ª Determinar que se escolham fóra da cidade logares proprios para se abaterem as rezes.

4.ª Determinar que se colloquem marcos, signaes ou balisas na circumvalação da cidade, e que se façam pelo menos dois jardins publicos.

5.ª Mandar levantar o plano geral da cidade de S. Thomé, para que se façam as construcções com regularidade e boa ordem, e se não consinta o grande numero de casebres arruinados que existem, nem quintaes sem cercados.

6.ª Determinar que se abra uma estrada em boas condições para a villa da Santissima Trindade, prolongando-se até ao sitio denominado Santa Luzia e d'aqui até á costa de SE. da ilha.

7.ª Escolher um logar elevado e distante da colonia penal, das villas principaes e da cidade, para se construir um hospital geral e permanente, tendo boa e abundante agua, bons terrenos para jardins, pomares, hortas e conveniente exposição.

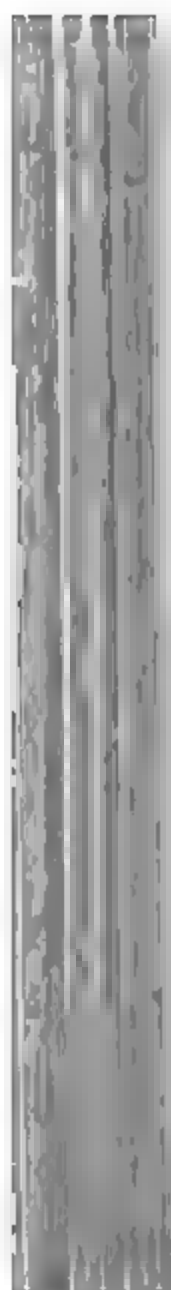
[1] Em 1873, como em 1871, e como em 1869, estavam as ruas e os quintaes no mesmo estado, pejadas de hervas ruins, de bananeiras, etc.; citâmos todo o bairro de S. Miguel e ruas proximas; a rua de Santo Antonio, a de S. João e outras. Retirámo-nos da ilha de S. Thomé no principio do anno de 1874 e não sabemos se estão hoje como estavam n'aquella epocha.

8.ª Não consentir que se destruam as florestas, sem ordem, sem methodo e muito especialmente sem se cuidar de as crear segundo as regras da sylvicultura, fazendo-se para esse effeito um regulamento, no qual se apontem ao mesmo tempo a importancia das arvores que se devem conservar por causa da boa madeira, balsamos, oleos, resinas, fructos, etc.

9.ª Não permittir que nas fozes dos rios se apanhem peixinhos a panno, a coals ou por outros meios que os naturaes costumam usar.

10.ª Construir edificios para banhos publicos, nas praias da bahia e nas margens do rio Agua Grande.

11.ª Obrigar os moradores da cidade a caiarem os cercados e as frentes de suas casas, ao menos uma vez por anno.

12.ª Fazer aterrar os pantanos que rodeiam a cidade para que a superficie d'elles se transforme em bellos e amplos jardins, em formosas alamedas e em passeios uteis e agradaveis.

FLORA PATHOLOGICA

CAPITULO XII

Principaes molestias observadas no hospital de S. Thomé durante o anno de 1872; considerações. — Resumo comparativo da frequencia das molestias observadas no hospital militar de S. Thomé e da sua mortalidade relativa em cada um dos mezes do anno de 1872; considerações. — Numero de doentes do hospital de S. Thomé em 1872; considerações. — Resumo do movimento dos doentes no hospital militar de S. Thomé e das principaes doenças ali observadas; considerações. — Resumo por trimestres. — Relação da mortalidade para os casos das molestias, etc.; considerações ácerca da mortalidade.

As gravissimas molestias que se manifestam na ilha de S. Thomé e em muitas outras das nossas possessões ultramarinas, demandam a maior attenção dos medicos coloniaes e dos governos, não só para lhes combater as causas como para lhes attenuar os effeitos.

A maioria das causas são de ha muito conhecidas, e todos os clinicos as indicam nos seus relatorios, baseados no estudo e longa pratica e nos estudos dos mais auctorisados medicos e exploradores; os effeitos são bem patentes, e as estatisticas que apresentâmos manifestam claramente o quanto urge cuidar das nossas colonias, dotando-as com todos os elementos indispensaveis, não só para o seu desenvolvimento agricola e commercial como para melhorar as suas condições hygienicas.

É altamente necessario perscrutar as circumstancias em que se declaram as principaes doenças e os symptomas que as acompanham conforme os locaes em que se manifestam; do seu exame minucioso devem colher-se resultados fecundos para se estabelecerem as regras praticas, a fim de se fugir aos terriveis flagellos que assolam aquelles povos.

As doenças que muitas vezes se manifestam benignas complicam-se e aggravam-se por phenomenos que seriam talvez evitados a tempo se houvesse os recursos precisos, e se os enfermos se tratassem convenientemente e apenas os symptomas apparecem, evitando que as febres se apossem do organismo sem se lhes oppor algum obstaculo que a medicina ou a hygiene aconselham, devendo principalmente fugir-se de medicamentos de pouca confiança, porque as molestias definem-se e muitas vezes matam em poucas horas; e é esta uma das rasões por que aconselhâmos o tratamento logoque os mais leves symptomas se manifestem.

Resumo das principaes molestias observadas no hospital militar da ilha de S. Thomé, e numero de doentes curados e fallecidos no 1.º semestre de 1872

Diagnosticos	Janeiro			Fevereiro			Março			Abril			Maio			Junho		
	Numero de molestias	Curados	Fallecidos	Numero de molestias	Curados	Fallecidos	Numero de molestias	Curados	Fallecidos	Numero de molestias	Curados	Fallecidos	Numero de molestias	Curados	Fallecidos	Numero de molestias	Curados	Fallecidos
Anasorca	—	—	—	1	—	—	1	—	—	2	1	—	3	1	—	3	—	3
Bronchite aguda	5	1	—	4	3	—	8	6	—	8	5	—	6	6	—	7	6	—
Bronchite chronica	4	2	1	5	2	1	6	1	1	5	4	—	2	2	—	2	—	—
Cachexia palustre	9	3	—	13	7	1	6	4	1	9	3	2	9	4	2	8	1	3
Diarrhea	13	5	2	13	11	1	8	4	3	3	1	2	4	3	—	4	4	—
Dysenteria	3	2	—	6	1	3	6	2	2	3	2	1	3	3	—	3	2	—
Edema das extremidades inferiores	1	1	—	3	2	—	3	2	—	1	1	—	2	2	—	2	—	—
Embaraço gastrico	3	3	—	4	4	—	—	—	—	3	3	—	5	3	—	4	4	—
Febre intermittente quotidiana	68	56	—	65	52	—	51	43	—	50	34	—	80	60	—	69	60	—
Febres remittentes	13	12	—	15	13	—	5	5	—	8	4	—	9	9	—	4	3	—
Febres intermittentes terçãs	—	—	—	—	—	—	2	2	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Febre perniciosa	1	—	1	—	—	—	1	—	1	4	1	2	2	1	1	4	—	2
Gastralgia	—	—	—	—	—	—	2	2	—	1	1	—	4	4	—	4	1	—
Lumbago	—	—	—	1	1	—	—	—	—	—	—	—	3	3	—	—	—	—
Pleurodinia	2	1	—	6	4	—	6	4	—	3	1	—	5	5	—	7	7	—
Pian de Alibert	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	2	1	—
Tuberculos pulmonares	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—
Diversas molestias	70	31	1	78	43	1	79	46	3	66	31	—	78	32	4	76	42	6
Somma	192	117	5	215	143	7	183	121	11	106	92	7	216	138	7	198	131	14
Relação das molestias para os fallecidos	38,40 : 1			30,71 : 1			16,63 : 1			23,71 : 1			30,85 : 1			14,14 : 1		
Relação dos curados para os fallecidos	23,40 : 1			20,42 : 1			11,00 : 1			13,14 : 1			19,71 : 1			9,35 : 1		

Resumo das principaes molestias observadas no hospital militar da ilha de S. Thomé, e numero de doentes curados e fallecidos no 2.° semestre de 1872

Diagnosticos	Julho			Agosto			Setembro			Outubro			Novembro			Dezembro		
	Numero de molestias	Curados	Fallecidos	Numero de molestias	Curados	Fallecidos	Numero de molestias	Curados	Fallecidos	Numero de molestias	Curados	Fallecidos	Numero de molestias	Curados	Fallecidos	Numero de molestias	Curados	Fallecidos
Anasarca	3	2	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	4	1	1	5	—	1
Bronchite aguda	12	8	—	14	11	1	12	9	—	11	7	—	9	7	—	6	6	—
Bronchite chronica	4	1	2	1	—	—	3	2	—	3	3	—	—	—	—	2	—	—
Cachexia palustre	5	3	1	4	—	3	1	—	1	2	2	—	1	—	—	3	1	—
Diarrhea	14	8	—	12	9	2	5	3	1	[illegible]	1	1	13	7	3	16	7	1
Dysenteria	1	1	—	3	2	—	1	1	—	4	3	—	3	2	—	5	5	—
Embaraço gastrico	4	3	—	10	8	—	5	5	—	1	—	—	5	4	—	6	6	—
Edema das extremidades inferiores	2	2	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	2	2	—	—	—	—
Eczema	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—
Febre intermittente palustre	70	51	—	40	33	—	24	20	—	33	26	—	45	30	—	68	46	—
Febre remittente palustre	7	4	—	7	3	2	9	7	—	5	4	—	6	4	—	9	9	—
Febre perniciosa	3	2	1	5	—	3	2	1	1	3	1	1	6	2	3	2	—	2
Gastralgia	2	2	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—
Lumbago	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	1	—	1	1	—	—	—	—
Pleurodinia	4	2	—	2	1	1	3	3	—	3	3	—	7	7	—	2	1	—
Tuberculos pulmonares	1	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Molestias diversas	77	36	5	85	34	2	80	44	2	79	38	5	80	43	4	79	39	4
Somma	209	125	10	184	121	14	145	95	5	150	89	7	182	116	11	199	120	8
Relação das molestias para os fallecidos	20,90 : 1			13,14 : 1			29,00 : 1			21,43 : 1			16,54 : 1			24,87 : 1		
Relação dos curados para os fallecidos	12,50 : 1			8,64 : 1			19,00 : 1			12,71 : 1			10,54 : 1			15,00 : 1		

Não figuram nos mappas nosologicos molestias de caracter diverso d'aquelle que se tem examinado nos outros annos.

A cachexia sob differentes fórmas, a febre palustre e a diarrhea são as doenças mais frequentes e as que causam maior mortalidade nos soldados e nos addidos europeus.

Conservámos as designações que os facultativos do hospital adoptaram, porque desejâmos sustentar toda a exactidão nos trabalhos estatisticos colhidos nos mappas nosologicos mensaes publicados no *Boletim official* da provincia.

Não fizemos um mappa nosologico com a classificação sob um ponto de vista geral, como doenças *do systema nervoso, dos olhos, dos ouvidos, do nariz, do apparelho circulatorio, absorvente, respiratorio, digestivo, urinario e locomotor, do tecido cellular, da pelle, traumaticas e simuladas*, porque a população do hospital, segundo a escripturação seguida em 1872, não offerece elementos rigorosos para essa classificação; e não separámos tambem as doenças dos soldados das dos addidos, libertos, europeus e africanos, porque preferimos a exposição das doenças, segundo a traducção fiel do que se acha exarado nas papeletas.

—A cachexia palustre é doença de todos os mezes; houve 6 casos termo medio, por mez.

—A diarrhea e a dysenteria tiveram entre si a seguinte relação: 2,54 casos de diarrhea para 1 de dysenteria. Houve em todos os mezes casos de uma e de outra doença, apparecendo as diarrheas 8,11 por mez, termo medio, e as dysenterias 3,5, o que mostra muito maior frequencia na primeira d'estas doenças.

—A doença endemica principal da cidade de S. Thomé é a febre palustre, que se manifesta sob diversas fórmas.

A febre perniciosa attinge 68 por cento dos atacados. A febre palustre é intermittente, remittente ou perniciosa, mas rarissimas vezes *terçã*, e só por acaso se encontra sob qualquer outra fórma. A infecção palustre desenvolveu symptomas primarios em 632 individuos e causou 19 fallecimentos, o que representa uma mortalidade de 3 por cento sobre os atacados. É por tanto muito grave esta infecção, porque produz doenças caracteristicas *da localidade*, mas não *da ilha*, onde póde admittir-se sem grande erro a existencia de tres climas distinctos.

—O rheumatismo appareceu sob diversas fórmas, a saber: *lumbago, pleurodynia, rheumatismo articular, e muscular.* Houve 88 doentes affectados d'esta molestia, o que dá o numero 7,3 por mez. O rheumatismo articular offereceu casos graves e mortaes.

—A bronchite chronica é muito grave e muito rebelde ao tratamento;

são frequentes os casos, tanto da bronchite chronica como de aguda. De 94 doentes falleceram 6, isto é, 15,66 para 1 atacado.

A frequencia das molestias em cada mez depende de muitas circumstancias. A pneumonia é frequente e grave, mas não se observa em todos os mezes. Em 13 doentes affectados d'esta molestia houve 4 mortos.

O exame da frequencia das molestias por mezes é muito importante, mostra as doenças que se manifestam nas epochas das chuvas e das ventanias.

Os elementos de que se dispõe são por emquanto muito limitados e comprehendem apenas os europeus e os africanos que se acham em peiores condições de vida. Quando faltam commodidades, quando a alimentação não é variada e os trabalhos são rudes, as doenças são mais frequentes, mais rebeldes e mais graves.

A cidade de S. Thomé está em pessimas condições a todos os respeitos; os soldados e os addidos, quer europeus quer africanos, adquirem doenças graves em consequencia de se exporem ao tempo, *sol e chuva*, conservando bastantes vezes vestida a roupa molhada pelas chuvas, e tendo de a deixar enxugar no corpo. É esta uma gravissima causa de doenças das vias respiratorias e tambem a occasional do apparecimento de febres perniciosas quasi continuas.

Dos mappas parciaes que apresentâmos compõe-se o seguinte resumo relativo á frequencia das molestias observadas e á sua mortalidade em cada um dos mezes do anno de 1872.

Resumo comparativo da frequencia das molestias observadas no hospital militar da ilha de S. Thomé, e da mortalidade relativa dos doentes em cada um dos mezes do anno de 1872

Mezes	Numero de molestias	Fallecidos	Relação das molestias observadas para os fallecidos	Curados	Relação dos curados para os fallecidos	Passaram para o anno de 1873
Janeiro	192	5	38,40 : 1	117	23,40 : 1	-
Fevereiro	215	7	30,71 : 1	143	20,42 : 1	-
Março	183	11	16,63 : 1	121	10,00 : 1	-
Abril	166	7	16,57 : 1	92	13,14 : 1	-
Maio	216	7	30,85 : 1	138	19,71 : 1	-
Junho	198	14	14,14 : 1	131	9,35 : 1	-
Julho	209	10	20,90 : 1	121	12,10 : 1	-
Agosto	184	14	13,14 : 1	121	8,64 : 1	-
Setembro	145	5	29,00 : 1	95	19,00 : 1	-
Outubro	150	7	21,42 : 1	89	12,71 : 1	-
Novembro	182	11	16,54 : 1	116	10,54 : 1	-
Dezembro	199	8	24,87 : 1	124	16,00 : 1	71
	2:239	106	21,12 : 1	1:408	13,28 : 1	71

A media mensal das doenças observadas é 186

A media mensal dos curados é 117

O maior numero de molestias observadas corresponde ao mez de maio, e o menor verifica-se em setembro; e é n'este mez tambem que se encontra o numero mais baixo na mortalidade.

A media mensal dos fallecidos é de 8,83 e a das doenças tratadas de 186,5.

A população do hospital militar de S. Thomé apresenta-se em pessimas circumstancias. Os addidos do *deposito penal*, sujeitos a grandes privações e a trabalhos de toda a ordem, entram ali em elevado numero.

No primeiro trimestre houve 590 doenças e 23 fallecidos, ou 3,89 por cento. Comprehende este trimestre os mezes em que se manifestam os maiores calores e apparecem os tornados. Ao fim do mez de dezembro e principios de janeiro corresponde o tempo denominado *veranito*, havendo poucas e ás vezes nenhumas chuvas.

No segundo trimestre contam-se 580 doenças e 28 fallecidos, ou 4,82 por cento. Cáem n'este periodo as grandes chuvas e com ellas au-

Foz do rio Agua Abbade

gmenta o numero de doenças observadas, que, como se vê, attinge o seu maximo.

No terceiro trimestre trataram-se no hospital 538 molestias, fallecendo 29 individuos, ou 5,38 por cento, o que é extraordinario. Em julho, agosto e setembro, que é o tempo mais fresco do anno, faltaram as chuvas por mais de trinta dias successivos. Apreciaremos em outro logar as causas de similhante irregularidade.

No quarto trimestre a 531 casos observados corresponderam 26 fallecidos, ou 4,89 por cento. Reinam n'este tempo as chuvas diluviaes.

Na composição e formação dos mappas ha elementos diversos que podem influir no resultado; é por isso que nós operámos do composto para o simples. Os casos obervados representam um dividendo maior em relação ao numero de doentes e muito maior em relação ao numero de individuos differentes. O divisor é sempre o mesmo e n'esta circumstancia o quociente muda segundo a natureza dos calculos que se fazem.

Numero de doentes entrados no hospital da ilha de S. Thomé, em 1872, segundo as classes

Classes	Europeus					Africanos					Total
	Homens		Mulheres			Homens		Mulheres			
	Maiores	Menores	Maiores	Menores	Somma	Maiores	Menores	Maiores	Menores	Somma	
Officiaes	8	–	–	–	8	1		–	–	1	9
Officiaes inferiores	32	–	–	–	32	8		–	–	8	40
Cabos, soldados e corneteiros	215	2	–	–	217	178		–	–	178	395
Addidos do deposito penal	637	–	18	–	655	113		–	–	113	768
Praças da armada real	40	–	–	–	40	–		–	–	–	40
Empregados publicos	2	–	–	–	2	1		–	–	1	3
Doentes civis nos quartos particulares	7	2	1	–	10	–		–	–	–	10
Doentes civis nas enfermarias	30	–	–	–	30	2		1	–	3	33
Indigentes da santa casa	50	8	37	1	96	71	3	13	3	90	186
Libertos	–	–	–	–	–	80		21	–	101	101
	1:021	12	56	1	1:090	454	3	35	3	495	1:585

Relação dos europeus para os africanos............. 2,20:1

Os libertos entram no hospital geralmente em casos graves e chronicos, o que é um elemento grande de mortalidade. Na população do hospital houve 1 liberto por 15,6 individuos entrados, isto é, 7 por cento.

Contam-se 217 soldados europeus e 178 africanos ou 395 militares, isto é, 1 soldado por 4 individuos entrados; e o numero dos soldados europeus excede apenas em 39 por cento dos africanos.

Os addidos foram quasi metade da população hospitalar, sendo 655 europeus e 113 africanos, isto é, 1 africano por 5,7 europeus. Estes individuos estão nas mesmas condições, e mostram com toda a clareza a influencia do clima nos europeus e nos africanos; entre 7 d'aquelles apenas adoece 1 d'estes.

A questão dos trabalhos da agricultura, das obras publicas, etc., deve tirar d'estas estatisticas todos os elementos para ser resolvida com justiça. O europeu não póde trabalhar exposto ao sol e ao tempo sem adoecer e arriscar a vida.

A população do hospital militar e civil da cidade de S. Thomé chegou em 1872 ao numero 1:585, isto é, a 132,08 doentes por mez, termo medio, tendo sido 186,5 a media mensal das doenças observadas. São muito importantes estes dados.

Relação entre os diversos individuos e a população do hospital

Officiaes	1 :	176,11
Officiaes inferiores	1 :	39,62
Cabos, soldados e corneteiros	1 :	4,01
Addidos do deposito penal	1 :	2,06
Praças da armada real	1 :	39,62
Empregados publicos	1 :	528,33
Doentes civis nos quartos particulares	1 :	158,50
Doentes civis nas enfermarias	1 :	48,03
Indigentes da santa casa	1 :	8,52
Libertos	1 :	15,69
Europeus (homens)	1 :	1,55
Europeus (menores do sexo masculino)	1 :	132,08
Europeus (mulheres)	1 :	28,30
Europeus (menores do sexo feminino)	1 :	1585,00
Todos os europeus	1 :	1,45
Africanos (homens)	1 :	3,49
Africanos (menores do sexo masculino)	1 :	528,33
Africanos (mulheres)	1 :	45,28
Africanos (menores do sexo feminino)	1 :	528,33
Todos os africanos	1 :	3,20

Resumo do movimento dos doentes no hospital militar da ilha de S. Thomé e das principaes doenças ali observadas no anno de 1872

Grupos das principaes molestias observadas	Existiam	Entraram	Curados	Fallecidos	Ficaram
Abcessos	-	14	13	-	1
Adenites	-	5	5	-	-
Alienação	-	3	1	2	-
Amygdalite	-	10	10	-	-
Anasarca	-	13	4	5	4
Anemia tropical	-	33	29	2	2
Aneurisma popliteo	-	1	1	-	-
Balanite	-	2	2	-	-
Blennorrhagia	3	33	33	-	3
Bronchite aguda	5	71	75	1	-
Bronchite chronica	1	23	17	5	2
Cachexia	-	44	28	14	2
Cachexia senil, paraplegia	-	1	1	-	-
Cancro venereo	3	6	9	-	-
Cephalalgia	-	3	3	-	-
Colica nervosa (enteralgia)	-	4	4	-	-
Congestão cerebral	-	1	-	1	-
Callo inflammado	-	1	1	-	-
Cystite aguda	-	1	1	-	-
Cystite chronica	-	2	2	-	-
Dartro pustuloso	-	2	2	-	-
Delirium tremens	-	1	1	-	-
Diarrhea	2	87	63	18	8
Dysenteria	1	33	28	6	-
Dilatação arterial	-	1	1	-	-
Dyspepsia	-	2	2	-	-
Dores osteocopas	1	13	13	-	1
Dores articulares	-	6	6	-	-
Eczema	-	7	6	-	1
	16	423	361	54	24

Grupos das principaes molestias observadas	Existiam	Entraram	Curados	Fallecidos	Ficaram
Transporte	16	423	361	54	24
Ecthyma	–	5	5	–	–
Edema das extremidades	1	11	12	–	–
Embaraço gastrico	1	42	43	–	–
Erysipela	–	4	4	–	–
Enterite simples	–	1	1	–	–
Epilepsia	–	1	1	–	–
Estomatite simples	–	5	5	–	–
Excoriações	–	2	1	–	1
Erythema	–	2	2	–	–
Febre intermittente quotidiana	5	528	517	–	16
Febre intermittente terçã	–	2	2	–	–
Febre remittente	2	77	77	2	–
Febre perniciosa	–	25	8	17	–
Feridas contusas e contusões	2	23	24	1	–
Feridas incisas e penetrantes	–	29	25	3	1
Feridas por armas de fogo	–	3	3	–	–
Fistulas urinarias	–	1	1	–	–
Fractura do maxillar inferior	–	1	1	–	–
Furunculos	–	3	3	–	–
Gastro-enterite-typhoide	–	2	1	1	–
Gastralgia	–	10	9	–	1
Hematuria	1	1	1	–	1
Hemorrhoidas	–	5	5	–	–
Hemiplegia	–	3	3	–	–
Hemoptysis	–	4	3	1	–
Hydrocele	–	1	1	–	–
Hernia inguinal	–	4	3	1	–
Hepatite aguda	–	1	–	1	–
Hepatite aguda, abcesso do figado	–	3	2	1	–
Hepatite chronica, anemia	–	3	1	1	1
Hypertrophia do coração, anasarca	–	5	4	–	1
Hypertrophia do baço	–	2	2	–	–
Hypertrophia do figado, anemia	–	1	1	–	–
Hypertrophia da glandula mamaria	–	1	1	–	–
	28	1:234	1:133	83	46

Grupos das principaes molestias observadas	Existiam	Entraram	Curados	Fallecidos	Ficaram
Transporte......	28	1:234	1:133	83	46
Ictericia	-	4	4	-	-
Ictericia grave, fórma typhoide	-	2	-	2	-
Impetigo	-	1	1	-	-
Lumbago	-	8	8	-	-
Luxações	-	6	5	-	1
Macúlo	-	3	2	1	-
Metrite chronica	-	1	1	-	-
Odontalgia	-	5	5	-	-
Orchite blennorrhagica	1	9	10	-	-
Ophthalmia	-	2	2	-	-
Onyxes	-	1	1	-	-
Ozena	-	1	-	-	1
Palpitações do coração	-	1	1	-	-
Paralysia geral do movimento	-	1	-	-	1
Paraplegia	-	1	-	1	-
Peritonite aguda	-	1	-	1	-
Pleurysia ou pleurite	2	12	13	1	-
Pleurodynia	-	41	40	-	1
Pemphigus	-	1	1	-	-
Phlegmão	-	1	1	-	-
Pityriasis do couro cabelludo	-	1	1	-	-
Pneumonia	1	13	10	4	-
Piam de Alibert (bobas)	-	1	1	-	-
Phymoses e cancro venereo	-	1	1	-	-
Rheumatismo articular chronico	1	37	31	2	5
Rheumatismo muscular	-	2	1	1	-
Sarna	-	10	10	-	-
Simuladas (molestias)	-	6	6	-	-
Syphilis terciaria	-	13	13	-	-
Syphilides pustulosas	-	1	1	-	-
Splenite chronica	-	3	3	-	-
Tuberculos pulmonares	-	1	-	1	-
Tetano traumatico	-	1	-	1	-
Ulceras atonicas das pernas	11	106	94	7	16
	44	1:532	1:400	105	71

Grupos das principaes molestias observadas	Existiam	Entraram	Curados	Fallecidos	Ficaram
Transporte......	44	1:532	1:400	105	71
Ulcera na margem do anus............ ...	-	1	1	-	-
Ulceras syphiliticas na abobada palatina.....	-	3	3	-	-
Vegetação venerea na vulva...............	-	3	3	-	-
Vermes intestinaes......................	-	1	1	-	-
Volvulo ou ileo.........................	-	1	-	1	-
Sommas parciaes.....	44	1:541	1:408	106	71
Total...............	1:585		1:585		

Relação dos curados para os doentes 1 : 1,12, ou 88,8 por cento.
Relação dos fallecidos para os doentes 1 : 14,95, ou 6,68 por cento.

A traducção d'este mappa mostra que no hospital militar da ilha de S. Thomé appareceram 102 especies pathologicas em 1:585 doentes. Indicâmos nos seguintes mappas a proporção da mortalidade proveniente das doenças pertencentes áquellas especies e aos generos ou grupos n'ellas comprehendidos.

1.° — Disposição segundo a órdem alphabetica das doenças

Entre cada especie pathologica e o numero de doentes que lhe correspondem ha a seguinte relação:

Diagnostico	Doentes	Fallecidos	Relação
Na especie — Alienação mental	3	2	1 : 1,50
No genero ou grupo — Anasarca	13	5	1 : 2,60
Na especie — Anemia tropical	33	2	1 : 16,50
Na especie — Bronchite aguda	76	1	1 : 76,00
Na especie — Bronchite chronica	24	5	1 : 4,80
No genero ou grupo — Cachexia	44	14	1 : 3,14
Na especie — Congestão cerebral	1	1	1 : 1,00
No grupo ou genero — Diarrhea	89	18	1 : 4,94
No grupo ou genero — Dysenteria	34	6	1 : 5,66
Na especie — Febre remittente	79	2	1 : 39,50
No grupo ou genero — Febre perniciosa	25	17	1 : 1,47
Feridas contusas e contusões	25	1	1 : 25,00
Feridas incisas e penetrantes	29	3	1 : 9,66
Gastro-enterite-typhoide	2	1	1 : [illegible]
Hemoptyses	4	1	1 : 4,00
Hernia inguinal	4	1	1 : 4,00
Hepatite aguda	1	1	1 : 1,00
Hepatite aguda, abcesso do figado	3	1	1 : 3,00
Hepatite chronica, anemia	3	1	1 : 3,00
Ictericia grave, fórma typhoide	2	2	1 : 1,00
Macúlo	3	1	1 : 3,00
Paraplegia	1	1	1 : 1,00
Peritonite aguda	1	1	1 : 1,00
Pneumonia	14	4	1 : 3,50
Pleuresia ou pleurite	14	1	1 : 14,00
Rheumatismo articular chronico	38	2	1 : 19,00
Rheumatismo muscular	2	1	1 : 2,00
Tuberculos pulmonares	1	1	1 : 1,00
Tetano traumatico	1	1	1 : 1,00
Ulceras atonicas das pernas	117	7	1 : 16,71
Volvulo ou ileo	1	1	1 : 1,00

2.º Distribuição segundo o maior numero de doentes

Diagnostico	Doentes	Fallecidos	Relação
Ulceras	117	7	1 : 16,71
Diarrhea	89	18	1 : 4,94
Febre remittente	79	2	1 : 39,50
Bronchite aguda	76	1	1 : 76,00
Cachexia	44	14	1 : 3,14
Rheumatismo articular	38	2	1 : 19,00
Dysenteria	34	6	1 : 5,66
Anemia tropical	33	2	1 : 16,50
Feridas incisas e penetrantes	29	3	1 : 9,66
Febre perniciosa	25	17	1 : 1,47
Feridas contusas e contusões	25	1	1 : 25,00
Bronchite chronica	24	5	1 : 4,80
Pneumonia	14	4	1 : 3,50
Pleuresia ou pleurite	14	1	1 : 14,00
Anasarca	13	5	1 : 2,60
Hepatite	7	3	1 : 2,33
Hemoptyses	4	1	1 : 4,00
Hernia inguinal	4	1	1 : 4,00
Alienação mental	3	2	1 : 1,50
Macúlo	3	1	1 : 3,00

Não se tomaram em consideração as doenças manifestadas apenas uma ou duas vezes, das quaes se contam nove especies. As graves e mortiferas, classificadas segundo a sua frequencia foram: Ulceras, diarrhea, febre remittente, bronchite aguda, cachexia, rheumatismo articular, dysenteria, anemia tropical, feridas incisas e penetrantes, febre perniciosa, feridas contusas e contusões, bronchite chronica, pneumonia, pleuresia, anasarca, hepatite, hemoptyses, hernia inguinal, alienação mental e finalmente macúlo, correspondendo-lhes os numeros seguintes: 117, 89, 79, 76, 44, 38, 34, 33, 29, 25, 25, 24, 14, 14, 13, 7, 4, 4, 3, 3.

3.º — Distribuição segundo a maior mortalidade relativa

Febre perniciosa	1 : 1,47
Alienação mental	1 : 1,50
Anasarca	1 : 2,60
Hepatite	1 : 2,33
Macúlo	1 : 3,00
Cachexia	1 : 3,14
Pneumonia	1 : 3,50
Hemoptyses	1 : 4,00
Hernia inguinal	1 : 4,00
Bronchite chronica	1 : 4,80
Diarrhea	1 : 4,94
Dysenteria	1 : 5,66
Feridas incisas e penetrantes	1 : 9,66
Pleuresia	1 : 14,00
Anemia tropical	1 : 16,50
Ulceras	1 : 16,71
Rheumatismo articular	1 : 19,00
Feridas contusas e contusões	1 : 25,00
Febre remittente	1 : 39,50
Bronchite aguda	1 : 76,00

Contam-se no anno de 1872 como molestias principaes, muito frequentes e mais mortiferas, a *febre perniciosa, anasarca, hepatite, cachexia, pneumonia, bronchite chronica, diarrhea, dysenteria, pleuresia, anemia tropical, ulceras e febre remittente;* e os seus numeros correspondentes em relação a 1 fallecido são: 1,47, 2,60, 2,33, 3,14, 3,50, 4,80, 4,94, 5,66, 14, 16,50, 16,71, 39,50.

As doenças mais frequentes no hospital foram: a febre intermittente quotidiana, que affectou 533 individuos; as ulceras, 117; as diarrheas, 89; a febre remittente, 79 vezes, e a bronchite aguda, 76.

O que finalmente se conclue é que a cidade de S. Thomé é miasmatica, como se vê pelo elevadissimo numero de doentes affectados da febre palustre, e até póde dizer-se sem grande erro que no hospital militar todos tiveram accessos d'esta doença.

Resumo das principaes molestias observadas no hospital da ilha de S. Thomé, em cada trimestre do anno de 1872

Diagnostico	1.º Trimestre		2.º Trimestre		3.º Trimestre		4.º Trimestre	
	Numero de doentes	Fallecidos	Numero de doentes	Fallecidos	Numero de doentes	Fallecidos	Numero de doentes	Fallecidos
Anemia	13	–	15	2	17	–	3	–
Bronchite	22	3	30	–	46	3	31	–
Cachexia	28	2	26	7	10	5	6	–
Diarrhea	34	6	16	4	32	3	33	5
Dysenteria	15	5	10	1	5	–	12	–
Edema das extremidades inferiores	9	–	5	–	2	–	2	–
Embaraço gastrico	7	–	12	–	19	–	12	–
Febre palustre	184	–	201	–	134	–	140	–
Febre palustre remittente	33	–	23	–	23	2	20	–
Febre palustre intermittente terçã	4	–	–	–	–	–	–	–
Febre perniciosa	–	–	10	5	10	4	11	6
Gastro-enterite typhoide	–	–	–	–	1	1	1	–
Hepatite	1	1	–	–	4	1	5	1
Rheumatismo	21	–	26	–	25	–	37	3
Tuberculos pulmonares	–	–	1	–	1	1	–	–
Ulceras	70	1	77	1	70	5	72	–
Diversas	149	5	128	8	139	4	146	11
	590	23	580	28	538	29	531	26

No 1.º trimestre a relação dos curados para os fallecidos foi de .... 25,65 : 1
No 2.º trimestre de .... 20,71 : 1
No 3.º trimestre de .... 18,55 : 1
No 4.º trimestre de .... 20,42 : 1

Parece que o terceiro trimestre foi o mais insalubre, quando todas as condições do solo e da atmosphera concorrem para ser mais favoravel esta quadra do anno.

A frequencia das doenças está representada pelos seguintes numeros, os quaes são realmente muito approximados, devendo notar-se que o mez de setembro é o menos insalubre.

1.º Trimestre	590
2.º Trimestre	580
3.º Trimestre	538
4.º Trimestre	531

Mappa necrologico do hospital militar da ilha de S. Thomé, em 1872

Grupos das molestias observadas que terminaram pela morte	Numero de casos	Fallecimentos
1.º		
Anemia tropical	32	2
Cachexia palustre	70	14
Total (*A*)	102	16
Relação da mortalidade (casos observados para os fallecimentos).	6,37 : 1	
2.º		
Anasarca (*B*)	21	5
Relação da mortalidade (casos observados para os fallecimentos).	4,02 : 1	
3.º		
Diarrhea	107	15
Dysenteria	42	6
Diarrhea biliosa	8	3
Total (*C*)	157	24
Relação da mortalidade (casos observados para os fallecimentos).	6,54 : 1	
4.º		
Bronchite chronica	37	5
Bronchite aguda	102	1
Tuberculos pulmonares	2	1
Total (*D*)	141	7
Relação da mortalidade (casos observados para os fallecimentos).	20,14 : 1	

Grupos das molestias observadas que terminaram pela morte	Numero de casos	Fallecimentos
5.º		
Gastro-enterite-typhoide (*E*)	2	1
Relação da mortalidade (casos observados para os fallecimentos).	2 : 1	
6.º		
Pneumonia	9	3
Pleuro-pneumonia	10	1
Pleuresia	19	1
Total (*F*)	38	5
Relação da mortalidade (casos observados para os fallecimentos).	7,6 : 1	
7.º		
Hepatite aguda	4	1
Hepatite chronica e anemia	4	1
Hepatite aguda e abcesso do figado	2	1
Total (*G*)	10	3
Relação da mortalidade (casos observados para os fallecimentos).	3,33 : 1	
8.º		
Febre perniciosa	18	9
Febre palustre, remittente gastrica	7	2
Febre palustre perniciosa	15	8
Total (*H*)	40	19
Relação da mortalidade (casos observados para os fallecimentos).	2,1 : 1	
9.º		
Rheumatismo articular	40	1
Rheumatismo muscular, myelite	2	1
Rheumatismo articular chronico	8	1
Total (*I*)	50	3
Relação da mortalidade (casos observados para os fallecimentos).	16,66 : 1	

Grupos das molestias observadas que terminaram pela morte	Numero de casos	Fallecimentos
10.º		
Ulceras das pernas	192	2
Ulceras atonicas das pernas	70	5
Total (*K*)	262	7
Relação da mortalidade (casos observados para os fallecimentos).	37,57 : 1	
11.º		
Peritonite aguda	1	1
Tetano traumatico	1	1
Alienação mental	4	2
Feridas incisas e penetrantes	45	3
Hernia inguinal e gangrena do escroto	2	1
Hemoptyses	6	1
Feridas contusas e gangrena	4	1
Paraplegia	1	1
Volvulo ou ileo	1	1
Congestão cerebral	1	1
Ictericia grave, fórma typhoide	3	2
Macúlo	6	1
Total	75	16
Total geral	898	106
Relação das molestias mais graves para os fallecidos	8,47 : 1	

(*A*) A mortalidade n'este grupo de doenças é realmente grande. Reunimos a anemia e a cachexia para mais facilidade de exposição; mas não porque reputemos a sua natureza ou causa primaria identica, e não ha a menor duvida de que a *anemia* não produz a *cachexia*.

A relação de 1 fallecido por 6,37 curados, ou 16 por cento em numeros redondos, fica attenuada por algumas circumstancias que se devem tomar em consideração.

A demora dos doentes, no hospital, incluidos n'éste grupo, foi de 1 a 96 dias. Um d'estes doentes estava moribundo quando foi visitado pelo facultativo da enfermaria, outro falleceu de um accesso de febre perniciosa ao quarto dia depois de ter entrado no hospital, e outros haviam padecido de molestias mais ou menos antigas, taes como: hemorrhagias abundantes, diarrhea chronica, dysenteria, ulceras chronicas nas pernas, pneumonia, paraplegia, etc.

(*B*) A mortalidade n'estes doentes manifestou-se entre 11 e 40 dias de tratamento medico no hospital, tendo a anasarca sido acompanhada de lesões organicas do coração, de hypertrophia do figado, e diarrhea.

(*C*) N'este grupo a mortalidade é de 1 por 6,54, isto é, 16 por cento.

Para seguirmos a mesma ordem por que começámos, indicaremos em primeiro logar a demora relativa dos doentes no hospital, a qual foi entre 3 a 42 dias. A cada doente d'esta classe de molestias correspondem 16,4 dias de demora no hospital emquanto aos fallecidos, sendo o numero dos atacados 157 e dos fallecidos 24. Em alguns d'estes as doenças mencionadas no grupo complicaram-se de rheumatismo, febre palustre, tuberculos pulmonares e cachexia.

(*D*) N'este grupo a relação dos casos observados para os fallecidos é de 1 para 20,14, isto é, 141 casos observados e 7 fallecidos, notando-se tambem em alguns dos que falleceram as seguintes molestias: diarrhea, pleuresia e anemia.

(*E*) Um só caso se apresentou que merecesse a denominação gastro-enterite-typhoide. Era um liberto natural do Gabão, e que contava trinta e tres annos de idade. Esteve em tratamento no hospital durante 144 horas.

(*F*) N'este grupo a relação dos fallecidos para a dos casos observados é 1 : 7,6. O que teve a pleuresia com derramamento, foi tambem atacado de febre typhoide.

No relatorio de 1869 lê-se na pagina 296: «As pneumonias são raras nos europeus e seriam menos frequentes nos indigenas, se elles seguissem os conselhos que os medicos lhes dão».

Dos 5 doentes fallecidos apenas 1 era europeu. Ficam portanto corroboradas as asserções do relatorio de 1869 e seriam mais decisivos os factos se se archivassem os casos observados em differentes partes da ilha.

(*G*) Tratando das molestias designadas n'este grupo, escreveu o sabio clinico Dutroulau no seu notavel trabalho: «A hepatite, esta companheira inseparavel da dysenteria endemica grave, augmenta ou diminue com ella e fórma de um quarto a um oitavo do numero de seus casos e de seus fallecimentos».

O numero dos fallecidos no hospital é pequeno, assim como o dos casos observados; nas dysenterias esse numero é 6 entre 42 casos. Podemos

pois dizer, como em 1869: «A hepatite na ilha de S. Thomé não está em relação com a dysenteria, nem emquanto á frequencia, que mostra 4,2 casos de dysenteria por 1 de hepatite, nem emquanto aos fallecidos».

(*H*) A febre palustre é endemica na cidade, e não só é causa de grande mortalidade por seus effeitos immediatos, como são immensos os estragos que produz.

Os terrenos adjacentes á cidade de S. Thomé começam a subir gradualmente na direcção S., SO. e OSO., parecendo o horisonte visual formado por montes isolados ao S., e por uma alta serra de SO. a O. pouco mais ou menos, estando dispostos em semicirculo, a cujo arco corresponde um raio de 2:025 kilometros. A cidade é edificada em terreno alagadiço, baixo e humido, o que produz febres palustres graves, especialmente quando acabam as chuvas e ficam os detrictos vegetaes e animaes impregnados de agua e expostos ao calor solar de 40 a 50 e até 56 graus centigrados, como se póde ver lendo-se as observações meteorologicas de 1872 (thermometro na relva e exposto).

A demora dos doentes no hospital, fallecidos de febre palustre, foi de 1 a 18 dias.

Dos 19 que falleceram, 18 eram europeus e 1 de Angola, residindo na ilha de S. Thomé desde 1 semana, 1, 3 e 6 mezes, e 4 annos.

Terminâmos as explicações ácerca dos fallecidos de febre palustre no hospital civil e militar da ilha de S. Thomé, copiando o seguinte trecho do notavel livro de Dutroulau: «O algarismo absoluto dos obitos (na endemia palustre) tem por toda a parte importancia e é algumas vezes elevadissimo; e se esse mesmo não parece estar em relação com o dos observados, todos os medicos das nossas colonias são conformes em lhe attribuir a causa das frequentes retiradas dos doentes que vão para França, ou para climas não palustres, e sem as quaes um numero consideravel de cacheticos ainda susceptiveis de se curarem seriam irremediavelmente votados á morte».

(*I*) Nos casos de rheumatismo ha 3 fallecidos entre 47 curados, isto é, 1 para 16,66.

(*K*) É importante este grupo de doenças, sendo notavel a relação da mortalidade 1 para 37,57, que se apresenta mais favoravel do que qualquer das relações de mortalidade referidas a outros grupos.

Em geral, as ulceras nos climas quentes têem uma feição particular e são descriptas sob a denominação de ulceras phagedenicas. Desenvolvem-se em consequencia da má alimentação, da miseria e da falta completa de hygiene, começando n'uns por qualquer picada de animaes, n'outros por meio de ferimentos ou feridas contusas, e em muitos sem causa bem determinada. D'estes doentes escreve o sabio Dutroulau: «As

funcções digestivas alteram-se, observa-se anorexia e diarrhea, sobrevêem accessos de febre e o doente cáe em profunda anemia *(le malade tombe dans uné anemie profonde)»*.

Entre os 7 fallecidos eram europeus 5, e a maior parte d'elles achava-se no estado cachetico.

Todas as ulceras occupavam os membros inferiores, os pés ou as pernas até ao seu terço inferior. Os doentes eram addidos, praças de pret ou indigentes; a sua demora no hospital foi devida a não terem aquelles infelizes aonde se recolherem, a faltarem-lhes todos os meios e a não haver na ilha casa de saude, nem hospicio de entrevados, nem finalmente recurso algum de que se lançar mão.

O tratamento medico que se fez aos ulcerosos foi aquelle que a occasião permittia.

Os grupos de doenças em que houve fallecidos são: cachexia e anemia, anasarca, diarrhea e dysenteria, bronchite e tisica pulmonar, febre typhoide, pneumonia, hepatite, febre palustre, rheumatismo e ulceração. Diversas outras doenças produziram 16 fallecidos.

Comparando-se finalmente entre si as doenças acima referidas com as de 1869, nota-se uniformidade em certas molestias e augmento em outras, o que prova que não houve melhoramentos sanitarios na cidade de S. Thomé em 1870, 1871 e 1872.

1869	Doenças mais graves...............	222
	Numeros dos fallecidos.............	48
	Relação de mortalidade.............	4,62
1872	Doenças mais graves...............	898
	Numeros dos fallecidos.............	106
	Relação de mortalidade.............	8,47

As classes a que os 106 fallecidos em 1872 pertenciam eram: addidos 46, soldados 15, indigentes 21, civis 4, libertos 19 e preso 1.

Em presença do que acabâmos de enumerar, e que é extrahido dos registos do hospital militar e civil de S. Thomé, vê-se que houve 13 fallecimentos durante as primeiras vinte e quatro horas de tratamento, o que dá idéa do estado de gravidade em que os individuos entraram, isto devido muitas vezes á repugnancia manifesta que têem em procurar o estabelecimento hospitalar, preferindo empregar os medicamentos aconselhados por enfermeiros inhabeis e muitos remedios secretos manipulados pelos curandeiros, aos que a medicina aconselha com bom criterio, conhecimento e longa pratica.

É uma providencia de ha muito reclamada o conservar nas nossas co-

lonias o numero de medicos precisos para occorrer a todas as necessidades das provincias, bem como um pessoal de enfermeiros devidamente habilitado, a fim de conjurar de uma vez aquelle tão nocivo e reprehensivel abuso. Quantas victimas se não poupariam se a propaganda medica esclarecesse os espiritos fracos e abatidos, e lhes fizesse comprehender o erro em que estão, a fim de que, logoque sentissem os primeiros symptomas de enfermidade, se aconselhassem convenientemente, ou se acolhessem ao hospital? Esta propaganda, auxiliada pelas auctoridades superiores e subalternas, faria talvez com que o quadro necrologico diminuisse pelo menos um terço em toda a população, porque, com respeito aos tratados no hospital, encontrariam ali, a par de uma medicação apropriada, a dieta conveniente e os cuidados constantes d'aquelles que se dedicam ao mister de lutar com a parca, disputando-lhe a vida de seus irmãos.

Estas são as causas, a nosso ver, que motivaram o grande numero de mortes nas primeiras vinte e quatro horas do tratamento, e cremos que em muitas das enfermidades que terminaram fatalmente ter-se-ia evitado este resultado se lhes fossem applicados a tempo os soccorros precisos.

Não é só a insalubridade do paiz que concorre para tão grande mortalidade (sendo aliás uma das principaes causas), é o abandono, é a pouca illustração, é a nenhuma crença do que é util que domina a maioria da povoação; esta é a verdade. Os pantanos constantes que viciam a atmosphera, as pessimas condições das habitações, a inconveniente e deficiente alimentação, e o pouco ou nenhum resguardo das chuvas e do sol, predispoem para as infecções que predominam n'esta ilha; mas não seriam todos estes males em parte attenuados se se combatessem a tempo tão nocivos agentes? Aindaque o actual hospital não está em boas condições hygienicas, como já dissemos, não estará comtudo muito melhor do que a maioria das cubatas, em que se albergam tantos desgraçados? Não encontrariam elles ali, durante a convalescença, uma alimentação muito mais restaurante do que o seu alimento quotidiano? Emfim, para finalisarmos estas considerações, não podemos deixar de reproduzir aqui algumas palavras que sobre este assumpto escrevemos no relatorio de 1869:

«... Entre os habitantes da cidade e os naturaes de toda a ilha dá-se pouca importancia aos conselhos medicos; ha vicios gravissimos no tratamento, e commettem-se abusos inclassificaveis.

«Em cada fazenda ha boticas e enfermarias dirigidas por enfermeiros inhabeis, que não dão conta alguma do que fazem; os pretos têem os seus medicos, os seus sabios, o seu *manipanso*, quando são cabindas, e não procuram os medicos.»

HISTORIA NATURAL

> A importancia pratica da historia natural, poisque ella é um dos poderosos auxiliares da medicina, serve de guia á agricultura e de base á industria.
> (*Curso de historia natural*, do J. Rodrigues Guedes.)

A historia natural comprehende principalmente a biologia applicada, tomada sob um ponto de vista concreto, descriptivo ou applicado; a biologia propriamente dita ou abstracta estuda os seres da natureza em geral; para uma são necessarios os estudos praticos, para outra bastam muitas vezes os de gabinete. No capitulo de que nos occupâmos faltam ambos os elementos para se escrever com vantagem para a medicina, com utilidade para a agricultura e com importancia para a industria, mas o nosso intento não é compor um tratado de historia natural, é tão sómente relatar o que ha feito n'este sentido e o que é necessario fazer-se.

Achando-se escriptas as nossas informações ácerca dos quatro reinos da natureza, deparou-se-nos um folheto[1] do qual muito a proposito fazemos o seguinte extracto, como considerações preliminares importantissimas, com respeito ás ilhas de S. Thomé e Principe, que mais nos interessa conhecer:

«A sua demora n'estas ilhas, diz aquelle viajante, foi de poucos dias, e esses quasi sempre chuvosos, não lhe permittindo largas digressões.

«As collecções feitas por Akerman, que estavam na posse de Van Hut, não haviam então sido publicadas; as de Mann tinham-se distribuido pelos herbarios de Kew. Varias plantas das mesmas ilhas, colhidas por Don na digressão á Serra Leôa, foram mencionadas na Niger Flora.

«Da fauna occuparam-se Pfeifer, Morelet e Gunther; e a parte entomologica, acrescenta Welwitsch, deve ser interessantissima a julgar pelo que observou nos poucos dias que estacionou nas ilhas. Nota mais ter ra-

[1] As explorações phyto-geographicas da Africa tropical e em especial as da Guiné inferior, ordenadas pelo governo portuguez e executadas pelo dr. Friederich Welwitsch, nos annos de 1853 a 1861, por Bernardino Antonio Gomes. Extracto do *Jornal de sciencias mathematicas, physicas e naturaes*, n.º 14, Lisboa, 1873.

são para suppor que na parte oriental e nas regiões elevadas devem offerecer estas ilhas o maior interesse, sendo aliás já seductor no litoral o luxuoso da vegetação, em geral analoga á da costa vizinha do continente e notavelmente invadida de plantas de origem americana.

«Abundam ahi bellissimos fetos e as orchideas epiphytas, as cyatheas arboreas, que foram encontradas a 4:000 pés (1:200 metros) de elevação[1]; foi assignalado no pico de S. Thomé[2] uma especie de podocarpus, e pelas densas matas encontram-se bastantes scitamineas, a mais magestosa palmeira da Africa tropical; o barassus aethiopica mart avista-se logo nas vizinhanças da capital de S. Thomé; e é das mesmas ilhas a mimosea gigantesca, a que ali dão o nome de sucupira.»

Se faltam os estudos biologicos, concretos e abstractos, como dissemos, escasseiam tambem completamente os da geologia e mineralogia.

Admittimos a existencia de quatro reinos, o mineral, vegetal, animal e hominal[3], e vamos dar as informações que podémos obter a respeito de cada um d'elles, a fim de fazermos sentir a necessidade de se mandar proceder aos estudos que a colonisação da ilha reclama urgentemente.

CAPITULO XIII

Reino mineral

> Do solo da ilha de S. Thomé é urgente conhecer a composição, exige-o o estudo das causas da sua reconhecida e incontestavel insalubridade, e muito especialmente o exacto conhecimento das molestias endemicas e das endemo-epidemicas, que tão fataes têem sido para os europeus.
>
> (*Relatorio de 1869*, pagina 265.)

Turfa, cal, pedra, oleo mineral, mercurio, manganez, sal, etc.

Se ha sciencia em que seja preciso tomar em consideração os elementos praticos, a *Mineralogia* é a primeira entre as primeiras; é positiva, determinada, palpavel e exige perfeito conhecimento das propriedades physicas como a fórma, o peso especifico e a clareza dos corpos inertes

[1] Correspónde á fazenda Macambrá, aberta na face oriental da notavel cordilheira, por detrás da qual fica o celebre pico de S. Thomé.

[2] Não consta n'esta ilha que se tenha subido ao pico de S. Thomé.

[3] Entre o reino animal e hominal ha differenças caracteristicas, que auctorisam, justificam e exigem a separação.

ou dos mineraes que estuda, e de tudo o que as propriedades electricas e magneticas d'esses corpos possam revelar, não esquecendo as demonstradas pelo tacto, pelo gosto e pelo olphato. Se as tres primeiras propriedades são essenciaes, mal se podem dispensar as outras, embora secundarias, assim como são de grande importancia as resultantes das modificações causadas pelo calor.

A mineralogia é pois essencialmente pratica, e pelo que diz respeito á ilha de S. Thomé, faltam esses conhecimentos exigidos por uma sciencia tão util quanto necessaria para o estudo das endemias das localidades.

A mineralogia, isto é, o estudo e classificação dos corpos inertes ou dos mineraes em separado, é a base da geologia ou do estudo d'esses mesmos corpos reunidos ou constituidos em grandes massas, chamadas rochas, formando a crusta da terra e sustentando os vegetaes e os animaes.

A origem da ilha de S. Thomé não é facil de determinar por falta dos estudos geologicos. Não ha noticia de ter havido algum abalo de terra, que, tendo-lhe modificado os terrenos, lhe désse novas fórmas, oú explique o seu apparecimento no archipelago do mar da Guiné.

Será esta ilha uma porção de terra separada do continente da Africa por effeito das aguas impellidas sob qualquer influencia poderosa e estranha, como abalos submarinos?

É inteiramente impossivel responder a esta pergunta sem o prévio exame dos mineraes, e, *ipso facto,* sem minucioso conhecimento dos terrenos ou da geologia de todo o archipelego e da costa do Gabão em geral e d'esta ilha em particular.

Qual das ilhas do golfo dos Mafras appareceu primeiro, qual é a mais antiga? Appareceriam todas pelo mesmo tempo?

Os terrenos estão em quietação ha mais de quatro seculos, e não ha tradição de existirem vulcões no interior, nem nos mares proximos, assim como não dão, a este respeito, noticia alguma os escriptores contemporaneos dos descobridores d'esta parte do globo, nem os que se lhes seguiram.

Não se encontram ali aguas thermaes nem sulphatosas, nem signaes evidentes de que esta ilha seja producto de um vulcão já extincto ao tempo da sua descoberta ou de algum phenomeno extraordinario submarino d'esta ordem.

Qual é a natureza dos mineraes de que são formados os montes da ilha? Qual é a qualidade dos seus terrenos nas varzeas, nas planicies, nos alto-planos ou nas costas?

Todos os pantanos e baixos da ilha são palustres?

Desconhecidos os mineraes que ha na ilha, não se podem determinar os terrenos, e muito menos a sua antiguidade ou origem, nem tão pouco as modificações que têem soffrido até ao seu estado actual (1877).

Não ha noticia de se haverem explorado minas, nem o solo abundantemente regado por numerosos rios tem exigido que se abram poços de qualquer natureza. A 3 ou 4 metros e a $1^m,5$ de profundidade encontra-se agua nos terrenos da cidade, e proximo das fazendas mais elevadas, a 1:000 metros actualmente, correm rios caudalosos, que descem dos montes mais altos para as varzeas e planuras.

A exploração das terras para descobrir ferro, carvão, petroleo ou outros mineraes importantes não se póde fazer esperar muito. Na fazenda Cachoeira, a SE. da ilha, em altitude de 100 até 150 metros, junto de um pequeno ribeiro, corre uma fonte natural de petroleo, que será a primeira a explorar[1]. Ás perfurações artesianas que de certo ali devem ser empregadas para se reconhecer a abundancia d'aquelle mineral, podem seguir-se outras nos logares em que se suppõe haver turfeiras ou outros depositos importantes de minerio.

Não é de esperar que se construam caminhos de ferro, se bem que a immensa riqueza da ilha e a necessidade de se viver no seu interior recla-

[1] Resultado dos ensaios mandados fazer pelo ex.mo sr. Francisco de Oliveira Chamiço sobre uma amostra de oleo mineral vindo de Africa:

«Oleo bruto, submettido á distillação a uma temperatura vizinha de 300°, deu:

Alcatrão	20%
Oleo de primeira distillação	70%

«O alcatrão póde servir para embreagens, asphalto e outros usos.

«O oleo de primeira distillação, do qual mandámos uma amostra, arde com boa luz, e parece-nos poder já applicar-se a certas illuminações. É todavia muito impuro, dando bastante fumo e mau cheiro.

«Este oleo refinado pelas acções successivas do acido sulphurico concentrado e da soda caustica, dá um oleo pesado, que se póde vantajosamente empregar na lubrificação de machinas, etc., e outro mais leve que, distillado a 300°, dá o producto que remettemos com o titulo de oleo de segunda distillação, e que nos parece bom para illuminação. Relativamente ao oleo bruto a sua porção é de 44 por cento.

«Alem d'estes productos, talvez se possam extrahir outros de valor commercial importante. Para a solução d'esta questão é necessario dispor de mais tempo e de maiores porções de materia.

«O juizo que fazemos da materia examinada é que ella deve ter um valor importante, se as suas condições de abundancia e transporte forem favoraveis.

«Lisboa, 3 de julho de 1872. = *Rezende e Carneiro.* = Laboratorio central de analyses mineraes e consultorio minerio. — 77, rua do Crucifixo, 79, Lisboa. — Certificado de analyse.»

mem uma ou mais d'estas vias acceleradas; e não haverá portanto tão cedo perfurações de montes, nem terraplenações que dêem occasião ao exame dos terrenos terciarios ou secundarios.

Em hygiene publica, e especialmente na parte da hygiene tropical propria da ilha de S. Thomé, importa sómente estudar os terrenos quaternarios ou modernos. Se elles assentam sobre uma ou outra ordem de terrenos ou se a ilha existe desde o principio do mundo, ou de outra epocha, decidil-o-hão aquelles que se occupam especialmente do estudo da mineralogia e da geologia. Como medico clinico pedimos que esses naturalistas nos dêem os elementos da composição das terras de alluvião que emergem do mar e que nós habitâmos ha 406 annos!

O terreno humoso d'esta ilha está cheio de detritos vegetaes e animaes, e tem uma potencia vegetativa extraordinaria. A esta qualidade attribuimos uma das causas da insalubridade, a qual se deve corrigir por meio de culturas apropriadas, escolhendo não só as uteis ao commercio, como as proveitosas para a saude publica.

Não condemnâmos as florestas, antes as desejâmos, visto que ellas representam um dos meios de que se deve lançar mão para modificar o terreno insalubre e humoso, e para conservar a regularidade das estações ou das chuvas.

N'esta ilha existem arvores accommodadas ao fim que indicâmos; basta sómente mandar fazer a sua classificação e obrigar os habitantes, e especialmente os fazendeiros, a conservarem as que fornecem bons generos commerciaes, como a celebre corda mossadá, o pau-cadeira, o pau-oleo, a amoreira, o cajueiro, o cafezeiro, o cacaeiro e outras cujos productos são valiosos, e a fazerem ao mesmo tempo, e em logares apropriados, as sementeiras das que dão boas madeiras.

A ilha de S. Thomé é susceptivel de grande desenvolvimento e progresso agricola, mas para isso é preciso que as culturas se façam com methodo, ordem e intelligencia.

Por não termos outras informações repetimos, em 1877, as que copiámos de Lopes de Lima, em 1869:

«No solo da ilha de S. Thomé predomina a argilla, em parte combinada com silica, areia ou cal, mas por toda a parte extremamente fecunda e adaptada ás producções equatoriaes, até mesmo nas inaccessiveis montanhas que formam a parte do sul d'esta ilha importante[1].»

Para verificarmos a opinião de Lopes de Lima escrevemos (n'aquelle anno) «deviamos ter feito a classificação dos principaes mineraes compo-

[1] Lopes de Lima, pagina 8, parte 1.ª

nentes das rochas que podessemos observar, quer pelo que respeita á exploração de minas, quer ao solo aravel[1]».

«A ossada dos montes é de rochas, granito, quartzo e silex: não ha n'elles vestigios vulcanicos, e dizem os que as têem visto que nem as aguas, nem as pedras dão indicios da existencia de minas. *Um humus argilloso* constitue quasi geral o solo da ilha[2]».

O estudo da geologia leva com todo o rigor á demonstração que se póde exigir, a fim de se provar que o reino hominal está completamente separado do reino animal, mas reservâmos a exposição a este respeito pára quando fallarmos dos habitantes d'esta ilha e dos europeus n'ella residentes ou do reino hominal.

Ha jazigos de cal[3], o sal abunda, as pedras são negras e encontram-se em grandes massas; ha barro vermelho de primeira qualidade que serve para telhas e para vasos, e alguns ainda se fazem, como tivemos occasião de ver na villa de Nossa Senhora das Neves. E portanto «a exploração da ilha de S. Thomé deve dar bom resultado tanto para a colonia como para a metropole[4]». Foi a nossa opinião, em 1869, a respeito do reino mineral, e é essa mesma a que hoje reproduzimos.

[1] *Relatorio de 1869*, pag. 264.

[2] Lopes de Lima, pag. 12, ponto 2.º

[3] A junta da fazenda despendeu no anno de 1875, 1:171$305 réis com a compra de 6:018 alqueires (93:048 litros) de cal, cujo preço variou entre 105 e 360 réis cada alqueire (13,8 litros).

[4] *Relatorio de 1869*, pag. 265.

CAPITULO XIV

Reino vegetal

> Não nos consta que se tenha procedido a alguns estudos nas ilhas de S. Thomé e Principe, e, como divagações, não têem vantagem alguma; quando falta o conhecimento exacto da especialidade, contentâmo-nos com dizer *que se deve começar a estudar* a rica e variada flora d'estas ilhas.
>
> (*Relatorio de* 1869, pagina 257.)

Madeiras principaes de S. Thomé; abundancia, qualidade e applicações. — Vantagens da exportação e necessidade de se conservarem as matas. — Arvores dignas de especial menção. — Trepadeiras; singular disposição do Mussandá. — Custo das madeiras nos mercados de Lisboa e no da ilha de S. Thomé, com designação do peso, qualidades, dimensões e principaes applicações. — Arvores fructiferas e fructas mais abundantes. — Raizes alimenticias. — Drogas medicinaes proprias do paiz. — Productos naturaes e da industria agricola e fabril de S. Thomé. — Comparação entre as differentes epochas no progresso agricola e commercial da ilha de S. Thomé.

I

Madeiras

1.° Lista das principaes madeiras de que temos conhecimento.—Azeitona, amoreira, cajueiro, canelleira, caixão, estralla-estralla, soá-soá, sucupira, untuem, viro, marapiam, zamouma, gofe, inhé-preto, go-gó, macambrará, milho, micandó, mangue do mato, nespereira, ocá, obá, pau-oleo de S. Thomé, englelé, ipé, pau-branco, inhé-bobó, mangue da praia, mangue do rio, capitão, dumo, pau-gamella, goyabeira, pau-oleo-barrão, pinheiro da terra, pau-preto ou quebra-machado, ussubi, pau-vermelho, zungu, zemzem, guigó, grumati, coáco-branco, sequené, folha pequena [1].

Vamos dar alguns esclarecimentos a respeito das madeiras de construcção da ilha de S. Thomé, os quaes são em grande numero devidos á ex-

[1] As madeiras que nos annos de 1873 a 1876 appareceram no mercado de S. Thomé foram as seguintes:

Azeitona, viro, caixão, miudo, marpião, caibro dos angolares, sapi de obó, obó, mangue de obó, peralto, amoreira, obá, soassoá, ipé, go-gó, muandum, pau-branco, glogu e pinho.

trema bondade dos fazendeiros barão de Agua-Izé e de seu irmão o commendador Jacinto Carneiro de Sousa e Almeida, Joaquim Antonio Bahia, José Antonio de Oliveira e José Antonio Freire Sobral.

Para estudarmos as bellas florestas que ha na ilha seria preciso demorarmo-nos muito tempo pelo interior, o que não podémos conseguir; apenas as percorremos de passagem, mais como curioso do que como observador estudioso. As arvores que apontâmos são sufficientes para mostrar a importancia das florestas existentes na ilha de S. Thomé.

Azeitona.—A arvore conhecida por este nome é alta, grossa e direita, e tem o tronco limpo. Preparam-se com ella bons esteios, e dizem que é de grande duração[1]. O pau é muito pesado, bem como as folhas. Dão-lhe aqui a denominação de *amoreira,* os europeus em Angola chamam *moreira* e os indigenas *mucamba-camba.* É uma especie de *morus*[2] *(Moraceas),* que se encontrava com muita frequencia, mas que presentemente vae rareando em consequencia da applicação que lhe dão para construcções. Cresce tanto e engrossa por fórma tal que ha arvores d'esta especie com 25, 30 e mais metros de altura, sendo o diametro na base de 2 e 2,5 metros. É um dos colossos do reino vegetal e uma das mais importantes arvores d'esta fertilissima ilha. As raizes desenvolvem-se tanto na superficie da terra, que se erguem em altas abas, formando entre si uma especie de quartos onde podem esconder-se muitos homens.

Cajueiro.—É conhecido por *anacardium* ou *cassuvium occidental (Therabinthceas anacardeas).* Produz boa madeira para mobilia e alem d'isso é muito importante, não só pelo fructo como pela gomma que d'ella se extrahe.

[1] N'um artigo publicado no n.º 21 dos *Annaes de marinha e ultramar,* correspondente ao anno de 1867, pagina 7, nota 12, lê-se o seguinte:

«No armazem das madeiras do arsenal da marinha existe uma variada collecção de amostras da India e Africa, digna de entreter a curiosidade! Ali se observam, entre muitas, as amostras das seguintes especies, que são de primeira qualidade pela solidez, duração e corpolencia.

«*Azeitona,* de S. Thomé; *pau-ferro,* do Brazil; *vermelho,* do Brazil; *sucupira,* do Principe (não inferior á do Brazil); e as seguintes tambem do Principe: *puriri, go-gó, po-pó, ururú, mata-passo, mosimana, remo, espinheiro,* muito similhante ao do Brazil, e *umboló,* alem de tantas outras que seria fatigante citar. Das duas ilhas ou naturaes de qualquer outra parte da Africa notaremos ainda outras, o *gulanelienu ito, bebambó, alsona, champó, macambrará, zanunno, azueira, cupiuba, jucá, winhe,* que são madeiras preciosas. Ha n'esta lista vinte e tres arvores reputadas madeiras preciosas, e nós damos informação de quarenta e tres arvores, sómente da ilha de S. Thomé, de primeira qualidade!»

[2] *Synopse explicativa das amostras de madeiras,* etc., por F. Welw., 1862, folheto, pagina 8.

Canelleira (Laurus ciuna). — Tem bello porte esta util arvore, é rara, e pouco ou nenhum caso se faz d'ella na ilha; a sua madeira é boa para construcção, mas o producto conhecido sob a denominação de canella e extrahído da casca é de primeira qualidade.

Caixão. — É vulgar esta arvore, e fazem-se d'ella tábuas, que se vendem na ilha a 1$000 réis o cento. Empregam-se nos cercados, e com qualquer corda de mato e algumas dezenas d'estas tábuas levantam os naturaes facilmente as suas cubatas. É um colosso do reino vegetal pela altura e grossura a que póde chegar.

Estralla-estralla. — Parece haver alguma confusão em especificar esta arvore a que uns chamam *estalla*[1] e outros *clá-clá*. Dá boa madeira para obras de marceneria, e tem uma linda côr de gemma de ovo, depois de feita em obra, mas não se deve expor ao tempo. Merece tanto apreço como o buxo de Portugal.

Soá-soá. — É uma optima arvore de que se fazem caibros e barrotes; é madeira de muita duração, e por isso propria para traves, vigamentos, etc.

Sucupira (Mimosca gigantesca)[2]. — É tambem conhecida pelo nome de *muandium*. A *bowdichia major* de alguns naturalistas abunda nas matas da ilha de S. Thomé e tem aspecto agradavel. Esta bella arvore chega a tornar-se colossal, subindo a uns 30 metros de altura sobre uma base de quasi 2 metros de diametro. A sua optima madeira póde empregar-se em cavername de navios, quilhas de escunas, etc., tem grande duração e é madeira de lei.

Untuem. — É conhecida sob esta denominação uma arvore de grande altura, que dá boa madeira para construcção e um fructo agradavel ao paladar.

Viro. — É de grande utilidade esta arvore; serve para esteiras, caibros, barrotes, etc, É difficil tirar tábuas do seu tronco, porque á proporção que se vae serrando vão ellas virando ou abrindo, d'onde lhe provém o nome de *pau-viro*.

Marapiam. — Dá-se a esta arvore tambem o nome de *pau-espinha* ou *marapinha*[3]. É alta e grossa. A sua madeira é de uma linda côr amarellada, rija e muito boa para tábuas, as quaes se podem tirar á cu-

[1] Lê-se *estala-estala* na relação de madeiras publicada no *Boletim official da provincia*, em 1862, n.º 33 de 26 de outubro, pagina 131. *Estralla-estralla* é a informação de um fazendeiro e *clá-clá* a de outro, mas emquanto á arvore parece ser a mesma.

[2] Bernardino Antonio Gomes, pagina 7.

[3] Um fazendeiro da ilha deu-lhe o nome de *Vinte e quatro horas;* é assim conhecida no pittoresco sitio do Potó.

nha. Fazem-se d'ella canoas e serve para mastros e tábuas de costado de navios. Abunda nos matos, e, emquanto pequena, tem bastantes espinhos no tronco. Tambem lhe chamam *pinho do Brazil.*

Zamouma ou *mamuma.*—Attinge esta arvore a grande altura e dá muito bons caibros e barrotes.

Gofe.—Ha quem assevere ser esta arvore a denominada *arvore da preguiça* ou a *ambayaba (Cecropia peltat,* de Linneu), *bois trompette* das Antilhas, *figueira de Surinam, rourouma cecropia e folia acuminata,* de Martins. A singularidade d'esta arvore é o não ser a sua madeira atacada pelo cupim, segundo algumas informações.

Inhé-preto.—D'esta arvore fazem-se ripas, caibros e remos de canoas. A casca é escura e entrançada. É delgada e muito alta. A madeira é bastante rija e não deve estar exposta ao tempo, por isso é necessario haver cuidado no modo por que a empregam, e não a applicar aos artigos que estejam n'aquellas circumstancias.

Gó-gó.—Os naturaes applicam a madeira d'esta arvore na construcção de canoas, bons caibros e tábuas para costado de navios. Assimilha-se ao cedro e serve tambem á marcenaria para folhear cadeiras e outros moveis. O lindo assombreado da madeira quando está apparelhada e a sua optima côr dá-lhe grande importancia, reputando-se de tanto valor como a murta do Brazil. É arvore de lei e deve ser conservada.

Macambrará.—É arvore do interior. Pega de estaca e fazem-se d'ella bons esteios, traves e vigas. Ha na ilha uma fazenda denominada Macambrará, nome que dizem ser devido ás muitas arvores d'esta especie que ali existem; é a fazenda mais alta e interior das que actualmente existem na face de E. da formosissima cordilheira ou serra de S. Thomé.

Milho, pau-milho ou *safú de obó.*—O fructo d'esta arvore parece-se na fórma e tamanho com a azeitona de Portugal. A sua madeira é de uma linda côr vermelha.

Micandó ou *imbundeiro.*—É celebre a arvore conhecida com esta denominação. É o *baobah* dos naturalistas francezes, a *adansonia digitata,* de Linneu, e tem grandes dimensões. Da sua entrecasca fazem-se cordas, saccos, redes e outros productos. Produz-se mais na praia que no interior. Os fructos são caracteristicos e não permittem confundir, ainda á primeira vista, o *imbundeiro* com qualquer outro colosso da flora tropical. É uma *malvacea*[1]. Sendo de muito valor os productos d'este formoso vegetal, opinâmos pela sua conservação.

[1] Bernardino Antonio Gomes, pagina 22; Frederico Welwitsch, *Synopse explicativa das amostras de madeiras,* folheto, 1862, paginas 40 e 47; Synopse *Annaes*

Mangue do mato ou de *obó (Corynanthe, de Welw.)*.—Chamam-lhe em, Angola *mangue do monte* ou *paco*[1]. É uma das mais estimadas madeiras das matas virgens da segunda região[2] em Angola. Emprega-se em cabos de machadinhas e em outras ferramentas, tem boa applicação para pés de moveis, e póde servir igualmente de prego para segurar diversas madeiras.

Nespereira.— É arvore bastante alta e serve para muitas construcções; a sua madeira é rija e de duração, e tem côr avermelhada. As tábuas são boas, e empregam-se tambem na cobertura das casas, em substituição das telhas.

Ocá.—É do genero *bombax*[3], da familia das *bombaceas*, esta volumosa arvore. Em S. Thomé é conhecida pela denominação de *mafumeira*, nome aportuguezado de *mafuma*, com que os *abundas(?)* a designam na provincia de Angola. Attinge a 40 metros de altura sobre 2 a 3 de diametro na base! Dá um producto a que, segundo Welwitsch, chamam *suma-uma*[4]. Empregam a madeira, que é de facil córte, no fabrico de gamellas de varios tamanhos, em canoas para seis a dez remos, e em solho das edificações urbanas.

Obá.—É um dos colossos do reino vegetal, e por isso se extrahem d'elle optimos pranchões para construcção de pontes, bellos esteios, boas tábuas e vigamentos. Como tem muita duração quando se conserva dentro de agua é util para estacas de pontes.

Pau-oleo de S. Thomé, oleo belombo.—Deve pertencer ás *anacardiaceas*: «a arvore que dá o balsamo de S. Thomé, pretende Oliver ser a que elle descreve com o nome de *sorindeia trianda*, tendo-lhe servido

do conselho ultramarino, serie 1.ª, dezembro de 1858, pagina 558, descreve-se na classe 45.ª—*Columniferas*—familia *Sterculiacea*.

[1] *Annaes do conselho ultramarino*, pagina 568.

[2] *Annaes do conselho ultramarino*, pagina 530.

Welwitsch classifica o vasto reino de Angola em tres grandes regiões:

1.ª *A do litoral*, comprehendendo *algas, plyceas halophitas, adousonias, euphorbeas arborescentes, acacias* e *capparideas*. (Superficie 100 kilometros para o interior, conservando uma altitude de 340 metros, pouco mais ou menos.)

2.ª *A montanhosa*, comprehendendo *tilices, orchideas, elacis*. (Levantando em 700 metros seguindo por uns 250 kilometros a contar da primeira Guenensis, florestas passageiras de plantas herbaceas, etc.)

3.ª *A alto-plano*, comprehendendo plantas aromaticas e bolbosas, prados extensos com luxuriante verdura, etc., etc.; a sua altitude é de 800, 1:000 e 1:400 metros e é muito interior, a cerca de 425 kilometros da costa.

[3] *Synopse explicativa de amostras de madeiras*, etc., de 1862, por F. Welw., pagina 21, e *Annaes do conselho ultramarino*, pagina 554.

[4] *Synopse explicativa*, etc., pagina 21.

para isso um exemplar com fructo remettido de S. Thomé, e que fôra colhido na parte montanhosa da ilha, na altitude de 3:000 pés (915 metros). Acompanhava o specimen remettido uma etiqueta que dizia *Balsamo de S. Thomé;* a especie, porém, não ficou por ora bem determinada por faltar para isso uma parte dos orgãos da fructificação ainda desconhecida[1]».

Julgâmos não haver duvida em que as arvores de balsamo pertençam á familia das *burceraceas*, de Kunth, ou *amyrideas*, de R. Br., familia essencialmente distincta pelos succos resinosos-aromaticos que produz[2].

Englelé. — Parece ser da familia das *mimosas* a arvore conhecida por este nome. Emquanto é nova cortam-se d'ella paus fortes e flexiveis. Póde reputar-se igual ao *crin* do Brazil. Ha differentes especies d'estas arvores sendo uma *englelé-dia* ou *pau-formiga.*

Ipé. — É alta e similhante ao *freixo* de Portugal. Reputa-se superior á *azeitona* por se conservar na agua, e pela sua duração.

Pau-branco. — É uma arvore alta e bastante grossa. Fazem-se d'ella canoas e gamellas. Tem madeira optima para tarimbas, mas não deve estar exposta ao tempo.

Inhé-bobó. — É como a anterior alta e grossa. Tem applicação a vigamentos, barrotes e tabuado; reproduz-se por estaca, é rija e de bastante duração.

Mangue da praia. — È verdadeiramente notavel esta arvore e a mais afamada de todas as das regiões indigenas. É o celebre *rhyzophora mangle,* de Linneu, de que fallam medicos, naturalistas, viajantes e romancistas[3].

[1] Bernardino Antonio Gomes, paginas 24 e 25, relata as ultimas informações (1873) que havia ácerca da arvore de *balsamo de S. Thomé,* d'onde se vê que ainda está por classificar.

[2] *Synopse explicativa das madeiras,* etc., pagina 48.

[3] N'uma descripção do Amazonas feita por um capitão de navios falla-se dos mangues com verdadeiro enthusiasmo; no livro de Thomás Hutchinson, naturalista e medico, descreve-se ella largamente, e no livro de Dutroulau ha algumas informações que gostosamente transcrevemos:

«As localidades equatoriaes são todas orladas de *paletuviers (Rizephora mangle),* arvores que nascem nas praias maritimas da America e da Africa inter-tropical e tambem nas margens das suas ilhas; mas aquellas ilhas que estão mais perto dos tropicos e separadas do continente são muitas vezes desprovidas d'elles.

«Sem pretender referir unicamente a presença ou a ausencia dos mangues ás differenças de salubridade dos climas tropicaes, estou pelo menos auctorisado a attribuir-lhes uma grande parte na intensidade da influencia do solo palustre.» (Dutroulau, *Maladies des européens dans les pays chauds,* 1868, pagina 98.)

È este mais um argumento para se dividirem os climas da Africa em equatoriaes propriamente ditos e em tropicaes, divisão que julgâmos justa, necessaria e muito util.

O mangal mais extenso e mais pittoresco, cuja descripção enthusiastica fez o capitão que seguiu aguas abaixo o rio Amazonas, fica n'esta ilha de S. Thomé na região do S. Fórma pequenas ilhas n'um ponto e mais alem agradaveis oasis; por uma parte ha mandros attractivos e por outras vistas aprazíveis.

Mangue do rio.—Attinge 10 e 12 metros de altura; dá boa madeira para construcções e marcenaria. Encontra-se em muitos rios, sendo mais difficil dizer onde elles faltam do que onde existem.

Capitão.—Não ha arvore que rivalise com esta em altura, e d'aqui lhe veiu o nome de *pau-capitão*. É direita e de bello porte; eleva-se a uns 50 metros e engrossa até quasi 2 de diametro na base, na qual se levantam abas. A sua madeira não é estimada na ilha.

Dumo.—É alta e delgada esta arvore, cuja madeira, que tem côr avermelhada, é applicada a bons pilões para descascar o café, e serve para esteios; tem pouca duração exposta ao tempo, mas depois de secca é difficil introduzir-lhe verruma ou prego.

Pau-gamella.—Dizem uns que este pau é o mesmo que o *pau-branco*, outros porém divergem de opinião. Parece, todavia, que são differentes[1]. Do chamado pau-gamella preparam-se gamellas e canoas e as tábuas são proprias para solho. Extrahe-se d'esta arvore a borracha ou gomma elastica, segundo dizem algumas pessoas que lhe tem aproveitado o abundante succo ou seiva leitosa.

Goyabeira.—Welwitsch escreve guiaveira[2], mas preferimos antes a outra orthographia. É arvore conhecida e abundantissima na ilha, e boa para marcenaria.

Pau-oleo-barrão ou *pau-oleo-barão*.—È uma arvore regular, da qual se tira boa madeira para construcções.

Pinheiro da terra.—Falla-se com vantagem d'esta arvore de dimensões regulares, e affirma-se que a sua madeira póde ter as mesmas applicações do pinheiro de Portugal.

Pau-preto ou *quebra-machado*.—Assimilha-se á azeitona; é de grandissima duração e faz recordar o pau-ferro de Portugal. Attinge esta arvore cerca de 25 a 30 metros de altura sobre 1 a 1,5 metro de diametro.

Ussubi.—São bons os esteios feitos d'esta arvore, cuja madeira é rija e dura muito tempo.

[1] Relatorio ácerca das madeiras da ilha de S. Thomé. *Boletim official* de 1862, pagina 131.

[2] *Annaes do conselho ultramarino*, pagina 570.

Pau-vermelho.—Póde empregar-se em marcenaria e dá bom tabuado; é bastante alta e de porte direito.

Zungu.—Conhece-se n'esta ilha uma arvore alta e grossa, com esta denominação, da qual tiram tabuado e esteios para casas.

Zemzem.—É uma das grandes arvores da ilha.

Guigó.—É uma arvore regular, propria para tabuado e para barrotes; tem applicação em marcenaria e produz um succo amarello.

Grumati.—Applica-se o tronco d'esta arvore para mastros de navios, por ser grosso, direito e bastante alto. É contada entre as grandes arvores da ilha de S. Thomé.

Coáco-branco.—É arvore alta e grossa; tem pouca estimação no paiz a sua madeira, a qual dizem ser mais rija que a do pau-branco.

Sequené.—É alta, serve para caibros e tem grande duração.

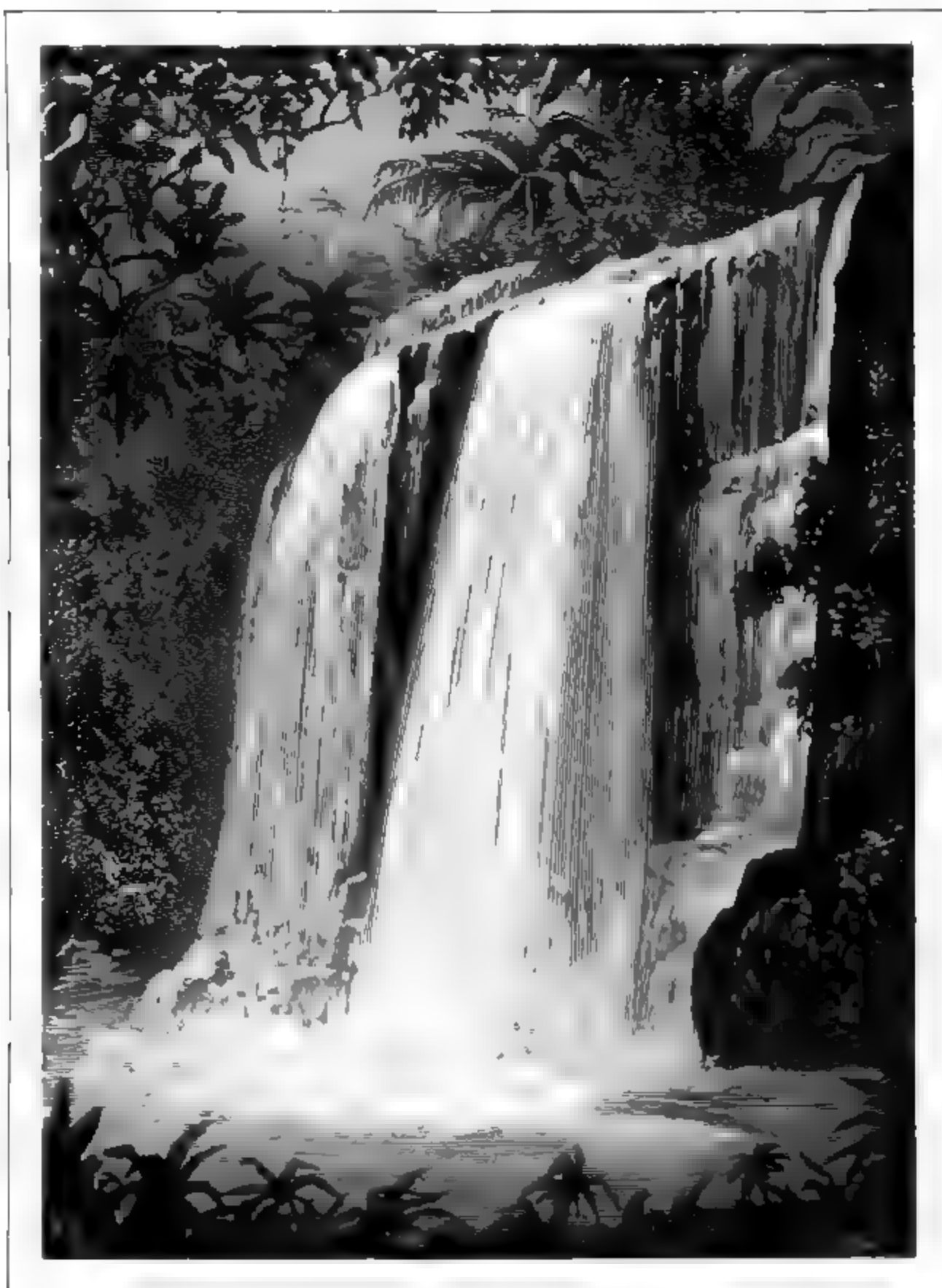
Folha pequena.—É uma arvore regular, e d'ella se fazem esteios para casas.

As florestas da ilha de S. Thomé estão ainda por explorar, e quantas riquezas se não terão perdido fazendo-se as derrubadas ao acaso, e destruindo arvores cujos productos são iguaes ou mais valiosos do que o proprio café e cacau, e sem se attender a que ellas protegiam o café dando frescura á sua plantação? Que as cordas e trepadeiras ou pequenos arbustos e capim demandem trabalhos da capina, entende-se, pois que o cafezeiro está abafado por aquellas e o café perde-se entre elles, mas que se cortem arvores raras, altas e uteis não sabemos como se possa justificar.

As matas seculares que occupam ainda nove decimas partes dos terrenos continuarão a ser derrubadas ao acaso? Não será grande e valioso serviço prestado a esta colonia, á agricultura e ao commercio o fazer explorar aquelles terrenos, ou com os dados já existentes divulgar entre os fazendeiros todas as informações necessarias á boa colonisação e ao que mais importa, a salubridade d'esta formosa ilha?

Para que servem as importantes remessas de productos coloniaes que se têem enviado a todas as exposições nacionaes e internacionaes se se não divulga, se não se ensina, se não se explica a sua utilidade, notando-se-lhe os defeitos, e dizendo o melhor modo de os corrigir?

A insalubridade da ilha de S. Thomé reclama urgentemente que todas as auctoridades superiores appliquem a sua attenção para a melhorar, empregando os meios de debellar ou pelo menos attenuar tantos males. Nas culturas bem dirigidas está um poderoso meio para corrigir a má qualidade do terreno humoso, e para o fazer produzir tres ou quatro vezes mais do que a sua actual producção.

Existem ali planicies, muitas varzeas, alto-planos e planuras cober-

Cataracta Blublú do rio Agua Grande, 4 kilometros distante da cidade

tas de florestas antiquissimas, nas quaes ainda se não penetrou [1]; abram-se estradas e guie-se a mão dos lenhadores para pouparem as arvores de reconhecida utilidade, e lançarem por terra apenas as que forem incompativeis com a cultura que se deseja fazer. Convem publicar descripções minuciosas da vegetação das serras [2] e dos montes, e ao mesmo tempo a das culturas apropriadas aos terrenos do litoral e do interior da ilha ou dos terrenos do S. e do N. É este o poderoso meio de concorrer para que sejam destruidas e modificadas muitas causas da insalubridade, que tão má fama têem acarretado a esta pequena Cuba portugueza.

2.° Lista de algumas arvores que, tendo propriedades singulares, são mais ou menos importantes, podendo parte d'ellas ser empregadas em construcções.—Pau-ama, pau-alho, pau-bungá, bugi-bugi, bengue-d'obó, pau-cabra, crocoto, colma-doido, figo-porco, glon ou grão, guegue-falso, inhé-muda, iobo, laranja-mucambú, macumbli, marimboque, queime, sangue, pau-sabão, vara-plé, tapa-olho, tabaque, unumú ou pandanus, pau-fede, bambú, bordão, ricinus communis.

Pau-ama.—É muito activo o cheiro que exhala a madeira d'esta arvore quando cortada recentemente. Diz-se que afugenta os mosquitos agitando os ramos no interior das habitações em que os haja.

Pau-alho.—É uma arvore bastante alta e grossa, e tem a particularidade de exhalar um cheiro alliaceo caracteristico.

Pau-bungá.—Serve para instrumentos de corda, boias para redes, gamellas e canoas. É de facil córte.

[1] Em um folheto intitulado *Cultura das plantas que dão a quina.* Lisboa, 1865, pagina 97, lê-se o seguinte:

«Segundo elle (o sr. Mann) a parte mais alta da ilha consta de uma estreita cumeada accessivel, mas com grande difficuldade, pelo lado de E.»

Com o alto respeito que consagramos aos arrojados exploradores inglezes e com a devida venia do auctor do folheto, cumpre-nos declarar que o sr. Mann podia ter subido a qualquer dos montes d'esta ilha, á serra em cuja costa fica a fazenda Macambrará por exemplo, mas não podia subir ao pico de S. Thomé, nem ter ido á sua cordilheira principal.

[2] Da vegetação das serras de Jara ha uma interessante descripção, segundo se lê no folheto intitulado *Cultura das plantas que dão a quina,* 1865, pagina 4, e ali se distinguem quatro zonas principaes; a saber:

1.ª A região agricola das *arecas,* dos *cafezeiros* e da *erythrina indica;*

2.ª A região de *liquidambar alligiana,* que não excede a 1:500 metros;

3.ª A região dos *omericus,* dos *podocarpus,* da *astronia,* etc., e da cultura da quina, que se eleva até mais de 2:000 metros;

4.ª A região das *crateras* ou pincaros mais elevados da *Thibandia dos Pteris, Mertensia.*

Bugi-bugi.—Extrahe-se d'esta arvore uma especie de tinta preta propria para tinturaria.

Bengue d'obó.—Dá um fructo bom para alimento dos porcos, e a madeira applica-se a barrotes.

Pau-cabra.—É uma arvore de pequenas dimensões, cujas folhas servem vantajosamente para alimento das cabras.

Crocoto.—A sua madeira é rija.

Colma-doida.—As sementes d'esta arvore são applicadas, como a côca em Portugal, para se apanharem peixes. Ha outra arvore a que chamam *colma-fria,* a qual tem as mesmas propriedades.

Figo-porco.—Tem esta arvore a propriedade de se poder descascar em todo o comprimento do tronco, extrahindo-se por esta fórma grandes porções de casca, a que os naturaes chamam *couro vegetal.* O fructo é muito similhante ao figo pequeno de Portugal, que os habitantes dos arrabaldes do Porto denominam *bacurinho.* Dizem que quando os indigenas precisam de baínhas para as suas facas, marcam no tronco as dimensões e cortam-na com a mesma faca, arranjando assim, depois de cozida, uma bainha de grande duração e de boa consistencia. A madeira é applicada a gamellas e canoas.

Glon ou *grão.*—Emprega-se nos cercados das fazendas, por pegar facilmente de estaca e ser abundantissima na ilha. Esta pequena arvore, desprezada em S. Thomé, é considerada como de grande riqueza commercial em Cabo Verde. Os seus fructos são purgativos. É o *curcus purganis med., notavel euphorbeacea,* classe 51.ª das *Tricoceas,* de Welw.

Guegue-falso.—Tem a madeira muito leve, e por isso serve para boias de rede; fazem-se d'ella gamellas de varias fórmas.

Inhé-muda.—Serve para caibros e barrotes, e dizem que é boa para vergas de moinhos.

Iobo.—As sementes d'esta arvore têem um cheiro aromatico muito caracteristico, e, depois de seccas, lançando-se-lhe fogo, ardem por muito tempo produzindo uma vistosa chamma. Os naturaes têem esta semente em grande reputação por livrar as creanças dos feitiços, ou maus olhares[1]. *Monodora angolensis* de Welw., que em Pungo Andongo e no Golungo Alto os indigenas chamam *n-pepe* e em S. Thomé *iobo.* As sementes d'esta *anomacea,* a que os angolenses chamam *xipepe* ou *gipepe,* são similhantes ás da myristica moschata, e podem ser como estas empregadas[2].

[1] Poucas creanças ha em S. Thomé que não tragam ao pescoço uns saquinhos bem recheados de objectos anti-feiticeiros!

[2] Bernardino Antonio Gomes, pagina 15.

Laranja mucambú.—Tem a má qualidade de prejudicar o terreno, e por conseguinte a cultura dos cafezeiros. Fazem-se d'ella, quando nova, bons cacetes, serve para vigamento e é de grande duração.

Macumbli.—É uma arvore em cujo tronco, depois de cortado e em via de putrefacção, os vagabundos procuram os *celebres bichos de pau occobis,* que comem com muito prazer, assados ou preparados a seu modo. Serve para dar sombra, e existem alguns exemplares no largo do palacio. Applica-se na construcção de gamellas e outros objectos.

Marimboque.—É uma linda arvore para sombra e para jardins. Produz umas cabacinhas em que os naturaes guardam tabaco.

Queime.—Tem a particularidade de pegar muito bem de estaca, e por isso se emprega nos cercados. É abundantissima no paiz.

Sangue.—O succo d'esta arvore é uma tinta vermelha fixa, d'onde lhe veiu a denominação *pau-sangue.* É de primeira qualidade, e serve para tabuado.

Pau-sabão.—É de fórma e aspecto singular, de modo que uma vez vista nunca mais se confunde com as outras arvores do paiz. A este extraordinario aspecto e á circumstancia de pegar bem de estaca e de crescer com incrivel rapidez, deve ella o nome de *pau da marca,* pois é empregada em todas as balisas ou medições dos terrenos. Alem d'este uso, tambem a sua cinza póde ser applicada para a fabricação de sabão.

Vara-plé (Pau da Praia).—Serve para cajados, mas a sua propriedade mais caracteristica é a de servir para cintar as canoas com o fim de dar mais consistencia nos sitios onde trabalham os remos ou nas forquilhas.

Tapa-olho.—Especie de *euphorbeacea,* cujo succo leitoso e adstringente produz, quando se chega aos olhos, uma grande irritação, e d'aqui lhe resultou o nome por que é conhecida no paiz. Emprega-se em cercados, por pegar muito bem de estaca.

Tabaque.—Pau leve que tem serventia para boias de redes. A casca é fibrosa, e depois de convenientemente cortada e preparada serve de fio para redes.

Unumú ou *pandanus.*—Arvore de crescimento singular, que existe nas praias. Os seus filamentos servem, depois de convenientemente preparados, para cordas, esteiras e outros objectos. É da familia das *pandanaceas,* na classe 18.ª, *Spadici floras,* de Welw.

Pau-fede.—É uma arvore alta e grossa, e que pouco tempo depois de cortada desenvolve um cheiro nauseabundo.

Bambú.—É uma *graminea arborescente* que existe em algumas fazendas. Serve para paus de redes e tipoias.

Bordão.—É uma especie de palmeira que dá bons paus para redes; existe na Praia Melão e em varias fazendas.

Ricinus communis.—Abunda extraordinariamente e produz-se com muita facilidade. O oleo que se prepara com as sementes é bem conhecido. Está abandonada como tantas outras de reconhecida utilidade.

3.º Lista das trepadeiras ou cordas de que temos conhecimento, entre as quaes ha uma que deve ser considerada uma das maravilhas do reino vegetal n'este paiz.— Corda-pimenta, corda-congló-preto, corda-congló-branco, corda-agua, corda-ubuá, mafundgi, mil-homens, gunú, mátri, mussandá ou corda-cadeira ou corda-lembá-lembá.

Corda-pimenta.—As sementes d'esta corda são reputadas superiores á pimenta de Malaca. Attinge grande altura, e tem na sua casca o mesmo effeito dos fructos.

Corda-congló-preto.—Serve aos naturaes para atarem as tábuas dos tetos e das paredes das casas. É flexivel e de boa duração.

Corda-congló-branco.—Differença-se da corda-congló-preto pelas flores e fructo e até certo ponto tambem pela casca. É inferior em qualidade e duração á outra.

Corda-agua.—Quando na encosta de um monte falta agua e se não conhece alguma nascente proxima, a *corda-agua* produz liquido sufficiente para saciar a sêde. É por isso realmente notavel.

Corda-ubuá.—Trepadeira de muita flexibilidade e de grande rijeza. Tem differentes usos.

Mafundgi.—É a mais forte de todas as cordas, e por isso tem sempre a preferencia quando se trata de sustentar grandes pesos. Seria de muita vantagem preparal-a convenientemente, porque as suas fibras parecem de superior qualidade.

Mil-homens.—Passa por notavel *aphrodisiaco*. Sobe a muito alto e chega a engrossar bastante.

Gunú.—É antes uma arvore do que uma corda, mas o seu singular crescimento auctorisa o nome que lhe deram. Em attingindo certa altura começa a inclinar até tocar no solo onde lança novas raizes, para recomeçar novamente o seu crescimento, e isto repete-se por maneira tal, que muitas d'estas arvores chegam ás vezes a formar tres, quatro e mais arcos que dão passagem a um homem de estatura regular.

Mátri.—É uma corda digna de estudo pelos extraordinarios effeitos que occasiona quando preparada pelos naturaes e tomada em excesso; produz surdez, segundo dizem.

Mussandá ou *corda-cadeira* ou *corda-lembá-lembá.*—Esta corda tem um desenvolvimento extraordinario. Cresce agarrada ou, por melhor dizer, quasi soldada ao tronco das grandes arvores do paiz. Á proporção que se dilata vae deixando ramos que seguem da mesma fórma, estando

sempre bem presos á casca da arvore. Vae augmentando em numero de ramos, encruzando-se e engrossando, envolvendo e apertando sempre o colosso a que se agarra, até que por fim a arvore interior se definha, estiola e secca, deixando em seu logar uma nova arvore de aspecto singularissimo. Esta arvore assim formada é uma das maravilhas do reino vegetal[1] de que se não tem feito caso e que é de um valor consideravel. Extrahe-se d'ella abundante quantidade de um succo leitoso que, preparado convenientemente, fica boa borracha.

Depois da resumida descripção que apresentâmos, passâmos a fazer algumas considerações ácerca das madeiras d'esta ilha e de algumas outras que se tentem introduzir e aclimar.

As arvores que em S. Thomé são actualmente consideradas como madeira mais util são: a sucupira, a azeitona, a amoreira, o marapiam, o viro, o ipé, a nespereira, o macambrará, o gó-gó, o inhé-preto, o mangue, o obá e o soá-soá. É altamente necessaria a reproducção d'estas arvores, as quaes se devem cortar methodicamente e de modo que se conservem as que for possivel, isoladas ou em florestas, e nos terrenos onde se não possam accommodar as culturas vantajosas, sendo obrigados todos os fazendeiros a ter um certo numero d'ellas correspondente á área do seu terreno. Cada arvore que se cortar deve immediatamente ser substituida por outra por meio de sementeira, plantação ou estaca, se este meio for util.

O pau assetinado *(Chloroxylon swetenea)* foi introduzido em 1872, vindo em pequenos arbustos para duas das principaes fazendas d'esta ilha. É vantajoso este melhoramento florestal, mas paus tão bons ou melhores do que o *chloroxylon swetenea* já ali existiam sem serem conhecidos nem poupados! E que culpa se póde attribuir a um lenhador que corta n'um futuro proximo uma arvore da quina, o pau-assetinado, o pau-gó-gó, ou o mussandá, se elle desconhece a sua utilidade?...

O eucalyptus, tão celebre quanto util, é uma arvore de grande importancia, muito frondosa e de reconhecida vantagem, pela sua sombra e frescura na circumvallação das cidades, e orlando as estradas e alamedas regulares[2].

[1] Na agradavel fazenda de Bemfica, pertencente a José Antonio de Oliveira, existe uma d'estas arvores, a qual já destruiu o tronco da primitiva a que a corda se havia agarrado. É de um aspecto maravilhoso.

[2] O *eucalyptus globulus* tornou-se actualmente arvore da moda, e por isso julgâmos dever rememorar a sua origem, pela curiosidade que apresenta.

«Cerca de 1854, diz o director dos trabalhos do *Jardim botanico* de Melbourne (Australia), uma pequena arvore, que crescia destacadamente n'uma rua do jardim, chamou a minha attenção. Era um gommeiro azul *(Bluegum tree)*, da Tasmania,

As arvores da quina parecem aclimar-se bem, mas no *Boletim* da provincia não se publicaram informações officiaes que possam elucidar este interessantissimo ponto da nova flora da ilha de S. Thomé, o que certamente é para lamentar.

Alem do *eucalyptus globulus*, da *chinchona*, da arvore *fruta-pão* e do *pau-assetinado*, outras arvores importantes se deviam introduzir n'esta ilha[1], a qual de certo estaria bem pobre se não fosse a introducção do cafezeiro, no principio do seculo actual, e do cacau em 1822.

Dos colossos vegetaes contam-se ali principalmente os ocás, nos quaes se notam abas grandissimas, as amoreiras, cujas abas são menores, os obás, os micandós, etc.

Os paus de maior elevação são o pau-capitão, e o inhé-preto, alguns dos quaes attingem uma altura extraordinaria.

Dos ocás fazem-se as maiores canoas e das amoreiras as mais fortes e duradouras.

nome vulgar do *eucalyptus globulus*. Eu não conhecia então nem o nome nem o vegetal. Fiquei, portanto, surprehendido de tal maneira com a elegancia particular d'esta nova arvore, que se tornou para mim objecto de admiração e estudo.» (*Breve noticia sobre o eucalyptos globulos e utilidade da sua cultura em Portugal*, por J. D. de Oliveira Junior, folheto, pagina 13.)

«Ha cerca de dezoito annos que o *eucalyptus* entrou no dominio da botanica e já está uma arvore afamada e largamente espalhada. É por factos d'esta ordem que se ennobrece e torna respeitada uma arte tão util como a silvicultura e elle, Ramal, o *vulgarisador* d'aquella arvore, bem mereceu da humanidade e da sciencia, porque sem elle *estaria ainda desterrada no centro de algum jardim botanico.*»

[1] F. Welwitsch, *Annaes do conselho ultramarino*, pag. 558, depara-se-nos o seguinte:

«A *phytolacca dioica*, arvore que os portuguezes com justa rasão designam com o nome de *bella sombra*, devia introduzir-se quanto antes n'esta provincia (Angola), porque o rapido desenvolvimento que toma e a densissima sombra da sua elegante folhagem, a tornam muito propria para a arborisação de praças publicas.»

É de querer as praças da capital de Angola estejam já arborisadas com aquella elegante arvore, e os habitantes desfructem a sua bella sombra, e não se deve fazer esperar que com ella se arborise tambem a principal praça da cidade de S. Thomé, e especialmente o largo do palacio.

Na pagina 559 dos mesmos annaes lê-se tambem o seguinte:

«Muito conviria a introducção da *garcinia magastana* de Malaca, a da *mammea americana* do Brazil e ahi conhecida pelo nome de *abricote*; ambas estas arvores dão fructos deliciosos, e haviam de dar-se bem á borda do rio Bengo.»

As margens infectas do rio Agua Grande devem reduzir-se a vistosos e agradaveis passeios, mas sobre tudo devem fazer-se com urgencia duas boas alamedas no principal paul que circumda a cidade pelo S. e SSE.

Os contornos da capital da provincia não devem continuar abandonados como em 1872 e em 1869.

Para terminarmos estas considerações reproduzimos o seguinte trecho do relatorio de 1869, pag. 270:

«Enumerâmos, não descrevemos; a nossa enumeração é limitadissima e só contém individuos vegetaes muito conhecidos. Para haver rigor e minuciosidade são precisos trabalhos previos a que não podemos proceder.»

E para se avaliarem com melhor conhecimento os uteis e valiosos productos que este fertil solo nos dá no reino vegetal, apresentâmos os dois seguintes mappas onde se póde ver em um estudo comparado a riqueza das madeiras que d'ali se extrahem, não só pelas variadas applicações e suas qualidades, como pelo seu custo nos mercados da ilha de S. Thomé e de Lisboa.

Custo das madeiras no mercado de Lisboa, com de

Numeros	Nomes das madeiras	Qualidade	Grammas — Peso	Córte	Côr
1	Azeitona	1.ª	1,600	Rija	Vermelha
2	Mangue do rio	2.ª	1,500	Rija	Vermelha
3	Pau-preto	3.ª	1,500	Rija	Escura
4	Gó-gó	1.ª	1,100	Macia	Arroxeada
5	Zumgu	2.ª	1,350	Rija	Castanho claro
6	Ussubi	1.ª	1,200	Rija	Amarello escura
7	Oleo-barão	3.ª	0,850	Macia	Claro-escuro
9	Pau-milho	2.ª	0,900	Rija	Escura
10	Inhé-preto	2.ª	0,850	Macia	Claro-escuro
11	Marapinha	3.ª	1,400	Rija	Esbranquiçada
13	Pau-vermelho	2.ª	1,150	Macia	De mogno claro
14	Viro	1.ª	1,650	Rija	Differentes
15	Sucupira	3.ª	0,900	Rija	Escura
17	Englélé	2.ª	1,000	Rija	Escura
18	Pau-branco	3.ª	0,650	Macia	Cinzento claro
20	Cuaco-branco	3.ª	1,150	Rija	Cinzento claro
21	Inhé-bóbó	3.ª	1,600	Rija	Cinzento claro
22	Obá	2.ª	0,950	Rija	Vermelho escuro
23	Muindo	2.ª	1,150	Macia	Cinzento claro
24	Colma-doida	3.ª	0,900	Rija	Escura
26	Pau-cata	3.ª	0,900	Macia	Amarello escura
27	Pau-egua	3.ª	0,700	Macia	Escura
28	Pau-capitão	3.ª	0,750	Macia	Cinzento claro
30	Pau-gunnú	3.ª	0,900	Rija	Cinzento claro
31	Quebra prego	3.ª	1,600	Rija	Cinzento claro
32	Zemzem	3.ª	0,650	Macia	Escura
33	Macambrará	3.ª	0,800	Macia	Clara
35	Laranja-mecambú	3.ª	0,650	Rijo preso	Vermelho desvanecid
36	Mangue de obá	1.ª	1,100	Rija	Amarellada
37	Coqueiro	2.ª	1,400	Rija	Escura
38	Inhé-molle	3.ª	0,600	Macia	Esbranquiçada
39	Figo-porco	6.ª	0,400	Macia	Escura
40	Safú	1.ª	0,950	Macia	Escura

qualidades, dimensões e principaes applicações

Veio ou grão	Poros	Dimensões em metros — Comprimento	Largura	Espessura	Applicação	Valor em Lisboa — Réis
curo	Fechados	0,32	0,17	0,025	Segeiro	50
curo	Fechados	0,33	0,12	0,03	Segeiro	40
curo	Fechados	0,33	0,16	0,025	Segeiro	30
o	Abertos	0,32	0,19	0,03	Marceneria.	60
ro	Fechados	0,33	0,20	0,02	Segeiro	40
curo	Fechados	0,33	0,16	0,02	Segeiro	50
aro-escuro	Abertos	0,32	0,15	0,025	Marceneria.	30
o escuro	Fechados	0,31	0,13	0,025	Marceneria.	40
o e ondeado	Abertos	0,32	0,17	0,02	Marceneria.	30
aro	Abertos	0,34	0,17	0,03	Segeiro	40
aro	Abertos	0,33	0,18	0,025	Marceneria.	40
lo escuro	Fechados	0,33	0,23	0,02	Marceneria.	50
lo escuro	Abertos	0,29	0,17	0,02	Segeiro	30
curo	Fechados	0,33	0,12	0,02	Segeiro	30
o claro	Abertos	0,32	0,16	0,025	Marceneria.	30
curo	Fechados	0,32	0,20	0,025	Segeiro	40
curo	Fechados	0,33	0,16	0,02	Segeiro	40
curo	Abertos	0,33	0,26	0,025	Segeiro	40
lo claro	Abertos	0,33	0,14	0,025	Marceneria.	40
o escuro	Fechados	0,32	0,20	0,03	Segeiro	30
curo	Fechados	0,33	0,13	0,03	Marceneria.	30
curo	Fechados	0,32	0,17	0,02	Marceneria.	30
aro	Vidracentos abertos	0,32	0,15	0,02	Segeiro	30
aro	Fechados	0,32	0,20	0,025	Segeiro	30
aro	Fechados	0,33	0,13	0,025	Segeiro	30
o escuro	Abertos	0,32	0,12	0,03	Marceneria.	30
lo branco	Fechados	0,32	0,21	0,02	Marceneria.	30
o vermelho	Abertos	0,33	0,14	0,02	Marceneria.	40
quiçado em ondas	Fechados	0,33	0,17	0,025	Segeiro	40
curo	Fechados	0,32	0,17	0,02	Segeiro	40
aro	Abertos	0,32	0,17	0,025	Marceneria.	30
o escuro	Muito abertos	0,32	0,17	0,025	Marceneria.	20
lo escuro	Fechados	0,32	0,24	0,02	Marceneria	40

Custo das madeiras no mercado da ilha de S. Thomé, nos annos abaixo designados

Madeiras	Dimensões em metros	Preços nos fins de 1873 — Réis	1874 — Réis	1875 — Réis	1876 — Réis
Prumos de azeitona	6,0 × 0,11 × 0,13	1$500	-$-	-$-	-$-
	5,0 × 0,11 × 0,13	1$200	-$-	-$-	-$-
	4,5 × 0,08 × 0,11	$750	-$-	-$-	-$-
	5 a 5,5 × 0,12 × 0,14	-$-	3$000	-$-	-$-
	5,20 a 5,5 × 0,09 a 0,12	-$-	2$400	-$-	-$-
	4,5 a 5 × 0,8 × 0,12	-$-	1$500	-$-	-$-
Prumos de moandim	5 tendo 0,13 grossura	-$-	2$625	-$-	-$-
Prumos de glo-glo	5,8 tendo 0,13 grossura	-$-	2$250	-$-	-$-
Vigas de viro	6,0 × 0,11 × 0,13	$480	-$-	-$-	-$-
	5,5 × 0,11 × 0,13	$450	-$-	-$-	-$-
	5,0 × 0,11 × 0,11	$360	-$-	-$-	-$-
	5,80 tendo 0,8 a 0,10	-$-	$900	-$-	-$-
Vigas de viro inferiores	5,80 tendo 0,8 a 0,10	-$-	$300	-$-	-$-
	4,0 × 0,08 × 0,11	$375	-$-	-$-	-$-
Vigas de obá	5,0 tendo 0,8 × 0,10	-$-	1$500	-$-	-$-
Barrotos gó-gó	—	-$-	$240	1$000	-$-
	—	-$-	$300	-$-	-$-
	—	-$-	$400	-$-	-$-
Barrotes de ipé	—	-$-	-$-	2$000	-$-
Barrotes de safu de obó	—	-$-	-$-	1$000	-$-
Caibros gó-gó	—	-$-	$030	-$-	-$-
Caibros dos angolares	—	$030	-$-	-$-	-$-
Caibros de gó-gó muito reforçados	—	-$-	$180	-$-	-$-
Esteios de ipé	—	4$000	-$-	-$-	-$-
Paus de soassoá	—	-$-	-$-	-$-	$500
Tábuas de caixão	—	$009	$009	-$-	-$-
Tábuas de mundo	—	$015	$015	-$-	$015
Tábuas marpião	—	$120	-$-	-$-	-$-
Tábuas de peralto	—	-$-	$030	-$-	$040
Tábuas de pau branco	De forro	-$-	$600	-$-	-$-
Tábuas de amoreira	De forro	-$-	$600	$800	-$-
	De solho	-$-	$800	1$000	$900
	De solho	-$-	-$-	-$-	1$000
Vigas de pau branco	5,80 tendo 0,8 a 0,10	-$-	$360	-$-	-$-
	5,80 tendo 0,8 a 0,10	-$-	$480	-$-	-$-
	5,80 tendo 0,8 a 0,10	-$-	$600	-$-	-$-
Grande viga de obá	—	-$-	22$500	-$-	-$-

II

Frutas

1.° Lista das principaes fructas de que temos conhecimento, nativas e aclimadas. — Safú, manga, cacau, izaquente, ginguba, pecego, untuem, aracá, tamarindo, pitanga, cidra, limão, lima, laranja, tangerina, abacate, nona-concha, nona-creoula, sap-sap, romã, melão, melancia, pepino, abobora, mamão, goyaba, maracujá, ananaz, cajú, jambó, côco, amora, figos, maçãs, peras, fructa-pão, colla, andim, uvas, bananas.

Safú. — Este fructo tem o tamanho de uma ameixa; come-se assado e passa por saboroso. Os periquitos gostam muito d'elle.

Manga (Mangifera indica, de Linneu). — É uma fructa de que se não deve abusar por ser nociva á saude.

Cacau. — O cacoeiro *(Theobronia cacau)* produz um fructo que se prepara para exportação. A sua importancia é conhecida. Foi aclimada n'esta ilha ha pouco tempo, e na do Principe foi introduzida em 1822[1].

Izaquente. — É o fructo de uma arvore da familia das *artocarpaceas;* tem grandes dimensões, é de fórma espherica e contém centenares de sementes que se preparam para alimento.

Ginguba (Arachis hypogaea, de Linneu). — É da familia das *robiniaceas,* de Welwitsch, da classe das *leguminosas.* Come-se em grão, depois de torrado, á sobremesa.

Pecego. — A arvore a que chamam pecegueiro produz o fructo apenas um palmo distante da terra. É original não só por esta rasão como pela fórma exterior do fructo, no qual ha tres profundos angulos reintrantes. Parece-se com um solideo.

Untuem. — Asseveram que é saboroso, e que deixa nos labios uma especie de gordura viscosa bastante incommoda quando se não come com cuidado. A arvore tem a denominação do fructo.

Aracá (Psidium aracá). — Cultiva-se em algumas fazendas o aracareiro, de cujo fructo se faz delicado doce. É da familia das *myrtaceas,* classe das *myrtiflores,* de Welwitsch.

Tamarindo. — Fructo do *tamarindus indica.* É vistoso o *tamarindeiro*[2] e as suas propriedades são assás conhecidas.

[1] Dizem que ainda existe na bateria de O. da ilha do Principe um dos primeiros pés de cacau, que ali deram fructo em 1822.

[2] Não sabemos a rasão por que F. Welwitsch escreveu tamarinheiro e não tamarindeiro. *Annaes do conselho ultramarino,* pagina 574.

Pitanga. — É o fructo da *pitangueira (Eugenia uniflora,* de Linneu), cultiva-se em algumas fazendas e a arvore é propria para jardins[1].

Cidra, limão, lima, laranja e *tangerina.* — São bem conhecidas estas fructas. As arvores pertencem á classe das *hesperidas.* De limões ha abundancia, mas de laranjas finas é menor a producção. A larangeira *(Citrus aurantium)* deve ser plantada em algumas ruas da cidade e seria até conveniente que se dispozessem alguns pomares d'esta especie[2].

Abacate. — É o fructo do *laurus persea.* «É um dos mais apreciados fructos dos paizes quentes; a polpa molle e oleosa tem sabor a manteiga fresca, avivado pelo agradavel gosto da avelã; come-se só ou com assucar e rhum; não é perigoso, nem d'elle se póde abusar, porque depressa enfastia[3].»

Nona-concha. — Esta fructa é a *anona squamosa, fructa do conde* ou *pinha do Brazil, ata da India.* Passa por muito agradavel.

Nona-creoula. — É a *anona cherimolia* que se differença da antecedente por aquella ter uma especie de escamas e esta ser apenas levemente ondeada[4]. Ha opiniões com respeito á superioridade relativa d'estes dois fructos, mas a maioria opina pela primeira.

Sap-Sap. — É a *anona muricata.* Passa por ser saborosa.

Romã. — É a fructa da *romeira (Punica granatuno,* de Linneu). Cultiva-se em algumas fazendas.

Melão, melancia, pepino e abobora. — São fructas da familia das *cucurbitaceas,* da classe das *pepiniferas,* de Welwitsch. Ha boas melancias e bons pepinos, os melões são mais raros e as aboboras não abundam.

Mamão. — Em S. Thomé ha tres especies de mamoeiro *(Carica papaya).* Pertence á classe das *parietales,* de Welwitsch.

[1] Não ha um *jardim publico* na capital! É bem infeliz esta ilha!

[2] É dever das camaras municipaes promoverem todos os melhoramentos para o saneamento da cidade, a fim de não sacrificar a vida dos seus habitantes; e se é de ha muito reconhecido por todos que para a salubridade são necessarias as plantações adequadas, porque se não terá disposto um laranjal em logar de um paul? Porque se não fará um jardim publico ao menos, e porque se não cuida de arborisar as praças e as ruas? Haverá prazer em estar cercado de pantanos, de ruas immundas e de praias nojentas?!

[3] *Tratado de hygiene naval,* de Fonssagrives, traducção de João Francisco Barreiro, 1852, pagina 509.

[4] Lê-se nos *Annaes do conselho ultramarino,* pag. 554:

«*Anona squamosa* (alta) e *anona cherimolia,* á qual os angolenses chamam *fructa do conde.*»

No *Tratado de hygiene naval,* traducção de João Francisco Barreiros, pagina 503, lê-se «A *anona cherimolia* e a *ata* ou *fructa do conde (Anona squamosa)*».

Do exposto se vê que é facil confundir estes dois fructos.

Goyaba.—É o fructo da goyabeira *(Psidium puniferum)*[1]. Existe em tanta profusão esta arvore que alguns fazendeiros a reputam como praga dos terrenos. Faz-se bom doce do seu fructo.

Maracujá.—É o fructo de uma vistosa trepadeira *(Passiflora quadrangularis)*, a qual é empregada nos jardins e quintaes para latadas e caramanchões, porque produz uma sombra fresca e agradavel. Ha differentes especies d'este fructo, que passa por saboroso.

Ananaz.—É a *bromelia ananaz.* Querem alguns que seja o rei das fructas não só pelo bom gosto como pela elegancia. «O volume do ananaz, as suas escamas rosadas e verdes, o pennacho elegante de folhas finamente recortadas, que o coroa, o perfume e gosto da sua polpa dão-lhe incontestavelmente supremacia sobre os outros fructos dos tropicos[2].» É um fructo que apenas se deve provar e não todos os dias.

Cajú.—É o fructo do cajueiro *(Cassurium pomiferum).* Tanto o fructo como a arvore que o produz são de primeira importancia. Seria util e vantajoso dispor renques d'estas arvores nas estradas publicas[3], e aconselhar os fazendeiros a que tivessem as frentes das suas fazendas cercadas d'ellas, bem como a porção de estrada correspondente, conservando-as sempre em bom estado.

Jambó.—É o fructo do jamboeiro *(Jambua vulgaris).* Abunda no paiz, tem um cheiro caracteristico e passa por agradavel.

Côco.—É o fructo do coqueiro *(Cocos nucifere).* Existe em muita abundancia, mas está completamente abandonado. Ha duas palmeiras differentes, sendo o côco de uma maior que o da outra; differençam-se porque a que produz os fructos mais pequenos tem as folhas exactamente como um leque aberto. É esta uma das arvores mais importantes da ilha de S. Thomé.

[1] João Francisco Barreiros traduziu goyaba e nós preferimos esta orthographia á de guiava ou guiaveiro.

[2] Fonssagrives, traducção de João Francisco Barreiros, pagina 506.

[3] As estradas publicas podiam ser largas e orladas de renques de arvores escolhidas e cujo producto daria para a despeza da composição e conservação d'essas mesmas estradas. D'este modo não seguiriamos supportando um sol abrasador, mas caminhariamos em ruas agradaveis e frescas, vendo aqui um renque das *anonaceas,* e mais adiante de *hesperides*; por aqui as *artocarpeas* e por ali as *bellas sombras.* Os *eucalyptos* poderiam figurar em frente dos *cajueiros,* as *mimossimas* como a *sucupira,* as tristes *mucumblis* seriam mais consideradas. Deixaria finalmente de haver os atalhos que nos conduzem á villa de Sant'Anna, os desabrigados caminhos de S. José e do Quingluró, e a desarranjada estrada das villas da Trindade e da Magdalena, as quaes são comtudo as melhores da ilha. Não conhecemos paiz mais fertil nem mais abandonado!

Amora. — É o fructo da silva (*Rubus jamaicensis,* de Linneu). Existe nos logares superiores a 600 metros de altitude, pouco mais ou menos. São fructos conhecidos.

Figos. — São o fructo da figueira (*Ficus carica*). Os que se produzem a 400 metros de altitude, cultivados por alguns curiosos, são de superior qualidade, mas na cidade não se dão tão bem.

Maçãs e peras. — As arvores bem conhecidas que produzem estes fructos, os quaes fazem as delicias das mesas de Portugal, podem aclimar-se bem n'esta ilha, nas fazendas abertas de 850 metros para cima[1].

Fructa-pão. — É o fructo da *artocarpus incise,* de Linneu. Esta linda arvore foi introduzida na ilha e está bem aclimada[2]. É propria para orlar as estradas publicas e particulares. O seu fructo passa por bom alimento.

Colla. — É o fructo da colleira (*Sterculia acuminata,* de Palissot de Beauvais). É muito estimado pelos naturaes do paiz, e em outro tempo fez-se d'elle exportação.

Andim. — Fructo da palmeira de azeite (*Elacis guineensis*). Os naturaes comem as sementes assadas.

Uvas. — Fructo da videira (*Vitis vinifera*). Apparecem alguns cachos de uvas em perfeita maturação e bom gosto. A videira é cultivada apenas por alguns curiosos.

Bananas. — São o fructo da bananeira (*Musa paradisica, musa sapientium*). Abunda n'esta ilha, e todas as suas variedades são boas. A banana grande tem o nome de banana pão e faz a parte principal do alimento dos pobres.

[1] Foi-nos apresentada pelo fazendeiro José Antonio Freire Sobral uma maçã de bom tamanho creada na sua fazenda Saudade, provavelmente a cerca de 750 a 800 metros de altitude. Infelizmente a maior altura a que chegámos foi de 580 metros na parte mais baixa do monte Formoso, em Santa Luzia, a SO. da fazenda Sacavem, ficando-nos á esquerda o pico Anna de Chaves e á direita o Maria Carlota, os quaes se vêem da cidade, assim como se distingue perfeitamente a encosta por onde subimos e o logar onde parámos a 580 metros de altitude. Fica o monte Formoso approximadamente a 15 kilometros da cidade, a SO. É esta occasião de memorar e agradecer a protecção que nos dispensou o fazendeiro Manuel de Oliveira Costa, sem a qual nem áquella altitude chegariamos, unica ha seis annos a que podemos ir e em que nos demorámos por espaço de uma hora.

[2] N'um artigo ácerca da arvore *fructa pão,* por Antonio Maria de Sousa e Almeida, no *Boletim official,* n.º 13 de 1 de abril de 1865, lê-se o seguinte:

«Segundo modo de cultura, um unico tronco, que tem infinidade de pequenas raizes, póde produzir ao mesmo tempo, sem prejuizo da sua cultura, milhares de plantas, generalisando no paiz a multiplicação de um vegetal que, como sustento do homem, deve ter um dos primeiros logares no catalogo das producções utilissimas, com que a providencia protege a humanidade.»

«É sem contradicção o melhor, o mais nutriente e são de todos os fructos dos tropicos; nunca enfastia; a sua polpa feculenta contém assucar, acido e aromas diversos, segundo a variedade[1].»

Alem d'estas fructas existem outras[2] que nos parecem importantes e de utilidade; de bananas, por exemplo, ha diversas qualidades, bem como do mamão, de maracujá, etc. Valia pois a pena estudar todas as especies, a fim de se tornarem bem conhecidas. As informações que levâmos ditas dizem respeito unicamente a algumas de que temos conhecimento e das suas respectivas arvores.

III

Raizes alimenticias, hortaliças e condimentos. Especies aromaticas. Vegetaes diversos

1.º **Lista das raizes alimenticias.** — Inhame, batata doce, mandioca, gengibre, icóco, araruta, batata, cebolas, nabos, rabanos, rabanetes, senouras.

2.º **Lista das hortaliças**[3]. — Couve lombarda, tronchuda, repolhuda, couve flor do Algarve, couve portugueza, couve gallega, caparicana, repolhos, alfaces, beldroegas, agriões.

3.º **Lista dos condimentos, especies aromaticas, vegetaes diversos.** — Tomates, pimentas, hortelã, salsa, aipo, gengivre, pimentões, coentro, chicoria, quiabos, alfaces, otoni, corda-pimenta, pimentões doces, ossami, maqueque (fructo que tambem se come), canella.

[1] Fonssagrives, traducção de João Francisco Barreiros, pagina 503.

[2] Temos ouvido fallar de fructas de que não conhecemos a abundancia e qualidade como o coca, luba, mata-passa, cabaça de micondó, pimpinella, maqueque, safú do mato, guegue ou caja, salamba, jaca, nespas.

[3] Na fazenda Monte Macaco houve couves de toda a qualidade tão tenras e mimosas como as melhores de Portugal. O actual administrador José Antonio, teve ali repolhos de primeira ordem e perfeição, e magnificas e abundantes hortas.

IV

Drogas medicinaes proprias do paiz

> A mim parece-me que a falta de escriptos ácerca de drogas medicinaes da India se explica pela difficuldade da tarefa; determinar os *caracteres physicos, chimicos e historico-naturaes* das substancias e experimentar em seguida para conhecer quaes os effeitos *physiologicos e therapeuticos*, é um trabalho superior á intelligencia de qualquer dos mais illustrados, que pede exclusão de toda outra obrigação e sobretudo recursos de todo o genero.
>
> (Apontamentos sobre alguns agentes pharmacologicos da India portugueza, no *Archivo de pharmacia*, n.º 20, agosto de 1865, por J. Stuart da Fonseca Torrie.)

Lista de varias drogas e de agentes pharmacologicos e substancias que se reputam medicamentos na ilha de S. Thomé. — Artemisia, malva, folha-malé, folha-micócó, maioba, mammalonga, ióbó, folha-sapateiro, pelicano, libo, cabaças ou ocos, soffi, macabli, folha-oundu, mussandá, gligo, butua, suque, queça ou quessá, mostarda, matri, folha-conta maguit'oio, pimenta, folha-bôba, tissangá guegue ou cajá, mucubli, uva d'ovo, alfavaca de cobra ou parietaria, massuensuen, itoto (raiz), quime, codoque, balsamo de S. Thomé, babosa, folha de parceira, feto-macho, maracujá, uaga-uaga-d'obó, quiabos, algodão, bananas, oleo de côco, gomma de cajueiro, cabaça de imbondeiro, oleo de purgueira, oleo de ricino, succo do tapa-olho, tamarindo, canna fistula, araruta, fedegoso, alcova, beatas, gramma, gengivre, herva de Santa Maria, hortelã, mil-homens, herva-tostão, folhas e casca de azeitona, folhas e raizes do pau-alho, folhas e raizes do pau-ama, casca de bengue d'obó, gomma-resina da mangueira, gomma elastica, canella, café, cana saccharina, cinchona, laranjas e limões, colla, liamba ou diamba, tabaco, goyabeira, folhas, raizes e casca do salambá, messamfé, folhas e raizes da arvore cata grande, jerichó, pinpim, piamplé, folha-gravana, seiva do pau-caixão, folhas da arvore zenzem, folhas e casca da arvore untuem, casca da arvore vum-vum, folhas e casca da arvore sequené, folhas do pau-quine, seiva do pecegueiro, folhas e casca da arvore omêmê, folhas e casca da arvore marimboque, folhas da arvore João Gomes Jaca, fructo da arvore inhe-muela, seiva amarella do pau-quijó, raizes de estralla-estralla ou clá-clá, seiva da corda-agua, folhas e casca do arbusto cacumá, raizes crocotó, folhas de arvore sap-sap, herva santage, folhas e planta-ossamé, folhas de bengalla d'obo, casca de muele-muele-branco, folhas, casca e raizes do pau-fede, leite do pau-sabão, folhas, casca e raiz da arvore gofe, succo da arvore amoreira, principio vo-

latil e cheiroso do pau-fede, stramonio ou folha-feitiço, trombeteiras, copahibeira, planta reproductiva, culu-culu, principio volatil do pau-ama, oleo de izaquente, agriões, otoni, oleo de safie, aqué, aboboreira do mato, alcaçus, agó ou anil do mato, bubo-bubo-preto ou bobo-bobo ou bugo-bugo uquini (venenoso), pega, rato, otage, uquité, Simão-Coia (Simão Corrêa) maquêquê, matanzem, corda, folha-porco, herva-doce, folha-eu-só, pau-pimenta, lingua de vacca, coçá-coçá, pega-pega ou herva agulha, etc., etc.

São numerosas as substancias reputadas medicinaes na ilha de S. Thomé, e ha grande abundancia de drogas ou productos vegetaes muito uteis nas artes e manufacturas, que se podem estudar conjunctamente, como gommas, oleos volateis, tanninos, carimas, farinhas, algodões, etc.

Em presença da lista que apresentâmos, vê-se que o assumpto é vasto e muito difficil, e devemos notar que ella não enumera a centesima parte dos productos uteis e de grande valia em materia medica e therapeutica.

Qualquer trabalho d'esta ordem exige exclusão de toda a outra obrigação e sobretudo recursos de toda a ordem. Não devemos proseguir sem repetir hoje o que escrevemos a paginas 257 e 258 do relatorio de 1869:

«Não nos consta que se tenha procedido a alguns estudos nas ilhas de S. Thomé e Principe, e, como as divagações não têem vantagem alguma, quando falta o conhecimento exacto da especialidade, contentâmo-nos com dizer que se deve começar a estudar a rica e variada flora d'estas ilhas.

«O que deixâmos enumerado mostra com clareza a necessidade de se proceder ao exame de drogas tão uteis e tão abundantes, e de que a medicina póde tirar bom proveito.»

Deve fazer-se com urgencia a exploração methodica e scientifica das florestas, com o fim de examinar, classificar e mostrar a importancia relativa das arvores que dão succos, gommas, etc.

Sabe-se que o mussandá, o pau-gamella, a mangueira, o pau-caixão, a amoreira, o tapa-olho, o pau-guigó, o pau-oleo-barrão, o pau-oleo por excellencia ou do balsamo de S. Thomé, o pau-sabão, o figo-porco, o pecegueiro da terra, a corda-agua, a copaybeira e a arvore izaquente, dão productos de que se não tem feito caso, mas que devem ser estudados para se distinguirem as gommas, as resinas, as gommas-resinas e as gommas-elasticas, e se conhecerem as propriedades da seiva do pau-caixão que aqui applicam na dor de dentes e a da corda-agua que usam como collyrio. A importancia e utilidade d'este trabalho é evidente se se atten-

tar a que é morosa a creação e formação de uma arvore, e a que se podem destruir arvores adultas muito proveitosas e de grande valor, se se continuarem a abrir fazendas ou roças e a derrubar o arvoredo ás cegas e ao acaso.

Este paiz tão rico e abundante em arvores, florestas, trepadeiras, arbustos e hervas, dará cento por um dos beneficios que receber; attesta esta verdade a sua historia agricola. Destruir as arvores inuteis, os arbustos e hervas ruins, e occupar os terrenos que elles deixam com arvores de reconhecida utilidade é um melhoramento que só as culturas em grande escala podem realisar; mas não deixar derrubar uma arvore adulta sem supprir a sua falta, se for necessario cortal-a, parece-nos uma providencia racional e em que os poderes publicos, como fomentadores do progresso colonial, não podem deixar de pensar, e para isso é necessario que as florestas da ilha não continuem a estar desconhecidas e abandonadas como até 1872.

Ha tres especies de lã ou algodão vegetal: a do algodoeiro, genero *gossypium;* a lã do ocá, genero *bombax,* a qual em Angola se denomina suma-uma, e a lã da *elacis guineensis,* que aqui se chama upá e em Angola ucúcu. A importancia d'estas substancias vegetaes em medicina é grande, embora se não appliquem com frequencia.

Os usos medicos do *gossypium* têem sido descriptos por differentes medicos naturalistas, e são muito importantes e variados.

Os quiabos *(Hibiscus esculentos,* de Linneu), o oleo ou azeite de côco e o oleo ou azeite de palma são excellentes emollientes, assim como a gomma do cajueiro e as malvas. Os quiabos entram na composição do xarope e pastilhas do celebre Naphé de Arabia.

A banana *quitibá* é empregada em muitos casos e applica-se nos furunculos como emolliente. O distincto medico naturalista, João Torrie, reputa as folhas das bananeiras como o melhor succedaneo do ceroto de spermaceti no curativo das superficies vesicadas.

O oleo de ricino e o de purgueira applicam-se em medicina com vantagem.

Será o tapa-olho a *euphorbia antiquorum* de Linneu? Pelo menos reputâmol-o uma especie das *euphorbiaceas.*

A polpa do tamarindo e as suas sementes, e tambem os bolbos do tamarindeiro, têem bom uso em medicina, assim como a polpa da cannafistula.

A corda-matri passa n'esta ilha por um violento drastico, e a casca da arvore cúlu-cúlu é considerada purgativa, propriedade que se attribue tambem ás folhas da alcova.

Enumerar todas as raizes que são applicadas pelos indigenas como

purgativas, sem lhe fazer a critica, é quasi inutil, e por isso nos abstemos de nomear muitas outras que nos foram indicadas.

Ha n'esta ilha a farinha da fructa-pão, de mandioca e de milho, araruta, cariná ou amido da fructa-pão e de mandioca.

O amido tem applicação em alguns casos medicos, e com a farinha de mandioca faz-se a chamada cataplasma americana. Ha outras applicações que é inutil nomear.

É bom o doce feito do fructo do guegue ou cajú, e o de goyaba tem fama e aconselha-se nas diarrheas e convalesenças.

Differentes succos de arvores e cordas são applicados como collyrios e adstringentes; e a parte aquosa do côco bebe-se com prazer, assim como o vinho de palma passa por diuretico.

São variadas e numerosas as folhas que servem para banhos aromaticos, refrigerantes e adstringentes, ou para cozimentos a que se attribuem grandes virtudes medicas. Como typo de uma receita popular, escrevemos uma das muitas que nos foram apresentadas e em que se nota o desejo de combinar substancias pharmacologicas para augmentar a actividade do remedio que querem applicar...

Casca de cajueiro preparada .... Uma porção
Folhas de sap-sap .... Uma porção igual
Folhas de goyabeira........... A mesma porção

Ponha-se a cozer, côe e tome aos copos.

Nas diarrheas

Os naturaes preparam da raiz de ototo uma especie de escovas com que cuidadosamente limpam os dentes; de cabacinhas ou suquês e das sementes da folha-conta arranjam brinquedos para as creanças; e das folhas d'estas hervas preparam banhos frescos em que as lavam. Do mussandá tiram visco para apanharem passarinhos, e nem por sombras lhes vem á idéa a importancia da arvore e do producto que extrahem.

Os habitantes das florestas, como os angolarés, parecem não precisar das mais insignificantes commodidades: desconhecem o tratamento medico nas enfermidades, a vantagem das estradas para caminharem, de casas para se abrigarem e de cidades para commerciarem; mas ficam surprehendidos por alguns phenomenos que não entendem e que se lhes apresentam todos os dias, e dão muita attenção a quem lh'os explica.

Viria a proposito fallar das lendas extraordinarias que se contam entre estes povos indolentes e preguiçosos, e explicar a rasão por que elles não offerecem o seu vinho de palma sem primeiro beber alguns tragos; mas isso seria afastarmo-nos do nosso fim, com mais proveito para a historia do que para a medicina.

ao exame da flora e da fauna angolense. Devem divulgar-se os resultados dos seus trabalhos e indagações scientificas a fim de serem conhecidas tanto na metropole como nas colonias. Procedendo-se assim, os medicos poderiam facilmente escolher, estudar e indicar as substancias que fossem uteis em medicina.»

Os estudos e exame das drogas e agentes pharmacologicos póde fazer-se se o governo encarregar pessoa habilitada de escolher, preparar e fazer conduzir para Lisboa os productos mais importantes, os fructos e flores das arvores, que lá mesmo podem ser classificadas e descriptas. O que é para lamentar é que os poderes publicos continuem a deixar ficar abandonadas as florestas da ilha, e a serem destruidas arvores adultas e de grande utilidade sem as mandar reproduzir ou sem prohibir que sejam cortadas sem necessidade. Uma arvore precisa de muitos annos para se formar, e seria sufficiente esta consideração para se proceder com toda a urgencia á exploração florestal, á classificação das madeiras e das arvores de reconhecida utilidade publica; e a par d'este estudo e classificação viria o conhecimento das arvores fructiferas, das de simples ornato ou de jardins e de todas aquellas que por alguma circumstancia se tornam recommendaveis. Os regulamentos de silvicultura são tão uteis como os livros ácerca da cultura do cacau, café, algodão, etc., e tanto aquelles como estes devem existir n'um paiz onde a agricultura está incipiente e seguindo completamente ás cegas.

O exame das hervas, arbustos e trepadeiras, e a sua respectiva classificação, deve ser feita conjunctamente com a das florestas, dos animaes e dos mineraes, pois são sempre mais faceis a um naturalista os trabalhos d'esta ordem do que a qualquer facultativo ou pharmaceutico, cujas occupações diarias não lhe permittem entregar-se ao exame e estudo dos productos de historia natural.

Este alvitre, tão necessario para o progresso das colonias em geral e da industria em particular, é de ha muito reconhecido, poisque existem ali ignorados productos que, se não se podem classificar como uma riqueza, podem innegavelmente trazer immensas vantagens quando explorados convenientemente. E para prova do que avançâmos podemos citar o decreto de 22 de outubro de 1874 pelo qual se concedeu a Francisco Ferreira de Moraes, subdito brazileiro estabelecido em Angola, o privilegio,

lhe cobre os restos mortaes precisâmos mais esquecer o que lhe offusque a memoria, e fazer o inventario de quanto deixou util e digno d'ella. Faremos assim a devida justiça ao finado, o qual teve o destino de tantos outros homens de sciencia, para os quaes, no fim da vida, mais se accumulam os desgostos e os contratempos do que lhes sorriem os motivos da propria satisfação.»

por dez annos, para exportação de um producto vegetal por elle descoberto, o qual, segundo declarou, é extrahido das quipomas e arbustivas canominume, e que é similhante á gutta-percha; e o decreto de 13 de outubro de 1875 que tambem concedeu o exclusivo da exportação, por quinze annos, a José Thomás de Figueiredo, das sementes da arvore conhecida em Africa pelo nome de pau-caixão, destinadas ao fabrico de vélas.

Estes dois privilegios tão modernamente decretados, hão de certo estimular outros exploradores a secundarem os esforços d'estes inventores, e acharão sem duvida no governo de Sua Magestade o auxilio que áquelles foi concedido.

V

Productos naturaes e de industria agricola e fabril da ilha de S. Thomé

> O solo d'esta ilha é apropriado a toda e qualquer plantação, quando ajudado pela industria e trabalho do agricultor; e assim observa-se que um grande numero de productos importantes e que fazem a principal riqueza n'outros paizes, n'esta provincia apparecem espontaneamente e nenhum uso d'elles se aproveita; entre outros, por exemplo, o anil, a purgueira, o carrapateiro, o amendobi, o algodão, etc.
>
> (Relatorio do governador José Pedro de Mello, acompanhando as remessas das amostras para a exposição de Londres, *Boletim official*, n.º 33, de 26 de outubro de 1861.)

1.º Productos do coqueiro[1]. — São variados os productos do coqueiro *(Cocos nucifera)*, e reputa-se uma das arvores mais importantes. Dá-se bem e existe nas proximidades de quasi todas as praias. As alamedas de coqueiros devem ser conservadas e cultivadas com todo o cuidado, poisque representam uma grande riqueza para esta ilha, onde já abundam e promettem maior desenvolvimento.

Em 1861, segundo os calculos officiaes, avaliava-se a producção de azeite de côco em 63:000 litros[2], incluindo a da ilha do Principe; em 1862

[1] Apresentaremos promiscuamente os differentes productos do reino vegetal, se bem que seria mais methodico reunil-os em secções separadas como, oleos, tintas, drogas medicinaes, alimentos e fibras. Na convicção, porém, de que para o nosso fim e segundo a natureza d'este trabalho o methodo que adoptámos é sufficientemente claro, não duvidámos de o seguir.

[2] *Boletim official*, n.º 33, de 26 de outubro de 1861, pagina 132.

podia manufacturar-se o triplo se se tratasse dos palmares e se aproveitassem o seu importante fructo.

O coqueiro é uma das mais bellas e productivas arvores da ilha de S. Thomé. Se actualmente se lhe dá pouco apreço, não é rasão para deixar de se citar com enthusiasmo. Tudo n'elle se converte em utilidade para o homem; e se a indole do nosso trabalho não comporta o sermos muito extensos na sua descripção, não deixaremos comtudo de indicar alguns dos seus productos e applicações.

O residuo que fica depois de se extrahir o oleo ou azeite serve para alimento do gado; e a palha é muito util e emprega-se em diversos usos, havendo differentes processos para a obter: applica-se em estofos, camas e cadeiras, cordas de primeira qualidade, chapéus, esteiras, etc.

A seiva, conhecida sob o nome de *vinho de palma*, é agradavel e refrigerante quando se bebe fresca[1]. A noz do fructo come-se, e a parte exterior tem differentes applicações.

Das folhas fazem-se vassouras e redes *(impialá)* para se defumar peixe e sardinha, e coales (especie de cestos mutetes em fórma de canastras).

Os palmares da ilha de S. Thomé estão abandonados, limitando-se os naturaes a utilisarem-se de alguns dos seus productos para consumo no paiz; mas poucos[2] ou nenhuns se preparam e exportam.

A palmeira de leque é abundante e encontra-se nos logares em que está a *cocus nucifera*, é, porém, muito menos frequente do que esta. Passa por dar productos tão importantes como o coqueiro da India, e tem o fructo mais pequeno.

Á palmeira ou coqueiro propriamente dito chamam em Angola *mateva*[3], e as suas folhas são boas para vassouras, chapéus e outras obras de palha.

[1] «O vinho da palmeira é o producto da fermentação alcoolica da seiva d'esta arvore. O liquido é adocicado no momento em que se extrahe, mas não tarda em fermentar: transforma-se em alcool, e quando recente e bebido em pequena quantidade é agradavel ao paladar; pela sua acção sobre o cerebro faz lembrar o vinho de champagne; estimula suavemente o estomago, e, moderado, conserva o ventre livre, e tem propriedades diureticas; o abuso porém, póde ser fatal.» (Veja-se o livro de Fonssagrives, traducção referida, pagina 490.)

[2] Nas fazendas de Agua Izé montou-se um engenho para a extracção do azeite ou oleo de côco. N'aquellas fazendas são grandes os palmares, e é o primeiro engenho d'esta natureza que se emprega na ilha para este fim.

[3] Nos *Annaes do conselho ultramarino*, pagina 345, lê-se o seguinte: «A palmeira chamada mateva é uma especie de hyphoene, cujas folhas dão optimo material para chapéus, vassouras, etc., e são exportadas para o Brazil com lucro consideravel».

O coqueiro ou palmeira conhecida pelo nome de *bordão* produz excellentes paus para redes e tipoias, como já dissemos, os quaes pela sua consistencia e pouco peso são empregados como os bambús, sendo tão bons como estes.

Os productos do coqueiro são pois de grande importancia e utilidade em muitas das necessidades do homem.

O oleo ou azeite de côco póde, em muitos casos, substituir o oleo de amendoas doces, e até nas pharmacias se applica na preparação dos oleosolutos. Não é sómente sob este ponto de vista therapeutico que elle se torna vantajoso; serve tambem para luzes, mas é necessario preparal-o convenientemente quando se lhe quer dar applicação mais delicada.

2.° Productos da palmeira. — A palmeira de azeite *(Elacis guineensis)* produz o denominado e já conhecido azeite de palma e tambem o de coconote, e uma especie de banha que póde ter diversas applicações. Muitas pessoas preparam as sementes *(andim)* para alimento.

Esta palmeira é mais baixa e mais grossa que o coqueiro e que a mateva, e os fructos d'estas arvores differem completamente uns dos outros.

Na *elacis guineensis* os fructos estão juntos aos ramos em fórma de uma grande pinha, e são da grossura de uma noz. Em cada semente ha uma parte externa fibrosa e oleosa, outra media e dura, e uma outra interna e solida. «Os cachos fructiferos de *dendem* têem a fórma de gigantescas pinhas ovato-pyramidaes, das quaes cada uma contém de trezentos a mil fructos [1].»

O azeite de palma está sendo muito apreciado na Europa, o que lhe augmenta consideravelmente a importancia e o valor; mas, apesar d'isso, os palmares continuam quasi abandonados, estando para ahi ao acaso, sem ordem, sem methodo e sem sciencia agricola.

Não querendo tornar-nos exagerados ao descrever os variadissimos productos das palmeiras que estão aclimadas n'esta ilha, damos por copia os seguintes trechos que o sabio naturalista Welwitsch escreveu:

«Uma das arvores mais fecundas e mais uteis da zona torrida, em Africa, é sem duvida a nobre palmeira de azeite *(elacis guineensis, jaque)* cujos fructos são geralmente chamados dendem, e por isso á palmeira muitos chamam *demdem*.

[1] Ás palavras do texto ajuntou F. Welwitsch a seguinte nota: «Um cacho de dendem que me foi offerecido pelo sova de Bango-Aquitamba em 4 de janeiro de 1855, continha seiscentos sessenta e quatro fructos bem feitos e trezentos setenta e sete outros menores, menos desenvolvidos ou abortados, o que dá a somma de mil e quarenta um fructos n'um cacho!!» *Synopse explicativa*, 1862, pagina 52.

«Com esta palmeira a providencia indemnisou os povos da Africa tropical da falta da oliveira, da videira e da amendoeira, pois ella fornece-lhes azeite, vinho e amendoas, e fóra d'isso ainda muitos trastes uteis na vida domestica.

«É notorio que o azeite de dendem, que na Europa chamam azeite de palma, forma um dos mais valiosos generos do commercio africano, mas o que não é tão sabido é que a cultura d'esta tão utilissima arvore, que era facilima na Africa portugueza, ainda não chegou a merecer a devida attenção nem da parte do governo, nem dos particulares, e muito menos dos indigenas que não raras vezes estragam as mais bellas palmeiras para d'ellas tirarem algumas garrafas ou cabazes de vinho. O azeite de coconote é particularmente procurado nos mercados europeus [1].»

Ao que escreveu penna tão auctorisada apenas acrescentaremos que na ilha de S. Thomé passam quasi desapercebidas as palmeiras, e não ha esperanças de haver quem anime e proteja a valiosa cultura do rei dos vegetaes.

3.º Productos da izaquente. — A fructa da izaquente é redonda, como já dissemos, e contém dezenas de sementes, as quaes se preparam para diversas comidas. Expõe-se ao tempo para apodrecer e largar as sementes; estas são postas ao sol, e depois de estarem bem seccas pisam-se, n'uma gamella apropriada, com uma bala de ferro, ou com seixo ou pedra espherica bastante pesado para se lhe poder facilmente tirar a casca. Acabada esta operação lavam-se e reduzem-se a massa, com a qual se preparam os alimentos dos libertos e dos naturaes.

A respeito d'esta arvore escreveu o mestre dos naturalistas da Africa as seguintes palavras:

«Os indigenas comem, depois de cozidos e descascados, os pinhões ou pequenas amendoas contidas no fructo, os quaes tambem são aproveitados para confeição de dôces e de orchata, emprego a que se prestam muito bem por causa do sabor excellente que communicam ás mencionadas confeições [2].»

É realmente de grande importancia esta arvore que conserva a folhagem sempre verde, representando o seu fructo um papel importante na alimentação dos naturaes d'esta ilha.

4.º Productos da arvore fructa-pão. — Sobre esta arvore dizia o abastado lavrador João Maria de Sousa e Almeida, n'uma exposição dirigida ao

[1] *Synopse explicativa*, paginas 53 e 54.
[2] *Synopse explicativa*, pagina 54.

governo a proposito da remessa dos productos para a exposição do Porto: «Seria de subida vantagem para a alimentação da população do paiz que v. ex.ª (o governador da provincia) houvesse por bem igualmente solicitar do governo de Sua Magestade, que póde facilmente sabel-o por meio das auctoridades da nossa provincia de Timor, o systema por que os indigenas da Oceania, para terem todo o anno e sempre em estado de bom alimento aquella fructa em conserva, por isso que no tempo da colheita aproveitam-n'a, e a superabundante guardam-n'a d'aquelle modo para as occasiões da falta. Esta utilissima fructa que é só de per si capaz, quando cultivada em devida escala, de sustentar constantemente um paiz inteiro, tem alem d'esta incalculavel vantagem a de poder ser secular na sua duração individual, e portanto poupar aos lavradores incessantes trabalhos da planta ou replanta a que todo o outro genero de cultura, para alimento humano, é sujeito annualmente[1].»

O fructo d'esta arvore produz farinha, amido, etc., e alem d'esta particularidade póde tambem ser empregada como arvore de sombra nas ruas das fazendas, nas estradas centraes que as grandes fazendas são obrigadas a abrir, e tambem, por parte da camara municipal, nas estradas publicas.

5.º **Productos do cajueiro.**—O cajueiro não só produz excellente gomma, mas tambem se obtem d'elle vinho de boa qualidade.

A gomma tem grande utilidade, e attribuem-lhe principalmente a importantissima propriedade de impedir a invasão das traças, o que a torna de certo altamente recommendavel na encadernação e invernizamento de livros, e no polimento de moveis de primeira ordem, e em muitas outras necessidades da vida; póde em alguns casos substituir vantajosamente a gomma arabica.

A importancia e utilidade do fructo é tambem reconhecida. Alem de grandes vantagens para os agricultores e habitantes da ilha, fica o cajueiro muito bem á beira das estradas, prestando a sombra aos viandantes e proveito a quem os cultiva com attenção.

Iriamos muito longe se nos fosse permittido expor algumas considerações ácerca dos variadissimos productos que se obtêem ou facilmente se podem obter do preparo ou da cultura das differentes arvores d'esta ilha; mas para se fazer uma idéa approximada dos importantes fructos a que nos referimos, damos a seguinte relação, chamando para ella a attenção dos amigos do progresso e colonisação colonial.

Canna saccharina, assucar e aguardente; urzella; milho, que pro-

[1] O *Boletim official da provincia*, n.º 31, de 5 de agosto de 1865.

duz como 1 para 400; feijão; gengibre; finissimos doces; balsamo; gomma, como a de S. Thomé, do cajueiro e producto da amoreira, com que os naturaes tornam os chapéus e casacos impermeaveis; fibras variadissimas ou fios de diversas ordens e cordas; tintas como a do urucú e do bugi-bugi; tabaco; sabão; farinhas, como a da mandioca, etc.; canella; borracha; oleos, como o de safú, de izaquente, de andim ou dendem, de côco, de purgueira, de ricino e de coconote; café e cacau, generos principaes e quasi unicos para exportação; serrarias; algodão e outros productos como upá ou lã da palmeira e lã de ocá.

Em vista, pois, do nosso fim, não podemos demorar-nos em considerações a respeito de cada um d'estes productos, os quaes tinham mais racional cabimento em livro especial, onde se fallasse tambem ácerca da producção do sal e petroleo, e da preparação de telha, vasos e outros objectos de barro, esponjas, coales ou cestos de differentes qualidades e feitios, cabaças grandes (ocos) e pequenas que abundam, e côcos preparados para diversos usos domesticos.

Não existem ainda serrarias montadas com methodo, ha apenas alguns fazendeiros que preparam as tábuas, esteios, vigas e soletas, nas florestas (obós) onde se lhes offerece mais commodidade e abundancia. N'estas circumstancias custam as madeiras um preço elevadissimo, podendo com os meios apropriados tornal-o moderado, vistoque a natúreza dotou o sólo d'esta ilha com as condições necessarias para uma producção abundante e de primeira qualidade.

Não está generalisada a cultura de pomares, de hortas e jardins. Alguns fazendeiros possuem jardins, poucos são os que têem pomares, e das hortas apenas se colhe alguma hortaliça para uso domestico e muito pouca vae ao mercado. D'este modo a hortaliça é rara e cara, podendo aliás ser barata e boa.

Não ha fabricas para a extracção dos variados oleos, de modo que do azeite de palma pouco se exporta e do de coconote não se faz caso! Para o fabrico do azeite de côco montou-se um engenho na fazenda Praia Rei, mas a falta de trabalhadores não só obsta a que se trate d'este ramo de commercio, como difficulta a exploração das florestas e do solo.

Aos poderes publicos cumpre remover as difficuldades que impedem o progresso da formosa ilha de S. Thomé, a qual póde augmentar os rendimentos do estado em *400:000$000 réis, livres de todas as despezas,* habilitando-se então a *ter um ou dois caminhos de ferro* para o local mais salubre, *estradas ordinarias* que ponham em communicação todas as villas e logares productivos, e finalmente a ter *jardins, alamedas e vastos passeios em volta da cidade, em logar de pantanos, de paúes e de charcos,* que actualmente possue.

VI

Comparação entre as differentes epochas no progresso agricola e commercial da ilha de S. Thomé

1.º Relação dos productos da provincia de S. Thomé e Principe que figuraram na exposição universal de Londres. — Café, cacau, algodão, anil (conhecido por *bugi-bugi*[1]), balsamo de S. Thomé (com alguns ramos da arvore e flores[2]), pecegos de S. Thomé (de infusão em boa aguardente), cassia ou canna-fistula, copé (com as folhas e flores das arvores e verniz), cola, côcos, (sobretudo da palmeira uloá), jalapa, izaquente (especie de grão de que muito se alimenta o povo), safú (fructo), inhame (diversas especies incluindo o côco), izá (fructas inteiras em aguardente), jaca (fructas em aguardente), malagueta, pimenta e cubebas (especialmente de Ajudá), mandioca, farinha de pau, tapioca e amidon, mil-homens (raiz medicinal), purgueira (oleo e sementes), polpa de tamarindos, tabaco em folha e fabricado, canna de assucar, aguardente de canna, azeite de palma, dendé (em caroço ou cachos), canella, pau-alcaçús, pau-guigó, pau-gogó, pau-nespera, pau-ová, pau-sangue, pau-vermelho, pau-azeitona, pau-cedro, sucupira, pau-viro, amoreira, caixão, ocá, upá[3] ou gamella, gofé, safu, pau-ribeira, pau-mastro, e terra ôcre de diversas côres.

Por esta relação, que foi mandada para Lisboa em 1861[4], vê-se com evidencia que n'aquella epocha poucos productos se conheciam da ilha de S. Thomé e Principe, poisque no districto de Ajudá nem ao menos se falla!

Para se tornarem bem salientes as epochas a que nos referimos, 1861, 1865 e 1872, passâmos a reproduzir a lista das madeiras e dos diversos productos que foram remettidos para Lisboa, segundo as publicações feitas no boletim da provincia e que muito convem divulgar[5].

[1] O anil e o bugi-bugi fazem differença; a tinta do bugi-bugi é preta.

[2] A arvore do balsamo de S. Thomé ainda não está scientificamente conhecida.

[3] Upá é o nome que se dá á lã da palmeira; não sabemos se em algum logar da ilha o pau-gamella tem este nome.

[4] *Boletim official da provincia*, n.º 24, de 17 de agosto de 1861.

[5] Parece-nos de muita vantagem que se formulem catalogos onde se designem e descrevam os productos remettidos para o reino, a fim de serem distribuidos aos fazendeiros e agricultores das colonias, de modo que na ilha de S. Thomé se

2.° Lista das madeiras[1], productos naturaes e da industria agricola e fabril das ilhas de S. Thomé e Principe no anno de 1861. — *Madeiras.* Agua, alcaçuz, ama, amoreira, azeitona, azemama, bebé, bôbo-bôbo, branco, bugi-bugi, bungá, cabra, caixão, cacuma, cadeira, cajú, capitão, cata-grande, cedro, clá-clá, coaco-branco, cola, colma-frio, culu-culu, cuspira, dumo, estalla-estalla, fede, figo-porco, gamella, glou, glou-congo, gufe, gogó, guegue, guegue-falso, guigó, imboló, inhé-bobo, inhé-branco, inhé-preto, iobó, jaca, jambo, laranja-mucambu, libó, luba, macambrará, malinboque, mangueira, marapiam, martro, me-me, micondó, mucambá, mucumblé, muindo, mule-mule, mussandá, nespera, nona, nona-concha, ocá, oleo, ová, paga-olho, paga-olho de marcação, tapa-olho, pecego, popiam, preto, quebra-machado, quebra-prego, guiné, guiabo, guime, ribeira, safu, salambá, sangue, sapo-sapo, setufi d'obo, soá-soá, sucupira, tabaque, tamarindo, upá, untuem, vara-plé, vermelho, viro, vum-vum, zamuma.

Productos naturaes e da industria agricola e fabril.—Aguardente de canna, algodão gomg, anil, araruta, azeite de côco, azeite de palma, balsamo de S. Thomé, batata doce, cacau, café, canna de assucar, canna-fistula, canella, carvão de caroço de palmeira ou dendem, celé-celé, cesto da folha da palmeira, coador de palha, cabra negra, cocas da palmeira ou caroço de dendem, cola, copé, dendê, escada de subir ás palmeiras, esponjas, farinha de pau, farinha de tapioca, fava, inhame, iza, izaquente, icocó, jaca, jalapa, limague, vermé, malagueta, mandioca, maquéqué, mendobin, mil-homens, ossame, pecego de S. Thomé, pimenta, malagueta comprida, polpa de tamarindos, popó, purgueira, safu, sal, sabão feito com azeite de palmeira, tabaco, tabatinga cancu, tamarindo, tapa-olho, urzella, balsamo de pau-mesa, gogo pombo, poto-poto, isa secco, canna preta, canna branca, fio de palmeira, lã de palmeira, carvão da casca da semente da palmeira, um coador e duas vassouras de palmeira.

Vê-se pela lista antecedente que se classificaram, entre as madeiras, paus, arbustos e cordas, e alem d'isso arvores que não servem para madeiras propriamente ditas.

conheçam os productos da India, de Moçambique, de Cabo Verde e de Angola, e n'estas os de S. Thomé.

As despezas da publicação seriam bem compensadas pela vantagem de se conhecerem na metropole e em todas as colonias as riquezas naturaes que possuimos e de que tão pouca vantagem tirâmos.

[1] Dos boletins do anno de 1861 e 1865 copiámos, como já dissemos, as listas que se vão ler. Pela nossa parte apenas tivemos occasião para entrar em tres florestas, demorando-nos duas horas em cada uma.

Nota-se tambem o diverso modo de escrever as palavras, e parece que são dados como paus diversos aquelles que têem differentes nomes.

A reproducção dos productos remettidos para a exposição de Londres satisfaz a tres fins muito importantes:

1.º Mostra o conhecimento que havia em 1861 das florestas da ilha de S. Thomé e Principe, assim como os productos que se conheciam, quer agricolas, quer fabris;

2.º A necessidade de se averiguar bem as denominações vulgares e a de substituil-as por denominações correctas e bem determinadas emquanto não se divulguem as scientificas;

3.º Serve de termo de comparação para se aferir o progresso agricola da ilha de S. Thomé desde 1861 até 1872.

3.º Lista das madeiras, productos naturaes e de industria agricola e fabril da ilha de S. Thomé no anno de 1865.— *Madeiras.* Agua, amá, amoreira, azeitona, balsamo de S. Thomé, bebé, bengue, cabra, cadeira, cachão, cajú, capitão, colla, cla-cla, colma-frio, canella, café, cata, chico-mone, dumo, figo-porco, fabão, fructo-instrelé, guigo, gofe, gogó, gambo, goiaba, gramati, inhé-branco, inhé-preto, inhé-bobó, iogó, ime-mé, izaquente, ingle-lé, jaca, laranja-mato, laranja-mucambu, lembá, libó, luba, mangueira, mucumblé, macambrará, muindo, muciquiné, mangue, miningobo, mamão, mule-mule, mul, nespera, obá, obatá, ocá, pecego, preto, preto-remedio, pagaoé (paga-olho), quimé, quiné, quedano, sucupira, salambá. sapopo, soá-soá, tabaque, uzubi, zamumo, viro, vermelho, untuan, vinte e quatro horas, pau-gamella e gucegue.

Productos naturaes e de industria agricola e fabril.—Café, cacau, azeite de palma ou de dendem, azeite de caroço de dendem, azeite de coco, azeite de iza, fructa-pão, fructa izaquente, preparado para extrahir o oleo e para alimentação ordinaria do paiz, pinhas de andim ou dendem, fructo da arvore izaquente, farinha de mandioca, canella, algodão, canafistula, caroço de dendem, pinhas de jaca ou fructo d'esta arvore, pimenta, malagueta, inhame, batatas, cócó, safu, colla (fructo), gengibre, mendobim, sal, semente de purgueira, batata doce, canna de assucar. figos do reino e romãs.

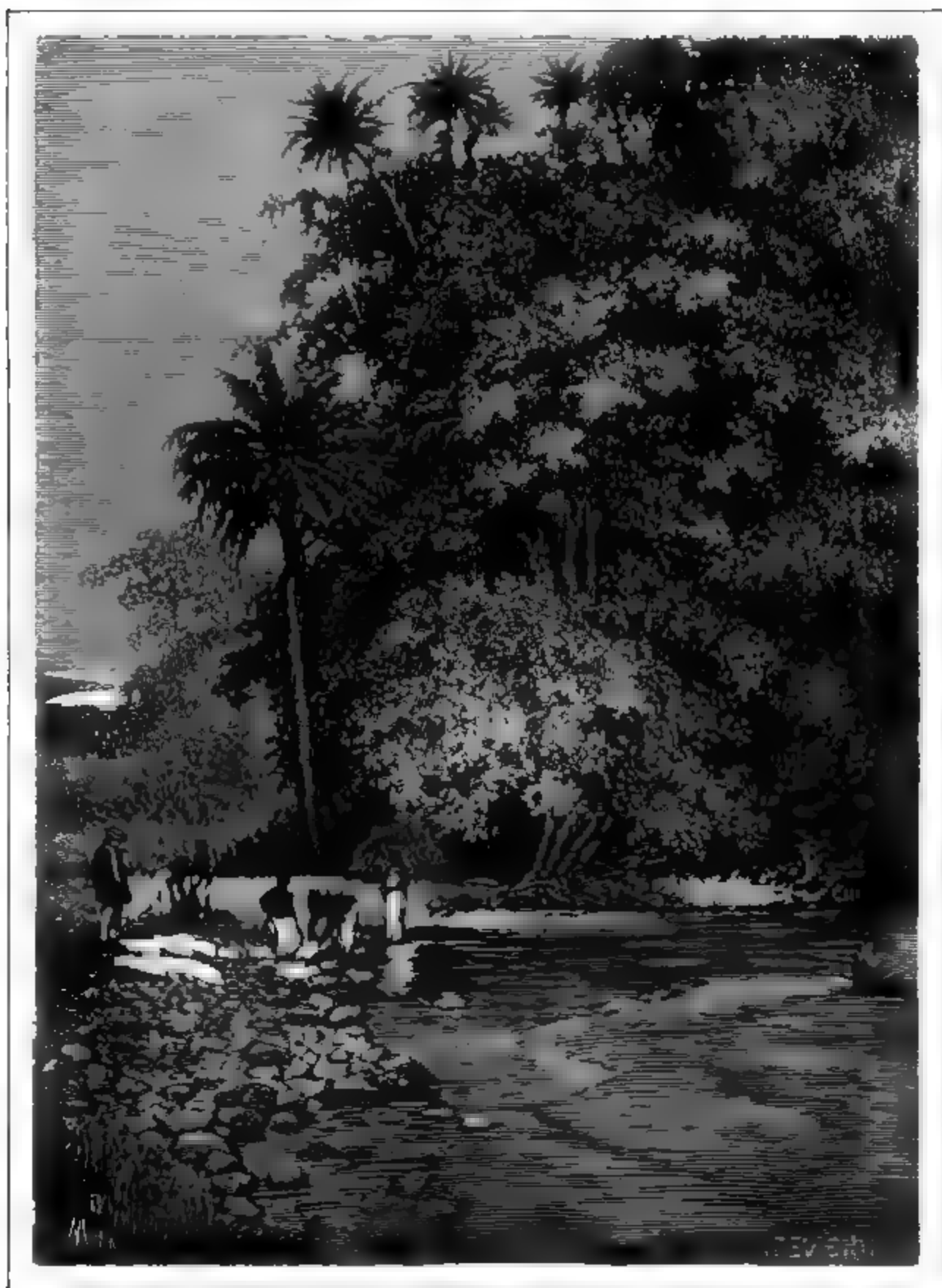
Ao terminarmos as nossas considerações ácerca dos productos da ilha de S. Thomé, diremos que as madeiras estão confundidas entre arvores ordinarias, fructiferas e até entre arbustos, como se vê, comparando a lista das madeiras referidas a 1861, a 1865 e a 1872, vindo a faltar n'aquelle anno 17 paus, que em 1872 foram dados como madeiras, emquanto que em 1861 faltavam 15 paus.

É certo, porém, que um grande numero de boas madeiras não é ainda

conhecido de todos, e que os paus recebem nomes differentes, segundo as localidades e até segundo as fazendas em que são cortados.

Nos capitulos anteriores apresentámos a importancia das exportações, as quantidades e qualidades dos diversos artigos, e outros esclarecimentos tendentes a mostrar a prosperidade, bem como a decadencia de algumas culturas, e por isso não podemos deixar de publicar tambem aqui o numero de exportadores dos productos dos reinos vegetal e animal nos annos de 1873 e 1874.

Exportadores de artigos coloniaes na ilha de S. Thomé nos annos de 1873 e 1874

Annos	Artigos			Numero de exportadores
1873	Café			152
	Cacau			55
	Azeite			4
	Madeiras			16
				227
1874	Araruta			2
	Azeite de côco			1
	Azeite de palma			4
	Balsamo			1
	Bambus			1
	Cacau			77
	Café			185
	Coconote			7
	Côcos			5
	Ginguba			2
	Gomma			1
	Farinha de mandioca			5
	Madeira	Barrotes		2
		Tábuas	De solho	6
			De mindo	1
		Vigas		1
	Opá			1
	Tartaruga			7
				309

Vista do rio Agua Abbade, a pouca distancia da foz, na ilha de S. Thomé.
Lavadeiras da fazenda Agua-Izé.

CAPITULO XV

Reino animal

> Parece que a classificação zoologica tem certa importancia, e os naturalistas que se occupam d'este estudo em Angola, por conta do governo, deviam passar alguns mezes em S. Thomé.
>
> (*Relatorio de 1869*, pag. 263 e 264.)

Aves, reptis, peixes, etc. — Bois, cavallos, cabras, etc. — Productos zoologicos

Jorge Cuvier dividiu o reino animal em quatro series, baseando-se nas modificações do systema nervoso[1]; a primeira comprehende os animaes vertebrados, a segunda os articulados, a terceira molluscos e a quarta os radiarios.

A classificação d'aquelle naturalista é geralmente seguida[2] e é a ella que nos referimos no presente trabalho.

1.ª Serie — Animaes vertebrados

Mammiferos. — Ha morcegos notaveis, que habitam em furnas, tanto na costa da ilha como nas margens de alguns rios[3]; é linda a especie de

[1] É pelo profundo exame da anatomia comparada que se demonstram as differenças materiaes dos centros nervosos do homem e dos animaes; no systema de Linneu foram reconhecidos os erros por meio d'aquelle exame, e tornou-se inadmissivel a sua classificação zoologica, e com pezar se vê os medicos não estudarem as doenças dos animaes, as quaes são ainda pouco conhecidas. Os progressos das sciencias naturaes são morosos, mas o *fiat lux* é a aspiração sublime e nobre dos obreiros do progresso.

[2] Na classificação de Cuvier o grande reino hominal está encravado na classe dos mammiferos, 1.ª ordem, 1.ª sub-classe; felizmente ficou primeira a todos os respeitos.

[3] Os morcegos têem o nome de *guembrise*. As furnas do Rio de Ouro são espaçosas e uma está a E. da ilha. Não se encontra ali uma arvore como aquella que o dr. Repin viu no reino de Dahomé (*Le tour du monde*, vol. 1.º, 1863, pagina 76).

doninhas que apparecem frequentemente; os ratos são muitos e prejudicialissimos nas casas e nos campos [1]; encontra-se uma especie de gato algalia, que deixa um cheiro muito similhante ao do almiscar; os cães reproduzem-se espantosamente e incommodam muito os habitantes da cidade [2]; os gatos são mansos; os porcos são medianos [3] e encontram-se bastantes bravos pelos matos; os cavallos são raros bem como os jumentos; ha bodes, carneiros, bois [4] e cabras. Ha uma só especie de macacos que causam damno ás plantações [5] e aos fructos.

Nas proximidades da ilha apparecem algumas baleias que não são apanhadas pelos naturaes, nem pelos navios americanos empregados na pesca d'estes mammiferos.

As lagaias ou teixugos são prejudiciaes porque comem as gallinhas; as ovelhas não têem lã que se possa applicar em tecidos; e ha apenas algumas mulas que, conjunctamente com os jumentos, já são empregadas nos trabalhos do campo, e tiram as carroças e auxiliam a difficil e morosa conducção dos objectos das fazendas para a cidade e vice versa: não obstante poderiam aclimar-se outros animaes de que se podesse tirar vantagem para o commercio e para a agricultura.

Aves. — São notaveis os milhafres e ha feias corujas; encontram-se andorinhas, cecias, rolas, pombos bravos e mansos; as codornizes são numerosas, assim como as gallinholas de Guiné e as gallinhas bravas ou do mato; podem ver-se alguns pavões; as garças são brancas ou escuras,

[1] Os ratos são grandes e multiplicam-se prodigiosamente; nos cafezaes sobem ás arvores, roem a casca e destroem os fructos.

[2] Os cães uivam muito de noite, o que causa desagradabilissima impressão; são ordinarios e de má casta e andam em grandes alcateas atormentando com seus lugubres uivos os habitantes da cidade, que se regosijam em lhes bater e maltratal-os.

[3] A carne dos porcos é saborosa, mas não tem boa fama; attribuem-lhe malefica influencia e asseveram especialmente que causa diarrhea, dores intestinaes e outros incommodos. Não a reputâmos prejudicial á saude, mas recommendaremos sempre que se faça parco uso d'ella. Lopes de Lima diz que a carne de porco era mais saborosa no tempo dos engenhos de assucar.

[4] Ha uma manada regular na praia das Conchas, e sabemos que não é pequena a da praia Rei e a de um morador da cidade. Pelos matos existem tambem alguns bois bravos.

[5] Os macacos causaram grande prejuizo nas primeiras plantações das cinchonas na fazenda denominada Rio de Ouro, as quaes em 1872, segundo as informações do fazendeiro, estavam alentadas e promettiam boa aclimação. São animaes tão damninhos como os ratos.

acompanhando aquellas as manadas de gado nos campos[1]; ha muitos patos, e são de um verde lindo os periquitos[2]; ha tordos, carniceiras, milheiras e pastelins.

Os ossobos são lindissimos, mas não se conservam em gaiolas[3]. Dizem que têem canto agradavel e sonoro.

Nomeiam-se a canobia, o inquieto tacli, o olho grosso, o pardal[4], moquem[5] o tordo, a carniceira, o melro, o falcão, o mocho, o rabo de junco, o cordivão, o estorninho, o xinxolo, o papafigo, o maçarico, etc.

São numerosas e variadas as aves na ilha de S. Thomé e algumas d'ellas têem particularidades que as tornam curiosas. Ha uma especie de passarinhos pequenissima, e a ave maior parece ser a gallinha de Guiné.

Pouca gente se entrega ao exercicio da caça, nem ella proporciona a distracção que n'outros paizes offerece.

Reptis.—Ha duas especies de tartarugas uma pequena e outra maior; a primeira denomina-se *sarda* e a outra *ambó*[6], aproveitando-se apenas a

[1] As garças brancas andam em numerosos bandos e á noite recolhem-se no reconcavo do morro Peixe, o qual olha para o mar; é surprehendente a vista d'aquella face do morro, a que se póde chamar com verdade *superficie lactea.*

[2] Os periquitos vendem-se a 100 e a 140 réis cada um, gostam muito de safú e acostumam-se facilmente ao milho pisado. Em 1872 foi o anno em que se exportou maior numero d'estas aves.

É notavel a circumstancia de não haver aves d'esta especie na ilha do Principe nem papagaios em S. Thomé.

O povo, na sua poesia sublime e rude, procura explicar estes factos, e dá como causa do phenomeno a guerra entre os falcões e os papagaios, que ciosos das suas terras não consentem que os outros lh'as devassem.

[3] A femea do melancolico ossobo não faz ninho para si; deposita os ovos nos dos outros passarinhos, que assim trabalham em seu logar. É de cores muito bonitas e agradaveis á vista, o que contrasta com o seu proceder egoista.

[4] Asseveram algumas pessoas que ha pardaes com canto.

[5] É triste o gemido do moquem e causa triste impressão a quem ao anoitecer percorre a ilha de S. Thomé; ha grande numero d'estes passaros.

[6] A caça da tartaruga faz-se em dezembro e janeiro ou desde outubro a fevereiro.

As femeas vem á praia para depor os ovos na areia. Ha pretos estacionados, e de vigia, que, quando ellas se preparam para a postura, se approximam voltando-lhe as costas; por este meio, conseguindo a caça, colhem tambem grande quantidade de ovos tanto em casca como em gemma, que vendem aos vintens. O macho é apanhado, ás vezes, em redes.

A tartaruga ambó tem armadura de má qualidade e é muito maior do que a sarda, de cuja concha se tiram treze cascos ou pedaços que se desarticulam bem. Da couraça não se faz caso. A carne d'estes dois reptis, depois de bem preparada, é saborosa e serve para alimento. Vende-se a peso, e os naturaes procuram-na com prazer.

casca das de especie pequena, que é fina e de primeira qualidade. Tambem se encontram os kagados, ou tartarugas de agua doce.

Encontram-se alguns lagartos, lagartixas e as innocentes osgas que habitam nos tectos e nas paredes das casas para apanharem insectos e outros animaes de que se nutrem. São muitas e variadas as especies de cobras, distinguindo-se bem a denominada cobra preta, a qual habita os matos e especialmente as terras do S.

Batrachios ou amphibios. — Ha rãs, sapos e salamandras. Da rã não se prepara comida alguma, como se usa em alguns paizes.

Peixes. — Apresentâmos a lista dos peixes que todos os informadores dão com o intuito de chamar para as ilhas a attenção dos curiosos, dos zoologistas e dos poderes publicos, a fim de que a pesca se faça com ordem, e possa constituir uma fonte de riqueza e de abundancia n'esta ilha, a todos os respeitos a primeira entre as primeiras do mundo tropical.

Eis aqui a lista dos nomes vulgares dos que ali se encontram:

Corcovado, cacon (especie de corcovado), selé (bom para comer), alada (optimo assemelhando-se no gosto ao savel), cherne (bom), sopa, vermelho da terra (bom), vermelho do fundo, pargo (bom), bica (bom), tainha (bom), carapau (de boa venda para os pobres), sardinha [1], bubú (tem muitas espinhas), usa ou raia, tubarão (gandú) [2], baleia, baleote, toninha, bôto, xinxim, garoupa (muito bom), sabão, rainha (pequeno), asno (bom), salmonete, agulha [3], mati-pombo, parenti (bom), bisugo ou besugo, bicudo, bonito (bom), caqui, mero [4], chuva, mulato, coelho (coê),

[1] A sardinha é pequena e parece haver differentes especies, mas não consta que haja alguma venenosa. Pesca-se á rede e vende-se a retalho nas praças depois de fumada e secca. Carregada em moletes, que são uma especie de cestos feitos de folhas de palmeira forrados de folhas de bananeiras, cada carga d'estas produz 3$000 réis.

[2] São muitas as especies de tubarões e alguns d'elles muito ferozes. Entre outros, contam-se o tubarão-marta, tubarão-toninha, tubarão-maria-agua, tubarão-côco, tubarão-toto, tubarão, tubarão-linteiro. O tubarão-toninha tem enormes dentes e é de todos o mais feroz. São frequentes em alguns logares da costa da ilha, e especialmente na ponta ou restinga Diogo Nunes. O tubarão é conhecido na terra pelo nome de *gandú,* e os naturaes comem-no depois de ter apodrecido; isto é, acham-no assim maduro!

[3] O peixe agulha é pescado ao candeio. Os naturaes juntam-se em numero de mais de cincoenta, approximadamente pelas sete horas da noite, e mettidos em canoas, formadas estas em linha, assim se preparam para o fisgarem quando vem ao lume de agua attrahido pela luz.

[4] É um dos grandes peixes da costa da ilha; chega a ter 3 a 4 metros de

barbado, mussangá, judeu, corvina, voador[1], cosinheira (bom), badejo, robalo, linguado, bodião, pacatá, prombeta, peixinho[2], malagueta, bobóqueinaá, lixa, boto, plogá, bagri, alambá, serra, moçangá, bonga, celvacora ou alvacor, bebecá, agulha-buzina, agulha-espada, coê ou coelho do alto mar, corta-olho (cortavê), morêa, barbado, olêlê, peixe-porco, bolhão, etc.

Esta lista contém as diversas especies de peixes, segundo as notas dos informadores que consultámos a este respeito[3]. Ha ali peixes bem conhecidos e já classificados; os nomes scientificos do maior numero estão em muitos livros, mas nós pretendemos apenas relatar ou informar e não fazer sciencia. Os livros d'esta ordem escrevem-se em condições, como se concederam aos naturalistas Anchieta e Welwilsch.

Os peixes multiplicam-se por meio de ovos, sendo estes deixados pelas femeas, nas praias, em logares abrigados. Nem todos procriam d'este modo, mas aquelles que andam mais proximos ás praias desenvolvem-se por este meio e d'aqui se vê o prejuizo que a pesca do chamado peixinho causa á riqueza publica da ilha.

A pescaria representa nos paizes civilisados um ramo de commercio notavel e concorre com vantagem para a alimentação publica; n'esta ilha não se attende a cousa alguma!

Com a enumeração dos peixes completámos as cinco classes dos animaes vertebrados ou a primeira serie dos animaes, segundo Cuvier, retirando da primeira classe o *reino hominal,* de que fallaremos no capitulo seguinte.

comprimento; é feroz e infeliz do homem que cair ao mar proximo ao logar em que elle estiver.

[1] Faz-se em junho e julho a pesca do voador, que apparece em grande abundancia. Os naturaes, n'estes mezes, carregam canoas e têem a singularidade de o pôr ao tempo para o comerem bem podre. Têem n'isto grande fé! Pescam-no tambem á linha, mas nos mezes referidos, sáem ao mar munidos de folhas seccas e palha, que espalham convenientemente, e o peixe, envolvendo-se ahi, facilmente é apanhado e passado para as canoas.

[2] O peixinho é apanhado na foz dos rios. Dois pretos collocados em pontos oppostos, pegam n'um panno bastante comprido, que emergem na agua, e esperam os cardumes, e quando estes passam por cima do panno levantam-no, colhendo assim milhares de peixinhos. Isto repete-se por centenares de vezes e em quasi todos os rios. Preparam-no depois em massa e é vendido a retalho na praça; tambem se come guisado. Esta pesca é prejudicial e barbara, e deve acabar.

[3] Aos srs. commendador Jacinto Carneiro de Sousa e Almeida e seu irmão o barão de Agua-Izé, Joaquim Antonio Bahia e Paschoal Barreto de Sousa e Almeida devemos a indicação dos peixes por elles conhecidos. Aproveitâmos a presente occasião para agradecermos tão valioso auxilio para os estudos d'esta ordem.

2.ª Serie — Animaes articulados

Insectos.— Ha muitas carochas e besouros; o louva a Deus; os grillos são de tres qualidades, e os gafanhotos frequentes; as formigas são de varias especies e uma d'ellas denominada *lobo* contém individuos grandes e avermelhados; as abelhas existem em enxames pelos matos[1]; apparecem borboletas grandes e de lindissimas cores[2]; as mariposas não desmentem o seu triste fado quando entram n'um quarto onde ha luz; as pulgas não são raras, as moscas são abundantissimas e as melgas de um incommodo atroz[3], assim como os mosquitos[4].

O bicho de seda exige para a sua propagação uma temperatura de 20° Reaumur ou 25° centigrados, e é por isso evidente que elles se podem aclimar nas fazendas altas desde a villa da Trindade para cima[5].

Ninguem poderá contestar a utilidade da creação do bicho de seda, e a sua introducção não se fará demorar muito, se o governo attender ás justas e imperiosas necessidades da ilha de S. Thomé.

Os estragos do cupim[6], os seus notaveis castellos de barro, que elle construe por entre os matos, são dignos de estudo e de observação. O bicho polvora, que, quando se lhe toca, exhala fumo com pronunciado cheiro a polvora, d'onde lhe veiu o nome, tambem deve ser examinado.

[1] Ás abelhas, que produzem o mel e a cera, não se lhes presta a menor attenção! Avalie-se por esta e por outras cousas as riquezas que ali se perdem!

[2] Ás vezes as borboletas apparecem em bandos extraordinarios, o que causa surpreza aos mais indifferentes, como succedeu em 1869; nas ruas da cidade passavam e volitavam milhões e milhões d'estes pequenos insectos, elegantes e pretos.

[3] O modo de afugentar as melgas e evitar o terrivel incommodo que causam é fazer uma fogueira á porta da casa se é terrea, e não se limitar sómente a defumar.

[4] Muitos são os pareceres dados com o intento de afugentar os mosquitos. Tem-se aconselhado a agua de Labarraque, que já experimentámos sem bom resultado; ha porém a tradição de que os ramos do pau ama têem a virtude de os afugentar dos quartos em consequencia do cheiro activo que exhalam. O melhor meio de os evitar é fechar cedo as janellas, ter um bom mosqueteiro e sacudir e limpar bem o quarto da cama.

[5] São numerosos os alto-planos em que é constante a temperatura de 25° centigrados. Se por desgraça nossa vivemos na localidade mais quente e mais insalubres, saiba-se ao menos que n'esta ilha existem logares salubres em que se podem levantar agradaveis vivendas.

[6] Os estragos do salalé, cupim ou thermes são grandes. Este insignificante animal faz prodigios. Chega a atravessar de lado a lado um monte de saccas, n'uma só noite, reduz a pó uma arvore e levanta montes de barro amarello que são da altura de um homem!

Myriapodos. — Abundam as centopeias nas casas, as quaes, quando são feitas de madeira ordinaria e se tornam velhas, contêem estes animaes aos centos.

Arachnides. — Ha muitas especies de aranhas, e as teias que algumas fazem são curiosas pela sua consistencia e lindo tecido; apparecem os lacraus e as tarantulas nas casas velhas.

Crustaceos. — Ha nos rios muitos e bons camarões, lagóstas e differentes especies de caranguejos, passando por venenosos alguns d'estes creados no mar, e que são em geral de côr vermelha; são brancos os *ciris*, e os do rio azues.

São quatro as classes da primeira sub-serie dos annelados, emquanto que na segunda se contam tres; mas referimos sómente duas especies.

Não consta infelizmente que haja sanguesugas n'esta ilha [1]; as minhocas servem de isco aos pescadores de anzol.

3.ª Serie — Molluscos

Esta serie de animaes, segundo a classificação de Cuvier, não tem sido estudada, sendo aliás muito curiosa. Damos apenas noticia dos molluscos verdadeiramente caracteristicos nas praias d'esta infeliz ilha.

Cephalopodos. — Encontram-se n'esta classe as lulas, o polvo, os argo nautas e as sibas.

Gasteropodos. — Os buzios, as porcelanas e as cypreas são abundantes, e a praia das Conchas gosa boa fama a este respeito pela quantidade que ali se encontra.

Acephalos. — As ostras são abundantes e ha outros numerosos molluscos, que dão variadas e lindissimas conchas.

4.ª Serie — Radiarios

N'esta serie ha cinco classes, mas apenas citâmos as especies de duas, as estrellas do mar, que são frequentes, assim como as esponjas tanto finas como ordinarias.

[1] As sanguesugas são ás vezes tão altamente reclamadas, que urge por todos os meios possiveis fazer com que ellas se aclimem na ilha. As que apparecem são importadas do Gabão.

Limitámo-nos a escrever os nomes vulgares de alguns animaes, tendo sómente em vista dar uma idéa da fauna da ilha de S. Thomé.

O serviço clinico está estabelecido aqui de modo que o facultativo mal tem tempo de descansar[1].

Se a fauna d'esta ilha não está explorada, a de Moçambique, a de Angola, a do Ambriz e a de Benguella começou ha pouco tempo a ser conhecida.

Tem aqui cabimento fazer menção do zeloso, intelligente e sabio director do museu de Lisboa, que procura por todos os meios ao seu alcance animar aquelles que se entregam a enriquecer a sciencia, expondo a vida nos inhospitos climas da Africa tropical e equatorial.

«Parece-me conveniente que se saiba que a nossa terra tambem produz homens dedicados á sciencia, e capazes de ir a climas inhospitos, arriscar a vida em seu serviço. Ha muito que admirar e aprender n'este generoso desprendimento de considerações egoistas, n'esta imprevidencia sublime com que se gastam os melhores annos da vida, não em grangear riquezas, o que exigiria n'aquellas regiões menos esforços e intelligencia, mas em dilatar o horisonte da sciencia á custa de sacrificios enormes. Não se acolha ao menos com indifferença ou com sorrisos de estupida commiseração a quem volta da Africa, tão pobre como para lá fôra, trazendo por unicos haveres alguns caixotes toscos, cheios, não de oiro ou de marfim, mas de pelles de mammiferos e aves, de reptis, de insectos, de mil bagatellas, adquiridas á custa de soffrimentos e de perigos que só á mais extremada coragem é dado affrontar e vencer[2].»

N'este pequeno quadro ha o brado do homem da sciencia em favor dos homens do progresso. Os facultativos e pharmaceuticos que vão servir no ultramar dão exemplos d'aquelles arrojados naturalistas, sacrificando a vida e o futuro das familias em prol da humanidade enferma e voltam ao paiz mais arruinados e pobres!

No *Jornal de sciencias mathematicas, physicas e naturaes* estão publicadas algumas listas das aves e reptis, principalmente do vasto reino de Angola, enviadas pelo naturalista J. Anchieta; com respeito á ilha de S. Thomé apenas encontrâmos as especies indicadas no n.º 2 do mesmo

[1] O facultativo do quadro n'esta ilha não póde sair da cidade sem licença; tem numerosos corpos de delicto que lhe exigem a assistencia, tem os navios que podem chegar ao porto de um instante para outro, e o serviço clinico do hospital é diario. N'estas circumstancias que fazer?

[2] Introducção á lista dos reptis das possessões portuguezas da Africa occidental que existe no museu de Lisboa, por J. V. Barbosa du Bocage, *Jornal de sciencias mathematicas, physicas e naturaes,* publicado sob os auspicios da academia real das sciencias de Lisboa, n.º 1, novembro de 1866, pagina 39.

jornal. de 1867, as quaes existem no museu de Lisboa. São valiosos estes trabalhos, e temos d'elles conhecimento porque o seu auctor, o sr. J. V. Barbosa du Bocage, nos offertou os numeros em que publicou as referidas listas; se assim não fosse talvez os desconhecessemos.

«Os trabalhos d'estes naturalistas deviam ser impressos, pelo menos, de seis em seis mezes, diziamos nós na pagina 259 do relatorio de 1869, de outro modo só tira proveito d'estas explorações um ou outro individuo que possa estudar as collecções remettidas para Lisboa.» E pensâmos ainda do mesmo modo, pois entendemos que só a maxima publicidade tornará bem conhecidas as riquezas das nossas possessões: ganha com isso a sciencia.

Vê-se pois que ha muito a fazer para a exploração, estudo e classificação dos animaes que habitam a ilha de S. Thomé.

Têem-se aclimado ali muito bem os bois, os carneiros, os cavallos, os cães e os porcos, e é muito util que se empreguem todos os meios possiveis para que estes mammiferos augmentem e se espalhem na ilha.

As cabras tambem se aclimaram e reproduzem-se maravilhosamente; o seu leite é bom e util, assim como o da vacca, que é mais raro.

O bicho da seda ou phalena da amoreira deve ser introduzido nas fazendas da Cachoeira, Monte Café, Alto Douro, Sacavem, Bemfica, Macambrará, Plato café, Quinta das Flores, etc.

A distribuição geographica dos animaes prova indirectamente que o homem tem unica origem, e se é cosmopolita conserva sempre as fórmas do centro commum d'onde partiu.

Nos polos predominam os molluscos, os peixes e os insectos, nos tropicos os leões, os tigres, e em fim os animaes maiores, mais elegantes e formosos; o homem originario da Asia, isto é, de um centro medio a respeito dos climas frigidos e torridos, não adquire fórmas bellas, elegantes e agradaveis nos tropicos, pelo contrario torna-se fraco e esverdinhado; se é branco chega a perder a sua côr, a qual de seculos para seculos se transforma em parda, negra, cobreada, etc.

Phenomenos particulares se observam tambem nos climas frigidos.

Os macacos não podem viver para lá dos tropicos; produzidos nos climas quentes ali têem a sua localidade propria sem a poderem ultrapassar.

Se os animaes estivessem nas mesmas condições do homem, seria inclassificavel o seu procedimento a respeito d'elles.

Os homens procuram obter raças puras de animaes, destroem umas, protegem outras, educam-nos para lhes serem proveitosos, e matam um grande numero d'elles para a sua alimentação. E poderiam obrar d'este modo sem que *as leis da natureza* o permittissem?!

O assumpto é vasto, e levar-nos-ia muito fóra dos limites do que nos

propozemos tratar, e por isso repetiremos apenas que os homens podem, segundo as leis da natureza, fazer dos animaes tudo o que desejem em seu proveito particular e da sociedade em geral.

«E Deus creou o homem á sua imagem e disse-lhe: Senhorea sobre os *peixes* do mar, sobre as *aves* do céu e *sobre todo o animal* que se move sobre a terra.» *(Genesis,* cap. 1.º)

Pelo que deixâmos dito vê-se claramente o quanto o solo da ilha de S. Thomé produz, e muito mais valiosos seriam os lucros a auferir se se cuidasse da sua exploração com o methodo e com as precauções que a sciencia aconselha.

CAPITULO XVI

Reino hominal

> **Os homens, pela estructura, pela força que os anima e vivifica, são inteiramente differentes de todos os outros seres; constituem um grupo com caracteres distinctos e exclusivos, devendo por isso formar um reino á parte — o reino hominal.**
>
> *(Relatorio de* **1869, pagina 273.)**

Origem. — Doutrina de L. Agassiz; theoria de Darwin; exame critico. — Unidade do genero humano. — Dispersão e formação das raças; sua reunião nas planicies banhadas pelo Tigre e Euphrates. — Caracteres distinctos e exclusivos no reino hominal.

Para darmos uma demonstração bem fundamentada da divisão dos seres que povoam a superficie da terra em *quatro grandes reinos*, são necessarios elementos que não é possivel obter n'uma ilha como a de S. Thomé, onde apenas se encontram poucos europeus, alguns americanos e asiaticos entre muitos africanos. É todavia certo que, sem pretendermos resolver a questão da origem do homem, podemos entrar n'ella, dizendo o que pensâmos a tal respeito.

Começâmos, pois, por observar que os africanos que povoam as ilhas de S. Thomé e Principe são muito similhantes aos europeus[1]. A elegancia de fórmas, o rasgado dos olhos, a disposição da testa e o porte agradavel, apparecem igualmente n'uns e n'outros.

Não serão certamente os angulos de Camper, a modificação dos pés, a grossura dos labios, a saliencia dos seios maxillares que hão de servir

[1] O negro de Guiné, depois de passar para a America, approxima-se do branco, não só quanto á côr da pelle, mas tambem relativamente ao craneo e á intelligencia; perdeu, alem d'isso, o cheiro caracteristico da sua raça.

É um facto do dominio da sciencia, que o negro independentemente do cruzamento com o branco, mas vivendo no meio d'elle, sob a acção do mesmo clima e com alimentação quasi identica, approxima-se do branco um grau por cada geração. *(Le Darwinisme,* par Émile Ferrière, 1872, pagina 392.)

para se pôr em relevo a differença entre os indigenas das ilhas de S. Thomé e Principe e os europeus que as habitam[1].

Á primeira vista acode logo á mente a idéa de que pretos e brancos são irmãos. Mas os *cafres, hottentotes, malaios, esquimaus* e outros individuos que elevam alterosa a cabeça, olhando sobranceiros para a terra e procurando dominar o espaço, estarão no mesmo caso em que se acham ali os pretos e os brancos?

As nossas considerações têem forçosamente de ser resumidas. Representam antes um voto do que uma demonstração. Cumpre-nos, porém, explicar o motivo que nos levou a estudar similhante assumpto e as rasões que temos para dizer que a verdadeira doutrina ácerca da origem do homem é affirmada pelos monogenistas[2]. Antes, porém, de entrar na parte principal da questão, parece-nos de alguma vantagem reproduzir aqui o que a tal respeito expozemos no relatorio do serviço de saude referente ao anno de 1869[3].

Eis-aqui o que ali se lê:

I

«A historia natural estuda o homem, os animaes, os mineraes, os vegetaes. É importante este estudo, e, postoque não seja compativel com a

[1] As ilhas de S. Thomé e Principe estavam despovoadas na epocha em que foram descobertas.

[2] Ao desembarcar na ilha do Principe, em 30 de setembro de 1867, mal julgavamos que iamos encontrar um preto no logar de escrivão do adjunto da fazenda publica. Na primeira conversação que tivemos, mostrou-se agradavel e revelou intelligencia clara. A cabeça era bem feita, e o rosto bem desenhado. Inspirava sympathia.

As nossas relações estreitaram-se durante a nossa estada na ilha e fomos sempre amigos. Este acontecimento, tão simples na sua essencia, dispoz-nos todavia para examinar uma questão em que haviamos entrado no tempo de estudante, mas sobre que não tinhamos idéas bem definidas.

Devemos, porém, confessar que a nossa posição de empregado publico não nos permittia estudar um assumpto que demandava observações muito especiaes e para as quaes não nos sobrava tempo. Perguntavamos muitas vezes a nós mesmos se os pretos teriam a mesma origem dos brancos, ou se teriam sido creados em epochas e em logares differentes. Formulavamos d'este modo uma parte da questão ácerca da origem do homem, e não podiamos chegar a qualquer resultado sem estudar os factos. Não o tendo podido fazer, cumpria-nos examinar os trabalhos dos homens de sciencia que se tivessem occupado do assumpto. Aqui apresentâmos os primeiros delineamentos do nosso estudo em tão importante questão. É apenas um ensaio.

[3] Estivemos na ilha do Principe desde 30 de setembro de 1867 até meiado do anno de 1868, em que passámos para a de S. Thomé.

extensão de um relatorio, julgâmos necessario mencionar o que a sciencia tem ensinado a seu respeito.

«De todos os problemas da sciencia humana, aquelles que têem o homem por objecto[1], são os que em todos os tempos offerecem grande e importantissimo interesse.

«Para uns, o homem é um reino da historia natural, e para outros, uma classe. Ha quem o considere uma ordem dos mammiferos, um genero e até uma especie do mesmo genero, na qual entram outras especies de animaes!!

«La Methérie disse:

«*O homem é a primeira especie do macaco, e, sendo organisado como elle, tem os mesmos costumes, os dos frugiveros.*»

«A consciencia propria falla mais alto do que taes discursos e palavras.

«A dignidade de cada um repelle immediatamente comparações, que, nem brincando, se podem admittir. Se em tal assumpto fosse necessario invocar a opinião de homens auctorisados, recorreriamos á de quem considerou o homem sem igual, ouviriamos Linneu:

«O homem é uma intelligencia, servida por orgãos, movidos por um agente dynamico; não está n'este caso nenhum outro ser da natureza.

«As descobertas a respeito da natureza e das suas leis, e o conhecimento dos seres que ella contém, levam e dirigem naturalmente as investigações para o homem, o mais perfeito ser de toda a creação, e marcam-lhe, por assim dizer, o seu logar, o seu principio e o seu fim.

«O homem está collocado na grande e extensissima cadeia dos seres organisados. Carus fez d'elle uma só classe; considerou-o a synthese de todo o seu quadro zoologico. Daubenton considerou-o o rei dos tres reinos da natureza, por não achar n'estes logar para elle.

«Entre humanidade e animalidade está um abysmo; não ha meio termo que possa fazer a transição.

«O orangotango, reputado o ser mais perfeito das familias dos macacos, está tão afastado da especie humana, quão proximo ás outras especies da mesma familia. Assim o escreve com muita rasão Macedo Pinto, hygienista portuguez.

«Os homens, pela sua estructura, pela força que os anima e vivifica, são inteiramente differentes de todos os outros seres; constituem um grupo com caracteres distinctos e exclusivos, devendo por isso formar um reino á parte, o *reino hominal*.

[1] Homo sapiens, creatorum operum perfectissimum, ultimum et summum. (Linneu.)

«O reino hominal não tem entre os seres creados, nem especie vizinha, nem consanguinea, verdade luminosa e bem assente inoculada no espirito de cada pessoa. Só a lembrança de consanguinidade entre um homem e um animal, um cão por exemplo, surprehenderia a imaginação mais fecunda em hypotheses, porque o sentimento de que o homem constitue um reino exclusivo, independente, com leis proprias, com ordem, harmonia e unidade, é natural, profundo, innato no coração de todos; é sentimento universal e absoluto.

«Esta simples, mas poderosa consideração, não é a principal.

«A especie *propriamente animal* foi, é, e será sempre a mesma; não é susceptivel de perfectibilidade, nem de progresso, e de *per si só* não é capaz de cousa alguma. Não queremos dizer com isto que os animaes sejam *irracionaes*.

«O homem é um ente racional, mas um cão, por exemplo, não é um ente irracional; é erro que deve ser banido da sciencia.

«Qualquer animal é susceptivel de se aperfeiçoar; a especie, não.

«Se um animal póde *individualmente* aprender e receber certa instrucção, não é capaz de a transmittir aos outros.

«Se assim não fosse, o que seria do homem?

«Poderia acaso resistir a uma alliança de todos os animaes contra si?

«Deus disse:

«Façamos o homem á nossa imagem e similhança, e senhoreie sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre o gado e sobre todo o reptil que se move sobre a terra.»

«Da palavra sagrada se conclue que os animaes não podem ligar-se contra o homem; pelo contrario, servem-lhe de pasto.

«Dos animaes póde dizer-se: *a geração de hoje será a de ámanhã.*

«O homem é capaz de progresso, tem reflexão, essa suprema faculdade, que não é mais do que a acção do espirito sobre o espirito; e note-se, possue um completo e perfeito meio de transmissão.

«Do estudo do espirito sobre o espirito nasce o methodo ou arte que elle não tem e desconhece absolutamente, e por elle é que o homem póde descobrir, inventar, comparar, imitar e progredir!

«O espirito de todos os homens é um só espirito universal e unico, que se continua de geração em geração e não acaba; teve principio e não tem fim. E na verdade o espirito é unico em todos os homens e em todos os tempos.

«Apresenta-se esplendido em Homero, em Virgilio, em Camões, etc., etc.

«Quatrocentos annos antes de Jesus Christo fallou Hippocrates, o

creador da medicina. A palavra do sabio de Cós, pronunciada ha dois mil duzentos sessenta e nove annos, passou através dos seculos e chegou até nós, revelando-nos muitos principios da sciencia medica, que se acceitam como se fossem escriptos em nossos dias!!

«E não provará isto a nossa asserção?

«Uma geração faz uma descoberta; a nova geração continúa, engrandece e aperfeiçoa essa descoberta. Porque?...

«Porque o espirito é um e unico em todos os homens e em todos os tempos.

«Pela sua natureza propria e exclusiva, pelo conhecimento do espirito pelo espirito, da rasão pela rasão, tendo por base a consciencia, o homem eleva-se ao intellectual, á rasão primitiva de tudo — a Deus.

«E que se passa de similhante entre os animaes?

«A natureza humana é formada por uma dualidade — materia e espirito, bem e mal, attracção e repulsão, saude e doença, geração e destruição, corrupção e vida! A natureza humana é composta, finalmente, de corpo e alma.

«Ora o espirito é unico e indivisivel, e está em toda a parte, assistindo igualmente ao que se passa, e fica-lhe depois o direito de julgar.

«Para o espirito não ha limites; a intelligencia do homem não se encerra, como a dos animaes, nos limites d'este globo; deixa o visivel pelo invisivel, e despindo-se da materia, vae perder-se nas contemplações do infinito. N'um só ponto reune o homem as maravilhas da natureza e as profundidades do abysmo; n'esse ponto, e ao mesmo tempo, vê reunido o que ha de grande, immenso e real; ha ali um pequeno mundo, um microcosmo! Tal é o poder da imaginação.

«E será esta faculdade uma *secreção do cerebro*, como querem alguns?

«Não, com certeza.

«Não ha em nós quem contradiga e condemne os pensamentos e as paixões más?

«É ou não real a consciencia?

«Como póde ser *propriedade da materia* o sentimento do infinito, que nem o tempo nem o espaço contêm?

«Como póde ser *propriedade ou secreção do cerebro* o sentimento do bello, que não tem modelo no mundo?

«Como se póde comparar ás correntes electricas, o sentimento moral que combate as nossas paixões?

«Quem explicará a natureza intima da consciencia, que nos condemna ou absolve?!

«O coração e o cerebro são o theatro de grandes maravilhas. Como explicar pelas propriedades da materia cousas tão oppostas e diversas — prazer e dor, amor e odio, amisade e desprezo?

«Como se podem admittir para tão variados productos os mesmos factores?

«Se os elementos da substancia cerebral dão, n'um instante, amor, como é que esses mesmos elementos, n'esse mesmo instante, produzem rancor e odio?

«Como se poderá explicar pelo numero dos elementos materiaes do cerebro e pelas suas propriedades, a existencia d'essa potencia que me leva, por meio do meu braço, a reproduzir n'este papel o que se passa dentro em mim, coordenando os conhecimentos adquiridos na leitura dos mestres da sciencia?

«Bem demonstrado fica que o homem deve ser estudado physica e moralmente.

«Para ser moralisado apresentam-se os exemplos do bello, da verdade, da virtude e do bom. O homem inclinado á imitação eleva-se, e segue com passo firme na senda do progresso e da civilisação.

«O homem physico, porém, para se purificar e aperfeiçoar, tem de attender á acção combinada do ar, das aguas, dos logares, das subsistencias e de mil outras circumstancias, que deve conhecer para as saber aproveitar ou para saber fugir d'ellas.

«Pertence esta parte á hygiene, e aquella á physiologia moral.»

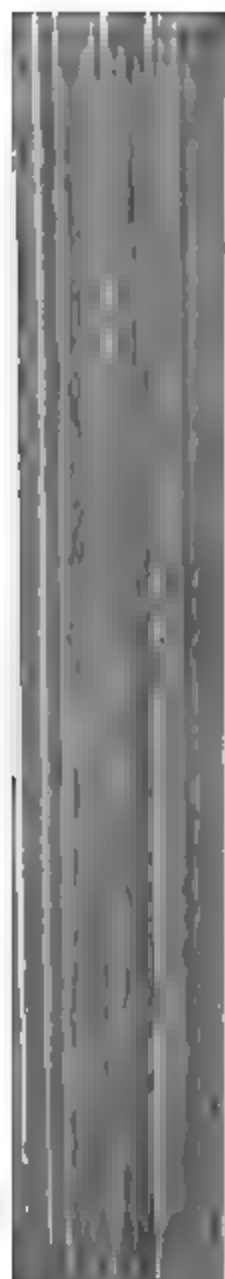
II

«Tem-se escripto muito ácerca do importante assumpto — unidade ou multiplicidade da especie. Não discutimos este ponto para defender os textos biblicos, nem para repetir a ultima palavra da sciencia. Apresentâmos as nossas observações, unindo-nos áquelles que proclamam a *unidade* de origem no reino hominal.

«Os usos e os costumes modificam muito as fórmas do corpo humano, de paes a filhos, de filhos a netos, e assim por diante se vão transmittindo essas modificações. Não é preciso fazer uma historia ethnographica minuciosa para se conhecer que entre as familias que povoam a terra não ha differenças profundas, absolutas e exclusivas.

«Os pés, as *cadeiras*, os beiços, o nariz e a fórma da cabeça variam muito dos brancos para os pretos, e até de pretos para pretos. São caracteres exteriores e accidentaes.

«As articulações podem modificar-se á maneira que a creança cresce.

Rio, bahia da Praia Rei e habitação da fazenda Agua-Izé, 12 kilometros distante da cidade

É pela educação que o arlequim faz ás pernas e aos braços o que não faria sem risco de os quebrar quem não estivesse educado.

«A tracção constante das orelhas e dos beiços torna-os maiores; a falta de cuidado com a cabeça torna-a defeituosa e até desastrada; o mesmo acontece com os pés. Sabe-se que ha povos que tornam os pés das mulheres tão pequenos que ellas mal podem conservar-se em posição vertical!

«A côr da pelle varia do preto ao branco por differentes gradações de cores, segundo as latitudes. Os phenomenos meteorologicos e geologicos reunidos actuam sobre o homem fazendo dominar mais uns elementos do que outros. Entre os europeus encontram-se casos bem distinctos, não só na côr, mas até no systema nervoso, no sangue, musculos, etc., etc. O que dizemos das partes physicas, verifica-se nas qualidades moraes.

«Na ilha de S. Thomé deparam-se pretos bem apessoados e pretas formosas; os nativos de Cabo Verde são mais claros que os da ilha de S. Thomé.

«A classificação dos individuos que constituem o reino hominal, assenta portanto em caracteres exteriores, muito variaveis. Não são exclusivos de um povo; são o resultado das modificações dos climas, que actua constantemente e de um modo muito energico sobre as funcções da pelle e sobre alguns dos orgãos essenciaes á vida; é o resultado da educação, dos usos e dos costumes, modificadores poderosos da fórma de muitos orgãos.

«Os negros occupam uma grande parte da Africa. A sua côr não é igualmente negra, os labios não são grossos e salientes em todos os povos d'esta região: o nariz, se é muito chato n'uns, n'outros apresenta uma fórma regular, etc., etc.

«Se pelos caracteres exteriores provenientes da acção dos climas e dos usos e costumes das familias, querem alguns naturalistas classificar differentes raças de individuos com origem propria, independentes, hão de forçosamente admittir que a propria raça negra teve origens multiplas, e tantas quantas as differenças exteriores que se notam na cabeça, nos cabellos, na côr, no rosto, nos pés, nas bacias, que são enormemente largas em algumas pretas.

«Transplantem os negros para os climas temperados, e os brancos para os climas da Africa, e observarão no fim de alguns seculos um quadro inverso d'aquelle que se observa no seculo actual.

«Os factos que auctorisam estas asserções sobresairão muito com o progresso e civilisação de Africa, estreitando-se as relações entre os povos de Angola e Moçambique e a nação portugueza.

«Com o andar dos tempos veremos os brancos estabelecerem-se em muitos logares dos tropicos e os negros nos climas temperados; o que hoje parecerá utopia, será então realidade. O estudo comparado dos differentes climas inter e extra tropicaes está pouco adiantado; mas é já incontestavel que as febres paludosas faltam n'um grande numero d'elles, e que a aclimação é realisavel nas localidades não palustres.

«A unidade da origem, a existencia absoluta, independente, de todos os seres creados, animaes, mineraes e vegetaes, e a sua creação divina constituem problemas importantes que se estudam em zoologia, anatomia comparada, physiologia e ethnographia. Não cabe nos limites de um relatorio a discussão ampla a respeito d'estes assumptos, e ainda menos o seu desenvolvimento scientifico. O conhecimento que temos dos homens pretos e brancos, as idéas que se advogaram n'este paiz suppondo o preto como um animal, determinaram-nos a fazer algumas considerações ácerca da natureza do homem, do seu logar na terra e da sua missão. Não resolvemos, indicâmos.

«O espirito humano tem poder para realisar grandes descobertas uteis á perfeição do homem, tanto individualmente como em commum; é um só em todos os homens, em todos os tempos e em todos os logares. A origem foi a mesma para todos. Conserva-se o espirito em germen quando lhe falta a educação, a comparação e a imitação; tres poderosas alavancas que arrancam do esquecimento o filho do pobre humilde ou fazem universalmente conhecido quem nasceu ignorado.

«O que se dá entre os brancos vae acontecendo entre os pretos, e póde verificar-se n'um homem de qualquer paiz.

«É impossivel admittir origens diversas do homem, dando-se um espirito susceptivel de se educar e de produzir maravilhosas descobertas, podendo ser continuadas, aperfeiçoadas por differentes homens, em differentes tempos e em diversas regiões do mundo.

«A origem do reino hominal não póde de modo algum ser multipla. O homem pelo pensamento póde livrar-se por momentos da materia, e elevar-se a outras regiões e observar do alto o que se passa na terra que elle vê, notando em todas as suas diversas partes a harmonia e a unidade que se enlaça e domina. Reconhecem esta faculdade do espirito todos os materialistas. O auctor da *força e materia* ministra os principaes argumentos em favor das nossas asserções. É o que demonstraremos em trabalho especial.»

Origem do homem.—Cumpre-nos expor as theorias ou doutrinas dos sabios que se têem occupado d'este assumpto, e faremos depois as apreciações que nos parecerem mais adequadas. Bem sabemos que a solução

d'este importante assumpto não é facil, poisque se de um lado está Darwin e os seus sectarios, do outro levanta-se o voz de Emile Ferrière, Foissac e outros que se declaram monogenistas, e demonstram á saciedade que a especie humana tem uma origem unica, independente.

Não são poucos os sabios que tratam d'esta questão na sua verdadeira altura. Está sem duvida n'este caso Emile Ferrière, o qual, depois de analysar com imparcialidade a theoria do naturalista inglez, diz o seguinte: «O que tem prejudicado a theoria de Darwin são as exagerações dos seus partidarios, á frente dos quaes se acha Ernest Haeckel [1].

Para se fallar ácerca da origem do homem é indispensavel conhecer o que é especie organica, base de toda a classificação [2]. É sobre este ponto que assenta a discussão, e não podemos deixar de indicar as idéas a tal respeito apresentadas por dois dos naturalistas mais eminentes que se têem occupado d'este grave assumpto. Referimo-nos a L. Agassiz e a C. Darwin. Não é indifferente tambem a opinião dos naturalistas que com mais cuidado têem tratado a questão. Aqui inscrevemos as d'aquelles que se podem considerar mais distinctos [3].

Especie organica segundo Buffon [4].—Este eminente naturalista diz que a especie organica tem por base uma funcção e não a fórma, a physiologia e não a anatomia. O caracter positivo da especie é a *fecundidade continua*. É esta propriedade que dá a unidade e a realidade da especie, assim como determina a fixidade e constancia. Deve reputar-se como a *mesma especie* aquella que se perpetua por meio da geração conser-

[1] *Histoire de la création des êtres organisés d'après les lois naturelles*, par Ernest Haeckel, traduite de l'allemand par le docteur Ch. Letourneau, 1874.

Esta obra appareceu pela primeira vez em 1868. Comprehende as conferencias feitas durante o inverno de 1867 a 1868, e não foi precedida dos trabalhos preliminares a que Darwin se soccorreu para levar a cabo o seu trabalho. Um estudou a natureza, outro examinou principalmente os livros dos naturalistas, interpretando-os a seu modo. Nas viagens e estudos a que se entregou Haeckel ía preoccupado dos principios que desejava demonstrar, poisque já na idade de doze annos, segundo um dos seus biographos, *tinha duvidas ácerca da existencia e legitimidade das especies*. O observador deve estudar os factos sem a menor preoccupação. A phantasia individual, observa um esclarecido escriptor, a imaginação, as idéas preconcebidas são muitas vezes causa involuntaria de grandes erros, e fazem sempre ver as cousas sob um aspecto de vista differente do que ellas têem na realidade.

[2] Tornar-se-iam demasiado extensas estas considerações se quizessemos fallar tambem a respeito da variedade do genero e cruzamento das raças.

[3] Seguimos a disposição que se acha no diccionario de Larousse a que nos referimos.

[4] Buffon mudou de parecer.

vando a similhança d'essa especie e como especies differentes as que pelo mesmo meio não podem dar producção.

A especie d'este modo fica claramente designada. Assim, todos os individuos que produzem outros individuos similhantes são da mesma especie. O homem está n'este caso. Tem uma origem unica, poisque os homens de todos os grupos, de todas as regiões e de todas as cores misturam-se e produzem individuos similhantes entre si e aos progenitores.

Especie organica segundo Cuvier.—Este eminente sabio pertence á escola positiva. Defende a estabilidade da especie que, segundo sua opinião, comprehende não só os individuos que descendem uns dos outros ou de paes communs, mas tambem aquelles que se lhes assimilham tanto quanto elles se assimilham entre si. A natureza, observa o sabio naturalista, impediu a mistura das especies, desenvolvendo n'ellas mutua aversão.

D'este modo não se alteram as especies, conservando-se sempre independentes. O que, porém, é um facto incontestavel na especie hominal, deixa de o ser nas differentes especies animaes, o que prova que entre humanidade e animalidade ha um abysmo insondavel.

Especie organica segundo Flourens.—Para este naturalista a especie é caracterisada pela fecundidade continua. A idéa de similhança é apenas um accessorio e não serve para definir a especie[1].

Especie organica segundo M. Quatrefage.—Este naturalista diz que a especie tem alguma cousa de primitivo, de fundamental. A especie, segundo este sabio, é a reunião de todos os individuos, mais ou menos similhantes entre si, e que descendem ou podem descender de um par primitivo, unico, por meio de uma successão ininterrompida de familia.

Esta definição é, na sua essencia, como a de Cuvier. A filiação é o caracter da especie.

Especie organica segundo L. Agassiz.—Este eminente naturalista rejeita não só a definição e parentesco, mas tambem o systema de unidade originaria de cada especie segundo uma origem commum, um par primitivo.

A especie, segundo este sabio, não tem realidade, a realidade está no individuo. Os individuos não formam a especie, representam-na temporariamente. A especie é, pois, uma entidade ideal. Existe emquanto não

[1] Flourens procura determinar ou precisar as relações que ha entre a idéa de *especie, genero e raça.* A fecundidade continua, segundo este sabio naturalista, caracterisa a especie, e a fecundidade limitada designa o genero. A perhereditariedade, isto é, a propriedade de herdar as variações adquiridas, determina a raça.

desapparecem os individuos que a representam. Mr. Agassiz admitte as creações successivas; e se os individuos da mesma especie se ajuntam na procreação é porque a natureza os formou para isso e não para lançar os fundamentos da sua especie.

O naturalista suisso tem um modo de ver muito especial a respeito da creação. Não admitte a unidade da composição organica, nem a variabilidade das especies, nem a unidade da creação. As raças humanas, segundo Agassiz, são fórmas distinctas, primordiaes do typo humano.

Especie organica segundo Lamarck e *Mr. Darwin.*—Segundo estes naturalistas a especie organica não tem um caracter primitivo, absoluto, constante. Resulta, pelo contrario, das variações progressivas accumuladas no mesmo individuo. A especie representa por assim dizer um momento da evolução vital que vae estabelecendo as differenças entre os seres vivos, e separando-os uns dos outros. A variedade n'este caso é uma especie nascente.

As divergencias que se notam entre os naturalistas que acabâmos de citar não são totalmente differentes. Definem a especie segundo a importancia que ligam a um ou a outro dos caracteres por que a podem distinguir. Tomam por base idéas subjectivas e não a realidade objectiva, os factos palpaveis. Agassiz, porém, tornou-se notavel pela originalidade da sua opinião, mas não chamou a attenção do mundo scientifico, como a theoria de Darwin. Esta tem sido largamente discutida e merece detido exame.

O naturalista inglez Carlos Darwin no seu importante livro: *A origem das especies por meio da selecção natural ou luta para a existencia em a natureza* [1] revela grande saber e elevado estudo. A sua theoria, porém, vale mais pelas leis naturaes que n'ella se contém, do que pela conclusão a que se quer chegar. Mas, justo é confessal-o, o trabalho do sabio naturalista acha-se exposto com toda a clareza. Ha ali verdades inconcussas, a argumentação é leal e vigorosa. Aquella robusta e potente intelligencia não é de certo a modificação de um macaco, nem a transformação de um cão. As forças naturaes não produzem, não geram individuos que as dominem, expliquem, prescrutando-lhes os mysterios, dizendo o que ellas valem e dando-lhes direcção. Se o homem fosse creado pela natureza não seria composto da alma, cujas faculdades illuminam o mundo. A electricidade é maravilhosa, mas sem a mão do homem seria inutil. A vegetação é esplendida, mas se o homem não a devastasse, se não transpozesse as sementes de um para outros logares, se não substituisse

[1] *L'origine des espèces au moyen de la sélection naturelle ou la lutte pour l'existence dans la nature,* par Charles Darwin, M. A., F. R. S., traduit sur la sixième édition anglaise, par Ed. Barbier, 1876.

umas arvores por outras, a terra seria uma mata immensa, para que ninguem olhava. Os cavallos que servem de meio de conducção do homem, os cães que lhe servem de companheiros e até de amigos, os bois que lhe dão alimentos, assim como as aves e os peixes, podem acaso adquirir uma alma sob a influencia das forças naturaes?...

Mas deixemos estas considerações, e passemos a fallar do celebre naturalista inglez.

Nasceu em Sprewsbury no anno de 1809, e aos vinte e dois annos de idade obteve o grau de doutor em sciencias naturaes. Foi logo em seguida admittido na qualidade de naturalista n'uma expedição, tendo occasião de visitar o Brazil, o estreito do Magalhães, a costa occidental da America do Sul e differentes ilhas do oceano pacifico. Regressou d'esta viagem no anno de 1837 [1]. Impressionára-o, durante a exploração dos territorios em que tocou, o modo por que se acham distribuidos os seres organisados que povoam a America do Sul. Resolveu, pois, estudar os factos que observára com toda a attenção, e não se tem poupado a trabalhos nem a fadigas para o conseguir.

No fim de cinco annos de aturado trabalho formulou os primeiros delineamentos da sua importante theoria, e em 1844 transformou as suas observações n'uma memoria em que indica os resultados dos seus estudos.

São indispensaveis estas informações não só para conhecer o sabio inglez, mas tambem para lembrar que as obras d'aquella ordem não se escrevem em pouco tempo.

Publicada a memoria a que nos referimos, sete annos depois da viagem e oito depois de concluir o curso de sciencias naturaes, Darwin continuou o estudo com assiduidade, e no fim de vinte e dois annos dava á luz o seu livro sobre a origem das especies e fazia uma revolução em sciencias naturaes.

Propoz-se sustentar que as especies animaes e vegetaes não são immutaveis. Mostra-se convencido de que as especies que pertencem ao mesmo genero descendem directamente de outra especie extincta, assim como as variedades reconhecidas de uma especie, qualquer que ella seja, descendem directamente d'essa especie. Diz o sabio naturalista, finalmente, que a selecção natural representa o principal papel na modificação das especies, não devendo esquecer a influencia que outros agentes exercem tambem.

D'este modo estão definidos os campos. Não ha meio termo. Entra-

[1] Em Larousse dá-se a chegada do dr. Darwin no anno de 1836; mas na obra supracitada diz o auctor que chegára no anno de 1837.

remos, pois, na questão examinando os argumentos que se apresentam de um e de outro lado, e acceitaremos a que nos parecer mais conforme á sciencia, á rasão e á verdade.

Devemos notar, antes de seguir mais adiante, que o proprio Darwin confessa que, por muito tempo, acceitára a opinião geralmente seguida de que cada especie tem uma creação independente, um principio determinado, uma origem unica.

Vira-se, porém, obrigado a mudar de opinião, procurando demonstrar que a natureza tem em si o poder de crear. A doutrina de tão eminente naturalista fez epocha, e são numerosos os seus sectarios, para os quaes o Deus da creação é a selecção natural. É um Deus.

Pela nossa parte reputâmos a selecção natural como a expressão de um facto, mas não como uma força capaz de tirar alguma cousa do nada.

A theoria de Darwin não tem o consenso geral, e outros homens abalisados apresentam argumentos completamente differentes sobre a origem do reino hominal.

O dr. Foissac escreveu, em 1873, o seguinte:

«Quoique des novateurs insensés aient prétendu le contraire, il n'existe pas une moindre séparation entre les diverses classes d'animaux qu'entre ceux-ci et l'homme. Les espèces sont stables, immuables.»

Este sabio medico é ardente sectario da conservação ou immobilidade de cada especie com seus caracteres physicos e moraes. N'isto consiste a lei da hereditariedade. Mas se o dr. Foissac se exprime d'este modo, Émile Ferrière demonstra á saciedade que os homens tem uma origem unica.

Diz Émile Ferrière:

«O que separa os monogenistas e os polygenistas é a maneira por que elles encaram a especie[1].»

Os monogenistas dizem que a especie tem por caracter essencial a filiação; é a especie physiologica. Os polygenistas tomam para base da definição de especie a estructura e a fórma; é a especie morphologica.

[1] A discussão entre os monogenistas e polygenistas, diz Émile Ferrière, tem sido acalorada. Envolveu-se no principio com uma questão religiosa e com uma questão social.

Como a Biblia ensina que os homens descendem de Adam e Eva, os que seguem a doutrina da Biblia fizeram-se monogenistas; os que atacavam aquelle livro, por um sentimento de hostilidade, adoptaram a opinião dos polygenistas.

Os partidarios da escravatura, na America, sustentaram o polygenismo, a fim de collocar os negros, suas victimas, n'uma especie inferior. O negro não era irmão do branco, era uma especie de intermediario entre o branco e o bruto, devendo ser tratado como os outros animaes,

A especie é unica, e as variedades que n'ella ha são o resultado dos climas. A especie humana viaja e não emigra, colonisa, adapta-se ao clima, o que não acontece em geral aos animaes.

Dispersão e formação das raças[1]. — Se podesse ser admittida a pluralidade de origens, seria preciso provar que em differentes pontos da terra, em condições de temperatura mui diversas, appareceram individuos com brilhantes faculdades affectivas e intellectuaes.

A hypothese mais racional é que o primeiro homem foi creado em alguns dos pontos da antiga Média e collocado no golfo persico nas planicies regadas pelo Eufrates e Tigre, que ali se formou a primeira familia, e os seus descendentes occuparam os terrenos que se estendem ao oriente, até ao mar Vermelho, e ao occidente até ás margens do Oxus que desagua no mar de Aral.

Eram então desconhecidos os processos, ainda os mais elementares, da agricultura, e os rebanhos, principal riqueza d'aquelle tempo, torna-

[1] Temos diante de nós um folheto, cujo titulo é assim designado: *Ensaio de philosophia anthropologica*. 1.º fasciculo. Agentes de transformação e classificação das raças humanas. Coimbra. 1875. É seu auctor Pedro Gastão Mesnier, o qual começa o seu escripto por estas palavras: «Depois de ter vivido durante bastante tempo em contacto com muitas variedades da especie humana, julguei dever apresentar ao publico o resultado dos meus estudos e observações sobre alguns assumptos anthropologicos. Creio que as leis principaes que deduzi, se encontrarão enunciadas pela primeira vez n'este trabalho, e espero que a critica e a discussão que resultarem da publicidade determinarão melhor o seu valor a todos os respeitos.» Eis-aqui um specimen da doutrina que ali se acha expendida:

«A alteração no uso, isto é, uma modificação tal na direcção do movimento que resulte ficar o orgão exposto a uma classe nova de forças exteriores, produz modificações mais ou menos profundas.

«A faculdade de prehensão com os dedos dos pés, que subsiste em algumas raças humanas inferiores, desappareceu totalmente nas raças superiores, modificando-se certos musculos do pé quando elle serve unicamente para a locomoção.

«As differenças notaveis da mão nas varias classes dos mammiferos (differenças que não poderam comtudo fazer desapparecer as analogias) procedem da modificação de *uso*. Assim a mão é barbatana na baleia, aza no morcego, orgão exclusivo de locomoção no cavallo, orgão mixto de prehensão e locomoção nos macacos superiores e nas raças humanas inferiores, e orgão exclusivo de prehensão nas raças humanas superiores.

«Raras são as modificações que se limitam a um orgão unico nos homens e nos animaes. É tal a dependencia organica das diversas funcções, que uma alteração qualquer n'um ponto vae influir em toda a circumferencia. É sabido que a grossura dos ossos está em relação immediata com a energia dos musculos que n'elles se apoiam; e a rasão do desapparecimento do appendice caudal nos maca-

vam os terrenos áridos, sendo necessario procurar aquelles que apresentavam melhores condições para a vida.

Os homens que acampavam nas localidades mais ferteis, tendo melhores meios de communicação, formavam populações permanentes, outros passavam aos logares que tinham melhores pastagens, etc. Passaram á Europa uns, e outros para a Africa, e espalharam-se muitos pela Asia; e assim foram occupando diversos pontos, até que no seculo XIX occupam a superficie de todo o mundo.

As formações de diversos grupos humanos explicam-se, pois, facilmente, poisque são poucas as causas que as determinam.

A origem do homem refere-se a uma região determinada.

cos anthropoides deve-se principalmente á maior frequencia da posição vertical, desenvolvendo-se então os membros inferiores á custa d'esse orgão, que, tendo-se utilisado para dirigir o movimento na posição recumbente, se tornaria depois nocivo contribuindo para desequilibrar o animal levantado.

«Como é necessario para a reproducção o concurso de dois entes independentes, segue-se que aquelles caracteristicos que facilitarem esse concurso serão os que permanecerão na especie, sendo transmittidos hereditariamente á prole.

«Assim, particularidades organicas, insignificantes para a vida individual, podem ser de uma importancia capital para a conservação da especie, determinando a escolha dos individuos de um sexo assim caracterisado pelo outro. Não ha duvida que infinitas particularidades organicas, das que parecem mais mysteriosas, são de facil explicação pela theoria da selecção sexual. Tarde ou cedo o ideal esthetico no homem e nos animaes attinge a sua realisação.

«Póde crer-se que, se todos os homens desejassem unicamente mulheres com azas, e este desejo se conservasse durante sufficiente tempo, a transformação se operaria gradualmente. E lembraremos que não deve parecer tão extravagante esta supposição, pois realmente existem na natureza animaes em que um dos sexos tem azas e o outro não.

«As differenças de fórma, que são tão caracteristicas no mundo animal entre o macho e a femea na mesma especie, têem a sua origem na escolha esthetica de um dos sexos. O amor que vestiu as aves da mais brilhante plumagem, tambem desenhou as feições da mulher, deu-lhe a sua loura corôa de longos e ondeantes cabellos, formando-a segundo uma norma de belleza que existe igualmente no mais humilde insecto e no pintor mais idealista, pois essa norma procede de um sentimento que póde variar em quantidade na serie animal, mas que é sempre um só em qualidade.

«Apresentaremos na fórma tabular, para melhor intelligencia, o modo de acção dos varios agentes transformadores, resumindo os processos geraes, pelos quaes se produzem, entre outras, essas differenças que nos servem para distinguir as raças humanas.

«Convem observar que, posto appliquemos especialmente ao homem estas considerações, ellas referem-se igualmente a todos os entes organisados, pois jamais devemos esperar, em questões geraes de morphologia biologica, descobrir leis de applicação exclusiva ao genero humano.»

É innegavel a existencia do diluvio universal, o qual modificou a crusta da terra, elevando montes e formando novas correntes de agua.

Nas proximidades do monte Ararà estiveram por muitos annos Noé e os seus descendentes. Se d'esse facto incontestavél se póde concluir que o paraizo terreal existíra ao occidente da Asia em 34° de latitude N. e 40° de longitude E., não se negará tambem que os primeiros povoadores da terra occcuparam uma região tropical e d'ali partiram para outras em que continuaram a propagar a especie.

Estabeleceram-se finalmente ao N. da Africa, no centro da Asia e na parte oriental e meridional da Europa[1].

Os povos que seguiram para as regiões frias, receberam as modificações proprias dos climas por que íam passando. Não chegaram de repente ao ponto em que hoje se encontram; passaram gradualmente de umas localidades para as outras. Succedeu igualmente aos que seguiram para as regiões quentes: occuparam primeiro os logares que mais vantagens lhes offereciam. Os que permaneceram nas regiões temperadas, espalharam-se mais facilmente, porque a terra lhes offerecia meios mais vantajosos de sustentar a vida.

Caracteres distinctivos e exclusivos do reino hominal. — Reunimos sob este titulo não só alguns factos de immediata observação, mas tambem o parecer de alguns medicos e naturalistas. Não citâmos as obras em que encontrâmos muitos dos factos que registâmos, não só porque seria tornar mais extensa esta enumeração, mas porque desejâmos separar os factos das auctoridades que os demonstram ou apresentam. Eis aqui os caracteres que são exclusivos do reino hominal.

1.° A união do branco e do negro produz invariavelmente um mulato. É um facto necessario, absoluto.

O branco e o mulato geram um mestiço que representa um meio termo entre estes dois individuos. Do mestiço finalmente e do branco resulta um branco.

O cruzamento que se faz entre a raça branca e preta, verifica-se tambem entre os brancos e amarellos, entre estes e os americanos ou entre aquelles e os malaios.

2.° A rasão e a consciencia são proprias do homem e lutam constantemente contra os instinctos.

[1] A narrativa biblica diz que Japhet se dirigira para a Europa, Sem para a Asia e Cham para a Africa. Do primeiro descendem os phrygios, scythas, gregos, etc.; do segundo resultaram os persas, assyrios, lydios, etc., e, finalmente, do terceiro, provieram os babylonios, egypcios e mauritanos.

3.º O livre arbitrio, o merito e demerito são proprios tão sómente do reino hominal.

Nos animaes ha apenas instincto; no reino hominal ha a concepção intellectual, que não tem limites.

A acção do homem sobre todos os animaes, marca profunda e radical differença entre a animalidade e humanidade.

4.º A côr da pelle não é caracter distinctivo da especie, no que respeita á origem, entre os brancos, pretos, cobreados, etc.

5.º Os cabellos não servem tambem para distinguir os indios dos europeus, africanos, etc.

6.º O estudo do esqueleto humano mostra que não ha differenças sensiveis nos individuos do reino hominal.

7.º O tempo de gestação é o mesmo entre os pretos, brancos ou indianos. As excepções não destroem a regra geral.

8.º Todos os cruzamentos entre os individuos de differentes grupos do reino hominal são fecundos.

9.º São attributo primitivo do homem as faculdades effectivas, e elle nunca póde nivelar-se com o bruto.

10.º O monogenista toma a filiação por caracter de especie, o polygenista toma a estructura e a fórma por base da sua argumentação.

11.º A theoria que faz descender o homem do macaco, representa apenas uma especie de gymnastica de espirito. Invoca a seu favor tão sómente hypotheses mais ou menos floreadas que se acham em contradicção com os factos bem observados.

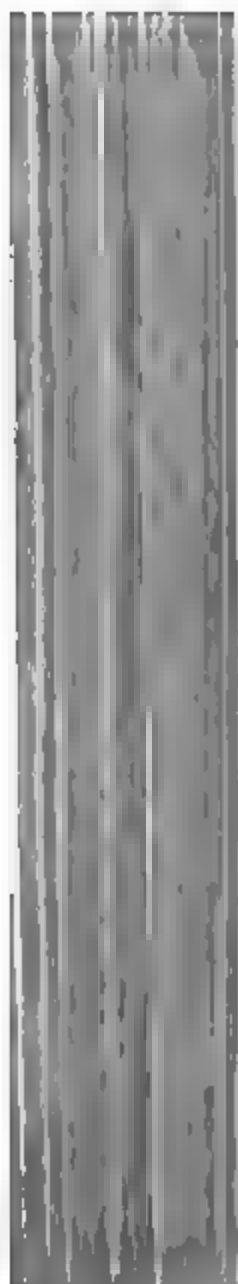
12.º O homem não descende, nem é a transformação nem a modificação de um gorilla, nem de um orangotango, nem de um chimpanzé, nem de uma phoca, nem de um peixe nem de qualquer outro animal.

13.º No homem desenvolve-se em primeiro logar o lobulo anterior do cerebro e no macaco o temporal.

14.º Alors même que l'homme semble tomber au-dessous de la bête par l'imperfection des organes de la pensée il ne devient pas pour cela un animal, *anatomiquement*.

O homem é um ser creado, contingente, mas tem origem unica, independente, quer seja branco, quer preto, quer amarello ou pardo.

O riso, a rasão e a consciencia só se encontram na especie humana.

A vontade é um caracter distinctivo do homem. Sem a existencia da vontade não poderia admittir-se a idéa de premio e de castigo. A vontade é inquestionavelmente um attributo proprio do reino humano.

METEOROLOGIA E CLIMATOLOGIA

> Caractériser un climat est une entreprise longue et penible.
>
> (Daguin, *Tratado elementar de physica*, vol. II, pag. 540.)

Emprega-se muitas vezes indifferentemente o termo meteorologia em vez de climatologia, parecendo inferir-se que uma palavra é synonyma de outra, o que não é exacto. Para nós ha grande differença entre estas sciencias. A climatologia tem por base a meteorologia, assim como esta, sem o estudo da physica, ficaria estacionaria.

A meteorologia tem por objecto os phenomenos atmosphericos, os meteoros; é uma sciencia em que ha leis proprias e factos bem observados. O seu fim tem elevada importancia, seja qual for o ponto de vista sob que se estude tal sciencia. O que, porém, é certo é que ha relação immediata e necessaria entre a meteorologia e a pathologia, hygiene e therapeutica. Aos medicos cumpre por isso interessar-se no seu adiantamento.

As leis meteorologicas precisam de observações completas e uniformes; os factos são de difficilima interpretação, e os prognosticos não podem ser feitos sem haver muita exactidão nos phenomenos observados.

A climatologia applica-se ao estudo de uma região limitada. Tem leis proprias, factos distinctos e fim especial. São grandes as differenças que se notam no campo de observação.

Por clima deve entender-se o conjuncto de phenomenos atmosphericos que exercem influencia caracteristica nos seres organisados de uma localidade qualquer. Um immenso valle, por exemplo, offerece um clima determinado, cujo estudo assenta em observações proprias, referidas á natureza do solo e do ar que o circumda, e, como sabemos, o estudo do solo e do ar está subordinado ás differentes sciencias naturaes. Os climas não devem multiplicar-se indefinidamente, assim como ha grande inconveniencia em os reduzir a um numero muito limitado, regulando-se já pelos continentes em que se acha dividido o globo, já pelos graus de latitude ou pelas linhas isothermicas. É indispensavel seguir o meio termo, e nós já apresentámos o modo por que encaravamos tão importante assumpto.

Aqui tratâmos de examinar as condições clamatericas em qu
ilha de S. Thomé.

Julgâmos, pois, de grande vantagem dividir este assumpto
capitulos, procurando assim expor com mais clareza as consideraç
temos que fazer ácerca da meteorologia e climatologia respeitan
de S. Thomé. As conclusões, a que chegâmos, não são de certo
teorologicas definidas, nem o clima d'esta ilha fica bem determina
que nos faltam os meios de conhecer com exactidão um clima e
entre 3° e 30′ ao N. do Equador, e 6° 30′ a 6° 45′ ao oriente do me
o de Greenwich.

CAPITULO XVII

Meteorologia

Depuis que les observations meteorologic
aux Antilles avec de bons instruments et
regle uniforme, le thermometre n'a pas acc
riations ni les hauteurs exagérées signalees
epoques.

(Dutroulau, pag. 35.)

Considerações geraes.—Media das observações meteirologicas de março, abril e maio de 187
de junho, julho e agosto de 1872.—Idem de setembro, outubro e novembro de 1872.-
dezembro de 1872 e janeiro e fevereiro de 1873.—Idem de março, abril e maio de 187
de junho, julho e agosto de 1873.—Medias do primeiro semestre meteorologico de 1874.
do anno meteorologico de 1874.—Anno meteorologico, 1.° de dezembro de 1874 a 30
bro de 1875.—Comparação da meteorologia d'este anno com a do anno passado.—Prime
tre do anno meteorologico de 1876.

Em março de 1872 foram publicados no *Boletim official* os pri
mappas meteorologicos depois das observações do dr. Lucio Aug
Silva em 1858 e 1859. Representam ensaios e não verdadeiras o
ções. Não só o posto não estava convenientemente collocado, m
bem em muitos dias deixou de haver trabalhos por falta de pesso
se encarregasse de substituir o director no seu impedimento.

Os instrumentos estavam dispostos na varanda do palacio, v
ao S. O anemometro tinha por um lado a igreja da Sé e por outro o
palacio.

Nos mappas faltam as variações diurnas dos barometros e nycte
dos thermometros.

Damos na sua integra os mappas meteorologicos, contendo o r
das medias das observações que se fizeram de 1872 a 1876.

Medias das observações meteorologicas em março, abril e maio de 1872

Barometros	Adie	Pressão atmospherica	759mm,57
		Adjunto, gr. c.	27°,7
	Aneroyde	Pressão atmospherica	762mm,5
		Adjunto, gr. c.	28°,5
Thermometros	Na relva (9 m.)	Maxima ... 33,7 / Minima.... 20,1 gr. c.	26°,9
	Exposto (3 t.) gr. c.		40°,9
	Á sombra (9 n.)	Maxima ... 29,9 / Minima.... 21,8 gr. c.	25°,8
Tensão do vapor atmospherico			21mm,63
Humidade relativa			80
Evaporação			4mm,2
Ozone			7,7
Vento (velocidade horaria)			12k,65
Chuva recolhida n'este periodo			463mm,0
Aspecto do céu, gr. med			3

Os ventos de mais frequencia foram: em março dos quadrantes de E. e SE.; em abril de SE. e SSE., observando-se, não obstante, alguma variedade nos ventos superiores que frequentaram S., O. e SO.; em maio houve grande variedade tanto nos ventos superiores, como nos inferiores[1].

Medias das observações meteorologicas em junho, julho e agosto de 1872

Barometros	Adie	Pressão atmospherica	761mm,07
		Adjunto, gr. c.	25°,4
	Aneroyde	Pressão atmospherica	756mm,6
		Adjunto, gr. c.	25°,9
Thermometros	Na relva (9 m.)	Maxima ... 35,4 / Minima.... 17,6 gr. c.	26°,5
	Exposto (3 t.) gr. c.		48°,4
	Á sombra (9 n.)	Maxima ... 24,0 / Minima.... 20,7 gr. c.	22°,3
Temperatura ao ar livre		Junho..... 25,7 / Julho...... 24,6 / Agosto.... 25,0 gr. c.	21°,5

[1] *Boletim official da provincia*, n.° 26, de 9 de agosto de 1872.

Tensão do vapor atmospherico	19^{mm},33
Humidade relativa	81
Evaporação	4^{mm},4
Ozone	9,2
Vento (velocidade horaria)	8^{k},04
Aspecto do céu, gr. medios	4
Chuva recolhida n'este periodo	3^{mm},6

As nuvens em junho e julho apresentaram fórmas primarias e secundarias, notando-se mais d'estas do que d'aquellas. O tempo n'este ultimo mez observava-se, á noite, bem limpo e seguro. Em agosto, as nuvens apresentaram-se na fórma primaria, com exclusão de poucas observações em que figuraram *cirro-cumulos* e *cirro-stratus*. Os ventos de mais frequencia n'esta estação foram do S., variando pelos quadrantes de O., SSO. e SSE. e mui pouco pelo N.[1]

Medias das observações meteorologicas em setembro, outubro e novembro de 1872

Barometros	Adie	Pressão atmospherica		759^{mm},55
		Adjunto, gr. c.		26°,2
	Aneroyde	Pressão atmospherica		755^{mm},2
		Adjunto, gr. c.		26°,9
Thermometros	Na relva (9 m.)	Maxima ... 37,8	gr. c.	28°,3
		Minima.... 18,8		
	Exposto, gr. c. (3 t.)			44°,1
	À sombra (9 n.)	Maxima ... 25,5	gr. c.	23°,8
		Minima.... 22,2		
Temperatura ao ar livre		Setembro.. 25,8	gr. c.	26°,1
		Outubro... 24,4		
		Novembro. 27,1		
Tensão do vapor atmospherico				19^{mm},97
Humidade relativa				80
Evaporação				4^{m},1
Ozone				7,3
Vento (velocidade horaria)				4^{k},76
Chuva recolhida d'este periodo				451^{mm},4
Aspecto do céu, gr. medios				3

[1] *Boletim official da provincia*, n.º 39, de 15 de novembro de 1872.

Foram mais frequentes n'esta estação os ventos dos quadrantes de E. a O. pelo S. Notaram-se poucos dos quadrantes do N., e mais raros foram os ventos superiores. Quanto á sua velocidade nada ha digno de reparo.

As nuvens apresentaram-se com fórmas variadissimas, não entrando n'ellas, porém, os *cirrus*, assim como os *stratus*, que rarissimas vezes se observam.

Em 27 de novembro, das oito para as nove horas da noite, precipitaram-se para a terra pela sua attracção, no sentido dos quadrantes entre S. e NNO., diversos teroides, cujo numero era admiravel. As trovoadas começaram em 20 de outubro, frequentando mais os quadrantes de N. a E. A sua approximação nunca chegou a mais de 680 metros, segundo os nossos calculos. O ozone, desde o 1.° de dezembro tornou-se menos abundante na atmosphera, presagiando, em vista da sua acção sobre os miasmas putridos, grande numero de enfermidades[1].

Medias das observações meteorologicas em dezembro de 1872 janeiro e fevereiro de 1873

Barometros	Pressão atmospherica		$758^{mm},23$
	Adjunto, gr. c.		26,9
Thermometros	Na relva (9 m.)	Maxima... 35,1 / Minima.... 16,3 gr. c.	25°,7
	Exposto (3 t.) gr. c		43°,5
	Á sombra (9 n.)	Maxima... 28,1 / Minima.... 23,3 gr. c.	25°,7
Temperatura ao ar livre	Dezembro . 26,5 / Janeiro.... 26,9 / Fevereiro.. 24,8	gr. c.	26°,1
Tensão do vapor atmospherico			$21^{mm},90$
Humidade relativa			80
Evaporação			$3^{m},7$
Ozone			4,7
Vento (velocidade horaria)			$3^{k},76$
Chuva recolhida n'este periodo			$230^{m},8$
Aspecto do céu (gr. medios)			3

N'esta estação os ventos variaram extraordinariamente, conhecendo-se-lhes mais persistencia nos rumos entre S. e O.; sendo todavia notavel a sua mui pequena velocidade.

[1] *Boletim official da provincia*, n.° 5, de 1 de fevereiro de 1873.

As fórmas mais frequentes que as nuvens apresentaram foram os *nimbos* e os *cumulus*.

Em 10 de fevereiro, pela uma hora da manhã, começou uma descarga electrica ao rumo de NNO., com relampagos de contornos perfeitamente determinados. Approximou-se, e ás tres horas e vinte minutos fulminou com faisca de relampago da quarta especie a superficie pantanosa perto d'este posto.

No dia 12 do mesmo mez, achando-se desde as nove horas da manhã trovoada armada para NE., formaram-se ás onze horas, no mesmo rumo e com espaços mal divididos, tres trombas marinhas, que produziam fortes aspirações. A duração d'este phenomeno permaneceu entre quinze a vinte segundos.

A configuração de uma era afunilada, a das outras, porém, de mangueira. O seu trajecto foi para E., direcção que tambem tomaram os outros meteoros electricos[1].

Não podemos classificar o clima meteorologico da ilha de S. Thomé em geral, nem ao menos um dos seus climas locaes, o da cidade por exemplo! As observações meteorologicas dos dez mezes do anno de 1872 servem apenas para se ter uma idéa approximada de alguns phenomenos atmosphericos, e para se reconhecer a necessidade momentosa de se construir um observatorio regular, tendo differentes postos sob a sua dependencia. No relatorio de 1869 (capitulo XI) demonstrámos a utilidade d'estas observações, e hoje insistimos na importancia de taes trabalhos.

As observações meteorologicas são sujeitas a muitas causas de erro. Dependem umas da posição e da exposição dos instrumentos; outras provêm das horas da observação e do modo de se contarem as medias.

O posto ou estação meteorologica da ilha de S. Thomé estava, como já dissemos, na varanda do edificio do palacio, tendo em frente um toldo de lona. Os instrumentos olhavam para o S. e a casa corre de E. a O.

O local do posto era determinado por 0° 21′ 25″ de latitude e 6° 42′ 18″ E., Greenwich. Estava afastado do mar 89^{m},11, e os instrumentos collocados a 1^{m},73 sobre o terreno adjacente. Os thermometros funccionavam no posto e na relva, e as observações eram feitas ás nove horas da manhã, ás tres da tarde e ás nove da noite.

A estação meteorologica foi mudada do corredor ou varanda do palacio do governo para a casa do deposito penal.

[1] *Boletim official da provincia*, n.° 18, de 3 maio de 1873.

A este respeito lê-se, nas observações á terceira decada do mez de setembro, o seguinte:

«Nos dias 22 a 25 não foi possivel fazer observações em consequencia do observatorio ter sido removido. Acha-se estabelecido proximo á ponte do Espalmador, e aindaque se note não preencher o posto as condições que scientificamente são exigidas, não é de admirar, porque não são ellas mui poucas, e as quaes unica e exclusivamente dependem de um edificio de construcção apropriada ao mister. No entretanto approximam-se mais que as precedentes (as que se fizeram no corredor do palacio desde março a principios de setembro).»

O novo local está determinado, segundo o que se lê no mappa publicado no *Boletim official da provincia,* por 0° 20′ 45″ S. (?) de latitude e por 6° 42′ 43″ de longitude E. Greenwich. A sua distancia do mar é $27^{m},30$, elevando-se os instrumentos sobre os terrenos adjacentes $1^{m},69$.

Fomos minuciosos n'estas informações para mostrar que a posição e exposição dos thermometros no posto na ilha de S. Thomé é viciosa e sujeita a muitos erros. Não fallaremos do primeiro posto, porque apenas durou sete mezes do anno; referimo-nos ao local onde ficou no fim do anno de 1872.

Os thermometros e os outros instrumentos meteorologicos acham-se collocados n'um quarto da casa, o qual está na frente do edificio que olha para O., e é pequeno e acanhado.

O anemometro, no primeiro posto, tinha por um lado o edificio do palacio, e por outro a igreja da Sé. É evidente ser esta posição viciosa e sujeita a muitos erros, não podendo contar-se com exactidão a velocidade do vento. No segundo está mais baixo que a casa do deposito penal, da qual fica proximo ao rumo O. e SO.

Não se tomaram as oscillações diurnas dos barometros, no que ha importante falta para o completo conhecimento do clima d'esta ilha.

Medias das observações meteorologicas em março, abril e maio de 1873

Barometro	Pressão athmospherica		$758^{mm},27$
	Adjunto, gr. c.		27°,4
Thermometros	Na relva (9 m.)	Maxima / Minima gr. c.	26°,3
	Exposto (3 t.) gr. c.		45°,4
	Á sombra (9 n.)	Maxima / Minima gr. c.	26°,5

Temperatura ao ar livre	Março..... 27,1 Abril..... 28,0 Maio...... 27,1	gr. c...	27°,4

Tensão do vapor atmospherico 21mm,64
Humidade relativa 80
Evaporação 4mm,4
Ozone 5,9
Vento (velocidade horaria, media diurna) 4k,12
Chuva recolhida n'este periodo 305mm,0
Aspectos do céu (gr. medios) 3

Os ventos n'esta estação frequentaram os quatro pontos cardeaes, sendo bem conhecida a persistencia no quadrante do S.

Os de E. e O. apresentaram uma relação para o N., como de 20 para 30.

A sua velocidade foi maior que a da estação anterior, regulando a media entre 1 e 6.

O dia mais ventoso, 31 de maio.

O dia menos ventoso, 3 de abril.

Os ventos de O. e SO. predominaram de noite.

A configuração das nuvens, comquanto não fosse muito variada, appareceram comtudo Ci-C. C-st, e raras vezes Ci-st[1].

Medias das observações meteorologicas em junho, julho e agosto de 1873

Barometro	Pressão atmospherica		761mm,17
	Adjunto, gr. c.		26°,1
Thermometros — Na relva (9 m.)	Maxima... 34,2 Minima.... 15,4	gr. c...	24°,3
Thermometros — Exposto (3 t.)			40°,8
Thermometros — À sombra (9 n.)	Maxima... 27,7 Minima.... 24,3	gr. c...	26°,0
Temperatura ao ar livre	Junho..... 29,1 Julho..... 25,4 Agosto.... 25,7	gr. c...	26°,7

Tensão do vapor atmospherico 19mm,14
Humidade relativa 75
Evaporação 5mm,2

[1] *Boletim official da provincia*, n.° 31, de 16 de agosto de 1873.

Ozone 4,7
Vento (velocidade horaria, media diurna).................. 8^k,42
Chuva recolhida n'este periodo......................... 38^{mm},4
Aspecto do céu (gr. medios)............................ 3

Os ventos n'esta estação pouco se afastaram da sua frequencia ordinaria e mui conhecida, qual é a do quadrante de S. e SO.

A configuração das nuvens tambem pouco variou, porque no céu quasi sempre se viam Ni, C Ni, ou Enc. e raras vezes Ci-st[1].

Medias do primeiro semestre meteorologico de 1874

Barometro 759^{mm},16. Velocidade do vento 5^k,13. Graus de humidade 84. Graus de ozone 8.

Thermometros. { Á sombra: maxima 29,4; minima 23,0.
Na relva: maxima 34,0; minima 17,5.

Quantidade de chuva recolhida 683^{mm},9. Quantidade de agua evaporada 729^{mm},4.

A serenidade do céu foi de 0 a 6, e a sua media de 2.

A configuração das nuvens foi *cumulus*, *cumulo-nimbus* e *cirrus*, predominando *cumulus*.

O estado do mar: chão, algumas vezes, porém, observou-se agitado entre as dez horas da manhã e tres da tarde; e de pequena vaga em 25 de fevereiro do meio dia ás duas horas da tarde.

Dia de tempestade: 25 de fevereiro.

Dias de chuva: em dezembro, 1, 3, 4, 5, 9, 13, 14, 19 e 30; em janeiro, 4, 7, 11, 13, 24, 26 e 29; em fevereiro, 3, 5, 7, 12, 13, 25, 26 e 27; em março, 1, 6, 10, 16, 17, 22 e 23; em abril, 2, 3, 12, 16, 19, 21 e 22; em maio, 3, 4, 5, 6 e 30; total 43.

Dias de trovoada: em dezembro, 4, 9, 13, 18, 19, 20, 23, 24 e 29; em janeiro, 1, 4, 7, 11 e 13; em fevereiro, 3, 7, 10, 25 e 27; em março, 6, 9, 16, 17, 18 e 22; em abril, nenhum; em maio, 3; total 26.

Dia mais chuvoso: 2 de maio.

Dia mais ventoso: 25 de fevereiro.

Rumos dominantes dos ventos: S. e SO., sendo o primeiro muito mais frequente[2].

[1] *Boletim official da provincia*, n.º 43, de 8 de novembro de 1873.

[2] *Boletim official da provincia*, n.º 24, de 13 de junho de 1874.

O posto meteorologico foi mudado da casa do deposito penal dos addidos para a residencia do novo observador. Estava muito proximo da fortaleza de S. Sebastião.

ma. O estado do céu, de dia quasi sempre nublado como na estação secca, de noite, entre as dez e duas horas está frequentemente limpo, especialmente quando nas tardes anteriores houve chuvas e trovoadas. A configuração das nuvens é de *cumulus* e *nimbus* ao S. e SO.

No pico da ilha de S. Thomé, serro altissimo e inacessivel, já pela sua configuração, já pelo cerrado arvoredo que o circumda e vegeta sobre um terreno alagado e escorregadio, e n'outras montanhas tambem de grandissima altura os nevoeiros são perpetuos, e da sua perenne condensação na folhagem de uma flor sempre verde formam-se pelas suas faldas verdadeiros regatos de agua crystallina. Ali a temperatura é sempre baixa; os dias, especialmente na estação secca, são muito frescos, e as noites frigidissimas. Não temos d'estes phenomenos conhecimentos theoricos ou praticos, baseâmo-nos apenas no testemunho de pessoas fidedignas.

Nos mezes de dezembro a maio são frequentes as grandes trovoadas; apparecem ao N., NE., ENE. ou E. sobre o horisonte visivel densas nuvens negras, que sobem com muita velocidade durante quinze a trinta minutos, impellidas por um vento fresco ou forte dos mesmos rumos.

Os trovões que se ouviam longe, approximam-se com a mesma rapidez e a tão pequena distancia do porto, que é inapreciavel o espaço de tempo entre o clarão do relampago e o estampido do trovão; uma chuva copiosissima, que muitas vezes dura doze e mais horas, acompanha este phenomeno, cessando o vento completamente; e o estado do mar que é em geral chão e muito poucas vezes de pequena vaga, chega a ser de grande vaga, quando principia a trovoada. Observam-se n'esta occasião grande numero de relampagos das tres seguintes fórmas: em zig-zag, com apparencia de globos de fogo, e em faiscas electricas que se precipitam no mar ou se perdem totalmente no espaço.

Não se deve pelas observações feitas no nosso posto julgar da quantidade da chuva que cáe durante o anno na ilha de S. Thomé. É na verdade na cidade onde menos chove.

Durante a quadra das chuvas é rarissimo o dia em que não chove torrencialmente no interior da ilha, phenomeno que infinitas vezes temos presenciado olhando do porto para o S. e SO., sem que possamos recolher no udometro sequer uma gota de agua. Saigy calculou a media annual da chuva caida em mais de 3:000 millimetros, e nós queremos que, embora tenhamos apenas registado nas nossas folhas 872^{mm},8, a quantidade total se deve approximar muito da calculada por aquelle observador.

É necessario attendermos tambem a que este anno foi um dos menos chuvosos n'esta ilha.

Os *nimbus* formados do S. e SO. da terra, raras vezes cáem sobre

Medias do anno meteorologico de 1874

Barometro 760^{mm},16. Velocidade do vento 5^{k},16. Graus de humidade 81. Graus de ozone 7. Serenidade do céu 2.

Thermometro. { Na relva: maxima 32,1; minima 17,5.
Á sombra: maxima 28,7; minima 22,2

Total da chuva recolhida 872^{mm},8; e da evaporação 1342,8.

Houve durante o anno sessenta e um dias de chuva e trinta e um de trovoada; os do primeiro semestre já foram publicados n'esta folha, e os do segundo são: em junho, chuva nenhum, trovoada nenhum; em julho, chuva nenhum, trovoada nenhum; em agosto, chuva nenhum, trovoada nenhum; em setembro, chuva 8, 9 e 25, trovoada nenhum; em outubro, chuva 9, 12, 14, 15, 16, 19, 21, 24 e 27, trovoada nenhum; em novembro, chuva 1, 2, 6, 16, 18, 24 e 28, trovoada 1, 16, 24 e 28.

O dia mais chuvoso do anno 3 de maio, e o mais ventoso 25 de fevereiro.

Os ventos predominantes foram os do quadrante do S. os geraes; todavia poucos dias houve em que entre as dez horas da manhã e as tres da tarde não soprassem do N.

Na ilha de S. Thomé ha duas estações bem caracterisadas, a secca, que dura dos principios de junho ao meado ou fins de setembro, e a das chuvas, que são todos os mais mezes do anno. Na secca o barometro sobe a sua media (referindo-nos ao trimestre de julho a setembro) 762^{mm},23, o ar é menos humido, a evaporação é maior, sopram com grande intensidade os ventos do S., os dias e as noites conservam-se sempre frescos, marcando os thermometros: o exposto entre 35 e 40 graus, os da relva, de maxima media 30 graus e de minima 17,3, e os da sombra de maxima media 28 e de minima 26,6. O estado do céu de dia é bastante nublado, e representada por 2 a sua serenidade media; de noite a serenidade é maior; ás nove horas é vulgar ser de 4, e depois d'esta hora vê-se frequentemente o céu quasi limpo. A configuração das nuvens que mais predomina é *cumulus, cirrus* e *cirro-cumulus.*

Nas estações das chuvas o barometro desce, a sua media é de 759^{mm},16, (referimo-nos ao semestre de dezembro a maio). O ar é muito humido, havendo dias em que a media do vapor atmospherico chega a ser de 90 graus, dados pelo psychrometro de Augusto; a evaporação é pequena, o vento ordinariamente não passa de uma muita ligeira bafagem, cuja velocidade media por hora é de 5^{k},13, os thermometros marcam: o exposto entre 42 e 50 graus, e os da relva de maxima 34 graus e de minima 17,5; e os da sombra de maxima temperatura media 29,4 e 23 de mini-

ma. O estado do céu, de dia quasi sempre nublado como na estação secca, de noite, entre as dez e duas horas está frequentemente limpo, especialmente quando nas tardes anteriores houve chuvas e trovoadas. A configuração das nuvens é de *cumulus* e *nimbus* ao S. e SO.

No pico da ilha de S. Thomé, serro altissimo e inacessivel, já pela sua configuração, já pelo cerrado arvoredo que o circumda e vegeta sobre um terreno alagado e escorregadio, e n'outras montanhas tambem de grandissima altura os nevoeiros são perpetuos, e da sua perenne condensação na folhagem de uma flor sempre verde formam-se pelas suas faldas verdadeiros regatos de agua crystallina. Ali a temperatura é sempre baixa; os dias, especialmente na estação secca, são muito frescos, e as noites frigidissimas. Não temos d'estes phenomenos conhecimentos theoricos ou praticos, baseâmo-nos apenas no testemunho de pessoas fidedignas.

Nos mezes de dezembro a maio são frequentes as grandes trovoadas; apparecem ao N., NE., ENE. ou E. sobre o horisonte visivel densas nuvens negras, que sobem com muita velocidade durante quinze a trinta minutos, impellidas por um vento fresco ou forte dos mesmos rumos.

Os trovões que se ouviam longe, approximam-se com a mesma rapidez e a tão pequena distancia do porto, que é inapreciavel o espaço de tempo entre o clarão do relampago e o estampido do trovão; uma chuva copiosissima, que muitas vezes dura doze e mais horas, acompanha este phenomeno, cessando o vento completamente; e o estado do mar que é em geral chão e muito poucas vezes de pequena vaga, chega a ser de grande vaga, quando principia a trovoada. Observam-se n'esta occasião grande numero de relampagos das tres seguintes fórmas: em zig-zag, com apparencia de globos de fogo, e em faiscas electricas que se precipitam no mar ou se perdem totalmente no espaço.

Não se deve pelas observações feitas no nosso posto julgar da quantidade da chuva que cáe durante o anno na ilha de S. Thomé. É na verdade na cidade onde menos chove.

Durante a quadra das chuvas é rarissimo o dia em que não chove torrencialmente no interior da ilha, phenomeno que infinitas vezes temos presenciado olhando do porto para o S. e SO., sem que possamos recolher no udometro sequer uma gota de agua. Saigy calculou a media annual da chuva caida em mais de 3:000 millimetros, e nós queremos que, embora tenhamos apenas registado nas nossas folhas 872^{mm},8, a quantidade total se deve approximar muito da calculada por aquelle observador.

É necessario attendermos tambem a que este anno foi um dos menos chuvosos n'esta ilha.

Os *nimbus* formados do S. e SO. da terra, raras vezes cáem sobre

Medias do anno meteorologico de 1874

Barometro $760^{mm},16$. Velocidade do vento $5^{k},16$. Graus de humidade 81. Graus de ozone 7. Serenidade do céu 2.

Thermometro. { Na relva: maxima 32,1; minima 17,5.
Á sombra: maxima 28,7; minima 22,2

Total da chuva recolhida $872^{mm},8$; e da evaporação 1342,8.

Houve durante o anno sessenta e um dias de chuva e trinta e um de trovoada; os do primeiro semestre já foram publicados n'esta folha, e os do segundo são: em junho, chuva nenhum, trovoada nenhum; em julho, chuva nenhum, trovoada nenhum; em agosto, chuva nenhum, trovoada nenhum; em setembro, chuva 8, 9 e 25, trovoada nenhum; em outubro, chuva 9, 12, 14, 15, 16, 19, 21, 24 e 27, trovoada nenhum; em novembro, chuva 1, 2, 6, 16, 18, 24 e 28, trovoada 1, 16, 24 e 28.

O dia mais chuvoso do anno 3 de maio, e o mais ventoso 25 de fevereiro.

Os ventos predominantes foram os do quadrante do S. os geraes; todavia poucos dias houve em que entre as dez horas da manhã e as tres da tarde não soprassem do N.

Na ilha de S. Thomé ha duas estações bem caracterisadas, a secca, que dura dos principios de junho ao meado ou fins de setembro, e a das chuvas, que são todos os mais mezes do anno. Na secca o barometro sobe a sua media (referindo-nos ao trimestre de julho a setembro) $762^{mm},23$, o ar é menos humido, a evaporação é maior, sopram com grande intensidade os ventos do S., os dias e as noites conservam-se sempre frescos, marcando os thermometros: o exposto entre 35 e 40 graus, os da relva, de maxima media 30 graus e de minima 17,3, e os da sombra de maxima media 28 e de minima 26,6. O estado do céu de dia é bastante nublado, e representada por 2 a sua serenidade media; de noite a serenidade é maior; ás nove horas é vulgar ser de 4, e depois d'esta hora vê-se frequentemente o céu quasi limpo. A configuração das nuvens que mais predomina é *cumulus, cirrus* e *cirro-cumulus.*

Nas estações das chuvas o barometro desce, a sua media é de $759^{mm},16$, (referimo-nos ao semestre de dezembro a maio). O ar é muito humido, havendo dias em que a media do vapor atmospherico chega a ser de 90 graus, dados pelo psychrometro de Augusto; a evaporação é pequena, o vento ordinariamente não passa de uma muita ligeira bafagem, cuja velocidade media por hora é de $5^{k},13$, os thermometros marcam: o exposto entre 42 e 50 graus, e os da relva de maxima 34 graus e de minima 17,5; e os da sombra de maxima temperatura media 29,4 e 23 de mini-

ma. O estado do céu, de dia quasi sempre nublado como na estação secca, de noite, entre as dez e duas horas está frequentemente limpo, especialmente quando nas tardes anteriores houve chuvas e trovoadas. A configuração das nuvens é de *cumulus* e *nimbus* ao S. e SO.

No pico da ilha de S. Thomé, serro altissimo e inacessivel, já pela sua configuração, já pelo cerrado arvoredo que o circumda e vegeta sobre um terreno alagado e escorregadio, e n'outras montanhas tambem de grandissima altura os nevoeiros são perpetuos, e da sua perenne condensação na folhagem de uma flor sempre verde formam-se pelas suas faldas verdadeiros regatos de agua crystallina. Ali a temperatura é sempre baixa; os dias, especialmente na estação secca, são muito frescos, e as noites frigidissimas. Não temos d'estes phenomenos conhecimentos theoricos ou praticos, baseâmo-nos apenas no testemunho de pessoas fidedignas.

Nos mezes de dezembro a maio são frequentes as grandes trovoadas; apparecem ao N., NE., ENE. ou E. sobre o horisonte visivel densas nuvens negras, que sobem com muita velocidade durante quinze a trinta minutos, impellidas por um vento fresco ou forte dos mesmos rumos.

Os trovões que se ouviam longe, approximam-se com a mesma rapidez e a tão pequena distancia do porto, que é inapreciavel o espaço de tempo entre o clarão do relampago e o estampido do trovão; uma chuva copiosissima, que muitas vezes dura doze e mais horas, acompanha este phenomeno, cessando o vento completamente; e o estado do mar que é em geral chão e muito poucas vezes de pequena vaga, chega a ser de grande vaga, quando principia a trovoada. Observam-se n'esta occasião grande numero de relampagos das tres seguintes fórmas: em zig-zag, com apparencia de globos de fogo, e em faiscas electricas que se precipitam no mar ou se perdem totalmente no espaço.

Não se deve pelas observações feitas no nosso posto julgar da quantidade da chuva que cáe durante o anno na ilha de S. Thomé. É na verdade na cidade onde menos chove.

Durante a quadra das chuvas é rarissimo o dia em que não chove torrencialmente no interior da ilha, phenomeno que infinitas vezes temos presenciado olhando do porto para o S. e SO., sem que possamos recolher no udometro sequer uma gota de agua. Saigy calculou a media annual da chuva caida em mais de 3:000 millimetros, e nós queremos que, embora tenhamos apenas registado nas nossas folhas 872^{mm},8, a quantidade total se deve approximar muito da calculada por aquelle observador.

É necessario attendermos tambem a que este anno foi um dos menos chuvosos n'esta ilha.

Os *nimbus* formados do S. e SO. da terra, raras vezes cáem sobre

a cidade. Quando apparecem os *nimbus* a O., NO., N., e NE. ou E., d
mar, e são acompanhados por vento fraco, moderado, fresco ou fort
podemos ter como certo que uma chuva intensissima e duradoura c
sobre toda a cidade[1].

Anno meteorologico do 1.° de dezembro de 1874 a 30 de novembro de 1875

Pressão barometrica 759mm,72.

Thermometro: exposto 43,7; na relva o de maxima, 32,3, e o d
minima 21,3; á sombra, o de maxima 28,8, e o de minima 22,0.

Psychrometro: graus de humidade 82.

Anemometro: velocidade do vento (horaria) 4 kilometros.

Ozonometro: graus de ozone 5.

Quantidade das nuvens que encobriram o céu 8.

Serenidade do céu 2.

Estado do mar 1 (chão).

Total da evaporação 1:544mm,1.

Total da chuva recolhida 1:305 millimetros.

Houve durante o anno noventa e seis dias de chuva e cincoenta e u
de trovoada.

De chuva foram: em dezembro, os dias 2, 8, 9, 12, 16, 23, 24,
e 27; em janeiro, os dias 3, 4, 5, 8, 10, 13, 14, 17, 18 e 27; em fev
reiro, os dias 2, 7, 9, 14, 17, 22 e 23; em março, os dias 1, 10, 11, 1
18, 21, 23, 25, 27, 29 e 31; em abril, os dias 5, 6, 7, 9 e 16; em mai
os dias 8, 14, 15, 16, 17, 22, 25, 27, 28, 29 e 30; em junho, os dias
e 3; em julho, o dia 21; em agosto, os dias 11, 16, 17, 20, 24, 25, 2
27, 28, 29 e 31; em setembro, os dias 4, 7, 14, 16, 17, 21 e 27; e
outubro, os dias 2, 8, 9, 11, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 22, 23, 30 e 3
e em novembro, os dias 5, 7, 9, 15, 17, 19, 24 e 28.

Os de trovoada foram: em dezembro, os dias 4, 5, 16, 17, 23, 24
26; em janeiro, os dias 3, 4, 5, 6, 13, 14, e 27; em fevereiro, os dias
7, 9, 14, 17, 22 e 23; em março, os dias 1, 11, 16, 21, 23, 25, 27,
e 31; em abril, os dias 5, 6, 12 e 23; em maio, os dias 5, 8, 13, 14, 1
18, 21 e 25; em junho e julho não houve trovoadas; em agosto, o dia 2
em setembro, não houve trovoadas; em outubro, os dias 4, 7, 12 e 1
e em novembro, os dias 9, 24 e 28.

As trovoadas foram todas de pequena intensidade.

O dia de maior chuva foi em 23 de março.

Observámos no anno 1:080 vezes a direcção do vento, e registám

[1] *Boletim official da provincia*, n.° 11, de 13 de março de 1875.

7 do quadrante de E., 12 de NE, 79 do N., 25 de NO., 14 de O., 157 do SO., 588 do S., 12 de SE., 3 de SSO. e 183 de calma. Predominou o vento S. O dia de mais vento foi em 1 de março.

Não houve tempestades.

O estado do mar foi sempre chão; algumas vezes, porém, fóra das tres horas das observações diarias, observámol-o de pequena vaga, e de grande vaga entre o ancoradouro da bahia de Anna de Chaves e o horisonte.

A configuração das nuvens foi *cumulus, cirrus, cirro-cumulus, nimbus* e *cumulo-nimbus.*

Predominaram *cumulus* e *cirrus-cumulus.*

O estado do céu, de dia, foi geralmente muito nublado ou encoberto, sendo-lhe registrada a quantidade das nuvens por 7, 8 e 10; e de noite foi quasi limpo entre as oito e dez horas, e limpo muitas vezes das dez até ás duas e tres horas.

Comparação da meteorologia d'este anno com a do anno anterior

Pressão barometrica. — Foi menor a d'este anno; differença 72 millimetros.

Thermometria. — A temperatura foi igual á do anno precedente (deduzido da comparação das maximas e minimas na relva, e maximas e minimas á sombra).

Humidade. — Foi mais humido este anno; differença 1 grau.

Ozonometria. — A quantidade do ozone foi menor este anno; differença 2 graus.

Anemometria. — A velocidade do vento foi menor este anno; differença 1^{k},16.

Serenidade do céu. — A d'este anno foi igual á do anno anterior.

Pluviometria. — A quantidade de chuva foi menor este anno; differença na totalidade 532^{mm},8.

Evaporimetro. — A evaporação foi maior este anno; differença na totalidade 196^{mm},1 [1].

Primeiro semestre do anno meteorologico de 1876

Medias	Barometro, pressão			759^{mm},73
	Thermometros	Na relva	Maxima	32,2
			Minima	16,2
		Á sombra	Maxima	29,2
			Minima	20

[1] *Boletim official da provincia*, n.° 3, de 15 de janeiro de 1876.

Medias.....	Exposto	43,2
	Psychrometro, humidade	84°,7
	Ozonometro, ozone	5,4
	Oscillações barometricas	2^{mm},10
	Quantidade de nuvens que encobriram o céu	7
	Estado do mar	1
Total......	Chuva recolhida	733^{mm},9
	Evaporação	728,6

Mez mais chuvoso (quantidade de chuva 191^{mm},1) março.

Houve n'este semestre quarenta e oito dias de chuva e trinta e nove de trovoada.

Os de chuva foram: em dezembro, 5, 8, 11, 12, 17, 22, 26 e 28; em janeiro, 1, 3, 7, 18, 20, 22, 27 e 31; em fevereiro, 1, 8, 11, 15, 17, 18, 19, 21, 22 e 25; em março, 4, 7, 11, 12, 13, 18, 21, 22, 26 e 29; em abril, 8, 9, 12, 13, 17, 20, 21, 22 e 30; em maio, 12, 13 e 16.

Os de trovoada foram: em dezembro, 3, 5, 12, 14, 17, 26 e 28; em janeiro, 1, 7, 18 e 27; em fevereiro, 8, 11, 15, 17, 18, 21, 22, 24 e 25; em março, 2, 4, 6, 10, 11, 12, 13, 18, 20, 21, 22, 26 e 29; em abril, 8, 20, 21, 22 e 30; em maio, 6.

No mesmo semestre observámos 464 vezes a direcção dos ventos e registámos 282 do quadrante do S., 75 de SO., 39 do N., 7 de SE., 6 de O., 4 de NO., 3 de E., 3 de NE. e 45 de calma[1].

Se o calor e a humidade exercem muita influencia nos seres organisados, a da pressão atmospherica não é menos notavel, bem como as da natureza do solo e das aguas, o estado da agricultura e das florestas, a posição dos montes, etc., etc. Podemos portanto dizer que a meteorologia e a geologia fornecem valiosos elementos para se conhecer a natureza do clima das ilhas de S. Thomé e Principe e do de Ajudá, que formam a provincia de S. Thomé e Principe, e suas dependencias; não se tendo todavia feito até hoje os necessarios estudos ácerca das duas sciencias referidas com applicação á mais fertil provincia da corôa de Portugal no ultramar.

[1] *Boletim official da provincia*, 1876.

CAPITULO XVIII

Climatologia

> La plupart des gouvernements, comprenat combien les études climatologiques ont d'importance pour l'agriculture, la navigation et l'hygiène publique, ont construit des observatoires de météorologie placés dans des stations choisies avec soin.
>
> (P. A. Baguin, vol. 3.º, pág. 541.)

Considerações geraes. — Resumo das observações meteorologicas no anno de 1858. — Media das decadas dos mezes em 1858. — Ventos que sopraram para a cidade de S. Thomé em 1858. — Resumo dos ventos que se observaram por decadas de cada mez em 1858. — Resumo das observações meteorologicas, por mezes, no anno de 1872. — Numero de ventos que sopraram para a cidade de S. Thomé em 1872. — Resumo dos ventos que se observaram por decadas em cada mez em 1872. — Quadra das ventanias, estação secca, em 1872. — Quadra das chuvas em 1872. — Mappa contendo o numero de vezes que os ventos sopraram de noite para a cidade de S. Thomé nos mezes de março a dezembro de 1872. — Resumo das observações meteorologicas no anno de 1873. — Medias das decadas dos mezes do anno de 1873. — Mappa dos ventos que sopraram para a cidade de S. Thomé em 1873. — Resumo dos ventos que se observaram por decadas de cada mez em 1873. — Resumo das observações meteorologicas no anno de 1874. — Media das decadas dos mezes de 1874. — Ventos que sopraram para a cidade de S. Thomé em 1874. — Resumo dos ventos que se observaram por decadas de cada mez em 1874. — Resumo das observações meteorologicas no anno de 1875. — Media das decadas dos mezes de 1875. — Ventos que sopraram para a cidade de S. Thomé em 1875. — Resumo dos ventos que se observaram por decadas de cada mez em 1875. — Resumo das observações meteorologicas no anno de 1876. — Media das decadas dos mezes do anno de 1876. — Mappa dos ventos que sopraram para a cidade de S. Thomé em 1876. — Resumo dos ventos que se observaram por decadas de cada mez em 1876.

Qual será a natureza do clima da ilha de S. Thomé?

É este o assumpto de que nos vamos occupar, e antes de entrar n'outras considerações, apresentâmos os seguintes mappas, que extrahimos das observações publicadas no *Boletim official da provincia*. Referem-se a differentes annos, tendo as observações sido feitas por varios observadores, e em diversos logares da cidade. Começaremos pelo anno de 1858, que foi o primeiro em que se fizeram.

Resumo das observações meteorologicas no

Mezes	Temperatura				
	Altura	Na relva		Á sombra	
		Maxima absoluta	Minima absoluta	Maxima absoluta	Minima absoluta
Janeiro	–	–	–	–	–
Fevereiro	–	–	–	–	–
Março	–	–	–	–	–
Abril	758,10	28,41	–	29,2	23,
Maio	759,58	29,71	–	29,8	23,
Junho	760,54	28,94	–	28,2	22,
Julho	761,80	26,88	–	26,7	21,
Agosto	761,42	27,13	–	27,5	21,
Setembro	761,16	27,70	–	28,6	22,
Outubro	759,33	29,10	–	30,2	23,
Novembro	759,23	28,27	–	29,4	22,
Dezembro	–	–	–	–	–
Medias trimestres					
1.°	–	–	–	–	–
2.°	759,40	29,02	–	29,06	23,
3.°	761,46	27,23	–	27,6	21,
4.°	759,29	28,68	–	29,8	22,
Medias de oito mezes					
1858	760,14	28,26	–	28,7	22,

N. B. Nos mezes de janeiro, fevereiro, março e dez
servações, e do de abril faltam as duas primeiras decada
de quasi cinco mezes.

Media das decadas dos mezes de 1858

Mezes	Decadas	Alturas barometricas	Thermometro		Rumo dos ventos	Velocidade	Chuva maior
			Maxima absoluta	Minima absoluta			
	1.ª	-	-	-	-	-	-
....	2.ª	-	-	-	-	-	-
	3.ª	758,10	29,2	23,7	SO.	1,20	1,09
	1.ª	759,18	28,88	23,66	S.	0,9	4,7
....	2.ª	759,54	30,5	23,8	S.	1,3	-
	3.ª	759,93	30,1	23,7	SO.	1,3	5,4
	1.ª	760,10	28,9	23,1	S.	1,6	-
)............	2.ª	760,53	28,3	23,1	SSO.	1,9	-
	3.ª	760,97	27,6	21,6	S.	1,7	-
	1.ª	761,24	27,0	21,3	S e SSO.	1,9	-
....	2.ª	761,85	26,6	21,6	SSO.	2,2	-
	3.ª	762,17	26,6	20,9	SSO. e SSE.	1,7	-
	1.ª	761,99	27,6	21,1	SSE.	1,7	-
:o............	2.ª	761,43	27,4	21,2	SSO.	1,9	-
	3.ª	760,81	27,6	21,6	SSO. e SSE.	1,7	1,1
	1.ª	761,39	27,9	21,7	S.	1,4	0,5
ıbro..........	2.ª	762,03	28,4	22,6	S.	1,8	0,2
	3.ª	760,08	26,3	28,4	S. SSO.	1,5	1,8
	1.ª	759,86	26,6	28,8	S.	1,6	1,0
ɔro...........	2.ª	759,06	27,2	29,0	SE. e SSO.	1,4	1,0
	3.ª	759,89	30,7	22,9	SSE.	1,6	0,2
	1.ª	759,20	30,7	23,5	SSE.	1,3	12,8
mbro.........	2.ª	759,59	28,1	22,0	SE.	1,2	61,0
	3.ª	758,96	29,5	23,1	S.	1,2	19,1

'. *B.* Não se mencionam n'este mappa os mezes de janeiro, fevereiro, março,
embro, porque nos faltam as observações que lhes dizem respeito.

Ventos que sopraram para a cidade de S. Thomé, em 1858

Superiores	N	14		*Transporte*	
	NO	4	Inferiores	SSE	
	NE	8		SSO	
	NNE	20	Occidentaes	O	
	NNO	6		OSO	
Inferiores	S	82	Orientaes	E	
	SO	32		ENE	
	SE	29		ESE	
		195			

Resumo dos ventos que se observaram por decadas de cada mez no 2.°, 3.° e 4.° trimestre de 1858

Segundo trimestre

Rumos	Abril — Decadas				Maio — Decadas				Junho — Decadas			
	1.ª	2.ª	3.ª	Somma	1.ª	2.ª	3.ª	Somma	1.ª	2.ª	3.ª	Somma
SO	–	–	3	3	1	2	4	7	–	–	5	5
ESE	–	–	2	2	–	–	–	–	–	1	–	1
OSO	–	–	2	2	–	–	–	–	1	1	–	2
NNE	–	–	1	1	–	–	2	2	–	–	1	1
O	–	–	1	1	–	–	–	–	–	–	–	–
S	–	–	2	2	8	3	3	14	8	4	6	18
SE	–	–	1	1	–	2	1	3	1	–	–	1
SSE	–	–	1	1	1	2	1	4	1	–	–	1
SSO	–	–	1	1	1	1	–	2	–	5	4	9
NE	–	–	–	–	–	–	1	1	–	–	–	–
N	–	–	–	–	–	–	1	1	–	–	–	–
NO	–	–	–	–	–	–	1	1	–	–	–	–
E	–	–	–	–	–	–	1	1	–	–	–	–
	–	–	14	14	11	10	15	36	11	11	16	38

Terceiro trimestre

Rumos	Julho Decadas 1.ª	2.ª	3.ª	Somma	Agosto Decadas 1.ª	2.ª	3.ª	Somma	Setembro Decadas 1.ª	2.ª	3.ª	Somma	Somma total
SO............	–	2	–	2	2	1	1	4	1	–	2	3	9
ESE...........	–	–	2	2	2	–	–	2	–	–	1	1	5
NNE...........	–	–	–	–	1	1	1	3	4	2	1	7	10
S.............	5	3	4	12	1	4	–	5	4	5	4	13	30
SE............	1	–	–	1	–	1	2	3	1	–	3	4	8
SSE...........	–	–	[illegible]	4	3	2	5	10	1	–	–	1	15
SSO...........	5	7	4	16	2	4	6	12	2	1	3	6	34
NE............	1	–	–	1	1	1	–	2	–	1	–	1	4
N.............	–	–	–	–	2	–	4	6	–	–	1	1	7
NO............	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	1	1	1
E.............	–	–	–	–	1	–	2	3	–	2	2	4	7
ENE...........	1	–	–	1	–	1	–	1	–	–	–	–	2
NNO...........	–	–	–	–	–	1	–	1	–	1	1	2	3
	13	12	14	39	15	16	21	52	13	12	19	44	135

Quarto trimestre

Rumos	Outubro — Decadas				Novembro — Decadas			
	1.ª	2.ª	3.ª	Somma	1.ª	2.ª	3.ª	Somma
SO	1	1	3	5	1	1	1	3
ESE	1	–	–	1	–	–	–	–
OSO	–	–	–	–	–	1	–	1
NNE	1	2	1	4	1	–	1	2
O	–	–	1	1	–	–	–	–
S	5	3	[illegible]	11	1	1	[illegible]	7
SE	–	4	4	8	2	3	3	8
SSE	–	2	4	6	5	3	5	13
SSO	2	4	1	7	3	–	1	4
NE	–	–	–	–	2	1	–	3
N	–	1	2	3	2	1	–	3
NO	–	1	–	1	–	–	1	1
E	–	–	–	–	1	2	–	3
ENE	2	–	–	2	–	–	–	–
NNO	–	2	–	2	–	1	–	1
	12	20	19	51	18	14	17	49

Resumo das observações meteorologicas, por mezes, no anno de 1872

Mezes	Pressão — Altura (Adm.)	Temperatura — Thermometro exposto proximo ao solo e observado ás tres horas da tarde	Temperatura — À sombra — Maxima	Temperatura — À sombra — Minima	Temperatura — À sombra — Media	Humidade — Tensão do vapor	Humidade — Graus de humidade em centesmos	Chuva caída — Numero de dias	Chuva caída — Quantidade em millimetros
Março (a).......	758,89	46,69	29,56	21,41	25,33	22,62	79,6	12	11,70
Abril	761,25	42,55	30.52	22,00	26,30	21,24	80,9	12	11,99
Maio (b)........	758,90	39,97	29,91	22,66	25,78	21,04	83,56	11	19,54
Junho (c).......	754,46	46,84	26,94	26,88	26,91	19,27	79,6	3	14,4
Julho (d)	758.77	49,45	22,43	19,91	21,02	18,36	70,5	–	–
Agosto (e)	760,54	48,63	23,29	21,19	22,24	20,41	86,15	5	0,39
Setembro (f)	760,49	47,82	24,07	21,74	22,90	18,78	72,2	4	3,80
Outubro	759,87	41,50	27,07	22,55	24,81	20,58	82,6	15	13,81
Novembro	758,98	42,89	26,06	22,59	24,32	20,53	81,5	9	28,7
Dezembro (g)....	758,15	42,02	27,50	23,37	25,43	21,41	81,6	9	12,46

(a) Faltaram tres dias de observação na ultima decada, a de mais alta temperatura foi de 25 a 28.
(b) Não se observou a temperatura do dia 26. Temperatura de 33°,6 á sombra.
(c) Não choveu nos ultimos dez dias. Principio da estação secca ou ventanias.
(d) Não choveu um so dia n'este mez. Em 19, 20 e 21 foram os dias de mais baixa temperatura
(e) Não choveu nos primeiros dez dias, e na segunda decada houve dois dias de chuva, e tres na terceira.
(f) Não houve observações em quatro dias da ultima decada.
(g) Na ultima decada não se fizeram observações em seis dias.

O mez de abril foi o mais quente.
O mez de julho foi o mais fresco.

Pressão.............	Abril (mais alta)................	761^{mm},25
	Dezembro (mais baixa)..........	758^{mm},15
	Differença entre as medias d'estes dois mezes	3,10
Temperatura (á sombra)	Maxima (abril) gr. c.............	30,52
	Minima (julho) gr. c.............	19,91
	Differença..............................	10,61

Outubro, março e abril foram os mezes em que houve mais dias de chuva.

As ventanias começaram em junho, prolongaram-se pelos mezes de julho, agosto e setembro; é esta a estação propria para excursões ao interior da ilha, sendo os mezes de julho e agosto os mais favoraveis para esse fim.

Trimestres	Pressão — Altura (Adie)	Temperatura				Humidade		Chuva caida	
		Thermometro exposto proximo ao solo e observado ás 3 horas da tarde	Á sombra			Tensão do vapor	Graus da humidade em centesimos	Numero de dias	Quantidade em millimetros
			Maxima	Minima	Media				
2.º......	758,10	53,12	29,12	23,87	26,33	20.51	80,90	26	15,18
3.º......	759,93	48,63	23,16	20,94	22,05	19,18	80,07	9	1,39
4.º......	759,00	42,13	26,87	22,83	24,85	20,74	81,59	33	18,59

O segundo trimestre foi o mais quente e o terceiro o mais fresco.

N. B. Estas observações não correspondem a todos os dias dos differentes mezes.

Faltaram as observações de janeiro e fevereiro, assim como se não fizerem em muitos dias dos dez mezes observados, e por isso não se tirou a media annual.

Não se calcularam as variações diurnas da pressão atmospherica, nem as nocturnas da temperatura.

Ventos que sopraram para a cidade de S. Thomé em 1872

Rumos	Numero de vezes	Observações
NE....................	20	Ventos superiores. — O porto da cidade está exposto aos ventos do N.
NNE....................	2	
N....................	40	
NNO....................	4	
NO....................	14	
SE....................	112	Ventos inferiores. — O vento do SO. é o mais prejudicial á cidade.
SSE....................	30	
S....................	379	
SSO....................	22	
SO....................	23	
OSO....................	6	Ventos occidentaes. — Ficam d'este lado as altas montanhas da ilha.
O....................	130	
ONO....................	12	
ESE....................	16	Ventos orientaes. — A costa oriental da ilha olha para o continente africano e o porto da cidade está exposto a E.
E....................	58	
ENE....................	5	
	873	

Os ventos de O. e do S. chegam á ilha depois de atravessarem as aguas do mar da Guiné. As montanhas, que começam a elevar-se a 15 ou 20 kilometros da cidade, formam cordilheiras, subindo a 2:500 metros de altura e algumas a 3:000 metros, oppondo assim uma enorme barreira á violencia dos ventos e á sua direcção de O. para OSO. ou para NO.

Nos terrenos da ilha encontram os ventos SE. e ESE. pantanos, paues, lagoas e charcos, os quaes correm da fortaleza de S. Sebastião para o S. São estes os ventos mais prejudiciaes á cidade de S. Thomé.

A bahia de Anna de Chaves e a cidade de S. Thomé estão expostas aos ventos de NE. e SE., os quaes podem prejudicar as embarcações surtas no porto, trazendo-as á terra.

Os ventos vindos do continente africano, atravessando a porção do mar que fica entre a costa do golfo dos Mafras, chegam á ilha pela sua margem septentrional e oriental. São os ventos ONO., NO., NNO., N., E., ESE. A ilha não offerece terrenos aos ventos de N. e de E., mas a

todos os outros, sem excepção, oppõe serras, e infelizmente a alguns d'elles logares pantanosos, como acima dissemos.

Os ventos que mais predominam são os do S., e d'este lado chegam á ilha, e açoutam-na com violencia, tornando perigosas as praias do S.

Os rumos dos ventos observados correspondem ás nove horas da manhã e ás nove da noite. Para se conhecer o clima da ilha de S. Thomé, e especialmente o da cidade, onde reside a maioria dos europeus, precisa-se de maior numero de observações meteorologicas.

O estudo dos ventos nunca será sufficientemente dirigido sem que se façam o maior numero possivel de observações de *noite e de dia,* sem que se note o tempo do começo e duração das aragens, das brisas ou dos ventos locaes, etc.

Resumo dos ventos que se observaram por decadas em cada mez no anno de 1872

Rumos	Março — Decadas				Abril — Decadas				Maio — Decadas				Junho — Decadas				Somma total
	1.ª	2.ª	3.ª	Somma	1.ª	2.ª	3.ª	Somma	1.ª	2.ª	3.ª	Somma	1.ª	2.ª	3.ª	Somma	
NE............	–	–	–	–	3	–	1	4	2	–	–	2	–	1	–	1	7
NNE..........	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–
N..............	2	2	3	7	1	2	–	3	–	1	1	2	–	2	2	4	16
NNO	–	1	–	1	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	1
NO	–	3	–	3	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	1	1	4
SE.............	5	7	2	14	4	11	12	27	9	5	4	18	–	–	–	–	59
SSE...........	1	–	–	1	–	–	4	4	1	2	3	6	2	1	–	3	14
S...............	1	2	–	3	2	1	–	3	5	9	9	23	16	12	12	40	69
SSO...........	1	–	–	1	–	–	–	–	–	–	2	2	–	–	–	–	3
SO.............	3	2	1	6	–	–	1	1	–	–	–	–	2	–	–	2	9
OSO	–	–	–	–	1	–	1	2	–	–	–	–	–	–	–	–	2
O...............	1	1	–	2	–	–	–	–	2	–	1	3	–	3	4	7	12
ONO	–	–	1	1	–	–	–	–	–	1	–	1	–	–	–	–	2
ESE.	3	1	2	6	1	–	–	1	–	1	–	1	–	–	–	–	8
E...............	4	–	7	11	6	5	1	12	–	1	–	1	–	–	1	1	25
ENE.	–	–	–	–	–	–	–	–	–	1	–	1	–	1	–	1	2
	21	19	16	56	18	19	20	57	19	21	20	60	20	20	20	60	233

Durante as observações ás nove horas da manhã, no mez de março, predominou o vento SE., e depois o N., SO. e ESE.

Nos dias 25 a 28 de março houve a mais alta temperatura, notando-se os ventos E., SE. e ESE.

O dia de mais chuva foi o dia 28 com o vento de SE. de manhã e E. pelas nove horas da noite.

No mez de abril foi o vento de SE. mais frequente do que em março, e depois d'elle foi o E.

Choveu muito no dia 18 de abril, havendo de manhã vento N.; no dia 13 foi tambem muita a chuva, mas o vento foi SE.

No mez de maio começou o vento S. a substituir o SE., e emquanto que este soprou dezoito vezes, aquelle apresentou-se vinte e tres, sendo notavel que no dia de maior chuva se marcasse ás nove horas da manhã o vento N., direcção inferior. Os ventos n'estes dias não foram fracos.

No mez de junho ha a completa substituição do vento SE. pelo S. que predominou sobre todos os outros com grande differença. As ventanias começam na ultima decada d'este mez, e é evidente que lhe abrem as portas os ventos do S. Nos ultimos dez dias d'este mez não choveu.

Quadra das ventanias em 1873

Rumos	Julho — Decadas 1.ª	2.ª	3.ª	Somma	Agosto — Decadas 1.ª	2.ª	3.ª	Somma	Setembro — Decadas 1.ª	2.ª	3.ª	Somma	Somma total
NE	–	–	–	–	–	–	–	–	2	2	–	4	
NNE	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–
N	–	–	[illegible]	2	–	2	2	4	2	–	1	3	
NNO	–	–	–	–	–	–	–	–	–	1	1	2	
NO	–	–	1	1	–	–	–	–	–	–	–	–	
SE	–	1	–	1	2	–	3	5	–	1	–	1	
SSE	3	2	–	5	–	–	1	1	1	1	1	3	
S	11	9	17	37	17	15	14	46	8	14	7	29	11
SSO	1	–	–	1	1	–	1	2	–	–	–	–	
SO	1	–	–	1	–	1	–	1	–	–	–	–	
OSO	–	–	–	–	–	–	–	–	1	–	–	1	
O	4	5	1	10	–	2	–	2	2	–	1	3	1
ONO	–	–	1	1	–	–	1	1	1	–	–	1	
ESE	–	1	–	1	–	–	–	–	1	–	–	1	
E	–	2	–	[illegible]	–	–	–	–	2	1	1	4	
ENE	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–
	20	20	22	62	20	20	22	62	20	20	12	52	17

O mez de julho é o principal das ventanias; não houve em todo e
um só dia de chuva, e o vento do S. soprou com frequencia. Os dias
mais baixa temperatura corresponderam a 17 a 20 de julho, reinand
noite e de manhã o vento S. e O.

Em algumas fazendas da ilha ha *frio*, segundo asseveram os faz
deiros.

No mez de agosto predominou o vento S. Os primeiros chuvisc
depois de sessenta e sete dias successivos sem chuva, appareceram
dia 17, marcando-se o vento N. de manhã e á noite o S. No mez de ago
houve chuviscos nos dias 17, 18, 21, 28 e 31, mas em quantidade in
gnificante.

Em cada um dos ultimos quatro dias de setembro choveu, e as ventanias chegaram ao seu termo, mas ainda o vento S. dominou todos os outros.

Quadra de chuvas em 1872

Rumos	Outubro — Decadas				Novembro — Decadas				Dezembro — Decadas				Somma total
	1.ª	2.ª	3.ª	Somma	1.ª	2.ª	3.ª	Somma	1.ª	2.ª	3.ª	Somma	
NE............	3	–	–	3	–	1	1	2	–	–	–	–	5
NNE...........	1	–	–	1	–	–	–	–	1	–	–	1	2
N.............	2	–	2	4	2	–	–	2	2	–	–	2	8
NNO...........	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	1	1	1
NO............	1	–	2	3	–	–	–	–	1	–	1	2	5
SE............	–	5	4	9	1	5	2	8	2	1	1	4	21
SSE...........	1	2	–	3	1	–	–	1	–	2	–	2	6
S.............	5	7	7	19	3	4	9	16	4	9	3	16	51
SSO...........	1	–	2	3	2	1	–	3	–	–	–	–	6
SO............	–	–	1	1	–	–	–	–	1	–	1	2	3
OSO...........	–	–	–	–	–	–	–	–	1	–	–	1	1
O.............	5	5	–	10	8	4	7	19	7	5	2	14	43
ONO...........	–	1	1	2	–	1	–	1	–	–	–	–	3
ESE...........	1	–	1	2	1	–	–	1	–	1	–	1	4
E.............	–	–	1	1	2	3	–	5	2	1	1	4	10
ENE...........	–	–	1	1	–	–	1	1	–	–	–	–	2
	20	20	22	62	20	19	20	59	21	19	10	50	171

No mez de outubro predominaram os ventos do S., mas os de SE. e os de O. foram quasi metade do numero que representa o vento S.

Choveu nos dias 2 e 3, marcando-se o vento N. e o S. no dia 22 com o ESE., e o dia 31, especialmente, foi notavel pela quantidade de agua caída, sendo o vento SO., ás nove horas da manhã, aquelle que predominava.

No mez de novembro o vento do S. foi excedido pelo vento de O. O dia 6 foi muito chuvoso, e o vento de O. foi o que se marcou ás nove

horas da manhã; foi notavel pela quantidade de a[illegible]
qual correspondeu o vento SE.

No mez de dezembro notaram-se os ventos S.
tante no dia 2 com vento de SO., e no dia 13 com
um dia de chuva com o vento E.

Mappa contendo o numero de vezes que os ventos s[illegible] para a cidade de S. Thomé, de março a dezem[illegible]

Rumos	Março — Decadas 1.ª	2.ª	3.ª	Somma	Abril — Decadas 1.ª	2.ª	3.ª	Somma	Maio — Decadas 1.ª	2.ª	3.ª
NE.	–	–	–	–	2		1	3	1	–	–
NNE.	–	–	–	–					–	–	–
N.	–	2	–	2	1				–	–	–
NNO.	–	–	–	–					–	–	–
NO	–	[illegible]	–	2					–	–	–
SE.	–	3	–	3		6	8	14	4	1	1
SSE.	–	–	–	–					–	–	–
S.	1	1	–	2	2		1	3	5	8	7
SSO	1	1	–	2					–	–	2
SO	3	1	1	5			1		–	–	–
OSO.	–	–	–	–					–	–	–
O.	1	–	–	1					–	–	–
ONO.	–	–	1	1					–	1	–
ESE.	1	–	–	1					–	–	–
E.	3	–	6	9	4	3		7	–	–	–
ENE.	–	–	–	–				–	–	–	–
	10	10	8	28	10	9	11	30	10	10	10

O anemometro foi observado, segundo o que
nhã, ás nove horas, e de noite a igual hora. Pare[illegible]
observações são insufficientes e por ellas não se
idéa approximada da frequencia de alguns dos ven[illegible]

Março — Os ventos em todo este mez foram
ram-se aos que os maritimos chamam bafagens.

O exame e conhecimento da duração, força e [illegible]

n'uma ou n'outra praia parece-nos de grande utilidade n'uma ilha como a de S. Thomé, onde a sua capital está encravada entre pantanos, lagoas, paúes, charcos, lezirias e canos de esgoto sem declive e infectos.

As brisas durante o dia, chegando do mar á terra, devem ser menos prejudiciaes do que aquellas que passam, de noite, de terra para o mar. Qualquer edificio construido para os lados dos muros arruinados da fortaleza de S. Jeronymo deve ser insalubre.

Abril — Os ventos não passaram de bafagens; e predominaram os de SE.

Maio — Os ventos não passaram de moderados, e alguns dias de aragens; o vento de mais força foi em 28 de maio (moderado ou bonançoso), choviscou n'este dia, o céu esteve sempre encoberto. Foi o S. o principal vento, tanto de noite como de dia.

Junho — Houve a 22 d'este mez uma tempestade, sem haver chuva; no dia 23 vento forte, e em alguns dias foi moderado: predominou o vento S., como quasi sempre acontece.

Rumos	Julho — Decadas				Agosto — Decadas				Setembro — Decadas				Somma total
	1.ª	2.ª	3.ª	Somma	1.ª	2.ª	3.ª	Somma	1.ª	2.ª	3.ª	Somma	
NE	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–
NNE	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–
N	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–
NNO	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–
NO	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–
SE	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–
SSE	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–
S	6	5	10	21	10	9	10	29	7	10	6	23	73
SSO	–	–	–	–	–	–	1	1	–	–	–	–	1
SO	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–
OSO	–	–	–	–	–	–	–	–	1	–	–	1	1
O	4	5	1	10	–	1	–	1	2	–	–	2	13
ONO	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–
ESE	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–
E	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–
ENE	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–
	10	10	11	31	10	10	11	31	10	10	6	26	88

É esta a estação denominada vulgarmente das

Julho — Sopraram apenas os ventos S. e O. en
taram-se onze ventos differentes, aragens e uma s

Agosto — Reduziram-se ao vento do S. os ve
noite no mez de agosto; o S. foi o vento princ
Houve em muitos dias ventos moderados.

Rumos	Outubro — Decadas				Novembro — Decadas			
	1.ª	2.ª	3.ª	Somma	1.ª	2.ª	3.ª	Somma
NE	–	–	–	–	–	–	–	–
NNE	–	–	–	–	–	–	–	–
N	–	–	1	1	–	–	–	–
NNO	–	–	–	–	–	–	–	–
NO	–	–	2	2	–	–	–	–
SE	–	1	–	1	–	1	–	1
SSE	–	–	–	–	–	–	–	–
S	4	4	5	13	1	2	4	7
SSO	1	–	2	3	1	1	–	2
SO	–	–	–	–	–	–	–	–
OSO	–	–	–	–	–	–	–	–
O	5	5	–	10	7	4	6	17
ONO	–	–	1	1	–	1	–	1
ESE	–	–	–	–	1	–	–	1
E	–	–	–	–	–	1	–	1
ENE	–	–	–	–	–	–	–	–
	10	10	11	31	10	10	10	30

Outubro — Predominaram o S. e O., aragens

Novembro — O vento O. soprou mais vezes q
mais sensivel este excesso do que de dia. Aragens

Dezembro — São os ventos S. e O. unicos po

Resumo das observações meteorologicas no anno de 1873

Mezes	Altura barometrica	Temperatura				Humidade		Chuva caída		Velocidade do vento
		Na relva		A sombra						
		Maxima absoluta	Minima absoluta	Maxima absoluta	Minima absoluta	Tensão do vapor — Millimetros	Saturação por 100 graus	Dias	Millimetros	
Janeiro	758,06	35,1	13,3	28,4	23,3	21,36	81	6	7,3	3,37
Fevereiro	758,53	37,4	16,8	28,8	23,4	21,26	78	11	7,4	3,41
Março	758,02	35,1	17,3	29,1	23,6	21,51	80	11	8,5	3,80
Abril	758,36	39,7	14,1	30,1	24,0	21,87	77	9	5,7	4,39
Maio	758,51	37,0	18,6	28,7	23,8	21,35	81	12	14,0	4,14
Junho	760,55	35,1	12,3	28,7	23,9	20,56	77	4	9,0	7,82
Julho	761,47	32,6	15,5	27,2	23,1	18,23	75	1	2,0	9,6
Agosto	761,60	34,8	15,6	27,0	22,6	18,79	75	1	0,2	8,36
Setembro	760,45	35,0	18,2	29,9	23,6	20,51	79	2	7,6	[illegible]
Outubro	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–
Novembro	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–
Dezembro	759,76	38,8	17,9	28,9	23,4	21,58	84	12	16,8	4,70
Medias trimestres										
1.º	758,20	35,8	15,8	28,7	23,4	21,37	79	28	7,1	3,52
2.º	759,14	37,2	15,0	29,1	23,9	21,32	78	25	9,5	5,45
3.º	761,17	34,1	16,4	28,0	23,1	19,17	76	4	3,2	8,20
4.º	759,76	38,8	17,9	28,9	23,4	21,58	84	12	16,8	4,70
Media annual										
1873	759,81	36,06	15,96	28,5	23,3	20,72	78	69	7,8	6,48

N. B. Faltam as observações dos mezes de outubro e novembro.

Media das decadas dos mezes abaixo mencionados

Mezes	Decadas	Alturas barometricas	Temp Maxima absoluta
Janeiro	1.ª	757,86	28,0
	2.ª	758,08	28,6
	3.ª	758,13	28,3
Fevereiro	1.ª	758,60	28,9
	2.ª	759,09	28,7
	3.ª	757,75	28,7
Março	1.ª	758,19	28,6
	2.ª	758,34	29,3
	3.ª	757,58	29,4
Abril	1.ª	841,20	30,2
	2.ª	758,16	30,1
	3.ª	759,00	30,0
Maio	1.ª	758,20	29,3
	2.ª	758,81	28,0
	3.ª	758,60	28,7
Junho	1.ª	759,93	28,9
	2.ª	760,62	28,8
	3.ª	761,03	28,4
Julho	1.ª	761,25	26,8
	2.ª	761,58	27,2
	3.ª	761,57	27,6
Agosto	1.ª	760,98	27,4
	2.ª	761,93	26,0
	3.ª	761,86	27,5
Setembro	1.ª	761,45	28,0
	2.ª	760,20	28,0
	3.ª	759,71	27,5
Dezembro	1.ª	759,90	28,8
	2.ª	759,71	29,1
	3.ª	759,69	28,7

N. B. Faltam as observações dos mezes de outubro e

Ventos que sopraram para a cidade de S. Thomé em 1873

Rumos	Numero de vezes	Observações
NO	8	Superiores.
NE	13	
N	16	
NNO	6	
NNE	1	
SE	9	Inferiores.
SSE	23	
SSO	18	
SO	96	
S	175	
SE	20	
SO	5	
SON	1	
O	43	Occidentaes.
OSO	3	
ONO	6	
O	4	
ESE	5	Orientaes.
E	22	
ENE	4	
	478	

Resumo dos ventos que se observaram por decadas de cada mez do anno de 187

Primeiro trimestre

Rumos	Janeiro — Decadas				Fevereiro — Decadas				Março — Decadas				Somma total
	1.ª	2.ª	3.ª	Somma	1.ª	2.ª	3.ª	Somma	1.ª	2.ª	3.ª	Somma	
ESE	1	–	–	1	–	–	–	–	–	1	1	2	3
SE	3	–	–	3	–	–	–	–	–	–	–	–	3
SSE	1	1	1	3	1	–	1	2	1	1	–	2	7
SSO	1	–	–	1	–	–	–	–	–	–	–	–	1
O	2	5	7	14	6	1	2	9	2	1	2	5	28
SO	1	5	3	9	3	3	2	8	6	7	6	19	36
S	1	2	4	7	2	4	5	11	5	4	6	15	33
SE	–	4	–	4	1	4	–	5	1	1	2	4	13
NO	–	1	–	1	–	–	1	1	2	–	1	3	5
OSO	–	1	1	2	1	–	–	1	–	–	–	–	3
NE	–	1	1	2	1	3	–	4	1	1	–	2	8
E	–	–	2	2	3	–	3	6	–	–	2	2	10
N	–	–	2	2	1	4	1	6	–	3	–	3	11
ONO	–	–	1	1	–	1	–	1	1	–	1	2	4
ENE	–	–	–	–	1	–	–	1	1	–	–	1	2
NNO	–	–	–	–	–	–	1	1	–	1	1	2	3
	10	20	22	52	20	20	16	56	20	20	22	62	170

Segundo trimestre

Rumos	Abril — Decadas				Maio — Decadas				Junho — Decadas				Somma total
	1.ª	2.ª	3.ª	Somma	1.ª	2.ª	3.ª	Somma	1.ª	2.ª	3.ª	Somma	
ESE		–	1	1	1	–		1			–	–	2
SSE		–				1	1	2			–	–	2
SSO		–	1	1		–	1	1			1	1	3
O	3	1		4	2	3	1	8			1	1	13
SO	5	2	2	9	5	2	6	13	6	6	7	19	41
S	2	4	6	12	7	8	5	20	11	14	10	35	67
SE	4	2		6		–		–			–	–	6
NO		1	1	2		–		–			–	–	2
NE	1	–	1	2		–		–			1	1	3
E		2	2	5		1		2	1		–	1	8
N		1		1	2	–		2			–	–	3
ONO	1	–				–		–			–	–	1
ENE		–				–	1	1			–	–	1
NNO		1			2	–		2			–	–	3
NNE		–			1	–		1			–	–	1
	17	14	14	45	21	17	15	53	8	20	20	58	156

Terceiro trimestre

Rumos	Julho — Decadas 1.ª	2.ª	3.ª	Somma	Agosto — Decadas 1.ª	2.ª	3.ª	Somma
SSE	1	1	–	2	2	1	[illegible]	6
SSO	–	3	–	3	2	2	1	5
SO	–	–	1	1	–	1	–	1
S	9	6	9	24	6	5	5	16
SE	–	–	–	–	–	1	–	1
E	–	–	–	–	–	–	1	1
N	–	–	1	1	–	–	–	–
ENE	–	–	–	–	–	–	1	1
	10	10	11	31	10	10	11	31

Quarto trimestre

Rumos	Outubro — Decadas 1.ª	2.ª	3.ª	Somma	Novembro — Decadas 1.ª	2.ª	3.ª
SE	–	–	–	–	–	–	–
SSE	–	–	–	–	–	–	–
SSO	–	–	–	–	–	–	–
O	–	–	–	–	–	–	–
SO	–	–	–	–	–	–	–
S	–	–	–	–	–	–	–
NO	–	–	–	–	–	–	–
NE	–	–	–	–	–	–	–
E	–	–	–	–	–	–	–
ONO	–	–	–	–	–	–	–
SO	–	–	–	–	–	–	–
O	–	–	–	–	–	–	–
SON	–	–	–	–	–	–	–
	–	–	–	–	–	–	–

Vista da cidade de S. Thomé, tirada de cima da torre da Sé

Resumo das observações meteorologicas no anno de 1874

Mezes	Alturas barometricas	Temperatura				Humidade		Chuva caída		Velocidade do vento
		Na relva		A sombra						
		Maxima absoluta	Minima absoluta	Maxima absoluta	Minima absoluta	Tensão do vapor — Millimetros	Saturação por 100 graus	Dias	Millimetros	
Janeiro	759,36	33,8	17,3	29,5	24,30	22,25	83	6	2,9	3,99
Fevereiro	757,71	35,8	16,9	29,3	23,20	21,78	83	9	17,4	5,06
Março	759,27	33,7	16,8	29,6	22,90	21,78	82	8	17,9	5,98
Abril	759,46	31,1	17,2	29,8	22,50	21,31	81	6	10,9	5,67
Maio	760,47	30,3	18,5	28,3	22,00	20,95	85	4	27,5	5,60
Junho	761,77	30,6	18,1	27,7	21,70	21,21	85	–	–	5,58
Julho	762,52	29,2	17,2	27,7	20,30	18,19	77	–	–	5,95
Agosto	762,39	29,8	15,9	27,5	19,87	17,70	76	–	–	5,84
Setembro	761,32	30,1	17,8	28,3	21,70	19,23	78	1	7,2	5,45
Outubro	760,41	30,3	17,6	28,2	22,20	20,27	81	10	5,1	4,91
Novembro	759,81	30,6	16,9	28,1	21,90	20,81	83	6	18,8	3,68
Dezembro	759,19	30,5	16,7	28,0	22,00	21,63	84	10	8,9	4,49
Medias trimestres										
1.º	758,78	34,4	17,0	29,4	23,40	21,93	82	23	12,7	5,01
2.º	760,56	30,6	17,9	26,9	22,00	21,15	83	10	19,2	5,61
3.º	762,07	29,7	16,9	27,8	20,62	18,37	77	1	7,2	5,74
4.º	759,80	30,4	17,0	28,1	20,00	20,90	82	26	10,9	4,36
Media annual										
1874	760,11	34,3	17,2	26,5	22,08	20,59	81	60	12,9	4,83

Ventos que sopraram para a cidade de S. Thomé em 1874

Rumos	Numero de vezes	Observações	Rumos	Numero de vezes	Observações
N.	63	Superiores.	*Transporte*	443	
NE	11		SO	33	Inferiores.
NO	14		SSE	1	
NNO	1		SO	37	
NO	8	Inferiores.	O	13	Occidentaes.
S.	328		C.	9	
SE	18		E.	14	Orientaes.
	443			550	

Resumo dos ventos que se observaram por decadas de cada mez em 1874

Primeiro trimestre

Rumos	Janeiro — Decadas 1.ª	2.ª	3.ª	Somma	Fevereiro — Decadas 1.ª	2.ª	3.ª	Somma	Março — Decadas 1.ª	2.ª	3.ª	Somma	Somma total
E.	2	–	–	2	1	–	–	[illegible]	1	–	–	1	4
SE.	4	1	2	7	1	2	1	4	–	1	1	2	13
SO	9	6	7	22	2	2	–	4	5	1	1	7	33
S.	8	6	5	19	6	8	5	19	11	10	11	32	70
SSE.	1	–	–	1	–	–	–	–	–	–	–	–	[illegible]
O.	1	5	1	7	1	–	–	1	–	3	2	5	[illegible]
N.	–	2	3	5	4	2	4	10	–	1	–	1	16
C.	–	5	4	9	6	2	2	10	1	2	4	7	26
NE	–	1	–	1	1	1	1	3	1	[illegible]	–	2	[illegible]
NO	–	2	3	5	5	–	2	7	–	1	1	2	14
NNO	–	–	–	–	–	–	1	1	–	–	–	–	1
	25	28	25	78	27	17	16	60	19	20	20	59	197

Quarto trimestre

Rumos	Outubro — Decadas 1.ª	2.ª	3.ª	Somma	Novembro — Decadas 1.ª	2.ª	3.ª	Somma	Dezembro — Decadas 1.ª	2.ª	3.ª	Somma	Somma total
E.		–			–	–	1	1	–	2	4	[illegible]	7
SE.		1	2	3	–	–		–	–		–	–	3
S.	8	10	1	29	9	5	9	23	10	9	11	30	82
N.	6	2		9	3	3	4	10	4		5	10	29
C.	3	2	4	9	6	3	6	15	3	4	8	15	39
NE	–	–		1	–	–		–	–		–	1	2
NO	–	–			1			1	–		1	1	2
SO	3	4		8	2	1		3	1	4	2	7	18
O.	–	–					3	3	4	1	–	5	8
	20	19	20	59	2	2	23	56	22	22	31	75	190

Media das decadas dos mezes do anno de 1875

Mezes	Decadas	Alturas barometricas	Temperatura Maxima absoluta	Temperatura Minima absoluta	Velocidade do vento	Chuva
Janeiro	1.ª	759,66	27,96	22,51	3,52	7,3
	2.ª	759,60	28,37	21,94	3,70	13,2
	3.ª	759,10	29,25	22,63	4,03	27,2
Fevereiro	1.ª	759,01	28,93	22,35	3,88	7,6
	2.ª	758,62	28,73	22,23	3,75	15,5
	3.ª	758,32	30,77	23,23	3,49	1,9
Março	1.ª	759,44	30,02	22,62	5,12	20,6
	2.ª	757,87	30,10	22,41	4,31	12,2
	3.ª	758,34	28,54	21,43	2,84	44,3
Abril	1.ª	758,25	28,79	21,92	2,50	24,7
	2.ª	759,36	29,61	23,04	3,59	4,0
	3.ª	760,16	29,72	23,37	3,95	9,2
Maio	1.ª	759,05	30,92	24,56	4,23	10,0
	2.ª	758,65	28,84	22,98	3,78	18,7
	3.ª	760,02	28,78	22,78	3,97	7,1
Junho	1.ª	760,22	28,74	22,90	6,53	3,1
	2.ª	760,24	28,31	21,97	6,47	-
	3.ª	761,43	28,05	22,05	8,07	-
Julho	1.ª	762,82	28,88	22,95	4,77	-
	2.ª	762,81	28,98	20,58	3,72	-
	3.ª	762,89	28,79	20,41	4,04	-
Agosto	1.ª	762,93	28,30	20,94	3,52	-
	2.ª	761,40	27,86	22,55	4,58	8,6
	3.ª	762,09	27,52	21,43	3,33	9,8
Setembro	1.ª	761,20	27,67	21,82	5,24	-
	2.ª	760,10	28,17	21,60	2,79	2,0
	3.ª	759,53	28,28	21,43	3,84	3,1
Outubro	1.ª	759,39	28,18	21,65	3,91	10,2
	2.ª	759,53	27,62	20,81	3,32	12,2
	3.ª	759,39	28,57	20,77	1,33	12,2
Novembro	1.ª	759,31	29,05	20,36	-	6,6
	2.ª	759,99	28,83	20,85	-	13,1
	3.ª	759,03	29,46	19,88	-	27,4
Dezembro	1.ª	760,13	29,42	20,68	-	12,4
	2.ª	759,59	29,14	20,42	-	10,2
	3.ª	759,13	28,78	20,95	-	10,4

Segundo trimestre

Rumos	Abril — Decadas				Maio — Decadas				Junho — Decadas				Somma total
	1.ª	2.ª	3.ª	Somma	1.ª	2.ª	3.ª	Somma	1.ª	2.ª	3.ª	Somma	
S.	6	8	3	17	10	9	12	31	10	10	8	28	76
C.	6	3	5	14	2	1	1	4	–	–	–	–	18
O	–	1	1	2	–	–	–	–	–	–	–	–	2
N.	2	2	7	11	2	–	2	4	–	–	–	–	15
SO	4	8	6	18	7	6	7	20	7	4	–	11	49
NE.	4	–	1	5	–	1	–	1	–	–	–	–	6
NO	2	2	2	6	–	2	1	3	–	1	–	1	10
SE.	1	1	2	4	–	–	–	–	–	–	–	–	4
EO	–	–	–	–	–	1	–	1	–	–	–	–	1
	25	25	27	77	21	20	23	64	17	15	8	40	181

Terceiro trimestre

Rumos	Julho — Decadas				Agosto — Decadas				Setembro — Decadas				Somma total
	1.ª	2.ª	3.ª	Somma	1.ª	2.ª	3.ª	Somma	1.ª	2.ª	3.ª	Somma	
S.	7	10	7	24	7	9	10	26	10	10	8	28	78
C.	–	1	4	5	8	4	3	15	2	6	5	13	33
E.	–	–	–	–	1	–	–	1	–	–	–	–	1
O	–	–	–	–	4	–	–	–	1	–	1	2	2
SN. (1)	1	–	–	1	–	–	–	–	–	–	–	–	1
N.	–	1	2	3	1	–	1	2	1	3	–	4	9
SO	3	4	6	13	3	1	4	8	5	4	5	14	35
NE.	–	–	–	–	1	–	–	1	–	–	–	–	1
NO	–	–	1	1	–	1	–	1	–	2	–	2	4
SE.	–	–	–	–	–	1	–	1	1	–	1	2	3
SC.	1	–	–	1	–	–	–	–	–	–	–	–	1
	12	16	20	48	21	16	18	55	20	25	20	65	168

(1) Esta observação acha-se assim designada no *Boletim official*.

dades; os terrenos do S. e os do N. estão tambem em condições diversas uns dos outros. Damos como provavel que haja tres climas differentes na ilha de S. Thomé, mas só trabalhos posteriores poderão justificar a hypothese que apresentâmos.

As praias ou logares baixos mais notaveis e dignos de se estudarem, a contar da praia de Anna de Chaves seguindo para E., S., O. e N, são as seguintes: Melão, Sant'Anna, Mecia Alves, Rei, *Pedra Furada,* Angra de S. João dos Angolares, Ribeira Peixe, Iogo-Iogo (Boa Esperança), a do N. na *pequena ilha das Rolas,* a da pittoresca angra de S. Miguel, Santa Catharina, Agua Ambó, das Conchas, Fernando Dias, Diogo Nunes e Lagarto.

Os logares de mediana altura, como os de Santa Margarida e rodeando a ilha pelo E., S., O. e N., os do monte Café, Santa Luzia, Cachoeira, Alto Douro, etc., os quaes podem tomar os nomes das fazendas n'ellas abertas, ficam entre 350 e 800 metros de altitude e pertencem todos *provavelmente* á linha isothermica differente da que se observa na primeira região.

Sómente por meio das linhas isothermicas póde fazer-se a classificação rigorosa, e por isso não nos demorâmos mais n'este importante assumpto e terminâmos por pedir com instancia que se façam os estudos necessarios para elle se completar.

Media das decadas dos mezes do anno de 1876

Mezes	Decadas	Alturas barometricas	Temperatura — Maxima absoluta	Temperatura — Minima absoluta	Chuva
Janeiro	1.ª	758,53	29,16	20,33	24,9
	2.ª	758,48	29,18	20,64	5,2
	3.ª	759,06	29,02	19,43	16,2
Fevereiro	1.ª	758,22	30,04	20,26	7,3
	2.ª	759,11	29,16	19,01	24,2
	3.ª	759,04	29,71	19,20	9,1
Março	1.ª	758,85	29,72	19,63	22,4
	2.ª	758,23	29,82	19,50	18,1
	3.ª	757,55	28,98	18,85	18,4
Abril	1.ª	758,91	28,50	19,34	17,2
	2.ª	758,59	28,87	19,01	25,2
	3.ª	758,14	28,60	19,50	7,0
Maio	1.ª	760,32	28,95	21,97	36,2
	2.ª	758,15	29,40	20,74	3,9
	3.ª	759,92	29,30	21,90	–
Junho	1.ª	761,04	28,67	21,42	14,8
	2.ª	761,11	28,13	21,18	–
	3.ª	761,10	27,51	21,59	–
Julho	1.ª	761,02	27,64	20,65	–
	2.ª	761,13	27,63	22,22	–
	3.ª	–	–	–	–
Setembro	1.ª	–	–	–	–
	2.ª	761,01	29,26	21,73	–
	3.ª	760,90	29,91	22,48	–
Outubro	1.ª	760,38	29,58	22,28	9,1
	2.ª	760,75	30,22	23,24	5,1
	3.ª	836,45	32,39	24,21	14,1
Novembro	1.ª	759,85	30,08	22,79	–
	2.ª	759,39	29,43	21,79	20,1
	3.ª	760,73	29,41	21,80	10,4
Dezembro	1.ª	761,00	29,16	21,20	8,6
	2.ª	759,65	29,93	22,00	9,0
	3.ª	836,59	34,25	25,64	9,0

N. B. Não existem as observações referidas ao mez de agosto, bem como as da 3.ª decada de julho e 1.ª de setembro, vindo portanto a faltar as observações em quasi dois mezes.

Media das decadas dos mezes do anno de 1876

Mezes	Decadas	Alturas barometricas	Temperatura Maxima absoluta	Temperatura Minima absoluta	Chuva
Janeiro	1.ª	758,53	29,16	20,33	24,9
	2.ª	758,48	29,18	20,64	5,2
	3.ª	759,06	29,02	19,43	16,2
Fevereiro	1.ª	758,22	30,04	20,26	7,3
	2.ª	759,11	29,16	19,01	24,2
	3.ª	759,04	29,71	19,20	9.1
Março	1.ª	758,85	29,72	19,63	22,4
	2.ª	758,23	29,82	19,50	18,1
	3.ª	757,55	28,98	18,85	18,4
Abril	1.ª	758,91	28,50	19,34	17,2
	2.ª	758,59	28.87	19,01	25,2
	3.ª	758,14	28,60	19,50	7,0
Maio	1.ª	760,32	28.95	21,97	36,2
	2.ª	758,15	29,40	20,74	3,9
	3.ª	759.92	29.30	21,90	-
Junho	1.ª	761,04	28,67	21,42	14,8
	2.ª	761,11	28,13	21,18	-
	3.ª	761,10	27,51	21,59	-
Julho	1.ª	761,02	27,64	20,65	-
	2.ª	761,13	27,63	22,22	-
	3.ª	-	-	-	-
Setembro	1.ª	-	-	-	-
	2.ª	761.01	29,26	21,73	-
	3.ª	760,90	29,91	22,48	-
Outubro	1.ª	760,38	29,58	22,28	9,1
	2.ª	760,75	30,22	23.24	5,1
	3.ª	836,45	32,39	24.21	14,1
Novembro	1.ª	759.85	30,08	22,79	-
	2.ª	759,39	29,43	21,79	20,1
	3.ª	760,73	29,41	21,80	10,4
Dezembro	1.ª	761,00	29.16	21,20	8,6
	2.ª	759.65	29,93	22,00	9,0
	3.ª	836.59	34,25	25,64	9,0

N. B. Não existem as observações referidas ao mez de agosto, bem como as da 3.ª decada de julho e 1.ª de setembro, vindo portanto a faltar as observações em quasi dois mezes.

Segundo trimestre

Rumo	Abril — Decadas				Maio — Decadas				Junho — Decadas				Somma total
	1.ª	2.ª	3.ª	Somma	1.ª	2.ª	3.ª	Somma	1.ª	2.ª	3.ª	Somma	
N.	1	1	3	5	1	2	–	3	1	2	–	3	11
NO	3	3	5	11	4	5	3	12	5	8	7	20	43
S	9	8	11	28	10	6	9	25	7	10	10	27	80
SE.	1	–	–	1	–	–	–	–	–	–	–	–	1
O.	5	7	4	16	4	9	7	20	6	–	–	6	[illegible]
NE	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	1	1	1
E.	–	–	2	2	1	–	–	1	–	–	–	–	3
	19	19	25	63	20	22	19	61	19	20	18	57	181

Terceiro trimestre

Rumo	Julho — Decadas				Agosto — Decadas				Setembro — Decadas				Somma total
	1.ª	2.ª	3.ª	Somma	1.ª	2.ª	3.ª	Somma	1.ª	2.ª	3.ª	Somma	
N.	–	1	–	1	–	–	–	–	–	2	1	3	4
SO.	9	7	–	16	–	–	–	–	–	4	4	8	24
S.	10	10	–	20	–	–	–	–	–	9	10	19	39
SE	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	2	2	2
O.	–	2	–	2	–	–	–	–	–	6	6	12	14
	19	20	–	39	–	–	–	–	–	21	23	44	83

CAPITULO XIX

Clima da cidade da ilha de S. Thomé

O palacio do governo está determinado em 0°21'25', de lat. N. e 6°42'18'' long. E. Greenwch, e tem 1^{m},73 de altitude, 89^{m},11 de distancia do mar.

(Pedro Carlos de Aguiar Craveiro Lopes, governador da provincia, março de 1872.)

Clima local.— Maior e menor pressão atmospherica, temperatura e humidade, e maior quantidade de chuva, observadas desde abril a novembro de 1858.— Idem de março a dezembro de 1872.— Idem do anno de 1873.— Idem do anno de 1874.— Idem do anno de 1875.— Idem do anno de 1876.

Clima local é aquelle que comprehende uma zona limitada em relação a qualquer região. Um valle póde ter um clima *sui generis,* muito particular. A cidade de S. Thomé e a planicie que lhe fica proxima, representando uma área bastante larga, têem um clima differente dos que se observam em outros logares da mesma ilha. E não deve esquecer-se que se não determina a natureza de qualquer clima local sem se conhecer a composição dos terrenos, a sua cultura, florestas, direcção e fórma dos valles, a extensão e qualidade dos pantanos, etc.

Faltam-nos as observações meteorologicas referidas aos differentes logares que se acham cultivados, como o monte Café, S. Nicolau, e outros, e por isso não podemos fazer uma comparação exacta entre o clima da cidade e o da parte montanhosa da ilha. Trataremos, porém, de organisar as estatisticas meteorologicas, segundo os dados fornecidos no posto que se fundou em 1872, na cidade, e que tem occupado já differentes logares, e aproveitaremos as informações que podem colher-se a respeito da temperatura dos locaes mais elevados. Ficam assim lançados os primeiros deliniamentos para se avaliar a natureza do clima da ilha de S. Thomé, principalmente pelo que diz respeito á cidade.

Mezes	Dias	Altura barometrica		Temperatura				Humidade		Chuva — Maior quantidade	Rumo dos ventos
		Maior	Menor	Na relva		A sombra		Maior	Menor		
				Maxima absoluta	Minima absoluta	Maxima absoluta	Minima absoluta				
Outubro	27	760,71	–	–	–	–	–	–	–	–	SE.
	12	–	757,96	–	–	–	–	–	–	–	SE., S., SSO.
	31	–	–	–	–	32,3	–	–	–	–	SSO.
	11	–	–	–	–	–	22,0	–	–	–	S.
	2	–	–	–	–	–	–	–	–	2,3	N., NE.
Novembro	17	760,44	–	–	–	–	–	–	–	–	SSE.
	26	–	758,20	–	–	–	–	–	–	–	SE., SSO.
	4	–	–	–	–	32,7	–	–	–	–	S.
	19	–	–	–	–	–	20,7	–	–	–	SE.
	18	–	–	–	–	–	–	–	–	20,7	SO.

Dias de chuva: — Abril 7, maio 5, agosto 2, setembro 5, outubro 4 e novembro 7.

Mezes	Dias	Altura barometrica		Temperatura				Humidade		Chuva	Rumo dos ventos
				Na relva		À sombra					
		Maior	Menor	Maxima absoluta	Minima absoluta	Maxima absoluta	Minima absoluta	Maior	Menor	Maior quantidade	
Setembro	15	761,41	–	–	–	–	–	–	–	–	SE., S.
	5	–	759,55	–	–	–	–	–	–	–	E , OSO.
	19	–	–	–	–	26,0	–	–	–	–	SSE., S.
	18	–	–	–	–	–	19,9	–	–	–	NNO., S.
	13	–	–	–	–	–	–	–	–	6,2	S.
Outubro	22	762,25	–	–	–	–	–	–	–	–	ESE., N.
	13	–	759,07	–	–	29,0	–	–	–	–	SE., O.
	20	–	–	–	–	–	21,4	–	–	–	S., O.
	31	–	–	–	–	–	–	–	–	39,1	SO., S.
Novembro	27	760,16	–	–	–	–	–	–	–	–	S., O.
	11	–	755,47	–	–	–	–	–	–	–	E., O.
	29	–	–	–	–	29,8	–	–	–	–	S., O.
	21	–	–	–	–	–	20,9	–	–	–	SE., O.
	20	–	–	–	–	–	–	–	–	63,5	SE., O.
Dezembro	3	762,05	–	–	–	–	–	–	–	–	NO., S.
	16	–	757,03	–	–	–	–	–	–	–	ESE., S.
	10	–	–	–	–	30,3	–	–	–	–	S. O.
	25	–	–	–	–	–	21,0	–	–	–	S.
	13	–	–	–	–	–	–	–	–	36,6	S.

Dias de chuva: — Março 12, abril 12, maio 11, junho 3, agosto 5, setembro 5, novembro 9 e dezembro 9.

Maior e menor pressão atmospherica, temperatura e humidade, e maio quantidade de chuva, observadas no anno de 1873

Mezes	Dias	Altura barometrica		Temperatura				Humidade		Chuva — Maior quantidade	Rum dos ven
				Na relva		Á sombra					
		Maior	Menor	Maxima absoluta	Minima absoluta	Maxima absoluta	Minima absoluta	Maior	Menor		
Janeiro	16	759,27	–	–	–	29,9	–	–	–	–	NO., SO
	19	–	757,04	–	–	–	–	–	–	–	NE., O
	29	–	–	41,2	–	–	–	–	–	–	S., O.
	26	–	–	–	10,5	–	–	–	–	–	N., SO.
	6	–	–	–	–	–	22,4	–	–	–	ESE., S
	31	–	–	–	–	–	–	86	–	–	SO., OS
	15	–	–	–	–	–	–	–	76	–	SE., SO.
	25	–	–	–	–	–	–	–	–	21,4	NE., O.
Fevereiro	19	760,41	–	–	–	–	–	–	–	–	SE., SO
	23	–	756,14	–	–	–	–	–	–	–	E., O.
	20	–	–	43,7	13,7	–	–	–	–	–	ONO., S
	8	–	–	–	–	29,8	–	–	–	–	ENE., (
	13	–	–	–	–	–	20,1	–	–	–	O., SO.
	26	–	–	–	–	–	–	87	–	–	NO., S.
	22	–	–	–	–	–	–	–	71	–	E., SO.
	16	–	–	–	–	–	–	–	–	29,0	SE., NE
Março	11	759,46	–	–	–	–	21,13	–	–	–	ESE., S(
	22	–	755,78	–	–	–	–	–	–	–	NNO., S
	15	–	–	42,0	–	–	–	–	–	24,2	NNO., S
	29	–	–	–	14,2	–	–	–	–	–	SE., O.
	13	–	–	–	–	31,4	–	–	72	–	N., S.
	30	–	–	–	–	–	–	89	–	–	E., SO.
Abril	25	762,25	–	–	–	–	–	–	–	–	N., O.
	5	–	756,51	–	–	–	–	–	–	–	O.
	19	–	–	48,6	–	–	–	–	–	–	S., SO.
	23	–	–	–	10,2	–	–	–	70	–	S.
	8	–	–	–	–	34,0	–	–	–	–	S., E., C
	18	–	–	–	–	–	22,2	–	–	–	S., E., S
	21	–	–	–	–	–	–	90	–	17,6	E.

Mezes	Dias	Altura barometrica		Temperatura				Humidade		Chuva — Maior quantidade	Rumo dos ventos
		Maior	Menor	Na relva		À sombra		Maior	Menor		
				Maxima absoluta	Minima absoluta	Maxima absoluta	Minima absoluta				
Maio	31	759,15	–	–	–	–	–	–	–	–	S., SO.
	9	–	757,05	–	–	–	–	–	–	–	SO., O.
	1	–	–	51,1	–	30,9	–	–	–	–	S., N.
	28	–	–	–	13,3	–	–	–	–	–	E., SO.
	14	–	–	–	–	–	26,3	–	–	–	S., SO.
	18	–	–	–	–	–	–	91	–	–	S., S.
	24	–	–	–	–	–	–	–	62	–	S., SO.
	27	–	–	–	–	–	–	–	–	22,4	ENE., SO.
Junho	28	762,31	–	–	–	–	–	–	70	–	S., SO.
	29	–	757,21	–	–	–	–	–	–	–	SSO., S.
	4	–	–	42,2	–	–	–	–	–	–	S., SO.
	22	–	–	–	9,5	–	–	–	–	–	NE., SO.
	1	–	–	–	–	30,0	–	–	–	–	S., SO.
	3	–	–	–	–	–	21,6	–	–	–	E., S.
	2	–	–	–	–	–	–	84	–	17,5	S., SO.
Julho	2	762,69	–	–	–	–	–	80	–	2,0	S.
	29	–	760,12	–	–	–	–	–	–	–	S.
	30	–	–	40,9	–	–	–	–	–	–	S.
	8	–	–	–	8,9	–	–	–	–	–	S.
	3	–	–	–	–	28,1	–	–	–	–	SSE.
	19	–	–	–	–	–	22,0	–	–	–	S.
	11	–	–	–	–	–	–	–	73	–	S.
Agosto	16	762,38	–	–	–	–	–	–	–	–	S.
	6	–	760,42	–	–	–	–	–	–	–	S.
	28	–	–	45,7	–	–	–	–	–	–	SSE.
	5	–	–	–	12,0	–	–	83	–	–	S.
	9	–	–	–	–	29,0	–	–	72	–	SSO.
	17	–	–	–	–	–	20,0	–	–	–	S.
	3	–	–	–	–	–	–	–	–	0,2	S.

Maior e menor pressão atmospherica, temperatura e humidade, e maior quantidade de chuva, observadas no anno de 1874

Mezes	Dias	Altura barometrica		Temperatura				Humidade		Chuva — Maior quantidade	Rumo dos ventos
		Maior	Menor	Na relva — Maxima absoluta	Na relva — Minima absoluta	À sombra — Maxima absoluta	À sombra — Minima absoluta	Maior	Menor		
Janeiro	13	759,87	–	–	–	–	–	–	–	–	NE., SOO.
	28	–	758,51	–	–	–	–	–	–	–	SE., S.
	27	–	–	39,0	–	–	–	88	–	–	S., N.
	17	–	–	–	10,5	–	–	–	–	–	NO., SO.
	9	–	–	–	–	30,2	–	–	–	–	SO., S.
	2	–	–	–	–	–	23,0	–	–	–	SO., SE.
	21	–	–	–	–	–	–	–	79	–	S., SO.
	29	–	–	–	–	–	–	–	–	9,0	NO., SE., SO.
Fevereiro	27	759,42	–	–	–	–	–	–	–	–	N., S.
	23	–	756,01	–	–	30,5	–	–	–	–	N., NNO., C.
	16	–	–	41,0	–	–	22,5	–	–	–	NE., S.
	10	–	–	–	15,4	–	–	–	–	–	E., NO., C.
	25	–	–	–	–	–	–	89	–	–	N., NO., NE.
	26	–	–	–	–	–	–	–	75	–	N. NO. S.
	3	–	–	–	–	–	–	–	–	52,0	S., O., C.
Março	27	761,49	–	–	–	–	–	–	–	–	S.
	15	–	757,60	–	–	–	–	–	–	–	S.
	5	–	–	48,0	–	–	–	–	–	–	S.
	11	–	–	–	15,0	–	–	–	–	–	S., SO.
	[illegible]	–	–	–	–	31,0	–	–	78	–	S.
	10	–	–	–	–	–	21,4	89	–	39,0	SO., S.
Abril	27	761,49	–	35,0	–	–	20,0	–	–	–	C., S.
	12	–	758,44	–	–	–	–	–	–	–	S.
	13	–	–	–	15,5	–	–	–	–	–	C., S., SO.
	1	–	–	–	–	31,1	–	–	–	–	S.
	[illegible]	–	–	–	–	–	–	91	–	–	S.
	8	–	–	–	–	–	–	–	76	–	S.
	22	–	–	–	–	–	–	–	–	25,0	S., E.

Mezes	Dias	Altura barometrica		Temperatura				Humidade		Chuva — Maior quantidade	Rumo dos ventos
				Na relva		À sombra					
		Maior	Menor	Maxima absoluta	Minima absoluta	Maxima absoluta	Minima absoluta	Maior	Menor		
Maio	30	762,67	–	–	–	–	–	–	–	–	C., S.
	17	–	758,94	–	–	–	–	–	–	–	S.
	1	–	–	35,5	–	–	–	–	–	–	C., S.
	12	–	–	–	15,5	–	–	–	–	–	S.
	7	–	–	–	–	30,0	–	–	–	–	S., SO.
	4	–	–	–	–	–	20,0	92	–	–	S.
	9	–	–	–	–	–	–	–	80	–	S.
	3	–	–	–	–	–	–	–	–	75,0	S.
Junho	18	763,12	–	–	–	–	–	–	–	–	S.
	22	–	760,21	–	–	–	–	–	–	–	S.
	8	–	–	33,2	–	–	–	–	–	–	S.
	7	–	–	–	15,2	–	–	–	–	–	NO., S.
	14	–	–	–	–	29,4	–	–	–	–	S.
	1	–	–	–	–	–	19,5	–	–	–	S.
	15	–	–	–	–	–	–	93	–	–	S., SO.
	21	–	–	–	–	–	–	–	76	–	S.
Julho	19	763,64	–	–	–	–	17,0	–	–	–	NO., S.
	15	–	761,49	–	–	–	–	–	–	–	S.
	14	–	–	32,0	–	–	–	–	–	–	S.
	17	–	–	–	13,2	–	–	–	–	–	SO., S.
	10	–	–	–	–	29,0	–	–	–	–	S.
	12	–	–	–	–	–	–	85	–	–	S.
	30	–	–	–	–	–	–	–	71	–	NO., S.
Agosto	8	764,62	–	–	–	–	–	–	–	–	C., N., SO.
	18	–	761,05	–	–	–	–	–	–	–	S.
	25	–	–	32,8	–	–	–	–	–	–	S.
	7	–	–	–	12,8	–	–	–	–	–	S., C., SO.
	10	–	–	–	–	29,5	–	–	–	–	S.
	1	–	–	–	–	–	15,5	–	–	–	NO., S., SO.
	26	–	–	–	–	–	–	83	–	–	S.
	11	–	–	–	–	–	–	–	69	–	S.

Mezes	Dias	Altura barometrica		Temperatura				Humidade		Chuva — Maior quantidade	Rumo dos ventos
				Na relva		À sombra					
		Maior	Menor	Maxima absoluta	Minima absoluta	Maxima absoluta	Minima absoluta	Maior	Menor		
Setembro	3	762,61	–	–	14,2	–	–	–	–	–	NE., S.
	16	–	760,3	–	–	–	–	–	–	–	S.
	27	–	–	34,6	–	30,2	–	–	–	–	N., S., SO.
	2	–	–	–	–	–	19,2	–	–	–	NE., S.
	8	–	–	–	–	–	–	[illegible]	–	–	S.
	17	–	–	–	–	–	–	–	74	–	N., S.
	25	–	–	–	–	–	–	–	–	7,2	N., SO.
Outubro	17	761,91	–	–	–	–	20,8	–	–	–	C., S.
	23	–	759,20	–	–	–	–	–	–	–	S.
	13	–	–	35,0	–	–	–	–	–	–	N., S., SO.
	19	–	–	–	15,8	–	–	–	–	–	S.
	26	–	–	–	–	29,5	–	–	–	–	S.
	4	–	–	–	–	–	–	–	76	–	S.
	14	–	–	–	–	–	–	–	–	16,6	S.
Novembro	29	761,22	–	–	15,8	–	–	–	–	–	S., C.
	23	–	758,27	–	–	29,5	–	–	–	–	S., N., C.
	6	–	–	33,5	–	–	–	–	–	–	N., S.
	28	–	–	–	–	–	20,1	–	–	–	S., C.
	16	–	–	–	–	–	–	90	–	56,0	C., SO.
	10	–	–	–	–	–	–	–	79	–	S.
Dezembro	1	760,66	–	–	–	–	21,8	–	–	–	S., C.
	29	–	757,29	–	–	–	–	–	–	–	S., NO.
	24	–	–	34,4	–	–	–	–	–	–	NE., N., S.
	8	–	–	–	15,0	–	–	–	–	–	S., N., SO.
	3	–	–	–	–	29,8	–	–	79	–	S., C.
	9	–	–	–	–	–	–	89	–	18,9	S., S., O.

Dias de chuva: — Janeiro 6, fevereiro 9, março 8, abril 6, maio 4, setembro 1, outubro 10, novembro 6 e dezembro 10.

Maior e menor pressão atmospherica, temperatura e humidade, e maior quantidade de chuva, observadas no anno de 1875

Mezes	Dias	Altura barometrica		Temperatura				Humidade		Chuva - Maior quantidade	Rumo dos ventos
				Na relva		À sombra					
		Maior	Menor	Maxima absoluta	Minima absoluta	Maxima absoluta	Minima absoluta	Maior	Menor		
Janeiro	8	760,39	–	–	–	–	20,2	–	–	–	C., N., O.
	26	–	758,31	–	–	–	–	–	–	–	S., SO.
	25	–	–	34,2	–	30,5	–	–	–	–	S., SO.
	9	–	–	–	14,2	–	–	–	–	–	N., S., C.
	27	–	–	–	–	–	–	–	–	27,2	S. NO., O.
	3	–	–	–	–	–	–	89	–	–	O., S., C.
	15	–	–	–	–	–	–	–	81	–	N., S., SO.
Fevereiro	10	759,52	–	–	–	–	–	–	–	–	S., SO., N.
	23	–	757,70	–	–	–	–	–	–	–	S., SO.
	28	–	–	39,0	–	32,0	–	–	–	–	N., S., C.
	15	–	–	–	13,6	–	–	–	–	–	C., SO.
	14	–	–	–	–	–	20,0	–	–	16,8	C., SO.
	9	–	–	–	–	–	–	88	–	–	S., C.
	5	–	–	–	–	–	–	–	80	–	S., C.
Março	6	760,11	–	–	–	–	–	–	–	–	S.
	20	–	756,44	–	–	–	–	–	–	–	S.
	15	–	–	39,0	–	–	–	–	–	–	S.
	2	–	–	–	12,6	–	–	–	–	–	S.
	19	–	–	–	–	33,0	–	–	–	–	N., S., C.
	23	–	–	–	–	–	20,0	–	–	138,0	E., S.
	31	–	–	–	–	–	–	90	–	–	C., S., O.
	10	–	–	–	–	–	–	–	77	–	S., C.
Abril	16	761,15	–	–	–	–	–	–	–	–	O., S., SO.
	8	–	756,64	–	–	–	–	–	–	–	S.
	15	–	–	42,0	–	32,2	–	–	–	–	S., SO.
	2	–	–	–	12,0	–	–	–	–	–	S., C.
	1	–	–	–	–	–	19,8	–	–	–	NO., S., SO.
	7	–	–	–	–	–	–	89	–	86,5	NE., N., SO
	23	–	–	–	–	–	–	–	79	–	N., SE., E.

Mezes	Dias	Altura barometrica — Maior	Altura barometrica — Menor	Temperatura — Na relva — Maxima absoluta	Temperatura — Na relva — Minima absoluta	Temperatura — À sombra — Maxima absoluta	Temperatura — À sombra — Minima absoluta	Humidade — Maior	Humidade — Menor	Chuva — Maior quantidade	Rumo dos ventos
Maio	25	760,40	-	-	18,0	-	-	-	-	-	S., NO., SO.
	13	-	757,05	-	-	-	-	-	-	-	S., E., O.
	3	-	-	42,2	-	-	-	-	-	-	S., C.
	31	-	-	-	-	34,4	-	-	-	-	S., SO.
	15	-	-	-	-	-	32,0	-	-	59,0	NE. NO. SO.
	29	-	-	-	-	-	-	92	-	-	S., SO.
	7	-	-	-	-	-	-	-	76	-	S., SO.
Junho	30	762,78	-	-	-	-	20,4	-	-	-	S.
	1	-	759,98	-	-	-	-	-	-	-	SO.
	5	-	-	38,6	-	-	-	-	-	-	S., SO.
	20	-	-	-	16,0	-	-	-	-	-	S., SO.
	6	-	-	-	-	30,2	-	-	-	-	S., SO.
	2	-	-	-	-	-	-	87	-	-	S., SO.
	13	-	-	-	-	-	-	-	74	-	S.
	3	-	-	-	-	-	-	-	-	4,8	S.
Julho	1	763,20	-	-	-	-	17,2	-	-	-	S.
	30	-	762,20	41,0	-	-	-	-	-	-	S.
	29	-	-	-	13,2	-	-	-	-	-	S.
	5	-	-	-	-	30,0	-	-	-	-	S.
	8	-	-	-	-	-	-	89	-	-	S.
	31	-	-	-	-	-	-	-	71	-	S., SO.
Agosto	3	763,12	-	-	-	-	-	-	-	-	S., C.
	14	-	760,58	-	-	-	-	-	-	-	S., C.
	18	-	-	38,0	-	-	-	-	-	-	NO., C.
	1	-	-	-	11,8	-	18,2	-	72	-	S. SO.
	6	-	-	-	-	29,8	-	-	-	-	NE., SO.
	24	-	-	-	-	-	-	89	-	-	S., SO.
	31	-	-	-	-	-	-	-	-	16,5	S.
Setembro	2	761,43	-	-	-	-	-	-	-	-	S.
	26	-	759,38	-	-	30,1	-	-	-	-	C., SE., SO.
	30	-	-	41,4	-	-	-	-	-	-	O., S., C.
	8	-	-	-	16,8	-	-	-	-	-	S., SO.
	7	-	-	-	-	-	20,0	-	-	-	S., SO.
	14	-	-	-	-	-	-	-	-	4,2	S., N., C.

Maior e menor pressão atmospherica, temperatura e humidade, e maior quantidade de chuva observadas no anno de 1876

Mezes	Dias	Altura barometrica		Temperatura				Humidade		Chuva	Rumo dos ventos
				Na relva		À sombra					
		Maior	Menor	Maxima absoluta	Minima absoluta	Maxima absoluta	Minima absoluta	Maior	Menor	Maior quantidade	
Janeiro	27	760,24	–	–	–	–	–	–	–	–	S.
	21	–	757,49	–	–	–	–	–	–	–	C., S., SO.
	30	–	–	40,0	–	–	–	–	–	–	S.
	25	–	–	–	14,2	30,8	18,0	–	–	–	S., C.
	22	–	–	–	–	–	–	93	–	–	C., SO.
	14	–	–	–	–	–	–	–	82	–	S.
	1	–	–	–	–	–	–	–	–	47,3	N., SO.
Fevereiro	21	760,96	–	42,0	–	–	–	–	–	–	SO.
	5	–	756,73	–	–	–	–	–	–	–	S.
	12	–	–	–	13,4	–	17,8	–	–	–	S., SO.
	10	–	–	–	–	32,0	–	–	–	–	C., S.
	22	–	–	–	–	–	–	92	–	–	S., N., SO.
	3	–	–	–	–	–	–	–	80	–	S.. SO.
	11	–	–	–	–	–	–	–	–	39,5	C., N., S.
Março	6	759,39	–	–	–	–	–	–	–	–	C., S.
	25	–	756,55	–	–	–	–	–	–	–	C., SO.
	20	–	–	42,0	–	–	–	–	–	–	C., S., N.
	13	–	–	–	12,2	–	17,5	–	–	–	C., N., NO.
	14	–	–	–	–	32,2	–	–	–	–	C., NE., S.
	11	–	–	–	–	–	–	89	–	–	E., SO.
	16	–	–	–	–	–	–	–	70	–	S.
	26	–	–	–	–	–	–	–	–	47,4	—
Abril	21	759,98	–	–	–	–	–	–	–	–	S., C., SO.
	15	–	757,11	–	–	–	–	–	–	–	S., C.
	26	–	–	37,8	–	–	–	–	–	–	S. C., SO.
	10	–	–	–	12,8	–	17,8	–	–	–	S.
	5	–	–	–	–	30,8	–	–	–	–	N., C.
	9	–	–	–	–	–	–	93	–	–	C., S , SO.
	6	–	–	–	–	–	–	–	76	–	S.
	12	–	–	–	–	–	–	–	–	46,2	C., S., SO.

Mezes	Dias	Altura barometrica		Temperatura				Humidade		Chuva — Maior quantidade	Rum dos ve
				Na relva		À sombra					
		Maior	Menor	Maxima absoluta	Minima absoluta	Maxima absoluta	Minima absoluta	Maior	Menor		
Maio	3	761,51	–	–	–	–	–	–	–	36,2	C., SE.,
	12	–	754,16	–	–	–	–	–	–	–	C., S.
	14	–	–	37,4	–	–	–	–	–	–	C.
	17	–	–	–	13,2	–	18,5	–	–	–	C., S., S
	15	–	–	–	–	31,0	–	–	–	–	C., S.
	18	–	–	–	–	–	–	93	–	–	C., N., S
	6	–	–	–	–	–	–	–	78	–	S.
Junho	13	761,49	–	–	–	–	–	–	–	–	N., S., S
	28	–	760,85	–	–	–	–	–	–	–	S., SO.
	5	–	–	32,8	–	29,8	–	–	–	–	S., C.
	15	–	–	–	12,5	–	17,0	–	–	–	S., SO.
	6	–	–	–	–	–	–	87	–	14,8	C., S., S
	16	–	–	–	–	–	–	–	74	–	S., N., S
Julho	19	761,25	–	–	–	–	–	–	–	–	S., SO.
	8	–	760,15	–	–	–	–	–	–	–	S., SO.
	9	–	–	30,0	–	–	–	84	–	–	S., SO.
	16	–	–	–	12,5	29,2	–	–	–	–	S.
	10	–	–	–	–	–	12,5	–	–	–	S., SO.
	11	–	–	–	–	–	–	–	65	–	S., C.
Setembro	11	761,47	–	–	–	–	20,0	–	–	–	S., SO.
	24	–	760,80	–	–	–	–	–	–	–	S., N., S
	30	–	–	88,0	–	–	–	–	–	–	S., C.
	13	–	–	–	14,0	–	–	–	–	–	S., C.
	18	–	–	–	–	32,2	–	–	–	–	S., C.
	12	–	–	–	–	–	–	87	–	–	S., SO.
	16	–	–	–	–	–	–	–	74	–	S., SO.
Outubro	30	761,98	–	–	14,4	–	–	–	–	–	C.
	23	–	759,19	–	–	–	–	–	–	–	N., SO.
	18	–	–	83,7	–	–	–	–	–	–	S., SO.
	1	–	–	–	–	32,0	–	–	–	–	S., N.
	31	–	–	–	–	–	20,2	–	–	–	S., N., C
	3	–	–	–	–	–	–	88	–	–	NE., N.,
	16	–	–	–	–	–	–	–	73	–	S.
	29	–	–	–	–	–	–	–	–	23,0	NE., S.,

Mezes	Dias	Altura barometrica — Maior	Altura barometrica — Menor	Temperatura — Na relva — Maxima absoluta	Temperatura — Na relva — Minima absoluta	Temperatura — Á sombra — Maxima absoluta	Temperatura — Á sombra — Minima absoluta	Humidade — Maior	Humidade — Menor	Chuva — Maior quantidade	Rumo dos ventos
Novembro	22	761,32	-	-	-	-	-	-	-	-	S., C.
	12	-	758,88	-	-	-	-	-	-	-	S.
	15	-	-	40,2	-	-	-	-	-	-	N., S., SO.
	30	-	-	-	14,6	-	-	-	-	-	S.
	4	-	-	-	-	31,2	-	-	-	-	S.
	14	-	-	-	-	-	20,5	-	-	-	C.
	20	-	-	-	-	-	-	88	-	-	C., S., SO.
	26	-	-	-	-	-	-	-	66	-	SE., S., SO.
	19	-	-	-	-	-	-	-	-	26,0	S. O.
Dezembro	8	761,95	-	-	-	-	-	-	-	-	S., SO.
	15	-	758,55	-	-	-	-	-	-	-	S., SO.
	31	-	-	38,0	-	-	-	-	-	-	N., S.
	1	-	-	-	14,0	-	20,0	-	-	-	S., C.
	23	-	-	-	-	32,0	-	-	-	-	S., C.
	3	-	-	-	-	-	-	88	-	15,0	S., N., SO.
	21	-	-	-	-	-	-	-	74	-	S., C.

Não houve observações no mez de agosto.

Dias de chuva: — Janeiro 8, fevereiro 11, março 10, abril 9, maio 4, junho 1, outubro 5, novembro 5 e dezembro 4.